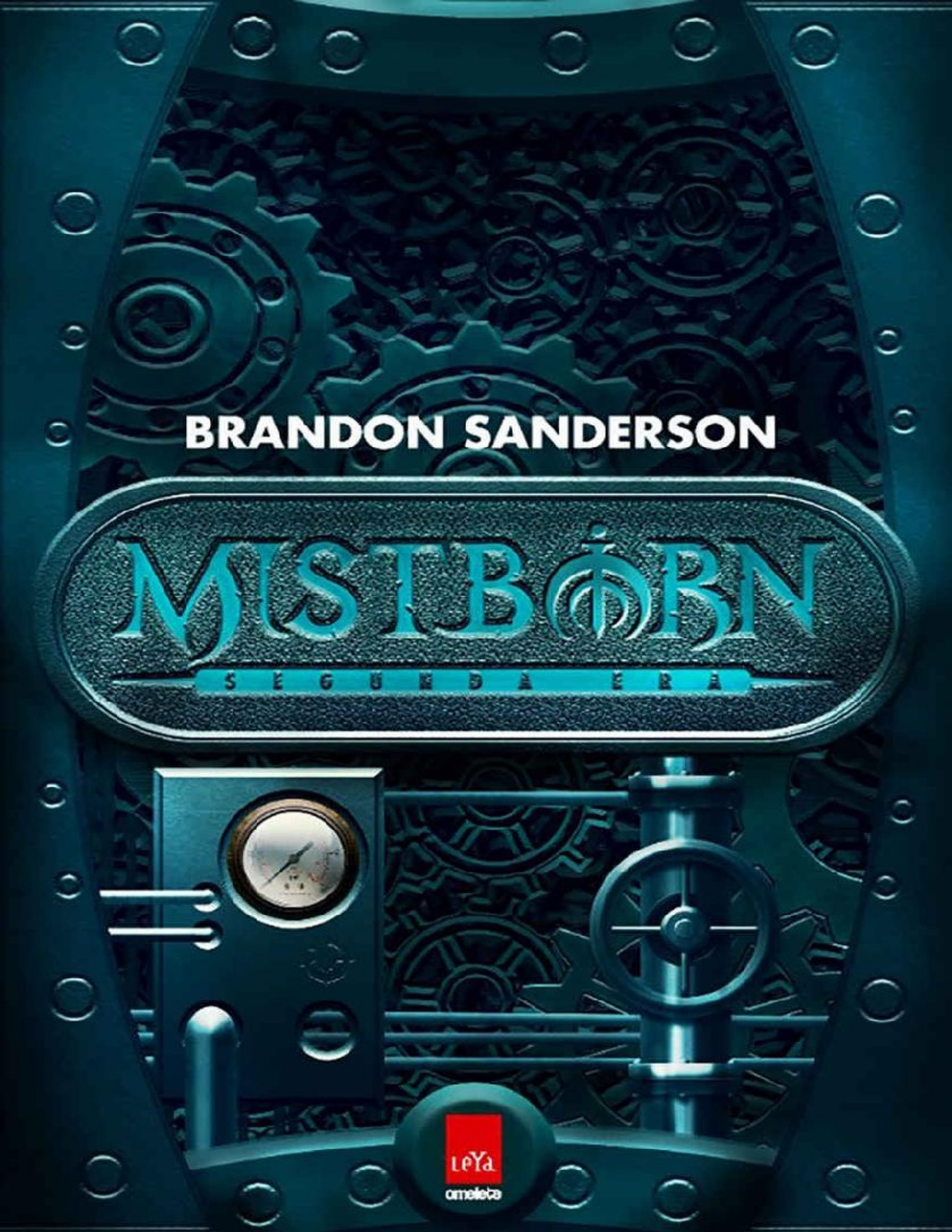

BRANDON SANDERSON
MISTBORN
SEGUNDA ERA
LEYA
OMELETE


"Sanderson continua provando que é um dos melhores autores de fantasia da atualidade."
– Library Journal
LeYa
omelete
autor best-seller do New York Times
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
SEGUNDA ERA
A LIGA DA LEI


"Sanderson continua provando que é um dos melhores autores de fantasia da atualidade."
– Library Journal
LeYa
omelete
autor best-seller do New York Times
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
SEGUNDA ERA
A LIGA DA LEI



Scadrial não é mais um planeta coberto de cinzas. Agora o lugar está repleto de modernidade, e o norte, onde hoje fica a Bacia de Elendel, tornou-se uma região fértil e abastada. Embora o mundo ainda possua as mesmas regras e seja regido pelo deus Harmonia, muito da sua história ficou para trás à medida que ciência e tecnologia se modernizaram. Mas uma coisa não mudou: a importância e relevância da Alomancia e da Feruquemia.

Depois de viver mais de vinte anos nas Terras Brutas, um lugar onde não existe lei, Wax se vê obrigado a guardar as armas e assumir seu dever como lorde da Casa Ladrian. Entediado ao trocar seu papel como vigilante para o de Lorde Ladrian, Wax usa magia para se distrair, voando pelas brumas sobre os arranha-céus da cidade.

No entanto, sua tranquilidade é abalada quando uma misteriosa série de assaltos a trens deixa a população em choque, pois, além de roubar parte da carga, os bandidos também levam mulheres nobres como reféns. Wax recebe a visita inesperada de um velho amigo, Wayne, e juntos eles vão perceber que as mansões e as elegantes ruas da cidade podem ser ainda mais perigosas que as Terras Brutas.



MISTBORN:
SEGUNDA ERA

A LIGA DA LEI

Títulos passados na Cosmere

Elantris

Mistborn – Nascidos da Bruma
O Império Final
O Poço da Ascensão
O Herói das Eras

Mistborn – Segunda Era
A liga da lei
As sombras de si mesmo
Os Braceletes da Perdição

BRANDON SANDERSON

MISTBORN: SEGUNDA ERA

A LIGA DA LEI

Tradução
Petê Rissatti

LEYA
OMELETE

Copyright © Dragonsteel Entertainment, LCC, 2011, conforme edição original.
Todos os direitos reservados.
© Brandon Sanderson.
Os direitos morais do autor foram afirmados.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Petê Rissatti
Título original: *The Alloy of Law: A Mistborn Novel*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Pedro Staite
Diagramação: Filigrana
Capa: Leandro Dittz
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Curadoria: Affonso Solano

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S198L

Sanderson, Brandon, 1975—
A liga da lei / Brandon Sanderson; tradução Petê Rissatti. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.
(Mistborn: segunda era)

Tradução de: The alloy of law
Continua com: As sombras de si mesmo
ISBN 978-85-441-0645-7

1. Ficção fantástica americana. I. Rissatti, Petê. II. Título. III. Série.

17-45367

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 – sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

Para Joshua Bilmes,
que nunca tem medo de me dizer o que há de
errado com um livro e depois luta pelo mesmo
livro sem se importar com quem desiste dele.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
PRÓLOGO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17

18
19
20

EPÍLOGO
ARS ARCANUM

AGRADECIMENTOS

Lancei ao meu editor a ideia de romances da série “Mistborn” numa era futura em 2006, eu acho. Por muito tempo esse fora meu plano para Scadrial, o planeta onde esses livros se passam. Queria me afastar do conceito de mundos de fantasia como lugares estáticos, onde os milênios passam e a tecnologia nunca muda. Na época, o plano incluía uma segunda trilogia épica passada numa era urbana e uma terceira trilogia numa era futurista — Alomancia, Feruquemia e Hemalurgia seriam os fios que uniriam as três.

Este livro não faz parte daquela segunda trilogia. É um desvio, algo empolgante que cresceu de forma inesperada a partir do meu planejamento de para onde o mundo seguiria. No entanto, estou lhe contando tudo isso para explicar que seria impossível fazer uma lista de todas as pessoas que me ajudaram durante esses anos. Em vez disso, o melhor que posso fazer é mencionar algumas das pessoas maravilhosas que me ajudaram com este livro específico.

Como sempre, os leitores alfa incluíram meu agente, Joshua Bilmes, e meu editor, Moshe Feder. Este livro, na verdade, é dedicado a Joshua. Ele vem acreditando no meu trabalho por mais tempo do que qualquer um fora do meu grupo de escrita. Tem sido uma ajuda maravilhosa e um bom amigo.

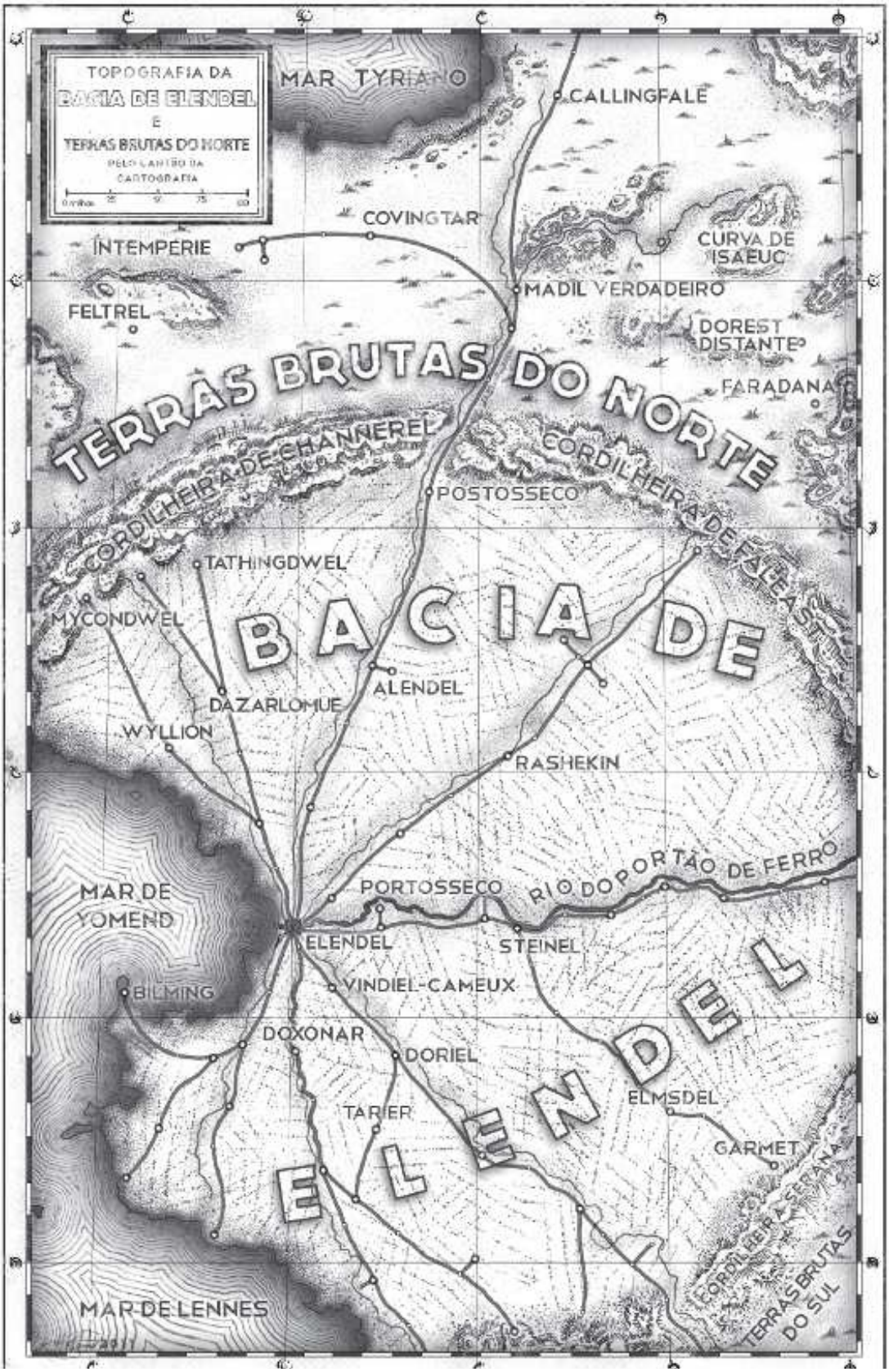
Outros alfas foram meu grupo de escrita: Ethan Skarstedt, Dan Wells, Alan e Jeanette Layton, Kaylynn ZoBell, Karen Ahlstrom, Ben e Danielle Olsen, Jordan Sanderson (mais ou menos) e Kathleen Dorsey. Por fim, claro, há o inseparável Peter Ahlstrom, meu assistente e amigo, que faz todo tipo de coisa importante para minha escrita e para quem qualquer agradecimento meu é pouco.

Na Tor Books, a editora americana que publicou o meu livro, meus agradecimentos vão para Irene Gallo, Justin Golenbock, Terry McGarry e muitos outros que eu não conseguiria citar aqui — todo mundo da Tom Doherty, até o pessoal de vendas. Obrigado por todo o seu excelente trabalho. De novo, preciso fazer um agradecimento especial a Paul Stevens, que vai muito além do que eu posso esperar ao me dar ajuda e explicações.

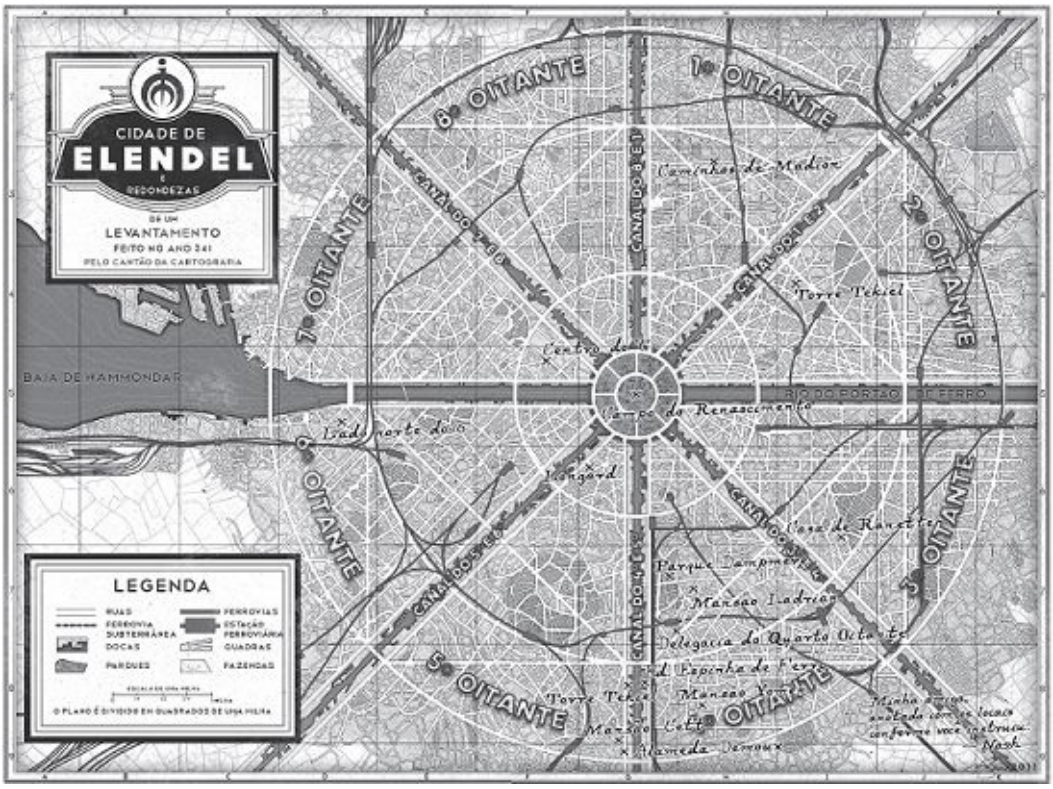
Os leitores beta foram Jeff Creer e Dominique Nolan. Um obrigado especial a Dom pelo auxílio em relação a armamentos e revólveres. Se precisar que algo atire corretamente, pode ligar para ele.

Ben McSweeney e Isaac Stewart trabalharam na arte interna deste livro, pois seu trabalho em *The Way of Kings* foi simplesmente incrível. Eles não deixaram de ser incríveis. Ben também forneceu ilustrações igualmente impressionantes para o jogo de RPG de Mistborn, lançado pela Crafty Games. Dê uma olhada em crafty-games.com, principalmente se tiver interesse nas origens de Kelsier.

Por fim, gostaria de mais uma vez agradecer a Emily, minha maravilhosa esposa, pelo apoio, pelos comentários e pelo amor.


TOPOGRAFIA DA
BACIA DE ELENDEL
E
TERRAS BRUTAS DO NORTE
PELO CANTÃO DA CARTOGRAFIA
MAR TYRIANO
CALLINGFALE
COVINGTAR
INTEMPERIE
CURVA DE ISAEUC
MADIL VERDADEIRO
FELTREL
DOREST DISTANTE
FARADANA
TERRAS BRUTAS DO NORTE
CORDILHEIRA DE CHANNEREL
CORDILHEIRA DE FALE ASH
POSTOSSECO
TATHINGDWEL
MYCONDWEL
BACIA DE
ALENDEL
DAZARLOMUE
WYLLION
RASHEKIN
MAR DE YOMEND
PORTOSSECO
RIO DO PORTÃO DE FERRO
ELENDEL
STEINEL
VINDIEL-CAMEUX
BILMING
DOXONAR
DORIEL
ELMSDEL
TARIER
GARMET
ELENDIL
CORDILHEIRA SEFANA
TERRAS BRUTAS DO SUL
MAR DE LENNES




CIDADE DE
ELENDEL
REDONDEZAS
DE UM
LEVANTAMENTO
FEITO NO ANO 241
PELO CARTÃO DA CARTOGRAFIA
LEGENDA
RUAS
FERROVIA SUBTERRÂNEA
DOCAS
PARQUES
FERROVIAS
ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
QUADRAS
FAZENDAS
O PLANO É DIVIDIDO EM QUADRADOS DE UMA MILHA
1º OITANTE
2º OITANTE
3º OITANTE
4º OITANTE
5º OITANTE
6º OITANTE
7º OITANTE
8º OITANTE
BAIA DE HAMMONDAR
RIO DO PORTÃO DE FERRO
CANAL OESTE
CANAL LESTE
Caminhos de Madion
Torre Tekiel
Centro da Cidade
Campo do Renascimento
Ladrão norte do Rio
Longard
Casa de Ranzeiro
Parque Campestre
Mansão Ladrian
Delegacia do Quarto Oitante
Fazenda de Fern
Mansão Yorn
Torre Tekiel
Mansão Celt
Alameda
Minha amiga, anotado com os locais conforme você instruiu. Nash
2011

PRÓLOGO



Wax esgueirou-se agachado pela cerca estropiada, com as botas raspando no solo seco. Segurava sua Sterrion 36 acima da cabeça, o cano longo, prateado, coberto de barro vermelho. O revólver não era bonito, embora o cilindro de seis projéteis fosse montado com tanto cuidado na estrutura de liga de aço que sua rotação era imperceptível. Não havia brilho no metal nem material exótico no cabo, mas a arma se encaixava em sua mão como se tivesse sido feita sob medida.

A cerca, que chegava à altura da cintura, era frágil, com a madeira acinzentada pelo tempo, presa com pedaços esfarrapados de corda. Tinha cheiro de velhice. Até mesmo os cupins tinham desistido daquela madeira.

Wax espreitou sobre as tábuas nodosas, examinando a cidade vazia. Linhas azuis pairavam à sua frente, estendendo-se de seu peito para apontar as fontes de metal próximas, resultado de sua Alomancia. A queima do aço permitia que enxergasse a localização de fontes de metal para se *empurrar* contra elas, se quisesse. Seu peso contra o peso do objeto. Se o objeto fosse mais pesado, Wax seria *empurrado* para trás. Se ele fosse mais pesado, o objeto seria *empurrado* para a frente.

No entanto, ele não *empurrou*. Apenas observou as linhas para ver se algum metal estava se movendo. Nenhum se movia. Pregos que mantinham construções em pé, cartuchos disparados que se espalhavam na terra ou ferraduras empilhadas na ferraria silenciosa — tudo estava tão imóvel quanto a velha bomba manual plantada no chão à sua direita.

Desconfiado, também permaneceu em silêncio. O aço continuava queimando agradavelmente, em seu estômago, e assim, como precaução, *empurrou* suavemente para fora de si em todas as direções. Era um truque que dominara poucos anos antes. Não *empurrava* nenhum objeto de metal específico, mas criava uma espécie de bolha defensiva. Qualquer metal que viesse em sua direção seria desviado levemente de seu trajeto.

O truque estava longe de ser à prova de erros; ele ainda podia ser atingido, mas os tiros se desviariam sem atingir o alvo. Aquilo havia salvado sua vida em algumas ocasiões. Não sabia ao certo como fazia isso; na maioria das vezes, a Alomancia era algo instintivo para ele. De algum jeito, ele conseguia até isolar os metais que carregava e não *empurrar* a própria arma das mãos.

Feito isso, seguiu junto à cerca, ainda observando as linhas de metal para garantir que ninguém o espionava. Feltrel já foi uma cidade próspera. Vinte anos antes. Então, um clã de koloss fixou residência nas redondezas. As coisas não terminaram muito bem.

Naquele dia, a cidade morta parecia totalmente vazia, embora ele soubesse que não estava. Wax chegara ali caçando um psicopata. E ele não era o único.

Pôs as mãos no alto da cerca e saltou sobre ela, esmagando o barro vermelho com os pés. Abaixou-se e correu agachado até a lateral da antiga ferraria. Suas roupas estavam terrivelmente empoeiradas, mas o corte era ótimo: um terno elegante, uma gravata Ascot prateada no pescoço, abotoaduras brilhantes nas mangas da camisa branca. Cultivava uma aparência que parecia inapropriada, como se estivesse planejando ir a um baile em Elendel, e não se esgueirando por uma cidade fantasma nas Terras Brutas, caçando um assassino. Para completar o figurino, usava um chapéu-coco para se proteger do sol.

Um som: alguém pisou numa tábua do outro lado da rua, fazendo-a estalar. Foi tão leve que ele quase não ouviu. Wax reagiu imediatamente, avivando o aço que queimava no estômago. *Empurrou* um grupo de pregos na parede ao lado dele no instante em que o disparo de uma arma de fogo rasgou o ar.

O *empurrão* repentino fez a parede sacudir e os velhos pregos enferrujados se repuxarem em seus lugares. Seu *empurrão* jogou-o de lado, e ele rolou pelo chão. Uma linha azul apareceu por um instante — era a bala, que bateu onde ele estivera um momento antes, atingindo o chão. Quando se ergueu da cambalhota, houve um segundo tiro. Esse foi por pouco, mas a bala se desviou um pouco da trajetória quando se aproximou dele.

Desviada pela bolha de aço, a bala zuniu perto da orelha de Wax. Poucos centímetros à direita, e ele teria tomado um tiro na testa, com ou sem bolha de aço. Respirando com calma, ele ergueu a Sterrion e avistou a sacada do velho hotel do outro lado da rua, de onde o tiro viera. A placa do hotel, na sacada, podia estar escondendo o atirador.

Wax disparou e, em seguida, *empurrou* a bala, dando a ela um impulso extra

para aumentar sua velocidade e força de penetração. Não estava usando balas de chumbo comuns ou revestidas com cobre; precisava de algo mais forte.

A bala revestida de aço, de grande calibre, atingiu a sacada, e sua força adicional fez com que ela perfurasse a madeira e atingisse o homem atrás dela. A linha azul que levava à arma do homem tremeu quando ele caiu. Wax levantou-se devagar, limpando a poeira das roupas. Nesse momento, outro tiro estalou no ar.

Ele xingou, *empurrando* por reflexo os pregos novamente, embora seus instintos lhe dissessem que era tarde demais. No momento em que ouviu o tiro, um *empurrão* não poderia mais ajudá-lo.

Dessa vez, foi lançado ao chão. Aquela força tinha de ir para algum lugar, e, se os pregos não podiam se mover, ele seria deslocado. Grunhiu quando atingiu o chão e ergueu o revólver, a poeira grudando no suor da mão. Procurou freneticamente quem havia disparado nele. Tinham errado. Talvez a bolha de aço…

Um corpo rolou sobre o telhado da ferraria e bateu no chão com um baque surdo, levantando uma nuvem de poeira vermelha. Wax piscou, ergueu a arma na altura do peito e foi para trás da cerca de novo, agachando-se para se proteger. Manteve-se atento às linhas azuis alomânticas. Podiam alertá-lo se alguém se aproximasse, mas apenas se a pessoa estivesse carregando ou vestindo algo com metal.

Nenhuma linha partia do corpo que caíra ao lado do prédio. No entanto, outro conjunto de linhas trêmulas apontava para algo que se movia por trás da ferraria. Wax ergueu a arma, mirando, quando uma figura se esgueirou pela lateral da construção e correu em sua direção.

A mulher trajava um sobretudo branco, avermelhado na barra. Tinha cabelos escuros presos num rabo de cavalo e usava calças compridas e um cinto largo, com botas pesadas nos pés. Seu rosto era quadrado e forte, com lábios que muitas vezes se inclinavam levemente à direita num sorriso discreto.

Wax soltou um suspiro de alívio e baixou a arma.

— Lessie.

— Você se jogou no chão de novo? — perguntou ela enquanto se agachava ao lado dele atrás da cerca. — Você está num estado pior do que o humor do Miles. Talvez esteja na hora de se aposentar, velhinho.

— Lessie, sou *três meses* mais velho que você.

— São três longos meses. — Ela espreitou sobre a cerca. — Viu mais alguém?

— Derrubei um homem da sacada — respondeu Wax. — Não consegui ver se era o Bronze Sangrento ou não.

— Não era — comentou ela. — Ele não teria tentado atirar em você de tão longe.

Wax assentiu. Bronze gostava de estar cara a cara. Bem de perto. O psicopata lamentava quando tinha de usar uma arma e raramente atirava em alguém sem poder ver o medo nos olhos do outro.

Lessie examinou a cidadezinha quieta e, em seguida, olhou para Wax, pronta para agir. Seus olhos baixaram por um instante. Em direção ao bolso da camisa dele.

Wax seguiu seu olhar. Uma carta estava saindo do bolso, entregue mais cedo naquele dia. Vinha da grande cidade de Elendel e estava endereçada ao Lorde Waxillium Ladrian. Um nome que Wax não usava havia anos. Um nome que não achava certo naquele momento.

Ele enfiou a carta mais fundo no bolso. Lessie pensou que isso dizia mais do que deveria. A cidade não tinha nada que o mantivesse lá no momento, e a Casa Ladrian ficaria bem sem ele. Realmente deveria ter queimado aquela carta.

Wax meneou a cabeça na direção do homem caído ao lado da parede da ferraria para distraí-la da carta.

— Foi você?

— Ele tinha um arco — disse ela. — Pontas de pedra. Quase pegou você lá de cima.

— Obrigado.

Ela deu de ombros, com os olhos brilhando de satisfação. Aqueles olhos agora tinham linhas de expressão nas laterais, criadas pela luz inclemente do sol das Terras Brutas. Houve um tempo em que ela e Wax mantinham uma contagem de quem havia salvado o outro mais vezes. Já tinham perdido a conta anos antes.

— Me cubra — disse Wax, baixinho.

— De quê? — perguntou ela. — De tinta? De beijos? Você já está coberto de poeira.

Wax ergueu uma sobrancelha para ela.

— Desculpe — disse ela, com uma careta. — Tenho jogado baralho demais com Wayne.

Ele bufou e correu agachado até o corpo caído e rolou-o de costas. O homem era um camarada de expressão cruel e barba por fazer de vários dias; o ferimento à bala sangrava no lado direito do corpo. *Acho que sei quem ele é*, pensou Wax enquanto vasculhava os bolsos e encontrava uma pastilha de vidro vermelho como sangue.

Correu de volta à cerca.

— E aí? — perguntou Lessie.

— O bando de Donal — respondeu Wax, erguendo a pastilha de vidro.

— Desgraçados — disse Lessie. — Não podiam nos deixar em paz?

— Você *atirou* no filho dele, Lessie.

— E você, no irmão.

— Meu tiro foi em legítima defesa.

— O meu também — argumentou ela. — Aquele garoto era um *chato*. Além do mais, ele sobreviveu.

— Sem um dedo do pé.

— Ninguém precisa de dez. Tenho uma prima que só tem quatro. Vive muito bem. — Ela ergueu o revólver, vasculhando a cidade vazia. — Claro que ela parece meio ridícula. Me cubra.

— De quê?

Ela apenas sorriu e saiu detrás da cerca, correndo na direção da ferraria.

Por Harmonia, pensou Wax, com um sorriso, *eu amo essa mulher*.

Ele estava alerta, para o caso de aparecerem mais atiradores, mas Lessie chegou ao prédio sem mais tiros disparados. Wax meneou a cabeça para ela e, em seguida, correu pela rua na direção do hotel. Esgueirou-se para dentro do edifício, verificando os cantos à procura de inimigos. O *saloon* estava vazio, então ele se protegeu ao lado da porta, acenando na direção de Lessie. Ela correu para o prédio seguinte, do seu lado da rua, e o vasculhou.

O bando de Donal. Sim, Wax dera um tiro em seu irmão quando o homem estava roubando um vagão de trem. No entanto, pelo que ele sabia, Donal nunca havia ligado para o irmão. Não, a única coisa que tirava Donal do sério era perder dinheiro, e provavelmente ele estava ali por isso. Tinha posto um preço na

cabeça de Bronze Sangrento por roubar um carregamento de curvaliga. Donal provavelmente não esperava que Wax aparecesse para caçar Bronze no mesmo dia que ele, mas seus homens tinham ordens expressas para atirar em Wax ou Lessie se os vissem.

Wax ficou tentado a deixar a cidade fantasma e permitir que Donal e Bronze a atacassem, mas a ideia fez seu olho tremer. Havia prometido prender Bronze. E prenderia.

Lessie acenou de dentro do prédio e apontou para trás. Sairia naquela direção e se esgueiraria por trás do próximo conjunto de prédios. Wax concordou com a cabeça e fez um gesto rápido. Tentaria se juntar a Wayne e Barl, que foram verificar o outro lado da cidade.

Lessie desapareceu, e Wax atravessou o velho hotel até uma porta lateral. Passou por ninhos velhos e imundos feitos por ratos e homens. A cidade atraía vagabundos como um cão atraía pulgas. Ele chegou a passar num lugar onde provavelmente algum viajante havia feito uma pequena fogueira usando uma placa de metal e um círculo de pedras. Era um milagre o idiota não ter queimado o prédio inteiro.

Wax abriu a porta lateral com facilidade e entrou no beco entre o hotel e a loja vizinha. Os tiros trocados antes talvez tivessem sido ouvidos e alguém podia aparecer para dar uma olhada. Melhor ficar escondido.

Wax caminhou até os fundos da loja, andando silenciosamente pelo chão de barro vermelho. Ali, a encosta era cheia de mato, exceto pela entrada de uma velha e fria adega subterrânea. Wax contornou-a e parou, olhando para o batente de madeira daquele fosso.

Talvez…

Ele se ajoelhou ao lado da abertura, espreitando lá embaixo. No passado, havia uma escada ali, mas apodrecera — os restos eram visíveis numa pilha de velhos fragmentos. O ar cheirava a bolor e umidade… com um traço de fumaça. Alguém havia queimado uma tocha ali.

Wax jogou uma bala no buraco e pulou para dentro com a arma em punho. Enquanto caía, preencheu sua mente de metal de ferro, diminuindo seu peso. Era um Duplonato — feruquemista e alomântico ao mesmo tempo. Seu poder alomântico era o empurrão de aço, e seu poder feruquêmico, chamado depuração, era a capacidade de aumentar ou diminuir seu peso. Era uma combinação poderosa de talentos.

Ele se *empurrou* contra a bala abaixo dele, reduzindo a velocidade da queda para aterrissar suavemente. Voltou ao peso normal, quer dizer, normal para ele. Com frequência, ficava com três quartos de seu peso, o que o tornava mais ágil, mais rápido para reagir.

Esgueirou-se pela escuridão. Fora um trajeto longo, difícil até encontrar o esconderijo de Bronze Sangrento. No fim, o fato de outros bandidos, andarilhos e infelizes terem desaparecido de Feltrel fora um grande indício. Wax pisou com suavidade, avançando pelo porão. O cheiro de fumaça estava mais forte ali, e, embora a luz estivesse desvanecendo, ele avistou uma fogueira ao lado da parede de terra e uma escada que podia ser levada até a entrada.

Aquilo fez com que parasse. Indicava que quem quer que estivesse fazendo daquele porão seu esconderijo, Bronze ou outra pessoa, ainda estava ali embaixo. A menos que houvesse outra saída. Wax avançou um pouco mais, estreitando os olhos na escuridão.

Havia luz adiante.

Ele inclinou um pouco a arma, puxou um pequeno frasco do casaco de bruma e tirou a rolha com os dentes. Tomou o uísque e o aço em um trago, restaurando suas reservas. Avivou o aço. Sim… havia metal lá adiante. Qual era o comprimento daquela adega? Achou que seria pequena, mas as tábuas de madeira reforçando o chão indicavam algo mais fundo, mais longo. Mais como a galeria de uma mina.

Caminhou mais, concentrado naquelas linhas de metal. Alguém teria de mirar nele se o visse, e a linha tremeria, dando-lhe a chance de *empurrar* o metal das mãos da pessoa.

Nada se moveu. Ele deslizou adiante, sentindo o cheiro bolorento do solo úmido, de fungos e batatas deixadas ali para brotar. Aproximou-se de uma luz trêmula, mas não conseguiu ouvir nada. As linhas de metal não se moviam.

Finalmente, chegou perto o bastante para avistar um lampião pendurado num gancho numa viga de madeira próxima à parede. Havia outra coisa pendurada no centro do túnel. Um cadáver? Enforcado? Wax xingou baixinho e se apressou, desconfiado de uma armadilha. *Era* um cadáver, mas a cena o deixou perplexo. No início, parecia muito velho. Os olhos já não estavam no crânio, a pele estava colada nos ossos. Não fedia nem estava inchado.

Pensou reconhecê-lo. Geormin, o cocheiro que trazia correspondência para Intempérie dos vilarejos mais distantes. Era seu uniforme, ao menos, e parecia

seu cabelo também. Foi uma das primeiras vítimas de Bronze, o desaparecimento que tinha lançado Wax naquela caçada. Fazia apenas dois meses.

Ele foi mumificado, pensou Wax. *Preparado e curtido, como couro.* Ficou revoltado. Ele saíra para beber com Geormin certa vez, e, embora o homem tenha trapaceado no baralho, era um cara bem agradável.

O enforcamento não fora comum também. Fios haviam sido usados para esticar os braços de Geormin e deixá-los longe do corpo, a cabeça inclinada, a boca entreaberta. Wax afastou-se da visão horripilante, com os olhos trêmulos.

Cuidado, disse a si mesmo. *Não deixe que ele o enfureça. Mantenha-se concentrado.* Depois voltaria para soltar Geormin. Naquele momento, não podia fazer barulho. Ao menos sabia que estava no caminho certo. Certamente era o covil de Bronze Sangrento.

Havia outro trecho iluminado mais à frente. Qual *era* o comprimento daquele túnel? Ele se aproximou do foco de luz, e ali encontrou outro cadáver, esse pendurado na parede. Annarel, uma geóloga visitante que havia desaparecido logo depois de Geormin. Pobre mulher. Havia sido ressecada da mesma maneira, e o corpo fora cravado na parede numa pose muito específica, como se estivesse de joelhos inspecionando uma pilha de pedras.

Outro foco de luz o levou adiante. Estava claro que aquilo não era uma adega; provavelmente era algum tipo de túnel de contrabando abandonado, dos dias em que Feltrel era uma cidade próspera. Bronze não o construíra, não com aquelas vigas de madeira envelhecidas.

Wax passou por outros seis cadáveres, cada qual iluminado por um lampião, cada qual numa pose diferente. Um estava sentado numa cadeira, outro, amarrado como se estivesse voando, alguns, presos à parede. Os últimos eram mais recentes; o último fora morto havia pouco. Wax não reconheceu o homem magro que pendia com a mão na cabeça, como se saudasse alguém.

Ferrugem e Ruína!, pensou Wax. *Este não é o covil de Bronze Sangrento… É sua galeria.*

Enojado, Wax foi até o foco de luz seguinte. Esse era diferente. Mais brilhante. Quando se aproximou, percebeu que estava vendo a luz do sol, que passava por um quadrado aberto no teto. O túnel levava até lá, provavelmente até um antigo alçapão que havia apodrecido ou quebrado. O chão elevava-se numa inclinação gradual até o buraco.

Wax rastejou pela subida, erguendo cuidadosamente a cabeça pelo buraco. Chegou a um prédio, embora o telhado não existisse mais. As paredes de tijolos estavam quase intactas, e havia quatro altares adiante, à esquerda de Wax. Uma antiga capela do Sobrevivente. Parecia vazia.

Saiu pelo buraco, rastejando, com a Sterrion ao lado da cabeça e o casaco imundo pela terra. Sentiu-se bem ao inalar o ar limpo e seco.

— Cada vida é uma performance — disse uma voz, ecoando na igreja em ruínas.

Wax imediatamente se esquivou para o lado, rolando até um altar.

— Mas nós não somos os artistas — continuou a voz. — Somos os fantoches.

— Bronze — disse Wax. — Saia.

— Eu vi Deus, vigilante — sussurrou Bronze. Onde estava? — Eu vi a própria Morte, com os pregos nos olhos. Eu vi o Sobrevivente, que é a vida.

Wax vasculhou a pequena capela com os olhos. Estava apinhada de bancos quebrados e estátuas caídas. Circulou o altar, julgando que o som vinha do fundo da sala.

— Outros homens se perguntam — disse a voz de Bronze —, mas eu sei. Sei que sou um fantoche. Todos somos. Gostou do meu show? Trabalhei muito para montá-lo.

Wax continuou pela parede direita do prédio, deixando um rastro na terra. Respirava levemente; uma linha de suor corria pela têmpora direita. Seu olho estava tremendo. Via cadáveres nas paredes em sua imaginação.

— Muitos homens nunca terão uma chance de criar arte de verdade — disse Bronze. — E as melhores performances são aquelas que nunca poderão ser reproduzidas. Meses, anos gastos na preparação. Tudo encaixado no lugar. Mas, no fim das contas, o apodrecimento começará. Não consegui mumificá-los de verdade; não tinha tempo nem recursos. Consegui apenas preservá-los por tempo suficiente para preparar esta exibição exclusiva. Amanhã tudo estará arruinado. Você foi o único a vê-la. Apenas você. Imagino… Somos fantoches apenas… Sabe…

A voz *vinha* do fundo da sala, perto de uns escombros que bloqueavam a visão de Wax.

— Alguém nos move — disse Bronze.

Wax inclinou-se ao redor dos escombros, erguendo a Sterrion.

Bronze estava lá, segurando Lessie diante dele, que tinha a boca amarrada, os olhos arregalados. Wax ficou paralisado, com a arma erguida. Lessie estava sangrando na perna e no braço. Havia sido alvejada, e seu rosto estava ficando pálido. Perdera sangue. Foi assim que Bronze conseguiu dominá-la.

Wax ficou cada vez mais estático. Não ficou ansioso. Não podia ficar, pois tremeria, e tremer o faria errar. Podia ver o rosto de Bronze atrás de Lessie; o homem segurava um garrote ao redor do pescoço da mulher.

Bronze era um homem magro, de dedos finos. Tinha sido agente funerário. Cabelo preto, ralo e oleoso penteado para trás. Um belo terno que brilhava com sangue.

— Alguém nos move, homem da lei — sussurrou Bronze.

Lessie fitou os olhos de Wax. Os dois sabiam o que fazer numa situação dessas. Da última vez, tinha sido ele o capturado. As pessoas sempre tentavam usar um contra o outro. Na opinião de Lessie, isso não era uma desvantagem. Ela diria que, se Bronze *não* soubesse que os dois eram um casal, ele a teria matado no ato. Em vez disso, ele a sequestrou. Aquilo lhes dava uma chance de sair dali.

Wax olhou o cano de sua Sterrion. Puxou o gatilho até equilibrar o peso da mola bem no ponto de disparo, e Lessie piscou. Um. Dois. Três.

Wax disparou.

No mesmo instante, Bronze puxou Lessie para a direita.

O tiro rompeu o ar, ecoando contra os tijolos de argila. A cabeça de Lessie foi jogada para trás quando a bala de Wax acertou-a bem acima do olho direito. O sangue espirrou contra a parede de argila ao lado dela. Ela despencou.

Wax ficou paralisado, horrorizado. *Não… não era assim… não podia ser…*

— As melhores performances — disse Bronze, sorrindo e olhando para o corpo de Lessie — são aquelas que só podem ser feitas uma única vez.

Wax deu um tiro na cabeça do homem.

1



Cinco meses depois, Wax caminhava pelas salas decoradas de uma grande e animada festa, passando por homens em fraques escuros e mulheres em vestidos coloridos acinturados e muitas dobras nas longas saias plissadas. Eles o chamavam de “Lorde Waxillium” ou “Lorde Ladrian” quando falavam com ele.

Wax meneava a cabeça para todos, mas evitava ser arrastado para dentro das conversas. Foi até uma das salas ao fundo da festa, onde luzes elétricas ofuscantes — não se falava de outra coisa na cidade — produziam uma luz contínua e uniforme demais que repelia a escuridão da noite. Por fora das janelas, ele conseguia ver a bruma resvalando no vidro.

Desafiando o decoro, Wax passou pelas enormes portas duplas de vidro e saiu para a grande sacada da mansão. Lá, finalmente sentiu como se pudesse respirar de novo.

Fechou os olhos, inspirando e expirando, sentindo a umidade suave das brumas no rosto. *Os prédios são tão… sufocantes aqui na cidade*, pensou ele. *Eu simplesmente tinha me esquecido disso ou não percebia quando era mais jovem?*

Abriu os olhos e colocou as mãos no parapeito da sacada para olhar Elendel. Era a cidade mais grandiosa em todo o mundo, uma metrópole projetada pelo próprio Harmonia. O lugar da juventude de Wax. Um lugar que não era mais seu lar havia vinte anos.

Embora tivessem se passado cinco meses desde a morte de Lessie, ainda conseguia ouvir o tiro e ver o sangue espirrado nos tijolos. Havia deixado as Terras Brutas e voltado para a cidade, respondendo a convocações desesperadas para cumprir as obrigações por sua casa depois da morte do tio.

Cinco meses e um mundo de distância, e ainda conseguia ouvir aquele tiro. Nítido, límpido, como o céu se estilhaçando.

Atrás dele, ouvia gargalhadas musicais vindas do calor da sala. A Mansão

Cett era um lugar imenso, cheio de madeiras caras, tapetes macios e candelabros cintilantes. Ninguém se juntou a ele na sacada.

Dali, tinha uma visão perfeita das luzes da Alameda Demoux. Uma fileira dupla de lâmpadas elétricas brilhantes emitindo uma brancura contínua, chamejante. Reluziam como bolhas ao longo da alameda ampla, que era flanqueada por um canal ainda mais largo, as águas calmas e silenciosas refletindo a luz. Uma locomotiva noturna mandava um cumprimento enquanto passava pelo distante centro da cidade, circundando as brumas com fumaça mais escura.

No fim da Alameda Demoux, Wax via o Edifício Espinha de Ferro e a Torre Tekiel, uma de cada lado do canal. As duas não estavam terminadas, mas suas estruturas de aço já se erguiam em direção ao céu. Eram enlouquecedoras de tão altas.

Os arquitetos continuavam a emitir relatórios atualizados sobre a altura que pretendiam alcançar, cada um tentando superar o outro. Rumores que tinha ouvido naquela mesma festa, confiáveis, alegavam que as duas construções acabariam passando dos cinquenta andares. Ninguém sabia qual terminaria por se provar a maior, embora apostas amigáveis fossem comuns.

Wax respirou em meio às brumas. Nas Terras Brutas, a Mansão Cett, de três andares, teria sido o prédio mais alto possível. Ali, parecia diminuída. O mundo havia mudado durante seus anos fora da cidade. Havia crescido, ganhado luzes que não precisavam de fogo para brilhar e prédios que ameaçavam se erguer mais alto que as próprias brumas. Olhando para a rua larga às margens do Quinto Oitante, Wax de repente se sentiu muito, muito velho.

— Lorde Waxillium? — chamou uma voz atrás dele.

Ele se virou e encontrou uma mulher mais velha, Lady Aving Cett, observando-o pela porta. O cabelo grisalho estava preso num coque, e ela usava rubis no pescoço.

— Por Harmonia, meu bom homem, vai pegar um resfriado aí fora! Venha, quero apresentá-lo a algumas pessoas.

— Em um instante, milady — disse Wax. — Estou apenas tomando um pouco de ar.

Lady Cett franziu a testa, mas se retirou. Não sabia o que pensar dele; ninguém sabia. Alguns o viam como um rebento misterioso da família Ladrian, associado a estranhas histórias envolvendo os reinos além das montanhas. O

restante supunha que era um bufão rural e sem cultura. Ele achava que provavelmente era os dois.

Esteve exposto a noite toda. Ele *deveria* estar procurando uma esposa, e quase todo mundo sabia disso. A Casa Ladrian estava falida depois da administração imprudente do tio, e o caminho mais fácil para resolver isso era um casamento. Infelizmente, o tio *também* conseguira ofender três quartos da nata da cidade.

Wax inclinou-se na sacada; os revólveres Sterrion sob seus braços cutucaram os flancos. Com os longos canos, não eram feitos para serem carregados em coldres de ombro. Ficaram desajeitados ali a noite toda.

Deveria voltar à festa para conversar e tentar recuperar a reputação da Casa Ladrian, mas só de pensar naquela sala lotada, tão quente, tão fechada, tão abafada que tornava a respiração difícil…

Sem dar a si mesmo tempo para reconsiderar, saltou sobre a lateral da sacada e começou a cair os três andares até o chão. Queimou aço e, em seguida, soltou um cartucho vazio um pouco atrás de si e *empurrou* contra ele; seu peso enviou o cartucho rapidamente para a terra, mais veloz que sua própria queda. Como sempre, graças à sua Feruquemia, Wax ficou mais leve do que normalmente seria. Mal se lembrava de como era andar por aí com seu peso total.

Quando o cartucho atingiu o chão, ele *empurrou* contra ele e se jogou horizontalmente por sobre o muro do jardim. Apoiando uma das mãos em seu ápice de pedra, ele descreveu um arco e reduziu o peso a uma fração do normal enquanto caía do outro lado. Aterrissou com suavidade.

Ah, que bom, pensou ele, agachando-se e espreitando através das brumas. *O pátio dos cocheiros.* Os veículos que todos usaram para chegar ali estavam arranjados em fileiras organizadas e os cocheiros conversavam em recintos acolhedores, que derramavam luzes alaranjadas nas brumas. Não havia luz elétrica ali; apenas as boas e calorosas lareiras.

Caminhou entre as carruagens até encontrar a sua e, então, abriu o baú que ficava preso na parte de trás. Tirou seu fino paletó de cavalheiro e vestiu o casaco de bruma, uma veste longa e envolvente, como um jaleco de lapela grossa e mangas com punho. Enfiou uma escopeta no bolso interno, afivelou o cinto e passou as Sterrions para os coldres nos quadris.

Ah, pensou ele. *Muito melhor.* Na verdade, precisava parar de carregar as Sterrions e conseguir armas mais fáceis de esconder. Infelizmente, não havia

encontrado nada tão bom quanto o trabalho de Ranette. Mas ela não havia se mudado para a cidade? Talvez pudesse procurá-la e convencê-la a lhe fazer alguma coisa. Desde que ela não desse um tiro nele assim que o visse.

Algum tempo depois, estava correndo pela cidade, com o casaco de bruma leve nas costas. Deixou-o aberto na frente, revelando a camisa preta e as calças elegantes. O casaco de bruma, que descia até os pés, dividia-se em faixas desde a cintura, e as tiras tremulavam atrás dele com um sibilar suave.

Ele soltou um cartucho de bala e se lançou para o alto, aterrissando no topo do prédio que ficava diante da mansão, do outro lado da rua. Olhou de volta para a mansão e suas janelas iluminadas na noite escura. Que tipo de rumores ele iniciaria desaparecendo da sacada daquela forma?

Bem, as pessoas já sabiam que ele era um Duplonato — era uma informação de domínio público. Seu desaparecimento não ajudaria muito a melhorar a reputação da família. Por ora, ele não se importava. Havia passado quase todas as noites desde seu retorno à cidade em sucessivas reuniões sociais e fazia semanas que não tinham uma noite brumosa.

Precisava das brumas. Ele era assim.

Wax correu pelo telhado e saltou, movendo-se na direção da Alameda Demoux. Pouco antes de chegar ao chão, jogou um cartucho vazio e *empurrou*, reduzindo a velocidade da queda. Aterrissou num terreno com arbustos decorativos que prenderam as faixas da capa e farfalharam.

Que desgraça. Ninguém plantava arbustos decorativos nas Terras Brutas. Ele se soltou, incomodado com o farfalhar das folhas. Poucas semanas na cidade e ele já estava ficando enferrujado?

Sacudiu a cabeça e se *empurrou* no ar novamente, afastando-se da ampla alameda e do canal paralelo. O ângulo de seu voo era tão elevado que aterrissou sobre uma das novas lâmpadas elétricas. Havia uma coisa boa numa cidade moderna como aquela: tinha *muito* metal.

Ele sorriu, avivou seu aço e se *empurrou* do topo do poste de luz, alçando-se num arco largo pelo ar. A bruma passava por ele, rodopiando enquanto o vento resvalava em seu rosto. Era empolgante. Um homem nunca se sentia realmente livre até se libertar das correntes da gravidade e buscar o céu.

Enquanto subia, *empurrou-se* de novo contra outro poste de luz, lançando-se mais adiante. A longa fileira de postes de metal era como sua ferrovia particular. Ele ricocheteou, e sua travessura chamou a atenção das pessoas que passavam

nas carruagens, com ou sem tração a cavalo.

Ele sorriu. Lançamoedas como ele eram relativamente raros, mas Elendel era uma cidade enorme com uma população enorme. Ele não era o primeiro homem que essas pessoas viam ricochetear pelos metais da cidade. Lançamoedas com frequência trabalhavam como mensageiros de alta velocidade em Elendel.

O tamanho da cidade ainda o surpreendia. Milhões viviam ali, talvez uns *cinco* milhões. Ninguém tinha uma contagem certa de todas as regiões — eram chamadas de oitantes e, como se poderia esperar, havia oito delas.

Milhões; ele não conseguia imaginar isso, mesmo tendo crescido ali. Antes de sair de Intempérie, ele tinha começado a achar que a cidade estava ficando grande demais, mas não havia nem dez mil habitantes.

Ele aterrissou no alto de um poste bem diante do gigantesco Edifício Espinha de Ferro. Ergueu a cabeça, olhando através das brumas para a estrutura gigantesca. O topo não terminado perdia-se na escuridão. Conseguiria escalar algo tão alto? Não podia *puxar* metais, apenas *empurrar* — não era um mitológico Nascido da Bruma das histórias antigas, como o Sobrevivente ou a Guerreira Ascendente. Um poder alomântico, um poder feruquêmico, era tudo que um homem podia ter. Na verdade, ter apenas um já era um privilégio raro, e ser Duplonato como Wax era realmente excepcional.

Wayne alegava ter memorizado o nome de todas as diferentes combinações possíveis de Duplonatos. Claro que Wayne também alegava ter roubado um cavalo que arrotava notas musicais com perfeição, então era preciso aprender a ouvir o que dizia com uma pitada de cobre. Sinceramente, Wax não prestava atenção a todas as definições e nomes de Duplonato: ele era chamado de Estilhaçador, a mistura de um Lançamoedas e um Depurador. Raramente se preocupava em pensar em si dessa forma.

Começou a encher suas mentes de metal, os braceletes de ferro que usava nos braços, drenando mais peso de si, ficando ainda mais leve. Aquele peso seria armazenado para uso futuro. Então, ignorando a parte mais cautelosa de sua mente, queimou aço e *empurrou*.

Ele subiu a toda velocidade. O vento se tornou um rugido, e o poste era uma boa âncora — tinha muito metal preso com firmeza no chão —, capaz de empurrá-lo bem alto. Ele se inclinou um pouco, e os andares do prédio se transformaram num borrão à sua frente. Aterrissou cerca de vinte andares acima quando seu *empurrão* no poste já estava chegando ao limite.

Aquela parte do edifício já havia sido terminada, e o exterior era feito de um material moldado que imitava pedra esculpida. Cerâmica, ele ouviu dizer. Era uma coisa comum nos edifícios altos, nos quais os andares inferiores eram mesmo de pedra, mas os mais altos usavam materiais mais leves.

Agarrou uma saliência. Não estava tão leve a ponto de o vento conseguir empurrá-lo para longe, não com suas mentes de metal nos braços e as armas que carregava. O corpo mais leve facilitava manter-se no lugar.

As brumas rodopiavam embaixo dele. Parecia quase divertido. Olhou para cima, tentando decidir qual seria seu próximo passo. O aço revelava linhas azuis até as fontes de metal próximas, muitas na estrutura do prédio. *Empurrar* qualquer uma delas o mandaria para longe do edifício.

Ali, pensou ele, notando um peitoril de bom tamanho mais ou menos um metro e meio acima. Ele escalou a lateral do prédio, mantendo os dedos enluvados seguros na superfície esculpida de um jeito complexo. Um Lançamoedas rapidamente aprendia a não temer alturas. Ele se ergueu até o peitoril e jogou no chão um cartucho, parando-o com o pé calçado.

Olhou para cima, avaliando a trajetória. Puxou um frasco do cinto, tirou a rolha e engoliu o líquido e as raspas de aço dentro dele. Sibilou entre os dentes quando o uísque queimou a garganta. Era coisa boa, da destilaria de Stagin. *Que desgraça, isso vai fazer falta quando meu estoque acabar*, pensou ele, guardando o frasco.

A maioria dos alomânticos não usava uísque em seus frascos de metal. A maioria dos alomânticos estava perdendo uma oportunidade perfeita. Ele sorriu quando suas reservas internas de aço foram restauradas; então, avivou o metal e se arremessou.

Voou pelo céu noturno. Infelizmente, o Espinha de Ferro era construído em níveis recuados, os andares superiores ficavam progressivamente mais estreitos com a subida. Isso significava que, mesmo *empurrando* a si mesmo para cima, viu-se na escuridão aberta, com as brumas ao redor dele e a lateral do prédio a uns bons três metros de distância.

Wax enfiou a mão no casaco e tirou sua escopeta de cano curto do longo bolso interno. Ele se virou, apontou-a para fora, escorou-a no corpo e disparou.

Estava leve o bastante para que o coice da arma o arremessasse contra o prédio. O estouro do disparo ecoou lá embaixo, mas havia apenas chumbinhos nos cartuchos, pequenos e leves demais para ferir alguém quando caíssem

dispersos daquela altura.

Ele bateu na parede da torre, cinco andares acima de onde estivera, e agarrou uma protuberância em forma de estaca. A decoração do edifício era realmente maravilhosa. Quem eles pensavam que veria aquilo? Balançou a cabeça. Arquitetos eram tipos curiosos. Nada práticos, como seria um bom armeiro. Wax escalou outro parapeito e saltou de novo para cima.

O salto seguinte foi suficiente para levá-lo à treliça de aço dos andares ainda não acabados. Caminhou por uma viga e, em seguida, trepou num mastro vertical, o que foi facilitado pelo peso reduzido, e escalou a mais alta das vigas que saía do topo do edifício.

A altura era estonteante. Mesmo com as brumas obscurecendo a paisagem, ele conseguia ver a fileira dupla de luzes iluminando a rua abaixo. Outras luzes brilhavam mais suavemente pela cidade, como velas flutuantes no enterro de um marinheiro no mar. Apenas a ausência de luzes permitia que ele identificasse os vários parques e a baía bem à esquerda.

No passado, a cidade fora como seu lar. Isso foi antes de passar vinte anos vivendo na poeira, onde a lei às vezes era uma lembrança distante e as pessoas consideravam carruagens uma frivolidade. O que Lessie pensaria de uma dessas engenhocas sem cavalos, com rodas delgadas feitas para as ruas finamente pavimentadas de uma cidade? Veículos que andavam com óleo e graxa, não à base de feno e ferraduras?

Ele se virou, mantendo-se empoleirado na viga. Era difícil avaliar as localizações no escuro e em meio às brumas, mas tinha a vantagem de ter vivido toda a juventude naquela parte da cidade. As coisas haviam mudado, mas não *tanto* assim. Ele avaliou a direção, verificou as reservas de aço e se lançou para dentro da escuridão.

Saltou num grande arco sobre a cidade, voando por meio minuto com um empurrão naquelas vigas enormes. O arranha-céu transformou-se numa silhueta sombria atrás dele e desapareceu. Por fim, seu impulso se esgotou, e ele caiu em meio às brumas. Deixou-se cair em silêncio. Quando as luzes se aproximaram — e ele viu que não havia ninguém embaixo dele —, apontou a arma para o chão e puxou o gatilho.

O coice o lançou para cima por um instante, reduzindo sua queda. Ele *empurrou* o projétil no chão para reduzir ainda mais a velocidade e aterrissou com facilidade, agachando-se suavemente. Percebeu, insatisfeito, que quase

havia arruinado algumas pedras de boa qualidade do pavimento com o tiro.

Por Harmonia!, pensou ele. Levaria tempo para se acostumar com aquele lugar. *Sou como um cavalo esbarrando em tudo no espaço estreito de uma feira*, pensou, encaixando a arma embaixo do casaco. *Preciso aprender a ter mais refinamento.* Nas Terras Brutas, ele tinha sido considerado um cavalheiro sofisticado. Ali, se não tomasse cuidado, logo demonstraria o bruto sem cultura que a maioria da nobreza já achava que ele era. Isso…

Tiro.

Wax reagiu imediatamente. *Empurrou-se* de lado usando um portão de ferro, agachou-se e rolou. Levantou-se e levou a mão direita à Sterrion enquanto a esquerda equilibrava a escopeta na manga da capa.

Espreitou noite adentro. Os disparos impensados de escopeta tinham chamado a atenção dos policiais locais? As armas dispararam de novo, e ele franziu a testa. *Não. Estão muito distantes. Alguma coisa está acontecendo.*

Isso o empolgou de verdade. Saltou no ar pela rua, *empurrando* o mesmo portão para ganhar altura. Aterrissou em cima de um prédio; aquela área da cidade estava cheia de edifícios de apartamentos de três ou quatro andares com vielas estreitas entre eles. Como as pessoas conseguiam viver sem nenhum espaço ao redor? Ele teria enlouquecido.

Passou por alguns prédios, o que foi facilitado pelos telhados serem retos, e depois parou para ouvir. Seu coração batia acelerado com o entusiasmo, e ele percebeu que ansiava por algo assim. Por isso tinha sido levado a deixar a festa, procurar o arranha-céu, subir nele, correr pelas brumas. Lá em Intempérie, ao passo que a cidade crescia, ele com frequência fazia rondas à noite, procurando problemas.

Ele tocou a Sterrion quando outro tiro foi disparado, mais perto dessa vez. Avaliou a distância e, em seguida, jogou um cartucho no chão, *empurrando-se* no ar. Restaurou seu peso a três quartos do total e o deixou assim. Para lutar direito, era necessário algum peso.

As brumas giravam e rodopiavam, provocando-o. Não se podia prever quais noites trariam consigo as brumas; elas não se enquadravam nos padrões climáticos normais. Uma noite podia ser úmida e fria e, ainda assim, não ter nenhum filete de bruma. Outra noite podia ser árida como folhas secas, mas terminar engolida pelas brumas.

Elas estavam escassas naquela noite, e a visibilidade ainda estava boa. Outro

estalo rompeu o silêncio. *Lá,* pensou Wax. O aço queimava causando um calor confortável dentro dele. Saltou sobre outra rua numa confusão de franjas do casaco, brumas e vento.

Aterrissou com suavidade e ergueu a arma diante de si enquanto corria agachado pelo telhado. Chegou à beirada e olhou para baixo. Bem embaixo dele, alguém se refugiava atrás de uma pilha de caixas próxima à entrada do beco. Na escuridão da noite brumosa, Wax não conseguiu divisar muitos detalhes, mas viu que a pessoa estava armada com uma espingarda apoiada numa das caixas. O cano estava apontado para um grupo de pessoas na rua, que usavam os chapéus característicos dos policiais da cidade.

Wax *empurrou* levemente em todas as direções, criando sua bolha de aço. Um trinco de alçapão aos seus pés fez barulho quando sua Alomancia o afetou. Olhou para o homem atirando nos policiais. Seria bom fazer algo de valor naquela cidade em vez de ficar apenas conversando com os muito bem-vestidos e excessivamente privilegiados.

Jogou um cartucho, e sua Alomancia o esmagou no telhado embaixo dele. Ele o empurrou com mais potência, lançando-se no ar entre as brumas rodopiantes. Reduziu o peso drasticamente e *empurrou* o trinco de uma janela enquanto caía, posicionando-se de forma a aterrissar bem no meio do beco.

Queimando aço, conseguia ver as linhas apontando para quatro diferentes figuras adiante. Ao mesmo tempo que aterrissava, ouvindo os homens murmurando xingamentos e virando-se em sua direção, ergueu a Sterrion e mirou no primeiro dos valentões da rua. O homem tinha uma barba falhada e olhos mais escuros que a noite.

Wax ouviu um lamento de mulher.

Ficou paralisado; a mão estava firme, mas incapaz de se movimentar. As lembranças, tão cuidadosamente represadas na mente, estouraram e inundaram sua cabeça. Lessie presa com um garrote no pescoço. Um único tiro. Sangue nas paredes de tijolos vermelhos.

O valentão apontou a espingarda na direção de Wax e atirou. A bolha de aço mal desviou o projétil, e a bala passou pelo tecido do casaco de Wax, quase acertando suas costelas.

Ele tentou disparar, mas aquele lamento…

Ah, Harmonia, pensou ele, aterrorizado consigo mesmo. Apontou a arma para baixo e atirou no chão. Então, *empurrou* o projétil e se lançou para trás,

subindo, para fora do beco.

As balas perfuraram as brumas ao redor dele. Com ou sem bolha de aço, deveria ter sido atingido por uma delas. Foi a pura sorte que lhe salvou a vida até aterrissar em outro telhado e rolar até parar de barriga para baixo, protegido dos tiros por um parapeito.

Wax tomou fôlego, mantendo a mão no revólver. *Idiota*, pensou ele. *Tolo.* Ele nunca havia ficado paralisado num combate, mesmo quando era novato. *Nunca.* No entanto, aquela era a primeira vez que tentava atirar em alguém desde o desastre na capela em ruínas.

Quis ir embora, envergonhado, mas cerrou os dentes e rastejou para a frente até a beira do telhado. Os homens ainda estavam lá embaixo. Conseguia vê-los melhor agora, reunindo-se e preparando-se para dar no pé. Provavelmente não queriam se envolver com um alomântico.

Mirou naquele que parecia ser o líder. Porém, antes que pudesse atirar, o homem caiu com os tiros dos policiais. Em instantes, o beco estava cheio de homens uniformizados. Wax ergueu a Sterrion ao lado da cabeça, respirando fundo.

Eu podia ter atirado dessa vez, pensou. *Só fiquei paralisado por um momento. Não teria acontecido novamente.* Repetiu isso para si várias vezes enquanto os oficiais arrancavam os malfeitores do beco, um por um.

Não havia mulher. O lamento que ouvira fora de um membro da gangue que havia tomado um tiro antes da chegada de Wax. O homem ainda estava gemendo de dor quando o levaram embora.

Os policiais não viram Wax. Ele se virou e desapareceu dentro da noite.

Pouco tempo depois, Wax chegou à Mansão Ladrian. Sua residência na cidade, seu lar ancestral. Ele não sentia que pertencia àquele lugar, mas o usava mesmo assim.

Faltavam ao lar suntuoso terrenos extensos, mas a mansão tinha quatro andares elegantes, com sacadas e um belo pátio com jardim ao fundo. Wax jogou no chão uma moeda e pulou sobre a cerca diante da casa, aterrissando sobre o portão. *Minha carruagem está de volta*, percebeu ele. Não era uma surpresa. Estavam se acostumando com ele, mas Wax não sabia se ficava feliz ou envergonhado com isso.

Empurrou os portões, que rangeram sob seu peso, e aterrissou numa sacada

no quarto andar. Lançamoedas precisavam aprender a ser precisos, diferentes de seus primos alomânticos que *puxavam* ferro, também conhecidos como Atraidores. Esses simplesmente escolhiam um alvo e *puxavam-se* na direção dele, mas em geral precisavam se apoiar em laterais de prédios, fazendo barulho. Lançamoedas tinham de ser delicados, cuidadosos, precisos.

A janela estava aberta; ele a tinha deixado assim. Não queria lidar com pessoas naquele momento; seu confronto inútil com os criminosos o deixara abalado. Esgueirou-se para dentro do quarto escuro, caminhou sem fazer barulho e espreitou junto à porta. Nenhum som no corredor. Abriu a porta em silêncio e saiu.

O corredor estava escuro, e ele não era um Olho de Estanho, capaz de aguçar seus sentidos. Tateava a cada passo, com cuidado para não tropeçar na ponta de um tapete nem trombar com um pedestal.

Seus quartos ficavam no fim do corredor. Ele estendeu a mão enluvada até a maçaneta de latão. Excelente. Empurrou a porta com cuidado, entrando no quarto. Agora ele só precisava…

Uma porta foi aberta do outro lado do quarto, deixando entrar uma luz amarelada. Wax ficou paralisado, embora sua mão rapidamente tenha tocado o casaco sobre uma de suas Sterrions.

Um homem idoso estava parado à porta, segurando um grande candelabro. Usava um uniforme preto em perfeito estado e luvas brancas. Ergueu uma sobrancelha para Wax.

— Alto Lorde Ladrian — disse ele. — Vejo que o senhor voltou.

— Hum… — disse Wax, envergonhado, tirando a mão de dentro do casaco.

— Seu banho está pronto, milorde.

— Não pedi banho nenhum.

— Sim, mas, considerando os entretenimentos de sua noite, pensei que seria prudente preparar um para o senhor. — O mordomo fungou. — Pólvora?

— Hum, sim.

— Espero que milorde não tenha atirado em ninguém importante demais.

Não, pensou Wax. *Não, não consegui.*

Tillaume ficou ali, parado, rígido, reprovador. Não disse o que sem dúvida estava pensando: que o desaparecimento de Wax da festa causara um pequeno escândalo e que assim seria ainda *mais* difícil arranjar uma noiva adequada. Não

disse que estava decepcionado. Não disse essas coisas porque era, no fim das contas, um serviçal digno de um lorde.

Além disso, de qualquer forma, podia dizer tudo com um olhar.

— Devo redigir uma carta de desculpas a Lady Cett, milorde? Acredito que ela esperará por uma, considerando que o senhor enviou uma a Lorde Stanton.

— Sim, seria bom — disse Wax.

Levou os dedos ao cinto, sentindo os frascos de metal ali, um revólver em cada lado do quadril, o peso da escopeta presa por dentro do casaco. *O que estou fazendo? Estou agindo como um idiota.*

De repente, sentiu-se extremamente infantil. Tinha saído de uma festa para patrulhar a cidade, procurar problemas? O que havia de errado com ele?

Sentiu-se como se estivesse tentando retomar alguma coisa. Uma parte da pessoa que ele fora antes da morte de Lessie. Sabia, lá no fundo, que talvez tivesse problemas para atirar novamente e desejara provar a si mesmo o contrário.

Havia fracassado nesse teste.

— Milorde — disse Tillaume, aproximando-se. — Posso ser… ousado por um momento?

— Pode.

— A cidade tem um grande número de policiais — disse Tillaume. — E são bastante eficientes em seu trabalho. Nossa casa, no entanto, tem apenas um alto lorde. Milhares dependem do senhor. — Tillaume meneou a cabeça com respeito e começou a acender algumas velas no quarto.

As palavras do mordomo eram verdadeiras. A Casa Ladrian era uma das mais poderosas da cidade, ao menos historicamente. No governo, Wax representava os interesses de todas as pessoas que sua casa empregava. Era verdade que também tinham um representante eleito por sua guilda, mas era de Wax que mais dependiam.

Sua casa estava quase falida — era rica em potencial, em posses e em trabalhadores, mas pobre em dinheiro e em relações por conta da insensatez de seu tio. Se Wax não fizesse nada para mudar a situação, isso poderia significar empregos perdidos, pobreza e colapso quando outras casas atacassem suas posses e as tomassem pelas dívidas não pagas.

Wax correu os dedões por suas Sterrions. *Os policiais lidaram com aqueles*

valentões muito bem, admitiu a si mesmo. *Não precisaram de mim. Esta cidade não precisa de mim, não como Intempérie precisava.*

Estava tentando se ater ao que fora. Não era mais aquela pessoa. Não podia ser. Mas as pessoas precisavam dele para outras coisas.

— Tillaume — disse Wax.

O mordomo, acendendo as velas, olhou para trás. A mansão ainda não tinha luz elétrica, mas viriam instalá-la logo. Algo pelo que seu tio havia pagado antes de morrer, dinheiro que Wax não poderia recuperar agora.

— Sim, milorde? — perguntou Tillaume.

Wax hesitou. Ele puxou devagar a escopeta de seu esconderijo dentro do casaco e a colocou dentro da arca ao lado da cama, ao lado de um livro que havia deixado ali mais cedo. Tirou o casaco de bruma, enrolando o material grosso sobre o braço, segurou-o de forma reverente por um momento e depois o colocou na arca. Em seguida, pôs ali os revólveres Sterrion. Não eram suas únicas armas, mas representavam sua vida nas Terras Brutas. Fechou a tampa da arca que guardava sua antiga vida.

— Leve isso, Tillaume — ordenou Wax. — Ponha em algum lugar.

— Sim, milorde — disse Tillaume. — Deixarei tudo isso pronto para o senhor, caso precise.

— Não vou precisar.

Ele já se dera uma última noite com as brumas, uma escalada empolgante da torre, uma noite passada com a escuridão. Escolheu se concentrar nisso como sua missão cumprida da noite, e não em seu fracasso com os valentões.

Uma dança final.

— Leve, Tillaume — repetiu Wax, afastando-se da arca. — Ponha em algum lugar seguro, mas a leve daqui. De uma vez por todas.

— Sim, milorde — disse o mordomo em voz baixa. Parecia aprovar a ideia.

Seria assim e pronto, pensou Wax. Então, foi até o lavatório. Wax, o vigilante, havia desaparecido.

Era hora de ser Lorde Waxillium Ladrian, décimo sexto alto lorde da Casa Ladrian, residente no Quarto Oitante da cidade de Elendel.

2



SEIS MESES DEPOIS

— Como está minha gravata? — perguntou Waxillium, examinando-se no espelho, virando-se para o lado e puxando a gravata Ascot prateada de novo.

— Impecável como sempre, milorde — disse Tillaume. O mordomo estava com as mãos para trás, e uma bandeja com chá fumegante descansava sobre o aparador ao lado dele. Waxillium não havia pedido chá, mas Tillaume o trouxe mesmo assim. O mordomo tinha uma obsessão por chá.

— Tem certeza? — perguntou Waxillium, puxando novamente a gravata.

— Sim, milorde. — Ele hesitou. — Tenho que admitir, milorde, estou curioso sobre isso há meses. O senhor é o primeiro alto lorde que já servi que consegue dar um nó de gravata decente. Fiquei acostumado a prestar essa assistência.

— Quando se vive nas Terras Brutas, aprende-se a fazer as coisas sozinho.

— Com todo o respeito, milorde — disse Tillaume, com um laivo de curiosidade na voz normalmente monótona —, eu não pensaria que alguém precisaria aprender essa habilidade nas Terras Brutas. Não sabia que os habitantes daquelas terras tinham qualquer preocupação com questões de moda e etiqueta.

— Eles não têm — disse Waxillium, com um sorriso, dando um ajuste final na gravata —, e isso é parte do motivo pelo qual *eu* sempre tive. Vestir-se como um cavalheiro da cidade causava um efeito estranho nas pessoas de lá. Algumas me respeitavam de imediato, outras me subestimavam de imediato. Para mim, deu certo nos dois casos, e, se posso acrescentar, era extremamente satisfatório ver os olhares no rosto dos criminosos quando eram derrubados por alguém que acreditavam ser um dândi da cidade.

— Posso imaginar, milorde.

— Fiz isso por mim também — continuou Waxillium, mais baixo, observando-se no espelho. Gravata prateada, colete de cetim verde. Abotoaduras de esmeralda. Casaco e calças pretos, engomados nas mangas e nas pernas. E um botão de aço no colete entre os de madeira, uma antiga tradição sua. — As vestes eram uma lembrança, Tillaume. A terra ao meu redor talvez fosse selvagem, mas eu não precisava ser.

Waxillium pegou um lenço prateado pendurado em seu mancebo, dobrou-o habilmente no estilo adequado e o enfiou no bolso do casaco. Um sino repentino soou pela mansão.

— Ferrugem e Ruína — xingou Waxillium, checando o relógio de bolso. — Estão adiantados.

— Lorde Harms é conhecido por sua pontualidade, milorde.

— Maravilha. Bem, vamos acabar logo com isso.

Waxillium avançou a passos largos pelo corredor, deslizando as botas no tapete de veludo verde. A mansão tinha mudado um pouco em suas duas décadas de ausência. Mesmo depois de seis meses vivendo ali, ainda não parecia que era *dele*. O leve cheiro da fumaça do cachimbo do tio ainda pairava ali, e a decoração era marcada por sua preferência por madeira escura e pesadas esculturas de pedra. Apesar do gosto moderno, quase não havia retratos ou pinturas. Como Waxillium sabia, muitas delas eram valiosas e haviam sido vendidas antes da morte do tio.

Tillaume caminhava ao lado dele, com as mãos cruzadas atrás das costas.

— Milorde parece considerar a obrigação de hoje um fardo.

— Está tão óbvio? — Waxillium fez uma careta. O que revelava sobre ele o fato de preferir enfrentar um covil de bandidos, com menos armas e menos homens que o inimigo, a se encontrar com Lorde Harms e sua filha?

Uma mulher gorducha como uma matrona esperava no fim do corredor, usando um vestido preto e um avental branco.

— Ah, Lorde Ladrian — disse ela, com afeição. — Sua mãe ficaria tão feliz em ver este dia!

— Nada foi decidido ainda, srta. Grimes — disse Waxillium enquanto a mulher se juntava aos dois, caminhando ao longo da balaustrada da galeria do segundo andar.

— Ela esperava *tanto* que o senhor se casasse com uma lady sofisticada — disse a srta. Grimes. — Devia ter visto como ela se preocupou todos esses anos.

Waxillium tentou ignorar o jeito como aquelas palavras se contorciam em seu coração. Não *vira* como sua mãe se preocupava. Mal tirava tempo de escrever aos pais ou à irmã e os visitou apenas uma vez, logo depois que a ferrovia chegou a Intempérie.

Bem, ele estava cumprindo suas obrigações agora. Seis meses de trabalho, e finalmente estava colocando as coisas no lugar e tirando a Casa Ladrian, junto com seus muitos ferreiros e costureiras, da beira do colapso financeiro. O último passo seria dado naquele dia.

Waxillium chegou ao topo da escadaria e, então, hesitou.

— Não — disse ele. — Não posso me apressar. Preciso lhes dar tempo para que se acomodem.

— Isso é… — Tillaume começou a falar, mas Waxillium interrompeu, virando para o outro lado e marchando de volta pela balaustrada.

— Srta. Grimes — disse Waxillium —, há outros assuntos a tratar hoje?

— Quer ouvi-los agora? — perguntou ela, franzindo a testa enquanto se esforçava para acompanhá-lo.

— Qualquer coisa que mantenha minha mente ocupada, minha querida — disse Waxillium.

Ferrugem e Ruína… Ele estava tão nervoso que se flagrou levando a mão para dentro do casaco e tateando o cabo de sua Immerling 44-S.

Era uma boa arma; não tão boa quanto as de Ranette, mas pequena e adequada para um cavalheiro. Tinha decidido que seria um lorde, e não um homem da lei, mas isso não significava que sairia por aí desarmado. Isso… bem, isso seria simplesmente insano.

— Há um assunto — disse a srta. Grimes, com uma expressão de desgosto. Ela era a governanta da Casa Ladrian havia vinte anos. — Perdemos outro carregamento de aço ontem à noite.

Waxillium estacou no corredor.

— O quê? De novo?

— Infelizmente, milorde.

— Que desgraça. Estou começando a pensar que os ladrões escolheram

apenas a nós como alvos.

— É apenas nosso segundo carregamento — disse ela. — A Casa Tekiel já perdeu cinco carregamentos.

— Quais são os detalhes? — perguntou ele. — O desaparecimento. Onde aconteceu?

— Bem…

— Não, não me diga — pediu ele, erguendo a mão. — Não posso me dar ao luxo de me distrair.

A srta. Grimes lhe lançou um olhar inexpressivo, pois provavelmente esse era o motivo pelo qual evitara lhe dizer isso antes do encontro com Lorde Harms. Waxillium tocou o corrimão e sentiu o olho esquerdo tremer. Alguém estava executando uma operação organizada e altamente eficiente para roubar o conteúdo de vagões inteiros. Estavam sendo chamados de Desaparecidos. Talvez ele pudesse dar uma sondada e…

Não, disse a si mesmo com seriedade. *Não é minha obrigação. Não mais.* Ele iria às autoridades e talvez contratasse alguns guardas ou investigadores. Não sairia para perseguir bandoleiros.

— Tenho certeza de que os policiais encontrarão os responsáveis e os levarão à justiça — disse Waxillium, com alguma dificuldade. — Acha que Lorde Harms já esperou o bastante? Acho que sim. Não foi tempo demais, foi? — Waxillium virou-se e voltou pelo caminho que tinha vindo. Tillaume revirou os olhos quando ele passou.

Waxillium chegou às escadas. Um jovem, usando um colete verde dos Ladrian e uma camisa branca, estava subindo.

— Lorde Ladrian! — disse Kip. — O correio chegou.

— Algum pacote?

— Não, milorde — respondeu o garoto, entregando-lhe uma carta selada a sinete. — Apenas isto. Parece importante.

— Um convite para o jantar de casamento de Yomen e Ostlin — arriscou a srta. Grimes. — Talvez seja uma boa oportunidade para sua primeira aparição em público com a srta. Harms.

— Isso não foi decidido! — protestou Waxillium quando pararam no último degrau da escadaria. — Eu mal toquei no assunto com Lorde Harms, e, mesmo assim, você praticamente já nos casou. É inteiramente possível que eles prefiram

encerrar esse assunto, como aconteceu com Lady Entrone.

— Vai dar certo, jovem mestre — disse a srta. Grimes. Ela estendeu a mão, ajustando o lenço no bolso dele. — Tenho um faro de Abrandador para essas questões.

— Percebe que tenho 42 anos? “Jovem mestre” não cabe mais.

Ela deu um tapinha na bochecha dele. A srta. Grimes considerava qualquer homem solteiro uma criança, o que era terrivelmente injusto, considerando que *ela* nunca havia se casado. Ele evitou lhe falar sobre Lessie; a maior parte de sua família na cidade não sabia sobre ela.

— Muito bem — disse Waxillium, virando-se e andando a passos largos na direção da sala de estar. — Lá vou eu para a boca da fera.

Limmi, chefe dos empregados do térreo, aguardava ao lado da entrada. Ela ergueu a mão quando Waxillium se aproximou, como se fosse falar algo, mas ele deslizou o convite para o jantar entre dois dedos dela.

— Prepare uma resposta afirmativa para isso, por favor, Limmi — ordenou ele. — Informe que vou jantar com a srta. Harms e seu pai, mas segure a carta até eu terminar minha reunião aqui. Eu aviso se vamos enviá-la ou não.

— Sim, milorde, mas…

— Está tudo bem — disse ele, abrindo a porta. — Não posso manter o…

Lorde Harms e sua filha *não* estavam na sala de jantar. Em vez deles, Waxillium encontrou um homem esbelto, de rosto redondo e queixo pontudo, com mais ou menos 30 anos e barba por fazer de alguns dias. Usava um chapéu de aba larga, no estilo das Terras Brutas, com as laterais curvadas levemente para cima, e um sobretudo de couro. Estava mexendo num dos pequenos relógios que ficavam na prateleira acima da lareira.

— Ei, Wax — disse o homem, com um sorriso no rosto. Ele ergueu o relógio. — Posso trocar isso com você?

Waxillium rapidamente fechou a porta.

— Wayne? O que está *fazendo* aqui?

— Olhando suas coisas, meu chapa — respondeu Wayne. Ele ergueu o relógio, avaliando-o. — Quanto vale, três ou quatro barras? Tenho uma garrafa de um bom uísque que talvez valha o mesmo.

— Você precisa dar o fora daqui! — disse Waxillium. — Você deveria estar em Intempérie. Quem está cuidando do lugar?

— Barl.

— Barl! Ele é um canalha.

— Também sou.

— Tudo bem, mas você é o canalha que *eu* escolhi para esse trabalho. Poderia ao menos ter chamado Miles.

— *Miles?* — perguntou Wayne. — Cara, Miles é um ser humano *horrível*. Ele prefere atirar em um homem a perder tempo descobrindo se o camarada era culpado ou não.

— Miles mantém a cidade limpa — comentou Waxillium. — E salvou minha vida algumas vezes. Mas isso não importa. Eu disse para *você* cuidar de Intempérie.

Wayne inclinou o chapéu para Waxillium.

— É verdade, Wax, mas você não é mais vigilante. E, quanto a mim, tive coisas importantes para resolver. — Ele olhou para o relógio, embolsou-o e pôs uma garrafinha de uísque em seu lugar na prateleira. — Agora, senhor, precisarei fazer algumas perguntas. — Ele puxou uma caderneta e um lápis de dentro do sobretudo. — Onde o senhor esteve ontem, por volta da meia-noite?

— O que isso… — Waxillium foi interrompido pela campainha. — Ferrugem e Ruína! São gente de alta classe, Wayne. Gastei meses para persuadi-los de que não sou um rufião. Preciso que você vá *embora* daqui. — Waxillium avançou, tentando fazer com que o amigo fosse na direção da saída.

— Ora, mas esse é um comportamento suspeito, né, não? — disse Wayne, rabiscando algo na caderneta. — Fugindo de perguntas, parecendo ansioso. O que está escondendo, senhor?

— Wayne — disse Waxillium, agarrando o braço do homem. — Parte de mim agradece muito que você tenha vindo até aqui me irritar, e fico feliz em vê-lo, mas *não é um bom momento*.

Wayne deu uma risadinha.

— Está achando que vim até aqui por sua causa. Não acha que isso é um pouco arrogante?

— Para que mais teria vindo?

— Carregamento de comida — disse Wayne. — Um trem saiu de Elendel há quatro dias e chegou a Intempérie com um vagão inteiro vazio. E agora ouvi dizer que você perdeu recentemente dois carregamentos para esses

“Desaparecidos”. Vim para interrogá-lo. É bem suspeito, como eu disse.

— Suspeito… Wayne, eu *perdi* dois carregamentos. Eu que fui roubado! Por que isso faz de mim um suspeito?

— Como eu vou saber como sua mente de gênio deturpada e criminosa funciona, meu chapa?

Passos soaram do lado de fora da sala. Waxillium olhou de relance para a porta e de volta para Wayne.

— Neste momento, minha mente de gênio criminosa está se perguntando se eu poderia enfiar seu cadáver em algum lugar que não seja muito óbvio.

Wayne deu uma risadinha, recuando.

A porta foi aberta.

Waxillium girou, vendo Limmi segurar a porta aberta com certo acanhamento. Um homem corpulento num terno muito elegante apareceu do outro lado, segurando uma bengala de madeira escura. Tinha um bigode que descia até o pescoço grosso e seu colete envolvia uma gravata de um vermelho profundo.

— … dizendo que não importa quem ele está recebendo! — disse Lorde Harms. — Ele vai querer falar comigo! Tínhamos um *compromisso* e… — Lorde Harms parou, percebendo que a porta estava aberta. — Ah! — Entrou a passos largos na sala.

Atrás dele, vieram uma mulher de aparência séria e cabelo dourado preso num coque firme — sua filha, Steris — e uma mulher mais jovem, que Waxillium não reconheceu.

— Lorde Ladrian — disse Harms —, acho *muito* inadequado ficar esperando. E quem é esse aí que o senhor está recebendo no meu lugar?

Waxillium suspirou.

— É meu velho…

— Tio! — interrompeu Wayne, avançando, com a voz alterada para um som rouco sem nenhum sotaque do interior. — Sou o tio Maksil. Apareci de repente hoje de manhã, meu bom homem.

Waxillium levantou uma sobrancelha quando Wayne avançou. Tinha retirado o chapéu e o sobretudo e colado no rosto um bigode falso muito realista com alguns fios grisalhos. Fazia uma careta bem leve para produzir mais algumas rugas ao redor dos olhos. Era um ótimo disfarce, que fazia com que parecesse

alguns anos mais velho que Waxillium, em vez de dez anos mais novo.

Waxillium olhou para trás. O sobretudo estava dobrado no chão, ao lado de um dos sofás, com o chapéu sobre ele e um par de bastões de duelo cruzados ao lado da pilha. Waxillium nem sequer notara a troca — claro que Wayne a tinha feito enquanto estava numa bolha de velocidade. Wayne era um Deslizante, um alomântico de curvaliga, capaz de criar uma bolha de tempo comprimido ao seu redor. Ele frequentemente usava esse poder para mudar de vestimentas.

Também era um Duplonato, como Waxillium, embora sua capacidade feruquêmica de se curar rapidamente de ferimentos não fosse tão útil fora de combate. Ainda assim, os dois formavam uma combinação muito potente.

— Tio, o senhor disse? — perguntou Lorde Harms, cumprimentando Wayne com um aperto de mão.

— Do lado materno! — completou Wayne. — Não do lado Ladrian, claro. Do contrário, eu estaria cuidando deste lugar, hein? — Não parecia em nada consigo mesmo, mas essa era a especialidade de Wayne. Ele dizia que três quartos de um disfarce eram sotaque e voz. — Fazia tempo que eu queria vir dar uma olhada no rapaz. Ele tem um passado meio violento, sabe? Precisa de uma mão firme para garantir que não volte para esse caminho desagradável.

— Sempre pensei a mesma coisa! — concordou Lorde Harms. — Acho que temos permissão para sentar, não é, Lorde Ladrian?

— Sim, claro — disse Waxillium, olhando feio para Wayne. *Sério?*, era o que dizia aquele olhar. *Vamos mesmo fazer isso?*

Wayne apenas deu de ombros. Então se virou para tomar a mão de Steris e curvou a cabeça educadamente.

— E quem é essa criatura adorável?

— Minha filha, Steris. — Harms sentou-se. — Lorde Ladrian? O senhor não contou ao seu tio sobre nossa chegada?

— Fiquei tão surpreso com a chegada dele que não tive a oportunidade — disse Waxillium. Ele tomou a mão de Steris e curvou a cabeça também.

Ela o olhou de cima a baixo com uma expressão crítica, e então seus olhos se voltaram para o sobretudo e o chapéu dobrados no canto. Seus lábios se curvaram para baixo. Sem dúvida, supôs que eram dele.

— Esta é minha prima, Marasi — disse Steris, meneando a cabeça para a mulher atrás dela. Marasi tinha cabelo escuro, olhos grandes e lábios vermelhos

brilhantes. Olhou para baixo, discreta, assim que Waxillium se virou para ela. — Passou a maior parte da vida nos Campos Externos e é bem tímida, então, por favor, não a incomode.

— Eu não sonharia em fazer isso — comentou Waxillium. Esperou até as mulheres estarem sentadas ao lado de Lorde Harms e depois se sentou num sofá menor de frente para eles e para a porta. Havia outra saída da sala, mas ele havia descoberto que havia uma tábua rangente no caminho que levava até lá, o que era ideal. Dessa forma, ninguém poderia chegar de mansinho. Homem da lei ou lorde, ele não gostava da ideia de tomar um tiro pelas costas.

Wayne acomodou-se com recato numa cadeira à direita de Waxillium. Todos trocaram olhares por um momento bem longo. Wayne bocejou.

— Bem — disse Waxillium —, talvez eu deva começar perguntando sobre sua saúde.

— Talvez deva — respondeu Steris.

— Hum, sim. Como está de saúde?

— Bem.

— Waxillium também — acrescentou Wayne.

Todos se viraram para ele.

— Ele está de terno e tudo o mais. Está bem. Bem-vestido. Hum... É de mogno?

— Isto? — perguntou Lorde Harms, erguendo a bengala. — Sim. Herança de família.

— Milorde Waxillium — interrompeu Steris, séria. Parecia não gostar de jogar conversa fora. — Talvez possamos dispensar a tagarelice vazia. Todos sabemos qual é a natureza desta reunião.

— Sabemos? — perguntou Wayne.

— Sim — respondeu Steris, com a voz fria. — Lorde Waxillium, o senhor goza de uma reputação infeliz. Seu tio, que esteja com o Herói, manchou o nome Ladrian com sua reclusão social, suas ocasionais investidas imprudentes na política e seu aventureirismo flagrante. O senhor vem das Terras Brutas, o que agrega uma boa dose de má reputação à casa, especialmente considerando suas ofensas a várias casas durante suas primeiras semanas na cidade. Além de tudo isso, sua casa está quase falida. Contudo, nós também estamos numa situação desesperada. Nossas condições financeiras são excelentes, mas nosso nome é

desconhecido entre a nata da sociedade. Meu pai não tem um herdeiro homem a quem dar o nome de sua família, e assim uma união entre nossas casas faz todo o sentido.

— Como a senhorita é lógica, minha cara — disse Wayne, com um sotaque da alta classe rolando de sua língua como se tivesse nascido com ele.

— Realmente — disse ela, ainda observando Waxillium. Ela pegou sua bolsa. — Suas cartas e conversas com meu pai foram suficientes para nos persuadir de sua intenção, e seu comportamento público durante esses últimos meses na cidade provou-se animadoramente mais sóbrio que sua grosseria inicial. Então, tomei a liberdade de redigir um contrato que creio se adequar às nossas necessidades.

— Um… contrato? — perguntou Waxillium.

— Ah, estou tão ansioso para vê-lo — acrescentou Wayne. Ele enfiou a mão no bolso distraidamente e tirou algo que Waxillium não pôde identificar.

O “contrato” era um documento longo com, no mínimo, vinte páginas. Steris entregou uma cópia para Waxillium e uma para seu pai, e ficou com uma terceira.

Lorde Harms tossiu.

— Sugeri que ela escrevesse suas ideias — disse ele. — E… bem, minha filha é uma mulher muito eficiente.

— Percebi — disse Waxillium.

— Sugiro que você nunca peça a ela para passar o leite — acrescentou Wayne, num sussurro, para que apenas Waxillium pudesse ouvir. — Ela é capaz de jogar a vaca em você apenas para ter certeza de que o trabalho foi eficiente.

— O documento é dividido em várias partes — disse Steris. — A primeira descreve nossa fase de cortejo, na qual faremos avanços óbvios, mas não muito apressados, para o noivado. Durará tempo suficiente para a sociedade começar a nos ver como um casal. O noivado não deve ser tão rápido que pareça um escândalo, mas também não pode ser muito lento. Pelas minhas estimativas, oito meses devem bastar aos nossos objetivos.

— Entendo — disse Waxillium, folheando as páginas.

Tillaume entrou, trazendo uma bandeja com chá e bolos e a deixando num aparador ao lado de Wayne.

Waxillium balançou a cabeça, fechando o contrato.

— Não parece um pouco… frio para você?

— Frio?

— Não deveria haver espaço para um romance?

— Mas há — disse Steris. — Página treze. Quanto ao casamento, não haverá mais que três encontros conjugais por semana e não menos que um até haver um herdeiro adequado. Depois disso, o mesmo número se aplicará a um período de duas semanas.

— Ah, claro — disse Waxillium. — Página treze. — Ele olhou para Wayne. Ele havia tirado uma *bala* do bolso? Wayne a estava rolando entre os dedos.

— Se não for o bastante para satisfazer suas necessidades — acrescentou Steris —, a próxima página detalha os protocolos adequados em relação a uma amante.

— Espere aí! — disse Waxillium, sem mais olhar Wayne. — Seu documento permite *amantes*?

— Claro — confirmou Steris. — Elas são um simples fato da vida, e por isso é melhor contar com elas do que ignorá-las. No documento, você encontrará os pré-requisitos para suas amantes junto com regras de discrição.

— Entendi — disse Waxillium.

— Claro que vou seguir as mesmas diretrizes — continuou Steris.

— Você tem planos de ter um amante, milady? — perguntou Wayne, interessado.

— Eu teria permissão para meus namoricos — comentou ela. — Em geral, o cocheiro é o escolhido. Mas, claro, vou me abster até serem produzidos herdeiros. Não pode haver nenhuma confusão sobre a linhagem.

— Claro — disse Waxillium.

— Isso está no contrato. Página quinze.

— Não duvido que esteja.

Lorde Harms tossiu novamente. Marasi, a prima de Steris, manteve uma expressão indiferente e tinha ficado com a cabeça baixa durante a conversa. Por que a trouxeram?

— Filha — disse Lorde Harms —, talvez devêssemos conversar sobre tópicos menos pessoais por um momento.

— Muito bem — concordou Steris. — *Há* algumas coisas que eu gostaria de

saber. O senhor é religioso, Lorde Ladrian?

— Eu sigo o Caminho — respondeu Waxillium.

— Hum — disse ela, tamborilando com os dedos sobre o contrato. — Bem, é uma escolha segura, mesmo que um tanto tola. Eu, por exemplo, nunca entendi por que as pessoas seguem uma religião cujo deus proíbe *especificamente* a adoração a ele.

— É complicado.

— É o que os caminhantes gostam de dizer, ao mesmo tempo que tentam explicar como sua religião é simples.

— Isso é complicado também — insistiu Waxillium. — Mas um tipo simples de complicado. A senhorita é sobrevivencialista, suponho.

— Sou.

Ótimo, pensou Waxillium. Bem, os sobrevivencialistas não eram *muito* ruins. Alguns deles, ao menos. Ele se levantou. Wayne ainda estava brincando com aquele projétil.

— Alguém gostaria de um pouco de chá?

— Não — respondeu Steris, com um aceno, analisando seu documento.

— Sim, por favor — disse Marasi, em voz baixa.

Waxillium atravessou a sala até o aparador com chá.

— Que estantes bonitas — comentou Wayne. — Queria ter estantes assim. Olhe só... Olhe só. E… estamos dentro.

Waxillium virou-se. Os três convidados tinham olhado para as estantes, e, assim que se viraram, Wayne começara a queimar curvaliga e criara uma bolha de velocidade.

A bolha cobriu cerca de um metro e meio ao seu redor, incluindo apenas Wayne e Waxillium, e, uma vez que Wayne a formava, não conseguia movê-la. Anos de familiaridade permitiam que Waxillium discernisse a fronteira da bolha, que era marcada por uma leve tremulação no ar. Para aqueles dentro da bolha, o tempo fluía muito mais rapidamente do que para quem estava fora.

— E aí? — perguntou Waxillium.

— Ah, acho que a quietinha é bem bonita — comentou Wayne, voltando ao seu sotaque. — Mas a alta é insana. Ferrugem!, ela é, sim.

Waxillium serviu um pouco de chá para si. Harms e as duas mulheres

pareciam congelados no sofá, quase como estátuas. Wayne estava avivando seu metal, usando o máximo de força para criar alguns momentos privados.

Essas bolhas podiam ser muito úteis, embora não da maneira que as pessoas esperavam. Não era possível atirar de dentro delas… bem, era possível, mas algo na barreira criava interferência. Se um tiro fosse disparado dentro de uma bolha de velocidade, a bala diminuiria sua velocidade assim que atingisse o tempo normal e se moveria erraticamente para fora do trajeto. Isso tornava quase impossível mirar quando se estava dentro de uma.

— Ela é um partido muito bom — disse Waxillium. — É uma solução ideal para nós dois.

— Olha só, meu chapa, só porque Lessie…

— Não tem *nada* a ver com Lessie.

— Opa, calma. — Wayne ergueu a mão. — Não precisa ficar nervoso.

— Não estou. — Waxillium respirou fundo e, em seguida, continuou com mais suavidade. — Não estou nervoso. Mas não tem nada a ver com Lessie. Tem a ver com as minhas obrigações.

Que desgraça, Wayne. Eu estava quase conseguindo não pensar nela. O que Lessie diria se visse o que ele estava fazendo? Gargalharia, provavelmente. Gargalharia do ridículo daquilo, gargalharia pelo desconforto dele. Não era ciumenta, talvez porque nunca tivesse tido motivos para sê-lo. Com uma mulher como ela, por que Waxillium iria querer olhar para outra?

Ninguém jamais chegaria aos pés dela, mas felizmente isso não importava. O contrato de Steris de fato parecia bom, e o ajudaria a seguir em frente. Talvez até diminuísse um pouco a dor.

— Esta é minha obrigação agora — repetiu Waxillium.

— Suas obrigações costumavam envolver salvar pessoas — disse Wayne —, não se casar com elas.

Waxillium agachou-se ao lado da cadeira.

— Wayne, não posso voltar a ser o que eu era. Você vir até aqui e se intrometer na minha vida não vai mudar nada. Sou uma pessoa diferente agora.

— Se você queria se transformar numa pessoa diferente, não poderia ter escolhido uma menos feia?

— Wayne, isso é *sério*.

Wayne ergueu a mão, girando o cartucho entre os dedos e apontando com ele.

— Isso também é.

— O que *é* isso?

— Bala. Você usa para atirar nas pessoas. Com sorte, nas malvadas… ou, ao menos, naquelas que te devem uma barra ou duas.

— Wayne…

— Eles estão virando novamente para cá. — Wayne deixou o cartucho sobre a bandeja de chá.

— Mas…

— Hora de tossir. Três. Dois. Um.

Waxillium xingou baixinho, mas embolsou a bala e se manteve firme. Começou a tossir alto enquanto a bolha de velocidade estourava, restaurando o tempo normal. Para os três visitantes, apenas segundos tinham transcorrido, e, aos seus ouvidos, a conversa de Waxillium e Wayne fora acelerada a ponto de a maioria ficar inaudível. A tosse cobriria o restante.

Nenhum dos três visitantes pareceu notar nada de incomum. Waxillium serviu o chá (naquele dia, era de um vermelho-escuro profundo, como um chá de fruta doce) e o levou a Marasi. Ela o pegou, e ele voltou a se sentar, segurando sua xícara numa das mãos e apertando o cartucho com a outra. Tanto o projétil como o estojo da bala de calibre médio pareciam de aço, mas o cartucho inteiro era leve demais. Ele franziu a testa, erguendo-o.

Sangue no rosto dela. Sangue nas paredes de tijolos.

Ele estremeceu, lutando contra aquelas lembranças. *Que desgraça, Wayne,* pensou.

— O chá está delicioso — disse Marasi, em voz baixa. — Obrigada.

— De nada — disse Waxillium, forçando a mente a voltar à conversa. — Lady Steris, vou considerar o contrato. Obrigado por redigi-lo. Mas, na verdade, eu esperava que a senhorita permitisse que eu soubesse mais sobre sua pessoa nesta reunião.

— Estou trabalhando numa autobiografia. Talvez eu envie ao senhor um capítulo ou dois pelo correio.

— Isso é… bem pouco convencional de sua parte — disse Waxillium. — No

entanto, eu apreciaria lê-los. Mas, por favor, me conte sobre a senhorita. Quais são seus interesses?

— Normalmente, eu gosto de ver peças. — Ela fez uma careta. — No Coolerim, na verdade.

— Estou perdendo alguma coisa? — perguntou Waxillium.

— O teatro Coolerim — comentou Wayne, inclinando-se para a frente. — Foi roubado no meio de uma apresentação duas noites atrás.

— Não soube? — perguntou Lorde Harms. — Estava em todos os jornais importantes.

— Alguém se feriu?

— Não no roubo, mas eles levaram um refém quando escaparam — respondeu Lorde Harms.

— Uma coisa *horrenda* — disse Steris. — Ninguém teve notícia de Armal ainda. — Ela parecia enjoada.

— A senhorita a conhecia? — perguntou Wayne, esquecendo um pouco o sotaque falso quando seu interesse aumentou.

— Prima — respondeu Steris.

— Assim como… — perguntou Waxillium, meneando a cabeça para Marasi.

Os três olharam-no com expressões confusas por um momento, até que Lorde Harms interveio.

— Ah, não. Do outro lado da família.

— Interessante — comentou Waxillium, recostando-se na cadeira, o chá ignorado em sua mão. — E ambicioso. Roubar um teatro inteiro? Quantos ladrões eram?

— Dúzias — disse Marasi. — Talvez uns trinta, segundo os relatos.

— Um belo bando. Significa que havia outros oito apenas para levá-los embora. E veículos para escapar. Impressionante.

— Foram os Desaparecidos — disse Marasi. — Aqueles que também roubam em ferrovias.

— Isso não está provado — retrucou Wayne, apontando para ela.

— Não, mas uma das testemunhas de um assalto à ferrovia descreveu vários homens que estavam no roubo do teatro.

— Espere aí — disse Waxillium. — Houve testemunhas de um dos roubos ferroviários? Pensei que tivessem acontecido em segredo. Algo sobre um trem fantasma aparecendo nos trilhos?

— Sim — confirmou Wayne. — Os maquinistas param para investigar e, provavelmente, entram em pânico, mas o trem fantasma desaparece antes que eles consigam entender o que aconteceu. Eles continuam, mas, quando chegam ao fim da linha, um dos vagões do trem está vazio. Ainda trancado, sem sinais de arrombamento, mas sem nenhuma carga.

— Então, ninguém vê os criminosos — concluiu Waxillium.

— Os recentes foram diferentes — disse Marasi, cada vez mais animada. — Começaram a roubar vagões de passageiros também. Quando o trem para, os homens entram nos vagões e começam a vasculhar, recolhendo joias e carteiras dos passageiros. Levam uma mulher como refém, ameaçando matá-la se alguém os seguir, e fogem. O vagão de carga também é roubado.

— Curioso — disse Waxillium.

— Sim — concordou Marasi. — Acho que…

— Minha querida — interrompeu Lorde Harms —, você está incomodando o Lorde Ladrian.

Marasi enrubesceu e abaixou os olhos.

— Não foi incômodo nenhum — disse Waxillium, tamborilando na xícara de chá.

— Isso é uma *bala* em seus dedos? — perguntou Steris, apontando.

Waxillium olhou para baixo, percebendo que estava rolando o cartucho entre o indicador e o dedão. Fechou a bala no punho antes que as lembranças pudessem retornar.

— Não é nada.

Ele lançou um olhar feio para Wayne, que lhe falou algo sem emitir som. *Empurre.*

— Tem *certeza* de que seu passado nada convencional ficou para trás, Lorde Ladrian? — perguntou Steris.

— Ah, ele tem sim — comentou Wayne, fazendo careta. — Não precisa se preocupar com *ele* não ser convencional. Ora, ele é chato pra dedéu! Incrivelmente, comicamente, bizarramente *chato*. Você encontraria mais empolgação num mendigo esperando na fila do sopão em dia de carne de rato.

Isso…

— Obrigado, *tio* — disse Waxillium secamente. — Sim, Steris, meu passado é apenas isso: passado. Estou comprometido com minhas obrigações como chefe da Casa Ladrian.

— Muito bem. Precisaremos de uma entrada formal na alta sociedade como casal, algum tipo de evento público — disse ela.

— Que tal o jantar de casamento de Yomen e Ostlin? — sugeriu Waxillium, distraído. *Empurre.* — Acabei de receber um convite.

— Uma ideia excelente. — disse Lorde Harms. — Também fomos convidados.

Empurre. Waxillium enfiou a mão na manga esquerda e pegou às escondidas um punhado de raspas de aço que mantinha numa bolsinha ali, jogando-as no chá e tomando. Aquilo não lhe deu muita reserva, mas era suficiente.

Queimou aço, e as familiares linhas azuis saltaram ao redor dele apontando para todas as fontes próximas de metal.

Exceto a que estava em seus dedos.

Alumínio, entendeu ele. *Não me surpreende que seja leve.*

O alumínio e algumas de suas ligas eram alomanticamente inertes, o que significava que não era possível *empurrá-los* ou *puxá-los*. Também era *muito* caro. Mais do que ouro ou platina.

A bala tinha sido projetada para matar Lançamoedas e Atraidores, homens como o próprio Waxillium. Aquilo lhe causou um arrepio, e ele apertou ainda mais a bala. Houve dias em que daria sua melhor arma por algumas balas de alumínio, embora nunca tivesse ouvido falar de uma liga que produzisse uma bala com boa balística.

Onde?, perguntou, movendo a boca para Wayne. *Onde conseguiu isso?*

Wayne apenas meneou a cabeça para os convidados, que estavam olhando diretamente para Waxillium.

— Você está bem, Lorde Ladrian? — perguntou Steris. — Conheço um ótimo consultor de zinco, se tiver necessidade de alguma ajuda emocional.

— Hum… não. Obrigado. Estou muito bem. E acho que esta reunião foi muito produtiva. Não concorda?

— Depende — disse ela, levantando-se e aparentemente tomando aquela

frase como um convite para encerrar a conversa. — A festa de casamento é amanhã, acredito eu. O senhor já terá revisado o contrato até lá?

— Já, sim — disse Waxillium, levantando-se também.

— *Eu* acho que esta reunião foi maravilhosa — disse Wayne enquanto se levantava. — A senhorita é exatamente do que meu sobrinho precisa, Lady Steris! Mão firme. Nada daqueles bagunceiros com quem ele estava acostumado.

— Concordo! — disse Lorde Harms. — Lorde Ladrian, talvez seu tio possa comparecer ao jantar…

— Não — disse Waxillium antes que Wayne pudesse dizer qualquer coisa. — Não, infelizmente ele precisa voltar às suas terras. Ele me disse isso mais cedo. Tem que acompanhar um parto importante de uma égua.

— Ah, se é assim — disse Lorde Harms, ajudando Marasi a se levantar. — Enviaremos ao senhor a confirmação assim que tivermos aceitado o convite de Yomen.

— E eu farei o mesmo — disse Waxillium, acompanhando-os até a porta da sala. — Até logo.

Tillaume fez uma reverência para eles e os acompanhou até lá fora. Sua partida pareceu apressada para Waxillium, mas ele ficou aliviado. Considerando a intrusão repentina de Wayne, tudo tinha corrido realmente bem. Ninguém tentara atirar nele.

— Pessoal legal — comentou Wayne. — Agora entendo o que você está fazendo. Com uma mulher e parentes como esses, vai se sentir em casa aqui… exatamente como os bandidos se sentem nas cadeias de Intempérie!

— Muito bem — disse Waxillium entre os dentes, acenando uma última vez enquanto a família Harms saía pela porta da mansão. — Onde conseguiu a bala?

— Foi deixada no roubo ao teatro. Troquei com os policiais hoje de manhã.

Waxillium fechou os olhos. Wayne tinha uma interpretação muito liberal do que significava “trocar”.

— Ah, não fique assim — disse Wayne. — Deixei um belo paralelepípedo para eles. Aliás, acho que Steris e o papai dela estão convencidos de que você é maluco. — Ele abriu um sorrisinho.

— Isso não é novidade nenhuma. Há anos minha associação com você convence as pessoas de que sou insano.

— Rá! E eu aqui pensando que você tinha perdido seu senso de humor. —

Wayne voltou para a sala. Tirou um lápis do bolso enquanto passava por uma mesa, trocando-o por uma das canetas de Waxillium.

— Meu senso de humor não está perdido, Wayne — respondeu Waxillium —, apenas reduzido. O que eu disse é verdade, e essa bala não muda nada.

— Talvez não — comentou Wayne, pegando chapéu, sobretudo e bastões de duelo. — Mas ainda vou ver o que posso descobrir.

— Não é seu trabalho.

— E não era seu trabalho caçar criminosos fora das Terras Brutas. Isso não muda o que precisa ser feito, meu chapa. — Wayne aproximou-se de Waxillium e lhe entregou o chapéu. Quando Waxillium o pegou, Wayne vestiu seu casaco.

— Wayne…

— Estão levando as pessoas, Wax — disse ele, pegando o chapéu de volta e encaixando-o na cabeça. — Quatro reféns até agora. Nenhum retornou. Roubar joias é uma coisa. Levar a comida das Terras Brutas é outra. Sequestrar pessoas… bem, alguma coisa está acontecendo. Vou descobrir o que é. Com ou sem você.

— Sem mim.

— Ótimo. — Ele hesitou. — Mas preciso de um favor, Wax. Um ponto de partida. Você sempre foi o cara das ideias.

— Sim, ter um cérebro ajuda, surpreendentemente.

Wayne estreitou os olhos para ele. Em seguida, ergueu as sobrancelhas, suplicante.

— Tudo bem — disse Waxillium, suspirando e pegando sua xícara de chá. — Quantos assaltos até agora?

— Oito. Sete vagões e o mais recente no teatro.

— Quatro reféns?

— Isso. Nos últimos três roubos. Duas foram levadas de um dos trens e outra no roubo ao teatro. Todas são mulheres.

— Mais fáceis de dominar — comentou Waxillium distraidamente, tamborilando na xícara. — E é mais provável que os homens fiquem preocupados com a possibilidade de serem mortas caso tentem uma perseguição.

— Precisa saber o que foi roubado? — perguntou Wayne, levando a mão ao bolso do sobretudo. — Troquei uma lista com um dos policiais…

— Não importa. — Waxillium bebeu um gole da xícara. — Ou, ao menos, a maior parte não importa. O que está acontecendo não tem a ver com os roubos.

— Não…?

— Não. Bando grande. Bem financiado… muito bem financiado. — Ele pegou a bala e olhou para ela. — Se realmente quisessem dinheiro, estariam roubando transportes de ouro ou bancos. Os assaltos provavelmente são uma distração. Se você quiser os cavalos de um homem, a melhor coisa a fazer pode ser soltar os porcos dele. Enquanto ele persegue os bichos, você rouba os cavalos. — Ele fez uma pausa e continuou: — Eu aposto que esses Desaparecidos estão atrás de outra coisa, algo improvável. Talvez um item ignorado entre tudo o que foi levado. Ou talvez seja um caso de extorsão, e eles planejem começar a pedir dinheiro para proteger o povo da cidade. Veja se alguém foi contatado sobre isso. Aliás, eu não fui. — Depois, completou: — Se isso não der em nada, estude as reféns. Uma delas talvez estivesse carregando alguma coisa que fosse o objetivo *real* do roubo. Eu não ficaria surpreso se descobríssemos que é uma chantagem clandestina.

— Mas roubaram alguns trens antes de levar reféns.

— Sim — disse Waxillium. — E se deram bem. Não haveria motivo para se exporem roubando passageiros se lhes bastasse a carga roubada sem serem vistos ou impedidos. Estão atrás de outra coisa, Wayne. Confie em mim.

— Tudo bem. — O homem magro esfregou o rosto e finalmente tirou o bigode falso, enfiando-o no bolso. — Mas me diga uma coisa… Você não quer nem saber? Não te dá uma comichão?

— Não. — Isso não era bem verdade.

Wayne bufou.

— Eu acreditaria em você se pudesse dizer isso sem seu olho tremer, meu chapa. — Ele meneou a cabeça para a bala. — Percebi que você não se ofereceu para devolvê-la.

— Não. — Waxillium a enfiou no bolso.

— E você ainda está usando suas mentes de metal — comentou Wayne, meneando a cabeça para os braceletes escondidos pelos punhos das mangas de Waxillium. — Sem mencionar que ainda guarda aço debaixo da manga. E notei um catálogo de armas sobre a mesa também.

— Todo homem precisa de passatempos.

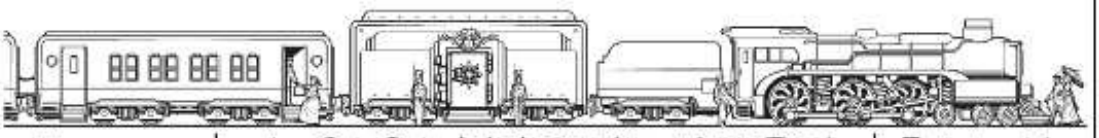
— Se você diz… — retrucou Wayne. Depois, deu um passo adiante, batendo um dedo no peito de Waxillium. — Mas sabe o que eu acho? Acho que está procurando desculpas para não desistir. Essa coisa é o que você é. E nenhuma mansão, nenhum casamento, nenhum *título* vai mudar isso. — Wayne inclinou o chapéu. — Você foi feito para ajudar as pessoas, meu chapa. É isso que você faz.

Com isso, Wayne saiu, raspando o batente da porta com seu sobretudo.

Diário de T

Conteúdo interessante para cada citante!

4 de Doxil de 341 — Edição 3ACJE6



Uma nova história das Terras Brutas!

"EXPLORANDO OS POÇOS DE ELTANIA"

Em nossa série exclusiva, o alomântico Jak continua explorando as distantes Terras Brutas.

Neste episódio, ele escreve sobre os dias que passou nos abomináveis Poços de Eltania, onde tribos de koloss governam a terra e metais preciosos e desconhecidos podem ser descobertos. A história completa abaixo. Cem por cento verdade e escrito pelo próprio explorador!



A CASA TEKIEL EXIBE O "NADA-QUEBRA"

Anunciando que revolucionará a segurança e o transporte, Reshelle Tekiel apresentou hoje o novo vagão em estilo cofre de sua casa, feito para o transporte e a proteção de bens valiosos. O vagão está em exposição ao público na estação Ewergall até o dia 19.

Projetado especificamente em reação aos terríveis e cada vez mais frequentes ataques de grupos como os abomináveis Desaparecidos, o novo vagão Nada-Quebra foi fabricado com o melhor aço, projetado conforme os modelos mais modernos e selado por uma porta imensa com trança idêntica às encontradas nos cofres dos bancos de Tekiel.

Um mecanismo temporizador de sua trança cientificamente arançada garante que, uma vez fechado, o vagão só possa ser reaberto muito depois de ter chegado ao destino. Portanto, o Nada-Quebra permite que até os cavalheiros mais preocupados se tranquilizem, na certeza de que sua carga valiosa viajará sem ser molestada ao longo das linhas da Bacia de Elendel e além dessas terras.

De fato, essa é uma preocupação cada vez maior à luz dos recentes ataques àqueles que viajam pela ferrovia perto de nossa bela Elendel. Ninguém está seguro contra as ações ávidas dos Desaparecidos, despojando ladies e lordes de seus valores preciosos sob o cano de armas. Embora não tenha havido derramamento de sangue em seus ataques, recentemente começaram a adicionar sequestros à sua lista de pecados, e parece apenas uma questão de tempo até que comecem os ferimentos.

Em vez de esperar pelas maquinações dolorosamente lentas de outros lordes pela defesa de vidas e bens contra esses ladrões por meio de procedimentos do Senado, a Casa Tekiel mais uma vez se adiantou, com uma solução engenhosa que é uma ajuda ativa na batalha contra esses vilões.

O TREM FANTASMA!!

Descrito por testemunhas!

Neste relato angustiante, três testemunhas falam sobre a noite em que seu trem foi roubado pelos Desaparecidos. Uma delas é a própria maquinista, que explica em detalhes a aparição fantasmagórica. Descubra os fatos por si e entenda por que este fantasma é silencioso demais, brilhante demais e do outro mundo demais para não ser uma força do além. Especialistas da universidade compararam desastres de trem para determinar a origem da aparição, e as listas de mortes dão um vislumbre do que os fantasmas podem desejar. Reportagem exclusiva encontrada apenas aqui! No verso.

Existe vida do outro lado do oceano?

Dois anos atrás, o navio de exploração costeira *Vinha de Ferro* foi arrebatado por uma tempestade terrível e levado às profundezas do oceano. Longe da terra, não há maneira de navegar adequadamente, e os bravos navegantes se viram rezando por suas vidas enquanto engoliam os ratos para leite, na esperança de encontrar terra firme.

Harmonia os favoreceu, e, no fim das contas, encontraram terra — uma ilha estranha cheia de animais incomuns. Lá também encontraram um refugiado, um único sobrevivente com uma história terrível sobre seu barco ter sido capturado por um estranho povo marinho.

Agora, muito depois de seus entes queridos terem desistido deles, tomando-os por mortos, os navegadores retornaram à civilização, trazendo com eles esse refugiado. Sua história é aparvorante, preocupante e maravilhosa. Continue lendo para saber como descobrimos a verdade do povo dos recifes e de seus misteriosos Metais Descombucados. Leia a história inteira no verso.

Líder de sindicato abandona solidariedade aos membros do Partido do Sindicado do Comércio

Em uma surpreendente moca de linha partidária, o líder do Sindicato do Comércio, Elors Durnsed, anunciou sua intenção de deixar de lado qualquer objeção ao encerramento de negociações entre representantes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e a Cooperativa das Casas Nobres em suas constantes disputas para chegar a um acordo. Rumores de uma série de reuniões secretas entre o líder do sindicato e cidadãos comuns cujos interesses estão alinhados com as casas permanecem sendo fontes de

parte dos membros do Partido do Sindicado do Comércio entrevistados por este jornal. Um rebitador no canteiro de obras do Edifício Espinha de Ferro, que disse se chamar Brill, comentou com este repórter que o sr. Durnsed deveria "manter a cabeça fora desses assuntos se soubesse o que é o quê". Antes que pudesse explicar sua declaração, seu representante do sindicato local interveio e deu garantias de que o homem estava falando metaforicamente. No entanto, a disposição dos Rebitadores de Linha e Escavadores era decididamente contra o sr. Durnsed.

A decisão do líder do sindicado significa que o contrato, conforme escrito, mantém-se agora pelo restante do trimestre fiscal. Depois dessa revelação, as ações do setor estavam sendo negociadas em alta, e mesmo

ALIVIE-SE DE SUAS DORES!

A srta. Halex, alomântica, abriu um novo Salão de Abrandamento. Dentro de seus aposentos relaxantes, é possível encontrar alívio para o estresse, a ansiedade e as preocupações, saindo de lá com o coração leve e a cabeça nas alturas. Nosso repórter visitou o salão para uma reportagem detalhada sobre o que acontece nele. Uma massagem luxuosa, aromas adocicados e um Abrandador de plantão para aplicar uma "massagem emocional", deixando você tão bem por dentro quanto por fora. Leia a reportagem no verso, sétima coluna.

Feltri é um Tumultuador!

Correm rumores de que Alecran Feltri, há muito favorito

Explorando os Poços de Eltania

Meu querido editor e, por seu intermédio, meus amados leitores, espero que esta missiva os encontre bem e de posse de um ouvido disposto, pois os eventos incríveis que transpirnaram em minha recente experiência podem deixá-los incrédulos e chocados. Juro aos senhores, em declaração das mais sérias, que todas as palavras que escrevo aqui são verdadeiras e factuais. Vivi essas histórias para que os senhores possam saber sobre as Terras Brutas e as pessoas fascinantes que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além da razão cultivada.



incapazes de um trabalho artesanal tão belo.

especulação, e todas as questões | as ações da Casa Teixei, que | para conquistar o 2º assento dos | Quando escrevi minha missi- | Mas estou me prolongando

3



Oito horas depois, Waxillium estava em pé numa janela alta de sua mansão. Observava os últimos fragmentos de um dia moribundo. Eles se apagavam e ficavam pretos. Aguardou, com esperança, mas as brumas não vieram.

Que diferença faz?, pensou ele. *Você não vai sair de qualquer forma.* Ainda assim, desejava que as brumas aparecessem; sentia-se mais em paz quando elas estavam ali, observando. O mundo transformava-se num lugar diferente, um que sentia entender melhor.

Suspirou e atravessou seu gabinete. Acionou o interruptor, e as luzes elétricas se acenderam. Ainda causavam um deslumbramento nele. Embora ele soubesse que as "Palavras de Fundação" tinham dado pistas com relação à eletricidade, o que o homem havia criado ainda parecia incrível.

Ele atravessou a sala até a mesa do tio. Sua mesa. Em Intempérie, Waxillium usava uma mesa rústica, bamba. Agora tinha uma mesa forte e perfeitamente polida de carvalho. Sentou-se e começou a folhear os livros contábeis da casa. No entanto, não demorou muito até que seus olhos começassem a se voltar para uma pilha de jornais em sua poltrona. Havia pedido a Limmi que buscasse alguns para ele.

Em geral, ele ignorava os jornais. Reportagens sobre crimes faziam sua mente girar e impediam que se concentrasse nos negócios. Claro que, agora que pensamentos sobre os Desaparecidos tinham sido plantados em sua mente, ele teria problemas em deixá-los para lá e fazer qualquer coisa produtiva, ao menos até matar um pouco da curiosidade sobre o que estavam fazendo.

Talvez só um pouco de leitura, disse a si mesmo. *Para me atualizar sobre os últimos acontecimentos.* Não faria mal se informar; na verdade, talvez fosse importante para manter conversas com as pessoas.

Waxillium buscou a pilha e voltou à mesa. Foi fácil encontrar um relato

sobre os assaltos no jornal daquele dia. Outros periódicos tinham ainda mais informações. Ele havia comentado sobre os Desaparecidos com Limmi, e assim ela reunira alguns jornais destinados às pessoas que queriam uma coleção de todas as histórias recentes sobre eles. Eles reimprimiam matérias de semanas ou meses antes, com as datas originais da publicação das histórias. Pelo visto, esse tipo de jornal era popular, pois havia três diferentes de três empresas distintas. Parecia que todo mundo queria ficar atualizado sobre o que perdeu.

Pelas datas nas matérias reimpressas, os primeiros assaltos haviam acontecido muito antes do que Wax imaginara. Sete meses atrás, pouco antes de ele voltar a Elendel. Houve um lapso de quatro meses entre o primeiro desaparecimento de carga ferroviária e o segundo. O nome “Desaparecidos” só começou a ser usado depois do segundo ataque.

Os roubos eram semelhantes, exceto por aquele no teatro. Um trem era parado por uma distração nos trilhos — no início, uma árvore caída. Mais tarde, um trem fantasmagórico que surgia das brumas, viajando diretamente na direção do trem. Os maquinistas paravam, em pânico, mas o trem fantasma já havia desaparecido; então, retomavam a marcha.

Quando chegavam ao destino, descobriam que um dos vagões do trem havia sido esvaziado de toda a carga. As pessoas estavam atribuindo todos os tipos de poderes místicos aos ladrões, que pareciam ser capazes de passar pelas paredes e pelos vagões trancados. *Mas que cargas foram roubadas?*, pensou Waxillium, franzindo a testa. Os relatos do primeiro roubo não diziam qual era a carga, embora mencionassem que pertencia a Augustin Tekiel.

Tekiel era uma das casas mais ricas na cidade, localizada no Segundo Oitante, embora a família estivesse construindo seu novo arranha-céu no distrito comercial do Quarto Oitante. Waxillium releu os artigos e passou os olhos pelos jornais em busca de qualquer menção ao primeiro roubo antes de o segundo ocorrer.

O que é isso?, pensou ele, erguendo um jornal que incluía a reimpressão de uma carta que Augustin Tekiel havia escrito para publicação alguns meses antes. A carta denunciava policiais de Elendel, acusando-os de não proteger nem recuperar as cargas de Tekiel. O jornal imprimiu-a com alegria, dando-lhe até uma manchete: “Policiais incompetentes, critica Tekiel.”

Três meses. Tinha levado três meses para Tekiel dizer alguma coisa. Waxillium deixou de lado os jornais compilados, procurando outras menções em edições mais recentes. Não havia poucas; os roubos eram dramáticos e

misteriosos, duas coisas que vendiam muito jornal.

O segundo e o terceiro roubos foram de carregamentos de aço. Estranho. Um produto impraticável de carregar devido ao peso e não tão lucrativo quanto um simples assalto aos vagões de passageiros. O quarto roubo foi o que chamou a atenção de Wayne: alimentos embalados num trem a caminho das Terras Brutas do Norte. O quinto roubo foi o primeiro a envolver passageiros. O sexto e o sétimo também foram assim, sendo o sétimo o único em que os Desaparecidos levaram duas reféns em vez de uma.

Os últimos três assaltos tinham envolvido o roubo de um vagão de carga e também de passageiros. Metais em dois casos, alimentos em outro — ao menos era tudo que os jornais relatavam. A cada caso, os detalhes ficavam mais interessantes, pois os vagões de carga tinham sido mais bem protegidos, com travas mais sofisticadas e guardas no trem. Os assaltos aconteciam com uma rapidez incrível, considerando o peso dos bens levados.

Será que usam uma bolha de velocidade, como faz Wayne?, pensou Waxillium. Mas não. Era impossível se mover dentro ou fora de uma bolha de velocidade e seria impossível fazer uma grande o suficiente para facilitar esse tipo de assalto. Ao menos pelo que ele sabia até então.

Waxillium continuou a leitura. Houve um grande número de matérias com teorias, citações e relatos de testemunhas oculares. Muitos sugeriam a bolha de velocidade, mas os editoriais estraçalhavam essa possibilidade. Seria necessária muita mão de obra, mais do que poderia caber numa bolha de velocidade. Pensavam que era mais provável que um feruquemista capaz de aumentar sua força estivesse erguendo os materiais pesados dos carros e levando-os embora.

Mas para onde? E por quê? E como estavam burlando as trancas e os guardas? Waxillium recortou as matérias que achou interessantes. Poucas tinham alguma informação sólida.

Uma batida suave na porta o interrompeu quando estendia as matérias na mesa. Ergueu os olhos e viu Tillaume, segurando uma bandeja de chá e um cesto pendurado no braço.

— Chá, milorde?

— Seria maravilhoso.

Tillaume entrou e arrumou o chá num pequeno aparador ao lado da mesa, pegando uma xícara e um guardanapo branquíssimo.

— O senhor tem preferência?

Tillaume sabia fazer dezenas de variedades de chá a partir dos ingredientes iniciais mais simples, misturando-os e criando o que considerava ideal.

— Qualquer um.

— Milorde, o chá tem uma *grande* importância. Nunca deve ser simplesmente "qualquer um". Diga-me. O senhor pretende dormir logo?

Waxillium olhou para o arranjo de reportagens cortadas.

— Definitivamente, não.

— Muito bem. O senhor prefere algo que ajude a clarear as ideias?

— Seria bom.

— Doce?

— Não.

— Mentolado ou picante?

— Mentolado.

— Forte ou fraco?

— Hum… forte.

— Excelente — disse Tillaume, tirando vários potes e algumas colheres de prata de seu cesto e começando a misturar pós e pedacinhos de ervas numa xícara. — Milorde parece muito concentrado.

Waxillium tamborilou na mesa.

— Milorde está incomodado — disse Wax. — Jornais são *terríveis* fontes de pesquisa. Preciso saber o que estava no primeiro carregamento.

— O primeiro carregamento, milorde?

— Do primeiro vagão que os ladrões roubaram.

— A srta. Grimes observaria que o senhor parece estar voltando aos velhos hábitos, milorde.

— Felizmente, a srta. Grimes não está aqui. Além disso, o Lorde Harms e sua filha pareceram *perplexos* por eu não saber sobre os roubos. Preciso ficar a par dos eventos da cidade.

— É uma desculpa excelente, milorde.

— Obrigado — disse Waxillium, pegando a xícara de chá. — Eu mesmo quase me convenci disso. — Ele bebeu um gole. — Meu caro, pelas Asas de Preservação! Isso é *bom.*

— Obrigado, milorde. — Tillaume pegou o guardanapo, abriu-o e, em seguida, dobrou-o ao meio, deixando-o no braço da poltrona de Waxillium. — E *acredito* que a primeira coisa roubada foi um carregamento de lã. No início da semana, ouvi algumas pessoas conversando sobre isso no açougue.

— Lã. Isso não faz o menor sentido.

— Nenhum desses crimes faz muito sentido, milorde.

— Sim — disse Waxillium. — Infelizmente, esse é o tipo de crime mais interessante. — Ele bebeu mais um gole do chá. O aroma forte, mentolado, pareceu limpar seu nariz e sua mente. — Preciso de papel.

— O quê...

— Uma folha grande — continuou Waxillium. — A maior que puder encontrar.

— Verei o que temos, milorde — disse Tillaume.

Waxillium percebeu um leve suspiro de exasperação do homem, embora ele tenha saído do quarto para buscar o que foi pedido.

Quanto tempo havia passado desde que começara aquela pesquisa? Wax olhou para o relógio e ficou surpreso com a hora. Já era noite alta. Bem, agora já estava envolvido. Não dormiria até chegar a alguma conclusão. Levantou-se e começou a andar de um lado para outro, segurando a xícara de chá e o pires. Ficou longe das janelas. Com a iluminação do quarto, seria um alvo excelente para um atirador lá fora. Não que ele realmente achasse que *haveria* um, mas… bem, ele se sentia mais confortável assim.

Lã, pensou ele. Foi até a mesa e abriu um livro contábil, observando alguns números. Ficou tão absorto que não percebeu o tempo que passou até Tillaume retornar.

— Serve isto, milorde? — perguntou ele, trazendo um cavalete de pintor com um grande bloco de papel preso. — O velho Lorde Ladrian mantinha isso para sua irmã. Ela amava desenhar.

Waxillium olhou para o cavalete e sentiu um aperto no coração. Fazia séculos que não pensava em Telsin. Tinham sido muito distantes na maior parte da vida. Não era proposital, como a distância que manteve do tio; Waxillium e o antigo Lorde Ladrian tiveram suas diferenças. Não, sua distância em relação a Telsin havia nascido mais da preguiça. Vinte anos de separação, vendo a irmã poucas vezes, fizeram com que levasse a vida sem muito contato com ela.

Então, Telsin morreu no mesmo acidente que matou o tio. Wax desejou que essa notícia tivesse sido difícil para ele. *Deveria* ter sido mais difícil para ele. Mas, na época, ela já era uma estranha.

— Milorde? — perguntou o mordomo.

— O papel está perfeito. — disse Waxillium, erguendo-se e pegando um lápis. — Obrigado. Achei que teríamos que pendurar o papel na parede.

— Pendurá-lo?

— Isso. Eu costumava usar pedacinhos de alcatrão.

Essa ideia pareceu deixar Tillaume *muito* desconfortável. Waxillium ignorou-o, aproximando-se e começando a escrever no bloco.

— É um papel ótimo.

— Fico feliz, milorde — disse Tillaume, inseguro.

Waxillium desenhou um trenzinho no canto superior esquerdo, com um trilho diante dele. Escreveu uma data embaixo dele.

— Primeiro roubo. Catorze de Vinuarch. Alvo: lã. Supostamente.

Da mesma forma, acrescentou mais trens, trilhos, datas e detalhes ao papel.

Wayne sempre zombara dele quando desenhava os elementos dos crimes para ajudá-lo a pensar, mas o método funcionava, embora com frequência tivesse que aguentar os acréscimos engraçadinhos de Wayne, pequenos bandidos na forma de bonecos de palito ou espectros das brumas criando tumulto em seus esboços e notas limpos e organizados.

— O segundo roubo aconteceu muito depois — continuou Waxillium. — Metais. Depois do primeiro roubo, Lorde Tekiel não fez nenhum alvoroço. Meses se passaram. — Ele bateu os dedos no papel e riscou a palavra “lã”. — Ele não perdeu um carregamento de lã. O roubo aconteceu no início do verão, e os preços da lã estariam baixos demais para justificar o frete. Se me lembro, os fretes ficaram estranhamente altos em Vinuarch, porque a 18ª ferrovia estava fora de operação. Só mesmo um homem com uma migalha de pão no lugar do cérebro pagaria um acréscimo para transportar produtos fora de estação a pessoas que não os queriam.

— Então… — disse Tillaume.

— Só um momento — pediu Waxillium. Caminhou até a estante ao lado da mesa e pegou alguns livros contábeis. O tio tinha alguns manifestos de embarque

ali…

Isso. O velho Lorde Ladrian acompanhava com *muita* atenção o que as casas concorrentes estavam transportando. Waxillium analisou as listas em busca de coisas estranhas. Levou um pouco de tempo, mas, por fim, conseguiu criar uma teoria.

— Alumínio — disse Waxillium. — Tekiel provavelmente transportava alumínio, mas, para evitar impostos, disse que era outra coisa. Aqui, ele declarou que os carregamentos de alumínio nos últimos dois anos foram menores que nos anos anteriores. No entanto, suas fundições ainda estavam produzindo. Aposto minha melhor arma que Augustin Tekiel, com a ajuda de alguns funcionários da ferrovia, mantinha uma operaçãozinha de contrabando eficiente e rentável. Por isso não fez grande alarde sobre o roubo no início; não quis chamar atenção.

Waxillium voltou e escreveu algumas anotações no papel. Levou a xícara de chá aos lábios e assentiu para si mesmo.

— Isso também explica a longa espera entre o primeiro e o segundo roubos. Os bandidos estavam usando aquele alumínio. Provavelmente venderam um tanto no mercado negro para financiar sua operação e usaram o restante para fazer balas. Mas por que eles *precisariam* de balas de alumínio?

— Para matar alomânticos? — perguntou Tillaume. Ele estava arrumando o cômodo enquanto Waxillium lia os livros contábeis.

— Exato. — Waxillium desenhou imagens de rostos acima de três dos roubos, aqueles nos quais haviam levado reféns.

— Milorde? — perguntou Tillaume, aproximando-se. — Acha que as reféns são alomânticas?

— Todos os nomes foram divulgados — comentou Waxillium. — Todas as quatro mulheres são de famílias ricas, mas nenhuma delas era conhecida por ter poderes alomânticos.

Tillaume permaneceu em silêncio, pois isso não queria dizer muita coisa. Muitos alomânticos entre a nata da sociedade eram discretos quanto aos seus poderes. Havia muitas situações em que eles podiam ser úteis; por exemplo, se a pessoa fosse um Tumultuador ou um Abrandador, capaz de influenciar as emoções de outras, ela não desejaria que as pessoas suspeitassem.

Em outros casos, a Alomancia era ostentada. Um candidato recente à cadeira dedicada aos criadores de orquídeas no Senado havia concorrido exclusivamente com a plataforma de que era um Nuvem de Cobre e, portanto, era impossível

manipulá-lo com zinco ou latão. O candidato venceu de lavada. As pessoas odiavam pensar que alguém poderia controlar secretamente seus líderes.

Waxillium começou a anotar suas especulações nas margens do papel: motivos, maneiras de esvaziar os vagões de carga tão rapidamente, similaridades e diferenças entre os assaltos. Enquanto escrevia, hesitou, mas depois acrescentou alguns bandidos feitos com bonecos de palito no alto, desenhando com o estilo relaxado de Wayne. Embora fosse maluquice, sentiu-se melhor com eles ali.

— Aposto que todas as reféns são alomânticas — comentou Waxillium. — Os bandidos tinham balas de alumínio para lidar com Lançamoedas, Atraidores e Brutamontes. E eu apostaria um bom dinheiro na possibilidade de usarem forro de alumínio no chapéu para evitar que suas emoções sejam *puxadas* ou *empurradas*. — Isso não era raro entre a elite da cidade, embora homens comuns não pudessem se dar a esse luxo.

Os roubos *não* tinham sido feitos pelo dinheiro, mas pelas reféns. Por isso não foi exigido nenhum resgate e por isso os corpos das reféns não foram descobertos jogados em algum lugar. Os roubos serviam apenas para obscurecer os verdadeiros motivos dos sequestros. As vítimas não foram reféns escolhidas no "calor do momento", mas alvos premeditados. Os Desaparecidos estavam reunindo alomânticas. E metais alomânticos: até agora, aço puro, peltre, ferro, zinco, latão, estanho e inclusive um tanto de curvaliga.

— Isso é perigoso — sussurrou Waxillium. — Muito perigoso.

— Milorde… — disse Tillaume. — O senhor não ia repassar os livros contábeis da casa?

— Sim — disse Waxillium distraidamente.

— E o aluguel para os novos escritórios no Espinha de Ferro?

— Consigo ver isso hoje à noite também.

— Milorde, quando?

Waxillium fez uma pausa e verificou seu relógio de bolso. Novamente, ficou surpreso com o tempo que havia passado.

— Milorde — disse Tillaume. — Já contei ao senhor sobre os dias de corridas de cavalo de seu tio?

— Tio Edwarn era um apostador?

— Sim, era. Esse foi um grande problema para a casa logo depois da

ascensão de seu tio a alto lorde. Ele passava a maior parte de seus dias na pista de corrida.

— Não me surpreende que tenhamos falido.

— Na verdade, ele era muito *bom* nas apostas, milorde. Em geral, ele ganhava mais do que perdia. Muito mais.

— Ah.

— De qualquer forma, ele parou — comentou Tillaume, recolhendo a bandeja e a xícara de chá vazia de Waxillium. — Infelizmente, milorde, enquanto ele ganhava pequenas fortunas nas corridas, a casa perdia uma *grande* fortuna em negócios e acordos financeiros ruins. — Ele caminhou até a porta, mas se virou. Seu semblante, em geral sombrio, aliviou-se. — Não é minha função dar reprimendas, milorde. Um homem pode e deve tomar suas decisões. Mas deixo um aviso: mesmo uma coisa boa pode se tornar destrutiva se tomada em excesso. Sua casa *precisa* do senhor. Milhares de famílias dependem do senhor. Precisam de sua liderança e de sua orientação. Entendo que o senhor não pediu por isso, mas a marca de um grande homem é saber quando deixar de lado coisas importantes para realizar as coisas vitais.

O mordomo saiu, fechando a porta.

Waxillium ficou sozinho sob o brilho assustadoramente contínuo das luzes elétricas, olhando para seu diagrama. Deixou o lápis de lado, de repente sentindo-se exaurido, e tirou o relógio do bolso. Eram duas e quinze. Devia dormir um pouco. Pessoas normais estariam dormindo.

Ele reduziu a luz para não destacar sua silhueta e foi até a janela. Ainda estava chateado por não ver brumas, embora não as esperasse. *Nem fiz as orações diárias*, percebeu ele. *As coisas foram muito caóticas hoje.*

Bem, antes tarde do que nunca. Enfiou a mão no bolso e tirou seu brinco. Era simples, estampado na ponta com os dez anéis interligados do Caminho. Encaixou-o em uma orelha, que era furada para esse fim, e se recostou à janela para encarar a cidade escurecida.

Não havia postura prescrita para orar como um caminhante. Apenas quinze minutos de meditação e ponderação. Alguns gostavam de se sentar com as pernas cruzadas e os olhos fechados, mas Waxillium sempre achara *mais difícil* pensar nessa postura. Fazia as costas doerem e a espinha fisgar. E se alguém se esgueirasse por trás dele e o acertasse com um tiro pelas costas?

Então, ficava em pé. E ponderava. *Como estão as coisas aí em cima nas*

brumas?, pensou ele. Nunca sabia ao certo como falar com Harmonia. *A vida vai bem, imagino? Sendo Deus e tudo o mais?*

Em resposta, teve uma sensação de… divertimento. Nunca conseguia dizer se ele criava aquelas sensações sozinho ou não.

Bem, como não sou Deus, pensou Waxillium, *talvez você pudesse usar sua onisciência para me conseguir algumas respostas. Parece que estou em uma enrascada.*

Um pensamento discordante. Aquela não era como a maioria das enrascadas em que ele estivera. Não estava amarrado, prestes a ser assassinado. Não estava perdido nas Terras Brutas, sem água ou comida, tentando encontrar um caminho de volta à civilização. Estava numa mansão opulenta, e, embora sua família estivesse passando por problemas financeiros, não era nada a que não pudessem sobreviver. Tinha uma vida de luxo e uma cadeira no Senado da cidade.

Por que, então, aqueles últimos seis meses pareciam ter estado entre os mais difíceis que já vivera? Uma série infinita de relatórios, livros contábeis, jantares e acordos de negócios.

O mordomo tinha razão. Muitos *dependiam* dele. A Casa Ladrian começara com milhares de indivíduos que seguiam a Origem e cresceu muito em trezentos anos, recebendo sob sua proteção qualquer um que viesse trabalhar em suas propriedades e fundições. Os acordos que Waxillium negociava determinavam seus salários, seus privilégios, seu estilo de vida. Se sua casa entrasse em colapso, eles encontrariam emprego em outro lugar, mas seriam considerados membros menores daquelas casas por uma geração ou duas até obterem direitos plenos.

Já fiz coisas difíceis antes, pensou ele. *Posso fazer essa também. Se for correta. É correta?*

Steris tinha chamado o Caminho de uma religião simples. Talvez fosse. Havia apenas um mandamento básico: fazer mais o bem que o mal. Havia outros aspectos: a crença de que toda verdade é importante e a exigência de dar mais do que tomar. Havia trezentos exemplos relacionados nas “Palavras de Fundação”, religiões que poderiam ter existido. Talvez tivessem existido. Em outros tempos, em outro mundo.

O Caminho devia estudá-los, aprender com seus códigos morais. Algumas regras eram essenciais: não buscar a luxúria sem compromisso, ver as forças em todas as falhas, rezar e meditar durante quinze minutos por dia e não perder

tempo adorando Harmonia. Fazer o bem *era* a adoração.

Waxillium havia se convertido ao Caminho logo depois de sair de Elendel. Estava convencido de que a mulher que encontrara naquela viagem de trem era uma dos Imortais sem Rosto, as mãos de Harmonia. Ela lhe dera seu brinco; todo caminhante usava um enquanto rezava.

O problema era que Waxillium tinha dificuldade em sentir que estava fazendo algo útil. Almoços e livros contábeis, contratos e negociações. Sabia, é claro, que tudo aquilo era importante, mas não deixava de ser, mesmo seus votos no Senado, abstrato. Não se comparava a ver um assassino preso ou a resgatar uma criança sequestrada. Na juventude, ele vivera na cidade, o centro mundial de cultura, ciência e progresso, mas só se encontrou quando a deixou e perambulou pelas terras poeirentas e inférteis além das montanhas.

Use seus talentos, algo parecia sussurrar dentro dele. *Você vai descobrir o que fazer.*

Isso fez com que ele sorrisse, melancólico. Não conseguia evitar perguntar-se, se Harmonia estava *mesmo* ouvindo, por que não lhe dava respostas mais específicas. Com frequência, tudo que Waxillium conseguia era uma sensação de incentivo. *Continue. Não é tão difícil quanto parece. Não desista.*

Ele suspirou, apenas fechando os olhos e perdendo-se em pensamentos. Outras religiões tinham cerimônias e encontros. Não os caminhantes. Em certo sentido, a simplicidade tornava o Caminho muito mais difícil, pois deixava a interpretação a cargo da consciência de cada pessoa.

Depois de meditar por um tempo, não pôde evitar o sentimento de que Harmonia queria que ele estudasse os Desaparecidos *e* fosse um bom lorde de sua casa. As duas funções não se excluíam mutuamente? Tillaume achava que sim.

Waxillium olhou para a pilha de jornais atrás dele e o cavalete com o bloco de desenho. Enfiou a mão no bolso e pegou a bala que Wayne havia deixado.

E, contra sua vontade, viu Lessie, a cabeça sendo jogada para trás, o sangue espirrando no ar. Sangue cobrindo seu lindo cabelo castanho. Sangue no chão, nas paredes, no assassino que estava em pé atrás dela. Mas não fora o assassino quem a alvejara.

Ah, Harmonia, pensou ele, levando a mão à cabeça e sentando-se devagar, com as costas apoiadas na parede. *Tudo isso é mesmo por causa dela, não é? Não posso fazer isso de novo. De novo, não.*

Ele soltou a bala e tirou o brinco. Ergueu-se, arrumou os jornais e fechou o bloco. Ninguém havia sido ferido pelos Desaparecidos ainda. Estavam roubando as pessoas, mas não as machucavam. Não havia nem prova de que as reféns estavam em perigo. Provavelmente seriam devolvidas depois que as exigências de resgate fossem cumpridas.

Waxillium sentou-se para trabalhar nos livros contábeis de sua casa e deixou que eles absorvessem sua atenção até tarde da noite.

4



— Pelos antebraços de Harmonia — murmurou Waxillium, entrando no grandioso salão de baile. — É isso que estão chamando de um jantar de casamento modesto? Tem mais gente aqui do que em *cidades* inteiras das Terras Brutas.

Waxillium visitara a mansão de Yomen uma vez na juventude, mas o grande salão de baile estava vazio naquela ocasião. Agora, estava cheio, com fileiras e fileiras de mesas, mais de uma centena, alinhadas no assoalho de madeira maciça da câmara cavernosa. Ladies, lordes, oficiais eleitos e a elite rica se movimentavam e conversavam num zumbido baixo, todos em suas melhores roupas. Joias reluzentes. Ternos pretos impecáveis com gravatas coloridas. Mulheres em vestidos da moda: cores profundas, saias que iam até o chão com muitas camadas e rendas. A maioria das mulheres usava casacos justos, parecidos com coletes, com decotes muito mais baixos agora do que na sua infância. Talvez ele apenas estivesse mais propenso a percebê-los.

— O que foi, Waxillium? — perguntou Steris, virando-se para o lado e deixando que ele a ajudasse a tirar seu sobretudo. Usava um vestido vermelho elegante, que parecia calculadamente desenhado para estar completamente na moda sem ser muito ousado.

— Eu só estava observando as proporções dessa reunião, minha cara — respondeu Waxillium, dobrando o casaco e entregando-o, junto com seu chapéu-coco, a um atendente que aguardava. — Já estive em vários eventos desde o meu retorno à cidade e nenhum foi tão imenso. Praticamente metade da cidade parece ter sido convidada.

— Bem, é um evento especial — disse ela. — Um casamento entre duas casas bem relacionadas. Não quiseram deixar ninguém de fora. Exceto, claro, aqueles que deixaram de fora de propósito.

Steris estendeu o braço para que Wax o tomasse. Ele tinha recebido uma aula sobre isso durante o trajeto de carruagem. Seu braço acima do dela, tomando a mão levemente, os dedos enrolados por baixo da palma da mão de Steris. Parecia um gesto terrivelmente afetado, mas ela insistiu que isso transmitiria o significado exato do que pretendiam. De fato, assim que entraram no salão, atraíram diversos olhares interessados.

— Está insinuando que um dos objetivos desse jantar de casamento não foi escolher os convidados, mas quem *não* seria chamado? — comentou Waxillium.

— Precisamente — disse ela. — E para alcançar esse objetivo, *todo o restante* precisou ser convidado. Os Yomen são poderosos, embora acreditem no Centelhismo. Uma religião horrenda. Imagine, reverenciar o próprio Olhos de Ferro. De qualquer forma, ninguém vai ignorar um convite para esta celebração. E assim, aqueles que foram desprezados não apenas se verão sem uma festa para ir, mas incapazes de arranjar uma diversão própria, pois todos que poderiam convidar estarão aqui. Isso fará com que se associem a outros não convidados, reforçando sua situação de excluídos, ou que fiquem sozinhos em casa, pensando em como foram insultados.

— Na minha experiência, cultivar esse tipo de ressentimento infeliz leva a uma alta probabilidade de ser alvejado — disse Waxillium.

Ela sorriu, acenando com afeição calculada para alguém por quem passaram.

— Não estamos nas Terras Brutas, Waxillium. Aqui é a cidade. Não fazemos esse tipo de coisa.

— Não, vocês não. Atirar nas pessoas seria caridoso demais para o povo da cidade.

— Você nem viu o pior — observou ela, acenando para outra pessoa. — Está vendo aquela pessoa de costas para nós? O homem troncudo de cabelo mais longo?

— Sim.

— Lorde Shewrman. Um conviva famoso por ser terrivelmente desagradável. É completamente entediante quando não bebe e um bufão quando bebe, o que acontece na maior parte do tempo, devo acrescentar. Provavelmente é a pessoa menos apreciada de toda a alta sociedade. A maioria das pessoas aqui preferiria passar uma hora amputando um *dedo do pé* a passar alguns momentos conversando com ele.

— Então, por que ele está aqui?

— Pelo insulto, Waxillium. Aqueles que foram esnobados ficarão ainda mais perplexos ao saber que Shewrman esteve aqui. Ao convidar algumas ligas ruins como ele, homens e mulheres que são extremamente indesejáveis e não percebem, a Casa Yomen está dizendo que prefere passar seu tempo com *essas* pessoas a passá-lo com quem não foi convidado. Muito eficaz. Muito maléfico.

Waxillium bufou.

— Se alguém tentasse fazer algo grosseiro assim em Intempérie, terminaria amarrado pelos tornozelos nas vigas do teto. Se tivesse sorte.

— Hum. Sim. — Uma serviçal aproximou-se, gesticulando para que eles a seguissem até uma mesa. — Você entende — continuou Steris com mais suavidade — que não vou reagir à sua atitude de "ignorante fronteiriço", não entende, Waxillium?

— Atitude?

— Sim — disse ela, distraída. — Você é homem. A perspectiva do casamento deixa os homens desconfortáveis, e eles tentam se agarrar à liberdade. Portanto, você começou a regredir, fazendo comentários selvagens para provocar uma reação em mim. É seu instinto de independência masculina, um exagero intencional, embora inconsciente, para impedir o casamento.

— Você acha que é exagero, Steris — disse Waxillium enquanto se aproximavam da mesa —, mas pode ser que eu seja assim.

— Você é o que escolhe ser, Waxillium — comentou ela. — Quanto a essas pessoas aqui e às escolhas feitas pela Casa Yomen, não fui eu quem fiz as regras. Nem as aprovo, pois muitas são inconvenientes. Mas é a sociedade em que vivemos. Portanto, aprendi a sobreviver a este ambiente.

Waxillium franziu a testa enquanto ela soltava seu braço e cumprimentava afetuosamente algumas mulheres na mesa ao lado com beijos na bochecha; ao que parecia, eram parentes distantes. Ele se viu levando as mãos às costas e assentindo com um sorriso civilizado àqueles que vinham cumprimentar o casal.

Havia se comportado bem nos últimos meses, perambulando entre a alta sociedade, e as pessoas o tratavam com mais amabilidade do que antes. Tinha até se afeiçoado a algumas que se aproximaram. Contudo, a natureza do que estava fazendo ali com Steris ainda o deixava desconfortável, e ele achava difícil aproveitar a conversa.

Além disso, aquela quantidade de gente no mesmo lugar ainda o deixava inquieto. Confusão demais, difícil demais observar as saídas. Preferia festas

menores, ou ao menos aquelas que se espalhavam por um grande número de salas.

A noiva e o noivo chegaram, e as pessoas se levantaram para aplaudir. Lorde Joshin e Lady Mi'chelle; Waxillium não os conhecia, mas se perguntava por que estavam falando com um homem imundo todo vestido de preto, que mais parecia um mendigo. Felizmente, não parecia que Steris pretendia arrastá-los até a fila daqueles que queriam congratular os recém-casados o mais rápido possível.

Logo serviram a refeição para as primeiras mesas. A prataria começou ser usada. Steris mandou um serviçal preparar sua mesa, e Waxillium passou esse tempo inspecionando a sala. Havia duas sacadas, uma em cada lado mais estreito do salão de bailes retangular. Parecia haver espaço para jantar lá, embora não houvesse mesas preparadas. Estavam sendo usadas por músicos naquele dia, um grupo de harpistas.

Lustres majestosos pendiam do teto — seis enormes no centro, equipados com milhares de peças brilhantes de cristal. Doze menores nas laterais. *Luzes elétricas,* observou. *Devia ser um horror acender aqueles lustres antes da conversão.*

O simples custo de uma festa como aquela o deixava atordoado. Podia alimentar Intempérie por um ano com o que tinha sido gasto naquela única noite. Seu tio vendera o salão de festas dos Ladrian alguns anos antes — era um prédio separado, num bairro diferente do da mansão. Isso deixava Waxillium feliz; pelo que se lembrava, era grande como aquele onde estava. Se ainda o tivesse, as pessoas talvez esperassem que oferecesse festas opulentas como aquela.

— Então? — perguntou Steris, estendendo o braço para ele de novo enquanto a serviçal se aproximava para conduzi-los mais uma vez até a mesa. Waxillium conseguiu ver Lorde Harms e a prima de Steris, Marasi, já sentados.

— Estou lembrando por que saí da cidade — disse Waxillium, com sinceridade. — A vida é tão *difícil* aqui.

— Muitos diriam isso das Terras Brutas.

— E poucos viveram nos dois lugares — comentou Waxillium. — Viver aqui envolve uma dificuldade diferente, mas ainda assim é difícil. Marasi vai se juntar a nós?

— Claro.

— O que *há* com ela, Steris?

— Ela é dos Campos Externos e queria muito frequentar a universidade aqui na cidade. Meu pai teve pena dela, pois seus pais não têm meios de sustentá-la. Então, permitiu que morasse conosco durante os estudos.

Uma explicação válida, ainda que parecesse ter saído da boca de Steris muito rápido. Era uma desculpa ensaiada ou Waxillium estava conjecturando demais? De qualquer forma, a discussão foi interrompida quando Lorde Harms se levantou para cumprimentar a filha.

Waxillium cumprimentou Lorde Harms com um aperto de mão, tomou a mão de Marasi, curvando-se, e depois se sentou. Steris começou a falar com o pai sobre pessoas que observou estarem presentes ou ausentes, e Waxillium descansou os cotovelos na mesa, ouvindo-a sem prestar muita atenção.

Seria difícil defender este salão, pensou, distraído. *Atiradores naquelas sacadas funcionariam, mas seria preciso posicionar alguns em cada uma delas, com o cuidado de garantir que ninguém ficasse embaixo das sacadas.* Qualquer um com uma arma forte o bastante — ou os poderes alomânticos certos — poderia derrubar os atiradores dali. Os pilares abaixo das sacadas também serviriam como um ótimo abrigo.

Quanto mais cobertura houvesse, melhor seria para aqueles que estivessem em menor número. Não que alguém quisesse estar em menor número, mas ele raramente se vira numa briga em que não estivesse. Então, procurou por cobertura. Em campo aberto, um tiroteio seria vencido por quem tivesse o maior número de homens com armas. Mas, assim que se conseguia um esconderijo, habilidade e experiência começavam a pesar. Talvez aquele salão não fosse um lugar tão ruim para um combate, no fim das contas. Ele…

Ele hesitou. O que estava fazendo? Ele *tomara* uma decisão. Precisava confirmá-la a cada poucos dias?

— Marasi — disse ele, forçando-se a participar da conversa —, sua prima me contou que a senhorita estuda na universidade.

— Estou no meu último ano — respondeu ela.

Ele esperou uma continuação, mas ela não veio.

— E como vão seus estudos?

— Bem — disse ela, e abaixou os olhos, segurando o guardanapo.

Que produtivo, pensou, soltando um suspiro. Felizmente, parecia que um serviçal se aproximava. O homem esguio serviu vinho para eles.

— A sopa virá em breve — explicou, com um leve sotaque terrisano, marcado pelas vogais altas e um leve tom anasalado.

A voz fez Waxillium ficar paralisado.

— A sopa de hoje é um delicioso bisque de camarão com um leve toque de pimenta — continuou o serviçal. — Acho que os senhores vão gostar bastante. — Ele olhou para Waxillium, com os olhos brilhando de divertimento. Embora usasse um nariz e uma peruca falsa, aqueles eram os olhos de Wayne.

Waxillium soltou um grunhido baixo.

— Milorde não gosta de camarão? — perguntou Wayne, horrorizado.

— O bisque é muito bom — comentou Lorde Harms. — Já tomei em outra festa dos Yomen.

— Não é a sopa — retrucou Waxillium. — Eu só me lembrei de uma coisa que me esqueci de fazer.

Envolve estrangular uma pessoa.

— Voltarei em breve com a sopa, milordes e miladies — prometeu Wayne. Ele inclusive usava uma fileira falsa de brincos terrisanos nas orelhas. Claro que Wayne *era* parte terrisano, como o próprio Waxillium. Uma prova eram suas capacidades feruquêmicas, o que era raro na população; embora quase um quinto dos Originadores fosse terrisano, eles não tendiam a se casar com outras etnias.

— Aquele serviçal não parece familiar? — perguntou Marasi, virando-se e observando enquanto ele se afastava.

— Deve ter nos atendido na última vez que estivemos aqui — respondeu Lorde Harms.

— Mas eu não estava com vocês na última…

— Lorde Harms — interveio Waxillium —, o senhor teve notícias sobre sua parente? Aquela que foi sequestrada pelos Desaparecidos?

— Não — respondeu ele, tomando um gole de vinho. — Ruína para aqueles bandidos! Esse tipo de coisa é *absolutamente* inaceitável. Deveriam restringir esse comportamento às Terras Brutas!

— Concordo — disse Steris. — De alguma forma, o respeito pela polícia diminui quando coisas assim ocorrem. E um assalto *dentro* da cidade! É terrível.

— Como era? — perguntou Marasi de repente. — Lorde Ladrian? Como era viver onde não havia lei? — Ela parecia genuinamente curiosa, embora seu

comentário tenha suscitado um olhar duro de Lorde Harms, provavelmente por trazer à tona o passado de Waxillium.

— Às vezes, era difícil — admitiu Waxillium. — Lá, algumas pessoas simplesmente acreditam que podem pegar o que quiserem. Ficavam realmente *surpresas* quando alguém as enfrentava. Olhavam-me como se eu fosse algum sabotador, o único que não compreendia o jogo que todos jogavam.

— Jogo? — perguntou Lorde Harms, franzindo a testa.

— Uma figura de linguagem, Lorde Harms — respondeu Waxillium. — Todos pareciam pensar que, se fossem habilidosos ou estivessem bem armados, poderiam pegar o que quisessem. Eu era os dois, mas, ainda assim, em vez de pegar o que quisesse, eu os *impedia* de pegar. Achavam isso chocante.

— Era muito corajoso de sua parte — disse Marasi.

Ele deu de ombros.

— Sinceramente, não era coragem. Eu meio que caía por acaso nessas situações.

— Mesmo quando enfrentou os Infalíveis?

— Esse foi um caso especial. Eu… — Ele hesitou. — Como você soube *disso?*

— Os relatos vazam — comentou Marasi, corando. — Das Terras Brutas. A maioria deles acaba sendo escrito por alguém. É possível encontrá-los na universidade ou na livraria certa.

— Ah. — Desconfortável, ele pegou a taça e bebeu um pouco de vinho.

Enquanto fazia isso, algo deslizou para dentro de sua boca, e, com o susto, quase cuspiu todo o vinho. Ele se conteve. Mais ou menos.

Wayne, vou mesmo *estrangular você!*, pensou. Ele soltou o objeto na mão, disfarçando o gesto com uma tosse.

— Bem — disse Steris —, com sorte, os policiais logo vão cuidar desses rufiões e poderemos voltar à paz e à lei.

— Na verdade — disse Marasi —, acho que isso não é provável.

— Menina — disse Lorde Harms, com firmeza. — Já chega.

— Gostaria de ouvir o que ela tem a dizer, milorde — disse Waxillium. — Em prol da conversa.

— Ora… tudo bem… Eu acho.

— É apenas uma teoria que tenho — disse Marasi, já enrubescendo. — Lorde Ladrian, quando o senhor era vigilante em Intempérie, qual era a população da cidade?

Ele tateou o objeto em sua mão. Um estojo de bala usado, que havia sido lacrado com um pouco de cera.

— Bem, a população começou a crescer rapidamente nos últimos anos, mas, na maior parte do tempo, eu diria que ficou em aproximadamente 1.500 pessoas.

— E a área ao redor? — perguntou ela. — Todos os lugares que o senhor patrulhava e que não tinham seus próprios vigilantes?

— Talvez três mil no total — respondeu Waxillium. — Depende. Há muita gente que transita nas Terras Brutas. Pessoas procurando minerais ou um lugar para iniciar uma plantação. Trabalhadores que se mudam de um lugar para outro.

— Digamos que havia três mil — disse Marasi. — E quantos de vocês havia lá? Aqueles que ajudavam o senhor a manter a lei?

— Cinco ou seis, depende — respondeu ele. — Wayne e eu. Barl, na maior parte do tempo. Alguns outros, indo e vindo.

E Lessie, pensou ele.

— Digamos que eram seis para cada três mil — disse ela. — Isso nos deixa com uma conta fácil. Um homem da lei para cada quinhentas pessoas.

— Qual é o objetivo disso? — perguntou Lorde Harms, aflito.

— A população de nosso oitante é de mais ou menos seiscentas mil pessoas — explicou ela. — Respeitando a mesma média que Lorde Ladrian descreveu, deveríamos ter cerca de 1.200 policiais. Mas não temos. Temos aproximadamente seiscentos, desde a última vez que verifiquei os números. Então, Lorde Ladrian, suas terras "selvagens" tinham, na verdade, *o dobro* do número de homens da lei em serviço que temos aqui na cidade.

— Hum — disse ele. *Eram informações estranhas para uma jovem abastada.*

— Não estou tentando diminuir seus feitos — disse ela depressa. — O senhor muito provavelmente enfrentava um percentual mais alto de infratores também, já que a reputação das Terras Brutas atrai esse tipo de gente. Mas acho que é uma questão de percepção. Como o senhor disse, fora da cidade, as pessoas esperam sair impunes de seus crimes. Aqui, os criminosos são mais circunspectos… e muitos dos crimes têm menos alcance. Em vez de o banco ser

roubado, uma dúzia de pessoas são roubadas no caminho para casa à noite. A natureza do ambiente urbano facilita a impunidade, se a pessoa mantiver seus crimes abaixo de certo nível de visibilidade. Mas eu não diria que a vida é realmente *mais segura* na cidade, apesar do que as pessoas pensam. Aposto que mais pessoas são assassinadas aqui, proporcionalmente, do que nas Terras Brutas. No entanto, há tantas coisas acontecendo na cidade que as pessoas prestam menos atenção aos crimes. Em contraste, quando um homem é assassinado numa cidade pequena, isso é muito perturbador... mesmo se for o único assassinato que aconteceu em anos. E tudo isso sem contar o fato de que muito da riqueza do mundo está concentrada em poucos lugares dentro da cidade. A riqueza atrai homens em busca de oportunidades. Há uma *horda* de motivos pelos quais a cidade é mais perigosa que as Terras Brutas. Só que fingimos que não é.

Waxillium cruzou os braços sobre a mesa. *Curioso.* Assim que começou a falar, Marasi não pareceu nem um pouco tímida.

— Está vendo, milorde? — disse Harms. — Foi por isso que tentei calá-la.

— Teria sido uma pena se o senhor tivesse conseguido — disse Waxillium —, pois acredito que seja a coisa mais interessante que alguém já me disse desde que voltei a Elendel.

Marasi sorriu, embora Steris tenha apenas revirado os olhos. Wayne voltou com a sopa. Infelizmente, a área à volta deles estava cheia, e Wayne não seria capaz de criar uma bolha de velocidade somente ao redor de si e de Waxillium. Pegaria mais alguém, e alguém dentro dela ficaria veloz também. Wayne não podia dar forma à bolha ou escolher quem seria afetado.

Com os outros distraídos pela sopa, Waxillium rompeu o lacre de cera do cartucho e encontrou um pequeno papel enrolado lá dentro. Olhou para Wayne e depois o desenrolou. Estava escrito: *Você tinha razão*.

— Em geral, eu tenho — murmurou ele enquanto Wayne colocava uma tigela de sopa diante dele. — O que você está aprontando, Wayne?

— Sua mesa, milorde — disse Wayne, baixinho. — Está do seu agrado ou prefere de outro jeito?

Waxillium lançou um olhar fixo para ele, mas foi ignorado quando Wayne continuou, explicando, com seu leve sotaque terrisano, que logo voltaria com um cesto de pães e mais vinho para o grupo.

— Lorde Ladrian — disse Steris quando começaram a comer —, sugiro que

comecemos a compilar uma lista de assuntos sobre os quais poderemos conversar na companhia de outros. Os tópicos não devem incluir política ou religião, mas devem ser memoráveis e nos dar a oportunidade de parecer cativantes. O senhor conhece dizeres ou histórias particularmente espirituosas que possam servir como nosso ponto de partida?

— Uma vez, arranquei o rabo de um cachorro com um tiro por engano — disse Waxillium, distraído. — É uma história engraçada.

— Atirar em cães não é um assunto adequado para uma conversa durante o jantar — comentou Steris.

— Eu sei. Ainda mais porque eu estava mirando nas bolas dele.

Marasi quase cuspiu a sopa em cima da mesa.

— Lorde Ladrian! — exclamou Steris, embora o pai parecesse se divertir com a história.

— Pensei que a senhorita tivesse dito que eu não poderia chocá-la mais — disse ele a Steris. — Eu estava apenas testando sua hipótese, minha cara.

— Francamente. O senhor *vai* superar essa falta de decoro rural, não vai?

Ele mexeu a sopa para ter certeza de que Wayne não havia escondido nada nela. *Espero que ao menos tenha lavado aquele cartucho.*

— Suspeito de que vou, sim, superá-la no fim das contas — disse ele, levando a colher aos lábios. A sopa estava ótima, mas muito fria. — O divertido é que, nas Terras Brutas, eu era considerado altamente refinado… tanto que, na verdade, me achavam arrogante.

— Considerar um homem refinado pelos padrões das Terras Brutas — comentou Lorde Harms, erguendo um dedo — é como dizer que um tijolo é macio para os padrões dos materiais de construção… pouco antes de esmagá-lo no rosto de alguém.

— Papai! — exclamou Steris. Olhou feio para Waxillium, como se o comentário tivesse sido culpa dele.

— Uma comparação perfeitamente legítima — comentou Lorde Harms.

— Não vamos mais falar em atingir pessoas com tijolos ou tiros, *independentemente* do alvo!

— Muito bem, prima — concordou Marasi. — Lorde Ladrian, ouvi dizer que o senhor jogou a faca de um homem nele mesmo e o atingiu bem no olho. É verdade?

— Na verdade, a faca era de Wayne — respondeu Waxillium. Ele hesitou. — E acertar o olho foi um acidente. Eu estava mirando nas bolas dessa vez também.

— Lorde Ladrian! — disse Steris, quase lívida.

— Eu sei. Muito longe do alvo. Eu sou *realmente* ruim com facas.

Steris olhou para eles, ficando mais vermelha quando viu o pai dando uma risadinha e tentando escondê-la com o guardanapo. Marasi a fitou com um olhar de tranquilidade inocente.

— Sem tijolos — disse ela. — E sem armas de fogo. Eu estava apenas conversando, como você pediu.

Steris se levantou.

— Vou ao toalete enquanto vocês três se recompõem.

Ela se afastou, e Waxillium sentiu uma pontada de culpa. Steris era tensa, mas parecia séria e honesta. Não merecia aquela zombaria. Mas era muito difícil não tentar provocá-la.

Lorde Harms pigarreou.

— Não havia necessidade daquilo, menina — comentou com Marasi. — Não me faça ter arrependimentos quanto à minha promessa de começar a trazê-la para esses eventos.

— Não a culpe, milorde — interveio Waxillium. — Fui eu quem começou. Vou apresentar desculpas adequadas a Steris quando ela retornar e guardar minha língua na boca pelo restante da noite. Não deveria ter me permitido ir tão longe.

Harms meneou a cabeça, suspirando.

— Admito que me sinto tentado a ir longe assim vez por outra. Ela é muito parecida com a mãe. — Ele lançou um olhar pesaroso a Waxillium.

— Entendo.

— É seu destino, filho — disse Lorde Harms, levantando-se. — Ser lorde de uma casa exige certos sacrifícios. Agora, se me dão licença, estou vendo Lorde Alernath no bar e acho que vou tomar algo mais forte com ele antes do prato principal. Se eu não for agora, Steris vai me coagir a ficar. Não me demoro. — Ele meneou a cabeça para os dois e caminhou até um grupo de mesas mais altas na lateral, perto do bar.

Waxillium observou o homem se afastar, divagando e rolando o bilhete de Wayne entre os dedos. Antes, achava que Lorde Harms havia criado Steris

daquela maneira, mas parecia que ele era mais controlado por *ela* do que o contrário. *Outra curiosidade,* pensou ele.

— Obrigado por ir em minha defesa, Lorde Ladrian — disse Marasi. — Parece que o senhor é tão rápido em ajudar uma donzela com palavras quanto com revólveres.

— Eu estava simplesmente reiterando a verdade, milady.

— Me diga uma coisa. O senhor realmente arrancou o rabo de um cachorro a tiros quando estava mirando suas… hum…

— Arranquei — disse Waxillium, fazendo uma careta. — Em minha defesa, o desgraçado estava me atacando. Era de um homem que eu havia capturado. A agressividade não era culpa do cachorro; parecia que o pobrezinho não comia havia dias. Estava tentando atirar em algum ponto não letal, apenas para assustá-lo. Mas aquela história do homem que acertei no olho foi inventada. Eu não estava mirando em nenhuma parte do corpo em especial… apenas esperava acertar.

Ela sorriu.

— Posso perguntar uma coisa?

— Por favor.

— O senhor pareceu decepcionado quando mencionei as estatísticas relacionadas à proporção de homens da lei. Não quis ofender nem diminuir seus atos heroicos.

— Tudo bem — disse ele.

— Mas?

Ele balançou a cabeça.

— Não sei se consigo explicar. Quando cheguei às Terras Brutas, quando comecei a capturar os procurados… bem, pensei ter encontrado um lugar onde precisavam de mim. Pensei ter encontrado uma maneira de fazer algo que ninguém mais faria.

— Mas o senhor encontrou.

— E, ainda assim — disse ele, mexendo a sopa —, parece que, durante todo esse tempo, o lugar que deixei para trás precisava ainda mais de mim. Eu nunca tinha notado.

— O senhor fez um trabalho importante, Lorde Ladrian. Um trabalho *vital*.

Além disso, pelo que sei, ninguém estava mantendo a lei naquela região antes de sua chegada.

— Havia Arbitan — comentou ele, sorrindo e lembrando-se do velhote. — E, claro, os vigilantes na Dorest Distante.

— Uma cidade distante de pouco alcance — disse ela —, que tinha um único homem da lei para servir a uma população imensa. Jon Dedomorto tinha seus próprios problemas. Depois que o senhor organizou as coisas, Intempérie se tornou mais protegida do que a cidade, mas não era assim antes.

Ele assentiu com a cabeça, mas, de novo, ficou curioso sobre o quanto ela sabia. As pessoas *realmente* estavam espalhando histórias sobre ele e Wayne para todo o lado na cidade? Por que não as ouviu antes?

As estatísticas *dela* o incomodaram. Ele não achava que a cidade era perigosa. Eram as Terras Brutas, selvagens e indômitas, que precisavam de resgate. A cidade era a terra da fartura que Harmonia havia criado para proteger a humanidade. Ali, as árvores davam frutas em abundância e as terras cultivadas tinham água sem precisar de irrigação. O solo era sempre fértil e, de alguma forma, nunca se exauria.

Aquela terra devia ser diferente. Protegida. Em parte, ele tinha deixado as armas de lado porque se convencera de que os policiais podiam fazer seu trabalho sem ajuda. *Mas os Desaparecidos não provam que talvez não seja o caso?*

Wayne voltou com o pão e uma garrafa de vinho e parou ao ver dois assentos vazios.

— Minha nossa — disse ele. — Vocês ficaram tão cansados de esperar que *devoraram* seus dois convivas?

Marasi olhou para ele e sorriu.

Ela sabe, percebeu Waxillium. *Ela o reconheceu.*

— Se eu puder fazer uma observação, milady — disse Waxillium, atraindo sua atenção de volta para ele —, a senhora está muito menos modesta do que em nosso primeiro encontro.

Ela estremeceu.

— Não sou muito boa em ser tímida, não é?

— Não sabia que era algo que exigia prática.

— Eu tento o tempo todo — comentou Wayne, sentando-se na mesa e

tirando uma baguete do cesto. Deu uma boa mordida. — Ninguém me dá crédito por isso. É porque sou mal interpretado, é o que digo. — O sotaque terrisano tinha desaparecido.

Marasi parecia confusa.

— Devo fingir que estou perplexa com o que ele está fazendo? — perguntou a Waxillium num sussurro.

— Ele notou que a senhorita o reconheceu — respondeu Waxillium. — Agora ele vai ficar de mau humor.

— De mau humor? — Wayne começou a tomar a sopa de Steris. — Isso é muito indelicado, Wax. *Eca.* Essa coisa é muito pior do que eu disse a vocês, gente. Me desculpem por isso.

— Isso vai pesar na sua gorjeta — disse Waxillium, seco. — Lady Marasi, eu estava falando sério em minha pergunta. Para ser franco, parece que a senhorita está tentando fingir uma timidez exagerada.

— Sempre olhando para baixo depois que fala — concordou Wayne. — Erguendo o tom um pouco demais nas perguntas.

— Esse não é o tipo que estaria estudando na universidade por vontade própria — observou Waxillium. — Por que o fingimento?

— Prefiro não dizer.

— Prefere ou Lorde Harms e sua filha preferem que a senhorita não diga? — perguntou Waxillium.

Ela enrubesceu.

— A última alternativa. Mas, por favor, eu realmente preferiria não tocar nesse assunto.

— Sempre charmoso, Wax — comentou Wayne, tirando outro naco do pão. — Viu só? Quase levou a senhorita às lágrimas.

— Não estou… — começou Marasi.

— Ignore-o — disse Waxillium. — Confie em mim. Ele é como uma comichão. Quanto mais coçar, mais irritante fica.

— Ai! — disse Wayne, embora estivesse sorrindo.

— Não está preocupado? — perguntou Marasi suavemente para Wayne. — Está usando um uniforme de garçom. Se virem você sentado à mesa e comendo…

— Ah, você tem razão — disse Wayne, inclinando a cadeira para trás. A pessoa que estava atrás dele havia saído e, com Lorde Harms longe, Wayne tinha espaço suficiente para… pronto. Ele inclinou a cadeira de novo para a frente e já usava um sobretudo com uma camisa de botões larga e grossas calças das Terras Brutas. Estava girando o chapéu no dedo. Os brincos haviam desaparecido.

Marasi teve um sobressalto.

— Bolha de velocidade — sussurrou ela, parecendo admirada. — Pensei que eu seria capaz de ver alguma coisa no lado de fora!

— Poderia, se estivesse olhando com atenção — comentou Waxillium. — Um borrão. Se olhar para a mesa ao lado, verá que a manga do casaco que ele estava usando ficou para fora do lugar onde ele o escondeu. O chapéu é dobrável… Embora os lados sejam rígidos, é possível comprimi-lo entre as mãos. Ainda estou tentando entender de onde ele tirou o sobretudo.

— Debaixo da sua mesa — esclareceu Wayne, soando muito satisfeito consigo mesmo.

— Ah, claro — disse Waxillium. — Ele precisava saber qual seria a nossa mesa para que pudesse ser designado nosso garçom. — *Eu realmente deveria ter olhado embaixo da mesa,* pensou Waxillium. *Teria parecido paranoico demais?* Ele não se sentia paranoico. Não se deitava à noite temendo levar um tiro nem pensava que havia conspirações para destruí-lo. Apenas gostava de ser cauteloso.

Marasi ainda estava olhando para Wayne. Parecia confusa.

— Não somos o que esperava — disse Waxillium. — Dos relatos que a senhorita leu?

— Não — admitiu ela. — Os relatos, em geral, omitem aspectos de personalidade.

— Existem histórias sobre a gente? — perguntou Wayne.

— Existem. Muitas.

— Que desgraça… — Ele parecia impressionado. — A gente recebe direitos autorais por elas ou algo assim? Se recebermos, quero a parte de Wax, considerando que fiz todas as coisas que dizem que foi ele quem fez. Além disso, ele já é rico e tudo o mais.

— São como reportagens — disse Marasi. — Não pagam direitos autorais aos personagens.

— Que trapaceiros imundos. — Wayne fez uma pausa. — Imagino se

alguma das outras senhoritas finas deste salão ouviu minhas aventuras escandalosamente heroicas e másculas…

— Lady Marasi estuda na universidade — comentou Waxillium. — Suponho que leu relatos arquivados lá. A maioria do público não deve estar familiarizada com eles.

— Isso é verdade — disse ela.

— Ah — disse Wayne, com um tom decepcionado. — Bem, talvez a própria Lady Marasi esteja interessada em ouvir mais das minhas aventuras escandalosamente…

— Wayne?

— Sim.

— Chega.

— Está bem.

— Peço desculpas por ele — disse Waxillium, virando-se para Marasi. Ela ainda tinha uma expressão confusa no rosto.

— Ele faz muito isso — comentou Wayne. — Pedir desculpas. Acho que é um de seus defeitos. Tento ajudá-lo sendo praticamente perfeito, mas até agora não foi suficiente.

— Não tem problema — disse ela. — Ainda não sei se devo escrever algo aos meus professores descrevendo como… foi atípico conhecer os senhores.

— O que exatamente a senhorita está estudando na universidade? — perguntou Waxillium.

Ela hesitou e, em seguida, corou profundamente.

— Ah, veja só! — disse Wayne. — É *assim* que se finge timidez. Você está ficando muito melhor! Bravo.

— É que… — Ela ergueu a mão para cobrir os olhos e abaixou a cabeça, genuinamente envergonhada. — É… Ah, está bem. Estou estudando direito penal e behaviorismo criminal.

— Isso é motivo para se envergonhar? — perguntou Waxillium, partilhando um olhar confuso com Wayne.

— Bem, já me disseram que não é muito feminino. E, além disso… bem… estou aqui, sentada com os senhores… e… bem, sabem… os senhores são os dois vigilantes mais famosos do mundo e tudo o mais…

— Confie em mim — disse Waxillium. — Não sabemos tanto quanto a senhorita pensa.

— Agora, se a senhorita estivesse estudando zombaria e behaviorismo idiota — acrescentou Wayne —, nesse assunto, *sim*, somos especialistas.

— São dois assuntos — corrigiu Waxillium.

— Não importa. — Wayne continuou comendo o pão. — Então, onde *estão* os outros dois? Suponho que vocês não os tenham devorado de verdade. Wax só come pessoas nos fins de semana.

— É provável que os dois voltem logo, Wayne — disse Waxillium. — Então, se tiver um objetivo com sua visita, é melhor que vá direto ao ponto. A menos que tenha vindo só para me atormentar, como sempre faz.

— Já falei do que se trata — disse Wayne. — Você não comeu meu bilhete por acidente, não é?

— Não. Ele não diz muito.

— Diz o suficiente — retrucou Wayne, inclinando-se para a frente. — Wax, você me disse para estudar as reféns. Você tinha razão.

— São todas alomânticas — adivinhou Waxillium.

— Mais que isso — disse Wayne. — São todas parentes.

— Passaram apenas trezentos anos desde os Originadores, Wayne. Somos *todos* parentes.

— Isso significa que você sempre vai cuidar de mim?

— Não.

Wayne deu uma risadinha, tirando um pedaço de papel dobrado do bolso do sobretudo.

— É mais que isso, Wax. Olha só. Cada uma das mulheres sequestradas pertence a uma linhagem específica. Eu revisei essas coisas. São coisas sérias, importantes. — Ele fez uma pausa. — Por que chamam de revisar, se eu só parei uma vez para ver isso?

— Porque aposto que vai precisar olhar duas vezes para entender — disse Waxillium, pegando o papel. Estava escrito de qualquer jeito, mas era decifrável. Mostrava as linhas básicas de ascendência de cada uma das mulheres sequestradas.

Várias coisas saltavam aos olhos. Todas as linhagens remontavam ao próprio

Lorde Nascido da Bruma. Por isso, a maioria das mulheres *também* tinha uma forte herança alomântica. Todas eram parentes bem próximas, primas de terceiro ou quarto grau, algumas de primeiro.

Waxillium levantou a cabeça e percebeu que Marasi observava os dois com um sorriso escancarado.

— O que foi? — perguntou Waxillium.

— Eu *sabia*! — exclamou ela. — Eu sabia que os senhores estavam na cidade para investigar os Desaparecidos. O senhor só apareceu para se tornar lorde de sua casa um mês depois do primeiro roubo. Os senhores vão pegá-los, não vão?

— *Por isso* a senhorita insistiu para que Lorde Harms a trouxesse aos encontros comigo?

— Talvez.

— Marasi — disse Waxillium, suspirando. — A senhorita está tirando conclusões precipitadas. Acha mesmo que as mortes em minha família, que me tornaram o lorde da casa, foram inventadas?

— Ora, não — respondeu ela. — Mas fiquei surpresa quando o senhor aceitou o título, até perceber que provavelmente viu essa escolha como uma chance de descobrir o que estava acontecendo nesses roubos. O senhor precisa admitir que *são* esquisitos.

— Wayne também é — confirmou Waxillium. — Mas eu não ia sair de onde estava, mudar todo o meu estilo de vida e aceitar a responsabilidade por uma casa inteira apenas para estudá-lo.

— Olha, Wax — interveio Wayne, ignorando a alfinetada, o que era incomum para ele. — Por favor, me diga que trouxe uma arma com você.

— O quê? Não, não trouxe. — Waxillium dobrou o papel e o devolveu. — Por que a pergunta?

— Porque sim — disse Wayne, arrancando o papel da mão de Wax e se inclinando para a frente. — Não está vendo? Os ladrões estão atrás da classe alta e rica de Elendel… porque é em meio à alta classe que encontram seus alvos. Pessoas com a linhagem certa. Esses tipos, os tipos ricos, pararam de viajar de trem.

Wax assentiu com a cabeça.

— Se as mulheres realmente *são* os alvos, os roubos em trens tornarão esses

alvos muito menos propensos a viajar. É uma conclusão válida. Deve ser por isso que os ladrões atacaram o teatro.

— E onde mais encontrarão indivíduos ricos com a linhagem certa? — perguntou Wayne. — Onde as pessoas usam suas joias mais caras, o que permitirá que um roubo sirva como distração? Onde é possível encontrar a refém certa?

A boca de Waxillium ficou cada vez mais seca.

— Numa grande festa de casamento.

De repente, as portas do salão de baile, nas duas extremidades, se abriram com violência.

5



Os bandidos não pareciam ser do tipo com o qual Waxillium estava acostumado.

Não cobriam o rosto com lenços nem usavam sobretudos e chapéus de aba larga típicos das Terras Brutas. A maioria usava coletes e chapéus-coco, calças comuns e camisas de botão largas, com as mangas enroladas até os cotovelos. Não eram mais *bem-vestidos*, na verdade, apenas diferentes.

Estavam bem armados. Havia espingardas apoiadas nos ombros de muitos, pistolas nas mãos de outros. As pessoas em todo o salão os notaram imediatamente e houve ruído de prataria e palavrões ressoando. Havia ao menos duas dúzias de bandidos, talvez três. Waxillium percebeu, insatisfeito, que mais alguns chegavam pela direita, passando pelas portas da cozinha. Certamente tinham deixado para trás homens para cuidar dos empregados e impedir que corressem para buscar ajuda.

— Maldita hora em que você foi abandonar suas armas — comentou Wayne. Ele saiu do assento e se agachou ao lado da mesa, pegando seus bastões de duelo escondidos ali.

— Deixe-os aí — disse Waxillium, baixinho. Tinha contado 35 homens. A maioria estava reunida nas duas pontas do salão de baile retangular, diretamente na frente e atrás de Waxillium. Ele estava quase no centro do salão.

— O que foi? — perguntou Wayne, ríspido.

— Abaixe esses bastões, Wayne.

— Você não pode estar querendo dizer que…

— Olhe para este salão! — cochichou Waxillium. — Quantos convivas há aqui? Trezentos, quatrocentos? O que vai acontecer se provocarmos um tiroteio?

— Você poderia protegê-los — insistiu Wayne. — Tirá-los do caminho.

— Talvez — disse Waxillium. — Mas seria muito arriscado. Até agora,

nenhum desses roubos terminou em violência. Não vou permitir que você transforme este num banho de sangue.

— Não preciso lhe dar ouvidos — disse Wayne, irritado. — Você não manda mais em mim, Wax.

Waxillium fitou os olhos do outro homem e se manteve firme enquanto a sala se enchia de gritos de alerta e preocupação. Relutante, Wayne voltou à sua cadeira. Não soltou os bastões de duelo, mas manteve as mãos embaixo da toalha de mesa, escondendo-os.

Marasi virou-se, observando os bandidos começarem a se mover pela sala. Seus olhos estavam arregalados e os lábios róseos, entreabertos.

— Minha nossa. — Ela fuçou sua bolsa com dedos trêmulos e puxou uma caderneta e um lápis.

— O que você está fazendo? — perguntou Waxillium.

— Anotando o que vejo — respondeu ela, com a mão trêmula. — Sabia que, estatisticamente, apenas uma a cada duas testemunhas consegue descrever com precisão um criminoso que a tenha assaltado? Pior, sete em dez escolhem o homem errado numa fila se outro, semelhante, só que mais ameaçador, for apresentado. No momento do crime, a pessoa está muito mais propensa a superestimar a altura do agressor e com frequência o descreverá como sendo semelhante a um vilão de uma história que ouviu recentemente. É essencial, se estiver testemunhando um crime, prestar atenção especial aos detalhes dos envolvidos. Ai, estou tagarelando, não estou?

Ela parecia aterrorizada, mas começou a escrever assim mesmo, anotando aos garranchos as descrições de cada bandido.

— Nunca fizemos esse tipo de coisa — disse Wayne, encarando os ladrões enquanto erguiam as armas para os convidados, silenciando-os. — Considerando que, sempre que testemunhávamos um crime, os caras que o praticavam acabavam mortos. — Ele lançou um olhar raivoso para Waxillium.

Vários ladrões começaram a forçar cozinheiros e serviçais a saírem da cozinha para se juntar aos convidados.

— Por favor! — berrou um dos bandidos, encaixando uma escopeta no ombro. — Sentem-se. Mantenham a calma! E *fiquem quietos*. — Tinha um leve sotaque das Terras Brutas e uma compleição sólida, mas não alta, com braços grossos e a pele sarapintada e cinzenta, quase como se o rosto fosse feito de granito.

Sangue koloss, pensou Waxillium. *Perigoso.*

As pessoas aquietaram-se, exceto por alguns choramingos. A mãe da noiva parecia ter desmaiado, os convidados estavam agachados e o noivo parecia nervoso, protegendo a esposa com um dos braços.

Um segundo Desaparecido avançou. Este, em contraste com os outros, usava uma máscara: um pano tricotado cobria seu rosto, além de um chapéu das Terras Brutas.

— Assim está melhor — disse ele, com a voz firme e controlada. Algo naquela voz surpreendeu Waxillium.

— Se os senhores forem sensatos, tudo terminará numa questão de instantes — disse o Desaparecido mascarado, com calma, caminhando entre as mesas, enquanto cerca de dez bandidos começavam a vasculhar o salão, abrindo grandes sacos. — Tudo que queremos são suas joias. Ninguém precisa ser machucado. Seria uma pena estragar uma festa tão boa e transformá-la num banho de sangue. Suas joias não valem sua vida.

Waxillium olhou na direção de Lorde Harms, que ainda estava sentado no balcão. Ele começou a enxugar o rosto com um lenço. Os homens rapidamente varreram o salão, parando em cada mesa e recolhendo colares, anéis, brincos, bolsas e relógios. Às vezes, os itens eram entregues prontamente, às vezes com relutância.

— Wax… — disse Wayne, com a voz forçada.

Marasi continuava a escrever, lápis e papel sobre o colo.

— Precisamos sair daqui vivos — comentou Waxillium, baixinho. — Sem ninguém se machucar. Então, poderemos fazer nossos relatos aos policiais.

— Mas…

— Eu *não* serei a causa da morte dessas pessoas, Wayne — ralhou Waxillium, falando muito mais alto do que pretendia.

Sangue nas paredes de tijolos. Um cadáver vestido com um casaco de couro caindo no chão. Um rosto sorrindo, acertado por uma bala na testa. Vencedor, mesmo depois de morto.

De novo, não. Nunca mais.

Waxillium apertou os olhos com força.

Nunca mais.

— Como *ousa*? — gritou uma voz de repente. Waxillium olhou para o lado. Um homem numa mesa próxima tinha se levantado, afastando a mão da mulher gorda ao lado dele. Tinha barba grossa e grisalha e usava um terno de corte antiquado, com uma cauda que ia até o tornozelo. — *Não* vou ficar quieto, Marthin! Sou um policial da Oitava Guarda!

Isso chamou atenção do líder dos bandidos. O homem mascarado caminhou até o homem que havia gritado; sua escopeta descansava tranquilamente no ombro.

— Ah — disse ele. — Lorde Peterus, acredito que seja. — Ele acenou para um par de bandidos, que correram adiante, com as armas apontadas para Peterus. — Chefe aposentado da Oitava Delegacia. Precisamos que o senhor nos entregue sua arma.

— Como ousam realizar um roubo aqui, numa celebração de casamento? — disse Peterus. — Isso é um *escândalo*! Vocês deveriam se envergonhar.

— Envergonhar? — questionou o líder dos bandidos enquanto seus lacaios revistavam Peterus e tiravam sua pistola, uma Granger modelo 28, de cabo grosso opcional, do coldre em seu ombro. — *Envergonhar?* De roubar essas coisas? Depois do que vocês fizeram com as Terras Brutas durante todos esses anos? Isso não é vergonha. Isso aqui é *retribuição.*

Há alguma coisa *nessa voz,* pensou Waxillium, tamborilando na mesa. *Algo familiar. Quieto, Peterus. Não os provoque!*

— Em nome da lei, ainda verei sua captura e seu enforcamento por isso! — respondeu Peterus.

O líder fora da lei desferiu um soco no rosto de Peterus, jogando-o no chão.

— O que seu tipo sabe sobre leis? — rosnou o bandido. — E tenha cuidado ao alertar as pessoas que as executará. Isso lhes dá menos motivo para se refrear. Ferrugem e Ruína, vocês me deixam enojado.

Ele acenou para seus lacaios retomarem a coleta de riquezas. A mãe da noiva havia se recuperado e soluçava enquanto a família era despojada de suas posses, inclusive o colar da noiva.

— Os bandidos estão *realmente* interessados no dinheiro — comentou Waxillium em voz baixa. — Está vendo? Estão fazendo cada pessoa falar para encontrar joias escondidas na boca. Percebe como obrigam cada uma a se levantar e depois fazem uma revista rápida nos bolsos e ao redor dos assentos?

— Claro que estão interessados no dinheiro — sussurrou Marasi. — Afinal, é o que se espera de um roubo.

— Mas também querem as reféns — disse Waxillium. — Tenho certeza. — Originalmente, ele acreditara que os roubos eram apenas um disfarce para o real objetivo dos bandidos. No entanto, se esse fosse o caso, eles não perderiam tanto tempo recolhendo joias e dinheiro. — Me dê sua caderneta.

Ela olhou para ele.

— Agora — disse ele, salpicando pó de aço no vinho e pondo as mãos embaixo da mesa. Ela entregou a carteira com hesitação enquanto um bandido se aproximava de sua mesa. Era o de pele cinzenta com pescoço grosso.

— Wayne — disse Waxillium —, largue os bastões.

Wayne assentiu rápido, deslizando os dois bastões de duelo. Waxillium bebeu o vinho e posicionou a caderneta espiralada e os bastões de duelo contra uma lateral da mesa quadrada. Ele deixou uma pequena vareta de metal escorregar de sua manga e a colocou contra os bastões. Em seguida, queimou aço.

As linhas saltaram ao redor dele. Uma apontava para a vareta e outra para a espiral de metal da caderneta. *Empurrou* levemente contra elas e soltou. Os bastões e a caderneta permaneceram presos contra a lateral da mesa, escondidos pela toalha, que caía sobre eles. Precisou ter cuidado para não *empurrar* com muita força e não mover a mesa.

O bandido chegou à mesa, estendendo o saco. Marasi foi forçada a tirar seu pequeno colar de pérolas, a única joia que usava. Com as mãos trêmulas, vasculhou a bolsa em busca de alguma nota, mas o bandido agarrou a bolsa inteira e a jogou no saco.

— Por favor — disse Waxillium, com a voz trêmula. — Por favor, não nos machuque! — Puxou o relógio de bolso e o deixou sobre a mesa como se estivesse com pressa. Arrancou a corrente do colete e a jogou no saco. Em seguida, tirou sua carteira e a jogou lá dentro, puxando ostensivamente os dois bolsos para fora, com as mãos trêmulas, para mostrar que não havia mais nada. Ele começou a bater nos bolsos do casaco.

— Isso basta, camarada — disse o homem de sangue koloss, sorrindo.

— Não me machuque!

— Sente-se, seu monte de ferrugem — disse o bandido, olhando de novo

para Marasi. Olhou-a com malícia e depois a revistou, fazendo-a falar para que ele pudesse checar a boca. Ela aguentou aquilo com um enrubescimento intenso, especialmente quando a revista se transformou em apalpadas fortes.

Waxillium sentiu os olhos começarem a tremer.

— Mais nada — disse o bandido, com um grunhido. — Por que fiquei com as mesas mais pobres? E você? — Ele olhou para Wayne. Atrás deles, outro bandido descobriu o casaco de garçom de Wayne escondido embaixo da mesa, erguendo-o com uma expressão confusa.

— *Parece* que eu tenho alguma coisa de valor, meu chapa? — perguntou Wayne, vestido com seu sobretudo e suas calças das Terras Brutas, aumentando o sotaque daquela localidade. — Estou aqui por engano. Estava mendigando na cozinha quando ouvi seus camaradas entrarem.

O bandido grunhiu, mas, de qualquer forma, revistou os bolsos de Wayne. Não encontrou nada. Em seguida, olhou embaixo da mesa e fez todos se levantarem. Por fim, xingou todos eles por serem "pobres demais" e arrancou o chapéu da cabeça de Wayne. Jogou fora o próprio chapéu — estava usando uma boina de tricô por baixo, e o alumínio ficou à mostra pelos buraquinhos — e se afastou, enfiando o chapéu de Wayne na cabeça.

Eles voltaram a se sentar.

— Ele pegou meu chapéu da sorte, Wax — grunhiu Wayne.

— Aguente firme — pediu Waxillium, devolvendo o caderno a Marasi para que ela pudesse voltar a fazer suas anotações.

— Por que você não escondeu sua carteira, como fez com minha caderneta? — sussurrou ela.

— Algumas das notas nela estão marcadas — comentou Waxillium, distraidamente, observando o líder mascarado. Ele estava consultando alguma coisa na mão, algumas folhas de papel amarrotadas. — Os policiais vão poder rastreá-las quando forem usadas, se forem usadas.

— Marcadas! — disse Marasi. — Então, você *sabia* que seríamos roubados!

— O quê? Claro que não.

— Mas…

— Wax sempre leva algumas notas marcadas — disse Wayne, estreitando os olhos quando percebeu o que o líder dos bandidos estava fazendo. — Só para garantir.

— Ah. Isso é… muito estranho.

— Wax é um paranoico muito especial, senhorita — disse Wayne. — Aquele cara está fazendo o que eu acho que está fazendo?

— Está — disse Waxillium.

— O quê? — perguntou Marasi.

— Comparando rostos a desenhos nos papéis em sua mão — respondeu Waxillium. — Está procurando a pessoa certa para levar como refém. Olhe como está caminhando pelas mesas, verificando o rosto de cada mulher. Mandou alguns dos outros fazerem o mesmo.

Ficaram em silêncio quando o líder passou por eles. Estava acompanhado por um homem de feições finas com a cara fechada.

— Estou dizendo — falou o segundo homem. — Os rapazes estão ficando agitados. Não pode dar tudo isso a eles e não deixar que atirem.

O líder mascarado permaneceu em silêncio, estudando todos sentados à mesa de Wax por um momento. Hesitou por um instante e, em seguida, continuou.

— Vai ter que liberar mais cedo ou mais tarde, chefe — disse o segundo homem, distanciando-se. — Acho que… — As vozes já estavam longe demais para Waxillium entender o que diziam.

Ali perto, Peterus, o ex-policial, já havia voltado para seu assento. Sua mulher estava segurando um guardanapo na cabeça do homem, que sangrava.

Essa é a melhor maneira, disse Waxillium a si mesmo com firmeza. *Eu vi o rosto de cada um. Serei capaz de rastreá-los quando gastarem meu dinheiro. Vou encontrá-los e combatê-los nos meus termos. Vou…*

Mas ele não iria. Deixaria os policiais fazerem essa parte, certo? Não era o que ficava dizendo a si mesmo?

Uma barulheira repentina do outro lado do salão atraiu seus olhos. Alguns bandidos tinham levado duas mulheres assustadas para o corredor, e uma delas era Steris. Parecia que finalmente tinham pensado em vasculhar o toalete feminino. Os outros bandidos se demoravam para coletar os objetos de valor. Havia o bastante deles para que não levasse muito tempo, mesmo com aquela multidão de convidados.

— Tudo bem — gritou o chefe. — Peguem uma refém.

Alto demais, pensou Waxillium.

— Quem deveríamos levar? — gritou um dos bandidos.

Estão atuando.

— Tanto faz — disse o chefe.

Ele quer nos fazer pensar que escolherá uma mulher ao acaso.

— Qualquer uma delas serve — continuou o chefe. — Digamos… aquela ali. Ele acenou para Steris.

Steris. Uma das sequestradas era sua prima. Claro. Ela era da mesma linhagem.

Os tremores nos olhos de Waxillium pioraram.

— Na verdade — disse o chefe —, desta vez vamos levar duas. — Ele mandou o lacaio de sangue koloss voltar às mesas. — Não tentem nos seguir, ou elas serão feridas. Lembrem-se de que algumas joias não valem sua vida. Vamos liberar as reféns assim que tivermos certeza de que não estamos sendo seguidos.

Mentiroso, pensou Waxillium. *O que você quer com elas? Por que você…*

O homem de sangue koloss que havia roubado o chapéu de Wayne voltou até a mesa de Wax e agarrou Marasi pelo ombro.

— Você serve — disse. — Você vai dar uma volta conosco, linda.

Ela teve um sobressalto quando ele a tocou, deixando cair a caderneta.

— Olha só — disse outro bandido. — O que é isso? — Ele levantou e folheou o caderninho. — Só tem palavras aqui, Tarson.

— Idiota — disse Tarson, o homem de sangue koloss. — Não sabe ler, não é? — Ele esticou o pescoço para ler. — Olha só... Essa é *minha* descrição, não é?

— Eu… — disse Marasi. — Eu só queria me lembrar, para o meu diário, sabe?

— Tenho certeza que sim — falou Tarson, enfiando a caderneta no bolso e tirando uma pistola, que abaixou até a cabeça da moça.

Marasi empalideceu.

Waxillium levantou-se, queimando aço em seu estômago. A pistola do outro bandido estava apontada para sua cabeça um segundo depois.

— Sua lady ficará bem conosco, velhote — disse Tarson, com um sorriso nos lábios cinzentos. — Agora, vamos. — Ele ergueu Marasi e a empurrou diante dele na direção da saída a norte.

Waxillium encarou o cano da pistola do outro bandido. Com um *empurrão* mental, ele poderia enviar aquela arma com um tranco até o rosto do dono, talvez até quebrar seu nariz.

O bandido parecia querer puxar o gatilho. Parecia ansioso, empolgado pela emoção do roubo. Waxillium já tinha visto homens assim. Eram perigosos.

O homem hesitou, olhou para os amigos e finalmente se afastou, correndo para a saída. Outro estava empurrando Steris na direção da porta.

— Wax! — sibilou Wayne.

Como um homem honrado podia assistir a uma cena daquelas? Cada instinto de justiça de Waxillium *exigia* que ele fizesse alguma coisa. Lutasse.

— Wax — disse Wayne, baixinho. — Erros acontecem. Lessie não foi sua culpa.

— Eu…

Wayne agarrou seus bastões de duelo.

— Bem, *eu* vou fazer alguma coisa.

— Isso não vale a vida dessas pessoas, Wayne — comentou Waxillium, saindo de seu estupor. — Não se trata apenas de mim. É verdade, Wayne. Nós…

— Como *ousam*? — berrou uma voz familiar. Lorde Peterus, o ex-policial. O velho removeu o guardanapo da cabeça, cambaleando até se levantar. — Covardes! *Eu* vou como refém, se exigem um.

Os bandidos o ignoraram, a maior parte deles correndo na direção das saídas do salão, apontando as armas e achando graça dos convivas encolhidos.

— Covardes! — gritou Peterus. — Vocês são *cachorros*, cada um de vocês. Vão ser enforcados! Levem-me em vez dessas garotas ou serão enforcados. Juro pelo Sobrevivente! — Ele cambaleou até o chefe dos bandidos, que já se retirava, passando por lordes, ladies e ricaços, a maioria deles encolhida embaixo das mesas.

Lá se vai o único homem com alguma coragem neste salão, pensou Waxillium, sentindo uma vergonha poderosa. *Ele e Wayne.*

Steris estava quase na porta. Marasi e seu captor estavam alcançando o chefe.

Não posso deixar que isso aconteça. Eu…

— COVARDE!

O líder mascarado de repente se virou, girando o braço, e um tiro estalou no ar, ecoando através do grande salão de festa. Tudo terminou num instante.

O velho Peterus despencou no chão. A fumaça rodopiou pelo ar sobre a pistola do chefe dos bandidos.

— Ah… — disse Wayne, baixinho. — Você acabou de cometer um erro grave, meu chapa. Um erro *muito* grave.

O chefe se afastou do corpo, guardando a arma.

— Muito bem — gritou ele, caminhando na direção da porta. — Podem se divertir um pouco, rapazes. Descarreguem o que quiserem rapidamente e me encontrem lá fora. Vamos…

Tudo ficou paralisado. As pessoas ficaram congeladas em seu lugar. A fumaça rodopiante da arma pairou imóvel. As vozes sumiram. Os choramingos foram interrompidos. Em um círculo ao redor da mesa de Waxillium, o ar tremia levemente.

Wayne levantou-se, pousando os bastões de duelo nos ombros e inspecionando o salão. Waxillium sabia que ele estava localizando cada um dos bandidos, avaliando as distâncias, preparando-se.

— Assim que eu estourar a bolha — disse Wayne —, este local vai explodir como uma loja de munição dentro de um vulcão.

Waxillium enfiou a mão no casaco e calmamente deslizou uma pistola escondida embaixo do braço. Ele a pôs na mesa. O tremor no olho havia desaparecido.

— E então? — perguntou Wayne.

— É uma metáfora terrível. Como uma loja de munição chegaria a um vulcão?

— Sei lá. Olha, você vai lutar ou não?

— Tentei esperar — disse Waxillium. — Dei a eles uma chance de saírem. *Tentei* abrir mão de lutar.

— Foi uma boa demonstração, Wax. — Ele fez uma careta. — Uma demonstração boa demais.

Waxillium colocou a mão na pistola. Em seguida a ergueu.

— Que seja.

Com a outra mão, ele despejou a bolsa inteira de pó de aço na taça de vinho e

a tomou numa golada só.

Wayne abriu um sorrisinho.

— Você me deve um caneco de cerveja por ter mentido.

— Mentido?

— Disse que não havia trazido arma.

— Eu não trouxe *uma* arma — retrucou Waxillium, puxando uma segunda pistola colocada atrás da calça. — Pensei que me conhecesse melhor, Wayne. Nunca vou a lugar nenhum com apenas uma arma. Quanta curvaliga você tem?

— Menos do que eu gostaria. Essa porcaria é muito cara aqui na cidade. Talvez o bastante para mais uns cinco minutos, mas minhas mentes de metal estão bem cheias. Passei umas duas semanas de cama depois que você foi embora. — Isso daria a Wayne poder de cura, se ele fosse atingido.

Waxillium respirou fundo. A frieza dentro dele derreteu-se e transformou-se em chamas enquanto ele queimava aço, vendo linhas que apontavam para cada fonte de metal na sala.

Se ele ficasse paralisado de novo...

Não vou ficar, disse a si mesmo. *Não posso.*

— Eu pego as garotas. Você mantém os bandidos na parte de trás. Nossa prioridade é manter os convidados vivos.

— Com prazer.

— Trinta e sete malvados armados, Wayne. Num salão cheio de inocentes. Vai ser *difícil*. Mantenha-se concentrado. Vou tentar abrir algum espaço quando começarmos. Você pode pegar uma carona, se quiser.

— Perfeito como Preservação — disse Wayne, virando-se e ficando de costas para Waxillium. — Quer saber por que eu *realmente* vim procurá-lo?

— Por quê?

— Pensei em você feliz, numa cama confortável, descansando e relaxando, passando o resto da vida bebericando chá e lendo jornais enquanto as pessoas trariam comida e criadas massageariam seus dedos e coisas assim.

— E?

— E eu não poderia simplesmente deixar você à mercê de um destino assim. — Wayne estremeceu. — Sou um amigo bom demais para deixá-lo numa situação terrível dessa.

— Você quer dizer confortável?

— Não — respondeu Wayne. — *Entediante.* — Ele estremeceu de novo.

Waxillium sorriu, ergueu os dedões até os cães das pistolas e as inclinou. Quando era jovem e foi para as Terras Brutas, acabou chegando a um lugar onde precisavam dele. Bem, talvez isso tivesse acontecido de novo.

— Vai! — gritou ele, erguendo as armas.

6



Wayne estourou a bolha de velocidade.

Primeiro passo, pensou Waxillium enquanto mirava. *Atrair a atenção dos bandidos*. Começou *empurrando* delicadamente para fora, criando uma bolha de aço para desviar as balas. Não o protegeria por completo, mas ajudaria. A menos que disparassem balas de alumínio.

É melhor ser cauteloso. E é melhor atirar primeiro.

Os bandidos estavam erguendo as armas, ansiosos. Ele conseguiu ver o desejo de destruição naqueles olhos. Estavam armados até os dentes, mas até agora não haviam disparado um único tiro.

Em vez de matar um monte de gente, a maioria deles talvez só quisesse dar uns tiros no salão, mas essas situações podiam facilmente se tornar mais violentas do que o esperado. Se não fossem impedidos, os Desaparecidos deixariam para trás mais do que janelas estilhaçadas e mesas quebradas.

Waxillium rapidamente escolheu um bandido que portava uma escopeta e o derrubou com uma bala na cabeça. Um segundo caiu logo em seguida. Aquelas escopetas não eram tão perigosas para Waxillium, mas seriam fatais para os convidados acuados.

Seus tiros ecoaram no salão cavernoso, e os convivas gritaram. Alguns aproveitaram a oportunidade para correr para os cantos do salão. A maioria agachou-se atrás das mesas. Na confusão, os bandidos não identificaram Waxillium.

Ele derrubou outro homem com uma bala no ombro. A coisa mais inteligente a fazer agora seria se agachar ao lado de uma mesa e continuar disparando, pois os bandidos precisariam de momentos preciosos para descobrir quem os estava atacando num salão tão grande e cheio.

Infelizmente, os homens atrás dele abriram fogo, deliciados. Eles não haviam

notado o que ele fizera, embora os homens à sua frente tivessem visto os amigos caindo e estivessem buscando cobertura. Em instantes, a sala viraria uma tempestade de chumbo e fumaça.

Respirando fundo, Waxillium avivou seu aço e drenou sua mente de metal de ferro. Enchê-la deixava-o mais leve, mas drená-la o deixava mais pesado, muito mais pesado. Ele aumentou o peso cem vezes. Houve um aumento proporcional em sua força corporal, ou assim ele pensava, já que não tinha sido esmagado pelo próprio peso.

Ergueu as armas sobre a cabeça para mantê-las afastadas do campo de força e *empurrou* para fora de si num círculo. Começou com cuidado, aumentando gradualmente sua força. Quando *empurrava*, era seu peso contra o do objeto — neste caso, os parafusos e as porcas de metal das mesas e cadeiras. Eles foram varridos para longe dele.

Ele se transformou no epicentro de um anel de força em expansão. As mesas tombaram, as cadeiras arrastaram-se no chão, afastando-se dele, e as pessoas gritaram, surpresas. Algumas levaram sustos, jogadas para longe, mas não com tanta força a ponto de se ferirem, ele esperava. De qualquer modo, era melhor sofrer algumas escoriações do que permanecer no centro do salão em meio ao que estava por vir.

Bem ao lado, ele viu Wayne, que vinha se movendo cuidadosamente para o fundo da sala, saltar sobre uma mesa virada, segurando-se a ela e sorrindo enquanto o objeto deslizava na direção dos bandidos lá atrás.

Waxillium aliviou o *empurrão*. Ele estava sozinho num amplo espaço vazio no centro do salão, cercado por poças de vinho derramado e por comida e pratos caídos.

Em seguida, o tiroteio começou de verdade; os bandidos na frente dele dispararam para valer, formando uma barreira de fogo. Ele enfrentou o ataque de balas com outro *empurrão* forte. As balas pararam no ar, repelidas numa onda. Considerando a velocidade, ele só conseguia parar balas se as tivesse esperando.

Ele deixou as balas voarem de volta para seus donos, mas não *empurrou* com muita força para que não atingissem nenhum conviva inocente. No entanto, foi o bastante para fazer os bandidos caírem e gritarem que havia um Lançamoedas no salão.

Agora, ele estava em perigo de verdade. Num piscar de olhos, Waxillium parou de drenar sua mente de metal e começou a enchê-la, ficando muito mais

leve. Apontou seu revólver para baixo e atirou no chão bem atrás de si, *empurrando* a bala e lançando-se no ar. O vento zuniu em seus ouvidos enquanto ele se jogava atrás da barricada de mobília que ele havia feito, onde alguns dos convidados ainda estavam encolhidos. Por sorte, muitos percebiam que os perímetros do salão eram muito mais seguros e cambaleavam para lá.

Waxillium caiu bem no meio dos bandidos, que tinham começado a procurar cobertura atrás da pilha de mesas e cadeiras. Os homens xingaram quando ele estendeu os braços, com armas apontadas em direções opostas, e começou a disparar. Ele girou, derrubando quatro homens com uma rápida saraivada de balas.

Alguns bandidos atiraram nele, mas as balas não estavam na mira e foram desviadas de sua bolha de aço.

— Balas de alumínio! — gritou um dos bandidos. — Peguem as malditas balas de alumínio!

Wax girou e deu dois tiros no peito do homem. Em seguida, saltou para um lado, rolando para perto de uma mesa que estivera além de seu *empurrão* inicial. Um *empurrão* rápido contra os pregos no tampo a virou, dando-lhe cobertura quando os bandidos abriram fogo. Ele percebeu as linhas azuis de algumas balas movendo-se rápido demais para ele *empurrá-las* para longe.

Outros bandidos estavam recarregando suas armas. Ele teve sorte. Tinha parecido, pelos berros dos líderes dos bandidos, que os homens já deveriam ter balas de alumínio carregadas, ao menos em algumas câmaras. No entanto, atirar alumínio era como atirar ouro, e muitos dos bandidos pareciam ter guardado essas balas nos bolsos em vez de deixá-las nas armas, onde poderiam ser disparadas por acidente.

Um bandido esgueirou-se pela lateral de uma mesa, apontando a arma. Waxillium reagiu por reflexo e *empurrou* a arma, que bateu no rosto do homem. Waxillium derrubou-o com uma bala no peito.

Vazio, pensou ele, contando as balas que havia disparado.

Tinha apenas mais duas balas na outra arma. Olhou para a beirada de seu abrigo, notando a localização de dois bandidos que estavam recarregando suas armas escondidos atrás de mesas viradas. Mirou rapidamente, aumentou seu peso, disparou e *empurrou* a bala com toda a força.

O projétil estalou no ar, avançando com enorme rapidez em direção à mesa e perfurando-a, atingindo o bandido do outro lado. Waxillium repetiu a mesma

estratégia, derrubando o outro bandido, que ficou estupefato ao ver a grossa mesa de carvalho perfurada por uma simples bala de revólver. Então, Waxillium lançou-se por cima da mesa, chegando ao outro lado enquanto os homens atrás dele se desviavam dos feridos e começavam a atirar nele.

As balas estouraram contra seu abrigo, mas a mesa resistiu. Dessa vez, nenhuma das balas emitia linhas azuis. Alumínio. Ele respirou fundo, soltando os revólveres e pegando a Terringul 27, que tinha prendido com uma tira à parte interna da panturrilha. Não tinha o maior calibre, mas seu cano longo lhe conferia precisão.

Ele deu uma olhada para Wayne e contou quatro Desaparecidos caídos. Seu amigo estava saltando alegremente sobre uma mesa na direção de um homem com uma escopeta. Os dois viraram um borrão quando Wayne os envolveu numa bolha de velocidade. Em um instante, ele estava em outro local, e as balas zuniam pela área que ele havia deixado para trás. Ele se escondeu atrás de uma mesa virada, deixando o bandido com a escopeta caído no chão.

A tática favorita de Wayne era se aproximar, prender a pessoa numa bolha de velocidade e lutar com ela sozinho. Não conseguia mover a bolha de velocidade depois de erguê-la, mas conseguia se deslocar dentro dela. Então, quando desfazia a bolha depois de lutar com seu inimigo mano a mano, estava num lugar diferente do esperado. Os inimigos tinham uma dificuldade incrível de rastreá-lo e mirá-lo.

Porém, em uma luta longa, eles acabavam entendendo a tática e não atiravam até Wayne desfazer a bolha. Era preciso alguns segundos entre derrubar uma bolha e erguer outra, tempo em que Wayne ficava mais vulnerável. Claro que, mesmo dentro da bolha, Wayne não estava totalmente seguro. Às vezes era enervante para Waxillium saber que seu amigo estava lutando sozinho, dentro de uma bolha de tempo acelerado. Se Wayne se metesse em problemas, Waxillium não conseguiria ajudar. Wayne tomaria um tiro e perderia sangue antes de a bolha se desfazer.

Bem, Waxillium já tinha seus problemas. Com aquelas balas de alumínio, sua bolha protetora era inútil. Ele a desfez. Mais balas lascaram a mesa e o chão ao redor dele, e os estalos dos disparos ecoavam no grande salão. Felizmente, ele ainda conseguia ver as linhas azuis apontando para o aço das armas dos bandidos, inclusive aquelas de um grupo de homens que tentava flanqueá-lo.

Não dá para lidar com eles agora, pensou ele. O chefe dos bandidos havia mandado Steris para fora do salão com um de seus homens e parado à porta. Não

parecia surpreso com a resistência. Algo no jeito como ele estava ali, imperioso e controlado, algo no jeito como seus olhos, a única parte visível no rosto mascarado, encontraram Wax e se fixaram nele, algo naquela voz…

Miles? O pensamento foi um choque.

Gritos. Gritos de Marasi. Wax parou de encarar o líder dos bandidos, com uma sensação nada familiar de pânico. Steris precisava dele, mas Marasi também, e ela estava mais próxima. O homem de sangue koloss chamado Tarson a segurava com um braço ao redor do pescoço, arrastando-a na direção da porta e xingando. Seus dois acompanhantes olharam ao redor ansiosamente, como se esperassem que policiais surgissem a qualquer momento.

Marasi parecia ter perdido as forças. Tarson, gritando, pressionou o revólver contra a orelha da moça, mas ela mantinha os olhos fechados e se recusava a reagir. Sabia que não era uma simples refém, que eles a queriam por um motivo específico e, portanto, não atirariam nela.

Boa menina, pensou Waxillium. Não devia ser fácil, ouvindo o Desaparecido gritar, sentindo o cano da arma na têmpora. Alguns convidados estavam escondidos ali perto, entre eles uma mulher bem-vestida e o marido, com as mãos nos ouvidos e choramingando. O tiroteio era alto e caótico, embora ele mal percebesse essas coisas. De qualquer forma, devia ter colocado seus tampões de ouvido. Era tarde demais agora.

Waxillium esgueirou-se para um lado e deu dois tiros no chão de madeira para fazer com que aqueles que o flanqueavam buscassem proteção. A Terringul estava carregada com balas de ponta oca, especificamente projetadas para se alojar na madeira, dando a ele uma boa âncora quando precisasse. Também se alojariam na carne, reduzindo as chances de um tiro atravessar um bandido e ferir os convivas, o que era ótimo para ele.

Correu agachado e se jogou sobre uma grande baixela, pondo um pé contra a borda e *empurrando* as balas atrás de si. A manobra o lançou para a frente, fazendo-o deslizar sobre a baixela pelo chão de madeira polida. Ele saiu de trás das mesas para o espaço aberto pouco antes de chegar aos degraus de uma das saídas. Então, livrou-se da baixela e aumentou seu peso, batendo no chão e parando.

A baixela girou na frente dele, e os bandidos, assustados, começaram a atirar. Metal chocou-se contra metal quando algumas das balas atingiram a baixela; Waxillium reagiu, derrubando os homens de cada lado de Tarson com dois tiros

rápidos. Em seguida, avivou seu aço e *empurrou* na direção da arma de Tarson, tentando afastá-la de Marasi.

Apenas então Waxillium percebeu que não havia nenhuma linha azul apontando para a arma do homem. Tarson sorriu; seu rosto cinzento coberto pelo chapéu de Wayne. Em seguida, virou-se, colocando-se atrás de Marasi, segurando seu pescoço com uma das mãos e apontando a arma com firmeza contra sua cabeça.

Sem linhas azuis. *Ferrugem e Ruína... uma* arma *inteira de alumínio?*

Waxillium e Tarson ficaram parados. Os bandidos atrás não tinham notado a fuga de Waxillium sobre a baixela e ainda se aproximavam da área onde ele estivera escondido. O chefe ainda estava na porta, olhando na direção de Waxillium. Wax *tinha* que estar errado sobre quem ele era. As pessoas podiam se parecer, ter a voz parecida, mas isso não significava…

Marasi soltou um lamento. E Waxillium viu-se incapaz de se mexer, incapaz de erguer a mão e disparar. O tiro que dera para salvar Lessie passou e repassou no fundo da mente.

Posso acertar esse tiro, pensou ele, raivoso. *Já fiz isso dezenas de vezes.*

Tinha errado apenas uma vez.

Não conseguia se mexer, não conseguia pensar. Ele a via morrendo repetidas vezes. Sangue no ar, um rosto sorridente.

Parecia que Tarson havia percebido que Waxillium não atiraria. Ele afastou a arma da cabeça de Marasi e a apontou para Waxillium.

Marasi ficou rígida. Firmou as pernas no chão e lançou a cabeça para cima, acertando o queixo do Desaparecido com força. O tiro de Tarson se desviou, e ele cambaleou para trás, segurando a boca.

Com Marasi quase fora do caminho, a mente de Waxillium clareou, e ele se viu capaz de se mexer novamente. Atirou em Tarson, embora não tivesse conseguido forçar-se a mirar o peito, não com Marasi cambaleando por perto. Decidiu dar um tiro no braço de Tarson. Marasi levou a mão à boca, horrorizada, vendo-o despencar.

— Ele está lá! — gritaram vozes vindas detrás. Eram os três bandidos com quem havia lutado entre as mesas. Uma bala de alumínio cortou o ar bem ao lado dele.

— Segure firme — disse Waxillium a Marasi, saltando para a frente e

agarrando-a pela cintura. Ele ergueu a arma e deu o último tiro de sua arma na direção da porta, atingindo o líder mascarado dos Desaparecidos na cabeça.

O homem despencou.

Bem, lá se vai minha teoria, pensou Waxillium. Miles não teria caído com uma simples bala. Era um Duplonato de uma variedade especialmente perigosa.

Tarson estava rolando no chão, segurando o braço e gemendo. Não havia tempo. As armas estavam vazias. Waxillium soltou a arma e *empurrou-a* enquanto segurava Marasi com firmeza. O *empurrão* lançou os dois no ar enquanto uma saraivada de balas se espalhava pelo espaço onde estavam. Infelizmente, erraram Tarson.

Marasi gritou, agarrando-se a ele enquanto voavam na direção dos candelabros brilhantes. Waxillium *empurrou* um deles, fazendo com que balançasse para a frente e para trás. Aquele *empurrão* jogou os dois na direção de uma das sacadas, que estava ocupada por um grupo de músicos acuados.

Waxillium aterrissou com tudo ali, desequilibrando-se por estar carregando Marasi e não ter tido tempo para avaliar o *empurrão* com precisão. Rolaram num monte de tecido vermelho e branco. Quando pararam, Marasi se agarrou a ele, tremendo e buscando fôlego.

Ele se sentou e a abraçou por um instante.

— Obrigada — sussurrou ela. — Obrigada.

— Não há de quê — disse ele. — Foi muito corajosa parando o bandido como fez.

— Sete em cada dez sequestros podem ser frustrados com a resistência adequada por parte do alvo — disse ela, soltando palavras aos borbotões. Ela fechou os olhos com força de novo. — Desculpe. Aquilo foi simplesmente muito, *muito* perturbador.

— Eu… — Ele ficou paralisado.

— O quê? — perguntou ela, abrindo os olhos.

Waxillium não respondeu. Rolou para o lado, soltando-se do abraço quando percebeu linhas azuis movendo-se para a esquerda. Alguém estava subindo os degraus da sacada.

Ele se levantou, posicionando-se ao lado de uma grande harpa enquanto a porta da sacada era aberta com violência e revelava dois Desaparecidos — um com uma espingarda, o outro com um par de pistolas. Waxillium aumentou seu

peso drenando sua mente de metal e avivou desesperadamente seu aço, *empurrando* contra as peças de metal da harpa. O instrumento bateu contra o batente de madeira e esmagou os homens, que despencaram pelas escadas sob a harpa quebrada.

Waxillium correu para checar seus sinais vitais. Ao constatar que não representavam perigo imediato, pegou suas armas e avançou de volta para a sacada, vendo o salão lá embaixo. A mobília que ele havia *empurrado* formava um espaço estranhamente circular no salão. Os convidados escapavam para a cozinha em números cada vez maiores. Ele procurou Wayne, mas viu apenas corpos de bandidos caídos onde ele estava.

— E Steris? — perguntou Marasi, engatinhando até ficar ao lado dele.

— Vou atrás dela agora — disse Waxillium. — Alguns homens a arrastaram para fora, mas não devem ter tido tempo para… — Sua voz silenciou quando percebeu um borrão perto da porta mais ao longe. O borrão sumiu, e, de repente, ele viu Wayne caído no chão e seu sangue empoçando ao redor dele. Um bandido estava sobre ele, parecendo muito satisfeito consigo, segurando uma pistola fumegante.

Desgraça!, pensou Waxillium, sentindo uma pontada de medo. Se Wayne tiver sido atingido na cabeça…

Steris ou Wayne?

Ela vai ficar bem, ele pensou. *Levaram-na por um motivo. Precisam dela.*

— Ai, não! — disse Marasi, apontando para Wayne. — Lorde Ladrian, aquele não é…

— Vai ficar tudo bem se eu puder chegar até ele — disse Waxillium, pondo depressa um revólver nas mãos de Marasi. — Consegue usar um desses?

— Eu…

— Só comece a atirar se alguém ameaçá-la, assim eu saberei que está em perigo e voltarei. — Ele saltou para o parapeito da sacada. Seu caminho estava em grande parte bloqueado pelos candelabros e não poderia saltar diretamente até Wayne. Teria que saltar lá embaixo, depois para cima de novo e ricochetear…

Não havia tempo. Wayne estava morrendo.

Vá!

Waxillium se jogou da sacada. Assim que os pés estavam no ar, drenou a

mente de metal e puxou o máximo de peso que pôde. Isso não o fez despencar no chão; um objeto cai à mesma velocidade, não importa o seu peso, apenas a resistência do ar.

Contudo, o peso importava muito ao *empurrar*, o que Waxillium fez, jogando toda a sua força contra os lustres. Eles quebraram numa sequência, os metais dentro deles se retorcendo enquanto o cristal explodia para fora numa chuva, o que abriu bastante espaço na parte superior do salão para possibilitar um salto em arco na direção de Wayne.

Em um segundo, Waxillium parou de drenar sua mente de metal e começou a enchê-la, diminuindo seu peso até quase nada. *Empurrou* a harpa quebrada caída no chão, e um *empurrão* rápido e simultâneo contra os pregos do assoalho o manteve no alto.

O resultado foi que ele pairou pelo salão num arco gracioso, passando pelo espaço que os grandes lustres ocupavam. Os lustres menores continuaram a brilhar em cada lado dele enquanto o cristal dos outros caía, cada pequena peça refratando a luz num jorro de cores. Seu casaco revoava, e ele abaixou o único revólver que carregava enquanto caía, apontando-o para o bandido que estava em pé sobre Wayne.

Waxillium descarregou as seis balas no ladrão, pois não podia se dar ao luxo de arriscar. A pistola estava escorregadia nas mãos de Waxillium quando ele atingiu o chão, *empurrando* os pregos do assoalho para não quebrar as pernas. O ladrão despencou contra a parede, morto.

Assim que Waxillium chegou a Wayne, uma bolha de velocidade o englobou. Waxillium suspirou aliviado ao ver Wayne se mexendo e se ajoelhou para virar o amigo de barriga para cima. A camisa de Wayne estava ensopada de sangue, com um buraco de bala visível na barriga. Enquanto Waxillium observava, a ferida se fechou lentamente, curando-se.

— Desgraça — disse Wayne, gemendo. — Ferimentos na barriga *doem*.

Wayne não poderia manter a bolha enquanto o bandido estivesse por perto, pois isso teria mostrado que ainda estava vivo. Os fora da lei e os homens da lei estavam acostumados a enfrentar Nascidos do Metal, e, se a bolha estivesse erguida, o bandido teria atirado na cabeça de Wayne.

Então, Wayne tinha sido forçado a desfazer a bolha e se fingir de morto. Por sorte, o bandido não o virara para verificar seus sinais vitais nem percebera que o ferimento estava se curando. Wayne era um Criassangue, um tipo de

feruquemista que conseguia armazenar saúde do mesmo jeito que Waxillium armazenava peso. Se passasse algum tempo adoentado e fraco, curando-se com muito menos velocidade que o normal, Wayne conseguia armazenar saúde e capacidade de cura numa mente de metal. Então, quando ele a drenava, curava-se a uma velocidade muito maior.

— Quanto você ainda tem em sua mente de metal? — perguntou Waxillium.

— Esse foi meu segundo ferimento por bala da noite — comentou Wayne. — Talvez eu possa curar mais um. — Waxillium o ajudou a ficar de pé. — Foram duas semanas na cama para armazenar essa quantidade. Espero que sua garota valha o esforço.

— *Minha* garota?

— Corta essa, meu chapa. Não pense que eu não estava vendo como você olhava para ela durante o jantar. Você sempre gostou das inteligentes. — Ele abriu um sorrisinho.

— Wayne — disse Waxillium —, não faz nem um ano desde que Lessie se foi.

— Uma hora você vai precisar seguir em frente.

— Essa conversa já deu para mim — disse Waxillium, olhando por sobre as mesas próximas. Corpos de Desaparecidos espalhavam-se ao redor, com ossos quebrados pelos bastões de duelo de Wayne. Waxillium avistou alguns bandidos vivos escondidos atrás de mesas, como se ainda não tivessem percebido que Wayne estava desarmado.

— Cinco à esquerda? — perguntou Waxillium.

— Seis — respondeu Wayne, pegando e girando seus bastões de duelo. — Há outro nas sombras bem ali. Derrubei sete. E você?

— Dezesseis, eu acho — disse Wax, distraído. — Não contei com cuidado.

— Dezesseis? Caramba, Wax. Eu esperava que você estivesse um pouco enferrujado. Pensei que talvez eu fosse capaz de alcançá-lo desta vez.

Waxillium abriu um sorriso.

— Isso não é uma competição. — Ele hesitou. — Mesmo que eu esteja vencendo. Alguns homens saíram pela porta com Steris. Atirei no cara que pegou seu chapéu, mas ele ficou vivo. Provavelmente já foram embora.

— Não pegou o chapéu para mim? — perguntou Wayne, parecendo ofendido.

— Eu estava *um pouco* ocupado tomando uns tiros.

— Ocupado? Ora, meu chapa. Não é preciso esforço nenhum para tomar um tiro. Acho que você só está dando desculpas por ter inveja do meu chapéu da sorte.

— Com certeza é isso — retrucou Waxillium, enfiando a mão no bolso. — Quanto tempo ainda resta para você?

— Não muito — respondeu Wayne. — Curvaliga quase no fim. Talvez vinte segundos.

Waxillium respirou fundo.

— Vou nos três à esquerda. Você vai à direita. Prepare-se para pular.

— Certo.

— Vamos!

Wayne correu e saltou sobre uma mesa na frente deles. Desfez a bolha de velocidade assim que pulou, e Waxillium se preparou, aumentando seu peso, e, em seguida, *empurrou* as mentes de metal de Wayne, fazendo o homem subir pelos ares num arco na direção dos bandidos. Assim que Wayne estava no ar, Waxillium parou de drenar sua mente de metal e começou a enchê-la. *Empurrou* alguns pregos, lançando-se no ar numa trajetória um pouco diferente.

Wayne caiu primeiro, aterrissando com tanta força que provavelmente precisou se curar enquanto rolava entre um par de bandidos escondidos. Ele se levantou e acertou o braço de um deles com os bastões de duelo. Em seguida, girou e desferiu um golpe de bastão no pescoço do segundo homem.

Waxillium jogou a arma enquanto caía, *empurrando-a* com toda a força contra o rosto de um bandido surpreso. Ele aterrissou e jogou o cartucho vazio que Wayne havia lhe dado mais cedo — aquele que continha a mensagem — no segundo homem. *Empurrando-o*, transformou o cartucho numa bala improvisada, que acertou a testa do homem e perfurou seu crânio.

Waxillium empurrou o cartucho com tanta força que ele o jogou para o lado. Atingiu com um ombro o peito do homem no qual havia jogado a arma. O homem cambaleou para trás, e Waxillium bateu com o antebraço, onde ficava seu bracelete de mente de metal, na cabeça do homem, derrubando-o.

Mais um, pensou ele. *Atrás de mim à direita.* Esse seria difícil. Waxillium chutou a arma que havia usado, pretendendo *empurrá-la* na direção do último bandido.

Um tiro ressoou.

Waxillium ficou paralisado, esperando a dor de uma bala atingi-lo. Nada aconteceu. Ele girou e encontrou o último bandido caído sobre uma mesa, sangrando, e uma arma caindo de seus dedos.

Pelas cicatrizes do Sobrevivente…?

Ele olhou para cima. Marasi estava ajoelhada na sacada onde ele a havia deixado. Ela tinha pegado a espingarda do bandido que ele derrubara e obviamente sabia como usá-la. Enquanto ele observava, ela atirou de novo, derrubando o bandido escondido nas sombras que Wayne havia mencionado.

Wayne levantou-se depois de acabar com os dois agressores. Parecia confuso até Waxillium apontar para Marasi.

— Uau! — disse Wayne, aproximando-se dele. — Gosto cada vez mais dela. Entre as duas, *eu* certamente escolheria ela.

Entre as duas.

Steris!

Waxillium soltou um palavrão e saltou para a frente, lançando-se num empurrão de aço pela sala na direção da outra saída. Bateu no chão e correu, observando, com preocupação, que o corpo do chefão não estava onde havia caído. Havia sangue na entrada. Tinham-no arrastado para longe?

A menos que… Talvez sua teoria não estivesse errada, no fim das contas. Mas, *que desgraça,* ele não podia estar enfrentando Miles! Miles era um homem da lei. Um dos melhores.

Waxillium irrompeu noite adentro, pois aquela saída levava diretamente à rua. Alguns cavalos estavam presos a uma cerca, e o que pareciam ser vários cavalariços estavam amordaçados e presos no chão.

Steris e os bandidos que a levaram para fora haviam sumido. No entanto, ele encontrou um grupo grande de policiais entrando no pátio.

— Bem na hora, camaradas — disse Waxillium, sentando-se nos degraus, exausto.

— Não me importa *quem* é o senhor ou quanto dinheiro tem — disse o policial Brettin. — O senhor criou uma verdadeira bagunça.

Waxillium sentou-se num banquinho, ouvindo distraidamente enquanto descansava as costas na parede. Sentiria dor pela manhã. Não forçava o corpo

assim fazia meses. Tinha sorte de não ter torcido nada nem estirado um músculo.

— *Não* estamos nas Terras Brutas — continuou Brettin. — Acha que pode fazer o que quiser? Acha que pode simplesmente pegar uma arma e fazer justiça com as próprias mãos?

Estavam sentados na cozinha da Mansão Yomen, numa área lateral que os policiais haviam isolado para interrogatórios. Não havia passado muito tempo desde o fim da luta. Apenas o bastante para o problema começar.

Embora seus ouvidos ainda zumbissem por causa do barulho do tiroteio, Waxillium também conseguia ouvir gemidos e lamentos do salão de festa enquanto os policiais checavam a situação dos convidados. Mais além, ouvia o estalar de cascos de cavalos e o roncar de um ou outro automóvel no pátio da mansão, ocupados por membros da elite da cidade fugindo em grupos assim que eram liberados. Os policiais falaram com todos, garantindo que estavam bem e verificando os nomes na lista de convidados.

— E então? — questionou Brettin. Ele era chefe de polícia, responsável pela delegacia em seu oitante. Provavelmente estava se sentindo *muito* ameaçado pelos roubos que aconteciam durante sua vigilância. Waxillium podia imaginar o que era estar em sua posição, pressionado todos os dias por poderes acima do dele que não estavam satisfeitos.

— Me desculpe, policial — disse Waxillium, com calma. — Velhos hábitos são feitos de aço forte. Deveria ter me refreado, mas o senhor teria feito diferente? Teria assistido a mulheres sendo sequestradas sem fazer nada?

— Tenho direitos e responsabilidades legais que o senhor não tem.

— Tenho direitos e responsabilidades morais, policial.

Brettin pigarreou, mas as palavras calmas de Waxillium o amoleceram de alguma forma. Olhou para o lado quando um policial usando terno marrom e um daqueles chapéus-coco entrou e o cumprimentou.

— E aí? — perguntou Brettin. — Quais as novidades, Reddi?

— Vinte e cinco mortos, capitão — disse o homem.

Brettin grunhiu.

— Viu o que o senhor causou, Ladrian? Se tivesse mantido a cabeça baixa, como todo mundo, esses pobres coitados ainda estariam vivos. Que Ruína! Isso é uma bagunça. Eu posso *ser enforcado* por isso…

— Capitão — interrompeu Reddi. Ele se aproximou e lhe falou baixinho. —

Me desculpe, senhor, mas essas são as baixas dos *bandidos*. Vinte e cinco mortos, senhor. Seis capturados vivos.

— Ah. E quantos civis mortos?

— Apenas um, senhor. Lorde Peterus. Foi alvejado antes de Lorde Ladrian começar a lutar, senhor. — Reddi estava observando Waxillium com uma mistura de admiração e respeito.

Brettin olhou para Waxillium. Em seguida, pegou seu tenente pelo braço e o arrastou para longe. Waxillium fechou os olhos, respirou com suavidade e ouviu um tanto da conversa.

— Você está me dizendo… dois homens… trinta e um… *sozinhos?*

— Sim, senhor.

— … mais feridos…?

— … ossos quebrados… nada muito sério… escoriações e arranhões… em fogo aberto…

Houve um silêncio, e Waxillium abriu os olhos. Encontrou o chefe de polícia encarando-o. Brettin acenou para Reddi se afastar e se aproximou dele.

— E então? — perguntou Waxillium.

— Você parece ser um homem de sorte.

— Meu amigo e eu chamamos a atenção dos bandidos — comentou Waxillium. — E a maioria dos convidados já estava de cabeça baixa quando o tiroteio começou.

— O senhor ainda quebrou ossos com seu espetáculo alomântico — disse o chefe de polícia. — Haverá egos feridos e lordes furiosos. E quando reclamarem, será a *mim* que virão.

Waxillium não disse nada.

Brettin agachou-se diante de Waxillium, ficando bem próximo.

— Eu conheço o senhor — disse ele, em voz baixa. — Sabia que, em algum momento, precisaríamos ter essa conversa. Então, vou ser claro. Esta é a minha cidade, e eu tenho a autoridade aqui.

— É mesmo? — perguntou Waxillium, sentindo-se muito cansado.

— É.

— Então, onde o senhor estava quando os bandidos começaram a atirar na cabeça das pessoas?

O rosto de Brettin enrubesceu, mas Waxillium manteve os olhos erguidos.

— Não me sinto ameaçado por você — respondeu Brettin.

— Ótimo. Eu não disse nada ameaçador ainda.

Brettin chiou baixo e apontou para Waxillium, colocando um dedo contra o peito do lorde.

— Mantenha-se civilizado. Metade do meu cérebro já está querendo fazer você passar a noite na cadeia.

— Faça isso, então. Talvez, pela manhã, o senhor tenha encontrado a *outra* metade do cérebro, e aí poderemos ter uma conversa razoável.

O rosto de Brettin ficou ainda mais vermelho, mas ele sabia — e Waxillium também — que ele não ousaria colocar um lorde de uma casa na cadeia sem uma boa justificativa. Brettin por fim se afastou, fazendo um aceno de desprezo para Waxillium e saindo da cozinha.

Waxillium suspirou, ficando em pé e pegando seu chapéu de feltro no balcão onde o havia deixado. *Que Harmonia nos projeta de homens tacanhos com muito poder*. Ele pôs o chapéu e entrou no salão de baile.

Já não havia quase nenhum conviva; os noivos e familiares tinham sido levados pela carruagem de Lorde Yomen a um lugar onde pudessem se recuperar do martírio. Ainda assim, o salão fervilhava com quase o mesmo número de policiais e médicos. Os feridos estavam sentados no piso elevado perto da saída; parecia haver cerca de vinte ou trinta pessoas ali. Waxillium percebeu que Lorde Harms estava sentado a uma mesa na lateral, de cabeça baixa e com uma expressão melancólica. Marasi tentava confortá-lo. Wayne também estava à mesa, parecendo entediado.

Waxillium foi até eles. Retirando o chapéu, sentou-se. Descobriu que não sabia exatamente o que dizer a Lorde Harms.

— Ei! — sussurrou Wayne. — Aqui.

Ele entregou algo debaixo da mesa para Waxillium. Um revólver. Waxillium olhou para a arma, confuso. Aquela não era dele.

— Imaginei que você ia querer um desses.

— Alumínio?

Wayne sorriu, com os olhos brilhando.

— Peguei da coleção que os policiais fizeram. Pelo visto havia *dez* desses.

Imaginei que você poderia vendê-lo. Gastei muita curvaliga combatendo esses bandidos e preciso de algum dinheiro para repor. Mas não se preocupe... Deixei um desenho muito bonito no lugar da arma. Aqui.

Ele lhe entregou outra coisa. Um punhado de balas.

— Peguei essas também.

— Wayne — disse Waxillium, mexendo os cartuchos estreitos e longos —, você não percebeu que são balas de espingarda?

— E daí?

— Daí que não servem num revólver.

— Não? Por que não?

— Porque não.

— Um jeito meio idiota de fazer balas, né não? — Ele parecia perplexo. Claro que a maioria das coisas sobre armas deixava Wayne perplexo, já que, em geral, ele se dava melhor jogando uma arma em alguém do que tentando atirar com ela.

Waxillium balançou a cabeça, divertindo-se, mas não recusou a arma. Ele *queria* uma daquelas. Encaixou o revólver num coldre de ombro e se virou para Lorde Harms.

— Milorde — disse Waxillium. — Eu falhei com o senhor.

Harms enxugou o rosto com o lenço, parecendo pálido.

— Por que eles a levaram? Eles vão soltá-la, não vão? Disseram que soltariam.

Waxillium ficou em silêncio.

— Não vão — continuou Lorde Harms, erguendo os olhos. — Eles não soltaram nenhuma outra, certo?

— Não — respondeu Waxillium.

— O senhor *precisa* trazê-la de volta! — Harms tomou a mão de Waxillium. — Não me importa o dinheiro ou as joias que pegaram de mim. Isso pode ser substituído, e a maioria tinha seguro. Mas eu pago *qualquer* preço por Steris. Por favor. Ela vai ser sua noiva! O senhor precisa encontrá-la!

Waxillium fitou os olhos do homem e viu o medo dentro deles. As bravatas que Harms havia mostrado nos encontros anteriores tinham sido uma encenação.

Engraçado como alguém rapidamente para de chamá-lo de canalha e patife

quando quer sua ajuda, pensou Waxillium. Mas uma coisa que não conseguia ignorar era um pedido sincero de ajuda.

— Vou encontrá-la — garantiu Waxillium. — Prometo, Lorde Harms.

Harms meneou a cabeça. Em seguida, lentamente, se pôs em pé.

— Deixe-me ajudá-lo até a carruagem, milorde — disse Marasi.

— Não — disse Harms, afastando-a. — Não. Deixe-me… Deixe-me ir e ficar sozinho. Não vou embora sem você, mas, por favor, me dê um tempo sozinho. — Ele se afastou, deixando Marasi para trás com as mãos crispadas.

Ela se sentou de novo, parecendo fatigada.

— Ele queria que você tivesse resgatado Steris, e não a mim — comentou, em voz baixa.

— Então, Wax — interveio Wayne —, onde você disse que o cara com o meu chapéu estava?

— Eu disse a você que ele escapou depois de eu atirar nele.

— Eu tinha a esperança de que tivesse derrubado meu chapéu, sabe? Tomar um tiro faz as pessoas derrubarem as coisas.

Waxillium suspirou.

— Acho que ele ainda estava usando seu chapéu quando saiu.

Wayne começou a xingar.

— Wayne — disse Marasi. — É só um chapéu.

— Só um chapéu? — rebateu ele, horrorizado.

— Wayne é um pouco apegado àquele chapéu — disse Waxillium. — Acha que dá sorte.

— Ele *dá* sorte. Nunca morri usando aquele chapéu.

Marasi fechou a cara.

— Eu… não sei bem como responder.

— É uma reação comum quando se conversa com Wayne — disse Waxillium. — Aliás, eu queria agradecê-la por sua intervenção oportuna. Se importa se eu perguntar onde aprendeu a atirar daquele jeito?

Marasi enrubesceu.

— No clube de tiro para mulheres na universidade. Estamos muito bem posicionadas em comparação aos outros clubes da cidade. — Ela fez uma careta.

— Não acho que… algum daqueles homens que acertei vão se recuperar, certo?

— Que nada — disse Wayne. — Você acertou neles direitinho, ah, se acertou! O que estava do meu lado espalhou miolos na porta inteira!

— Ai, minha nossa. — Marasi ficou pálida. — Nunca esperei…

— Isso acontece quando se atira em alguém — enfatizou Wayne. — Ao menos, as pessoas em geral têm o bom senso de morrer quando você tem todo o trabalho de atirar nelas. A não ser que você não atinja qualquer coisa vital. E aquele cara que pegou meu chapéu?

— Eu o acertei no braço — disse Waxillium. — Mas o tiro deveria derrubá-lo. Certamente tem sangue koloss. Talvez seja um Braço de Peltre também.

Isso silenciou Wayne. Provavelmente estava pensando a mesma coisa que Waxillium: um bando como aquele, com aquela quantidade de membros e armas tão boas, provavelmente teria ao menos uns dois alomânticos ou feruquemistas.

— Marasi — disse Waxillium quando uma coisa lhe ocorreu —, Steris é alomântica?

— O quê? Não. Ela não é.

— Tem certeza? — perguntou Waxillium. — Talvez ela estivesse escondendo.

— Ela não é alomântica — insistiu Marasi. — Nem feruquemista. Tenho certeza.

— Bem, lá se vai uma teoria enferrujada — disse Wayne.

— Preciso pensar — disse Waxillium, batendo na mesa com a unha. — Muitas coisas sobre esses Desaparecidos não fazem sentido. — Ele balançou a cabeça. — Mas, por ora, devo dar boa-noite a vocês. Estou exausto, e, se eu puder ousar dizê-lo, você também.

— Sim, claro — disse Marasi.

Eles se levantaram e andaram na direção da saída. Os policiais não o pararam, embora alguns tenham lançado olhares hostis a Waxillium. Outros pareciam descrentes. Alguns o olharam admirados.

Naquela noite, como nas quatro anteriores, não havia brumas. Waxillium e Wayne levaram Marasi até a carruagem de seu tio. Lorde Harms já estava lá dentro, sentado, encarando o vazio à sua frente.

Quando eles chegaram, Marasi tomou o braço de Waxillium.

— O senhor deveria realmente ter ido atrás de Steris primeiro — comentou em voz baixa.

— A senhorita estava mais perto. A lógica ditava que eu a salvasse primeiro.

— Bem, qualquer que tenha sido o motivo — disse ela, com a voz ainda mais baixa —, obrigada pelo que o senhor fez. — Eu só… Obrigada. — Ela parecia querer dizer mais coisas, encarando seus olhos, e então ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo na bochecha. Antes que ele pudesse reagir, ela se virou e subiu na carruagem.

Wayne se aproximou dele quando a carruagem seguiu pela rua escura, as ferraduras do cavalo estalando nas pedras do calçamento.

— E aí? — perguntou Wayne. — Vai se casar com a prima dela?

— Esse é o plano.

— Bizarro.

— Ela é uma jovem impulsiva e tem metade da minha idade — explicou Waxillium. *Uma jovem aparentemente brilhante, linda, intrigante que, por acaso, também tem uma mira excelente.* No passado, aquela combinação o teria impressionado sobremaneira. Naquele momento, ele mal prestou atenção a isso.

Ele se afastou da carruagem.

— Onde você vai ficar?

— Não sei ainda — disse Wayne. — Encontrei uma casa vazia, pois o pessoal que mora lá está fora, mas acho que devem voltar hoje à noite. Deixei um pouco de pão como agradecimento.

Waxillium suspirou. *Eu devia ter imaginado.*

— Vou lhe dar um quarto, desde que você prometa não me roubar demais.

— O quê? Eu *nunca* roubo, meu chapa. Roubar é ruim. — Ele correu a mão pelo cabelo e sorriu. — Mas talvez eu precise trocar alguma coisa por um chapéu até recuperar o meu. Precisa de pão?

Waxillium apenas balançou a cabeça, acenando para sua carruagem levá-lo de volta à Mansão Ladrian.

7



Na manhã seguinte ao ataque no jantar de casamento, Marasi estava na frente da imponente mansão da Praça Ladrian, 16, segurando sua bolsa com as duas mãos. Gostava de segurar algo diante de si quando estava nervosa, um mau hábito seu. Como dizia o professor Modicarm, “indícios visuais óbvios devem ser evitados com firmeza por um praticante da lei, sob o risco de dar inadvertidamente a criminosos um vislumbre de seu estado emocional”.

Pensar nas frases de seus professores era outro de seus hábitos quando estava nervosa. Continuava em pé na calçada de pedra, indecisa. Lorde Waxillium acharia estranho ou invasivo da parte dela ir até lá? Acharia que ela era uma garota tola com um passatempo tolo que presumia enganosamente que poderia ser útil a um homem da lei experiente?

Deveria simplesmente bater na porta, mas não tinha o direito de ficar nervosa ao confrontar um homem como Waxillium Ladrian? Uma lenda viva, um de seus heróis pessoais?

Um jovem cavalheiro passou atrás dela na calçada, passeando com um cachorro ansioso. Ele inclinou o chapéu para ela, embora tivesse lançado um breve olhar desconfiado para a Mansão Ladrian.

O prédio não parecia merecer tal escrutínio; a estrutura venerável era feita de pedras suntuosas cobertas de trepadeiras, com grandes janelas e um antigo portão de ferro. Três macieiras maduras estendiam seus galhos no jardim frontal, e um serviçal estava serrando preguiçosamente alguns galhos mortos. A lei da cidade estabelecida pelo próprio Lorde Nascido da Bruma exigia que mesmo as árvores ornamentais fornecessem alimento.

Como seria visitar as Terras Brutas, onde as árvores são secas e baixas?, divagou. As Terras Brutas deviam ser um lugar fascinante. As plantas na Bacia de Elendel cresciam com fartura, sem muita necessidade de cuidados ou cultivo.

Um presente final do Sobrevivente, seu toque generoso sobre a terra.

Pare de nervosismo, disse a si mesma. *Seja firme. Controle a situação.* Era o que o professor Aramine tinha dito na semana anterior e…

Desgraça! Ela avançou a passos largos, passou pelo portão aberto, subiu os degraus da entrada e chegou à porta. Bateu a aldraba na porta três vezes.

Um mordomo de rosto longo atendeu. Olhou-a de cima a baixo com olhos imparciais.

— Lady Colms.

— Eu poderia falar com Lorde Ladrian?

O mordomo ergueu uma sobrancelha e abriu a porta toda. Ele não disse nada, mas uma vida inteira ao redor de serviçais como ele — treinados segundo o antigo ideal terrisano — a ensinara a ler suas ações. Ele não achava que ela deveria estar visitando Waxillium, especialmente sozinha.

— A sala de estar não está ocupada, milady — disse o mordomo, apontando a mão rígida com a palma para cima na direção de uma câmara lateral. Ele se pôs a caminhar para a escada, movendo-se com uma sensação de… inevitabilidade. Como uma árvore ancestral balançando ao vento.

Ela perambulou pela saleta, forçando-se a segurar a bolsa ao lado do corpo. A Mansão Ladrian era decorada do modo clássico; os tapetes tinham padrões intrincados em tons escuros e as molduras dos quadros eram esculpidas com floreios e pintadas de dourado. Era estranho que tantos preferissem molduras que pareciam estar tentando sobrepujar a arte que continham.

Havia menos arte pendurada na mansão do que deveria? Vários pontos nas paredes estavam claramente vazios. Ela olhou para uma grande pintura de um campo de grãos, unindo as mãos atrás das costas.

Ótimo. Estava contendo o nervosismo agora. Não havia nenhum motivo para estar nervosa. Sim, ela lera relato após relato sobre Waxillium Ladrian. Sim, as histórias de sua bravura eram parte do que a inspirou a estudar direito.

Contudo, ele era mais afável do que ela pensava. Sempre o imaginara como alguém bronco e estoico. Tinha sido uma surpresa descobrir que ele falava como um cavalheiro e, claro, havia o jeito relaxado e até ácido com que interagia com Wayne. Em cinco minutos, os dois destruíram anos de ilusões juvenis sobre um homem da lei calmo e quieto e seu companheiro intenso e devotado.

Então, veio o ataque. O tiroteio, a gritaria. E Waxillium Ladrian, como um

raio de luz intensa e brilhante no meio de uma tempestade escura e caótica. Ele a salvou. Em quantos dias de sua juventude ela sonhara com algo assim?

— Lady Colms? — disse o mordomo, parando na entrada da saleta. — Desculpe-me, mas o mestre disse que não terá tempo de descer para conversar com a senhorita.

— Ah — disse ela, sentindo um peso imediato no estômago. Ela havia mesmo feito papel de trouxa.

— Na verdade, milady — disse o mordomo, com os cantos da boca apontando ainda mais para baixo —, a senhorita deve me acompanhar até seu escritório para que possam conversar lá.

Ah. Bem, por isso ela não esperava.

— Por aqui, por favor — disse o mordomo. Ele se virou e deu uma guinada escada acima, e ela o seguiu. No último andar, eles viraram por alguns corredores, passando por serviçais e criados responsáveis pela limpeza, que meneavam a cabeça em respeito a ela, até chegarem a um cômodo que dominava a parte esquerda ao fundo da mansão.

O mordomo gesticulou para que ela entrasse. A sala era muito mais apinhada de coisas do que ela imaginara. As janelas estavam fechadas e as venezianas, abaixadas. A grande mesa que dominava a parede ao fundo estava ocupada por tubos, queimadores e outros aparatos de aparência científica.

Waxillium estava ao lado da mesa, segurando algo com um par de pinças e estudando-o com atenção. Usava óculos de proteção pretos e enrolara as mangas da camisa branca até os cotovelos. Seu casaco estava pendurado numa cadeira na lateral da sala, o chapéu-coco sobre ele, e Waxillium usava um colete de tecido xadrez diagonal preto e cinza. A sala cheirava a fumaça e, estranhamente, a enxofre.

— Milorde? — disse o mordomo.

Waxillium virou-se, ainda usando os óculos.

— Ah! Milady Marasi. Entre, entre. Tillaume, pode ir.

— Sim, milorde — disse o mordomo, com um tom sofrido.

Marasi entrou na sala, olhando para a lateral, onde uma grande folha de papel se espalhava no chão, dobrada e coberta com garranchos. Waxillium girou um botão, e um pequeno tubo de metal na mesa lançou uma língua fina de chama intensa. Ele segurou o tubo por um instante sobre o fogo, usando a pinça,

e então derramou seu conteúdo num pequeno copo de cerâmica. Ele observou. Em seguida, pegou um tubo de vidro em um suporte na mesa e o balançou.

— Veja — disse ele, estendendo o tubo para ela. Havia um líquido claro dentro dele. — Parece azul para a senhorita?

— Hum… não. Deveria?

— Aparentemente, não — respondeu ele. Sacudiu o tubo de novo. — Hum. — Deixou o tubo de lado.

Ela ficou parada e quieta. Era tão difícil não se lembrar da imagem dele avançando pela fileira de mesas, arma na mão, derrubando com destreza dois dos homens que tentavam arrastá-la para dentro da noite. Ou da visão dele alçando-se pelo ar — tiros explodindo embaixo, os lustres se estilhaçando e o cristal espalhando luz ao redor dele —, atirando num homem quando ainda estava no ar e aterrissando para resgatar o amigo.

Estava falando com uma lenda. E ele estava usando um par de óculos de proteção muito bobo.

Waxillium ergueu-os até a testa.

— Estou tentando descobrir que liga usaram naquelas armas.

— As de alumínio? — perguntou ela, curiosa.

— Sim, mas não são de alumínio puro. São feitas de algo mais forte, e a granulação está errada. Nunca *vi* esta liga antes. E as balas devem ser de outra liga; precisarei testá-las em seguida. Digo-lhe de passagem que não sei bem se a senhorita aprecia as vantagens que tem vivendo na cidade.

— Ah, eu diria que tenho ciência de muitas delas.

Ele abriu um sorrisinho. Estranhamente, parecia *mais jovem* naquele dia do que nos encontros anteriores.

— Acredito que sim. Eu estava me referindo especificamente à facilidade de fazer compras que vocês têm aqui.

— Compras?

— É, compras! Uma conveniência maravilhosa. Lá em Intempérie, se eu quisesse um queimador a gás que pudesse alcançar as temperaturas altas exigidas para testar ligas, seria preciso fazer um pedido especial e esperar os vagões certos da ferrovia chegarem. E *também* teria que torcer para que os equipamentos chegassem sem danos ou quebrados. No entanto, aqui, eu só preciso dar uma lista a uns rapazes e mandá-los às compras. Em questão de

horas, posso montar um laboratório inteiro. — Ele balançou a cabeça. — Eu me sinto tão mimado. E a *senhorita* me parece hesitante com alguma coisa. É o enxofre? Precisei testar a pólvora nas balas, sabe… e, bem, acho que deveria abrir uma janela.

Não *ficarei nervosa perto dele.*

— Não é isso, milorde Ladrian.

— Por favor, fique à vontade para me chamar de Wax ou Waxillium — disse ele, caminhando até a janela. Ela percebeu que ele ficou de lado, protegido pelo batente, enquanto a abria, nunca diretamente na linha de visão de alguém do lado de fora. Esse comportamento cauteloso era natural para ele, que nem parecia perceber o que estava fazendo. — Não precisa ser formal comigo. Tenho uma regra: salvar minha vida lhe dá o direito de usar meu primeiro nome.

— O senhor salvou a minha vida primeiro, creio eu.

— Sim, mas eu já estava em dívida com a senhorita.

— Por quê?

— Porque a senhorita me deu uma desculpa excelente para atirar — respondeu ele, sentando-se à mesa e fazendo algumas anotações num bloco de papel. — Parece que eu precisava disso já havia algum tempo. — Ele ergueu os olhos e sorriu para ela. — E sua hesitação?

— Deveríamos estar sozinhos nesta sala, Lorde Waxillium?

— Por que não? — perguntou ele, parecendo verdadeiramente confuso. — Há algum homicida escondido no guarda-roupa que eu não tenha notado?

— Estou me referindo à decência, milorde.

Ele parou por um momento e, em seguida, deu um tapa na própria testa.

— Ah, me desculpe. Precisa me perdoar por ser um bufão. Faz tanto tempo desde que tive que… não importa. Se está se sentindo desconfortável, chamo Tillaume de volta. — Ele se levantou, passando por ela.

— Lorde Waxillium! — disse ela. — *Eu* não estou desconfortável. Garanto ao senhor. Simplesmente não queria colocá-lo numa posição inoportuna.

— Inoportuna?

— Sim. — Agora ela se sentia realmente uma idiota. — Por favor. Não quis fazer uma confusão.

— Muito bem, então — disse ele. — Para ser sincero, realmente me *esqueci*

de coisas como esta. Basicamente são bobagens, como você sabe.

— Decência é bobagem?

— Coisas demais na alta sociedade são construídas ao redor da ideia de não confiar em ninguém — disse Waxillium. — Contratos, relatórios de operação detalhados, não ser vista sozinha com uma pessoa disponível do sexo oposto. Se removermos a confiança de um relacionamento, de que adianta tê-lo?

Isso vindo de alguém que vai se casar com Steris por causa de sua riqueza? Ela se sentiu mal com esse pensamento. Era muito difícil não se sentir amarga às vezes.

Ela superou a sensação rapidamente.

— Então… a liga?

— Sim, a liga — disse ele. — É possível que seja uma tangente pela qual eu não deveria estar saindo. Uma desculpa para voltar a um antigo hobby. Mas, como sei que o alumínio veio do primeiro roubo, perguntei-me se não estarão usando uma liga que inclua componentes que eu possa rastrear. — Ele voltou à mesa, onde pegou o revólver que Wayne lhe dera na noite anterior. Ela reparou que ele havia raspado um tanto do metal na parte de fora do cabo.

— A senhorita conhece bem a metalurgia, Lady Marasi? — perguntou ele.

— Temo que não — disse ela. — Provavelmente deveria.

— Ah, não se sinta mal. Como eu disse, esse é um vício meu. Há muitos metalúrgicos na cidade; eu poderia ter enviado essas raspas a um deles e conseguido um relatório mais rápido e preciso. — Ele suspirou, recostando-se na cadeira. — Estou apenas acostumado a fazer as coisas sozinho, sabe?

— Lá nas Terras Brutas, com frequência não teve outra escolha.

— É verdade. — Ele bateu a arma contra a mesa. — Ligas são coisas notáveis, Lady Marasi. Já percebeu que podemos fazer uma liga com um metal que reage ao magnetismo e terminar com um que não reage? Misture-o com uma parte igual de outra coisa e não terá algo com metade da reação magnética… terá algo que não é reativo de jeito nenhum. Quando fazemos uma liga, não apenas misturamos dois metais. Criamos um *novo*. Isso é fundamental na Alomancia, sabe? O aço é apenas ferro com uma pitada de carbono, mas isso faz toda a diferença. Este alumínio tem algo a mais também, menos de um por cento. Acho que talvez seja eca-boro, mas é só um palpite. Uma pitada mínima. Estranhamente, isso funciona nos homens também. Uma mudançazinha pode

resultar na criação de uma pessoa totalmente nova. Como somos parecidos com os metais… — Ele balançou a cabeça e apontou para que ela se sentasse numa cadeira recostada à parede. — Mas a senhorita não veio aqui para me ouvir tagarelar. Vamos, conte-me, o que posso fazer pela senhorita?

— Na verdade, é o que eu posso fazer pelo senhor — disse ela, sentando-se. — Falei com Lorde Harms. Pensei que por conta de sua… bem, por a Casa Ladrian estar sofrendo certa falta de liquidez, entende, pensei que talvez o senhor não tivesse as ferramentas necessárias para procurar Steris. Lorde Harms concordou em oferecer recursos para o que o senhor precisar em sua busca para resgatá-la.

Waxillium pareceu surpreso.

— Isso é maravilhoso. Obrigado. — Ele fez uma pausa e, então, olhou para a mesa. — Acha que ele se importaria em pagar por isso?

— De jeito nenhum — disse ela, rapidamente.

— Bem, isso é um alívio. Tillaume quase desmaiou quando viu o quanto gastei. Acho que o velhote tem medo de ficarmos sem chá se eu continuar assim. É tão incrível que eu possa dar emprego para vinte mil pessoas, ser dono de dois a três por cento dos terrenos da cidade e ainda assim ter tão pouco dinheiro à mão. Que estranho é o mundo dos negócios. — Waxillium inclinou-se para a frente, cruzando as mãos e parecendo pensativo. À luz da janela aberta, Marasi conseguiu ver que ele tinha bolsas embaixo dos olhos.

— Milorde? — perguntou ela. — O senhor chegou a dormir desde o sequestro?

Ele não respondeu.

— Lorde Waxillium — disse ela, séria. — O senhor não pode negligenciar seu bem-estar. Deixar-se cair na ruína não fará bem a ninguém.

— Lady Steris foi levada bem debaixo do meu nariz, Marasi — disse ele, baixinho. — Não levantei um dedo. Precisei ser *coagido* a fazê-lo. — Ele balançou a cabeça, como se para afastar maus pensamentos. — Mas você não precisa se preocupar comigo. Eu não teria conseguido dormir de qualquer forma, então era melhor fazer algo produtivo.

— Chegou a alguma conclusão? — perguntou ela, com curiosidade verdadeira.

— Muitas — disse ele. — Com frequência, o problema não é chegar a

soluções, mas decidir qual delas efetivamente aconteceu e quais são pura imaginação. Aqueles homens, por exemplo. Não eram profissionais. — Ele fez uma pausa. — Desculpe, isso provavelmente não faz sentido nenhum.

— Não, faz sim — disse ela. — O jeito como ficaram loucos para atirar, o jeito como o líder se permitiu ser levado a atirar em Peterus…

— Exatamente — disse ele. — Eles tinham experiência como ladrões, certamente, mas não eram *refinados.*

— Uma maneira simples de determinar o tipo de criminoso é analisando quem eles matam e quando — disse Marasi, citando uma frase de um de seus livros de estudo. — Assassinatos são punidos com enforcamento, roubos, não. Aqueles homens, se realmente soubessem o que estavam fazendo, teriam saído de lá rapidamente, felizes por não precisarem dar nenhum tiro.

— Então, são só valentões de rua — disse Waxillium. — Criminosos comuns.

— Com armas *muito* caras — disse Marasi, franzindo a testa. — O que implica um apoiador externo, certo?

— Sim — disse Waxillium, ficando mais ávido e inclinando-se para a frente. — No início, fiquei muito confuso. Estava *convencido* de que os sequestros eram o centro de tudo e que os roubos eram apenas uma fachada. Mas os homens que vimos estavam realmente interessados no que estavam levando. Isso me deixou perplexo. A julgar pelo preço do alumínio e por quanto gastaram forjando essas armas, despenderam uma fortuna para conseguir um valor menor com o roubo. Não faz sentido.

— A menos que estejamos lidando com dois grupos — disse Marasi. — Alguém deu recursos aos bandidos, permitindo que eles praticassem esses roubos. O grupo de apoio, no entanto, exige que eles sequestrem algumas pessoas, fazendo parecer que são reféns aleatórias.

— Sim! O apoiador, seja lá quem for, quer as mulheres sequestradas. E os Desaparecidos ficam com o que roubam ou talvez apenas com um percentual. Isso tudo é *mesmo* feito para usar os roubos como cobertura, mas é possível que os próprios bandidos não compreendam como estão sendo usados.

Marasi franziu a testa, mordendo o lábio.

— Mas isso significa…

— O quê?

— Bem, eu tinha a esperança de que isso já estivesse terminando — explicou ela. — Sua contagem inicial dos ladrões estimou menos de quarenta homens, e o senhor e Wayne mataram ou incapacitaram mais ou menos trinta deles.

— Trinta e um — disse ele, indiferente.

— Imaginei que os que restaram dividiriam os lucros e fugiriam. É de se pensar que a morte de três quartos do grupo seria suficiente para desfazê-lo.

— Na minha experiência, seria.

— Mas esses bandidos são diferentes — disse ela. — O líder tem um apoiador externo oferecendo riquezas e artilharia. — Ela fez uma careta. — Pelo que lembro, ele falou de “retribuição”. Ele poderia ser o chefe e o apoiador?

— Talvez — respondeu Waxillium. — Mas duvido. Parte do objetivo de tudo isso seria que outra pessoa fizesse o trabalho perigoso por ele.

— Concordo — disse ela. — Mas o líder *parece* ter uma ideologia própria. Talvez tenha sido escolhido para ser o líder por isso. Criminosos costumam criar uma racionalização básica para justificar o que estão fazendo, e um homem que pudesse ganhar com isso… além de prometer riquezas e muita diversão atirando por aí… seria ideal como um gerente intermediário, por assim dizer.

Waxillium abriu um largo sorriso.

— O que foi? — perguntou ela.

— Percebe que passei a noite toda pensando para chegar a essas conclusões? Você chegou a elas em… o quê? Dez minutos?

Ela bufou.

— Tive uma modesta ajuda sua.

— Pode-se dizer que tive uma modesta ajuda de mim mesmo, tecnicamente.

— Vozes sussurrando para você como resultado da privação de sono *não* contam, milorde.

O sorriso de Waxillium cresceu, e ele se levantou.

— Vamos. Quero saber o que você acha.

Curiosa, ela o seguiu até a frente da sala, onde estava o monte de papéis. Ele o arrumou, revelando uma folha de papel com talvez um metro e meio de comprimento e quase dois metros de largura. Waxillium ajoelhou-se no chão, mas ela teve mais dificuldade por causa do vestido. Então, ela apenas se curvou, olhando sobre os ombros dele.

— Genealogias? — perguntou ela, surpresa.

Parecia que ele havia traçado a linhagem de cada uma das mulheres sequestradas até a Origem, começando com seus nomes à esquerda da longa folha e trabalhando de frente para trás. Não listara todos os parentes, mas incluía os ancestrais diretos e alguns nomes importantes em cada geração de cada refém.

— Bem? — perguntou ele.

— Estou começando a suspeitar de que o senhor é um homem estranho, milorde — respondeu ela. — O senhor passou a noite toda fazendo isto?

— Não levou muito tempo, embora o papel de Wayne tenha me dado uma boa ajuda no início. Felizmente, a biblioteca do meu tio guarda muitos livros sobre o assunto. Era um hobby dele. Mas o que a senhorita *acha*?

— Acho que é bom que o senhor esteja prestes a casar, pois uma boa esposa teria cuidado para que o senhor descansasse em vez de ficar escrevendo a noite toda à luz de vela. É ruim para os olhos, sabia?

— Temos eletricidade — disse ele, apontando para cima. — Além disso, duvido que Steris vá se importar com meus hábitos de sono. Não está no contrato, sabia? — Havia um toque de amargura em seu tom, leve mas reconhecível.

A maioria das coisas que ela dissera tinha sido para enrolá-lo por alguns momentos para que pudesse ler mais nomes.

— Alomânticas — disse ela. — O senhor analisou as linhagens por poderes alomânticos em sua herança. Todos convergem ao Lorde Nascido da Bruma. Wayne não falou sobre isso?

— Sim — disse ele. — Acredito que a pessoa por trás disso está em busca de alomânticos. Está formando um exército. Escolhe exatamente essas pessoas porque suspeita que secretamente são alomânticas. O fato de não serem claras quanto a isso dificulta ainda mais reconhecer o que ele está fazendo.

— Mas Steris *não* é alomântica. Eu juro.

— Isso me preocupou por um tempo — disse ele. — Mas não é um problemão. Veja, ele está levando pessoas que acredita serem alomânticas, mas sabe que vai errar algumas vezes. — Waxillium tamborilou no papel. — Isso me preocupa quanto a ela. Assim que o apoiador descobrir que ela não é o que ele pensou que fosse, Steris estará em um perigo maior.

Por isso você ficou acordado a noite toda, percebeu ela. *Acha que não há*

muito tempo.

Tudo isso por uma mulher que ele obviamente não ama. Era difícil não sentir inveja.

O que foi?, pensou ela. *Você queria ter sido levada? Garota estúpida.*

Ela observou que seu nome estava naquela lista.

— O senhor tem minha genealogia? — perguntou ela, surpresa.

— Precisei mandar buscar — disse ele. — Deixei alguns funcionários bem irritados no meio da noite. A senhorita é bem estranha.

— Perdão?

— Ah, hum, quis dizer que sua presença nessa lista é bem estranha. Vê aqui? A senhorita é prima de segundo grau de Steris.

— E?

— E isso significa que a senhorita… bem, é difícil explicar. Resumindo, a senhorita é prima de sexto grau da principal linhagem. Todas as outras, inclusive Steris, eram muito mais ligadas… A senhorita tem linhagens do lado paterno que diluem suas ligações. Isso a torna um alvo estranho, se comparada aos outros. Pergunto-me se a escolheram porque queriam levar alguém aleatoriamente somente para romper o padrão e nos manter em dúvida.

— É possível — disse ela, com cuidado. — Afinal, não sabiam que Steris estava sentada conosco.

— Verdade. Mas é aqui que caímos em especulações. Posso notar muitos motivos que tornariam Steris um alvo. O histórico de alomânticos não é a única relação entre as reféns… Há o parentesco da alta sociedade e *muitas* outras conexões. Na verdade, quando olho para isso, o fator Alomancia parece tênue. Se vão treinar combatentes, por que levariam apenas mulheres? Em primeiro lugar, por que perder tempo com alomânticas, quando têm recursos e meios para roubar todo esse alumínio? Podiam ter parado por aí e ficado ricos. E não consigo encontrar nada que indique, com certeza, que as outras mulheres sequestradas eram mesmo alomânticas.

Estão levando apenas mulheres, pensou Marasi, olhando para as longas listas que remontavam ao Lorde Nascido da Bruma. O alomântico mais poderoso que já viveu. Uma figura quase mitológica, alguém que tinha *todos os dezesseis* poderes alomânticos em um corpo. Quão poderoso deve ter sido?

E, de repente, fez sentido.

— Ferrugem e Ruína — sussurrou ela.

Waxillium ergueu os olhos para ela. Provavelmente teria percebido aquilo se não tivesse exigido tanto de si durante a noite toda.

— A Alomancia é genética — disse ela.

— Sim. É por isso que ela aparece tanto nessas linhagens.

— Genética. Estão levando as mulheres. Waxillium, você não vê? Não querem reunir um exército de alomânticos. Estão tentando *gerar* um. Estão levando as mulheres com as linhagens alomânticas mais próximas do Nascido da Bruma.

Waxillium encarou seu grande papel e piscou.

— Pela lança do Sobrevivente… — sussurrou ele. — Bem, ao menos isso significa que Steris não está em perigo imediato. Ela é valiosa para eles mesmo sem ser alomântica.

— Sim — disse Marasi, sentindo-se enjoada. — Mas, se eu estiver certa, ela estará num tipo diferente de perigo.

— Claro — concordou Waxillium, desanimado. — Eu deveria ter visto isso. Wayne nunca vai me deixar em paz depois que descobrir.

— Wayne — disse ela, percebendo que não havia perguntado por ele. — Onde ele está?

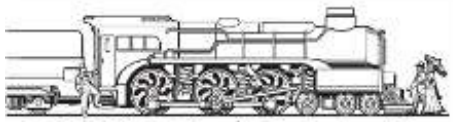
Waxillium checou o relógio de bolso.

— Deve voltar logo. Mandei-o fazer uma pequena maldade.

…io de Elendel

…sante para cada oitante!

Edição [illegible] Preço 2¢



…EXIBE …EBRA"

…transporte, Reshelle Tekiel …ua casa, feito para o trans… …i em exposição ao público

O TREM FANTASMA!!

Descrito por testemunhas!

Neste relato angustiante, três testemunhas falam sobre a noite em que seu trem foi roubado pelos Desaparecidos. Uma delas é a própria maquinista, que explica em detalhes a aparição fantasmagórica. Descubra os fatos por si e entenda por que este fantasma é silencioso demais, brilhante demais e do outro mundo demais para não ser uma força do além. Especialistas da universidade compararam desastres de trem para determinar a origem da aparição, e as listas de mortes dão um vislumbre do que os fantasmas podem desejar. Reportagem exclusiva encontrada apenas aqui! No verso.

Existe vida do outro lado do oceano?

Dois anos atrás, o navio de exploração costeiro *Vistas de Ferro* foi arrebatado por uma tempestade terrível e levado às profundezas do oceano. Longe da terra, não há maneira de navegar adequadamente, e os bravos navegantes se viram rezando por suas vidas enquanto singravam os mares para leste, na esperança de encontrar terra firme.

Harmonia os favoreceu, e, no fim das contas, encontraram terra — uma ilha estranha cheia de animais incomuns. Lá também encontraram um refugiado, um único sobrevivente com uma história terrível sobre seu barco ter sido capturado por um estranho povo marítimo.

Agora, muito depois de seus entes queridos terem desistido deles, tomando-os por mortos, os navegadores retornaram à civilização, trazendo com eles esse refugiado. Sua história é aparentemente, praticamente e maravilhosa. Continue lendo para saber como descobriram a verdade do povo dos oceanos e de seus míticos Metais Desconhecidos. Leia a história inteira no verso.

CARRUAGENS SEM CAVALOS SÃO UMA AMEAÇA!

Carruagens sem cavalos são um perigo para nossa cidade e nosso estilo de vida. Esses dispositivos sem alma não têm o bom senso de um cavalo e um cocheiro, que são treinados por anos de prática e licenciados para proteger seus passageiros. Estatísticas mostram que acidentes e fatalidades são comuns em veículos motorizados. Não ponha sua vida ou a de seus amados à *mercê* de algo que tem a frieza do aço, que não tem vida. Defenda o que é certo!

DENUNCIE CARRUAGENS SEM CAVALOS

Mensagem paga pelo Sindicato dos Cocheiros. As palavras deste artigo não refletem a opinião dos editores e membros deste jornal.

COMPRAMOS METAIS!

Compraremos seus refugos de metal a preços competitivos! Pureza não é problema!

Briggs & Sons, Metalúrgicos Licenciados, Alameda do Funador, 327, 6º Of.

Aparições do Olhos de Ferro em alta!

Relatos de aparições do próprio Olhos de Ferro estão inundando a cidade. Quando a Morte ronda as ruas de Elendel, como saber que você está protegido? Impressas aqui dezesseis dicas comprovadas para manter o Olhos de Ferro longe do seu lar. Entre outras dicas, há proteções para fazê-lo passar direto por você enquanto estiver dormindo e afugentá-lo se o pior acontecer e você encontrá-lo pessoalmente. Reportagem exclusiva no verso, quarta coluna. Não seja um dos poucos que ficarão sem proteção adequada! Continue a leitura ou...!



"Os Imortais Sem Rosto salvaram minha vida!"

Uma mulher sofreu uma experiência assustadora quando um incêndio irrompeu em seu prédio no Quinto Oitante. Ela e seus filhos foram salvos por uma figura sombria que ela jurou estar usando o rosto de seu falecido marido. Uma visão de um dos Imortais Sem Rosto? Ilusão? Simples fantasia? Você decide. História no verso, na quinta coluna.

Vote na PAIXÃO! Vote na LIBERDADE! Vote FELTRI!

Uma mensagem dos Trabalhadores Se unem para Feltri.

O AUTOMÓVEL É SUPERIOR AO CAVALO!

Um estudo justo e científico realizado recentemente pela Associação dos Interesses do Transporte mostra que a carruagem motorizada tem muitas vantagens frente aos cavalos e às charretes comuns. O automóvel é capaz de manter velocidades superadas apenas pelas locomotivas mais sofisticadas e nunca se cansa de uma longa estrada. Não teremos mais que temer perder a montaria para predadores nem sofrer privações ao viajar para terras distantes! Não teremos mais que alimentar ou limpar um animal de carga ingrato! Não seja escravo de seu cocheiro!

TOME AS RÉDEAS DO PODER DO FUTURO HOJE!

A Associação dos Interesses do Transporte é uma divisão do Conglomerado Automotivo da Ilha Maior e é responsável pelo conteúdo desta mensagem.

Explorando os Poços de Eltania

Meu querido editor e, por seu intermédio, meus amados leitores, espero que esta missiva os encontre bem e de posse de um ouvido disposto, pois os eventos incríveis que transpiraram em minha recente experiência podem deixá-los incrédulos e chocados. Juro aos senhores, em declaração das mais sérias, que todas as palavras que escrevo aqui são verdadeiras e factuais. Vivi essas histórias para que os senhores possam saber sobre as Terras Brutas e as pessoas fascinantes que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além da razão cultivada.



incapazes de um trabalho artesanal tão belo.

s | Quando escrevi minha mise- | Mas estou me prolongando

8



Wayne entrou a passos largos na delegacia de polícia do Quarto Oitante. Suas orelhas estavam quentes demais. Por que os tiras usavam chapéus tão desconfortáveis? Talvez por isso parecessem tão ranzinzas o tempo todo, caminhando pela cidade, importunando pessoas respeitáveis. Mesmo depois de poucas semanas em Elendel, Wayne sabia que era basicamente isso que os policiais faziam.

Chapéus ruins. Um chapéu ruim podia tornar um homem bem desagradável, essa era a verdade.

Ele irrompeu pelas portas duplas, abrindo-as com tudo. A sala em que irrompeu parecia uma grande gaiola. Uma cerca de madeira na frente mantinha as pessoas separadas dos tiras e havia mesas atrás dela para comer, descansar e conversar. Sua entrada fez com que alguns tiras de uniforme marrom se empertigassem, alguns levando a mão aos revólveres na cintura.

— Quem está no comando deste lugar? — berrou Wayne.

Os tiras, surpresos, o encararam; em seguida, ficaram em pé, alisando uniformes e colocando rapidamente os chapéus. Ele mesmo usava um daqueles uniformes. Tinha conseguido o seu numa delegacia lá no Sétimo Oitante, deixando uma camisa bem boa para substituí-lo, uma troca tão justa quanto qualquer um podia pedir. Afinal, a camisa era de *seda*.

— Senhor! — disse um dos tiras. — O senhor tem que falar com o capitão Brettin!

— E onde diabos ele está? — gritou Wayne.

Pegara o sotaque certo só de ouvir alguns tiras. As pessoas interpretavam mal a ideia de sotaque. Pensavam que era uma coisa que todos os *outros* tinham. Mas não era isso, de jeito nenhum. Cada pessoa tinha um sotaque individual, uma mistura de onde viveu, sua profissão, seus amigos.

As pessoas pensavam que Wayne imitava sotaques, mas não. Ele os roubava. Eram as únicas coisas que ainda podia roubar, considerando que se desviara para o caminho do bem e tal.

Vários tiras, ainda confusos com sua chegada, apontaram uma porta na lateral da sala. Outros o saudaram, como se fosse a única coisa que soubessem fazer. Wayne alisou seu falso bigode, grosso e com as pontas para baixo, e caminhou até a porta. Andava como se fosse simplesmente abrir a porta com tudo, mas fingiu hesitar e bateu.

Brettin estaria, mesmo que por muito pouco, acima dele na hierarquia. *Que coisa infeliz,* pensou Wayne. *Aqui estou eu, trabalhando há 25 anos como policial, e só tenho três estrelas.* Ele deveria ter sido promovido eras atrás.

Quando ergueu a mão para bater de novo na porta, ela se abriu, revelando o rosto magro de Brettin. Parecia aborrecido.

— Que algazarra e gritaria é essa… — Ficou paralisado quando viu Wayne. — Quem é você?

— Capitão Guffon Trenchant — disse Wayne. — Sétimo Oitante.

Os olhos de Brettin conferiram a insígnia de Wayne e voltaram ao seu rosto. Houve um momento de confusão, e Wayne percebeu o pânico nos olhos de Brettin. Estava tentando decidir se deveria se lembrar do capitão Guffon ou não. A cidade era um lugar grande, e, pelo que Wayne tinha ouvido, Brettin sempre confundia o nome das pessoas.

— Eu… claro, capitão — disse Brettin. — Já… hum, nos conhecemos?

Wayne soprou o bigode.

— Sentamos à mesma mesa no jantar do presidente na última primavera! — Ele estava bastante confiante em seu sotaque. Era uma mistura de sétimo filho de lorde e capataz de forja, com apenas um *toque* de capitão de canal. Ao falar, parecia ter metade da boca cheia de algodão e usar a voz de um cão raivoso.

Mas já fazia semanas que estava na cidade, ouvindo conversas em bares de diferentes oitantes, visitando linhas férreas, falando com as pessoas em parques. Tinha coletado uma boa quantidade de sotaques, acrescentando-os aos que já havia roubado. Mesmo quando vivia em Intempérie, fazia viagens à cidade para recolher sotaques. Encontrava os melhores ali.

— Eu… ah, claro — disse Brettin. — Sim, Trenchant, reconheço você agora. Já faz um tempo.

— Não importa — soltou Wayne. — Que história é essa de ter *prisioneiros* da gangue dos Desaparecidos? Pelo bom aço, homem! Tivemos que ficar sabendo pelos *jornais*!

— Temos jurisdição, já que o evento… — Brettin hesitou, olhando para a sala cheia de policiais intrigados, fingindo cuidadosamente não estarem ouvindo. — Entre.

Wayne encarou os homens que observavam. Nenhum deles o questionara. Aja como se fosse importante e estivesse furioso, e as pessoas vão simplesmente querer sair do seu caminho. Psicologia básica.

— Muito bem — disse ele.

Brettin fechou a porta, falando de forma rápida e autoritária.

— Eles foram capturados em nosso oitante e o crime aconteceu aqui. Temos toda a jurisdição. Mandei uma carta a todos vocês.

— Carta? Ferrugem e Ruína, cara! Sabe quantas cartas recebemos por dia?

— Bem, talvez devesse contratar alguém para lê-las — disse Brettin, impaciente. — Foi o que acabei fazendo aqui.

Wayne soprou o bigode.

— Bem, poderia ter enviado alguém para nos informar — disse ele, fazendo-se de idiota.

— Talvez da próxima vez — disse Brettin, parecendo satisfeito por ter vencido a discussão e desarmado um rival raivoso. — Estamos *bem* ocupados com esses prisioneiros.

— Muito bem — disse Wayne. — Quando vai enviá-los para nós?

— *O quê?* — perguntou Brettin.

— Nós temos precedência! Vocês têm a jurisdição do inquérito inicial, mas *nós* temos o direito à persecução. O primeiro roubo aconteceu em nosso oitante. — Wax escreveu isso para ele. De vez em quando, o camarada conseguia ser bastante útil.

— Você precisa nos enviar um pedido por escrito para isso!

— Enviamos uma carta — disse Wayne.

Brettin hesitou.

— Hoje, mais cedo — continuou Wayne. — Não recebeu?

— Hum… Nós recebemos muitas cartas.

— Pensei que tivesse dito que havia contratado alguém para lê-las.

— Mandei que ele buscasse uns bolinhos mais cedo, sabe…

— Ah. Muito bem, então. — Wayne hesitou. — Posso ficar com um deles?

— Dos bolinhos ou dos prisioneiros?

Wayne inclinou-se para mais perto.

— Olha só, Brettin, vamos derreter e forjar isso de uma vez. Nós dois sabemos que, se quiser, você pode reter os prisioneiros por meses até concluirmos a papelada de transferência de modo adequado. Mas não vamos ganhar nada com isso. Você vai arranjar um monte de briga, e nós vamos perder qualquer chance que tínhamos de pegar o resto desses camaradas. Precisamos nos mexer, *e rápido*.

— E? — perguntou Brettin, desconfiado.

— Quero interrogar alguns dos prisioneiros — disse Wayne. — O chefe me enviou especificamente para isso. Você me deixa entrar, me dá alguns minutos, e paramos todos os pedidos de transferência. Você pode manter a ação, e nós continuamos a caçada ao chefão.

Os dois se encararam. De acordo com Wax, manter a ação contra os Desaparecidos seria bom para a carreira, muito bom, mas o prêmio verdadeiro, o chefão da gangue, ainda estava foragido. Pegá-lo significaria a glória, promoções e talvez um convite para se juntar à nata da cidade. O falecido Lorde Peterus havia recebido tudo isso quando capturou o Estrangulador de Cobre.

Deixar que um policial rival interrogasse os prisioneiros seria arriscado, mas perder os prisioneiros por completo, como Brettin arriscava a fazer, era ainda mais perigoso.

— Quanto tempo? — perguntou Brettin.

— Quinze minutos com cada um — respondeu Wayne.

Os olhos de Brettin estreitaram-se levemente.

— Dez minutos com dois prisioneiros.

— Tudo bem — disse Wayne. — Vamos lá.

Levou mais tempo para arranjar as coisas do que deveria. Os policiais tendiam a fazer tudo devagar, exceto quando envolvia prédios em chamas ou assassinatos nas ruas — e eles só corriam para resolver essas duas situações se alguém rico estivesse envolvido. Por fim, montaram uma sala para ele e

chamaram um dos bandidos.

Wayne o reconheceu. O camarada havia tentado atirar nele, então Wayne havia quebrado seu braço com um bastão de duelo. Tinha sido muito grosseiro tentar alvejá-lo daquele jeito. Quando um camarada mostrava um bastão de duelo, o outro também deveria puxar um bastão ou, ao menos, uma faca. Tentar atirar em Wayne foi como jogar um dado num jogo de cartas. No que o mundo estava se transformando?

— Ele disse alguma coisa até agora? — perguntou Wayne a Brettin e a vários de seus lacaios, em pé na porta e olhando para o bandido atarracado e de cabelo desgrenhado, com o braço enfiado numa tipoia suja.

— Não muito — respondeu Brettin. — Na verdade, nenhum deles entregou muita coisa. Eles parecem…

— Temerosos — disse um dos outros policiais. — Estão com medo de alguma coisa… ou, ao menos, estão com mais medo de falar do que de nós.

— Ora essa! — disse Wayne. — Vocês só precisam ser *firmes* com eles! Sem mimar!

— Nós não estávamos… — começou o policial, mas Brettin ergueu a mão para calá-lo. — Seu tempo está passando, capitão.

Wayne fungou e entrou devagar na sala. Era pequena, praticamente um armário, com apenas aquela porta. Brettin e os outros a deixaram aberta. O bandido estava sentado numa cadeira, com as mãos algemadas ligadas por correntes aos pés presos ao chão. Havia uma mesa entre eles.

O bandido o encarou, ressentido. Não reconheceu Wayne. Provavelmente era o chapéu.

— Então, meu filho — disse Wayne —, você está enrascado.

O bandido não respondeu.

— Posso tirar você dessa fácil. Nada de enforcamento, se você estiver disposto a ser esperto.

O bandido cuspiu nele.

Wayne inclinou-se para mais perto, com as mãos sobre a mesa.

— Escuta aqui — disse ele, bem baixinho, passando para o sotaque natural e fluido que os bandidos usavam. Uma xícara do sotaque dos trabalhadores dos canais para dar autenticidade, uma boa dose do sotaque de um barman para dar confiança, e o restante tirado do Sexto Oitante, lado norte, de onde a maioria dos

bandidos parecia vir. — Isso é jeito de tratar um camarada que matou um tira e roubou o uniforme só pra te tirar daqui, meu chapa?

Os olhos do bandido se arregalaram.

— Não faça isso — disse Wayne, baixinho. — Você parece ansioso demais. Vai deixar os caras cabreiros. Que desgraça! Agora vai ter que cuspir em mim de novo.

O homem hesitou.

— Cuspa!

Ele cuspiu.

— Que Ruína! — gritou Wayne, voltando ao sotaque de policial. Ele esmurrou a mesa. — Se fizer isso de novo, garoto, eu arranco as suas orelhas.

O bandido olhou para ele.

— É pra cuspir de novo?

Ah, ótimo. Acertei em cheio o sotaque.

— É o caramba! — sibilou Wayne. — Vou arrancar as suas orelhas de verdade se fizer isso. — Ele se inclinou, falando baixo o bastante para que os outros não pudessem ouvir. — Os tiras dizem que você não falou. Muito bom. O chefão vai gostar de saber.

— Você vai me tirar daqui?

— O que acha? Não posso deixar você aqui para dar com a língua nos dentes. É tirar você daqui ou ver você apertando as mãos do Olhos de Ferro.

— Não vou falar — disse o homem, com urgência. — Não precisa me matar. Eu *não vou falar*.

— E os outros?

O homem hesitou.

— Acho que não vão falar também. Talvez Sindren. Ele é novo e tudo o mais.

Ótimo, pensou Wayne.

— Sindren. O loiro com a cicatriz?

— Não. Ele é o baixote com orelhão. — O bandido estreitou os olhos para Wayne. — Por que não reconheço você?

— Por que acha? — disse Wayne, afastando-se e retomando a voz de

policial. — Agora, sem mais demora! Onde é sua base de operações? De onde vocês estão trabalhando? Quero *respostas*! — Ele se inclinou de novo para perto do bandido. — Não me reconhece porque sou valioso demais para ser visto por homens comuns. Eles poderiam me entregar. Trabalho com seu chefe. Tarson.

— Tarson? Ele não é chefe de nada. Ele só atira nas coisas.

Ótimo também.

— Eu quis dizer o chefe dele.

O bandido fez uma careta. Estava ficando cada vez mais desconfiado.

— Essa sua atitude vai levar você pra forca, meu chapa — disse Wayne, baixinho. — Quem recrutou você? Quero… falar com ele.

— Quem… Clamps faz *todo* o recrutamento. Você deveria saber disso. — Seus olhos se tornaram hostis.

Excelente, pensou Wayne.

— Pronto! — disse ele, virando-se para os policiais. — Este aqui não vai falar. Bandido boca fechada. — Ele saiu da sala para se juntar a Brettin e aos outros.

— Por que estava sussurrando tanto? — questionou Brettin. — Você disse que poderíamos ouvir.

— Eu disse que poderiam ouvir — confirmou Wayne —, mas não disse que eu diria alguma coisa que pudessem ouvir. Com esses tipos, você tem que falar baixo e de um jeito ameaçador. Alguns dos homens já deram nomes para vocês?

— Apelidos — disse Brettin, insatisfeito.

— Algum deles deu o nome Sindren?

Brettin olhou para seus homens. Eles negaram com a cabeça.

Excelente.

— Quero ver os outros. Vou escolher quem vou interrogar.

— Isso não fazia parte do acordo — disse Brettin.

— Eu ainda posso ir para casa e começar a preparar a papelada para a transferência…

Brettin ruminou aquelas palavras por um momento e, em seguida, levou Wayne até as celas. Foi fácil reconhecer Sindren. O homem de orelhas grandes parecia jovem; seus olhos se arregalaram quando viu os tiras olhando para sua cela.

— Ele — disse Wayne. — Vamos!

Agarraram-no e levaram-no para uma sala de interrogatório. Quando Sindren foi algemado e acorrentado, Brettin e seus homens esperaram dentro da sala.

— Um pouco de espaço para respirar, por favor — disse Wayne, olhando feio para eles.

— Tudo bem — disse Brettin. — Mas chega de sussurros. Quero ouvir o que vai perguntar para ele. Ainda é *nosso* prisioneiro.

Wayne fuzilou-os com o olhar, e eles saíram arrastando os pés, mas deixaram a porta aberta. Brettin ficou do lado de fora, com os braços cruzados, olhando para Wayne com expectativa.

Tudo bem, pensou Wayne. Ele se virou para o preso e se inclinou para a frente.

— Olá, Sindren

O rapaz deu um pulo de verdade.

— Como o senhor…

— Clamps me mandou aqui — disse Wayne, baixinho, usando um tom de valentão de rua. — Estou arranjando um jeito de te tirar daqui. Preciso que você fique totalmente parado.

— Mas…

— Parado. Não se mova.

— Sem cochichos! — gritou Brettin. — Se você disser…

Wayne formou uma bolha de velocidade. Não duraria muito, já que não tinha conseguido ir atrás de muita curvaliga. Precisaria funcionar.

— Sou um alomântico — disse Wayne, ficando perfeitamente parado. — Acelerei o tempo pra gente. Se você se mexer, eles vão perceber o borrão e saber o que está acontecendo. Entendeu? *Não* mexa a cabeça para fazer que sim. Apenas diga.

— Hum… sim.

— Ótimo — disse Wayne. — Como eu disse, Clamps me enviou para te tirar daqui. Parece que o chefão está preocupado. Não quer que vocês falem nada.

— Eu não falo! — disse o jovem. Sua voz era quase um grasnado enquanto obviamente se esfalfava para não se mover.

— Tenho certeza de que não — disse Wayne, mudando sutilmente o sotaque

para combinar com a região do jovem, interior do Sétimo. Ele jogou uma pitada de moleiro no sotaque, que percebera no dialeto do rapaz. Provavelmente de seu pai. — Se você falasse, Tarson teria que quebrar alguns ossos seus. Sabe como ele gosta disso, não é?

O rapaz ia mexer a cabeça, mas se segurou.

— Eu sei.

— Mas vamos tirar você dessa — garantiu Wayne. — Não se preocupe. — Mas não reconheço você. É novo?

— Sim.

— Clamps recrutou você?

— Faz duas semanas.

— Em que base você está trabalhando?

— Em que base? — perguntou o rapaz, franzindo a testa.

— Temos várias estações de operação — disse Wayne. — Mas é claro que você não sabe disso, não é? O chefão só mostra uma para os garotos novos, para o caso de serem pegos. Ele não ia querer que você levasse pessoas até nós por acidente, não é?

— Seria horrível — concordou Sindren. Ele olhou para a porta, mas se manteve parado. — Ele me pôs na velha fundição, em Longard. Pensei que éramos os únicos!

— Essa é a ideia — disse Wayne. — Não podemos deixar que um simples erro estrague nossa retribuição.

— Hum, é.

— Você não acredita em tudo isso, acredita? — perguntou Wayne. — Não tem problema. Também acho que o chefão fica um pouco doido com essas coisas.

— É — disse o jovem. — A maioria de nós só quer o dinheiro, sabe? Retribuição é legal, mas…

— Dinheiro é melhor.

— É. O chefão vive dizendo que as coisas vão melhorar quando ele estiver no comando e como a cidade o traiu e coisas assim. Mas a cidade trai todo mundo. A vida é assim. — O rapaz olhou de novo para os tira do lado de fora da porta.

— Não se preocupe — disse Wayne. — Eles acham que sou um tira.

— Como você fez isso? — perguntou o rapaz, baixinho.

— É só falar a língua deles, meu filho. É surpreendente como muita gente nunca percebe isso. Tem certeza de que nunca soube de nenhuma outra base? Preciso saber quais estão em perigo.

— Não — respondeu o jovem. — Eu só fui até a fundição. Fiquei lá durante boa parte do tempo, exceto quando a gente saía para as atividades.

— Posso te dar um conselho, filho? — perguntou Wayne.

— Por favor.

— Saia desse negócio de roubar as pessoas. Você não foi feito pra isso. Se sair, volte para os moinhos.

O garoto franziu a testa.

— É preciso ter um jeito especial para ser um bom criminoso — explicou Wayne. — Você não tem esse jeito. Veja bem, nesta conversa, eu o fiz confirmar o nome do cara que recrutou você e me dar a localização de sua base.

O rapaz ficou pálido.

— Mas…

— Não se preocupe — disse Wayne. — Estou do seu lado, lembra? Essa é sua sorte.

— Sim.

— Tudo bem — disse Wayne, abaixando a voz e ainda parado. — Não sei se consigo tirar você daqui à força. Aceite, garoto: você não vale tanto. Mas eu *posso* ajudar você. Quero que você fale com os policiais.

— *O quê?*

— Me dê até a noite — disse Wayne. — Vou voltar para a base e limpar o lugar. Assim que eu tiver feito isso, você pode dedurar para os tiras, dizer tudo que sabe. Não se preocupe, porque você não tem informação suficiente para nos encrencar de verdade. Nossos planos de contingência vão nos proteger. Vou falar para o chefão que mandei você fazer isso, e assim vai ficar tudo bem pra você. Mas não fale com eles até prometerem te liberar em troca das informações. Consiga um advogado; peça um que atende por Arintol. Ele deve ser honesto. — Ao menos, foi isso que as pessoas nas ruas disseram a Wayne. — Faça os tiras prometerem sua liberdade na frente de Arintol. Então, diga a eles tudo que sabe.

Assim que você sair, fuja da cidade. Alguns homens da gangue talvez não acreditem que mandei você falar, então pode ser perigoso para você. Vá para as Terras Brutas e comece a trabalhar como moleiro. Ninguém vai se importar com o seu passado. De qualquer forma, rapaz, fique fora do crime. Você só vai acabar matando alguém. Talvez você mesmo.

— Eu… — O rapaz parecia aliviado. — Obrigado.

Wayne deu uma piscadela.

— Agora, resista a tudo que eu perguntar e não me dê nenhuma informação. — Ele começou a tossir e desfez a bolha de velocidade.

— … que eu não possa ouvir — disse Brettin —, eu paro o interrogatório.

— Está bem! — gritou Wayne. — Garoto, me diga para quem você trabalha.

— Não vou falar nada, tira!

— Você vai falar ou eu arranco seus dedos do pé! — retrucou Wayne, gritando.

O garoto entrou na brincadeira, e Wayne deu aos policiais uns bons cinco minutos de discussão com o bandido antes de jogar as mãos para cima e sair da sala.

— Eu lhe disse — falou Brettin.

— Sim — disse Wayne, tentando parecer abatido. — Acho que você vai ter que continuar insistindo com eles.

— Não vai funcionar — comentou Brettin. — Vou morrer e ser enterrado antes de esses homens falarem.

— Não teríamos tanta sorte — disse Wayne.

— O que foi?

— Nada — respondeu Wayne, farejando o ar. — Acho que os bolinhos chegaram. Excelente! Ao menos essa viagem não terá sido uma perda de tempo.

9



— Então não sabemos ao certo o que aconteceu — disse Waxillium, sentando-se no chão ao lado da longa folha de papel coberta com suas pesquisas genealógicas. — As “Palavras de Fundação” incluem uma referência a mais dois metais e suas ligas, mas os antigos acreditavam em dezesseis metais, e a Lei dos Dezesseis é tão forte na natureza que não pode ser desconsiderada. Ou Harmonia mudou a maneira como a própria Alomancia funciona ou nunca realmente a entendemos.

— Hum — disse Marasi, ajoelhando-se no chão. — Eu não esperaria isso de você, Lorde Waxillium. Homem da lei eu esperava. Metalurgista, talvez. Mas filósofo?

— Existe uma ligação entre ser um homem da lei e um filósofo — disse Waxillium, sorrindo, indolente. — A manutenção da lei e a filosofia tratam de fazer perguntas. Fui atraído à lei por uma necessidade de encontrar respostas que ninguém mais conseguia dar, de capturar homens que todos consideravam inalcançáveis. A filosofia é semelhante. Perguntas, segredos, enigmas. A mente humana e a natureza do universo são as duas grandes charadas.

Ela meneou a cabeça, pensativa.

— E para você, o que a levou a estudar? — perguntou Waxillium. — Não se vê com frequência uma jovem de posses estudando direito.

— Minhas posses não são tão… significativas como podem parecer à primeira vista — disse ela. — Eu não seria nada sem o mecenato de meu tio.

— Ainda assim.

— Histórias — disse ela, com um sorriso melancólico. — Histórias do bem e do mal. A maioria das pessoas que conhecemos não é só boa nem só ruim.

Waxillium fez uma careta.

— Discordo. A maioria das pessoas parece basicamente boa.

— Bem, talvez de acordo com uma definição. Mas parece que qualquer lado, bom ou mau, deve ser buscado para ser significativo. As pessoas hoje em dia… Parecem que são boas, ou às vezes más, por *inércia*, não por escolha. Agem como seu entorno as prepara para agir. É como se… Bem, imagine um mundo onde tudo é iluminado por uma mesma luz modesta. Todos os lugares, por fora e por dentro, iluminados por uma luz uniforme que não pode ser alterada. Se, neste mundo, alguém produzisse uma luz que fosse muito mais brilhante, isso seria notável. Se alguém conseguisse criar um espaço que fosse mal iluminado, isso também seria notável. De certa forma, não importa quão forte era a iluminação inicial, pois a história funciona de qualquer jeito.

— O fato de a maioria das pessoas ser decente não torna sua decência menos valorosa para a sociedade.

— Sim, claro — disse ela, corando. — E não estou dizendo que desejo que todo mundo seja menos decente. Mas… as luzes mais brilhantes e os lugares mais obscuros me fascinam, Lorde Waxillium, especialmente quando estão drasticamente fora de lugar. Por que acontece de um homem ter crescido numa boa família, cercado de bons amigos, com um bom emprego e recursos satisfatórios, e começar a estrangular mulheres com fios de cobre e afundar seus corpos nos canais? E, ao contrário, por que acontece de a maioria dos homens se adaptar ao clima geral de sensibilidades complacentes que existe nas Terras Brutas e alguns outros, alguns indivíduos notáveis, decidirem levar civilização a eles? Uma centena de homens, convencida pela sociedade de que “todo mundo faz desse jeito”, aceitará o mais cruel e horrível dos atos, mas um homem dirá não.

— Na verdade, não é tão heroico assim — disse Waxillium.

— Tenho certeza de que não é para você.

— Já ouviu a história do primeiro homem que prendi?

Ela enrubesceu.

— Eu… já. Sim, vamos dizer que já ouvi. Peret, o Sombrio. Estuprador e alomântico… Braço de Peltre, acredito eu. Você entrou na delegacia, olhou para o quadro de avisos, arrancou a foto dele e saiu. Voltou três dias depois, com ele sobre a sela do cavalo. De todos os homens no quadro de avisos, o senhor escolheu o mais difícil, o bandido mais perigoso da turma.

— Era o que oferecia a maior recompensa.

Marasi franziu a testa.

— Olhei para aquele quadro de avisos — disse Waxillium — e pensei comigo: “Bem, qualquer um desses camaradas provavelmente vai me matar. Então, é melhor escolher o que vale mais”. Eu precisava do dinheiro. Em três dias, eu só havia comido somente um pedaço de carne seca e alguns feijões. Então, veio Taraco.

— Um dos grandes bandidos da nossa era.

— Com ele, achei que eu tinha uma chance de conseguir botas novas — disse Waxillium. Ele havia roubado um sapateiro poucos dias antes, e pensei que, se prendesse o homem, talvez conseguisse um novo par de botas.

— Pensei que o havia escolhido por ter atirado num vigilante em Faradana na semana anterior.

Waxillium negou com a cabeça.

— Só soube disso depois de tê-lo capturado.

— Ah. — Em seguida, ela sorriu, ansiosa. — E Harrisel Durão?

— Uma aposta com Wayne — disse Waxillium. — Você não parece decepcionada.

— Isso só torna as coisas mais reais, Lorde Waxillium — disse ela. Seus olhos ansiosos brilhavam de um jeito quase *predatório*. — Preciso anotar isso. — Ela fuçou a bolsa, puxando uma caderneta e um lápis.

— Então foi isso que motivou você? — perguntou Waxillium enquanto ela fazia as anotações. — O desejo de ser uma heroína, como nas histórias?

— Não, não — respondeu ela. — Eu só queria saber sobre elas.

— Tem certeza? Você poderia se tornar uma vigilante, ir para as Terras Brutas, viver as mesmas histórias. Não pense que não pode por ser mulher; a alta sociedade talvez faça você pensar dessa forma, mas isso não importa além das montanhas. Lá, você não precisa usar vestidos rendados nem cheirar a flores. Pode ter alguns revólveres na cinta e fazer suas regras. Não se esqueça da nossa Guerreira Ascendente.

Ela se inclinou para a frente.

— Posso lhe confessar uma coisa, Lorde Waxillium?

— Apenas se for libidinoso, pessoal ou embaraçoso.

Ela sorriu.

— Eu *gosto* de vestidos rendados e de cheirar a flores. Eu *gosto* de viver na cidade, onde posso ter as conveniências modernas. Percebe que posso pedir comida terrisana a *qualquer hora* da noite e que trarão para mim?

— Incrível. — Realmente era. Ele não sabia que isso era possível.

— Por mais que eu goste de ler sobre as Terras Brutas e que possa gostar de visitá-las, acho que não gostaria de viver lá. Não me dou bem com terra, sujeira e falta geral de higiene pessoal. — Ela se inclinou. — E, para ser muito honesta, não tenho problema nenhum em deixar homens como o senhor carregarem revólveres e atirarem nas pessoas. Isso me torna uma traidora terrível do meu gênero?

— Acho que não. Mas você *é* muito boa atirando nas coisas.

— Ora, atirar em *coisas* tudo bem. Mas em pessoas? — Ela estremeceu. — Sei que a Guerreira Ascendente é um modelo para as mulheres realizadas. Temos aulas sobre isso na universidade, pelo amor de Preservação, e seu legado está escrito na lei, mas não quero pôr calças e ser ela. Às vezes, eu me sinto uma covarde por admitir isso.

— Tudo bem — disse ele. — Você precisa ser você mesma. Mas nada disso explica por que você está estudando direito.

— Ah, eu quero mudar a cidade — disse ela, ficando mais entusiasmada. — E sinto que perseguir cada criminoso e perfurá-lo com pedaços de metal que se movem em alta velocidade é uma maneira terrivelmente ineficaz de fazê-lo.

— Mas também pode ser divertido.

— Vou lhe mostrar uma coisa. — Ela fuçou a bolsa um pouco mais e tirou algumas folhas dobradas. — Eu estava falando sobre como as pessoas em geral agem em reação ao seu entorno. Você se lembra da nossa discussão sobre as Terras Brutas e sobre haver *mais* vigilantes por pessoa do que aqui? E, ainda assim, o crime prevalece. Esse é o resultado do ambiente. Veja.

Ela entregou algumas folhas a ele.

— Isso é um relatório — disse ela. — Eu mesma estou montando. É sobre a relação entre a natureza do crime e o ambiente. Há uma discussão sobre os principais fatores que reduziram a criminalidade em algumas partes da cidade. Contratar mais policiais, enforcar mais criminosos, esse tipo de coisa. São medidas de eficácia média.

— O que é isso no fim? — perguntou Waxillium.

— Revitalização — disse ela, com um grande sorriso. — Este é um caso em que um homem rico, Lorde Joshin, comprou vários quinhões de terra numa das áreas menos respeitáveis da cidade. Ele começou a revitalizar e limpar a terra. A criminalidade despencou. As pessoas não mudaram, apenas o ambiente. Agora, é uma área segura e respeitável da cidade. Chamamos isso de teoria das “janelas quebradas”. Se um homem vê uma janela quebrada num prédio, ele fica mais propenso a roubar ou cometer outros crimes, pois imagina que ninguém se importa com o que acontece ali. Se todas as janelas forem consertadas, todas as ruas limpas, todos os prédios restaurados a criminalidade despenca. Da mesma forma que um dia quente pode deixar uma pessoa irritadiça, uma área em decadência pode transformar um homem comum num criminoso.

— Curioso — disse Waxillium.

— Claro que essa não é a única resposta. Sempre haverá pessoas que não reagem ao entorno. Como mencionei, elas me fascinam. De qualquer forma, sempre fui boa com números e cifras. Vejo padrões e me ponho a pensar. Limpar algumas ruas pode ser mais barato do que contratar mais policiais e pode realmente diminuir muito mais a criminalidade.

Waxillium olhou para os relatórios e depois de volta para Marasi. Ela estava afogueada pela empolgação. Havia alguma coisa cativante nela. Quanto tempo já estavam ali? Ele hesitou antes de checar o relógio de bolso.

— Ah — disse ela, olhando para o relógio. — Não deveríamos estar papeando desse jeito. Não com a pobre Steris nas mãos dos bandidos.

— Não podemos fazer muito mais até Wayne voltar — disse Waxillium. — Na verdade, ele já deveria estar de volta.

— Ele está — disse a voz de Wayne no corredor.

Marasi teve um sobressalto, soltando um gritinho.

Waxillium suspirou.

— Faz quanto tempo que você está aí fora?

A cabeça de Wayne apareceu no canto da porta, usando um chapéu de policial.

— Faz um tempinho. Parecia que vocês dois estavam tendo alguma conversa de gente inteligente. Não quis interferir.

— Foi esperto de sua parte. Sua estupidez pode ser contagiosa.

— Não me venha com palavras bonitas, filho. — Wayne entrou. Embora

estivesse usando um chapéu de policial, usava o sobretudo e as calças de sempre, com os bastões de duelo na cintura.

— Conseguiu? — perguntou Waxillium, levantando-se e estendendo a mão para ajudar Marasi a se levantar.

— Consegui alguns bolinhos. — Wayne abriu um sorriso. — E os tiras sujos até pagaram por eles.

— Wayne?

— Sim?

— *Nós* somos tiras sujos.

— Não mais — disse ele com orgulho. — Somos cidadãos independentes com a mente orientada para a obrigação cívica. E comemos os bolinhos dos tiras sujos.

Marasi fez uma careta.

— Não parecem tão apetitosos quando descritos dessa forma.

— Ah, eles estão bons. — Wayne levou a mão ao bolso do sobretudo. — Aqui, trouxe uns para vocês. Ficaram um pouco esmagados no meu bolso.

— Não, obrigada — disse ela, empalidecendo.

Wayne deu uma risadinha e tirou um papel, que acenou para Waxillium.

— Localização do esconderijo dos Desaparecidos. Junto com o nome do recrutador.

— Sério? — perguntou Marasi, ansiosa, correndo para pegar o papel. — Como fez isso?

— Uísque e *magia* — disse Wayne.

— Em outras palavras — disse Waxillium, aproximando-se para ler o papel sobre o ombro de Marasi —, Wayne tagarelou bastante para conseguir. Bom trabalho.

— Precisamos nos mexer! — disse Marasi, com urgência. — Ir até lá, pegar Steris e…

— Não vão mais estar lá — interrompeu Waxillium, pegando o papel. — Não depois da captura de vários de seus membros. Wayne, você conseguiu pegar isso sem que os policiais ouvissem?

Ele pareceu ofendido.

— O que acha?

Wax assentiu com a cabeça, coçando o queixo.

— Deveríamos ir até lá logo. Chegar à cena antes que esfrie demais.

— Mas... — disse Marasi. — Os policiais…

— Vamos deixar uma pista anônima assim que tivermos visto o local — interrompeu Waxillium.

— Não vai ser necessário — acrescentou Wayne. — Acendi um pavio.

— Para quando?

— Cair da noite.

— Ótimo.

— Você pode mostrar sua gratidão com um pedaço grande e gordo de um metal raro e caro — disse Wayne.

— Na mesa — disse Waxillium, dobrando o papel e colocando-o no bolso do colete.

Wayne foi até a mesa, olhando o aparato montado.

— Não sei se quero tocar nessas coisas, meu chapa. Gosto muito de todos os meus dedos.

— Não vai explodir, Wayne — disse Wax, seco.

— Você disse isso quando…

— Aconteceu *uma* vez! — interrompeu Waxillium.

— Sabia que é chato pra caramba fazer os dedos crescerem de novo, Wax?

— Se for tão chato quanto você reclamando, então é realmente horrível.

— Só estou dizendo — disse Wayne, olhando a mesa até encontrar um frasco com flocos de curvaliga. Ele o pegou e se afastou, desconfiado. — As coisas com a aparência mais inocente têm uma tendência a explodir. Um sujeito precisa ter cuidado. — Ele sacudiu a garrafa. — Não tem muito.

— Não se faça de mimado — disse Waxillium. — É muito mais do que eu poderia conseguir para você em tão pouco tempo se estivéssemos nas Terras Brutas. Deixe o chapéu aí. Vamos olhar esta fundição.

— Podemos usar minha carruagem, se quiserem — disse Marasi. Nesse instante, Tillaume entrou, carregando um cesto numa das mãos e uma bandeja com chá na outra. Deixou o cesto ao lado da porta, pôs a bandeja na mesa e

começou a servir o chá.

Waxillium olhou para Marasi.

— Você quer vir? Pensei que tinha dito que preferia deixar os tiros para homens como eu.

— Você disse que eles não estarão lá — retrucou ela. — Então, não haverá perigo de verdade.

— Eles ainda querem levar você — observou Wayne. — Tentaram pegá-la no jantar. Vai ser perigoso.

— Eles provavelmente atirarão em qualquer um de vocês sem piscar — disse ela. — Então, como será menos arriscado para vocês?

— Acho que não vai ser — admitiu Wayne.

Tillaume aproximou-se, levando uma xícara de chá a Waxillium numa pequena bandeja. Wayne a pegou com um sorrisinho, embora Tillaume tivesse tentado afastá-la.

— Que conveniente — disse Wayne, erguendo a xícara. — Wax, por que nunca levou um desses camaradas para me servir em Intempérie? — O mordomo fez uma cara feia para ele e voltou apressado à mesa para preparar outra xícara.

Waxillium encarou Marasi, refletindo. Havia algo que não estava enxergando, algo importante, algo sobre o que Wayne disse…

— Por que *eles* pegaram você? — perguntou Waxillium a Marasi. — Havia alvos melhores naquela festa. Mulheres mais próximas das linhagens que eles querem.

— Você disse que talvez ela fosse uma isca para nos despistar — disse Wayne, jogando um pouco de curvaliga no chá e tomando tudo num gole só.

— Sim — disse Waxillium, fitando-a nos olhos e vendo o brilho de algo ali. Ela se afastou. — Mas, se fosse o caso, eles levariam alguém que não fosse tão próxima da mesma linhagem, e não uma prima de Steris. — Ele crispou os lábios e entendeu subitamente. — Ah! Você é ilegítima! Meia-irmã de Steris, por parte de Lorde Harms, suponho eu.

Ela enrubesceu.

— Sim.

Wayne assobiou.

— Que belo espetáculo, Wax! Em geral, *eu* espero até o segundo encontro

antes de chamar uma pessoa de bastarda. — Ele encarou Marasi. — Até o terceiro, se ela for bonita.

— Eu… — Waxillium sentiu uma explosão repentina de vergonha. — Claro. Eu não quis dizer…

— Não tem problema — disse ela.

Fazia sentido. Marasi e Lorde Harms tinham ficado desconfortáveis quando Steris falara sobre amantes e a cláusula específica sobre elas no contrato. Steris estava acostumada à infidelidade por parte de um lorde. E isso também explicava por que Harms estava pagando pela educação e dando moradia para a "prima" de Steris.

— Lady Marasi — disse Waxillium, tomando sua mão. — Talvez meus anos nas Terras Brutas tenham me afetado mais do que presumi. Houve um tempo em que eu *pensava* antes de falar. Perdoe-me.

— Eu sou o que sou, Lorde Waxillium — disse ela. — E estou acostumada com isso.

— Ainda assim, foi rude da minha parte.

— Não precisa se desculpar.

— Hã... — disse Wayne, pensativo. — Esse chá está envenenado.

Com isso, ele despencou no chão.

Marasi arfou, correndo imediatamente até ele. Waxillium virou-se, olhando Tillaume no instante em que o mordomo se afastou de suas supostas preparações de chá e ergueu uma pistola para Waxillium.

Não houve tempo para pensar. Waxillium queimou aço. Ele mantinha um pouco do metal em si quando pensava que poderia estar em perigo e *empurrou* o terceiro botão de seu colete. Sempre usava um botão feito de aço ali para restaurar suas reservas de metal ou usar como arma.

O botão se soltou do colete, voando pela sala e acertando Tillaume no peito assim que ele puxou o gatilho. O tiro foi desviado. Nem a bala nem a arma foi registrada como metal pelos sentidos alomânticos de Waxillium. Ou seja, eram de alumínio.

Tillaume cambaleou para o lado e soltou a arma, apoiando-se na estante numa tentativa de fuga. Deixou uma linha de sangue no chão antes de cair junto à porta.

Waxillium caiu de joelhos ao lado de Wayne. Marasi deu um pulo com o tiro

e estava encarando o mordomo arfante.

— Wayne? — chamou Waxillium, erguendo a cabeça do amigo.

Wayne piscou várias vezes até abrir os olhos.

— Veneno. Eu *odeio* veneno. Pior do que perder um dedo, juro.

— Lorde Waxillium! — disse Marasi, alarmada.

— Wayne vai ficar bem — disse Waxillium, recostando-se. — Enquanto puder falar e tiver algumas reservas feruquêmicas, pode se recuperar de praticamente qualquer coisa.

— Não estou falando dele. O mordomo!

Waxillium ergueu os olhos, assustado, percebendo que o moribundo Tillaume estava mexendo na cesta que havia trazido. O homem tinha enfiado a mão ensanguentada nela e puxou alguma coisa.

— Wayne! — gritou Waxillium. — Bolha. *Agora!*

Tillaume caiu para trás. O cesto explodiu numa bola de fogo.

E parou.

— Ai, ferrugem! — exclamou Wayne, virando-se para olhar a explosão em curso. — Eu te avisei. Eu *disse* que as coisas estão sempre explodindo ao seu redor.

— Eu me recuso a assumir a responsabilidade por esta explosão.

— Ele é *seu* mordomo — disse Wayne, tossindo e ficando de joelhos. — Eca! Nem era um chá *bom*.

— Está aumentando! — disse Marasi, assustada, enquanto apontava para a explosão.

O estouro tinha destruído a cesta antes que Wayne conseguisse erguer a bolha. A onda quente estava se expandindo devagar, queimando o tapete, destruindo o batente da porta e as estantes. O próprio mordomo já havia sido engolfado.

— Desgraça — disse Wayne. — Essa é das grandes.

— Provavelmente pensada para parecer um acidente com meus equipamentos de metalurgia — disse Waxillium. — Queimar nossos corpos, encobrir o assassinato.

— Devemos pular pela janela?

— Será difícil ser mais rápido que a explosão — disse Waxillium, pensativo.

— Você conseguiria. É só *empurrar* com força.

— Contra o quê, Wayne? Não vejo nenhuma boa âncora naquela direção. Além disso, se eu nos lançar para trás com essa velocidade, vamos sair pela janela e nossos corpos serão feitos em pedacinhos.

— Cavalheiros — disse Marasi, com a voz cada vez mais frenética. — Está ficando *maior.*

— Wayne não consegue parar o tempo — disse Waxillium. — Só reduzir muito sua velocidade. E não pode mover a bolha depois de criá-la.

— Olhe — disse Wayne. — Exploda a parede. *Empurre* contra os pregos do caixilho da janela e estoure a parede. Então, vai poder nos lançar naquela direção sem que precisemos atravessar nada.

— Você escuta o que diz? — perguntou Waxillium, com as mãos na cintura enquanto observava o amigo. — *Tijolo* e *pedra*. Se eu *empurrar* com muita força, vou me jogar para trás na direção da explosão.

— Está *muito*, *muito* perto! — disse Marasi.

— É só você ficar mais pesado — disse Wayne.

— Pesado o bastante para não me mover enquanto uma *parede* inteira, bem construída, extremamente pesada, é arrancada de um prédio?

— Isso.

— O piso nunca aguentaria — disse Waxillium. — Ele se abriria e…

Ele parou de falar.

Os dois olharam para baixo.

Entrando em movimento, Waxillium agarrou Marasi, puxando-a com um grito. Ele ficou deitando, segurando-a com força acima de si.

A explosão ocupava a maior parte de seu campo de visão agora, tendo consumido uma grande parte da sala. Aumentava cada vez mais, brilhando com uma luz amarela furiosa, como uma massa borbulhante, inflando, expandindo-se num forno gigante.

— O que vamos… — disse Marasi.

— Aguente firme! — disse Waxillium.

Ele aumentou seu peso.

A Feruquemia não funcionava como a Alomancia. As duas categorias de poder não raro eram confundidas, mas eram diferentes de muitos jeitos. Na Alomancia, o poder vinha do próprio metal, e havia um limite de quanto se podia fazer de uma vez. Wayne não podia comprimir o tempo além de um certo limite, Waxillium podia *empurrar* com força apenas um pedaço de metal.

A Feruquemia funcionava como uma espécie de canibalismo, em que a pessoa consumia parte de si para usar posteriormente. Era possível ficar cinquenta por cento mais pesado por mais ou menos dez dias pesando metade do peso pelo mesmo tempo. Ou se podia ficar duas vezes mais pesado por metade daquele período. Ou quatro vezes mais pesado por um quarto do tempo.

Ou extremamente pesado por alguns momentos.

Waxillium extraiu o peso que havia armazenado nas mentes de metal ao longo de dias que passara com três quartos de seu peso comum. Ficou pesado como um rochedo, depois pesado como um prédio, depois ainda *mais pesado*. Todo aquele peso concentrado numa pequena porção de assoalho.

A madeira estalou, depois quebrou, explodindo para baixo. Waxillium caiu da bolha de velocidade de Wayne e atingiu o tempo real. Os instantes seguintes foram um borrão. Ele ouviu o som incrível da explosão lá em cima, que bateu contra ele como uma onda de força. Soltou sua mente de metal e *empurrou* contra os pregos no chão abaixo dele, tentando reduzir sua velocidade e a de Marasi.

Não teve tempo suficiente para fazê-lo bem e ambos bateram no chão do andar debaixo. Algo pesado aterrissou em cima deles, arrancando o ar dos pulmões de Waxillium. Houve um brilho ofuscante e um estouro de calor.

Em seguida, tudo ficou em silêncio.

Waxillium ficou caído, zonzo, os ouvidos tomados por um zumbido. Grunhiu e, em seguida, percebeu que Marasi estava agarrada a ele, tremendo. Ele a segurou por um momento, piscando. Ainda estavam em perigo? O que havia caído sobre eles?

Wayne, pensou ele. Tentou se mover, rolando o corpo e colocando Marasi ao seu lado. O chão embaixo deles havia se transformado em lascas, os pregos tinham sido achatados até virarem disquinhos. Parte de seu *empurrão* para baixo deve ter acontecido enquanto ainda pesava mais do que o normal.

Estavam cobertos de lascas de madeira e pó de gesso. O teto estava arruinado, e pedaços de madeira fumegante, partículas de cinzas e escombros

ainda caíam. Não havia restado nada do buraco que ele havia aberto; o estouro consumira a fenda e o assoalho ao redor dele.

Encolhendo-se, ele moveu Wayne. O amigo havia caído em cima deles e bloqueado a força da explosão. Seu sobretudo estava esfarrapado, as costas estavam expostas, enegrecidas e queimadas, e o sangue escorria na parte lateral do seu corpo.

Marasi levou a mão à boca. Ainda estava tremendo, o cabelo castanho-escuro embaraçado, os olhos arregalados.

Não, pensou Waxillium, incerto sobre tentar virar o amigo de barriga para cima ou não. *Por favor, não.* Wayne havia usado uma porção de sua saúde para recuperar-se do veneno. E na noite anterior dissera que tinha o suficiente apenas para um ferimento a bala…

Ansioso, tocou o pescoço de Wayne. Havia um pulso fraco. Waxillium fechou os olhos e soltou um suspiro profundo. Enquanto ele observava, os ferimentos nas costas de Wayne começaram a se fechar. Era um processo lento. Um Criassangue ficava limitado pela rapidez com que queria que seu poder trabalhasse, e recuperar-se rapidamente exigia um gasto muito maior de saúde. Se Wayne não tinha muito, precisava trabalhar em ritmo lento.

Waxillium o deixou. Wayne devia estar sentindo uma grande dor, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Então, tomou Marasi pelo braço. Ela ainda tremia.

— Está tudo bem — disse Waxillium, com a voz soando estranha e abafada aos seus ouvidos por conta do efeito da explosão. — Wayne está se curando. Você se feriu?

— Eu… — Ela parecia zonza. — Duas em cada três pessoas que sofrem um grande trauma são incapazes de identificar corretamente seus ferimentos, como resultado do estresse e dos mecanismos naturais de superação da dor.

— Me diga se dói — disse Waxillium, tateando tornozelos, pernas e braços em busca de ossos quebrados. Tocou cuidadosamente as laterais das costelas, embora fosse difícil senti-las pelo tecido grosso do vestido.

Lentamente, Marasi saiu do atordoamento. Em seguida, olhou para ele e o puxou para perto, enfiando a cabeça no peito de Wax. Ele hesitou, mas a envolveu com os braços e a segurou até sua respiração se normalizar, obviamente tentando controlar as emoções.

Atrás deles, Wayne começou a tossir. Ele se virou e grunhiu, permanecendo

deitado, deixando a cura continuar. Eles haviam caído num quarto de hóspedes. O prédio estava queimando, mas não muito. Provavelmente logo os policiais seriam chamados.

Ninguém veio correndo até aqui, pensou Waxillium. *Nenhum dos outros serviçais. Estariam todos bem?*

Ou faziam parte do plano? Sua mente ainda estava tentando encaixar as peças. Tillaume — um homem que, pelas suas informações, servira seu tio fielmente por décadas — tentou matá-lo. Três vezes.

Marasi afastou-se.

— Acho que eu… acho que já me recompus. Obrigada.

Ele fez que sim para ela, pegando o lenço e entregando-o para ela. Em seguida, ajoelhou-se ao lado de Wayne. As costas do homem estavam encrustadas de sangue e pele queimada, que, no entanto, já havia se soltado e se erguido enquanto a nova pele se formava logo abaixo.

— Está feio? — perguntou Wayne, com os olhos ainda fechados.

— Você vai superar.

— Estou falando do sobretudo.

— Ah. Bem, você vai precisar de um remendo *bem* grande dessa vez.

Wayne bufou e se sentou lentamente. Ele se contorceu várias vezes durante o processo e, por fim, abriu os olhos. Trilhas de lágrimas correram pelo rosto.

— Eu falei — comentou Wayne. — Coisas que parecem inocentes estão *sempre* explodindo ao seu redor, Wax.

— Dessa vez você salvou os dedos.

— Ótimo. Ainda posso te estrangular.

Waxillium abriu um sorriso, colocando a mão no braço do amigo.

— Obrigado.

Wayne assentiu com a cabeça.

— Desculpe por ter caído em cima de vocês.

— Vou perdoar, dadas as circunstâncias. — Waxillium olhou para Marasi. Ela estava sentada, abraçando o corpo, encurvada para a frente, com o rosto pálido. Ela viu que ele observava e abaixou os braços, como se estivesse se forçando a ser forte, e começou a se levantar.

— Está tudo bem — garantiu Waxillium. — Você pode precisar de mais um tempo.

— Vou ficar bem — disse ela, embora fosse difícil identificar as palavras, pois sua audição ainda estava abafada. — Eu só… não estou acostumada com pessoas tentando me matar.

— A gente nunca se acostuma — disse Wayne. — Acredite em mim. — Ele respirou fundo e tirou o que restara do sobretudo e da camisa. Em seguida, virou as costas queimadas para Waxillium. — Se importa?

— Acho que você vai querer ficar de costas, Marasi — disse Waxillium.

Ela franziu a testa, mas não afastou o olhar. Então, ele segurou a camada queimada no ombro de Wayne e, com um puxão, arrancou a pele das costas. Ela saiu quase completa. Wayne grunhiu.

Uma nova pele havia se formado embaixo, rósea e fresca, mas não conseguiria concluir a cura até a camada velha, dura e queimada, ter sido removida. Waxillium a jogou de lado.

— Ai, *Lorde de Harmonia* — disse Marasi, levando a mão à boca. — Acho que vou ficar enjoada.

— Eu avisei — disse Waxillium.

— Pensei que estivesse se referindo às queimaduras. Não sabia que arrancaria as *costas inteiras.*

— Assim está muito melhor. — Wayne girou os braços, agora sem camisa. Ele era esbelto e musculoso e usava dois braceletes de ouro nos braços, que serviam como mentes de metal. As calças tinham sido chamuscadas, mas estavam quase intactas. Ele se abaixou, pegando um dos bastões de duelo em meio aos escombros. O outro ainda estava na cintura. — Agora eles me devem um chapéu *e* um sobretudo. Onde está o restante dos empregados da casa?

— Eu estava pensando nisso — respondeu Waxillium. — Vou fazer uma busca rápida e ver se alguém se machucou. Você sai com Marasi pelos fundos. Saia escondido pelos jardins e passe pelo portão. Encontro vocês lá.

— Escondido? — perguntou Marasi.

— Quem quer que tenha contratado aquele camarada para nos matar — disse Wayne — espera que a explosão tenha nos levado a encontrar o Olhos de Ferro.

— Exatamente — disse Waxillium. — Temos uma hora ou duas até a casa ser vasculhada e Tillaume ser identificado, se é que sobrou alguma coisa para

identificar. Durante esse período, pensarão que estamos mortos.

— Isso nos dará um tempinho para pensar — disse Wayne. — Vamos. Temos que ser rápidos.

Ele levou Marasi pelas escadas dos fundos. Ela ainda parecia zonza.

Os ouvidos de Waxillium pareciam cheios de algodão. Ele suspeitava que os três haviam gritado durante a conversa. Wayne tinha razão. Não dá para se acostumar com pessoas tentando matar você.

Waxillium começou uma rápida busca pela casa, já reabastecendo suas mentes de metal. Ficou muito mais leve, com metade do peso habitual. Um pouco mais que isso tornava difícil andar normalmente, mesmo com o peso de roupas e armas o puxando para baixo. Mas tinha prática.

Durante sua busca, encontrou Limmi e a srta. Grimes inconscientes, mas vivas, na despensa. Com uma olhada pela janela, viu o cocheiro, Krent, em pé com as mãos na cabeça e olhando para o prédio em chamas com os olhos arregalados. Os outros empregados da casa — as camareiras, os garotos de recado, a cozinheira — não estavam em lugar algum.

Talvez estivessem perto o suficiente da explosão para terem sido atingidos, mas Waxillium não achava possível. Provavelmente, Tillaume, que era encarregado dos empregados, mandara todos que podia para fora, drogara os outros e os deixara em algum lugar seguro. Aquilo indicava seu desejo de garantir que ninguém se feriria. Bem, ninguém além de Waxillium e seus convidados.

Em duas viagens rápidas, Waxillium levou as mulheres inconscientes para o jardim dos fundos, tomando cuidado para não ser visto. Felizmente, logo seriam descobertas por Krent ou pelos policiais. Depois disso, pegou dois revólveres no armário do andar principal e uma camisa e um casaco na lavanderia para Wayne. Queria poder procurar sua velha arca, com as Sterrion, mas não havia tempo.

Ele saiu pela porta dos fundos e cruzou o jardim com passos leves. A cada passo, ele ficava mais chateado com o que havia acontecido. Era horrível alguém tentar matá-lo, e era pior quando o ataque vinha de alguém que ele conhecia.

Parecia implausível que os bandidos tivessem sido capazes de contatar e subornar Tillaume tão rapidamente. Como saberiam que um velho mordomo seria facilmente influenciável? O cavalariço ou o jardineiro teriam sido uma escolha muito mais segura. Tinha algo mais acontecendo ali. Desde a chegada de Waxillium à cidade, Tillaume vinha tentando desencorajá-lo de se envolver nos

assuntos policiais locais. Na noite anterior ao baile, ele tentou ostensivamente convencer Waxillium a deixar de lado o assunto dos roubos.

O mordomo estava trabalhando para quem quer que estivesse por trás disso tudo havia algum tempo. E isso significava que eles haviam vigiado Waxillium o tempo todo.

10



A carruagem fazia barulho ao rolar sobre as pedras do pavimento numa rota cuidadosamente tortuosa até o Quinto Oitante. De braços cruzados, Marasi olhou para a rua agitada. Cavalos e carruagens passavam e as pessoas avançavam pelas calçadas como as pequenas células sanguíneas que ela vira correrem por veias num microscópio na universidade. Ficaram engarrafados em esquinas e em partes onde as pedras do pavimento estavam sendo substituídas.

Lorde Waxillium e Wayne estavam sentados do outro lado da carruagem. Waxillium parecia distraído, perdido em pensamentos. Wayne cochilava, a cabeça tombada para trás, os olhos fechados. Havia encontrado um chapéu em algum lugar, uma boina fina, do tipo que os meninos que vendiam jornais gostavam de usar. Depois de fugir da mansão, eles viraram a esquina e cortaram caminho pelo Parque Dampmere. Do outro lado, Waxillium acenou para uma carruagem.

Quando entraram, Wayne estava pondo a boina, assobiando baixinho para si mesmo. Ela não tinha ideia de onde ele a havia conseguido. Agora, estava ressonando baixo. Depois de quase terem sido assassinados, depois de ter a pele das costas arrancadas, estava dormindo. Ainda conseguia sentir o cheiro pungente de tecido queimado e seus ouvidos apitavam.

Era isso que você queria, lembrou a si mesma. *Você insistiu para que Lorde Harms a levasse para conhecer Waxillium. Foi até a mansão hoje por vontade própria. Você se meteu nessa situação.*

Se ao menos tivesse se comportado melhor… Estava numa carruagem com o maior homem da lei que as Terras Brutas já conheceram, mas, em cada ocasião, ela se mostrava uma garota indefesa inclinada a explosões emocionais inúteis. Começou a soluçar, mas se repreendeu. Não. Nada de se aborrecer. Apenas pioraria as coisas.

Estavam acompanhando um dos grandes canais que dividiam as oito partes da cidade. Ela vira reproduções de páginas das “Palavras de Fundação” que incluíam desenhos e mapas de Elendel, embora o nome da cidade tivesse sido escolhido pelo Lorde Nascido da Bruma. Havia um grande parque circular no centro, onde as flores cresciam o ano todo e o ar era aquecido por uma fonte quente subterrânea. Os canais irradiavam dele, estendendo-se para o interior abundante, e o rio se dividia ao redor do parque. As ruas e os quarteirões tinham sido projetados de forma meticulosa, com grandes ruas, mais largas do que qualquer um teria acreditado ser necessário no passado. Agora, porém, pareciam quase insuficientes.

A carruagem estava se aproximando da ponte que dava no Campo do Renascimento e via-se o tapete de grama verde e de flores de Mare-me-Quer abertas numa inclinação gradual na colina. As estátuas do Último Imperador e da Guerreira Ascendente dominavam o topo, cobrindo seus túmulos. Havia um museu ali. Marasi esteve ali muitas vezes quando garota para olhar as relíquias do Mundo das Cinzas que fora salvo pelos Originadores, aqueles que foram criados no ventre da terra e renasceram para construir a sociedade.

A carruagem virou na longa via sombreada por árvores que circundava o Campo do Renascimento. Ali fora usado o pavimento de asfalto, em vez das pedras, para diminuir o ruído dos cascos com ferraduras e facilitar a passagem de automóveis ocasionais. Ainda eram raros, mas um de seus professores dizia que eles acabariam substituindo os cavalos.

Ela tentou se manter concentrada na tarefa. Havia mais coisas por trás dos Desaparecidos do que apenas sequestros e roubos. Como a carga dos trens sumira tão abruptamente, dando a eles o nome de Desaparecidos? E o que dizer das armas extremamente bem-feitas? E houve então aquele grande esforço para matar Waxillium, tanto com veneno como com aquela bomba.

— Lorde Waxillium?

— Sim?

— Como seu tio morreu?

— Acidente de carruagem — respondeu ele, parecendo pensativo. — Ele, a mulher e minha irmã estavam indo para os Campos Externos. Aconteceu semanas depois do meu primo, o herdeiro, sucumbir a uma doença. A viagem deveria ter servido para ajudar a aliviar a dor. Tio Ladrian queria visitar uma montanha específica para apreciar a paisagem, mas minha tia estava fraca

demais para a trilha. Pegaram uma carruagem. No caminho, o cavalo saiu em disparada. As amarras romperam. A carruagem tombou no despenhadeiro.

— Sinto muito.

— Eu também — disse ele, baixinho. — Fazia anos que eu não via nenhum deles. Senti uma culpa estranha, como se meus sentimentos tivessem que estar mais esmigalhados por tê-los perdido.

— Acho que já tem gente esmigalhada demais nessa história — murmurou Wayne.

Waxillium lançou um olhar raivoso para ele, embora Wayne não tivesse visto, pois seus olhos estavam fechados e a boina lhe cobria o rosto.

Marasi chutou sua canela, fazendo com que ele gritasse. Em seguida, ela enrubesceu.

— Tenha respeito pelos mortos — disse ela.

Wayne esfregou a perna.

— Ela já começou a mandar em mim. Mulheres. — Ele pôs a boina de volta sobre o rosto e se acomodou.

— Lorde Waxillium — disse ela. — Você já cogitou se…

— Se alguém matou meu tio? — perguntou Waxillium. — Sou um vigilante. Reflito, mesmo que por um instante, sobre *todas* as mortes de que fico sabendo. Mas os relatórios que recebi não indicam nada suspeito. Uma das coisas que aprendi no início da carreira foi que, às vezes, acidentes simplesmente *acontecem*. Meu tio era um aventureiro. Sua juventude de apostas o levou a uma meia-idade na qual ele buscava emoções. Acabei considerando a tragédia um acidente.

— E agora?

— Agora já não sei se os relatórios que me enviaram estavam um pouco claros *demais*. Em retrospecto, tudo pode ter sido cuidadosamente pensado para não levantar minhas suspeitas. Além disso, Tillaume estava lá, embora ele tivesse permanecido no casarão no dia do acidente.

— Por que eles matariam seu tio? — perguntou Marasi. — Eles não deveriam temer que isso trouxesse você, um vigilante experiente, de volta à cidade? Retirar seu tio do caminho e ter Waxillium, o Tiro da Alvorada, diante deles…

— Waxillium, o *Tiro da Alvorada*? — perguntou Wayne, entreabrindo um

olho. Fungou baixinho e limpou o nariz com o lenço.

Ela corou.

— Desculpe. Mas é assim que os relatos o chamam.

— É assim que deveriam me chamar — disse Wayne. — Sou eu quem gosta de uma boa dose de uísque de manhãzinha. É *tiro* e queda.

— "Manhãzinha" para você é bem depois do meio-dia, Wayne — disse Waxillium. — Duvido que você já tenha visto a alvorada.

— Que injustiça. Vejo sempre quando fico acordado até muito tarde… — Ele deu um sorrisinho por baixo da boina. — Wax, estamos indo ver Ranette?

— *Não* — disse Waxillium. — O que faz você pensar isso?

— Bem, estamos na cidade. Ela está na cidade também… Veio para cá antes de você e tudo o mais. Nossa casa explodiu. Poderíamos ir vê-la, sabe? Ser bem amigável, essas coisas.

— Não — respondeu Waxillium. — Eu nem saberia onde encontrá-la. A cidade é enorme.

— Ela mora no Terceiro Oitante — disse Wayne, distraidamente. — Casa de tijolos vermelhos. Dois andares.

Waxillium olhou para Wayne com indiferença, o que Marasi achou curioso.

— Quem é essa pessoa?

— Ninguém — disse Waxillium. — Como você se sai com um revólver?

— Nada bem — admitiu ela. — O clube de tiro usa espingardas.

— Bem, uma espingarda não vai caber numa bolsa de mão — disse Waxillium, tirando uma pistola do coldre de ombro. Era pequena, com um cano fino. A arma inteira tinha o comprimento da mão dela.

Ela pegou a arma com hesitação.

— O truque para atirar com uma pistola é ficar firme — explicou Waxillium. — Use as duas mãos, encontre uma cobertura baixa, se puder, e apoie os braços nela. Não trema, leve o tempo que precisar e não deixe de mirar. É muito mais complicado acertar com uma pistola, mas em parte porque as pessoas tendem a ser mais impulsivas. A simples natureza da espingarda encoraja você a mirar enquanto o primeiro impulso de uma pessoa com uma pistola parece ser simplesmente apontar vagamente e puxar o gatilho.

— Sim — disse ela, erguendo a arma. Era pesada, apesar de pequena. —

Oito em cada dez policiais erram ao atirar num criminoso a três metros de distância.

— Sério?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Bem — disse Waxillium —, acho que Wayne não precisa se sentir tão mal.

— Ei!

Waxillium olhou para ela.

— Uma vez, eu o vi atirando numa pessoa a três passos de distância. Ele acabou acertando o muro que estava *atrás* dele.

— Nem foi minha culpa — grunhiu Wayne. — Essas balas são umas vagabundas sorrateiras. Não deveriam ricochetear. O metal não ricocheteia, e isso é tão certo quanto titânio.

Ela verificou o pequeno revólver para garantir que estava travado e o enfiou na bolsa chamuscada.

O esconderijo dos Desaparecidos era um prédio de aparência inocente perto da doca de um canal. Tinha dois andares, telhado reto e amplo e várias chaminés. Pilhas de cinzas escuras e refugos de metal estavam reunidos em montes ao longo de uma parede do edifício, e as janelas pareciam não ter sido limpas desde a Ascensão Final.

— Lady Marasi, você ficaria terrivelmente ofendida se eu sugerisse que esperasse na carruagem enquanto fazemos o reconhecimento? — perguntou Waxillium, verificando a mira do seu revólver. — O local provavelmente está abandonado, mas eu não ficaria surpreso se encontrasse algumas armadilhas deixadas para trás.

— Não — respondeu ela, estremecendo. — Não me importaria. Acho que seria ótimo.

— Eu aceno quando tiver certeza de que o local está limpo — disse ele. Em seguida, ergueu a pistola e meneou a cabeça para Wayne. Eles saíram da carruagem, correndo meio agachados até a lateral do edifício. Eles não entrariam pela porta. Em vez disso, Wayne saltou, e Waxillium provavelmente *empurrou*, pois o homem magro subiu quase quatro metros e aterrissou no telhado. Waxillium foi atrás, saltando com mais elegância e aterrissando sem fazer barulho. Foram até um canto, onde Wayne se pendurou e chutou uma janela,

entrando. Waxillium entrou atrás dele.

Marasi esperou por alguns tensos minutos. O cocheiro não tinha dito uma palavra sobre nada daquilo, embora ela o tenha ouvido murmurar “não é da minha conta” para si mesmo. Waxillium pagara o suficiente para que ele ficasse quieto.

Nenhum tiro ressoou. Por fim, Waxillium abriu a porta do prédio e acenou. Às pressas, ela saiu da carruagem e se aproximou.

— E aí? — perguntou ela.

— Dois fios ligados a explosivos e posicionados para que tropeçássemos — disse Waxillium. — Não conseguimos encontrar mais nada perigoso. Além do cheiro de Wayne.

— Esse é o cheiro de quem é *incrível* — gritou Wayne lá de dentro.

— Vamos — disse Waxillium, segurando a porta aberta para ela.

Ela entrou, mas depois parou, hesitante, ao lado da porta.

— Está vazio.

Ela esperava forjas e equipamentos, mas o espaço cavernoso estava vazio como uma sala de aula durante as férias. A luz entrava pelas janelas, embora fosse muito turva. A câmara cheirava a carvão e fogo, e havia áreas enegrecidas no chão.

— Os alojamentos eram lá em cima — disse Waxillium, apontando para o outro lado da fundição. — A câmara principal tem o dobro da altura em metade do prédio, mas na outra metade há um segundo andar. Parece que conseguiam abrigar cerca de cinquenta homens aqui dentro, homens que podiam agir como trabalhadores de uma fundição durante o dia para manter a fachada.

— Ahá! — disse Wayne em meio à escuridão no lado esquerdo da câmara. Ela ouviu um barulho e, em seguida, a luz inundou a sala enquanto ele empurrava uma porta enorme. Ela se abriu, criando um amplo acesso ao canal.

— Com que facilidade abriu essa porta? — perguntou Waxillium, correndo até lá. Marasi o seguiu.

— Sei lá — disse Wayne, dando de ombros. — Foi bem fácil.

Waxillium inspecionou a porta. Ela deslizava sobre rodas dentro de uma pequena canaleta cortada no chão. Ele esfregou os dedos na canaleta e os tirou, sentindo a graxa entre eles.

— Usavam essa porta com frequência — concluiu Marasi.

— Exatamente — disse Waxillium.

— E daí? — perguntou Wayne.

— Se estivessem fazendo coisas ilegais aqui, não estariam dispostos a abrir uma lateral inteira do prédio com frequência — disse Marasi.

— Talvez fizessem isso para manter o disfarce — disse Waxillium, levantando-se.

Marasi meneou a cabeça, pensativa.

— Ah! Alumínio!

Wayne puxou os bastões de duelo, girando.

— O quê? Onde? Quem está atirando?

Marasi sentiu o rosto corar.

— Desculpe. Eu quis dizer que deveríamos procurar gotas de alumínio no chão. Sabem, da produção ou forja das armas. Isso vai nos dizer se este lugar era *realmente* o esconderijo ou se a fonte de Wayne estava apenas lhe dando uma liga ruim.

— Ele era honesto — disse Wayne. — Tenho uma intuição para esse tipo de coisa. — Ele espirrou.

— Você acreditou que Lessie era realmente uma dançarina na primeira vez que a encontramos — disse Waxillium, erguendo-se.

— É diferente. Ela era mulher. São boas de mentira. O Deus Além as fez desse jeito.

— Eu não… sei como devo lidar com essa afirmação — disse Marasi.

— Com uma pitada de cobre — disse Waxillium. — E uma boa dose de ceticismo. Como com tudo que Wayne diz. — Ele estendeu o braço para ela.

Marasi franziu a testa, virando a palma da mão para cima. Ele soltou algo nela. Alguns pedacinhos de metal que pareciam ter sido raspados do chão, onde haviam resfriado. Eram prateados e leves e tinham uma sujeira preta nas laterais.

— Encontrei no chão — disse Waxillium. — Perto de uma das partes enegrecidas.

— Alumínio? — perguntou ela, ansiosa.

— É — disse ele. — Pelo menos, não consigo *empurrá-lo* com Alomancia, o

que, com sua aparência, é indicação suficiente. — Ele a examinou. — Você tem uma boa mente para esse tipo de coisa.

Ela corou. *De novo. Ferrugem e Ruína!*, pensou ela. *Tenho que encontrar um jeito de lidar com isso.*

— São os desvios, Lorde Waxillium.

— Desvios?

— Números, padrões, movimentos. As pessoas parecem erráticas, mas, na verdade, seguem padrões. Encontre os desvios, isole o motivo por que se desviaram e com frequência descobrirá alguma coisa. Alumínio no chão. Isso é um desvio.

— E tem outros aqui?

— A porta — disse ela, meneando a cabeça para a lateral. — Aquelas janelas. Estão sujas demais. Se fosse para adivinhar, eu diria que isso foi feito com uma vela, queimando-a perto do vidro para escurecê-lo e garantir que ninguém pudesse espreitar aqui dentro.

— Talvez seja natural — comentou Waxillium. — Da fundição.

— Por que as janelas ficariam *fechadas* no calor da fundição? Aquelas janelas podem ser abertas facilmente, e abrem para fora, então não haveria fuligem nelas. Pelo menos, não tanta. Ou eles as deixaram fechadas enquanto trabalhavam para esconder o que faziam aqui dentro ou as escureceram intencionalmente.

— Isso é inteligente — disse Waxillium.

— Então, a pergunta é: o que eles estavam carregando para dentro e para fora do prédio por essa porta lateral tão grande? Algo importante para que a abrissem, mesmo depois de ter tanto trabalho com as janelas.

— Essa parte, ao menos, é fácil — comentou Waxillium. — Estavam roubando vagões de carga, então precisavam entrar com a carga.

— O que implica que eles a despachavam depois de roubá-la… — disse Marasi.

— O que nos dá uma pista — disse Waxillium, com um menear de cabeça. — Estão transportando as cargas pelos canais. Na verdade, os canais podem estar conectados à forma como conseguem retirar a carga dos vagões com tanta facilidade. — Ele foi a passos largos na direção da porta.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Vou dar uma olhada lá fora — respondeu ele. — Chequem os alojamentos. Me contem se virem algum… desvio, como você diz. — Ele hesitou. — Deixe Wayne ir na frente. Talvez tenhamos deixado passar uma armadilha ou duas. Melhor ele explodir do que você.

— Ei! — disse Wayne.

— Digo isso com todo o carinho — disse Waxillium, saindo pela lateral aberta do edifício. Em seguida, inclinou-se para dentro novamente. — E talvez uma bomba exploda sua cara fora e nos poupe de ter que olhar para essa sua carranca. — Com isso, ele saiu.

Wayne sorriu.

— Caramba. É bom vê-lo agir como ele mesmo de novo.

— Então ele nem sempre é tão solene?

— Ah, Wax sempre foi solene — disse Wayne, limpando o nariz no lenço. — Mas, quando está bem, há um sorrisinho por baixo da solenidade. Vamos.

Ele a levou para a parte de trás do prédio. Havia uma pequena caixa ao lado da parede; os explosivos que haviam descoberto e desarmado, supôs ela. O teto era mais baixo ali. Wayne subiu a escadaria, gesticulando para ela aguardar.

Ela perambulou ali, procurando qualquer coisa que tivesse sido descartada, mas apenas conseguiu se sobressaltar algumas vezes quando pensou ter visto algo de soslaio. Aquela parte da câmara era muito escura.

Wayne não estava demorando demais? Ela ficou inquieta e finalmente decidiu subir as escadas.

Estava *escuro* lá dentro. Não era um breu, apenas escuro a ponto de ela pensar que deveria estar vendo o que estava fazendo e o que não estava. Hesitou no meio da escada, mas então concluiu que era uma tola e avançou.

— Wayne? — chamou ela, nervosa, enquanto espreitava da escada. O andar de cima era iluminado por poucas janelas, escurecidas pela fuligem, apesar de ser uma área em que não haveria forja nem fundição, o que reforçava sua teoria. E seu nervosismo.

— Ele está morto, minha jovem — disse uma voz envelhecida e distinta, ressoando na escuridão. — Sinto muito por sua perda.

O coração de Marasi quase parou.

— Sim — continuou a voz —, ele era simplesmente belo demais, esperto demais e imensamente notável em todos os aspectos de sua existência para

continuar vivendo. — Uma janela foi aberta, deixando a luz entrar e revelando o rosto de Wayne. — Temo que tenham sido necessários cem homens para derrubá-lo e que ele tenha matado todos, menos um. Suas últimas palavras foram: “Diga a Wax… que ele é um vagabundo… e que ainda me deve cinco notas”.

— Wayne — sibilou ela.

— Não consegui evitar, minha chapa — disse ele, voltando à sua voz, que era completamente diferente. — Me desculpe. Mas você não deveria ter subido. — Ele apontou para um canto com a cabeça, onde alguns tubos curtos estavam encostados na parede.

— Mais explosivos? — perguntou ela, sentindo-se fraca.

— É. Não vimos na primeira olhada. Estavam armados para explodir quando o trinco de uma arca ali no canto fosse aberto.

— Tinha alguma coisa *dentro* da arca?

— Tinha. Explosivos. Não está ouvindo?

Ela estreitou os olhos para ele.

— Não — disse ele, dando uma risadinha. — Não sei o que Wax espera encontrar neste lugar. Deixaram limpinho.

Pela luz que entrava pela janela aberta, ela conseguiu enxergar o quarto de teto baixo. Bem, era mais parecido com um sótão. Ela e Wayne conseguiam andar nele sem se curvar, mas ele quase tocava no teto. Waxillium teria que se abaixar.

O assoalho de tábuas era torto e havia pregos saindo de alguns pontos. Ela fantasiou sobre levantar uma tábua e encontrar um monte de pistas escondidas, mas, quando tateou o chão, percebeu que conseguia enxergar lá embaixo entre as tábuas do assoalho. Não havia espaço para esconder nada.

Wayne fuçou alguns armários embutidos na parede, verificando se havia explosivos. Em seguida, deu batidinhas para encontrar compartimentos ocultos. Marasi olhou ao redor, mas rapidamente decidiu que não havia nada para encontrar ali. A menos, talvez, os explosivos.

Explosivos.

— Wayne, que tipo de explosivos são aqueles?

— Hein? Ah! Do tipo comum. Eles chamam de dinamite, usados para abrir buracos nas pedras lá nas Terras Brutas. Fácil de conseguir, mesmo na cidade.

Esses são os menores que já vi, mas basicamente é a mesma coisa.

— Ah. — Ela fechou a cara. — Estavam dentro de alguma coisa?

Ele hesitou e olhou de volta para a arca.

— Hum. — Ele estendeu a mão e ergueu uma coisa. — Não estavam *dentro de* nada, mas alguém usou isso para acionar o pavio e o detonador.

— O que é isso? — perguntou ela, aproximando-se rapidamente.

— Uma caixa de charuto — disse ele, deixando que ela visse. — Magistrados da Cidade. Marca cara, muito cara.

Ela examinou a caixa. A tampa era pintada de dourado e vermelho, com a marca escrita em letras grandes. Não havia restado nenhum charuto, embora *parecesse* haver alguns números rabiscados na parte de dentro da tampa a lápis. A sequência não fazia sentido para ela.

— Vamos mostrar a Wax — disse Wayne. — É o tipo de coisa de que ele gosta. Provavelmente vai levá-lo a alguma teoria grandiosa sobre como o chefão fuma charutos, e isso de alguma forma vai levá-lo a achar o cara no meio de uma multidão. Ele sempre faz esse tipo de coisa, desde que começamos a trabalhar juntos. — Wayne sorriu, pegando a caixa de charutos e voltando a fuçar os armários.

— Wayne — disse Marasi. — Como você acabou trabalhando com Wax?

— Não aparece nos seus relatos? — perguntou ele, batendo na lateral de um armário.

— Não. É considerado um assunto um pouco misterioso.

— Não falamos muito sobre isso — disse Wayne, com a voz abafada por ter enfiado a cabeça dentro de um armário. — Ele salvou minha vida.

Ela sorriu, sentando-se no chão e apoiando as costas contra a parede.

— Provavelmente é uma boa história.

— Não é o que você está pensando — disse ele, tirando a cabeça do armário. — Eu estava prestes a ser enforcado pelo vigilante de Dorest Distante.

— Erroneamente, suponho eu?

— Depende de sua definição dessa palavra — disse Wayne. — Atirei em um homem. Um inocente.

— Foi um acidente?

— Foi — respondeu Wayne. — Eu só queria roubá-lo. — Ele fez uma pausa,

olhando para o armário e parecendo distante. Balançou a cabeça e engatinhou para dentro dele, empurrando com força e quebrando a parede ao fundo.

Não era o que ela esperava ouvir. Ela se acomodou, segurando as pernas.

— Você era um criminoso?

— Não muito habilidoso — disse Wayne, dentro do armário. — Sempre tive um problema para não levar comigo as coisas. Eu simplesmente as pego, sabe? E daí ficam lá, nos meus dedos. Bem, eu estava ficando bom nisso, e tinha alguns amigos… Eles me convenceram de que eu devia ir um pouco além. Tomar as rédeas do meu destino de verdade, disseram. Começar a pegar dinheiro, passar a roubar com armas, essas coisas. Então, eu tentei. E acabei matando um homem. Pai de três filhos.

Ele saiu do armário quebrado e ergueu alguma coisa. Eram cartões de algum tipo.

— Pistas? — perguntou ela, ansiosa.

— Fotos de mulheres nuas — disse ele, passando-as pelos dedos. — Antigas. Provavelmente estavam aqui antes de os bandidos comprarem este lugar. — Ele viu mais algumas e as jogou de volta no buraco. — Ao menos vamos dar aos tiras algo divertido para encontrar. — Ele olhou para ela, parecendo… uma assombração, os olhos escondidos, o rosto iluminado de um lado pela janela aberta.

— E o que aconteceu? — perguntou ela, baixinho. — Com você. A menos que não queira contar.

Ele deu de ombros.

— Eu não sabia o que estava fazendo e entrei em pânico. Acho que talvez eu quisesse ser pego. Nunca quis atirar naquele camarada. Só quis a carteira dele, sabe? O velho Dedomorto me pegou fácil. Ele nem teve que me bater para arrancar uma confissão. — Wayne ficou em silêncio por um momento. — Chorei o tempo todo. Tinha dezesseis anos. Um garoto.

— Você sabia que era alomântico? — perguntou ela.

— Sabia. Foi meio que por isso que fui para as Terras Brutas, mas essa é uma outra história. Bem, é difícil fazer curvaliga. Bismuto e cádmio não são metais que você encontra na loja da esquina. Eu não sabia muito sobre Feruquemia ainda, embora meu pai fosse feruquemista, e eu tivesse uma ideia. Mas é preciso ouro para armazenar saúde. — Ele caminhou até ela, sentando-se

ao seu lado. — Ainda não sei por que Wax me salvou. Eu devia ter sido enforcado, sabe? Matei um bom homem. Nem era rico. Era um guarda-livros. Trabalhava de graça para qualquer um que precisasse… lavrava testamentos, lia cartas. Toda semana, ele transcrevia cartas para os mineiros que não sabiam escrever, e assim eles conseguiam mandá-las para as famílias na cidade. Descobri um monte de coisas sobre ele no julgamento. Vi os filhos chorando. E a mulher… — Wayne enfiou a mão no bolso e desdobrou alguma coisa. Um pedaço de papel. — Uns meses atrás, recebi uma carta deles.

— Eles escrevem *cartas* para você?! — exclamou Marasi.

— Claro. Mando metade do que ganho para eles. Para alimentar as crianças, sabe? Imagino que faça sentido, considerando que matei o pai delas. Uma foi para a universidade. — Ele hesitou. — Eles ainda me odeiam. Escrevem cartas para eu saber que eles não me perdoaram, que nenhum dinheiro vai trazer de volta o pai deles. Eles têm razão. Mas eles aceitam o dinheiro, e isso já é alguma coisa.

— Wayne... — disse Marasi. — Sinto muito.

— É. Eu também. Mas alguns erros não se consertam sentindo muito. Não dá para consertar, não importa o que se faça. Armas e eu não nos damos bem desde então. Minha mão começa a tremer quando pego uma, fica sacudindo como um maldito peixe jogado nas docas. Não é a coisa mais engraçada? Como se minha mão pensasse por si.

O som de passos veio da escada e Waxillium entrou pouco tempo depois. Ergueu a sobrancelha para os dois sentados no chão.

— Não está vendo? Estamos tendo uma conversa franca aqui. Não entre batendo os pés e fazendo bagunça — disse Wayne.

— Eu nem sonharia com isso — respondeu Waxillium. — Falei com os mendigos da região. Os Desaparecidos *estavam* entrando no prédio e saindo com algo grande, usando um barco do canal. Fizeram isso em várias ocasiões, sempre à noite. Parece ter sido mais que apenas carga. Provavelmente algum tipo de maquinário, suspeito eu.

— Hum — disse Wayne.

— Hum mesmo — concordou Waxillium. — E você?

— Encontrei uma caixa — respondeu Wayne, estendendo a caixa de charutos. — Ah, e um pouco mais de dinamite. Caso você queira abrir um novo canal ou algo assim.

— Vamos levar — disse Waxillium. — Talvez seja útil. — Ele pegou a caixa de charutos.

— Tem algumas fotos de mulher pelada também — observou Wayne, apontando para o armário. — Mas estão tão apagadas que mal dá para ver as partes boas. — Ele hesitou. — As moças não estão usando armas, então provavelmente você não se interessaria mesmo.

Waxillium bufou.

— A caixa de charutos é de uma variedade cara — disse Marasi, levantando-se. — Dificilmente pertencia a um dos ladrões comuns, a não ser que tenham pegado de alguém. Mas, olhe, alguém escreveu alguns números do lado de dentro.

— Verdade — disse Waxillium. Estreitou os olhos e depois olhou para Wayne, que fez que sim com a cabeça.

— O que foi? — perguntou ela. — Você sabe de alguma coisa?

Waxillium jogou a caixa de volta para Wayne, que a enfiou no bolso do casaco. Era tão grande que despontava para fora.

— Já ouviu falar de Miles Dagouter?

— Claro — disse ela. — Miles Cem-vidas. É um vigilante das Terras Brutas.

— Isso — disse Waxillium, melancólico. — Vamos. Acho que é hora de fazermos uma viagem. Vou te contar algumas histórias no caminho.

11



Miles estava em pé ao lado dos trilhos e acendeu seu charuto. Soltou breves baforadas algumas vezes para mantê-lo aceso antes de soltar uma lenta nuvem de fumaça pungente.

— Eles foram vistos, chefe — disse Tarson conforme se aproximava. Seu braço estava numa tipoia; a maioria dos homens ainda estaria na cama depois de tomar um tiro como aquele, mas Tarson era um Braço de Peltre e tinha sangue koloss. Curava-se rapidamente.

— Onde? — perguntou Miles, abaixando os olhos e examinando o novo esconderijo. Além de Tarson, o único lá em cima com ele era Clamps, terceiro no comando.

— Estão na velha fundição — respondeu Tarson. Ainda estava usando o chapéu de Wayne. — Falaram com uns mendigos por lá.

— Devíamos ter jogado muitos deles no canal — rosnou Clamps, coçando a cicatriz no pescoço.

— Não vou começar a matar mendigos, Clamps — disse Miles em voz baixa. Usava dois revólveres de alumínio, que brilhavam à luz elétrica da grande câmara. — Você ficaria surpreso com a rapidez com que uma coisa dessas pode sair pela culatra; se a classe baixa da cidade se voltar contra nós, informações inconvenientes de *todos* os tipos vão encontrar um jeito de chegar aos policiais.

— É, com certeza — disse Clamps. — Claro. Mas, quer dizer, aqueles mendigos… eles viram coisas, chefe.

— Wax teria adivinhado de qualquer jeito — disse Miles. — É como um rato. Onde menos deseja encontrá-lo, lá vai estar ele. De alguma forma, isso o torna previsível. Suponho que as armadilhas com explosivos, à prova de erros como você prometeu que seriam, não serviram de nada.

Clamps cobriu a boca para tossir.

— É uma pena — disse Miles. Ergueu o isqueiro de prata, ainda na mão depois de acender o charuto, e o pôs de volta no bolso. Nele estava gravado o selo dos vigilantes de Madil Verdadeiro. Ver aquilo deixava os outros homens desconfortáveis. Miles o usava mesmo assim.

O espaço diante deles não tinha janela. Luzes elétricas grandes, ofuscantes, pendiam do teto, e os homens estavam montando os equipamentos de fundição e forja. Miles estava cético. Uma fundição no subterrâneo? Mas o Sr. Elegante havia prometido que seus dutos e ventiladores elétricos puxariam a fumaça para fora e fariam o ar circular. Era uma vantagem as fornalhas elétricas que usavam ali embaixo produzirem muito menos fumaça.

Aquele espaço era muito curioso. Um túnel grande com trilhos levava para dentro da escuridão no lado esquerdo da câmara. O início, dissera o Sr. Elegante, de uma linha ferroviária *subterrânea*. Como atravessaria os canais? Teria que correr por baixo deles, imaginou. Era uma imagem estranha.

Por ora, aquele túnel era apenas um teste. Ele avançava por uma curta distância até um prédio grande de madeira, onde Miles podia alojar o restante de seus homens. Tinha mais uns trinta. No momento, estavam levando para lá caixas de suprimentos e o que havia restado de alumínio. Não era muito. Em uma tacada, Wax quase havia derrotado os Desaparecidos.

Miles baforou, pensativo. Como sempre, estava drenando sua mente de ouro, revigorando-se, renovando seu corpo. Nunca se sentia doente, nunca lhe faltava energia. Precisava dormir e também envelhecia, mas, tirando isso, era praticamente imortal. Enquanto tivesse ouro suficiente.

Mas esse era o problema, não era? A fumaça rodopiou na frente dele, girando em torno de si como as brumas.

— Chefe? — chamou Clamps. — O Sr. Elegante está esperando. Não vai se encontrar com ele?

Miles soprou a fumaça.

— Em um momento. — Elegante *não* era seu dono. — Como vai o recrutamento, Clamps?

— Está… Vou precisar de mais tempo. Um dia não é suficiente, ainda mais depois de abaterem metade dos nossos.

— Olhe o tom — disse Miles.

— Me desculpe.

— Wax ia acabar entrando no jogo — disse Miles, baixinho. — Ele muda as regras, e é verdade que perdemos muito mais homens do que eu gostaria. Mas, ao mesmo tempo, somos afortunados. Agora que Waxillium entrou, podemos nos antecipar a ele.

— Chefe — disse Tarson, aproximando-se —, há um boato entre os homens. Que você e Wax… que vocês armaram pra gente. — Ele se encolheu, como se esperasse uma reação violenta.

Miles baforou e conseguiu conter sua explosão de fúria inicial. Estava ficando bom naquilo. Um pouco.

— Por que diriam isso?

— Você já foi vigilante e tudo o mais…

— Ainda sou — interrompeu Miles. — O que estamos fazendo não é contra a lei. A *verdadeira* lei. Os ricos fazem os próprios códigos, nos forçam a viver como eles. Mas nossa lei é a lei da própria humanidade. Os homens que trabalham para mim serão dispensados de cumprir pena. Seu trabalho aqui limpa quaisquer... infrações prévias. Diga a eles que tenho orgulho deles, Clamps. Sei que passamos por algo traumático, mas sobrevivemos. Vamos enfrentar o amanhã com força maior.

— Vou dizer para eles, chefe — afirmou Clamps.

Miles encobriu uma careta. Não conseguia decidir se eram as palavras corretas ou não; ele não tinha talento para a pregação. Mas os homens precisavam da convicção dele, então ele mostraria convicção.

— Quinze anos — disse ele, suavemente.

— Chefe?

— Quinze anos eu passei nas Terras Brutas, tentando proteger os fracos. E sabe de uma coisa? Nunca melhorou. Todo o esforço não serviu de nada. Crianças ainda morrem, mulheres ainda sofrem abusos. Um homem não foi suficiente para mudar as coisas, não com a corrupção aqui, no coração da civilização. — Ele soltou mais uma baforada. — Se vamos mudar as coisas, precisamos mudá-las aqui primeiro.

E que Trell me ajude se eu estiver errado. Por que Trell fez homens como ele, se não para ver os erros corrigidos? As “Palavras de Fundação” até incluíam uma longa explicação sobre o trelagismo e seus ensinamentos, provando que homens como Miles eram especiais.

Ele se virou e caminhou pelo passadiço, que pendia como uma sacada no lado norte da grande câmara. Tarson e Clamps ficaram para trás. Sabiam que ele preferia ficar sozinho quando enfrentava o Sr. Elegante.

Miles abriu a porta no fim do passadiço e entrou no gabinete do Sr. Elegante. Por que ele precisava de um gabinete ali, Miles não sabia; talvez estivesse de olho nas operações daquela nova base. O Sr. Elegante queria que tivessem trabalhado dali desde o início. Miles chateava-se por ter que finalmente aceitar a oferta — isso o colocava mais perto do jugo de seu apoiador.

Com roubos bons suficientes, não precisaremos mais dele, disse Miles a si mesmo. *Então, poderemos nos mudar para outro lugar.*

O Sr. Elegante era um homem de rosto redondo com barba cheia e grisalha. Estava sentado à mesa, bebericando uma xícara de chá e usando um terno de seda preta, extremamente refinado e caro, com um colete turquesa. Quando Miles entrou, estava lendo um jornal.

— Você sabe que não gosto do cheiro dessa coisa — disse o Sr. Elegante sem erguer os olhos.

Miles soltou a fumaça do charuto de qualquer forma.

O Sr. Elegante sorriu.

— Ouvi dizer que seu velho amigo *já* localizou sua antiga base operacional.

— Homens foram capturados — disse Miles. — Era apenas uma questão de tempo.

— Não são muito leais à sua causa.

Miles não tinha resposta para isso. Os dois sabiam que a maioria dos homens trabalhava por dinheiro e não por um propósito maior.

— Sabe por que eu gosto de você, Miles? — perguntou o Sr. Elegante.

Não me importo se gosta ou não, pensou Miles, mas segurou a língua.

— Você é cuidadoso — continuou o Sr. Elegante. — Tem uma meta, acredita nela, mas não deixa que isso turve sua visão. Na verdade, sua causa não é tão diferente da minha e de meus associados. Acho que é um objetivo valoroso e que você é um líder valoroso. — O Sr. Elegante virou uma página do jornal. — Os tiroteios durante o último roubo ameaçaram minar minha confiança nessa avaliação.

— Eu…

— Você perdeu a calma — disse o Sr. Elegante, com a voz cada vez mais fria. — E, portanto, perdeu o controle de seus homens. *Por isso* aquele desastre ocorreu. Não há outro motivo.

— Sim, há. Waxillium Ladrian.

— Devia estar pronto para ele.

— Ele não devia estar lá.

O Sr. Elegante deu mais um gole no chá.

— Pare com isso, Miles. Você estava usando uma máscara. Sabia que havia uma chance de vê-lo.

— Eu estava usando uma máscara porque sou um homem de certo renome — disse Miles, mantendo a calma com um tanto de esforço. — Wax não era o único que poderia ter me reconhecido.

— Um argumento válido, suponho. Por outro lado, vendo o jeito como você insiste em ser dramático, com cargas que desaparecem em vez de simplesmente serem roubadas, eu me pergunto por que evita ser reconhecido.

— O drama serve a um objetivo — retrucou Miles. — Eu já disse a você. Enquanto a polícia fica perplexa, pensando em como roubamos a carga, ela continua a cometer erros.

— E o drama? — perguntou o Sr. Elegante, distraído, virando mais uma página do jornal sobre a mesa. — Os "Desaparecidos", Miles?

Ele não disse nada. Ele havia explicado seus motivos antes, aqueles que revelou ao Sr. Elegante. Havia outros, claro. Precisava ser dramático, precisava capturar a atenção do público. Miles estava lá para mudar o mundo. Não poderia fazer isso se os outros pensassem neles como ladrões comuns. Mistério, poder, uma pitada de magia… isso podia operar milagres para sua causa.

— Não vai comentar — disse o Sr. Elegante. — Bem, sua justificativa se provou válida no passado, mas não quando o assunto é Waxillium. Vou admitir, Miles, que parte de mim se questiona. Existe algum ressentimento antigo entre vocês dois do qual eu devesse saber? Algo que, talvez, tenha feito você agir de forma negligente? — Os olhos do Sr. Elegante estavam frios como ferro. — Algo que tenha feito você tentar *provocá-lo* a atacar durante aquela festa? Para que pudesse lutar com ele?

Miles sustentou aquele olhar e, em seguida, inclinou-se, apoiando as mãos na mesa, dedos prendendo o charuto.

— Não tenho nenhum ressentimento de Waxillium Ladrian. É um dos homens mais admiráveis que este mundo já conheceu. Um homem mais admirável que você e eu e praticamente qualquer um nesta cidade.

— E isso deveria me confortar? Você está quase dizendo que não vai lutar com ele.

— Ah, eu vou lutar com ele. Matá-lo, se precisar. Wax escolheu o lado errado. Homens como ele e homens como eu têm uma escolha: servir ao povo ou servir aos ricos. Ele abandonou seu direito à proteção no momento em que voltou para esta cidade e começou a se misturar com eles.

— Curioso — disse o Sr. Elegante. — Eu também sou um *deles*, sabe?

— Trabalho com o que tenho. E, além disso, você tem… outras coisas a seu favor. Especialmente ter renunciado aos seus privilégios.

— Não aos privilégios — retrucou o Sr. Elegante. — Apenas ao título. E ainda acho que você pretendia provocar Waxillium. Por isso atirou em Peterus.

— Atirei em Peterus porque ele era um impostor — retrucou Miles. — Fingia buscar justiça, e todo mundo o elogiava por isso, mas, ao mesmo tempo, ele estava agradando à elite e aos corruptos. No fim, deixaram que ele fosse às suas festas, como um cachorrinho de estimação. Eu acabei com ele.

O Sr. Elegante meneou a cabeça devagar.

— Muito bem.

— Eu *vou* limpar esta cidade, Elegante. Mesmo se tiver de arrancar o coração apodrecido deste lugar com minhas unhas. Mas você vai ter que conseguir mais alumínio para mim.

— Estou agilizando tudo — disse o Sr. Elegante. Ele abriu uma gaveta e tirou uma folha de papel enrolado. Deixou-a diante de Miles.

Miles tirou o cordão e desenrolou o papel. Diagramas.

— O novo vagão “inviolável” de Tekiel?

O Sr. Elegante assentiu com a cabeça.

— Precisarei de tempo para… — Miles começou a falar.

— Já tenho gente trabalhando nisso há algum tempo. Seu trabalho não é o planejamento, Miles. Seu trabalho é a execução. Vou providenciar para que tenha os recursos de que precisa.

Miles examinou os diagramas. O Sr. Elegante era bem relacionado.

Poderoso. Miles não conseguia evitar a sensação de que se embrenhara em algo que estava muito além de seu controle.

— Meus homens ainda estão mantendo a última refém — disse ele. — O que quer que façamos com ela?

— Isso será arranjado — disse o Sr. Elegante, tomando um gole do chá. — Se eu estivesse prestando mais atenção, teria retirado essa da lista. Waxillium não vai parar de procurá-la. Teria sido muito mais fácil se a explosão tivesse funcionado. Agora, precisamos pensar numa ação mais direta.

— Vou lidar com ele pessoalmente — disse Miles. — Hoje.

— Miles Dagouter é um Duplonato — explicou Waxillium, inclinando-se para a frente no vagão do trem. — Uma variedade especialmente perigosa de Duplonato.

— Ouro duplo — disse Wayne, com um menear de cabeça, reclinando-se no banco estofado diante de Waxillium. Lá fora, os subúrbios mais extremos de Elendel passavam num borrão.

Marasi estava sentada ao lado de Wayne.

— Pelo que li, alomânticos de ouro não são especialmente perigosos.

— Não — disse Waxillium. — Não são. Mas é a Composição que torna Miles tão poderoso. Se sua Alomancia e sua Feruquemia compartilham o mesmo metal, você pode acessar o poder desse metal com uma potência dez vezes maior. É complicado. Você armazena um atributo dentro do metal e o *queima* para liberar o poder. Isso é chamado de Composição. Segundo as lendas, foi assim que a Centelha ganhou imortalidade.

Marasi fez uma careta.

— Achei que as histórias sobre as extraordinárias habilidades de cura de Miles fossem exageros e que ele fosse apenas um Criassangue, como Wayne.

— Ah, ele é um Criassangue, sim — disse Wayne, girando um bastão de duelo e pegando-o de novo. — Exceto que a saúde *dele* nunca se esgota.

Waxillium assentiu com a cabeça, pensando em anos antes, quando conhecera Miles. O homem sempre o deixou desconfortável, mas era um vigilante excelente. Em grande parte do tempo.

Observando o olhar confuso de Marasi, Waxillium explicou.

— Normalmente, um feruquemista precisa ser econômico. Pode levar meses

para encher as reservas de saúde ou peso. Tenho andado por aí com metade do meu peso desde que quebrei aquele assoalho, tentando recuperar um pouco do que gastei. Mal enchi uma fração do que perdi de minha mente de metal. Para Wayne é ainda mais difícil.

Wayne limpou o nariz.

— Vou ter que passar semanas me sentindo terrivelmente mal. Do contrário, não serei capaz de me curar. Já estou armazenando o máximo que posso, mas no fim do dia mal terei suficiente para me curar de um arranhão.

— Mas Miles… — disse Marasi.

— Ele tem uma capacidade de cura quase infinita — disse Waxillium. — O homem é praticamente imortal. Ouvi dizer que, uma vez, tomou um tiro de escopeta na cara à queima-roupa e saiu andando. Trabalhamos juntos nas Terras Brutas. Ele era o vigilante em Madil Verdadeiro. Miles, eu e Jon Dedomorto, de Dorest Distante, tivemos uma espécie de aliança durante os anos bons.

— Miles não gosta muito de mim — observou Wayne. — Bem… nenhum dos vigilantes gosta, na verdade.

— Miles fazia um bom trabalho — disse Waxillium. — Mas era crítico e duro. Nós nos respeitávamos, embora em grande parte do tempo a distância. Não diria que éramos amigos. Mas, nas Terras Brutas, qualquer um que defenda o que é certo é aliado.

— Esta é a primeira lei das Terras Brutas — disse Wayne. — Quanto mais solitário você estiver, mais precisará de um homem em quem possa confiar.

— Mesmo se seus métodos forem além do que você escolheria fazer — comentou Waxillium.

— Ele não parece o tipo que entraria numa vida de crimes — observou Marasi.

— Não — concordou Waxillium, baixinho. — Não parece. Mas eu estava quase certo de que era ele por trás da máscara no casamento, e a caixa de charutos que encontramos... São seus favoritos. Não posso ter certeza de que é ele, mas…

— Mas você acha que é.

Waxillium assentiu com a cabeça. *Que Harmonia nos ajude, mas eu acho.* Os vigilantes eram feitos de uma liga diferente. Havia um código a seguir. Nunca entregar os pontos, nunca se deixar tentar. Trabalhar com criminosos

todos os dias podia mudar um homem. Fazê-lo ver as coisas do jeito que eles veem. Fazê-lo pensar como eles.

Todos sabiam que este trabalho podia deturpá-los se não houvesse cuidado. Eles não falavam disso e não cediam. Ou não deveriam ceder.

— Não fico surpreso — disse Wayne. — Já viu como ele falava das pessoas em Elendel, Wax? É um homem brutal.

— Sim — disse Waxillium, baixinho. — Eu esperava que ele se mantivesse concentrado em manter a ordem em sua cidade e deixasse seus demônios adormecidos.

O trem passou pelos subúrbios, seguindo para os Campos Externos, o amplo círculo de pomares, campos e pastos que alimentavam Elendel. A paisagem mudou dos blocos da cidade para trechos abertos de tons castanhos e verdes e os canais azuis brilhando enquanto cortavam a terra.

— Isso muda as coisas? — perguntou Marasi.

— Muda — respondeu Waxillium. — Significa que tudo isso é muito mais perigoso do que pensei.

— Que agradável.

Wayne deu um sorriso.

— Bem, queríamos que você tivesse a experiência completa. Sabe, pela ciência e tudo o mais.

— Na verdade — disse Waxillium —, estive pensando que seria melhor mandar você para algum lugar seguro.

— Você quer ser livrar de mim? — perguntou ela, arregalando os olhos para parecer triste, com a voz suavizada de um jeito lastimável para se mostrar traída. Ele ficou quase tentado a pensar que ela estava aprendendo aquilo com Wayne. — Pensei que eu estava sendo útil.

— E está — confirmou Waxillium. — Mas você também tem pouca experiência prática no que estamos fazendo.

— Uma mulher precisa ganhar experiência de algum jeito — disse ela, erguendo a cabeça. — Eu já sobrevivi a um sequestro e a uma tentativa de assassinato.

As portas do vagão de passageiros fizeram barulho quando eles viraram numa curva.

— Sim, Lady Marasi, mas a presença de um Duplonato do outro lado muda as coisas. Não acho que poderei derrotar Miles numa luta. Ele é engenhoso, poderoso e determinado. Preferiria que você estivesse em algum lugar seguro.

— Onde? — perguntou ela. — Qualquer uma de suas propriedades seria um lugar óbvio, bem como as de meu pai. Não posso me esconder no subterrâneo da cidade; tenho *muitas dúvidas* de que eu passaria despercebida por lá! Apresso-me a sugerir que o lugar mais seguro para mim é perto de você.

— Estranho — disse Wayne —, em geral, acho que os lugares mais seguros são *longe* de Wax. Já mencionei a probabilidade de explosões?

— Talvez devêssemos simplesmente procurar os policiais — disse Marasi. — Lorde Waxillium… esse tipo de investigação particular é tecnicamente ilegal… ao menos enquanto temos fatos importantes que os policiais não têm. Devemos levar o que sabemos às autoridades.

— Nem dê ideia para ele! — exclamou Wayne. — Eu estava começando a conseguir que ele parasse de dizer coisas assim!

— Tudo bem, Wayne — disse Waxillium, baixinho. — Fiz uma promessa. Disse a Lorde Harms que lhe devolveria Steris. E vou. Será assim e pronto.

— Então, vou ficar e ajudar — disse Marasi. — Será assim e pronto.

— Eu realmente poderia comer alguma coisa — acrescentou Wayne. — Serei gordo e pronto.

— Wayne… — disse Waxillium.

— Estou falando sério — disse Wayne. — Não comi nada desde aqueles bolinhos.

— Vamos comer alguma coisa em nossa parada — disse Waxillium. — Primeiro, gostaria de saber uma coisa de Lady Marasi.

— Sim?

— Bem, já que você vai permanecer conosco, gostaria de saber que tipo de alomântica você é.

Wayne se sentou direito com um sobressalto.

— Oi?

Marasi enrubesceu.

— Você carrega uma bolsinha com raspas de metal em sua bolsa de mão — disse Waxillium. — E sempre está ansiosa para manter a bolsa por perto. Sabe

pouco sobre Feruquemia, mas parece compreender a Alomancia. Não ficou surpresa quando Wayne parou o tempo criando uma bolha ao nosso redor… Na verdade, chegou bem perto do limite da bolha, como se estivesse familiarizada com ela. E pertence a uma linhagem hereditária que está sendo caçada precisamente porque inclui um monte de alomânticos.

— Eu… — disse ela. — Bem, realmente não houve uma boa oportunidade… — Ela corou ainda mais furiosamente.

— Fico surpreso e um pouco decepcionado — disse Wayne.

— Bem — disse ela, rapidamente —, eu…

— Ah, não com você — comentou Wayne. — Com Wax. Eu esperava que ele tivesse percebido no primeiro encontro.

— Estou ficando lento com o passar da idade — disse Waxillium, seco.

— Não serei muito útil — disse ela, olhando para baixo. — Quando vi Wayne usando sua capacidade de Deslizante, comecei a ficar envergonhada. Vejam bem, sou uma Pulsadora.

Como ele suspeitava.

— Acho que pode ser muito útil.

— Na verdade, não — disse ela. — Acelerar o tempo… é incrível. Mas o que se pode fazer com ele reduzido, e apenas para mim mesma? É inútil em uma luta. Todo mundo se move com grande velocidade ao meu redor. Meu pai tem vergonha do poder. Ele me disse para não contar a ninguém, como minha ascendência.

— Tenho cada vez mais certeza de que seu pai é um idiota — disse Waxillium. — Você tem acesso a algo útil. Não, não vai servir em todas as situações, mas nenhuma ferramenta serve.

— Se você diz assim — disse ela.

Um mercador entrou no vagão vendendo biscoitos, e Wayne quase pulou da cadeira para pegar um. Waxillium recostou-se, olhando pela janela e pensando.

Miles. Não, não tinha certeza de que era ele. Quando Waxillium atirou no rosto do chefe dos Desaparecidos e o derrubou, achou que havia confundido a voz. Miles não cairia com um tiro.

A não ser que soubesse que precisava fingir para que Waxillium não o reconhecesse. Miles era engenhoso e faria algo assim.

É ele, pensou Waxillium. Ele sabia desde que ouviu a voz do chefe dos Desaparecidos. Só não queria admitir.

Aquilo complicava imensamente as coisas. E, estranhamente, Waxillium percebeu que se sentia arrasado. Tinha vinte anos de trabalho como vigilante, e aquela situação já se mostrava mais confusa do que qualquer uma que já houvesse investigado. Ele achava que as Terras Brutas o tinham fortalecido, mas havia também uma simplicidade lá, uma simplicidade com a qual ele havia se acostumado.

Agora, ele estava atacando, arma em riste, supondo que conseguiria lidar com um problema na escala de Elendel. Tinha achado que poderia derrubar uma equipe bem financiada, que reunia homens com armas feitas com algo tão caro que poderia muito bem ser ouro.

Talvez devêssemos procurar os policiais, Marasi tinha dito. Mas ele poderia?

Tateou o brinco no bolso. Sentiu que Harmonia queria que ele investigasse. Mas e se Harmonia fosse apenas uma impressão da mente de Waxillium? Chamavam isso de inclinação confirmatória. Ele sentia o que esperava sentir. Era o que seu cérebro lógico lhe dizia.

Queria poder sentir as brumas, pensou ele. *Faz semanas desde que consegui sair entre elas.* Sempre se sentia mais forte nas brumas. Sentia-se como se alguém estivesse observando quando estava entre elas.

Preciso continuar, disse a si mesmo. Tentara se abster, e isso tinha feito com que Lorde Peterus fosse alvejado. O método de Waxillium era simplesmente assumir o comando e fazer o que precisava ser feito. Era o jeito como um homem da lei aprendia a trabalhar lá nas Terras Brutas. *Não somos tão diferentes, Miles e eu*, pensou ele. Talvez fosse isso que sempre o assustou naquele homem.

O trem reduziu a velocidade, parando na estação em que desceriam.

12



Wayne saiu da carruagem, seguindo Waxillium e Marasi. Olhou para o cocheiro, lançando uma moeda para ele.

— Precisamos que você espere um pouco, meu chapa. Acredito que não será um problema.

O cocheiro olhou para a moeda e ergueu uma sobrancelha.

— Problema nenhum, meu chapa.

— Que chapéu bacana — disse Wayne.

O cocheiro usava uma boina redonda de feltro, rígida e cônica, mas com o topo reto e uma pena enfiada nele.

— Todos nós usamos esse chapéu — disse ele. — É a marca das Carruagens do Gavil, entende?

— Hum. Quer trocar?

— O quê? Trocar chapéus?

— Isso — disse Wayne, jogando para ele a boina mole de tricô.

O homem a pegou.

— Não sei muito bem…

— Dou um biscoito de lambuja — disse Wayne, tirando-o do bolso.

— Hum… — O homem olhou para a moeda na mão, que era bem substancial. Tirou o chapéu e o jogou para Wayne. — Não precisa. Acho que… posso comprar outro.

— Muito legal de sua parte — comentou Wayne, dando uma mordida no biscoito enquanto caminhava tranquilamente atrás de Waxillium. Ele pôs o chapéu. Não era tão ruim assim.

Apressou-se para alcançar os dois, que haviam parado numa pequena colina.

Wayne respirou fundo, sentindo a umidade do canal, os aromas de trigo nos campos e das flores aos seus pés. Então, espirrou. Odiava encher sua mente de metal enquanto fazia suas coisas. Preferia enchê-la em grandes partes. Isso o deixava muito mal, mas ao menos conseguia dormir bem e beber muito para passar o tempo.

Assim era pior. Encher a mente de metal o máximo que pudesse, armazenando saúde enquanto andava por aí, significava ficar doente. E rápido. Espirraria muito mais, a garganta ficaria dolorida e os olhos viveriam lacrimejando. Sentia-se cansado e zonzo também. Mas precisava daquela saúde, então aguentava.

Caminhou pela grama. Os Campos Externos eram um lugar estranho. As Terras Brutas eram secas e poeirentas. A cidade era densamente povoada e, em alguns lugares, imunda. Ali, as coisas eram simplesmente… bonitas.

Um pouco bonitas demais. Faziam os ombros dele coçarem. Era o tipo de lugar onde um homem trabalhava no campo durante o dia e, então, ia para casa e sentava no alpendre, bebendo limonada e acarinhando seu cachorro. Homens morriam de tédio em lugares como aquele.

Era estranho que, num local tão aberto, ele conseguisse se sentir ainda mais ansioso e confinado do que preso numa cela.

— O último roubo de carga aconteceu aqui — disse Waxillium, estendendo a mão para os trilhos, que faziam uma curva para a esquerda. Em seguida, moveu a mão pelo caminho, como se estivesse vendo algo que Wayne não via. Sempre fazia coisas assim.

Wayne bocejou e deu mais uma mordida no biscoito.

— Que foi isso, senhor? Que que foi isso, senhor? O que foi isso, senhor?

— Wayne, o que você está balbuciando aí? — Waxillium se virou, inspecionando o canal à direita. Era amplo e profundo ali, projetado para transportar as barcaças cheias de comida que iam para a cidade.

— Praticando minha imitação do vendedor de biscoitos — disse Wayne. — Ele tinha um sotaque ótimo. Devia ser de uma das novas cidades nos subúrbios de Elendel, bem ao lado das montanhas ao sul.

Waxillium olhou para ele.

— Esse chapéu está ridículo.

— Felizmente, posso trocar de chapéu — disse Wayne com o sotaque do

vendedor de biscoitos —, enquanto o senhor está preso com essa cara aí.

— Vocês dois parecem irmãos — comentou Marasi, observando com curiosidade. — Já perceberam?

— Contanto que eu seja o irmão bonito — disse Wayne.

— Os trilhos curvam-se na direção do canal — disse Waxillium. — Os outros roubos também aconteceram perto de canais.

— Pelo que eu me lembre — observou Marasi —, a maioria das linhas férreas é paralela aos canais. Os canais vieram primeiro, e quando os trilhos foram montados, fez sentido seguir os caminhos estabelecidos.

— Certo — disse Waxillium. — Mas isso é especialmente marcante aqui. Veja como os trilhos ficam próximos do canal.

Seu sotaque está mudando, pensou Wayne. *Voltou à cidade há seis meses, e o novo sotaque já aparece. Está mais refinado em alguns momentos, menos formal em outros.* As pessoas percebiam como suas vozes eram como seres vivos? Se movemos uma planta de lugar, ela se altera e se adapta ao ambiente ao redor. Se movemos uma pessoa de lugar, o jeito como ela fala cresce, adapta-se, evolui.

— Então, você acha que esse maquinário que os Desaparecidos estão usando não pode ser movido com facilidade em terra? — perguntou Marasi. — Eles precisam embarcá-lo no canal e escolher um local próximo dos trilhos para montá-lo e transportar o fruto do roubo?

O sotaque dela…, pensou Wayne. *Ela usa uma entonação mais elevada ao falar com ele.* Estava tentando impressionar Wax. Ele enxergava? Provavelmente não. O homem sempre foi distraído com relação às mulheres. Mesmo com Lessie.

— Sim — disse Waxillium, descendo a colina. — A questão é: como essa coisa, seja lá o que for, esvaziou os vagões de carga de forma tão rápida e eficiente?

— Por que é tão estranho? — perguntou Wayne, seguindo-o. — Se eu fosse um Desaparecido, teria trazido um montão de homens, o que me faria terminar o trabalho mais rápido.

— Não é uma simples questão de mão de obra — respondeu Waxillium. — Os vagões estavam trancados, e alguns dos últimos tinham guardas. Quando os vagões chegavam ao destino, ainda estavam trancados, mas vazios. Além disso,

muitos lingotes pesados de ferro foram roubados de um dos vagões. A porta do vagão não é tão grande… depois de certo ponto, mais homens não teriam ajudado. Não há maneira de descarregar centenas de lingotes em cinco minutos usando apenas mão de obra.

— Uma bolha de velocidade? — perguntou Marasi.

— Pode ter ajudado, mas não muito — disse Wax. — Haveria o mesmo problema em relação à porta, e não se pode colocar muitas pessoas numa bolha de velocidade. Vamos dizer que pudéssemos ter seis trabalhadores dentro dela, o que seria bem apertado. Eles teriam de mover os lingotes de ferro para a beirada da bolha de velocidade e, em seguida, derrubar a bolha e criar outra… e repetir o processo. Não se pode mover as bolhas depois que elas estão erguidas.

Waxillium balançou a cabeça, com as mãos nos quadris.

— O custo em curvaliga seria incrível. Uma pepita custa cerca de quinhentas notas. Wayne consegue comprimir cerca de dois minutos em quinze segundos externos. Para comprimir o tempo de cinco minutos do lado de fora, ganhando tempo suficiente dentro para mover todas aquelas barras de ferro, seria necessário gastar *dez mil* notas. As barras valeriam apenas uma fração desse investimento; por Harmonia, seria possível comprar o *trem* inteiro com esse dinheiro. Não acredito nisso. Estão fazendo de outra forma.

— Algum tipo de maquinário — disse Marasi.

Wax assentiu, descendo a colina e examinando o solo.

— Vamos ver se conseguimos encontrar algum rastro que eles possam ter deixado para trás. Talvez o maquinário tenha rodas que deixaram sulcos ou trilhas.

Wayne enfiou a mão nos bolsos e caminhou por ali, fingindo que também estava procurando, mas havia envolvido Waxillium nesta investigação porque ele era bom nesse tipo de coisa. Se houvesse gente envolvida, Wayne seria útil. Mas com flores e terra… nem tanto.

Depois de alguns minutos, ele estava entediado, então foi até onde Marasi estava examinando o solo. Ela olhou para ele.

— Tenho que dizer, Wayne… Esse chapéu *não* fica muito bem em você.

— Sim. Só quero continuar lembrando a Wax que ele me deve um novo.

— Por quê? Foi você quem deixou o homem levar seu antigo chapéu.

— Ele me convenceu a não lutar — grunhiu Wayne. Para ele, a conclusão

parecia óbvia. — E daí ele *atirou* no cara que estava usando o chapéu, e o cara simplesmente foi embora!

— Ele não tinha como saber que o homem sobreviveria.

— Ele deveria ter pegado meu chapéu — disse Wayne.

Ela sorriu, parecendo se divertir.

A maioria das pessoas não entendia a importância dos chapéus, e Wayne não as culpava por isso. O valor do chapéu é incompreensível antes de você ter um chapéu bom, que dê sorte.

— Na verdade, foi melhor assim — continuou Wayne, baixinho, chutando o mato. — Mas não diga a Wax.

— Por quê?

— Eu *precisava* perder aquele chapéu — admitiu Wayne. — Do contrário, ele teria ido pelos ares na explosão, entende? Foi uma sorte ele ter sido roubado. Poderia ter acabado igual ao meu sobretudo.

— Você é um indivíduo único, Wayne.

— Tecnicamente, todos somos — disse ele. Então, hesitou. — Exceto gêmeos. Eu acho. De qualquer forma, tem uma coisa que preciso perguntar a você. Mas é um pouco pessoal.

— Quão pessoal?

— Bem, você sabe, sobre você e tudo mais. O tipo pessoal de pessoal. Eu acho.

Ela olhou para ele, franzindo a testa, e em seguida corou. Parecia que ela fazia muito isso, o que não incomodava Wayne. Garotas ficavam bonitas um pouco mais coradas. — Você não está querendo dizer sobre mim… e você… digo…

— Ah, por Harmonia! — Wayne gargalhou. — Não é nada disso, minha chapa. Não se preocupe. Você é bem bonita, especialmente nos cobres, se entende o que eu quero dizer.

— Nos cobres?

— Claro. Palavra com muitas curvas, como você. Também tem um sotaque bonito e um balanço legal na área das nuvens.

— Devo ousar perguntar o que é isso?

— As coisas brancas e fofinhas que flutuam bem acima da terra frutífera

onde as sementes são plantadas.

Ela enrubesceu ainda mais.

— Wayne! Essa deve ser a coisa mais rude que alguém já disse para mim.

— Eu me esforço para alcançar a excelência, minha chapa. Eu me esforço. Mas não se preocupe... Como eu disse, você é bem bonita, mas não tem força suficiente para mim. Gosto de mulheres que podem *arrancar* minha cara com um bom murro na fuça.

— Você gosta de mulheres que podem espancar você?

— Claro. É um fetiche. Bem, eu estava mesmo era falando de sua Alomancia. Veja, você e eu, nós temos poderes opostos. Eu aumento a velocidade do tempo, e você diminui. Então, o que aconteceria se *nós dois* usássemos nossos poderes ao mesmo tempo? Hein?

— Isso está documentado — comentou Marasi. — Eles se cancelam mutuamente. Nada acontece.

— Sério?

— Sério.

— Hum — disse ele, limpando o nariz com o lenço. — O nada mais caro que uma pessoa pode ter, considerando que nós dois teríamos que queimar metais raros.

— Não sei — disse ela, com um suspiro. — Meu poder é muito bom em não fazer nada sozinho. Não sei se eu realmente entendia quão patético é ser uma Pulsadora até ver o que você pode fazer.

— Ah, o seu poder não é tão ruim.

— Wayne, a qualquer momento que eu usar minha capacidade, *qualquer* momento, eu ficarei paralisada no lugar, parecendo uma idiota, enquanto todo mundo ao redor será capaz de se movimentar. Você pode usar seu poder para ganhar tempo. Eu só posso usar o meu para perder tempo.

— Claro, mas, talvez, em algum momento, você queira que certo dia chegue mais rápido. Você queira muito, sabe? Então, você pode queimar cádmio e, puf, o dia chega!

— Na verdade… — Ela parecia envergonhada. — Na verdade, eu já fiz isso. Cádmio queima muito mais devagar que a curvaliga.

— Está vendo! Vantagens. Que tamanho suas bolhas alcançam?

— Posso fazer uma do tamanho de uma saleta.

— É *muito* maior que a minha — disse Wayne.

— Multiplique zero por mil, e você ainda terá zero.

Ele hesitou.

— É mesmo?

— É — disse ela. — É matemática básica.

— Pensei que estávamos falando de Alomancia. Quando o assunto passou para matemática?

Aquilo fez com que ela corasse também. Era de se esperar que uma garota corasse quando se falava com ela sobre as partes mais atraentes do próprio corpo, mas não quando se mencionava matemática. Era uma liga estranha, aquela ali.

Ela olhou para o lado, na direção de Waxillium. Ele estava agachado ao lado do canal.

— Já *ele*... — disse Wayne. — *Ele* gosta das inteligentes.

— Não tenho nenhuma intenção em relação a Lorde Ladrian — disse ela, rápido. Rápido demais.

— Que pena — disse Wayne. — Acho que ele gosta de você, minha chapa.

Talvez tenha sido um exagero. Wayne não sabia ao certo o que Wax pensava em relação a Marasi — contudo, o homem precisava tirar Lessie da cabeça. Lessie tinha sido uma grande garota. Maravilhosa e tudo o mais. Mas estava morta, e Wax ainda estava com aquele… olhar vazio. O mesmo que tinha exibido nas semanas seguintes à morte de Lessie. Mais suave agora, só que ainda estava lá. Um novo amor ajudaria muito. Wayne tinha certeza disso, então ficou muito feliz consigo mesmo quando Marasi começou a se mexer, por fim caminhando até onde Wax estava trabalhando. Ela tocou seu braço, e ele apontou para alguma coisa no chão ao lado do canal. Juntos, eles inspecionaram.

Wayne aproximou-se devagar.

— … perfeitamente retangular — dizia Marasi. — De algo mecânico.

O solo ali estava achatado como se algo pesado tivesse sido colocado em cima. Aparentemente, era o único tipo de vestígio na área, e não parecia ser o que Wax queria encontrar. Ele se ajoelhou ao lado, franzindo a testa, e apoiou a mão na terra, provavelmente para verificar quão compactada estava. Ele ergueu

os olhos de novo para os trilhos.

— Não há pegadas suficientes — disse Wax, baixinho. — Não há como um objeto como esse ter sido carregado com a força de homens. Mesmo se houvesse uma bolha de velocidade.

— Acho que você tem razão — disse Marasi. — Se o roubo aconteceu bem ali, a máquina pode ter permanecido no canal e, ainda assim, alcançado os trilhos.

Waxillium levantou-se e limpou as mãos.

— Vamos voltar. Preciso de tempo para pensar.

*

Waxillium caminhou até o centro do vagão de passageiros, com as mãos molhadas após limpá-las no lavabo. O vagão rangia embaixo dele e os campos passavam lá fora.

Onde Miles estaria se escondendo? A mente de Waxillium girava. A cidade oferecia lugares demais para se esconder, e Miles não era um criminoso comum. Fora um vigilante. Os instintos normais de Waxillium não serviriam.

Ele vai reduzir a velocidade, Waxillium concluiu. *É cuidadoso. Perspicaz. Levou meses entre o roubo do alumínio e o seguinte.*

Miles havia perdido homens e recursos. Ele se esconderia por um tempo. Mas *onde*? Waxillium recostou-se na parede do corredor. O vagão de primeira classe era formado por compartimentos particulares. Podia ouvir baixinho as pessoas conversando na cabine ao lado. Crianças. Tinha sido necessária uma longa caminhada pelos seis vagões para encontrar um lavabo livre. Wayne e Marasi estavam num compartimento muitos vagões adiante.

Se Marasi estivesse certa sobre a função das mulheres sequestradas, um destino amargo as aguardava. Miles podia se dar ao luxo de recuar, de deixar as pistas esfriarem. Cada hora que passava tornava mais difícil encontrá-lo.

Não, pensou Waxillium. *Ele vai precisar de mais um roubo.* Um rápido, talvez sem nenhuma refém, para conseguir mais alumínio. Waxillium tinha analisado os relatórios originais dos roubos e conseguido fazer uma avaliação precisa da quantidade de alumínio que Tekiel estava contrabandeando. Teria sido mais ou menos o suficiente para equipar trinta ou quarenta homens, o que levaria Miles a realizar mais um roubo antes de se esconder; dessa forma, poderia usar o

tempo parado para fazer mais armas e munição.

Isso dava a Waxillium mais uma oportunidade de pegá-lo. Se pudesse armar tudo direito. Ele…

O grito foi baixo, mas Waxillium havia treinado sua mente para que estivesse sempre atenta a essas coisas. Sempre alerta, especialmente quando estava ocupado, pensando. Imediatamente se lançou para o lado, o que salvou sua vida quando a bala passou pelo vidro da janela no fim do vagão.

Waxillium girou, puxando um revólver do coldre. Uma figura de preto estava em pé no vagão seguinte, olhando pela janela quebrada. Usava uma máscara de novo, com os olhos expostos, os pontos do tricô cobrindo o restante das feições, mas o corpo e a altura eram os mesmos, até o jeito de segurar a arma.

Idiota!, pensou Waxillium. Seus instintos *estavam* dispersos. Um criminoso comum teria se escondido. Mas não Miles. Fora um homem da lei, acostumado a caçar, e não a ser caçado.

E, se você causasse uma reviravolta em seus planos, ele iria atrás de você.

Neste episódio, ele escreve sobre os dias que passou nos abomináveis Poços de Eltania, onde tribos de koloss governam a terra e metais preciosos e desconhecidos podem ser descobertos. A história completa abaixo. Cem por cento verdade e escrito pelo próprio explorador!



De fato, essa é uma preocupação dos membros do Partido do Sindicado do Comércio entrevistados por este jornal. Um rebatedor no canteiro de obras do Edifício Espinha de Ferro, que disse se chamar Brill, comentou com este repórter que o sr. Durnsed deveria "manter a cabeça fora desses assuntos se soubesse o que é o quê". Antes que pudesse explicar sua declaração, seu representante do sindicato local interveio e deu garantias de que o homem estava falando metaforicamente. No entanto, a disposição dos Rebitadores de Linha e Escavadores era decididamente contra o sr. Durnsed.

A decisão do líder do sindicado significa que o contrato, conforme escrito, mantém se agora pelo restante do trimestre fiscal. Depois dessa revelação, as ações do setor estavam sendo negociadas em alta, e mesmo as ações da Casa Tekiel, que haviam sofrido queda recentemente, começaram a mostrar atividade positiva.

Líder de sindicato abandona solidariedade aos membros do Partido do Sindicado do Comércio

Em uma surpreendente troca de linha partidária, o líder do Sindicato do Comércio, Elors Durnsed, anunciou sua intenção de deixar de lado qualquer objeção ao encerramento de negociações entre representantes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e a Cooperativa das Casas Nobres em suas constantes disputas para chegar a um acordo. Rumores de uma série de reuniões secretas entre o líder do sindicado e cidadãos comuns cujos interesses estão alinhados com as casas permanecem sendo fontes de especulação, e todas as questões sobre o assunto são evitadas.

O anúncio foi recebido com escárnio quase violento por

ALIVIE-SE DE SUAS DORES!

A srta. Halex, alomântica, abrirá um novo Salão de Abrandamento. Dentro de seus aposentos relaxantes, é possível encontrar alívio para o estresse, a ansiedade e as preocupações, saindo de lá com o coração leve e a cabeça nas alturas. Nosso repórter visitou o salão para uma reportagem detalhada sobre o que acontece nele. Uma massagem luxuosa, arcanos adocicados e um Abrandador de plantão para aplicar uma "massagem emocional", deixando você tão bem por dentro quanto por fora. Leia a reportagem no verso, última coluna.

Feltri é um Tumultuador!

Correm rumores de que Allorun Feltri, há muito favorito para conquistar o 2º assento dos Trabalhadores dos Canais nas eleições de outono, estava usando capacidades alomânticas para conseguir apoiadores. Em um escândalo que sacodirá a cidade sobre suas fundações, uma amiga amante vem à público expor tudo. A história completa você lê no verso, terceira coluna.

Contratam-se alomânticos

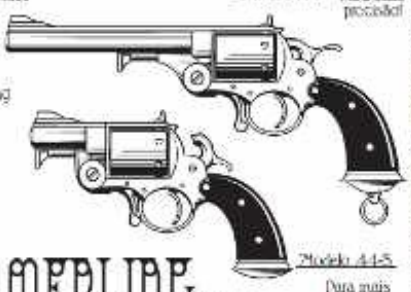
Todas as variedades. Lançamoedas e Braços de Peltre para trabalho industrial ou proteção. Alomânticos temporais para manipulação do tempo. Abrandadores e Tumultuadores para entretenimento em jantares. Alguns feruquemistas disponíveis com aviso prévio. Metalúrgicos Aliados, Praça Carrosilveira, 7º Ou. Você é um Nascido do Metal e deseja ganhar o que merece? Ligue e fale com Jarrington.



IMMERLING TRANSFORMA UM HOMEM COMUM EM UM LANÇAMOEDAS

O patenteado Mecanismo Abre-Tudo Immerling garante uma recarga mais rápida e fácil quando você mais precisa! Esse é um dos motivos por que vigilantes experientes elegeram a Immerling como sua arma.

Modelo 44 Para mais precisão!



Modelo 44-S Para mais discrição

ARMAS IMMERLING Est. 360

Explorando os Poços de Eltania

Meu querido editor e, por seu intermédio, meus amados leitores, espero que esta missiva os encontre bem e de posse de um ouvido disposto, pois os eventos incríveis que transpiraram em minha recente experiência podem deixá-los incrédulos e chocados. Juro aos senhores, em declaração das mais sérias, que todas as palavras que escrevo aqui são verdadeiras e factuais. Vivi essas histórias para que os senhores possam saber sobre as Terras Brutas e as pessoas fascinantes que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além da razão cultivada.

Quando escrevi minha missiva anterior, eu tinha certeza de que meu fim havia chegado. De fato, fui capturado e mantido preso pelos brutos koloss dos Poços de Eltania, e me disseram que eu seria executado pela manhã e que minha carne serviria de banquete. Temi um fim horrendo e admitirei que me flagrei na mais fervorosa oração ao Sobrevivente naquela mesma noite! Se alguém precisava de proteção d'Aquele Que Viveu, este alguém era eu!

Os senhores podem perceber, pela minha escrita aqui, que escapei. Bem, isso em parte é verdade, mas não deixei o acampamento dos koloss de pele azul. Na verdade, escrevo aos senhores de dentro da câmara onde me prenderam para ser executado naquela noite. Só que agora não é uma prisão, mas um grandioso palácio! Ao menos, assim os selvagens que me mantêm o consideram. Para mim, continua sendo meramente uma cabana com chão de terra. Dormir sob as estrelas seria preferível, especialmente se eu pudesse ter a srta. Drunali ao meu lado, mas minha busca a fim de localizar para onde ela foi levada precisará esperar um momento posterior.

Os koloss tentaram melhorar minhas acomodações. Trouxeram-me animais mortos para comer e acenderam uma fogueira, um sinal de que me consideram digno de grande atenção. E me deram várias armas feitas por eles mesmos. Como mencionei antes, essas armas são de feitura incrivelmente sofisticada. Pensei que



incapazes de um trabalho artesanal tão belo.

Mas estou me prolongando em coisas insignificantes. Por favor, perdoem-me; minha mente continua a vagar pelos eventos desta semana. De fato, acredito que não apenas fui poupado da morte, mas nomeado o rei desta tribo!

Tudo começou na madrugada de minha execução já mencionada. Depois de ser acordado de uma forma não muito gentil, eu me vi embaixo do sol forte, caminhando com dificuldade pelo chão vermelho e poeirento. Os brutos estavam em fileiras silenciosas, observando-me com olhos com formato de conta, a pele de um azul escurecido, a cor de um cachecol azul fino, se tivesse sido queimado no fogo e tostado. A poeira vermelha manchava os corpos, e muitos quase não usavam vestimentas.

Devo minha vida a Handerwym. Fiel Handerwym. Abençoado foi o dia em que o tirei daquele lago, encharcado e quase afogado. O fiel terrisano, embora sob o juramento de não prejudicar nem matar, provou seu valor uma centena de vezes. Os koloss pareciam respeitá-lo, entendem, e lhe permitiram uma última aproximação para abraçar seu mestre que logo seria assassinado da maneira mais lúgubre.

Depois desse abraço, vi que meu Glint, meu leal revólver, foi passado às minhas mãos, que estavam presas às minhas costas. Perguntei-lhe como ele havia recuperado a arma tomada pelos koloss, e ele explicou que fez uso de uma de suas mentes de metal para criar uma conexão com eles. É uma arte

+++++++

13



Waxillium não teve tempo de erguer a arma. Aumentou seu peso no mesmo instante e avivou o aço enquanto *empurrava* para a frente as portas entre os vagões. As janelas de vidro explodiram quando as portas empenaram e se soltaram do batente, bloqueando as três balas que Miles disparou em rápida sucessão.

O vagão se inclinou quando o trem começou a virar, e cabeças surgiram nas portas dos compartimentos, com olhos arregalados procurando a causa da barulheira. Miles novamente mirou Waxillium no fim do corredor. Crianças por perto choravam.

Não posso pôr as pessoas em risco, pensou Waxillium. *Preciso sair.*

Enquanto os tiros eram disparados, Waxillium jogou-se para a frente e uma bala ricocheteou perto de sua cabeça, espalhando faíscas. Não conseguiu senti-la por meio da Alomancia. Era alumínio.

Waxillium irrompeu no espaço entre vagões, onde o vento rugia e puxava sua roupa. Quando Miles disparou o sexto tiro, Waxillium *empurrou* os engates e se lançou para cima.

Ele subiu no topo dos vagões. O vento o empurrou para trás enquanto caía. Aterrissou com um baque surdo no teto de um vagão bem atrás, apoiando-se em um joelho e se equilibrando com a mão livre, o vento bagunçando seu cabelo e inflando seu casaco. Ergueu o revólver.

Miles estava ali. No trem.

Posso pará-lo agora. Terminar com isso.

O pensamento seguinte foi imediato. Como *poderia* parar Miles Cem-vidas?

Uma figura mascarada se ergueu entre os vagões do trem logo adiante, talvez a pouco mais de três metros de distância, segurando uma pistola de grosso

calibre. Miles sempre tinha preferido poder de fogo a precisão. Certa vez tinha dito que preferia errar algumas vezes sabendo que, quando *acertasse*, a pessoa alvejada não se levantaria.

Waxillium soltou um palavrão e preencheu sua mente de metal, reduzindo seu peso a quase nada. Em seguida, rolou para a direita, para fora do teto na direção da lateral do vagão. Tiros foram disparados. Ele agarrou a borda de uma janela, apertando-se contra a lateral do vagão e enfiando um pé em uma fenda no metal ao longo da composição. Seu peso diminuído permitia que ele se segurasse ali facilmente, embora seu corpo mais leve fosse açoitado pelo vento.

Lá adiante, a locomotiva soltava cinzas e fumaça preta; atrás, os trilhos trovejavam. Waxillium ergueu o revólver com a mão direita e esperou enquanto se segurava na lateral do vagão com a outra mão e uma perna.

A cabeça mascarada de Miles logo apareceu entre os vagões. Waxillium disparou um tiro rápido, *empurrando* a bala para a frente com Alomancia para impulsioná-la mais ainda contra o vento uivante. Acertou Miles na órbita do olho esquerdo, e a cabeça do homem foi jogada com tudo para trás, espalhando sangue na lateral do vagão atrás dele. Ele tombou, e Waxillium disparou de novo, acertando-o na testa.

O homem arrancou a máscara, revelando o rosto aquilino com cabelo preto e curto e sobrancelhas grossas. Era *ele*. Miles. Um vigilante, um homem que não devia fazer essas coisas. Um Duplonato Composto de incrível poder. Seu olho se formou novamente, e o ferimento na cabeça desapareceu num instante. O metal dourado brilhava nos braços. Suas mentes de metal eram estacas que usava cravadas na pele do antebraço, como parafusos. Era extremamente difícil tocar com um empurrão de aço metais que perfuravam a pele.

Ferrugem e Ruína! Mesmo um tiro no *olho* não tinha diminuído muito a velocidade de Miles. Waxillium avistou uma árvore que se aproximava e atirou. Em seguida, soltou-se do trem e ficou o mais leve que pôde. Pairou no vento e, quando a árvore passou com tudo, *empurrou* a bala alojada nela, lançando-se para o lado e entrando entre dois vagões. Agachou-se ali, arfando, com o coração palpitando, enquanto outra bala de Miles ricocheteava perto dele.

Como combater alguém que é praticamente imortal?

Circundando algumas colinas baixas, o trem fez uma nova curva. Fazendas verdejantes e pomares plácidos corriam a uma distância próxima. Waxillium agarrou a escada do vagão e subiu, espreitando com cuidado o teto dos vagões.

Miles estava avançando em sua direção a toda velocidade sobre o topo do vagão. Waxillium xingou, erguendo a arma quando Miles fez o mesmo. Ele disparou primeiro e conseguiu atingir Miles, que estava apenas a poucos passos de distância naquele momento.

Waxillium tinha mirado a arma na mão de Miles. A bala arrancou carne e osso, fazendo Miles soltar um palavrão e largar a arma, que bateu uma vez no teto do vagão e depois caiu na lateral, desaparecendo. Waxillium sorriu de satisfação. Miles rosnou e saltou contra Waxillium.

A cabeça de Waxillium bateu contra o metal atrás dele, e a dor causou um lampejo branco em sua visão. Ele grunhiu, zonzo. *Idiota!* A maioria dos homens nunca teria saltado daquele jeito; era muito provável que isso lançasse os dois do trem em movimento. Miles não se importaria.

Os dois estavam no espaço entre vagões, numa posição precária. Miles agarrou Waxillium pelo colete com as duas mãos, erguendo-o e batendo seu corpo contra o vagão de trás. Waxillium atirou por reflexo, atingindo a barriga de Miles à queima-roupa, mas as balas saíram pelas costas sem que ele sequer parasse de atacar. Ele puxou Waxillium para a frente e lhe desferiu um soco no rosto.

A dor se espalhou, e a visão de Waxillium ficou turva. Quase tombou e caiu nos trilhos logo abaixo, que passavam velozmente. Desesperado, tentou *empurrar-se* no ar. Miles estava pronto para isso e, assim que Waxillium começou a se erguer, enganchou o pé no primeiro degrau da escada e se segurou. Waxillium tombou, sentindo-se zonzo, mas não subiu aos ares. Ele *empurrou* mais forte, mas Miles manteve o pé ali, com olhos determinados.

— Pode arrancar os tendões do meu pé, Wax — gritou Miles sobre o ruído das rodas nos trilhos e o uivo do vento. — Eles vão se recompor imediatamente. Acho que seu corpo vai desistir antes do meu. *Empurre* com mais força. Vamos ver o que acontece.

Waxillium soltou, caindo no degrau entre os vagões. Tentou prender Miles numa chave de braço, mas o outro era mais jovem, mais rápido e melhor de briga. Miles esquivou-se, ainda segurando o colete de Waxillium e, em seguida, puxou-o. Waxillium tombou, sem equilíbrio, em cima de Miles, que desferiu um soco no seu estômago.

Ele perdeu o fôlego. Miles o agarrou pelo ombro e o empurrou para a frente, movendo-o para socar de novo sua barriga.

Então, Waxillium aumentou seu peso dez vezes.

Miles cambaleou, puxando algo incrivelmente pesado de repente. Arregalou os olhos. Estava acostumado a lidar com Lançamoedas, que eram um dos tipos mais comuns de alomânticos, especialmente entre criminosos. Feruquemistas eram muito mais raros. Miles sabia que Waxillium era feruquemista, mas conhecer um poder e antecipá-lo eram coisas diferentes.

Ainda dolorido e sem fôlego por causa do murro, Waxillium empurrou o peito de Miles com o ombro, usando seu peso enorme para afastá-lo. O homem xingou e, em seguida, soltou Wax e saiu de perto, subindo rapidamente a escada de volta para o teto do vagão.

Wax parou de drenar sua mente de metal e *empurrou*, lançando-se para cima. Aterrissou sobre o outro vagão, encarando Miles sobre a pequena fenda. O vento brincava com suas roupas e os campos corriam dos dois lados. O trem sacudiu quando passou por um desvio, e o equilíbrio precário fez Waxillium bambear. Ele se abaixou sobre um joelho, apoiando a mão no telhado e aumentando o peso para se equilibrar. Miles ficou parado, obviamente indiferente ao balanço.

Waxillium conseguiu ouvir pessoas soltando gritos indistintos, provavelmente enquanto se moviam pelos vagões, tentando se afastar da luta. Com sorte, a perturbação atrairia a atenção de Wayne.

Miles levou a mão para a outra arma que trazia na cintura. Waxillium pegou sua outra arma também; a primeira, a melhor das duas, tinha caído durante a luta. Sua visão ainda estava turva, o coração acelerado, mas ele conseguiu apontar a arma quase no mesmo instante que Miles. Os dois dispararam.

Uma bala atingiu Wax de raspão, cortando seu casaco e tirando sangue. O tiro de Wax acertou uma rótula de Miles, fazendo-o tombar e desviando o tiro seguinte para longe. Wax mirou com cuidado e acertou a mão de Miles, de novo estourando carne e ossos. O corpo de Miles imediatamente começou a se recuperar, ossos se remontando, tendões se estendendo como borracha, a pele espalhando-se como gelo sobre um lago. Mas a arma caiu.

Miles estendeu a mão para pegá-la, mas Wax abaixou casualmente o revólver e atirou na arma, lançando-a para trás e derrubando-a do teto instável do trem.

— Desgraça! — xingou Miles. — Você sabe quanto valem essas coisas?

Ainda com um joelho apoiado no teto, Wax tinha a arma erguida ao lado da cabeça, o vento soprando para longe a fumaça do cano.

Miles levantou-se novamente.

— Sabe, Wax — gritou ele —, eu costumava me perguntar se um dia teria que enfrentá-lo. Uma parte de mim sempre pensou que sua brandura levaria a isso… que você deixaria escapar alguém que não deveria. Imaginei se teria uma chance de caçá-lo por isso.

Waxillium não respondeu. Sustentou o olhar, com o rosto impassível. Por dentro, estava sentindo dor, tentando recuperar o fôlego depois das pancadas que havia tomado. Ergueu a mão até o flanco, pressionando o ferimento. Por uma bênção, não era tão ruim, mas ainda umedecera os dedos com sangue. O trem chacoalhou, e ele rapidamente abaixou a mão para apoiá-la no teto de novo.

— O que corrompeu você, Miles? — gritou Waxillium. — A fascinação da riqueza?

— Você sabe muito bem que não é por dinheiro.

— Você precisa de ouro — berrou Waxillium. — Não negue. Sempre precisou dele para sua Composição constante.

Miles não respondeu.

— O que houve? — gritou Waxillium. — Você era um vigilante, Miles. E dos bons.

— Eu era um cão, Wax. Um cão de caça domesticado por falsas promessas e ordens sérias. — Miles recuou alguns passos e, em seguida, correu adiante, saltando a fenda entre eles.

Waxillium se levantou, desconfiado, e recuou.

— Não diga que nunca sentiu isso — berrou Miles, rosnando. — Você trabalhava *todos os dias* para consertar o mundo, Wax. Tentava acabar com a dor, a violência, os roubos. Nunca funcionou. Quanto mais homens você derruba, mais problemas aparecem.

— Essa é a vida de um vigilante — disse Waxillium. — Se você desistiu, ótimo. Mas não precisava se juntar ao outro lado.

— Eu já *estava* do outro lado — retrucou Miles. — De onde vêm os criminosos? Foi o comerciante vizinho que começou a causar tumultos e cometer assassinatos? Foram os garotos que cresceram perto da cidade, trabalhando na fazenda da família? Não. Foram os mineradores, enviados para fora da cidade para explorar as profundezas e encontrar a última mina de riqueza… e depois abandoná-la, assim que se esgotava. Foram os caçadores de fortuna. Foram os tolos ricos da cidade atrás de aventura.

— Não me importa quem foi — disse Waxillium, ainda recuando. Estava no penúltimo vagão. O espaço para fugir estava acabando. — Servi à lei.

— Também servi — retrucou Miles. — Mas agora sirvo a algo melhor. À essência da lei, mas misturada com justiça verdadeira. Uma liga, Wax. As melhores partes das duas coisas. Faço algo melhor do que caçar a sujeira que me enviam da cidade. Não pode me dizer que nunca notou. E quanto a Pars, o Homem-morto, sua "grande caça" dos últimos cinco anos? Eu me lembro de você caçando o cara, de suas noites sem dormir, da ansiedade. O sangue na terra, no meio de Intempérie, quando ele deixou o cadáver da filha do velho Burlow para você. De onde *ele* tinha vindo?

Waxillium não respondeu. Pars era um assassino fugido da cidade, um açougueiro que tinha sido pego matando mendigos. Ele partira para as Terras Brutas, onde voltou a trabalhar para saciar sua obsessão medonha.

— Eles não o pararam — cuspiu Miles, avançando. — Eles não mandaram você ajudar. Eles não ligam para as Terras Brutas. Ninguém liga para as Terras Brutas. Eles mal parecem nos notar, exceto como um lugar onde jogar seu lixo.

— Por isso você os rouba — gritou Wax —, sequestra suas filhas, assassina quem fica no seu caminho?

Miles deu outro passo adiante.

— Faço o que precisa ser feito, Wax. Este não é o código dos vigilantes? Não deixei de ser um, ninguém deixa de ser vigilante. É uma coisa que se infiltra na pessoa. Você faz o que ninguém mais fará. Defende os oprimidos, melhora as coisas, impede os criminosos. Bem, só decidi lidar com uma marca mais poderosa de criminosos.

Waxillium balançou a cabeça.

— Você se deixou transformar num monstro, Miles.

— Você diz isso — retrucou Miles, o vento batendo no cabelo curto —, mas seus olhos, Wax… eles mostram a verdade. Eu posso ver. Você *entende* o que estou dizendo. Você sentiu também. Você *sabe* que estou certo.

— Não vou me juntar a você.

— Não estou pedindo — disse Miles, com a voz mais suave. — Você sempre foi o bom cão, Wax. Se seu mestre bate, você apenas gane e imagina como pode melhor servir. Não acho que trabalharíamos bem juntos. Não nesse caso.

Miles avançou.

Waxillium jogou todo o seu peso na mente de metal e saltou para trás, deixando o vento distanciá-lo uns bons seis metros. Aumentou o peso e aterrissou no último vagão. O trem se aproximava dos subúrbios; a flora dos Campos Externos definhava.

— Vá em frente, fuja! — gritou Miles. — Vou voltar e pegar a pequena Lady Harms, a bastarda. E Wayne. Faz tempo que quero uma desculpa para meter uma bala na cabeça daquele homem. — Ele se virou e começou a andar na direção contrária.

Waxillium xingou, avançando. Miles virou de volta, abrindo um sorriso frio. Ele se abaixou, pegando uma faca de lâmina longa guardada atrás da bota. Era de alumínio; ele não carregava nenhuma peça de metal que reagisse à Alomancia.

Preciso jogá-lo para fora do trem, pensou Wax. Não conseguiria derrotar Miles ali, não de uma vez por todas. Precisava de um ambiente mais controlado. E precisava de tempo para planejar.

Quando se aproximou, Wax ergueu a arma e tentou arrancar a faca da mão de Miles, mas o outro girou a faca e cravou-a no próprio antebraço esquerdo, atravessando a carne para que ela saísse do outro lado. Ele nem sequer reagiu à dor. Circulavam histórias pelas Terras Brutas de que, depois de sofrer centenas de ferimentos que deveriam tê-lo matado, Miles tinha ficado completamente indiferente à dor.

Miles estendeu as mãos, pronto para agarrar Waxillium, mas ele também poderia arrancar aquela faca em um instante. Waxillium tirou sua própria faca e a estendeu na mão esquerda. Os dois se circundaram por um momento; o peso aumentado de Wax o ajudava a ficar no teto sacolejante do vagão. Ainda não dava muito equilíbrio, e o suor pingava pela testa, soprado de lado pelo vento.

Alguns tolos enfiavam a cabeça nas janelas dos vagões distantes, tentando assistir à ação. Infelizmente, nenhum desses tolos era Wayne. Wax deu uma finta para a frente com um passo rápido, mas Miles não mordeu a isca. Wax lutava bem com facas, mas Miles era conhecido como um dos melhores. Porém, se Wax pudesse rolar os dois para fora do trem…

A esta velocidade, isso vai acabar comigo, mas não com ele, pensou. *A não ser que eu consiga algo para* empurrar *embaixo de mim. Ferrugem! Vai ser difícil.*

Tinha apenas uma chance: encerrar rapidamente a luta.

Miles tentou agarrá-lo. Wax tomou fôlego e avançou, o que Miles pareceu achar surpreendente, embora tenha conseguido agarrar o braço de Wax. Com a outra mão, Miles arrancou a faca do próprio braço, preparando-se para apunhalar Wax. Em desespero, Wax aumentou seu peso e bateu com o ombro no peito de Miles.

Infelizmente, Miles antecipou esse movimento. Ele se jogou sobre o teto, rolando, e chutou as pernas de Wax.

Em um piscar de olhos, Wax estava rolando no ar na direção do cascalho e das pedras ao lado dos trilhos. Uma parte primordial dele sabia o que fazer. Ele *empurrou* a faca que estava em sua mão, soltando-a e enterrando-a no chão bem abaixo dele, o que o jogou no ar enquanto ele diminuía seu peso. O vento o pegou. Ele girava e perdeu todo o senso de direção.

Bateu e rolou sobre um monte, chocando-se contra algo duro. Parou de se mover, mas sua visão continuava incerta. O céu parecia girar.

Então, tudo começou a parar. A visão voltou aos poucos ao normal. Estava sozinho no meio do mato. O trem avançava, baforando pelos trilhos.

Ele grunhiu e ficou de bruços. *Um homem da minha idade não deveria fazer esse tipo de coisa*, pensou, levantando-se a duras penas. Não sentia a idade até poucos anos antes, mas já havia passado dos quarenta, o que, nas Terras Brutas, era a idade de um ancião.

Encarou o trem que se afastava, sentindo o ombro doer. A questão era que Miles havia dito uma coisa que estava certa.

Ninguém deixa de ser vigilante.

Wax cerrou os dentes e correu adiante. Pegou a arma que havia derrubado quando caiu, encontrando-a com facilidade com sua Alomancia, e depois saltou sem parar de correr e aterrissou nos trilhos.

Empurrou, lançando-se no ar. Chegou a uma boa altura e pegou impulso nos trilhos atrás dele, indo adiante. Um *empurrão* cuidadoso para baixo e outro contínuo para trás. O vento rugia ao lado, as roupas remexiam e barulhavam, o sangue vazava do ferimento no flanco.

Havia uma emoção naquilo, no voo de um Lançamoedas. Era uma liberdade que nenhum outro alomântico conhecia. Quando ele dominava o ar, sentia a mesma empolgação que teve anos antes, quando partiu para arriscar a vida nas Terras Brutas. Desejava que estivesse usando seu casaco de bruma e que houvesse brumas ao redor. Tudo parecia funcionar melhor nas brumas. Diziam

que elas protegiam os justos.

Ele alcançou o trem em instantes e descreveu um arco poderoso sobre ele. Uma figura pequena estava caminhando sobre os vagões, avançando na direção de Wayne e Marasi.

Wax *empurrou* para baixo para não aterrissar com muita força, mas aumentando seu peso ao mesmo tempo, batendo no teto do trem e afundando-o. Ele se levantou e abriu o tambor do revólver, como se fosse carregá-lo. Os cartuchos e as balas inteiras giraram no ar.

Miles virou-se. Wax lançou um cartucho contra ele.

Parecendo surpreso, Miles agarrou-o no ar.

— Adeus — disse Wax, e soltou o *empurrão* mais forte que pôde no cartucho.

Os olhos de Miles arregalaram-se. Sua mão bateu com tudo contra o peito, e o *empurrão* no cartucho foi transferido para ele, lançando-o no ar. O trem fez uma curva quando Miles subiu pelos ares, fazendo-o cair no chão rochoso adiante.

Wax se sentou e depois se deitou, encarando o céu. Respirou profundamente, dolorido, e apertou o ferimento do flanco. Esperou até a parada seguinte antes de descer ao vagão.

— Tivemos ordens, milorde — disse o maquinista. — Mesmo havendo um tiroteio nos vagões de passageiros. Não podemos parar *por nada*. Os Desaparecidos nos roubam quando paramos.

— Ainda bem — disse Waxillium, pegando, agradecido, um copo d’água oferecido por um jovem num colete de aprendiz de maquinista. — Se parassem, eu provavelmente teria morrido.

Ele estava numa saleta na estação, que, por tradição, era de propriedade de um membro menor da casa dona das terras próximas. O lorde estava fora, mas o mordomo imediatamente mandou chamar o cirurgião local.

Waxillium tirou casaco, colete e camisa e estava segurando uma atadura na lateral do corpo. Não sabia se tinha tempo para esperar aquele cirurgião. Miles levaria cerca de uma hora para chegar àquela estação. Felizmente, não era um feruquemista de aço, capaz de aumentar sua velocidade.

Uma hora, provavelmente, mas era mais prudente se planejar para o pior. Se

Miles encontrasse um cavalo, chegaria antes. E Waxillium não tinha certeza de como exatamente a Composição de Miles afetava sua resistência. Talvez ele conseguisse correr distâncias mais longas do que o normal.

— Estamos quase libertando os passageiros, milorde — disse outro aprendiz, entrando na saleta. — Aquelas trancas não deviam ser tão difíceis de abrir!

Waxillium tomou a água. Miles havia planejado bem a armadilha. Wayne e Marasi tinham sido confinados no vagão, junto com todos os outros que por acaso estavam lá, por pedaços de metal enfiados nos mecanismos de travamento das portas externas. Miles tinha esperado até Waxillium sair de seu compartimento, prendendo os outros ali antes de caçá-lo.

Ao menos, tiveram um tanto de sorte, pois Miles não os matou. Entretanto, fazia sentido ele não ter matado ninguém. Teria sido arriscado entrar e tentar matar Wayne, que tinha poder de cura, correndo o risco de atrair Waxillium de volta e ter que enfrentar um de cada lado. Miles era cuidadoso demais para isso. Waxillium era o alvo real e era melhor que os outros ficassem presos até o objetivo principal ser alcançado.

— Vocês precisam partir com o trem — disse Waxillium ao maquinista. Era um homem parrudo com barba castanho-escura e um quepe. — Os Desaparecidos podem roubá-los. Precisamos levar o trem até o coração da cidade. Sem demora.

— Mas o senhor está ferido, milorde!

— Vou ficar bem — disse Waxillium. Nas Terras Brutas, ele com frequência tinha precisado suportar um ferimento por dias ou semanas antes de encontrar um cirurgião para cuidar dele.

— Nós…

A porta foi aberta com tudo, e Marasi entrou aos tropeços. Seu vestido azul estava chamuscado pela explosão na mansão, mas ela o envergava bem, apesar das dobras de renda embaixo da camada externa cintilante. Faltava um botão na barra do colete azul que envolvia o corpete, provavelmente arrancado na queda. Ele não havia notado isso antes.

Ela levou as mãos à boca ao ver a atadura ensanguentada e depois ficou vermelha como um pimentão ao vê-lo sem camisa. Por um momento, Wax sentiu orgulho; embora tivesse um tanto de fios grisalhos na cabeça, ainda tinha os músculos esbeltos de um homem muito mais novo.

— Ah, *por Harmonia*! — disse ela. — Você está bem? Isso é sangue seu? E

eu deveria estar aqui? Posso sair. Provavelmente eu deveria sair, não é? Tem certeza de que está bem?

— Ele vai sobreviver — disse Wayne, espreitando por trás dela. — O que você fez, Wax? Tropeçou no caminho até o lavabo?

— Miles me encontrou — respondeu Waxillium, retirando a atadura. Parecia que o ferimento já não estava sangrando tanto. Pegou outra atadura com um dos aprendizes e a preparou para usá-la.

— Ele está morto? — perguntou Marasi.

— Eu o matei mais algumas vezes — respondeu Waxillium. — E foi tão eficaz quanto tudo que todo mundo já tentou.

— Você precisa tirar as mentes de metal dele — disse Wayne. — É o único jeito.

— Ele mantém trinta mentes de metal diferentes, todas perfurando a pele, todas com poder de cura suficiente para ressuscitá-lo de praticamente qualquer ferimento.

Um Braço de Peltre ou mesmo um Criassangue menor, como Wayne, poderia ser morto com um tiro direto na cabeça, mas Miles conseguia se curar tão rápido que nem isso era capaz de assassiná-lo. Diziam que ele mantinha seu poder de cura acionado o tempo todo. Pelo que Waxillium sabia sobre Composição, era muito perigoso interromper esse processo.

— Parece um desafio! — disse Wayne.

Marasi ficou à porta por mais um momento. Em seguida, tomou uma decisão e entrou de uma vez.

— Deixe-me ver o ferimento — disse ela, ajoelhando-se ao lado do banco de Waxillium.

Ele franziu a testa, mas parou de aplicar a atadura e deixou que ela tirasse o tecido. Ela analisou o ferimento.

— A senhorita sabe alguma coisa sobre cirurgias, milady? — questionou o maquinista, inquieto. Parecia um pouco ansioso com a presença dela na sala.

— Eu frequento a universidade — disse ela.

Ah, isso mesmo, pensou Waxillium.

— E daí? — perguntou Wayne.

Marasi tocou o ferimento.

— As regras da universidade, estabelecidas pelo próprio Harmonia, ditam uma educação ampla.

— É, eu sei que eles precisam aceitar garotas — disse Wayne.

Marasi parou por um instante.

— Hum… não nesse sentido, Wayne.

— Os alunos devem aprender um pouco de tudo antes de poderem escolher uma especialidade — disse Waxillium.

— Isso inclui primeiros-socorros e um pouco de cirurgia — disse Marasi. — Bem como cursos completos de anatomia.

Wayne fez uma careta.

— Espere aí. Anatomia? Quer dizer, *todas* as partes da anatomia?

Marasi enrubesceu.

— Sim.

— Então…

— Então, todos queriam ver minhas reações nas aulas — disse ela, ainda corada. — E eu agradeço se não nos demorarmos nesse assunto no momento, Wayne. Esse ferimento precisa de pontos, Waxillium.

— Consegue fazer isso?

— Hum… nunca trabalhei em ninguém *vivo* antes…

— Eu passei *meses* treinando luta com os bastões de duelo em bonecos antes de espancar uma pessoa de verdade. É quase a mesma coisa.

— Vou ficar bem, Marasi — disse Waxillium.

— Tantas cicatrizes — comentou ela, baixinho, como se não tivesse percebido o que ele falou. Estava encarando o peito e os flancos de Wax, e parecia estar contando os velhos ferimentos à bala.

— São sete — disse ele, baixinho, como resposta, substituindo a atadura e prendendo-a com firmeza.

— Você foi alvejado *sete* vezes? — perguntou ela.

— Muitos tiros não são letais, se você souber como cuidar dos ferimentos — disse Waxillium. — Eles não…

— Ah, não... — disse ela, levando a mão aos lábios. — Eu quis dizer que só existem registros de cinco ferimentos à bala. Preciso saber dos outros dois em

algum momento.

— Certo — disse ele, fazendo uma careta e levantando-se. Ele apontou para a camisa.

— Ah, me desculpe — disse ela. — Isso não soou muito bem, não é? Realmente estou impressionada que você tenha sido alvejado tantas vezes. Mesmo.

— Tomar tiros não é tão impressionante assim — observou Wayne. — Não é preciso muita habilidade para levar um tiro. *Evitar* as balas é que é complicado.

Waxillium bufou, enfiando a mão numa manga da camisa.

Marasi levantou-se.

— Vou me virar para que você possa se vestir — disse ela, fazendo menção de se virar.

— Vai se virar? — disse Waxillium, sem rodeios.

— Hum… sim.

— Para que eu possa me vestir?

— Um pouco bobo, eu acho.

— Um pouco — disse ele, sorrindo e vestindo a outra manga. Começou a abotoar a camisa. Wayne parecia estar se divertindo tanto que achava difícil ficar parado.

— Está bem — disse ela, erguendo as mãos ao lado do rosto. — Eu *sei* que fico um pouco afogueada às vezes. Não estou acostumada com coisas explodindo, com gente sendo alvejada e amigos sangrando sem camisa quando entro em algum lugar! Tudo é muito novo para mim.

— Tudo bem — disse Waxillium, pousando a mão no ombro de Marasi. — Há coisas muito piores do que ser genuína, Marasi. Além disso, Wayne não era muito melhor que você quando tudo isso era novidade para ele. Ora, ele costumava ficar tão nervoso que começava a…

— Ei! — disse Wayne. — Não precisa trazer *isso* à tona.

— O quê? — perguntou Marasi, abaixando as mãos.

— *NADA!* — retrucou Wayne. — Vamos, temos que ir, certo? Se o Sr. Miles Matador ainda estiver vivo, vai querer nos dar um tiro, certo? E por mais que Wax seja bom em levar tiros, pois, veja, ele tem muita prática nisso, acho melhor evitar mais desses por hoje.

— Ele tem razão — disse Waxillium, vestindo o colete e os coldres de ombro. Ele fez uma careta por causa da dor.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Marasi.

— Ele está ótimo — disse Wayne, segurando a porta aberta para os dois. — *Eu* quase estourei minhas costas enferrujadas hoje, se é que se lembra, e não ouvi nem uma pitada da compaixão que você está demonstrando para com ele.

— É diferente — comentou Marasi, passando por ele.

— Como? Por quê? Porque posso me curar?

— Não — disse ela —, porque, mesmo depois de conhecê-lo por tão pouco tempo, tenho certeza de que, num nível ou outro, você merece se ralar de vez em quando.

— Ai! — disse Wayne. — Pegou pesado.

— Mas não é verdade? — disse Waxillium, vestindo o casaco. Parecia bem esfarrapado.

— Eu não disse que não é, disse? — retrucou Wayne e espirrou. — Vamos logo, preguiçoso. Caramba! O homem toma um tiro e acha que pode passar a tarde toda à toa. Vamos embora!

Waxillium passou por ele. Forçou um sorriso, embora estivesse começando a se sentir esfarrapado como o casaco. Não havia muito tempo. Miles havia tirado a máscara, mas obviamente esperava ter matado Waxillium. Agora, sabendo que fora descoberto, aquilo faria dele um homem ainda mais perigoso.

Se Miles e seu pessoal planejavam roubar mais alumínio, seria em breve. Naquela noite, provavelmente, se houvesse um carregamento chegando. Waxillium esperava um em breve; havia lido algo no jornal sobre a Casa Tekiel se vangloriando de seus novos vagões de carga blindados.

— Então, o que faremos quando chegarmos à cidade? — perguntou Wayne, baixinho, durante a volta ao vagão. — Vamos precisar de algum lugar seguro para planejar, certo?

Waxillium suspirou, sabendo o que Wayne estava insinuando.

— É provável que você esteja certo.

Wayne sorriu.

— Sabe — disse Waxillium —, não sei se eu diria que qualquer lugar próximo de Ranette é seguro. Especialmente se você estiver lá.

— Em geral, é melhor do que ser explodido — retrucou Wayne, feliz.

14



Waxillium bateu na porta da casa. A área ao redor era uma vizinhança típica de Elendel, com nogueiras cheias e verdejantes enfileiradas de cada lado da rua de paralelepípedos. Mesmo depois de sete meses na cidade, as árvores ainda o deixavam admirado. Nas Terras Brutas, árvores grandes assim eram raras. E ali estava uma rua inteira cheia delas, em grande parte ignoradas pelos habitantes.

Ele, Wayne e Marasi estavam no alpendre da casa estreita com fachada de tijolos. Antes de Waxillium abaixar a mão, a porta foi aberta. Uma mulher magra, de pernas compridas, apareceu. Seu cabelo preto estava preso num rabo de cavalo até a altura do ombro, e ela usava calças marrons e um casaco longo de couro no estilo das Terras Brutas sobre uma camisa branca de renda. Ela deu uma olhada para Waxillium e Wayne e fechou a porta, batendo-a com tudo, sem dizer uma palavra.

Waxillium olhou para Wayne, e os dois deram um passo para o lado. Marasi olhou para eles, confusa, até Waxillium tomá-la pelo braço e puxá-la para perto.

A porta foi aberta com tudo outra vez, e a mulher enfiou uma escopeta pela entrada. Ela olhou para os dois nos cantos e, em seguida, estreitou os olhos.

— Vou contar até dez — disse ela. — Um.

— Ora, Ranette... — Waxillium começou a falar.

— Dois, três, quatro, cinco — disse ela, em rápida sucessão.

— Temos mesmo que…

— Seis, sete, oito. — Ela levantou a arma, mirando para eles.

— Tudo bem, então… — disse Waxillium, apressando-se pelos degraus, com Wayne atrás dele, segurando a boina do cocheiro na cabeça.

— Ela não atiraria em nós de verdade, atiraria? — perguntou Marasi, em voz baixa.

— Nove!

Eles chegaram à calçada com as árvores imensas. A porta foi batida de novo, fechando-se atrás deles.

Waxillium respirou fundo, virando-se e olhando para a casa. Wayne recostou-se contra o tronco de uma das árvores, sorrindo.

— Até que correu bem — disse Waxillium.

— É — concordou Wayne.

— *Bem?* — questionou Marasi.

— Nenhum de nós tomou um tiro — respondeu Waxillium. — Com Ranette, nunca se pode ter certeza. Especialmente se Wayne estiver por perto.

— Ora, isso é bem injusto — disse Wayne. — Ela só atirou em mim três vezes.

— Está se esquecendo de Callingfale.

— Aquilo foi no pé — retrucou Wayne. — Quase não conta.

Marasi apertou os lábios, examinando a casa.

— Vocês têm uns amigos curiosos.

— Curiosa? Que nada, ela só está nervosa. — Wayne sorriu. — É o seu jeito de mostrar afeição.

— Atirando nas pessoas?

— Ignore Wayne — disse Waxillium. — Talvez Ranette seja brusca, mas raramente atira em alguém que não seja ele.

Marasi meneou a cabeça.

— Então, devemos ir embora?

— Espere um momento — disse Waxillium. Ao seu lado, Wayne começou a assobiar e, em seguida, olhou para o relógio de bolso.

A porta foi aberta com tudo de novo, e Ranette apareceu, apoiando a escopeta sobre o ombro.

— Vocês não foram embora! — gritou ela.

— Preciso de sua ajuda — respondeu Waxillium.

— E eu preciso que *você* enfie a cabeça num balde de água e conte lentamente até mil!

— Vidas estão em jogo, Ranette — berrou Waxillium. — Vidas inocentes.

Ranette ergueu a arma, mirando.

— Não se preocupe — disse Wayne a Marasi. — A essa distância, um tiro de escopeta provavelmente não será letal. Mas mantenha os olhos fechados.

— Você não está ajudando, Wayne — disse Waxillium, com calma. Tinha certeza de que Ranette não atiraria. Bem, quase certeza. Talvez.

— Ah, você quer que eu ajude? — perguntou Wayne. — Tudo bem. Ainda tem aquela arma de alumínio que te dei?

— Enfiada no cós da minha calça — disse Waxillium. — Sem balas.

— Ei, Ranette! — gritou Wayne. — Consegui uma arma bacana para você!

Ela hesitou.

— Espere — disse Waxillium —, eu queria a…

— Não seja um bebezão — disse-lhe Wayne. — Ranette, é um revólver feito inteiramente de alumínio!

Ela abaixou a escopeta.

— Sério?

— Pegue o revólver — sussurrou Wayne para Waxillium.

Waxillium suspirou, pondo a mão embaixo do casaco. Ele ergueu o revólver, atraindo a atenção de alguns transeuntes. Vários deles deram meia-volta e fugiram em outra direção.

Ranette avançou. Era uma Atraidora e conseguia reconhecer a maioria dos metais apenas queimando ferro.

— Muito bem — disse ela. — Devia ter *mencionado* que tinha trazido um suborno. Talvez isso seja suficiente para me fazer perdoá-lo! — Ela caminhou até a calçada, com a escopeta pendurada no ombro.

— Sabia que com este revólver poderíamos comprar uma casa *cheia* de armas? — sibilou Waxillium. — Acho que *eu* deveria atirar em você por isso.

— Os caminhos de Wayne são misteriosos e incompreensíveis — disse o próprio Wayne. — O que ele concede, ele também pode tirar. Que isso seja escrito e ponderado.

— Vou ponderar minha mão na sua cara. — Waxillium colocou um sorriso no rosto enquanto Ranette se aproximava deles. Em seguida, entregou o revólver com hesitação.

Ela o examinou com olhos de especialista.

— É leve — disse ela. — Sem marca do fabricante estampada no cano nem no cabo. Onde conseguiram?

— Com os Desaparecidos — respondeu Waxillium.

— Com quem?

Waxillium suspirou. *Ah, é verdade.*

— Como a senhora não sabe quem são os Desaparecidos? — soltou Marasi. — Eles vêm estampando todos os jornais da cidade nos últimos dois meses. Todo mundo está falando deles.

— As pessoas são estúpidas — disse Ranette, abrindo o revólver e examinando as câmaras. — Acho que são irritantes… e essas são as de que gosto. Tinha balas de alumínio também?

Waxillium concordou com a cabeça.

— Não temos mais balas. Apenas algumas balas de espingarda.

— Como funcionavam? — perguntou ela. — Mais fortes que chumbo, mas muito mais leves. Poder de parada menos imediato, obviamente, mas ainda se partiriam com o choque. Mortais, se atingirem o lugar certo. E isso imaginando que a resistência do vento não reduza muito a velocidade das balas antes de chegarem ao alvo. O alcance efetivo seria bem menor. E elas seriam altamente abrasivas para o cano.

— Não atirei com ela — disse Waxillium. Ele encarou Wayne, que estava sorrindo. — Estávamos… hum, guardando para você. E tenho certeza de que as balas são de uma liga muito mais pesada que o revólver em si, embora eu ainda não tenha tido uma chance de testá-las. São mais leves que balas de chumbo, mas não chegam nem perto da leveza que o alumínio puro teria. O percentual ainda é alto, mas a liga deve resolver a maior parte desses problemas de alguma forma.

Ranette grunhiu. Ela sacudiu a arma distraidamente na direção de Marasi.

— Quem é esse bibelô?

— Uma amiga — disse Waxillium. — Ranette, tem gente atrás de nós. Gente perigosa. Podemos entrar?

Ela enfiou o revólver no cinto.

— Tudo bem. Mas se Wayne tocar em alguma coisa, *qualquer* coisa, vou estourar seus dedos.

Marasi manteve-se quieta enquanto eram levados para dentro da casa. Não gostava que se referissem a ela como um “bibelô”, mas *gostava* de não tomar tiros, e assim essa escolha lhe pareceu prudente.

Sabia ficar em silêncio. Havia sido treinada por mais de duas décadas.

Ranette fechou a porta e se afastou. As trancas, surpreendentemente, fecharam-se *sozinhas*, girando suas peças com estalos. Havia quase uma dúzia delas, e o movimento repentino fez Marasi ter um sobressalto. *O que é isso, pelo Nome Mortal do Sobrevivente?*

Ranette deixou a escopeta num cesto ao lado da porta. Parecia que a mantinha ali como pessoas comuns manteriam guarda-chuvas na entrada de casa. Em seguida, passou por eles no corredor estreito. Fez um aceno, e algum tipo de alavanca ao lado da porta interior balançou. A porta se abriu enquanto ela avançava.

Ranette era alomântica. Claro. Por isso ela tinha sido capaz de reconhecer o alumínio. Quando chegaram à porta, Marasi examinou o dispositivo que a abriu. Havia uma alavanca que podia ser puxada, que, por sua vez, movia um mecanismo com corda, polia e alavanca do outro lado.

Há um de cada lado, percebeu Marasi quando passaram pela entrada. *Ela consegue abrir as portas sem precisar levantar a mão.* Parecia uma extravagância. Por outro lado, quem era Marasi para criticar o uso de Alomancia por outra pessoa? Certamente seria útil se a pessoa costumasse andar com as mãos ocupadas.

A sala de estar havia sido convertida numa oficina. Havia bancadas de trabalho grandes nos quatro lados e pregos batidos nas paredes para sustentar uma variedade impressionante de ferramentas. Marasi não reconhecia nenhuma das máquinas que apinhavam aquelas mesas, mas havia muitas prensas e engrenagens. Um número perturbador de fios elétricos serpenteava pelo chão.

Marasi caminhou com muito cuidado. A eletricidade não podia ser perigosa quando estava nos fios, podia? Tinha ouvido histórias sobre pessoas sendo queimadas, como se atingidas por raios, por chegarem perto demais de dispositivos elétricos. E as pessoas falavam sobre usar energia elétrica para tudo: substituir os cavalos, fazer moinhos que moíam grãos sozinhos, mover elevadores. Perturbador. Bem, ela manteria distância.

A porta se fechou como numa reação à Alomancia de Ranette. Precisou *puxar* uma alavanca, ou seja, era uma Atraidora, não uma Lançamoedas como

Waxillium. Wayne já estava fuçando as coisas nas mesas, ignorando completamente a ameaça aos seus dedos.

Waxillium examinou a sala, com seus fios, janelas cobertas por venezianas e ferramentas.

— Este lugar responde às suas expectativas?

— O quê? — perguntou Ranette. — A cidade? É uma vergonha. Não me sinto segura aqui como lá nas Terras Brutas.

— Ainda não consigo acreditar que você nos abandonou — disse Wayne, parecendo magoado.

— Vocês não tinham eletricidade — disse Ranette, sentando-se à mesa numa cadeira com rodinhas. Acenou com a mão, num gesto indolente, e uma ferramenta longa e fina saiu de um nicho na parede e voou em sua direção. Ela a agarrou, abaixou a cabeça e começou a mexer na arma que Waxillium lhe havia dado. Pelo que Marasi compreendia, não eram necessários gestos para *empurrar* ou *puxar*, mas muitos os usavam mesmo assim.

Ranette ignorou completamente os visitantes enquanto trabalhava, *puxando* mais algumas ferramentas sem olhar para cima, fazendo com que elas cruzassem a sala até ela. Uma quase bateu no ombro de Marasi.

Era incomum ver a Alomancia sendo usada de forma tão casual, e Marasi não sabia o que pensar. Por um lado, era fascinante. Por outro, humilhante. Como seria ter um poder que fosse *útil*? Lorde Harms insistia que Marasi escondesse sua capacidade, chamando-a de inadequada. Ela notava o que ele estava fazendo. Não se envergonhava tanto por ter uma filha alomântica quanto por ter uma ilegítima. Não podia permitir que Marasi parecesse um partido melhor que Steris

Pensamentos amargos, disse a si mesma, deixando-os de lado intencionalmente. A amargura podia consumir uma mulher, e era melhor mantê-la distante.

— Fizeram um bom trabalho com esta arma — disse Ranette, embora soasse ressentida. Ela pôs óculos com lentes de aumento e estava examinando o cano do revólver enquanto o iluminava com uma pequena luz elétrica. — Querem que eu descubra quem a fabricou, certo?

Waxillium virou-se para examinar uma fileira de armas parcialmente montadas numa das mesas.

— Na verdade — disse ele —, viemos aqui porque precisamos de algum lugar seguro para pensar por algumas horas.

— Sua mansão não é segura?

— Meu mordomo tentou me envenenar, atirou em mim e, em seguida, detonou um explosivo no meu escritório.

— Hum. — Ela inclinou a pistola algumas vezes. — Precisa selecionar melhor essas pessoas, Wax.

— Vou seguir esse conselho. — Ele pegou uma pistola e examinou o cano. — Vou precisar de uma nova Sterrion.

— Nem ferrando — disse Ranette. — O que tem de errado com as suas?

— Dei para o mordomo — disse Waxillium. — E provavelmente ele as jogou nos canais.

— E as Ambersairs? Fiz uma dessas para você, não fiz?

— Fez. Perdi lutando com Miles Dagouter hoje.

Isso fez Ranette parar. Ela abaixou a arma de alumínio e virou a cadeira.

— *Como?*

Waxillium apertou os lábios até formarem uma linha.

— Nós estamos nos escondendo dele.

— *Por que* Miles Cem-vidas está tentando matar vocês? — perguntou Ranette enfaticamente.

Wayne se aproximou.

— Ele está tentando tomar a cidade ou algo assim, meu anjo. Por algum motivo, acha que a melhor maneira de fazê-lo é roubando as pessoas e explodindo mansões.

— Não me chame de “meu anjo”.

— Claro, docinho.

Marasi observou em silêncio, curiosa. Wayne parecia gostar de provocar aquela mulher. Na verdade, embora ele tentasse agir de um jeito relaxado, olhava para ela o tempo todo e se posicionava cada vez mais perto da cadeira da mulher.

— Que seja — disse Ranette, voltando ao trabalho. — Na verdade, não estou nem aí. Mas você não vai levar uma Sterrion nova.

— Ninguém faz armas tão certeiras como as suas, Ranette.

Ela não respondeu. Olhou com raiva para Wayne, que já estava recostado sobre o ombro da mulher e olhando a arma.

Waxillium sorriu e voltou para as armas não terminadas na mesa. Marasi juntou-se a ele, indecisa sobre o que fazer.

Não tinham ido até ali para planejar seu próximo passo? Nem Waxillium, nem Wayne pareciam ansiosos para tanto.

— Existe algo entre eles? — sussurrou Marasi, meneando a cabeça na direção de Wayne e Ranette. — Ela parece um pouco uma amante rejeitada.

— Bem que Wayne gostaria — sussurrou Waxillium. — Ranette não está interessada nele dessa forma. Nem sei se ela se interessa por *algum* homem dessa forma. Mas isso não impede que ele continue tentando. — Ele balançou a cabeça. — Fico quase tentado a pensar que tudo isso, vir a Elendel para investigar os Desaparecidos, me procurar, serviu para me persuadir a trazê-lo até a casa de Ranette. Ele sabia que ela não o deixaria entrar a menos que estivesse comigo e estivéssemos fazendo algo importante.

— Vocês são uma dupla bizarra, sabia?

— Nós tentamos.

— Qual será nosso próximo passo?

— Estou tentando decidir. Por ora, se ficarmos por tempo suficiente, talvez ela me dê um novo revólver.

— Ou isso ou ela vai atirar em você por irritá-la.

— Que nada. Pelo que eu me lembre, nunca atirou em ninguém depois de deixar a pessoa entrar. Nem mesmo em Wayne. — Ele hesitou. — Provavelmente deixaria você ficar aqui, se quiser. Ficaria segura. Aposto que mantém um rodízio de Nuvens de Cobre num dos prédios próximos, cobrindo a área. Ranette *odeia* que as pessoas sintam sua Alomancia. Duvido que mais de meia dúzia de pessoas em Elendel saibam que ela vive aqui. Só Harmonia sabe como Wayne a encontrou.

— Prefiro não ficar. Por favor, seja lá o que estiver fazendo, quero ajudar.

Ele pegou algo na mesa, uma caixinha com balas.

— Não consigo entendê-la, Marasi Colms.

— Você resolveu alguns dos crimes mais perturbadores que as Terras Brutas já conheceram, Lorde Waxillium. Duvido que eu seja tão misteriosa assim.

— Seu pai tem muito dinheiro — disse Waxillium. — Pelo que sei a respeito dele, tenho certeza de que lhe daria conforto financeiro pelo resto de sua vida. Em vez disso, você frequenta a universidade, tendo escolhido um dos programas de estudo mais difíceis.

— Você abandonou uma posição de considerável conforto para viver longe da conveniência e da modernidade.

— Sim.

Ela escolheu uma das balas na caixa, erguendo-a e olhando para ela. Não conseguia ver nada de diferente.

— Já se sentiu inútil, Lorde Waxillium?

— Já.

— É difícil imaginar isso em alguém tão talentoso como você.

— Às vezes, talento e percepção podem trabalhar de forma independente.

— Verdade. Bem, milorde, passei *a maior parte* da minha vida ouvindo as pessoas dizerem, educadamente, que sou inútil. Inútil para meu pai, por causa do meu nascimento, inútil como alomântica, inútil para Steris, por ser uma vergonha. Às vezes, o talento pode abrandar a percepção. Ou assim espero.

Ele assentiu.

— Tenho uma coisa que você pode fazer. Mas vai ser perigoso.

Ela soltou a bala dentro da caixinha.

— Ser útil em um único instante de chamas e barulho vale muito mais do que uma vida inteira sem fazer nada.

Ele encarou seus olhos, avaliando sua sinceridade.

— Você tem um plano? — perguntou ela.

— Não há muito tempo para um plano. É mais uma intuição com certos anteparos. — Ele ergueu a caixa de balas, falando mais alto. — Ranette, o que é isso?

— Balas matabrumas.

— Matabrumas? — perguntou Marasi.

— É um termo antigo — disse Waxillium. — Para uma pessoa comum treinada para combater alomânticos.

— Estou trabalhando em munições para serem usadas contra cada tipo

básico de alomântico — disse Ranette, indiferente. Ela desparafusou o cabo da pistola e começou a desmontá-la. — Aquelas são balas para Lançamoedas. Pontas de cerâmica. Quando *empurram*, arrancam a parte de metal ao fundo, mas a cerâmica continua voando direto para atingi-los. Pode ser melhor que balas de alumínio, pois essas os alomânticos não conseguem sentir, então procuram proteção em vez de confiar nos *empurrões*. Eles vão sentir e achar que podem afastar as balas de cerâmica, até estarem no chão, sangrando.

Wayne assobiou baixinho.

— Por Ruína, Ranette! — disse Waxillium. — Nunca fiquei tão feliz por estarmos do mesmo lado. — Ele hesitou. — Ou, pelo menos, por você estar em seu próprio lado e não acontecer de entrarmos em conflito com tanta frequência.

— O que vai fazer com elas? — perguntou Marasi.

— Fazer? — perguntou Ranette.

— Vai vendê-las? — questionou Marasi. — Patentear a ideia e licenciá-las?

— Se eu fizer isso, *todo mundo* vai ter balas de cerâmica! — Ranette balançou a cabeça, parecendo enjoada. — Metade das pessoas na cidade viria até aqui me incomodar.

— Balas contra Atraidores? — perguntou Waxillium, erguendo outra caixa.

— É semelhante — disse Ranette —, mas com cerâmica nas laterais. — Não é tão eficaz, ao menos a longo alcance. A maioria dos Atraidores se protege puxando as balas para atingir uma placa blindada no peito. Essas balas explodem quando o alomântico as puxa, e ele é atingido pelos estilhaços de cerâmica no estouro. Deve funcionar a três metros mais ou menos, mas talvez não seja letal. Sugiro que se mire na cabeça. Estou tentando aumentar o alcance.

— Balas contra Olhos de Estanho?

— Fazem mais barulho quando disparadas — explicou Ranette. — E quando atingem o alvo. Dê alguns tiros ao redor deles, e seus sentidos aguçados vão fazê-los se encolher no chão, tampando os ouvidos. Muito boas se quiser capturar um vivo, embora, em primeiro lugar, seja um problema encontrar um Olho de Estanho.

— E balas contra Braços de Peltre — disse Waxillium, examinando a última caixa.

— Nada de muito especial aí — disse Ranette. — Balas maiores, mais pólvora, pontas ocas amplas e metal liso para ter muito poder de parada. Um

Braço de Peltre pode continuar vivo depois de ser alvejado algumas vezes, então é melhor derrubá-los e mantê-los caídos por tempo suficiente para o corpo perceber que deviam estar morrendo, e não lutando. Claro que a melhor maneira de derrubar um é simplesmente atirar na cabeça.

Um Braço de Peltre não seria como Miles, capaz de se curar imediatamente. Eles têm grande resistência, mas os ferimentos acabam os matando.

— Hum — disse Waxillium, erguendo uma das longas balas. — Nenhuma dessas balas é de um calibre padrão. — Precisará de uma bela arma para disparálas.

Ranette não respondeu.

— É um ótimo trabalho, Ranette — disse Waxillium. — Mesmo para você. Estou impressionado.

Marasi achava que a mulher rude fosse ignorar o elogio, mas Ranette sorriu, embora obviamente tentasse esconder sua satisfação. Ela enterrou a cabeça no que fazia e nem se deu ao trabalho de afastar Wayne com seu olhar raivoso.

— Então, quem são as pessoas que você disse que estão em perigo?

— Reféns — disse Waxillium. — Mulheres, inclusive a prima de Marasi. Alguém pretende usá-las para criar uma raça de novos alomânticos.

— E Miles está envolvido *nisso*?

— Está. — A voz de Waxillium era solene. Preocupada.

Ranette hesitou, ainda curvada sobre o revólver desmontado.

— Terceiro nicho acima — disse ela, por fim. — Lá no fundão.

Waxillium foi até lá e enfiou a mão no fundo do nicho. Puxou um revólver fino, prateado, cujo cabo misturava ônix e marfim em faixas onduladas, separado por linhas de prata. Tinha um cano longo. O material prateado era tão bem polido que praticamente brilhava à luz elétrica uniforme.

— Não é uma Sterrion — disse Ranette. — É melhor.

— Oito câmaras — disse Waxillium, erguendo uma sobrancelha enquanto girava o tambor do revólver.

— Isso é aço de Invarian — disse Ranette. — Mais forte, mais leve. Consegui raspar a espessura entre as câmaras, aumentando o número sem que ficasse grande demais. Vê a alavanca atrás, embaixo do cão?

Ele assentiu.

— Segure-o para baixo e gire o tambor.

Ele o fez, e o tambor travou em uma câmara determinada.

— Ela salta aquela câmara e a que vem em seguida se você atirar normalmente — disse Ranette. — Você só consegue disparar as balas que estão nessas câmaras se levantar a alavanca.

— Balas para matabrumas — disse Waxillium.

— Sim. Use seis balas normais, duas especiais. Atire quando precisar delas. Você está queimando aço?

— Agora, estou.

— As linhas de metal no cabo.

— Estou vendo.

— Empurre a da esquerda.

Algo clicou dentro da arma. Waxillium soltou um assobio baixo.

— O que foi? — perguntou Wayne.

— Trava alomântica — respondeu Waxillium. — É preciso ser um Lançamoedas ou um Atraidor para travar e destravar.

— O acionador é incorporado ao cabo — disse Ranette. — De fora, não dá para ver que ele está aí. Com isso, você nunca vai ter medo de que alguém dispare sua arma contra você.

— Ranette — disse Waxillium, parecendo impressionado. — Isso é *genial*.

— Eu a chamo de Vindicação — disse ela. — Em homenagem à Guerreira Ascendente. — Então, ela hesitou. — Pode levá-la emprestada. *Se* você trouxer para mim um relatório de teste de campo.

Waxillium sorriu.

— Aliás, esse é um trabalho de Nouxil — disse Ranette, apontando para a mesa.

— A arma de alumínio? — perguntou Waxillium.

Ranette assentiu.

— Pensei que pudesse ser dele pelo formato do cano, e os mecanismos internos confirmaram minha suspeita.

— Quem é ele? — perguntou Wayne, inclinando-se ainda mais.

Ranette pôs a mão na testa de Wayne e o empurrou para trás.

— Um armeiro. Desapareceu há cerca de um ano. Estávamos nos correspondendo. Ninguém teve notícias dele. — Ela tirou um pedaço de metal de dentro do cabo da arma. — Alguém aqui fala Alto Imperial?

Waxillium negou com a cabeça.

— Me dá dor de cabeça — disse Wayne.

— Consigo ler um pouco — disse Marasi, pegando a peça quadrada de metal. Havia vários caracteres riscados no metal. — Indo era onde precisando estava — pronunciou ela, formando as palavras nada familiares. A língua sublime era usada para antigos documentos, datados da época da Origem, e, ocasionalmente, para cerimônias governamentais. — É um pedido de ajuda.

— Bem, sabemos como Miles conseguiu suas armas — disse Waxillium, pegando a peça para examiná-la.

— Wax — disse Ranette —, Miles sempre teve uma escuridão nele, eu sei. Mas isso? Tem *certeza*?

— Absoluta. — Ele ergueu Vindicação ao lado da cabeça. — Fiquei cara a cara com ele, Ranette. Ele me ofereceu uma retórica sobre salvar a cidade enquanto tentava me matar.

— Isso será inútil contra ele — disse Ranette, meneando a cabeça para Vindicação. — Venho tentando imaginar uma arma contra Criassangues. Não terminei. Está pela metade.

— Essa está ótima — comentou Waxillium, com a voz neutra. — Vou precisar de toda vantagem que conseguir. — Seus olhos eram firmes, como aço polido.

— Ouvi rumores de que você havia se aposentado — disse Ranette.

— Era verdade.

— O que aconteceu?

Ele deslizou Vindicação para dentro de seu coldre de ombro.

— Tenho um dever — disse ele em voz baixa. — Miles era um vigilante. Quando um dos seus se estraga, você o derruba pessoalmente. Não pode confiar em ajuda contratada. Wayne, preciso de manifestos de embarque. Pode conseguir alguns nos escritórios da ferrovia?

— Claro. Consigo em uma hora.

— Ótimo. Ainda está com aquela dinamite?

— Com certeza. Aqui no bolso do meu casaco.

— Você é maluco — disse Waxillium, sem perder um segundo. — Mas você trouxe os detonadores de pressão?

— Aham.

— Tente evitar explodir as coisas por acidente — disse Waxillium. — Mas segure essa dinamite. Marasi, preciso que você compre algumas redes de pesca. Das fortes.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ranette — começou Waxillium —, eu…

— Não faço parte de sua pequena tropa de soldados, Wax — disse Ranette. — Me deixe fora dessa.

— Tudo que eu ia fazer era pedir uma sala emprestada e um pouco de papel — disse Waxillium. — Preciso pôr isso no papel.

— Tudo bem — disse ela. — Desde que você não conte a ninguém. Mas, Wax… você acha *mesmo* que pode pegar Miles? O homem é imortal. Precisaria de um pequeno exército para impedi-lo.

— Ótimo — disse Waxillium. — Porque pretendo usar um.

15



— Wax é escorregadio — disse Miles, caminhando ao lado do Sr. Elegante pelo túnel escuro que ligava os alojamentos à sala de forja do novo esconderijo. — Viveu tanto exatamente por ter aprendido a evitar ser assassinado por pessoas que são mais fortes e espertas que ele.

— Você não deveria ter se revelado — disse o Sr. Elegante, com seriedade.

— Eu não atiraria em Wax sem ele me ver, Elegante — disse Miles. — Ele merece mais respeito que isso. — As palavras o corroeram por dentro quando ele as disse. Não havia mencionado o primeiro tiro que dera em Wax, pelas costas. Nem o tecido da máscara empurrado para dentro de sua carne pela bala de Wax, dificultando a recuperação do olho. Precisara arrancá-lo.

O Sr. Elegante bufou.

— E dizem que as Terras Brutas são o lugar aonde a honra vai para ser assassinada.

— É o lugar aonde a honra vai para ser enforcada e esfolada até restar um pouquinho de vida e depois picada e abandonada num deserto. Se sobreviver a algo assim, será mais forte que o inferno. Certamente mais forte do que qualquer coisa que pode ser encontrada nas festas em Elendel.

— Isso vindo de um homem que prontamente foi matar um amigo? — perguntou o Sr. Elegante. O tom ainda era de desconfiança. Ele achava que Miles havia deixado Wax escapar intencionalmente.

Não havia entendido nada. A questão não era mais os roubos. Os caminhos escolhidos por Wax e Miles haviam se cruzado. O futuro só existiria se um dos dois caísse.

Ou Wax ou Miles morreria. Isso resolveria a questão. Justiça das Terras Brutas. As Terras Brutas não eram um lugar simples, mas *eram* um lugar de soluções simples.

— Wax *não* é meu amigo — disse Miles, com sinceridade. — Nunca fomos amigos, não mais do que dois reis rivais poderiam ser. Respeitamos um ao outro, tínhamos tarefas semelhantes e trabalhamos juntos. E para por aí. Eu vou pará-lo, Elegante.

Eles chegaram à sala de forja e subiram as escadas até o mezanino que corria ao fundo da grande câmara. Caminharam até o fim e pararam ao lado da porta do elevador.

— Você está se transformando rapidamente num peso, vigilante — disse o Sr. Elegante. — O Grupo *não* gosta de você, embora eu continue a afirmar sua eficácia. Não me dê motivos para me arrepender. Muitos colegas meus estão convencidos de que você se voltará contra nós.

Miles não sabia se iria se voltar contra eles ou não. Não havia decidido. Basicamente queria apenas uma coisa: vingança. Todos os melhores motivos se resumiam a uma emoção única e vigorosa.

Vingança por trabalhar quinze anos nas Terras Brutas sem conseguir nada. Se Elendel queimasse, talvez, para variar, as Terras Brutas vissem alguma justiça. E talvez Miles pudesse ver um governo montado ali, em Elendel, que não fosse corrupto. No entanto, uma parte dele reconhecia que vê-los caindo — os lordes que governavam, os policiais que exploravam, os senadores que eram tão grandiloquentes, mas nada de útil faziam para o povo — seria o mais satisfatório.

O Grupo era parte do *establishment*. Por outro lado, ele também queria uma revolução. Talvez não se voltasse contra eles. Talvez.

— Não gosto de estar aqui, Elegante — disse Miles, meneando a cabeça para a câmara onde os Desaparecidos haviam sido instalados. — É perto demais do centro das coisas. Meus homens vão ser vistos indo e vindo.

— Vocês se mudarão logo — disse o Sr. Elegante. — O Grupo está comprando uma estação de trem. Você ainda está comprometido com o trabalho de hoje?

— Estou. Precisamos de mais recursos.

— Meus colegas questionam isso — comentou o Sr. Elegante. — Não sabem por que corremos tanto risco para dar alumínio aos seus homens, se foi apenas para perderem tudo numa única luta sem matar nenhum dos alomânticos que enfrentaram vocês.

É importante, pensou Miles, *porque eu pretendia usar esse alumínio para*

financiar minhas operações. Agora ele estava praticamente falido, como quando começou. *Wax, seu desgraçado. Que você caia direto na Tumba do Olhos de Ferro, maldito.*

— Seus colegas questionam o que fiz por eles? — perguntou Miles, empertigando-se. — Cinco das mulheres que queriam estão com você, todas sem uma gota de desconfiança em relação a você e ao Grupo. Se quiser que isso continue, meus homens precisam estar *adequadamente* equipados. Um único Tumultuador poderia colocar o grupo inteiro em conflito um contra o outro.

O Sr. Elegante o encarou. O velho magro não usava bengala, e suas costas eram bem retas. Não era fraco, apesar de sua idade e sua óbvia afeição por uma vida abastada. A porta do elevador se abriu. Dois jovens usando ternos pretos e camisas brancas saíram.

— O Grupo concordou com o trabalho de hoje à noite — disse o Sr. Elegante. — Depois disso, vocês vão desaparecer por seis meses e se concentrar no recrutamento. Vamos preparar outra lista de alvos para vocês nos trazerem. Quando voltarem à atividade, discutiremos se a extravagância de serem os "Desaparecidos" é necessária.

— O teatro impede que os policiais…

— Discutiremos quando chegar a *hora*. Wax vai tentar interferir hoje à noite?

— Estou contando com isso — disse Miles. — Se tentarmos nos esconder, ele vai acabar descobrindo onde estamos. Mas não vai chegar a tanto… Ele vai descobrir aonde vamos atacar e estará lá para tentar nos impedir.

— Você vai matá-lo hoje à noite, então — confirmou o Sr. Elegante, apontando para os dois homens. — A mulher que você pegou ontem vai permanecer aqui; use-a como isca se precisar. Não queremos movê-la enquanto ele está atrás dela. Quanto a esses dois, eles vão ajudá-lo a garantir que tudo corra bem.

Wax cerrou os dentes.

— Não preciso de ajuda para…

— Você *vai* levá-los — disse o Sr. Elegante, com frieza. — Você mostrou que não é digno de confiança quando o assunto é Waxillium. Isso não está aberto à discussão.

— Tudo bem.

O Sr. Elegante se aproximou, empurrando o peito de Miles com a ponta do

dedo e falando suavemente.

— O Grupo está ansioso, Miles. Nossos recursos financeiros estão muito limitados no momento. Você pode roubar o trem, mas não se incomode em trazer reféns. Ficaremos com metade do alumínio que roubarem hoje à noite para financiar várias operações que não dizem respeito a vocês. Podem ficar com o restante das armas.

— Seus dois homens já combateram alomânticos?

— Estão entre nossos melhores — disse o Sr. Elegante. — Acredito que você os achará mais que capazes.

Miles e o Sr. Elegante sabiam o que aquilo significava. Sim, os dois homens lutariam com Wax, mas também ficariam de olho em Miles. *Excelente.* Mais interferência.

— Vou sair da cidade — disse o Sr. Elegante. — Wax está se aproximando demais. Se você sobreviver a esta noite, envie alguém para me atualizar. — Ele disse a última parte com um laivo de sorriso.

Idiota insuportável, pensou Miles quando o Sr. Elegante entrava no elevador, onde um quarteto de guarda-costas o esperava. Partiria no trem que sempre pegava; provavelmente voltaria no mesmo também. Não tinha percebido que Miles os vinha rastreando.

O Sr. Elegante partiu, deixando Miles com os dois homens de terno preto. Bem, ele encontraria alguma utilidade para eles.

Voltou à câmara principal, seguido por suas novas babás. Os Desaparecidos restantes, mais ou menos trinta, estavam se aprontando para o serviço daquela noite. A Máquina havia sido levada à câmara por meio de uma plataforma, que subia até a superfície como um grande elevador industrial, uma maravilha elétrica majestosa.

O mundo está mudando, pensou Miles, recostando-se no parapeito. *Primeiro, as ferrovias; agora, a eletricidade. Quanto tempo demorará até os homens conquistarem os céus, como as* "Palavras de Fundação" *disseram ser possível?* Talvez chegasse o dia em que cada homem conheceria a liberdade que era reservada apenas aos Lançamoedas.

Mudanças não assustavam Miles. Mudanças eram uma oportunidade, uma chance de se transformar em algo que não se era. Nenhum adivinho se importava com mudanças.

Adivinho. Em geral, ele ignorava esse lado de si. Sua feruquemia era o que o mantinha vivo, e, nos últimos dias, nem isso ele vinha percebendo, exceto pela leve sensação de *energia* extra a cada passo que dava. Nunca tinha dores de cabeça, nunca se sentia cansado, nunca tinha músculos doloridos nem lidava com resfriados ou dor.

Sem mais nem menos, ele saltou sobre o parapeito, aterrissando seis metros abaixo. Por um breve momento, conheceu aquela sensação de liberdade. Então, atingiu o chão. Uma de suas pernas quase quebrou; ele reconheceu o leve estalo. Mas as fraturas ósseas se curavam com a mesma rapidez com que aconteciam, e assim os ossos nunca se partiam totalmente, as fissuras se abrindo de um lado, mas se fechando do outro.

Estava agachado e se reergueu. As babás de preto caíram ao lado dele, um soltando um pedaço de metal e reduzindo a velocidade um instante antes de atingir o chão. Um Lançamoedas. Bem, seria útil. O outro o surpreendeu, aterrissando suavemente, mas sem soltar nenhum metal. Aquele homem era um Atraidor; ele havia *puxado* as vigas de metal no teto para amenizar a queda.

Miles andou pelo espaço a passos largos, inspecionando os Desaparecidos enquanto preparavam seus equipamentos. Cada pedaço de alumínio que lhes restava tinha sido usado para criar armas e balas. Usariam desde o início dessa vez. Na luta no jantar de casamento, tinham levado alguns instantes para trocarem de armas. Agora, sabiam o que esperar. Eram menos, mas estavam muito mais bem preparados.

Ele meneou a cabeça para Clamps, que supervisionava os outros. O homem cheio de cicatrizes assentiu em silêncio. Era leal, mas havia se juntado a ele mais pela emoção dos roubos que por qualquer objetivo. De todos eles, apenas Tarson — estimado e brutal — tinha algo que lembrava a verdadeira lealdade.

Clamps afirmava ser dedicado, embora Miles soubesse que não era bem assim. Bem, Clamps não fora o primeiro a atirar no último embate. Apesar de todas as declarações de Miles sobre seu desejo de mudar as coisas, seu temperamento, não sua mente, acabara tomando as rédeas.

Não devia ter agido assim. Era um homem criado para ter mão firme e mente mais firme ainda. Feito por Trell, inspirado pelo Sobrevivente, e ainda assim fraco. Miles questionava-se com frequência. Era essa a marca da falta de dedicação? Nunca teria feito nada na vida sem se questionar.

Ele se virou, examinando seus homens do jeito que eram. Ladrões,

assassinos e brigões. Respirou fundo e, em seguida, queimou ouro.

O ouro era considerado um dos menores metais alomânticos. Muito menos útil que sua liga, que era, por sua vez, muito menos útil que os maiores metais de batalha. Na maioria dos casos, ser um Brumoso de ouro era um pouco melhor que ser um Brumoso de alumínio — um poder tão inútil que havia se tornado sinônimo de alguém que não fazia nada.

O ouro não era completamente inútil. Mas quase. Ao queimá-lo, Miles se dividia. A mudança era visível apenas para seus sentidos, mas, por um momento, ele virava duas pessoas, duas versões de si mesmo. Uma era o homem que ele havia sido. O vigilante furioso, ficando mais amargo a cada dia. Usava um sobretudo branco sobre a roupa amarrotada, com óculos de lentes escuras para proteger os olhos do sol inclemente. Cabelo preto curto e penteado para trás. Sem chapéu, sempre odiou chapéus.

A outra versão era o homem que ele se tornara. Vestido com as roupas de um operário da cidade — camisa abotoada com punhos gastos e suspensórios sobre calças sujas. Caminhava desengonçado. Quando isso começou?

Conseguia ver pelos dois pares de olhos, pensar com as duas mentes. Era duas pessoas ao mesmo tempo, e uma odiava a outra. O vigilante era intolerante, nervoso e frustrado. Odiava qualquer coisa que rompesse a estrita ordem da lei e determinava punições duras sem perdão. Tinha ódio especial por pessoas que costumavam seguir a ordem e viravam as costas para ela.

O ladrão, o Desaparecido, odiava que o vigilante deixasse outros ditarem as regras que ele deveria seguir. Na verdade, não havia nada de sagrado na lei. Era arbitrária, criada por homens poderosos para ajudá-los a manter o poder. O criminoso sabia que, secretamente, lá no fundo, era essa a compreensão do vigilante. Era severo com criminosos porque se sentia muito impotente; a cada dia, a vida piorava para as pessoas boas, as pessoas que tentavam, e as leis pouco faziam para ajudá-las. Era como um homem preocupado em espantar mosquitos enquanto ignorava o rasgo em sua perna, uma artéria aberta e os jorros latejantes de sangue no chão.

Miles arfou e extinguiu seu ouro. Sentiu-se exausto de repente e recostou-se na parede. Seus dois supervisores o observaram com expressões impassíveis.

— Vão — disse-lhes Miles, acenando com a mão fraca. — Inspecionem meus homens. Usem sua Alomancia para checar se algum deles deixou algum metal no corpo por acidente. Eu os quero limpos.

Os homens se olharam e não fizeram menção de lhe obedecer.

— Vão — disse Miles, com mais firmeza. — Já que estão aqui, devem ser úteis.

Depois de mais um momento de hesitação, os dois homens saíram para cumprir a ordem. Miles ficou ainda mais abatido, voltando à parede, respirando fundo.

Por que faço isso comigo mesmo?

Havia uma especulação considerável sobre o que um Brumoso de ouro realmente via quando queimava seu metal. Uma versão anterior de si mesmo, com certeza. Era a pessoa que ele realmente fora? Ou era uma pessoa que ele poderia ter se tornado, se tivesse escolhido outro caminho nas bifurcações de sua vida? Essa possibilidade sempre soou para ele como uma firme recordação do mítico metal perdido, o atium.

De qualquer forma, ele gostava de pensar que queimar ouro às vezes o ajudava — que, cada vez que o fazia, o metal o permitia tomar o melhor do que ele havia sido e misturá-lo ao melhor do que ele poderia ser. Ou seja, uma liga de si mesmo.

Perturbava-o o quanto as duas pessoas que ele havia se tornado se odiavam. Quase conseguia sentir esse ódio como o calor de um forno, irradiando do carvão e da pedra.

Ele se reergueu. Alguns dos homens o encaravam, mas ele não se importou. Não era como os chefes do crime que ele com frequência prendia nas Terras Brutas. Eles precisavam parecer fortes na frente de seus homens para não serem mortos por alguém que quisesse tomar o poder.

Ninguém podia assassinar Miles, e seus homens sabiam disso. Uma vez, atirou na própria cabeça na frente deles para provar isso.

Ele foi até uma pilha de arcas e caixas, algumas cheias de coisas que o Sr. Elegante havia ordenado que roubassem da mansão de Wax, objetos que esperava que os ajudasse a combater — ou talvez incriminar — o antigo vigilante. Por algum motivo, o Sr. Elegante resistira a matar Wax no início.

Miles as deixou e caminhou até o fundo, onde suas arcas haviam sido depositadas depois da evacuação apressada do antigo esconderijo. Escolheu algumas e, então, abriu uma. Seu sobretudo branco estava lá dentro. Ele o tirou, sacudiu-o e depois pegou calças robustas das Terras Brutas e uma camisa que combinava. Ele enfiou os óculos de lentes escuras no bolso e foi se trocar.

Estava preocupado em se esconder, temendo ser reconhecido e marcado como um fora da lei. Bem, ele havia se tornado um fora da lei. Se aquele era o caminho que havia escolhido, ao menos poderia trilhá-lo com orgulho.

Deixarei que me vejam pelo que sou.

Ele não mudaria seu rumo. Era tarde demais para trocar de alvo quando o gatilho já tinha sido apertado. Mas não era tarde demais para aprumar o corpo.

Waxillium encarou a parede da sala de estar de Ranette. Um lado estava apinhado de mobília, que ela havia tirado do caminho para abrir um espaço mais útil entre a oficina e o quarto. A outra metade da sala estava cheia de caixas com vários tipos de munição, pedaços de metal e canos fundidos para a montagem de armas. Havia poeira para todo lado. Aquilo era a cara dela. Wax tinha pedido a ela algo em que apoiar seu bloco de papel, esperando que ela tivesse um cavalete. Distraída, Ranette entregou a ele alguns pregos e apontou um martelo. Assim, ele simplesmente pendurou o bloco na parede, incomodado ao enfiar pregos na madeira de boa qualidade.

Ele se aproximou, usando um lápis para rabiscar uma observação para si mesmo num canto. A pilha de manifestos de embarque que Wayne havia trazido estava ao seu lado. Aparentemente, Wayne havia deixado uma arma que tomara emprestada de Ranette em troca dos manifestos, considerando uma troca justa; era provável que nem lhe tivesse ocorrido que um grupo de maquinistas ficaria completamente atônito ao descobrir que os manifestos haviam desaparecido e uma pistola estava em seu lugar.

Miles vai atacar na Curva de Carlo, pensou Wax, batendo no papel.

Tinha sido fácil localizar um carregamento de alumínio. A Casa Tekiel, cansada de ser roubada, estava fazendo um grande estardalhaço sobre seu novo vagão produzido no estilo de um cofre. Wax conseguia entender seus motivos; os Tekiel eram mais conhecidos como banqueiros, e seus negócios dependiam de segurança e de garantias de proteção à propriedade privada. Os roubos haviam se tornado um grande embaraço para eles. Pretendiam se recuperar de uma forma visível.

Era quase um desafio a Miles e seus Desaparecidos. Wax fez outra anotação no papel: o carregamento dos Tekiel seguiria uma rota direta até Doxonar. Ele tinha mapeado o trajeto, anotando os locais onde os trilhos se aproximavam de um dos canais.

Não conseguirei ver aonde estaremos indo, pensou Wax, fazendo outra anotação. *Preciso saber exatamente qual é a distância entre a Curva de Carlo e a parada anterior…*

Não havia muito tempo para se preparar. Ele mexeu no brinco com a mão esquerda, correndo o dedão pela lateral lisa enquanto pensava.

A porta se abriu. Wax não ergueu os olhos, mas o som dos passos foi suficiente para revelar que era Marasi. Sapatos macios. Ranette e Wayne usavam botas.

Marasi pigarreou.

— Redes? — perguntou Wax, escrevendo distraidamente o número 35,17 no papel.

— Finalmente, encontrei algumas — disse ela, aproximando-se dele e olhando as anotações. — Consegue entender?

— A maior parte. Tirando os desenhos de Wayne.

— Parece… ser você nos desenhos. Feios e nada lisonjeiros.

— Essa é a parte que não entendo — comentou Waxillium. — Todo mundo sabe que sou irreparavelmente bonito. — Sorriu para si mesmo. Essa era uma das frases de Lessie. Irreparavelmente bonito. Ela sempre afirmava que ele ficaria melhor com uma bela cicatriz no rosto, seguindo a moda das Terras Brutas.

Marasi também sorriu, embora seus olhos estivessem nas anotações e nos rabiscos.

— O trem fantasma? — perguntou ela, apontando para o desenho de um trem passando pelos trilhos, ao lado de um diagrama de como provavelmente o trem tinha sido feito.

— Sim — disse ele. — A maioria dos ataques aconteceu em noites com brumas, pelo visto para facilitar a ocultação do fato de que o trem fantasma é apenas uma fachada falsa com um grande holofote presa a uma plataforma móvel sobre trilhos.

— Tem certeza?

— Alguma — disse Waxillium. — Estão usando os canais para atacar e precisam de algum tipo de distração para manter os olhos longe de sua aproximação por trás, na surdina.

Pensativa, ela crispou os lábios.

— Wayne está lá fora? — perguntou Waxillium.

— Sim, incomodando Ranette. Eu… sinceramente saí da sala porque temi que ela atirasse nele.

Waxillium sorriu.

— Comprei um jornal — comentou ela. — Os policiais encontraram o esconderijo antigo.

— Já? — perguntou Waxillium. — Wayne disse que tínhamos tempo até escurecer.

— Já escureceu.

— É? Caramba. — Waxillium verificou o relógio. Tinham menos tempo do que ele pensara. — Não deveria estar nos jornais. A polícia encontrou o esconderijo mais cedo.

Marasi meneou a cabeça na direção de seus esboços.

— Isso indica que você sabe onde os Desaparecidos vão atacar. Não quero bater em metal frágil, Lorde Waxillium, mas realmente deveríamos informar esse fato à polícia.

— Eu *acho* que sei onde o ataque acontecerá. Se informarmos aos policiais, eles vão abarrotar a área e espantar Miles.

— Wax — disse ela, aproximando-se —, compreendo esse espírito independente; é parte do que faz você ser o que é. Mas não estamos nas Terras Brutas. Não precisa fazer tudo sozinho.

— Não pretendo. Vou envolver os policiais depois, prometo. Mas Miles não é um criminoso comum. Ele sabe o que os policiais vão tentar e estará preparado. Isso precisa ser feito no momento certo, do jeito certo. — Waxillium apontou para suas anotações na parede. — Eu conheço Miles. Sei como ele pensa. É parecido comigo.

Quase parecido *demais*.

— Isso quer dizer que ele pode antever seus atos também.

— Sem dúvida, ele vai. Mas vou antecipá-lo mais ainda.

No momento em que sacara a arma e revidara os tiros dos Desaparecidos, Waxillium começara a trilhar aquele caminho. E, quando cravava os dentes, não largava o osso.

— Você tem razão quanto a mim — disse ele.

— Eu? Eu não disse nada sobre você, Lorde Waxillium.

— Mas está pensando — retrucou ele. — Que sou arrogante por querer fazer isso do meu jeito, por não entregar o caso para os policiais. Que sou imprudente por não procurar ajuda. Tem razão.

— Não estou pensando coisas tão ruins assim — disse ela.

— Não são ruins — disse ele. — Eu *sou* arrogante e imprudente. *Estou* agindo como se ainda estivesse nas Terras Brutas. Mas também tenho razão. — Ele ergueu a mão, desenhando um pequeno quadrado no papel e, em seguida, uma flecha ligando-o à delegacia.

— Escrevi uma carta que Ranette enviará aos policiais — continuou. — Ela detalha tudo o que descobri e meus palpites sobre o que Miles fará, caso eu não consiga pegá-lo. Não farei nada hoje à noite até estarmos bem longe da ferrovia e de qualquer passageiro. Os Desaparecidos não vão levar reféns hoje à noite. Vão tentar agir o mais rápido e silenciosamente possível. Mas ainda assim vai ser perigoso. Talvez pessoas morram, pessoas inocentes. Estou dando meu melhor para impedir que se machuquem e acredito com convicção que tenho mais chance contra Miles do que teriam os policiais. Sei que você está estudando para ser advogada e juíza e que seu treinamento preconiza que você deve ir às autoridades. Considerando meus planos e minhas promessas, vai se refrear e me ajudar em vez disso?

— Vou.

Por Harmonia, pensou ele. *Ela confia em mim.* Demais, provavelmente. Ele ergueu a mão, desenhando um quadrado ao redor de uma caixa de notas.

— Esta é sua parte.

— Não vou estar no vagão com você? — Seu tom era de preocupação.

— Não — respondeu Waxillium. — Você e Wayne vão acompanhar do alto da colina.

— Você vai estar sozinho.

— Vou.

Ela ficou em silêncio.

— Você sabia o que eu estava pensando sobre você. O que *você* está pensando sobre *mim*, Lorde Waxillium?

Ele sorriu.

— Para o jogo funcionar do mesmo jeito, não posso te dizer quais são meus pensamentos. Precisa adivinhá-los.

— Está pensando em como sou jovem — disse ela. — E você teme que eu me envolva e me machuque.

— Não é difícil adivinhar isso. Até então, eu te dei o quê… três oportunidades de abandonar este caminho e buscar segurança?

— *Também* está pensando que está feliz por eu insistir em ficar, porque serei útil — disse ela. — A vida o ensinou a usar os recursos que tiver.

— Melhor — disse ele.

— Acha que sou esperta, como já declarou, mas também teme por eu ficar enrubescida com muita facilidade e que isso seja usado contra você.

— Os relatos que você leu falam de Paclo, o Poeirento?

— Claro. Foi um de seus parceiros antes de conhecer Wayne.

— Era um bom amigo — disse Waxillium. — Um homem da lei firme. Mas *nunca* conheci um homem que se assustasse com mais facilidade. Uma porta fechada com suavidade podia fazê-lo gritar.

Ela fechou a cara.

— Parece que os relatos não falam disso — comentou Waxillium.

— Eles o descrevem como muito valente.

— Ele *era* valente, Lady Marasi. Veja, muitas pessoas acham que se assustar é sinônimo de covardia. Sim, um tiro podia fazer Paclo pular. Então, ele corria para ver o que havia causado o tiro. Uma vez, eu o vi lutar contra seis homens com armas apontadas para ele, e ele nem sequer suou. — Ele se virou para ela. — Você é inexperiente. Como eu fui, no passado. Como todo homem foi. A medida de uma pessoa não é o quanto ela viveu. Não é a facilidade com que pula ao ouvir um barulho nem a rapidez com que mostra suas emoções. É como ela faz uso do que a vida lhe mostrou.

Ela enrubesceu ainda mais.

— Acho que você gosta de dar sermões.

— Vem com o distintivo de homem da lei.

— Você não… usa mais seu distintivo.

— Um homem pode tirar o distintivo, Lady Marasi, mas nunca deixa de usá-lo.

Ele fitou os olhos da moça. Ela ergueu aqueles olhos profundos, reflexivos, como a água de uma fonte inesperada nas Terras Brutas. Ele se fortaleceu. Ele seria ruim para ela. Muito ruim. Pensara o mesmo quando conhecera Lessie e estava certo.

— Há outra coisa que penso sobre você — disse ela, com suavidade. — Consegue adivinhar?

Claro que sim.

Com relutância, ele desviou o olhar e encarou o bloco de papel.

— Sim. Você está pensando que eu deveria convencer Ranette a emprestar uma espingarda para você. Concordo. Embora eu ache que seria inteligente da sua parte treinar com um revólver, prefiro que você tenha uma arma que use bem. Talvez possamos encontrar uma espingarda em que sirvam aquelas balas de alumínio que Wayne pegou.

— Ah. Claro.

Waxillium fingiu não perceber o embaraço dela.

— Acho que vou dar uma olhada em Wayne e Ranette — disse Marasi.

— Boa ideia. Espero que ela não tenha descoberto que ele pegou uma de suas armas para trocar pelos manifestos.

Marasi saiu, caminhando depressa para a porta.

— Lady Marasi? — chamou Waxillium.

Ela hesitou à porta, virando-se, esperançosa.

— Fez um bom trabalho ao ler minhas reações — disse ele, meneando a cabeça em respeito. — Não são muitos que podem fazê-lo. Não sou conhecido por ser aberto com minhas emoções.

— Tive aulas de técnicas avançadas de interrogatório — disse ela. — E… bem, eu li seu perfil psicológico.

— Eu tenho um perfil psicológico?

— Temo que sim. O doutor Murnbru o escreveu depois de sua visita a Intempérie.

— Aquele rato do Murnbru era um *psicólogo*? — disse Waxillium, genuinamente perplexo. — Eu tinha certeza de que era um jogador trapaceiro, passando pela cidade à procura de vítimas para enganar.

— Hum, é. Isso está no perfil. Você tem tendência a pensar que qualquer um

que use muito vermelho é viciado em jogo.

— Tenho?

Ela confirmou com a cabeça.

— Desgraça — disse ele. *Vou precisar ler essa coisa.*

Ela saiu e fechou a porta. Ele voltou ao plano, erguendo a mão e encaixando o brinco na orelha. Devia usá-lo durante as orações ou quando fazia algo de muita importância.

Imaginou que, naquela noite, faria muito das duas coisas.

Descubra os fatos por si e entenda por que este fantasma é silencioso demais, brilhante demais e do outro mundo demais para não ser uma força do além. Especialistas da universidade compararam desastres de trem para determinar a origem da aparição, e as listas de mortos dão um vislumbre do que os fantasmas podem desejar. Reportagem exclusiva encontrada apenas aqui! No verso.

sido capturado por um estranho povo marciano.

Agora, muito depois de seus entes queridos terem desistido deles, tomando-os por mortos, os navegadores retornaram à civilização, trazendo com eles esse refugiado. Sua história é apavorante, preocupante e maravilhosa. Continue lendo para saber como descobrimos a verdade do povo dos oceanos e de seus mistérios. Mentes Descorbertas: Leia a história inteira no verso.

palavras deste artigo não refletem a opinião dos editores e membros deste jornal.

COMPRAMOS METAIS!

Compramos seus refugos de nichel a preços competitivos! Pureza não é problema!

Briggs & Sons, Metalúrgicos Licenciados, Avenida do Fundidor 3287, 6º Or.

minha vida!"

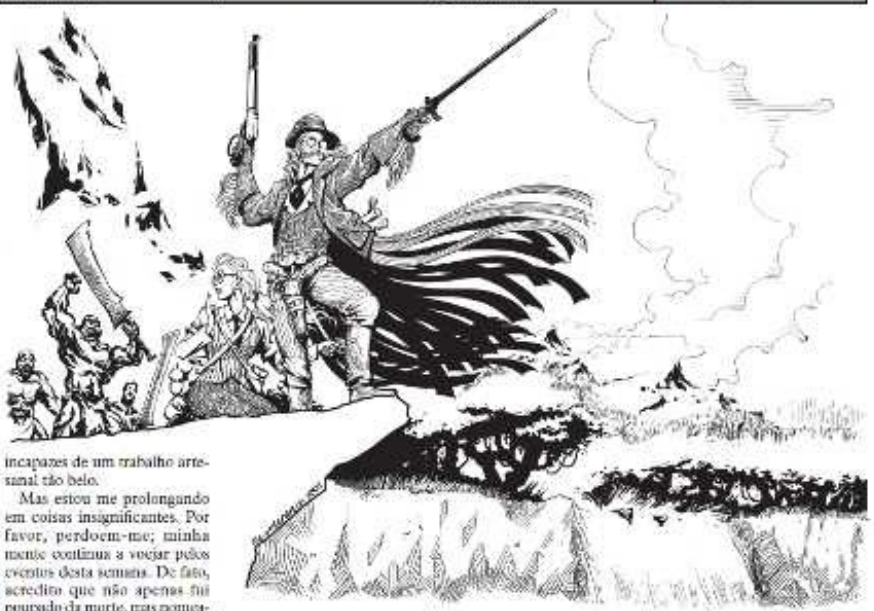
Uma mulher sofreu uma experiência assustadora quando um incêndio irrompeu em seu prédio no Quinto Quinte. Ela e seus filhos foram salvos por uma figura sombria que ela jurou estar usando o rosto de seu falecido marido. Uma visão de um dos Imortais Sem Rosto? Ilusão? Simples fantasia? Você decide. História no verso, na quinta coluna.

distantes! Não teremos mais que alimentar ou limpar um animal de carga ingrato! Não seja escravo de seu cocheiro!

TOME AS RÉDEAS DO PODER DO FUTURO HOJE!

A Associação dos Inventores de Transporte é uma divisão do Conglomerado Automotivo de Basin Point e foi reconhecida pelo conselho de diretores municipais.

Explorando os Poços de Eltania



Meu querido editor e, por seu intermédio, meus amados leitores, espero que esta missiva os encontre bem e de posse de um cavido disposto, pois os eventos incríveis que transpiraram em minha recente experiência podem deixá-los incrédulos e chocados. Juro aos senhores, em declaração das mais sérias, que todas as palavras que escrevo aqui são verdadeiras e factuais. Vim essas histórias para que os senhores possam saber sobre as Terras Brutas e as pessoas fascinantes que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além da razão cultivada.

Quando escrevi minha missiva anterior, eu tinha certeza de que meu fim havia chegado. De fato, fui capturado e mantido preso pelos brutos koloss dos Poços de Eltania, e me disseram que eu seria executado pela manhã e que minha carne serviria de banquete. Tremi um fim horrendo e admitirei que me flagrei na mais fervorosa oração ao Sobrevivente naquela mesma noite! Se alguém precisava de proteção d'Aquele Que Viveu, este alguém era eu!

Os senhores podem perceber, pela minha escrita aqui, que escapei. Bem, isso em parte é verdade, mas não deixei o acampamento dos koloss de pele azul. Na verdade, escrevo aos senhores de dentro da câmara onde me prenderam para ser executado naquela noite. Só que agora não é uma prisão, mas um grandioso palácio! Ao menos, assim os selvagens que me mantêm a consideram. Para mim, continua sendo meramente uma cabana com chão de terra. Dormir sob as estrelas seria preferível, especialmente se eu pudesse ter a arte. Dramali ao meu lado, mas minha busca a fim de localizar para onde ela foi levada precisará esperar um momento posterior.

Os koloss tentaram melhorar minhas acomodações. Trouxeram-me animais mortos para comer e acenderam uma fogueira, um sinal de que me consideram digno de grande atenção. E me deram várias armas feitas por eles mesmos. Como mencionei antes, essas armas são de feitura incrivelmente sofisticada. Pensei que criaturas como essas fossem incapazes de um trabalho artesanal tão belo.

Mas estou me prolongando em coisas insignificantes. Por favor, perdoem-me; minha mente continua a voejar pelos eventos desta semana. De fato, acredito que não apenas fui poupado da morte, mas nomeado o rei desta tribo!

Tudo começou na madrugada de minha execução já mencionada. Depois de ser acordado de uma forma não muito gentil, eu me vi embaixo do sol forte, caminhando com dificuldade pelo chão vermelho e poeirento. Os brutos estavam em fileiras silenciosas, observando-me com olhos com formato de conta, a pele de um azul escurecido, a cor de um cachecol azul fino, se nesse sido queimado no fogo e tostado. A poeira vermelha manchava os corpos, e muitos quase não usavam vestimentas.

Devo minha vida a Handerwym. Piel Handerwym. Abençoado foi o dia em que o tirei daquele lago, encharcado e quase afogado. O fiel tertisano, embora sob o juramento de não prejudicar nem matar, provou seu valor uma centena de vezes. Os koloss pareciam respeitá-lo, entendem, e lhe permitiram uma última aproximação para abraçar seu mestre que logo seria assassinado da maneira mais lúgubre.

Depois desse abraço, vi que meu Glint, meu leal revólver, foi passado às minhas mãos, que estavam presas às minhas costas. Perguntei-lhe como ele havia recuperado a arma tomada pelos koloss, e ele explicou que fez uso de uma de suas mentes de metal para criar uma conexão com eles. É uma arte arcana que ele usa, inexplorada e desconhecida, e deseja que eu não escreva muito sobre isso, pois considera o seu poder sagrado.

Bem, eu estava armado, mas ainda preso. Não obstante a conexão, os koloss o arrastaram para longe, embora não parecessem ter percebido o que ele havia feito. Nunca tive motivos para dar graças às mangas longas demais do casaco que eu havia recebido em troca daquele bandido capturado tantas semanas atrás, mas, neste caso, elas provaram ser minha salvação.

Quando eu contar aos senhores sobre esse tiro, peço que não elevem demais sua consideração por mim. Na verdade, foi mais o acaso que a habilidade que se mostrou meu amigo naquele dia. Consegui me retorcer até afrouxar um pouco as amarras para que pudesse mover uma das mãos embaixo da outra. Girei a arma nos dedos e consegui posá-la na palma da mão, o cano apontado para cima, paralelo ao braço. No último momento, antes de meu encontro com o chefe da tribo, inclinei a cabeça para a frente e apertei o gatilho.

Preservação prevaleceu, e, embora eu tenha sentido a bala raspar a parte de trás de minha cabeça, ela também atravessou as amarras. Um movimento rápido de mãos me libertou, e, apesar de exausto, eu ainda tinha um tanto de estanho dentro de mim. Quicando, fortalecendo meus sentidos, ergui a arma e atirei entre os olhos do escuro. Os koloss são fortes, mas mesmo eles podem cair com uma bala no lugar certo.

O próximo tiro foi contra o maior de seus líderes. Eu esperava que isso me garantisse a admiração deles, mas, mesmo que os tenha feito parar, não fez com que me libertassem. A Glint estava carregada com apenas três balas quando eu a perdi; olhei para Handerwym, e ele balançou a cabeça, solturo. Não tinha munição para recarregá-la.

Eu tinha apenas uma bala e um vilarejo inteiro cheio de monstros. Não mentirei, dizendo que estava confiante em minhas chances! Contudo, devo mencionar um aspecto curioso dos koloss. Vejam, desde sua primeira interação comigo, insistiram que qualquer um poderia se juntar a eles, qualquer homem que considerassem digno poderia ser transformado em koloss, diziam eles. De fato, vários de seus guerreiros mais brutais e poderosos alegavam ter sido homens da cidade no passado. Isso é obviamente falso, mas existe algo em sua mentalidade que faz com que pensem assim.

E assim, com uma única bala, decidi provar que eu era digno de me juntar a eles. Concluí que apenas um teste que demonstrasse as maiores capacidades ofereceria tal prova, e então ergui a arma e…

—Continua na próxima semana.—

Cavalheiros educados de todos os oitantes concordam: apenas as luzes elétricas servem!

NÃO FIQUE NO ESCURO!



Envie um mensageiro a Brgr. Wenring com o nº de clientes para orçamento. Praça da Adição, 6666, 6º Or.

16



Wayne capengou pela estação de trem, apoiando-se numa bengala marrom, caminhando com um passo lento e intencionalmente hesitante. Havia uma multidão ali, empurrando-se e admirando o trem logo adiante. Um grupo avançou para o lado e quase o derrubou.

Todos estavam na ponta dos pés, o que impedia que Wayne, com as costas curvadas pela idade, visse o motivo da confusão.

— Ninguém pensa numa pobre velhota — grunhiu Wayne. Um tom áspero, nasal e mais agudo que sua voz normal, misturado com um belo sotaque do distrito margothiano. O distrito não existia mais, ao menos não da mesma forma; tinha sido consumido pelo bairro comercial de seu oitante, e os habitantes tinham se mudado. Um sotaque moribundo para uma mulher moribunda. — Nenhum respeito. Um disfarce. Puro e simples.

Alguns jovens na multidão à frente olharam para ele, vendo seu casaco antigo, que ia até os tornozelos, o rosto franzido pela idade, os cabelos prateados embaixo da boina de feltro.

— Me desculpe, senhora — disse um deles finalmente, abrindo caminho para ele.

Ora, esse é um bom rapaz, pensou Wayne, dando tapinhas no braço dele e cambaleando adiante. Uma a uma, as pessoas abriram caminho para ele. Às vezes, precisava fingir um pequeno acesso de tosse que soasse contagioso. Wayne tinha tomado cuidado para não parecer uma mendiga, o que chamaria a atenção dos policiais, que talvez pensassem que ele estava procurando vítimas para bater carteira.

Não, ele não era uma mendiga. Era Abrigain, uma velha que tinha ido ver o que era aquela confusão. Abrigain não era rica nem pobre. Frugal, com um casaco meticulosamente remendado, um chapéu favorito que fora moda tempos

atrás. Óculos grossos como os músculos de um estivador. Alguns meninos muito jovens a deixaram passar, e Abrigain lhes deu um docinho e tapinhas na cabeça. Bons garotos. Lembravam seus netos.

Wayne acabou chegando à frente. Lá estava o Nada-Quebra em todo o seu esplendor. Era um vagão construído como uma fortaleza, com blindagem de aço, cantos arredondados brilhantes e uma porta gigante na lateral. Parecia a porta de um cofre enorme, com uma fechadura giratória no lado de fora.

A porta estava aberta, e a câmara lá dentro, quase vazia. Uma grande caixa de carga, feita de aço, havia sido *soldada* ao chão no centro do vagão. Na verdade, ele conseguia enxergar, pela porta da composição, que a carga em si parecia ter sido fechada com solda em todos os lados.

— Minha nossa! — disse Wayne. — É *impressionante.*

Um guarda estava por perto, usando a insígnia de um oficial da força de segurança particular da Casa Tekiel. Sorria, estufando o peito com orgulho.

— Ele marca o nascimento de uma nova era — disse ele. — O fim da bandidagem e dos roubos a ferrovias.

— Nossa, é impressionante, meu jovem — disse Wayne. — Mas com certeza você está exagerando. Já vi vagões antes, já até andei em um, maldito seja aquele dia. Meu neto, Charetel, quis me levar com ele para conhecer sua noiva em Covingtar, e era o único jeito de chegar, embora eu achasse que andar numa carruagem de cavalos *sempre* tinha funcionado muito bem para mim. Progresso, disse ele. Progresso é ficar presa numa caixa, então, sem poder ver o sol e aproveitar a viagem. De qualquer jeito, o vagão era como esse. Só não era tão brilhoso.

— Garanto para a senhora que este é *totalmente* intransponível — disse o guarda. — Vai mudar tudo. Está vendo aquela porta?

— É uma porta de cofre — disse Wayne. — Eu posso ver. Mas cofres podem ser arrombados, meu jovem.

— Este não — insistiu ele. — Os bandidos não vão conseguir abrir porque essa porta não pode ser aberta… nem por eles nem por nós. Assim que a porta é fechada, ela aciona um mecanismo ligado a um relógio no lado de dentro. As portas não podem ser abertas por doze horas, independentemente de a pessoa saber ou não o código.

— Explosivos — disse Wayne. — Bandidos sempre estão explodindo as coisas. *Todo mundo* sabe disso.

— Esse aço tem quinze centímetros de espessura — explicou o guarda. — A quantidade de dinamite necessária para explodi-lo provavelmente destruiria o conteúdo do carro.

— Mas um alomântico conseguiria entrar — disse Wayne.

— Como? Poderiam *empurrar* o metal o quanto quisessem; é tão pesado que os jogaria para trás. E mesmo se alguém, de algum jeito, *entrar*, teremos oito guardas viajando dentro do vagão.

— Uau! — disse Wayne, deslizando no sotaque. — É mesmo impressionante. Que armas os guardas usam?

— Um quarteto completo de… — O homem parou de falar, olhando para Wayne com mais atenção. — De… — Estreitou os olhos, desconfiado.

— Ah, estou perdendo meu chá! — exclamou Wayne. Em seguida, virou-se e começou a capengar de volta pela multidão.

— Parem aquela mulher! — disse o guarda.

Wayne parou de fingir e se empertigou, empurrando as pessoas com mais fervor, olhando para trás. O guarda estava se esforçando para abrir caminho, perseguindo-o.

— Pare! — gritou o guarda. — Pare, que desgraça!

Wayne ergueu o bastão e puxou o gatilho. Sua mão começou a tremer como sempre fazia quando tentava usar uma arma de fogo, mas tinha apenas balas de festim nela, então tudo bem. O estalo do tiro fez a multidão entrar em pânico, as pessoas abaixando-se numa onda como o vento soprando num campo de trigo.

Wayne saiu correndo entre as figuras prostradas, saltando sobre algumas delas e chegando ao fim da multidão. O guarda ergueu a arma; Wayne virou a esquina do prédio da estação. Então, parou o tempo.

Tirou o casaco e a blusa, revelando um terno elegante: paletó preto, camisa branca, gravata vermelha. Wax dissera que aquilo era “propositalmente sem imaginação”, fosse lá o que isso significasse. Retirou os itens que, colocados por dentro da blusa, formavam o busto da senhora: uma pequena sacola, um chapéu dobrável e um pano úmido. Desdobrou o chapéu e enfiou a blusa dentro dele antes de tirar a peruca e enfiar o chapéu na cabeça.

Arrancou a capa externa da bengala, tornando-a preta. Jogou a peruca de lado e escondeu a bolsa perto da parede. Por fim, removeu a maquiagem com o pano úmido, jogou-o fora e derrubou a bolha de velocidade.

Cambaleou no canto do prédio, agindo como se tivesse sido empurrado, e xingou, arrumando o chapéu e erguendo a bengala, que sacudiu com raiva.

O guarda parou, bufando ao seu lado.

— Está tudo bem, milorde?

— Não! — ralhou Wayne, enchendo a voz com toda a arrogância aristocrática que conseguiu reunir. O sotaque dos Caminhos de Madion, a área mais rica do Primeiro Oitante, onde a Casa Tekiel era dona de muitos terrenos. — Que tipo de rufião era aquele, capitão?! A partida deveria ser conduzida com segurança e cuidado!

O guarda ficou paralisado, e Wayne podia ver a mente do homem trabalhando a todo vapor. Esperava um nobre aleatório, mas aquela pessoa parecia um membro da Casa Tekiel, seu empregador.

— Desculpe, milorde! — disse o guarda. — Mas eu o expulsei.

— Quem era ele? — perguntou Wayne, caminhando até a peruca. — Ele jogou isso longe quando passou por mim.

— Estava vestido como uma senhorinha — falou o guarda, coçando a cabeça. — Fazendo perguntas sobre o Nada-Quebra.

— Que desgraça, rapaz. Deve ter sido um dos Desaparecidos!

O guarda ficou pálido.

— O senhor sabe qual será a vergonha de nossa casa se algo acontecer nesta viagem? — perguntou Wayne, aproximando-se, sacudindo a bengala. — Nossa reputação está em jogo. Nossas *cabeças* estão por um fio, capitão. Quantos guardas o senhor tem?

— Três dúzias, milorde, e…

— Não é suficiente! Não é suficiente mesmo! Mande buscar mais.

— Eu…

— Não! — disse Wayne. — Eu farei isso. Vários dos meus guardas estão aqui. Vou mandar um buscar outra divisão. Seus homens estão vigiando a área para evitar mais *criaturas* como aquela?

— Bem, ainda não dei essa ordem, milorde. Pensei em tentar pegá-lo eu mesmo, sabe, e…

— O senhor abandonou seu posto? — gritou Wayne, erguendo a mão à lateral da cabeça, balançando a bengala. — Você deixou que ele *atraísse você*

para longe? Idiota! Volte para lá, homem! Vá! Alerte os outros. Ah, pelo Sobrevivente no céu! Se isso der errado, estamos mortos. Mortos!

O capitão da guarda saiu aos tropeços e correu para o trem, de onde as pessoas se afastavam em pânico. Wayne recostou-se na parede, verificou o relógio de bolso e esperou por um bom momento em que tivesse espaço suficiente para erguer uma bolha de velocidade. Tinha razoável certeza de que ninguém estava olhando.

Tirou o chapéu. Livrou-se da bengala e virou o jaquetão do avesso, transformando-o num casaco marrom e amarelo como o dos guardas. Tirou o nariz falso e pegou um barrete de pano na bolsa que havia deixado ao lado da parede.

Pôs o barrete no lugar do chapéu de cavalheiro. Sempre ter o chapéu certo. Isso era fundamental. Ele prendeu uma pistola sobre o casaco depois de deixar as calças caírem, revelando o resto do uniforme de soldado. Em seguida, desfez a bolha e correu pela estação, voltando para os trilhos. Encontrou o capitão organizando seus homens, gritando ordens. Havia alguns nobres irritados, brigando uns com os outros por perto.

A carga não estava sendo tirada do vagão. Isso era ótimo. Wayne tinha achado que eles simplesmente desistiriam daquela viagem, com toda a bagunça causada, mas Wax discordava. Disse que os Tekiel fizeram tanto alarde sobre o Nada-Quebra que um problema ou dois não os impediriam.

Tolos, pensou Wayne, balançando a cabeça. Farnsward não concordava com essa decisão. Trabalhava na guarda particular da Casa Tekiel fazia dez anos, embora tivesse servido nos Campos Externos na maior parte do tempo, com seu lorde, que tinha uma doença crônica. Vira muitas coisas no seu tempo e aprendera que *havia* motivos para assumir riscos. Salvar uma vida, vencer uma batalha, proteger o nome da casa. Mas assumir um risco apenas porque disseram que assumiriam? Estupidez.

Ele correu até o capitão com quem havia falado antes e fez uma saudação.

— Senhor — disse ele —, sou Farnsward Dubs… Lorde Evenstrom Tekiel pediu para que eu me apresentasse ao senhor. — Um sotaque dos Campos Externos com um traço de aristocracia, que captara em seu longo convívio com nobres.

O homem parecia exausto.

— Muito bem. Acho que vamos precisar de todos os homens.

— Desculpe, senhor — disse Wayne, aproximando-se. — Lorde Evenstrom às vezes fica irritadiço. Sei como é; não é a primeira vez que ele me envia para ajudar alguém que não precisa de ajuda. Bren e eu ficaremos fora do caminho.

— Bren?

— Ora, ele estava bem atrás de mim... — disse Wayne, virando-se, confuso.

Wax apareceu, saindo da estação num uniforme semelhante ao de Wayne. Tinha uma pança falsa de certo tamanho, escondendo alguns materiais específicos para a noite.

— Lá está ele — disse Wayne. — Desajeitado e embotado, senhor. O pai deixou essa posição para ele, mas, com ele, o senhor pode bater aço contra pedra a noite toda que não sairá nenhuma faísca, se entende o que eu quero dizer.

— Bem, fique aqui — disse o capitão. — Guarde este posto. Não deixe ninguém se aproximar do vagão, não importa a aparência da pessoa. — Ele saiu correndo até o grupo de nobres.

— E aí, Wax? — disse Wayne, inclinando o chapéu para o outro. — Pronto para ser engolido?

Waxillium olhou para trás na direção do prédio da estação. Civis ainda estavam indo embora. O chão estava cheio de chapéus e lenços.

— Precisa garantir que eles partam com o trem, Wayne. Não importa o que aconteça, o trem *precisa* seguir viagem.

— Pensei que tinha dito que seria embaraçoso demais não o inaugurar.

— Na primeira parte, sim. Não sei ao certo quanto à próxima parte. Só faça acontecer, Wayne.

— Claro, meu chapa. — Wayne verificou o relógio. — Ela está atrasada…

Uma série repentina de estalos cortou o ar. Tiros. Embora Wayne esperasse por eles, ainda lhe causaram um sobressalto. Os guardas ao redor gritaram, berraram, procurando a fonte dos tiros. Waxillium caiu, urrando, com sangue espirrando do ombro. Wayne o pegou enquanto outro guarda avistava brilhos vindo de cima de um prédio.

Os guardas abriram fogo enquanto Wayne arrastava Waxillium para fora do perigo. Ele olhou ao redor e, em seguida, agindo freneticamente, empurrou Waxillium pela porta aberta do vagão. Vários dos guardas olharam para ele, mas ninguém disse nada. Os olhos de Waxillium encaravam o ar, vazios. Os outros guardas provavelmente já tinham perdido camaradas para bandidos ou em

escaramuças entre casas e sabiam que, no calor da luta, é preciso deixar os feridos em segurança, não importava onde.

Os disparos vindos do alto do prédio cessaram, mas começaram de novo num telhado nas proximidades. Algumas balas soltaram faíscas do alto de uma viga. *Um pouco perto demais, Marasi,* pensou Wayne, incomodado. Por que toda mulher que conhecia tentava atirar nele? Só porque ele conseguia se curar. Era como beber a cerveja de um homem só porque ele pode pedir mais.

Wayne pôs um olhar preocupado no rosto.

— Estão vindo para roubar a carga! — gritou ele. Em seguida, agarrou a porta do grande vagão, chutou a alavanca de contrabalanceamento para o lado e correu-a adiante. Fechou a porta do Nada-Quebra com Wax dentro do vagão, antes que alguém pensasse em pará-lo.

O tiroteio cessou. Ao lado, os guardas encolhidos atrás de uma proteção olharam para Wayne com expressões horrorizadas. A porta do trem fez um clique, trancando-se.

— Ferrugem e Ruína, cara! — disse um dos guardas. — O que você fez?

— Tranquei a carga! — disse Wayne. — Vejam, isso fez com que parassem.

— Era para ter soldados lá dentro! — disse o capitão, correndo até ele.

— Eles estavam tentando roubar a carga antes que nós trancássemos — disse Wayne. — Você viu o que estavam fazendo. — Ele olhou para a porta. — Não podem levar a carga agora. Vencemos!

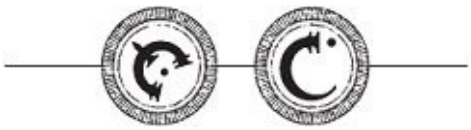
O capitão parecia preocupado. Olhou para os nobres, que se levantavam do chão. Wayne prendeu a respiração quando eles se aproximaram do capitão, exigindo explicações, mas este repetiu as mesmas palavras de Wayne.

— Mas nós os paramos — explicou o capitão, sabendo que ele, e não Wayne, levaria a culpa se fosse decidido que haviam agido mal. — Eles pararam o ataque. Nós vencemos!

Wayne afastou-se, relaxando contra um pilar, enquanto os guardas eram enviados para tentar descobrir quem havia atirado. Voltaram com um número grande de cartuchos de balas de espingarda colocados estrategicamente no chão em vários lugares, enquanto a maioria dos tiros tinha sido de festim. Vários garotos pedintes haviam recebido dinheiro para atirar balas de festim no ar e depois plantar histórias de homens chegando em carruagens com cavalos e fugindo às pressas.

Em menos de uma hora, o trem estava a caminho, e todos da Casa Tekiel pareciam convencidos de que haviam impedido um grande roubo dos Desaparecidos. Houve até mesmo rumores sobre uma condecoração para Wayne, embora ele tivesse desviado a glória para o capitão e escapado antes que alguém pudesse começar a perguntar *qual* lorde o contratara como guarda-costas.

17



Waxillium partiu sozinho no vagão de carga frio, o ombro umedecido pelo sangue falso, ouvindo as rodas baterem sobre os trilhos embaixo dele. Uma lâmpada que ele havia prendido com um gancho perto de um canto do teto balançava. Também havia prendido o emaranhado de redes no teto, encaixadas e fixadas por ganchos especiais colados com fita industrial. Tinha sido ótimo tirar tudo aquilo que estivera enrolado nas pernas e dentro da barriga falsa. O uniforme de guarda, agora largo demais para ele, estava empilhado num canto, e, no lugar, ele vestiu calças sociais e um casaco preto leve.

Sentou-se no chão, apoiado numa lateral do contêiner de carga, com as pernas estendidas. Segurava Vindicação, girando o tambor distraidamente e batendo na trava para travá-lo nas câmaras especiais. Tinha duas balas de cada tipo contra matabrumas no bolso e havia carregado uma para Lançamoedas e uma para Braços-de-Peltre nas câmaras especiais.

Ainda estava usando seu brinco.

Você queria que eu fizesse isso, pensou ele, dirigindo-se a Harmonia. Uma acusação contava como uma oração? *Bem, aqui estou eu. Espero um pouco de ajuda, se isso for aceitável para seu plano imortal.*

A caixa de carga estava ao lado dele. Conseguia ver por que a Casa Tekiel tinha tanto orgulho do trabalho que havia feito; seria ridiculamente difícil para os ladrões roubarem o cofre soldado. Tirá-lo do vagão exigiria horas cortando-o com um maçarico ou uma grande serra elétrica. Junto com a porta inteligente e a suposta existência de guardas, isso tornaria o roubo complicadíssimo, talvez impossível.

Sim, os Tekiel foram espertos. O problema era que estavam pensando no problema de maneira equivocada.

Waxillium puxou um pacote de seu casaco. A dinamite e o detonador que

Wayne havia encontrado. Deixou o pacote ao lado dele, no chão, e olhou para o relógio de bolso. *Mais ou menos agora…*

O trem começou a diminuir a velocidade.

— Isso — disse Wayne, olhando pelos binóculos agachado no alto de uma encosta. — Ele tinha razão. Quer ver?

Marasi pegou o binóculo, nervosa. Os dois tinham chegado ali depois de um galope apressado para fora da cidade. Ela se sentia nua usando as calças de Ranette. *Totalmente* inadequado. Todos os homens por quem passassem olhariam suas pernas.

Talvez isso impeça que os Desaparecidos atirem, pensou, fazendo uma careta. *Vão ficar distraídos demais.* Ela levou o binóculo até os olhos. Ela e Wayne estavam no topo de uma colina na rota da ferrovia, fora da cidade. Era quase meia-noite quando o trem finalmente se aproximou.

Agora estava reduzindo a velocidade, e os freios causavam um chiado agudo e lançavam faíscas na noite. Diante do trem, uma aparição fantasmagórica se aproximava na direção oposta, uma luz brilhante e cintilante na frente. Ela estremeceu. O trem fantasma.

— Wax vai ficar feliz — disse Wayne.

— Com o quê? — perguntou ela. — Com o fantasma?

— Não. Com as brumas.

Ela ficou surpresa, percebendo que as brumas se formavam no ar. Não era como uma neblina normal; não vinha do oceano. Crescia no ar, brotando como gelo num pedaço frio de metal. Ela se arrepiou quando as brumas começaram a envolvê-los, dando às lâmpadas dos postes lá embaixo um aspecto fantasmagórico.

Ela se concentrou no trem que se aproximava. Como tinha sido alertada sobre o que procurar e por causa de seu ângulo, conseguiu ver facilmente a verdade. *Era* uma isca. Uma fachada de locomotiva feita de madeira e acionada à mão.

— Como fazem a luz funcionar? — perguntou ela.

— Sei lá. Magia?

Ela bufou, tentando dar uma boa olhada no que estava por trás da estrutura.

— Deve ser algum tipo de bateria química. Eu li sobre isso… mas, Ferrugem e Ruína, é uma luz *poderosa*. Duvido que possa funcionar por muito tempo.

Quando o trem verdadeiro parou, alguns homens saltaram de suas laterais. A Casa Tekiel enviara guardas no trem, o que fez Marasi sorrir. Talvez o roubo não acontecesse.

A fachada do trem fantasma caiu.

— Ai, *desgraça* — disse Wayne.

— O que está…

Ela foi interrompida por uma série de tiros altos, incrivelmente rápidos, e saltou para trás por reflexo, agachando-se para se esquivar, embora nenhuma arma estivesse apontada para eles. Wayne puxou o binóculo, erguendo-o.

Marasi não conseguia enxergar o que acontecia através da escuridão e das brumas. E ficou feliz com isso. Os tiros continuaram, e ela ouviu homens gritando.

— Metralhadora rotatória — disse Wayne, baixinho. — Caramba, esse pessoal *não* está de brincadeira.

— Tenho que ajudar — disse Marasi, pegando a espingarda que Ranette lhe dera e que trazia pendurada no ombro. Era um modelo estranho, mas a mulher jurara que seria mais precisa do que qualquer coisa que Marasi já usara até então. Ela ergueu a espingarda. Se pudesse atingir os Desaparecidos…

Wayne pegou o cano da espingarda, abaixando-o com gentileza. A arma rotatória parou, e a noite silenciou.

— Não há nada que possa fazer, minha chapa, e não queremos chamar a atenção daquela maldita metralhadora. Além disso, acha mesmo que vai conseguir atingir um deles daqui?

— Atingi o alvo máximo a quinhentos passos.

— À noite? — perguntou Wayne. — Nas brumas?

Marasi ficou em silêncio. Em seguida, estendeu a mão e gesticulou com impaciência para o binóculo. Wayne o entregou, e ela observou seis homens saírem de trás do trem fantasma. Caminharam pelas laterais do trem verdadeiro com as armas prontas e vigilantes.

— Uma distração? — perguntou Wayne, observando.

— Lorde Waxillium acha que sim. Ele disse para… — Ele se calou.

Disse para observar o canal.

Ela se virou, repassando o canal com o binóculo. Algo grande e escuro

estava flutuando nele. Coberto pelas brumas, parecia algum tipo de monstro gigantesco, um leviatã nadando em silêncio. Ele chegou ao meio do trem e parou. Uma perna escura, sombria, ergueu-se da massa preta. *Pelo Sobrevivente*, pensou ela, sentindo um calafrio. *Está vivo.*

Mas não… a perna era dura demais. Moveu-se para cima, girou para fora e desceu. Quando a coisa parou, a perna se prendeu na margem do canal. *Para estabilização,* percebeu Marasi. *É o que causou a depressão na terra que vimos mais cedo.*

Assim que a coisa… a máquina… se estabilizou, alguns homens foram pela escuridão até o vagão-cofre. Trabalharam por alguns momentos. Então, um grande braço saiu da massa escura no canal. Balançou sobre os trilhos, desceu, pegou o vagão-cofre inteiro e o *ergueu*.

Marasi se assustou. O vagão foi suspenso apenas um ou dois metros, mas foi suficiente. A máquina era um guindaste.

Os Desaparecidos que haviam desprendido os engates ajudaram a empurrar o vagão pela estreita faixa de terra na direção do canal. A massa preta tinha de ser uma barcaça. Marasi fez alguns cálculos rápidos na cabeça: para levantar um vagão como aquele, a barcaça precisava ser muito pesada e ter lastro considerável do outro lado.

Ela ergueu o binóculo e ficou feliz ao conseguir divisar outro braço de guindaste estendendo-se na outra direção e segurando uma espécie de peso. A barcaça afundou um pouco nas águas quando o vagão-cofre foi erguido, mas não tanto quanto Marasi havia imaginado. Provavelmente tinha sido projetada para se apoiar de alguma forma no fundo do canal, talvez houvesse uma parte extensível embaixo da barcaça. Isso, além do braço estabilizante, poderia ser suficiente.

— M-m-minha nossa… — sussurrou Wayne. — É realmente impressionante.

A máquina depositou o vagão inteiro sobre a barcaça e ergueu outra coisa. Algo grande e retangular. Ela já imaginava o que esperar. Uma réplica.

Marasi observou enquanto o vagão duplicado era abaixado até os trilhos. As conexões entre os vagões tornavam tudo *muito* capcioso, pois podiam arruinar o plano inteiro; se abaixassem o vagão do jeito errado, quebrariam um engate, e, quando o trem avançasse, metade dele ficaria nos trilhos. Isso tornaria mais óbvio o que havia acontecido. Os Desaparecidos em solo guiavam o processo.

Vários dos outros Desaparecidos estavam disparando pelas janelas de um

vagão de passageiros um pouco adiante, provavelmente para impedir que as pessoas olhassem para fora. Contudo, considerando a curva que os trilhos faziam ao redor de uma colina cheia de árvores, seria muito difícil para qualquer um lá dentro ter uma boa visão do que estava acontecendo. A luz do trem fantasma desaparecera poucos momentos antes, e ela sabia que a locomotiva estava retrocedendo pelo trilho. Onde eles a escondiam? Talvez fosse colocada em outra barcaça depois de estar fora de visão, já bem à frente?

Os Desparecidos que estavam trabalhando perto da barcaça correram para subir de volta no veículo, que estava se afastando para o centro do largo canal, onde ficava praticamente invisível na noite brumosa. Movia-se como uma sombra.

— Wayne! — disse ela, erguendo-se aos tropeços. — Precisamos ir.

Ele suspirou, levantando-se.

— Claro, claro.

— Waxillium está *naquele vagão*!

— Certo. Já percebeu como é ele quem quase sempre viaja no conforto, enquanto eu preciso fazer coisas como galopar ou andar o tempo todo? Não é muito justo.

Ela pendurou o rifle no ombro, descendo depressa a colina.

— Sabe, quando li seus relatórios, não imaginei que você reclamasse tanto.

— Ora, isso não é justo. Quero que saiba que me orgulho de minha postura alegre e otimista.

Ela parou, olhando para ele e erguendo uma sobrancelha.

— Orgulha-se disso?

Ele levou a mão ao peito, adotando um tom que soava quase sacerdotal.

— Sim, mas o orgulho é ruim, sabe? Faz tempo que estou tentando ser mais humilde. Rápido, rápido. Vamos perdê-los. Quer que Wax fique encurralado e sozinho? Por favor, mulher!

Ela balançou a cabeça, virou-se e continuou descendo a encosta na direção de onde haviam prendido seus cavalos.

Miles levantou-se com as mãos para trás, na frente da Máquina, enquanto ela deslizava silenciosamente pelo canal. Parte guindaste, parte barcaça, aquilo não era exatamente o que ele havia imaginado quando explicou o plano ao Sr.

Elegante, mas era próximo.

Tinha orgulho do que fizera: não apenas se tornara ladrão, mas alguém que mexia com a imaginação das pessoas. O Sr. Elegante podia dizer o que quisesse sobre teatralidade, mas funcionava. Os policiais não tinham ideia de como ele estava realizando os roubos.

— Eles pegaram todos os seis guardas dos Tekiel, chefe — disse Tarson, aproximando-se dele. O braço já não estava na tipoia. Os prodígios de peltre curavam-se com rapidez; não com a velocidade de Miles, mas ainda era notável. Claro que os prodígios de peltre também podiam correr até a morte sem notar que seu corpo estava exausto. Era uma arte perigosa, que consumia os homens tão rapidamente quanto alomânticos consumiam metal.— Os maquinistas também. Eles pegaram mais alguns guardas no último vagão de passageiros tentando espiar como estávamos roubando a carga. Atiramos neles. Acho que isso significa que estamos a salvo.

— Ainda não — disse Miles, baixinho, encarando a escuridão diante dele enquanto singravam as brumas, movendo-se sobre dois lentos propulsores de giro embaixo da barcaça. — Waxillium sabe como fazemos os roubos.

Tarson hesitou.

— Hum… tem certeza?

— Sim — disse Miles, distraído. — Ele está dentro do vagão.

— O quê?! — Tarson virou-se, olhando para o grande vagão que estava no meio da barcaça. Miles conseguia ouvir os membros da equipe cobrindo-o com uma lona para escondê-lo quando se aproximassem da cidade. Pareceria uma barcaça comum, os braços e o lastro escondidos sob outras lonas, trazendo um carregamento de pedra de uma das pedreiras de fora de Elendel. Miles tinha até mesmo um manifesto de embarque e uma autorização de atracação, além de algumas lonas que realmente escondiam pilhas de pedras cortadas com cuidado.

— Não sei que método ele usou — disse Miles. — Mas ele está aí dentro. Wax pensa como um vigilante. Essa é a melhor maneira de encontrar um esconderijo: ficar com a carga que será roubada, mesmo que não se saiba precisamente como será o roubo. — Ele parou. — Não. Ele deve ter imaginado como fazemos isso. Esse é o risco de ser bom como ele é. Ser bom como eu era. Você começa a pensar como um criminoso.

Na verdade, melhor que um criminoso.

De certa forma, era até surpreendente que não houvesse mais vigilantes

mudando de lado e passando para o crime. Se uma pessoa vê algo sendo feito de forma errada com frequência, naturalmente vai querer vê-la por fim sendo feita corretamente. Miles havia começado a planejar esses roubos dez anos antes, quando percebeu que a segurança das ferrovias se concentrava nos vagões. No início, fora apenas um pensamento. Era outra coisa da qual se orgulhava. Havia roubado e o fizera bem. Muito bem. E as pessoas… Ele andava pela cidade, ouvia. Falavam com admiração dos Desaparecidos.

Nunca o tratavam assim nas Terras Brutas. Lá, eles o odiavam, embora ele os protegesse. Agora, eles o amavam, embora ele os roubasse. Não dava para entender as pessoas, mas era bom não ser odiado. Temido, sim, mas não odiado.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou Tarson.

— Nada — respondeu Miles. — Wax provavelmente não sabe que eu sei que ele está lá. Isso nos dá uma vantagem.

— Mas…

— Não podemos abrir o vagão aqui — interrompeu Miles. — Esse é o cerne da questão. Precisaremos chegar ao esconderijo. — Ele fez uma pausa. — Embora pudéssemos simplesmente jogar o vagão inteiro no canal. É fundo o bastante para ele afundar por inteiro. Imagino se Wax tem um plano para abrir a porta se algo assim acontecer.

— Não acho que o Sr. Elegante gostaria que afundássemos o vagão, chefe — disse Tarson. — Não depois do que ele deve ter gastado para fazer aquela réplica.

— Sim. Infelizmente, o canal tem apenas quatro metros e meio de profundidade. Se jogássemos o vagão, não daria tempo de tirá-lo antes de o casco de outra embarcação colidir com ele, revelando o que fizemos. É uma pena.

A morte de Waxillium quase valeria a perda da carga. O Sr. Elegante não havia percebido o quanto o homem era perigoso. Ah, ele *fingia* que sim. Mas, se tivesse realmente percebido como Waxillium é perigoso, como é *eficiente*… bem, ele nunca teria permitido esse roubo. Teria impedido todas as operações e saído da cidade. E Miles teria concordado com isso, exceto por uma coisa.

Isso teria significado que não haveria confronto.

Eles seguiram pelo canal, carregando o vagão, sua carga e seu ocupante, quase como se Wax fosse um lorde em sua grande carruagem. Sua fortaleza quase impenetrável o protegia dos dez ou doze homens na barcaça que o teriam

matado com alegria.

Os dois inspetores do Sr. Elegante — que chamavam a si mesmos de Empurrão e Puxão — juntaram-se a Miles na frente da barcaça, mas ele não dirigiu a palavra aos dois. Juntos, avançaram por Elendel. As luzes da rua formavam linhas de fogo nas brumas, de um branco brilhante, correndo ao longo do canal. Outras luzes cintilavam no alto, as janelas dos prédios cobertas pelas brumas.

Alguns de seus homens estavam murmurando ali perto. As brumas eram consideradas um sinal de mau agouro pela maioria, embora ao menos duas das principais religiões as aceitassem como manifestações do divino. Miles nunca soube direito o que pensar sobre elas. Deixavam a Alomancia mais forte, ou assim alguns alegavam, mas suas capacidades já eram tão fortes quanto poderiam ser.

A Igreja do Sobrevivente ensinava que as brumas pertenciam a ele, a Kelsier, o Lorde das Brumas. Ele aparecia nas noites em que as brumas estavam espessas e dava sua bênção aos independentes, fossem eles ladrões, eruditos, anarquistas ou um fazendeiro que vivia da própria terra. Qualquer um que sobrevivesse sozinho, ou que pensasse por si, era alguém que seguia o Sobrevivente, soubesse ele ou não.

Essa é outra coisa de que o establishment *atual zomba*, pensou Miles. Muitos deles alegavam pertencer à Igreja do Sobrevivente, mas desencorajavam seus funcionários a pensarem por si. Miles balançou a cabeça. Bem, ele não seguia mais o Sobrevivente. Encontrara algo melhor, algo que parecia mais verdadeiro.

Eles passaram pelo círculo externo do Quarto e do Quinto Oitantes. Dois edifícios gigantescos tinham sido erguidos um diante do outro às margens do canal. Os topos desapareciam nas brumas. A Torre Tekiel ficava de um lado; o Espinha de Ferro, do outro.

A doca de expedição do Espinha de Ferro ficava ao lado de seu próprio braço do canal. Eles rumaram a barcaça para dentro dele, deslizando até parar, e, em seguida, usaram o guindaste fixo da doca para erguer o vagão escondido. Afinal, aquilo devia ser uma grande pilha de pedras. Lentamente, eles o elevaram, moveram e pousaram suavemente sobre a plataforma.

Miles saltou da barcaça e caminhou pela plataforma, acompanhado por Empurrão e Puxão. O restante dos homens o rodeou, parecendo muito

satisfeitos; alguns estavam brincando com outros sobre o bônus que receberiam pelo roubo.

Clamps parecia perturbado e coçava as cicatrizes no pescoço. Era um sobrevivencialista, e suas cicatrizes eram uma marca de devoção. Tarson apenas abriu a boca cinzenta num bocejo largo e estalou os dedos.

A plataforma inteira sacudiu e começou a se mover, descendo um andar até a câmara de fundição. Assim que passaram, as portas acima se fecharam. A plataforma balançou de leve quando parou. Miles olhou de lado para o túnel longo que o Sr. Elegante dizia que, um dia, levaria trens subterrâneos à cidade. Parecia oco, vazio, sem vida.

— Enganchem as correntes — disse Miles, pulando para fora da plataforma. — Prendam o vagão no lugar.

— Não podemos simplesmente esperar? — perguntou Tarson, franzindo a testa. — A tranca vai se abrir em doze horas, certo?

— Em doze horas planejo estar longe daqui — disse Miles. — Wax e seu pessoal estão perto demais. Vamos abrir esse vagão, lidar com o que estiver aí dentro, pegar o alumínio e dar o fora. Vamos trabalhar. Arranquem a porta.

Os homens correram para obedecer, amarrando o vagão à parede com um número imenso de braçadeiras e correntes. Outro conjunto de correntes foi enganchado na porta do Nada-Quebra; essas correntes foram enroladas no mesmo mecanismo elétrico de elevação que erguia e abaixava a plataforma. A plataforma sacudiu mais uma vez quando foi desengatada, e os motores foram conectados às correntes.

Miles foi até o armário de armas, selecionando duas pistolas de alumínio idênticas àquelas em seus coldres. Ficou perturbado ao perceber que havia apenas uma outra no armário. Tinham perdido uma fortuna em armas. Bem, ele só teria que providenciar para que Waxillium pagasse devidamente por isso. Miles andou a passos largos pela sala, as correntes estalavam no chão, os homens grunhiam. O ar cheirava ao coque usado nas fornalhas inativas.

— Armas a postos! — ordenou Miles. — Fiquem prontos para atirar no momento em que abrirmos essa coisa.

Os Desaparecidos se olharam, confusos, mas sacaram as armas. Havia cerca de doze homens ali, com alguns outros na reserva. Só para garantir. Nunca se devia pôr todas as balas na mesma arma quando Waxillium estivesse por perto.

— Mas, chefe, os relatos dizem que o trem saiu sem nenhum guarda dentro

do vagão! — interpelou um dos Desaparecidos.

Miles inclinou a arma.

— Se você encontrar um prédio sem ratos, filho, pode ter certeza que algo mais perigoso os espantou.

— Você acha que ele está aí dentro? — perguntou Empurrão, num tom quase monótono, aproximando-se de Miles. Obviamente, ele não ouvira a conversa sobre Wax na barcaça.

Miles assentiu em silêncio.

— E você o trouxe até aqui.

Miles assentiu de novo.

O rosto de Empurrão ficou sombrio.

— Devia ter nos dito.

— Entregaram vocês a mim para me ajudar a lidar com ele — disse Miles. — Eu só queria que vocês, rapazes, tivessem essa chance. — Ele se virou. — Liguem o motor!

Um dos homens puxou a alavanca, e as correntes se estenderam. Gemeram, puxando a porta. O vagão rangeu, mas foi mantido no lugar pelas outras correntes atrás dele.

— Fiquem a postos! — gritou Miles. — Quando a porta se abrir, atirem em qualquer coisa que *tremer* dentro do vagão. Usem *apenas* alumínio e não economizem munição. Podemos recolher as balas mais tarde e refundir.

A porta do vagão entortou no batente, o metal gemeu. Miles e seus homens moveram-se para as laterais, longe do caminho das correntes. Três correram rapidamente para preparar a arma giratória, mas Miles acenou para pararem. Não tinham balas de alumínio para ela, então dispará-la poderia ser um desastre contra um Lançamoedas preparado.

Miles voltou a atenção para o vagão-cofre. Prendeu a respiração e sentiu o corpo ficar mais quente enquanto drenava poder da mente de metal. Não precisava respirar. Seu corpo se renovava a cada momento. Pararia suas batidas cardíacas se pudesse. Eram um aborrecimento quando estava tentando mirar.

Mesmo sem respirar, ele nunca tinha sido capaz de atirar tão bem quanto Wax. Claro que ninguém era capaz. O homem parecia ter uma capacidade inata para armas de fogo. Miles o vira acertar tiros que ele teria jurado serem impossíveis. Parecia quase uma pena matar um homem desses. Seria como

queimar uma pintura única, uma obra-prima.

Mas era o que precisava ser feito. Miles estendeu o braço, mirando. A porta continuou a entortar, e os elos das várias correntes começaram a se deformar. Mas havia correntes suficientes, e o motor era tão potente que as dobradiças da porta aos poucos se rompiam. Pedaços de metal se soltaram, parafusos estalaram e voaram pelo ar. Um bateu no rosto de Miles, rasgando a pele, mas o corte se regenerou imediatamente. Sem dor. Lembrava-se apenas vagamente da sensação de dor.

Em seguida, a porta soltou seu rangido final de morte, libertando-se e voando pela câmara. Caiu no chão e deslizou, soltando faíscas, enquanto o homem que estava na alavanca rapidamente desligava o motor. A porta parou entre os Desaparecidos, que miraram nervosamente para o interior escuro do vagão.

Vamos, Wax, pensou Miles. *Jogue suas cartas. Você veio até mim. Até meu covil, até minha toca. Você é meu agora.*

Pobre tolo. Wax nunca conseguia se segurar quando uma mulher estava em perigo.

Foi quando Miles percebeu o fio. Fino, quase invisível, que ia da porta caída até dentro do vagão. Deve ter sido amarrado à porta com muita folga. Quando arrancaram a porta, o fio não rompeu, mas ficou esticado. O que…

Miles olhou de novo para a porta caída. Fita. Dinamite.

Ah, que desgraça.

Alguém dentro do vagão, escondido atrás da caixa de alumínio, esticou o fio com um puxão repentino.

18



Lá fora, a câmara inteira balançou. Dentro, o vagão sacudiu, embora tivesse parecido que alguém fora gentil o bastante para prendê-lo no lugar, impedindo que Waxillium fosse chacoalhado demais. Ele segurou firme a corda que havia prendido nas paredes do vagão e manteve a cabeça baixa e Vindicação erguida, ao lado da orelha.

Assim que a onda explosiva passou, ele se jogou por cima da caixa e saiu agachado para a câmara. A fumaça rodopiava no ar; pedaços de pedra e aço estavam espalhados pelo chão. A maioria das luzes havia sido apagada pela explosão, e as que restaram balançavam loucamente, pintando a câmara com sombras desconcertantes.

Waxillium observou a devastação e fez uma contagem rápida. Ao menos quatro homens derrubados. Provavelmente teria atingido mais detonando a dinamite antes, mas temeu ferir inocentes. Precisou de um momento para olhar ao redor e garantir que Steris ou outros reféns não estavam por perto.

Waxillium *empurrou* um pedaço de metal, lançando-se para cima e para trás antes que os Desaparecidos pudessem mirar nele. Ele mirou Vindicação enquanto voava, acertando um homem que estava se levantando e sacudindo a cabeça. Aterrissou no topo do vagão e atirou mais duas vezes com precisão, matando mais dois Desaparecidos.

Uma figura desgrenhada se ergueu na lateral do salão, e Waxillium atirou antes de reconhecer Miles. O lado esquerdo do sobretudo e da camisa estavam em farrapos, mas ele já se recuperara e levantava sua arma.

Caramba, pensou Waxillium, agachando-se atrás do vagão. Esperava se ver em um esconderijo mais tradicional, com corredores estreitos e cantos escondidos, não naquele espaço aberto que parecia um curral feito de pedra. Seria difícil não ficar encurralado ali dentro.

Olhou pela lateral do vagão e foi recebido por uma saraivada de tiros vindos de quatro ou cinco lugares diferentes. Recuou, recarregando rapidamente Vindicação com balas comuns. Já estava cercado. Aquilo *não* estava indo bem.

Outra luz do salão piscou e se apagou. Focos de incêndio iniciados pela explosão iluminavam o salão com um brilho vermelho ancestral. Waxillium agachou-se, com Vindicação em punho. Nem se incomodou em criar uma bolha de aço; todos estavam disparando balas de alumínio.

Tinha apenas duas opções: ficar encurralado e ser morto quando eles rodeassem o vagão ou arriscar tomar um tiro quando saísse dali. E assim seria. Ele chutou para cima um pedaço de metal e o *empurrou* diante de si. O metal atraiu tiros enquanto ele saltava, *empurrando* atrás de si para erguer-se no ar. Ele se virou de lado, atirando enquanto voava, fazendo-o mais para forçar os inimigos a manter a cabeça abaixada, mas conseguiu acertar um antes de chegar ao chão e deslizar para a sombra de algumas caixas caídas.

Ele se endireitou e recarregou a arma com rapidez. Sentiu dor na lateral do corpo e viu que sangrava pela atadura. O vagão tinha sido preso ao fundo do salão. Ele avançara para a esquerda e terminara num canto ao fundo do salão, onde havia caixas empilhadas. Um pouco à frente dele, a parede se abria para algum tipo de túnel. Talvez ele pudesse correr para lá.

Ele saiu por um dos lados das caixas e acertou um dos Desaparecidos em cheio na testa. Em seguida, rolou para se esconder atrás de uma pilha maior de caixas.

Alguém estava se esgueirando à esquerda das caixas; ele conseguia ouvir os passos esmagando pedacinhos de escombros causados pela explosão. Waxillium ergueu a arma, deu um passo para o lado e atirou.

O homem de terno preto ergueu a mão com tranquilidade. Rastreando a bala com as linhas azuis de um alomântico, Waxillium conseguiu vê-la voar para trás e atingir a parede atrás dele. *Excelente. Um Lançamoedas*, pensou. Ele rolou o tambor de Vindicação, travando-o no lugar. Infelizmente, tiros de outros Desaparecidos forçaram-no a recuar antes que pudesse disparar a bala especial.

Aquele Lançamoedas estava próximo, e Waxillium precisava se mover logo. Agarrou alguns lenços com pesos que trazia nos bolsos e os jogou com *empurrões* para atrair os tiros e, em seguida, saiu pelo lado direito das caixas. Tinha que se manter em movimento. Era…

Ele se viu cara a cara com alguém que havia circundado a caixa para chegar

até ele pela lateral. O homem magro tinha a pele cinzenta e usava o chapéu de Wayne.

Tarson, assim o chamaram no outro combate.

Seus olhos arregalaram-se, surpresos, e o homem desferiu um soco, sem se importar com o revólver que segurava. O homem tinha sangue koloss, talvez fosse um Braço de Peltre também, considerando como se recuperou facilmente dos tiros que levou. Homens como ele com frequência pensavam em socos primeiro e, depois, em armas.

Waxillium mal conseguiu recuar a tempo e sentiu o soco raspar a ponta do nariz e acertar uma das caixas, esmagando-a. Ele ergueu Vindicação, mas Tarson, movendo-se com rapidez sobrenatural, deu um tapa na arma, arrancando-a da mão de Wax. Sim, certamente era um Braço de Peltre. Homens com sangue koloss eram fortes, mas não tão ágeis.

Por reflexo, Waxillium *empurrou-se* para trás, pois enfrentar aquele homem mano a mano seria suicídio. Isso…

O telhado explodiu.

Bem, não o telhado todo. Apenas a parte acima de Waxillium, por onde o vagão parecia ter sido abaixado em alguma plataforma mecânica. Waxillium desviou quando pedaços de metal caíram e *empurrou* alguns para longe. Tiros irromperam lá de cima, e o Braço de Peltre desviou para trás quando algumas balas atingiram as caixas próximas.

Uma figura caiu lá de cima, usando um sobretudo e segurando um par de bastões de duelo. Wayne aterrissou com tudo ao lado de Waxillium, grunhindo de dor, e o brilho distinto de uma bolha de velocidade surgiu ao redor deles.

— Ai! — disse Wayne, rolando e esticando a perna, deixando-a curar-se da fratura.

— Você não precisava descer tão rápido — comentou Waxillium.

— Ah, é? Olhe para cima, cabeção.

Waxillium olhou para cima. Enquanto ele estivera lutando com o Braço de Peltre, o Lançamoedas de terno preto tinha avançado. O homem estava aterrissando lentamente sobre as caixas, com um revólver na mão. Um sopro de fumaça se formou enquanto a bala saía devagar do cano. Apontada para a cabeça de Waxillium.

Waxillium estremeceu e deu um passo deliberado para o lado.

— Obrigado. E… “cabeção”?

— Estou tentando melhorar meus insultos — disse Wayne, levantando-se. — Gosta do sobretudo novo?

— *Por isso* você demorou tanto? Por favor, diga que você não foi fazer compras enquanto eu estava lutando pela minha vida.

— Tive que derrubar três desgraçados que estavam vigiando a entrada lá em cima — disse Wayne, girando os bastões de duelo. — Um deles tinha esta bela vestimenta sobre sua pessoa. — Ele hesitou. — Me atrasei um pouco porque estava tentando imaginar uma maneira de derrubá-lo sem estragar o sobretudo.

— Ótimo.

— Fiz Marasi atirar no pé dele — disse Wayne, com um sorrisinho. — Está pronto para ir em frente? Vou tentar pegar de jeito nosso amigo com sangue koloss ali.

— Cuidado — alertou Waxillium. — Ele é um Braço de Peltre.

— Que encanto. Você sempre me apresenta as pessoas mais adoráveis, Wax. Marasi vai nos cobrir lá de cima, mantendo os atiradores encurralados. Consegue lidar com o Lançamoedas?

— Se eu não conseguir, é hora de me aposentar.

— Ah... É assim que estão chamando “tomar tiro” hoje em dia? Vou me lembrar disso. Pronto?

— Vamos.

Wayne desfez a bolha de velocidade e rolou para a frente, surpreendendo o Braço de Peltre quando deu a volta nas caixas. A bala do Lançamoedas atingiu o chão. Waxillium saltou para pegar Vindicação, que havia caído em cima de uma caixa próxima quando fora arrancada de sua mão.

O Lançamoedas se moveu por reflexo, pulando e *empurrando* a arma. Ranette podia ser muitas coisas, mas rica não era, por isso Vindicação não era feita de alumínio. O *empurrão* do Lançamoedas lançou a arma na direção da cabeça de Waxillium. Ele xingou, desviando-se, e deixou a arma passar por ele. Tinha outras armas, claro, mas elas estavam carregadas apenas com balas comuns.

Imaginando que o Lançamoedas estava tentando bater a arma contra a parede para quebrá-la, Waxillium a *empurrou* para cima com toda a sua força, fazendo a arma subir pelo buraco no teto.

Waxillium seguiu-a, soltando uma bala e lançando-se atrás de sua arma. O Lançamoedas tentou atirar nele, mas um tiro bem dado por Marasi, que estava usando balas de alumínio, quase o acertou na cabeça e fez com que ele recuasse.

Waxillium passou por uma onda de brumas que entravam pela câmara como uma cachoeira. Ele irrompeu no céu noturno e brumoso e agarrou Vindicação no ar. *Empurrou-se* de lado, usando um poste de iluminação como apoio, quando as balas zuniram atrás dele, deixando traços nas brumas.

Ele bateu no prédio ao lado e agarrou-se, mas algo escuro se alçou no ar acima da câmara. O Lançamoedas. Outro homem usando roupas pretas o acompanhava, também algum tipo de alomântico, embora a trajetória de seu voo parecesse mais com a de um Atraidor.

Excelente. Waxillium apontou a arma para baixo e atirou uma bala comum no chão. Em seguida, *empurrou* para baixo enquanto diminuía seu peso e se erguia ainda mais no ar. Os outros dois o seguiram em saltos graciosos, e Waxillium girou o tambor de Vindicação, travando-o na câmara especial.

Adeus, pensou ele, atirando na cabeça do Lançamoedas.

Por puro acaso, o homem *empurrou-se* para o lado naquele momento. Não foi uma esquiva deliberada, apenas sorte. A bala rasgou as brumas, inútil, e passou pelo homem, que ergueu sua arma e deu alguns disparos, um deles pegando de raspão a lateral do braço de Waxillium.

Waxillium xingou quando seu sangue espirrou na noite escura e se *empurrou* para o lado, movendo-se erraticamente e evitando os disparos. *Idiota!*, pensou, furioso. *Não importa o quanto suas balas sejam boas se você não mirar com cuidado.*

Concentrou-se em não ser alcançado pelos dois, saltando para a frente e para trás na lateral do enorme Espinha de Ferro. O Lançamoedas movia-se em belos saltos atrás dele enquanto o Atraidor era mais direto e se *puxava* para a estrutura de aço do prédio em movimentos bruscos. Saltava para longe e depois se *puxava* para cima e de volta para o prédio, como uma versão estranha e inversa de rapel.

Os dois economizavam as balas, esperando pelo momento de dar um tiro certeiro. Waxillium fazia o mesmo, mas por um motivo diferente: não sabia se atirar neles adiantaria alguma coisa. Precisava carregar outra bala matabrumas. E, se possível, separar os dois alomânticos para poder lidar com um deles por vez.

Continuou subindo pelo edifício, *empurrando* o aço embaixo da pedra nos

parapeitos onde aterrissava. Logo encontrou o mesmo problema que teve na primeira vez que escalou aquele prédio. Ele ficava mais estreito no topo, e, ao subir, Waxillium conseguia apenas se afastar, não se aproximar da estrutura. Dessa vez, não tinha suas escopetas. Tinha entregado a Tillaume.

Tinha aquela bala matabrumas, aquela feita para atingir um Braço de Peltre com mais força. Ele hesitou. Deveria guardá-la para o homem lá embaixo?

Não. Se morresse agora, não teria chance de enfrentar o homem lá embaixo. Waxillium estendeu a mão, puxando o gatilho e empurrando-se para trás. A bala não era tão forte quanto as que usava na escopeta, mas, leve como estava, empurrou-o para trás na direção do prédio.

O Lançamoedas passou por ele no ar, parecendo surpreso. O homem ergueu a arma, mas Waxillium atirou primeiro. Uma bala comum, mas o Lançamoedas foi forçado a *empurrá*-la para afastar o projétil. Waxillium *empurrou* ao mesmo tempo, e isso o lançou para o prédio. O Lançamoedas infeliz foi arremessado a céu aberto para longe da torre.

Ótimo, pensou Waxillium. A quase cem metros de altura, ele agarrou a fachada. Atirou para baixo, na direção do Atraidor, mas o homem estava *puxando* com cuidado. A bala de Waxillium traçou um arco e atingiu a placa no peito do Atraidor.

Waxillium hesitou por um instante e, em seguida, soltou a parede, equilibrando-se enquanto puxava o outro revólver do segundo coldre de ombro.

Ele o esvaziou, disparando seis tiros em sucessão rápida. O Atraidor virou-se, inclinando o peito na direção de Waxillium, e faíscas voaram enquanto as balas atingiam a placa peitoral. A sorte não estava ao lado de Waxillium; às vezes, era possível matar um Atraidor daquela forma, quando uma das balas ricocheteava na direção do rosto ou a placa peitoral se soltava. Não nessa noite.

Soltando um palavrão, Waxillium se lançou no ar e, em queda, passou pelo homem. O Atraidor saltou no ar atrás dele. Eles despencaram através das brumas.

Waxillium deu um tiro para baixo a fim de reduzir a velocidade pouco antes de atingir o chão. Precisava acertar um tiro no Atraidor no ângulo certo para…

Um segundo tiro estalou no ar, e o Atraidor gritou. Waxillium virou-se, erguendo a arma, mas o Atraidor caiu de cara no chão, já sangrando.

Marasi apareceu num arbusto perto dele.

— Ai! Parece que isso doeu. — Ela se encolheu, parecendo preocupada com o homem que acabara de acertar com um tiro de alumínio de sua espingarda.

— Doer é meio que a ideia, Marasi.

— Alvos não gritam.

— Tecnicamente, ele era um alvo também. *E agradeço muito a Wayne por ter pegado as balas erradas depois do jantar de casamento.* — Ele hesitou. O que estava esquecendo?

O Lançamoedas.

Waxillium xingou, soltando a pistola comum, que já estava vazia, e agarrando Marasi. Ele saltou pela abertura quando uma rajada de tiros veio das brumas, quase os acertando. Waxillium desceu com ela pela câmara, aterrissando suavemente.

A cena na câmara inferior estava caótica. Homens em frangalhos no chão, alguns mortos pela explosão, outros derrubados pelos tiros de Waxillium. Um grupo grande de Desaparecidos estava reunido perto do túnel à esquerda, atirando em Wayne, que estava em plena forma, queimando sua curvaliga como um louco. Ele aparecia, atraía tiros e, em seguida, desaparecia num borrão para reaparecer bem ao lado de onde estava. Gritava uns insultos quando as balas o erravam e se movia de novo.

Os atiradores tentavam adivinhar onde ele reapareceria, mas era em vão, pois Wayne conseguia reduzir o tempo, ver onde as balas acertariam e andar até um lugar onde elas não o atingiriam. Era preciso muita sorte e habilidade para acertar um Deslizante que percebesse sua presença.

Por mais impressionante que fosse, era uma tática de distração. Com tantos homens atirando nele, Wayne não podia arriscar uma aproximação. Tinha que esperar por um momento entre a criação das bolhas de velocidade, e, se estivesse perto demais dos homens, havia uma boa chance de conseguirem mirar e atingi-lo nos segundos em que ele estivesse exposto. Quanto mais tempo passasse, melhor os homens que atiravam nele perceberiam suas pausas. Se continuasse assim por muito tempo, seria atingido.

Waxillium analisou a cena e estendeu a mão para Marasi.

— Dinamite.

Ela entregou um estojo para ele.

— Encontre uma cobertura. Tente acertar aquele Lançamoedas quando ele

descer atrás de nós. — Waxillium entrou correndo no salão, atirando sem olhar para o grupo de homens. Eles gritaram, esquivando-se para buscar cobertura. Waxillium alcançou Wayne no instante em que ele ergueu uma bolha de velocidade.

— Obrigado — disse Wayne. Trilhas de suor corriam pelas laterais do seu rosto, embora ele estivesse sorrindo.

— E o Braço de Peltre? — perguntou Waxillium.

— Lutamos até uma trégua — respondeu Wayne. — O desgraçado é *rápido*.

Waxillium concordou com a cabeça. Queimadores de peltre sempre causavam problemas para Wayne; ele podia se recuperar muito mais rápido, mas os poderes de um Braço de Peltre deixavam a pessoa rápida e forte. Numa luta mano a mano, Wayne ficava em desvantagem.

— Ele ainda está com meu chapéu da sorte — observou Wayne, meneando a cabeça para onde o homem de pele cinzenta estava, atrás do grupo de Desaparecidos, incentivando-os. — Aquele último grupo veio daquele túnel. Acho que tem mais homens lá embaixo. Não sei por que Miles não os trouxe para cá.

— Armas demais atirando num galpão deste tamanho. Muito arriscado para seus homens — disse Waxillium, olhando ao redor. — Ele quer ter reservas para tentar nos deixar exaustos. Aliás, onde está Miles?

— Tentando me flanquear — disse Wayne. — Acho que está escondido ao lado do vagão.

Wayne e ele estavam no centro da câmara; o vagão estava atrás deles, à esquerda, as caixas e caixotes e o túnel à direita.

Waxillium poderia chegar ao vagão com facilidade.

— Ótimo — disse ele. — Nosso primeiro plano para lidar com Miles ainda está de pé.

— Acho que não vai funcionar.

— É por isso que temos um segundo plano. Mas vamos esperar que esse funcione. Não gostaria de pôr Marasi ainda mais em perigo. — Waxillium ergueu a dinamite. Não tinha pavio. Era feita para ser explodida por um detonador. — Você pega aqueles homens. Eu pego Miles. Está pronto?

— Tô.

Waxillium jogou a dinamite, e Wayne derrubou a bolha de velocidade pouco

antes de o explosivo atingir a borda. Qualquer objeto, especialmente os pequenos, que saísse de uma bolha de velocidade se desviava levemente de um jeito imprevisível. Por isso, disparar tiros dentro de uma delas era praticamente inútil.

Os Desaparecidos olharam de seus esconderijos. A dinamite caiu na direção deles. Waxillium ergueu Vindicação e disparou a última bala do tambor na dinamite.

A explosão sacudiu a sala, o som alto o bastante para deixar os ouvidos de Waxillium apitando. Ele se virou, ignorando o barulho, e viu Miles saindo detrás do vagão. Waxillium pegou um punhado de cartuchos e correu para o vagão-cofre, entrando rapidamente para ter cobertura enquanto recarregava a arma.

Uma figura escureceu a entrada um momento depois.

— Olá, Wax — disse Miles. Ele entrou no vagão-cofre.

— Olá, Miles. — Respirando fundo, Waxillium *empurrou* os ganchos de metal acima, que ele havia afixado ali para segurar as redes. Eles se soltaram, deixando cair as redes sobre Miles.

Enquanto Miles se remexia, surpreso, Waxillium *empurrou* os fechos presos às redes, arremessando-os para fora pelo buraco onde ficava a porta. O movimento puxou as redes, o que fez Miles perder o equilíbrio.

Ele caiu no chão do vagão e bateu a cabeça contra a caixa que continha a carga de alumínio. Isso provavelmente nem o deixou zonzo, mas a queda desajeitada *fez* com que ele soltasse a arma. Waxillium saltou para a frente, pegando a pistola e puxando-a para fora das redes. Em seguida, levantou-se, ofegante.

Miles debatia-se nas redes. Apesar de seus poderes incríveis de cura, ele não era mais forte que nenhum homem comum. O truque não era ma-tá-lo, apenas para incapacitá-lo. Waxillium avançou e teve a chance de aplicar uma atadura no braço. Não estava mal, mas sangrava mais do que gostaria.

Miles olhou para ele, acalmando-se. Em seguida, pôs a mão no bolso, tirou um estojo de charuto e puxou um bastão fino e pequeno de dinamite.

Waxillium ficou paralisado. Teve um lampejo horrível, percebendo o que aconteceria, seguido de uma onda de terror.

Ai, desgraça! Ele se jogou além de Miles, para fora do vagão. O salto desajeitado fez com que girasse no ar. Em um vislumbre, viu Miles arrancando a

tampa detonadora da dinamite. O homem foi envolvido por uma explosão brilhante e poderosa, que lançou Waxillium para a frente como uma folha ao vento. Ele bateu com tudo no chão e perdeu a visão e a percepção por um instante. Voltou a si, ensanguentado, zonzo, rolando até parar. A cabeça zumbia. Não conseguia se mexer ou mesmo pensar, o coração palpitava no peito.

Uma figura estava em pé no vagão. A visão de Waxillium estava borrada demais para identificar qualquer coisa, mas ele sabia que era Miles. As roupas estavam rasgadas, grande parte havia sido arrancada do corpo, mas ele estava inteiro. Havia estourado a dinamite *na própria mão* para se libertar das redes.

Ferrugem e Ruína…, pensou Waxillium, tossindo. Quão ferido estava? Ele rolou de barriga para cima, entorpecido, o que não era um bom sinal.

— Existe alguma dúvida de que fui escolhido para algo grandioso? — berrou Miles. Waxillium mal conseguia ouvi-lo; seus ouvidos ficaram quase inúteis depois da explosão. — Por que mais eu teria este poder, Waxillium? Por que mais *nós* seríamos o que somos? E, ainda assim, deixamos outros governarem. Deixamos que baguncem nosso mundo enquanto não fazemos nada além de perseguir ladrõezinhos. — Miles saiu do vagão e andou a passos largos, de peito nu, as calças pendendo em farrapos. — Estou cansado de fazer o que a cidade me diz. Eu devia estar ajudando as pessoas, não entrando em lutas sem sentido, como prescrito pelos corruptos e os insensíveis.

Ele chegou a Waxillium, inclinando-se.

— Não consegue ver? Não consegue ver o trabalho importante que poderíamos estar fazendo? Não consegue ver que nós fomos *feitos* para isso, talvez até para governar? É quase como… como se nós, com os poderes que temos, fôssemos divinos. — Ele parecia estar quase implorando para Waxillium concordar, lhe dar razão.

Waxillium apenas tossiu.

— Ah — disse Miles, erguendo-se. Ele fechou a mão. — Acha que não sei que a única maneira de me conter é me amarrar? Descobri que uma pequena explosão pode servir muito bem a um homem. Guardo dinamite nos estojos de charuto. Pouca gente descobre. Você devia ter interrogado os criminosos que peguei lá nas Terras Brutas. Alguns deles tentaram me capturar com cordas.

— Eu… — Waxillium tossiu. Sua voz parecia estranha aos ouvidos. — Não poderia falar com nenhum dos criminosos que você pegou. Você matou todos, Miles.

— É mesmo — concordou Miles. Ele pegou Waxillium pelo ombro, fazendo com que ficasse em pé. — Vejo que você afastou minha arma quando saltou para fora do trem. Maravilha. — Ele socou Waxillium na barriga, fazendo com que soltasse um grunhido. Em seguida, Miles o deixou cair no chão e foi até uma arma que estava por perto.

Zonzo, mas sabendo que precisava se esconder, Waxillium cambaleou até se recompor. *Empurrou* contra uma parte da máquina e se lançou pela câmara até aterrissar ao lado das caixas, que haviam sido espalhadas na explosão, mas ainda ofereciam guarida.

Tossindo e sangrando, ele rastejou para trás delas e despencou.

Wayne girou entre dois Desaparecidos. Ele golpeou com os bastões de duelo, atingindo as costas de um dos homens. Foi recompensado com um estalo satisfatório. O homem caiu.

Wayne deu um sorriso, derrubando a bolha de velocidade. O outro homem, que havia ficado preso nela com ele, girou, tentando mirar em Wayne, mas, enquanto estava veloz, colocara-se sem querer no caminho de vários de seus camaradas que estavam atirando.

O Desaparecido caiu em meio a uma saraivada de balas. Wayne saltou para trás, erguendo outra bolha ao redor dele e de um Desaparecido, que pareceu confuso.

Tudo lá fora avançava devagar, as balas pararam no ar, os gritos desapareceram, suas ondas de som se espalhando quando atingiam a bolha de velocidade. Aquilo tudo causava efeitos estranhos ao som. Wayne girou e arrancou a arma das mãos do Desaparecido atrás dele. Então, avançou e acertou a ponta do bastão no pescoço do homem. Surpreso, o homem gorgolejou; Wayne o atingiu ao lado da cabeça, derrubando-o.

Ele recuou, ofegante, girando um dos bastões. Sua curvaliga estava acabando, então engoliu outro pedacinho. O último. Mais preocupantes eram suas mentes de metal, que estavam quase totalmente vazias. *De novo.* Odiava lutar daquele jeito. Um único tiro podia acabar com ele. Era tão frágil quanto… bem, todo mundo. Isso era perturbador.

Ele se aproximou do perímetro de sua bolha de velocidade, desejando que ela se movesse com ele. Aquele Braço de Peltre ainda estava usando seu chapéu da sorte; o homem havia se esgueirado para trás de uma proteção quando Wax

jogara a dinamite e tinha acabado de reaparecer. Não parecia ter se ferido muito; alguns arranhões no rosto, o tipo de coisa que um Braço de Peltre podia ignorar. Isso não era bom, mas ao menos o chapéu estava bem.

O homem tinha começado a avançar na direção de Wayne, movendo-se com extrema lentidão, ainda assim mais rápido que os outros Desaparecidos. Era frustrante, mas Wayne sabia que precisava ficar longe do homem. Nunca havia derrubado um Braço de Peltre sem muita saúde armazenada. Era melhor continuar pulando, mantendo o homem confuso até Marasi ou Wax conseguirem dar uns tiros nele.

Wayne virou-se e examinou a área próxima, escolhendo onde deveria ficar quando derrubasse a bolha. Com tantas balas sendo disparadas, ele não queria…

Aquele era *Wax*?

Wayne assustou-se, percebendo apenas neste momento a forma ensanguentada de Waxillium arrastando-se pela sala, como num empurrão de aço. Wax estava seguindo na direção de um monte de caixas no fundo do salão, à esquerda de Wayne. Seu terno estava rasgado e queimado. Outra explosão? Wayne pensara ter ouvido alguma coisa, mas saltar de uma bolha de velocidade para outra pode realmente fazer um estrago na percepção dos sons.

Wax precisava dele. Era hora de terminar aquela luta, então. Wayne derrubou a bolha e correu. Contou até dois, ergueu outra bolha e desviou para a direita. Derrubou-a e continuou correndo, ouvindo as balas zunirem pelo ar onde ele estivera. Para os olhos daqueles que tentavam acompanhá-lo, ele era um borrão que aparecia imediatamente à direita de onde estava. Fez aquilo de novo, desviando para outra direção, e derrubou a bolha.

Estava quase lá. Outra bolha e…

Algo atingiu seu braço. Sentiu o sangue antes da dor, por mais estranho que fosse. Xingou, cambaleando, e ergueu uma bolha de imediato.

Agarrou o braço. O sangue quente corria entre os dedos, e, em pânico, ele drenou a última gota de cura de sua mente de metal. Não foi suficiente para cicatrizar o ferimento de bala; na verdade, mal reduziu o sangramento. Ele se virou, percebendo outra bala prestes a atingir a bolha de velocidade. Saltou para o lado antes que ela tocasse o perímetro, zunisse no ar por um instante e atingisse o outro lado da bolha, perdendo velocidade e sendo desviada de um jeito errático na direção do teto.

Desgraça, pensou Wayne, amarrando uma atadura improvisada no braço

ferido. *Alguém tem uma mira muito boa.* Ele olhou ao redor e viu o Lançamoedas ajoelhado ao lado da parede, segurando uma espingarda familiar e mirando em Wayne. A espingarda era aquela que Ranette dera a Marasi. *Bem, isso está se complicando mais rápido que uma queima de curvaliga.*

Ele teve um momento de hesitação. Wax estava caído. Mas Marasi… o que havia acontecido com ela? Wayne não conseguia vê-la em lugar nenhum, embora o Lançamoedas estivesse escondido ao lado de alguma máquina e usasse a arma da moça. Isso dizia muito.

Wax iria querer que ele fosse ajudar a garota.

Cerrando os dentes, Wayne virou-se e correu na direção do Lançamoedas.

Waxillium gemeu, esticou-se apesar da dor e puxou a pequena pistola de dois tiros que trazia no coldre de tornozelo. Tinha perdido Vindicação na explosão (Ranette o mataria por isso) e deixado a outra arma na superfície quando agarrou Marasi. Estava reduzido àquela arma.

Sem sucesso, tentou engatilhar a pequena pistola com a mão trêmula. Nem ousou tatear o corpo para examinar a extensão de seus ferimentos. A perna e o braço estavam esfolados.

A bruma continuava a descer pelo buraco lá em cima e quase havia coberto aquele lado do galpão. Em desespero, Waxillium percebeu que sua pistola de dois tiros havia sido danificada na explosão e que o cão não engatilhava mais. Não que ela fosse ser útil contra Miles.

Ele gemeu de novo, deitando a cabeça no chão.

Pensei que eu tivesse pedido um pouco de ajuda.

Uma voz o respondeu, distinta e inesperada.

E foi o que você recebeu, creio.

Waxillium se assustou.

Bem… então posso receber mais um pouco? Hum, por favor?

Preciso ter cuidado ao favorecer alguém, respondeu a voz dentro de sua mente. *Isso atrapalha o equilíbrio.*

Você é Deus. Favorecer não é meio que o objetivo?

Não, retrucou a voz. *O objetivo é a harmonia, criar um caminho para o máximo possível de pessoas fazerem suas escolhas.*

Waxillium ficou olhando para as brumas rodopiantes. O estouro o havia deixado mais zonzo do que ele pensava.

Você é divino, perguntou-lhe a voz, *como Miles alega de que os alomânticos são?*

Eu…, pensou Waxillium. *Se eu fosse, duvido que sentiria tanta dor.*

Então, o que você é?

Essa é uma conversa muito bizarra, pensou Waxillium em resposta.

Sim.

Como pode ver coisas como as que têm sido feitas pelos Desaparecidos e não fazer nada para ajudar?, perguntou Waxillium.

Eu fiz *algo para ajudar. Mandei você.*

Waxillium exalou, soprando as brumas diante dele. O que Miles dissera o incomodou. *Por que mais seríamos o que somos?*

Waxillium cerrou os dentes e se esforçou para se levantar. Sentia-se melhor nas brumas. Os ferimentos não pareciam tão ruins. A dor não parecia tão aguda. Mas ainda estava desarmado. Ainda encurralado. Ainda…

De repente, reconheceu a caixa diante dele. Era sua arca. Aquela que ele levara consigo quando partiu para as Terras Brutas vinte anos antes. Aquela surrada e envelhecida que trouxera de volta consigo para a cidade.

Aquela que ele havia enchido de armas naquela noite meses antes. Havia uma franja de um casaco de bruma pendendo para fora.

De nada, sussurrou a voz.

Marasi escondeu-se nas sombras atrás do vagão quebrado, ansiosa, com o coração aos pulos. O Lançamoedas tinha ido atrás dela depois do que ela fizera ao seu amigo. Com sua Alomancia, ele era capaz de vê-la para onde quer que ela corresse, apesar da escuridão e das brumas, então ela enfiou o rifle atrás de algumas caixas e se escondeu em outro lugar.

Parecia covardia, mas tinha funcionado. Ele havia atirado algumas vezes nas caixas e, em seguida, dado a volta, mas encontrara apenas a arma, parecendo perplexo. Obviamente esperava encontrá-la sangrando e morta.

Em vez disso, ela estava simplesmente desarmada. Tinha que conseguir uma arma, precisava fazer *alguma coisa.* Wayne tinha sido alvejado; atraiu o Lançamoedas, mas estava perdendo sangue quando ela o viu.

O galpão estava um caos, e isso a deixava desorientada. Wayne lhe dissera que os estojos de dinamite que tinham eram relativamente pequenos, mas detoná-los em espaços fechados ainda causava um ruído enorme e doloroso. Os tiros eram quase iguais; o ar cheirava a fumaça, e, quando os disparos não estavam soando, ela quase conseguia ouvir os homens gemendo, xingando e morrendo.

Além da luta no jantar de casamento, ela nunca tinha estado em qualquer tipo de batalha. Naquele momento, não sabia o que fazer e perdera até a noção de direção. O espaço estava escuro, iluminado apenas por chamas tremeluzentes, e as brumas formavam aparições ao redor.

Alguns dos Desaparecidos estavam encolhidos, juntos, vigiando a boca do túnel com o homem de sangue koloss. Ela mal conseguia divisá-los quando espreitava de seu esconderijo. Eles mantinham as armas erguidas. Ela não podia ir naquela direção.

Uma figura surgiu na escuridão perto dela, andando a passos largos, e Marasi mal segurou seu susto. Reconheceu Miles Cem-vidas pela descrição: rosto estreito, cabelo escuro curto. Estava de peito nu, expondo um tórax poderoso. As calças estavam em frangalhos. Estava contando as balas de um revólver, e era o único na sala que não estava rastejando ou encolhido. Suas pernas chutavam as brumas, que agora cobriam o chão.

Parou ao lado dos Desaparecidos na boca do túnel e disse algo que ela não conseguiu ouvir. Eles se afastaram, recuando pela passagem. Miles não os seguiu. Em vez disso, atravessou a sala, aproximando-se de Marasi. Ela prendeu a respiração, esperando que ele passasse perto o bastante de seu esconderijo para…

Houve um farfalhar de pano, e o Lançamoedas pousou ao lado de Miles. Miles parou, levantando uma sobrancelha.

— Puxão está morto — disse o Lançamoedas. Marasi conseguia ouvi-lo com dificuldade, mas percebeu que sua voz estava tensa e raivosa. — Eu estava tentando acabar com o pequeno. Ele me faz caçá-lo o tempo todo pelo galpão.

— Acredito que já disse — disse Miles, com a voz alta e encorpada — que Wayne e Waxillium são como ratos. Caçá-los é inútil. Precisa atrai-los para você.

Marasi inclinou-se para a frente, respirando bem leve, mantendo o máximo de silêncio que conseguia. Miles estava perto. Mais alguns passos…

Miles fechou o revólver com um estalo.

— Waxillium rastejou para algum lugar. Eu o perdi, mas ele está ferido e desarmado. — Em seguida, Miles se virou e apontou o revólver diretamente para o esconderijo de Marasi. — Chame-o, por favor, Lady Marasi.

Ela ficou paralisada, sentindo uma pontada aguda de horror. O rosto de Miles estava calmo. Frio. Sem emoção. Ele a mataria sem pensar duas vezes.

— Chame-o — disse Miles, com mais firmeza. — Grite.

Ela abriu a boca, mas não saiu nada. Só conseguia encarar aquela arma. Seu treinamento na universidade lhe dizia para fazer o que lhe ordenavam e correr no momento em que o agressor se virasse. Mas ela não conseguia se mover.

As sombras cobertas de brumas num canto da sala começaram a se mexer. Ela tirou os olhos de Miles. Algo escuro moveu-se nas brumas. Um homem, erguendo-se.

As brumas pareciam se afastar. Waxillium estava lá, em pé, usando um casaco grande como um sobretudo, cortado em tiras abaixo da cintura. Um par de revólveres brilhava nos coldres da cintura, e ele tinha uma escopeta pousada em cada ombro. O rosto estava ensanguentado, mas ele sorria.

Sem dizer uma palavra, ele abaixou as escopetas e disparou contra o flanco de Miles.

19



Atirar em Miles era inútil, claro. O homem podia sobreviver a uma explosão de dinamite à queima-roupa, então também conseguia levar alguns tiros de escopeta.

Mas os tiros fizeram com que o Lançamoedas se *empurrasse* para longe, alarmado, e deixaram Miles salpicado de metal. Wax aumentou seu peso e *empurrou*, embora achasse difícil conseguir uma ancoragem nos estilhaços. Era difícil afetar com Alomancia qualquer metal que perfurasse o corpo de uma pessoa ou tocasse seu sangue.

Felizmente, o corpo de Miles o obrigava, pela cura em si, a livrar-se dos estilhaços. No instante em que os metais caíram, o *empurrão* de Wax encontrou apoio e arremessou Miles pelo galpão até bater na parede.

O Lançamoedas aterrissou do outro lado do galpão. Waxillium avançou, com o casaco de bruma revoando. Caramba, era bom usar aquele casaco de novo. Ele deslizou até parar ao lado de Marasi, buscando cobertura ao lado do vagão.

— Quase peguei ele — disse Marasi.

— Waxillium! — berrou Miles, a voz ecoando no galpão. — Tudo que você faz é se esquivar. Bem, saiba *de uma coisa*: meus homens foram matar a mulher que você veio salvar. Se quiser vê-la viva, entregue-se para mim. Nós…

A voz dele foi interrompida estranhamente. Wax franziu a testa quando algo se moveu atrás de Marasi. Ela deu um salto, e Wax apontou uma escopeta, mas, no fim das contas, era Wayne.

— Ei — disse ele, bufando. — Bela arma.

— Obrigado — disse Wax, encaixando-a no ombro e observando a bolha de velocidade ao redor dos três. Era o que havia parado a voz de Miles. — Seu braço?

Wayne olhou para a atadura ensanguentada ao redor do braço esquerdo.

— Não está bom. Estou sem cura e perdi um pouco de sangue. Estou vagaroso, Wax. Vagaroso demais. Você também parece bem espancado.

— Eu vou sobreviver. — A perna de Wax estava latejando, e o rosto, arranhado e machucado, mas ele se sentia surpreendentemente bem. Sempre se sentia assim nas brumas.

— As coisas que ele está dizendo... — interveio Marasi. — Acha que está dizendo a verdade?

— Talvez esteja, Wax — disse Wayne, com urgência. — Os camaradas que estavam a postos na frente do túnel desapareceram alguns tremores antes. Parecia que tinham alguma coisa importante para fazer.

— Miles *realmente* falou algo para eles — acrescentou Marasi.

— Desgraça — disse Wax, olhando pela lateral do vagão. Miles poderia estar blefando… por outro lado, talvez não estivesse. Não era um risco que Wax poderia assumir. — Aquele Lançamoedas vai dificultar as coisas. Precisamos derrubá-lo.

— O que aconteceu com a arma chique de Ranette? — perguntou Wayne.

— Não sei direito — disse Wax, com uma careta.

— Uau! Ela vai arrancar suas tripas, meu chapa.

— Vou pôr a culpa em você — disse Wax, ainda observando o Lançamoedas. — Ele é bom. Perigoso. Nunca vamos pegar Miles, a menos que aquele alomântico esteja morto.

— Mas você tem aquelas balas especiais — observou Marasi.

— Uma — disse Wax, deslizando uma escopeta no coldre dentro do casaco. Ele puxou a outra bala contra Lançamoedas. — Não acho que um revólver comum vai dispará-la. Eu…

Ele parou de falar ao olhar para Marasi. Ela estava erguendo uma sobrancelha para ele.

— Tudo bem — disse Wax. — Vocês dois conseguem manter Miles ocupado?

— Sem problema — respondeu Wayne.

— Então, vamos — disse Wax, respirando fundo. — Uma última tentativa.

Wayne fitou seus olhos e assentiu com a cabeça. Wax viu a tensão no rosto

do amigo. Os dois estavam esfolados e ensanguentados, com pouco metal e mentes de metal drenadas.

Mas não era a primeira vez. E era assim que conseguiam brilhar ainda mais.

Quando a bolha de velocidade foi desfeita, Wax saiu de trás do vagão. Ele jogou a bala no ar diante dele e *empurrou* com um golpe de força. O Lançamoedas ergueu a mão com sua confiança casual, *empurrando*-a de volta a Wax.

O estojo e o projétil se libertaram e giraram na direção de Wax, que os desviou com facilidade, mas a ponta de cerâmica continuou em sua trajetória e acertou o Lançamoedas bem no olho.

Bendita seja, Ranette, pensou Wax, saltando e *empurrando* as moedas que estavam no bolso de um Desaparecido caído. Esse movimento o levou para dentro do túnel. Havia trilhos no chão, como se fosse feito para um trem.

Wax franziu a testa, perplexo, mas *empurrou*-os, lançando-se sem pensar para dentro da escuridão até chegar a uns degraus que levavam para cima. O teto ali era de madeira; um tipo de estrutura havia sido construído sobre o túnel. Ele avançou pelos degraus, que levavam para uma construção de madeira, talvez uma caserna ou um dormitório.

Wax sorriu; a dor dos ferimentos recuava ainda mais ao passo que ele ficava mais enérgico. Ouviu passos no chão de madeira no topo da escadaria. Estavam prontos para ele. Era uma armadilha, é claro.

Descobriu que não se importava. Tirou as duas escopetas, *empurrou* os pregos dos degraus e se lançou para o alto pela escadaria. Passou pelo primeiro andar e continuou na direção do segundo, pois preferia verificar lá em cima primeiro, depois embaixo. Se Steris estivesse sendo mantida ali, provavelmente estaria na parte de cima.

Agora, sim, estamos queimando metal, pensou Wax, avivando o metal, aumentando a energia. Ele jogou o ombro contra a porta no topo das escadas, irrompendo num corredor. Pés bateram nos degraus enquanto homens subiam atrás dele e outros saíram dos aposentos próximos, totalmente armados, sem usar nada de metal.

Wax sorriu, erguendo as escopetas. *Tudo bem. Vamos em frente.*

Wax *empurrou* com força os pregos nas tábuas do assoalho sob os homens, que erguiam armas de alumínio para ele. As tábuas se soltaram dos pregos, fazendo o chão tremer e atrapalhando a mira dos Desaparecidos. Ele se esquivou

à direita, rolando do corredor para dentro de um cômodo. Levantou-se e girou, erguendo as duas escopetas na direção da porta.

Os Desaparecidos que subiram as escadas ficaram reunidos no corredor, diante da porta, e os braços de Wax recuaram quando começou a disparar as escopetas gêmeas. Ele *empurrou*, jogando os homens para trás e lançando-se pela janela. Aquele edifício era mais um antigo barracão de armazém, e não havia vidros nas janelas, apenas venezianas.

Wax estava ao ar livre. Havia um poste na rua escura, um pouco à esquerda. Ele o *empurrou* ao mesmo tempo que reduzia seu peso a quase nada. O *empurrão* o levou de volta contra a parte externa do prédio, onde ele aterrissou e meio que correu, meio que saltou em paralelo ao chão.

Chegando ao cômodo seguinte, *empurrou* outro poste de luz e atravessou a janela, espalhando madeira ao redor. Aterrissou e se virou na direção da parede entre ele e o aposento que acabara de deixar para trás.

Enfiou as escopetas nos coldres e pegou os revólveres, cruzando os braços para puxá-los. Eram as Sterrions feitas por Ranette, que estavam entre as melhores armas que já tivera. Ergueu-as e aumentou o peso. Em seguida, *empurrou* com força os pregos da parede diante dele.

A madeira barata explodiu, e a parede se desintegrou numa chuva de farpas e tábuas. Os pregos se tornaram tão mortais quanto balas quando voaram na direção dos homens no cômodo ao lado. Wax disparou, derrubando qualquer um que os pregos houvessem errado, numa tempestade de estilhaços, aço e chumbo.

Um clique à esquerda. Wax virou quando a maçaneta girou. Não esperou para ver quem estava atrás. Ele *empurrou* a maçaneta, arrancando-a de sua estrutura e fazendo-a atravessar a porta, acertando o Desaparecido que tentava entrar. A porta se soltou com força, e o infeliz atravessou o corredor e a parede. Como não havia cômodos do outro lado, ele foi arremessado na noite brumosa.

Wax pôs as Sterrions nos coldres, com os canos fumegantes, as câmaras vazias. Puxou as escopetas, rolou para o corredor e manteve-se agachado. Ergueu uma escopeta em cada direção. Alguns Desaparecidos perdidos subiram os degraus à direita dele; outro grupo estava erguendo as armas à esquerda.

Ele *empurrou* as duas alavancas de metal nas laterais das escopetas, engatilhando-as com Alomancia. Os cartuchos gastos caíram, e Waxillium disparou as escopetas enquanto *empurrava*, mandando balas, estilhaços e cartuchos gastos contra os Desaparecidos em ambos os lados.

O chão ao lado de Waxillium explodiu.

Ele xingou, lançando-se para a esquerda, quando uma saraivada de tiros vindos de baixo arremessou pedaços de madeira pelos ares. Estavam ficando espertos, disparando nele a partir do andar inferior. Ele se virou e correu, disparando contra o assoalho; as brumas se esgueiravam pelas paredes quebradas.

Devia haver outra dúzia de Desaparecidos lá embaixo. Muitos para acertar sem conseguir enxergá-los. Uma bala acertou de raspão sua coxa. Ele virou e se esquivou, saltando sobre os corpos caídos e partindo em disparada pelo corredor. Balas o perseguiram, arrebentando o chão. Os homens gritavam lá embaixo enquanto disparavam tudo que tinham.

Ele chegou à porta no fim do corredor. Estava trancada. Uma boa dose de peso aumentado, algum impulso e um golpe usando o ombro resolveram o problema. Ele atravessou a porta e se viu num pequeno cômodo sem janelas e sem nenhuma outra porta.

Um homem pequeno e careca estava encolhido em um canto. Uma mulher com cabelo dourado e usando um vestido de baile amarrotado estava sentada num banco no fundo do cômodo, com os olhos vermelhos, o rosto emaciado. Steris. Pareceu extremamente embasbacada quando Wax passou pela porta quebrada com as faixas do casaco de bruma revoando ao redor dele. Ele *empurrou* alguns dos pregos no chão do corredor, fazendo as tábulas ali ondularem e atraindo a maior parte dos tiros.

— Lorde *Waxillium*? — disse Steris, chocada.

— Uma boa parte dele — respondeu, com uma expressão de dor. — Talvez tenha deixado um dedo do pé ou dois naquele corredor. — Ele olhou para o homem no canto. — Quem é você?

— Nouxil.

— O armeiro — disse Wax, jogando uma escopeta para ele.

— Não sou muito bom no tiro — disse o homem, parecendo aterrorizado. Algumas balas estouraram pelo chão entre eles. Os Desaparecidos perceberam que tinham sido enganados. Sabiam o que ele estava procurando.

— Não importa se você é bom de tiro — disse Wax, erguendo a mão vazia para o fundo da parede e estourando-a com um *empurrão* de peso aumentado. — Importa se você sabe nadar ou não.

— Como? Claro que sim. Mas por quê…

— Aguente firme — disse Wax quando mais tiros irromperam ao redor dele. Ele *empurrou* a escopeta nas mãos do armeiro, lançando-o pela abertura num arco de uns nove metros na direção do canal.

Wax girou, agarrando Steris enquanto ela se levantava.

— E as outras garotas? — perguntou.

— Não vi outras sequestradas — disse ela. — Os Desaparecidos insinuaram que foram levadas para outro lugar.

Ferrugem! pensou ele. Bem, até teve sorte ao encontrar Steris. Ele *empurrou* de leve os pregos no chão, propelindo a si e a Steris na direção do teto. Quando se aproximaram, ele se aproveitou do fato de que não importa o quanto um objeto é pesado quando o assunto é cair. Todos os objetos caíam à mesma velocidade. Isso significava que aumentar seu peso muitas vezes não afetaria sua movimentação.

Erguendo a escopeta, deu tiros concentrados na mesma região do teto. Em seguida, *empurrou* as balas, mas seu peso aumentado significava que o *empurrão* não o moveria muito, da mesma forma que um *empurrão* o afetava imensamente quando ele estava mais leve.

O resultado foi que ele continuou a subir com Steris, mas seu *empurrão* abriu um buraco no teto. Ele se fez incrivelmente leve e *empurrou* os pregos abaixo com mais força. Ele e Steris subiram pelo buraco que ele havia aberto, erguendo-se a doze ou quinze metros no ar. Ele girou no céu noturno, as franjas do casaco de bruma esvoaçando ao redor, com a escopeta bem presa num braço, e Steris no outro. As balas vindas debaixo rasgavam as brumas que rodavam ao redor deles.

Steris suspirou, agarrando-se a ele. Wax extraiu todo o peso que lhe restava, drenando completamente suas mentes de metal. Eram centenas e mais centenas de horas de reserva de peso, deixando-o pesado o suficiente para esmagar as pedras do calçamento se ele tentasse andar sobre elas. Do jeito estranho como a Feruquemia agia, ele não ficava mais denso, e as balas ainda o feririam com facilidade se o atingissem, mas, com esse incrível aumento de peso, sua capacidade de *empurrar* crescia de forma inacreditável.

Usou esse peso para *empurrar* para baixo com toda a força que tinha. Havia inúmeras linhas de metal direcionadas para baixo. Pregos. Maçanetas. Armas. Utensílios pessoais.

O prédio tremeu, ondulou e *desmoronou* quando cada prego em sua estrutura

foi empurrado para baixo como se impulsionado por uma arma giratória. Houve um barulho enorme. O prédio tombou para dentro do túnel sobre o qual havia sido construído.

O peso aumentado de Waxillium desapareceu em um instante, as mentes de metal drenadas de uma só vez. Wax deixou que a gravidade o levasse, e ele caiu pelas brumas, mantendo Steris agarrada a ele. Aterrissaram no meio dos escombros, na parte final do túnel. Madeira quebrada e fragmentos de mobília estavam espalhados no chão.

Três Desaparecidos estavam na boca do túnel, boquiabertos. Wax ergueu a escopeta, engatilhou-a com Alomancia e disparou contra eles. Eram os únicos que ainda estavam em pé. Todos os outros haviam sido esmagados dentro do túnel.

Um pequeno fogo tremulava num canto, onde uma lamparina havia caído. Sob sua luz, ele verificou Steris. As brumas se moviam ao redor deles, enchendo o túnel.

— Ai, pelo *Sobrevivente das Brumas*! — murmurou Steris, com as bochechas afogueadas, os olhos arregalados, os lábios entreabertos enquanto ela o segurava. Não parecia aterrorizada, mas sim excitada.

Você é uma mulher bizarra, Steris, pensou Wax.

— Você entende que não seguiu sua verdadeira vocação, Waxillium? — gritou uma voz de dentro do túnel escuro. Era Miles. — Você é um exército de um homem só. Você é um *desperdício* na vida que escolheu.

— Pegue isso — disse Wax suavemente para Steris, entregando a escopeta para ela. Ele a engatilhou. Restava uma bala. — Segure firme. Quero que corra até a delegacia. Fica na Décima Quinta com a Ruman. Se um dos Desaparecidos for atrás de você, atire com a escopeta.

— Mas…

— Não espero que você o acerte — disse Wax. — Ficarei atento ao som de um tiro.

Ela tentou responder, mas Wax se agachou para pôr seu centro de massa sob ela e depois *empurrou* cuidadosamente a escopeta, usando-a para elevá-la para fora do fosso. Ela aterrissou desajeitadamente, mas em segurança, e hesitou apenas um momento antes de correr para dentro das brumas.

Wax caminhou junto à parede, evitando ser iluminado por trás pelo fogo.

Puxou uma Sterrion que estava em seu coldre e pegou algumas balas. Recarregou enquanto se agachava.

— Waxillium? — Miles chamou do fundo do túnel. — Se tiver acabado de brincar, talvez queira vir resolver as coisas.

Wax esgueirou-se até a boca do túnel e entrou. As brumas tinham enchido o lugar, dificultando a visão, o que também valeria para Miles. Ele avançou com cautela até enxergar a luz da grande oficina no fim, onde focos de incêndio ainda queimavam.

Àquela luz, ele conseguia identificar vagamente uma figura em pé, no túnel, apontando uma arma para a cabeça de uma mulher esguia. Marasi.

Waxillium ficou paralisado, seu pulso acelerou. Mas, não, aquilo era parte do plano. Estava perfeito. Exceto que…

— Sei que você está aí dentro — disse a voz de Miles. Outra figura se mexeu, jogando algumas tochas improvisadas na escuridão.

Com uma sensação congelante de horror, Waxillium percebeu que não era Miles quem estava segurando Marasi. Ele estava longe demais. O homem que segurava Marasi era aquele que chamavam de Tarson, o Braço de Peltre com sangue koloss.

Com o rosto iluminado pela luz tremeluzente da tocha, Marasi parecia apavorada. Os dedos de Waxillium pareciam melados no cabo do revólver. O Braço de Peltre foi cuidadoso ao manter Marasi entre ele e o lado do túnel onde estava Waxillium, com a arma atrás da cabeça da garota. Ele era atarracado e forte, mas não muito alto. Tinha vinte e poucos anos; como todos os de sangue koloss, ele continuava a crescer pelo resto da vida.

De qualquer forma, naquele momento, Waxillium não poderia colocá-lo sob sua mira. *Por Harmonia!*, pensou ele. *Está acontecendo de novo.*

Algo farfalhou na escuridão perto dele. Ele teve um sobressalto e quase atirou, mas reconheceu os traços do rosto de Wayne.

— Sinto muito por isso — sussurrou Wayne. — Quando ela foi pega, pensei que fosse Miles. E por isso eu…

— Está tudo bem — disse Waxillium, baixinho.

— O que faremos? — perguntou Wayne.

— Não sei.

— Você sempre sabe

Waxillium ficou em silêncio.

— Consigo ouvir vocês sussurrando! — gritou Miles. Ele caminhou para a frente e jogou outra tocha.

Só mais alguns passos, pensou Waxillium.

Miles parou onde estava, olhando as brumas que se esgueiravam com certa desconfiança. Marasi choramingou. Em seguida, ela tentou se debater, como havia feito no jantar de casamento.

— Nada disso — disse Tarson, segurando-a com cuidado. Ele disparou um tiro bem na frente do rosto dela e levou a arma para trás da cabeça da garota. Ela ficou estática.

Waxillium ergueu o revólver.

Não posso fazer isso. Não posso ver outra morrer. Não pelas minhas mãos.

— Tudo bem — gritou Miles. — Você quer me testar, Wax? Vou contar até três. Quando eu chegar ao três, Tarson vai atirar sem nenhum aviso. Um.

Ele vai atirar, percebeu Waxillium, sentindo-se impotente, culpado, sobrepujado. *Ele realmente vai atirar.* Miles não precisava de uma refém. Se ameaçá-la não levasse Waxillium até ele, então ele não se importaria em mantê-la viva.

— Dois.

Sangue nas paredes de tijolos. Um rosto sorridente.

— Wax? — sussurrou Wayne, parecendo agoniado.

Ah, Harmonia, se alguma vez eu precisei de você…

As brumas enrolaram-se em suas pernas.

— Tr…

— Wayne! — gritou Waxillium, levantando-se.

A bolha de velocidade se ergueu. Tarson atiraria em alguns momentos. Miles estava atrás dele, apontando com raiva. O fogo da tocha parecia congelado. Era como observar uma explosão acontecendo devagar. Waxillium ergueu a Sterrion e percebeu que seu braço estava incrivelmente firme.

Também estava firme no dia em que atirou em Lessie.

Ele tinha atirado nela com essa mesma arma

Suando, tentando banir essas imagens da cabeça, buscou um ponto livre para

atirar em Tarson. Não havia. Ele poderia atingir Tarson, mas não num lugar que faria com que ele caísse de imediato. E, se Waxillium não acertasse no lugar certo, o homem atiraria em Marasi por reflexo.

Um tiro na cabeça era a melhor maneira de derrubar um Braço de Peltre. Porém, Waxillium não conseguia *enxergar* a cabeça. Podia atirar na arma? O rosto de Marasi estava no caminho. E nos joelhos? Ele poderia atingir um joelho. Não. Um Braço de Peltre ignoraria a maioria dos tiros; se o dano não fosse letal, ele ficaria em pé e atiraria.

Tinha que ser na cabeça.

Waxillium prendeu a respiração. *Esta é a arma mais precisa que já usei*, pensou ele. *Não posso ficar aqui, paralisado. Preciso agir.*

Preciso fazer alguma coisa.

O suor pingava de seu queixo. Ergueu a mão com um movimento rápido e apontou a Sterrion para o lado, fora da mira de Marasi ou Tarson. Wax disparou.

A bala saiu da bolha em um instante e atingiu o tempo mais lento. Ela se desviou, como as balas sempre faziam quando disparadas dentro de uma bolha de velocidade. Ele observou a bala partir, seguindo sua nova trajetória. Movia-se para a frente com lentidão, girando enquanto cortava o ar.

Wax tinha mirado com cuidado, esperando vários segundos excruciantes. Em seguida, avivou o aço.

— Derrube a bolha ao meu comando — sussurrou ele.

Wayne assentiu com a cabeça.

— *Agora.*

Wax disparou e *empurrou*.

A bolha de velocidade foi desfeita.

— … ês! — gritou Miles.

Uma pequena chuva de faíscas explodiu no ar quando a segunda bala de Wax, impulsionada a uma velocidade incrível pelo empurrão de aço, bateu na outra no meio do caminho e a desviou para o lado, colocando-a atrás de Marasi, na cabeça de Tarson.

E o Braço de Peltre caiu de imediato, a arma batendo no chão, os olhos opacos voltados para cima. Miles ficou boquiaberto. Marasi piscou e, em seguida, virou-se, levando os braços ao peito.

— Ai, que droga! — disse Wayne. — Tinha que *acertá-lo* na cabeça? Ele estava usando meu chapéu da sorte.

Miles recuperou-se e ergueu o revólver na direção de Wax, mas este se virou e atirou primeiro, acertando a mão de Miles e derrubando sua arma no chão. Wax atirou no revólver, mandando-o para o fundo do galpão.

— Pare de fazer *isso!* — berrou Miles. — Seu desgra…

Wax deu um tiro na boca do homem, fazendo-o cambalear para trás e perder pedaços de dentes. Miles ainda usava os restos esfarrapados das calças.

— Alguém devia ter feito isso eras atrás — murmurou Wayne.

— Não vai durar — disse Wax, disparando no rosto de Miles de novo para tentar mantê-lo desorientado. — É hora de você partir, Wayne. O plano de segurança ainda se mantém.

— Tem certeza de que pegou todos, meu chapa?

— Tarson foi o último. — *É melhor eu não estar errado…*

— Pegue meu chapéu, se tiver oportunidade — disse Wayne, afastando-se enquanto Wax atirava novamente no rosto de Miles. Esse tiro mal o afetou, e o homem seminu avançou. Na direção de Marasi. Miles estava desarmado, mas seus olhos eram assassinos.

Wax correu, jogando a arma vazia em Miles e pegando um punhado de balas. Ele as *empurrou* na direção do antigo homem da lei. Uma cortou seu braço, outra se enterrou na barriga e saiu do outro lado, mas nenhuma se alojou de forma que Wax pudesse *empurrá*-la para jogar Miles para trás.

Wax chegou a Miles um instante antes de o oponente alcançar Marasi. Os dois caíram embolados no chão, em meio às brumas que rolavam por ali.

Wax agarrou Miles pelo ombro e começou a socá-lo. *Só… mantê-lo… ocupado…*

Miles mostrou um lampejo de diversão em meio ao aborrecimento. Ele tomou alguns murros. O punho de Wax começou a se ferir no processo. Wax poderia esmurrá-lo até seus dedos quebrarem e sua mão estar reduzida a um frangalho ensanguentado, mas Miles não ficaria pior do que estava.

— Eu sabia que você avançaria contra a garota — disse Wax, mantendo a atenção de Miles. — Você tem uma fala grandiloquente sobre justiça, mas, no fim das contas, é só um ladrãozinho.

Miles bufou e chutou Wax para longe. A dor se avivou no peito de Wax

quando foi lançado para trás na parte enlameada do túnel. A água fria se espalhou ao redor dele, encharcando seu casaco de bruma.

Miles levantou-se, limpando um pouco de sangue de um ferimento já curado no lábio.

— Sabe o que é realmente triste, Wax? Eu entendo você. Eu me sentia como você. Pensava como você. Mas sempre havia aquela insatisfação distante, ruidosa por dentro. Como uma tempestade no horizonte.

Wax ficou em pé e desferiu um murro na altura dos rins de Miles, o que não causou nem um grunhido. Miles agarrou-o pelo braço, torcendo-o, fazendo com que seu ombro queimasse de dor. Wax arquejou, e Miles chutou a parte de trás de seu joelho e o derrubou novamente.

Quando Wax tentou rolar, Miles o pegou pelo colarinho da camisa e o levantou. Em seguida, desferiu um soco no rosto. Marasi assustou-se, embora tenha recebido ordens para ficar para trás. Ela já tinha feito sua parte.

O soco jogou Wax no chão, e ele sentiu gosto de sangue. Ferrugem e Ruína… seria uma sorte se sua mandíbula já não estivesse quebrada. Também sentiu que havia rompido algo no ombro.

Os ferimentos de repente pareceram pesar sobre ele. Não sabia se foram as brumas, alguma ação de Harmonia ou a simples adrenalina o que o ajudara a ignorá-los por um tempo. Mas ele não estava curado. Seu flanco gritava onde havia sido alvejado, e a perna e o braço queimavam e doíam pela explosão. Havia tomado tiros de raspão na coxa e no braço. E agora o espancamento de Miles.

Aquilo o derrubou, e ele gemeu, encolhido, lutando para ao menos se manter consciente. Miles o levantou de novo, e Wax conseguiu acertar um golpe desesperado. De nada adiantou. Era muito, muito difícil enfrentar um homem que nem sequer se esquivava quando você o acertava.

Outro murro mandou Wax de volta ao chão, deixando-o com a cabeça zonza, os olhos vendo estrelas e lampejos de luz.

Miles agachou-se, falando no ouvido dele.

— A questão, Waxillium, é que eu sei que você sente o mesmo. Uma parte sua sabe que você está sendo usado, que ninguém se importa com os oprimidos. Você é apenas uma marionete. Pessoas são assassinadas todos os dias nesta cidade. Ao menos uma por dia. Sabia disso?

— Eu… — *Continue fazendo-o falar.* Ele rolou de costas, dolorido, fitando os olhos de Miles.

— Pessoas assassinadas todos os dias — repetiu Miles —, e o que foi que tirou você de sua "aposentadoria"? Um velho cão de guarda metido a aristocrata alvejado na cabeça. Você já parou para pensar em todas as outras pessoas que estão sendo mortas nas ruas? Os mendigos, as putas, os órfãos? Mortos pela falta de comida ou porque estavam no lugar errado ou porque tentaram algo estúpido.

— Você está tentando invocar para si o mandato do Sobrevivente — sussurrou Wax. — Mas não vai funcionar, Miles. Não estamos no Império Final. Um homem rico não pode matar um pobre apenas porque quer. Já somos melhores que isso.

— Ah! — disse Miles. — Eles fingem e mentem para se fazer de bonzinhos.

— Não — retrucou Waxillium. — Eles têm boas intenções e fazem as leis que impedem o pior… mas essas leis ainda não bastam. Não é a mesma coisa.

Miles chutou-o no flanco para mantê-lo no chão.

— Não me importo com o mandato do Sobrevivente. Encontrei algo melhor. Que não importa para você. Você é apenas uma espada, uma ferramenta que vai aonde apontam. Você fica arrasado por não poder impedir as coisas que sabe que deveria impedir. Não fica?

Eles se olharam. E, surpreendentemente, apesar da agonia, Waxillium se flagrou concordando com a cabeça. Honestamente. Ele ficava arrasado. E por isso o que havia acontecido a Miles o aterrorizava.

— Bem, alguém precisa fazer algo sobre isso — disse Miles.

Por Harmonia, pensou Waxillium. *Se Miles tivesse nascido no passado, nos dias anteriores aos nossos, ele teria sido um herói.*

— Vou começar a ajudá-los, Miles — comentou Waxillium. — Eu prometo para você.

Miles balançou a cabeça.

— Você não vai viver para tanto, Wax. Sinto muito.

De novo, ele o chutou. E de novo. E de novo.

Waxillium enrodilhou-se, com as mãos diante do rosto. Não podia lutar. Só tinha que aguentar. Mas a dor era cada vez maior. Era *terrível*.

— Pare! — disse a voz de Marasi. — Pare com isso, seu monstro!

Os chutes pararam. Waxillium a sentiu do seu lado, ajoelhando-se, pondo as mãos nos seus ombros.

Mulher tola. Deveria ter ficado para trás. Despercebida. Esse era o plano.

Miles estalou os dedos alto.

— Acho que eu deveria entregar você ao Elegante, garota. Você está na lista dele e pode substituir aquela que Waxillium libertou. Provavelmente vou ter que buscá-la outra vez.

— Por que homens tacanhos precisam destruir aquilo que sabem que é melhor e maior que eles? — disse Marasi, raivosa.

— Melhor do que eu? — perguntou Miles. — Isso daí? Ele não é tão bom, menina.

— O maior dos homens pode ser derrubado pelas coisas mais simples. Uma simples bala pode acabar com a vida do mais poderoso, mais capaz, mais seguro dos homens.

— Não comigo — retrucou Miles. — Balas não são nada para mim.

— Não — concordou ela. — Você vai ser derrubado por algo ainda mais simples.

— Pelo quê? — perguntou ele, divertido, a voz ficando mais próxima.

— Por mim — respondeu Marasi.

Miles gargalhou.

— Eu quero ver…

Ele parou de falar.

Waxillium entreabriu os olhos, encarando o túnel sobre o qual o prédio despencara. A luz inundava aquele fosso por cima, ficando mais clara a uma velocidade notável.

— Quem você trouxe? — perguntou Miles, nada impressionado. — Não vão chegar rápido o bastante. — Ele fez uma pausa. Waxillium virou a cabeça para o outro lado e viu o horror repentino no rosto de Miles. Ele finalmente tinha notado uma fronteira tremulante, uma pequena diferença no ar, como a distorção causada pelo calor que emana de uma rua quente.

Uma bolha de velocidade.

Miles virou-se para Marasi. Em seguida, correu para o limite da bolha, para longe da luz, tentando escapar.

A luz no túnel ficou mais brilhante, e borrões moveram-se por ali tão rápido que era impossível distinguir o que os causava.

Marasi derrubou a bolha. A luz do sol de um dia pleno descia pelo fosso distante, enchendo o túnel. À direita de onde a bolha fora formada, havia uma força de mais de cem policiais uniformizados. Wayne estava à frente deles, sorrindo, usando um uniforme de policial e um bigode falso.

— Peguem ele, rapazes! — disse, apontando.

Eles se moveram com cassetetes, sem nem sacarem as armas. Miles berrou, tentando se esquivar dos primeiros homens, esmurrando aqueles que punham as mãos nele. Não tinha rapidez suficiente e havia muitos deles. Em minutos, eles o seguraram no chão e prenderam seus braços com cordas.

Waxillium sentou-se com cuidado, um olho fechado pelo inchaço, o lábio sangrando, o flanco dolorido. Marasi ajoelhou-se ao lado dele, ansiosa.

— Você não deveria ter enfrentado Miles — disse Waxillium, sentindo gosto de sangue. — Se ele acabasse com você, teria sido o fim.

— Ora, fique quieto — disse ela. — Você não é o único que pode assumir riscos.

O plano de segurança que Waxillium havia criado era simples, mesmo que difícil. Começou com a eliminação de todos os lacaios de Miles. Qualquer um, se vivo, poderia ter percebido o que significava a bolha de velocidade e atirado em Waxillium e em Marasi de fora. Não haveria nada que pudessem fazer para impedi-lo.

Mas, se os lacaios fossem tirados do jogo, e se Miles pudesse ser distraído por tempo suficiente enquanto a bolha fosse mantida em pé, Wayne conseguiria reunir uma força grande para cercar Miles enquanto ele estivesse indefeso. Ele nunca deixaria isso acontecer se suspeitasse de algo. Exceto dentro da bolha de velocidade.

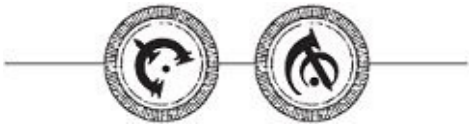
— Não! — gritou Miles. — Tirem as mãos de mim! Eu desafio sua opressão!

— Você é um tolo — disse Waxillium para ele, cuspindo sangue para o lado. — Você se permitiu ficar isolado e ser distraído, Miles. Esqueceu a primeira regra das Terras Brutas.

Miles gritou, e um dos policiais prendeu uma mordaça sobre sua boca e a amarrou com força.

— Quanto mais solitário você estiver — disse Waxillium, baixinho —, mais importante é ter alguém em quem possa confiar.

20



— O chefe de polícia decidiu não denunciar seu associado por fingir ser um agente da lei — disse Reddi.

Waxillium limpou o lábio com um lenço, sentado diante do policial na delegacia mais próxima do covil dos Desaparecidos. Sentia-se um lixo, com costelas quebradas e metade do corpo enrolado em ataduras. As cicatrizes daquela noite ficariam com ele.

— O chefe de polícia deveria ficar *feliz* pela ajuda do Lorde Waxillium — disse Marasi, com a voz firme. — Na verdade, ele deveria ter implorado pela ajuda do Lorde Waxillium desde o início. — Estava sentada ao lado dele no banco, toda protetora.

— Ele parece *mesmo* feliz — disse Reddi. Naquele momento em que Waxillium prestou mais atenção, percebeu como o policial não parava de olhar na direção de Brettin, o chefe de polícia, que estava do outro lado da sala. Os olhos de Reddi estreitaram-se levemente, com as pontas dos lábios apontadas para baixo. Ele estava perplexo com a reação calma de seu superior frente aos eventos.

Waxillium estava exausto demais para se importar com essa estranheza. Na verdade, era ótimo ver algo acontecendo em seu favor.

Reddi foi chamado por um dos outros policiais e saiu. Marasi pousou a mão no braço bom de Waxillium. Ele quase conseguia *sentir* a preocupação da moça no jeito que ela hesitava, no jeito que sua testa se franzia.

— Você foi bem — disse Waxillium. — Miles foi sua presa, Lady Marasi.

— Não fui eu quem teve de ser espancada.

— Ferimentos se curam — disse Waxillium —, mesmo num cavalo velho como eu. Vê-lo me atacar e não fazer nada… aposto que foi excruciante. Não sei se eu conseguiria aguentar se estivesse no seu lugar.

— Você conseguiria. Você é assim. É o homem que pensei que fosse, dos pés à cabeça, e, de alguma forma, ainda mais *real*. — Ela olhou para ele, com os olhos arregalados e lábios apertados. Como se quisesse dizer mais. Ele conseguiu ler as intenções naqueles olhos.

— Isso não vai funcionar, Lady Marasi — disse ele, com suavidade. — Fico grato por sua ajuda. Muito grato. Mas aquilo que você deseja que aconteça entre nós não é viável. Sinto muito.

Ela corou, como já era esperado.

— Claro. Eu não estava insinuando nada assim. — Ela forçou uma risada. — Por que você pensaria que… digo, é uma idiotice!

— Peço desculpas, então — disse ele. Embora, é claro, os dois soubessem o que a conversa havia significado. Ele sentiu um grande arrependimento. *Se eu fosse dez anos mais jovem.…*

Não era pela idade. Era pelo que aqueles anos tinham feito com ele. Quando uma pessoa assiste à mulher amada morrer por seu próprio tiro, quando vê um velho colega e um vigilante respeitado abraçar o mal, isso mexe com ela. Estilhaça por dentro. E *esses* ferimentos não se curam com a facilidade das feridas físicas.

Aquela mulher era jovem, cheia de vida, e não merecia alguém que era basicamente um monte de cicatrizes envolto numa pele ressecada pelo sol.

Por fim, o chefe de polícia Brettin aproximou-se deles. Tinha as costas eretas como antes, o chapéu de policial embaixo do braço.

— Lorde Waxillium — disse ele, com a voz monocórdia.

— Chefe de polícia.

— Por seus esforços, solicitei que o Senado lhe dê uma competência policial para agir dentro da cidade.

Waxillium piscou várias vezes, surpreso.

— Se não sabe o que significa — continuou Brettin —, isso lhe dará poderes de investigação e prisão, como se fosse um membro da força policial, algo suficiente para autorizar ações como as da noite passada.

— Isso é… muita consideração de sua parte — disse Waxillium.

— É uma das únicas maneiras de perdoar suas ações sem acabar com a reputação da delegacia. Coloquei uma data anterior na solicitação, e, se tivermos sorte, ninguém perceberá que estava trabalhando sozinho. Também não gostaria

que o senhor sentisse que *precisa* trabalhar sozinho. Esta cidade pode ganhar com sua competência.

— Com todo o respeito, senhor — disse Waxillium —, essa é uma grande mudança em relação à sua posição anterior.

— Tive uma chance para mudar de opinião — comentou Brettin. — O senhor deve saber que logo vou me aposentar. Um novo chefe de polícia será nomeado para o meu lugar, mas vai ser instado a aceitar o mandato do Senado com relação ao senhor, caso esse pedido seja aceito.

— Eu… — Waxillium não sabia como responder. — Obrigado.

— É pelo bem da cidade. Claro que, se o senhor abusar desse privilégio, sem dúvida será revogado. — Brettin fez um aceno de cabeça desajeitado e se retirou.

Waxillium coçou o queixo, observando o homem. Algo decididamente estranho estava acontecendo ali. Era quase uma pessoa diferente. Wayne passou por ele, inclinando o chapéu da sorte, que estava ensanguentado de um lado, e sorriu quando se aproximou de Waxillium e Marasi.

— Aqui — disse Wayne, entregando algo às escondidas a Waxillium. Estava enrolado num lenço e era inesperadamente pesado. — Consegui outra daquelas armas.

Waxillium suspirou.

— Não se preocupe — disse Wayne. — Troquei por um cachecol realmente bonito.

— E onde conseguiu o cachecol?

— Com um dos camaradas que você alvejou — respondeu Wayne. — Então, não foi roubo. Ele não vai precisar dele, no fim das contas. — Wayne parecia bem orgulhoso de si.

Waxillium enfiou a arma no coldre vazio. O outro coldre carregava Vindicação. Marasi tinha vasculhado o esconderijo depois que Miles foi preso e recuperado a arma para ele. O que foi ótimo. Teria sido triste sobreviver àquela noite apenas para ser morto por Ranette.

— Então — disse Marasi —, você trocou o cachecol de um defunto pela arma de outro defunto. Mas… a arma em si pertencia a alguém morto, então, pela mesma lógica…

— Nem tente — disse Waxillium. — A lógica não funciona com Wayne.

— Comprei uma proteção contra isso com um vidente itinerante — explicou Wayne. — Posso somar dois mais dois e entrar numa confusão.

— Eu… não tenho resposta para isso — disse Marasi.

— Tecnicamente isso *é* uma resposta — disse Wayne.

— Parece que pescaram aquele armeiro do canal, Wax. Ele está vivo. Não está muito feliz, mas está vivo.

— Alguém descobriu alguma coisa sobre as outras mulheres que foram sequestradas? — perguntou Waxillium.

Wayne olhou para Marasi, que negou com a cabeça.

— Nada. Talvez Miles saiba onde elas estão.

Se ele falar, Waxillium pensou. Miles havia deixado de sentir dor muito tempo antes. Waxillium não sabia direito como alguém procederia ao interrogá-lo.

Ele sentiu que, não tendo resgatado as outras mulheres, tinha falhado imensamente. Tinha jurado trazer Steris de volta, e trouxe, mas um mal maior havia sido feito.

Suspirou quando a porta do gabinete do capitão foi aberta, e Steris saiu de lá. Dois policiais seniores haviam tomado seu depoimento depois de ouvirem Waxillium e Wayne. Os dois policiais acenaram para Marasi, e ela foi até a sala, olhando para Waxillium lá atrás. Ele lhe disse para ser franca e direta e não esconder nada do que ele e Wayne haviam feito, mas, se pudesse, deveria omitir o papel de Ranette naqueles atos.

Wayne se juntou a alguns policiais, que estavam comendo seus sanduíches matutinos. Olharam-no com desconfiança, mas, por experiência, Waxillium sabia que logo estariam gargalhando com Wayne e o chamariam para se sentar. *Será que ele compreende o que faz?*, perguntou-se Waxillium enquanto Wayne começava a explicar como tinha sido a luta para os policiais. *Ou ele simplesmente faz isso por instinto?*

Waxillium observou-o por um momento antes de perceber que Steris se aproximara dele. Sentou-se na cadeira bem diante dele, mantendo a boa postura. Tinha arrumado o cabelo e, embora o vestido estivesse amarrotado depois do dia passado em cativeiro, parecia relativamente recomposta.

— Lorde Waxillium — disse ela. — Acho necessário lhe oferecer minha gratidão.

— Espero que essa necessidade não seja muito onerosa — disse Waxillium, com um grunhido.

— Apenas por se seguir… por ser exigida… depois de um cativeiro oneroso. O senhor precisa saber que não fui tocada de maneira indecente por meus captores. Permaneço pura.

— Ferrugem e Ruína, Steris! Fico feliz, mas eu não precisava saber disso.

— Precisava — disse ela, com o rosto impassível. — Supondo que o senhor ainda queira proceder com nossas núpcias.

— De qualquer forma, não importaria. Além disso, pensei que não estivéssemos nessa fase ainda. Nem mesmo anunciamos que estamos nos encontrando.

— Sim, embora eu acredite que possamos alterar nosso cronograma anterior. Veja, espera-se que um resgate dramático como o que o senhor realizou crie uma efusão das minhas emoções. O que antes poderia ter sido um escândalo será visto como algo romântico. É plausível anunciar nosso noivado na próxima semana, e ele será aceito na alta sociedade sem preocupações ou comentários.

— Isso é bom, eu acho.

— Sim. Posso proceder com nosso contrato, então?

— Não se importa que eu tenha voltado às minhas maneiras brutas do passado?

— Prefiro pensar que eu estaria *morta* se não tivesse feito isso — disse Steris. — Não posso reclamar.

— Pretendo continuar — alertou Waxillium. — Não todos os dias. Não farei patrulhas nem nada disso. Mas recebi uma competência e uma oferta para me envolver nos assuntos policiais da cidade. Planejo assumir casos ocasionais que precisem de atenção extra.

— Todo cavalheiro precisa de um passatempo — disse ela, sem sobressaltos. — E, considerando os vícios de alguns homens que conheci, isso não seria problemático. — Ela se inclinou para a frente. — Em suma, milorde, vejo o senhor pelo que é. Nós dois já passamos do ponto de nossas vidas em que esperar uma mudança do outro seria realista. Vou aceitar o senhor, se o senhor me aceitar. Também tenho minhas falhas, como meus três pretendentes anteriores me explicaram, longamente, por escrito.

— Eu não sabia.

— Não é uma questão que mereça sua atenção — disse ela. — Embora eu ache que o senhor percebeu que não cheguei a esta união em potencial sem um tanto de desespero… sem querer ofendê-lo.

— Entendo.

Steris hesitou; em seguida, um pouco de sua frieza pareceu desaparecer. Um tanto de seu controle, de sua vontade grave, se enfraqueceu. De repente, pareceu cansada. Exausta. Então, por trás da máscara, ele viu algo que talvez fosse afeição por ele. Ela juntou as mãos diante do corpo.

— Não sou… boa com pessoas, Lorde Waxillium. Eu sei disso. No entanto, preciso enfatizar que o senhor tem minha gratidão pelo que fez. Digo isso do fundo de tudo que sou. Obrigada.

Ele encarou seus olhos e meneou a cabeça.

— Então? — disse ela, assumindo seu tom mais comercial. — Avançaremos com nosso compromisso?

Ele hesitou. Não havia motivo para não o fazer, mas uma parte dele descobriu que se achava um covarde. Das duas ofertas que recebera naquele dia, uma velada, a outra explícita, *essa* era a que ele estava contemplando?

Olhou para a sala onde Marasi estava relatando seu envolvimento naquela bagunça. Ela *era* fascinante. Linda, inteligente, motivada. Seguindo toda a lógica e razão, ele deveria ter se apaixonado completamente por ela.

Na verdade, ela o lembrava muito Lessie. Talvez fosse esse o problema.

— Avançaremos — disse ele, voltando-se para Steris.

EPÍLOGO



Marasi assistiu à execução de Miles.

Daius, o promotor sênior, aconselhou-a a não ir. Ele nunca assistia às execuções.

Ela ficou sentada numa sacada externa, sozinha, observando Miles subir os degraus até a plataforma de execução. Estava posicionada acima da área de execução.

Estreitou os olhos, lembrando-se de Miles naquele galpão subterrâneo, em meio às brumas e à escuridão, apontando uma arma para seu esconderijo. Naqueles dois dias, Marasi teve uma arma apontada para sua cabeça em três ocasiões, mas a única vez que realmente acreditou que morreria foi quando viu a expressão nos olhos de Miles. A cruel ausência de emoção, a superioridade.

Ela estremeceu. Havia passado menos de um dia e meio entre o ataque dos Desaparecidos no jantar de casamento e a captura de Miles. Ainda assim, ela sentiu que, durante aquele período, havia envelhecido duas décadas. Era como uma forma de Alomancia temporal, uma bolha de velocidade apenas ao redor dela. O mundo estava diferente agora. Ela quase fora assassinada, ela assassinou pela primeira vez, ela se apaixonou e foi rejeitada. E havia ajudado a condenar à morte um antigo herói das Terras Brutas.

Miles olhou com desprezo para os policiais que o amarraram ao poste. Tinha mantido a mesma expressão em grande parte do julgamento — o primeiro que Marasi ajudou a conduzir como advogada, embora Daius fosse o chefe do caso. O julgamento foi rápido, apesar da alta exposição e dos altos riscos. Miles não negou seus crimes.

Parecia que se enxergava como um imortal. Mesmo ali, em pé, sem suas mentes de metal, que haviam sido removidas, e com uma dúzia de espingardas engatilhadas e apontadas para ele, não parecia acreditar que morreria. A mente

humana era muito boa em se enganar, em manter distante o desespero da inevitabilidade. Ela conhecia aquela expressão nos olhos de Miles. Todo homem a tinha quando jovem. E todo homem acabava vendo que era uma mentira.

As espingardas subiram aos ombros. Talvez nesse momento Miles finalmente reconhecesse aquela mentira. As armas dispararam. Marasi percebeu que estava satisfeita, e isso a perturbou imensamente.

Waxillium embarcou no trem em Portosseco. A perna ainda doía; ele caminhava com a ajuda de uma bengala e usava uma atadura ao redor do peito para sustentar as costelas quebradas. Uma semana não tinha sido suficiente para curá-lo do que havia enfrentado. Provavelmente não deveria ter saído da cama.

Mancou pelo corredor do luxuoso vagão da primeira classe, passando pelos compartimentos privativos belamente equipados. Contou até a terceira cabine enquanto o trem se punha em movimento. Entrou, deixando a porta aberta, e se sentou em uma das cadeiras estofadas à janela. Era afixada ao chão, diante de uma pequena mesa com um pé longo e único. Era curvado e fino, como o pescoço de uma mulher.

Pouco tempo depois, ouviu passos no corredor. Eles hesitaram na entrada.

Waxillium observou a paisagem passando do lado de fora.

— Olá, tio — disse ele, virando-se para olhar para o homem à porta.

Lorde Edwarn Ladrian entrou no compartimento, apoiando-se numa bengala de marfim de baleia e usando roupas finas.

— Como me encontrou? — perguntou ele, sentando-se na outra cadeira.

— Por alguns dos Desaparecidos que interrogamos — disse Waxillium. — Eles descreveram um homem que Miles chamava de “Sr. Elegante”. Acho que ninguém mais o reconheceu pela descrição. Pelo que entendo, o senhor viveu como um ermitão durante a década anterior à sua “morte”. Exceto por suas cartas aos jornais sobre questões políticas, é claro.

Isso não respondia exatamente à pergunta. Waxillium tinha descoberto que aquele trem e aquela cabine correspondiam aos números escritos na caixa de charutos de Miles, aquela que Wayne havia encontrado. Rotas ferroviárias. Todas as outras pessoas achavam que eram números dos trens que os Desaparecidos estavam planejando atacar, mas Waxillium vira um padrão diferente. Miles estava rastreando os movimentos do Sr. Elegante.

— Interessante — disse Lorde Edwarn.

Pegou um lenço que trazia no bolso e limpou os dedos quando um garçom entrou, trazendo uma bandeja de comida e deixando-a na mesa diante dele. Outro serviu vinho. Ele acenou para esperarem do lado de fora.

— Onde está Telsin? — perguntou Waxillium.

— Sua irmã está a salvo.

Waxillium fechou os olhos e lutou contra uma onda de emoções. Achava que a irmã havia morrido no acidente que supostamente tirara a vida do tio, mas tinha lidado com suas emoções. Fazia anos que não via Telsin.

Por que, então, a descoberta de que estava viva era tão poderosamente significativa para ele? Não conseguia definir *quais* emoções estava sentindo.

Forçou-se a abrir os olhos. Lorde Edwarn o observava, segurando uma taça de vinho branco cristalino entre os dedos.

— Você suspeitava — disse Edwarn. — Desde o início, você suspeitava de que eu não estava morto. Foi por isso que reconheceu a descrição que aqueles rufiões conseguiram dar, qualquer que tenha sido. Mudei o estilo das roupas, o corte de cabelo e até raspei a barba.

— Não deveria ter enviado seu mordomo para me matar — disse Waxillium. — Era um empregado da família de longa data e estava disposto demais a me matar para ter sido contratado pelos Desaparecidos pouco tempo antes. Ou seja, ele estava trabalhando para outra pessoa e já por algum tempo. A resposta mais simples era que ele ainda estava trabalhando para a pessoa a quem servia havia anos.

— Ah. É claro que você não devia saber que ele causou a explosão.

— Eu não deveria ter sobrevivido, você quer dizer?

Lorde Ladrian deu de ombros.

— Por quê? — perguntou Waxillium, inclinando-se para a frente. — Por que me trazer de volta só para me matar? Por que não procurar outra pessoa para assumir o título da casa?

— Hinston assumiria — disse Lorde Ladrian, passando manteiga num pãozinho. — Sua doença foi… uma infelicidade. Os planos já estavam em andamento. Não tive tempo para buscar outras opções. Além disso, eu esperava, obviamente sem motivo, que você tivesse superado sua noção infantil de moralidade. Esperava que você fosse um recurso para mim.

Ferrugem e Ruína, eu odeio este homem!, pensou Waxillium enquanto

lembranças de infância retornavam. Tinha ido para as Terras Brutas, em parte, para escapar daquela voz condescendente.

— Eu vim para saber das outras quatro mulheres sequestradas — disse Waxillium.

Lorde Ladrian tomou um gole de vinho.

— Acha que vou entregá-las assim, sem mais nem menos?

— Acho. Do contrário, vou expor você.

— Vá em frente! — Lorde Ladrian pareceu se divertir. — Algumas pessoas vão acreditar em você. Outros vão pensar que é louco. Nenhuma reação vai atrapalhar a mim ou aos meus colegas.

— Porque você já foi derrotado — retrucou Waxillium.

Lorde Ladrian quase engasgou com o pãozinho. Ele gargalhou, levando-o à mesa.

— É isso que você acha?

— Os Desaparecidos acabaram — alegou Waxillium. — Miles está sendo executado neste momento, e eu sei que você o financiava. Confiscamos as mercadorias que vocês roubaram, então não ganharam nada aí. Obviamente, vocês não tinham muito no que diz respeito a recursos. Do contrário, não precisariam de Miles e de seu bando para os roubos.

— Eu garanto a você, Waxillium, que estamos *bastante* bem. Obrigado. E você não vai encontrar provas de que eu ou meus associados tivemos qualquer coisa a ver com os roubos. Alugamos o espaço para Miles, mas como poderíamos saber o que ele estava aprontando? Por Harmonia! Ele era um vigilante respeitado.

— Você levou as mulheres.

— Não há provas. Apenas especulação de sua parte. Alguns dos Desaparecidos vão jurar até a morte que Miles estuprou e matou as mulheres. Sei, com certeza, que um deles sobreviveu. Embora eu *ainda* esteja curioso para saber como você me encontrou aqui, neste trem em particular.

Waxillium não respondeu àquela pergunta.

— Sei que você está arruinado — disse ele. — Diga o que disser, posso ver que está arruinado. Entregue as mulheres e minha irmã. Vou recomendar aos juízes que mostrem complacência. Sim, você financiou um grupo de ladrões num investimento de alto risco, mas disse explicitamente a eles para não

machucarem ninguém, e não foi você quem apertou o gatilho e matou Peterus. Desconfio de que vai escapar da execução.

— Você supõe tantas coisas, Waxillium — disse Lorde Ladrian. Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um jornal dobrado e uma caderneta de anotações fina, com capa de couro preto. Ele os pôs sobre a mesa, o jornal por cima. — Financiar um grupo de ladrões num investimento de alto risco? Você acha *mesmo* que se trata disso?

— E de sequestrar mulheres — respondeu Waxillium. — Provavelmente como um meio de extorquir suas famílias.

Essa última parte era mentira. Waxillium não tinha acreditado, nem por um momento, que se tratava de extorsão. Seu tio estava planejando algo, e, considerando as linhagens familiares daquelas mulheres, Waxillium suspeitava de que Marasi estava certa. Era uma questão de Alomancia.

Ele nutria uma esperança de que o tio não estivesse envolvido na… procriação direta. A simples ideia o deixava desconfortável. Talvez Ladrian estivesse simplesmente vendendo as mulheres para outras pessoas.

Ter esperança nisso… que absurdo.

Ladrian bateu com o dedo no jornal. A manchete era sobre uma notícia que estava correndo pela cidade. A Casa Tekiel estava à beira do colapso. Sua reputação tinha sido muito desgastada depois do roubo da última semana, embora a carga tivesse sido recuperada. Isso, misturado a outros sérios problemas financeiros…

Outros sérios problemas financeiros.

Waxillium examinou o jornal. O principal negócio da Casa Tekiel era segurança. Seguros. *Ferrugem e Ruína!*, pensou ele, fazendo a ligação.

— Uma série de ataques direcionados — disse Ladrian, inclinando-se, parecendo satisfeito consigo mesmo. — A Casa Tekiel está condenada. Eles devem pagamentos por prejuízos vultuosos demais. Esses ataques e os sinistros a pagar devastaram a casa e sua integridade financeira. Os acionistas estavam vendendo suas ações por trocados. Você alegou que minhas finanças estavam ruins, mas só porque elas têm sido direcionadas a uma tarefa específica. Já parou para pensar em por que sua casa está falida?

— Você levou tudo — disse Waxillium. — Você desviou as finanças da casa para… alguma coisa. Algum lugar.

— Acabamos de conquistar o controle de uma das instituições financeiras mais poderosas da cidade — disse Ladrian. — Os materiais roubados estão sendo devolvidos, então, ainda que tenhamos que assumir as dívidas de Tekiel por comprá-los, os sinistros pelas mercadorias perdidas serão anulados. Eu *sempre* esperei que Miles fosse capturado. Esse plano não funcionaria de outra forma.

Waxillium fechou os olhos, sentindo medo. *Estive caçando galinhas o tempo todo,* percebeu. *Enquanto alguém roubava os cavalos.* Aquilo não tinha a ver com roubos ou mesmo com sequestros.

Tinha a ver com uma fraude de seguros.

— Precisávamos apenas de um desaparecimento *temporário* das mercadorias — disse Edwarn. — E tudo funcionou à perfeição. Obrigado.

As balas atravessaram o corpo de Miles. Marasi assistiu, prendendo a respiração e forçando-se a não desviar o olhar. Era hora de parar de ser uma criança.

Ele foi alvejado de novo. Os olhos de Marasi continuaram abertos, os nervos fortalecidos. Ela conseguiu assistir com horror quando os ferimentos começaram a se curar, o que deveria ser impossível. Eles o revistaram com cuidado à procura de mentes de metal. Ainda assim, os buracos de bala se fechavam, e o sorriso do homem se alargava, os olhos selvagens.

— Seus idiotas! — gritou Miles para o esquadrão de execução. — Um dia, os homens de dourado e vermelho, portadores do metal final, *virão* até vocês. E vocês *serão* governados por eles.

Atiraram de novo. Mais balas perfuraram Miles. Os ferimentos fecharam-se de novo, mas não até o fim. Ele não tinha cura suficiente armazenada em qualquer que fosse a última mente de metal que havia escondido. Marasi flagrou-se estremecendo quando uma quarta saraivada atingiu o corpo do homem, fazendo-o convulsionar.

— Adorai — disse Miles, a voz falhando, a boca vazando sangue. — Adorai Trell e esperai…

A quinta saraivada de balas o acertou, e, dessa vez, nenhum dos ferimentos se curou. O corpo de Miles amoleceu nas amarras, os olhos abertos e sem vida, encarando o chão diante dele.

Os policiais pareciam extremamente perturbados. Um deles correu até lá para verificar a pulsação de Miles. Marasi sentiu um arrepio. Até o fim, Miles

não parecia ter aceitado a morte.

Mas agora ele *estava* morto. Um Criassangue como ele podia se curar repetidamente, mas, se parasse de se curar, se deixassem os ferimentos o consumirem, morreria como qualquer outra pessoa. Apenas para garantir, o policial mais próximo ergueu uma pistola e acertou Miles três vezes na lateral da cabeça. Isso foi tão abominável que Marasi precisou desviar o olhar.

Havia acabado. Miles Cem-vidas estava morto.

No entanto, ao se afastar, viu uma figura observando a cena das sombras lá embaixo, ignorada pelos policiais. Ele se afastou, usando uma túnica preta que revoava, e passou pelo portão que levava até o beco.

— Não se trata apenas dos seguros — disse Waxillium, fitando os olhos de Edwarn. — Você levou as mulheres.

Edwarn Ladrian não disse uma palavra.

— Vou parar você, tio — disse Waxillium, baixinho. — Não sei o que está fazendo com essas mulheres, mas *vou* encontrar uma maneira de pará-lo.

— Ah, por favor, Waxillium — disse Edwarn. — Seu senso de justiça já era cansativo quando você era um jovenzinho. Sua herança deveria ter sido suficiente para que você agisse melhor nesse quesito.

— Minha herança?

— Você pertence a uma linhagem nobre — disse Ladrian. — Remonta diretamente ao próprio Conselheiro dos Deuses. É um Duplonato e um alomântico poderoso. Foi com muito pesar que ordenei sua morte, e só fiz isso sob pressão de meus colegas. Desconfiava, e até esperava, que você sobrevivesse. Este mundo precisa de você. De nós.

— Está parecendo Miles — comentou Waxillium, surpreso.

— Não — disse Ladrian. — Ele se parecia *comigo*. — Ele enfiou o lenço na gola da camisa e começou a jantar. — Mas você não está pronto. Vou providenciar para que receba as informações adequadas. Por ora, você pode se retirar para pensar sobre o que eu lhe disse.

— Acho que não — disse Waxillium, enfiando a mão no casaco para pegar um revólver.

Ladrian ergueu os olhos com uma expressão piedosa. Waxillium ouviu gatilhos sendo acionados e olhou para o lado, onde vários jovens usando ternos

pretos estavam reunidos no corredor. Nenhum deles usava metal no corpo.

— Tenho quase vinte alomânticos dentro deste trem, Waxillium — disse Edwarn, com a voz fria. — E você está ferido, mal consegue andar. Não tem uma centelha de prova contra mim. Tem certeza de que essa é uma luta que você deseja iniciar?

Waxillium hesitou. Em seguida, grunhiu e, com um gesto, varreu a refeição da mesa do tio. Pratos e comida voaram para o chão com estrondo quando Waxillium se curvou para a frente, enfurecido.

— Um dia, vou matar você, tio.

Edwarn recostou-se, tranquilo.

— Levem-no para o fundo do trem. Joguem-no para fora. Tenha um bom dia, Waxillium.

Waxillium tentou alcançar o tio, mas os homens se adiantaram, agarraram-no e puxaram-no para fora. Seu flanco e sua perna queimaram de dor. Edwarn tinha razão numa coisa: aquele não era um dia para lutar.

Mas esse dia *chegaria.*

Waxillium deixou-se arrastar pelo corredor. Os homens abriram a última porta no fim do trem e o jogaram para fora na direção dos trilhos. Ele usou a Alomancia, como eles não duvidavam que faria, e aterrissou, vendo o trem se afastar.

Marasi irrompeu no beco ao lado do prédio da delegacia. Ela sentia algo incômodo dentro dela, uma curiosidade poderosa que não conseguia descrever. *Precisava* descobrir quem era aquela figura.

Teve um vislumbre da barra de uma túnica preta desaparecendo na esquina. Correu atrás dela, segurando a bolsa com firmeza e pegando o pequeno revólver que Waxillium lhe dera.

O que estou fazendo?, uma parte de sua mente lhe dizia. *Correndo num beco sozinha?* Não era uma coisa especialmente sensata a fazer. Ela simplesmente *sentia* que devia fazê-lo.

Correu uma curta distância. Havia perdido a pessoa? Parou numa interseção, onde um beco ainda menor cruzava com o primeiro. Sua curiosidade era quase insuportável.

Em pé, na boca do beco menor, esperando por ela, estava um homem alto de

túnica preta.

Ela se assustou, recuando. O homem media mais de um metro e oitenta, e a túnica envolvente lhe conferia uma aparência sinistra. Ele ergueu as mãos pálidas e tirou o capuz, expondo a cabeça raspada e um rosto tatuado ao redor dos olhos formando um padrão intrincado.

Enterrado naqueles olhos estava o que parecia ser um par de estacas grossas de trilhos ferroviários. Uma das órbitas estava deformada, como se tivesse sido esmagada, coberta por cicatrizes de longa data e ossos altos sob a pele, desfigurando as tatuagens.

Marasi conhecia aquela criatura da mitologia, mas vê-la a deixou fria, aterrorizada.

— Olhos de Ferro — sussurrou ela.

— Perdoe-me por atraí-la assim — disse o Olhos de Ferro. Tinha uma voz baixa e rouca.

— Assim? — perguntou ela, a voz saindo quase como um guincho.

— Com Alomancia emocional. Às vezes, *puxo* forte demais. Nunca fui bom nessas coisas como era o Brisa. Fique calma, menina. Não vou machucá-la.

Ela sentiu uma calma instantânea, embora isso parecesse terrivelmente estranho e fizesse com que ela se sentisse ainda pior. Calma, mas enjoada. Ninguém deveria ficar calmo ao falar com a Morte em pessoa.

— Seu amigo descobriu algo muito perigoso — disse o Olhos de Ferro.

— E o senhor deseja que ele pare?

— Parar? — o Olhos de Ferro devolveu a pergunta. — De jeito nenhum. Quero que ele esteja informado. Harmonia tem ideias particulares sobre como as coisas devem ser feitas. Nem sempre concordo com ele. Estranhamente, suas crenças exigem que ele permita isso. Aqui. — O Olhos de Ferro enfiou a mão em sua capa, tirando um livrinho. — Há informações neste livro. Guarde com cuidado. Pode lê-lo, se quiser, mas entregue a Lorde Waxillium em meu nome.

Ela pegou o livro.

— Perdão — disse ela, tentando lutar contra o entorpecimento que ele criara dentro dela. Estava mesmo falando com uma figura mitológica? Estava ficando louca? Mal conseguia pensar. — Mas por que o senhor mesmo não entrega?

O Olhos de Ferro respondeu com um sorriso de lábios apertados, observando-a através da ponta daquelas estacas prateadas.

— Tenho a sensação de que ele tentaria atirar em mim. Aquele lá não gosta de perguntas não respondidas, mas ele faz o trabalho do meu irmão, e isso é algo que me sinto inclinado a incentivar. Tenha um bom dia, Lady Marasi Colms.

O Olhos de Ferro virou-se, fazendo a túnica farfalhar, e entrou no beco. Pôs o capuz enquanto caminhava e se ergueu nos ares, impulsionado por sua Alomancia, sobre o topo dos prédios próximos, desaparecendo.

Marasi apertou o livro contra o peito. Em seguida, enfiou-o na bolsa, trêmula.

Waxillium aterrissou na estação de trem, pousando com o máximo de suavidade depois de seu voo alomântico pelos trilhos. Aterrissar ainda fazia sua perna doer.

Wayne estava sentado na plataforma, com os pés sobre um barril, fumando cachimbo. Ainda usava uma tipoia. Não conseguia se curar rapidamente, pois não tinha saúde armazenada. Tentar armazenar um pouco agora só tornaria o processo de cura ainda mais lento, e depois se curaria mais rapidamente drenando a mente de metal, terminando sem nenhum ganho real.

Wayne estava lendo um pequeno romance que havia tirado do bolso de alguém na viagem de trem até os Campos Externos. Deixara uma bala de alumínio no lugar, que facilmente valia cem vezes o preço do livro. Ironicamente, a pessoa que a encontrasse provavelmente a jogaria fora, sem perceber seu valor.

Vou precisar falar com ele sobre isso de novo, pensou Waxillium, aproximando-se da plataforma. *Mas não hoje.* Naquele dia, eles tinham outras preocupações.

Waxillium juntou-se ao amigo, mas continuou olhando para o sul. Na direção da cidade e de seu tio.

— É um livro muito bom — disse Wayne, virando uma página. — Devia tentar ler. É sobre coelhos. Eles falam. É a coisa mais incrível.

Waxillium não respondeu.

— Então, era seu tio? — perguntou Wayne.

— Era.

— Nossa. Então, te devo cinco.

— A aposta era de vinte.

— É, mas você me deve quinze.

— Devo?

— Claro, pela aposta de que você acabaria me ajudando contra os Desaparecidos.

Waxillium franziu a testa, olhando para o amigo.

— Não me lembro dessa aposta.

— Você não estava lá quando fizemos.

— Eu não estava lá?

— Não.

— Wayne, você não pode fazer apostas com as pessoas quando elas não estão lá.

— Eu posso — disse Wayne, enfiando o livro no bolso e levantando-se. — Posso se elas *deveriam* estar lá. E você deveria, Wax.

— Eu… — Como responder? — Eu vou estar. A partir de agora.

Wayne assentiu com a cabeça, juntando-se a ele e olhando para Elendel. A cidade se erguia a distância, com os dois arranha-céus concorrentes de um lado da cidade e outros menores crescendo como cristais do centro da metrópole em expansão.

— Sabe de uma coisa? — disse Wayne. — Sempre imaginei como seria chegar aqui e encontrar a civilização e tudo o mais. Eu não tinha percebido.

— Percebido o quê? — perguntou Waxillium.

— Que *essa* é a parte bruta do mundo — respondeu Wayne. — Que as coisas eram fáceis para nós além das montanhas.

Waxillium se flagrou concordando com a cabeça.

— Às vezes, você consegue ser muito sábio, Wayne.

— É por causa do meu pensamento, meu chapa — disse Wayne, dando batidinhas na cabeça e aumentando seu sotaque. — É o que faço com meu cérebro. Ao menos, às vezes.

— E no restante do tempo?

— No restante do tempo, não faço muito essa coisa de pensar, porque, se eu fizer, voltarei correndo para onde as coisas são simples. Entende?

— Entendo. E nós temos que ficar, Wayne. Tenho trabalho a fazer aqui.

— Então, vamos fazer — disse Wayne. — Como sempre.

Wax assentiu, enfiando a mão na manga da camisa e tirando um livrinho preto.

— O que é isso? — perguntou Wayne, pegando-o, curioso.

— A caderneta de bolso do meu tio — respondeu Waxillium. — Cheia de compromissos anotados e observações.

Wayne assobiou baixinho.

— Como você pegou? Dando um encontrão de ombro?

— Varrendo a mesa com um braço — explicou Waxillium.

— Legal. Fico feliz em saber que te ensinei *algo* útil em nossos anos juntos. Pelo que você trocou?

— Por uma ameaça — disse Waxillium, olhando na direção de Elendel. — E por uma promessa.

Ele iria até o fim. Era o código de honra das Terras Brutas. Quando um dos seus se estraga, era seu trabalho limpar toda a bagunça..

ARS ARCANUM

SOBRE AS TRÊS ARTES METÁLICAS

Em Scadrial, existem três manifestações principais de investidura. Localmente, elas são chamadas de artes metálicas, embora haja outros nomes para elas.

A Alomancia é a mais comum das três. É uma arte de fim positivo, de acordo com minha terminologia, ou seja, o praticante retira poder de uma fonte externa. Então, o corpo usa esse poder de várias formas. O efeito do poder não é escolhido pelo praticante, mas, em vez disso, é gravado em sua Teia-Espiritual. A chave para extrair esse poder vem na forma de diversos tipos de metais, exigindo composições específicas. Embora o metal seja consumido no processo, o poder em si não vem de fato do metal. O metal é um catalisador, pode-se dizer, que inicia uma investidura e a mantém em marcha.

Na verdade, não é muito diferente das investiduras baseadas em formas que se encontra em Sel, onde formatos específicos são as chaves — aqui, no entanto, as interações são mais limitadas. Ainda assim, não se pode negar o poder da Alomancia. Ela é instintiva e intuitiva para o praticante, sem exigir uma grande quantidade de estudo e exatidão, como fazem as investiduras de Sel baseadas em formas.

A Alomancia é brutal, crua e poderosa. É acessada por dezesseis metais-base, embora dois outros, chamados localmente de Metais Divinos, possam ser usados para formar outro conjunto de dezesseis ligas cada um. No entanto, como esses Metais Divinos não estão mais disponíveis, os outros metais não são amplamente usados.

A Feruquemia ainda é amplamente conhecida e usada nesse momento em Scadrial. De fato, talvez seja possível dizer que é mais presente hoje em dia do que foi em muitas eras no passado, quando estava confinada à distante Terris ou escondida pelos Guardadores.

A Feruquemia é uma arte de fim neutro, ou seja, não se ganha nem se perde nesse poder. Essa arte também exige metais como ponto focal, mas, em vez de ser consumido, o metal funciona como um meio de armazenar capacidades dentro do praticante. Investe-se naquele metal num dia e retira-se poder dele em

outro dia. É uma arte diversificada, com algumas sondagens no Físico, algumas no Cognitivo e até mesmo algumas no Espiritual. Esses últimos poderes estão sob extensa experimentação pela comunidade terrisana e não são divulgados a estrangeiros.

Deve-se observar que a reprodução entre feruquemistas e a população geral diluiu o poder em alguns aspectos. Atualmente, é comum as pessoas nascerem com acesso a apenas uma das dezesseis capacidades feruquêmicas. Levanta-se a hipótese de que, se alguém pudesse fazer mentes de metal a partir das ligas com os Metais Divinos, outras capacidades poderiam ser descobertas.

A Hemalurgia é bastante desconhecida no mundo moderno de Scadrial. Seus segredos foram mantidos por aqueles que sobreviveram ao renascimento do mundo, e os únicos praticantes conhecidos agora são os kandra, que, na maior parte das vezes, servem a Harmonia.

A Hemalurgia é uma arte de fim negativo, pois um tanto do poder se perde na sua prática. Embora muitos através da história a tenham demonizado como uma arte maligna, nenhuma das investiduras é realmente maligna. Em sua essência, a hemalurgia lida com capacidades — ou atributos — retiradas de uma pessoa e concedidas a outras. Seu foco principal são elementos do reino Espiritual, o que atrai muito do meu interesse. Se uma das três artes é de grande interesse para a Cosmere, é esta. Acredito que existem grandes possibilidades para seu uso.

TABELA DE REFERÊNCIA RÁPIDA DE METAIS

METAL	PODER ALOMÂNTICO	PODER ~~FERUQUÊ~~MICO
 *Ferro*	Puxa *fontes de metais próximas*	*Armazena peso físico*
 *Aço*	Empurra *fontes de metais próximas*	*Armazena velocidade física*
 *Estanho*	*Amplia sentidos*	*Armazena sentidos*
 *Peltre*	*Amplia habilidades físicas*	*Armazena força física*
 *Zinco*	*Tumultua (inflama) emoções*	*Armazena velocidade mental*
 *Latão*	*Abranda (atenua) emoções*	*Armazena calor*
 *Cobre*	*Esconde pulsos alomânticos*	*Armazena memórias*
 *Bronze*	*Permite ouvir pulsos alomânticos*	*Armazena prontidão*
 *Cádmio*	*Reduz a velocidade do tempo*	*Armazena fôlego*
 *Curvaliga*	*Aumenta a velocidade do tempo*	*Armazena energia*
 *Ouro*	*Revela o eu passado*	*Armazena saúde*
 *Electrum*	*Revela o eu futuro*	*Armazena determinação*
 *Cromo*	*Esvazia as reservas alomânticas do alvo*	*Armazena sorte*
 *Nicrosil*	*Fortalece o consumo alomântico do alvo*	*Armazena investidura*
	Esvazia as reservas alomânticas	*Armazena identidade*

 *Alumínio*	*internas*	*espiritual*
 *Duralumínio*	*Fortalece o próximo metal queimado*	*Armazena conexão espiritual*

LISTA DE METAIS

AÇO: *Brumosos Lançamoedas* queimam aço e podem *empurrar* fontes de metais próximas. Os *empurrões* precisam ser para longe do centro de gravidade do Lançamoedas. *Ferumosos Corredores de Aço* podem armazenar velocidade física numa mente de metal de aço, tornando-os mais lentos enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua velocidade.

ALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima alumínio instantaneamente metaboliza todos os seus metais sem nenhum efeito, esvaziando suas reservas alomânticas. Brumosos que queimam alumínio são chamados de *Mosquitos de Alumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Verdadeiros* podem armazenar sua noção espiritual de identidade numa mente de metal de alumínio. Essa é uma arte raramente comentada fora das comunidades terrisanas e, mesmo entre elas, ainda não é bem compreendida. O alumínio e algumas de suas ligas são inertes alomanticamente; não podem ser *empurrados* ou *puxados* e podem ser usados para proteger um indivíduo de Alomancia emocional.

BRONZE: *Brumosos Buscadores* queimam bronze para “ouvir” os pulsos emitidos por outros alomânticos que estejam queimando metais. Diferentes metais produzem diferentes pulsos. *Ferumosos Sentinelas* podem armazenar prontidão numa mente de metal de bronze, o que os deixa sonolentos enquanto armazenam. Podem drenar a mente de metal mais tarde para reduzir a sonolência ou aumentar sua percepção.

CÁDMIO: *Brumosos Pulsadores* queimam cádmio para alterar a passagem do tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais devagar dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha ocorram a uma velocidade estonteante do ponto de vista do Pulsador. *Ferumosos Ofegantes* podem armazenar fôlego dentro de uma mente de metal de cádmio; durante a armazenagem, precisam hiperventilar para seus corpos conseguirem ar suficiente. O fôlego pode ser recuperado mais tarde, eliminando ou reduzindo a necessidade de respirar pelos pulmões enquanto drenam suas mentes de metal. Também podem oxigenar muito seu sangue.

COBRE: *Brumosos Nuvens de Cobre*, também conhecidos como Esfumaçadores, queimam cobre para criar uma nuvem invisível ao redor de si, impedindo que os alomânticos próximos sejam detectados por um Buscador e protegendo indivíduos próximos dos efeitos da Alomancia emocional. *Ferumosos Arquivistas* podem armazenar lembranças numa mente de metal

(mente de cobre); a lembrança desaparece da cabeça enquanto estiver em armazenagem e pode ser recuperada com perfeição mais tarde.

CROMO: *Brumosos Sugadores* que queimam cromo enquanto tocam em outro alomântico limpam as reservas desse alomântico. *Ferumosos Fiandeiros* podem armazenar sorte numa mente de metal de cromo, deixando-os sem sorte durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para aumentá-la.

CURVALIGA: *Brumosos Deslizantes* queimam curvaliga para comprimir o tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais rapidamente dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha aconteçam lentamente do ponto de vista do Deslizante. *Ferumosos Absorvedores* podem armazenar nutrientes e calorias numa mente de metal de curvaliga; podem comer grandes quantidades de comida durante a armazenagem sem se sentirem cheios ou ganhar peso e não precisar comer ao drenar a mente de metal. Uma mente de metal de curvaliga pode ser usada para regular ingestão de fluidos da mesma maneira.

DURALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima duralumínio instantaneamente queima quaisquer outros metais que estejam sendo usados no momento, liberando uma enorme explosão de poder. Brumosos que queimam duralumínio são chamados de *Mosquitos de Duralumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Conectores* podem armazenar conexão espiritual numa mente de metal de duralumínio, reduzindo sua consciência do próximo e a capacidade de amizade durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para estabelecer relacionamentos de confiança rapidamente com outras pessoas.

ELECTRUM: *Brumosos Oráculos* queimam electrum para ter uma visão de possíveis futuros. Em geral, o efeito é limitado a apenas poucos segundos. *Ferumosos Pináculos* podem armazenar determinação numa mente de metal de electrum, entrando num estado depressivo durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para entrar numa fase maníaca.

ESTANHO: *Brumosos Olhos de Estanho* queimam estanho para aumentar a sensibilidade dos seus cinco sentidos. Todos são fortalecidos ao mesmo tempo. *Ferumosos Sussurradores de Vento* podem armazenar a sensibilidade de um dos cinco sentidos numa mente de metal de estanho; deve ser usada uma mente de metal de estanho diferente para cada sentido. Enquanto o ferumoso armazena, a sensibilidade daquele sentido fica reduzida, e, quando a mente de metal é drenada, esse sentido se fortalece.

FERRO: *Brumosos Atraidores* que queimam ferro podem *puxar* fontes de

metais próximas. Os *puxões* devem ser direcionados para o centro de gravidade do Atraidor. *Ferumosos Depuradores* podem armazenar peso físico numa mente de metal de ferro, reduzindo seu peso efetivo enquanto armazenam ativamente, e podem drená-la mais tarde para aumentar seu peso efetivo.

LATÃO: *Brumosos Abrandadores* queimam latão para abrandar (atenuar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Abrandador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Almaquente* podem armazenar calor numa mente de metal de latão, resfriando-se enquanto armazenam. Eles podem drenar a mente de metal mais tarde para se aquecer.

NICROSIL: *Brumosos Nicroestouro* que queimam nicrosil enquanto tocam em outro alomântico instantaneamente exaurem quaisquer metais que estejam sendo queimados por aquele alomântico, liberando uma explosão enorme (e talvez inesperada) do poder daqueles metais. *Ferumosos Portadores de Alma* podem armazenar investidura numa mente de metal de nicrosil. Esse é um poder que poucos conhecem; de fato, tenho certeza de que o povo terrisano não sabe realmente o que está fazendo quando usa esse poder.

OURO: *Brumosos Adivinhos* queimam ouro para ter uma visão do próprio passado ou de quem seriam se tivessem feito escolhas diferentes. *Ferumosos Criassangue* podem armazenar saúde numa mente de metal de ouro, reduzindo sua saúde enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para se curar rapidamente ou além das capacidades normais do corpo.

PELTRE: *Brumosos Braços de Peltre*, também conhecidos como Brutamontes, queimam peltre para aumentar força física, velocidade e resistência, também fortalecendo a capacidade de cura do corpo. *Ferumosos Brutos* podem armazenar força física numa mente de metal de peltre, reduzindo sua força enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua força.

ZINCO: *Brumosos Tumultuadores* queimam zinco para tumultuar (inflamar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Tumultuador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Faiscadores* podem armazenar velocidade mental numa mente de metal de zinco, embotando sua capacidade de pensar e raciocinar enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para pensar e raciocinar mais rapidamente.

1ª edição Novembro de 2017
papel de miolo Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa Cartão Supremo 250g/m^2
tipografia gráfica Minion Pro



BRANDON SANDERSON

cresceu em Lincoln, Nebraska. Atualmente mora em Utah com a esposa e os filhos e dá aula de escrita criativa na Brigham Young University. Além de ter concluído a série "A Roda do Tempo", de Robert Jordan, ele inovou a literatura fantástica ao criar a Cosmere, a galáxia onde se passam muitos de seus livros – entre eles, a série "Mistborn", no planeta Scadrial. Em 2013, Sanderson ganhou o Hugo Awards por "The Emperor's Soul", um conto passado em Sel, o mesmo planeta de *Elantris*, seu aclamado primeiro livro – também publicado pela editora LeYa.

www.brandonsanderson.com



Brandon Sanderson retorna à magia do planeta Scadrial numa nova série "Mistborn"

Trezentos anos se passaram e Scadrial se modernizou: ferrovias foram construídas, a eletricidade chegou e as brumas agora passeiam por uma nova paisagem, coberta por arranha-céus de aço.

Nesse novo cenário, Kelsier, Vin, Fantasma, Brisa e todos os outros personagens de "Mistborn – Nascidos da Bruma" se tornaram lendas, mitos e até mesmo objetos de veneração. Embora a ciência e a tecnologia tenham atingido novos patamares, a Alomancia e a Feruquemia ainda são ferramentas cruciais nesse mundo – sobretudo para aqueles que desejam estabelecer ordem e justiça.

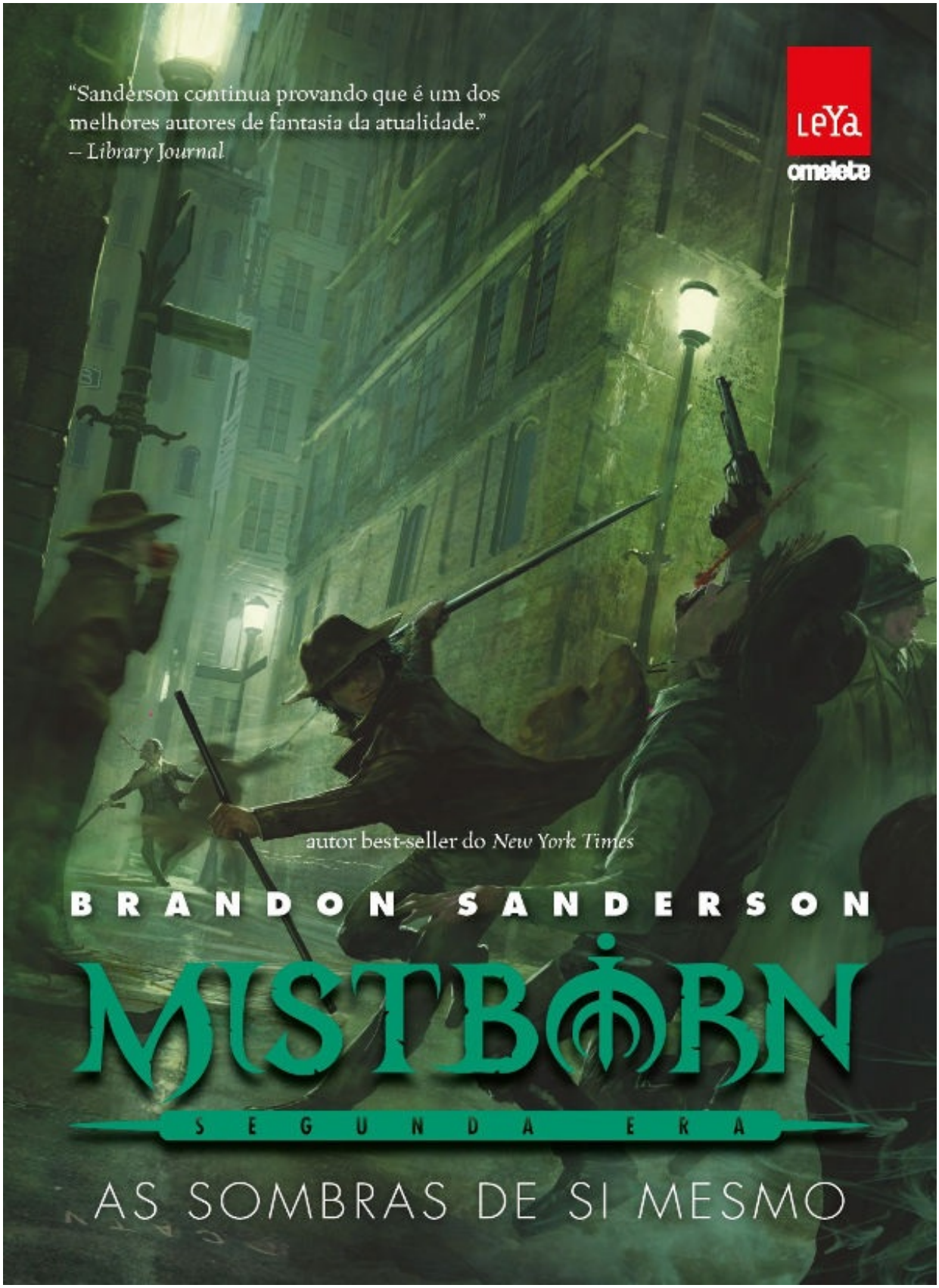
Em *A liga da lei*, Sanderson surpreenderá os leitores ao apresentar um novo Scadrial. Acompanharemos a história de Waxillium, lorde da Casa Ladrian, ex-vigilante das Terras Brutas, uma região sem lei. Um homem dividido entre seu dever com a justiça e a segurança de sua família.

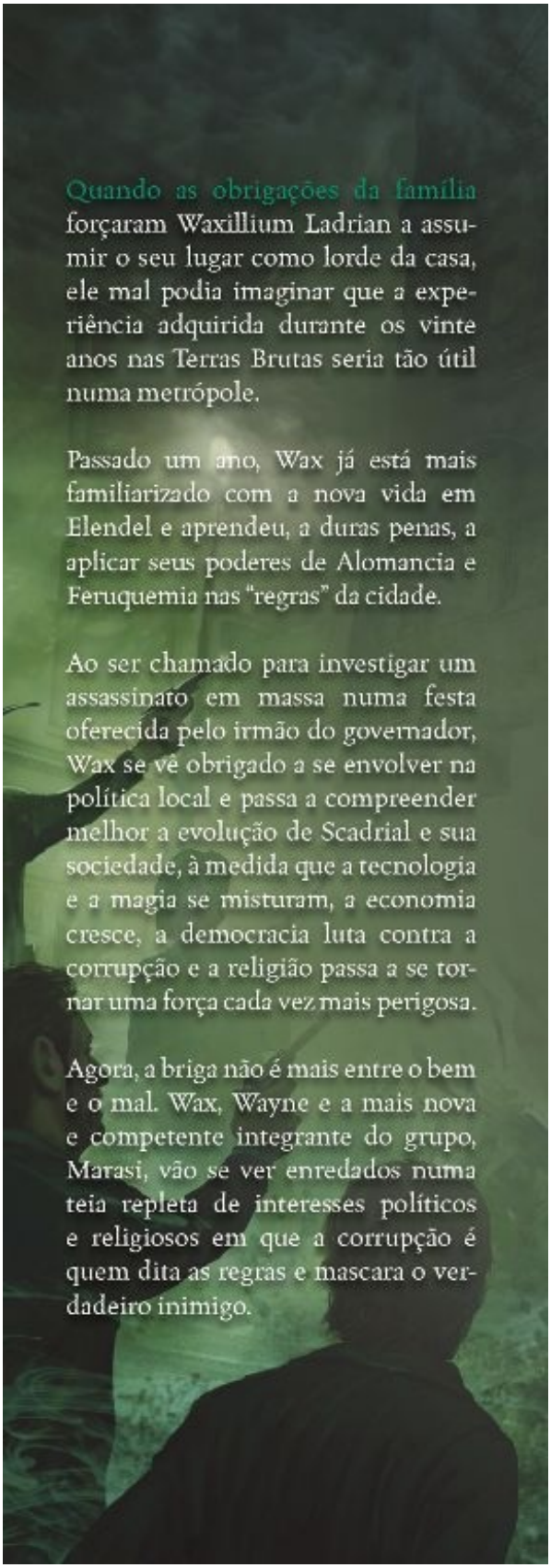
"Com elementos de Sherlock Holmes e de X-Men, esta emocionante aventura é repleta de fugas, tiroteios e desafios espirituosos."
– *Publishers Weekly*

"As ideias inovadoras de Sanderson tanto na pesquisa quanto na aplicação das magias são muito intrigantes e originais."
– *Kirkus Reviews*

LeYa
leya.com.br
9 788544 106457
ISBN 978-85-441-0645-7
omelete.com.br




"Sanderson continua provando que é um dos melhores autores de fantasia da atualidade."
– Library Journal
LeYa
omelete
autor best-seller do New York Times
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
SEGUNDA ERA
AS SOMBRAS DE SI MESMO



Quando as obrigações da família forçaram Waxillium Ladrian a assumir o seu lugar como lorde da casa, ele mal podia imaginar que a experiência adquirida durante os vinte anos nas Terras Brutas seria tão útil numa metrópole.

Passado um ano, Wax já está mais familiarizado com a nova vida em Elendel e aprendeu, a duras penas, a aplicar seus poderes de Alomancia e Feruquemia nas "regras" da cidade.

Ao ser chamado para investigar um assassinato em massa numa festa oferecida pelo irmão do governador, Wax se vê obrigado a se envolver na política local e passa a compreender melhor a evolução de Scadrial e sua sociedade, à medida que a tecnologia e a magia se misturam, a economia cresce, a democracia luta contra a corrupção e a religião passa a se tornar uma força cada vez mais perigosa.

Agora, a briga não é mais entre o bem e o mal. Wax, Wayne e a mais nova e competente integrante do grupo, Marasi, vão se ver enredados numa teia repleta de interesses políticos e religiosos em que a corrupção é quem dita as regras e mascara o verdadeiro inimigo.

MISTBORN:
SEGUNDA ERA

AS SOMBRAS DE SI MESMO

Títulos passados na Cosmere

Elantris

Mistborn – Nascidos da Bruma
O Império Final
O Poço da Ascensão
O Herói das Eras

Mistborn – Segunda Era
A liga da lei
As sombras de si mesmo
Os Braceletes da Perdição

BRANDON SANDERSON

MISTBORN: SEGUNDA ERA

AS SOMBRAS DE SI MESMO

Tradução
Márcia Blasques

LeYa
omelete

Copyright © Dragonsteel Entertainment, LCC, 2015, conforme edição original.
Todos os direitos reservados.
© Brandon Sanderson
Os direitos morais do autor foram afirmados.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Márcia Blasques
Título original: *Shadows of Self: a Mistborn novel*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Pedro Staite
Diagramação: Filigrana
Capa: Leandro Dittz
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Curadoria: Affonso Solano

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S198s

Sanderson, Brandon, 1975-
As sombras de si mesmo / Brandon Sanderson; tradução Márcia Blasques. – Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
(Mistborn : segunda era)

Tradução de: Shadows of self
Sequência de: A liga da lei
Continua com: Os Braceletes da Perdição
ISBN 978-85-441-0647-1

1. Ficção fantástica americana. I. Blasques, Márcia. II. Título. III. Série.

17-45368

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

Para Moshe Feder,
que apostou em mim.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

PRIMEIRA PARTE

1

2

3

4

SEGUNDA PARTE

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18
19
20
21
TERCEIRA PARTE
22
23
24
25
26
EPÍLOGO
ARS ARCANUM

AGRADECIMENTOS

Este livro tem um passado atribulado, já que um terço dele surgiu durante o processo de escrita de outra obra. (Eu aguardava o retorno da editora sobre algumas observações que havia feito; acho que era o livro final de “A Roda do Tempo”). Então tive que parar de trabalhar neste livro para mergulhar no outro.

Quando voltei a ele, minha ideia para uma nova trilogia sobre Wax, Wayne e Marasi tinha se transformado, então, o primeiro terço do livro precisou de vários retoques para tomar forma e se encaixar nos outros dois terços, enquanto eu os escrevia. Depositei muita confiança nas excelentes visões críticas do meu editor, Moshe Feder, do meu agente, Joshua Bilmes e do meu assistente editorial, Peter *Instantâneo* Ahlstrom. Um agradecimento especial também para meu editor no Reino Unido, Simon Spanton.

Meu grupo de escrita também foi, como sempre, inestimável. Nele estão incluídos Emily Sanderson, Karen e Peter Ahlstrom, Darci e Eric James Stone, Alan Layton, Ben “por favor, escreva meu nome certo desta vez” Olsen, Danielle Olsen, Kathleen Dorsey Sanderson, Kaylynn ZoBell, Ethan e Isaac Skarstedt e Kara e Isaac Stewart.

Organizamos uma leitura beta relâmpago, e algumas pessoas atentas ofereceram comentários excelentes. São elas: Jory Phillips, Joel Phillips, Bob Kluttz, Alice Arneson, Trae Cooper, Gary Singer, Lyndsey Luther, Brian T. Hill, Jakob Remick, Eric James Stone, Bao Pham, Aubree Pham, Steve Godecke, Kristina Kugler, Ben Olsen, Samuel Lund, Megan Kanne, Nate Hatfield, Layne Garrett, Kim Garrett, Eric Lake, Karen Ahlstrom, Isaac Skarstedt, Darci Stone, Isaac Stewart, Kalyani Poluri, Josh Walker, Donald Mustard III, Cory Aitchison e Christi Jacobsen.

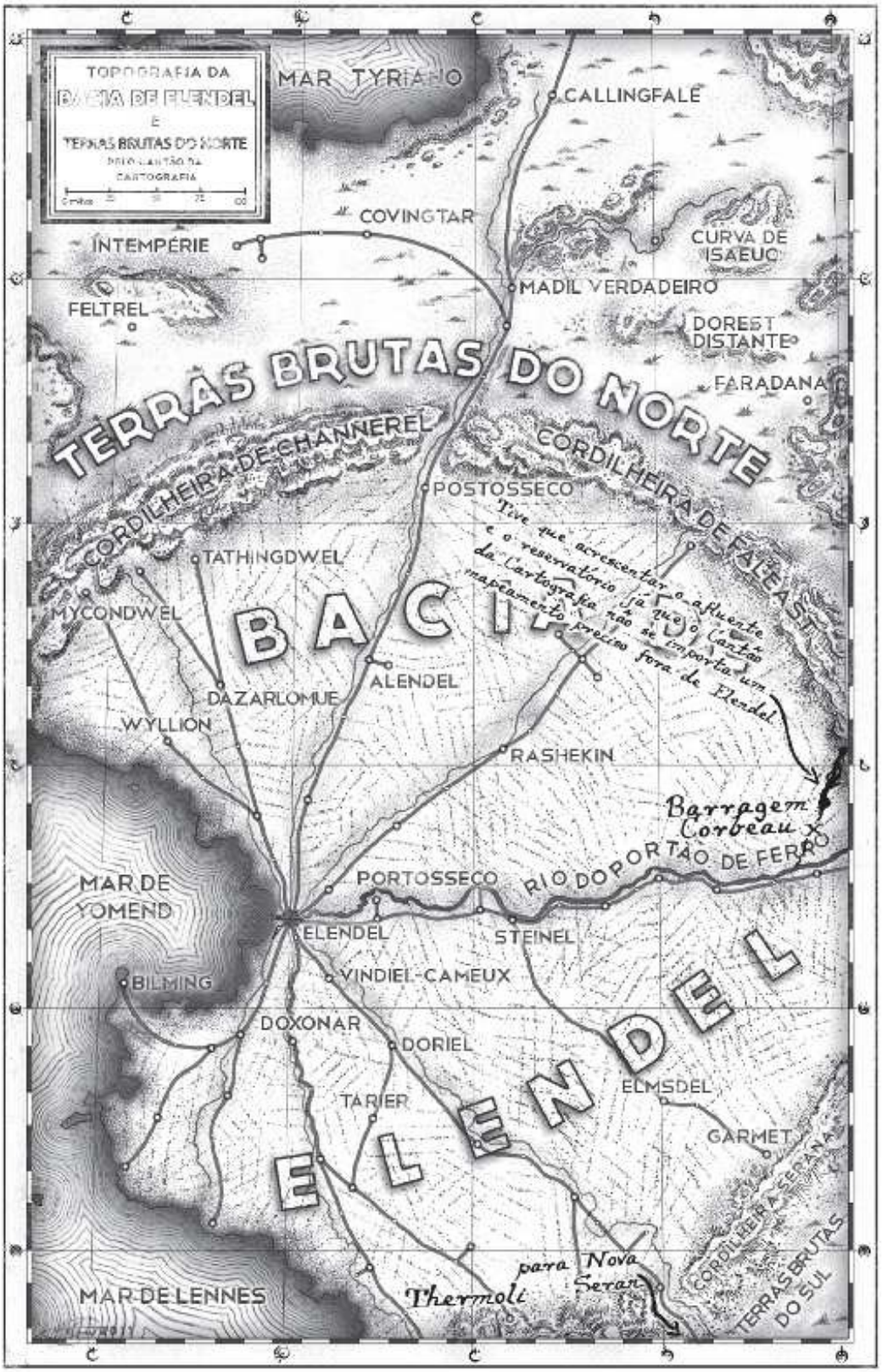
Tem sido incrivelmente satisfatório ver o desenvolvimento das capas dos meus romances ao longo dos anos. Sempre tive essa ideia louca de incluir muito mais imagens do que o normal, basicamente todas que eu conseguir. Dois artistas

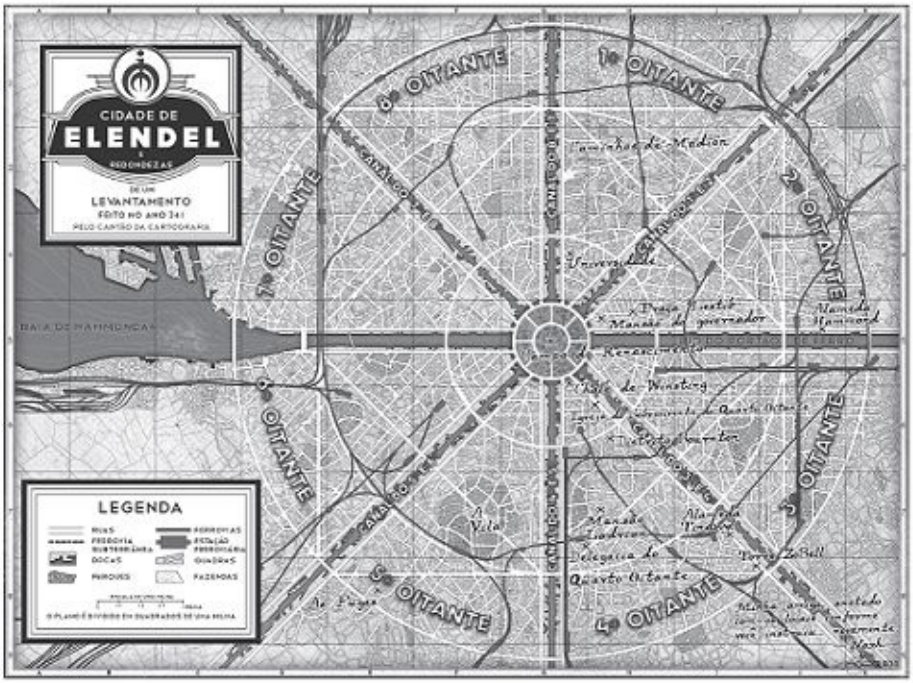
maravilhosos tornaram isso possível neste livro. Meu bom amigo e agora diretor de arte em tempo integral Īsaac Stewart fez os mapas e símbolos. Os desenhos que aparecem na obra são do sempre excelente Ben McSweeney.

Na JABberwocky, minha agência, os agradecimentos vão para Eddie Schneider, Sam Morgan, Krystyna Lopez e Christa Atkinson. No Reino Unido, John Berlyne, da Zeno Agency, merece aplausos.

Na Tor Books, a editora americana que publicou este livro, muito obrigado a Tom Doherty, Linda Quinton, Marco Palmieri, Karl Gold, Diana Pho, Nathan Weaver, Edward Allen e Rafal Gibek. Ingrid Powell foi a revisora. A edição foi de Terry McGarry, e o audiolivro é do meu leitor favorito, Michael Kramer. Outros profissionais envolvidos no audiolivro que merecem agradecimentos são Robert Allen, Samantha Edelson e Mitali Dave. Adam Horne, meu novo assistente executivo, tem seu nome mencionado num livro pela primeira vez aqui. Muito bem, Adam!

Por fim, como sempre, um agradecimento enorme para minha família. Uma esposa maravilhosa e três garotinhos que ainda não entendem muito bem por que os livros que o papai escreve têm tão poucos desenhos.


TOPOGRAFIA DA
BACIA DE ELENDEL
E
TERRAS BRUTAS DO NORTE
PELO CANTÃO DA CARTOGRAFIA
MAR TYRIANO
CALLINGFALE
COVINGTAR
INTEMPÉRIE
CURVA DE ISAEUC
MADIL VERDADEIRO
FELTREL
DOREST DISTANTE
FARADANA
TERRAS BRUTAS DO NORTE
CORDILHEIRA DE CHANNEREL
CORDILHEIRA DE FALEAST
POSTOSSECO
Tive que acrescentar o afluente e o reservatório já que o Cantão da Cartografia não se importa um mapeamento preciso fora de Elendel
TATHINGDWEL
MYCONDWEL
BACIA
ALENDEL
DAZARLOMUE
WYLLION
RASHEKIN
Barragem Corbeau X
PORTOSSECO
RIO DOPORTÃO DE FERRO
MAR DE YOMEND
ELENDEL
STEINEL
VINDIEL-CAMEUX
BILMING
DOXONAR
DORIEL
ELMSDEL
TARIER
GARMET
ELENDEL
CORDILHEIRA SERANA
TERRAS BRUTAS DO SUL
para Nova Serar
Thermoli
MAR DE LENNES


CIDADE DE
ELENDEL
E REDONDEZAS
DE UM
LEVANTAMENTO
FEITO NO ANO 341
PELO CARTÓGRAFO DA CARTOGRAFIA
1º OITANTE
2º OITANTE
3º OITANTE
4º OITANTE
5º OITANTE
6º OITANTE
7º OITANTE
8º OITANTE
BAÍA DE PARMINCAN
LEGENDA
RUAS
FERROVIA
PENÍNSULA SUBTERRÂNEA
ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
DOCAS
QUADRAS
PARQUES
FAZENDAS
O PLANO É DIVIDIDO EM QUADRANTE DE UMA MILHA

PRÓLOGO



Waxillium Ladrian, homem da lei por contrato, desceu do cavalo e girou para encarar o *saloon*.

— Ah... você não enroscou a espora na sela nem tropeçou — disse o garoto, também descendo do cavalo.

— Isso só aconteceu *uma vez* — respondeu Waxillium.

— Sim, mas foi *tão* engraçado.

— Fique com os cavalos — falou Waxillium, jogando-lhe as rédeas. — Não amarre a Destruidora. Posso precisar dela.

— Claro.

— E *não* roube nada.

O garoto de rosto redondo, dezessete anos, com a barba mal aparecendo, apesar de tentar deixá-la crescer por semanas, assentiu com uma expressão solene.

— Prometo não surrupiar nada seu, Wax.

Waxillium suspirou.

— Não foi o que eu disse.

— Mas...

— Fique com os cavalos. E tente não conversar com ninguém.

Waxillium balançou a cabeça enquanto entrava no *saloon*, sentindo uma leveza em seus passos. Estava preenchendo sua mente de metal, diminuindo o

peso do corpo em dez por cento. Era uma prática comum para ele naqueles dias, já que ficara sem peso armazenado durante uma de suas primeiras caçadas por recompensa havia alguns meses.

O *saloon*, claro, era imundo. Praticamente tudo nas Terras Brutas era empoeirado, desgastado ou quebrado. Cinco anos ali, e ele ainda não se acostumara àquilo. Na verdade, passara a maior parte desse tempo tentando ganhar a vida como escriturário, afastando-se cada vez mais dos centros populosos, num esforço para não ser reconhecido. Mas, nas Terras Brutas, até mesmo os centros mais populosos eram mais sujos do que os de Elendel.

E ali, na fronteira das terras povoadas, a palavra "sujeira" nem *começava* a descrever o estilo de vida. Os homens pelos quais passou no interior do bar, encurvados em suas mesas, mal erguiam os olhos. Essa era outra curiosidade das Terras Brutas. Tanto a vegetação quanto as pessoas eram mais espinhosas e rasteiras. Até as acácias em forma de leque, que de vez em quando alcançavam grandes alturas, davam essa impressão de dureza.

Ele esquadrinhou o aposento, mãos nos quadris, esperando chamar a atenção. Não conseguiu, o que o incomodou. Por que usar um terno elegante da cidade, com uma gravata Ascot lavanda, se ninguém notava? Pelo menos não estavam rindo dele, como aconteceu no último bar.

Com a mão na arma, Waxillium seguiu até o bar. O garçom era um homem alto que parecia ter um pouco de sangue de Terris em suas veias, a julgar pelos traços esbeltos, ainda que fosse provável que seus primos refinados da Bacia de Elendel ficassem horrorizados se o vissem roer uma coxa de frango gordurosa com uma das mãos enquanto servia uma caneca com a outra. Waxillium tentou não ficar nauseado; a noção local de higiene era outra coisa com a qual ainda não se acostumara. Aqui, os estranhos eram aqueles que se lembravam de limpar as mãos na calça entre cutucar o nariz e cumprimentar alguém com um aperto de mão.

Waxillium esperou. E esperou mais um pouco. Então, deu um pigarro. Por fim, o garçom se aproximou dele.

— Sim?

— Estou procurando um homem — disse Waxillium, baixinho. — Atende pelo nome de Joe Granito.

— Não conheço — respondeu o garçom.

— Não... ele é *só* o fora da lei mais notório por essas partes.

— Não conheço.

— Mas...

— É mais seguro não conhecer homens como Joe — comentou o garçom antes de dar outra mordida na coxa de frango. — Mas tenho um amigo.

— Isso é surpreendente.

O garçom o fulminou com os olhos.

— Hã... Desculpe. Prossiga.

— Meu amigo pode estar disposto a conhecer pessoas que outros não querem conhecer. Levarei um tempo para encontrá-lo. Vai pagar?

— Sou um homem da lei — falou Waxillium. — Faço o que faço em nome da justiça.

O garçom pestanejou. Lenta e deliberadamente, como se o gesto exigisse um esforço consciente.

— Então... Vai pagar?

— Sim, vou pagar. — Waxillium cedeu com um suspiro, somando mentalmente o que já gastara caçando Joe Granito. Não podia se dar ao luxo de ir novamente para o buraco. Destruidora precisava de uma sela nova, e os trajes de Waxillium não duravam nada por essas bandas.

— Ótimo — comentou o garçom, gesticulando para que Waxillium o seguisse. Percorreram o salão, passando ao redor das mesas e do piano que ficava ao lado de um dos pilares, entre duas mesas. Não parecia ser tocado há décadas, e alguém deixara uma fileira de canecas empoeiradas sobre ele. Perto da escada, entraram numa sala menor. Cheirava a poeira.

— Espere aqui — ordenou o garçom antes de sair e fechar a porta.

Waxillium cruzou os braços, olhando para a única cadeira do aposento. A pintura branca estava rachada e descascando; não duvidava que, se sentasse, acabaria com metade da tinta presa na calça.

Já se sentia mais confortável entre as pessoas das Terras Brutas, ainda que não com seus hábitos particulares. Esses poucos meses caçando recompensas mostraram para ele que *havia* homens e mulheres bons por ali, misturados entre o restante. Mesmo assim, todos tinham uma espécie de *fatalismo* obstinado. Não confiavam em autoridades, e com frequência evitavam homens da lei, mesmo que isso significasse deixar homens como Joe Granito continuarem a devastar e saquear. Sem as recompensas oferecidas pela estrada de ferro e pelas

companhias mineradoras, nada jamais...

A janela tremeu. Waxillium parou. Então, pegou a arma no coldre e queimou aço. O metal gerou um calor agudo dentro dele, como a sensação depois de beber algo quente demais. Linhas azuis saíram de seu peito na direção de fontes de metal próximas, várias das quais logo depois da janela fechada. Outras apontavam para baixo. O *saloon* tinha um porão, o que era incomum nas Terras Brutas.

Ele poderia *empurrar* aquelas linhas se fosse necessário, afastando o metal ao qual estavam conectadas. Por enquanto, apenas observava uma pequena haste deslizar entre as folhas da janela e depois ser erguida, levantando a trava que as mantinha fechadas. A janela estremeceu e então se abriu.

Uma jovem de calça escura saltou para dentro do aposento, com um rifle numa das mãos. Magra, com rosto quadrado, levava um cigarro apagado entre os lábios e parecia ligeiramente familiar para Waxillium. Ela ficou em pé, aparentemente satisfeita, e se virou para fechar a janela. Ao fazer isso, viu Waxillium pela primeira vez.

— Diabos! — exclamou, dando um passo para trás, derrubando o cigarro e levantando o rifle.

Waxillium levantou sua arma e preparou sua Alomancia, desejando encontrar um jeito de se proteger das balas. Podia *empurrar* metal, sim, mas não era rápido o bastante para deter um tiro, a menos que *empurrasse* a arma antes que o gatilho fosse puxado.

— Ei — disse a mulher, olhando pela mira do rifle. — Você não é aquele cara? Aquele que matou Peret, o Sombrio?

— Waxillium Ladrian — respondeu ele. — Homem da lei por contrato.

— Está brincando. É assim que se apresenta?

— Claro. Por que não?

Ela não respondeu. Desviou o olhar do rifle, analisando-o por alguns instantes. Por fim, ela falou:

— Uma gravata Ascot? Sério?

— É meio que uma coisa minha — comentou Waxillium. — O caçador de recompensas cavalheiro.

— Antes de mais nada, por que um caçador de recompensas precisaria de uma “coisa”?

— É importante ter uma reputação — disse Waxillium, erguendo o queixo. — Todos os fora da lei têm uma; as pessoas ouvem falar de homens como Joe Granito de um lado a outro das Terras Brutas. Por que eu não faria o mesmo?

— Porque isso coloca um alvo na sua cabeça.

— Vale o perigo — garantiu Waxillium. — Mas, falando em alvos... — Ele abaixou a arma e fez sinal com a cabeça na direção dela.

— Você está atrás da recompensa por Joe — disse ela.

— Claro que estou. Você também?

Ela assentiu.

— Vamos dividir? — sugeriu Waxillium.

Ela suspirou, mas abaixou o rifle.

— Tudo bem. Mas quem atirar leva o dobro.

— Eu planejava levá-lo vivo...

— Ótimo. Isso me dá uma chance melhor de matá-lo primeiro. — Ela sorriu para ele enquanto se aproximava de modo furtivo da porta. — Meu nome é Lessie. Granito *está* em algum lugar por aqui? Você já o viu?

— Não, não vi — respondeu Waxillium, aproximando-se da porta também. — Perguntei ao garçom, e ele me mandou para cá.

Ela se virou para ele.

— Você perguntou ao garçom.

— Claro — confirmou Waxillium. — Eu li as histórias. Os garçons sabem tudo e... você está balançando a cabeça.

— *Todo mundo* no *saloon* pertence a Joe, Sr. Gravatinha — ironizou Lessie. — Diabos, metade do povo dessa cidade pertence a ele. Você *perguntou ao garçom*?

— Pensei que já tínhamos deixado isso claro.

— Ferrugem! — Ela abriu a porta e olhou para fora. — Como, em nome de Ruína, *você* derrotou Peret, o Sombrio?

— Certamente não fiz tão mal assim. Nem *todos* no *saloon* devem...

Ele deixou a frase pela metade ao espiar pela porta. O garçom alto não tinha saído para buscar ninguém. Não, ele estava no salão principal, gesticulando na direção de uma porta lateral, incitando os assassinos e criminosos que estavam

ali reunidos a se levantarem e se armarem. Os malfeitores pareciam hesitantes, e alguns gesticulavam, zangados, mas vários já tinham sacado as armas.

— Maldição — sussurrou Lessie.

— Vamos sair por onde você entrou? — perguntou Waxillium.

A resposta dela foi fechar a porta novamente, com todo o cuidado, empurrá-lo para o lado e correr até a janela. Quando segurou o peitoril para sair, um tiro disparou ali perto e lascas de madeira explodiram do parapeito.

Lessie xingou e se jogou no chão. Waxillium abaixou-se ao lado dela.

— Um atirador! — sussurrou ele.

— Você é sempre tão perspicaz, Sr. Gravatinha?

— Não, só quando estou levando tiros. — Ele espiou pelo peitoril da janela, mas havia uma dúzia de lugares próximos onde o atirador poderia se esconder. — Isso é um problema.

— Aí está seu agudo poder de observação mais uma vez. — Lessie se arrastou pelo chão na direção da porta.

— Eu me referia a termos um problema em mais de um sentido — explicou Waxillium, cruzando o aposento agachado. — Como tiveram tempo de colocar um atirador em posição? Deviam *saber* que eu apareceria hoje. Esse lugar todo pode ser uma armadilha.

Lessie xingou baixinho enquanto ele alcançava a porta e a abria mais uma vez. Os bandidos estavam discutindo em voz baixa e gesticulando na direção da porta.

— Estão me levando a sério — comentou Waxillium. — Rá! A reputação está funcionando. Viu isso? Estão assustados!

— Parabéns — respondeu ela. — Acha que me darão uma recompensa se eu atirar em você?

— Temos que chegar ao andar de cima — continuou Waxillium, ao ver uma escada bem perto da porta.

— E de que servirá isso?

— Bem, primeiro, todas as pessoas armadas que querem nos matar estão neste andar. Prefiro estar em qualquer outro lugar, e será mais fácil defender a escada do que este quarto. Além disso, podemos encontrar uma janela do outro lado do edifício e fugir.

— Sim, se quiser saltar dois andares.

Saltar não era um problema para um Lançamoedas; Waxillium podia lançar um pedaço de metal no ar e se *empurrar* contra ele para frear a queda e aterrissar em segurança. Também era feruquemista e podia usar sua mente de metal para reduzir muito mais seu peso, até praticamente flutuar.

Mas as habilidades de Waxillium não eram amplamente conhecidas, e ele queria mantê-las assim. Ouvira as histórias de suas sobrevivências milagrosas e gostava do ar de mistério ao redor delas. Especulava-se que ele fosse um Nascido do Metal, claro, mas, enquanto as pessoas não soubessem exatamente o que podia fazer, ele teria uma vantagem.

— Olhe, vou correr até a escada — disse ele para a mulher. — Se quiser ficar aqui e abrir caminho na bala, ótimo. Vai proporcionar uma distração para mim.

Lessie olhou para ele e deu um sorriso.

— Tudo bem. Faremos do seu jeito. Mas, se levarmos um tiro, você me paga uma bebida.

Há alguma coisa familiar nela, pensou Waxillium. Ele assentiu, contou baixinho até três e saiu correndo pela porta, apontando a arma para o bandido mais próximo. O homem saltou para trás enquanto Waxillium atirava três vezes — e errava. Suas balas acertaram o piano, tocando uma nota discordante em cada impacto.

Lessie correu atrás dele e o seguiu pela escada. O grupo heterogêneo de bandidos ergueu as armas com exclamações de surpresa. Waxillium colocou sua arma para trás, para fora do caminho de sua Alomancia, e *empurrou* levemente as linhas azuis que saíam dele na direção dos homens no salão. Eles abriram fogo, mas seu *empurrão* afastara as armas o bastante para fazê-los errar o alvo.

Waxillium seguiu Lessie pela escada, fugindo do tiroteio.

— Malditos demônios — exclamou Lessie quando chegaram ao primeiro andar. — Estamos vivos. — Ela olhou para ele, com as bochechas coradas.

Alguma coisa estalou, como se um cadeado se abrisse na mente de Waxillium.

— *Já* nos encontramos antes — disse ele.

— Não, não nos encontramos — retrucou ela, afastando o olhar. — Vamos continuar...

— O Touro que Chora! — Waxillium se lembrou. — A dançarina!

— Ah, Deus Além — disse ela, continuando a subir para o andar seguinte. — Você se lembra.

— Eu *sabia* que você estava fingindo. Nem Rusko contrataria alguém tão descoordenada, por mais bonitas que fossem suas pernas.

— Podemos saltar de uma janela agora, por favor? — pediu ela, verificando o andar de cima em busca de bandidos.

— Por que você estava lá? Caçando uma recompensa?

— Sim, mais ou menos.

— E realmente não sabia que iam fazer você...

— Esta conversa acabou.

Chegaram ao andar de cima, e Waxillium esperou um instante até que uma sombra na parede anunciou que alguém os seguia. Deu um tiro no bandido que apareceu, errando mais uma vez, mas fazendo o homem recuar. Waxillium ouviu xingamentos e discussões no andar de baixo. Joe Granito podia mandar nos homens daquele bar, mas não eram tão leais assim. Os primeiros a subir a escada quase certamente levariam um tiro, e nenhum deles ansiava em correr o risco.

Isso daria um pouco mais de tempo para Waxillium. Lessie entrou num quarto, passando por uma cama vazia com um par de botas ao lado. Abriu a janela, que ficava do lado do prédio oposto ao atirador.

A cidade de Intempérie se estendia diante deles, um conjunto solitário de lojas e casas encolhidas, como se esperassem, em vão, pelo dia em que a estrada de ferro estenderia seus dedos tão longe. Não muito distante, além das construções baixas, algumas girafas pastavam preguiçosamente, o único sinal de vida animal na vasta planície.

A queda da janela era vertical, sem telhados nos quais se segurar. Lessie observou o chão lá embaixo com cautela. Waxillium colocou os dedos na boca e deu um assobio estridente.

Nada aconteceu.

Ele assobiou novamente.

— O que diabos está fazendo? — Lessie exigiu saber.

— Chamando meu cavalo — respondeu Waxillium, e assobiou pela terceira vez. — Podemos saltar na sela dele e sair cavalgando.

Ela o encarou.

— Você está falando sério.

— Claro que sim. Estivemos treinando.

Uma figura solitária apareceu na rua embaixo deles. Era o garoto que andava seguindo Waxillium.

— Ah, Wax? A Destruidora está parada ali, bebendo água.

— Diabos! — respondeu Waxillium.

Lessie olhou para ele.

— Você colocou na égua o nome de...

— Ela é um pouco mansa demais, tá? — replicou Waxillium, subindo no parapeito da janela. — Achei que o nome pudesse inspirá-la. — Ele colocou as mãos em concha, em volta da boca, e gritou para o garoto lá embaixo. — Wayne! Traga-a até aqui. Vamos pular!

— Nem ferrando — falou Lessie. — Acha que há algo mágico numa sela que nos impedirá de quebrar as costas do cavalo quando saltarmos?

Waxillium hesitou.

— Bem, já li sobre pessoas que fazem isso...

— Sim. Olhe, tenho uma ideia — disse Lessie. — Da próxima vez, por que não grita por Joe Granito, vai até o meio da rua e fazem um belo duelo ao meio-dia?

— Você acha que daria certo? Eu...

— Não, não daria certo — ela replicou. — Ninguém faz isso. É estúpido. Ruína! Como você matou Peret, o Sombrio?

Eles se encararam por um instante.

— Bem... — Waxillium começou a dizer.

— Ah, diabos! Você o pegou cagando, não foi?

Waxillium sorriu para ela.

— Sim.

— Atirou nele pelas costas também?

— Tão bravamente quanto um homem pode atirar em outro pelas costas.

— Ah. Talvez ainda haja esperança para você. Ele acenou com a cabeça na direção da janela.

— Vamos pular?

— Claro. Por que não quebrar as duas pernas antes de levar um tiro? Vamos até o fim nisso, Sr. Gravatinha.

— Acho que ficaremos bem, Srta. Liga Cor-de-rosa.

Lessie levantou uma sobrancelha.

— Se vai me identificar pelas minhas escolhas de roupas — comentou ele —, então posso fazer o mesmo.

— Nunca mais mencionaremos isso — falou ela, e inspirou profundamente. — Então?

Ele assentiu, avivando seus metais, preparando-se para segurá-la e retardar a velocidade da queda, mas só o suficiente para parecer que tinham sobrevivido milagrosamente. Ao fazer isso, no entanto, ele percebeu uma das linhas azuis se movendo, uma linha fraca, apontando para o outro lado da rua.

A janela do moinho. A luz do sol refletia em alguma coisa lá dentro.

Waxillium agarrou Lessie imediatamente e a puxou para o chão. Uma fração de segundo mais tarde, uma bala passou assobiando por suas cabeças e acertou a porta do outro lado do quarto.

— Outro atirador — sussurrou ela.

— Seu poder de observação é...

— Cale-se — disse ela. — E agora?

Waxillium franziu a testa, pensando na pergunta. Olhou para o buraco formado pela bala, calculando a trajetória. O atirador mirara muito alto; mesmo se Waxillium não tivesse abaixado, provavelmente estaria bem.

Por que mirar no alto? A linha azul em movimento da arma indicava que o atirador correra para ficar em posição antes de atirar. Teria sido apenas uma mira apressada? Ou havia uma razão mais sinistra? *Atingir-me no ar? Quando eu pulasse pela janela?*

Ele ouviu passos na escada, mas não viu linhas azuis. Xingou, correndo até a porta e espiando. Um grupo de homens subia a escada, e não eram os bandidos do andar de baixo. Esses homens usavam camisas brancas justas, tinham bigodes finos e estavam armados com bestas. Nenhuma partícula de metal neles.

Ferrugem! Sabiam que ele era um Lançamoedas, e Joe Granito tinha um esquadrão da morte pronto para ele.

Ele voltou para o quarto e agarrou Lessie pelo braço.

— Seu informante disse que Joe Granito estava neste edifício?

— Sim — confirmou ela. — É quase certeza que esteja. Ele gosta de estar por perto quando uma gangue está se reunindo, gosta de ficar de olho em seus homens.

— Este edifício tem um porão.

— E daí?

— Segure-se.

Ele a agarrou com as duas mãos e rolou no chão, fazendo-a gritar e depois xingar. Ao segurá-la sobre si, Waxillium aumentou seu peso.

Já tinha uma grande quantidade estocada em sua mente de metal, depois de semanas enchendo-a. Ele drenou tudo, aumentando seu peso muitas vezes em um instante. O chão de madeira rachou e depois *quebrou* embaixo deles.

Waxillium caiu pelo buraco, rasgando a roupa elegante e trazendo Lessie consigo. Com os olhos fechados, ele *empurrou* as centenas de linhas azuis atrás de si, aquelas que levavam até os pregos no piso do andar de baixo. Fez com que explodissem para baixo, para estilhaçar o chão e abrir caminho até o porão.

Acertaram o piso do térreo em meio a uma chuva de poeira e lascas de madeira. Waxillium conseguiu diminuir a velocidade da queda com um *empurrão* de aço, mas ainda caíram com força, esmagando uma mesa no porão.

Waxillium soltou um gemido, mas se obrigou a virar de lado, livrando-se da madeira quebrada. Para sua surpresa, o porão era revestido de madeira de boa qualidade e iluminado por abajures no formato de mulheres curvilíneas. A mesa que atingiram estava coberta por uma bela toalha branca, embora agora estivesse amontoada, com as pernas estilhaçadas e o tampo partido ao meio.

Um homem estava sentado à cabeceira da mesa. Waxillium conseguiu se erguer dos destroços e apontar a arma para o homem, que tinha o rosto pétreo e a pele escura cinza-azulado, a marca de um homem com ascendência koloss. Joe Granito. Aparentemente, Waxillium interrompera seu jantar, a julgar pelo guardanapo preso no colarinho e a sopa espalhada na mesa quebrada diante dele.

Lessie gemeu, rolando de lado e limpando as lascas de madeira que tinham ficado presas na roupa. Seu rifle devia ter ficado no andar de cima. Waxillium segurou a arma com firmeza enquanto encarava os dois guarda-costas vestindo sobretudos atrás de Joe Granito: um homem e uma mulher, irmãos, ele ouvira dizer, e atiradores de primeira. Estavam surpresos com a queda deles, era óbvio,

pois, embora tivessem as mãos nas armas, ainda não tinham sacado.

Waxillium tinha vantagem, com Joe na mira, mas, se atirasse, os irmãos o matariam em um segundo. Talvez não tivesse planejado essa linha de ataque tão bem quanto deveria.

Joe raspou os restos de sua tigela quebrada, emoldurada por respingos da sopa vermelha na toalha. Conseguiu juntar um pouco em sua colher e a levou aos lábios.

— Você deveria estar morto — disse ele depois de tomar a sopa.

— Você deveria contratar um novo grupo de bandidos — comentou Waxillium. — Os que estão lá em cima não valem muito.

— Eu não estava me referindo a eles — respondeu Joe. — Há quanto tempo está por aqui, nas Terras Brutas, causando problemas? Dois anos?

— Um — corrigiu Waxillium. Estava na região havia mais tempo, mas só recentemente começara a "causar problemas", como Joe colocara.

Joe Granito estalou a língua.

— Acha que seu tipo é novo por aqui, filho? Olhos arregalados, cinturão baixo no quadril e esporas novas e brilhantes? Chegando aqui para consertar nossos modos não civilizados? Vemos dezenas como você todos os anos. Os outros tiveram a decência de aprender a serem subornados ou morreram antes de estragarem muita coisa. Mas você não.

Ele está ganhando tempo, Waxillium pensou. Estava esperando que os homens lá de cima chegassem correndo.

— Soltem as armas! — disse Waxillium para os irmãos, apontando a arma para Joe. — Soltem ou eu atiro!

Os dois guarda-costas não se mexeram. *Nenhuma linha de metal leva ao guarda-costas à direita*, Waxillium pensou. *Nem a Joe*. O da esquerda tinha uma arma, talvez confiando na velocidade de seu saque contra um Lançamoedas. Apostava que os outros dois tinham elegantes bestas portáteis no coldre. Um dardo só, feito de madeira e cerâmica. Feito para matar Lançamoedas.

Mesmo com Alomancia, Waxillium nunca seria capaz de matar os três sem levar um tiro. O suor escorria por sua têmpora. Estava tentado a simplesmente puxar o gatilho e atirar, mas seria morto se fizesse isso. E eles sabiam. Era um impasse, mas *eles* tinham reforços a caminho.

— Você não pertence a este lugar — disse Joe, inclinando-se para a frente,

com os cotovelos apoiados na mesa quebrada. — Viemos para cá para escapar de tipos como você. Suas regras. Suas suposições. Não queremos você.

— Se isso fosse verdade — respondeu Waxillium, surpreso por sua voz se manter estável —, as pessoas não viriam até mim chorando porque você matou os filhos delas. Vocês podem não precisar das leis de Elendel por aqui, mas isso não significa que não precisem de lei alguma. E não significa que homens como você podem fazer o que bem entenderem.

Joe Granito balançou a cabeça, levantando-se, com a mão no coldre.

— Este não é seu habitat, filho. Todo mundo tem um preço nas Terras Brutas. Se não têm, então não se encaixam aqui. Você vai morrer, lenta e dolorosamente, assim como um leão morreria na sua cidade. O que estou fazendo hoje é um ato de misericórdia.

Joe sacou a arma.

Waxillium reagiu rapidamente, *empurrando*-se contra as lamparinas da parede à sua direita. Estavam bem presas, então seu *empurrão* alomântico o mandou para a esquerda. Ele girou a arma e atirou.

Joe apontou a besta e disparou um dardo, mas errou o tiro, que atravessou o ar onde Waxillium estava antes. A bala de Wax, ao menos uma vez, acertou o alvo, atingindo a guarda-costas, que também sacara sua besta. Ela caiu.

Ao se chocar contra a parede, Waxillium *empurrou*, arrancando a arma da mão do outro guarda-costas, que a disparava. Infelizmente, o *empurrão* de Waxillium também arrancou a arma de sua mão, fazendo-a rodopiar na direção do homem. A arma acertou o guarda-costas bem no rosto, nocauteando-o.

Waxillium se equilibrou, olhando para Joe do outro lado do aposento, que parecia perplexo ao ver que os dois guarda-costas tinham sido abatidos. Sem tempo para pensar, Waxillium avançou na direção do grande descendente de koloss. Se conseguisse encontrar algum metal para usar como arma, talvez...

Ouviu o clique de uma arma atrás de si. Waxillium parou e olhou por sobre o ombro para Lessie, que apontava uma pequena besta portátil para ele.

— Todo mundo aqui tem um preço — comentou Joe Granito.

Waxillium olhou para o dardo da besta, com ponta de obsidiana. Onde ela guardava aquilo? Ele engoliu em seco.

Ela se colocou em perigo, subindo as escadas comigo!, pensou. *Como ela poderia...*

Mas Joe sabia sobre sua Alomancia. Então, ela também devia saber. Lessie *sabia* que ele poderia atrapalhar a mira dos bandidos quando correu com ele escada acima.

— Você tem uma explicação de por que não simplesmente *atirou* nele no quarto do *saloon*, onde o garçom o deixou? — perguntou Joe.

Ela não respondeu. Em vez disso, ficou analisando Waxillium.

— Eu avisei que todo mundo no *saloon* era empregado de Joe — observou ela.

— Eu... — Waxillium engoliu em seco. — Ainda acho suas pernas bonitas.

Os olhos dela encontraram os dele. Então, ela suspirou, virando a besta, e acertou Joe Granito no pescoço.

Waxillium pestanejou ao ver o homem imenso cair no chão, gorgolejando enquanto sangrava.

— Sério? — falou Lessie, olhando furiosa para Waxillium. — Isso é tudo o que consegue me dizer para me fazer mudar de opinião? "Você tem pernas bonitas"? Sério? Você está *tão* perdido aqui, Gravatinha.

Waxillium respirou aliviado.

— Ah, *Harmonia*, achei que você fosse atirar em mim de qualquer jeito.

— Pois deveria — resmungou ela. — Não consigo acreditar...

Ela parou de falar quando as escadas rangeram. A tropa de malfeitores do andar de cima finalmente reunira coragem para descer correndo. Quase meia dúzia deles irrompeu porta adentro com as armas em punho.

Lessie mergulhou para pegar a arma do guarda-costas caído.

Waxillium pensou rápido e fez o que lhe veio mais naturalmente. Adotou uma pose dramática em meio aos escombros, um pé mais alto que o outro, Joe Granito morto ao seu lado, os dois guarda-costas abatidos. A poeira do teto quebrado ainda se espalhava por todo lado, iluminada pela luz do sol que entrava por uma janela no andar de cima.

Os bandidos pararam de supetão. Olharam para o cadáver do chefe e depois, boquiabertos, para Waxillium.

Por fim, parecendo crianças pegas na despensa tentando abrir a lata de biscoitos, abaixaram as armas. Os homens da frente tentaram forçar passagem entre os de trás para sair dali, e todo o bando clamoroso saiu, abandonando o

garçom, que foi o último a fugir.

Waxillium se virou e ofereceu a mão para Lessie, que o deixou ajudá-la a ficar em pé. Ela observava os bandidos em fuga, cujas botas rangiam o assoalho de madeira na pressa por escapar. Em instantes, o edifício estava em silêncio.

— Hã — comentou ela —, você é tão surpreendente quanto um macaco dançarino, Sr. Gravatinha.

— Ajuda ter uma coisa — observou Waxillium.

— Sim. Acha que eu devia ter uma coisa?

— Ter uma coisa foi uma das decisões mais importantes que tomei ao chegar nas Terras Brutas.

Lessie assentiu lentamente.

— Não tenho ideia do que estamos falando, mas parece bem sujo. — Ela olhou na direção do cadáver de Joe Granito, que a encarava sem vida, deitado numa poça do próprio sangue.

— Obrigado — falou Waxillium. — Por não me matar.

— Ah, eu ia matar Joe em algum momento mesmo e entregá-lo pela recompensa.

— Sim, mas, bem, duvido que estivesse planejando fazer isso na frente de toda a gangue dele enquanto estava presa no porão, sem ter como fugir.

— É verdade. Isso foi bem estúpido da minha parte.

— Então por que fez isso?

Ela continuou a olhar para o corpo.

— Fiz muitas coisas em nome de Joe que eu gostaria de não ter feito, mas, até onde sei, nunca atirei num homem que não merecesse. Matar você... bem, parece que isso seria matar também o que você defende. Sabe como é?

— Acho que consigo captar o conceito.

Ela esfregou um arranhão ensanguentado no pescoço, que devia ter sido causado por alguma lasca de madeira quebrada durante a queda deles.

— Da próxima vez, no entanto, espero que isso não envolva causar uma confusão tão grande. Eu *gostava* deste *saloon*.

— Vou me esforçar — comentou Waxillium. — Pretendo mudar as coisas por aqui. Se não em toda a extensão das Terras Brutas, pelo menos nesta cidade.

— Bem — falou Lessie, passando por cima do cadáver de Joe Granito —, com certeza qualquer piano malvado que estiver pensando em atacar a cidade vai pensar duas vezes agora, considerando sua proeza com aquela pistola.

Waxillium estremeceu.

— Você... viu aquilo, não viu?

— Raramente vi um feito daqueles — comentou ela, ajoelhando-se e remexendo nos bolsos de Joe. — Três tiros, três notas diferentes, nem um bandido atingido. Isso exige habilidade. Talvez devesse passar um pouco menos de tempo com sua coisa e mais com sua arma.

— *Isso* soou sujo.

— Ótimo. Odeio ser grosseira sem querer. — Ela pegou a carteira de Joe e sorriu, jogando-a para cima e pegando-a novamente. Lá em cima, no buraco que Waxillium fizera, uma cabeça de cavalo apareceu, seguida por uma cabeça menor, de um adolescente com um chapéu grande demais. Onde ele conseguira aquilo?

A Destruidora arfou em saudação.

— Claro, *agora* você vem — reclamou Waxillium. — Cavalo estúpido.

— Na verdade, parece que ficar longe de você durante um tiroteio a torna bem *esperta*. — comentou Lessie.

Waxillium sorriu e estendeu a mão para Lessie. Quando ela a segurou, ele a puxou para perto de si. Seguindo uma linha de luz azul, ele os ergueu no ar, afastando-os dos destroços.



PRIMEIRA PARTE



1



Dezessete anos depois

Winsting sorria para si mesmo enquanto observava o sol se pôr. Era uma noite ideal para se leiloar.

— Minha sala secreta já está pronta? — perguntou ele, apertando levemente o balaústre da varanda. — Só por garantia?

— Sim, milorde. — Flog usava um estúpido chapéu das Terras Brutas e um sobretudo, embora nunca tivesse saído da Bacia de Elendel. Era um guarda-costas excelente, apesar do terrível senso de moda, mas Winsting assegurava-se de *puxar* as emoções do homem mesmo assim, aumentando sutilmente a lealdade de Flog. Cuidado nunca era demais. — Milorde? — chamou Flog, olhando para a sala atrás deles. — Estão todos aqui, milorde. Está pronto?

Sem se afastar do sol poente, Winsting levantou um dedo para calar o guarda-costas. A varanda, no Quarto Oitante de Elendel, dava vista para o canal e para o centro da cidade, então ele tinha uma bela vista do Campo do Renascimento. Longas sombras se projetavam das estátuas da Guerreira Ascendente e do Último Imperador no parque arborizado, onde, segundo uma lenda fantástica, seus cadáveres foram descobertos depois do Grande Catacendro e da Ascensão Final.

O ar estava úmido, levemente temperado por uma brisa fria da Baía de Hammondar, a alguns quilômetros a oeste. Winsting tamborilou no balaústre da varanda, enviando pacientemente pulsos de poder alomântico para moldar as emoções dos que estavam no aposento às suas costas. Ou pelo menos dos que

fossem tolos o bastante para não usar chapéus forrados de alumínio.

A qualquer momento agora...

No começo, eram como manchas no ar, mas logo as brumas aumentaram diante dele, espalhando-se como geada numa janela. Tentáculos esticavam-se e giravam uns sobre os outros, tornando-se correntezas e depois rios de movimento, correntes movendo-se e cobrindo a cidade. Engolindo-a. Consumindo-a.

— Uma noite de bruma — comentou Flog. — Isso é sinal de má sorte.

— Não seja tolo — respondeu Winsting, ajustando sua gravata Ascot.

— Ele está nos observando — falou Flog. — As brumas são os olhos Dele, milorde. Isso é certo como Ruína.

— Bobagem supersticiosa. — Winsting deu meia-volta e entrou na sala. Atrás dele, Flog fechou as portas antes que as brumas pudessem se infiltrar na festa.

As duas dúzias de convidados, juntamente com os inevitáveis guarda-costas, que se misturavam e conversavam, eram um grupo seleto. Não apenas importante, mas também em desacordo uns com os outros, apesar dos sorrisos calculados e da conversa fiada. Winsting preferia ter rivais em eventos como esse. Deixar que todos vissem uns aos outros e que cada um soubesse o custo de perder a competição por sua preferência.

Winsting foi cumprimentá-los. Infelizmente, muitos usavam chapéus cujos forros de alumínio os protegia da Alomancia emocional, embora ele tivesse assegurado pessoalmente para cada convidado que não haveria Abrandadores ou Tumultuadores no grupo. Não dissera nada sobre suas próprias habilidades, é claro. Até onde qualquer um deles sabia, ele não era alomântico.

Ele olhou pelo salão até onde Blome cuidava do bar. O homem balançou a cabeça. Ninguém mais na sala estava queimando metais. Excelente.

Winsting se aproximou do bar, virou-se e levantou as mãos para chamar a atenção de todos. O gesto expôs as reluzentes abotoaduras de diamante que usava na camisa branca engomada. As peças eram de madeira, é claro.

— Senhoras e senhores — disse ele —, bem-vindos ao nosso pequeno leilão. Os lances começam agora e terminam quando eu ouvir a oferta de que mais gostar.

Não disse mais nada; conversa demais mataria o efeito dramático. Winsting

pegou uma bebida que era oferecida por um dos criados e se preparou para se misturar aos convidados. Hesitou ao olhar para o grupo de pessoas.

— Edwarn Ladrian não está aqui — disse, baixinho. Recusava-se a chamar o homem pelo apelido ridículo de Sr. Elegante.

— Não — confirmou Flog.

— Achei que tivesse dito que todos tinham chegado!

— Todos que disseram que vinham — respondeu Flog. Parecia desconfortável.

Winsting apertou os lábios, mas, fora isso, escondeu o desapontamento. Tinha *certeza* de que sua oferta intrigara Edwarn. Talvez tivesse comprado um dos outros senhores do crime que estavam na sala. Era algo a se considerar.

Winsting foi até a mesa central, sobre a qual estava o motivo principal da reunião daquela noite. Era uma pintura de uma mulher reclinada; Winsting a pintara, e estava melhorando.

A pintura não tinha valor algum, mas mesmo assim os homens e mulheres na sala ofereceriam imensas somas por ela.

O primeiro a se aproximar foi Dowser, que comandava a maior parte das operações de contrabando no Quinto Oitante. A barba por fazer havia três dias era sombreada por um chapéu-coco que ele, claramente, não deixara na chapelaria. Uma bela mulher de braços dados com ele e o terno elegante que ele usava faziam pouco para melhorar um homem como Dowser. Winsting franziu o nariz. Quase todo mundo na sala era um pedaço de lixo desprezível, mas os outros tinham a decência de não *parecer* sê-lo.

— É feia como o pecado — comentou Dowser, olhando para a pintura. — Não consigo acreditar que é o que você trouxe para os nossos “lances”. Um pouco descarado, não é?

— Você prefere que eu seja completamente sincero, sr. Dowser? — perguntou Winsting. — Quer que eu proclame em alto e bom som? “Pague-me e, em troca, você terá meu voto no Senado no ano que vem”?

Dowser olhou para os lados, como se esperasse que policiais irrompessem na sala a qualquer momento.

Winsting sorriu.

— Você notará sombras cinzentas nas bochechas dela. Uma representação da natureza cheia de cinzas da vida no mundo pré-Catacêndrico, não? É minha

melhor obra até agora. Vai fazer uma oferta? Começar os lances?

Dowser não falou nada. Em algum momento, daria um lance. Cada pessoa naquela sala passara semanas fazendo pose antes de concordar com aquela reunião. Metade eram senhores do crime como Dowser. Os outros eram, como o próprio Winsting, senhores e senhoras de casas nobres proeminentes, embora não menos corruptos do que os senhores do crime.

— Você não tem medo, Winsting? — perguntou a mulher de braços dados com Dowser.

Winsting franziu a testa. Não a reconhecia. Magra, de cabelo dourado curto, uma expressão gentil no olhar e incrivelmente alta.

— Medo, minha querida? — perguntou Winsting. — Das pessoas nessa sala?

— Não — respondeu ela. — Que seu irmão descubra... o que você faz.

— Garanto para você que Replar sabe exatamente o que sou — disse Winsting.

— O irmão do governador pedindo suborno... — comentou a mulher.

— Se isso realmente a surpreende, minha querida — replicou Winsting —, então você viveu uma vida muito protegida. Peixes muito maiores do que eu são vendidos neste mercado. Quando o próximo chegar, talvez você veja isso.

O comentário chamou a atenção de Dowser. Winsting sorriu ao ver as engrenagens estalarem atrás dos olhos de Dowser. *Sim*, pensou Winsting, *apenas sugeri que meu irmão pode estar aberto ao suborno dele*. Talvez isso aumentasse a oferta do homem.

Winsting se afastou para pegar alguns camarões e uma quiche na bandeja de um criado.

— A mulher com Dowser é uma espiã — disse Winsting, baixinho, para Flog, que estava sempre ao seu lado. — Talvez a serviço da polícia.

Flog se sobressaltou.

— Milorde! Conferimos duas vezes cada pessoa presente!

— Bem, deixaram passar uma — sussurrou Winsting. — Aposto minha fortuna nisso. Siga-a depois da reunião. Se ela se separar de Dowser por qualquer motivo, garanta que sofra um acidente.

— Sim, milorde.

— E, Flog, seja direto com isso. Não quero vê-lo tentando encontrar um

lugar onde as brumas não estarão observando. Entendido?

— Sim, milorde.

— Excelente — disse Winsting, sorrindo de orelha a orelha enquanto se aproximava de Lorde Hughes Entrone, primo e confidente do senhor da Casa Entrone.

Winsting passou uma hora conversando com os convidados, e lentamente as ofertas começaram a aparecer. Alguns dos participantes estavam relutantes. Teriam preferido encontrá-lo em particular, fazer uma oferta secreta e voltar para o submundo de Elendel. Tanto os senhores do crime como os nobres teriam preferido dançar ao redor do tema, sem discuti-lo abertamente. Mesmo assim, deram seus lances, e foram lances bons. No fim de sua primeira volta pelo salão, Winsting tinha que se esforçar para conter a animação. Não precisaria mais limitar seus gastos. Se seu irmão pudesse...

O tiro foi tão inesperado que, no início, ele achou que um dos criados tinha quebrado alguma coisa. Mas, não. O estalo foi agudo, ensurdecedor. Nunca ouvira uma arma disparada dentro de um aposento antes; não sabia quão assombroso podia ser.

Ele ficou boquiaberto, o copo caindo de seus dedos enquanto tentava encontrar a fonte do tiro. Outro se seguiu, depois mais um. Tornou-se uma tempestade, vários lados disparando uns contra os outros numa cacofonia de morte.

Antes que pudesse gritar por ajuda, Flog o segurou pelo braço, empurrando-o na direção da escada que levava à sala secreta. Um de seus outros guarda-costas tropeçou, olhando com surpresa o sangue em sua camisa. Winsting ficou olhando o homem moribundo por muito tempo antes que Flog conseguisse arrancá-lo dali e levá-lo até a escada.

— O que está acontecendo? — Winsting por fim conseguiu perguntar enquanto um guarda fechava a porta atrás deles e a trancava. Os guarda-costas o apressaram para descer a escada escura, fracamente iluminada por luzes elétricas intermitentes. — Quem atirou? O que *aconteceu*?

— Não temos como saber — respondeu Flog. O tiroteio continuava no andar de cima. — Aconteceu rápido demais.

— Alguém simplesmente começou a atirar — disse outro guarda. — Pode ter sido Dowser.

— Não, foi Darm — corrigiu outro. — Ouvi o primeiro tiro vindo do grupo

dele.

De qualquer forma, aquilo era um desastre. Winsting ouviu sua fortuna ter uma morte sangrenta no andar acima e sentiu-se enjoado quando finalmente chegaram ao pé da escada, diante de uma porta semelhante à de um cofre, pela qual Flog o empurrou.

— Vou voltar lá para cima — disse Flog. — Verei o que posso salvar. Descobrir quem causou isso.

Winsting assentiu e fechou a porta, trancando-a por dentro. Sentou-se numa cadeira, preocupado. Havia vinho e outras amenidades no pequeno *bunker*, mas ele não se incomodou em prová-los. Torcia as mãos. O que seu irmão diria? Ferrugem! O que os jornais diriam? De algum modo, tinha que manter aquilo em segredo.

Depois de um tempo, alguém bateu na porta. Winsting olhou pelo olho mágico e viu Flog. Atrás dele, uma pequena força de guarda-costas observava a escada. Aparentemente, o tiroteio tinha parado, embora ali os tiros soassem apenas como leves estalos.

Winsting abriu a porta.

— E então?

— Estão todos mortos.

— *Todos* eles?

— Até o último — comentou Flog, entrando no aposento.

Winsting largou-se na cadeira.

— Talvez seja bom — comentou ele, procurando algum sinal de luz naquele desastre sombrio. — Ninguém pode nos ligar a isso. Talvez possamos simplesmente escapar. Cobrir nossos rastros de alguma forma.

Era pouco provável. Winsting era o dono do edifício. Estaria conectado àquelas mortes. Precisaria de um álibi. Diabos, *teria* que falar com seu irmão. Aquilo custaria seu assento no Senado, mesmo que o público em geral nunca descobrisse o que acontecera. Recostou-se no assento, frustrado.

— E então? — perguntou. — O que acha?

Como resposta, um par de mãos agarrou Winsting pelo cabelo, puxou sua cabeça para trás e cortou com eficiência a garganta exposta.

2



Suponho que eu deveria escrever uma dessas coisas, o livrinho dizia. *Contar o meu lado. Não o lado que os historiadores contarão por mim. Duvido que façam isso direito. De qualquer maneira, não sei se gostaria disso.*

Wax deu batidinhas no livro com a ponta do lápis e, então, rabiscou uma anotação para si mesmo numa folha solta.

— Estou pensando em convidar os irmãos Boris para o casamento — disse Steris, sentada num sofá diante de Wax.

Ele grunhiu, ainda lendo.

Sei que Saze não aprova o que fiz, o livro continuou. *Mas o que ele esperava que eu fizesse? Sabendo o que sei...*

— Os irmãos Boris — prosseguiu Steris. — São conhecidos seus, não são?

— Atirei no pai deles — respondeu Wax, sem levantar os olhos. — Duas vezes.

Eu não podia deixar aquilo morrer, o livro dizia. *Não é certo. Imagino que agora a Hemalurgia seja uma coisa boa. Saze está dos dois lados agora, certo? Ruína não está mais por aqui.*

— Será que vão tentar matar você? — perguntou Steris.

— Boris Júnior jurou beber meu sangue — comentou Wax. — Boris III, e, sim, ele é o irmão de Boris Júnior, não pergunte... Boris III jurou... O que foi mesmo? Comer os dedos dos meus pés? Não é um homem muito esperto.

Podemos usar isso. Devemos. Não devemos?

— Eu os colocarei na lista, então — resolveu Steris.

Wax suspirou, levantando os olhos do livro.

— Você vai convidar meus inimigos mortais para nosso casamento — comentou ele, secamente.

— Temos que convidar *alguém* — respondeu Steris. Estava sentada, com o cabelo loiro preso num coque e pilhas de papéis dos arranjos para o casamento arrumadas ao redor dela como réus num tribunal. Seu vestido azul florido era elegante, sem ser nada ousado, e o chapéu formal estava tão preso ao cabelo que podia ter sido pregado ali.

— Tenho certeza de que há escolhas melhores para convidados do que pessoas que me querem me matar — disse Wax. — Ouvi dizer que a tradição manda convidar membros da família.

— Só para constar — observou Steris —, acredito que os membros restantes da sua família também queiram matar você.

Ela tinha razão.

— Bem, os da sua família não. Não que eu saiba, pelo menos. Se precisa encher a festa de casamento, convide mais parentes seus.

— Convidei toda a minha família, como é apropriado. E todos os meus conhecidos que merecem a consideração. — Ela pegou uma folha de papel de uma pilha lateral. — Você, no entanto, só me deu *dois* nomes. Wayne e uma mulher chamada Ranette, que, como você observou, *provavelmente* não vai tentar atirar em você no nosso casamento.

— Muito improvável — concordou Wax. — Ela não tenta me matar há anos. Não de verdade, pelo menos.

Steris suspirou, colocando a folha no lugar.

— Steris... — falou Wax. — Sinto muito, não quis ser debochado. Ranette vai se comportar. Brincamos com isso, mas é uma boa amiga. Ela não vai estragar o casamento, prometo.

— Então quem vai?

— Como é?

— Já o conheço há um ano, Lorde Waxillium. Posso aceitar você pelo que é, mas não tenho ilusões. *Alguma coisa* vai acontecer no nosso casamento. Um bandido vai invadir a cerimônia, armas vão ser disparadas. Ou vamos descobrir explosivos no altar. Ou o padre Bin, inexplicavelmente, vai se revelar um velho

inimigo e tentar matá-lo em vez de realizar a cerimônia. *Vai* acontecer. Estou apenas tentando me preparar para isso.

— Você está falando sério, não está? — perguntou Wax, sorrindo. — Está realmente pensando em convidar um dos meus velhos inimigos só para poder *planejar* uma interrupção.

— Eu os classifiquei por nível de ameaça e facilidade de acesso — comentou Steris, remexendo nos papéis.

— Espere — falou Wax, levantando-se e caminhando até ela. Inclinou-se ao seu lado, olhando os papéis por sobre o ombro da noiva. Cada folha continha uma biografia detalhada. — Ape Manton... Os rapazes Dashir... Ferrugem! Rick Estranho. Tinha me esquecido dele. Onde conseguiu esses nomes?

— Suas façanhas são de conhecimento geral — falou Steris. — E despertam interesse crescente na sociedade.

— Quanto tempo gastou nisso? — perguntou Wax, folhando os papéis na pilha.

— Quis ser minuciosa. Esse tipo de coisa me ajuda a pensar. Além disso, eu queria saber o que você fez durante sua vida.

Aquilo era realmente muito gentil. De um jeito bizarro e Steris de ser.

— Convide Douglas Venture — sugeriu ele. — Ele é meio que um amigo, mas não consegue controlar a bebida. Pode contar que ele vai causar algum problema na recepção.

— Excelente — disse Steris. — E os outros 37 lugares do seu lado?

— Convide os líderes entre as costureiras e os ferreiros da minha casa — falou Wax. — E os comissários-gerais dos vários oitantes. Será um belo gesto.

— Muito bem.

— Se quiser que eu ajude mais com o planejamento do casamento...

— Não. O pedido formal para a realização da cerimônia que mandou para o padre Bin era a única tarefa exigida de você pelo protocolo. Posso cuidar do resto; é o tipo de coisa perfeita para me ocupar. Dito isso, algum dia eu *gostaria* de saber o que tem nesse livrinho que você examina com tanta frequência.

— Eu...

A porta da frente da mansão, no andar de baixo, se abriu com força e passos de botas ecoavam das escadas. No instante seguinte, a porta do escritório se

abriu também, e Wayne quase tropeçou ao entrar. Darriance, o mordomo da casa, estava parado atrás dele, como que se desculpando.

Forte e de estatura média, Wayne tinha um rosto redondo e bem barbeado e, como sempre, usava suas velhas roupas das Terras Brutas, ainda que Steris tivesse feito questão de lhe fornecer roupas novas em pelo menos três ocasiões.

— Wayne, você podia usar a campainha de vez em quando — comentou Wax.

— Que nada. Isso chamaria a atenção do mordomo — respondeu Wayne.

— Esse é o objetivo.

— Vermes rastejantes — comentou Wayne, fechando a porta na cara de Darriance. — Não se pode confiar neles. Olhe, Wax, temos que ir! O Atirador deu sinal de vida!

Finalmente!, pensou Wax.

— Deixe-me pegar meu casaco.

Wayne olhou para Steris.

— Olá, Doida — ele a cumprimentou, com um aceno de cabeça.

— Olá, Idiota — respondeu ela, devolvendo o aceno.

Wax prendeu o coldre de cintura por baixo do terno elegante, mantendo o paletó e a gravata Ascot, e por último vestiu o casaco de bruma.

— Vamos — disse ele, conferindo a munição.

Wayne saiu pela porta e desceu depressa as escadas. Wax parou ao lado do sofá de Steris.

— Eu...

— Um homem precisa ter seus hobbies — comentou ela, pegando outra folha de papel e inspecionando-a. — Eu aceito o seu, Lorde Waxillium. Mas *tente* não levar um tiro no rosto, já que temos que tirar os retratos do casamento hoje à noite.

— Eu me lembrarei disso.

— Fique de olho na minha irmã — pediu Steris.

— É uma perseguição perigosa — falou Wax, apressando-se em direção à porta. — Duvido que Marasi esteja envolvida.

— Se acha isso, então seus dotes profissionais são suspeitos. Se é uma

perseguição perigosa, ela vai *achar* um jeito de estar envolvida.

Wax hesitou na porta. Olhou para ela, e ela o encarou de volta. Parecia que deveria haver algo mais na partida dele. Uma despedida de algum tipo. Algum carinho.

Steris pareceu notar também, mas nenhum dos dois disse nada.

Wax jogou a cabeça para trás, tomando uma dose de uísque com flocos de metal, e saiu apressado pela porta, saltando sobre o parapeito. Reduziu a velocidade da queda com um *empurrão* na prata incrustada no chão de mármore do hall de entrada, aterrissando com um baque das botas na pedra. Darriance abriu a porta da frente para ele sair correndo ao encontro de Wayne na carruagem para seguirem até...

Ele parou nos degraus que davam para a rua.

— O que diabos é isso?

— Um automóvel! — disse Wayne do banco de trás do veículo.

Wax gemeu, acelerando o passo e se aproximando da máquina. Marasi estava sentada atrás do mecanismo de direção, usando um elegante vestido cor de lavanda com rendas. Parecia muito mais jovem do que sua meia-irmã, Steris, embora só tivessem cinco anos de diferença.

Tecnicamente, ela era policial agora. Uma assistente do comissário-geral daquele oitante. Ela nunca explicara realmente por que deixara uma carreira como advogada para se juntar à polícia, mas pelo menos fora contratada não como policial, mas como analista e assistente executiva. Não correria perigos nesta função.

Mesmo assim, ali estava ela. Um brilho de ansiedade ardia em seus olhos quando ela se virou para ele.

— Você vai entrar?

— O que está fazendo aqui? — perguntou Wax, abrindo a porta com alguma relutância.

— Dirigindo. Preferia que Wayne fizesse isso?

— Eu preferia ter uma carruagem e um bom conjunto de cavalos. — Wax se acomodou em um dos assentos.

— Pare de ser tão antiquado — comentou Marasi, movendo o pé e fazendo o engenho diabólico avançar. — O Atirador roubou o Primeira União, como você imaginava.

Wax se segurou com firmeza. Imaginara, três dias antes, que o Atirador atacaria o banco. Como não aconteceu, achou que o homem tinha fugido para as Terras Brutas.

— O capitão Reddi acha que o Atirador vai fugir para seu esconderijo no Sétimo Oitante — observou Marasi, ultrapassando uma carruagem com um cavalo.

— Reddi está errado — comentou Wax. — Vá direto para as Fugas.

Ela não discutiu. O automóvel seguiu sacudindo até chegarem a uma parte já pavimentada com pedras, onde a rua ficava mais suave e o veículo pôde ganhar velocidade. Era um automóvel de último tipo, cujas virtudes eram enumeradas nos jornais, com rodas de borracha e motor à gasolina.

Toda a cidade estava se transformando para acomodá-los. *Muito trabalho só para que as pessoas possam dirigir essas engenhocas*, pensou Wax, azedo. Cavalos não precisavam de um solo tão liso, embora ele tivesse que admitir que o automóvel se saiu admiravelmente bem quando Marasi dobrou uma esquina em alta velocidade.

Mesmo assim, era uma pilha de destruição horrível e sem vida.

— Você não deveria estar aqui — disse Wax quando Marasi dobrou outra esquina.

Ela mantinha os olhos à frente. Atrás deles, Wayne tinha colocado meio corpo para fora da janela, segurando o chapéu e sorrindo.

— Você estudou para ser advogada — comentou Wax. — Deveria estar no tribunal, não perseguindo um assassino.

— Cuidei muito bem de mim mesma no passado. Você nunca reclamou.

— Todas as vezes foram uma exceção. Mesmo assim, aqui está você novamente.

Marasi fez alguma coisa com o bastão à sua direita, mudando as engrenagens do motor. Wax nunca seria capaz de pegar o jeito daquilo. Ela ultrapassou vários cavalos, fazendo com que um dos cavaleiros os xingassem. O movimento ao desviar empurrou Wax contra a porta do passageiro, e ele gemeu.

— O que tem de errado com você ultimamente? — perguntou Marasi. — Reclamou por causa do automóvel, por eu estar aqui, porque o chá estava quente demais hoje cedo. Quase dá para pensar que você tomou uma decisão horrível na sua vida, que a lamenta do fundo da alma. Me pergunto o que poderia ser.

Wax manteve os olhos no caminho. Pelo espelho, viu Wayne recostando-se no assento e erguendo as sobrancelhas.

— Ela pode ter razão, cara.

— Você não está ajudando.

— Eu não pretendia — respondeu Wayne. — Felizmente, sei sobre qual horrível decisão de vida ela está falando. Você realmente deveria ter comprado aquele chapéu que vimos semana passada. Era um chapéu da sorte. Eu tenho um quinto sentido sobre essas coisas.

— Quinto? — perguntou Marasi.

— Sim. Meu olfato não vale um tostão furado. Eu...

— Ali — disse Wax, inclinando-se para a frente e olhando pelo para-brisa. Uma figura saiu de uma rua lateral, elevando-se no ar, aterrissou na rua e se lançou sobre a via diante deles.

— Você estava certo — falou Marasi. — Como sabia?

— O Atirador gosta de ser visto — explicou Wax, deslizando Vindicação pelo coldre ao lado do corpo. — Considera-se um cavalheiro desonesto. Mantenha essa engenhoca em movimento constante, se puder.

A resposta de Marasi foi interrompida quando Wax abriu a porta do automóvel e saltou. Atirou no chão e se *empurrou* contra a bala, lançando-se para cima. Um *empurrão* numa carruagem que passava inclinou sua trajetória para o lado, de modo que, quando desceu, aterrissou no teto de madeira do automóvel de Marasi.

Ele agarrou a beira do teto com uma das mãos, com a arma na altura da cabeça e o vento soprando o casaco de bruma atrás dele. Adiante, o Atirador saiu em disparada pela via pública numa série de *empurrões* de aço. Dentro de si, Wax sentiu a queima reconfortante de seu próprio metal.

Ele se propeliu para fora do automóvel e por sobre a estrada. O Atirador sempre fazia seus assaltos à luz do dia, sempre escapava pelas vias mais movimentadas que pudesse encontrar. Gostava da notoriedade. Provavelmente se sentia invencível. Ser alomântico podia fazer isso com um homem.

Wax lançou-se numa série de saltos sobre automóveis e carruagens, passando por casas em ambos os lados. O vento causado pelos movimentos, a altura e a perspectiva clarearam sua mente e acalmaram suas emoções como o toque de um Abrandador. Suas preocupações se dissolveram, e, por um instante, só havia a

perseguição.

O Atirador usava roupas vermelhas e uma antiga máscara de artista de rua — negra com dentes brancos, como um demônio das Profundezas das histórias antigas. E ele estava conectado ao Grupo, segundo o livro de anotações que Wax roubara do tio. Depois de tantos meses, a utilidade do livro estava diminuindo, mas ainda havia algumas joias a serem exploradas.

O Atirador *empurrou-se* na direção do distrito industrial. Wax o seguiu, saltando de automóvel em automóvel. Era incrível como se sentia mais seguro avançando no ar da tarde do que estando preso numa daquelas horríveis caixas motorizadas.

O Atirador girou no ar e soltou um punhado de alguma coisa. Wax *empurrou-se* num poste de iluminação pública e se lançou para o lado. *Empurrou* as moedas do Atirador quando passaram por ele, colocando-as no caminho de um automóvel qualquer que seguia na rua. O veículo desviou do jeito que pôde, avançando na direção do canal quando o motorista perdeu o controle.

Ferrugem e Ruína, pensou Wax, irritado, se *empurrando* na direção do automóvel. Acionou sua mente de metal, aumentando seu peso vinte vezes, e desceu sobre o capô do veículo.

Com força.

A pancada esmagou a frente do veículo, amassando-o contra as pedras e diminuindo sua velocidade até pará-lo um segundo antes que caísse no canal. Wax viu de relance as pessoas atônitas lá dentro e, então, voltou a encher sua mente de metal e lançou-se com um *empurrão* atrás do Atirador. Quase perdera o homem, mas felizmente as roupas vermelhas chamavam a atenção. Wax localizou-o saltando de um edifício baixo e *empurrando-se* para o alto, avançando junto à lateral de um dos arranha-céus mais baixos da cidade. Wax o seguiu, vendo quando o homem se *empurrou* por uma janela do andar mais alto, doze ou catorze andares acima.

Wax disparou pelo céu, as janelas passando por ele como um borrão. A cidade de Elendel espalhava-se ao seu redor, a fumaça erguendo-se das usinas de carvão, fábricas e casas em inúmeras chaminés. Ele se aproximou de uma janela à esquerda, pela qual o Atirador entrara, e, ao aterrissar levemente na borda de pedra, jogou uma moeda na janela que o bandido usara.

A moeda bateu no vidro. Tiros foram disparados pela janela. Ao mesmo tempo, Wax aumentou seu peso e quebrou a janela em que estava ao se apoiar

contra ela, entrando no edifício. Deslizou sobre o vidro, apontando Vindicação para a parede de gesso que o separava do Atirador.

Linhas azuis translúcidas espalhavam-se por todos os lados, apontando em milhares de direções, levando a pedaços de metal. Os pregos na mesa atrás dele, onde um homem assustado, de terno, se encolhia. Os fios de metal nas paredes, levando às lâmpadas elétricas. Mais importante, algumas linhas apontavam para o *outro lado* da parede, na direção do aposento ao lado. Eram fracas, pois obstruções enfraqueciam seu sentido alomântico.

Uma dessas linhas se moveu como se alguém tivesse levantado uma arma. Wax girou o cilindro de Vindicação e parou na câmara certa.

Uma bala matabrumas.

Ele disparou e *empurrou*, queimando seu metal e acelerando a bala com toda a força que conseguiu. A munição atravessou como se a parede fosse feita de papel.

O metal no aposento ao lado caiu no chão. Wax jogou-se contra a parede, aumentando seu peso e rachando o gesso. Deu um segundo golpe, com o ombro, e irrompeu na sala ao lado, com a arma em punho, procurando o alvo.

Só encontrou uma poça de sangue encharcando o carpete e uma sub-metralhadora jogada no chão. O aposento era algum tipo de sala de escriturário. Vários homens e mulheres estavam deitados no chão, tremendo. Uma mulher levantou um dedo, apontando para a porta. Wax acenou com a cabeça e se abaixou junto à parede perto da porta antes de olhar cuidadosamente para fora.

Com um som agudo e doloroso, um arquivo de ferro deslizou pelo corredor na direção dele. Wax recuou enquanto o móvel passava por ele e, então, saltou e mirou.

Sua arma imediatamente foi lançada para trás. Wax a agarrou com as duas mãos, segurando-a com força, mas um segundo *empurrão* arrancou sua outra pistola do coldre. Seus pés começaram a deslizar, sua arma arrastando-o para trás. Ele grunhiu, mas por fim soltou Vindicação. A arma foi batendo pelo corredor até se encontrar com os restos do arquivo que se esmagara na parede. Wax voltaria para buscá-la quando tudo terminasse.

O Atirador estava na outra ponta do corredor, iluminado pelas suaves luzes elétricas. Sangrava num ferimento no ombro, e o rosto estava oculto pela máscara negra e branca.

— Há milhares de criminosos muito piores do que eu nesta cidade — disse

uma voz abafada por trás da máscara. — Mesmo assim você *me* caça, homem da lei. Por quê? Sou um herói dessa gente.

— Você parou de ser um herói há semanas — falou Wax, avançando, o casaco de bruma se agitando. — Quando matou uma criança.

— Aquilo não foi minha culpa.

— Você disparou a arma, Atirador. Pode não ter mirado na garota, mas *disparou a arma*.

O ladrão deu um passo para trás. O saco pendurado em seu ombro estava rasgado, atingido pela bala de Wax ou por algum estilhaço. Cédulas caíam dali.

O Atirador olhou para ele através da máscara, os olhos pouco visíveis sob as luzes elétricas. Então, saiu correndo para o lado, segurando o ombro enquanto seguia para outro aposento. Wax *empurrou-se* no arquivo e se lançou pelo corredor. Deslizou e parou na frente da porta pela qual o Atirador entrara e se *empurrou* na lâmpada atrás dele, dobrando-a contra a parede e entrando na sala.

A janela estava aberta. Wax agarrou um punhado de canetas que estavam numa escrivaninha antes de se atirar pela janela a doze andares de altura. Cédulas flutuavam no ar, assinalando a trajetória da queda do Atirador. Wax aumentou seu peso, tentando aumentar a velocidade da queda, mas não tinha nada contra o que se *empurrar* e o aumento de peso ajudou muito pouco contra a resistência do ar. O Atirador atingiu o chão antes dele e se *empurrou* para longe usando a moeda que jogara para diminuir sua velocidade de queda.

Um par de canetas com pontas de metal jogado a tempo mal foi suficiente para Wax se *empurrar* e diminuir a velocidade.

O Atirador saltou para longe, pulando sobre alguns postes de iluminação pública. Não tinha metal em seu corpo, ao menos que Wax pudesse localizar, mas se movia bem mais devagar do que antes e deixava um rastro de sangue.

Wax o seguiu. O Atirador devia estar indo para as Fugas, um cortiço onde as pessoas ainda lhe davam cobertura. Não se importavam que seus assaltos tivessem se tornado violentos e comemoravam que ele roubasse daqueles que mereciam.

Não posso deixá-lo alcançar a segurança, pensou Wax, *empurrando-se* num poste e jogando-o para trás a fim de ganhar velocidade. Aproximava-se de sua presa, que olhava freneticamente por sobre o ombro a cada instante para ver onde Wax estava. Wax levantou uma das canetas, calculando quão arriscado seria tentar atingir a perna do Atirador. Não queria um golpe mortal. Aquele

homem sabia alguma coisa.

O cortiço estava logo adiante.

No próximo salto, pensou Wax, segurando a caneta. Pedestres estavam nas calçadas, vendo a caçada alomântica. Não podia correr o risco de atingir um deles. Tinha que...

Um daqueles rostos era familiar.

Wax perdeu o controle de seu *empurrão*. Aturdido pelo que acabara de ver, mal conseguiu se impedir de quebrar os ossos ao atingir a rua, rolando pelo calçamento de pedra. Parou com o casaco de bruma enroscado no corpo.

Apoiou-se nas mãos e nos joelhos.

Não. Impossível. NÃO.

Atravessou a rua cambaleando, alheio ao corcel negro que quase o atropelou e aos xingamentos do homem que o cavalgava. Aquele rosto. Aquele *rosto*.

Da última vez que vira aquele rosto, tinha atirado bem no meio de sua testa. Bronze Sangrento. O homem que matara Lessie.

— Um homem estava aqui! — gritou Wax, empurrando a multidão. — Dedos compridos, cabelo fino. Um rosto quase cadavérico. Vocês o viram? Alguém o viu?

As pessoas o encaravam como se ele estivesse maluco. Talvez estivesse. Wax levou uma das mãos à cabeça.

— Lorde Waxillium?

Ele deu meia-volta. Marasi parara o automóvel ali perto, e ela e Wayne estavam saindo do veículo. Ela realmente fora capaz de segui-lo durante toda a perseguição? Não... não, ele lhe dissera para onde achava que o Atirador iria.

— Wax, meu chapa — interpelou Wayne. — Você está bem? O que ele fez? Derrubou você no ar?

— Algo assim — murmurou Wax, olhando ao redor uma última vez.

Ferrugem, pensou ele. *O estresse está tomando conta da minha mente*.

— Então ele fugiu — comentou Marasi, cruzando os braços e parecendo aborrecida.

— Não, ainda não — falou Wax. — Ele está sangrando e perdendo dinheiro. Vai deixar um rastro. Vamos lá.

3



— Preciso que você fique para trás enquanto entramos no cortiço — pediu Wayne, determinado a impor um tom solene à sua voz. — Não é que eu não queira sua ajuda. Eu quero. Só que vai ser perigoso demais para você. Precisa ficar onde sei que estará em segurança. Sem discussão. Sinto muito.

— Wayne — disse Wax ao passar perto dele —, pare de falar com seu chapéu e venha até aqui.

Wayne suspirou, dando um tapinha no chapéu e obrigando-se a colo-cá-lo no banco do automóvel. Wax era um cara muito bom, mas havia muitas coisas que não entendia. Mulheres eram uma dessas coisas. Chapéus eram outra.

Wayne correu até onde Wax e Marasi espiavam as Fugas. Parecia um mundo diferente. O céu ali era cortado por varais, peças de roupas abandonadas penduradas como homens enforcados. O vento soprava para fora do lugar, feliz em escapar dali, carregando odores incertos. Comida meio cozida. Corpos meio lavados. Ruas meio limpas.

As moradias altas, compactas, lançavam sombras profundas na tarde. Como se fosse um lugar onde o crepúsculo aparecia para uma bebida e um bate-papo antes de sair para cumprir seus deveres noturnos.

— O Lorde Nascido da Bruma não queria que existissem cortiços na cidade, sabia? — comentou Marasi enquanto os três entravam. — Ele se esforçou muito para impedir que surgissem. Construiu belos edifícios para os mais pobres, tentou fazê-los durar...

Wax assentiu, movendo, distraído, uma moeda entre os dedos enquanto

caminhava. Parecia ter perdido suas armas em algum lugar. Tinha pedido algumas moedas para Marasi? Nunca era justo. Quando Wayne pegava emprestado dinheiro dos outros, gritavam com ele. Algumas vezes, ele se esquecia de pedir, mas sempre oferecia uma troca justa.

Enquanto entravam nas Fugas, Wayne ficou para trás. *Preciso de um bom chapéu...*, pensava ele. O chapéu era importante.

Então, ouviu alguém tossindo.

Ah...

Encontrou o sujeito encolhido ao lado de uma entrada, com um cobertor surrado enrolado nos joelhos. Era um tipo comum nos cortiços. Velho, segurando-se à vida como um homem no fim da linha, os pulmões cheios de vários fluidos desagradáveis. O velho tossiu na mão enluvada enquanto Wayne se acomodava nos degraus ao lado dele.

— O que foi agora? — perguntou o homem. — Quem é você?

— O que foi agora? — repetiu Wayne. — Quem é você?

— Não sou ninguém — disse o homem antes de cuspir no chão. — Um estranho sujo. *Num* fiz nada.

— Não sou ninguém — repetiu Wayne, pegando um cantil no bolso do sobretudo. — Um estranho sujo. *Num* fiz nada.

Era um bom sotaque, era sim. Uma voz realmente sussurrante, um clássico antigo, envolto num cobertor de história. Fechando os olhos e ouvindo, Wayne achou que podia imaginar como as pessoas falavam anos atrás. Levantou o cantil.

— Tá tentando me envenenar? — perguntou o homem. Ele cortava as palavras, deixando de fora metade dos sons.

— Tá tentando me envenenar? — repetiu Wayne, movendo a mandíbula como se sua boca estivesse cheia de pedaços de pedra que ele tentava mastigar. Esse aí tinha alguma mistura dos campos do norte, com certeza. Abriu os olhos e ofereceu o uísque para o homem, que cheirou a bebida antes de tomar um pouco. Primeiro, um golinho. Depois, um belo trago.

— Então — perguntou o homem —, você é idiota? Tenho um filho que é idiota. De verdade, nasceu assim. Bem, você me parece normal, de qualquer forma.

— Bem, você me parece normal, de qualquer forma — falou Wayne,

levantando-se. Estendeu a mão para pegar o velho gorro de algodão da cabeça do homem e então gesticulou na direção do cantil com uísque.

— Em troca? — perguntou o homem. — Rapaz, você é um idiota.

Wayne colocou o gorro.

— Você poderia dizer uma palavra que comece com “h” para mim?

— Hã?

— Maravilha ferrada — comentou Wayne. Desceu os degraus até a rua e enfiou o sobretudo numa fresta, junto com seus bastões de duelo, infelizmente. Ficou com a soqueira de madeira, no entanto.

A roupa que usava por baixo do sobretudo era típica das Terras Brutas, não muito diferente das que eram usadas naquele cortiço. Camisa de botões, calça, suspensórios. Dobrou as mangas enquanto caminhava. A roupa era gasta, remendada em alguns lugares. Não a trocaria por nada no mundo. Levava anos para uma roupa ter a aparência certa. Usada, desbotada.

Demore para confiar num homem com roupas novas demais. Não dá para usar roupa nova e limpa tendo um trabalho honesto.

Wax e Marasi tinham parado adiante e conversavam com umas mulheres mais velhas com lenços na cabeça e pacotes nos braços. Wayne quase podia ouvir o que diziam.

Não sabemos nada.

Ele entrou correndo agora há pouco, diria Wax. *Certamente vocês...*

Não sabemos nada. Não vimos nada.

Wayne perambulou até onde um grupo de homens estava sentado sob um toldo sujo enquanto comia frutas passadas.

— Quem são aqueles forasteiros? — perguntou Wayne ao se sentar, usando o sotaque que acabara de aprender com o velho.

Eles nem pensaram em questioná-lo. Um cortiço como aquele tinha muita gente — gente demais para conhecer todo mundo —, mas era fácil dizer se alguém pertencia ou não ao lugar. E Wayne pertencia.

— Tiras, com certeza — comentou um dos homens. A cabeça dele parecia uma tigela de cabeça para baixo: careca e achatada em cima.

— Estão procurando alguém — disse outro homem. Ferrugem e Ruína, o rosto dele era tão pontudo que daria para usar para arar o campo! — Os tiras só

aparecem aqui quando querem prender alguém. Nunca se importaram conosco e nunca vão se importar.

— Se eles se importassem, fariam alguma coisa sobre essas fábricas e usinas de força que jogam cinzas em nós. Não devíamos mais viver nas cinzas. Harmonia disse isso, disse sim — falou o cabeça de tigela.

Wayne assentiu. Era um bom argumento. As paredes daqueles edifícios *eram* cobertas de cinzas. As pessoas do lado de fora se preocupavam com isso? Não. Não, desde que *elas* não tivessem que viver ali. Não deixou de notar os olhares que Wax e Marasi atraíam, fossem das pessoas que passavam atrás deles, apontando, fossem daquelas que fechavam as janelas sobre eles.

Isso é pior, pensou Wayne. *Pior do que o normal*. Teria que falar com Wax sobre aquilo, mas por enquanto havia um trabalho a ser feito.

— *Estão* procurando alguma coisa.

— Fique fora disso — avisou o cabeça de tigela.

Wayne bufou.

— Talvez role um dinheiro.

— Você entregaria um dos seus? — perguntou o cabeça de tigela, com cara feia. — Sei quem você é. Filho de Edip, não é?

Wayne afastou o olhar, sem se comprometer.

— Escute aqui, filho — disse o cabeça de tigela, sacudindo o dedo. — Não confie num tira e *não* seja dedo-duro.

— Não sou dedo-duro — respondeu Wayne, irritado. *Não era*. Mas, de vez em quando, um homem precisava de dinheiro. — Estão atrás do Atirador. Ouvi eles falarem. Vão dar mil pratas pela cabeça dele, vão sim.

— Ele cresceu aqui — disse o cara de arado. — É um de nós.

— Ele matou aquela garotinha — lembrou Wayne.

— É mentira — falou o cabeça de tigela. — Não fique falando com os tiras, filho. Falo sério.

— Tudo bem, tudo bem — concordou Wayne, preparando para se levantar. — Eu só vou...

— Sente-se agora mesmo — mandou o cabeça de tigela. — Ou vou bater com alguma coisa na sua cabeça, vou sim.

Wayne suspirou, sentando-se novamente.

— Vocês, mais velhos, sempre falam de nós, mas não sabem como é nos dias de hoje. Trabalhar numa daquelas fábricas.

— Sabemos mais do que você pensa — respondeu o cabeça de tigela, estendendo uma maçã passada para Wayne. — Coma isso, fique longe de encrenca e não vá para onde eu não possa vê-lo.

Wayne resmungou, mas se sentou e mordeu a maçã. O gosto não era tão ruim. Comeu a fruta toda e se serviu de mais algumas.

Aconteceu logo depois. Os homens do grupo se separaram, deixando Wayne com uma cesta cheia de restos. Despediram-se com brincadeiras amistosas, cada um dos quatro afirmando que tinha tarefas importantes para cumprir.

Wayne colocou uma maçã em cada bolso, levantou-se e foi atrás do cabeça de tigela. Seguiu o camarada com facilidade, acenando com a cabeça para algumas pessoas, que respondiam acenando de volta como se o conhecessem. Era o gorro. Coloque o chapéu de um homem, e você se cercará de sua mente, do jeito como ele pensa, e isso mudará você. Um homem vestido como um trabalhador das docas passou por ele, os ombros caídos, assobiando uma melodia triste. Wayne pegou a melodia. Trabalhar nas docas era uma vida realmente dura. Era preciso fazer longas viagens diárias nos barcos do canal — isso ou encontrar uma cama perto da margem, onde era tão provável ser esfaqueado quanto tomar café da manhã.

Vivera essa vida quando jovem. Tinha cicatrizes para provar, tinha sim. Mas, quando cresceu, passou a querer mais do futuro do que uma briga em cada esquina e mulheres das quais não se lembrava o nome um dia após o outro.

O cabeça de tigela entrou num beco. Bem, ali toda rua ferrada parecia um beco. Ele entrou no beco do beco. Wayne se aproximou da pequena passagem e queimou curvaliga. A Alomancia era um truque útil, era sim. Queimar esse metal criava uma pequena bolha de tempo acelerado ao redor dele. Olhou para o outro lado da esquina, permanecendo dentro da bolha — ela não se movia junto com ele, mas ele podia se mexer dentro dela.

Aí, sim. Ali estava o cabeça de tigela em pessoa, agachado ao lado de uma pilha de lixo, esperando para ver se alguém o seguira. Wayne *quase* tinha feito a bolha grande demais e pegado o homem dentro dela.

Desleixado, desleixado, pensou Wayne. Um erro como esse poderia custar a vida de um homem nas docas. Pegou um cobertor surrado de uma pilha de lixo que estava dentro de sua bolha, voltou pela esquina e desfez a bolha.

Dentro da bolha de velocidade, ele se movia tão rápido que o cabeça de tigela não teria visto mais do que um borrão, se chegasse a ver algo. Isso não despertaria nenhuma suspeita, Wayne tinha certeza. Se estivesse errado, comeria seu chapéu. Bem, um dos chapéus de Wax pelo menos.

Wayne encontrou uns degraus e se acomodou. Puxou o gorro por cima dos olhos, acomodou-se na parede numa posição confortável e jogou o cobertor ao redor de si. Apenas outro sem-teto bêbado.

O cabeça de tigela era cuidadoso. Esperou no beco mais de cinco minutos antes de sair de fininho, olhando para todos os lados, e correr para um edifício do outro lado da rua. Bateu na porta, sussurrou alguma coisa e entrou.

Wayne bocejou, espreguiçando-se, e jogou o cobertor de lado. Atravessou a rua até o edifício no qual o cabeça de tigela entrara e começou a verificar as janelas fechadas. As venezianas antigas eram tão velhas que um bom espirro poderia derrubá-las. Teve que ser cuidadoso para evitar que lascas de madeira espetassem seu rosto enquanto encostava o ouvido em cada uma das janelas.

Os homens dos cortiços tinham um estranho senso de moralidade. Não entregariam um dos seus para a polícia. Nem mesmo por uma recompensa. Mas, por outro lado, um sujeito tinha que comer. Um homem como o Atirador não gostaria de saber como seus amigos eram leais?

— ... eram dois tiras, isso é certo — Wayne ouviu alguém dizer pela janela. — Mil pratas é muita coisa, Atirador. Muita coisa. Agora, não estou dizendo que não pode confiar nos rapazes; não há nenhuma liga ruim no bando. *Posso* dizer que um pouco de encorajamento vai ajudá-los a se sentir melhor sobre a lealdade que demonstram.

Dedurar um amigo estava completamente fora dos limites.

Extorquir um amigo... Bem, isso era apenas fazer negócios.

Se o Atirador não agisse com gratidão, talvez não fosse um bom amigo no fim das contas. Wayne sorriu e colocou a soqueira nos dedos. Deu um passo para trás e, então, atacou o edifício.

Acertou as venezianas com um ombro, arrebentando-as, e então lançou uma bolha de velocidade no momento em que atingiu o chão. Rolou e ficou em pé diante do Atirador, que estava dentro da bolha de velocidade. O homem ainda usava a calça vermelha, embora tivesse tirado a máscara e usasse uma bandagem no ombro. Ele levantou a cabeça, mostrando um rosto surpreso de sobrancelhas largas e lábios grossos.

Ferrugem e Ruína. Não era de estranhar que o sujeito usasse máscara.

Wayne moveu o punho na direção do queixo dele, acertando-o com um soco. Ele rodopiou, punhos para cima, mas a outra meia dúzia de ocupantes do quarto, incluindo o cabeça de tigela, permaneceu congelada do lado de fora da bolha de velocidade. Aquilo é que era sorte.

Wayne sorriu, erguendo o Atirador por cima do ombro. Tirou a soqueira, guardando-a no bolso, e pegou uma maçã. Deu uma mordida suculenta, acenou em despedida para o cabeça de tigela, que olhava adiante com olhos vidrados, congelados, jogou o Atirador pela janela e foi logo atrás.

Assim que atravessaram a bolha de velocidade, ela automaticamente desapareceu.

— O que diabos foi aquilo? — gritou o cabeça de tigela dentro do edifício.

Wayne colocou o inconsciente Atirador no ombro e caminhou de volta pela rua, comendo sua maçã.

— Deixe-me falar com o próximo grupo — pediu Marasi. — Talvez eu consiga fazer com que falem alguma coisa.

Ela sentiu os olhos de Waxillium nela. Ele achava que ela estava tentando provar algo para ele. Antigamente, ele podia estar certo, mas agora ela era policial, totalmente credenciada e a serviço da cidade. Era o *trabalho* dela. Waxillium não concordava com a sua decisão, mas os atos de Marasi não estavam sujeitos à aprovação dele.

Seguiram juntos até um grupo de jovens sentados nos degraus de uma entrada. Os três garotos os olharam desconfiados, a pele suja, as roupas grandes demais amarradas na cintura e nos tornozelos. Aparentemente aquilo era um estilo para jovens das ruas. Cheiravam à fumaça que saía de seus cachimbos.

Marasi se aproximou deles.

— Estamos procurando um homem.

— Se precisa de um homem, estou bem aqui — respondeu um dos garotos, olhando-a de cima a baixo.

— Ah, por favor — falou Marasi. — Você tem quanto? Nove?

— Isso quando está mole. Ei, ela sabe quanto mede! — disse o garoto, gargalhando e agarrando a virilha. — Andou me espiando, moça?

Bem, estou ficando corada, pensou Marasi. *Isso não é nem um pouco profissional*.

Felizmente, ela passara um bom tempo perto de Wayne e suas ocasionais metáforas ousadas. Ficar ruborizada era normal. Ela pressionou.

— Ele passou correndo por aqui há menos de uma hora. Ferido, pingando sangue, usando roupas vermelhas. Tenho certeza de que sabem de quem estou falando.

— Sim, o homem das horas! — exclamou um dos garotos, gargalhando com a referência ao personagem das antigas histórias de ninar. — Eu conheço ele!

Trate-os como testemunhas beligerantes, pensou ela. *Num julgamento. Faça com que continuem falando.* Ela precisava aprender a lidar com pessoas como aqueles garotos do mundo real, não só nas estéreis salas de treinamento.

— Sim, o homem das horas — concordou Marasi. — Para onde ele foi?

— Para a beira do crepúsculo — respondeu o menino. — Não ouviu as histórias?

— Gosto de histórias — comentou Marasi, pegando algumas moedas na carteira. Mostrou-as para eles. Suborno parecia trapaça, mas... bem, ela *não* estava na corte.

Os três garotos olharam as moedas, uma fome súbita brilhando em seus olhos. Pegaram o dinheiro rapidamente, mas talvez mostrar dinheiro ali não fosse muito esperto.

— Vamos ouvir uma história — falou Marasi. — Sobre onde esse... homem das horas pode estar. A beira do crepúsculo, se preferirem. Aqui nessas habitações.

— Talvez a gente saiba — disse um dos meninos. — Mas histórias custam muito mais caro, entende? Mais do que isso.

Atrás dela, alguma coisa tilintou. Waxillium também pegara algumas moedas. Os garotos olharam aquilo, ansiosos, até que Waxillium jogou uma moeda no ar e a *empurrou* até que ela sumiu. Imediatamente, os meninos ficaram em silêncio.

— Falem o que a senhora quer ouvir — disse Waxillium, baixinho, com um tom de ameaça na voz. — Parem de desperdiçar nosso tempo.

Marasi se virou para ele, e, atrás dela, os meninos tomaram sua decisão: saíram correndo, sem querer lidar com um alomântico.

— Isso foi muito útil — comentou Marasi, cruzando os braços. — Muito obrigada.

— Eles iam enganar você — falou Waxillium, olhando por cima do ombro. — E estamos chamando o tipo errado de atenção.

— Eu percebi que iam mentir — replicou Marasi. — Eu ia pegá-los. Atacar a história falsa de alguém é, com frequência, um dos melhores métodos de interrogatório.

— Na verdade — disse Waxillium —, o melhor método de interrogatório envolve uma gaveta e os dedos da pessoa.

— Na verdade — respondeu Marasi —, não envolve, *não*. Estudos mostram que um interrogatório forçado resulta em quase todas as vezes informações de má qualidade. De qualquer forma, o que você tem hoje, Waxillium? Percebo que tem ostentado seu personagem de "homem da lei durão das Terras Brutas"...

— Tenho nada.

— Tem, *sim* — confirmou ela. — E sei o motivo. Nas Terras Brutas, você agia como o homem da lei que era também um cavalheiro. Você mesmo me disse que se segurava à civilização para levá-la com você. Bem, aqui está cercado de lordes o tempo todo. Está praticamente *afogado* na civilização. Então, em vez disso, você tende a ser o homem da lei das Terras Brutas, para trazer um pouco de justiça à moda antiga para a cidade.

— Você pensou muito nisso — disse ele, dando as costas para ela e analisando a rua.

Ferrugem e Ruína. Ele achava que ela estava apaixonada por ele. *Arrogante, bruto... idiota!* Ela bufou e se afastou dele.

Ela *não* estava apaixonada. Ele deixara claro que não haveria nada entre eles e estava noivo da irmã dela. Isso era tudo. Agora os dois não podiam ter um relacionamento profissional?

Wayne parou nos degraus que levavam a um edifício próximo, observando-os e dando mordidas descuidadas numa maçã.

— E por onde você andou? — perguntou Marasi, caminhando até ele.

— Quer uma maçã? — perguntou Wayne, oferecendo outra fruta para ela. — Não está muito passada.

— Não, obrigada. Alguns de nós estão tentando encontrar um assassino, não uma refeição.

— Ah, isso. — Wayne chutou alguma coisa ao seu lado, escondida nas sombras dos degraus. — Sim, já cuidei disso para vocês.

— Você cuidou... Wayne, é uma pessoa que está aos seus pés! Ferrugem! Ele está sangrando!

— Claro que está — respondeu Wayne. — Mas isso não é minha culpa. Se bem que eu bati na cabeça dele.

Marasi levou a mão à boca. Era *ele*.

— Wayne, onde... como...

Waxillium a moveu gentilmente para o lado; ela não o vira se aproximar. Ele se ajoelhou, verificando os ferimentos do Atirador. Depois, olhou para Wayne e assentiu, compartilhando uma expressão que trocavam com frequência. Pelo que Marasi conseguia entender, significava algo entre "Bom trabalho" e "Você é desprezível; *eu* queria ter feito isso".

— Vamos levá-lo até a delegacia — disse Waxillium, levantando o inconsciente Atirador.

— Sim, tudo bem — concordou Marasi. — Mas não vai me dizer *como* ele fez isso? Onde ele estava?

— Wayne tem seus métodos — respondeu Waxillium. — Num lugar como esse, são métodos muito melhores do que os meus.

— Você sabia — disse ela, apontando um dedo para Waxillium. — Você sabia que não íamos chegar a lugar algum fazendo perguntas!

— Eu suspeitava — confessou Waxillium. — Mas Wayne precisa de espaço para usar seus métodos...

— ... considerando que sou tão incrível — acrescentou Wayne.

— ... então fiz o possível para encontrar o Atirador por conta própria...

— ... considerando que *ele* é incapaz de aceitar que sou melhor nesse tipo de coisa do que ele...

— ... caso Wayne falhasse.

— O que nunca acontece. — Wayne sorriu e deu uma mordida na maçã, saltando os degraus para caminhar ao lado de Waxillium. — Só aquela única vez. E naquela outra vez também. Mas elas não contam, considerando que já bati a cabeça vezes suficientes para não me lembrar delas.

Marasi suspirou, sem conseguir acompanhar os passos dos dois. Eles tinham tantas histórias juntos que se moviam numa sincronia subconsciente, como dois dançarinos que se apresentaram juntos inúmeras vezes. Aquilo tornava a vida

particularmente difícil para a recém-chegada que tentava se apresentar com eles.

— Bem — disse Marasi para Wayne —, você podia pelo menos *me* dizer o que fez. Talvez eu pudesse aprender com seus métodos.

— Não — replicou Wayne. — Não vai funcionar para você. Você é bonita demais. De um jeito nada agradável para mim, veja bem. Não vamos entrar nessa conversa de novo.

— Wayne, às vezes você me confunde completamente.

— Só às vezes? — perguntou Waxillium.

— Não posso dar tudo o que tenho para ela, meu chapa — comentou Wayne, os polegares enganchados nos suspensórios. — Tenho que guardar um pouco para os outros. Gosto de dividir sem preconceitos de classe social, sexo ou capacidade mental. Sou um santo ferrado, sou, sim.

— Mas *como*? — insistiu Marasi. — Como você o achou? Fez alguma dessas pessoas falar?

— Não — respondeu Wayne. — Eu as fiz não falar. Elas são melhores nisso. Por causa de toda a prática, suspeito.

— Você deveria fazer umas aulas com eles — acrescentou Waxillium.

Marasi suspirou enquanto se aproximavam da saída das Fugas. A escória humana que antes se amontoava nas escadas e nos becos por ali tinha evaporado, talvez achando que a atenção de vários homens da lei era desconfortável demais. Era...

Waxillium ficou rígido. Wayne também.

— O quê...? — começou Marasi a dizer bem quando Waxillium largou o Atirador e enfiou a mão no bolso do casaco de bruma. Wayne jogou o ombro contra Marasi, empurrando-a para longe quando alguma coisa zuniu no ar e bateu contra as pedras do pavimento onde estavam. Mais projéteis se seguiram, embora ela não estivesse realmente olhando. Em vez disso, deixou Wayne levá-la até a lateral de um edifício, onde ficou relativamente protegida. Então, ambos esticaram o pescoço para vasculhar a linha do horizonte em busca do atirador. Waxillium se impulsionou no ar depois de largar uma moeda, num farfalhar escuro do casaco de bruma. Em momentos assim, ele parecia mais primitivo, como um dos antigos Nascidos da Bruma mencionados nas lendas. Não uma criatura da lei, mas uma fibra da própria noite que veio recolher o que lhe é devido.

— Ah, inferno — exclamou Wayne, acenando com a cabeça na direção do Atirador. O corpo ficara largado no meio da rua, e agora uma seta proeminente de madeira saía dele.

— Flecha? — perguntou Marasi.

— Dardo de besta — respondeu Wayne. — Não vejo um desses há anos. Só são usados para combater alomânticos. — Ergueu os olhos. Acima deles, Waxillium fazia uma busca, subindo rumo ao topo de um dos edifícios.

— Fique aqui — mandou Wayne, antes de sair correndo pelo beco.

— Espere... — falou Marasi, levantando a mão.

Mas ele já se fora.

Esses dois!, pensou ela, irritada. Bem, obviamente alguém não queria que o Atirador fosse capturado e contasse o que sabia. Talvez ela pudesse descobrir algo a partir do dardo ou do próprio cadáver.

Ela se ajoelhou ao lado do corpo, conferindo primeiro para ter certeza de que estava morto e esperando que o dardo não tivesse terminado o serviço. O Atirador *estava* morto, infelizmente. O dardo estava enfiado firmemente na cabeça. Quem podia imaginar que uma besta podia penetrar um crânio desse jeito? Marasi balançou a cabeça, pegando a caderneta de anotações em sua bolsa e fazendo um esboço da posição em que o corpo caíra.

Sabe, pensou ela. *O assassino é sortudo. Ele sumiu tão rápido que nem pôde saber se conseguiu dar um tiro fatal. Se eu quisesse ter certeza de que o Atirador estava morto, eu certamente...*

Marasi ouviu um clique atrás dela.

... voltaria para conferir.

Marasi se virou lentamente e encontrou um homem de aparência esfarrapada saindo de um beco e segurando uma besta. Ele a inspecionou com os olhos escuros.

A parte seguinte aconteceu rápido demais. Antes que Marasi tivesse tempo de dar um passo, o homem correu até ela. Disparou a besta por sobre o ombro, fazendo com que um grito que parecia ser de Wayne ecoasse do beco, e agarrou Marasi pelo ombro quando ela tentou fugir.

Ele a virou, encostando algo frio em seu pescoço. Uma adaga de vidro. Waxillium aterrissou no chão diante deles, o casaco de bruma revoando ao seu redor.

Os dois se encararam, Waxillium com uma moeda na mão direita. Esfregou-a com o polegar.

Lembre-se de seu treinamento como refém, mulher!, pensou Marasi. *A maioria dos homens fazem reféns por desespero.* Conseguiria usar sua Alomancia? Podia reduzir a velocidade do tempo ao seu redor, acelerando-o para todos os que estavam fora de sua bolha. O oposto do que Wayne podia fazer.

Mas não tinha engolido nenhum cádmio. Estúpida! Um erro que os outros dois nunca cometeriam. Tinha que parar de se envergonhar de seus poderes, por mais fracos que fossem. Ela os usara de maneira eficaz em mais de uma ocasião.

O homem tinha a respiração entrecortada, a cabeça bem perto da dela. Marasi podia sentir a barba por fazer no queixo e na bochecha dele.

Homens que fazem reféns não querem matar, pensou ela. *Isso não era parte do plano. Você pode falar com ele, dizer palavras reconfortantes, buscar um território comum e construir algo sobre ele*.

Não fez nada disso. Apenas enfiou a mão na bolsa, pegando a pequena pistola de um tiro que guardava lá dentro. Antes mesmo de pensar no que estava fazendo, pressionou o cano contra o queixo do homem e apertou o gatilho.

E estourou o alto da cabeça dele.

4



Wax abaixou a mão, olhando para o novo cadáver ao lado de Marasi. O tiro dela arrancara um bom pedaço do rosto do homem. Seria quase impossível identificá-lo.

Teria sido difícil de qualquer jeito. Era notoriamente difícil rastrear os capatazes do Sr. Elegante.

Não se preocupe com isso agora, pensou ele. Aproximou-se de Marasi e ofereceu um lenço. Ela estava parada, com olhos arregalados, sangue e pedaços de carne espalhados pelo rosto. Ela olhava fixamente para a frente e não abaixou o olhar. Tinha largado a pistola.

— Aquilo foi... — disse ela, olhando adiante. — Aquilo foi... — Respirou profundamente. — Aquilo foi inesperado da minha parte, não foi?

— Você fez bem — comentou Wax. — As pessoas presumem que um refém está sob seu poder. Com frequência, revidar é o melhor jeito de escapar.

— O quê? — perguntou Marasi, finalmente pegando o lenço.

— Você descarregou a pistola muito perto da sua cabeça. Vai ter problemas de audição. Ferrugem... provavelmente causou danos permanentes ao ouvido. Espero que não seja muito ruim — falou Wax.

— O quê?

Wax gesticulou na direção do rosto dela, e ela olhou para o lenço como se o visse pela primeira vez. Pestanejou e abaixou os olhos. Olhou imediatamente para longe do cadáver e começou a limpar o rosto.

Wayne, resmungando, cambaleou para fora do beco, com um buraco novo na

roupa, na altura do ombro, e um dardo de besta na mão.

— Tanto esforço para interrogá-lo... — disse Marasi, com uma careta.

— Está tudo bem — respondeu Wax. — Continuar viva era mais importante.

— O quê?

Ele deu um sorriso tranquilizador para ela enquanto Wayne acenava para outros policiais, que finalmente chegavam na cena do crime e seguiam para o cortiço.

— Por que isso continua acontecendo comigo? — perguntou Marasi. — Sim, sei que não vou conseguir ouvir sua resposta. Mas essa é... O quê? A terceira vez que alguém tenta me usar como refém? Eu *transpiro* indefensabilidade ou algo assim?

Sim, você transpira indefensabilidade, pensou Wax, ainda que não dissesse. *Isso é uma coisa boa. Faz com que subestimem você*. Marasi era uma pessoa forte. Pensava com clareza nos momentos de tensão e fazia o que precisava ser feito, mesmo que fosse desagradável. Contudo, também era muito interessada em se vestir bem e se maquiar.

Lessie não suportaria nada daquilo. As únicas vezes que Wax a vira usando um vestido foram nas viagens ocasionais que fizeram a Covingtar para visitar os jardins dos Caminhantes. Ele sorriu, lembrando-se da vez que ela usou uma calça *embaixo* do vestido.

— Lorde Ladrian! — Reddi se aproximou, usando o uniforme de capitão da delegacia. O homem magro tinha um bigode bem cortado e lânguido.

— Reddi. — Wax o cumprimentou com um aceno de cabeça. — Aradel está aqui?

— O comissário-geral está envolvido em outra investigação, milorde — disse Reddi, com um tom de voz decidido.

Por que Wax sempre tinha vontade de bater naquele homem depois de falar com ele? Ele nunca era desrespeitoso, era sempre impecavelmente adequado. Talvez fosse motivo suficiente.

Wax apontou para os edifícios.

— Pode fazer a gentileza de pedir para seus homens protegerem essa área? Provavelmente teremos que interrogar os que estão nas redondezas para ver se, por algum milagre, conseguimos descobrir a identidade do homem que Lady Colms acaba de matar.

Reddi bateu continência, embora isso não fosse tecnicamente necessário. Wax tinha uma autorização especial, que o permitia fazer coisas como... bem, saltar pela cidade armado e atirando. Mas não estava na estrutura de comando.

Mesmo assim, os outros policiais se apressaram em fazer o que ele pedia. Enquanto olhava para o Atirador, Wax se obrigava a manter sua raiva sob controle. Neste ritmo, *jamais* localizaria seu tio Edwarn. Wax tinha só uma mínima pista do que o homem estava tentando fazer.

Isso pode transformar qualquer pessoa em um alomântico, entende... Se não usarmos isso, alguém vai usar.

Palavras do livro que o Olhos de Ferro lhe dera.

— Excelente trabalho, milorde — comentou Reddi, com voz calma, acenando com a cabeça na direção do cadáver do Atirador. A roupa era inconfundível. — Um bandido a menos com o qual se preocupar, e com sua eficiência costumeira.

Wax não disse nada. O “excelente trabalho” era só outro beco sem saída.

— Ei, olhem! — exclamou Wayne ali perto. — Acho que encontrei um dos dentes do cara! Isso dá sorte, não dá?

Marasi parecia atordoada e se sentou num degrau ali perto. Wax sentiu-se tentado a confortá-la, mas será que ela o interpretaria mal? Não queria encorajá-la.

— Milorde, podemos conversar? — perguntou Reddi enquanto mais policiais chegavam ao local. — Mencionei que o comissário-geral está envolvido em outro caso. Na verdade, eu já ia procurar você quando ouvimos sobre sua perseguição aqui.

Wax se voltou para ele, imediatamente alerta.

— O que aconteceu?

Reddi fez uma careta, numa rara demonstração de emotividade.

— Algo ruim, milorde — disse ele, em voz mais baixa. — Envolve *política*.

Então o Sr. Elegante também devia estar envolvido.

— Conte-me mais.

— Está... bem... ligado ao governador, milorde. O irmão dele, veja bem, organizou um leilão na noite passada. E, bem, você devia ver com os próprios olhos...

Marasi não deixou de notar Waxillium segurando Wayne pelo ombro e apontando para uma carruagem da delegacia que aguardava por ali. Não viera falar com ela. Quanto tempo levaria para que o maldito homem estivesse disposto a aceitá-la, se não como uma igual, como uma colega?

Frustrada, ela seguiu na direção da carruagem. Infelizmente, encontrou o capitão Reddi no caminho. Ele falava, e ela tinha que aproximar o ouvido e adivinhar um pouco para entender o que estava dizendo.

— Policial Colms. Não está usando seu uniforme.

— Sim, senhor — disse ela. — É meu dia de folga, senhor.

— E, mesmo assim, está aqui — disse ele, com as mãos atrás das costas. — Como é que você sempre acaba em situações como essa, apesar de ter sido dito *explicitamente* que essa não é sua função, uma vez que você não é policial de campo?

— Pura coincidência, estou certa disso, senhor — respondeu Marasi.

Ele lhe deu um sorriso de escárnio. Engraçado. Em geral, ele guardava isso para Waxillium, quando o homem não estava olhando. Reddi disse algo que ela não conseguiu entender e, então, acenou com a cabeça na direção do automóvel que ela trouxera — que, tecnicamente, era propriedade da delegacia. Ela recebera a missão de se tornar proficiente em dirigir automóveis e relatar a eficácia do veículo ao comissário-geral. Ele queria testá-los como substitutos das carruagens puxadas a cavalo.

— Senhor? — perguntou ela.

— Você obviamente já passou por muita coisa hoje, policial — disse Reddi, mais alto. — Não discuta comigo sobre isso. Vá para casa, limpe-se e apresente-se amanhã.

— Senhor — disse Marasi —, eu gostaria de relatar ao comissário-geral Aradel minha perseguição ao Atirador e seu falecimento subsequente, antes que os detalhes se tornem confusos. Ele terá interesse em ouvir, já que está acompanhando o caso pessoalmente.

Ela encarou Reddi. Ele tinha um posto mais alto do que o dela, mas não era seu chefe. Aradel era o chefe de ambos.

— O comissário-geral não está no escritório no momento — disse Reddi, com uma relutância óbvia.

— Bem, então vou me reportar a ele e deixar que ele me dispense, senhor —

respondeu Marasi. — Se for o desejo dele.

Reddi rangeu os dentes e começou a dizer alguma coisa, mas um chamado de um dos outros policiais o distraiu. Ele acenou na direção do automóvel, e Marasi presumiu que fosse uma permissão para fazer o que ela lhe dissera que faria. Então, quando a carruagem com Waxillium partiu, ela a seguiu no carro.

Quando o percurso terminou, numa mansão elegante com vista para o centro da cidade, ela começava a se recuperar. Ainda se sentia abalada, embora desejasse não demonstrar, e já podia ouvir com o ouvido esquerdo, ainda que não com o outro, ao lado do qual disparara a arma.

Quando desceu do automóvel, pegou-se limpando o rosto mais uma vez com o lenço, mesmo que já tivesse tirado todo o sangue havia muito. Seu vestido estava completamente arruinado. Pegou o casaco de policial no banco de trás do automóvel, vestiu-o para esconder as manchas e correu para se juntar a Wax e aos outros, que desciam da carruagem.

Só há mais uma carruagem da delegacia aqui, ela notou, inspecionando a garagem. O que quer que tivesse acontecido ali, Aradel não queria chamar muita atenção. Ao seguir para a porta da frente, Waxillium olhou ao redor e a viu, acenando para que ela fosse até ele.

— Você sabe do que se trata isso? — perguntou ele, em voz baixa, enquanto Reddi e vários outros policiais conversavam perto da carruagem.

— Não — respondeu Marasi. — Ele não fez um relato inicial?

Waxillium negou com a cabeça. Olhou para o vestido ensanguentado de Marasi, que aparecia por baixo da robusta jaqueta marrom, mas não fez comentários. Em vez disso, subiu os degraus, seguido por Wayne.

Dois policiais, um homem e uma mulher, guardavam a porta da mansão. Bateram continência quando Reddi alcançou Wax, fazendo questão de ignorar Marasi, e mostraram o caminho.

— Tentamos manter isso em sigilo — comentou Reddi. — Mas as notícias se espalharão, dado o envolvimento de Lorde Winsting. Ferrugem, isso vai ser um pesadelo.

— O *irmão do governador*? — perguntou Marasi. — O que aconteceu aqui?

Reddi apontou para os degraus.

— Devemos encontrar o comissário-geral Aradel no grande salão de baile. Aviso a vocês que não é uma cena para estômagos delicados. — Ele olhou de

relance para Marasi.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não faz nem uma hora que a cabeça de um homem *literalmente* explodiu em cima de mim, capitão. Acho que ficarei bem — comentou ela.

Reddi não disse mais nada, mostrando o caminho pelos degraus. Ela percebeu que Wayne guardou uma pequena cigarreira decorativa no bolso quando passaram, da marca Magistrados da Cidade, substituindo-a por uma maçã passada. Ela teria que fazê-lo devolver aquilo em algum momento.

O salão de baile, no andar de cima, estava cheio de corpos. Marasi e Waxillium pararam na porta, olhando para o caos. Os homens e mulheres mortos usavam roupas elegantes, belos vestidos de baile ou ternos pretos. Os chapéus tinham caído das cabeças, o elegante carpete bege tinha grandes manchas vermelhas ao redor dos falecidos. Era como se alguém tivesse arremessado uma cesta de ovos no ar e a deixado cair, as entranhas escorrendo por todo o chão.

Claude Aradel, comissário-geral do Quarto Oitante, observava a cena. De vários modos, ele não tinha a aparência de um policial. Seu rosto retangular tinha uma barba ruiva de alguns dias por fazer; só se barbeava quando estava a fim. Sua pele grossa, marcada de rugas, atestava os dias passados em campo, não atrás de uma mesa. Provavelmente já tinha passado dos sessenta anos, embora não divulgasse sua idade verdadeira, e até os registros do oitante tivessem um ponto de interrogação ao lado de sua data de nascimento. O que era certo era que Aradel não tinha nenhuma gota de sangue nobre em suas veias.

Ele deixara a delegacia havia dez anos, sem dar um motivo oficial para sua partida. Os rumores eram de que chegara ao auge da carreira para um homem sem sangue nobre. Muita coisa podia mudar em dez anos, no entanto, e quando Brettin se aposentou, logo depois da execução de Miles Cem-vidas quase um ano antes, a busca por um novo comissário-geral chegara a Aradel. Ele deixara a aposentadoria para aceitar o cargo.

— Ladrian — cumprimentou ele, levantando os olhos e deixando de observar um cadáver. — Ótimo. Você está aqui. — Cruzou o salão e deu um olhar para Marasi, que bateu continência. Ele não a dispensou.

— Ah... — disse Wayne, espiando para dentro —, a diversão já acabou.

Waxillium entrou no salão e apertou a mão que Aradel lhe oferecia.

— Esse é Chip Erikell, não é? — perguntou Waxillium, acenando com a cabeça na direção do cadáver mais próximo. — Aquele que supostamente

controla o contrabando no Terceiro Oitante?

— Sim — confirmou Aradel.

— E Isabaline Frellia — acrescentou Marasi. — Ferrugem! Temos um arquivo sobre ela que é mais alto do que Wayne, mas os promotores nunca conseguiram acusá-la de nada.

— Sete desses corpos pertencem a pessoas de notoriedade equivalente à dela — comentou Aradel, apontando para vários cadáveres entre os caídos. — A maior parte tem envolvimento com sindicatos do crime, embora alguns fossem membros de casas nobres com... reputações duvidosas. Os demais eram representantes de alta patente de outras facções importantes. Temos quase trinta cadáveres notáveis, juntamente com um punhado de guarda-costas de cada um deles.

— É metade da elite criminosa da cidade — disse Waxillium, baixinho, agachando-se ao lado de um corpo. — Pelo menos.

— Todas pessoas em quem nunca fomos capazes de tocar — comentou Aradel. — Não por falta de tentativa, veja bem.

— Então por que todo mundo está tão sério? — perguntou Wayne. — Devíamos estar dando uma festa de arromba, não? Alguém veio aqui e fez nosso trabalho por nós! Podemos tirar um mês de férias.

Marasi negou com a cabeça.

— Uma mudança violenta na estrutura de poder do submundo pode ser perigosa, Wayne. Esse foi um golpe muito ambicioso. Alguém quis eliminar os rivais no atacado.

Aradel olhou para ela e assentiu, concordando. Ela sentiu um ímpeto de satisfação. Fora o comissário-geral quem a contratara, escolhendo-a entre uma dúzia de outros candidatos. Todos os outros currículos eram de pessoas que tinham anos de experiência policial. Em vez disso, ele escolhera uma estudante de direito recém-formada. Vira algo promissor nela, obviamente, e ela pretendia provar que ele estava certo.

— Não consigo imaginar alguém fazendo isso — disse Waxillium. — Derrubar tantos poderes do submundo da cidade de uma só vez não vai favorecer os perpetradores; isso é um mito dos romances baratos. Assassinatos nessa escala só chamam a atenção e unificam a oposição de todas as gangues sobreviventes assim que a notícia se espalha.

— A menos que tenha sido feito por um forasteiro — sugeriu Marasi. — Um elemento incerto desde o início, alguém que pode ganhar se todo o sistema desmoronar.

Aradel grunhiu e Waxillium assentiu, concordando.

— Mas como? — sussurrou Waxillium. — Como alguém conseguiu fazer isso? Certamente, os guarda-costas dessas pessoas rivalizavam com os melhores da cidade. — Começou a caminhar pelo salão, analisando as distâncias, olhando certos corpos, depois outros, murmurando consigo enquanto se ajoelhava de tempos em tempos.

— Reddi disse que o irmão do governador estava envolvido, senhor? — perguntou Marasi para Aradel.

— Lorde Winsting Innate.

Lorde Winsting, líder da Casa Innate. Tinha uma cadeira no Senado de Elendel, uma posição que recebera assim que seu irmão fora eleito governador. Era corrupto. Marasi e o resto dos policiais sabiam. Em retrospecto, ela não ficara surpresa ao encontrá-lo no meio de algo assim. A coisa era que Winsting sempre parecera peixe pequeno para Marasi.

O governador, no entanto... Bem, talvez aquele arquivo que ela mantinha oculto em sua escrivaninha, cheio de pistas, hipóteses e dicas, finalmente fosse ser útil.

— Winsting? — perguntou Marasi para Aradel. — Ele está...?

— Morto? — completou Aradel. — Sim, policial Colms. Pelos convites que encontramos, ele organizou essa reunião sob o disfarce de um leilão. Localizamos o cadáver dele numa sala secreta no porão.

Isso chamou a atenção de Waxillium. Ele se levantou, olhando diretamente para eles. Então, murmurou alguma coisa para si mesmo e caminhou até outro corpo. O que estava procurando?

Wayne se aproximou de Marasi e Aradel. Tomou um gole de um cantil prateado com as iniciais de outra pessoa gravadas no metal. Marasi resolveu não perguntar de que morto ele pegara aquilo.

— Então — disse Wayne —, nosso pequeno lorde era amigo de criminosos, não era?

— Havia muito tempo que suspeitávamos que ele era desonesto — comentou Aradel. — Mas as pessoas amam a família dele, e seu irmão fez grandes esforços

para manter os lapsos anteriores de Winsting fora do foco de atenção.

— Você está certo, Aradel — falou Waxillium, que estava do outro lado do salão. — Isso vai ser bem ruim.

— Não sei. Talvez ele não soubesse que todas essas pessoas fossem encrenca — sugeriu Wayne.

— Duvido — respondeu Marasi. — E, mesmo se fosse verdade, isso não importaria. Assim que os jornais souberem disso... O irmão do governador, morto numa casa cheia de criminosos conhecidos, sob circunstâncias muito suspeitas?

— O que estou ouvindo é que eu estava errado. A diversão *não* acabou — falou Wayne, tomando outro gole.

— Muitas dessas pessoas atiraram umas nas outras — disse Waxillium. Todos se voltaram para ele. Ele se ajoelhou ao lado de outro corpo, inspecionando o jeito como tinha caído, e então olhou para alguns buracos de bala na parede.

Ser um homem da lei, em especial nas Terras Brutas, tinha exigido que Waxillium aprendesse uma ampla variedade de habilidades. Ele era parte detetive, parte executor, parte orientador, parte cientista. Marasi lera uma dúzia de perfis diferentes dele, feitos por vários eruditos, todos investigando a mente de um homem que se tornava uma lenda viva.

— O que quer dizer, Lorde Ladrian? — perguntou Aradel.

— A luta envolveu múltiplos grupos — explicou Waxillium, apontando. — Se isso fosse um ataque inesperado de alguém externo, e Lady Colms está certa, pois isso teria feito mais sentido, devíamos esperar que as vítimas tivessem morrido de uma sequência de tiros disparada por um inimigo invasor. Os cadáveres não nos contam essa história. Isso foi uma briga. Caos. Pessoas aleatórias atirando umas nas outras. Acho que começou quando alguém atirou do *meio* do grupo para fora.

— Então *foi* um dos participantes do evento que começou — concluiu Aradel.

— Talvez — concordou Waxillium. — Só se pode analisar a queda dos corpos e as manchas de sangue até certo ponto. Mas algo está estranho aqui, muito estranho... Todos foram baleados?

— Estranhamente, não. Alguns dos presentes foram mortos com uma facada

nas costas.

— Você identificou todo mundo no salão? — perguntou Waxillium.

— A maior parte — respondeu Aradel. — Queríamos evitar movê-los muito.

— Deixe-me ver Lorde Winsting — pediu Waxillium, levantando-se e fazendo o casaco de bruma farfalhar.

Aradel assentiu para uma policial jovem, e ela os levou para fora do salão de baile, por uma passagem secundária. Algum tipo de passagem secreta? A escada com cheiro de mofo que vinha logo na sequência era estreita o bastante para obrigá-los a andar em fila; a policial ia na frente, levando uma lanterna.

— Srta. Colms — disse Waxillium, baixinho —, o que suas estatísticas dizem sobre esse tipo de violência?

Ah, então agora estamos nos chamando pelos sobrenomes, é isso?

— Muito pouco. Posso contar nos dedos de uma das mãos o número de vezes que algo assim aconteceu. A primeira coisa que eu procuraria são conexões entre as pessoas mortas. Estavam todos no ramo do contrabando, capitão Aradel?

— Não — respondeu ele, atrás dela. — Alguns eram contrabandistas, outros faziam extorsões, outros eram magnatas do jogo.

— Então não foi uma tentativa específica de consolidar poder em certo tipo de atividade criminosa — falou Marasi, a voz ecoando na escada de pedras úmidas. — Precisamos encontrar a conexão, o que tornou essas pessoas alvos específicos. A pessoa mais provável por trás disso está morta.

— Lorde Winsting — disse Waxillium. — Está dizendo que ele os atraiu até aqui, planejou a execução e algo deu errado?

— É uma teoria.

— Ele não era capaz desse tipo de sujeira — opinou Wayne, no fim da fila.

— Você conhecia Winsting? — perguntou Marasi, olhando por sobre o ombro.

— Não especificamente — respondeu Wayne. — Mas ele era político. A sujeira política é diferente da sujeira regular.

— Devo concordar — disse Aradel. — Embora eu não fosse capaz de dizê-lo tão explicitamente. Sabemos que Winsting era corrupto, mas ele sempre se ateve a esquemas pequenos. Vender espaços de carga para contrabandistas quando lhe

convinha, alguns negócios imobiliários escusos aqui e acolá. Dinheiro em troca de favores políticos. Rumores recentes diziam que ele ia colocar seu voto no Senado à venda. Estávamos investigando, mas ainda não tínhamos evidências. De qualquer modo, matar quem estava disposto a lhe pagar seria como explodir uma mina de prata com dinamite para tentar encontrar ouro.

Chegaram ao pé da escada, onde encontraram mais quatro cadáveres. Os guardas, aparentemente, todos mortos com tiros na cabeça.

Waxillium se ajoelhou.

— Tiros pelas costas, vindos da direção da sala secreta — sussurrou ele. — Todos os quatro em sucessão rápida.

— Executados? — perguntou Marasi. — Como o assassino conseguiu que ficassem parados aqui para levar os tiros?

— Não conseguiu — respondeu Waxillium. — Ele se moveu rápido demais para que reagissem.

— Feruquemista — disse Wayne, baixinho. — Maldição.

Feruquemistas que alcançavam altas velocidades eram chamados de Corredores de Aço. Tinham que se mover lentamente por um tempo, para que pudessem usar sua reserva mais tarde. Waxillium levantou os olhos. Marasi viu algo em seu olhar, um desejo ardente. Ele achava que seu tio estava envolvido. Era o que ele pensava *toda* vez que um Nascido do Metal cometia crimes. Waxillium via a sombra do Sr. Elegante atrás dele cada vez que se virava, o espectro do homem que ele não fora capaz de deter.

O Sr. Elegante ainda estava com a irmã de Waxillium, pelo que sabiam. Marasi não conhecia muito da história. Waxillium não contava os detalhes.

Ele se levantou, com uma expressão sombria, e caminhou até a porta atrás dos homens caídos. Abriu-a e entrou, com Marasi e Wayne logo atrás, para encontrar um único cadáver largado em uma cadeira no meio da sala. A garganta fora cortada; o sangue na frente de sua roupa era grosso, seco como tinta.

— Morto com algum tipo de faca comprida ou pequena espada — falou Aradel. — E o mais estranho é que a *língua* dele foi cortada. Já chamamos um cirurgião, para que ele nos diga algo mais sobre o ferimento. Não sei por que o assassino não usou uma arma de fogo.

— Porque os guardas ainda estavam vivos quando isso aconteceu — disse Waxillium, baixinho.

— O quê?

— Eles deixaram o assassino passar pela escada — explicou Waxillium, olhando para a porta. — Era alguém em quem confiavam, talvez um dos seus. Deixaram o assassino entrar na sala secreta.

— Talvez ele estivesse se movendo rápido demais para ser detido — sugeriu Marasi.

— Talvez — concordou Waxillium. — Mas a porta tinha que ser aberta por dentro, e não foi forçada. Há um olho mágico. Winsting deixou o assassino entrar, e ele não teria feito isso se os guardas tivessem sido mortos. Ele estava sentado calmamente na cadeira... não houve luta, apenas um corte rápido por trás. Ou ele não sabia que mais alguém estava aqui ou confiou no assassino. Julgando pelo jeito como os guardas caíram lá fora, eles ainda estavam concentrados na escada, esperando que o perigo viesse. Ainda estavam protegendo este lugar. Meus instintos me dizem que foi um deles, alguém que deixaram passar, que matou Winsting.

— Ferrugem — disse Aradel, baixinho. — Mas... um feruquemista? Tem certeza?

— Sim — confirmou Wayne, parado junto à porta. — Não foi uma bolha de velocidade. Não dá para atirar de dentro de uma dessas, meu chapa. Esses rapazes foram mortos antes que *alguém* pudesse se virar. Wax está certo. Ou é um feruquemista ou alguém descobriu como atirar de dentro de uma bolha de velocidade... o que é algo que nós *realmente* gostaríamos de saber como fazer.

— Alguém se movendo com velocidade feruquêmica explicaria as mortes com facas lá em cima — sugeriu Waxillium, levantando-se. — Algumas poucas execuções rápidas no meio do caos, enquanto todo mundo estava atirando. Rápido e cirúrgico, mantendo o assassino em segurança apesar do tiroteio. Capitão Aradel, sugiro que reúna os nomes dos convidados e da equipe de Winsting. Veja se alguns dos cadáveres que deveriam estar aqui não estão. Investigarei a possibilidade de ser um Nascido do Metal. Corredores do Aço não são comuns, mesmo entre os feruquemistas.

— E a imprensa? — perguntou Marasi.

Waxillium olhou para Aradel, que deu de ombros.

— Não posso evitar, Lorde Ladrian — comentou Aradel. — Não com tantas pessoas envolvidas. Vai acabar vazando.

— Que seja — disse Waxillium, com um suspiro. — Mas não posso deixar

de sentir que essa era a finalidade desses assassinatos.

— Como é? — perguntou Wayne. — Achei que a finalidade era matar gente.

— Muita gente, Wayne — respondeu Waxillium. — Uma mudança de poder na cidade. Os mortos que estão lá em cima eram os alvos principais? Ou foi um ataque ao governador, um ataque lateral contra a casa dele, uma mensagem de algum tipo enviada para dizer ao governador Innate que nem ele está fora do alcance...? — Inclinou a cabeça de Winsting para trás, olhando a boca aberta. Marasi afastou o olhar. — Removeram a língua dele — sussurrou Waxillium. — Por quê? O que está tramando, tio?

— Como é? — perguntou Aradel.

— Nada — falou Waxillium, soltando a cabeça na posição anterior. — Tenho que ir posar para um retrato. Presumo que estará disposto a me mandar um relatório assim que detalhar tudo isso?

— Posso fazer isso — concordou Aradel.

— Ótimo — respondeu Waxillium, olhando para a porta. — Ah, e capitão?

— Sim, Lorde Ladrian?

— Prepare-se para uma tempestade. Isso não foi feito com discrição, e sim para ser noticiado. Foi um desafio. Quem quer que tenha feito isso, não deve parar por aqui.



SEGUNDA PARTE



5



Wayne colocou seu chapéu da sorte. Era um chapéu de cocheiro, algo parecido com um chapéu-coco de abas largas, só que sem as inúmeras peninhas chiques enfiadas na parte de trás. Assentiu para si mesmo no espelho e limpou o nariz. Catarro. Começara a armazenar saúde um dia antes, logo depois de encontrar todos aqueles cadáveres.

Já podia recorrer a uma bela reserva de cura, guardada nos braceletes que usava como mentes de metal. Não precisara de muita saúde ultimamente, e sempre passava os dias de ressaca o mais enjoado que conseguisse suportar, já que seria terrível de todo jeito. Mas o modo como as coisas iam, com todas aquelas pessoas importantes mortas, era um aviso para ele. Logo precisaria de algum poder de cura. Era melhor se precaver o máximo possível.

Mas hoje pegaria leve. Porque era hoje, um dia em que precisaria de alguma sorte. Estava tentado a chamá-lo de o pior dia de sua vida, mas isso certamente seria um exagero. O pior dia de sua vida seria o dia de sua morte.

Mas posso morrer hoje, pensou ele, prendendo o cinto e pendurando os bastões de duelo nas alças antes de assoar o nariz de novo. *Ainda não é certo.* Todo homem tinha que morrer. Sempre achara estranho que tantos morressem quando estavam velhos, quando a lógica dizia que era o momento da vida deles em que tinham mais prática em não morrer.

Saiu de seu quarto na mansão de Wax, notando distraidamente o cheiro do pão matutino vindo da cozinha. Gostava daquele lugar, embora só ficasse ali por causa da comida grátis. Bem, por isso e por causa de Wax. O homem precisava de companhia para evitar que ficasse mais estranho.

Wayne seguiu por um corredor acarpetado que cheirava a madeira polida e a criados que tinham tempo demais. A mansão era bonita, mas, na verdade, um homem não deveria viver num lugar tão grande; isso só o fazia se lembrar de quão pequeno era. Se vivesse num bom alojamento apertado, Wayne ficaria mais feliz. Assim ele se sentiria como um rei, com tanta *coisa* por todos os lados.

Ele hesitou do lado de fora da porta do escritório de Wax. O que era aquilo colocado sobre o aparador ao lado da entrada? Um novo candelabro, de ouro puro, com uma toalhinha branca de renda embaixo. *Exatamente* aquilo de que Wayne precisava.

Enfiou a mão no bolso. Pessoas ricas se comportavam de um jeito que não fazia sentido algum. Aquele candelabro provavelmente valia uma fortuna, e Wax o deixava largado ali. Wayne enfiou a mão no outro bolso, procurando por algo bom para trocar, e encontrou um relógio.

Ah, isso, pensou ele, balançando e ouvindo as peças sacudirem lá dentro. *Há quanto tempo essa coisa não mostra as horas?* Ele levantou o candelabro, pegou a toalhinha e colocou o candelabro no lugar, com o relógio pendurado nele. Enfiou a toalhinha no bolso. Parecia uma troca justa.

Eu estava mesmo precisando de um lenço novo, pensou ele, assoando o nariz. Depois, abriu a porta do escritório e entrou.

Wax estava parado diante de um cavalete, olhando para o grande bloco de desenho que ele enchera de planos intrincados.

— Passou a noite toda aqui? — perguntou Wayne, com um bocejo. — Ferrugem, meu chapa, assim fica difícil vadiar por aí adequadamente.

— Não vejo o que minha insônia tem a ver com sua preguiça, Wayne.

— Ela me deixa em maus lençóis, meu chapa — explicou Wayne, olhando por cima do ombro de Wax. — Uma vadiagem apropriada requer companhia. Um homem em repouso está sendo preguiçoso; dois homens em repouso é um *intervalo de almoço*.

Wax balançou a cabeça, afastando-se para olhar alguns folhetos. Wayne se inclinou, inspecionando os papéis de Wax. Tinham uma longa lista de ideias, algumas conectadas por setas, com um esboço do modo como os corpos tinham caído no salão de baile e na sala secreta.

— O que é tudo isso? — perguntou Wayne, pegando um lápis e desenhando uma figurinha com uma arma atirando em todos os corpos mortos. Sua mão tremia enquanto fazia o desenho, mas fora isso fez uma boa figurinha.

— Provas para mim de que um Corredor de Aço está envolvido — comentou Wax. — Observe o padrão das mortes no salão de baile. Quatro das pessoas mais poderosas na sala foram mortas com o mesmo revólver, e foram as únicas mortas com essa arma na sala... mas é a mesma que matou os guardas do lado de fora da sala secreta. Aposto que esses quatro guardas foram os primeiros a levarem um tiro, mortos num piscar de olhos, tão rápido que soou como um único tiro. A coisa é que, a julgar pelos ferimentos, cada disparo veio de um lugar diferente.

Wayne não sabia muito sobre armas, já que não podia usar uma sem que seu braço parecesse uma carruagem numa estrada esburacada, mas Wax provavelmente estava certo. Wayne se inclinou para começar a desenhar algumas figurinhas de mulheres seminuas no centro da folha, mas Wax se aproximou e tirou o lápis de seus dedos.

— O que é isso? — perguntou Wayne, apontando para o centro do bloco, onde Wax desenhara um monte de linhas retas.

— O padrão que o assassino usou me confunde — comentou Wax. — As quatro pessoas que foram baleadas no salão de festa caíram enquanto estavam conversando... Veja como estão deitadas. Todos os outros morreram durante o tiroteio, mas esses quatro morreram enquanto a festa ainda estava acontecendo. Mas por que ele atirou nelas de lugares diferentes? Veja, o melhor que posso supor é que ele atirou daqui primeiro, matando Lady Lentin. A bebida que ela derrubou foi pisada muitas vezes nos minutos seguintes. Então, o assassino usou sua velocidade para se mover rapidamente até aqui e atirar em outra direção. E aí se moveu de novo, e depois uma quarta vez. Por que quatro tiros de lugares distintos?

— Quem estava parado onde ele atirou?

— As pessoas que ele matou, é claro.

— Não, quero dizer quem estava parado perto do assassino quando ele disparou a arma. Não em quem ele atirou, mas quem estava perto dele quando ele atirou?

— Ah... — compreendeu Wax.

— Sim. Para mim, parece que ele estava tentando despistar todos eles — comentou Wayne, fungando. — Conseguir que todo mundo no salão atirasse um no outro. Vê? É como começar uma briga num bar. Você joga uma garrafa em alguém e vira para a pessoa ao seu lado e grita: “Ei, por que você jogou aquela garrafa num cara tão legal? Ferrugem, ele parece grande! E agora está vindo

pegar você e...”

— Já entendi o conceito — respondeu Wax, secamente. Apontou para o bloco de desenho. — Pode ser que você tenha alguma coisa...

— Não é contagioso.

Wax sorriu, anotando algo na lateral do bloco.

— Então o assassino queria semear o caos... Começou o tiroteio saltando pela sala, fazendo parecer que vários grupos se atacavam. Eles já deviam estar tensos, suspeitando uns dos outros...

— Sim. Sou um gênio.

— Você só reconheceu isso porque o assassino estava obrigando outros a fazerem seu trabalho, o que é uma especialidade sua.

— Como eu disse, sou um gênio. Então como vai encontrá-lo?

— Bem, eu estava pensando em mandar você até a Vila para...

— Hoje, não — disse Wayne.

Wax se voltou para ele, levantando as sobrancelhas.

— É o primeiro dia do mês — explicou Wayne.

— Ah. Eu tinha esquecido. Você não precisa ir *todo* mês.

— Preciso.

Wax o analisou, como se esperasse mais algum comentário ou piada. Wayne não falou nada. Isso era realmente sério. Lentamente, Wax assentiu.

— Entendo. Então por que ainda não partiu?

— Bem, você sabe... — respondeu Wayne. — É como eu sempre digo...

— Receba cada manhã com um sorriso? Dessa forma, ela não saberá o que você está planejando fazer com ela?

— Não, não é isso.

— Até que saiba que isso não é verdade, trate toda mulher como se ela tivesse um irmão mais velho e mais forte do que você?

— Não, não... Espere, eu disse isso?

— Disse — respondeu Wax, voltando-se para suas anotações. — Foi um momento muito cavalheiresco de sua parte.

— Ferrugem! Eu realmente devia escrever essas coisas.

— Acho que essa é outra coisa que você diz com frequência. — Wax fez uma anotação. — Infelizmente, primeiro você precisaria aprender a escrever.

— Isso é injusto — reclamou Wayne, aproximando-se da escrivaninha de Wax e olhando as gavetas. — Eu sei escrever... Conheço quatro letras, e uma delas nem está no meu nome!

Wax sorriu.

— Vai me contar o que sempre diz?

Wayne encontrou uma garrafa numa gaveta mais baixa e a levantou, deixando a toalhinha de renda que pegara antes no lugar.

— Se você tem que fazer algo horrível, pare no escritório de Wax e troque alguma coisa por um pouco de rum antes.

— Acho que você nunca disse isso.

— Acabo de dizer — Wayne tomou um gole de rum.

— Eu... — Wax franziu a testa. — Não tenho resposta para isso. — Suspirou, deixando o lápis de lado. — Contudo, já que está indisponível, suponho que *eu* terei que visitar a Vila.

— Sinto muito. Sei que odeia aquele lugar.

— Vou sobreviver — respondeu Wax, fazendo uma careta.

— Quer um conselho?

— Seu? Provavelmente não. Mas vá em frente.

— Você deveria parar no escritório de Wax antes de ir — sugeriu Wayne, seguindo até a porta — e pegar um pouco do rum dele.

— O rum que você acabou de colocar no bolso?

Wayne hesitou antes de pegar a garrafa.

— Ah, meu chapa... Sinto muito. Que azar o seu. — Ele balançou a cabeça. Pobre camarada. Fechou a porta, tomou mais um gole de rum e desceu as escadas, saindo da mansão.

Marasi levantou o colarinho da jaqueta, feliz com a brisa marinha que soprava. Às vezes, passava calor em seu uniforme — um traje completo naquele dia, com blusa branca abotoada e saia marrom que combinava com o casaco também marrom.

Perto dela, o jornaleiro não estava tão grato pelo vento. Ele xingou, jogando

um pedaço pesado de ferro, parecia uma parte de um eixo velho, em cima de sua pilha de jornais. Na rua, o tráfego começava a ficar congestionado. Motoristas de automóveis e cocheiros gritavam uns para os outros.

— Que Ruína acabe com Tim Vashin — reclamou o jornaleiro, olhando para o tráfego. — E com suas máquinas!

— Não é culpa dele — comentou Marasi, vasculhando sua carteira.

— É, sim — disse o jornaleiro. — Os automóveis são bons, não há nada errado em dirigir um deles no campo ou numa tarde de verão. Mas estão baratos demais agora, todo mundo tem uma dessas coisas ferradas! Um homem não consegue andar dois quarteirões com seu cavalo sem ser ultrapassado meia dúzia de vezes.

Marasi trocou moedas por um jornal. A gritaria diminuiu quando o trânsito melhorou um pouco, cavalos e carros fluindo mais uma vez pelas ruas de paralelepípedos. Ela levantou o jornal, olhando as notícias abaixo da dobra.

— Escute, você já não passou por aqui? — questionou o jornaleiro.

— Eu precisava da edição da tarde — respondeu Marasi, distraída, afastando-se.

“Indignação nas ruas!”, dizia a manchete.

> Um grito como o de metal retorcido ecoou por Elendel quando as pessoas tomaram as ruas, indignadas com a corrupção do governador. Uma semana após o governador vetar a Lei 775, o então chamado manifesto dos direitos dos trabalhadores, seu irmão Winsting Innate foi encontrado morto após uma aparente reunião com conhecidos criminosos.
>
> Winsting foi morto em sua mansão, talvez uma baixa durante a ação policial contra esses elementos criminosos. Entre os falecidos está o notório Dowser Maline, há muito suspeito de comandar as operações de contrabando de minério na cidade, prejudicando o trabalho de homens honestos. Os policiais não admitem a culpa pelas mortes, mas as suspeitas sobre as circunstâncias misteriosas levaram a um clamor geral.

Marasi pegou a edição matutina do mesmo jornal em sua bolsa. “Mistério na

mansão de Lorde Winsting!”, dizia a manchete.

> Policiais revelaram que Lorde Winsting, irmão do governador, foi encontrado morto em sua mansão ontem à noite. Pouco se sabe sobre as misteriosas circunstâncias da morte, embora rumores apontem que vários membros da alta sociedade estavam presentes.

Todas as outras notícias do jornal eram idênticas nas duas edições, exceto por um relato sobre as inundações no leste, que tinha uma linha extra, atualizando as estimativas de baixas. A história sobre Winsting tirara duas outras notícias da página principal, em parte por causa do tamanho da manchete. Dificilmente o *Diário de Elendel* era a fonte de notícias mais respeitável na Bacia de Elendel, mas a publicação conhecia seu público. Notícias com as quais as pessoas concordavam, ou com as quais se assustavam, vendiam a maior parte dos exemplares.

Marasi hesitou nos degraus da delegacia do Quarto Oitante. As pessoas corriam pelas calçadas, apressadas, ansiosas, com a cabeça baixa. Outros vagavam ali perto, homens de jaquetas escuras de caminhoneiros, mãos enfiadas nos bolsos, olhos cobertos por chapéus.

Desempregados, pensou Marasi. *Muitos homens ociosos, sem trabalho*. Os automóveis e a luz elétrica estavam mudando a vida em Elendel tão rapidamente que parecia que o homem comum não tinha esperança de acompanhar as novidades. Homens cujas famílias trabalhavam havia três gerações no mesmo ramo de repente estavam desempregados. E com as disputas trabalhistas nas siderúrgicas...

Recentemente, o governador fizera um discurso político para esses homens, com promessas. Mais linhas de carruagens para competir com as linhas de trem, indo a lugares onde a ferrovia não chegava. Tarifas mais altas nas importações vindas de Bilming. Promessas vazias em geral, mas homens desesperados agarram-se a tais promessas. A morte de Winsting podia ser um golpe inesperado nessas promessas. Como as pessoas reagiriam se começassem a questionar se o governador Replar Innate era tão corrupto quanto seu irmão?

Um incêndio pode tomar conta da cidade, pensou Marasi. Ela quase podia sentir o calor saindo das páginas do jornal em suas mãos.

Virou-se e entrou na delegacia, preocupada com o fato de que Lorde

Winsting podia realmente causar mais danos a Elendel morto do que vivo, o que era algo considerável.

Wax desceu da carruagem, acenando com a cabeça para o cocheiro e indicando que o homem deveria seguir para casa em vez de esperar por ele.

Wax colocou o chapéu forrado de alumínio — abas largas, no estilo das Terras Brutas, combinando com o sobretudo, embora usasse uma camisa elegante e uma gravata por baixo. O chapéu e o casaco de bruma chamavam atenção e faziam com que ele parecesse um homem que levava uma escopeta para uma briga de faca. Trabalhadores passavam vestidos com suspensórios e gorros, banqueiros com coletes e monóculos, policiais com capacetes ou chapéus-coco e casacos em estilo militar.

Nenhum chapéu das Terras Brutas. Talvez Wayne estivesse certo; ele nunca parava de falar sobre a importância de um chapéu. Wax inspirou fundo e entrou na Vila.

Provavelmente, no passado, tinha sido apenas uma rua qualquer da cidade. Uma rua larga, mas ainda uma rua. Isso foi antes das árvores. Elas brotaram ali, empurrando os paralelepípedos, criando uma densa cobertura que percorria todo o comprimento da via.

Era um lugar que parecia irreal. Não era um simples parque — era uma floresta não cultivada e sem cuidados, fresca e primitiva. Não era possível andar numa carruagem ou um automóvel na Vila; mesmo sem as árvores, o chão era irregular demais agora, ondulado e desigual. Os edifícios ao longo da rua tinham sido engolidos e se tornaram propriedade da Vila. Wax não podia deixar de se perguntar se Elendel seria assim sem a mão do homem. Harmonia criara a Bacia, fazendo-a furiosamente fecunda; os homens ficavam tão ocupados colhendo os frutos que mal tinham necessidade de plantá-los.

Wax seguiu em frente, vestido como se fosse para uma batalha. Levava Vindicação e as Sterrions nos quadris, uma escopeta de cano curto no coldre da coxa e metal queimando dentro dele. Puxou a aba do chapéu para baixo e entrou em outro mundo.

Crianças usando blusas brancas simples brincavam entre as árvores. Adolescentes usavam *tinningdar*, uma túnica de Terris com um padrão em forma de V na parte da frente, e deixavam de olhar os degraus dos edifícios para vê-lo passar. O ar tinha um cheiro *suave*. Ar suave. Era uma metáfora estúpida, mas, mesmo assim, era desse jeito. O cheiro o fazia se lembrar de sua mãe.

Sussurros erguiam-se ao redor de Wax como brotos na primavera. Ele mantinha os olhos adiante, atravessando o terreno demasiado irregular. Não havia portões para entrar ou sair da Vila, mesmo assim não era possível passar por ali sem ser identificado. De fato, momentos depois de sua entrada, uma jovem com longo cabelo dourado passou correndo na frente dele para espalhar a notícia de sua chegada.

Eles encontraram paz para si mesmos aqui, pensou Wax. Criaram *a paz para si mesmos. Você não deveria se ressentir disso*.

Depois de uma curta caminhada, Wax deu de cara com três terrisanos que aguardavam por ele, de braços cruzados, todos usando túnicas de Brutos, feruquemistas que armazenavam força física. Suas feições eram variadas o bastante para que ninguém pudesse considerá-los parentes. Dois tinham a altura que em geral distinguia os herdeiros de Terris, e um tinha a pele mais escura — alguns dos Originadores da antiga Terris tinham pele escura; até o bronzeado de Wax provavelmente vinha dessa linhagem. Nenhum dos homens ali tinha as feições alongadas vistas nas pinturas antigas. Isso era coisa da mitologia.

— O que deseja, forasteiro? — perguntou um dos homens.

— Quero falar com o Sínodo — respondeu Wax.

— Você é policial? — perguntou o homem, olhando Wax de cima a baixo. As crianças o espiavam por detrás de árvores próximas.

— Tipo isso — confirmou Wax.

— Terris fiscaliza a si mesma — falou outro homem. — Temos um acordo.

— Estou ciente do pacto — disse Wax. — Só quero falar com o Sínodo, ou pelo menos com a Anciã Vwafendal.

— Você não deveria estar aqui, homem da lei — comentou o líder terrisano. — Eu...

— Está tudo bem, Razal — disse uma voz cansada entre as sombras de uma árvore nas proximidades.

Os três terrisanos se viraram e fizeram uma reverência assim que uma velha terrisana se aproximou. Majestosa, de cabelo branco e pele mais escura do que a de Wax, ela caminhava com uma bengala da qual não precisava. A mulher, Vwafendal, analisava Wax. Ele percebeu que estava suando.

Razal, ainda de cabeça baixa, falou com um tom de voz teimoso.

— Estávamos tentando mandá-lo embora, Anciã.

— Ele tem o direito de estar aqui — respondeu Vwafendal. — Ele tem tanto sangue de Terris quanto você e mais do que a maioria.

O Bruto terrisano começou a falar alguma coisa e, então, levantou a cabeça, olhando mais uma vez para Wax.

— Você quer dizer...

— Sim — confirmou Vwafendal, parecendo muito cansada. — É ele. Meu neto.

*

Wayne virou a garrafa e jogou as últimas gotas de rum na boca. Depois, enfiou-a no bolso do casaco. Era uma boa garrafa. Poderia trocá-la por alguma coisa.

Saltou do barco do canal, despedindo-se de Vermelho, o barqueiro, com um aceno de mão. Bom rapaz. Deixava Wayne viajar sem pagar, em troca de uma história. Wayne cuspiu uma moeda que levava na bochecha e a jogou para Vermelho, que a pegou no ar.

— Por que está molhada? Estava na sua boca?

— Alomânticos não podem *empurrar* minha moeda se ela estiver na minha boca! — gritou Wayne.

— Você está bêbado, Wayne! — disse Vermelho, com uma gargalhada, afastando-se do cais com o remo.

— Nem perto do que deveria! — gritou Wayne de volta. — Aquele pão-duro do Wax não tem nem a decência de guardar uma garrafa cheia!

Vermelho virou o barco no canal, empurrando-o pelas águas, o vento movendo sua capa. Wayne se afastou do poste que indicava o ponto de atracagem e deu de cara com a visão mais intimidadora que um camarada podia ver. A Universidade de Elendel.

Chegara a hora dos três testes de Wayne.

Ele estendeu a mão para pegar o rum e então se lembrou, um pouco aturdido, de que já tomara tudo.

— Ferrugem e Ruína! — reclamou, baixinho. Talvez não devesse ter tomado tudo. Mas aquilo tornava mais fácil ignorar o nariz escorrendo. Quando estava bêbado o bastante, podia levar um ou dois socos na cara e nem sentir. Era um tipo de invencibilidade. Um tipo estúpido, mas Wayne não era um homem

exigente.

Ele seguiu até os portões da universidade, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. As letras gravadas no alto do prédio proclamavam, em Alto Imperial, “INDO ERA O SEMPRE DO DESEJO DO SABENDO”. Palavras profundas. Ele já as ouvira interpretadas como “O desejo eterno de uma alma faminta é o conhecimento”. Quando a alma de Wayne estava faminta, ele preferia resolver a questão com bolinhos, mas aquele lugar era cheio de jovens inteligentes, e eles eram um tipo estranho.

Dois homens de casaco preto estavam reclinados casualmente contra os portões. Wayne hesitou. Então estavam esperando por ele do lado de fora desta vez? O primeiro dos três testes estava diante dele. Maravilhosamente ferrado.

Bem, seguindo a natureza de qualquer grande herói das histórias, ele faria o melhor possível para evitar esse teste em particular. Wayne agachou-se na lateral da muralha antes que os dois homens o vissem e seguiu junto a ela. A universidade era cercada pela coisa, como se fosse um tipo de bunker. Será que tinham medo que todo o conhecimento vazasse, como água dos ouvidos de um nadador?

Wayne esticou o pescoço, procurando um jeito de entrar. Tinham fechado com tijolos a parte quebrada que ele usara para entrar da última vez. E a árvore que escalara na vez anterior tinha sido cortada. Malditos sejam por isso! Ele decidiu seguir outra grande tradição dos heróis que enfrentavam testes e começou a procurar um jeito de trapacear.

Achou Obscuro numa esquina ali perto. O jovem usava um chapéu-coco e uma gravata-borboleta, mas uma camisa sem as mangas. Era o líder de uma das mais importantes gangues de rua naquela área, mas nunca esfaqueava as pessoas com muita gravidade quando as assaltava e era educado com aquelas a quem extorquia. Era praticamente um modelo de cidadão.

— Olá, Obscuro. — Wayne o cumprimentou.

Obscuro olhou para ele.

— Tá de tira hoje, Wayne?

— Não.

— Ah, ótimo — respondeu Obscuro, sentando-se nos degraus. Pegou alguma coisa do bolso. Era um pequeno recipiente de metal.

— Ei, o que é isso? — perguntou Wayne, secando o nariz.

— Chiclete.

— Chiclete?

— Sim, é para mastigar. — Obscuro lhe ofereceu um pedaço daquilo. Tinha formato de bola, era suave ao toque e coberto de açúcar. Wayne olhou o rapaz, mas decidiu experimentar. Mastigou por um momento.

— Tem um gosto bom — comentou e engoliu.

Obscuro deu uma gargalhada.

— Não é pra *engolir*, Wayne. Só pra mastigar!

— Qual é a graça disso?

— Tem um gosto bom. — Ele jogou outra bola para Wayne.

Wayne enfiou na boca.

— Como estão as coisas entre você e os Sapateiros?

Os Sapateiros eram a gangue rival na área. Obscuro e seus companheiros arrancavam as mangas de suas camisas. Os Sapateiros não usavam sapatos. Aparentemente, isso fazia sentido para os garotos da rua, muitos dos quais eram filhos de sem-teto. Wayne gostava de ficar de olho neles. Eram bons rapazes. Ele fora assim no passado.

A vida o levara para o mau caminho. Mas garotos assim podiam se beneficiar de alguém que lhes apontasse a direção correta.

— Ah, você sabe... — respondeu Obscuro. — Alguns avanços, outros retrocessos.

— Não vai haver encrenca hoje, vai? — perguntou Wayne.

— Achei que tivesse dito que não tava de tira hoje!

— Não estou — confirmou Wayne, adotando instintivamente um dialeto mais parecido com o de Obscuro. — Tô perguntando como amigo, Obscuro.

O rapaz franziu a testa, afastando o olhar, mas sua resposta, dita baixinho, foi genuína.

— Não somos estúpidos, Wayne. Temos a cabeça no lugar. Você sabe disso.

— Ótimo.

Obscuro olhou para ele de novo enquanto Wayne se sentava.

— Trouxe o dinheiro que me deve?

— Devo dinheiro para você? — perguntou Wayne.

— Das cartas? — disse Obscuro. — Duas semanas atrás? Ferrugem! Wayne, você tá bêbado? Não é nem meio-dia ainda!

— Não tô bêbado — respondeu Wayne, fungando. — Tô investigando estados alternativos de sobriedade. Quanto devo para você?

Obscuro fez uma pausa.

— Vinte.

— Veja só — comentou Wayne, remexendo no bolso —, lembro muito bem que você me emprestou cinco. — Pegou uma nota de cinquenta.

Obscuro levantou uma sobrancelha.

— Acho que quer algo de mim. Tô certo?

— Preciso entrar na universidade.

— Os portões estão abertos — respondeu Obscuro.

— Não posso entrar pela frente. Eles me conhecem.

Obscuro assentiu. Esse tipo de coisa era uma reclamação comum no mundo dele.

— O que precisa de mim?

Pouco tempo depois, um homem usando o chapéu, o casaco e os bastões de duelo de Wayne tentou passar pelos portões da frente da universidade. Ele viu os dois homens de preto e deu meia-volta quando começaram a persegui-lo.

Wayne ajustou seus óculos, observando-os ir embora. Balançou a cabeça. Bandidos tentando entrar na universidade! Um escândalo. Ele atravessou os portões, usando uma gravata-borboleta e carregando uma pilha de livros. Outro daqueles homens, que estava num local mais escondido, observando seus companheiros perseguirem Obscuro, mal olhou para Wayne.

Óculos. Eram o mesmo que um chapéu para pessoas inteligentes. Wayne largou os livros no pátio e seguiu por uma fonte com uma estátua de uma senhora que não estava adequadamente vestida — ele parou para contemplar apenas por pouco tempo. Continuou em direção ao Salão Pashadon, o dormitório das garotas. O edifício tinha uma semelhança horrível com uma prisão: três andares com janelas pequenas, arquitetura de pedra e portões de ferro que pareciam dizer: “Fiquem longe, rapazes, se valorizam suas partes baixas.”

Wayne atravessou a porta da frente, onde se preparou para o segundo de seus três testes: a Tirana de Pashadon. Ela estava sentada em sua escrivaninha, uma

mulher com a constituição física de um touro e um rosto que combinava com o corpo. Até seu cabelo encaracolado lembrava chifres. Ela era uma instituição da universidade, ou pelo menos foi o que disseram para Wayne. Talvez tivesse vindo com os lustres e os sofás.

Ela olhou para ele e logo se levantou em desafio.

— Você!

— Olá — Wayne a cumprimentou.

— Como passou pela segurança do campus?!

— Joguei uma bola para eles — respondeu Wayne, guardando os óculos no bolso. — A maioria dos cães de caça adora correr atrás de algo.

A tirana deu a volta na mesa. Era como ver um navio oceânico tentando navegar nos canais da cidade. Usava um chapéu minúsculo, numa tentativa de parecer elegante. Gostava de se considerar parte da alta sociedade de Elendel, e meio que era. Do mesmo jeito que os blocos de granito que formavam os degraus da mansão do governador eram parte do governo civil.

— Você — repetiu ela, colocando o indicador no peito de Wayne. — Achei que tivesse dito para não voltar.

— Achei que eu tivesse ignorado você.

— Está bêbado? — Ela cheirou o hálito dele.

— Não — falou Wayne. — Se eu estivesse bêbado, você não pareceria tão feia.

Ela bufou e lhe deu as costas.

— Não posso acreditar na sua audácia.

— Sério? Porque tenho certeza de que já fui audacioso assim antes. Todo mês, na verdade. Então, parece uma coisa bem crível.

— Não vou deixar você entrar. Não desta vez. Você é um canalha.

Wayne suspirou. Os heróis das histórias nunca tinham que lutar contra a mesma besta duas vezes. Parecia injusto ele ter que encarar aquela todo mês.

— Olhe, eu só quero ver como ela está.

— Ela está bem.

— Tenho dinheiro — disse Wayne. — Para dar para ela.

— Você pode deixar o dinheiro aqui. Você aflige a menina, miserável.

Wayne deu um passo adiante, segurando a tirana pelos ombros.

— Não queria ter que fazer isso.

Ela olhou para ele. E, para surpresa de Wayne, ela estalou os dedos. *Uau*. Ele se apressou em colocar a mão no bolso e pegar um pedaço de papelão.

— Um ingresso — falou Wayne rapidamente — para duas pessoas para o jantar de primavera com o discurso político do governador, que vai ocorrer na casa de Lady ZoBell hoje à noite. Este ingresso não é nominal. Qualquer um que estiver com ele pode entrar.

Ela arregalou os olhos.

— De quem você roubou isso?

— Por favor... — disse Wayne. — Foi entregue na minha casa.

O que era a mais pura verdade. O convite era para Wax e Steris, mas eles eram pessoas importantes o bastante para que os convites não tivessem nomes, permitindo que mandassem o emissário que desejassem. Quando se tratava de alguém importante como Wax, mesmo ter um parente ou amigo dele na festa podia ser vantajoso.

A tirana não contava nem como parente nem como amiga, mas Wayne imaginava que Wax ficaria feliz em não ter que ir à maldita festa de qualquer maneira. Além disso, Wayne deixara em troca uma folha bem bonita que encontrara. A folha era ferrada de bonita.

A tirana hesitou, e então Wayne acenou com o ingresso diante dela.

— Acho... — disse ela. — Acho que poderia deixá-lo entrar uma última vez. Mas não devo permitir homens que não sejam parentes na sala de visitas.

— Sou praticamente da família — respondeu ele. Eles faziam muito alarde sobre manter as moças e os rapazes separados, o que Wayne achava estranho. Com tantas pessoas inteligentes por ali, uma delas não teria percebido o que meninos e meninas deviam fazer juntos?

A tirana o deixou entrar na sala de visitas e pediu que uma das garotas na recepção fosse buscar Allriandre. Wayne se sentou, mas não conseguiu evitar que o pé tamborilasse no chão. Estava sem armas, subornos e até mesmo sem chapéu. Estava praticamente nu, mas se preparou para o teste final.

Allriandre entrou algum tempo depois. Trouxera ajuda consigo, na forma de duas outras jovens mais ou menos da mesma idade, perto dos vinte anos. *Garota esperta*, pensou Wayne, orgulhoso. Ele se levantou.

— Madame Penfor disse que você está bêbado — falou Allriandre, permanecendo na porta.

Wayne acessou sua mente de metal, drenando cura. No instante seguinte, seu corpo queimou todas as impurezas e cicatrizou os ferimentos. Ele achava que o álcool era um veneno, o que mostrava que um camarada não podia confiar sempre em seu corpo, mas hoje Wayne não reclamaria. Também evitou que o nariz escorresse por enquanto, embora isso fosse voltar. Por algum motivo, era difícil curar doenças com a mente de metal.

De qualquer modo, a sobriedade o atingiu como um tijolo no queixo. Ele inspirou profundamente, sentindo-se ainda mais desnudo do que antes.

— Eu só gosto de brincar com ela — respondeu Wayne, sem nenhum sinal de embriaguez na voz, os olhos focados.

Allriandre o observou intensamente e, então, assentiu. Mas não entrou na sala.

— Trouxe o dinheiro do mês — falou Wayne, pegando um envelope e colocando-o na mesinha baixa, com tampo de vidro, ao lado dele. Levantou-se, ereto, e depois transferiu o peso do corpo de um pé para o outro.

— Esse é ele de verdade? — perguntou uma das garotas para Allriandre. — Dizem que ele anda com o Tiro da Alvorada. Das Terras Brutas.

— É ele — respondeu Allriandre, ainda de olho em Wayne. — Não quero seu dinheiro.

— Sua mãe me disse para trazer para você — falou Wayne.

— Você não precisa trazer pessoalmente.

— Preciso — disse Wayne, baixinho.

Ficaram em silêncio e imóveis. Wayne, por fim, pigarreou.

— Como vão os estudos? Estão tratando você bem? Há algo de que precise?

Allriandre colocou a mão na bolsa e tirou um grande medalhão. Abriu a peça, mostrando um evanotipo assombrosamente nítido de um homem com um bigode grande e brilho nos olhos. Tinha um rosto alongado e amigável, e seu cabelo começava a rarear no alto da cabeça. O pai dela.

Ela fazia Wayne olhar a imagem todas as vezes.

— Diga-me o que você fez — disse ela. Aquela voz. Fria como o próprio inverno.

— Eu não...

— *Diga-me*.

O terceiro teste.

— Eu matei seu pai — disse Wayne com suavidade, olhando a imagem. — Eu o assaltei num beco, queria sua carteira. Atirei num homem melhor do que eu e, por conta disso, não mereço estar vivo.

— Você sabe que não será perdoado.

— Eu sei.

— Você nunca será perdoado.

— Eu sei.

— Então, aceitarei seu dinheiro ensanguentado — falou Allriandre. — Se você se importa em saber, meus estudos vão bem. Estou pensando em estudar direito.

Algum dia, ele esperava ser capaz de olhar nos olhos da garota e ver alguma emoção. Ódio, talvez. Algo mais do que aquele vazio.

— Vá embora.

Wayne abaixou a cabeça e partiu.

Não deveria haver uma cabana de palha no meio de Elendel, mas, mesmo assim, ali estava ela. Wax parou na entrada, sentindo como se estivesse voltando no tempo até centenas de anos antes. O ar lá dentro cheirava a couros e peles antigos.

A imensa área para uma fogueira no meio da cabana nunca seria necessária no clima ameno de Elendel. Uma fogueira menor fora acesa bem no centro, e sobre ela havia uma pequena chaleira de água quente para o chá. No entanto, as pedras queimadas indicavam que toda a área era usada de vez em quando. Isso, as peles e as pinturas em estilo antigo na parede — de ventos, chuva congelada e minúsculas figuras pintadas com rabiscos simples — eram fragmentos do mito.

A antiga Terris. Uma terra lendária de neve e gelo, com animais de pelo branco e espíritos que assombravam nas tempestades congeladas. Durante os primeiros dias após o Catacendro, refugiados de Terris haviam escrito as memórias de sua terra natal, já que não restara nenhum Guardador.

Wax se acomodou ao lado da fogueira da avó. Alguns diziam que a antiga Terris esperava por essas pessoas, escondidas em algum lugar nesse novo mundo

projetado por Harmonia. Para os crentes, poderia muito bem ter sido o paraíso, um paraíso congelado, hostil. Viver numa terra naturalmente exuberante, com frutos abundantes, onde pouco cultivo era exigido, podia turvar a visão.

A avó V. se sentou do lado oposto ao dele, mas não acendeu o fogo.

— Desta vez você tirou suas armas antes de entrar na Vila?

— Não.

Ela bufou.

— Tão insolente. Durante sua longa ausência, eu com frequência me perguntei se as Terras Brutas melhorariam seu gênio.

— Elas me deixaram mais teimoso, só isso.

— Uma terra de calor e morte — comentou a avó V. Amassou um punhado de ervas, deixando os pedaços caírem no coador de chá sobre sua caneca. Despejou água fervente por cima e colocou a tampa com a mão ossuda e enrugada. — Tudo em você cheira a morte, Asinthew.

— Esse não foi o nome que meu pai me deu.

— Seu pai não tinha o direito. Eu deveria exigir que você tirasse suas armas, mas seria inútil. Você poderia me matar com uma moeda, com um botão ou com essa chaleira.

— A Alomancia não é tão má quanto você faz parecer, avó.

— Nenhum poder é mau — comentou ela. — É a mistura desses poderes que é perigosa. Sua natureza não é sua culpa, mas não posso deixar de ver isso como um sinal. Outro tirano em nosso futuro, poderoso demais. Isso leva à morte.

Sentado na cabana, sentindo o cheiro do chá da avó, Wax sentiu as memórias o pegarem pelo colarinho e o empurrarem de cara contra o passado. Um jovem que nunca se sentira capaz de decidir o que era. Alomântico ou feruquemista, cavalheiro da cidade ou humilde terrisano? Seu pai e seu tio o empurravam para um caminho; sua avó, para outro.

— Um feruquemista massacrou pessoas no Quarto Oitante na noite passada, avó — contou Wax. — Era um Corredor de Aço. Sei que você rastreia todos que têm sangue feruquêmico. Preciso de uma lista de nomes.

A avó V. remexeu o chá.

— Você visitou a Vila em... o quê? Três ocasiões desde que retornou à cidade? Quase dois anos, e só conseguiu tempo para sua avó duas vezes antes de

vir aqui hoje.

— Pode me culpar, considerando como esses encontros em geral terminam? Para ser direto, avó, sei como se sente a meu respeito. Então, por que torturar nós dois?

— Você se prende às imagens que tinha de mim há duas décadas, criança. As pessoas mudam. Até alguém como eu. — Ela bebericou o chá, acrescentou mais ervas no coador e se inclinou para pegar mais água. Ela não beberia até que estivesse no ponto. — Mas não alguém como você, ao que parece.

— Está tentando me provocar, avó?

— Não. Sou melhor em insultos do que isso. Você não mudou. Ainda não sabe quem é.

Uma velha discussão. Ela disse isso para ele nas duas vezes que se encontraram nos últimos dois anos.

— *Não* vou começar a usar túnicas terrisanas, falar com suavidade nem citar provérbios para as pessoas.

— Em vez disso, você vai atirar nelas.

Wax suspirou profundamente. Uma mistura de odores pairava no ar. Do chá? Cheiros como o de grama recém-cortada. Na propriedade de seu pai, sentado no gramado, ouvindo o pai e a avó discutirem.

Wax vivera na Vila durante um único ano. Foi tudo que seu pai concordara em ceder. Mesmo isso fora surpreendente; seu tio Edwarn queria que Wax e sua irmã ficassem longe daquele lugar. Antes que seu herdeiro oficial, o falecido Hinston Ladrian, nascesse, quando Wax tinha dezoito anos, Edwarn basicamente se apropriara dos filhos do irmão e tentara criá-los. Era difícil para Wax separar os desejos de seus pais e os de Edwarn.

Um ano entre essas árvores. Wax foi proibido de usar a Alomancia durante o tempo que passou na Vila, mas aprendeu algo ainda melhor. Que criminosos existem, mesmo na idílica Terris.

— Os únicos momentos em que realmente sei quem sou — disse Wax, levantando os olhos para encarar a avó — são aqueles em que coloco o casaco de bruma, prendo as armas na cintura e saio numa caçada a homens raivosos.

— Você não deveria se definir pelo que faz, mas por quem é.

— Um homem é o que faz.

— Veio procurar um assassino feruquemista? Só precisa olhar no espelho,

criança. Se um homem é o que faz... pense no que fez.

— Eu nunca matei um homem que não merecesse.

— Tem certeza *absoluta* disso?

— Bastante. Se cometi erros, pagarei por eles algum dia. Você não vai me distrair, avó. Lutar não vai contra o modo de vida de Terris. Harmonia matou.

— Ele matou apenas bestas e monstros. Nunca um dos nossos.

Wax soltou a respiração. Isso de novo? *Ferrugem! Eu deveria ter* obrigado *Wayne a vir aqui no meu lugar. Ele diz que ela gosta dele*.

Um novo cheiro o atingiu. Flores esmagadas. Na escuridão da câmara, ele se imaginou mais uma vez parado entre as árvores da Vila de Terris. Olhando por uma janela quebrada e sentindo a bala em sua mão.

E sorriu. Antigamente essa lembrança lhe trazia dor, a dor do isolamento. Agora só via um homem da lei em ascensão, lembrava-se do sentimento de *propósito*.

Wax se levantou e pegou o chapéu, fazendo o casaco de bruma farfalhar. Quase queria acreditar que os cheiros do aposento, as lembranças, estavam sendo criados pela avó. Quem sabia o que ela colocara no chá?

— Vou caçar um assassino — falou Wax. — Se eu fizer isso sem sua ajuda, e ele matar novamente antes que eu possa detê-lo, você será parcialmente culpada. Veja quão bem vai dormir à noite, avó.

— Você o matará? — perguntou ela. — Dará um tiro no peito dele em vez de mirar na perna? As pessoas morrem perto de você. Não negue isso.

— Não nego — disse ele. — Um homem nunca deve puxar o gatilho, a menos que esteja disposto a matar. E se o outro camarada estiver armado, vou mirar no peito. Desse jeito, quando as pessoas morrerem perto de mim, serão as pessoas certas.

A avó encarou o bule.

— Você está procurando alguém chamada Idashwy. E ela não é um homem.

— Corredora de Aço?

— Sim. Ela não é assassina.

— Mas...

— É a única Corredora de Aço que conheço que pode estar envolvida em algo assim. Ela desapareceu há um mês, depois de agir... de um jeito muito

imprevisível. Afirmava que estava sendo visitada pelo espírito do irmão morto.

— Idashwy — disse ele. Pronunciava-se do jeito terrisano: *ai-dash-uí*. As sílabas pareciam grossas em sua boca, outra recordação de seus dias na Vila. O idioma terrisano já esteve morto, mas os registros de Harmonia o incluíram, e muitos terrisanos agora aprendiam a falá-lo na juventude. — Juro que conheço esse nome.

— Você a conheceu. Há muito tempo — confirmou a avó V. — Você estava com ela naquela noite, na verdade, antes de...

Ah, sim. Magra, cabelo dourado, tímida, não falava muito. *Eu não sabia que ela era feruquemista*.

— Você nem tem a decência de parecer envergonhado — falou a avó V.

— Não tenho — respondeu Wax. — Odeie-me se precisar, avó, mas viver com você mudou minha vida, bem como sempre prometeu. Não vou ficar envergonhado se a transformação não foi a que você esperava.

— Só... tente trazê-la de volta, Asinthew. Ela não é uma assassina. Está confusa.

— Todos eles estão — disse Wax, saindo da cabana. Os três homens que encontrara antes estavam parados do lado de fora, olhando para ele com desprazer. Wax fez um aceno para eles com o chapéu, jogou uma moeda no chão e se lançou no ar entre duas árvores, passando pelas copas e alcançando o céu.

Cada vez que entrava na delegacia, Marasi sentia certa emoção.

Era a emoção das expectativas frustradas, de um futuro negado. Mesmo que o lugar não fosse como ela imaginava — o centro administrativo e organizacional das delegacias do oitante parecia mais um escritório do que qualquer outra coisa —, o simples fato de estar ali a animava.

Aquela não deveria ser sua vida. Ela crescera lendo histórias das Terras Brutas, de homens da lei e vilões. Sonhava com revólveres e diligências. Até aprendera a cavalgar e dar tiros de rifle. E, então, a vida real interferira.

Nascera num meio privilegiado. Sim, era filha ilegítima, mas a generosa pensão de seu pai a colocara numa bela casa junto com a mãe. Dinheiro para sua educação lhe fora garantido. Com esse tipo de promessa — e com a determinação da mãe de que Marasi entraria na sociedade e provaria seu valor para o pai —, ninguém escolheria uma profissão tão humilde quanto a de policial.

Mesmo assim, ali estava ela. Era maravilhoso.

Ela atravessou o salão cheio de pessoas em escrivaninhas. Embora a cadeia fosse anexa ao prédio, tinha uma entrada separada, e ela raramente ia até lá. A maior parte dos policiais por quem passou a caminho da sala principal era do tipo que gastava a maior parte dos dias no escritório. Seu próprio local de trabalho era um recanto confortável perto da sala do capitão Aradel. A sala dele mais parecia um armário, e Aradel raramente passava algum tempo ali. Em vez disso, ele andava de um lado para outro na sala principal, como um leão orgulhoso, sempre em movimento.

Marasi deixou a bolsa sobre sua escrivaninha, perto de uma pilha de relatórios dos crimes do último ano — em seu tempo livre, tentava julgar até que ponto pequenos crimes numa região prediziam crimes maiores. Era melhor do que ler as cartas educadamente zangadas da mãe, que estavam logo embaixo. Ela espiou a sala do capitão e viu que o colete dele estava jogado em cima da mesa, bem ao lado de uma pilha de relatórios de despesas que supostamente ele devia aprovar. Ela sorriu e balançou a cabeça, tirou o relógio de bolso do colete dele e começou sua busca.

Os escritórios eram movimentados, mas não tinham a agitação dos escritórios do procurador. Durante seu estágio lá, sob a supervisão de Daius, todo mundo sempre parecia *frenético* demais. As pessoas trabalhavam o tempo todo, e, quando um novo caso aparecia, todos os advogados juniores corriam numa enxurrada de papéis, casacos e saias, esticando o pescoço para ver quem assumiria o caso e quantos assistentes seriam necessários.

As oportunidades de prestígio, e até de riqueza, eram generosas. E, mesmo assim, ela não conseguia afastar a sensação de que ninguém *fazia* nada de verdade. Casos que podiam fazer a diferença definhavam porque não eram chamativos o suficiente enquanto qualquer coisa a pedido de uma lady ou um lorde poderoso tinha que ser resolvido imediatamente. A correria era menos sobre consertar os problemas da cidade e mais sobre ter certeza de parecer mais proativo do que os colegas.

Ela provavelmente ainda estaria lá se não tivesse conhecido Waxillium. Teria feito a vontade da mãe, que buscava validação através da filha. Uma prova, talvez, de que *poderia* ter se casado com Lorde Harms, se estivesse nas cartas, apesar do nascimento inferior. Marasi balançou a cabeça. Amava a mãe, mas a mulher simplesmente tinha muito tempo disponível.

Os escritórios dos policiais eram muito diferentes daqueles dos advogados.

Ali, havia um senso de propósito verdadeiro, ainda que contido e cercado de atenção. Policiais recostavam-se nas cadeiras e descreviam evidências para outros oficiais, buscando ajuda num caso. Soldados andavam pela sala, levando xícaras de chá, pegando arquivos ou cumprindo alguma outra tarefa. A competição que ela sentia entre os advogados quase não existia ali. Talvez fosse pelo pouco prestígio e pela chance ainda menor de enriquecimento.

Encontrou Aradel com as mangas da camisa dobradas, um pé apoiado numa cadeira, incomodando a tenente Caberel.

— Não, não — disse Aradel. — Estou dizendo... Precisamos de mais homens nas ruas. Perto dos bares, à noite, onde os trabalhadores das fundições se reúnem após os piquetes. Não se preocupe em vigiá-los durante o dia.

Caberel assentiu placidamente, embora tenha revirado os olhos para Marasi quando ela entrou. Aradel *tendia* a ser controlador, mas pelo menos levava as coisas a sério. Pela experiência de Marasi, quase todos gostavam dele, apesar de revirarem os olhos.

Ela pegou uma xícara de chá numa bandeja levada por um soldado. Seguiu em frente com rapidez, olhos adiante, mas quase podia senti-lo olhando para ela. Bem, não era culpa *dela* que tivesse alcançado aquela posição e a patente de tenente sem nunca ter servido chá.

Tudo bem, admitiu para si enquanto dava um gole no chá e se aproximava de Aradel. *Talvez haja um* pouco *de competição por aqui*.

— Você cuida disso então? — perguntou Aradel.

— É claro, senhor — respondeu Caberel. Ela era uma das poucas pessoas naquele lugar que tratava Marasi com algum respeito. Talvez porque ambas fossem mulheres.

Havia ainda menos mulheres na delegacia do que entre os advogados. Alguém podia pensar que o motivo era que as mulheres não se interessavam por violência, mas, tendo trabalhado nos dois lugares, Marasi sentia que sabia qual era a profissão mais sangrenta. E não era a das pessoas que portavam armas.

— Bom, bom — falou Aradel. — Tenho uma reunião com o capitão Reddi em... — Ele deu um tapinha no bolso.

Marasi estendeu o relógio. Ele pegou e conferiu as horas.

— Quinze minutos. Hum. Mais tempo do que eu esperava. Onde conseguiu esse chá, Colms?

— Quer que eu pegue uma xícara para você? — perguntou ela.

— Não, não. Eu posso fazer isso. — Ele se afastou. Marasi cumprimentou Caberel com um aceno de cabeça e saiu correndo atrás dele.

— Senhor — chamou ela. — Viu os jornais da tarde?

Ele estendeu a mão, e ela lhe entregou o periódico. Ele levantou a pilha de jornais e quase atropelou três policiais no caminho até o chá.

— Isso não é bom — murmurou ele. — Eu esperava que virassem isso contra nós.

— Nós, senhor? — perguntou Marasi, surpresa.

— Claro — confirmou ele. — Um nobre morto, policiais que não estão dando detalhes para a imprensa. Essas leituras mostram que começaram a centrar as mortes nos policiais, mas mudaram de ideia. No fim, o tom é muito mais de indignação contra Winsting do que contra nós.

— E isso é pior do que indignação contra *nós* por acobertarmos o que aconteceu?

— Muito pior, tenente — disse ele, com cara feia, pegando uma xícara. — As pessoas estão acostumadas a odiar os policiais. Somos um ímã para isso, um para-raios. Melhor nós do que o governador.

— A menos que o governador mereça, senhor.

— Palavras perigosas, tenente — falou Aradel, enchendo a xícara com o chá fervente de uma grande chaleira mantida sobre o fogão a carvão. — E provavelmente inadequadas.

— Você sabe que há rumores de que ele é corrupto — disse Marasi, baixinho.

— O que *sei* é que somos funcionários civis — respondeu Aradel. — Há gente suficiente por aí com a mentalidade e a posição moral para monitorar o governo. *Nosso* trabalho é manter a paz.

Marasi franziu a testa, mas não falou mais nada. O governador Innate *era* corrupto, ela tinha quase certeza. Havia coincidências demais, muitos detalhes estranhos em suas decisões políticas. Não era óbvio, mas perceber padrões era a especialidade de Marasi, e sua paixão.

Não que quisesse descobrir que o líder de Elendel estava negociando favores com a elite da cidade, mas, assim que localizou os sinais, sentiu-se compelida a escavar. Em sua mesa, cuidadosamente escondido sob uma pilha de relatórios

comuns, havia uma pasta na qual reunira toda a informação. Nada concreto, mas o quadro era claro para ela, ainda que soubesse que aquilo poderia parecer inocente para qualquer um.

Aradel a analisou.

— Você discorda da minha opinião, tenente?

— Ninguém muda o mundo evitando as perguntas difíceis, senhor.

— Sinta-se livre para fazê-las. Em sua cabeça, tenente, não em voz alta... e principalmente não para pessoas de fora da delegacia. Os homens para quem trabalhamos não podem pensar que estamos tentando enfraquecê-los.

— Engraçado, senhor — comentou Marasi. — Achei que trabalhássemos para o povo da cidade, não para seus líderes.

Aradel parou, com a xícara de chá quente a meio caminho dos lábios.

— Acho que mereci isso — disse ele. Tomou um gole, balançando a cabeça. Ele pareceu não perceber a quentura da bebida. Dizia-se no escritório que ele perdera as papilas gustativas havia anos. — Vamos.

Seguiram até o escritório de Aradel, passando pela escrivaninha do capitão Reddi. O homem esbelto se levantou, mas Aradel fez sinal para que ele se sentasse, pegando o relógio.

— Ainda tenho... cinco minutos antes de lidar com você, Reddi.

Marasi deu um sorriso de desculpas para o capitão. Ganhou uma carranca em retorno.

— Algum dia vou descobrir por que aquele homem me odeia — observou ela.

— Hum? — disse Aradel. — Ah, porque você roubou o trabalho dele.

Marasi tropeçou na mesa do tenente Ahlstrom.

— O quê? — perguntou, correndo atrás de Aradel. — Senhor?

— Reddi ia ser meu assistente — contou Aradel quando chegaram ao escritório dele. — Tinha um currículo muito bom para o cargo; eu estava quase convencido a contratá-lo quando você se candidatou.

Marasi corou violentamente.

— Por que *Reddi* iria querer ser seu assistente, senhor? Ele é um policial de campo, um detetive.

— Todo mundo tem essa ideia de que para subir na carreira é preciso passar

mais tempo no escritório e menos na rua — comentou Aradel. — Uma tradição estúpida, ainda que os outros oitantes a sigam. Não quero que meus melhores homens e mulheres fiquem acomodados em suas mesas. Quero que a posição de assistente sirva para ensinar alguém novo e promissor, não para deixar que algum policial experiente fique mofando aqui dentro.

Aquilo fez com que várias coisas se encaixassem para Marasi. A hostilidade que sentia por parte de vários outros não era só porque ela pulara as posições mais baixas, já que muitos com títulos nobres faziam isso. Era porque eles tinham tomado as dores de Reddi, o amigo deles que fora desprezado.

— Então... — falou Marasi, respirando fundo, ansiosa por algo que a impedisse de entrar em pânico. — Você acha que sou promissora?

— É claro que acho. Por que eu teria contratado você se não achasse? — O cabo Maindew passou por eles, batendo continência, e Aradel jogou os jornais dobrados no rosto dele. — Nada de continência aqui dentro, Maindew. Vai acabar desmaiado se bater assim na testa toda vez que passo por você. — Ele olhou para Marasi, que vinha logo atrás, enquanto Maindew murmurava uma desculpa e saía correndo. — Há algo em *você*, Colms — disse Aradel. — Não é sua dedicação. Não me importo com suas notas ou com o que os línguas de zinco do escritório de advocacia falam de você. As palavras que escreveu sobre mudar a cidade fizeram sentido. Elas me impressionaram.

— Eu... Obrigada pelo elogio, senhor.

— Não estou lisonjeando você, Colms. É apenas um fato. — Ele apontou para a porta. — Aquele jornal dizia que o governador vai discursar hoje à tarde. Aposto que os policiais do Segundo Oitante vão nos pedir ajuda para conter as multidões, eles sempre pedem. Então vou enviar um destacamento de rua. Vá com eles e ouça. Depois, me conte o que o governador Innate disse. E preste atenção em como a multidão vai reagir.

— Sim, senhor — respondeu Marasi, contendo-se antes de bater continência enquanto pegava sua bolsa e corria para cumprir as ordens.

O JORNAL D

Abertura do mercado

Ações EBSE +0,5
Commodities -2,1

1° de Dezil de 342
Edição matutina

Copyright 340, Lewis Calour & Filhos & Filhos
O JORNAL DA CIVILIZAÇÃO, SOCIE

"O CAVALHEIRO JAK NA CIDADE DAS FONTES"

Sexta parte

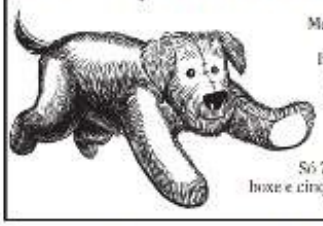
"A recepção sinistra!"

Não preciso lembrar meus astutos leitores da situação precária na qual fui deixado no fim da coluna da última semana, mas para aqueles de vocês cujos gostos elevados só agora os levaram das entranhas do jornalismo desgraçado até as nobres páginas de *O Jornal da Cara* farei uma curta recapitulação.

Graças aos esforços de minha língua de prata e de minha mente acelerada pelo estanho, consegui acesso à festa privada de Lady Lavont em Nova Seran, na qual ela planejava leiloar os únicos botões restantes do paletó favorito de Lorde Nascido da Bruma. Handerwym, meu fiel mordomo terrisano, obtivera a informação de que o líder da Guilda dos Sapateiros planejava roubar os botões, trocando-os por imitações impecáveis durante a noite.

Enquanto Handerwym observava os botões, junto à mesa de petiscos, eu me confraternizava com Lady Lavont e seu círculo íntimo, que me acharam totalmente encantador. Foi quando o homem com um terno de listras brancas apontou uma arma para mim. *(Continua abaixo!)*

Todas as crianças adoram os cãozinhos Soonie



Mexe as patinhas!

Pelo de verdade!

O novo melhor amigo de seu filho!

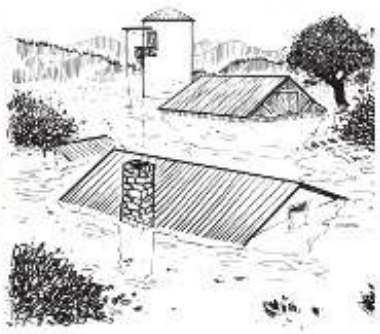
Só 75 clipes ou um boxe e cinquenta por dois.

ELENDEL SENTE OS EFEITO DO ALAGAMENTO EM CORBE

Preços elevados das *commodities* impactam a performance dos merc

Enquanto uma das principais áreas produtoras de grãos da Baía luta para se reconstruir após o rompimento da barragem perto de Corbeau, perguntas sem resposta ainda ameaçam o conforto daqueles que vivem no coração da Bacia. O Círculo Financeiro Argien-Ohr, o maior e mais prestigioso comitê de banqueiros e outros líderes financeiros de Elendel, agendou uma reunião de emergência para discutir o envio de ajuda para as áreas desoladas pela inundação. A principal questão que aflige o Círculo é se o investimento será suficiente para afetar os mercados de *commodities*, que estão apenas começando a cair por conta das previsões de colheitas de grãos 50% menores que as do ano passado.

"Há suprimentos suficientes para cobrir a maior parte das demandas dos próximos quatro meses", diz Lorde Chapmot Heviers, um membro do Círculo com fortes laços em Corbeau. "Mas, depois disso, a maioria dos grãos irá para os maiores lances. Se você tem uma padaria, vai pensar duas vezes antes de vender pães a cinco clipes cada um quando poderia vender usando a quarenta clipes a garrafa."



Tônico Brilhante Vif!

CURA A FADIGA!

Os doutores Fronks e Selvest Vif têm o remédio para o desânimo e a irritabilidade causados por bactérias, úlceras e má nutrição.

Lembre-se do que o médico ordenou! Tome o Tônico Brilhante Vif todo dia!

PECTIN-ADE

O PETISCO FAVORITO DA BACIA

Experimente todos os oito sabores! Só 10 clipes a caixa. Você ficará feliz por ter comprado PECTIN-ADE!

Maçanetas e travas de a

Não fique vulnerável a l
atlanticos. Instalamos o
semana! R. Adamus, 42.

Sabe contar uma his

Calour Publicações procur
os da qualidade de *Or I*
de Dechane, *o Medo e Fo*
de Ausdenec. Amostras p
enviadas para Calour & D
Norise, 211, centro, Seabo

Precisa-se de investid

vestir em energia elétrica vai
sua fortuna. Contate S. E. Si

EDITORIAL CONVIDADO

O INCÔMODO DOS LANÇAMOEDAS NEGLIGENTES!



Nos últimos dezesseis meses, tive que substituir três postes de iluminação, um portão de ferro e dois pináculos de campanário, todos em minha casa na rua Madison. Minha residência no Sereno Oitante, muito mais perto do centro, precisou de duas vezes mais cuidados por estar na rota principal dos entregadores Lançamoedas. Automóveis,

VISITANTES de outros MUNDOS



A reunião sinistra!

Descrevi meu atacante como um homem em um terno listrado branco, mas isso não é tão específico como poderia ser. Em Elendel, alguém vestido como eu descrevi seria tão estranho como um chá da tarde com os ladrões, mas, em Nova Seran, os homens costumam usar ternos tão chamativos que fazem com que alguém qualquer pessoa naquela
não vencera as tribos n
de Eltania? Não fui o
a trazer histórias das
das Montanhas de Cinz
verdes pela vegetação?
os quem domesticou os
cavalos de pescoço comp
Planícies de Kaermorn
"Eu não abaixarei es
disse o homem, "até q
por seus crimes."

Meus sentidos zum
miraram um pequeno
discurso do homem. P
movimentos quase imp
veis de seus olhos para
e para a esquerda. Não

6



Wax se elevou no ar, no céu de Elendel, com o chapéu amarrado ao pescoço e o casaco de bruma agitando-se atrás dele como uma bandeira. Embaixo, a cidade se agitava, pessoas lotando as ruas que mais pareciam artérias. Algumas olhavam para ele, mas a maioria o ignorava. Alomânticos não eram raridade ali como eram nas Terras Brutas.

Toda essa gente..., pensou Wax, *empurrando* uma fonte de cobre esverdeado representando Harmonia envolto em brumas, com os braços levantados e braceletes de ouro brilhante. Mulheres estavam sentadas na beirada de pedra; crianças brincavam em suas águas. Automóveis e carruagens puxadas a cavalo davam a volta no monumento, entrando em outras vias, cuidando dos negócios sempre importantes da vida na cidade.

Eram tantas pessoas — e ali, no Quarto Oitante, uma porcentagem assustadora delas estava sob sua responsabilidade. Para começar, ele pagava os salários delas, ou supervisionava aqueles que pagavam; na solvência de sua casa repousava a estabilidade financeira de milhares e milhares. Mas isso era só uma parte: graças ao seu assento no Senado, ele representava todos os que trabalhavam para ele ou que viviam em suas propriedades.

O Senado era dividido em duas partes. Um lado, o dos representantes das profissões, era eleito e ia e vinha conforme as necessidades das pessoas. O outro lado, o das casas nobres, era estável e imutável, não sujeito aos caprichos dos eleitores. O governador, eleito pelos representantes das casas nobres, presidia todos eles.

Era um sistema bom o bastante, exceto que significava que Wax devia cuidar

de dezenas de milhares de indivíduos que nunca poderia conhecer. Seus olhos se contraíram, e ele se virou, *empurrando* um pedaço de vergalhão deixado descuidadamente para fora de uma parede de um cortiço.

As cidades eram melhores nas Terras Brutas, onde era possível conhecer todo mundo. Desse jeito, era possível cuidar das pessoas e realmente *sentir* que se estava fazendo alguma coisa. Marasi argumentaria que, estatisticamente, liderar uma casa em Elendel era mais efetivo para criar felicidade em geral, mas ele não era um homem de números, e sim um homem que confiava em seus instintos. Seus instintos sentiam falta de conhecer as pessoas às quais ele servia.

Wax aterrissou numa grande torre d'água perto da cúpula de vidro que cobria a maior Igreja do Sobrevivente em seu oitante. As pessoas faziam suas adorações lá dentro, embora um grande número saísse ao anoitecer para esperar as brumas. A Igreja do Sobrevivente reverenciava as brumas e, mesmo assim, com aquela cúpula, permanecia separada delas. Wax balançou a cabeça e *empurrou-se* ao longo de um canal ali perto.

Ele já deve ter terminado, pensou Wax. *Ele estará numa das docas próximas, ouvindo o ruído das águas...*

Prosseguiu pelo canal, que estava cheio de barcos. A Alameda Tindwyl, que seguia ao longo do canal, estava lotada, ainda mais do que o normal. Cheia de vida. Era difícil não se sentir dominado pela cidade, engolido, oprimido, insignificante. Nas Terras Brutas, Wax não executava a lei apenas, mas a interpretava, revisava-a quando necessário. Ele *era* a lei.

Aqui, tinha que dançar ao redor de egos e segredos.

Enquanto procurava a doca certa, ficou surpreso de, em determinado momento, descobrir a razão para o tráfego na alameda. Automóveis e carruagens estavam parados, tentando passar por um grande grupo de homens carregando cartazes. Wax passou sobre eles e ficou surpreso em ver um pequeno contingente de policiais do oitante local cercado pelos piqueteiros — estavam sendo pressionados por todos os lados pelos homens que gritavam e agitavam os cartazes de um jeito desconfortavelmente violento.

Wax soltou-se no ar e *empurrou-se* de leve contra os pregos das tábuas do passeio público da alameda, reduzindo a velocidade da descida. Aterrissou agachado num espaço aberto ali perto, o casaco de bruma farfalhando, já preparando suas armas.

Os piqueteiros o olharam por um longo instante e, então, se separaram, indo

por direções diferentes. Ele não teve que dizer nenhuma palavra. Logo depois, surgiram os policiais sitiados, como pedras na terra depois que o solo é lavado por uma chuva súbita.

— Obrigado, senhor — agradeceu a capitã deles, uma mulher mais velha cujo cabelo loiro aparecia cerca de três centímetros abaixo do chapéu de policial.

— Eles estão ficando violentos? — perguntou Wax, enquanto observava os últimos piqueteiros sumirem.

— Não gostaram quando tentamos tirá-los da alameda, Tiro da Alvorada — comentou a mulher antes de estremecer. — Não esperava que ficasse tão ruim, tão rápido...

— Não posso dizer que os culpo — falou um dos outros policiais, um rapaz com um pescoço que parecia uma pistola de cano longo. Seus companheiros se voltaram para ele, e ele deu de ombros. — Olhem, não dá para dizer que não temos conhecidos entre eles. Não dá para dizer que não os ouvimos resmungar. Alguma coisa precisa mudar nessa cidade. É só isso que estou falando.

— Eles não têm o direito de bloquear uma via principal — disse Wax. — Não importa quais sejam as queixas deles. Informe isso em sua delegacia e assegure-se de trazer mais homens da próxima vez.

Eles assentiram e foram embora. O nó de pedestres na alameda se desatou lentamente, e Wax balançou a cabeça, preocupado. Os homens que faziam greves *tinham* seus motivos. Ele encontrara algumas das mesmas condições problemáticas nas poucas fábricas que possuía — longas jornadas, ambientes perigosos — e fora obrigado a despedir alguns supervisores por causa disso. Ele os substituíra por outros, que, por sua vez, contrataram mais homens, dando-lhes jornadas mais curtas, já que não havia falta de mão de obra desempregada na cidade ultimamente. Mas, então, Wax teve que aumentar os salários, para que os homens pudessem viver com o pagamento de uma jornada mais curta, e seus bens ficaram mais onerosos. Tempos difíceis. E ele não tinha respostas, não para esses problemas.

Ele caminhou uma curta distância pelo passeio, atraindo mais do que uns poucos olhares das pessoas que passavam, mas logo encontrou o que estava procurando. Wayne estava sentado numa doca estreita ali perto. Estava sem sapatos e sem meias, com os pés na água, e encarava o canal.

— Oi, Wax — disse ele sem olhar para cima.

— Não correu bem? — perguntou Wax.

— O mesmo de sempre. É estranho. Na maior parte dos dias, não me incomodo em ser eu mesmo. Hoje, sim.

Wax se agachou, apoiando uma das mãos no ombro do homem mais jovem.

— Já se perguntou se deveria ter atirado em mim? — perguntou Wayne. — Quando você e Jon me encontraram?

— Não tenho o hábito de atirar em pessoas que não podem atirar de volta — comentou Wax.

— Eu podia estar fingindo.

— Não. Não podia.

Wayne era um jovem de dezesseis anos quando Wax e Jon Dedomorto, um homem da lei que fora o mentor de Wax, encontraram-no de cócoras num espaço apertado embaixo de uma casa, com as mãos nos ouvidos, coberto de sujeira e lamúrias. Wayne jogara suas armas e munições num poço. Mesmo quando Dedomorto o arrastou para fora daquele lugar, Wayne reclamou do tiroteio. Tiros que só ele podia ouvir, ecoando naquele poço...

— Todos os garotos que perseguimos e abatemos... — comentou Wayne. — Qualquer um deles poderia ser como eu. Por que eu tive uma segunda chance, mas nenhum deles teve?

— Sorte.

Wayne se virou para encará-lo.

— Eu daria segundas chances para aqueles rapazes, se pudesse — assegurou Wax. — Talvez tenham tido seus momentos de dúvida, de arrependimento. Mas, naqueles em quem atiramos, nós não os encontramos desarmados, escondidos, desejando ser resgatados. Nós os encontramos matando. E, se eu tivesse encontrado você cometendo um assalto à mão armada naquela época, eu teria atirado em você também.

— Não está mentindo, está?

— É claro que não. Eu teria atirado na sua cabeça, Wayne.

— Você é um bom amigo — falou Wayne. — Obrigado, Wax.

— Você é a única pessoa que conheço que consigo animar prometendo que o matarei.

— Você não prometeu me matar — comentou Wayne, calçando as meias. — Você prometeu que teria me matado. No futuro do pretérito composto.

— Seu conhecimento de gramática é incrível — disse Wax —, considerando a frequência com a qual você a brutaliza.

— Ninguém conhece a vaca melhor do que o açougueiro, Wax.

— Imagino que sim... — concordou Wax, levantando-se. — Você conhece uma mulher chamada Idashwy? Uma feruquemista?

— Corredora de Aço?

Wax assentiu.

— Não conheço — afirmou Wayne. — Sempre me chutam para fora da Vila quando eu os visito. Bem pouco hospitaleiros.

Até onde Wax sabia, isso não era verdade. De vez em quando, Wayne vestia umas túnicas de Terris, imitava o sotaque deles e se esgueirava para dentro da Vila para viver entre eles por alguns dias. Depois de um tempo, metia-se em confusão por dizer alguma grosseria para uma jovem mulher, mas não era expulso. Ele os confundia, como fazia com a maioria das pessoas, até ficar entediado e resolver ir embora.

— Vamos ver o que conseguimos descobrir — falou Wax, acenando para uma gôndola no canal.

*

— Cinco notas por *uma cesta* de maçãs! Isso é um roubo!

Marasi hesitou na rua. Tinha ido de automóvel até perto do centro para ouvir o discurso do governador e deixara o carro com um cocheiro que recebia para vigiar o veículo e reabastecer o motor, com a intenção de fazer o restante do caminho a pé. O centro podia ser um lugar lotado.

Isso a levara até ali, perto de um pequeno mercado de rua onde as pessoas vendiam frutas. Incrédula, viu que uma vendedora estava realmente oferecendo um cesto de maçãs por *cinco notas*. Aquilo não podia custar mais do que meio boxe. Já vira uma cesta daquela vendida por um punhado de tostões.

— Eu podia comprar uma cesta dessas na barraca de Elend por uma fração do preço! — reclamou o consumidor.

— Bem, por que não vai ver se ele ainda tem alguma lá? — respondeu a dona da carrocinha, aborrecida. O consumidor saiu furioso, deixando a vendedora com sua placa proclamando o preço absurdo. Marasi franziu a testa e olhou para a fila de barracas, barris e carrocinhas.

Todos suspeitamente desabastecidos. Ela seguiu até a dona da carrocinha com os preços abusivos; a mulher se endireitou rapidamente, sacudindo as tranças e enfiou as mãos nos bolsos do avental.

— Oficial — cumprimentou ela.

— Cinco é um pouco demais, não acha? — perguntou Marasi, pegando uma maçã. — A menos estejam banhadas em atium.

— Estou fazendo algo errado? — questionou a mulher.

— Você tem o direito de definir seus preços — respondeu Marasi. — Só que alguém pode se perguntar se por acaso você sabe algo que ninguém mais sabe.

A mulher não respondeu.

— O carregamento atrasou? — perguntou Marasi. — A safra de maçãs foi ruim?

A mulher suspirou.

— Não a de maçãs, oficial. Os carregamentos de grãos do leste. Eles simplesmente não estão vindo. As inundações acabaram com tudo.

— Um pouco cedo para especular com os preços dos alimentos, não acha?

— Perdão, oficial, mas sabe quanta comida essa cidade consome? Estamos a um carregamento de distância da inanição, estamos, sim.

Marasi olhou para a feira novamente. A comida saía rapidamente, e pelo menos grande parte dela, pelo que podia ver, era comprada pelo mesmo grupo de pessoas. Especuladores agarrando frutas e sacos de grãos. A cidade não estava tão perto da inanição quanto a proprietária do carrinho afirmava — havia estoques que podiam ser liberados —, mas as más notícias corriam mais rápido do que ventos calmos. E havia uma boa chance de a mulher estar certa, de que fosse capaz de vender suas maçãs a preço de ouro até que as coisas se acalmassem em alguns dias.

Marasi balançou a cabeça, devolveu a maçã e continuou seu caminho para o centro. Sempre havia uma aglomeração ali, pessoas na alameda, veículos tentando abrir caminho nas ruas ao redor. Havia mais pessoas naquele dia, e as multidões atraídas pelo discurso do governador causavam mais engarrafamentos na agitação habitual. Marasi mal conseguia distinguir as estátuas gigantes da Guerreira Ascendente e de seu marido no Campo do Renascimento espiando por sobre a multidão.

Marasi aproximou-se de um grupo de policiais que acabara de chegar sob as

ordens de Aradel; suas carruagens tinham demorado muito mais do que o automóvel dela. Juntos, abriram caminho a pé pelas ruas até a mansão. O governador preferia dirigir-se ao povo a partir da escadaria, a algumas ruas do centro, no Segundo Oitante.

Logo chegaram à grande praça na frente da mansão. Era mais difícil mover-se ali, mas felizmente os policiais daquele oitante já estavam de prontidão e tinham isolado várias áreas perto da frente e das laterais da praça. Numa delas, dignitários e nobres estavam sentados em arquibancadas para ouvir o discurso. Em outra, os policiais do Segundo Oitante se reuniram e vigiavam a multidão a partir das escadarias do Arquivo Nacional em busca de batedores de carteiras. Outros policiais moviam-se entre a multidão e os oficiais prontamente identificados pelas plumas azuis em seus chapéus.

Marasi e o tenente Javies, que comandava a equipe de campo, seguiram na direção do Arquivo Nacional, onde seus colegas do Segundo Oitante os deixaram passar. Um policial mais velho, de bigode, coordenava as coisas por ali. Seu capacete, sob o braço, ostentava a dupla pluma de capitão. Quando viu Marasi, Javies e a equipe, o homem se animou.

— Ah, então Aradel mandou reforços no fim das contas! — exclamou ele. — Maravilha ferrada! Vocês podem vigiar o lado leste da praça, ao longo da rua Longard. Trabalhadores das fundições estão se reunindo ali e não parecem muito felizes. Ouso dizer que este não é lugar para os piquetes deles. Talvez uns observadores com uniformes da polícia os mantenham sob controle.

— Senhor — cumprimentou Javies, batendo continência. — As massas estão forçando para se aproximarem das escadarias da mansão! Com todo o respeito, senhor, não quer que fiquemos lá?

— Os guardas do governador têm a jurisdição, tenente — explicou o velho capitão. — Eles nos expulsariam se tentássemos fazer qualquer coisa na área da mansão. Malditos pescoços de peltre. Mal nos avisam quando o governador quer falar ao povo e esperam que façamos o trabalho sujo de policiar essa bagunça.

Javies bateu continência, e sua equipe se retirou.

— Senhor — disse Marasi, permanecendo para trás. — O comissário-geral Aradel quer que eu leve para ele um relatório do discurso. Acha que posso conseguir um lugar naquelas arquibancadas?

— Ali não vai dar — respondeu o capitão. — Cada sobrinho e babá das casas nobres exigiu um lugar. Vão me matar se eu mandar mais alguém.

— Obrigada mesmo assim, senhor. Verei se consigo um lugar na frente da multidão para fazer meu trabalho. — Marasi começou a se afastar.

— Espere, policial — chamou o velho. — Eu conheço você, não?

Ela olhou para trás, corando.

— Eu sou...

— A filha de Lorde Harms! — exclamou o velho capitão. — A bastarda. É isso! Ah, não fique vermelha! Isso não é um insulto, filha. É só quem você é, e é isso, simples como o dia. Gosto de seu pai. Ele é ruim o suficiente nas cartas para ser divertido jogar com ele, mas é cuidadoso para não apostar muito, a fim de que eu não me sentisse mal em ganhar.

— Senhor. — A notícia de sua origem, antes guardada com discrição, espalhara-se por toda a alta sociedade. Andar com Waxillium, que criava tantas agitações, tinha seus inconvenientes. E sua mãe *tinha* certa razão em suas cartas zangadas.

Marasi aceitava bem quem era, o que não significava que gostasse que jogassem isso em sua cara. Velhos oficiais nobres como aquele, no entanto... Bem, eram de um tempo em que achavam que podiam falar o que bem entendessem, particularmente sobre seus subordinados.

— Tem espaço entre os repórteres, pequena Harms — disse ele, apontando. — Ali perto do lado norte. Não tem uma vista muito boa, já que terá os degraus na frente, mas é ótimo para ouvir. Diga ao policial Wells, que cuida do acesso, que eu disse que você pode passar e dê minhas lembranças ao seu pai.

Ela bateu continência, ainda lutando contra uma mistura de vergonha e indignação. Ele não quis dizer nada com seus comentários, mas, Ferrugem e Ruína, ela trabalhara a maior parte da vida sem revelar quem era, com apenas algumas moedas nas mãos enquanto o pai se recusava a reconhecê-la oficialmente. Entre os policiais, pelo menos, não podia ser reconhecida por suas conquistas profissionais, em vez de pela natureza de seu nascimento?

Mas não podia perder a oportunidade de conseguir um lugar melhor, então começou a abrir caminho ao redor da praça, na direção da área que lhe fora especificada.

O que era aquilo?, pensou Wax. Virou-se, desviando sua atenção do grupo de mendigos que estava interrogando.

— Wax? — Wayne o chamou, afastando-se de outro grupo de pessoas. — O

quê...?

Wax o ignorou, empurrando as pessoas na direção da coisa que vira. Um rosto.

Não pode ser.

Suas ações frenéticas suscitaram gritos de irritação de algumas pessoas, mas só olhares de reprovação de outras. Os dias em que um nobre, mesmo um alomântico, podia calar as pessoas com um olhar começavam a ficar no passado. Por fim, Wax deu de cara com uma área aberta e andou para todos os lados. *Onde?* Febril, com todos os sentidos tensos, deixou cair um cartucho e *empurrou-o*, saltando imediatamente mais de três metros. Procurando, deu um giro completo, agitando o casaco de bruma.

O fluxo de pessoas que seguiam em direção ao centro continuava intenso na Alameda Tindwyl — aparentemente, o governador faria um discurso ali perto. É uma multidão perigosa, uma parte dele observou. Havia muitos homens usando casacos surrados e expressões surradas. As questões trabalhistas tornavam-se um problema cada vez maior. Metade da cidade tinha trabalhos mal pagos com jornadas exaustivas. A outra metade simplesmente não tinha emprego. Uma dicotomia estranha.

Ele continuava a ver homens aparecendo nas esquinas. Agora seguiam todos juntos, num rio de gente. Isso criaria correntezas perigosas, como acontece quando um rio de verdade encontra rochas. Wax aterrissou, o coração batendo forte, como se no ritmo de uma marcha. Desta vez tinha certeza. *Tinha* visto Bronze Sangrento no meio da multidão. Um olhar de relance num rosto familiar, o agente funerário assassino, o último homem que Wax caçara nas Terras Brutas antes de voltar a Elendel.

O homem que causara a morte de Lessie.

— Wax? — Wayne chegou correndo até ele. — Wax, você está bem? Parece alguém que comeu um ovo que encontrou na sarjeta.

— Não é nada — falou Wax.

— Ah, então o olhar que eu vi... era só você contemplando seu casamento iminente com Steris, certo?

Wax suspirou, afastando-se da multidão. *Eu imaginei. Devo ter imaginado*.

— Eu gostaria que deixasse Steris em paz. Ela não é tão má quanto você a retrata.

— É a mesma coisa que você disse sobre aquele cavalo que comprou... Lembra? Aquele que só *me* mordia?

— Roseweather tinha bom gosto. Descobriu alguma coisa?

Wayne assentiu, levando-os para longe do tráfego mais intenso de pessoas.

— A Srta. Corredora de Aço vive aqui perto — contou ele. — Conseguiu um emprego como contadora de um joelheiro no fim da rua. Não vem trabalhar há uma semana, no entanto. O joalheiro mandou alguém ir ao apartamento dela, mas ninguém atendeu a porta.

— Conseguiu o endereço? — perguntou Wax.

— É claro que sim — Wayne pareceu ofendido, enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo. — Também consegui um relógio de bolso novo. — Mostrou um relógio feito de ouro maciço, com incrustações em opalina na frente.

Wax suspirou. Depois de uma caminhada curta até o joalheiro para devolver o relógio, que Wayne alegava ter imaginado que estava ali para ser trocado por outra coisa, já que estava sobre o balcão sem qualquer outra proteção além de uma pequena caixa de vidro ao redor, seguiram até o Distrito Bournton.

Era uma vizinhança de alto nível, o que também significava menos personalidade. Não havia roupas estendidas na frente dos prédios nem gente sentada nas escadas. Em vez disso, a rua era repleta de sobrados brancos e edifícios de apartamentos com decorações espigadas de ferro ao redor das janelas superiores. Conferiram o endereço com um dos jornaleiros locais e, depois de um tempo, estavam diante do prédio em questão.

— Algum dia, eu gostaria de viver num lugar chique assim — comentou Wayne, melancólico.

— Wayne, você vive numa mansão.

— Não é chique. É *opulenta*. Tem uma grande diferença.

— Qual?

— Na maior parte, envolve os tipos de copos em que você bebe e o tipo de arte que você pendura na parede. — Wayne parecia ofendido. — Você precisa saber essas coisas agora, Wax, sendo incrivelmente rico e tal.

— Wayne, você praticamente ficou rico também depois da recompensa do caso dos Desaparecidos.

Wayne deu de ombros. Não tocara em sua parte, que fora paga, em grande medida, com o alumínio recuperado de Miles e sua gangue. Wax subiu a escada

externa do edifício. O apartamento de Idashwy ficava no último andar, um lugar pequeno na parte de trás, com vista para outros prédios. Wax sacou Vindicação do coldre e bateu na porta, ficando de lado caso alguém atirasse.

Nenhuma resposta.

— Bela porta — disse Wayne, baixinho. — Madeira boa. — Abriu-a com um chute.

Wax levantou a arma e Wayne entrou, esgueirando-se contra a parede para evitar ter sua silhueta iluminada por trás. Encontrou um interruptor alguns instantes depois e acendeu as luzes elétricas da sala.

Wax ergueu a arma até a altura da cabeça, apontando para o teto, e esquadrinhou o aposento. Não tinha muito o que ver. Uma pilha de cobertores dobrados num canto provavelmente servia como cama. Com sua visão de aço, Wax não viu metais em movimento. Tudo estava calmo e em ordem.

Wax espiou o banheiro enquanto Wayne seguia para o único aposento restante do apartamento, uma cozinha. Havia encanamento embutido no banheiro, luzes elétricas. Aquele *era* um lugar chique. A maiorias dos terrisanos dizia preferir uma vida simples. O que a levara a pagar por algo assim?

— Ah, inferno — disse Wayne. — Isso não é legal.

Wax foi até lá, arma em punho, olhando antes de entrar na cozinha. Era grande o bastante para uma pessoa deitar. Sabia disso por causa do cadáver ensanguentado caído no chão, com um grande buraco no peito, os olhos encarando o vazio, sem enxergar.

— Parece que vamos precisar de um novo suspeito, Wax — comentou Wayne. — Esta aqui evidentemente se recusa a não estar morta.

O lugar que Marasi encontrou para ouvir o discurso era exatamente como lhe disseram: acomodado num vão estreito entre a multidão e as escadas laterais da mansão. Ao redor dela, membros da imprensa seguravam lápis e blocos de notas, prontos para anotar breves citações do discurso do governador que pudessem render boas manchetes. Marasi era a única policial entre eles, e sua patente de tenente não lhe garantia muita consideração entre os repórteres.

A vista deles era obstruída não só pela posição dos amplos degraus de pedra, mas também pela guarda do governador, uma fila de homens e mulheres de uniformes escuros e chapéus, parados com as mãos atrás das costas ao longo dos degraus. Só dois desenhistas, num canto da aglomeração de repórteres, tinham

algo parecido com uma boa vista do palanque em que o governador apareceria, que fora erigido na escadaria.

Marasi não se importava. Não precisava ver Innate para digerir e relatar suas palavras. Além disso, sua posição lhe dava uma visão excelente da multidão reunida, o que lhe parecia mais interessante. Homens sujos de fuligem do trabalho nas fábricas. Mulheres cansadas que, por causa do advento da eletricidade, agora podiam ser forçadas a trabalhar muitas horas a mais, até bem tarde da noite, sob ameaça de demissão. Mesmo assim havia esperança naqueles olhares. Esperança de que o governador tivesse algum encorajamento a oferecer, uma promessa de acabar com a tensão crescente na cidade.

As regras de Mirabell, pensou Marasi, assentindo para si mesma. Mirabell fora uma estatística e psicóloga do século III, que estudara por que algumas pessoas trabalhavam mais do que outras. Ela descobriu que era muito mais provável que um homem ou uma mulher fizesse um bom trabalho se tivesse autonomia, se sentisse que era dono do que fazia e visse a importância da sua função. Seus estudos provavam que a criminalidade diminuía quando as pessoas tinham um senso de identidade e pertencimento à sua comunidade.

Esse era o problema, uma vez que a sociedade moderna erodira esses conceitos. A vida parecia mais transitória agora, com as pessoas mudando de trabalho ou de lugar ao longo do tempo — coisas que quase nunca aconteciam há um século. O progresso as impelia. Hoje em dia, Elendel não precisava tanto de cocheiros quanto de mecânicos de automóveis.

As pessoas tinham que se adaptar. Mover-se. Mudar. Isso era bom, mas também ameaçava sua identidade, sua conexão, seu senso de propósito. A guarda do governador observava a multidão com hostilidade, murmurando sobre malfeitores, como se visse a população como um bando de homens maus à procura de qualquer desculpa para causar tumulto e desordem.

Ao contrário, aquelas pessoas queriam algo estável, algo que as permitisse sustentar suas comunidades ou forjar novas. Raramente os tumultos eram causados por cobiça, mas com frequência eram motivados por frustração e desespero.

Por fim, o governador apareceu, saindo da mansão. Marasi conseguiu vê-lo de relance entre as pernas dos guardas. Innate era um homem alto e bonito, ao contrário de seu irmão, que sempre parecera atarracado para Marasi. Bem barbeado, com o cabelo levemente grisalho e óculos da moda. Innate tinha sido o primeiro governador a posar para o retrato oficial usando óculos.

Ele saberia? Poderia acalmar aquelas pessoas? Era corrupto, mas praticava um tipo silencioso de corrupção — pequenos favores feitos para enriquecer a si ou aos seus amigos. Era bem possível que se preocupasse com o povo da cidade, mesmo enquanto enriquecia. Ele se aproximou do palanque, onde uma mulher diminuta, com um vestido verde, ia de um lado para outro, ajustando aparelhos que pareciam grandes cones com as aberturas voltadas para a multidão. Marasi achou que reconhecia a jovem mulher, que era um pouco mais que uma garota, com cabelo loiro comprido e rosto magro. Onde Marasi a tinha visto?

Pensou por um instante e então se aproximou um pouco de um dos repórteres para ler suas anotações por sobre o ombro. *"Dia agradável"... blá-blá-blá... "ar de suspense e violência", seja lá o que isso queira dizer... Ali estava! "Com a meticulosa assistência da srta. Sophi Tarcsel, a filha do inventor."*

Sophi Tarcsel. Ela andava fazendo um alvoroço, escrevendo artigos nos jornais sobre o pai, que supostamente fora um grande inventor, embora Marasi nunca tivesse ouvido o nome dele.

— Povo de Elendel — começou o governador Innate, e Marasi ficou surpresa com o modo como sua voz ecoou pela praça, alta e clara. Tinha algo a ver com aqueles aparelhos, aparentemente. — Os jornais querem que acreditem que estamos à beira de uma crise, mas asseguro que esses problemas não existem. Meu irmão não era o criminoso que estão afirmando que era.

Ah, Innate, pensou Marasi, suspirando enquanto escrevia. *Não é por isso que estão aqui*. Ninguém viera para ouvir mais coisas sobre Winsting. E quanto aos problemas reais da cidade?

— Não aceitarei essa difamação do caráter do meu querido irmão — prosseguiu Innate. — Ele era um bom homem, um homem de estado e um filantropo. Vocês podem ter esquecido o projeto de embelezamento do centro da cidade que ele liderou há apenas três anos, mas eu não...

E o governador prosseguiu nessa linha. Marasi continuou fazendo anotações para o capitão Aradel, mas meneava a cabeça. O objetivo de Innate era compreensível. Queria preservar a reputação da família aos olhos de investidores e nobres importantes e talvez diminuir um pouco a raiva do povo. Não funcionaria. Na verdade, as pessoas *não* se importavam com Winsting. Era a corrupção mais profunda e a sensação de impotência que destruíam a cidade.

Enquanto o discurso prosseguia, cheio de explicações sobre como Winsting tinha sido um bom homem, Marasi esgueirou-se mais para o canto, na tentativa

de conseguir ver melhor. Como Innate respondia à multidão? Era carismático, dava para perceber só pelo jeito como ele falava. Talvez conseguisse algum efeito positivo apenas com sua oratória, ainda que faltasse substância ao discurso.

— Ordenarei uma investigação completa da polícia — continuou Innate. — Não estou convencido de que meu irmão foi morto como dizem. Minhas fontes afirmam que isso tudo pode ter sido resultado de uma operação malsucedida, que usou meu irmão como isca para capturar criminosos. Se isso for verdade, se colocaram meu irmão numa situação perigosa e agora estão tentando acobertar isso, os responsáveis vão responder por seus atos.

Marasi chegou mais para o lado, mas seu campo de visão era obstruído por um dos guardas, que estava na sua frente. Irritada, Marasi tentou outra posição, e mais uma vez o guarda se moveu. Pareceria de propósito, se ele não estivesse de costas para ela.

— Quanto às inundações no leste, estamos enviando ajuda. Seus amigos e parentes lá serão auxiliados. Estamos ao lado deles diante desse desastre.

Isso não é bom, observou ela. *As pessoas não querem ouvir sobre ajuda para gente fora da cidade, não importa quão necessária seja, não quando as coisas estão cada vez piores aqui...* Marasi se moveu mais uma vez. Aradel queria que ela julgasse a reação do público, mas precisava ver melhor.

Sua inquietação provocou a cólera de um dos repórteres, mas ela por fim conseguiu ver Innate em seu palanque. Ele passou a fazer um longo discurso contra a imprensa. Talvez por isso o repórter estivesse tão rabugento. Ela certamente ficaria...

Marasi franziu a testa. O guarda que estivera se mexendo e atrapalhando sua visão se virou, e ela pôde ver uma expressão *muito* estranha em seu rosto, como uma careta de dor. E ele estava sussurrando, ou pelo menos sua boca estava se movendo. Ninguém mais parecia notá-lo, já que estavam concentrados no discurso.

Então, Marasi foi a primeira a gritar quando o guarda puxou um revólver guardado sob o casaco e o apontou para o governador.

Wayne perambulava pelo quarto da mulher morta. Era muito limpo. Um lugar onde uma pessoa vivia devia ter uma quantidade saudável de bagunça. A Srta. Corredora do Aço não passava muito tempo ali.

No outro aposento, Wax inspecionava o corpo. Wayne o deixara com essa tarefa; não tinha interesse em cutucar interiores de cadáveres, embora Wax afirmasse que era importante. Em vez disso, Wayne procurava amostras mais interessantes de vida. Sua primeira descoberta foi um pequeno esconderijo de bebidas no armário sob a pia do banheiro. Várias formas de álcool, todas bem fortes, cada garrafa parcialmente consumida. Todas exceto uma, que estava vazia. Wayne cheirou a garrafa. Vinho licoroso.

Não é de surpreender, pensou ele. Pegou um uísque e tomou um bom gole. Bah. Muito forte e quase morno. Deu outro gole enquanto seguia para a sala. Aquelas vizinhanças chiques eram muito silenciosas. As pessoas deviam estar gritando lá fora. Isso era o *certo* na cidade. Ele deu uma olhada no baú ao lado dos cobertores que ela usava como cama e descobriu que continha três mudas de roupa, todas limpas e cuidadosamente dobradas. A túnica terrisana estava no fundo. Estava vincada nas dobras; não devia ser usada com frequência. As outras duas mudas eram modelos modernos, a de cima mais ousada do que a de baixo.

Tomou outro gole de uísque e voltou para a cozinha. Wax tirara o chapéu e o casaco e se ajoelhara ao lado do corpo.

— Vejo que encontrou a bebida — comentou Wax. — Que surpresa.

Wayne sorriu e ofereceu a garrafa a Wax, que tomou um gole pequeno.

— Argh — reclamou, devolvendo. — Este assassinato é perturbador, Wayne.

— Tenho certeza de que ela também achou.

— Muitas perguntas. Por que ela deixou a Vila e por que escolheu viver aqui? Isso não parece muito terrisano.

— Ah, posso dizer por que ela estava aqui — disse Wayne.

— Pode?

— Imagine-se uma terrisana protegida na casa dos quarenta anos — falou Wayne. — Velha o bastante para ter perdido a chance de uma juventude louca e começando a desejar ter feito algo mais ousado.

— Os terrisanos não desejam fazer loucuras — comentou Wax, fazendo anotações num caderninho enquanto inspecionava o ferimento da mulher. — Não são ousados. São um povo reservado.

— Não somos terrisanos?

— Somos exceções.

— Todo mundo é uma exceção para alguma coisa, Wax. Essa garota deixou a

Vila e encontrou um mundo inteiro aqui fora. Devia ter um lado aventureiro.

Uísque.

— Ela tinha — admitiu Wax. — Eu não a conhecia bem, mas ela costumava escapar da Vila quando jovem. Foi há muito tempo.

— E escapou de novo — continuou Wayne —, pois a Vila é tão entediante que embota os sentidos até de um escriba. Diabos, até *Steris* odiaria aquele lugar.

— Wayne...

— Nossa senhorita — falou Wayne, acenando com a garrafa na direção da falecida — tentou permanecer conservadora no início e conseguiu um emprego de escriturária, um bom emprego terrisano. Convenceu-se de que um belo apartamento, onde supostamente estaria a salvo dos horrores dos bairros mais simples, valia a despesa. Coisa simples. Mas, então, alguns funcionários da joalheria a convidaram para sair, e ela começou a beber. E gostou. Despertou lembranças de quando bebia escondida na juventude. Ela quis mais, então comprou diferentes tipos de bebidas fortes para experimentar. Gostava mais do vinho licoroso, a propósito.

— Faz sentido — concordou Wax.

— Depois, ela começou a usar roupas cada vez mais liberais, mostrando mais pele, passando mais noites fora de casa. Se tivesse mais alguns meses, teria se transformado numa garota perfeita com quem se divertir.

Uísque.

— Ela não teve mais alguns meses — disse Wax, baixinho. Pegou algo no bolso e entregou para Wayne. Um livro de bolso, encadernado em couro. — Dê uma olhada nisso.

Wayne pegou, folheando algumas páginas.

— O que é?

— O livro que a Morte me deu.

O grito de Marasi se perdeu em meio ao clamor geral quando o governador terminou seu discurso. Houve aplausos educados da nobreza e gritos e xingamentos da maioria dos trabalhadores. O barulho engoliu o grito dela como um único respingo numa onda que se quebra.

Ela revirou a bolsa de mão enquanto o guarda apontava a arma para o governador. Não. Não havia tempo para pegar sua arma. Ela tinha que fazer

outra coisa.

Ela saltou na direção do homem e diminuiu a velocidade do tempo.

Tinha metal em seu interior desta vez — assegurara-se disso depois de ter se envergonhado durante a manhã. Sua Alomancia criou uma bolha em que o tempo passava de modo muito lento, envolvendo-a juntamente com o pretenso assassino e alguns espectadores.

Ela agarrou o homem pelas pernas, mas sua bolha de velocidade fez o verdadeiro trabalho, prendendo-o lá dentro enquanto todo mundo do lado de fora se tornava um borrão. O homem apertou o gatilho e o disparo da arma soou entre a estranha mistura de sons distorcidos do exterior que Marasi ouvia de dentro da bolha. Um dos outros guardas, também dentro da bolha, gritou, dando o alarme.

A bala disparada atingiu o perímetro da bolha de velocidade e foi desviada. Seguiu por cima do borrão que era a multidão, a figura do governador desaparecendo enquanto, Marasi presumia, ele se apressava para sair do palanque. A investida de Marasi não tinha sido suficiente para derrubar o pretenso assassino, então ela ficou deitada ali, no meio da escada, segurando-o pelas pernas e sentindo-se uma tola, até que um dos outros guardas o atingiu com força, derrubando-o.

Ela desfez a bolha de velocidade e saltou para trás, e o barulho súbito da multidão caiu sobre ela. O homem capturado lutava, gritando, enquanto os outros guardas pulavam em cima dele.

*

— Então, basicamente, com essa Hemalurgia... — disse Wax — dá para *transformar* uma pessoa num Nascido do Metal.

Wayne fungava enquanto folheava as páginas do livro, e suas bochechas sofriam algum tipo de erupção cutânea. *Está armazenando saúde*, pensou Wax. Wayne quase sempre tinha estranhas erupções cutâneas quando fazia isso. Estavam sentados na sala do apartamento de Idashwy, longe do cadáver, que tinham coberto com um lençol. Fizeram uma breve pausa na inspeção para mandar o jornaleiro atrás da polícia local.

Wax rangeu os dentes. O ferimento de Idashwy... era exatamente como um daqueles descritos no livro. Alguém matara aquela mulher com uma estaca enfiada no peito, roubando seu talento feruquêmico. O livro descrevia o processo como “arrancar um pedaço da alma de alguém”. Usando a estaca, alguém podia

efetivamente *anexar* esse pedaço da alma de outra pessoa à sua própria, ficando com os poderes do falecido.

Nos velhos tempos, os Inquisidores atravessavam uma estaca pelo corpo de alguém que seria morto até o corpo da pessoa que ganharia os poderes. Isso prevenia que algum poder fosse perdido. Aparentemente, revestir a estaca recém-feita em sangue garantia um efeito similar.

Ele sabia, pensou Wax. *O Olhos de Ferro sabia que algo assim aconteceria*. O livro fora escrito por Lorde Nascido da Bruma havia muito tempo para deixar algum registro da arte conhecida como Hemalurgia. O livro de Lestibournes dizia que ele considerava um crime que as "Palavras de Fundação", registros do próprio Harmonia, omitissem referências à arte negra.

— Então, nosso assassino conhece essas coisas de Hemalurgia? — perguntou Wayne.

— Sim — confirmou Wax. — O assassino usou uma estaca para roubar o talento feruquêmico de Idashwy e depois usou essa habilidade para matar Lorde Winsting e seus convidados. Temos que presumir que nosso assassino tem inúmeros outros poderes em seu repertório: qualquer combinação de habilidades alomânticas ou feruquêmicas. Ou todas elas.

Wayne assobiou baixinho.

— Descobriu mais alguma coisa em sua busca no quarto? — quis saber Wax.

— Não muito.

— Entendo o motivo desse assassinato — disse Wax, olhando novamente para a cozinha. — Mas ainda não tenho um motivo para o assassinato de Winsting. Ou... bem, posso imaginar *várias* possibilidades. Mas não tenho o motivo certo.

— O que você encontrou nos bolsos do cadáver?

Wax hesitou.

— Você não mexeu nos bolsos? — perguntou Wayne, consternado. — Wax, você é um *péssimo* ladrão de túmulos!

— Eu me distraí com a maneira como ela foi morta— disse Wax, levantando-se. — Eu teria chegado a isso.

Dizer que estava distraído não fazia justiça às emoções dele, ao profundo choque, ao atordoamento. Durante meses, o livro tinha sido apenas um objeto de estudo, mas agora seu conteúdo deixava abruptamente de ser meras palavras

numa página e se tornava motivo para assassinatos.

Isso é grande demais para nós, pensou Wax, voltando à cozinha. *Estamos nos metendo no reino dos deuses. Harmonia, Olhos de Ferro, Lorde Nascido da Bruma...*

Wayne tirou o lençol, expondo o buraco no peito da mulher, bem no esterno. Quem saberia fazer algo assim? Quem Harmonia *permitiria* que soubesse fazer algo assim?

— Aqui — falou Wayne, enfiando a mão nos bolsos da camisa da mulher. Tirou um pedaço de papel dobrado. Desdobrou-o e grunhiu. — Ah, é para você.

O estômago de Wax revirou. Wayne virou lentamente o papel. Era uma folha arrancada de um livro-caixa, cheia de números e somas. Rabiscada em cima, com uma caligrafia diferente, havia uma única frase, uma frase familiar. As mesmas palavras que Bronze Sangrento dissera antes de mover Leslie e colocá-la no caminho da bala de Wax, fazendo-o matar a mulher que amava.

Alguém nos move, homem da lei.

7



— Olhe, Wax — disse Wayne, quando os dois entraram na Mansão Ladrian —, eu vi o corpo do Bronze. Você o acertou bem na cabeça. O sujeito estava mais morto do que um leão empalhado num chalé de caça. Não foi ele.

— E se, secretamente, ele fosse um Nascido do Metal? — perguntou Wax. — Miles teria sobrevivido a um tiro na cabeça.

— Não funciona assim, meu chapa — respondeu Wayne, fechando a porta e jogando o casaco para Darriance. Acertou o mordomo no rosto. — Se você é um Criassangue, tem que curar um ferimento na cabeça *assim* que acontece. Quando o sujeito está morto, nenhum poder, alomântico ou feruquêmico, vai trazê-lo de volta.

— Eu o *vi*, Wayne. Duas vezes. — *A primeira enquanto perseguia o Atirador e a outra hoje, um pouco mais cedo.*

— Mestre — disse Darriance, dobrando o casaco de Wayne —, um equipamento novo chegou para o senhor, da srta. Ranette. Ela perguntou se estaria disposto a testá-lo.

— Ah, Ruína! — exclamou Wayne. — Eu não estava aqui quando ela veio? O que ela deixou para mim?

— Ela... me pediu que lhe desse uma tapa — admitiu Darriance.

— Ah. Ela se importa. Veja, Wax, ela se importa!

Wax assentiu, ausente, enquanto Wayne tentava obrigar Darriance a lhe dar uma tapa no traseiro, o que duvidava que fosse o que Ranette queria dizer.

— Senhor — falou Darriance, dando as costas para o traseiro de Wayne. — Além do pacote, Lady Harms espera por você na sala de estar.

Wax hesitou, impaciente para subir as escadas. Precisava de tempo para pensar — de preferência, usando seu brinco — e para abrir o pacote de Ranette. Sempre eram muito interessantes.

Mas não podia simplesmente ignorar Steris.

— Obrigado, Darriance — respondeu Wax. — Mande um bilhete para minha avó na Vila, dizendo que encontramos a terrisana perdida, mas alguém a alcançou primeiro e, infelizmente, a matou antes que chegássemos. Diga que os policiais explicarão o resto e podem ter perguntas para ela.

— Muito bem, milorde.

Wax foi até a sala de estar. Steris se levantou para cumprimentá-lo, e Wax beijou sua mão.

— Não tenho muito tempo, Steris.

— Então você já está metido nessa investigação — comentou ela, olhando-o de cima a baixo. — Suponho que possa ser útil. Pegar o assassino do irmão do governador será politicamente favorável.

— A menos que eu traga alguns cadáveres à luz do dia.

— Bem, talvez possamos nos preparar para isso — disse ela. — Sobre a festa de Lady ZoBell. Ainda pretende ir comigo?

Ferrugem! Tinha se esquecido disso.

— Nosso convite sumiu... Suponho que seja culpa de Wayne, mas não importa. Você é o lorde de uma Grande Casa. Não vão nos mandar embora.

— Steris, não sei se tenho tempo...

— O governador estará presente — contou Steris. — Você pode conversar com ele sobre o irmão.

Mais conversas sem sentido, pensou Wax. *Mais danças e jogos políticos.* Precisava trabalhar, caçar.

Bronze Sangrento. Seu olho estremeceu.

— Houve um boato de que o governador não iria à festa, considerando o que aconteceu hoje — comentou Steris. — Mas me deram certeza de que ele *irá*. Ele não quer que pareça que tem algo a esconder nesses tempos difíceis.

Wax franziu a testa.

— Espere. O que aconteceu hoje?

— Tentaram assassinar o governador — contou Steris. — Você realmente não sabia?

— Estive ocupado. Ferrugem! Alguém tentou matá-lo? Quem?

— Algum homem louco — Steris. — Alguém fora de si. Disseram que foi capturado.

— Preciso falar com o suspeito — falou Wax, caminhando até a porta. — Pode ter alguma conexão com os outros assassinatos.

— Não foi uma ameaça crível — comentou Steris. — Segundo todos os relatos, a mira do homem era terrível. Não chegou nem perto de atingir a vítima. Waxillium?

— Wayne! — exclamou Wax, abrindo a porta. — Temos que...

— Já estou sabendo — completou Wayne, segurando um jornal. Era a edição noturna de um jornal que Wax assinava. A manchete principal dizia: “Ataque ousado contra o governador à luz do dia!”

Wayne jogou o chapéu para Wax e estalou os dedos para o mordomo, que estava prestes a pendurar o sobretudo de Wayne no armário. Darriance suspirou, pegando o casaco novamente e levando-o até Wayne.

— Tentarei ir na festa — disse Wax para Steris, colocando o chapéu. — Se eu não voltar, sinta-se livre para ir sem mim.

Steris cruzou os braços.

— Devo levar o mordomo então?

— Se quiser.

— Tenha cuidado com isso, Steris — acrescentou Wayne. — Os mordomos de Wax têm uma tendência a explodir.

Wax lhe dirigiu um olhar de repreensão, e os dois homens saíram pela porta em direção à carruagem.

— Ainda precisa de um tempo em particular para essa sua coisa de pensar? — perguntou Wayne.

— Sim.

— Eu mesmo nunca mexo nesse tipo de coisa — disse Wayne. — Dá dor de cabeça. Ei, Hoid, posso ir com você aí em cima?

O novo cocheiro deu de ombros, abrindo espaço para Wayne no alto da

carruagem. Wayne subiu, e Wax entrou no veículo. Não era o ideal, mas tinha que servir. Abaixou as cortinas das janelas e se acomodou no assento enquanto a carruagem começava a avançar.

Pegou o brinco no bolso, o brinco do Caminho. O dele era especial. Tinha sido entregue em mãos, sob circunstâncias misteriosas. Ultimamente, no entanto, Wax evitava usá-lo, já que o livro deixava claro o que aquilo devia ser. Há muito tempo, uma pequena estaca de metal como aquela permitia que as pessoas se comunicassem com Ruína e Preservação, deuses do mundo antigo. Era Hemalurgia.

Seu brinco teria sido feito com a morte de alguém?

Com hesitação, ele o colocou.

Infelizmente, seus temores sobre o brinco estão corretos, disse uma voz em sua mente. *É uma pequena estaca hemalúrgica.*

Wax deu um pulo, abrindo a porta da carruagem com Alomancia e preparando sua fuga enquanto sacava Vindicação. Ferrugem! Ouvira aquela voz como se alguém estivesse sentado ao seu lado.

Acho que disparar essa arma não terá o efeito que deseja, falou a voz. *Mesmo se pudesse me ver, atirar em mim simplesmente estragaria os bancos da sua carruagem, custando precisamente oitenta e quatro boxes em consertos, o que a srta. Grimes descobriria ao levar a carruagem para o conserto na semana que vem. E você ainda ficaria com um painel de madeira novo, que nunca combinaria com os demais.*

Wax inspirou e expirou.

— Harmonia.

Sim?, respondeu a voz.

— Você está aqui, na minha carruagem.

Tecnicamente, estou em todos os lugares.

Wax tremia; sua boca estava seca. Obrigou-se a fechar a porta e sentar-se novamente.

Diga-me, falou a voz em sua mente, *o que achava que aconteceria quando colocasse o brinco, se não isso?*

— Eu... — Wax guardou Vindicação no coldre. — Eu não estava esperando uma resposta tão... imediata. E meus reflexos tendem a responder de um jeito nervoso ultimamente, hum, Vossa Deidade.

Pode me chamar de Harmonia ou Senhor, se preferir. A voz parecia divertida. *Agora, sobre o que quer falar?*

— O Senhor sabe.

Melhor ouvir do que dizer.

— Melhor para o Senhor — perguntou Wax — ou para mim?

Para ambos.

— Estou louco? — questionou Wax.

Se estiver, falar com um produto do seu delírio certamente não diagnosticará esse fato.

— O Senhor não está ajudando muito.

Então faça perguntas melhores, Waxillium.

Wax se inclinou para a frente.

— Eu... — Ele apertou as mãos. — O Senhor é real.

Você ouviu minha voz; seguiu meu Caminho.

— Algumas palavras sussurradas quando eu estava num momento de grande estresse, quando estava gravemente ferido — falou Wax. — Palavras das quais duvidei desde então. Isso é diferente. Isso é... mais real.

Você precisa ouvir, então, não é?, disse a voz. Soava tão clara e comum quanto se alguém normal, alguém *visível*, estivesse sentado ali, conversando com ele. *Muito bem. Sou Harmonia, o Herói das Eras, uma vez chamado Sazed. E, no fim de um mundo, tomei para mim os poderes de proteção e destruição e, ao fazer isso, me tornei o guardião do mundo vindouro. Estou aqui, Waxillium, para dizer a você que* não *está louco.*

— Bronze Sangrento está vivo.

Não exatamente.

Wax franziu a testa.

Há... seres neste mundo que não são nem humanos, nem koloss. São algo relacionado a ambos. Vocês os chamam de Imortais sem Rosto.

— Kandra — falou Wax. — Como TenSoon, o Guardião. Ou a pessoa que me deu este brinco.

Eles podem pegar os cadáveres e usar seus ossos para imitar uma pessoa que já morreu. Eles vestem os corpos como você veste uma roupa, mudando

conforme desejam. Foram criados pelo Senhor Soberano usando Hemalurgia.

— Seus livros sagrados dão poucos detalhes sobre eles — comentou Wax. — Mas todo mundo sabe que os Imortais sem Rosto são *seus* servos. Não são assassinos.

Todo ser tem escolhas, disse Harmonia. *Até os koloss têm o poder de escolher. Este... o ser que usa o corpo de Bronze Sangrento... não fez escolhas muito boas.*

— Quem é ele?

Ela é um membro da Terceira Geração, e você deveria saber que não deve presumir que alguém perigoso sempre será um homem. Paalm era como a chamávamos, mas ela escolheu o nome de Sangradora para si mesma. Waxillium, a Sangradora é antiga, mais velha do que a destruição do mundo, quase tão velha quanto o Império Final. De fato, ela é até mais velha do que eu, embora não tão antiga quanto meus poderes. É habilidosa, cuidadosa e brilhante. Temo que tenha ficado louca.

A carruagem dobrou uma esquina.

— Uma de suas servas mais antigas ficou louca e está matando pessoas — disse Wax, tentando entender.

Sim.

— Então faça-a parar!

Não é tão simples.

— Livre-arbítrio? — perguntou Wax, irritado.

Não, não neste caso. Posso controlar diretamente um ser que se imbuiu de tanta Hemalurgia. Neste caso, eu poderia agir, pois a Sangradora desobedeceu ao seu Contrato comigo e se tornou suscetível à minha intervenção. Infelizmente, alguma coisa está errada.

— O quê? — perguntou Wax.

Deus ficou em silêncio por um instante.

Ainda não sei.

Wax sentiu-se gelar.

— Isso é possível?

Parece que sim. De algum modo, a Sangradora descobriu como se esconder de mim. De vez em quando, consigo localizá-la, mas só quando ela age de forma

direta e óbvia. Infelizmente, ela removeu uma de suas Bênçãos, uma das duas estacas que um kandra deve manter dentro de si para reter sua cognição. Eu a controlaria à força se pudesse, mas uma estaca não entra na alma o suficiente para que eu possa assumi-la.

— Cognição — comentou Wax. — São necessárias duas estacas para um kandra ser capaz de pensar. Mas ela está andando por aí com uma só. O que significa...?

Insanidade, disse Harmonia, com a voz mais suave. *Só que algo mais está errado. Ela pode se esconder de mim e, embora eu possa falar com ela, não tem que me escutar... e não posso descobrir onde ela está.*

— O Senhor não disse que está em toda a parte?

Minha essência está, explicou Harmonia. *Mas essa coisa que sou... é mais complexa do que você pode imaginar.*

— Ser Deus é mais complexo do que um mortal pode compreender? — perguntou Wax. — Que surpresa.

Harmonia deu uma risadinha.

Espere, pensou Wax. *Acabei de ser sarcástico com o próprio Deus?*

Sim, respondeu Harmonia. *Está tudo bem. Poucos agem desse jeito diante de mim, mesmo entre os kandra. Eu gosto. Como nos velhos tempos. Desde Kelsier... Bem, não tenho tido muito disso.*

— O Senhor pode ouvir meus pensamentos? — perguntou Wax.

Quando você está com o brinco, sim. Ganho a capacidade de ouvi-lo, de Preservação, e a capacidade de falar com você, de Ruína. Cada uma tinha só uma metade. Eu sempre achei isso intrigante.

Mesmo assim, sei que você andou lendo o livro do jovem Lestibournes. Não me agrada que ele tenha escrito aquilo, mas não pude proibi-lo. Prefiro acreditar que Marsh agiu bem ao dá-lo para você. A Sangradora pode usar a Hemalurgia, mas de um jeito que não deveria ser capaz de fazer. Uma kandra não tem poderes alomânticos ou feruquêmicos. Ela aprendeu a tomá-los e a usá-los para manter sua forma kandra.

Felizmente, ela é limitada. Só pode usar uma estaca por vez; caso contrário, vai se abrir ao meu controle. Se ela troca as estacas, precisa fazer isso arrancando uma e caindo sobre a outra, digerindo-a e retornando à consciência.

Não sei o que ela pretende fazer nessa cidade, mas estou alarmado. Ela passou séculos estudando o comportamento humano. Está planejando alguma coisa.

— Terei que impedi-la, então.

Eu enviarei ajuda para você.

— Considerando a fonte, presumo que será espetacular.

Harmonia suspirou com suavidade. Em sua mente, Wax teve uma súbita visão de um ser parado, com as mãos nas costas, contemplando a escuridão da eternidade diante de Si. Alto, vestido com uma túnica, de costas para Wax, era quase visível e distinguível e, ao mesmo tempo, completamente irreconhecível.

Waxillium, disse Harmonia*, tentei explicar isso para você, mas acho que não me saí bem. Minhas mãos estão atadas, e minhas ações são limitadas.*

— Quem pode atar as mãos de Deus?

Eu mesmo as atei.

Wax franziu a testa.

Contenho ao mesmo tempo Ruína e Preservação, explicou Harmonia. *O perigo em carregar esses poderes opostos é que posso ver os dois lados: a necessidade de vida e a necessidade de morte. Sou o equilíbrio. E, como extensão, sou a neutralidade.*

— Mas a Sangradora costumava ser uma das suas, e agora está agindo contra o Senhor.

Ela costumava ser de Preservação. Passou a ser de Ruína. Ambos são necessários.

— Assassinos são necessários — disse Wax sem expressão.

Sim. Não. O potencial para assassinos é necessário. Waxillium, eu, a personalidade com quem você fala, concorda com sua indignação. Mas os poderes que sou*, a essência do meu ser, não me permite tomar partidos.*

Já temo ter feito as coisas muito fáceis para os homens. Esta cidade, o clima perfeito, os solos que se renovam... Vocês já deveriam ter inventado o rádio há um século, mas não precisavam disso, então não lutaram por isso. Vocês ignoram a aviação e não conseguem domar a natureza porque não se preocupam em estudar irrigação e fertilização.

— Rádio? O que é isso?

Vocês não exploram, prosseguiu Harmonia, ignorando a confusão de Wax. *Por que explorariam? Têm tudo o que querem aqui. Progrediram pouco tecnologicamente além do que eu lhes dei nos livros. Outros, no entanto, que foram quase destruídos...*

Vejo agora que cometi um erro com vocês. Ainda cometo muitos. Isso acaba com sua fé, Waxillium? Você se preocupa com o fato de que seu Deus pode falhar?

— O Senhor nunca afirmou ser infalível, até onde eu me lembro.

Não. Não afirmei.

Wax sentiu um calor, um fogo, como se o interior da carruagem estivesse alcançando temperaturas incríveis.

Detesto o sofrimento, Waxillium. Odeio que pessoas como a Sangradora tenham permissão para fazer o que fazem. Não posso impedi-las. Você pode. Imploro que faça isso.

— Eu tentarei.

Ótimo. Ah, e Waxillium?

— Sim, Senhor?

Seja menos duro com Marasi Colms. Você não é meu único agente para tratar dos assuntos da humanidade; trabalhei duro para conseguir colocar Marasi numa posição em que ela pudesse fazer o bem para essa cidade. É frustrante que você continue a desprezá-la porque a admiração dela por você o deixa desconfortável.

Wax engoliu em seco.

— Sim, Senhor.

Eu enviarei ajuda.

A voz desapareceu. A temperatura retornou ao normal. Wax recostou-se no assento, suando, sentindo-se esgotado.

Ouviu umas batidinhas na janela. Hesitante, abriu a cortina. O rosto de Wayne apareceu, de cabeça para baixo, segurando o chapéu na cabeça.

— Parou de falar sozinho, Wax?

— Eu... sim, parei.

— Também ouvi vozes uma vez, sabia?

— Ouviu?

— Claro. Fiquei apavorado. Bati a cabeça na parede até ficar inconsciente. Nunca mais as ouvi de novo! Rá! Mostrei para elas, mostrei, sim. Se os ratos aparecem, o melhor a fazer é queimar o ninho e mandá-los embora.

— E o ninho... era sua cabeça.

— Sim.

O triste era que provavelmente Wayne não estava mentindo. Não poder ser morto, desde que tivesse algum poder de cura armazenado, podia fazer coisas estranhas ao senso de autopreservação de uma pessoa. É claro que Wayne provavelmente estava bêbado quando aquilo aconteceu. Isso *também* tendia a ter efeitos estranhos no senso de autopreservação de uma pessoa.

— Bem, de todo modo, estamos quase na delegacia — disse Wayne. — Hora de voltar ao papel de tiras sujos. Pelo menos devem ter bolinhos lá dentro.

Marasi estava na delegacia, com os braços cruzados, em parte para esconder o fato de que suas mãos ainda estavam trêmulas. Aquilo era injusto. Já participara de vários tiroteios. Deveria estar acostumada... mesmo assim, depois que passava o momento, com toda a emoção e a ação, ela se pegava sentindo-se esgotada. Certamente, cedo ou tarde, isso passaria.

— Ele estava usando isso, senhor — falou Reddi, colocando um par de braceletes em cima da mesa com um baque. — Nenhum outro metal em seu corpo além da arma e um punhado de munição. Chamamos a Sugadora da delegacia do Primeiro Oitante para checar se ele engoliu algum metal, mas não podemos ter certeza até que ela chegue.

Aradel pegou um dos braceletes, girando-o nas mãos. A sala escura era um tipo de balcão, com vista para a sala de interrogatório abaixo, onde o assassino que Marasi impedira estava sentado numa cadeira. O nome dele era Rian; não tinha casa, embora tivessem localizado sua família. Estava amarrado com cordas numa pedra grande atrás da cadeira. Não havia metal na sala, para deixá-la à prova de Lançamoedas ou Atraidores. Piso de pedra, paredes feitas de madeiras grossas unidas com estacas de madeira. Quase primitiva na aparência. O balcão tinha paredes de vidro que deixavam as pessoas ali verem o interrogatório sem serem ouvidas.

— Então ele é um Nascido do Metal — disse a tenente Caberel, a única outra pessoa na sala. A mulher robusta pegou o outro bracelete. — Por que não usou suas habilidades na tentativa de assassinato? Se ele matou Winsting usando

velocidade feruquêmica, como o velho Waxillium Tiro da Alvorada diz, ele podia ter feito o mesmo hoje.

— Talvez ele não tenha matado Winsting — comentou Aradel. — Os ataques podem não estar relacionados.

— Ele se encaixa no perfil, senhor — falou Reddi. — Os guarda-costas de Winsting provavelmente teriam confiado num membro da guarda pessoal do governador. Ele poderia ter passado por eles e cometido o crime.

— É difícil imaginar que os guardas de Winsting teriam deixado mesmo alguém como ele sozinho com seu protegido, capitão — ponderou Aradel. — Depois de um tiroteio onde outros tinham sido mortos? Estariam tensos. Suspeitando de todos.

Lá embaixo, o suspeito começou a balançar o corpo para a frente e para trás em seu assento. Os respiradouros que lhes permitiriam escutar o que acontecia ali estavam fechados, mas Marasi teve a impressão de que ele estava murmurando alguma coisa para si.

— Então, vamos perguntar para ele — falou Caberel.

— De novo? — questionou Reddi. — Você já o ouviu antes. Tudo o que ele faz é murmurar.

— Então vamos encorajá-lo — sugeriu Caberel. — Você é muito bom nisso, Reddi.

— Suponho que ele ficaria bem com alguns novos hematomas no rosto — comentou Reddi.

— Você sabe que não pode fazer isso — disse Marasi, perto da janela.

Reddi olhou para ela.

— Não cite estatísticas para mim, Colms. Sei que posso fazer um homem falar a verdade, não importa o que você afirme.

— Não são estatísticas desta vez — explicou Marasi. — Se torturar aquele homem, você o invalidará para a acusação. Os advogados dele certamente vão conseguir livrá-lo.

Reddi fez cara feia.

— Então vamos trazer a filha dele — sugeriu Caberel, olhando a ficha que tinham sobre o homem. — Vamos ameaçá-la diante dele, mas não faremos nada para feri-la. Ele falará.

Marasi esfregou a testa.

— Isso é *especificamente* ilegal, Caberel. Vocês não sabem nada sobre o Artigo 89? Ele tem direitos.

— Ele é um criminoso — falou Reddi.

— Ele é suspeito de um crime — suspirou Marasi. — Não podem continuar agindo como se estivessem no passado, Reddi. Novas leis estão em vigor. Estão ficando cada vez mais rigorosas, e os advogados de defesa são cada vez mais espertos.

— Os advogados se venderam para o outro lado — disse Caberel, com um aceno de cabeça. — Ela está certa.

Marasi ficou em silêncio sobre esse assunto. Era claro que não era uma questão de se vender, mas ela se contentaria se os policiais aprendessem a seguir as regras, independentemente do raciocínio.

— Acho que é uma infelicidade que alguns entre nós pareçam estar mais do lado dos advogados do que do lado da justiça — falou Reddi. — Ela sabe mais sobre o jeito de agir deles do que sobre o nosso.

— Talvez sim — disse Aradel, em voz baixa e severa. — E alguém poderia pensar que foi exatamente por isso que eu a trouxe para nosso lado, capitão Reddi. Colms conhece os códigos legais contemporâneos. Se prestasse mais atenção às mesmas leis que jurou defender, talvez Daughnin não tivesse voltado às ruas no mês passado.

Reddi enrubesceu, abaixando a cabeça. Aradel caminhou até o lado de Marasi, olhando para o preso.

— Você é boa em interrogar testemunhas hostis, tenente?

— Tenho menos prática do que gostaria — respondeu ela, com uma careta. — Estou disposta a tentar, mas poderíamos esperar mais alguns minutos.

— Por quê?

Ao longe, uma porta bateu.

— Por isso — respondeu Marasi.

No momento seguinte, a porta da sala de observação se abriu, *empurrada* por Waxillium, que se aproximava. O homem não podia se dar ao trabalho de levantar a mão de vez em quando? Ele entrou, seguido por Wayne, que, por algum motivo, usava o chapéu do policial Terri.

Waxillium deu uma olhada no preso. Estreitou os olhos e viu os braceletes na mesa ali perto. Um deles saltou e caiu da mesa, *empurrado* por sua habilidade alomântica invisível.

Ele grunhiu.

— Não são mentes de metal — disse ele. — Este homem é uma isca. Vocês foram enganados. — Deu meia-volta, como se fosse embora. Wayne se acomodou numa das cadeiras, colocou os pés ao lado dos braceletes e imediatamente começou a roncar.

— Espere, é só *isso*? — perguntou Reddi, olhando para Waxillium. — Você nem mesmo vai interrogá-lo?

— Eu falarei com ele — disse Waxillium. — Ele pode nos dar pistas que nos ajudem a encontrar o assassino de Winsting. Mas não foi esse homem.

— Como pode ter tanta certeza, Waxillium? — perguntou Marasi.

— É necessário mais esforço para *empurrar* uma mente de metal de verdade — comentou Waxillium, apontando. — E este homem é óbvio demais. Quem quer que tenha feito isso previu nossa conjectura de que um dos guardas de Innate estaria por trás do assassinato e queria que pulássemos sobre este homem como um suspeito. Queria que presumíssemos estar com o assassino sob custódia. Mas por quê? Estará planejando algo para esta noite? — Distraído, ele seguiu até a porta. — Vou falar com o prisioneiro. Marasi, eu não me incomodaria em ter outro par de ouvidos comigo.

Ela ficou surpresa. Ele estava lhe *pedindo* ajuda? Era uma mudança, já que ele sempre a fazia se sentir culpada quando aparecia numa cena de crime. Ela olhou para Aradel, que lhe deu permissão, e apressou-se para acompanhar Waxillium.

No meio da escada, Waxillium parou e se virou para ela. Ele usava seu chapéu das Terras Brutas. Só fazia isso quando estava no modo “homem da lei durão”.

— Ouvi dizer que você prendeu esse cara.

— Sim.

— Bom trabalho.

Isso *não* deveria causar a emoção que causou. Ela não precisava da aprovação dele.

Mesmo assim, era ótimo.

Ele continuou a observá-la, como se estivesse prestes a dizer mais alguma coisa.

— O que foi? — perguntou Marasi.

— Falei com Deus no caminho para cá.

— Tudo bem... — disse Marasi. — Fico feliz que seja devoto o bastante para fazer uma oração de vez em quando.

— Sim. A questão é que Ele respondeu.

Ela inclinou a cabeça, tentando julgar o significado daquilo, mas Waxillium Ladrian sempre falava sério. Ferrugem, com frequência era até brusco.

— Tudo bem — falou ela. — O que ele disse para você?

— Nosso assassino é um Imortal sem Rosto — contou Waxillium, voltando a descer a escada. — Uma criatura que chama a si mesma de Sangradora. Pode mudar de forma pegando os ossos dos mortos. E ficou louca. Nem mesmo Harmonia conhece seus propósitos.

Marasi o seguiu até o andar de baixo, tentando digerir aquilo. Espectros da bruma e kandra... eram coisas da *Histórica*, não da vida real. Mas algum tempo antes ela teria dito que homens como Miles Cem-vidas e Waxillium Tiro da Alvorada eram personagens das histórias. Tinham alcançado o status de lendas num grau surpreendente.

— Então aquilo *poderia* ser ela — sugeriu Marasi, gesticulando na direção da parede que os separava do prisioneiro. — Ela poderia ter qualquer forma, qualquer rosto! Por que tem tanta certeza de que ela não tentou assassinar o governador?

— Porque ele ainda está vivo — respondeu Waxillium, baixinho. — A criatura que está por trás disso conseguiu matar Winsting numa sala secreta protegida por uma parede de guardas depois de começar um tiroteio na sala no andar de cima. Ela não seria capturada assim. Isso é um escárnio. — Ele olhou para Marasi. — Mas não posso ter certeza, não cem por cento. Então preciso saber o que estamos enfrentando.

Ela assentiu para ele, e ele assentiu de volta e continuou pela escada e depois por um corredor em direção à sala de interrogatório. Marasi teve um instante de satisfação quando o policial que guardava a sala esperou pela autorização dela antes de abrir a porta para Waxillium.

O pobre homem mantido lá dentro estava sentado com os braços bem

amarrados, encarando a mesa diante dele. Murmurava baixinho. Waxillium foi direto até lá e se sentou na outra cadeira, acomodando-se e colocando o chapéu na mesa. Marasi ficou um pouco mais para trás, onde, caso estivessem errados sobre o prisioneiro, estaria fora do alcance dele e seria capaz de oferecer ajuda.

Waxillium tamborilou na mesa com o dedo indicador, como se tentasse decidir o que dizer. O prisioneiro, Rian, por fim o olhou.

— Ela disse que você viria até mim — falou Rian, baixinho.

— Ela? — perguntou Waxillium.

— Deus.

— Harmonia?

— Não. Ela disse que eu tinha que matar o governador. Tinha que ata-cá-lo. Eu tentei não ouvir...

Waxillium estreitou os olhos.

— Você a viu? Qual é a aparência dela? Que rosto estava usando?

— Você não pode salvá-lo — sussurrou Rian. — Ela vai matá-lo. Ela me prometeu liberdade, mas estou aqui, preso. Ah, Ruína. — Ele inspirou profundamente. — Tenho algo para você. No meu braço.

— No seu... — Waxillium pareceu realmente perturbado. Marasi deu um passo inconsciente para a frente, notando pela primeira vez um pequeno volume no antebraço do prisioneiro.

Antes que ela pudesse citar os problemas legais de fazer aquilo, Waxillium se levantou e pegou o braço do prisioneiro, fazendo um pequeno corte na pele. Tirou alguma coisa ensanguentada. Uma moeda? Marasi deu mais um passo para a frente enquanto o prisioneiro levantava o braço ensanguentado até a cabeça e começava a murmurar para si mesmo.

Waxillium limpou a moeda com seu lenço. Inspecionou-a de um lado, depois do outro. Então, ficou muito quieto, pálido.

— Onde conseguiu isso? — perguntou.

Rian só continuou murmurando.

— Onde? — perguntou Waxillium, agarrando o homem pelo colarinho.

— Waxillium! — Marasi o chamou, correndo até ele e colocando a mão em seu braço. — Pare.

Ele olhou para ela e soltou Rian.

— O que é esta moeda? — perguntou Marasi.

— Uma mensagem — respondeu Waxillium, guardando a moeda no bolso. — Este homem não sabe nada de útil. A Sangradora sabia que podíamos capturá-lo. Você tem planos para hoje à noite?

Ela franziu a testa.

— O que... Por que está perguntando?

— O governador vai participar de uma festa. Steris disse que ele não cancelará sua aparição apesar do que aconteceu, e esse é o tipo de coisa sobre a qual ela sempre está certa. Ele vai querer se mostrar forte; não quer que seus inimigos políticos pensem que tem algo para esconder ou temer. Precisamos estar nessa festa. Porque garanto que a Sangradora estará lá.

8



Aos doze anos, o jovem Waxillium olhava de uma moeda para a outra. Ambas tinham a figura de Lorde Nascido da Bruma, parado com o braço esquerdo estendido em direção à Bacia de Elendel. Do outro lado, cada uma mostrava uma imagem do Primeiro Banco Central, do qual sua família possuía grande parte.

— E então? — perguntou Edwarn. Ele tinha um rosto severo e cabelo perfeitamente penteado. Usava seu terno como se tivesse nascido com ele; para ele, era como um uniforme de guerra.

— Eu... — O jovem Waxillium olhava para as duas moedas.

— É compreensível que não note a diferença — disse Edwarn. — É preciso ser um especialista, e é por isso que tão poucas moedas dessas foram descobertas. Muitas ainda devem estar em circulação; não sabemos quantas. Uma dessas é uma moeda comum; a outra tem um defeito muito especial.

A carruagem continuava a trepidar pelas ruas enquanto Waxillium observava as moedas. Depois, desfocou a vista. Era um truque que aprendera recentemente numa festa com um amigo, usado para fazer dois desenhos ganharem vida sobrepondo-os.

Sem focar as moedas diante dele, Waxillium cruzou os olhos intencionalmente e deixou as imagens das duas moedas se sobreporem. Quando ficaram no lugar, o elemento discordante, os pilares do edifício do banco, ficou difuso, e seus olhos foram incapazes de focá-lo.

— O erro ocorreu porque foi usada uma matriz defeituosa — prosseguiu seu tio Edwarn. — Um trabalhador da casa da moeda levou um punhado dessas

curiosidades para casa, e elas nunca deveriam ter entrado em circulação. Você não será capaz de vê-lo, mas o erro...

— São os pilares — disse Waxillium. — No lado direito da imagem do banco. Estão próximos demais.

— Sim. Como sabia disso? Quem contou para você?

— Eu vi — contou Waxillium, devolvendo as moedas.

— Bobagem — falou seu tio Edwarn. — Sua mentira não é boa, mas posso respeitar sua tentativa de esconder sua fonte. — Ele segurou uma das moedas. — Esta é a moeda defeituosa mais valiosa na história de Elendel. Vale tanto quanto uma pequena casa. Estudá-la me ensinou algo importante.

— Que as pessoas ricas são tolas? Que pagarão mais dinheiro por uma moeda do que seu valor?

— Todas as pessoas são tolas, só que de maneiras distintas — disse seu tio Edwarn, sem jeito. — Essa lição aprendi em outro lugar. Não, esta moeda me mostrou uma verdade difícil, mas inestimável. O dinheiro não tem valor.

Waxillium se animou.

— Como?

— Só a expectativa tem valor como dinheiro, Waxillium — explicou seu tio Edwarn. — Esta moeda vale mais do que as outras porque as pessoas *acham* que é assim. *Esperam* que seja assim. As coisas mais importantes do mundo são valiosas porque as pessoas pagarão por elas. Se puder aumentar a expectativa de alguém... se puder fazer com que *precise* de algo... essa é a fonte da riqueza. Possuir coisas de valor é secundário quando se pode criar coisas de valor.

A carruagem parou. Do lado de fora, uma intimidante subida de degraus de pedra levava ao mesmo banco representado na moeda. Tio Edwarn esperou que o cocheiro abrisse a porta, mas Waxillium desceu pelo outro lado por conta própria.

Tio Edwarn o encontrou na escada.

— Seu pai é inútil em questões econômicas — comentou o tio. — Tento ensiná-lo há anos, mas ele não consegue... ou não quer... aprender. Tenho grandes expectativas em relação a você, Waxillium. Ser banqueiro não é a única opção para servir sua casa. No entanto, suspeito que depois de hoje você vai reconhecer que é a melhor de todas.

— Não serei banqueiro — respondeu Waxillium, subindo os degraus.

— Ah? Está de olho na gestão dos funcionários, então?

— Não — assegurou Waxillium. — Serei um herói.

O tio preferiu não responder imediatamente enquanto alcançavam o alto da escada. Por fim, disse, com suavidade:

— Você tem doze anos e ainda fala dessas coisas? Espero tal tolice da sua irmã, mas seu pai já deveria ter arrancado isso de você.

Waxillium deu um olhar desafiador para o tio.

— Os dias dos heróis já passaram — disse o tio Edwarn. — Os contos em que pessoas mudam a história pertencem a outro mundo. Chegamos à era do modernismo, mais barulhenta e mais silenciosa ao mesmo tempo. Você verá. Se reis e guerreiros moldavam o mundo no passado, agora homens silenciosos em escritórios farão o mesmo. E farão isso de um jeito muito, mas muito mais eficiente.

Entraram no saguão do banco, que tinha o teto baixo e uma parede tomada por cubículos com grades onde pessoas curvadas cambiavam dinheiro com quem estava na fila. O tio de Waxillium o levou para os fundos. Os móveis de madeira escura e os tapetes cor de mofo davam uma aparência de crepúsculo à sala, mesmo com as janelas abertas e as lamparinas a gás acesas.

— Há duas reuniões hoje que quero que observe — disse o tio Edwarn quando entraram numa sala grande e sem enfeites. As cadeiras davam para a parede; era uma sala de observação, um lugar para espionar as reuniões que ocorriam no banco. O tio gesticulou para que ele se sentasse e, então, abriu um painel na parede, revelando uma fenda de vidro que permitia que vissem as duas pessoas na sala ao lado. Uma era um banqueiro, que usava calça e colete. Sentava-se numa escrivaninha imponente, falando com um homem de meia-idade com roupas empoeiradas e segurando uma boina de feltro entre os dedos.

— O empréstimo vai nos ajudar a melhorar de vida — disse o homem sujo. — Conseguir um lugar longe do cortiço. Tenho três filhos. Trabalharei duro, prometo que sim.

O banqueiro olhava para o homem e remexia em alguns papéis. Tio Edwarn fechou a fenda, surpreendendo Waxillium com o movimento súbito. Ele se levantou e Waxillium o seguiu, indo até outro conjunto de cadeiras ao longo da mesma parede. Uma segunda fenda de espionagem permitiu que vissem outra sala semelhante à primeira. Uma banqueira, usando saia e colete, estava sentada atrás de uma escrivaninha igualmente intimidadora. O cliente, no entanto, era

alto e limpo e parecia relaxado.

— Tem certeza de que precisa de *outro* barco, Lorde Nikolin? — perguntou a banqueira.

— Claro que tenho certeza. Eu me daria ao trabalho de vir até aqui se não fosse sério? Honestamente. Vocês deveriam permitir que meu intendente cuidasse dessas coisas. É para isso que *servem* os intendentes, no fim das contas.

Tio Edwarn fechou a fenda com um estalido silencioso e se voltou para Waxillium.

— Você está vendo uma revolução.

— Uma revolução? — perguntou Waxillium. Ele estudara economia; bem, fora obrigado a estudar por seus tutores. — Parece ser o que acontece todos os dias num banco.

— Ah! — exclamou o tio. — Você já sabe tudo isso. E para qual desses homens daremos o empréstimo?

— Para o rico — respondeu Waxillium. — Presumindo que não esteja mentindo ou fingindo ter dinheiro.

— Não, Nikolin é realmente rico — assegurou o tio. — Negociou conosco várias vezes no passado e nunca faltou com seus pagamentos.

— Então você emprestará dinheiro para ele, e não para o outro.

— Errado — disse o tio Edward. — Vamos emprestar para ambos.

— Você usará o crédito bom do rico para minimizar os riscos de ajudar o pobre?

O tio Edwarn pareceu surpreso.

— Seus tutores foram diligentes.

Waxillium deu de ombros, mas estava ficando mais interessado. Talvez esse fosse um jeito de se tornar um herói. Talvez o tio Edwarn estivesse certo, e a fronteira estivesse encolhendo, a necessidade por homens de ação estivesse desaparecendo. Talvez esse novo mundo não fosse em nada parecido com aquele no qual a Guerreira Ascendente e o Sobrevivente viveram.

Waxillium certamente poderia equilibrar riscos e dar mais dinheiro para quem precisasse. Se, de algum modo, os homens de terno governariam o mundo, não poderiam também torná-lo um lugar melhor?

— Sua avaliação é correta por um lado — prosseguiu o tio, sem imaginar o

que passava pela cabeça de Waxillium —, mas falha por outro. Sim, vamos emprestar para o pobre, mas não aceitaremos o risco.

— Mas...

— Os papéis que nosso banqueiro está apresentando vão amarrar o trabalhador à dívida de uma maneira que será impossível escapar. Se não conseguir cumprir os pagamentos, sua assinatura naquele papel nos permitirá ir diretamente ao seu empregador e pegar uma porcentagem de seu salário. Se não for o suficiente, podemos fazer o mesmo com seus filhos. O rico já fez vários empréstimos conosco, e sua casa conseguiu termos favoráveis. Mal ganharemos três por cento do que ele pegará conosco. Mas o trabalhador está desesperado, e nenhum outro banco pensaria em emprestar para ele. Ele nos pagará *doze* por cento.

O tio Edwarn se inclinou.

— Os outros bancos ainda não viram isso. Emprestam de modo seguro, e apenas de modo seguro. Não mudaram como o mundo mudou. Trabalhadores ganham mais agora do que jamais ganharam, e estão ansiosos para pagar por coisas que sempre estiveram além de suas possibilidades. Nos últimos seis meses, mantivemos uma estratégia agressiva de empréstimos para as pessoas comuns da cidade. Elas correm até nós, e logo nos tornarão muito, muito ricos.

— Você os tornará escravos — concluiu Waxillium, horrorizado.

O tio pegou a moeda errada e a colocou no balcão ao lado de Waxillium.

— Esta moeda era um erro. Uma vergonha. Agora, ela vale mais do que milhares de outras moedas juntas. Valor criado onde não existia nenhum. Pegarei os pobres desta cidade e farei a mesma coisa com eles. Como eu disse, uma revolução.

Waxillium se sentiu enjoado.

— Esta moeda é para você — disse seu tio Edwarn, levantando-se. — Desejo que seja um lembrete. O presente que...

Waxillium pegou a moeda e saiu correndo pela porta.

— Waxillium! — chamou o tio.

O banco era um labirinto, mas Waxillium encontrou o caminho. Entrou correndo na pequena sala onde o homem pobre consultava o empréstimo. O trabalhador ergueu os olhos da pilha de papel; mal sabia ler. Nem mesmo sabia o que estava assinando.

Waxillium colocou a moeda na mesa diante dele.

— Esta é uma moeda com defeito, algo que os colecionadores cobiçam. Venda-a numa loja de curiosidades. Não aceite menos de dois mil por ela. E use o dinheiro para tirar sua família do cortiço. Não assine esses documentos. Eles serão como um grilhão no seu pescoço.

Wax fez uma pausa em sua história. Segurou a moeda diante de si, analisando-a enquanto ele e Steris seguiam para a festa.

— E então? — perguntou Steris, sentada diante dele na carruagem. — O que seu tio fez?

— Ficou lívido, é claro — contou Wax. — O trabalhador assinou os papéis, não conseguiu acreditar que eu lhe dava algo realmente tão valioso. Meu tio veio, teceu mentiras no ar como belas nuvens de fumaça colorida e conseguiu seus documentos.

Wax virou a moeda, olhando a imagem de Lorde Nascido da Bruma impressa na frente.

— O trabalhador... o nome dele era Jendel... se matou pulando de uma ponte oito anos depois. Seus filhos ainda devem para o banco, embora a Casa Ladrian não tenha mais vínculo com o Primeiro Banco Central; meu tio vendeu suas ações para levantar dinheiro antes de esvaziar as reservas da casa e forjar sua morte.

— Sinto muito — disse Steris, baixinho.

— Isso foi parte do que me fez ir embora — falou Wax. — Acontecimentos assim, e o que ocorreu na Vila, é claro. Eu disse a mim mesmo que estava partindo em busca de aventuras; nunca pretendi ser um homem da lei. Acho que sabia, no fundo, que não poderia mudar nada em Elendel. Era grande demais, e os homens de terno eram muito habilidosos. Lá nas Terras Brutas, um homem com uma arma significava alguma coisa. Aqui, é difícil vê-lo como algo além de uma relíquia.

Steris crispou os lábios; obviamente não sabia o que dizer. Wax não a culpava. Ele pensava com frequência nos acontecimentos naquele banco e ainda não sabia o que podia ter feito diferente, se era que havia alguma coisa.

Ele girou a moeda nos dedos. Rabiscadas na parte de trás, em letras minúsculas, estavam as palavras “Por que partiu, Wax?”.

— Como a Sangradora conseguiu a moeda? — perguntou Steris.

— Não consigo imaginar — falou Wax. — Eu a vendi antes de ir para as Terras Brutas. Meu pai tinha me deserdado na época, e eu precisava de dinheiro para me preparar para a viagem.

— E essas palavras?

— Não sei — respondeu Wax, guardando a moeda no bolso. — A questão é que lembrar essa história me incomoda. Eu disse a mim mesmo, na época, que estava tentando ajudar o homem, mas acho que não é verdade. Olhando para trás, eu só estava tentando irritar meu tio. Ainda sou assim, Steris. Por que fui para as Terras Brutas? Queria ser um herói... Queria ser visto e conhecido. Eu podia ter feito muitas coisas boas assumindo uma posição em minha casa aqui em Elendel, mas teria que fazer isso discretamente. Partir e, com o tempo, tentar fazer minha fama como homem da lei foi, em última instância, egoísta. Mesmo me juntar à polícia aqui me parece, algumas vezes, um ato de arrogância insuportável.

— Duvido que se importe — disse Steris, inclinando-se —, mas eu considero seus motivos irrelevantes. Você salva vidas. Você... salvou *minha* vida. Minha gratidão não é influenciada pelo que estava passando em sua cabeça quando você fez isso.

Wax olhou-a nos olhos. Steris era propensa a isto: momentos surpreendentes de honestidade pura, quando arrancava tudo e se mostrava totalmente desnuda.

A carruagem diminuiu a velocidade, e Steris desviou o olhar para a janela.

— Chegamos, mas ainda levaremos algum tempo para entrar. Há muitas carruagens na nossa frente.

Wax franziu a testa, abrindo sua janela e colocando a cabeça para fora. De fato, uma fila de carruagens e até mesmo alguns automóveis obstruíam o caminho até as cocheiras da Torre ZoBell. O arranha-céu erguia-se cerca de vinte andares no céu noturno, desaparecendo nas brumas escuras.

Wax voltou para dentro da carruagem, deixando as brumas entrarem pela janela aberta ao seu lado. Steris olhou para as brumas, mas não pediu que fechasse a cortina.

— Acho que chegaremos atrasados — falou Wax.

A menos, é claro, que ele improvisasse.

— Esta é a primeira festa no alto da torre — comentou Steris, tirando um pequeno caderno de anotações da bolsa de mão —, e os atendentes da cocheira

não estão acostumados a este movimento.

Wax sorriu.

— Você contava com este atraso, não é?

Steris parou numa página e a virou para que ele lesse. Ali, numa caligrafia cuidadosa, havia uma agenda detalhada para a noite deles na festa. O terceiro item dizia: *20h17. O caminho para o edifício certamente estará bloqueado pelo tráfego. Lorde Waxillium nos levará até o andar de cima usando Alomancia, o que é completamente inapropriado e, ao mesmo tempo, deslumbrante.*

Ele ergueu uma sobrancelha, verificando seu relógio de bolso, que carregava no cinturão da arma, não no colete, para ser abandonado mais facilmente com seus outros metais.

— São 20h13. Você deu uma escorregada.

— O trânsito na alameda estava mais leve do que eu imaginava.

— Você realmente quer fazer isso do jeito difícil?

— Acredito, na verdade, que é o jeito mais fácil — comentou Steris. — Ainda que completamente inapropriado.

— Completamente.

— Felizmente, você tem uma reputação para esse tipo de coisa e não podem esperar que eu o controle. Vim com roupas íntimas escuras, que não serão tão visíveis de baixo enquanto estivermos voando.

Wax sorriu e estendeu a mão para debaixo do assento, pegando o pacote que Ranette lhe enviara. Enfiou-o sob o braço e abriu a porta.

— As pessoas subestimam você, Steris.

— Não — corrigiu ela, descendo na calçada enevoada. Ele viu que ela usava sapatos bem presos aos pés. Ótimo. — Elas simplesmente presumem que me conhecem, mas isso não é verdade. Entender as convenções sociais não é o mesmo que concordar com elas. Agora, como é que vamos... *Ah!*

Ela disse a última parte quando Wax a segurou bem perto do corpo, sacou Vindicação e disparou uma bala no chão, entre três paralelepípedos aos pés deles. Ele sorriu quando várias cabeças assomaram pelas janelas das carruagens em fila. Ele precisaria deixar que Wayne e Marasi se virassem para passar por tudo aquilo, mas provavelmente seria melhor assim. Isso manteria as atenções distantes dos dois.

Wax diminuiu seu peso, orientando-se no ângulo correto em relação à bala e *empurrou*, sem soltar Steris. Eles dispararam no ar numa trajetória inclinada, sobrevoando as carruagens em fila. Aterrissaram numa das saliências decorativas do arranha-céu, alguns andares acima. Steris o agarrava com a força de um gato pendurado sobre o oceano, com os olhos arregalados. Então, cuidadosamente, soltou-o e desceu na beirada da cornija de pedra, inclinando-se e espiando as profundezas enevoadas. Luzes moviam-se lá embaixo: carruagens, iluminação de rua, lanternas levadas por pedestres. Nas brumas, eram apenas bolhas e sombras.

— Sinto-me como se flutuasse num mar de fumaça e névoa — comentou ela.

As brumas retorciam-se e agitavam-se como se estivessem vivas. Turbilhões e redemoinhos pareciam se mexer nas correntes de ar, sempre em movimento.

Wax abriu o pacote de Ranette, pegando um rolo da corda firmemente trançada. Olhou para cima. O bilhete de Ranette dizia que queria que ele tentasse usar uma amarra da próxima vez que saltasse com Alomancia e lhe desse seu parecer.

— Você estava ansioso para vir esta noite — disse Steris. — É mais do que querer conhecer o governador. Você está a trabalho. Posso ver em você.

Wax levantou a corda, atada a um gancho de aço numa ponta, calculando a força que seria necessária para arremessá-la.

— Posso afirmar isso porque você está totalmente alerta — comentou ela. — Você é um predador, Waxillium Ladrian.

— Eu *caço* predadores.

— Você também é um. — Ela olhou para ele através das brumas translúcidas que dançavam entre os dois. Seus olhos estavam ardentes, refletindo o brilho do mar de névoas abaixo. — Você é como um leão. Na maior parte dos dias, está apenas parcialmente presente, comigo. Repousando, meio adormecido. Sabe o que tem que fazer, atende às necessidades da casa, mas não floresce. Então, a presa aparece. Você acorda. Esse estalo de velocidade, a fúria, o poder, a pulsação, a palpitação, a corrida da caça. Este é o verdadeiro você, Waxillium Ladrian.

— Se o que diz é verdade, todos os homens da lei são predadores.

— Os verdadeiros homens da lei talvez. Não sei, pois não conheço outro. — Ela seguiu o olhar dele para cima. — Então, minha pergunta é: o que você está caçando esta noite?

— A Sangradora estará aqui.

— A assassina? Como sabe?

— Ela vai tentar matar o governador de novo — explicou Wax. — Ela quer me testar, ver se consegue chegar perto, julgar como eu reajo.

— Você age como se isso fosse pessoal, entre vocês dois.

— Eu gostaria que fosse. — *Alguém nos move*. — Eu gostaria de conhecer a Sangradora bem o bastante para que fosse pessoal, pois isso me daria uma vantagem. Mas ela certamente está interessada em mim, e isso significa que não posso faltar a esta festa. Caso contrário, ela pode ver isso como um sinal de que deve atacar.

Wax terminou de enrolar a corda numa das mãos, segurando a ponta com o gancho e balançando-a. Estendeu a mão, e Steris rapidamente se aproximou dele.

Ele procurou uma linha de metal que apontasse para uma das vigas de aço na pedra sob seus pés. Com tanta rocha o separando de Wax, o metal não seria uma âncora tão forte quanto se estivesse descoberto, mas era grande e sólido, então serviria para seus propósitos. Segurando Steris, ele *empurrou* direto para o ar noturno. Arranha-céus como aquele representavam um problema para ele, já que afunilavam à medida que ficavam mais altos. Além disso, muitos dos pontos de apoio que ele usava eram saliências estreitas, o que tornava mais difícil dar um *empurrão* direto para cima — esses *empurrões* com frequência o levavam levemente numa diagonal, para longe do ponto de chegada desejado. De qualquer forma, quanto mais alto chegava, mais distante da parede ficava. Em geral, podia contar com sua arma e sua habilidade de ficar mais leve, mas isso não funcionaria enquanto estivesse levando Steris.

Seria bom se pudesse compensar com a corda e o gancho de Ranette. Alcançara uma altura na qual podia começar a diminuir a velocidade, sua âncora ficando longe demais para conseguir erguer-se mais. Como sempre, ele flutuou a uns três metros de distância do edifício. Então, quando diminuiu a velocidade, balançou o gancho de metal na direção de uma sacada e *empurrou-o*, jogando a corda no parapeito da sacada. O gancho passou entre as barras de metal da sacada, mas se soltou. Ele continuou flutuando, parado de forma precária, com risco de despencar do edifício. Xingou e tentou mais uma vez; desta vez, o gancho ficou preso.

Wax puxou-se juntamente com Steris para dentro, como um peixe enrolando-se na linha. Isso os levou até a sacada. Ele colocou Steris no chão e enrolou a

corda de novo, olhando para cima.

— Foi uma ótima performance.

— Muito lento — respondeu Wax, distraído.

— Ah, querido.

Ele sorriu, segurou-a novamente e *empurrou* para cima da sacada. Desta vez, chegou quase na metade do caminho até a festa e lançou o gancho na direção de uma sacada enquanto estava em movimento, prendendo-o no lugar. Continuou a se *empurrar*, movendo-se até a sacada à sua direita. Então, uma puxada firme na corda o fez rodopiar no ar enquanto voava, e ele se balançou em direção ao edifício.

Wax acertou a lateral do prédio com os pés primeiro, a corda numa das mãos, o outro braço em volta de Steris. Então, deixou-se cair a alguns metros da sacada. Melhor, melhor. A grande desvantagem de um Lançamoedas como ele era que só podia se *empurrar* para longe das coisas, nunca *puxar* em direção a elas. Uma corda poderia ser útil de fato.

Ele balançou o gancho para soltá-lo. Isso era estranho. E se precisasse soltá-lo enquanto estivesse voando ou lutando? Será que Ranette podia fazer um gancho capaz de se soltar sob algum tipo de comando? Ele se *empurrou* na sacada, mandando-os novamente para cima. Steris enfiava os dedos nos ombros dele. As brumas fluíam preguiçosamente sobre os dois. Um Lançamoedas ficava muito confortável nas alturas — não importava de que altura caísse, soltar um único pedaço de metal e *empurrá-lo* cuidadosamente permitia que aterrissasse com segurança.

— Esqueci como isso pode ser desorientador — comentou Wax, diminuindo a velocidade da subida deles. — Feche os olhos.

— Não — respondeu Steris. Parecia sem fôlego. — Isso é... isso é maravilhoso.

Acho que nunca vou entender esta mulher, pensou. Ele podia jurar que ela estava apavorada. Os últimos saltos tinham sido melhores, conforme ele pegava mais o jeito com a corda. É *muito volumosa*, pensou. *Arrastar isso por aí pode ser bem cansativo.* E o gancho podia ficar emaranhado facilmente. Se usasse isso numa luta, provavelmente teria que deixar a corda para trás depois do primeiro salto.

No entanto, naquela noite, ela funcionou bem, e, no momento seguinte, Wax os levou até a sacada do último andar, num redemoinho de saias e do casaco de

bruma. Um pequeno grupo de convidados estava parado ali, e a chegada de Wax e Steris causou exclamações de surpresa e até uma taça caída no chão. Wax se endireitou, soltando Steris. Apesar do que tinha passado, ela se recompôs rapidamente, ajeitando a saia e arrumando o cabelo em cachos suaves.

— Acho que foi uma entrada digna da sua posição — disse ela, baixinho.

— Pelo menos alertamos os guardas — respondeu Wax, acenando com a cabeça para os homens parados nas laterais da sacada, observando-os. Os homens estavam fazendo seu trabalho, o que era bom de ver. Um Lançamoedas não poderia entrar naquela festa sem ser notado. Eles não o detiveram, no entanto. Era importante demais para ser incomodado.

Wax enrolou a corda e o gancho, prendendo-os na cintura, por baixo do casaco, o que fez Steris revirar os olhos. Então, ela apoiou a mão em seu braço. Antes de deixarem a Mansão Ladrian, ela o ensinara com precisão como andar e parar — era a sexta vez que ensinava isso a ele desde que estavam juntos. Talvez porque ele nunca fizesse como deveria. De fato, naquela noite, ele a pegou pelo braço de um jeito muito mais natural do que ela explicara. Eram noivos. Ferrugem, ele podia segurá-la pelo braço.

Steris o olhou, mas não disse nada, enquanto Wax *empurrava* as portas da sacada para abri-las com um golpe alomântico e entravam na festa.

9



Parado aos pés da Torre ZoBell, Wayne observava Wax e Steris desaparecerem nas brumas. Balançou a cabeça e pegou um chiclete de uma lata no bolso. Conseguira um pouco daquela coisa. Na verdade, era bem divertido mastigar aquilo.

Wayne enfiou o chiclete na boca e pensou no tolo ferrado que seu amigo era. Obviamente, Wax persistia com toda essa história de noivado com Steris porque sentia muita falta de Lessie. Então, escolhera um casamento que não exigia investimento emocional. Era tão fácil ver isso quanto o fundo de um copo num pub que vende cerveja aguada, era sim.

Wayne estendeu a mão para ajudar Marasi a descer da carruagem.

— Você está bonito — comentou ela. — Estou surpresa que tenha concordado em vestir isso.

Wayne olhou para seu terno bem cortado, mas continuou mascando o chiclete com um ar ausente. Marasi parecia assombrada pelo fato de ele ter um terno, combinando com um chapéu-coco chique e uma gravata Ascot verde-escura. Por que ele não teria uma roupa dessas? Ele tinha roupas de mendigo, roupas de policial e roupas de velhas senhoras. Um camarada precisava ser capaz de se misturar com os arredores. Nas Terras Brutas, isso significava ter um traje marrom-claro de vaqueiro. Na cidade, significava ter um terno elegante.

A estúpida fila era tão comprida que uma barra de alumínio teria enferrujado no tempo que levaram para chegar ao meio do caminho. *O ferrado do Wax e suas trapaças*, pensou Wayne. O homem podia pelo menos tê-lo levado no lugar

de Steris.

Bem na frente deles, estranhamente, um casal foi barrado na porta e obrigado a voltar para a carruagem depois de toda a espera. *O que está acontecendo por aqui?* Pessoas elegantes como aquelas não eram barradas em festas, eram? Todo mundo tinha um convite, mesmo que fosse falso, como o seu, que era idêntico ao que dera para a velha tirana na universidade.

Bem, não dava para dizer até que chegassem. E a fila ainda se movia *leeeeeeeeentamente*.

— O camarada que você prendeu não chegou a dizer nada útil? — perguntou ele.

— Não — respondeu Marasi. — Mentalmente, ele não estava ali. Mas descobrimos o que parecia ser uma estaca hemalúrgica nele.

— Ferrugem! Você também sabe sobre isso?

— Tive a oportunidade de ler o livro — disse Marasi, de um jeito ausente. — A Morte o deu para *mim* primeiro, *na verdade*, e Waxillium me deixou fazer uma cópia. Nosso prisioneiro tinha a pequena estaca enfiada sob a pele no peito. Depois que removemos, ele se acalmou. Mesmo assim, não falará.

Depois de um tempo, mais ou menos o que seria necessário para colher sete safras, chegaram na frente da fila. Marasi apresentou o convite. O porteiro os olhou de cima a baixo, com o rosto sombrio.

— Temo dizer que recebemos ordens para recusar qualquer convite não nominal que não esteja na posse das pessoas para quem foram enviados. Com a tentativa de assassinato do governador, só convidados com nome em nossa lista têm permissão para entrar.

— Mas... — Marasi começou a dizer.

— Olhe só — interrompeu Wayne —, somos pessoas importantes. Não vê como minha gravata é elegante?

Perto da porta, homens em casacos negros deram um passo à frente, ameaçadores. Seguranças ferrados do governador. Os policiais eram pessoas de verdade — ah, eles até podiam quebrar um pescoço de vez em quando, mas vinham das ruas como todo mundo. Esses caras, no entanto... mal tinham alma.

— Eu salvei a vida do governador hoje — comentou Marasi. — Certamente você não vai *me* barrar.

— Temo não haver nada que eu possa fazer — disse o porteiro, com o rosto

severo completamente sem expressão.

Sim, alguma coisa estava acontecendo por ali. Wayne segurou o braço de Marasi, puxando-a de lado.

— Vamos. São uns tolos ferrados.

— Mas...

Wayne olhou por cima do ombro e, bem no momento certo, ergueu uma bolha de velocidade.

— Tudo bem — disse ele. — Plano novo!

— Você parece animado — comentou ela, olhando para a borda da bolha de velocidade. Estava mais nítida do que o usual, já que as brumas dentro da bolha continuavam a se mover e a flutuar no interior enquanto as que estavam do lado de fora tinham ficado congeladas no ar como gaze.

— Sou um tipo animado — disse Wayne, apressando-se de volta para a tribuna onde estava o porteiro. Wayne conseguira incluir a tribuna em sua bolha de velocidade, mas não o porteiro. Excelente precisão de sua parte. Encontrou uma relação de nomes.

— Achei que desistiu rápido demais de entrarmos na festa pela maneira normal — disse Marasi, cruzando os braços.

— Nossos nomes estão aqui — respondeu Wayne, tomando o cuidado de se manter em movimento enquanto lia o papel. — Numa relação de pessoas que têm que ser barradas. Não faria diferença o quanto você argumentasse.

— O quê? — Ela quis ver a lista, colocando-se do lado dele. — Maldição. Eu salvei a *vida* daquele desgraçado.

— Marasi! — exclamou Wayne, sorrindo. — Você está começando a falar como uma pessoa normal.

— Por sua causa — respondeu ela antes de fazer uma pausa. — Desgraçado.

Wayne abriu ainda mais o sorriso, mascando o chiclete com ruído.

— Você salvou a vida do governador, sim, mas provavelmente é a equipe de segurança dele que quer mantê-la longe daqui, não ele. Eles se sujaram de lama, porque um dos deles estava podre, e você os envergonhou ao perceber isso primeiro.

— Mas isso é mesquinho! Estão brincando com a vida do governador!

— Homens são mesquinhos. — Ele fez uma dancinha para o lado.

— Por que está se mexendo assim?

— Se eu ficar muito tempo num lugar, eles podem me ver, mesmo com a velocidade com que me mexo na bolha. Se continuarmos nos movimentado, seremos um borrão e passaremos desapercebidos nas brumas.

Ela começou a se mexer, relutante.

Wayne olhou mais uma vez para as listas, reconhecendo um nome.

— Aqui está. Esse deve servir.

— Wayne, você vai nos meter em encrenca, não vai?

— Só se nos pegarem! — notou ele. — Eles têm duas listas: pessoas que devem mandar embora, não importa o motivo, e pessoas que podem entrar. Vê as anotações? O quarto nome de cima para baixo? Diz aqui que ele informou que talvez não possa comparecer, e os seguranças precisam ter certeza de que ninguém entrará usando seu convite.

— Wayne — disse Marasi —, esse é o professor Hanlanaze. Ele é um matemático brilhante.

— Hum — resmungou Wayne, coçando o queixo. — Da universidade.

— Não, de Nova Seran. É o responsável por algumas das descobertas na área de tecnologia da combustão.

Wayne se animou.

— Alguém de fora da cidade. As pessoas não devem conhecê-lo.

— Conhecem sua reputação.

— Mas o conhecem pessoalmente?

— Ele é um pouco recluso — admitiu Marasi. — É convidado com frequência para essas coisas, mas raramente aparece. Wayne, estou vendo aquela expressão em seu rosto. Você *não pode* imitá-lo.

— Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Sermos pegos — respondeu ela, ainda andando com ele dentro da bolha de velocidade. — Sermos jogados na cadeia, processados por conspiração, envergonhar Waxillium.

— Esse é o melhor argumento para tentar, o melhor que qualquer um poderia oferecer — garantiu Wayne, voltando para onde estavam quando acelerou o tempo. — Volte para cá para que eu possa desfazer esta bolha. Depois disso, vamos precisar encontrar umas armas para nós.

Marasi empalideceu, juntando-se a ele.

— Se está pensando em entrar com armas de fogo escondidas...

— Armas de fogo, não — disse Wayne, com um sorriso. — Um tipo de arma diferente. *Matemática.*

— Então aquela kandra está aqui — disse Steris, baixinho, ao lado de Wax enquanto esquadrinhava o salão. — Em algum lugar.

A cobertura da Torre ZoBell, rodeada de janelas, ocupava todo o último andar. Luzes de uma dezena de lustres brilhavam nas taças de vinho, nos diamantes das joias e nas lantejoulas de vestidos lustrosos. O estilo dos vestidos era novo. Seria ele tão alheio à moda que não notara uma mudança tão dramática?

Steris usava um modelo mais tradicional, um vestido fino e drapeado branco, com um decote discreto e cintura marcada, mas tinha lantejoulas no colo e nos punhos e era mais leve, mais fino do que aqueles que ela em geral usava, e ficava realmente muito bonito nela. As lantejoulas aproximavam-no dos modelos mais modernos.

Os convidados moviam-se por vários bares e numerosos mostruários espalhados pelo aposento de carpete vermelho. Wax e Steris passaram por um desses mostruários, onde uma caixa de vidro protegia uma pepita de cobre não polida tão grande quanto a cabeça de um homem. A luz resplandecia na superfície.

Metais alomânticos, pensou Wax ao passarem por outro mostruário. Dezenas de tipos, com placas mencionando de onde a pepita foi retirada ou o veio do qual foi minerada. Os metais provocavam conversas pela sala e grupos de pessoas falavam enquanto a luz brincava com as bebidas coloridas entre seus dedos.

— Você está chamando atenção — observou Steris. — Não tenho certeza se usar esse casaco foi uma boa ideia.

— O casaco de bruma é um símbolo — comentou Wax. — É um lembrete.

Ela conseguira convencê-lo a tirar o chapéu, mas não o casaco.

— Faz com que você pareça um bandoleiro.

— É a intenção. Talvez as pessoas pensem duas vezes antes de mentir para mim. Não quero ser parte dos joguinhos delas.

— Você *já* é parte dos joguinhos delas, Lorde Waxillium.

— E é por isso que eu não gosto de ir a festas. — Ele levantou a mão, impedindo que ela falasse. — Eu sei. É importante que estejamos aqui. Vamos conversar com os convidados dos quais você planejou se aproximar.

Ela sempre tinha uma lista cuidadosamente preparada. Steris era a única pessoa que ele conhecia que levava uma agenda a uma festa.

— Não — disse ela.

— Não?

— É isso o que fazemos normalmente — explicou Steris, dando um sorriso específico, entre os tipos diferentes que ela praticava, para Lady Mulgrave ao passarem por ela. — Hoje estamos aqui por sua causa. Vamos nos concentrar nisso e encontrar aquela assassina.

— Tem certeza?

— Tenho — assegurou ela, acenando para outro casal. — Cabe a uma esposa estar interessada, se não envolvida, nos hobbies do esposo.

— Você não precisa fazer isso, Steris. Eu...

— Por favor — disse ela, baixinho. — Eu preciso.

Wax não argumentou mais. A verdade era que estava satisfeito. Com a possibilidade de a Sangradora estar em algum lugar por ali, ele não conseguiria relaxar de jeito algum.

Então, como encontrar a criatura? Mais importante ainda, como derrotar alguém que se movia como um borrão? Ao contrário da Alomancia, que queimava em algumas taxas-padrão, os poderes feruquêmicos podiam ser usados de uma vez. A Sangradora poderia drenar suas mentes de metal em uma única explosão de velocidade, o que provavelmente lhe permitiria derrubar dúzias de pessoas num piscar de olhos. Talvez centenas. E Wax não poderia fazer nada.

Mas talvez ela não tivesse o suficiente para isso. Ela não podia simplesmente engolir mais metal, como um alomântico, e repor suas reservas. Teria que se contentar com a velocidade que fora capaz de armazenar, e só roubara sua estaca recentemente. Matar os presentes na festa de Winsting devia ter consumido uma grande quantidade do que teoricamente economizara nas semanas anteriores.

Então, ele tinha duas opções. Matá-la antes que ela se movesse ou, de algum modo, fazê-la gastar sua reserva feruquêmica sem machucar ninguém.

Wax foi até o bar, pediu bebidas e se virou para observar a multidão. Já fazia duas décadas desde que ele fora parte da alta sociedade, e os dois anos desde que

voltara a Elendel ainda não tinham polido toda a ferrugem. Para ele, todos os presentes tinham o mesmo jeito falso e conversavam com um ar calculado de jovialidade enquanto iam secretamente atrás dos próprios objetivos. Não havia lugar melhor para esconder um assassino.

Com as bebidas nas mãos, Wax se afastou do bar e criou uma bolha de aço.

Não era algo que sempre fora capaz de fazer, e não tinha muita certeza de como fazia aquilo. Ah, a mecânica básica era óbvia: ele queimava aço e *empurrava* levemente para fora de si em todas as direções de uma só vez. Mas como aprendera a não incluir o metal que levava consigo? Ainda não sabia. Era só algo que acontecera com o tempo.

Com a bolha, seus instintos alomânticos procurariam outros pedaços de metal que se movessem rapidamente em sua direção e os *empurrariam* com força crescente conforme se aproximassem. Estava ficando cada vez melhor nisso. Ficar parado e deixar Darriance atirar em seu peito enquanto usava uns trinta centímetros de acolchoamento e blindagem ajudava. Não podia desviar de balas, mas a bolha servia para algo.

— O que você está fazendo? — perguntou Steris quando ele lhe ofereceu a bebida. — Minha pulseira quer saltar do meu braço.

— Tire-a — pediu Wax. — Se houver uma briga alomântica, não quero você usando nenhum metal.

Steris ergueu uma sobrancelha, mas tirou o bracelete e o guardou na bolsa. Wax adicionou mentalmente aquela exceção.

— Não sei se vai fazer diferença — comentou Steris. — Este lugar está repleto de metais. O que está fazendo com sua bebida?

Wax levantou os olhos. Acabara de colocar, discretamente, um pouco de pó marrom em seu copo.

— Eu pedi água — comentou ele. — O pó vai fazer com que pareça que estou bebendo uísque. Fingir uma embriaguez mais tarde pode me dar uma vantagem.

— Fascinante. — Steris parecia verdadeiramente impressionada.

Eles se moveram pelo salão, passando sob um candelabro. Os pedaços de cristal suspensos por fios moviam-se sutilmente para longe de Wax, como a agulha de uma bússola confrontada com o polo magnético correto de um ímã. Sem querer, ele derrubou uma das pepitas ao passar por um mostruário.

Ferrugem! Ainda que a prudência aconselhasse o contrário, diminuiu a intensidade da bolha.

— Vamos procurar o governador — sugeriu Steris.

Wax assentiu. Não conseguia evitar a sensação de que, não importava o caminho que tomasse, alguém tinha uma arma apontada para suas costas.

Alguém nos move, homem da lei.

Vermelho nos tijolos. Lessie em seus braços, já morta. Suas mãos manchadas com o sangue dela.

Não. Ele deixara isso para trás. Ele *sofrera sua perda*. Não seria arrastado para aquela espiral mais uma vez. Enquanto caminhavam pelo salão de festas, um par de nobres menos importantes, usando cores escuras, mostrou a intenção de interceptá-los, mas o olhar que Wax lhes deu foi o bastante para que se afastassem.

— Lorde Waxillium... — advertiu Steris.

— O que foi? — perguntou Wax. — Você disse que íamos procurar o governador.

— Isso não significa que pode rosnar para os demais.

— Eu não rosnei. — Ou será que tinha rosnado?

— Eu cuido disso da próxima vez — sugeriu Steris, levando-os até um mostruário que, estranhamente, não continha nada. A placa dizia: “ATIUM, O METAL PERDIDO.”

Quando se aproximaram do governador, que recebia sua audiência perto das janelas no lado norte, um homem usando uma gravata-borboleta amarela notou a presença de Wax. Ótimo... Lorde Stenet. Provavelmente queria falar sobre tarifas têxteis de novo. Mas é claro que não *diria* isso, não de cara. As pessoas nunca diziam o que queriam por ali.

— Lorde Waxillium! — chamou Stenet. — Eu estava pensando em você! Como vão os preparativos para o casamento? Devo esperar um convite para breve?

— Não tão breve — respondeu Steris. — Acabamos de encontrar um sacerdote. E quanto a você? Seu noivado é o assunto da cidade!

A animação sumiu de seu rosto.

— Ah, quanto a isso... — Ele pigarreou. Steris tentou insistir, mas Stenet

encontrou uma desculpa em instantes, mudou de assunto e se retirou educadamente.

— O que foi aquilo? — perguntou Wax.

— Ele está traindo a noiva — disse Steris, de modo ausente. — Naturalmente, o assunto o deixou desconfortável.

— Bom trabalho — falou Wax. — Você é muito boa nisso.

— Sou proficiente.

— Acho que foi isso o que eu disse.

— Há uma diferença — comentou Steris, balançando a cabeça. — Nesta sala, há verdadeiros mestres em interação social. Não sou um deles. Estudei as normas sociais, pesquisei, e agora eu as executo. Outra mulher teria tido esta mesma conversa deixando-o feliz, mas distraído. Eu tive que usar a força bruta, por assim dizer.

— Você é uma mulher bizarra, Steris.

— Diz o único homem na sala com armas nos quadris — respondeu ela. — Um homem que está inconscientemente *empurrando* os brincos de cada mulher por quem passamos. Você não percebeu que o anel de Lady Remin caiu dentro da bebida, percebeu?

— Perdi essa.

— Uma pena. Foi divertido. Aqui, venha por aqui. Não queremos ter que iniciar uma conversa com Lorde Bookers. Ele é mortalmente entediante.

Wax a seguiu pelos próximos três passos, passando por um mostruário com pepitas de estanho que estremeceram com sua proximidade, juntamente com pinturas de Olhos de Estanho famosos, incluindo vários esboços do Lorde Nascido da Bruma, que fora um Olho de Estanho antes do Catacendro. É e*ngraçado que Steris ache alguém entediante...*

— Você está pensando que é irônico que eu ache alguém entediante... já que eu mesma tenho a reputação de ter o mesmo defeito — comentou Steris.

— Eu não colocaria assim.

— Não tem problema — disse Steris. — Como eu já disse várias vezes, estou ciente da minha reputação. Devo aceitar meu jeito de ser. Reconheço outro chato como você deve reconhecer outro mestre alomântico: um colega de cujas artes não desejo ter uma amostra.

Wax se pegou sorrindo.

— Falando nisso — disse Steris, baixinho, enquanto se dirigiam para onde o governador falava com o lorde da Casa Erikell —, se encontrar a assassina, leve-me até ela. Tentarei fasciná-la com detalhes das finanças da nossa casa. Com sorte, ela vai acabar dormindo com a cara na bebida e se afogará, e eu terei matado alguém pela primeira vez.

— Steris! Isso foi realmente engraçado.

Ela corou. Tinha uma expressão conspiratória no rosto.

— Você precisa saber que eu trapaceei.

— Trapaceou?

— Eu sei que você gosta de conversas espirituosas — disse ela. — Então eu me preparei, escrevendo uma lista de coisas que você acharia interessantes.

Wax riu.

— Você tem planos para tudo, não é?

— Gosto de ser meticulosa — confessou ela. — Embora eu deva admitir que algumas vezes posso ser *tão* meticulosa que acabo precisando de um plano para saber como fazer planos melhores. Minha vida acaba parecendo um belo navio numa doca seca, construído com dezoito lemes apontando em direções diferentes para ter uma garantia *extra* de que pelo menos um dos mecanismos de direção está no lugar. — Ela hesitou e corou novamente. — Sim. Essa piada estava na minha lista.

Wax riu de novo.

— Steris, acho que nunca a vi ser tão genuína.

— Mas estou sendo falsa. Preparei as falas com antecedência. Não estou sendo *realmente* engraçada.

— Você ficaria surpresa com a quantidade de pessoas que fazem o mesmo — comentou Wax. — Além disso, você é assim. Então é genuíno.

— Então sou sempre genuína.

— Acho que sim. Eu só não tinha percebido antes.

Eles seguiram na direção de Innate, ficando perto o bastante para que o governador pudesse notá-los. Ali perto, outros casais e grupos os olhavam de soslaio. Como o lorde de uma grande casa, Wax superava quase todos na sala em posição. Títulos de nobreza antigos importavam cada vez menos, mas, com o

dinheiro de Steris por trás, ele conseguira desenterrar-se da maior parte de suas dívidas. Isso, por sua vez, permitiu que Wax evitasse execuções hipotecárias e aguentasse até que outros investimentos dessem resultado. A Casa Ladrian se tornara novamente uma das mais ricas da cidade. E, cada vez mais, isso era mais importante do que um pedigree nobre.

Ele achava lamentável, embora não fosse uma surpresa, a frequência com que nascimentos nobres se alinhavam com poder econômico e político. As leis de Lorde Nascido da Bruma, baseadas no ideal do Último Imperador, deveriam colocar o poder nas mãos das pessoas comuns. Ainda assim, os mesmos grupos continuavam no governo. Wax estava entre eles. Quanta culpa deveria sentir?

Já temo ter feito as coisas muito fáceis para os homens...

Drim, o chefe dos guarda-costas do governador, aproximou-se de Wax.

— Suponho que você será o próximo — grunhiu o homem de pescoço grosso. — Ouvi dizer que meus homens o deixaram ficar com suas armas.

— Deixe-me dizer uma coisa, Drim — falou Wax. — Se o governador correr o menor perigo, você vai *querer* uma arma em minhas mãos.

— Suponho que sim. De qualquer forma, uma arma não significa muito para você, não é? Você poderia matar alguém com o troco que traz no bolso.

— Ou com um par de abotoaduras. Ou com as tachas que prendem o carpete ao chão.

Drim deu um grunhido.

— Sinto por seu ajudante.

Wax voltou sua atenção para Drim.

— Wayne. O que tem ele?

— Ele é uma ameaça para a segurança — respondeu Drim. — Tive que mandá-lo embora ainda lá embaixo.

Wax relaxou.

— Ah. Tudo bem então.

Drim sorriu, obviamente sentindo que ganhara algo com a conversa. Voltou para seu lugar perto da parede, observando quem vinha falar com o governador.

— Não está preocupado com Wayne? — perguntou Steris, baixinho.

— Não mais. Eu estava preocupado que ele achasse a festa tão chata que resolvesse ir embora. Em vez disso, aquele bom homem ali gentilmente deu a

Wayne um desafio.

— Então... está dizendo que ele vai entrar de penetra?

— Se Wayne já não estiver em algum lugar por aí — falou Wax —, eu sou capaz de comer sua bolsa de mão e tentar queimá-la para conseguir poder alomântico.

Continuaram a esperar. A interlocutora do governador, Lady Shayna, era uma faladora incontrolável, mas, depois do apoio político e financeiro que dera ao governador, ele não podia dispensá-la. Wax olhou ao redor, perguntando-se onde Wayne estaria.

— Lorde Waxillium Ladrian — chamou uma voz feminina. — Ouvi falar muito de você. É mais bonito do que as histórias sugerem.

Ele ergueu as sobrancelhas na direção de quem falava, uma mulher alta que aguardava para falar com o governador. Muito alta, pelo menos alguns centímetros a mais do que ele. Com lábios carnudos e peito largo, tinha pele clara e cabelo cor de pólvora e usava um vestido vermelho bastante decotado.

— Acho que não nos conhecemos — disse Steris, com voz fria.

— Eu me chamo Milan — falou a mulher. Ela não se incomodou em olhar para Steris, mas inspecionou Wax de cima a baixo e, então, sorriu de modo misterioso. — Lorde Waxillium, você está usando armas na cintura e um casaco de bruma no estilo das Terras Brutas numa festa. Ousado.

— Não há nada ousado em fazer o que se faz sempre — respondeu Wax. *Flertar com um homem quando sua noiva está parada ao lado dele, no entanto...*

— Você tem uma reputação interessante — prosseguiu Milan. — As coisas que dizem sobre você são verdade?

— São.

Ela crispou os lábios, sorrindo, esperando mais. Em vez disso, ele a encarou e esperou. Ela se mexeu, passando o copo de uma das mãos para a outra. Então, desculpou-se e se afastou.

— Uau! — exclamou Steris. — E dizem que *eu* deixo as pessoas desconfortáveis.

— Vocês aprendem o truque de encarar cedo — disse Wax, voltando sua atenção para o governador. No fundo de sua mente, ele avaliou a tal Milan e decidiu ficar de olho nela. E se fosse a Sangradora disfarçada, tentando avaliá-lo? Ou teria sido apenas outra convidada idiota, com um pouco de vinho a mais e

uma opinião inflada sobre como os homens responderiam a ela?

Ferrugem! Isso vai ser difícil.

Wayne perambulava pela festa, levando um minúsculo prato de jantar com a pilha de comida mais alta que conseguiu fazer. Por que sempre usavam esses pratinhos de nada em festas elegantes? Para evitar que as pessoas comessem muito? Ferrugem! Pessoas ricas não faziam sentido. Distribuíam as bebidas mais caras da cidade e se preocupavam que as pessoas fossem comer todas as salsichinhas?

Wayne era um rebelde. Recusava-se a jogar segundo as regras deles, recusava-se, sim. Elaborou rapidamente um plano de batalha. As mulheres que traziam as salsichinhas vinham do fundo do bar no lado leste enquanto o bar do lado oeste preparava os canapés de salmão. Minúsculos sanduíches vinham do norte e sobremesas de vários tipos, do sul. Se desse uma volta na cobertura em exatos treze minutos, poderia alcançar cada área exatamente quando os criados estivessem chegando com bandejas novas.

As pessoas começavam a olhá-lo. Um camarada sabia que estava fazendo seu trabalho bem quando conseguia esse tipo de olhares.

Marasi estava parada ali perto, interpretando o papel de assistente do professor Hanlanaze. Wayne coçou a barba. Não gostava de barbas, mas Marasi dissera que as poucas imagens em evanotipo do professor Hanlanaze o mostravam com uma. Além disso, Hanlanaze era muito mais largo na cintura do que Wayne. Isso era ótimo. Poderia esconder todo tipo de coisa num enchimento como aquele que usava.

— Ainda não consigo acreditar que você tinha tudo isso na carruagem — sussurrou Marasi antes de roubar uma das salsichas. Do seu prato. Um ultraje!

— Minha cara mulher — disse Wayne, coçando a cabeça, onde usava uma colorida touca terrisana, um emblema orgulhoso da linhagem de Hanlanaze. — Ser um acadêmico qualificado depende, antes de mais nada, de preparação adequada. Eu não deixaria meu lar sem o equipamento apropriado para cada eventualidade assim como não trabalharia em meu laboratório sem as precauções adequadas de segurança!

— É a voz que realmente *faz* o disfarce, sabia? — comentou Marasi. — Como faz isso?

— Nossos sotaques são roupas para nossos pensamentos, minha cara —

explicou Wayne. — Sem eles, tudo o que dizemos estaria desnudado, e bem poderíamos estar gritando uns com os outros. Ah, olhe! A moça das sobremesas tem doces de chocolate novamente! Acho-os irresistíveis.

Deu um passo adiante, mas algo o interrompeu.

— Professor Hanlanaze?

Wayne ficou paralisado.

— Ora, é *mesmo* você! — disse a voz. — Eu não acreditava que você viesse. — Um homem alto se aproximou, vestindo tanta estampa xadrez que poderia ser pendurado num mastro e usado como bandeira de guerra.

Por um lado, Wayne estava satisfeito. Só teve a descrição de Marasi para criar seu disfarce, então o fato de conseguir enganar alguém que obviamente vira o retrato do professor era impressionante.

Por outro lado... Maldição.

Wayne entregou o prato para Marasi, dando-lhe um olhar severo que dizia "não coma nada disso". Então, apertou a mão do recém-chegado. O tecido daquele terno era realmente incrível. A fábrica que o fez devia ter usado toda a cota de listras do ano.

— E você é? — perguntou Wayne, deixando a voz mais aguda. Descobrira que grandes homens como o professor Hanlanaze com frequência tinham vozes menores do que seus donos. Estava feliz por ter estudado sotaques do sul. É claro que também acrescentara algum sotaque da universidade e colocara ambos numa base de sons anasalados thermonianos, típicos da vila distante onde o professor havia crescido.

Conseguir um bom sotaque era como misturar tintas para chegar ao tom que já estava numa parede. Se não misturasse bem, as falhas ficariam muito piores do que se tivesse resolvido pintar tudo de uma cor completamente diferente.

— Sou Rame Maldor — apresentou-se o homem, apertando a mão de Wayne. — Você sabe... o artigo sobre os efeitos de Higgens?

— Ah, sim — respondeu Wayne, soltando a mão e dando um passo para trás. Ele fingiu ficar nervoso perto de tanta gente, e Maldor engoliu o disfarce tão rápido quanto bebidas baratas vendidas em festas populares. Na verdade, Maldor estava bastante disposto a dar o espaço necessário para o suposto recluso.

Aquilo permitiu que Wayne acelerasse o tempo ao redor dele e de Marasi.

— Pelos pulsos de Harmonia, sobre o que ele está falando? — sibilou

Wayne.

Marasi pegou na bolsa o livro que comprara numa loja ali perto enquanto Wayne preparava seu disfarce. Logo encontrou a página desejada.

— O efeito de Higgens. Tem a ver com o jeito que um campo espectral é afetado por ímãs. — Folheou algumas páginas. — Aqui, tente isso... — Recitou alguma baboseira para Wayne, que assentiu e desfez a bolha de velocidade.

— O efeito de Higgens é notícia velha! — comentou Wayne. — Estou muito mais interessado agora na forma como um campo *elétrico* estático produz resultados semelhantes. Ora, você devia *ver* o trabalho que estamos prestes a concluir!

Rame ficou pálido.

— Mas... mas... eu pretendia estudar esse mesmo efeito!

— Então você está pelo menos três anos atrás de mim!

— Por que não mencionou isso em suas cartas?

— E revelar minha próxima descoberta? — perguntou Wayne.

Rame cambaleou e se apressou na direção do elevador. Wayne nunca vira um cientista se mexer tão rápido. Até parecia que alguém estava distribuindo jalecos de laboratório no saguão.

— Ah, Wayne — comentou Marasi —, você percebe o caos que isso pode causar no campo de pesquisa deles?

— Sim — falou Wayne, pegando o prato novamente. — Será bom para eles. Vão parar de ficar sentados por aí pensando tanto.

— Wayne, eles são cientistas. Pensar não é o *trabalho* deles?

— E eu que sei? — falou Wayne, enfiando uma salsichinha na boca. — Mas, ferrugem!, se for mesmo, *muita coisa* pode ser explicada.

O governador Innate terminou sua conversa e se voltou para Wax. Drim, o guarda-costas, fez sinal para que se aproximassem. Não gostava de Wax, mas, até onde Wax sabia, Drim era firme, leal e confiável. Ele percebera que Wax não era uma ameaça.

Infelizmente, Drim não imaginava a ameaça que *estavam* encarando. Uma kandra... Podia ser qualquer um. Wax não confiaria tanto nos outros.

Não mesmo?, pensou, apertando a mão do governador. *E se a kandra for*

Drim? Considerei essa hipótese?

Fora assim que a Sangradora conseguira matar Lorde Winsting, no fim das contas. Ela usou o rosto de alguém em quem os homens de Winsting confiavam. *Pelo ferro enferrujado sobre a colina*, pensou Wax. *Isso vai ser muito, muito difícil.*

— Lorde Waxillium? — perguntou Innate. — Você está bem?

— Sinto muito, milorde — respondeu Wax. — Meus pensamentos vagaram por um instante. Como está Lady Innate?

— Teve um enjoo passageiro — falou o governador, beijando a mão de Steris. — E foi para casa se deitar. Eu lhe direi que perguntou por ela. Lady Harms, você está adorável esta noite.

— E você é sempre um cavalheiro — replicou Steris, dando-lhe um sorriso genuíno. Steris gostava do governador, embora politicamente fossem opositores: Steris era moderadamente progressista, como imaginava que seria esperado de novos ricos que queriam avançar, enquanto Innate era conservador. Mas esse tipo de coisa não incomodava Steris. Ela gostava de pessoas cujos motivos faziam sentido e achava que o histórico político de Innate era bem ordenado. — Espero que Lady Allri se recupere logo.

— É um problema de nervos, mais do que qualquer coisa — comentou Innate. — Ela não reagiu bem ao que aconteceu hoje.

— Você parece muito bem — disse Wax. — Considerando tudo o que passou.

— O pretenso assassino era um dos nossos guardas mais novos e era mentalmente desequilibrado. Tinha uma mira terrível, e provavelmente não queria me matar *de verdade*. — O governador deu uma risada. — Que o Sobrevivente sempre envie tais inimigos para mim, e com frequência perto da época de eleições.

Wax forçou um sorriso e olhou para os lados. Aquela mulher de antes, a bonita, de olhos grandes, estava ali perto. Quem mais estava perto dele de um jeito suspeito?

A Sangradora não será alguém que eu possa localizar com facilidade, pensou Wax. *Os Imortais sem Rosto têm séculos de prática em se misturar à sociedade humana.*

— Qual é sua opinião sobre isso, Lorde Waxillium? — perguntou Innate. —

Quais eram os motivos do homem?

— Ele foi provocado para atacar — disse Wax. — Foi uma distração. Outra pessoa matou seu irmão. Tentarão matar você de novo.

Ali perto, Drim endireitou o corpo, olhando para ele.

— Curioso — comentou Innate. — Mas você é conhecido por tirar conclusões precipitadas, não é?

— Todo homem da lei chega a becos sem saída de vez em quando.

— Acredito que vai descobrir que Lorde Waxillium está certo com mais frequência do que está errado, milorde — comentou Steris. — Se ele o adverte do perigo, eu o ouviria.

— Eu ouvirei — garantiu Innate.

— Quero me encontrar com você para discutir assuntos importantes — falou Wax. — Amanhã, no mais tardar. Você precisa saber com o que estamos lidando.

— Vou agendar. — Vindo de Innate, isso era uma promessa. Wax teria sua reunião. — Lady Harms, posso perguntar sobre sua prima? Ainda tenho que agradecer o que ela fez hoje, mesmo que a mira do homem fosse ruim e eu estivesse em segurança de qualquer modo.

— Marasi está bem — garantiu Steris. — Ela deveria estar aqui esta noite para...

Olhe para eles.

O pensamento forçou caminho pela mente de Wax. Steris e o governador continuavam a falar, mas Wax estava paralisado.

Estão vestidos com lantejoulas coloridas. Bebem vinho. Riem, sorriem, brincam, dançam, comem e matam em silêncio. Tudo isso é parte do plano de Harmonia. São todos atores no palco. É isso que você também é, Waxillium Ladrian. O que todos os homens são.

Um calafrio percorreu o corpo de Wax, como formigas correndo por sua pele. Os pensamentos em sua mente eram uma voz, como a de Harmonia, mas áspera e bruta. Brutal. Um sussurro terrível.

Wax ainda estava usando seu brinco. A Sangradora descobrira como se comunicar com alguém usando uma estaca hemalúrgica.

A assassina estava em sua mente.

10



Wayne se virou quando a moça com as salsichinhas passou. Tentou pegar outro punhado. Em vez disso, levou uma bofetada.

Ele pestanejou e, a princípio, supôs que os criados finalmente estavam cansados de serem enganados por ele. Mas a agressora não era nenhum deles. Era uma criança. Ele olhou a jovem garota enquanto Marasi se apressava para voltar até ele. Ora, aquela criança não devia ter mais de quinze anos. E tinha dado uma *bofetada* nele!

— Você é um *monstro* — disse a garota.

— Eu...

— Remmingtel Tarcsel! — exclamou a garota. — Acha que alguém nessa festa já escutou esse nome?

— Bem...

— Não, não escutaram. Eu perguntei. Todos aqui estão usando as luzes incandescentes do meu pai, que ele trabalhou *anos* para criar, e ninguém sabe o nome dele. Sabe por quê, sr. Hanlanaze?

— Suspeito que não...

— Porque você roubou os projetos dele e, com isso, a vida dele. Meu pai morreu sem dinheiro, desamparado e deprimido, por causa de homens como você. Você não é um cientista, sr. Hanlanaze, apesar do que afirma. Não é um inventor. É um ladrão.

— Essa parte está certa. Eu...

— Eu vou vencer no final — sibilou a garota, avançando um passo em sua direção e pressionando um dedo contra seu peito, quase no lugar em que escondera os bastões de duelo. — Tenho *planos*. E, ao contrário do meu pai, eu sei que a questão não é quem tem as melhores ideias, mas quem consegue vender essas ideias. Encontrarei investidores e vou mudar esta cidade. E quando você estiver chorando, desamparado e desacreditado, vai se lembrar do nome do meu pai e do que você fez.

Ela deu meia-volta, o cabelo loiro e liso acertando-o no rosto, e foi embora.

— O que diabos foi aquilo? — sussurrou Wayne.

— O preço de usar a aparência de outra pessoa, imagino — comentou Marasi. Ela parecia se *divertir*!

— O pai dela — falou Wayne. — Ela disse... que eu matei o pai dela...

— Sim. Parece que Hanlanaze tem um passado negro.

Hanlanaze. Certo. Hanlanaze. O professor.

— Tenho lido as colunas que a garota escreve no jornal — falou Marasi. — É realmente uma vergonha, se for verdade que essas invenções foram roubadas.

— Sim — concordou Wayne, esfregando o rosto. — Uma vergonha. — Ele olhou a bandeja de salsichinhas que passava, mas não teve vontade de persegui-la. A diversão se fora, por algum motivo.

Em vez disso, começou a procurar Wax.

— Com licença — disse Wax para o governador e para Steris.

Os dois ficaram atônitos quando ele deu meia-volta e se afastou. Um gesto rude, mas ele não se importou com isso. Foi até o meio do salão, os instintos gritando.

Armas à vista!

Tiroteio começando!

Buscar cobertura!

Fugir.

Não fez nenhuma dessas coisas, mas não conseguia evitar que seu olho estremecesse. Com aço queimando, várias linhas azuis finas e translúcidas o conectavam às fontes de metal próximas. Tinha o costume de não prestar muita atenção nelas.

Agora ele as observava. Agitando-se, movendo-se, sentindo o ritmo e a pulsação de uma centena de pessoas na sala. Bandejas de comida, joias, óculos. Partes de metal em mesas e cadeira. A estrutura das vidas de homens e mulheres era composta de muito metal. As pessoas eram a carne da civilização, e o aço era seu esqueleto.

Então, você percebeu o que eu sou, disse a voz em sua mente. Feminina, mas áspera.

Não, o que você é?, replicou Wax. Um teste.

Harmonia falou com você. Sei que conversaram.

Você é uma koloss, falou Wax, usando a palavra errada de propósito.

Você dança ao ritmo de Harmonia, respondeu a voz. *Você lhe obedece e se move na direção dele. Não se importa que ele deixe tanto a desejar como deus*.

Wax não tinha certeza — não havia como ter certeza —, mas parecia que a Sangradora não conseguia ler sua mente. A kandra só conseguia enviar pensamentos. O que Harmonia dissera? Que ouvir pensamentos vinha de Preservação, mas inseri-los vinha de Ruína?

Wax virou-se lentamente no salão, observando as linhas. A Sangradora não devia ter metal algum nela. Pessoas que podiam notar metais eram mais cuidadosas com coisas como essa. Os guardas do governador, por exemplo. Metade deles levava armas, mas a outra metade só portava bastões de duelo.

Como aguenta isso, Wax?, perguntou a Sangradora. *Viver entre eles. É como viver com esgoto até o joelho.*

— Por que matou Winsting? — perguntou Wax em voz alta.

Eu o matei porque ele tinha que morrer. Eu o matei porque ninguém mais faria isso.

— Então você é uma heroína — comentou Wax, virando-se. *Ela está perto*, pensou. *Observando-me. Quem? Qual deles?*

E se ele achasse que tinha descoberto... ousaria atirar primeiro?

Um raio que acerta alguém não é um herói, disse a Sangradora. *Um terremoto não é um herói. Essas coisas apenas existem.*

Wax começou a caminhar pelo salão. Talvez a Sangradora tentasse acompanhá-lo. Mantinha os braços nas laterais do corpo, uma moeda em cada mão. Nenhuma arma por enquanto. Isso provocaria pânico.

— Por que o governador? — perguntou Wax. — Ele é um bom homem.

Não há bons homens, corrigiu a Sangradora. *A escolha é uma ilusão, homem da lei. Há os que foram criados para serem egoístas e os que foram criados para serem altruístas. Isso não os torna bons ou maus, não mais do que um leão destruidor é mau quando comparado a um coelho plácido.*

— Você os chamou de esgoto.

O esgoto não é mau. Mas isso não o torna desejável.

A voz da Sangradora em sua mente parecia ganhar mais personalidade enquanto ela falava. Suave, assustadora, taciturna. Como Bronze Sangrento teria sido.

Alguém nos move...

— E você? — perguntou Wax. — O que você é? Lobo ou coelho?

Sou a cirurgiã.

A mulher, a beldade de vermelho, o seguia. Tentava ser discreta, dirigindo-se para um grupo e conversando com as pessoas, mas movia-se paralelamente a Wax. Havia outra pessoa seguindo-o também. Um homem baixo com roupas de criado, levando uma bandeja de comida. Fazia suas rondas, mas os outros criados moviam-se em sentido horário. Wax ia no sentido anti-horário.

Estavam perto o bastante para ouvi-lo falar? Não com ouvidos comuns. Talvez a Sangradora pudesse queimar estanho. Se esse fosse o poder escolhido por ela para a noite.

Você também é um cirurgião, disse a Sangradora. *Eles o chamam de lorde, sorriem para você, mas você não é um deles. Se pudesse ser realmente livre. Se pudesse...*

— Eu sigo a lei — sussurrou Wax. — O que você segue?

A Sangradora não respondeu. Talvez ela não conseguisse ouvir sussurros.

O governador é corrupto, falou a Sangradora. *Passou anos encobrindo o irmão, mas, na verdade, deveria ter encoberto a si mesmo*.

Wax olhou para o lado. Já dera uma volta completa no salão e estava quase de volta ao lugar em que começara. O criado o seguira o caminho todo.

Tenho muito trabalho a fazer, disse a Sangradora. *Preciso libertar todos nessa cidade. Harmonia esmaga a sociedade, asfixiando-a. Afirma não interferir, mas nos move como peças num tabuleiro*.

— Então vai matar o governador? — perguntou Wax. — Isso de algum modo vai libertar a cidade?

Sim, vai, assegurou a Sangradora. *Mas é claro que não posso matá-lo ainda, Wax. Eu ainda nem matei seu santo pai*.

Wax sentiu um frio repentino. Seu pai já estava morto. Ele deu meia-volta, com a mão na arma, e deu de cara com o criado. O homem ficou paralisado, com os olhos arregalados.

Então, saiu correndo.

Wax xingou, correndo atrás dele e jogando uma moeda diante de si. Ela rodopiou no ar, mas o garçom correu para trás de um grupo de pessoas. Wax rangeu os dentes e deixou a moeda cair sem *empurrá-la*, mas sacou Vindicação. Isso provocou gritos de temor nos convidados da festa. O garçom se escondia atrás de grupos de pessoas, pronto para se esquivar de Wax.

Felizmente, ele — ou ela ou o que fosse — não contava com a presença de Wayne, que surgiu entre duas mulheres gordas com taças de vinho nas mãos e se jogou sobre o garçom. Ambos caíram no chão. Wax diminuiu a velocidade, levantando a arma e mirando. Não podia dar à Sangradora uma chance de usar Alomancia ou Feruquemia, em especial se estivesse errado em seu palpite de que ela estava usando estanho. Um tiro na cabeça não mataria uma kandra, ele achava, mas devia retardá-la. Wax só tinha que ter certeza de não acertar Wayne...

Os guardas do governador saltaram sobre Wayne e a Sangradora. Wax xingou e voltou a correr, com Vindicação levantada junto à cabeça e o casaco de bruma agitando-se atrás dele. Saltou sobre os convidados atemorizados, *empurrando* algumas tachas no chão para conseguir altura, e caiu perto do grupo de guardas.

Wayne, usando uma barba falsa e xingando como um estivador com dor de cabeça, lutava para se libertar de cinco guardas que o seguravam.

— Soltem-no! — ordenou Wax. — Esse é meu ajudante. Onde está o outro?

Os guardas se afastaram, cambaleando, todos exceto um, deitado no chão, sangrando pela barriga.

Wax levantou a cabeça, vendo um homem com trajes de garçom abrindo caminho em direção à saída do salão. Ergueu Vindicação e mirou.

Gostaria que soubesse que fiquei triste com a morte de sua amante, disse a

Sangradora. *Odiei que aquilo fosse necessário*.

A mão de Wax paralisou. Lessie. Morta.

Maldição, eu superei isso! Wax apertou o gatilho mesmo assim, mas a Sangradora desviou, escorregando no chão. A bala abriu um buraco na janela acima da cabeça do homem.

A Sangradora atirou uma cadeira na janela, estilhaçando-a. Então, quando Wax atirou novamente, saltou.

Mais de vinte andares no ar.

Wax gritou, correndo até a janela. Wayne o acompanhou, agarrando Wax pelo braço.

— Eu me seguro com firmeza, meu chapa. Vamos lá.

— Você fica — respondeu Wax, obrigando-se a pensar apesar do turbilhão de emoções. — Vigie o governador. Isso pode ser uma distração, como o atentado que aconteceu mais cedo.

Wax não deu tempo para Wayne retrucar. Soltou-se da mão que o segurava e se jogou nas brumas.

AL DA CASA

O Tempo

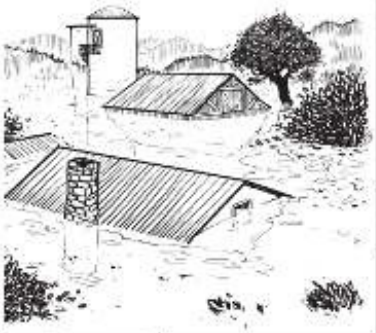
Leve ocorrência de ventos do oeste ao entardecer.

ILIZAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

36/Edição
204/Semana

NTE OS EFEITOS NTO EM CORBEAU

es impactam a performance dos mercados



Terrabrutense imprudente prende e mata o Atirador

Um ano se passou desde a impopular decisão da Delegacia do Quarto Oitante de aceitar a ajuda do controverso antigo homem da lei das Terras Brutas, Lorde Waxillium Ladrian, e o oitante continua a lidar com a longa lista de embaraços que o homem tem causado.

Em primeiro lugar, estão os imprudentes esforços de Waxillium "Wax" Ladrian para capturar o notório Atirador, que assaltou instituições essenciais para o comércio de nossa grande cidade e tirou a vida de uma criança inocente.

A última captura de "Wax", embora bem-sucedida, também terminou com a morte do assaltado (assim como de um pedestre não identificado), roubando da cidade a chance de ver a justiça sendo feita com um julgamento adequado. No processo, Ladrian destruiu o automóvel de Lady Desiree Chevalle, que desfrutava de um passeio, e trouxe tiros ao escritório de contabilidade de Linville & Lyons, causando um prejuízo de mais de 400 bons. Ambos já contrataram seus advogados.



Lorde Waxillium "Wax" Ladrian

AGITAÇÃO no chalé de Lorde Winsting Innate — *Ver verso, coluna 8.*

BRUMOSO DE CADMIO reduz o tempo em reuniões de direção entediantes — *Ver verso, coluna 4.*

FAMOSO CONFEITEIRO decora deliciosos doces com flocos de atium — *Ver verso, coluna 5.*

"Corridas de rua" ameaçam grande esporte antigo



O que mais se escuta nas proximidades do centro à noite? Motores de automóveis roncando como animais das Terras Brutas e o grito dos pneus derrapando nas ruas. Faz ao menos meia década que ninguém consegue ouvir o canto dos grilos e o ruído dos cascos dos cavalos batendo nos paralelepípedos. Nos últimos seis meses, jovens ladies e lordes — alguns deles filhos dos nossos próprios leitores! — resolveram apostar corrida por algumas de nossas ruas mais conhecidas.

As apostas e trocas de boxes não demoraram a aparecer, e os jovens começaram a pagar gangues de meninos de rua para deliberadamente afastarem os policiais dessas ruas em horários predeterminados.

O ponto mais crítico é o Terceiro Oitante, com suas longas retas e ruas paralelas, e, em pouco menos de um mês, a jovem Lady Carmine Feltry abrirá um circuito exclusivo para automóveis no antigo recinto de feiras adjacente ao rio do Portão de Ferro.

(Continua no verso.)

) Brilhante Vif!

IRA A FADIGA!

res Fronks e Selvest Vif

médio para o desânimo

bilidade causados por

, úlceras e má nutrição.

r do que o médico ordenou!

o Tônico Brilhante

Vif todo dia!

CTIN-ADE

O FAVORITO DA BACIA

nte todos os oito sabores!

s a caixa. Você ficará feliz

omprado PECTIN-ADE!

Maçanetas e travas de alumínio. Não fique vulnerável a bandidos alomânticos. Instalamos na mesma semana! R. Adamus, 42.

Sabe contar uma história? A Calour Publicações procura romancistas da qualidade de *Os Herdeiros*, de Dechane, e *Moda e Brocalude*, de Ausdenec. Amostras podem ser enviadas para Calour & D. & S. R. Moriss, 211, centro, Sexto Oitante.

Precisa-se de investidores. Investir em energia elétrica vai aumentar sua fortuna. Contador S. T., Strand, 15.

A reunião inistra!

vi meu encante como
m em um terno listra-
o, mas isso não é tão
como poderia ser. Em
lguém vestido como eu
eria tão estranho como
a tarde com os heleos,
Nines Seran, os homens
a usar terços tão chama-
fazem com que alguém

qualquer pessoa naquela sala. Eu não vencera as tribos nos Poços de Elranta? Não fui o primeiro a trazer histórias das encostas das Montanhas de Cinzas, agora verdes pela vegetação? E não fui eu quem domesticou os fabulosos cavalos de pescoço comprido das Planícies de Kaermeron?

"Eu não abaixarei esta arma", disse o homem, "até que pague por seus crimes."

Meus sentidos aumentados notaram um pequeno tremor no discurso do homem. Percebi os movimentos quase imperceptíveis de seus olhos para a direita e para a esquerda. Não era um



11



Cair era algo natural para um Lançamoedas. Aquele momento repentino de aceleração, o estômago contraído, mas o espírito saltando. O vento. O frio das brumas na pele.

Ele abriu os olhos e viu redemoinhos brancos contra o fundo negro, as brumas dançando ao seu redor, convidativas, ansiosas. Todos os alomânticos partilhavam um laço com as brumas, mas os que não eram Lançamoedas não conheciam a emoção de saltar por elas. Quase se fundir a elas. Durante momentos como este, Wax entendia a Guerreira Ascendente. Vin. Ela raramente era chamada pelo nome. Seu título, como os dos outros Preservadores, era usado para mostrar reverência.

A *Histórica*, um volume das "Palavras de Fundação", dizia que ela se fundira com as brumas. Tinha-as tomado para si, tornando-se sua guardiã, enquanto elas se tornavam sua essência. Enquanto o Sobrevivente protegia todos aqueles que lutavam, Vin protegia os que estavam na noite. Algumas vezes, Wax sentia que podia ver a forma dela nos padrões das brumas: magra, cabelo curto espalhado enquanto ela se movia, a capa de bruma flutuando atrás de si.

Era uma miragem, não era?

Wax disparou Vindicação, acertando uma bala no chão e *empurrando-a* para deter a queda. Aterrissou na rua, diante da entrada do edifício, apoiando-se num joelho. Ali perto, alguns esperançosos ainda esperavam conseguir entrar na festa.

— Para onde ele foi? — perguntou Wax, olhando para eles. — Alguém caiu antes de mim. Para onde ele foi?

Eu ainda nem matei seu santo pai...

Ferrugem! Será que ela se referia ao pai de Steris, que em breve seria seu sogro?

— Não... Não tinha ninguém aqui — respondeu um homem de terno preto. — Só aquilo. — Ele apontou para um carro esmagado.

Ao longe, um motor de automóvel ganhou vida. Saiu em disparada, com um som frenético.

A Sangradora deve ser uma Lançamoedas agora, pensou Wax, correndo em direção ao som, esperando que fosse ela. *Mas, se esse fosse o caso, ela não precisaria de um automóvel*. Talvez ela tivesse escolhido o poder feruquêmico de mudar seu peso, para que pudesse flutuar no vento.

Wax lançou-se para cima, observando as linhas de aço em movimento. Nas brumas, uma visão comum tinha alcance limitado, mas as linhas azuis da visão de aço entravam nas brumas como flechas. Ele podia identificar facilmente o carro se afastando, mas não tinha certeza se a Sangradora estava nele. Levou um instante para observar o movimento de outros veículos ali perto. Uma carruagem parou a uma rua de distância. Ele sabia disso pelo jeito que as linhas ligadas às peças de metal do cabresto dos cavalos tremiam. Pessoas caminhavam lentamente pela Alameda Tindwyl. Nada suspeito.

Tomada sua decisão, ele *empurrou* uns postes de iluminação pública, lançando-se atrás do carro que seguia em alta velocidade. Saltou de poste em poste e depois se lançou por sobre o alto de um edifício quando o carro virou uma esquina. Wax passou por cima do prédio, com as brumas rodopiando ao seu redor, quase rente ao telhado. Alguns garotos brincavam nele e o viram passar, boquiabertos. Wax aterrissou na outra extremidade do telhado, o casaco de bruma agitando-se em volta do corpo, e saltou quando o carro passou lá embaixo.

Isso não vai funcionar tão bem quanto você esperava, Sangradora, pensou.

Wax aumentou seu peso e *empurrou* o motor do carro para baixo.

Ele não esmagou a pessoa lá dentro, pois não podia ter certeza absoluta de ter o alvo certo. Seu peso cuidadosamente pressionado fez as rodas arrebentarem como tomates e esmagou o teto do carro só o suficiente para dobrar as portas de metal. Mesmo se a Sangradora tivesse acesso à velocidade aumentada, ela não conseguiria passar por aquelas portas.

Wax aterrissou ao lado do automóvel, com Vindicação na mão, apontada

para um homem confuso que usava um chapéu de taxista. Taxistas dirigindo automóveis? Quando isso começou a acontecer?

— Ele saiu! — exclamou o taxista. — Duas ruas para trás. Ele me disse para continuar dirigindo; não me deixou nem parar quando saltou do carro!

Wax ficou completamente imóvel, com a arma apontada para a testa do taxista. Poderia ser a Sangradora. Ela podia mudar de rosto.

— P-por favor... — disse o taxista, choramingando. — Eu...

Maldição! Wax não conseguia saber. *Harmonia. É ele?*

Teve como resposta uma vaga sensação de incerteza. Harmonia não sabia.

Wax grunhiu, mas afastou a arma do motorista assustado, confiando em seus instintos.

— Onde você o deixou?

— Na rua Tage.

— Vá até a delegacia do Quarto Oitante — instruiu Wax. — Espere por mim ou pelos policiais que enviarei. Provavelmente teremos perguntas para você. Assim que eu estiver satisfeito, compraremos um novo automóvel para você.

Wax *empurrou-se* no ar até a esquina da Tage com a Guillem, o que o deixou na entrada de um labirinto de ruas industriais estreitas, que ligavam os armazéns às docas onde os barcos que chegavam pelos canais eram descarregados. Com a visão e a bolha de aço ativas, ele entrou cuidadosamente nas brumas, mas não tinha muita esperança. Seria muito difícil encontrar um homem sozinho naquela escuridão.

Tudo o que a Sangradora tinha que fazer era escolher um lugar e se esconder. Muitos criminosos na mesma situação que ela não faziam essa escolha inteligente, no entanto. Era difícil ficar completamente imóvel, sem mover nenhum metal, enquanto um alomântico vasculhava o lugar à sua procura.

Wax persistiu, caminhando por uma viela escura, checando a corda que Ranette lhe dera, presa em sua cintura, assegurando-se de que poderia abandoná-la rapidamente caso a Sangradora fosse uma Lançamoedas ou uma Atraidora e ele precisasse soltar seus metais. Logo as brumas o fizeram sentir como se estivesse num corredor sem fim, que desaparecia no nada em ambas as direções. Acima de Wax, também, só havia as brumas rodopiantes e escuras. Ele parou num cruzamento vazio, onde os armazéns silenciosos pareciam leviatãs dormindo nas profundezas dos quatro cantos, só um deles com uma lâmpada

externa acesa. Ele olhou com sua visão de aço, esperando, contando os segundos.

Nada.

Ou o taxista era a Sangradora disfarçada ou a presa de Wax tinha escapado. Wax suspirou, abaixando a arma.

Uma das grandes portas do armazém mais próximo foi derrubada com um estrondo, revelando uma dúzia de homens. Wax sentiu uma onda de alívio. Não perdera sua presa — simplesmente fora atraído para uma armadilha!

Espere.

Maldição, pensou Wax, levantando Vindicação e sacando a Sterrion que trazia no quadril. Ao mesmo tempo, *empurrou* os homens, o que o lançou para trás, em direção à cobertura de um edifício em obras.

Infelizmente, os homens abriram fogo antes que ele aterrissasse. A bolha de aço de Wax desviou uma grande quantidade de tiros, mudando sua trajetória para o vazio. As balas deixavam rastros nas brumas. Uma delas, no entanto, atingiu-lhe o braço.

Wax arfou quando seu *empurrão* o jogou contra uma parede incompleta. Ele disparou um tiro no chão e o *empurrou*, subindo no ar e passando para trás da parede, onde conseguiu cobertura.

As balas continuaram a acertar os tijolos enquanto Wax soltava uma arma e pressionava a mão esquerda contra a parte superior do braço direito, sentindo uma ardência e o sangue escorrendo. Os homens do outro lado da parede continuavam a disparar, e algumas balas não eram acompanhadas por linhas azuis. Balas de alumínio. A Sangradora estava muito mais preparada do que Wax esperava.

Por que continuar atirando com tanta fúria? Estavam tentando derrubar o muro com sua artilharia? *Não. Estão tentando chamar minha atenção enquanto me cercam pelos flancos*.

Wax pegou Vindicação, segurando-a com o braço sangrando e erguendo-a — aquilo *doía* — bem quando várias sombras sem metal algum entraram pelo outro lado do edifício. Wax acertou o primeiro homem na cabeça e derrubou o segundo com um tiro no pescoço. Três outros se ajoelharam, levantando suas bestas.

Alguma coisa puxou um deles para as sombras. Wax ouviu um gemido de

dor bem fraco logo antes de atirar no segundo homem. Virou a arma na direção do terceiro e viu que ele já estava caído, com algo enfiado na cabeça. Uma faca?

— Wayne? — perguntou Wax, recarregando Vindicação às pressas com os dedos ensanguentados.

— Não exatamente — respondeu uma voz feminina. Uma figura alta aproximou-se pelas brumas, movendo-se por sobre a pilha de tijolos para alcançá-lo. Quando ela se aproximou, Wax conseguiu ver os olhos grandes, o cabelo escuro e o vestido justo e elegante, que agora estava rasgado pouco abaixo dos joelhos. A mulher da festa, aquela que tentara flertar com ele.

Wax virou Vindicação recarregada, ergueu-a num movimento suave e apontou para a cabeça da mulher. Do lado de fora, as balas tinham parado de acertar a parede. O silêncio era muito mais sinistro.

— Ah, por favor — falou a mulher, encostando o corpo na parede ao lado dele. — Por que eu salvaria sua vida se fosse sua inimiga?

Porque você pode ser a Sangradora, pensou Wax. Qualquer um podia.

— Hum... você está machucado — comentou a mulher. — É muito grave? Porque *realmente* deveríamos começar a correr agora. Eles vão atacar daqui a pouco.

Maldição. Não tenho muita escolha. Confiar nela e correr o risco de morrer ou não confiar nela e quase certamente morrer.

— Venha — falou Wax, segurando a mulher e puxando-a para perto. Ele apontou Vindicação para o chão.

— Eles têm atiradores — disse ela. — Em cinco telhados, esperando você se *empurrar* nas brumas. Balas de alumínio.

— Como você sabe?

— Ouvi os caras com as bestas sussurrando enquanto davam a volta para pegar você.

Wax grunhiu.

— Quem é você? — perguntou ele, entre os dentes.

— Isso importa agora?

— Não.

— Consegue correr?

— Sim. Não está tão mal quanto parece. — Wax saiu correndo, com a

mulher ao lado.

O ferimento doía como o inferno, mas havia algo nas brumas... Ele se sentia mais forte nelas. Não devia ser assim — ele não era um Braço de Peltre —, mas era o que acontecia.

Na verdade, levar um tiro era ruim, mas não tão ruim quanto as pessoas imaginavam. O tiro acertara pele e músculo, na parte interna do braço, tornando difícil levantá-lo, mas não causaria uma hemorragia. A maioria das balas, na verdade, não parava um homem; psicologicamente, o pânico de ter levado um tiro causava a maior parte dos danos.

Os dois saíram pelo outro lado do edifício, passando pelo homem com a faca na cabeça. Atrás deles, gritos se ouviam nas brumas, e alguns dos responsáveis pela emboscada tentavam entrar no edifício dando tiros para todos os lados.

A mulher corria bem, apesar de estar de vestido. Sim, ela arrancara a parte de baixo, mas ainda parecia correr com facilidade demais, sem suar nem ofegar.

Linhas azuis. Adiante.

Wax agarrou Milan pelo braço, puxando-a para uma viela bem no instante em que um grupo de quatro homens apareceu na rua, apontando suas armas.

— Ferrugem! — disse Wax, espiando pela esquina. A viela curta era um beco sem saída. Os bandidos tinham cercado os dois. — Quantos homens a Sangradora têm? — murmurou Wax, xingando mais uma vez baixinho.

— Não podem ser homens da Sangradora — comentou Milan. — Como ela teria recrutado um exército desses? Ela sempre trabalhou sozinha.

Wax olhou rapidamente para ela. Quanto mais ela saberia sobre tudo aquilo?

— Teremos que lutar — disse Milan enquanto os tiros soavam atrás deles. Levou a mão ao peito, onde o vestido expunha um decote considerável.

Waxillium vira algumas coisas estranhas na vida. Visitara acampamentos de koloss nas Terras Brutas e até fora convidado para se juntar a eles. Encontrara e falara com o próprio Deus e recebera um presente pessoal da Morte. Nada disso o tinha preparado para ver o peito de uma jovem e bela mulher ficar quase transparente e um dos seios se abrir e mostrar o punho de uma pequena pistola.

Ela o pegou e tirou a arma para fora.

— Muito conveniente — observou ela. — Dá para guardar todo tipo de coisa aqui.

— Quem é você?

— MeLaan — respondeu ela, erguendo e segurando a arma com as duas mãos. Desta vez, ela disse seu nome com uma pronúncia levemente diferente. — O Pai prometeu ajuda a você. Aqui estou.

Uma Imortal sem Rosto. Assim que ela parou de falar, Wax ouviu um farfalhar em sua mente. *Pode confiar nela*. A voz de Harmonia, acompanhada por uma sensação de infinito, uma visão como jamais tivera antes. Era a melhor confirmação que poderia ter de que ela não era a Sangradora.

Mesmo assim, Wax semicerrou os olhos para a mulher.

— Espere. Acho que sei quem você é.

Ela sorriu.

— Nós nos conhecemos esta noite. Joguei charme para você, lembra? Você fica com os da frente ou com os de trás?

Pelo menos uma dúzia de homens os perseguia. Quatro na frente. Ele tinha que confiar em alguém em algum momento.

— Fico com os de trás.

— Que cavalheiro — brincou ela. — A propósito, tecnicamente eu não deveria matar pessoas. Eu... ah... acho que já quebrei essa regra hoje. Se conseguirmos sobreviver, por favor não diga a TenSoon que matei um monte de gente de novo. Ele fica chateado com isso.

— Claro. Sem problemas.

Ela sorriu. Quem quer que fosse, esse lado dela era completamente diferente do que mostrara antes.

— Diga quando.

Wax espiou a esquina. Figuras sombrias moviam-se nas brumas, aproximando-se de sua posição. Se ela estivesse certa, e isso não fosse coisa da Sangradora, então quem...

Balas de alumínio. Atiradores para impedir sua fuga.

Era seu tio. De algum modo, Wax havia caído em sua armadilha. Ah, Harmonia... Se a Sangradora e o Grupo estiverem trabalhando juntos...

Ele jogou um cartucho de bala para o lado, contra a parede à sua direita, e o segurou no lugar com um leve *empurrão* alomântico. Flexionou o braço machucado e ergueu as duas armas.

— Vamos.

Wax não esperou para ver o que MeLaan faria. Ele *empurrou* o cartucho, atirando-se para a rua, agitando as brumas. Os homens atiraram, e Wax aumentou seu peso antes de *empurrar* com toda a sua força, lançando uma onda de energia alomântica. Algumas armas foram lançadas para trás e algumas balas pararam no ar. Os homens grunhiram conforme seu *empurrão* os mandava para longe.

As armas de dois homens não foram afetadas pelo *empurrão*. Wax atirou neles primeiro. Os dois caíram, e ele não deu tempo para que os outros homens alcançassem as armas de alumínio. Diminuiu muito seu peso e *empurrou* contra os homens atrás dele, esperando que aquilo ajudasse MeLaan.

Seu *empurrão* o mandou para o meio dos homens com os quais lutava. Ele aterrissou, chutando uma das armas de alumínio para longe, no meio das brumas. Depois, abaixou Vindicação e perfurou a cabeça de um bandido bem na altura da orelha. Os estouros de seus disparos soavam na noite.

Wax continuou atirando, derrubando os homens ao redor dele enquanto girava nas brumas. Alguns o atacavam com bastões de duelo enquanto outros preferiam arco e flecha. Ele não localizou nenhum alomântico. Na noite, finalmente conseguiu provar o valor de seu casaco de bruma. Enquanto desviava dos bandidos, chutando a outra arma de alumínio para longe, as franjas de seu casaco rodopiavam no ar, parecendo se misturar com as brumas. Os homens atacavam onde achavam que ele estava, mas as franjas os confundiam.

Ele se contorceu entre dois bandidos, ergueu uma arma para cada lado e disparou, mandando-os para o chão. Depois, virou-se e apontou as duas armas para um homem que se aproximava dele.

Acho que as duas já estão descarregadas. Puxou os gatilhos mesmo assim. As armas emitiram apenas um clique.

O homem aterrorizado cambaleou para trás, mas então parou.

— Ele está sem munição! Venham! Ele está sem defesas! — O homem avançou.

Wax soltou as armas.

Por que, exatamente, eles presumem que preciso de armas para ser perigoso?

Ele enfiou a mão no casaco e soltou a corda que trazia na cintura. Largou uma ponta, deslizando a corda entre os dedos. O gancho de Ranette tilintou quando acertou o chão.

O homem diante dele hesitou ao ouvir o som, segurando, nervoso, o bastão de duelo.

— Era assim que costumava ser feito antes — comentou Wax.

Ele puxou a corda, chicoteando a ponta de metal no ar, e *empurrou* o gancho contra o peito do homem, deixando que a corda corresse por entre seus dedos para dar mais folga. O golpe quebrou costelas do sujeito, e Wax puxou a corda de volta, balançando o gancho no ar enquanto se virava. *Empurrou* de novo, acertando o metal num homem que levantava um arco.

Wax virou e se ajoelhou, rodando a corda ao redor de si num grande arco, agitando as brumas enquanto lhe dava mais folga e *empurrava* o gancho, atirando-o contra o peito de outro homem. Wax puxou o gancho de volta, pegando outro homem pela coxa e fazendo-o perder o equilíbrio enquanto avançava com um bastão de duelo.

Wax pegou o gancho com uma das mãos e se virou mais uma vez, *empurrando* a ponta de metal no ombro de um inimigo. Wax o soltou com um puxão e o *empurrou* diretamente no rosto do homem.

Mais um, pensou Wax. Deu meia-volta, puxou o gancho e procurou.

O último homem rastejava no chão em busca de alguma coisa. Levantou os olhos, segurando uma das armas de alumínio caídas.

— O Grupo manda seus cumprimentos, homem da...

Parou de falar quando uma sombra por trás dele enfiou uma faca nas suas costas.

— Fica a dica, garoto — comentou MeLaan. — Guarde as piadas até que seu inimigo esteja morto. Assim. Viu como é fácil? — Chutou o cadáver no rosto.

Wax olhou para os homens caídos e gemendo ao seu redor. Segurou a corda com força. Os atiradores nos telhados logo se reposicionariam e começariam a atirar.

— Precisamos agir rápido. Acho que a Sangradora vai atrás de Lorde Harms, o pai da minha noiva.

— Maldição — exclamou MeLaan. — Quer tentar subir e ir atrás dos atiradores?

— Não temos tempo para isso — sussurrou Wax. Apontou para a rua. — Você vai por ali; eu vou pelo outro lado. Se conseguir despistá-los, vá para a Taça do Conselheiro, uma taverna no Caminho de Edden. Eu a encontrarei lá

depois que procurar Lorde Harms. Se eu ou alguém que eu mandar falar com você, diga primeiro as palavras “todas as calças amarelas”.

— Pode deixar.

— Boa sorte.

— Não sou eu quem precisa de ajuda, homem da lei — disse MeLaan. — *Eu* sou basicamente à prova de balas.

Ela lhe fez uma saudação zombeteira e seguiu rua abaixo, correndo pelas brumas.

Wax recuperou Vindicação, mas não a guardou no coldre. Em vez disso, pegou um dos cadáveres caídos nas proximidades, colocou-o sobre o ombro e encheu os bolsos do morto de balas. Depois, tirou seu cinturão. Não sabia se os atiradores eram Nascidos do Metal, prontos para ver linhas de metal nas brumas.

Só por precaução, ergueu o cadáver por sobre a cabeça e o *empurrou*, mandando-o bem alto nas brumas. Depois, *empurrou* seu cinturão, fazendo-o voar diante dele pela rua.

Por fim, saiu correndo, indo até o cinturão e usando Alomancia para erguê-lo e mandá-lo para a frente mais uma vez sempre que começava a cair. Um tiro irrompeu na noite, mas Wax não conseguiu localizar a origem. Não sabia se o atirador tentava atingir o cadáver, o cinturão ou ele. Outro tiro veio em seguida.

Ele saiu da viela, pegou o cinturão e saltou, sobrevoando a passarela e mergulhando na escuridão gélida do canal. A água escura o cercou e as armas o puxavam para baixo enquanto o casaco de bruma flutuava.

Ele agitou as pernas, procurando o fundo. Então, ainda submerso, *empurrou* os anéis de amarração em cada lateral do canal. Quase todo mundo, até mesmo atiradores experientes, subestimavam o poder amortecedor de bons trinta centímetros de água. Wax movia-se pelo canal como um peixe nadando rio abaixo, continuando a *empurrar* os anéis de amarração conforme passava por eles, permanecendo no meio da água, ainda submerso. Passou por baixo de um barco, raspando o fundo, mas continuou a *empurrar*, rezando para não se chocar contra alguma coisa nas profundezas.

Quando ficou sem ar, já devia ter viajado por vários quarteirões. Saiu da água e, tossindo, rastejou pela margem do canal até alcançar a rua. Ficou em pé, cambaleando. Ninguém estava atirando nele, o que era um bom sinal.

Fez uma pausa apenas para recuperar o fôlego e fazer uma atadura grosseira

no braço. Então, ganhou os céus, dirigindo-se para a mansão Harms.

12



— Tudo bem — falou Wayne, segurando seu bloco de anotações. — Tem certeza de que o camarada não estava agindo de modo estranho? Nada esquisito?

A criada negou com a cabeça, sentada, abraçando o corpo. Por fim, tinham conseguido descer da cobertura, seguindo o êxodo em pânico dos ricos. O governador estava cercado por um círculo de guardas à esquerda de Wayne, e várias lâmpadas elétricas fortes iluminavam a noite cheia de brumas.

O jardim na frente do arranha-céu parecia bem vazio agora que tantas pessoas tinham ido embora. Wayne imaginou que aquilo mudaria em breve, assim que Marasi voltasse com mais alguns policiais. Ela tinha saído correndo para buscá-los e fazer um relato. Isso significava que Wayne era o único oficial da lei na vizinhança. Um pensamento assustador.

— Tenho mais uma pergunta para você — disse Wayne para a mulher.

— Sim, oficial? — disse ela.

— Onde você conseguiu esses sapatos?

A mulher pestanejou antes de olhar para os pés.

— Hum... meus sapatos?

— Sim, seus sapatos — confirmou Wayne. — Parecem muito confortáveis, parecem, sim. Sapatos pretos nunca são demais. Combinam com praticamente tudo.

Ela olhou para ele.

— Você é homem.

— Claro que sou — respondeu Wayne. — Confirmei na última vez em que fui ao banheiro. Os sapatos?

— São da loja Rousseau — disse ela. — Terceiro Oitante, na rua Yomen. — Ela fez uma pausa. — Estavam em promoção na semana passada.

— Maldição! — exclamou Wayne. — Isso é ótimo. Obrigado. Você já pode ir.

Ela lhe deu aquele olhar que as pessoas pareciam dar apenas para Wayne, aquele que ele não entendia muito bem. Ah, certo. Ele escreveu o nome da loja de sapatos. Se tivesse que usar aqueles sapatos de salto horríveis da sua caixa de disfarces mais *uma* vez, provavelmente ficaria louco.

Colocou um chiclete na boca e caminhou até o grupo de guardas enquanto revia suas anotações. *Aquele criado lá em cima não era nenhum kandra*, pensou, batendo no caderno com o lápis. Wayne conversara com uma dúzia de empregados. Todos conheciam o camarada e disseram que ele não estava agindo de modo estranho. Mas ninguém gostava dele. Era um idiota, e nenhum deles estava surpreso que ele acabasse sendo a maçã podre.

Um amador poderia pensar que escolher o cara novo seria um bom disfarce, mas essa Sangradora poderia ser *qualquer um*. Por que pegaria o último homem da lista, alguém que se juntara à equipe havia algumas semanas? Claro, ser novo lhe dava uma desculpa para não saber o nome das pessoas, mas, segundo os relatos, o camarada não esquecera o nome de ninguém esta noite. E escolher um esquisitão com uma má reputação só faria todo mundo ficar de olho nela. Uma escolha terrível para um imitador.

Aquele cara devia ser algum outro tipo de infiltrado. Wayne balançou a cabeça.

— Onde está Drim? — perguntou para os guardas. — Quero mostrar para ele o que consegui.

O guarda se inclinou, olhando o caderno de anotações de Wayne.

— Aí só tem um monte de rabiscos.

— É para fazer de conta — explicou Wayne. — As pessoas falam mais se acham que você está escrevendo coisas. Não sei o motivo. Eu certamente não ia querer que ninguém se lembrasse das bobagens que digo... — Ele hesitou e, então, empurrou o guarda de lado, olhando para o meio do grupo. Drim não estava ali, nem o governador.

— O que fizeram com ele?! — perguntou Wayne, voltando-se para os demais. Um bando presunçoso de desgraçados, era isso que eram.

— Era melhor que todo mundo pensasse que ele ainda estava aqui — explicou o guarda. — Na verdade, ele e Drim foram para um local seguro há muito tempo. Se enganamos você, então, com sorte, também enganamos o assassino.

— Enganando... eu devia estar protegendo o cara!

— Bem, você está fazendo um trabalho ferrado de bom, camarada, não acha? — disse o guarda, sorrindo maliciosamente.

Então, Wayne fez a única coisa razoável. Cuspiu o chiclete e socou o camarada.

Wax raramente apreciava tanto a cidade como quando precisava ir a algum lugar com rapidez.

Para os olhos dos alomânticos que queimavam aço, Elendel era viva e cheia de movimento, mesmo quando coberta pela escuridão e pelas brumas. Metal. De certo modo, essa era a verdadeira marca da humanidade. O homem tinha domesticado as pedras, os ossos da terra. O homem tinha domesticado o fogo, aquela alma efêmera e consumidora de vida. E, combinando ambos, tirou a própria essência das rochas e fez ferramentas fundidas.

Wax passou por entre os arranha-céus como um sussurro, o movimento secando suas roupas. Ele se tornara apenas outra corrente que agitava as brumas, movendo-se como o eixo de uma rede majestosa de linhas azuis, como um milhão de dedos estendidos apontando o caminho para âncoras que ele usava ao longo do caminho. Quando até um cavalo em galope era lento demais, Wax tinha o aço. O metal queimava nele, retornando ao fogo que o formara.

Daí ele tirava poder. Algumas vezes, isso não era o bastante.

Mas, naquela noite, ele atravessou uma das janelas superiores iluminadas da mansão Harms, rolando no chão e se aprumando com as armas apontadas. Lorde Harms virou-se na cadeira da escrivaninha, derrubando o pote de tinta. O velho de rosto vermelho tinha uma pança confortável, maneiras tranquilas e um bigode que competia com a papada para ver quem chegaria mais rápido no chão. Ao ver Wax, ele se sobressaltou e tentou abrir a gaveta da escrivaninha.

Wax esquadrinhou a sala. Não havia mais ninguém ali. Nenhum inimigo nos cantos, nenhum pedaço de metal se mexendo nos armários ou no quarto.

Chegara a tempo. Wax soltou um suspiro de alívio, levantando-se enquanto Lorde Harms por fim conseguia abrir a gaveta. O homem pegou a pistola, de um modelo moderno, semiautomático, popular entre os policiais. Harms ficou em pé de um salto e correu até Wax, segurando a arma com as duas mãos.

— Onde eles estão? — exclamou Harms. — Podemos acabar com eles, hein, garotão?

— Você tem uma arma — comentou Wax.

— Sim, de fato, sim, de fato. Depois do que aconteceu no ano passado, percebi que um homem tem que estar armado. Qual é a emergência? Dou cobertura para você!

Wax abaixou cuidadosamente a ponta da arma de Lorde Harms, caso tivesse uma bala na câmara — porque, felizmente, o velho não colocara o carregador no lugar. Wax olhou de relance para as janelas. Tinha-as aberto com um *empurrão* ao se aproximar, mas eram feitas para abrir para fora, *não* para dentro. Ele arrancara as duas folhas das dobradiças, derrubando uma e deixando a outra pendurada no canto. Ela finalmente cedeu, despencando no chão e quebrando o vidro dentro da moldura de madeira.

As brumas entravam pela abertura, inundando o chão. Onde estava a Sangradora? Em algum lugar da casa? Fazendo de conta que era uma criada? Um vizinho? Um policial passando na rua?

Parada na sala com ele?

— Jackstom — falou Wax, olhando para Lorde Harms —, você se lembra de quando nos conhecemos, e Wayne fingiu que era meu mordomo?

Harms franziu a testa.

— Seu tio, você quer dizer?

Ótimo, pensou Wax. Uma impostora não saberia isso, saberia? Ferrugem!... Ele tinha que suspeitar de todo mundo.

— Você está em perigo — falou Wax, colocando as armas nos coldres nos quadris. Seu terno estava bem estragado pela água do canal, e ele tinha jogado a gravata de lado, mas seu casaco de bruma estava muito pior. — Vou tirar você daqui.

— Mas... — Lorde Harms recuou, empalidecendo. — E minha filha?

Como se ele só tivesse uma.

— Steris está bem — garantiu Wax. — Wayne está cuidando dela. Vamos.

O problema era: ir para onde? Wax tinha uma centena de lugares para onde poderia levar Harms, mas a Sangradora podia estar em qualquer um deles. As probabilidades certamente estavam a favor de Wax, mesmo assim...

A Sangradora é antiga, dissera Harmonia. *Mais velha do que a destruição do mundo. Ela é habilidosa, cuidadosa e brilhante... Passou séculos estudando o comportamento humano.*

Qualquer opção que Wax escolhesse poderia ser exatamente a que a Sangradora previra que ele escolheria. Como enganar algo tão antigo, tão sábio?

A solução parecia fácil. Era só não tentar.

Steris saiu da Torre ZoBell e encontrou Wayne sentado do outro lado da rua diante de um amontoado de homens feridos e obviamente zangados. Wayne comia um sanduíche.

— Ah, Wayne — disse ela, olhando para os homens, hostis e feridos, e depois para ele. — São os guarda-costas do governador. Innate vai precisar deles esta noite.

— Não foi minha culpa — respondeu Wayne. — Eles foram pouco corteses. — Deu uma mordida no sanduíche.

Ela suspirou, acomodando-se ao lado dele e olhando através das brumas na direção da torre. Podia ver as luzes acesas em vários andares brilhando como fantasmas, mostrando o caminho até o topo.

— É assim que vai ser com ele, não é? — perguntou ela. — Sempre sendo deixada para trás no meio de alguma coisa? Sempre sentindo que *meio* que faço parte da vida dele?

Wayne deu de ombros.

— Você podia fazer a coisa mais nobre, Steris. Desistir dessa coisa de casamento. Deixá-lo livre para encontrar alguém de quem realmente goste.

— E o investimento da minha família nele e em sua casa?

— Bem, sei que aqui vão palavras revolucionárias, Steris, mas você pode emprestar dinheiro a um sujeito *sem* que ele tenha que começar a apreciar você, se entende o que quero dizer.

Bom *Harmonia*, Wayne podia ser incrivelmente sem modos. Ele não era assim com os demais. Ah, era grosseiro e caprichoso, mas raramente era rude de um jeito descarado. Deixava aquilo só para ela. Será que ele esperava que ela

revidasse, que provasse quem era, de algum jeito? Ela nunca fora capaz de entendê-lo. Preparar o que dizer para ele só parecia deixá-lo mais vulgar.

— Ele disse para onde ia? — perguntou ela, tentando permanecer educada.

— Não — disse Wayne, dando outra mordida no sanduíche. — Estava perseguindo a Sangradora. Isso quer dizer que pode ter ido para qualquer lugar, o que quer dizer que seria inútil tentar encontrá-lo. Ele virá me buscar quando puder. Se eu partir, podemos acabar nos desencontrando.

— Entendo. — Ela se recostou no banco, cruzando os pés no meio-fio e encarando as luzes. — Você me odeia pelo que eu represento, Wayne? As responsabilidades que trouxeram Wax de volta a Elendel?

— Eu não odeio você — falou Wayne. — Acho você repulsiva. Há uma diferença importante, há, sim.

— Mas...

Wayne se levantou. Enfiou o resto do sanduíche na boca.

Então, foi até os guardas que o olhavam com caras de poucos amigos e se sentou. A implicação era óbvia.

Prefiro ficar aqui.

Steris fechou os olhos, apertando-os com força, e tentou fingir que era outra pessoa por um tempo. Logo, o som de sinos anunciou a chegada das carruagens da polícia. Ela se levantou e se recompôs, aliviada quando viu Marasi sair de um dos veículos e correr até ela.

— Waxillium? — perguntou.

Steris negou com a cabeça.

— Entre. — Marasi apontou para uma das carruagens. — Vou mandar você para um lugar seguro.

— Acho que o perigo já passou por aqui — comentou Steris. — A menos que Wayne procure briga de novo.

— Não — corrigiu Marasi. — O perigo só começou.

Alguma coisa no tom de voz da mulher mais jovem fez com que Steris prestasse atenção. Outros policiais não saíram das carruagens. Na verdade, pareciam esperar por Marasi. Não tinham ido lá investigar o homem que Waxillium perseguira.

— Alguma coisa aconteceu, não foi? — perguntou Steris.

— Sim — respondeu Marasi. — Wayne, venha aqui! Temos trabalho a fazer.

Wax escondeu Lorde Harms no alto da Torre Feder. Escolheu o lugar no mapa da cidade, por meio de números aleatórios; com sorte, a Sangradora não seria capaz de se adiantar a um plano que não foi premeditado. Harms tinha instruções para ficar abaixado, escondido na escuridão e em silêncio. Mesmo se a Sangradora pudesse *empurrar* aço e procurá-lo na noite, a chance de dar de cara com Harms era ridiculamente baixa, beirando o impossível. Aquilo não impedia Wax de se preocupar. O pai de Steris era um homem tolo, mas bondoso e amável.

Era o melhor que Wax podia fazer, já que precisava localizar o governador. Essa caçada tomou mais tempo do que Wax imaginava, o que era uma coisa boa, na verdade. Significava que Drim, apesar de não gostar de Wax, estava fazendo seu trabalho adequadamente. Pelo que Wax conseguiu perceber, ao menos três carruagens sem marcas tinham saído da Torre ZoBell: duas iscas e uma com o governador. Ele localizou uma na rua Stanton e a descartou. Muito óbvia, com os guardas montados em cima. Imaginando que a outra tinha ido para leste, descobriu-a dirigindo em círculos no Terceiro Oitante, também tentando chamar a atenção. Movia-se devagar demais.

Além disso, o governador não iria por aquele caminho. Innate era um lutador. Ele não gostaria de ser visto com medo, escondendo-se do perigo. Foi o que Wax se pegou pensando, empoleirado no alto de um edifício perto da Alameda Hammond, a algumas ruas da mansão de Innate. Ele voltaria para casa, evitando as casas seguras da cidade. Ele gostaria de estar em seu centro de poder e autoridade.

As brumas pareciam brilhar na cidade, iluminada por milhares de luzes, um número crescente delas elétricas. Levou tanto tempo para a carruagem chegar que Wax começava a repensar suas conclusões. Mas ela chegou: um veículo fechado, de teto alto e cortinas vermelhas. Sim, era um tanto quanto discreta. Os cavalos, no entanto, eram do bando de reprodutores premiados do governador. Assim como os das outras duas carruagens.

Wax balançou a cabeça enquanto saltava e *empurrava* até o alto dos arcos de pedra do lado de fora do Primeiro Banco de Seguros. A carruagem avançava rapidamente e não tinha escolta visível. Deviam ter dado uma volta bem grande para demorar tanto tempo até chegar ali. Wax saltou da fachada do banco e *empurrou* um poste de iluminação, arremessando-se atrás da carruagem do governador. Aterrissou no alto do veículo e acenou com a cabeça para o

cocheiro, surpreso, antes de se pendurar ao lado da carruagem e bater na porta, preso por um braço sobre os paralelepípedos que ficavam rapidamente para trás na rua. Era visível que estavam forçando os animais ao máximo.

Depois de alguns instantes, a cortina da janela se abriu, revelando o rosto surpreso de Drim.

— Ladrian? — perguntou ele. — O que diabos está fazendo?

— Sendo educado — respondeu Wax. — Posso entrar?

— E se eu recusar?

— Então vou *parar* de ser educado.

Drim deu um sorriso zombeteiro, mas olhou de relance para o governador, que estava ao seu lado, com o chapéu no colo. O homem assentiu, e Drim suspirou e se voltou para a porta.

Não pararam a carruagem. Então, Wax teve que se soltar, derrubar um cartucho de munição e *empurrar-se* de volta para a carruagem quando Drim abriu a porta. Segurou a porta com uma das mãos, *empurrando* um poste pelo qual passavam, e entrou no veículo, sentando-se no banco na frente de Drim e do governador.

Drim seria um disfarce perfeito para a Sangradora. Assim como o motorista da carruagem, ou basicamente qualquer um com acesso ao governador, incluindo sua esposa e família.

— Lorde Ladrian — disse Innate, com um suspiro. — Acabar com a festa não foi o bastante para você? Tem que me incomodar no caminho para casa também?

Wax deu de ombros e se preparou para *sair* da carruagem. Já tinha a porta meio aberta quando Innate, falando precipitadamente, continuou:

— O que está fazendo agora, seu tolo?

— Vou embora — falou Wax. — Há milhares de lugares em que eu podia estar agora, a maioria deles mais agradáveis. — Ele hesitou e, então, pegou uma de suas Sterrions, girou-a na mão e deu para o governador pelo punho. — Tome.

Os olhos do governador se esbugalharam.

— Por que eu precisaria de uma arma? Tenho guarda-costas.

— Assim como seu irmão — comentou Wax. — Pegue. Eu me sentirei culpado quando você levar um tiro, se eu não tiver feito *alguma coisa*.

— Um tiro? — Innate empalideceu. — Meu irmão foi morto por causa de seus flertes com o submundo de Elendel. Eles não ousarão tocar em mim.

— Tenho certeza de que não — falou Wax, inclinando-se para fora da porta. Então, hesitou mais uma vez e olhou para dentro. — Sabe como reconhecer uma kandra, certo, Drim?

— Uma o quê? — perguntou o guarda-costas de pescoço largo.

— Isso são mitos — disse Lorde Innate.

— São? — insistiu Wax. — Então aquela que eu conheci essa noite devia estar mentindo. Embora eu não possa dizer como ela tornou sua pele transparente. Ah, bem... Acho que você tem tudo sob controle.

— Você pretendia me contar — falou Innate, detendo Wax com um toque antes que ele pudesse sair pela porta — que um dos *Imortais sem Rosto* estava na minha festa esta noite?

— Dois, na verdade — corrigiu Wax. — Uma veio ajudar. Eu a apresentaria para você e pediria para ela provar sua natureza, mas parece que você já tem uma opinião formada a esse respeito. A outra que estava na sua festa foi a pessoa que matou seu irmão. Tem certeza de que não quer uma arma? Não? Tudo bem, eu só...

— Você me convenceu, Lorde Waxillium — disse Innate, contrariado. Voltou a se acomodar perto de uma lâmpada da carruagem, que queimava gás para fornecer iluminação adequada.

— Milorde — falou Drim, olhando para Innate —, isso é estúpido. Os Imortais sem Rosto? Uma em cada duas pessoas afirma ter encontrado um só para conseguir aparecer nos jornais! Não está realmente acreditando nessa história, não é?

Innate observou Wax.

— Ele está — respondeu Wax. — Porque sabe que *alguma coisa* estranha aconteceu com o irmão dele. Morto na sala secreta, os seguranças assassinados pelas costas por alguém em quem confiavam... E Winsting Innate levava sua segurança *muito* a sério. Suspeito que mais a sério do que você, senhor governador.

— Pode me apresentar para uma dessas criaturas? — perguntou Innate. — Posso ter uma prova da existência delas?

— Pode.

— Mas por que um dos servos do próprio Harmonia mataria Lorde Winsting? — indagou Drim.

— A kandra ficou louca — disse Wax, baixinho. — Ainda não sabemos quais são seus motivos, mas ela parece querê-lo morto, senhor governador. Então minha tarefa é mantê-lo vivo.

— O que faremos? — perguntou Innate. — Como vamos nos preparar?

— Bem, primeiro vou assumir sua segurança — começou Wax.

— O diabo que vai! — exclamou Drim.

— Isso é impossível — concordou Innate. — Drim tem me servido bem há anos. Ele... Aonde você vai?

Wax já estava na porta quando se virou.

— Eu queria ver uma peça hoje à noite — comentou, gesticulando. — Imagino que ainda possa pegar o final do espetáculo enquanto vocês dois discutem isso.

— E se a criatura vier até mim enquanto você estiver fora? — perguntou Innate.

— Tenho certeza de que o chefe da sua segurança pode lidar com isso — falou Wax. — Ele sabia que a kandra estava na festa hoje, não sabia? E certamente não deixou de notar quando Wayne se infiltrou disfarçado. E...

— Você pode revisar meus protocolos de segurança. — Innate cedeu com um suspiro. — E dar seus conselhos.

— Tudo bem — disse Wax, fechando a porta enquanto a carruagem virava uma esquina e se aproximava da mansão do governador. — Mas vocês têm que concordar com uma coisa agora mesmo. Darei a cada um dos dois uma contrassenha e quero que ambos jurem que não vão contá-la para *ninguém*. Nem mesmo um para o outro ou para Lady Innate. Vocês também me darão uma contrassenha. Quando nos encontrarmos, vamos trocá-las com um sussurro, o que provará que nenhum de nós foi substituído.

— Você sinceramente acha que eu não reconheceria minha própria esposa? — perguntou Innate, cansado.

— Tenho certeza de que sim — disse Wax, suavizando o tom de voz. — Mas essa é uma exigência em troca da minha ajuda, e vocês devem me atender. Isso vai me deixar mais tranquilo.

A família representava o maior perigo. A Sangradora parecera muito

confiante, como se tivesse o governador na palma da mão, o que fazia Wax pensar que a criatura já conseguira algum parente. Lady Innate não estava na festa, mas Harmonia dissera que a Sangradora podia mudar de corpo sempre que desejava. Ferrugem e Ruína, que situação horrível. A Sangradora podia ter matado um sobrinho ou uma sobrinha, até mesmo uma criancinha, e estar planejando imitar um deles para chegar até o governador. Na *Histórica*, os kandra imitavam animais. Os bichinhos de estimação podiam ser assassinos.

Wax olhou para o governador, que parecia profundamente perturbado, com as mãos apertadas, o olhar perdido. Ele começava a entender as implicações daquilo. Innate não era idiota. Só egoísta e, possivelmente, corrupto.

A carruagem parou diante da mansão, e Drim desceu. Quando Wax se preparava para segui-lo, o governador o pegou pelo braço.

— Quero ver essa sua prova, terrabrutense.

— Arranjarei um encontro amanhã.

— Esta noite.

Wax assentiu.

— Se isso for verdade — disse o governador, ainda segurando seu braço —, o que faremos? Li as “Palavras de Fundação”. Sei do que os Imortais sem Rosto são capazes. Ruína... esta criatura pode ser qualquer um. Contrassenhas não serão o bastante. Nem de perto.

— Não serão — admitiu Wax. — Senhor, a coisa tem acesso às artes metálicas também. A qualquer momento, ela pode ser qualquer coisa, de um Pulsador a um Arquivista. Embora só possa carregar um de cada vez sem correr o risco de perder o controle, ela pode mudar seus poderes conforme sua vontade.

— Grande *Harmonia* — sussurrou o governador. — Como se detém uma coisa dessas?

— Francamente, não sei. Você já devia estar morto.

— Por que não estou? — perguntou o governador, acenando para afastar Drim, que voltara para a carruagem para ver o que acontecia. — Esta criatura poderia ter me matado com a mesma facilidade que matou meu irmão.

— Ela parece ter algum tipo de objetivo. Maior do que você. Ela pode não querer derrubá-lo até que isso derrube o governo da cidade inteiramente. — Wax hesitou e se aproximou. — Senhor, você deveria deixar Elendel.

— Partir? — repetiu Innate. — Você já *viu* o que está acontecendo na

cidade?

Wax assentiu.

— Eu...

— Greves de trabalhadores — prosseguiu Innate como se não tivesse ouvido Wax. — Os preços dos alimentos nas alturas. Homens demais sem trabalho, muitos outros exigindo melhores condições. Ferrugem! Há praticamente motins nas ruas, homem! E o *escândalo*. Não posso ir embora. Minha carreira estaria acabada.

— Melhor do que sua vida estar acabada.

O governador olhou para ele. Não parecia ver a situação desse jeito.

— Partir é impossível — reiterou Innate. — Seria como se eu abandonasse o povo... Eles pensariam que o escândalo me obrigou a me esconder. Eu seria visto como um covarde. Não. Impossível. Mandarei Lady Innate para um lugar seguro, assim como as crianças. Devo ficar, e *você* precisa cuidar disso, o que quer que seja. Detenha essa coisa antes que isso vá longe demais.

— Tentarei — afirmou Wax, inclinando-se. — Dê-me uma contrassenha para que possa me reconhecer. Algo de que possa lembrar, mas sem sentido.

— Levedura na areia.

— Ótimo. A minha é “ossos sem sopa”. Tem uma sala secreta?

— Sim — respondeu Innate. — No subsolo da mansão, embaixo da sala de estar.

— Fique lá — pediu Wax, saindo da carruagem. — E, se trancar a porta, *não* deixe ninguém entrar até que eu volte e possa dar a contrassenha.

Assim que desceu, Wax se pegou sacando Vindicação.

Levantou a arma antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. Gritos de alarme, mas não de dor. Uma criada saiu correndo da mansão do governador, deixando para trás os pilares da entrada, brancos e reluzentes sob as luzes, como uma linha de fêmures.

— Milorde! — gritou a mulher. — Recebemos um telegrama. Aconteceu algo importante. Você vai precisar preparar um comunicado!

— O que foi? — Wax quis saber enquanto o governador descia da carruagem.

A criada hesitou, com os olhos arregalados ao ver a arma de Wax. Ela usava

um uniforme negro elegante, cuja saia descia até o tornozelo, e echarpe vermelha no pescoço. Uma governanta ou talvez uma das conselheiras do governador.

— Sou policial — disse Wax. — Qual é a emergência?

— Um assassinato — falou ela.

Harmonia, não...

— Não foi Lorde Harms. Por favor, me diga! — Será que deixara o homem sozinho para ser morto em sua pressa em encontrar o governador?

— Lorde quem? — perguntou a mulher. — Não foi um nobre, policial. — Ela olhou para Drim, que assentiu, indicando que Wax era de confiança. — Foi o padre Bin. O sacerdote.

Marasi olhava o cadáver, que fora pregado na parede como uma tapeçaria antiga. Uma estaca através de cada olho. O sangue pintava as bochechas do homem e ensopava a túnica cerimonial branca, formando um traje carmesim. Quase como um V terrisano. O sangue também manchava a parede nos dois lados do cadáver, marcado pelos movimentos de braços e dedos. Marasi estremeceu. O sacerdote estava vivo quando aquilo aconteceu.

Apesar dos policiais que inspecionavam e andavam pela grande nave da igreja, Marasi sentia-se sozinha, parada diante daquele cadáver de olhos de aço. Apenas ela e o corpo, uma cena perturbadoramente reverente. Aquilo a fazia se recordar de algo da *Histórica*, embora não conseguisse se lembrar do quê.

O capitão Aradel apareceu ao lado dela.

— Tive notícia da sua irmã — comentou ele. — Nós a deixamos numa das nossas casas mais seguras.

— Obrigada, senhor.

— O que acha disso? — perguntou ele, apontando para o corpo.

— É horrível, senhor. O que aconteceu exatamente?

— Os conventicalistas não estão sendo de muita ajuda — falou ele. — Não sei se estão em estado de choque ou se consideram ofensiva nossa intrusão aqui.

Ele gesticulou para ela ir na frente, e eles passaram por Wayne, que estava sentado num dos bancos, mascando chiclete e olhando para o corpo. Marasi e Aradel saíram da nave abobadada e entraram num pequeno vestíbulo onde uma fila de pessoas de rosto acinzentado estava sentada em alguns bancos. Eram conventicalistas, pessoas que trabalhavam numa igreja sobrevivencialista.

Uma mulher de cabelo cinzento estava sentada na frente, usando o vestido formal de uma matrona da igreja. Ela enxugava as lágrimas, e várias crianças estavam perto dela, olhando para baixo. O policial Reddi estava parado ali perto. Ele enfiou a prancheta embaixo do braço e bateu continência para Aradel. Em geral, não era o tipo de coisa na qual um comissário de polícia estaria envolvido, mas Aradel fora detetive por muitos anos.

— Vai cuidar dos interrogatórios pessoalmente, senhor? — perguntou Reddi. Os conventicalistas ficaram visivelmente tensos com a palavra “interrogatórios”. Marasi podia ter batido nele por causa daquele tom de voz.

— Não — respondeu Aradel.

— Muito bem, senhor — disse Reddi, ajeitando a gravata-borboleta e pegando a prancheta. Deu um passo na direção dos conventicalistas.

— Na verdade — falou Aradel —, eu estava pensando em deixar a tenente Colms tentar fazer os interrogatórios.

Marasi sentiu uma pontada de pânico, que reprimiu imediatamente. Não tinha medo de um simples interrogatório, em particular um com testemunhas amigáveis, mas o jeito como Aradel disse aquilo, tão sério, a fez sentir como se fosse algum tipo de teste. Maravilha.

Ela respirou profundamente e passou por Reddi, que abaixara a prancheta e olhava para ela. O grupo era formado por oito pessoas, todas de ombros curvados. Qual era o melhor modo de se aproximar delas? Elas já tinham descrito para um desenhista o que acontecera, mas os detalhes podiam separar Ruína e Preservação.

Marasi acomodou-se no banco, entre duas delas.

— Minhas condolências pela perda de vocês — disse, baixinho. — Minhas desculpas também. A delegacia falhou com vocês hoje.

— Não é sua culpa — disse a matrona, abraçando uma das crianças. — Quem teria antecipado... Santo Sobrevivente, eu sabia que aqueles caminhantes eram um bando miserável. Sempre *soube*. Sem regras? Sem preceitos para guiar suas vidas?

— Caos — comentou um homem de cabeça raspada sentado no banco de trás. — Não querem nada além do caos.

— O que aconteceu? — perguntou Marasi. — Li o relatório, é claro, mas... Ferrugem!... Não consigo imaginar...

— Estávamos esperando a celebração da noite — contou a matrona. — As brumas tinham feito uma aparição espetacular! Devia ter umas mil pessoas na cúpula para venerá-las. E então ele simplesmente caminhou até o púlpito, aquele *mestiço* caminhante.

— Você o reconheceu?

— É claro que sim — garantiu a matrona. — Era aquele Larskpur; nós o vemos nas reuniões da comunidade o tempo todo. As pessoas acham que precisam convidar um sacerdote caminhante, para não mostrar favoritismo, embora ninguém os queira por perto.

Atrás dela, outro sacerdote menos graduado assentiu.

— Um lixo de homem, mal cabia em sua túnica — falou ele. — Nada ornamentado. Só um manto. Eles nem se arrumam para venerar.

— Ele começou a falar com a multidão — prosseguiu a matrona. — Como se *ele* fosse fazer o sermão das brumas da alvorada! Só que dos seus lábios só saíram vilanias.

— Como o quê? — perguntou Marasi.

— Blasfêmias — explicou a matrona. — Mas não importa. Olhe, policial. Por que está falando conosco? *Mil* pessoas o viram. Por que está *nos* tratando como se tivéssemos feito algo de errado? Você deveria estar prendendo aquele monstro.

— Temos pessoas atrás dele — contou Marasi. Ela apoiou a mão no ombro de uma das crianças, e a garotinha choramingou e segurou seu braço. — E prometo que vamos pegar e punir quem fez isso. Mas cada detalhe que consigam lembrar pode nos ajudar a capturá-lo.

A matrona e o outro sacerdote olharam um para o outro. Mas foi um dos outros, um ajudante de altar na casa dos vinte anos, quem falou.

— Larskpur disse que o Sobrevivente era um falso deus — sussurrou ele. — Que Kelsier tentara ajudar a humanidade, mas falhara. Que a morte dele não foi para nos proteger ou para Ascender, mas por pura estupidez e bravata.

— É o que eles sempre pensaram — disse a matrona —, mas não dizem. Esses caminhantes... afirmam aceitar todos, mas, se você se esforçar, dá para ver a verdade. Eles zombam do Sobrevivente.

— Eles querem o caos — repetiu o outro sacerdote. — Odeiam que tantas pessoas se mirem no Sobrevivente. Odeiam que tenhamos padrões. Eles não têm

reuniões, igrejas ou mandamentos... O Caminho não é uma religião, é uma *banalidade*.

— Vou dizer que tudo aquilo nos assustou — comentou a matrona. — Primeiro, pensei que o padre Bin *podia* ter convidado Larskpur para falar. Por que mais ele teria a ousadia de subir ao púlpito? Fiquei tão horrorizada com o que ele disse que no início não notei o sangue.

— Eu notei — falou o outro sacerdote. — Achei que ele estava usando luvas. Fiquei encarando aqueles dedos, num tom vermelho-vivo. E depois notei as gotas que caíam no chão e no púlpito enquanto ele gesticulava.

Todos ficaram quietos por um momento.

— Não há mais nada para dizer — disse a matrona, por fim. — Larskpur gesticulou mais uma vez, e as cortinas do fundo caíram. Ali estava ele, nosso abençoado padre, pregado ali como uma paródia terrível do Sobrevivente. Pobre padre Bin, estava... pendurado o tempo todo. Ainda devia estar vivo, sangrando e morrendo enquanto todos nós ouvíamos aquelas blasfêmias.

Marasi duvidava daquilo. Embora o sacerdote obviamente tivesse lutado no início, as estacas acabaram com sua vida rapidamente.

— Obrigada — disse ela para o perturbado grupo. — Vocês foram muito úteis. — Soltou cuidadosamente as mãos da garotinha, que segurava seu braço, e as passou para a matrona.

Marasi se levantou e caminhou até Aradel e Reddi, que estavam do outro lado do aposento.

— O que acham? — perguntou Marasi, baixinho.

— Das informações ou das suas técnicas de interrogatório? — perguntou Reddi.

— De ambos.

— Eu não teria conduzido assim — disse o policial. — Mas suponho que você conseguiu deixá-los à vontade.

— Não nos deram muita coisa — comentou Aradel, coçando o queixo.

— O que você esperava? — perguntou Marasi. — Capitão, esta só pode ser a mesma pessoa que matou Winsting.

— Não tire conclusões precipitadas — pediu Aradel. — Qual seria o motivo?

— Consegue explicar isso de outro jeito? — Marasi quis saber, gesticulando em direção ao aposento com o sacerdote morto. — Um caminhante? Assassinando alguém? Senhor, esses sacerdotes caminhantes estão entre as pessoas menos agressivas do planeta. Já vi crianças de colo mais perigosas.

Aradel continuou a coçar o queixo.

— Reddi, consiga algo para esses conventicalistas beberem. Suponho que uma caneca com algo quente seria útil para eles agora.

— Senhor? — perguntou Reddi, abalado.

— Você já passou tanto tempo perto de armas que ficou surdo? — perguntou Aradel. — Vá logo, capitão. Preciso falar com a policial Colms.

O olhar que Reddi deu para Marasi foi tão intenso que poderia ter fervido água, mas ele se afastou como fora ordenado.

— Senhor, não posso deixar de notar sua determinação em ver o restante dos policiais me odiarem — comentou Marasi, observando Reddi partir.

— Bobagem — respondeu Aradel. — Só estou dando um empurrão no menino. Ele é inútil quando não está tentando se exibir para mim... Aquelas semanas em que achou que o posto de assistente estava garantido foram miseráveis. Ele é um oficial melhor quando tem alguém com quem competir. — Ele segurou Marasi pelo ombro e a guiou para longe dos conventicalistas sentados. Um cabo acabara de chegar com cobertores e canecas de chá quente. Com sorte, Reddi não ficaria muito irritado por esse trabalho também ter sido roubado dele.

— Não posso lutar contra espectros da bruma e espíritos da noite — comentou Aradel, chamando a atenção dela para si. — Sou um vigia, não um exorcista.

— Entendo isso, senhor — respondeu Marasi. No caminho até ali, ela lhe contara o que Waxillium dissera sobre a Sangradora. Não ia esconder informações de seu superior. — Mas, se o criminoso é sobrenatural, que opções temos?

— Não sei — disse Aradel —, e isso me frustra de um jeito sem fim. Tenho uma cidade mais seca do que uma pilha de folhas de outono, tenente, prestes a entrar em combustão. Não tenho os meios necessários para caçar uma imortal caída. Preciso de policiais nas ruas para tentar impedir que a cidade consuma a si mesma.

— Senhor, e se as duas coisas estiverem relacionadas?

— Os dois assassinatos?

— Os assassinatos e os distúrbios, senhor. — Ela fechou os olhos, lembrando-se da capela com sua cúpula e seus bancos, e tentou imaginar como estaria mais cedo. Larskpur parado na frente de todos, agitando as mãos, e os paroquianos horrorizados, fugindo e contando a história de que um líder do Caminho tinha assassinado um sacerdote sobrevivencialista...

— A Sangradora, ou quem quer que esteja por trás disso, conseguiu distrair o governo com um escândalo. — Marasi abriu os olhos. — Agora, ela ataca um líder religioso com a aparência de outro? Senhor, quaisquer que sejam os reais motivos dela, é óbvio que está tentando criar tensão em Elendel. Ela *quer* que a cidade exploda.

— Você está atribuindo muita coisa a uma pessoa, tenente.

— Não é só uma pessoa — falou Marasi. — É um semideus. Senhor, o que deu início às greves dos trabalhadores?

— Até parece que eu sei — disse Aradel, dando tapinhas no bolso e pegando o porta-cigarros. Abriu-o e encontrou só um bilhete dobrado. Fez uma careta e mostrou para ela. *Há uma banana em sua gaveta*. — Essa maldita mulher será minha morte. De qualquer modo, suspeito que as greves estão sendo planejadas há algum tempo. Harmonia sabe que simpatizo com os pobres tolos. Receber uma miséria enquanto os lordes vivem em mansões e coberturas.

— Mas por que agora? — perguntou Marasi. — É a comida, certo? Os preços que dispararam de repente e a preocupação de que, mesmo quando as greves terminarem, não haverá comida para ser comprada?

— Isso certamente não tem ajudado — concordou Aradel. — As inundações serão um problema.

— Uma barragem rompida. Investigamos isso adequadamente?

Aradel fez uma pausa, devolvendo o papelzinho dobrado ao bolso.

— Acha que pode ter sido sabotagem?

— Pode valer a pena conferir — sugeriu Marasi.

— De fato — concordou Aradel. — Verei se posso separar alguns homens para checar isso. Mas, se você estiver certa, qual é o objetivo final desta criatura?

— Caos generalizado? — sugeriu Marasi.

Aradel balançou a cabeça.

— Talvez seja diferente com espectros da bruma, mas homens que fazem coisas assim querem *provar* alguma coisa. Querem mostrar como são espertos ou querem acabar com uma injustiça. Talvez ela queira derrubar alguém. O governador não é um caminhante?

— Acho que sim.

— Então o assassinato desta noite pode ser uma tentativa de desacreditar a religião dele — concordou Aradel. — Matar seu irmão, expor um escândalo, minar sua fé, causar tumultos durante seu mandato... Ferrugem!, isso pode significar que ela não quer que Innate simplesmente morra, mas que seja *pisoteado*, que fique no *chão*.

Marasi assentiu lentamente.

— Senhor, eu... posso ter provas de que o governador é corrupto.

— O quê? Que tipo de provas?

— Nada definitivo — disse ela, corando. — Tem a ver com suas decisões políticas, ocasiões em que mudou de ideia sobre leis, em que votou de modo irregular após visitas de certos indivíduos. Senhor, você disse que me contratou em parte por causa da minha habilidade em ler estatísticas. Mostrarei o que tenho assim que esteja tudo acertado, mas meu histórico dos registros do governador mostra um homem que está se colocando à venda.

Aradel passou uma das mãos pelo cabelo ruivo que começava a ganhar fios brancos.

— Harmonia... Mantenha isso em sigilo, tenente. Vamos nos preocupar com isso em outro momento. Entendido?

— Sim, senhor. E concordo.

— Mas bom trabalho — observou ele, e então se apressou para receber os relatórios da cena do crime. Marasi não pôde deixar de sentir uma emoção por ele ter ouvido sua opinião, mesmo quando tudo o que tinha para oferecer eram meias explanações. Ao mesmo tempo, no entanto, um pensamento perturbador a atingiu. E se *Aradel* fosse secretamente a kandra? Quanto dano a Sangradora poderia causar se tivesse todos os policiais da delegacia sob seu comando?

Não. Aradel estava com outras pessoas quando o sacerdote foi morto. Ferrugem!... A criatura estava deixando Marasi assustada, desconfiada de que qualquer um que encontrasse podia ser a kandra. Resolveu pegar uma xícara de

chá, esperando que isso ajudasse a afastar de sua cabeça a imagem do pobre padre Bin pendurado na parede. Não se encontrava nem a meio caminho da mesa onde estavam as garrafas quando as portas do vestíbulo se abriram e Waxillium entrou.

As tiras de seu casaco ondulavam como as brumas, e seus passos poderosos incentivavam os policiais menos graduados a saírem do caminho. Como podia encarnar tão completamente tudo o que os policiais *deveriam* ser e não eram? Nobre sem ser arrogante, contemplativo e ainda assim proativo, inflexível, mas curioso.

Marasi sorriu e correu atrás dele. Foi só quando chegaram à capela, com a grande cúpula de vidro e o padre morto pendurado no extremo oposto, que ela percebeu que tinha esquecido completamente o chá. Uma dor de cabeça ainda tamborilava em seu crânio.

Aradel estava na nave, acompanhado por dois policiais jovens.

— Lorde Ladrian — disse ele, virando-se na direção de Waxillium. — Teremos um relatório forense pronto para você em...

— Eu mesmo verei o corpo, comissário — respondeu Waxillium. — Obrigado. — Derrubou um cartucho de munição e se ergueu no ar, sobrevoando as fileiras de bancos sob a cúpula e aterrissando no púlpito.

Aradel suspirou e xingou baixinho antes de se virar para um dos policiais.

— Assegure-se de que Lorde Ladrian tenha tudo de que precisar. Talvez ele possa tirar algo dessa bagunça horrível... presumindo que não resolva mandar esse lugar pelos ares.

O jovem policial assentiu e correu para se juntar a Waxillium, que dizia algo para Wayne, que já se juntara a ele. O que quer que Waxillium tenha dito fez o jovem policial sair rapidamente com alguma incumbência.

O comissário-geral balançou a cabeça, com um sorriso amargo nos lábios.

— Senhor? — perguntou Marasi. — Está irritado com Lorde Waxillium? Aradel parou como se tivesse visto — ou notado — pela primeira vez a presença dela ali.

— Não preste atenção em mim, tenente. Lorde Ladrian é um grande recurso para este departamento.

— Senhor, isso parece uma resposta ensaiada.

— Ótimo — respondeu Aradel —, porque precisei de muito tempo de prática

para dizer isso sem xingar.

— Posso ter a versão não ensaiada?

Aradel olhou para ela.

— Vamos dizer, tenente, que deve ser realmente muito bom que outras pessoas limpem a sujeira para você. — Ele assentiu para ela e saiu da capela.

Ferrugem! Era assim que Aradel via Waxillium? Um nobre tratante acostumado a conseguir o que queria, franco de um jeito que Aradel jamais poderia ser? O comissário-geral não era nobre e tinha que se preocupar com financiamento, política e o futuro de seus homens. Waxillium podia simplesmente fazer o que quisesse, atirar à vontade e deixar que sua posição, tanto como alomântico quanto como lorde de uma casa, o livrasse de tudo.

Essa perspectiva era reveladora. Waxillium era um *problema*. Um problema valioso, já que conseguia resolver as coisas, mas quase tão perturbador quanto os problemas que resolvia. Naquele breve instante, pareceu menos um aliado e mais uma tempestade para a qual era necessário se preparar e limpar tudo depois.

Abalada, ela se aproximou dele ao lado do corpo.

— Essas estacas emitem linhas fortes — observou Waxillium para ela, apontando para o rosto destruído do padre Bin. — Para meus sentidos alomânticos, quer dizer. Pelo que li, acho que isso significa que não são estacas hemalúrgicas. Supostamente são difíceis de ver e de *empurrar*, como mentes de metal.

— O que pregá-lo assim poderia provar? — perguntou Marasi.

— Não tenho ideia — respondeu Waxillium. — Mesmo assim, depois que descerem o corpo, preciso de uma amostra do metal de cada estaca. Quero fazer alguns testes em sua composição.

— Tudo bem — concordou Marasi.

— Deveríamos ter previsto. Ela está tentando criar uma desavença entre os caminhantes e os sobrevivencialistas.

— O governador é um caminhante — comentou Marasi. — Achamos que a Sangradora está tentando atingi-lo.

— Você está certa — disse Waxillium, semicerrando os olhos. — Mas esse não é o real objetivo dela. Ela quer derrubar a cidade. Talvez a morte do governador seja a pedra angular, mas o que isso tem a ver comigo?

— Nem tudo *tem* a ver com você, sabia?

— Nem tudo — concordou Waxillium. — Só isso.

Apesar de irritante, ele provavelmente estava certo. Por que mais a Sangradora desfilaria pela cidade usando o corpo do homem que matara a esposa de Waxillium? Wax deixou o cadáver, *empurrando-se* pelo edifício em direção à saída dos fundos. Havia uma viela estreita que levava até a rua principal. Marasi foi atrás, juntando-se a Waxillium na escuridão e nas brumas.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Não se planeja um assassinato dramático como esse sem preparar uma rota de fuga — disse Waxillium. — Pelos lenços descartados e bolsas de mão deixados para trás, acho que a sala estava cheia quando ela revelou o corpo. Os adoradores correram pelas portas principais, e a assassina devia esperar por isso. Ela deve ter saído pelos fundos, escapando enquanto todos estavam aturdidos ou fugindo.

— E?

— Uma viela estreita — disse Waxillium, ajoelhando-se para inspecionar a parede. — Olhe isso.

Marasi apertou os olhos. Os tijolos ao longo da parede estavam marcados, deixando para trás vestígios do que os arranhara.

— Parece metálico. Prateado.

— Acho que é tinta — sugeriu Waxillium. — De onde veio, infelizmente, é uma pergunta de menor importância. Em primeiro lugar, por que ela mataria o padre? Ela me avisou que faria isso. Disse que mataria meu “santo pai”. Só que achei que ela se referia ao pai de Steris, e não ao padre Bin.

— Waxillium, precisamos de mais informações — falou Marasi. — Sobre o que essa criatura pode fazer e quais podem ser seus motivos.

— Concordo — disse Waxillium. Levantou-se e olhou para a viela. — Eu gostaria de fazer algumas perguntas difíceis a Deus, mas duvido que ele se mostrará disponível, então teremos que nos contentar com outro alguém.

— Quem? — perguntou Marasi.

— Tive certa ajuda esta noite — contou Waxillium. — De uma fonte inesperada. Tenho a sensação de que uma conversa com ela pode ser esclarecedora. Quer ir comigo?

— É claro que sim — respondeu Marasi. — Por que eu não iria?

— Bem — comentou Waxillium —, me preocupa que interagir com ela se

prove... teologicamente difícil.

13



Wayne não se considerava um homem particularmente religioso. Imaginava que Harmonia não prestava muita atenção em camaradas como ele, pela mesma razão que um grande pintor não se perguntava o que sua mãe fizera com as pinturas que lhe dera quando era criança.

Dito isso, Wayne *gostava* de visitar o templo dos homens comuns de vez em quando. Isso fazia com que se sentisse melhor e se esquecesse de seus problemas, ainda que por uns instantes. Por isso ele conhecia o lugar que Wax lhe pedira para conferir.

O templo ficava numa das esquinas de um cruzamento, um edifício velho, atarracado e teimoso. Imóveis residenciais mais novos erguiam-se dos dois lados, alguns com seis andares, mas o templo tinha o ar de um velho capataz em sua cadeira, que não tinha a inclinação de olhar acima dos joelhos de um camarada. Como Wayne esperava, a porta estava aberta e convidativa, ainda deixando escapar luz, embora estivesse começando a ficar tarde. Ele seguiu pela rua e acenou com a cabeça para o guarda do templo, que usava boina e macacão como uniforme e levava um bastão cerimonial que parecia ter pedaços de cabelo colados na ponta, provavelmente de tanto acertar a cabeça de homens que faziam barulho demais.

Wayne tocou a aba do chapéu num cumprimento para o homem e declamou a invocação adequada para conseguir entrar.

— Olá, Blue. Quão aguada está a cerveja hoje?

— Não arranje encrenca esta noite, Wayne — entoou o homem em resposta.

— Minha paciência é realmente curta.

— Paciência? — comentou Wayne, passando por ele. — É um nome engraçado, cara, mas se as damas gostam que você dê nomes bobos para as partes do seu corpo, não vou dizer nada.

Com as introduções rituais terminadas, Wayne entrou no templo. Lá dentro, homens e mulheres estavam encurvados em seus lugares, cabeças inclinadas enquanto pensavam nas profundas complexidades da Cosmere. Suas orações eram feitas em murmúrios trocados com amigos e seu incenso era formado pela queima de cachimbos. Uma imagem do Velho Ladrian estava sobre o altar, um homem com uma barriga considerável erguendo um copo, como se exigisse atenção.

Wayne ficou parado na porta, com a cabeça baixa em respeito. Passou os dedos numa poça de cerveja que escorria de uma mesa próxima e ungiu-se na testa e no umbigo, fazendo o sinal da lança.

O odor o marcou como a um peregrino em solo sagrado, e ele passou pelos penitentes que procuravam perdão em seu caminho até o altar. O ambiente estava estranho. Solene. Sim, o templo era um lugar de contemplação, mas também devia ser um lugar de alegria. Onde estavam os hinos, cantados em santa embriaguez? Onde estava o riso, o barulho alegre da celebração?

Isso não é nada bom, pensou enquanto se sentava num dos bancos — neste caso, numa mesa rústica e redonda, com escrituras gravadas, como “Mic é um completo imbecil” e “As salsichas são um lixo”. Ele sempre gostara desta última. Trazia implicações teológicas reais, trazia sim. Se a comida que comiam era lixo, eles eram, em última análise, lixo? No fim, eram todos nada? Ou, em vez disso, até o lixo deveria ser visto como algo a ser elevado, já que fora criado pelo Deus Além como todo o resto?

Wayne acomodou-se em seu assento e olhou discretamente para algumas mesas ali perto. Quando uma adorável e jovem conventicalista numa roupa decotada passou com canecas, ele a segurou pelo braço.

— Eu queeero... — Ele pestanejou. — Eeeeu quero um uísque. — Ele tinha o sotaque e o tom de voz de um homem que já tinha sido muito, mas *muito* piedoso naquela noite.

A moça balançou a cabeça e continuou seu caminho. Os outros que estavam ali perto o ignoraram. Wayne fechou os olhos e ouviu suas preces.

— Vão nos deixar morrer de fome. Você ouviu o governador, Ren. Ele só se

importa com sua reputação ferrada.

— Deveríamos ter uma vida boa. Harmonia fez esta terra para todos nós. Mas conseguimos desfrutar dela? Não. Suas riquezas só servem para que o pessoal que tem grana compre mais roupas e casas maiores.

— Alguma coisa precisa mudar nesta cidade. Não estou sem trabalho como aqueles camaradas da fábrica de aço, mas por Harmonia...

— Turnos de dezesseis horas. Saio de casa antes que minha garotinha acorde, e ela já está na cama antes que eu volte. Eu a vejo uma vez por semana, vejo sim.

— Trabalhamos e morremos para dar tudo para as mesmas pessoas. Eles são donos dos prédios em que a gente mora. Não é o plano perfeito? Trabalhamos para eles o dia todo e, à noite, damos tudo pelo privilégio de uma casa onde dormir e sobreviver para continuar trabalhando.

Eram fiéis fervorosos.

Wayne se afastou de sua mesa e caminhou até o altar na frente do salão, onde garrafas nas prateleiras brilhavam sob a luz. Lampiões a gás. Esse templo era realmente tradicional. Ele se acomodou no altar entre um camarada com suspensórios e outro com os braços tão peludos que devia ter algum urso em sua ascendência. Um avô, pelo menos.

— Uííísque — pediu Wayne para o sacerdote atrás do altar.

Em vez da bebida, o homem lhe deu um copo de água com um limão. Ferrugem! Devia ter exagerado um pouco no sotaque. Wayne se recostou, bebendo sua água.

Os homens no altar não reclamavam. Só olhavam para o nada, segurando seus copos. Wayne assentiu. Eram fiéis silenciosos, do tipo que podia ser lido nos olhos. Ele estendeu o braço, pegou o copo das mãos do homem ao seu lado e deu uma cheirada. Rum puro. Qual era a graça daquilo?

Estendeu o braço para o homem peludo, pegou a bebida de seus dedos e também deu uma cheirada. Os dois homens se viraram para ele enquanto tomava o resto de sua água. Então, misturou as bebidas de ambos em seu copo. Espremeu um pouco do limão, colocou uma pitada de açúcar, que pegou atrás do altar, acrescentou um pouco de gelo, colocou um descanso de copo em cima e sacudiu a bebida como se sua vida dependesse daquilo. E não deixava de ser verdade, já que o camarada com tapetes nos braços acabara de se levantar e estalava os dedos.

Antes que começasse a socá-lo, Wayne serviu um copo para cada homem e se recostou, pensativo. Com os copos no lugar, o altar ficou em silêncio. Hesitantes, os homens pegaram as bebidas e as experimentaram. O de suspensórios foi o primeiro.

— *Uau!* — exclamou o homem. — O que você fez?

Wayne não respondeu, tamborilando na mesa com um dedo enquanto o homem peludo experimentava sua bebida e assentia, aprovando. Viver entre o povo com grana ensinara algumas coisas para Wayne. O povo com grana não fazia nada do jeito normal. Algumas vezes, ele achava que agiam de um jeito estranho só para não serem como as pessoas normais.

Mas eles *sabiam* como ficar bêbados. Wayne lhes dava o crédito por isso.

O sacerdote veio investigar o distúrbio, mas os dois homens só queriam mais da bebida que Wayne fizera. O sacerdote os ouviu explicar, e então assentiu — aparentemente já trabalhara em festas chiques ou alguém elegante já estivera por ali.

Wayne deslizou algo no altar. Um par de cartuchos de bala.

— O que é isso? — perguntou o sacerdote, abaixando o copo em que estava limpando. — Isso é... *alumínio*?

Wayne se levantou, pegou algumas coisas atrás do altar e as empilhou nos braços do sacerdote. Felizmente, ele tinha gelo, que recebera numa entrega mais cedo. O gelo ficava cada dia mais barato com os carregamentos que vinham das montanhas. O camarada também tinha uma bela coleção de aguardentes e algumas bebidas não alcoólicas. Era o suficiente.

Wayne fez sinal para que o homem o seguisse e começou a ir de mesa em mesa. Parava diante de cada cliente, pegava sua bebida e a retrabalhava. Os que bebiam cerveja ganhavam suco ou água com gás, misturados cuidadosamente e transformados. Sempre deixava as pessoas com alguma coisa parecida com a qual começaram, mas mesmo assim nova. Fresca. Adicionava gengibre para alguns, que funcionava muito bem com limão, e licor amargo para outros. Tentava usar algo de cada mesa e só foi xingado algumas vezes. Não demorou muito para que se sentisse num ambiente muito mais acolhedor. Na verdade, acabara atraindo uma multidão.

O grupo soltou gritinhos quando ele se sentou numa mesa diante de uma bela moça alta, com olhos grandes e dedos longos. A bebida que ele fez para ela não foi nada especial — gim e limão, como um pouco de água com gás e uma pitada

de açúcar —, mas o ingrediente secreto... bem, esse *era* algo especial. Uma pitada de um pó azul que encontrara na festa naquela noite. Trocara um pouco de areia por aquilo.

Ele misturou o pó na bebida com um toque oculto dos dedos antes de acrescentar o limão. Quando colocou o copo na frente da mulher, o líquido azul rodopiava, passando para um tom violeta-escuro, a cor se movendo como brumas que aumentavam.

As pessoas ao redor soltaram exclamações de surpresa, e a mulher sorriu para ele. Wayne sorriu de volta. Era comprometido, sim, mas precisava praticar seu flerte, ou Ranette provavelmente começaria a ignorá-lo.

E então a pele da bochecha da mulher começou a ficar *azul*, e depois *violeta*, do mesmo jeito acontecera com a bebida. Wayne deu um salto da cadeira, mas a pele dela voltou ao normal. Ela pegou a bebida com um sorriso astuto e bebeu.

— Muito bom — comentou. — Mas, em geral, gosto de bebidas mais fortes.

As outras pessoas do templo retornavam aos seus lugares. Tinham gostado do espetáculo, mas desejavam ainda mais desfrutar suas bebidas. Nem chegaram a notar o que acontecera com a pele da mulher. Talvez Wayne tivesse se enganado. Sentou-se novamente, hesitante, e olhou para a mulher, cujos olhos, claros como a luz do dia, mudavam de azul para violeta e novamente para azul.

— Caramba, que susto! — comentou Wayne. — Você é aquela imortal, não é?

— Sou eu mesma — respondeu ela, tomando sua bebida e dando a mão para cumprimentá-lo. — Meu nome é MeLaan. Waxillium me disse para dizer “todas as calças amarelas” para provar que sou eu. Você se saiu bem aqui esta noite. Quando cheguei, parecia que o lugar ia estourar de raiva. Você deve ter impedido uma revolta.

— É só um pub — falou Wayne, apertando a mão dela e recostando-se na cadeira. — Um entre centenas. Se uma revolta está se formando, não vou conseguir impedi-la com umas bebidas de menininha.

— Suponho que seja verdade.

— O que preciso fazer é embebedar a *cidade* inteira — comentou Wayne.

— Ou, você sabe, conseguir que os trabalhadores tenham direito a menores jornadas, melhores condições e salários mínimos.

— Sim, sim — concordou Wayne. — Isso também. Mas, se eu conseguisse

embebedar *todo mundo*, pense no quanto a cidade seria mais feliz.

— Desde que você *me* embebede primeiro, tudo bem. — Ela levantou o copo para ele. — Você poderia servir outro desses para esta dama?

Wayne franziu a testa.

— Isso não está certo. Você é um tipo de semideus ou coisa parecida. Não deveria me dar lições de moral?

— Ouça-me, homem — disse MeLaan, agitando o copo —, traga uma oferenda à sua deidade em forma de um pôr do sol azulado, com uma dose extra de gim, e você será abençoado.

— Acho que posso fazer isso — falou Wayne. — Diabos, no fim das contas talvez eu *seja* religioso.

A semideusa imortal tomou um bom gole de cerveja e bateu a caneca na mesa, sorrindo como uma garotinha de quatro anos que fora paga com biscoitos para dedurar a irmã. Wax a observava enquanto ela analisava Wayne e soltava um arroto capaz de despertar os mortos. Ao lado de Wax, Wayne assentiu, satisfeito, parecendo bem impressionado. Ele tomou sua cerveja e respondeu ao arroto de MeLaan com outro duas vezes mais longo e mais barulhento.

— Como você *faz* isso? — perguntou MeLaan.

— Anos de treino e prática — respondeu Wayne.

— Estou viva há bem mais de meio milênio — comentou MeLaan. — *Certamente* tenho mais prática do que você.

— Mas você não tem a *vontade* — explicou Wayne, sacudindo o dedo. — Você tem que *querer*. — Ele tomou o resto da cerveja e soltou um arroto interminável.

Marasi, que estava sentada perto de Wax na mesa do pub, olhava horrorizada para a troca de arrotos. Wax permitira que ela dirigisse até lá para que ele pudesse refazer um curativo e checar sua ferida. Os analgésicos já estavam agindo, no entanto. Ele mal sentia o tiro.

Depois de um percurso curto, Marasi e ele encontraram aqueles dois no meio de um... concurso de arrotos? Wax não sabia se era um concurso ou mais uma questão de apreço mútuo, como dois músicos virtuosos tocando suas peças favoritas.

MeLaan terminou sua cerveja e levantou dramaticamente a mão. A palma da

mão se abriu, formando lábios que soltaram um arroto suave.

— Trapaceira — comentou Wayne.

— Só estou usando o que o Pai me deu — respondeu MeLaan. — Não me diga que não arrotaria com outras partes do corpo se pudesse.

— Bem... — falou Wayne. — Agora que você mencionou isso, eu *consigo* fazer um som realmente interessante com...

Wax limpou a garganta.

— Não quero interferir na conversa sobre quais partes do corpo de Wayne podem ou não podem fazer barulhos, mas tenho que admitir que você não é o que eu esperava, Vossa Graça.

— Maldição! — exclamou MeLaan. — Por favor, não me chame assim.

— Você é uma criada de Harmonia — disse Wax.

— Sou uma das últimas gerações — contou MeLaan. — No que se refere aos kandra, sou basicamente uma criança.

— Você viveu no Catacendro — comentou Wax. — Conheceu os Originadores.

— Passei o Catacendro no subsolo — contou MeLaan. — Eu era adolescente. Não conheci a terra quando ela estava coberta de cinzas. Vocês não precisam se sentir intimidados por mim.

— Você tem mais de *seiscentos* anos — falou Marasi.

— A terra também — respondeu MeLaan. Ela se inclinou para a frente. — Olhem, só estou aqui para ajudar. Se quiserem alguém para adular, mandarei VenDell ou um dos que são realmente antigos para vocês. Eles gostam disso. Só quero ajudar a deter Paalm.

Wax inclinou-se na mesa. Podia sentir, pelo jeito como MeLaan sorria para as pessoas que passavam, pelo jeito como ela tamborilava com o dedo no ritmo da canção que um grupo de bêbados entoava num canto, que ela gostava das pessoas. Gostava de estar ali, entre eles. Não era distante, como ele esperava, ou retraída. Nem mesmo tão estranha, apesar do fato de conseguir criar uma boca na mão.

— Foi você quem me trouxe o brinco — comentou ele, levando o dedo à pequena estaca que tinha na orelha. — Todos aqueles anos atrás.

MeLaan deu um sorriso largo.

— Eu usava o mesmo corpo, mas ainda me surpreende que você se lembre.

— E de quem é este corpo? — perguntou Marasi. — Onde você conseguiu esses ossos?

— Eu os fiz — explicou MeLaan, erguendo o queixo. Seu rosto ficou transparente de repente, revelando o crânio por baixo, feito de cristal esculpido numa cor vívida de esmeralda. — Eu prefiro os Corpos Verdadeiros, embora, se precisar, eu possa tomar outra forma. Mas vou avisá-los: ainda que eu seja uma kandra, deixo muito a desejar como imitadora.

— E essa que estamos caçando? — perguntou Wayne. Ele começara a fazer uma casinha com os descansos de madeira para copos espalhados pela mesa da taverna, equilibrando-os de lado.

— Paalm? — perguntou MeLaan, voltando ao seu rosto normal. — Ela é uma das melhores. Entre todos os kandra que conheço, só TenSoon é melhor do que ela.

— Mas podemos esperar que ela aja de forma errática — falou Wax. — Ela ficou louca. Isso deve nos ajudar a localizá-la, mesmo disfarçada, certo?

— Talvez — concordou MeLaan, sorrindo. Pegou alguns dos descansos para copos e começou a fazer sua própria casinha. — Paalm é boa, e imitar... bem, é uma coisa meio *arraigada* em nós, em especial nos kandra mais velhos, que atuaram na época do Império Final. Alguns deles não sentem que têm personalidades próprias; não sabem como viver a menos que sejam outra pessoa.

— Você parece achar a ideia perturbadora — comentou Wax, curioso.

— Sou jovem — disse ela, dando de ombros. — Nunca cheguei a servir o Senhor Soberano. Sempre servi Harmonia, que parece, em geral, um camarada bacana.

Um jeito estranho de se referir a Deus. Wax olhou para Marasi, que levantou uma sobrancelha para ele e deu de ombros. Ao redor deles, as conversas dos outros clientes do pub formavam um zumbido baixo de energia e entusiasmo. Wax e os demais estavam sentados numa mesa reservada num canto. A quente iluminação a gás era, de algum jeito, amistosa, mais viva do que as luzes elétricas de sua mansão.

— Tudo bem — disse Wax para MeLaan. — Vamos falar sobre o que a Sangradora pode fazer. E como vamos matá-la.

— Você não precisa matá-la — disse MeLaan rapidamente, começando a

montar o segundo andar de sua casinha. Ela olhou para Wayne, que já tinha uma construção de três andares. — Só remover a estaca restante, o que significa basicamente imobilizá-la. Ela está confusa. Poderemos cuidar dela depois que a tivermos sob custódia.

— Confusa? — falou Wax. — Ela matou um sacerdote *pregando-o pelos olhos*!

O sorriso de MeLaan desapareceu.

— Ela só tem uma estaca. Não está pensando direito.

— Sim, mas ela mesma arrancou a outra, certo?

— Achamos que sim — admitiu MeLaan. — Somos mais fracos do que outras criaturas hemalúrgicas. Só duas estacas, e já nos submetemos. Por isso ela removeu uma.

— Ela queria liberdade para matar — falou Wax. — Ela não está "confusa", MeLaan. É destrutiva e, possivelmente, psicótica. Agora me diga como matá-la.

MeLaan suspirou.

— Ácido funciona, mas é horrivelmente ineficiente. Esmagar o esqueleto dela fará com que tenha dificuldade em se mexer, então talvez seja útil. Tiros serão inúteis, assim como a maior parte dos danos físicos. A estaca: essa é a chave. Arranque-a, e ela voltará ao estado primal. É o melhor jeito.

— Seu estado primal — repetiu Marasi. — Um espectro da bruma.

MeLaan assentiu.

Wax tamborilou na mesa, pensativo.

— Se eu conseguir arrancar a estaca, é provável que já a tenha imobilizado. Se ela estiver amarrada, para que serve arrancar a estaca?

— Waxillium — disse MeLaan, inclinando-se para a frente —, você *percebe* com o que está lidando? Paalm foi treinada pelos antigos e serviu ao *próprio* Senhor Soberano. Ela esmagou rebeliões e derrubou reinos a serviço dele e está intimamente familiarizada com os meandros da Hemalurgia. Pelos seus relatos, ela aprendeu a usar as estacas para conseguir poderes alomânticos e feruquêmicos... algo que pensávamos ser impossível. Se conseguir capturá-la, não a manterá imobilizada por muito tempo. *Arranque aquela estaca*.

Wax sentiu um calafrio.

— Certo — cedeu ele. — Farei isso.

— Ferrugem!... — sussurrou Marasi. — Achei que não queria que nos sentíssemos intimidados por você.

— Por mim? — disse a kandra. — Sou inofensiva. — Ela acenou para o garçom e apontou para sua caneca. — Sou muito menos louca do que Paalm.

— Ótimo — falou Wax. Olhou para Wayne. — Você parece preocupado.

— Eu? — perguntou Wayne, colocando um quarto andar em sua casinha.

— Desculpe. Estava tentando pensar em como embebedar a cidade inteira.

— Eu... eu não vou perguntar. — Wax pegou alguns dos descansos para copos que o garçom deixara na mesa, percebendo que estavam brincando com eles. Começou a fazer uma casinha também. — Então vamos arrancar a estaca. Como?

— O jeito mais fácil é me chamar — disse MeLaan. — Eu consigo tirar. Mas, se eu não estiver perto, não me espere. Quebre os ossos dela, comece a tirá-los, e, em algum momento, você vai encontrar a estaca. Vai precisar de um estômago forte.

Que ótimo.

— Há algum jeito de reconhecer uma kandra? Padrões de ferimentos? Amostras de sangue?

MeLaan enfiou a mão no bolso.

— Uma vez que mudamos de forma, ficamos presos naquele corpo e *somos* aquela pessoa. Sangramos, e até nossa impressão digital é a da pessoa que estamos imitando. Até outro kandra tem dificuldade em reconhecer um duplicado. Você não leu a *Histórica*?

— Várias vezes — disse Wax. — Mas a parte dos kandra é meio chata.

— Sinto que deveria ficar ofendida com isso.

— Então não está bêbada o bastante — respondeu Wayne, já com cinco andares. Wax balançou a cabeça e se concentrou em fazer seu segundo andar.

— De qualquer modo — prosseguiu MeLaan —, localizar outro kandra é um problema do passado. Fizemos algo a respeito, caso fosse necessário. Os mais habilidosos cientificamente entre nós desenvolveram um jeito.

Ela deslizou algo pela mesa. Um par de agulhas, quase do comprimento da palma da mão de um homem, presas a seringas de metal. Wax pegou uma.

— Injete isso num kandra — explicou MeLaan —, e o líquido fará com que

sua forma mude por um instante. A pele vai ficar clara por um momento, revelando quem ela realmente é.

— Estiloso — comentou Wayne.

— Só tem um problema — observou MeLaan. — Se enfiar isso em alguém que *não* é um kandra, vai matá-lo.

— Inconveniente — falou Marasi, examinando a outra seringa.

— Sim — concordou MeLaan. — Estamos trabalhando nesta parte. É um último recurso, obviamente, mas *vai* imobilizá-la por alguns instantes. Se quiser ter certeza de estar lidando com Paalm antes de usar isso, pode tentar pegá-la numa mentira. Ela não tem a memória da pessoa que está imitando. Usar poderes no corpo de alguém que não é um Nascido do Metal também a delatará.

— Tenho a sensação de que se ela usar seus poderes diante de mim, estarei morto de qualquer forma — falou Wax.

O grupo ficou em silêncio. Wax pegou as duas seringas e as guardou no cinturão. Marasi rabiscava num caderninho, transcrevendo a conversa — ele teria que lhe pedir uma cópia. Mais bebidas chegaram, mas nenhum pagamento foi solicitado. O que Wayne fizera antes que Wax chegasse? Tinha medo de perguntar.

De que serve tudo isso?, pensou Wax, frustrado, vendo sua casinha desmoronar. Uma arma que só podia usar quando tivesse cem por cento de certeza de estar lidando com o impostor? Parecia muito pouco. A Sangradora podia ser qualquer um. A Sangradora podia manifestar qualquer poder. A Sangradora era antiga, brilhante e habilidosa.

— Ela tem um plano — falou Wax. — Ela *não* é simplesmente louca, MeLaan. Tem mais coisa nisso.

— Você ainda está determinado a matá-la — comentou MeLaan, suspirando.

— Se eu for obrigado. Por que está tão hesitante? Achei que uma kandra estaria mais determinada do que qualquer um a ver esse problema resolvido.

— Ela não é um “problema” — retrucou MeLaan. — Ela é uma pessoa. Sim, quero vê-la detida. Ela *precisa* ser detida. Mas... — Ela se recostou e, então, deu um peteleco na casinha de descansos de copo. — Sobraram tão poucos de nós. Diabos, não havia mais do que quinhentos ou seiscentos de nós, e perdemos muitos antes da Ascensão Final. Imagine que toda a sua raça consista de trezentas pessoas, homem da lei. Talvez você ficasse um pouco mais hesitante

em ver um deles ser eliminado.

— A espécie de uma pessoa não importa! — replicou Wax. — Não me importa se sobram trezentos de vocês ou só três; quando alguém começa a pregar pessoas nas paredes na minha cidade, vou...

— Wax. — Wayne o interrompeu, equilibrando sua casinha de *seis* andares de descansos de copos. — Cheque sua pulsação, meu chapa.

Wax deu um suspiro profundo.

— Desculpem — disse ele.

— O que foi isso? — perguntou Marasi, balançando o lápis de Wayne para Wax. — Pulsação?

— Algumas vezes, Wax se esquece de que é uma pessoa e começa a pensar que é uma rocha — comentou Wayne.

— Isso é o que Wayne diz — explicou Wax, pegando alguns descansos e começando outra casinha — quando acha que eu deveria ter um pouco mais de empatia.

— De vez em quando você fica um pouco obcecado, meu chapa.

— Diz o homem que certa vez colecionou oitenta tipos de garrafas de cerveja.

— Sim. — Wayne sorriu com carinho. — Fiz aquilo principalmente para irritar você, fiz, sim.

— Está brincando.

Ele negou com a cabeça.

— Comecei a odiar todas aquelas garrafas ferradas, mas você xingava quando dava de cara com uma caixa nova todas as manhãs, e era tão melodioso...

— Sabe, vocês dois não são *nada* do que fui levada a achar — comentou MeLaan, empurrando sua bebida.

— Nem me fale — disse Marasi.

— Primeiro — disse MeLaan —, eu não tinha ideia de que o garoto Wayne era tão talentoso com esculturas de descansos de copos.

— Ele trapaceia — falou Wax. — Ele grudou alguns dos andares de baixo com o chiclete que fica mascando.

Marasi e MeLaan se voltaram para Wayne, que sorriu. Pegou a escultura, derrubando os andares de cima e revelando que os três da base estavam de fato

grudados.

— Wayne — disse Marasi, confusa —, está preocupado em nos impressionar?

— Não se trata de impressionar alguém — comentou Wax. — A competição não era para ver quem fazia a torre mais alta, era para ver se eu descobria o que ele tinha feito. Ele sempre dá um jeito de trapacear. De volta ao assunto, MeLaan, sua amiga, a kandra desonesta, está planejando alguma coisa. Se o plano dela ganhar *momentum*, vai esmagar essa cidade.

— Concordo — respondeu MeLaan. — Então, o que fazemos?

— Vamos nos antecipar a ela — sugeriu Wax. — Preciso saber qual é a motivação dela. Por que está fazendo isso? O que a levou a arrancar a estaca?

— Eu gostaria de saber — falou MeLaan. — Estamos tentando descobrir a mesma coisa.

— Fale-me sobre ela, então — pediu Wax, tamborilando os dedos no copo vazio. — Como ela é? Quais são suas paixões?

— Paalm era como uma tela em branco — contou MeLaan. — Uma kandra antiga. Como eu disse, ela passou tanto tempo em missões que mal tinha uma personalidade própria. Ficou realmente perturbada com o nascimento de um novo mundo. Alguns das antigas gerações gostavam de passar o tempo na Terra Natal, só saindo de lá para uma missão quando eram obrigados. Não Paalm. Ela era do próprio Pai, a kandra reservada especificamente para missões do Senhor Soberano. — Hesitou. — Ela sabia coisas sobre ele. Coisas que não contava ao restante de nós. Acho que ele pode até ter feito com que ela imitasse Inquisidores de vez em quando, agindo como uma espiã entre eles. De qualquer forma, ela não teria sido capaz de se fazer passar por um Inquisidor sem um bom domínio de Alomancia e Feruquemia. Então talvez tenha sido assim que ela conseguiu esse conhecimento. Era leal ao Senhor Soberano, e, quando ele se foi, ela se tornou leal a Harmonia. Fanática a esse respeito. Insistia em receber missão após missão e nunca passava um tempo conosco. Muito reservada. Estava quase sempre num personagem. Até...

— As mortes violentas — disse Wayne, baixinho. — São sempre os mais quietos. Bem, e os psicopatas. Esses também.

Então, o que isso me diz?, pensou Wax, deixando sua casinha de três andares. *Que abordagem eu adotaria se fosse qualquer outro criminoso?*

MeLaan se recostou por um instante, como se perdida em pensamentos, e

rodopiou um descanso de copos até a casinha de Wax, derrubando-a. Ela grunhiu.

— O que foi? — perguntou Wax.

— Eu estava curiosa para saber se você também estava trapaceando.

— Wax nunca trapaceia — garantiu Wayne, enquanto tomava um gole de cerveja. Wax nunca descobrira como ele conseguia falar e beber ao mesmo tempo sem engasgar.

— Isso é incorreto — corrigiu Wax. — Eu trapaceio *de vez em quando*. Desse jeito, ninguém sabe quando vou trapacear. — Ele se levantou. — Consegue imaginar um motivo para a Sangradora escolher o governador em particular?

MeLaan balançou a cabeça.

— Algum dos outros kandra a conhece melhor do que você?

— Talvez um dos mais antigos — sugeriu MeLaan. — Verei se consigo que um deles venha falar com você.

— Ótimo — falou Wax. — Mas primeiro quero vocês três vigiando o governador.

— Antes preciso me apresentar na delegacia — disse Marasi. — Quero cuidar de algumas pendências lá.

— Tudo bem — concordou Wax. — Wayne, você vai primeiro para a casa do governador.

— Ele escapou de mim da última vez.

— Ele não fará isso de novo — garantiu Wax. — Eu o persuadi a me escutar, embora precisemos que ele conheça MeLaan logo.

— Claro, tudo bem — disse Wayne. — Eu não tinha mesmo planos de, tipo, você sabe, *dormir* ou algo parecido esta noite.

— Dormir pode se tornar algo raro daqui para a frente — lamentou Wax.

— Quer que eu vá com ele, Tiro da Alvorada? — perguntou MeLaan.

— Depende. Marasi, gostaria de algum apoio?

— Sim, por favor — pediu ela.

— Cuide dela — falou Wax, acenando na direção de Marasi. — E talvez seja bom dar a Aradel uma amostra de sua natureza. Provavelmente já é hora de informá-lo contra o que estamos lutando.

— Já fiz isso — contou Marasi. — Embora eu tenha certeza de que ele gostaria de uma prova.

Wax bufou. Ele não a mandara fazer aquilo.

— Seja rápida em sua missão — falou Wax. — E vá até o governador. Quero mais do que um par de olhos nele. E, antes de nos separarmos, quero que troquemos códigos individuais e desconhecidos para os demais, para que cada um possa provar que é si mesmo. Fiz isso com o governador e com seu pessoal de confiança. — Harmonia, isso seria um pesadelo.

— Vigiar o governador não será o bastante, Wax — comentou Marasi, levantando-se. — Você mesmo disse isso. Reativo demais. O que mais vamos fazer?

— Vou pensar em alguma coisa.

Os demais também se levantaram, e Wax levou Wayne pelo braço para ver se não tinham nenhuma conta pendente no pub. Surpreendentemente, Wayne realmente pagara tudo o que consumira. A caminho da porta, Wax explicou para seu amigo a pequena ideia que tivera para proteger o governador.

Chegaram na porta do pub, onde MeLaan esperava enquanto Marasi ligava o motor do automóvel. Wayne saiu para pegar uma carruagem que o levasse até a mansão do governador, e Wax segurou MeLaan pelo braço.

— Odeio isso — observou, baixo o bastante para que o porteiro não escutasse. — Não poder confiar nas pessoas em quem sempre confiei. Duvidar de mim mesmo.

— Sim — respondeu ela. — Mas você vai dar um jeito. Há um motivo pelo qual Ele trouxe isso até você. — Ela se aproximou. Ferrugem!, ela era muito atraente. Mas seria estranho se não fosse. — Você e eu não somos as únicas pessoas caçando Paalm, homem da lei. Todo kandra na cidade está procurando por ela. Mas acho que muitos dos meus irmãos e irmãs não serão de utilidade alguma. São tímidos quanto a machucar os outros, em especial depois do que TenSoon foi obrigado a fazer durante a Duplicidade Observada. Além disso, eles podem formar um... grupo inconsistente.

— São servos de Deus — observou Wax.

— Sim — respondeu MeLaan. — E tiveram século após século para refinar suas excentricidades. Ficar mais velho *não* faz com que fiquemos mais normais, deixe-me dizer isso a você. Não pensamos como assassinos. Estivemos próximos demais de Harmonia. O que Paalm está fazendo nos deixa aturdidos. Vai contra

tudo em que acreditamos e o que vivemos durante séculos. Acho que não seremos capazes de encontrá-la, não a tempo. Mas você... você será.

— Porque penso como um assassino.

— Eu não...

— Não tem problema — disse Wax, soltando o braço dela. — Sou o que sou. — Ele pegou seu casaco de bruma, que pendurara num gancho na parede perto da porta, e o vestiu antes de sair na noite. — A propósito, obrigado — disse ele.

— Pelo quê?

Ele levou o dedo ao brinco na orelha.

— Por isso.

— Fui só a entregadora.

— Não importa. Era o que eu precisava. Quando eu precisava. — Ele jogou um cartucho de bala no chão e apoiou o pé em cima. — Encontrarei todos vocês na mansão do governador.

14



Se quiser conhecer um homem, revolva sua fogueira.

A frase era das Terras Brutas, talvez de origem koloss. Basicamente, significava que era possível aprender muito sobre a vida de um homem pelo que ele jogava fora — ou pelo que estava disposto a queimar para se aquecer.

Um relógio de igreja barulhento tocou as onze horas, enquanto Wax seguia pelas brumas em saltos alomânticos. O som ecoava na noite, a torre do sino oculta na escuridão. Onze horas não era tarde nesta época, muito menos no coração da cidade, mas *devia* assinalar o momento em que grande parte dos homens e das mulheres se prepararia para ir para a cama. O trabalho começava cedo na manhã seguinte.

Só que uma parte considerável dos trabalhadores da cidade não tinha emprego que a fizesse levantar cedo. Isso se refletia nas ruas lotadas e nos pubs concorridos, sem mencionar os salões de abrandamento pelos quais passara, ainda abertos bem tarde da noite. Eram lugares onde os desanimados podiam buscar um tipo diferente de alívio, na forma de um alomântico que, por um pequeno valor, limparia suas emoções e os deixaria insensíveis à dor.

Os salões de tumulto eram outro tipo de coisa. Ali, era possível escolher a emoção desejada e tê-la alimentada dentro de si. Esses ambientes eram ainda mais populares, a julgar pela fila que Wax viu do lado de fora de um deles.

Wax parou num telhado, ouvindo, e então seguiu na direção de homens que gritavam. Correu pelo telhado e *empurrou* os pregos nas telhas, lançando-se sobre um conjunto de apartamentos numa vizinhança tranquila e aterrissando na

rua seguinte.

Ali encontrou um pequeno santuário de caminhantes. Não era a igreja com o sino que ele tinha ouvido; as estruturas dos caminhantes eram pequenas demais para aquilo. Construídas no estilo das antigas cabanas terrisanas, essas estruturas com frequência não tinham nada além de duas cadeiras. Uma para o fiel. Outra, ostensivamente, para Harmonia. A religião proibia o culto formal, mas encorajava-se a conversa com Deus.

Naquela noite, o pequeno santuário estava sob cerco.

Havia gritos, e pedras eram arremessadas por um grupo de sombras nas brumas, provavelmente de bêbados. Wax podia distingui-los bem; as brumas da noite nunca eram muito escuras na cidade, não com toda a luz ambiente refletida nos vapores.

Wax pegou Vindicação no coldre e avançou, o casaco de bruma agitando-se atrás dele. Seu perfil foi o bastante. O primeiro homem que o viu saindo das brumas gritou em advertência e os outros se espalharam, deixando os detritos de seu pequeno motim. Pedras caídas. Algumas garrafas. Wax observou as linhas de metal para ter certeza de que nenhum tentaria atacá-lo por trás. Um deles parou ali perto, mas manteve distância.

Ele balançou a cabeça, entrando no santuário. Encontrou a missionária escondida, uma terrisana de tranças elaboradas. Um clérigo caminhante era uma coisa estranha. Por um lado, a religião enfatizava uma conexão pessoal do homem com Harmonia, fazendo o bem e sem formalidades. Por outro lado, as pessoas precisavam de orientação. De alguém para explicar tudo aquilo. Missionários caminhantes, chamados de sacerdotes por quem não era da religião, embora eles mesmos raramente usassem esse termo, ficavam em lugares como aquele, explicando o Caminho para quem aparecesse. Um clérigo, sim, mas não do jeito formal dos sobrevivencialistas.

Ele sempre achara curioso que os pequenos santuários dos caminhantes, com grandes portas abertas nas oito laterais, deixassem as brumas entrarem enquanto os sobrevivencialistas observavam as brumas atrás de cúpulas de vidro, confortáveis em seus salões ornamentados cheios de estátuas de ouro e belos bancos de madeira. A mulher ergueu os olhos quando ele se ajoelhou. O lugar cheirava a óleo. Sua lanterna tinha se quebrado ali perto.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Eu... sim — disse ela. — Obrigada.

Os olhos dela seguiram até a arma dele. Por princípio, ele não a guardara.

— Seria melhor se você fosse embora — sugeriu Wax.

— Mas eu moro no andar de cima.

— Vá para a Vila, então — disse Wax. — Na verdade, reúna os outros colegas que conseguir chamar num tempo curto e leve-os também. Um sacerdote sobrevivencialista foi brutalmente assassinado por alguém vestido como um missionário caminhante.

— Doces Harmonias — sussurrou a mulher.

Wax a deixou para pegar suas coisas e, com sorte, fazer o que ele lhe dissera. Ele se embrenhou na noite, seguindo algumas linhas de metal que apontavam para onde os homens que assustara antes tinham seguido. Ele observou a viela escura nas brumas, jogou um cartucho no chão e se ergueu no ar. Um *empurrão* cuidadoso o levou até o meio da viela, onde ele aterrissou e apontou a arma para a cabeça de uma pessoa escondida ali.

A pessoa imediatamente se sujou, a julgar pelo fedor e pelo líquido que escorreu pelos pés do jovem. Wax suspirou e levantou Vindicação. O jovem cambaleou para trás, tropeçando numa caixa de lixo e aumentando sua humilhação.

— Você vai deixar aquela missionária em paz — ordenou Wax. — Ela não tem nada a ver com o assassinato.

O jovem assentiu. Wax soltou outro cartucho e se preparava para se lançar no ar noturno.

— A-assassinato? — perguntou o jovem.

— Do... — Wax hesitou. — Espere. Por que estavam atacando aquele santuário?

O garoto choramingou.

— Eles foram até o pub, dois deles, com túnicas dos caminhantes, e xingaram o Sobrevivente.

— *Dois?* — perguntou Wax, avançando na direção do garoto, que se encolheu. — Eram mais de um?

Ele assentiu e, chorando, saiu tropeçando e correndo pela noite. Wax o deixou ir.

Eu deveria ter adivinhado, pensou, lançando-se no ar. *A notícia do*

assassinato não teria se espalhado tão rapidamente. Havia mais na trama do que aquela morte. Ferrugem! Outros sacerdotes estariam em perigo?

Duas pessoas. A Sangradora e mais alguém? Ou dois ajudantes? MeLaan parecia confiante de que a Sangradora trabalharia sozinha, mas isso oferecia evidências contrárias. E a tentativa de matar Wax mais cedo, a trama envolvendo o criado na Torre ZoBell, combinava bem demais com suas suspeitas para ser coincidência. A Sangradora tinha ajuda, provavelmente do tio de Wax. Ele investigaria isso mais tarde. Agora, no entanto, tinha uma pista diferente que queria seguir.

Depois de um tempo, chegou ao local que esperava encontrar: Carruagens e Diligências Fornalha, um grande pátio aberto no extremo norte do oitante onde uma frota de carruagens de vários estilos era guardada. Landaus de aparência luxuosa, com capotas retráteis. Carros pequenos e convencionais, com estofados e madeiras menos luxuosos, para a clientela modesta. Alguns no estilo de uma carruagem, com cortinas franzidas.

O tipo mais comum estacionado ali era, de longe, uma carruagem de rua padrão, com o compartimento para passageiros totalmente fechado e espaço na parte de cima para um condutor. O modelo era conhecido na cidade como Barrington, por causa de Lorde Barrington, e, embora as pinturas variassem muito, o estilo era bem padronizado. As carruagens de Wax eram Barringtons.

Ele contou sete numa fila ali perto, todas iluminadas por lâmpadas elétricas presas a postes tão altos que sua luz se estendia por todo o pátio e as construções baixas e largas ao redor. Deviam ser os estábulos, claro, como seu nariz confirmou. Todas as carruagens da Fornalha eram pintadas de preto brilhante, o tom comum para veículos usados como táxis na cidade, e tinham um escudo redondo na lateral, proclamando o legado da família Cett.

Um escudo pintado de prata. A cor que marcara os tijolos no beco ao lado da igreja. A Sangradora provavelmente fugira numa carruagem como aquelas, uma que ficara esperando enquanto ela matava o sacerdote.

Wax inspecionou um veículo de cada vez, passando os dedos nos escudos pintados nas laterais. Nenhum arranhão.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma voz rouca. A visão de aço indicou uma pessoa caminhando pela fila de veículos. Nenhuma arma, mas botões de metal no casaco, um anel em cada mão, algumas moedas no bolso e um relógio no colete. Alguns pinos no colarinho da camisa, que criavam linhas muito

pequenas, deram a Wax uma ideia da altura do homem.

Wax se virou na direção da voz. O homem era um camarada gorducho usando um terno elegante e formal, de cauda comprida, que o identificava como proprietário do estabelecimento. Wax conhecera mais do que alguns Cett na juventude. Nunca se dera bem com nenhum deles. Magro ou gordo, rico ou falido, todos tinham a mesma expressão calculista no rosto, como se tentassem estimar quanto dinheiro Wax estaria disposto a gastar.

Os olhos deste Cett fitaram os trajes de Wax, que estavam amarrotados, gastos e sem gravata. Usando o casaco, ele provavelmente não parecia muito distinto, e a expressão do homem endureceu. Então, ele viu as franjas.

Seu comportamento mudou imediatamente. Sua postura foi de “Fique longe das minhas carruagens” para “Você parece o tipo que pagaria mais por almofadas de veludo”.

— Milorde — acrescentou ele, acenando com a cabeça —, gostaria de alugar uma carruagem para esta noite?

— Você me conhece? — perguntou Wax.

— Acredito que seja Waxillium Ladrian.

— Ótimo — disse Wax, enfiando a mão no bolso e pegando um pequeno emblema de metal, esculpido num lado. Suas credenciais, prova de que era um policial. — Estou a serviço da polícia. Quantas carruagens dessas você tem? — Wax fez um gesto com a cabeça na direção da fila.

A expressão de Cett se abateu quando ele percebeu que Wax provavelmente não pagaria por nada naquela noite.

— Vinte e três — disse o homem, por fim.

— Muitas carruagens ainda estão a serviço esta noite — comentou Wax. — Considerando a hora.

— Trabalhamos enquanto as pessoas estiverem na rua, policial — falou Cett. — E, esta noite, as pessoas estão na rua.

Wax assentiu.

— Preciso de uma lista dos motoristas que ainda estão trabalhando, as rotas deles e informações de qualquer cliente pré-agendado para hoje à noite.

— É claro. — Cett parecia mais relaxado enquanto levava Wax até um pequeno edifício no meio do pátio das carruagens.

Enquanto caminhavam, uma carruagem chegou — sem arranhões nas laterais —, trazida por um par de cavalos suados, com a cabeça caída e um pouco de espuma na boca. Parecia que a jornada era longa para os animais também.

Dentro do edifício, Cett pegou alguns registros numa mesa. *Ansioso demais,* pensou Wax enquanto o homem se apressava em entregá-los. Sempre que alguém colaborava com as autoridades com tanta facilidade, Wax ficava desconfiado. Então, começou a folhear as listas que Cett lhe ofereceu, mas ficou de olho no homem.

— Que porcentagem de suas saídas são espontâneas e que porcentagem é marcada com antecedência?

— Meio a meio, para as carruagens negras — falou Cett. — As carruagens abertas saem mais espontaneamente. — Tinha um ar tranquilo, mas alguma coisa o *incomodava*. O que estaria escondendo?

Você acha que todo mundo está escondendo alguma coisa, disse Wax para si mesmo, folheando as páginas. *Concentre-se na tarefa que tem em mãos*.

Wax analisou a lista, esperando que a Sangradora tivesse preferido alugar uma carruagem para uma fuga planejada em vez de apenas pegar um táxi na rua. Descobrir quem dirigira para ela também seria útil. Ele olhou os registros dos motoristas que ainda estavam trabalhando. Cada um tinha feito algumas viagens pré-agendadas ao longo do dia, mas só três estavam agendados no horário do assassinato. E dois eram clientes frequentes, com uma longa lista de viagens no passado.

Isso deixava apenas um. Uma pessoa que pegara a carruagem no Quarto Oitante e seria levada “em liberdade”, ou seja, a viagem duraria o tempo que o cliente desejasse. Shanwan era o nome dado pelo cliente. Um nome terrisano. Uma palavra que significava “segredo”.

— Preciso encontrar este motorista — falou Wax, levantando a lista e apontando. *Se ainda estiver vivo*.

— Carruagem dezesseis — falou Cett, esfregando o queixo. — É a de Chapaou. Não sei dizer quando vai voltar, e você provavelmente não vai querer esperar. Posso mandar uma mensagem quando ele retornar.

— Talvez — disse Wax, mas não se moveu.

A porta se abriu, e uma jovem usando calça e suspensório entrou.

— Chefe — disse ela —, um jogo de fim de noite está acabando na Bonn-

weather. Vão querer carros.

— Já mandamos carruagens para lá.

— Não o suficiente — replicou a jovem. — Chefe, há *muita* gente nas ruas. Homens comuns, do tipo que deixam os ricos nervosos. Os jogadores vão querer carruagens.

Cett assentiu.

— Acorde Jone e Forgeron. Envie os dois e quem mais você conseguir despertar. Mais alguma coisa?

— Seria bom ter mais veículos na rua, em especial perto dos pubs.

— Lançamoedas — adivinhou Wax, notando a pequena bolsa de pedaços de metal, provavelmente sucata, que a mulher carregava. — Vocês estão usando mensageiros alomânticos para rastrear as áreas mais movimentadas e mandar motoristas.

— Isso o surpreende? — perguntou Cett.

— É caro.

— Você tem que gastar dinheiro para ganhar dinheiro, policial — comentou Cett. — E, como pode ver, estou tendo uma noite muito ocupada. Talvez possa me deixar trabalhar se eu prometer...

— Lançamoedas — disse Wax para a garota —, você viu a carruagem número dezesseis lá fora? Presumo que seu chefe faz com que fique de olho nos motoristas, para garantir que estão fazendo seu trabalho.

— Como... — Ela começou a dizer.

— Ninguém contrata um alomântico só para fazer relatórios de tráfego — falou Wax. — A carruagem dezesseis?

Ela olhou para Cett, que assentiu. Então, o que quer que estivesse escondendo, não tinha a ver com aquele motorista. De fato, provavelmente não tinha nada a ver com a Sangradora. Deviam ser só as infrações típicas de quem era dono de um negócio.

Pelo menos uma alomântica na equipe, pensou Wax.

— Não vi a dezesseis nas ruas — falou a jovem alomântica, virando-se para Wax. — Mas é porque Chapaou está num salão de abrandamento na rua Decan. A carruagem dele está do outro lado da esquina.

— Num *salão de abrandamento*? — Cett quis saber. — Ele está a serviço!

— Eu sei — falou a alomântica. — Achei que iria querer saber.

— Hum, sim — disse Wax. — E o Tumultuador que vocês têm na equipe. Ele também está lá?

— Não — respondeu a alomântica. — Ele está... — Ela parou de falar e ficou pálida. A sala toda ficou em silêncio.

— Estão usando Alomancia emocional para conquistar clientes — falou Wax. — Tumultuando pessoas que passam, deixando-as cansadas ou com pressa, e mais dispostas a pegar a carruagem convenientemente estacionada do outro lado da rua.

Cett parecia enjoado. Sim, era isso. Usava um Tumultuador para fazer negócios, uma violação do Acordo Alomântico de 94. Havia departamentos inteiros no governo que vigiavam esse tipo de coisa. Felizmente, embora fosse um crime perigoso, não era o que preocupava Wax naquele momento.

— Você não tem provas... — Cett começou a dizer, mas pensou melhor. — Vou falar com meu advogado. Meus funcionários não podem ser interrogados sem uma ordem judicial para...

— Resolva isso com o comissário-geral — falou Wax. — Tenho certeza de que você terá notícias dele logo. Por enquanto, preciso da descrição deste seu motorista, juntamente com os nomes de quaisquer animais de estimação que ele tenha.

Marasi caminhou junto a um longo balcão coberto por uma fileira de rifles, cada um acompanhado por um capacete coberto de aço, uma pesada jaqueta forrada e uma caixa de munição. Ferrugem! Ela não percebera que a delegacia tinha acesso àquele tipo de arma.

— Bem — comentou ela, olhando para MeLaan —, estaremos prontos se um senhor da guerra koloss decidir invadir novamente.

Uma dupla de policiais, ambos homens, analisava cada arma para checar se estavam em bom estado. Embora ela tivesse visto mais do que um par de olhos sonolentos, o lugar estava repleto de atividade. Mais e mais policiais chegavam, chamados para o dever fora de hora. Quando entravam pela porta principal, tendiam a parar, como Marasi fizera, olhando para a fileira de armas. Talvez fosse por isso que Aradel ordenara que fossem colocadas assim. Uma rápida lembrança visual de quão perigosas as coisas estavam ficando na cidade.

Marasi deu a volta no balcão e entrou nos escritórios que ficavam atrás. Uma

jovem policial passou por ela, dando-lhe uma xícara de chá escuro. O cheiro era forte, cozido para aumentar a concentração de cafeína. Ela experimentou um gole.

Sim. Horrível. Tomou outro gole mesmo assim. Não ia passar vergonha pedindo um pouco de mel quando todo mundo estava tomando a coisa como se fosse uma espécie de competição. MeLaan estava atrás dela, olhando a sala com interesse. A voluptuosa kandra atraía olhares. E, bem, encaradas. Não era sempre que uma bela mulher de um metro e oitenta entrava nos escritórios da delegacia vestindo calça e uma camisa apertada. Ela parecia gostar da atenção, julgando pelo jeito como sorria para os homens que passavam.

É claro que ela gosta de atenção, pensou Marasi. *Ou não teria escolhido um corpo tão lindamente proporcional.* Parecia evidente para Marasi. Afinal, tecnicamente, MeLaan nem era *humana*.

— Eu não esperava encontrar mulheres de uniforme aqui — observou MeLaan. — Eu presumia que você era uma extravagância.

— A delegacia é muito igualitária — falou Marasi. — A Guerreira Ascendente serve como modelo para todas as mulheres. Você não vai encontrar tantas de nós aqui quanto, digamos, nos escritórios dos advogados, mas dificilmente essa é considerada uma profissão não feminina.

— Certo, certo — disse MeLaan, sorrindo para a jovem tenente enquanto as duas seguiam até as salas do fundo, onde ficavam os arquivos. — Mas sempre achei os humanos um tanto quanto machistas. Um resultado natural do dimorfismo sexual de vocês, VenDell diz.

— E os kandra não são machistas? — perguntou Marasi, corando.

— Hum. Bem, considerando que um kandra homem com quem você fale hoje pode decidir ser uma mulher amanhã, eu diria que temos perspectivas diferentes a esse respeito.

Marasi corou ainda mais.

— Certamente você está exagerando.

— Na verdade, não. Uau, você fica ruborizada com facilidade, não é? Eu pensava que vocês achariam isso natural, considerando que seu Deus é basicamente um hermafrodita. Tanto bom e mau, Ruína e Preservação, luz e escuridão, macho e fêmea *etc.*

Chegaram à porta da sala dos arquivos, e Marasi se virou para esconder o

rubor. Ela realmente gostaria de achar um jeito de superar a vergonha.

— Harmonia não é meu deus. Sou sobrevivencialista.

— Ah, sim — disse MeLaan —, porque *isso* faz sentido. Venerar o cara que morreu em vez do que cara que salvou o mundo.

— O Sobrevivente transcendeu a morte — disse Marasi, olhando para trás; a mão estava na porta, mas ela não entrou. — Ele sobreviveu à morte, adotando o manto de Ascendente durante o tempo entre a morte da Preservação e a Ascensão de Vin.

Ferrugem!... Ela estava discutindo teologia com uma semideusa?

MeLaan, no entanto, apenas inclinou a cabeça.

— O quê? Sério?

— Hum... sim. *Harmonia* escreveu sobre isso nas “Palavras de Fundação”, MeLaan.

— Hum. Eu realmente deveria ler essa coisa um dia desses.

— Você não... — Marasi pestanejou, tentando imaginar um mundo em que uma dos Imortais sem Rosto não conhecia a doutrina.

— Sempre me proponho a fazer isso — disse MeLaan, dando de ombros. — Mas nunca acho tempo.

— Você tem mais de seiscentos anos.

— É o que acontece quando se tem a eternidade, criança— comentou MeLaan. — Fica *muito* mais fácil procrastinar. Vamos entrar nesta sala ou não?

Marasi suspirou, entrando numa sala cheia de arquivos enfileirados e mesas com pilhas altas de pastas e jornais. Isso era obra de Aradel: ele gostava de ficar de olho no que as pessoas diziam e escreviam na cidade. Até agora, não tinha feito muito com a coleção, além de rastrear qualquer relato de crime que seus homens tivessem deixado passar, mas Marasi tinha outros planos.

Infelizmente, o policial Miklin, que administrava o arquivo, era um dos amigos mais próximos de Reddi. Quando Marasi entrou, Miklin e as outras duas pessoas que trabalhavam ali levantaram os olhos e imediatamente voltaram aos seus arquivos.

— Quem é a civil? — perguntou Miklin, de sua mesa no canto. Como ele *conseguia* deixar o cabelo tão em pé daquele jeito? Era quase um chumaço de grama crescendo num vaso.

— Uma investigadora especial de outra jurisdição — disse Marasi. — Lorde Ladrian a mandou.

Miklin deu uma fungada.

— Estou certo em acreditar que essa caçada a rumores infundados é coisa sua? Mal cheguei ao escritório esta noite e já me mandaram levantar informações sobre aquele rompimento da barragem.

— O que descobriu? — perguntou Marasi, ansiosa, passando entre dois grandes arquivos que ele posicionara como dois sentinelas e se aproximando da mesa dele.

— Nada — respondeu Miklin. — Beco sem saída. Desperdício de tempo.

— Eu gostaria de ver o que você descobriu mesmo assim — pediu Marasi. — Se não for dar muito trabalho.

Miklin apoiou as mãos na mesa. Falou com suavidade.

— O que está fazendo aqui, Colms?

— Achei que Aradel tivesse contado para você — disse Marasi. — O rompimento da barragem pode...

— Não isso. O que está fazendo aqui na delegacia? Você recebeu uma proposta para se juntar ao procurador-sênior do oitante, com uma carta de recomendação de seu estágio com ele. Eu pesquisei. E agora... o quê? De repente quer perseguir criminosos? Com uma pistola de seis tiros na cintura como fosse das Terras Brutas? A polícia não trabalha assim.

— Estou bem ciente disso — respondeu Marasi, seca. — Mas obrigada pela informação. O que você descobriu?

Ele suspirou e deu uma batidinha numa pasta com as costas da mão.

— Desperdício ferrado de tempo — murmurou.

Marasi pegou a pasta e voltou por entre os arquivos. Desejava ter que lidar apenas com Miklin, mas os dois outros policiais também deixaram suas opiniões claras com bufadas silenciosas de desdém. Marasi sentia que estavam olhando para ela enquanto saía da sala com MeLaan, levando a pasta.

— Por que a tratam desse jeito? — perguntou MeLaan enquanto saíam.

— É complicado.

— As pessoas tendem a ser assim. Por que *deixa* que a tratem assim?

— Estou trabalhando nisso.

— Quer que eu faça alguma coisa? — perguntou MeLaan. — Eu poderia acabar com todo aquele cinismo de uma vez só, mostrar para eles que você tem amigos que...

— Não! — pediu Marasi. — Não, por favor. Não é nada que eu não tenha enfrentado antes.

MeLaan a seguiu enquanto ela se apressava para voltar para sua mesa, ao lado do escritório de Aradel. Uma policial esguia estava parada ali, com um pé na cadeira de Marasi, conversando com um homem na mesa ao lado e tomando chá. Marasi pigarreou duas vezes antes que a mulher — Taudr era o nome dela, não era? — por fim a olhasse, revirasse os olhos e saísse da frente.

Marasi se sentou. MeLaan puxou uma cadeira.

— Tem certeza de que não quer que eu...

— Tenho — respondeu Marasi imediatamente, mergulhando na pasta. Respirou profundamente. — Não, por favor.

— Tenho certeza de que seu amigo Waxillium poderia vir até aqui, dar uns tiros e obrigá-los a parar de ser tão amargos.

Ah, Sobrevivente, não, pensou Marasi, sentindo-se enjoada. Mas MeLaan obviamente não ia deixar aquilo de lado sem uma explicação.

— Estou começando a perceber que Waxillium é parte do motivo pelo qual me tratam assim — contou Marasi, abrindo a pasta preparada por Miklin. — A vida na delegacia segue uma hierarquia. Os sargentos começam como cabos, trabalham nas ruas, têm dez ou quinze anos de trabalho duro e, por fim, ganham uma promoção. Os capitães começam como tenentes, e a maioria vêm de casas nobres. De vez em quando, um sargento consegue chegar mais longe, mas espera-se que todo mundo passe seu tempo no fim da fila.

— E você...

— Eu pulei tudo isso — falou Marasi. — Eu me inscrevi e consegui um cargo importante como assistente-chefe de Aradel. Waxillium torna isso pior, já que estou associada a ele. Ele é como um rodamoinho, que gira e bagunça tudo. Mas também é bom no que faz, e um nobre de alta posição, então ninguém reclama em voz alta. Eu, no entanto...

— Não é nobre.

— Não sou nobre o bastante — disse Marasi. — Meu pai tem uma posição pouco importante, e sou ilegítima. Isso me torna um alvo disponível, enquanto

Waxillium é inalcançável.

MeLaan recostou-se na cadeira e analisou a sala.

— Fantasma sempre falava sobre essas coisas... que a linhagem não deveria importar tanto quanto a capacidade. O que você fez deveria impressionar todo mundo, não os ameaçar. Diabos, você disse que esse lugar era igualitário.

— E é — confirmou Marasi. — Foi por isso que consegui o emprego, antes de mais nada. Mas isso não impede as pessoas de se ressentirem. Represento o jeito como o mundo está mudando, MeLaan, e mudanças são assustadoras.

— Hum — disse a kandra. — E os escalões inferiores fazem o mesmo? Seria de imaginar que eles gostariam de ver você mostrar que alguém pode saltar a fila.

— Você não sabe muito sobre a natureza humana, não é?

— É claro que sei. Estudei e imitei dúzias de pessoas.

— Suspeito que entende de indivíduos, então — comentou Marasi. — O interessante sobre as pessoas é que, embora pareçam únicas, elas, na verdade, agem em padrões. Historicamente, as classes trabalhadoras são *mais* resistentes às mudanças do que as classes que as oprimem.

— Sério? — perguntou MeLaan.

Marasi assentiu. Estendeu a mão para pegar alguns livros numa pequena estante ao lado de sua mesa, mas parou. Não era o momento para aquilo. Na verdade, elas deviam estar testemunhando uma das exceções a essa regra, lá fora, nas ruas. E, como muitas transgressões ao *status quo*, essa podia ser violenta. Era como uma caldeira de um motor a vapor entupida, sem via de escape até que, de repente, tudo explodia.

Ninguém gostava de perceber que tinha sido enganado. O povo em Elendel acreditava que tinha uma vida boa — durante toda a vida lhe disseram que Harmonia os abençoara com uma terra rica e pródiga de recompensas. Mas, cedo ou tarde, todos começavam a se perguntar por que todos aqueles pomares tão incríveis pertenciam a outras pessoas enquanto alguns tinham que trabalhar longas horas só para alimentar os filhos.

Marasi mergulhou no conteúdo da pasta, que listava as circunstâncias que rodeavam as inundações no leste. MeLaan recostou-se na cadeira. Era uma criatura curiosa, sentada com a cabeça erguida, enfrentando os olhares de quem passava sem a mínima preocupação em relação ao que alguém pensava dela.

Miklin era irritante, mas não tinha deixado que seu desprazer atrapalhasse seu trabalho, que era meticuloso e completo. Ele incluíra relatórios da polícia sobre o rompimento da barragem, um artigo escrito por um engenheiro que investigara o problema e recortes de jornais de Elendel sobre o desastre.

Mais importante, estava ali a transcrição do recente julgamento e da execução do fazendeiro que causara a inundação. Ele afirmara querer arruinar a colheita do vizinho causando um “acidente”, mas o sabotador colocara muita dinamite e abrira um buraco na barragem grande o bastante para fazer a coisa toda despencar. Houve dúzias de mortos e plantações destruídas por toda a região, causando escassez de grãos.

A defesa chamara testemunhas que afirmaram que o sabotador, um homem chamado Johnst, andava agindo de maneira errática. Afirmavam que estava obviamente louco. Quanto mais lia, mais Marasi se convencia de que ele *estava* louco, mas só porque a Sangradora estava.

— Veja isso — falou Marasi, entregando uma folha para MeLaan.

A kandra pegou, leu e grunhiu.

— Ele não se lembrava dos nomes dos filhos no julgamento?

— Parece uma boa evidência de que Johnst foi substituído, não acha?

— Sim e não — respondeu MeLaan. — A velha guarda é *muito* boa em interrogar pessoas e pesquisar suas vidas antes de assumir uma nova forma. Não temos mais que fazer isso com tanta frequência... A maioria das formas que assumimos são personas que nós mesmos criamos. Se *era* a Sangradora, ela devia estar sendo pressionada pela falta de tempo. — MeLaan apontou para uma parte mais ao fim da página. — Para mim, essa é uma prova muito melhor.

Marasi se aproximou, olhando o parágrafo indicado: “Relatório da execução. O prisioneiro foi enforcado até a morte. Rejeitou a refeição final e exigiu que tudo ‘fosse feito rapidamente’. O túmulo foi profanado duas noites depois; suspeita-se que tenha sido obra de alguém que perdeu a família na inundação.”

— Uau — comentou Marasi, pegando o papel de volta. Ela ainda não tinha chegado naquela parte. — Sim. Escapando do túmulo, hein? Ela realmente deixou que a *enterrassem*?

— Sem dúvida — disse MeLaan. — Paalm é completamente dedicada à sua arte.

— Então, por que esquecer o nome dos filhos?

— Não tenho ideia.

De qualquer forma, parecia ser o suficiente para levar para Aradel.

— Vamos — disse Marasi.

15



Uma coisa que a vida de Wax nas Terras Brutas lhe ensinara era que os homens monetizavam tudo. Na primeira vez que viu alguém vendendo água, ficou surpreso. Quem venderia algo que literalmente caía do céu?

Agora, mais de vinte anos depois, estava surpreso que ninguém em Elendel tivesse encontrado um jeito de cobrar imposto pela coleta da água da chuva. Se alguém tivesse interesse no produto, era possível cobrar por ele. O mesmo valia em dobro para a Alomancia, embora os mais conservadores criticassem a comercialização crescente das artes metálicas. Feruquemistas de aluguel eram muito mais raros do que alomânticos, talvez pelas tradições terrisanas verem seus poderes com tamanha reverência.

Wax subiu os degraus do edifício, que se erguia solitário numa rua de um dos bairros mais bonitos da cidade, embora esse fosse o lado mais sombrio da avenida, por assim dizer. A construção tinha dois andares, e as cortinas das janelas estavam fechadas, ainda que a luz lá dentro fornecesse um brilho quente. Uma carruagem negra, com o escudo de prata arranhado, estava estacionada na rua à direita.

O abrandamento tomou conta de Wax assim que ele alcançou a porta. Uma sensação calma e gentil, como uma anestesia emocional. Como se alguém apertasse um travesseiro contra suas emoções numa tentativa de abrandá-las gentilmente.

Desleixado, pensou ele. *Deveria ter trazido meu chapéu.* Tinha forro de alumínio, e a Sangradora podia ter acesso a uma estaca que a tornasse Abrandadora ou Tumultuadora. Bem, precisaria pegá-lo mais tarde. Entrou no

edifício, chegando a uma sala pouco iluminada por lamparinas em tons de vermelho. Vários homens e mulheres repousavam em almofadas lá dentro, fumando cigarro ou cachimbo de incenso e encarando o teto pintado como um vitral num belo padrão abstrato.

A maioria dos negócios da cidade já estava fechada a esta hora, mas não os salões de abrandamento. Visitar um era mais caro do que uma noite num pub, mas não deixava nenhum dos efeitos colaterais do excesso de álcool. Ou, para ser mais preciso, tinha efeitos colaterais diferentes. Uma mulher madura e corpulenta, com um chapéu provavelmente forrado de alumínio, aproximou-se de Wax, talvez para cobrar o pagamento, mas Wax mostrou suas credenciais.

— Se acha que credenciais vão lhe garantir uma sessão grátis, você deve ser novo na corporação — comentou a proprietária.

Wax lhe deu um sorriso seco, guardando a placa de metal. Ela administrava um salão de abrandamento de segunda categoria. Embora aquilo não fosse ilegal — por mais estranho que fosse, não havia problemas em manipular as emoções das pessoas, desde que elas pagassem por isso —, ela estava acostumada com policiais aparecendo por ali de tempos em tempos. Não só aquele tipo de lugar tendia a atrair pessoas que se escondiam de alguma coisa, como era muito possível que um salão de abrandamento de má reputação tirasse vantagem de seus clientes.

Nenhuma das pessoas ali combinava com a descrição de Chapaou, mas, em geral, os salões de abrandamento tinham mais de um ambiente.

— Um homem baixo — falou Wax. — Careca. Conhecido como Chapaou, mas pode não ter dado seu nome verdadeiro.

A proprietária assentiu e gesticulou para que Wax a seguisse enquanto atravessava a sala, esquivando-se das pessoas deitadas no chão. O edifício escuro e esfumaçado deveria deixar Wax com os nervos à flor da pele — era o tipo de lugar em que acidentes e emboscadas aconteciam —, mas o Abrandamento era difícil de vencer. Ele arrancava as camadas superiores de sua preocupação, expondo-as de baixo, como sua preocupação com Wayne e Marasi. Embaixo ainda, uma surpreendente frustração, e até raiva, em relação a Deus. Então, essas emoções também esvoaçaram, deixando-o vazio. Não calmo, apenas vazio.

Ele quis se acomodar numa daquelas cadeiras, fechar os olhos e soltar um suspiro relaxante. A Sangradora esperaria. Certamente ela não tentaria matar

novamente naquela noite. Por que se preocupar se ela o fizesse? Provavelmente não conseguiria detê-la mesmo.

Descobriu que odiava essa sensação. Aquelas eram emoções dele, estavam no âmago do seu ser. Tirá-las não o deixava feliz nem o ajudava a esquecer. Só o fazia se sentir enjoado.

Ele acelerou o passo, tentando fazer a proprietária se apressar enquanto deixavam a sala com as almofadas e entravam num longo corredor. Ali, passaram por várias outras salas: uma câmara completamente branca, com pessoas sentadas de pernas cruzadas no chão, outra toda negra, sem luz alguma, com pessoas quase invisíveis lá dentro. Havia ainda outra sala com árvores pintadas na parede e o chão coberto de palha, como uma cabana de reuniões terrisana. Um único homem estava sentado nesta sala, numa cadeira solitária, de olhos fechados.

A proprietária levou Wax até uma escada. Talvez o homem no quarto terrisano fosse um dos Abrandadores, o salão devia ter pelo menos um, em algum lugar, criando uma pequena bolha de abrandamento. Supostamente, esses salões deveriam ter folhas de alumínio nas paredes para impedir que a Alomancia emocional contaminasse a vizinhança, mas a regra não era seguida em todos os lugares.

A proprietária levou Wax até uma pequena sala no segundo andar, sem enfeite algum, exceto um sofá para massagens no centro. Chapaou não estava deitado nele. Em vez disso, caminhava de um lado para outro perto de uma janela trancada na parede oposta, frustrando a massagista que estava parada ali perto com os braços cruzados. Um velho estava sentado numa cadeira próxima à parede. Os frascos de metal em seu bolso, visíveis para Wax como linhas pequenas e difusas que apontavam para os flocos em suspensão, indicavam que era alomântico.

Wax ergueu uma sobrancelha. Chapaou pagara uma sessão privativa. Onde conseguira tanto dinheiro? O motorista da carruagem parou, olhando para Wax. Seus olhos seguiram direto para as armas nos quadris de Wax, e ele caiu de joelhos, chorando.

O velho Abrandador se levantou com um ranger audível das juntas.

— Fiz o que podia, srta. Halex — disse ele para a proprietária. — Mas este homem não precisa de Alomancia. Ele precisa de um médico.

— Ele é seu — disse a srta. Halex para Wax. — Tire-o daqui. Ele está

incomodando meu pessoal.

Wax cruzou a sala e se ajoelhou ao lado de Chapaou. O homem baixote tremia, abraçando as pernas.

— Chapaou — falou Wax. — Olhe para mim.

Chapaou se virou para ele.

— Qual é o nome do seu cachorro? — perguntou Wax.

— Meu... Eu não tenho um cachorro. Ele morreu há alguns anos.

Era o bastante. Não era a Sangradora disfarçada, a menos que ela tivesse tido a ideia de interrogar um motorista de carruagem sobre seus animais de estimação antes de matá-lo e assumir sua forma.

— O que aconteceu? — perguntou Wax. — Por que você está aqui?

— Para esquecer o que vi.

— O abrandamento não funciona assim — falou Wax. — Não tira suas lembranças.

— Mas deveria fazer com que eu me sentisse melhor, certo?

— Depende das emoções que está sentindo e da habilidade do Abrandador — disse Wax. Ele segurou o homem pelo ombro. — O que você viu, Chapaou?

O homem pestanejou, com os olhos avermelhados.

— Eu vi... a mim mesmo.

Aradel não estava em seu escritório, claro. Aquele lugar existia, como ele costumava dizer, “para dar aos lordes algum lugar para se sentar quando vêm reclamar comigo”.

Marasi o encontrou no telhado do prédio da polícia, ouvindo os relatórios de dois Lançamoedas que estavam vasculhando a cidade. Ela aguardou educadamente com MeLaan e vários tenentes parados ali perto e conseguiu ouvir a maior parte do último relatório. *Milhares de pessoas ainda estão nas ruas, milorde. Estão se reunindo nos pubs. Não vão para casa...*

Enquanto ouvia, Aradel mantinha uma bota apoiada na mureta baixa que circundava o telhado. As brumas se curvavam ao redor de cada Lançamoedas num vórtice distinto; elas respondiam ao uso da Alomancia. Por fim, Aradel liberou os dois. Não eram policiais de verdade, apenas trabalhavam por empreitada. A lealdade deles era com suas casas. Ou, em alguns casos, com suas

carteiras.

Quando foram embora, saltando do edifício, o comissário-geral se voltou para os tenentes que o aguardavam.

— Preparem os homens para esvaziarem os pubs — disse ele, com suavidade.

— Senhor? — perguntou uma das mulheres.

— Vamos fechar todos os pubs — disse Aradel, apontando. — Primeiro, os das alamedas, depois os das ruas menores. Não podemos começar até termos uma autorização do governador para instituir a lei marcial no oitante, mas quero que os policiais estejam prontos para a ação assim que tivermos a notícia.

Os tenentes correram para obedecer. Aradel olhou para Marasi, e ela pensou ter visto algo de seu ancestral nele, um soldado que morrera em martírio durante os dias da Guerreira Ascendente. Em outra época, aquele homem teria sido um general de campo em vez de um policial?

— O que tem para mim, tenente Colms? — perguntou ele, fazendo sinal para que ela se aproximasse. MeLaan permaneceu na escada, alguns degraus abaixo, com as mãos nos bolsos da calça.

— Nossa assassina, senhor — disse Marasi, mostrando a pasta. — Ela conseguiu sair do próprio túmulo depois de ser executada por causar as inundações no leste. Encontraram os ossos ali perto alguns dias depois e consideraram que alguém havia profanado o túmulo. Afinal, por que imaginariam que uma das sagradas Imortais sem Rosto tinha ocupado um corpo para cometer crimes e assassinatos?

Aradel soltou a respiração com um assobio. As sombras se moviam sob as luzes das ruas, apesar da hora, na alameda lá embaixo.

— Então isso tudo é feito dela?

— Perdão, senhor — disse Marasi —, mas eu diria que isso é culpa das condições desagradáveis de trabalho na cidade. Dito isso, a Sangradora está certamente atiçando a fogueira. Ela queria deixar a cidade à beira do caos.

— Ruína... — sussurrou Aradel. — Diante disso, parece quase irrelevante o governador ser ou não corrupto, não é?

— Suponho que depende de para quem você pergunta. — Gritos se ergueram da rua lá embaixo, vindos de um grupo de homens passando ao longo do canal e falando alto uns com os outros. Ela não conseguia entender o que diziam, só

percebia seu tom de voz.

— Ainda quero provas — falou Aradel. — Não quero diminuir seus esforços, tenente, mas não vou me deixar assustar por espectros da bruma até que possa vê-los com meus próprios olhos. Isso vale para o governador também. Fique de olhos abertos. Se puder encontrar algo concreto, vamos usá-lo assim que tudo estiver calmo novamente. E ainda quero algum tipo de prova a respeito da sua assassina sobrenatural.

— Entendo, senhor — falou Marasi, acenando com a cabeça na direção de MeLaan, iluminada pelas lanternas penduradas nos postes perto da porta da escadaria. — E eu tenho provas aqui. Mas seria melhor se fizéssemos isso num lugar privado.

Aradel jogou o peso do corpo para trás, lentamente, tirando o pé da mureta na qual se apoiava. Olhou para Marasi, que assentiu.

— Para baixo — disse ele para os dois policiais que ainda o acompanhavam. Soldados encarregados de levar mensagens. Eles obedeceram, e, assim que ficaram sozinhos, Aradel cruzou a distância que o separava de MeLaan.

— Espero que minhas perguntas não sejam ofensivas, hã, Vossa Graça — disse ele, depois de limpar a garganta.

— Perguntas sinceras nunca são ofensivas, humano — respondeu MeLaan —, pois é seu dever buscar a verdade. Questões verdadeiras só são respondidas com a verdade. — A pele dela brilhou, ficando transparente como antes, mas, de algum modo, ganhando um tom caleidoscópico. Ela abriu os braços e sua blusa também se abriu e escorregou pelos ombros, expondo um torso transparente com um esqueleto cor de esmeralda que resplandecia sob a luz das lamparinas.

Marasi pestanejou. Bem, não era *isso* o que esperava. Ao seu lado, Aradel inspirou bruscamente e pareceu parar de respirar diante daquela visão. A cabeça de MeLaan, completamente transparente, inclinou-se, e ela olhou para eles com ar maternal.

— Fale — sussurrou ela.

— O que... — Aradel limpou a garganta. — O que a policial Colms me contou é verdade? Um de sua espécie realmente está por trás disso?

— Paalm é uma alma perdida — disse MeLaan. — Torturada por uma mente corroída e um espírito retorcido. Sim, ela é uma de nós, humano. Tua tarefa não é fácil, mas nós te ajudaremos em teu desespero.

— Ótimo — falou Aradel. — Eu acho... eu acho que era a confirmação de que eu precisava. — Ele hesitou. — Haveria uma chance de você falar bem de mim para Harmonia?

— Teus feitos são tuas melhores palavras, humano — respondeu MeLaan. — E teu Deus sabe deles. Vai e protege esta cidade. Não te preocupes contigo, mas com teus camaradas.

— Certo, certo — concordou Aradel. — Era só isso, então. A menos que você tenha algo mais para me falar...

— Teu ronco é muito forte — falou MeLaan.

— Meu... o quê?

— Parece uma centena de koloss zangados no meio de uma avalanche de rochas — comentou MeLaan. — O clamor é quase capaz de despertar os mortos.

— Certo... — disse Aradel.

— Segue teu caminho, humano — falou MeLaan.

— Como ordenado. Tenente Colms, tem um instante? — Ele abaixou a cabeça em reverência para MeLaan, circundando-a pelo lado, e teve dificuldades para tirar os olhos dela. Com Marasi acontecia o mesmo. MeLaan era impressionante até quando não estava transparente e seminua. MeLaan fez um sinal de cabeça para que Marasi o acompanhasse. Não precisaria vir buscá-la.

Quando estavam na metade da escada, Aradel soltou um profundo suspiro.

— Bem, isso foi estranho.

— Eu bem que avisei — observou Marasi.

— Avisou, sim. A parte sobre o ronco... é uma metáfora, presumo. Mas para o quê? Nós, policiais, somos barulhentos demais, talvez? — Ele assentiu para si mesmo. — Supostamente deveríamos servir o povo, mas as reclamações de brutalidade e os oficiais dando ordens por aí como se fossem lordes... Sim, eu entendo. Precisarei fazer algumas mudanças. Acha que foi isso que ela quis dizer?

— Não sei — respondeu Marasi cuidadosamente. — Um encontro desses tende a afetar as pessoas de maneiras profundas.

— Verdade. — Aradel hesitou nos degraus, virando-se como se desejasse voltar lá para cima. Conteve-se. — A pergunta que eu tinha antes permanece. Temos uma assassina imortal solta por aí, provavelmente tentando derrubar o governo. Como, por Preservação, podemos lutar contra algo assim?

— Não podemos — respondeu Marasi. — Lorde Waxillium vai cuidar da kandra. Devemos nos concentrar em impedir que a cidade exploda.

Aradel assentiu.

— Quero que faça algo por mim.

— Sim? — Ainda estavam parados na escada, iluminados por uma lâmpada elétrica solitária sobre eles.

— Você mencionou Lorde Ladrian — falou Aradel. — Ele parece confiar em você, tenente.

— Nós nos tornamos bons amigos no último ano.

— Ele é imprevisível, tenente — comentou Aradel. — Aprecio o trabalho que ele faz, mas os métodos... Vamos dizer que eu não me importaria em ter um pouco mais de informação sobre o que ele faz e quando.

— Está me pedindo para espioná-lo.

Aradel deu de ombros. Outro homem poderia ficar envergonhado em ser confrontado de um jeito tão claro, mas ele não pareceu estar.

— Não vou mentir para você, Colms. Acho que você pode ser um recurso importante para este departamento de mais de uma maneira. É minha função garantir que a lei seja observada no oitante, e me sentirei muito melhor se souber o que Lorde Ladrian está fazendo. Nem que seja para ter os mandatos necessários prontos, assim como os pedidos de desculpas.

— Entendo — falou Marasi.

Aradel esperou que ela dissesse mais alguma coisa. Ela praticamente podia ouvir a mensagem implícita naquilo. *Você é uma policial, tenente. Este é seu trabalho. Faça o que lhe foi pedido*.

— Você poderia simplesmente pedir isso a ele — sugeriu ela. — Ele recebeu uma autorização para exercer as funções de um policial. Está, tecnicamente, sob sua jurisdição.

— E acha que não tentei? Ele sempre promete um relatório. Se eu tiver sorte, isso consiste numa carta dizendo onde deixou um suspeito pendurado pelos tornozelos... Você se lembra disso? Ou um resumo rápido de alguém que esteja caçando, e só o faz para me pedir algum recurso emprestado. Não quero que você seja a dama de companhia dele, mas, sinceramente, um pouco mais de informação seria *maravilhoso*.

Marasi suspirou.

— Escreverei um relatório semanal, mais frequente se uma investigação estiver em curso, como agora. Mas informarei para ele que farei isso.

— Ótimo. Fantástico. — Aradel começou a descer a escada novamente, caminhando e falando rápido. — Vá até a casa do governador e diga para ele que preciso de uma ordem executiva para aplicar a lei marcial hoje à noite e fechar os pubs. Sugira que ele mande uma dessas autorizações para cada oitante. Depois, veja como está seu amigo Ladrian e me conte tudo o que ele descobriu sobre essa imortal que acha que pode derrubar nossa cidade.

Ele chegou ao térreo e seguiu para o salão principal, gritando por um relatório do número de policiais que tinham conseguido reunir naquela noite. Marasi foi atrás dele mais devagar, sentindo as pernas pesadas como se carregasse cem quilos em cada uma.

Você pode ser um recurso importante para este departamento de mais de uma maneira...

Ela chegou ao térreo e seguiu até a porta dos fundos da delegacia. Sempre soube que seu envolvimento com Waxillium a ajudara a obter aquele emprego. Se não tivesse se unido a ele na caçada a Miles Cem-vidas, nunca teria ganhado notoriedade suficiente. Dito isso, presumia que seu conhecimento dos índices históricos de crimes, suas cartas de recomendação e sua entrevista tinham sido mais importantes.

Seria esse o caso? Será que Aradel lhe dera o emprego, no lugar de Reddi, porque ela conhecia Waxillium? Seus estudos chegaram a fazer diferença?

Ela se encostou na parede, esperando MeLaan. Ferrugem!... tudo sempre *tinha* que ter relação com Waxillium? É claro que pensar assim a fazia se sentir uma criança, com ciúmes de alguém que tinha mais brinquedos do que ela.

MeLaan surgiu na viela algum tempo depois, agitando as brumas.

— E aí? — perguntou MeLaan. — Como me saí?

— Nós te ajudaremos em teu desespero?— perguntou Marasi.

— Ei, era o que ele esperava.

— Não era o que *eu* esperava.

MeLaan bufou.

— Posso ser divina quando preciso. Tive *muito* tempo para praticar.

— Então por que não usou sua atuação comigo e com os demais?

— Quem disse que não estou atuando? — perguntou MeLaan. Ela encarou Marasi. — Talvez meu dever como uma das servas de Harmonia seja mostrar para as pessoas o que elas precisam ver, aquilo que lhes trará mais paz.

Marasi sentiu um arrepio repentino, um calafrio que atravessou seu corpo. Não foram as palavras, mas a expressão nos olhos de MeLaan, que tinham ganhado uma leve transparência. Como se fosse... um lembrete?

Então, MeLaan jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar.

— Não, não, estou só provocando você, criança. Não mostrei esse lado para vocês porque é difícil demais manter uma expressão séria falando esse tipo de coisa grandiloquente.

— Por isso a piada do ronco? — perguntou Marasi.

— Sim. Tive que verificar o cara quando Harmonia começou a procurar Paalm. Ele ronca como um *motor a vapor*. Enfim, para onde vamos agora?

— Para a mansão do governador — falou Marasi.

— Lá vamos nós, então — respondeu MeLaan, seguindo para fora da viela.

— Fizemos uma parada — contou Chapaou, encurvado ao lado de sua carruagem, nas brumas, do lado de fora do salão de abrandamento. — E comecei a ouvir coisas dentro do veículo. Não gostei do jeito como ele saiu daquela igreja, com as mãos manchadas de vermelho.

Wax se ajoelhou na parte de trás da carruagem, ouvindo o relato enquanto desfazia cuidadosamente um pacote de tecido negro. Uma lanterna pendurada na lateral da carruagem lhe dava luz, mas também transformava as brumas num resplendor iluminado. Ainda podia sentir o toque do abrandamento que vinha do edifício, mas era muito menos pronunciado agora. Quase se sentia em seu estado normal. Isso era ao mesmo tempo bom e ruim, pois não havia nada para conter sua sensação de repulsa enquanto desempacotava a marreta ensanguentada usada para pregar as estacas no padre Bin.

— Eu não deveria ter olhado dentro da carruagem — contou Chapaou. — Ele me disse para não olhar, sabe? Mas não pude evitar. Então me virei bem devagar e espiei pelo visor do condutor, aquele que usamos para ver se a pessoa dentro do veículo está rasgando o estofado ou aprontando alguma coisa. Descobri que eu não estava levando um homem, mas um monstro. Um espectro da bruma, com ossos e tendões expostos e um rosto cheio de músculos esticados e dentes à mostra. Aquela coisa olhou para mim, toda sorrisos, e subiu em

direção ao visor. Pressionou aquele olho exposto contra o vão e, então, se *transformou*. Ela se *transformou*. A pele crescendo sobre a face, como a minha. Uma versão distorcida e mal-acabada de mim.

Ele começou a chorar novamente. Wax tirou os ossos de um pacote, partes do cadáver do caminhante que a Sangradora imitara para matar o padre Bin. Estavam descorados e limpos, e, embaixo deles, havia uma pilha de roupas. Túnicas dos caminhantes? Sim, as cores conferiam.

— As mãos vermelhas... — sussurrou Chapaou.

— Você fugiu depois disso? — perguntou Wax, alinhando os ossos cuidadosamente.

— Não, eu dirigi — respondeu Chapaou. — Chicoteei os cavalos, correndo com aquela coisa demoníaca na minha carruagem. Um motorista para o próprio Olhos de Ferro. De que serviria fugir? Aquilo tinha minha alma. Harmonia... tinha *minha alma*.

— Não — falou Wax. — É uma trapaça, Chapaou, um embuste. Você disse que era uma versão distorcida de você mesmo? — MeLaan dissera que os kandra mais velhos com frequência conseguiam formar uma estrutura semelhante a um rosto sem ter seus ossos, mas a diferença era sempre perceptível.

— Isso. — O homem se encolheu ainda mais na calçada. — Sei o que pensa, homem da lei. Que eu matei o padre esta noite, não foi? Fiquei louco, o matei, e as mãos ensanguentadas são minhas. Eu deveria ter me matado, pulado daquela ponte...

— Não — assegurou Wax. — Você caiu nas garras de uma charlatã, Chapaou. Não foi você.

O homem apenas choramingou.

Wax continuou a separar as evidências metodicamente, embora uma parte dele se perguntasse qual era a utilidade daquilo. O trabalho tradicional de detetive serviria para algo numa luta contra uma criatura como aquela? Como lutar contra a mitologia usando um microscópio? Harmonia... e se *encontrasse* uma pista? E se a perseguisse? Poderia derrotar algo desse tipo?

Ele encarou os ossos e balançou a cabeça. Enviaria aquilo a uma equipe de peritos. Precisava voltar para a mansão do governador e ver se tudo estava bem.

Espere, pensou e se reclinou. Ali, na barra da túnica. O que era? Tampou a

lanterna com uma das mãos, fazendo Chapaou gemer e se encolher ainda mais.

Com a luz da lanterna reduzida, Wax viu melhor. A dobra da barra da túnica *brilhava*, emitindo uma fraca luz azul, que passaria desapercebida com facilidade. Wax pegou um pouco da substância entre os dedos e a esfregou. Algum tipo de pó? Que espécie de pó tinha luz própria, por mais fraca que fosse?

— Você viu alguma coisa brilhando aqui, Chapaou? — perguntou ele, voltando-se para o homem. Wax teve que destampar a lanterna para conseguir que ele respondesse. Mesmo assim, a única resposta que conseguiu foi um confuso balançar de cabeça.

— Por onde você guiou a carruagem? — Wax quis saber.

— Pela praça Lestib — sussurrou Chapaou. — Onde me pediram para deixar a criatura. Então, fechei os olhos com força e esperei. Ela... ela subiu até onde eu estava. Colocou as mãos nos meus ombros, a cabeça ao lado da minha, nossas bochechas se tocando. Eu podia sentir o sangue, embora não estivesse manchando minha camisa. Ela... ela *sussurrou* para mim, homem da lei. “Eu o tornarei livre.” Quando abri os olhos, ela tinha partido, deixando aqueles ossos no compartimento do passageiro, junto com uma pequena pilha de moedas. Tive certeza de que tinha enlouquecido.

Wax engoliu um frasco de metais para reabastecer seus estoques, secou a embalagem e recolheu uma amostra do pó. Praça Lestib, que recebeu seu nome por causa de Lorde Nascido da Bruma. Era preocupantemente perto da mansão do governador.

— Não se preocupe. Estou no rastro dessa coisa. Pretendo detê-la.

— Ela disse que me faria livre — repetiu Chapaou. — Se não estou louco, isso significa... significa que a coisa era *real*.

— Ela é — confirmou Wax.

— Honestamente, senhor, eu preferia estar louco.

— Bem — respondeu Wax, erguendo e encaminhando Chapaou na direção de sua carruagem —, a coisa provavelmente não quer matar você.

— Provavelmente?

— Não posso saber com certeza — disse Wax, checando sua munição. — Mas eu apostaria meu dinheiro nisso. Pelo menos, ela não quer você morto mais do que quer todos mortos nessa cidade. Talvez. Não tenho certeza de qual é o

objetivo de tudo isso.

Chapaou parecia enjoado. Maldição. Wax tinha certeza de que a última parte de seu discurso o acalmaria.

— Vá para casa — disse ele antes de jogar algumas notas para o homem. — Ou vá para um hotel. Durma um pouco. Ela não vai atrás de você.

Ela tinha presas muito maiores para caçar.



O novo melhor amigo de seu filho!

Só 75 clipes ou um boxe e cinquenta por dois.

"Mas, depois disso, a maioria dos grãos irá para os maiores lances. Se você tem uma padaria, vai pensar duas vezes antes de vender pães a cinco clipes cada um quando poderia vender uísque a quarenta clipes a garrafa."

PECTIN-ADE

O PETISCO FAVORITO DA BACIA

Experimente todos os oito sabores! Só 10 clipes a caixa. Você ficará feliz por ter comprado PECTIN-ADE!

enviadas para Calour &
Morse, 211, centro, Sem

Precisa-se de investi

volver em energia elétrica
sua fortuna. Contate S. T.

EDITORIAL CONVIDADO

O INCÔMODO DOS LANÇAMOEDAS NEGLIGENTES!



Nos últimos dezesseis meses, tive que substituir três postes de iluminação, um portão de ferro e dois pináculos de campanário, todos em minha casa na rua Madison. Minha residência no Sexto Oitante, muito mais perto do centro, precisou de duas vezes mais cuidados por estar na rota principal dos entregadores Lançamoedas. Automóveis, carruagens, estátuas de bronze. Nada disso está a salvo de destino similar. Uma vizinhança elegante precisa ter a aparência de um retorno ao Mundo das Cinzas?

Não! Vamos recuperar essa dignidade! *(Continua no verso.)*



E VAI PARA CAMA SEM JANTAR TAMBÉM!

VISITANTES de outros MUNDOS



Raramente *O Jornal da Cara* traz notícias com ares sensacionalistas, mas a respeitável Lady Nicolle Sauvage, de Nova Seran, nos contatou com um relato que assombrará você.

"Eu estava perdida nas montanhas ao sul das Terras Brutas do Sul", contou Sauvage. "E meus companheiros de viagem ou tinham me deixado ou tinham morrido. Foi quando cheguei a um lago no montanha, de um azul perfeito, alimentado pelas neves derretidas dos picos. Por Harmonia, achei que havia chegado ao paraíso."

Enquanto o crepúsculo descia mais cedo, como costuma acontecer nas montanhas, Sauvage viu uma silhueta encolhida perto do lago. "Era só uma sombra, na verdade", disse ela. "Olhos penetrantes e o rosto de um animal de outro mundo, de uma dessas horríveis histórias sensacionalistas. I amonto dizer que não tive coragem de interagir com o visitante. Em vez disso, aquela visão terrível me dominou. Deixei que o instinto de preservação tomasse conta de mim e corri por uma hora antes de acampar em algum lugar."

(Mais no verso, coluna 4.)

A reunião sinistra!

Descrevi meu atacante como um homem em um terno listrado branco, mas isso não é tão específico como poderia ser. Em Elendel, alguém vestido como eu descrevi seria tão estranho como um chá da tarde com os ioiôs, mas, em Nova Seran, os homens costumam usar ternos tão chamativos que fazem com que alguém pense que são todos artistas atrasados para uma apresentação no circo local. Então, serei mais específico. O atirador também tinha bigodes engomados, esticados na horizontal de modo perfeito. As mulheres ao seu lado afastaram-se mais para trás não só porque ele tinha sacado uma arma, mas também porque temiam perder os olhos para aquelas pontas duras e brilhantes de pelos faciais.

Queimei o pouco de estanho que tinha. (Você vai se lembrar de que desabei na semana passada, no episódio "Um esporte dos espíritos", que foi forçado a queimar a maior parte do meu estanho para compensar os efeitos de ter ganhado um cavalheiresco concurso de degustação de vinhas um pouco mais cedo naquela noite.)

"Abaixe a arma, senhor", falei, amaldiçoando me por ter deixado Lampejo no casaco que os criados levaram quando entrei na festa. Tinha ficado tão frouxo desde que deixei as Terras Brutas que me sentia confortável sem Lampejo perto de mim? Nunca! Inconscientemente, eu sabia que, mesmo sem minha pistola de confiança, eu era páreo para

qualquer pessoa naque
não venceu as tribos
de Elantia? Não fui e
a trazer histórias das
das Montanhas de Cir
ventos pela vegetação?
as quem domésticos os
cavalos de pescoço com
Planícies de Kaermero

"Eu não abaixarei e
disse o homem, "até
por seus crimes."

Meus sentidos am
notaram um pequeno
discurso do homem. I
movimentos quase in
veis de seus olhos par
o para a esquerda. N
dos membros da ga
Pavimentadores, com
uara no início. Era u
procurando vingança,
muita certeza se era d
devia cobrá-la.

"Vamos conversar
de modo pacífico", sug
gentilmente os dedos
de Lady Lavont que
meu braço. "Tudo será
milady", falei, detectan
anfar em sua respiraçã
meus dedos roçaram o
um breve instante.

"Você matou meu
três anos, nas Terras B
to de Covington", dis
fingendo.

Eu precisava de te
pensar naquela acusa
dei um passo adiante
as mãos e disse: "C
ver, estou desarmado."
volta completa, mostr
a multidão que eu
nenhuma arma comig
corajosamente dei as c
o Bigode, confiando n
que ele tinha a respeito
identidade.

Quando me virei, pe
o apuro em que me e
Era verdade que eu tir
nas proximidades de
três anos antes. Mas un
o irmão de alguém lá?
dava que tivesse deixa
humanos sem irmãos, n
intencionalmente. A sir
de matar um homem c
pósito de deixar outro
é altamente repugnante

"Não sou o homem
ra", disse, levantando
para outro gelo, pare
Sem Rosto, se eu o me
reria tomando um belo
Montreau 328.

O tambor da arma
mais. Se minha tentat
se, eu teria outra chan
em meu abdome sob
o músculo podiam se
mas a bela camisa de
que eu usava fora pr
filha do proprietário d

UMA GUERRA DO FIM DO MUNDO!

Sablerfils & Buissonommes'

UM AMOR PARA DURAR A ETERNIDADE!

UM HERÓI PARA TODAS AS ERAS

A NOVA OPERETA histórica em cartaz AGORA no TEATRO CLARVONNE Caminho de Bonneweather, n. 1818



16



Empoleirado no alto de uma torre de eletricidade, Wax vigiava a mansão do governador — um edifício branco, iluminado por holofotes em meio às brumas. Aquelas luzes não eram tão fortes em outras noites, e o brilho delas naquele momento parecia indicar que Innate estava preocupado. As multidões não se dispersavam. Homens vagavam pelas ruas; parecia haver *mais* deles agora do que mais cedo, embora o relógio tivesse marcado meia-noite logo depois que Wax deixou o salão de abrandamento.

Ele parou em casa para refazer o curativo no braço, tomar alguns analgésicos e pegar alguns suprimentos: seu chapéu, sua escopeta de cano cortado e seu coldre de coxa. Pensou em mandar alguém buscar Lorde Harms, mas, sinceramente, preferia que o homem permanecesse em segurança onde a Sangradora não pudesse usá-lo contra ele. Melhor que ficasse escondido naquele telhado. De fato, estava meio tentado a buscar Steris e deixá-la em algum lugar parecido. Infelizmente, o tempo era curto. Tinha que acreditar que os policiais que a vigiavam a manteriam escondida.

Ao sair de casa, caminhou um pouco pelas ruas, prestando atenção nas pessoas. Escutava a raiva contra o governo. Acidez contra os caminhantes. As reclamações eram ruins o bastante, mas, misturadas a elas, havia uma tendência mais perturbadora. Raiva sem foco algum. Descontentamento generalizado. Homens resmungando enquanto tomavam cerveja, jovens jogando pedras nos gatos. Escondida entre tudo aquilo havia uma assassina, como um leão na relva alta.

Pelo menos a mansão do governador parecia calma. Ele chegara temendo o

pior, um ataque contra Innate enquanto estava longe. *Ela me pegou de jeito*, pensou Wax, insatisfeito, enquanto a brisa agitava seu casaco de bruma. *Não posso ficar e proteger o governador porque tenho que seguir as pistas e tentar descobrir qual é o plano dela, mas não consigo ser tão efetivo nessa caçada porque deixar Innate exposto me preocupa*.

Conseguiria convencer o governador a se esconder? Sob seus pés, a eletricidade corria como um rio invisível pelos cabos suspensos. Espíritos que se moviam como alomânticos no céu, saltando de edifício em edifício...

Ah, homem da lei, intrometeu-se uma voz em seus pensamentos como um prego numa tábua. *Aí está você.*

Wax levou a mão até Vindicação. Onde ela estava? Isso tinha que significar que a Sangradora estava perto, certo? Observando-o de algum lugar?

Você conhece as notáveis defesas do corpo?, perguntou a voz. Lá dentro, há pedaços minúsculos que os homens nunca veem. Nem mesmo cirurgiões os conhecem, de tão pequenos que são. É preciso um gosto refinado para distingui-los, conhecê-los. Como é que seu amigo gosta de dizer? Ninguém conhece a vaca melhor do que o açougueiro?

Wax se deixou cair de seu poleiro, diminuindo a velocidade ao *empurrar-se* numa tampa de garrafa no chão. As brumas rodopiavam ao redor, atraídas por sua Alomancia.

Se um invasor minúsculo entra em seu sangue, prosseguiu a Sangradora, *todo o seu corpo começa a girar em torno daquilo, a lutar contra aquilo até eliminá-lo. Como mil dedos de bruma, como uma legião de soldados pequenos demais para serem vistos. Mas o interessante é quando seu corpo se volta contra ele mesmo e esses soldados enlouquecem. Ficam livres...*

— Onde você está? — perguntou Wax, em voz alta.

Perto, respondeu a Sangradora. *Observando. Você e o governador. Precisarei matá-lo, você sabe.*

— Podemos conversar? — perguntou Wax, um pouco mais baixo.

Não é o que estamos fazendo?

Wax se virou, caminhando na noite. Ou a Sangradora o seguiria — e talvez ele conseguisse ver seus movimentos nas brumas — ou ele ficaria longe o bastante para que ela não pudesse escutá-lo, o que lhe indicaria em que direção deveria procurar.

— Vai tentar me matar? — Wax quis saber.

Que bem isso faria?

— Então quer jogar.

Não. A Sangradora parecia resignada. *Nada de jogos*.

— O quê, então? — questionou Wax. — Por que todo esse espetáculo?

Eu vou libertá-los. Cada um deles. Guiarei este povo e abrirei os olhos dele.

— Como?

O que você é, Waxillium?, perguntou a Sangradora.

— Um homem da lei — disse Wax, imediatamente.

Esta é a capa que está usando agora, mas não é quem você é. Eu sei. Deus sabe que vi a verdade em você.

— Então me diga — falou Wax, ainda caminhando nas brumas.

Acho que não serei capaz. Talvez eu consiga mostrar para você.

A Sangradora não parecia ter dificuldade em ouvi-lo, embora Wax estivesse falando cada vez mais baixo. Alomancia? Ou ela simplesmente tinha a habilidade de tornar sua audição melhor do que a dos humanos? Ele continuou procurando. Talvez numa daquelas janelas escuras no edifício do governo ali perto? Wax seguiu naquela direção.

— Foi por isso que escolheu o governador como alvo? — perguntou ele. — Quer derrubá-lo, libertar as pessoas da opressão do governo?

Você sabe que ele é apenas outro peão.

— Eu não sei isso.

Eu não estava falando com você desta vez, Waxillium.

Ele hesitou. O prédio de escritórios assomava-se diante dele, e as janelas pareciam uma centena de olhos vazios. A maioria estava fechada, uma prática comum à noite. Não havia necessidade de convidar as brumas a entrar. A religião podia dizer o que quisesse, e em geral as pessoas acreditavam, mas as brumas ainda as deixavam desconfortáveis.

Ali, pensou Wax, escolhendo uma janela aberta do segundo andar.

Muito bem, disse a Sangradora, e Wax viu alguma coisa se mexer lá dentro, mas a luz ambiente era fraca o bastante para que ele não conseguisse discernir o que era. *Sempre foi um bom detetive*.

— Na verdade, não sou detetive — falou Wax. — Nas Terras Brutas, você resolve menos casos com investigação do que com um bom par de pistolas.

Essa é uma mentira divertida, comentou a Sangradora. *Você a conta nas festas para os jovens que leram histórias demais sobre as Terras Brutas? Eles não gostam de ouvir sobre os interrogatórios a membros da família de um homem mau? Sobre rastrear armeiros para descobrir quem consertou o rifle de um fora da lei? Revolver uma fogueira de acampamento velha depois de passar dias na estrada?*

— Como você sabe essas coisas? — perguntou Wax.

Faço minha lição de casa. É uma coisa dos kandra, o que presumo que MeLaan explicou para você. Apesar do que afirma, você é um bom investigador. Talvez excelente. Mesmo que seja, por definição, um cão perseguindo o próprio rabo.

Wax seguiu até a base do edifício, diminuindo a camada de brumas entre ele e a Sangradora, que se escondia do outro lado da janela, apenas três metros acima. Seu rosto, embora envolvido pelas sombras, parecia errado para Wax. Um formato estranho.

— Você perguntou para ele? — sussurrou a Sangradora, mal audível na noite. Tinha uma voz áspera e seca, como aquela em sua mente.

— Para quem?

— Para Harmonia. Você perguntou por que ele não salvou Lessie? Um sussurro na hora certa, dizendo para vocês não se separarem. Um aviso no fundo da mente, dizendo para não entrar naquele túnel, mas em vez disso dar a volta? Você poderia ter salvado Lessie com facilidade se tivesse a ajuda dele.

— Não diga o nome dela — sibilou Wax.

— Ele supostamente é Deus. Podia ter estalado os dedos e feito Bronze cair morto na hora. Ele não fez isso. Você perguntou o motivo para ele?

No instante seguinte, Vindicação estava na mão de Wax, apontada para a janela. Sua outra mão procurava as seringas.

A Sangradora riu.

— Sempre rápido com a arma. Se falar novamente com Harmonia, pergunte para ele. Ele sabia o efeito que Lessie tinha sobre você, que era ela quem o mantinha nas Terras Brutas? Ele sabia que você jamais voltaria para cá, onde ele precisava que estivesse, enquanto ela estivesse viva? Será que ele *queria* que ela

morresse?

Wax atirou.

Não para atingir a Sangradora. Ele só precisava ouvir um estalo na noite. Aquele som, tão familiar, do ar se rompendo. A bala deixou uma trilha nas brumas, e a parede ao lado da Sangradora foi atingida, soltando pedaços de tijolo.

Ferrugem!... Ele estava tremendo.

— Sinto muito — sussurrou a Sangradora. — Pelo que tenho que fazer. Limpar a ferida é, com frequência, mais doloroso do que o corte em si. Você verá, e entenderá, assim que estiver livre.

— Não, nós...

As brumas se agitaram. Wax cambaleou para trás, virando a arma na direção de alguma coisa que passou como um borrão, deixando um rastro de brumas em movimento.

A Sangradora. Movendo-se com velocidade feruquêmica.

Em direção ao governador.

Wax xingou, virando Vindicação para trás dele e plantando uma bala no chão. Então, *empurrou-a* com toda a força. Lançou-se pelas brumas na direção das luzes ardentes do jardim do governador, passando por sobre os portões e assustando um pequeno bando de corvos que se espalhou no ar ao seu redor.

Dois tiros soaram na noite. Quando Wax cruzou o jardim, localizou a Sangradora nos degraus da entrada da mansão, usando um casaco escarlate que ia até os tornozelos. Os guardas estavam mortos aos seus pés. Sob o brilho das luzes elétricas, ele pôde ver o que estava errado com o rosto da Sangradora: ela usava uma máscara branca e preta. A máscara do Atirador, mas retorcida, quebrada num lado.

Ela entrou no edifício, agora sem usar sua velocidade. Wax aterrissou ao lado dos corpos, sem tempo para conferir se algum ainda estava vivo, e rosnou enquanto entrava na mansão, arma em punho, conferindo a esquerda, depois a direita. O mordomo da casa gritou, derrubando uma bandeja de chá na entrada, enquanto a Sangradora deslizava pelo chão em direção ao próximo aposento.

Wax a seguiu, arrancando a porta principal do batente e fazendo-a voar para trás, noite afora, ao *empurrar-se* contra ela e suas dobradiças para cruzar a sala meio correndo, meio deslizando. Ele irrompeu no aposento seguinte, uma sala de

estar, com Vindicação na mão, girando o tambor para colocar na posição certa uma das munições matabrumas. Uma bala contra Brutamontes, extraforte, projetada para causar o maior impacto possível.

A sala na qual entrou era decorada com o tipo de mobiliário perfeito que só se encontrava numa casa com muitos ambientes. Segundo a planta do imóvel que lhe deram, a sala secreta do governador ficava ali embaixo.

Ainda a arma, disse a Sangradora em sua mente enquanto saltava sobre um sofá, seguindo em direção à parede que escondia a escada até a sala secreta. *Inútil. Não posso ser morta com isso*.

Wax ergueu Vindicação e suspirou. Então atirou, *empurrando* a bala para a frente com toda a força. Acertou a Sangradora quando ela atingiu o solo.

Bem no tornozelo.

O osso se estilhaçou, e a Sangradora caiu ao tentar se apoiar. Virou-se na direção de Wax; os lábios eram visíveis o bastante no lado quebrado da máscara para ele ver que estavam retorcidos.

Wax deu outro tiro, que acertou um dos olhos da Sangradora.

Isso não faz diferença...

Ele avançou, atirando na mão da criatura quando ela tentou levantar a arma. Wax pegou a seringa, pronto para *empurrá-la* em direção à pele dela, mas ela grunhiu e se tornou um borrão. Wax tentou seguir o borrão, mas, naquele instante, a lateral da sala foi aberta, revelando a escadaria oculta. Um grupo de homens em ternos negros e escopetas em punho, frenéticos, surgiu pela passagem. A equipe de segurança especial do governador.

Wax buscou cobertura quando começaram a atirar. Não viu muito do que aconteceu a seguir, já que teve que se proteger atrás de uma poltrona pesada. A Sangradora se movia entre os homens, atirando. Eles tentavam revidar, causando mais danos aos companheiros do que a ela.

A luta acabou antes que o eco do primeiro tiro desaparecesse dos ouvidos de Wax. Os homens estavam caídos, gemendo e sangrando no chão, e a Sangradora entrava pela passagem secreta em direção à escada. Wax rangeu os dentes e se *empurrou* pela sala. Aterrissou, escorregando no sangue, e saltou pela escadaria. Outro *empurrão* o fez voar pelos degraus.

Tiros ressoavam no espaço apertado da escadaria, vindos de algum ponto à frente de Wax. Ele diminuiu a velocidade com um tiro no chão à sua frente,

aterrissando ao lado de um punhado de guardas caídos e sangrando no chão.

A kandra estava parada diante da porta da sala secreta. Ela olhou para Wax, sorriu e se tornou um borrão.

Mas sua alta velocidade só durou uma fração de segundo. Logo depois que começou a usar sua mente de metal, ela ficou mais lenta.

Wax conseguiu ver quando ela destrancou a porta da sala secreta do governador, usando uma chave que não devia ter. Abriu a porta com um floreio e olhou de soslaio para Wax, balançando a cabeça. Ela obviamente pensava que ainda era um borrão, movendo-se com uma velocidade incrível. E era mesmo.

Wax simplesmente se juntara a ela.

Um dos corpos caídos se agitou, e Wayne empurrou seu chapéu para trás, sorrindo de orelha a orelha. Wax ergueu as mãos, com uma arma em cada, e foi recompensado com uma expressão de completo choque no rosto da Sangradora. Ela tinha reconstruído seu olho, embora o sangue ainda escorresse pela frente da máscara. Enquanto ele a perseguira, conversara com ela, ela sempre parecera ter controle absoluto.

Até aquele momento.

Wax atirou com as duas armas. Isso, em geral, não era uma boa ideia, pelo menos quando se queria acertar alguma coisa, mas eles estavam separados por menos de três metros — e, além disso, ele estava dentro de uma bolha de velocidade. Suas balas desviariam ao deixar a aceleração do tempo, então mirar tinha um valor questionável de qualquer forma.

Em ocasiões assim, não valia a pena ser preciso. Valia a pena ser meticuloso. Steris ficaria orgulhosa.

Ele atirou sem parar, esvaziando as duas armas. Aproveitou a vantagem que tinha ganhado com a surpresa da Sangradora para jogar fora as armas e pegar sua outra Sterrion no coldre embaixo do braço, descarregando-a. Sua escopeta de cano curto, que trazia no coldre na coxa, veio na sequência, soltando uma trovoada de chumbo enquanto Wax seguia até a beirada da bolha de velocidade.

Quando chegavam no limite, as balas desviavam para o tempo normal, movendo-se de modo dolorosamente lento, mas menos de quinze centímetros separavam a borda da bolha de Wayne e a Sangradora. Wax soltou a escopeta e pegou uma das seringas mais uma vez, jogando-a na direção dela e *empurrando* o metal, com uma pequena esperança de que, aturdida pela chuva de balas, ela não a notasse chegando.

Quando a kandra se virou para fugir, a primeira bala a acertou. Outras se seguiram numa tempestade. Metade errou o alvo, mas Wax tinha dado quase duas dúzias de tiros. Muitos acertaram a Sangradora, que diminuiu sua velocidade feruquêmica enquanto era atingida. Ela se movia lentamente, tentando escapar da trilha de balas, e jatos de sangue irrompiam silenciosamente no ar, como sementes saídas de um dente de leão.

Ela cambaleou contra o batente da porta, e um dos tiros da escopeta acertou a parte de trás de sua cabeça, abrindo um buraco em seu rosto e arrancando a máscara. Ela cedeu, segurando o batente da porta, envolta no casaco vermelho.

A agulha voou com o *empurrão* de Wax, girando no ar, mas, como as balas, foi desviada ao sair da bolha de velocidade e acertou a madeira do batente, a alguns centímetros da Sangradora.

Ela se endireitou um segundo depois e se acelerou novamente enquanto os ferimentos desapareciam. Não olhou para ele enquanto suas costas se endireitavam e entrou pela porta. Ela arrancou a agulha do batente, jogando-a no chão em câmera lenta.

Wax pegou um punhado de munição no cinturão e saltou para fora da bolha de velocidade. Sentiu um *baque* imediato, como se o mundo tivesse sido abatido, e ouviu um som fraco de estouro. A náusea o atingiu como um soco no rosto, mas ele estava pronto para isso. Já tinha saído subitamente de bolhas de velocidade antes.

Um único tiro soou dentro da sala secreta.

Ele cruzou a distância que o separava da porta em um segundo, jogando os cartuchos diante de si, pronto para *empurrar* os que pudesse precisar para atingir a Sangradora. Uma vez lá dentro, no entanto, deixou a munição no chão. A Sangradora não estava na sala; uma porta aberta nos fundos a levara presumivelmente por um túnel até o quintal lá fora.

A suntuosa sala secreta, redonda e recoberta de estantes de livros, tinha um bar numa ponta e era iluminada por confortáveis lâmpadas de leitura. O governador estava ajoelhado no chão, segurando um ensanguentado Drim e tentando freneticamente estancar o sangue que saía do pescoço do guarda-costas.

Wax correu pela sala, parando na porta que levava ao túnel de fuga.

— Homem da lei! — gritou Innate. — Socorro. Por favor... Ah, Harmonia! Socorro!

Wax hesitou, espiando o túnel escuro e vazio. Aquilo o lembrava de outro

túnel parecido, empoeirado e escorado por vigas nas laterais. Ao mesmo tempo uma tumba e um cenário...

Atrás dele, Wayne entrou no quarto e correu para ajudar Innate. Wax permaneceu ao lado da porta do túnel, rolando algumas balas entre os dedos.

— Ele me salvou — falou Innate, chorando. Estava encharcado pelo sangue de Drim. Arrancara a camisa, tentando usá-la para estancar o sangue. — Ele entrou na frente bem quando a assassina atirou — falou Innate. — Me diga que pode... por favor...

— Ele se foi, meu chapa — falou Wayne, sentando-se no chão.

— Temos outras baixas lá em cima, Wayne — falou Wax, apontando. Com relutância, fechou a porta do túnel de fuga. Não podia sair em perseguição, não sem deixar o governador sozinho.

Wayne saiu correndo do quarto para ajudar os homens feridos no andar de cima. Wax foi até o governador, que continuava ajoelhado ao lado do cadáver de seu guarda-costas. Innate nunca lhe parecera tão humano quanto naquele instante, de ombros caídos e cabeça baixa. Exausto, desconsolado. Alguém poderia fingir desse jeito?

Conferiu mesmo assim.

— Levedura na areia — disse Wax.

Innate ergueu os olhos desfocados. O coração de Wax saltou no peito, mas então o governador suspirou.

— Ossos sem sopa.

Ele sabia a contrassenha. Era realmente Innate.

Wax se ajoelhou ao lado do governador, olhando o cadáver de Drim. Por mais irritante que o homem fosse de vez em quando, não merecia isso.

— Sinto muito.

— Ela parou de se mover num borrão — contou Innate, com a voz tensa. — Apareceu aqui dentro, de arma em punho, mas parecia zangada com alguma coisa. Drim saltou na minha frente bem quando ela atirou. Ela sumiu no segundo seguinte. Certamente, poderia ter parado para acabar comigo em vez de fugir.

— Ela obteve seus poderes feruquêmicos há duas semanas — disse Wax. — Esse período de tempo limita muito a velocidade que ela pode ter estocado, e se mover tão rápido deve ter drenado depressa sua mente de metal. Ela precisava escapar antes de ficar sem velocidade.

Claro que podia haver outro motivo. Ela podia ter desejado apenas assustá-los. Para obrigar o governador a fazer alguma coisa. Mas o quê? Ela dissera que pretendia matá-lo, mas não até que fosse a hora certa.

Por quê? Qual era o plano?

— Então ela tem pontos fracos — disse Innate. — Pode ser derrotada.

— É claro que pode — respondeu Wax. Ele olhou para o cadáver e para o chão manchado de vermelho. *Mas a que custo?* Inspirou profundamente. — Quero que deixe a cidade.

— Não.

— Isso é uma estupidez — replicou Wax. — Ela *vai* voltar.

— Já deu uma olhada lá fora, homem da lei? — perguntou Innate, acenando com a mão ensanguentada para algum lugar lá em cima. — Já viu o que está acontecendo nesta cidade?

— Você não pode fazer nada a respeito esta noite.

— Claro que posso — disse Innate. — Sou o líder desta cidade; não vou fugir. Se não tiver mais nada que eu possa fazer, ao menos preciso ser visto... Preciso me encontrar com os principais instigadores deste movimento, se é que conseguiremos encontrar algum. Preciso me dirigir às multidões, preparar um discurso... Preciso reunir meu gabinete e, com eles, ter certeza de que ainda teremos uma cidade pela manhã. — Apontou para Wax. — Você tem que *deter* esta criatura, Ladrian. Não tenho mais nenhum guarda-costas. Estou em suas mãos.

Innate saiu em seguida. O que quer que pensasse sobre o homem, Wax tinha que respeitar a coragem do governador.

Você tem que deter essa criatura...

Wax viu a seringa ainda caída no chão perto do batente da porta. Tão perto... Se tivesse acertado, ele poderia ter sido capaz de empurrar o êmbolo de metal e lançar o líquido pelas veias dela. Sentindo-se impotente, ele pegou a seringa e a levou até o cadáver de Drim, morto com uma bala no pescoço. Wax enfiou a seringa no braço do cadáver e a esvaziou na carne.

Nada aconteceu. Ele não esperava que fosse diferente — parecia bem pouco plausível que a Sangradora conseguisse assumir o rosto de Drim e enganar o governador, mas, ainda assim, isso deixou Wax mais confortável.

Tropeçou ao ficar em pé. Ferrugem!, estava cansado. Por que ela *não* tinha

matado o governador? Havia mais coisas naquilo.

Wayne enfiou a cabeça pela porta.

— Dois guardas devem sobreviver. Um cirurgião já chegou.

— Ótimo — disse Wax. — Espere por mim lá em cima.

Wayne assentiu, voltando por onde viera. Wax seguiu até a rota de fuga da Sangradora e abriu a porta. Acendeu uma vela e subiu a rampa, cauteloso, com a arma na mão. Que relação existia entre prejudicar o governador, incitar uma revolta contra os caminhantes e atiçar a "liberdade" do próprio Wax? O que ele estava deixando passar?

Ele não encontrou a Sangradora no túnel, mas sim seu manto vermelho, abandonado na metade do caminho. Ela o jogara ali, ensanguentado, de lado. Ali, rabiscado na parede de madeira, havia um desenho rudimentar de um homem, feito com o dedo sujo de sangue.

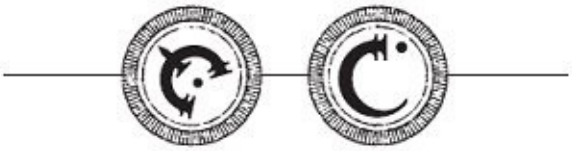
Manchas de sangue seco marcavam os olhos e a boca da figura. As palavras rabiscadas embaixo, com sangue, causaram um calafrio em Wax.

Eu arranquei a língua dele para conter as mentiras.

Eu preguei os olhos dele para me esconder de seu olhar.

Você será livre.

17



Cerca de meia hora após o ataque da Sangradora, Wayne entrou num banheiro chique da mansão do governador. Só que, em sua cabeça, aquilo não era um banheiro. Ele só sabia que devia chamá-lo assim naquela mansão.

Vejam, Wayne decifrara o código.

Pessoas ricas tinham seu próprio *código*. Todas o usavam como se fosse uma nova linguagem para excluir quem não pertencia ao grupo.

Pessoas normais chamavam aquilo pelo que era.

Wayne diria:

— O que é aquilo, Kell?

E Kell responderia:

— Aquilo? Aquilo é o cagador.

E Wayne replicaria:

— O que você faz com isso?

E ele diria:

— Bem, Wayne, é onde você caga.

Fazia sentido. Mas pessoas ricas tinham uma palavra diferente para o cagador. Chamavam de “toalete” ou “banheiro”. Desse jeito, se alguém perguntasse onde ficava o cagador, saberiam que era uma pessoa que precisavam oprimir.

Wayne fez o que precisava e cuspiu o chiclete antes de dar a descarga. Era bom usar seu chapéu novamente, além dos bastões de duelo na cintura. Passara

uma boa hora, ou duas, usando as roupas e o rosto falso de um guarda de Innate. Aquilo era horrivelmente desconfortável.

Ele limpou o nariz, que escorria, e lavou as mãos, secando-as em toalhas bordadas com o nome de Innate. Será que o governador tinha *tanto* medo de que as pessoas levassem suas toalhas embora? Bem, pior para ele. Wayne ficaria muito satisfeito em limpar sua sujeira com o nome do governador. Enfiou a toalha no bolso e deixou em troca algumas balas de menta que pegara no bar.

Saiu dali, espiando a sala onde o governador estava reunido com todo tipo de gente importante, o tipo que chamava o cagador de “lavabo”.

Sabe, talvez eu esteja errado, pensou Wayne. Talvez não seja um código. Talvez estejam tão familiarizados com o que sai de seus próprios rabos que palavras normais não sejam específicas o suficiente. Como na linguagem terrisana, que tinha sete palavras distintas para ferro.

Assentiu para si mesmo. Uma nova teoria. Wax adoraria essa. Wayne passou pela sala com os sofás, onde os guardas tinham sido abatidos. Wax estava parado lá, com um envelope no qual guardava alguma coisa pequena e metálica. Fechou-o e entregou-o para um jovem mensageiro da equipe do governador.

— Entregue rapidamente — falou Wax. — Bata na porta. Acorde-a se precisar... e não fique com medo se ela xingar ou ameaçar atirar. Ela não vai machucar você de verdade.

O jovem assentiu, embora estivesse pálido.

— Diga para ela que é urgente — falou Wax, erguendo o dedo. — Não a deixe jogar o envelope de lado para ler durante a manhã. Fique ali até que ela tenha lido o que escrevi, entendeu?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Agora vá.

O jovem saiu correndo. Wayne se aproximou de Wax, passando pela porta aberta que levava à sala secreta. Os corpos tinham sido removidos, embora a sujeira de sangue permanecesse.

— Ranette? — perguntou Wayne, esperançoso.

Wax assentiu.

— Pensei em algo que pode ajudar.

— Eu poderia ter levado para ela...

— Em você ela *teria* atirado — comentou Wax.

— Só porque ela gosta de mim — respondeu Wayne, sorrindo. Teria gostado de uma desculpa para ver Ranette. Parecia que aquela noite ficava cada vez mais tenebrosa.

— Wayne... — falou Wax. — Você sabe que ela não gosta de você.

— Você sempre diz isso, mas é só porque não está vendo a verdade, Wax.

— Ela tenta matar você.

— Para me manter vivo — replicou Wayne. — Ela sabe que tenho uma vida perigosa. Então, me manter atento é o melhor jeito de ter certeza de que continuarei por aqui. De qualquer forma, foi Marasi que eu vi ali com o governador e aquela gente importante?

Wax assentiu.

— Ela e MeLaan chegaram há algum tempo. Aradel quer declarar a lei marcial.

— E você não? — perguntou Wayne, sentando-se num dos belos sofás que não estavam muito sujos de sangue. Gente importante estava reunida ali perto. Ele suspeitava saber o que viria na sequência e pretendia esperar por ali.

Wax parou por um instante e, então, balançou a cabeça.

— A Sangradora arranjou tudo isso, Wayne. Ela está nos empurrando nesta direção. “Eu arranquei a língua dele... Eu preguei os olhos dele...”

— Olha, sou bem chegado num desmembramento — comentou Wayne —, mas isso é um tanto violento para essa hora do dia.

— A Sangradora escreveu isso na parede lá embaixo. Um tipo de poema. Não me pareceu acabado.

— Ela pregou o sacerdote pelos olhos — observou Wayne.

— E arrancou a língua de Winsting — recordou Wax. Remexeu em seu bolso e pegou alguma coisa, que jogou para Wayne.

— O que é isso? — perguntou Wayne, virando o objeto entre os dedos. Era um pedaço de madeira pintada.

— Restos da máscara do Atirador. A Sangradora estava usando isso.

— Acha que ela era o Atirador? — Wayne quis saber.

— Talvez — respondeu Wax. — Teria servido ao propósito dela, enervando as pessoas nos cortiços, lembrando quão ricas as casas são. Ao abatê-lo, eu me

coloquei contra as pessoas comuns.

— Odeio dizer, meu chapa — comentou Wayne —, mas você não era exatamente amado por elas.

— Sou um herói das Terras Brutas — lembrou Wax.

— Você é um tira — disse Wayne. — *E* um senhor de uma casa, meu chapa. Sem mencionar que pode... não sei... *voar*! Não dá para lidar com isso como nas Terras Brutas. Não dá para convencer um camarada de que você está do lado dele colocando-o na prisão e depois jogando cartas com ele até que ele veja você como um cara qualquer.

Wax suspirou.

— Você está certo, é claro.

— Em geral, estou.

— Exceto naquele aniversário de Lessie.

— Você sempre traz isso à tona, não é? — Wayne se recostou, abaixando a parte da frente do chapéu sobre os olhos. — Foi só um engano.

— Você colocou dinamite no *forno*, Wayne.

— Você tem que esconder o presente onde ninguém o procurará.

— Preciso juntar as peças dessa história — comentou Wax, começando a andar de um lado para outro. — Fazer esquemas. Escrever. Estamos deixando de lado alguma coisa muito importante.

Wayne assentiu, mas já não estava ouvindo. Wax descobriria. Wayne só precisava fechar um pouco os olhos, agora que a ocasião era propícia para...

Ele ouviu uma porta se abrir. Colocou novamente o chapéu e ficou em pé em um segundo, correndo até a porta. Wax xingou, pegando uma de suas armas e seguindo Wayne, que correu pelo corredor até interceptar uma criada com um prato cheio de comidinhas de festa.

— A-há! — exclamou Wayne. — Achou que escaparia de mim, não é?

A criada da cozinha parecia horrorizada enquanto Wayne pegava três unidades de cada petisco. Wax parou na porta e abaixou a arma.

— Ah, pelo amor de Harmonia!

— Harmonia pode se virar sozinho — falou Wayne, enfiando um bolinho na boca. Quando se virou para falar com Wax, a criada saiu correndo, dirigindo-se para a reunião.

Era exatamente o que Wayne estava esperando. Reuniões de gente importante sempre tinham petiscos. Ou canapés, se você sabia o código. Wayne enfiou um na boca — bacon cristalizado enrolado numa noz.

— Está bom? — perguntou Wax.

— Tem gosto de algodão doce — comentou Wayne, apreciando o sabor. — Feito de bebês.

— Eu não precisava ouvir isso — falou Wax, colocando a arma novamente no coldre. — Vou dar uma saída para ver se consigo descobrir qual é o plano da Sangradora. Isso deixa você encarregado da proteção do governador novamente.

Wayne assentiu.

— Farei o que puder, mas é uma ordem difícil, meu chapa.

— Vou conseguir ajuda — disse Wax, seguindo até o cagador feminino. Bateu na porta.

— Ainda estou me trocando! — A voz de MeLaan veio lá de dentro.

— Quanto tempo mais? — perguntou Wax.

A porta se abriu parcialmente, e o rosto da mulher que espiou para fora não tinha nada a ver com o de MeLaan.

— Não muito mais — disse ela com a voz de MeLaan. — O cabelo dessa mulher é um verdadeiro horror. — E fechou a porta.

— Eu conheço aquele rosto — falou Wayne, cruzando os braços e se recostando na parede.

— Uma das guardas que levou um tiro mais cedo — confirmou Wax.

— Ah, certo. — Wayne teve uma sensação de desânimo. — Não foi uma das que tentei salvar?

— Morreu um pouco depois — contou Wax. — MeLaan vai manter o braço na tipoia... Foi onde o tiro acertou primeiro, antes de penetrar nos pulmões da mulher. Vamos mantê-la na guarda do governador, e, com sorte, a Sangradora estará ocupada demais procurando por mim e não perceberá a srta. MeLaan.

— Espero que isso seja importante. — A voz da kandra veio de dentro do cagador. — *Odeio* ser baixa. Só para constar, esta senhora tem um gosto horrível. Muito magra e forte. — A porta se abriu, revelando o mesmo rosto de antes. — Da próxima vez, escolha um corpo mais sedentário, pode ser? Tenros e envelhecidos têm o melhor sabor para...

Ela parou de falar, olhando para Wayne e para Wax e percebendo as expressões deles.

— Ah, certo — disse ela. — Mortais. Esqueci quão delicados podem ser.

— Por favor — falou Wax, parecendo pesaroso —, mostre algum respeito pela morta. Já é difícil deixar você usar o cadáver dela assim.

MeLaan revirou os olhos. Ferrugem!, era estranho vê-la se comportar do mesmo jeito que antes, só que num corpo completamente diferente.

— Sou eu ou os vermes, garotos. Não acha que ela ficaria feliz em desaparecer de uma vez, em menos de meia hora, em vez de ficar sob a terra, desfazendo-se ao longo de...

— É descrição demais, MeLaan — comentou Wax, com a voz tensa.

— Tudo bem, tudo bem. Já estou quase pronta. Só preciso vestir as roupas dela. Como está o cabelo?

— Ótimo — falou Wayne. — Mas acho que você se esqueceu de uma sobrancelha.

MeLaan levou a mão ao rosto.

— Inferno! — exclamou. — Isso que dá ser obrigada a trabalhar tão rapidamente. — Ela voltou para o banheiro.

— Falando em rapidamente — disse Wax atrás da porta —, é isso que posso esperar da Sangradora? Meia hora para mudar de corpo?

Wayne assentiu. Seria útil saber isso.

— Não, infelizmente. — A voz de MeLaan veio lá de dentro, abafada. Ainda era a mesma voz que tinha no outro corpo. Será que mudaria isso? — Paalm é da velha guarda e tem *muita* prática. Não acho que alguém seja tão bom quanto TenSoon, veja bem, mas Paalm será rápida... em especial para mudar para um corpo que já usou antes. Conheço alguns das primeiras gerações que conseguem mudar de corpos em dez minutos, e com os olhos vendados.

— Isso não é difícil? — questionou Wayne. — Tipo... uma vez, comi vinte salsichas numa aposta. Ganhei cinco notas, mas passei uma hora no chão, gemendo como um sujeito na latrina tentando forçar a passagem de uma manga por sua delicada rosquinha, se é que me entende.

Wax gemeu baixinho, mas, algum tempo depois, MeLaan abriu a porta novamente, desta vez vestida com um terno negro como os outros guardas. Também estava sorrindo.

— Você é fofo — falou ela para Wayne. — Como está minha sobrancelha?

— Hã, bem. — *Fofo?* — Mas sou comprometido.

— Em resposta à sua pergunta — disse MeLaan —, é difícil, mas não pela razão que está insinuando. Podemos ingerir rapidamente e expulsar o excesso, o que torna conveniente fazer a transformação perto de um ralo, como aqui. A parte difícil é memorizar os padrões musculares enquanto você os digere. Isso e deixar o cabelo direito. Vocês estão praticamente afogados em pelos. Felizmente, para uma mudança rápida como essa, posso ignorar os pelos que ficam embaixo da roupa.

— Então... espere — disse Wayne, esfregando o queixo. — Está dizendo que é possível saber se uma pessoa é uma kandra olhando...

— Olhando se ela tem pelos nas pernas e nos braços? — perguntou MeLaan. — Isso poderia funcionar, mas só se a kandra tiver mudado de corpo muito rápido.

— *Pelos nos braços* — disse Wayne. — Certo. Eu estava pensando nos pelos nos braços.

— É a parte mais difícil de imitar no curto prazo — contou MeLaan. — Não conseguimos produzir pelos, então temos que usar os de vocês e colocar cada fio num poro. Braços e pernas têm milhares dessas coisas. É um sofrimento. Muito pior do que uma massa na cabeça ou coisa parecida.

— MeLaan — falou Wax, enfiando a mão no bolso do casaco e pegando alguma coisa. — Você reconhece isso?

— Não tenho muito no que me basear, chefe, mas eu diria que é um frasco de vidro vazio.

— Leve lá para dentro e apague a luz — pediu Wax, jogando o frasco para ela enquanto Wayne se aproximava, tentando dar uma olhada. Aquela coisa parecia interessante.

MeLaan se retirou e, então, abriu a porta um segundo depois. Agarrou Wax pelo casaco de bruma, ainda imponente de algum modo, apesar de agora ser mais baixa do que qualquer um deles.

— Onde conseguiu isso?

— Na barra da túnica da Sangradora — contou Wax. — A que ela estava usando para imitar o sacerdote.

— Isso é percamurcha — contou MeLaan. — Um fungo bioluminescente. Só

cresce num lugar.

— Onde? — perguntou Wax.

— Na Terra Natal.

Wax pareceu desanimado.

— Ah, então vem de onde esperávamos que viesse, certo?

— Não — respondeu MeLaan. — Os kandra não estão mais presos lá. Nós nos mudamos para a sociedade... Temos casas, vidas. Se quisermos nos encontrar com outros da nossa espécie, vamos a um pub. A Terra Natal é um monumento. Um lugar sagrado. Um lugar de relíquias. Ela ter estado lá recentemente, usando o corpo de alguém que matou... — MeLaan estremeceu visivelmente, soltando Wax. — É nauseante.

— Eu deveria ir conferir — sugeriu Wax. — Ela pode estar lá.

MeLaan cruzou os braços, olhando-o de cima a baixo.

— Harmonia diz que tudo bem — falou ela. — Você pode entrar pelos túmulos. Procure pelo símbolo do atium e use seus outros olhos. Não usamos aquela entrada com muita frequência, mas provavelmente será mais fácil para você. Só não quebre nada, homem da lei.

— Farei o melhor possível — prometeu Wax, virando-se quando um criado apareceu no corredor e se aproximou com uma pequena bandeja de prata com um cartão.

— Lorde Ladrian? — chamou o criado, segurando a bandeja. — Sua carruagem chegou.

— Carruagem? — perguntou Wayne. Numa caçada, Wax em geral entrava no modo “voar pela cidade como um abutre ferrado”. Por que precisaria de uma carruagem?

Wax pegou o cartão na bandeja e, então, assentiu, inspirando profundamente.

— Obrigado. — Ele se virou para Wayne e MeLaan. — Mantenham o governador vivo. Mandarei notícias se descobrir alguma coisa.

— Então, o que tem na carruagem? — perguntou Wayne.

— Enviei um bilhete para a mansão assim que cheguei aqui — contou Wax. — Há uma pessoa nesta cidade que pode ter um indício do que a Sangradora está tramando. — Wax assumiu uma expressão sombria.

Ah, é claro, pensou Wayne. Deu um tapinha no ombro de Wax. Aquela não

seria uma reunião agradável.

— Quem? — perguntou MeLaan, olhando de Wayne para Wax. — De quem vocês estão falando?

— Você já ouviu falar de algo chamado O Grupo?

Wax encontrou seu tio esperando confortavelmente dentro da carruagem. Sem guarda-costas. O cocheiro nem sequer pediu a arma de Wax quando abriu a porta. Contatar seu tio fora fácil; os registros do tio listavam alguns cofres de depósito de Edwarn, mantidos sob nomes falsos. Depois de vigiar um deles por algumas semanas, Wax encontrou uma carta lá dentro, sugerindo que experimentasse outra coisa.

Ele deixara sua própria carta em resposta. Depois disso, outra carta apareceu. Elas não diziam nada de útil, e Wax quase enlouquecera tentando descobrir como tinham sido colocadas lá. Edwarn, por outro lado, parecia saber o momento exato em que o sobrinho lhe deixava algo.

Wax inspirou profundamente e subiu na carruagem. Edwarn era um homem robusto, caracterizado por uma barba bem aparada, um belo terno sob medida e uma gravata Ascot tão estreita e fina que parecia uma gravata-borboleta afrouxada depois de uma longa noite. As mãos de Edwarn estavam apoiadas tranquilamente no punho ornamentado de uma bengala, e seu rosto tinha um sorriso largo.

— Sobrinho! — disse ele quando Wax se acomodou em seu assento. — Não pode imaginar minha alegria ao receber seu bilhete, e com a promessa de que não tentaria me prender. Tão singular! Vim imediatamente. Sinto que estivemos distantes demais nos últimos tempos.

— Distantes? Você tentou me matar.

— E você tentou retribuir o favor! — comentou Edwarn, batendo com a bengala no teto para que a carruagem começasse a se mover. — Mesmo assim, aqui estamos, ambos vivos e bem. Não vejo motivo pelo qual não possamos ser amistosos. Somos rivais, sim, mas ainda somos uma família.

— Você é um criminoso, tio — respondeu Wax. — Considerando as coisas que fez, não sinto muita empatia familiar.

Edwarn suspirou, pegando o cachimbo no bolso.

— Não pode pelo menos tentar ser agradável?

— Vou tentar. — A verdade era que Wax queria informações. Antagonizá-lo não seria inteligente.

Seguiram em silêncio por um tempo, enquanto Edwarn acendia o cachimbo e Wax tentava organizar os pensamentos. Como abordar o assunto?

— Noite perigosa — observou Edwarn, acenando com a cabeça na direção da janela enquanto passavam por um grupo de homens e mulheres segurando lanternas e tochas e ouvindo uma mulher que falava em pé sobre uma pilha de caixas. Ela gritava palavras zangadas nas brumas, mas Wax não conseguiu entender o que dizia. Ferrugem!, o grupo estava perto da mansão do governador. Esperava que Innate e os policiais conseguissem manter aquilo sob controle. — Eu me pergunto — continuou Edwarn, dando baforadas em seu cachimbo — se aquela noite há tanto tempo foi parecida com essa... A noite da aposta do Sobrevivente. A queda de um regime. O começo de um novo mundo.

— Não pode achar que isso é equivalente — comentou Wax. — O regime do Senhor Soberano era de terror e opressão. Essas pessoas estão irritadas, sim, mas é um mundo muito diferente agora.

— Diferente? — perguntou Edwarn, deixando a fumaça sair da boca enquanto falava. — Talvez. Mas as emoções humanas são as mesmas. Parece que não importa quão boa seja a caixa: coloque um homem lá dentro e ele se rebelará. Lutará. *Protestará*.

— E você afirma estar do lado do homem comum — disse Wax, seco.

— Dificilmente. Quero poder. Riqueza. Influência. Na verdade, exatamente como a equipe do Sobrevivente.

— Eles eram heróis.

— E ladrões.

— Eram o que tinham que ser.

— E o próprio Kelsier? — questionou Edwarn. — Nos anos antes de sua grande aposta? E quanto à Guerreira Ascendente, vivendo nas ruas, enganando nobres e sacerdotes para sobreviver? Você já leu as “Palavras de Fundação”, sobrinho? A *Histórica* fala francamente sobre as ambições deles. O Sobrevivente não queria apenas derrubar o Senhor Soberano, mas também roubar as riquezas do império. Queria governar o mundo que surgiu com a queda do Senhor Soberano. Queria poder. Influência. Riqueza.

— Não vou seguir por essa conversa, tio — falou Wax.

— Já se perguntou — devaneou Edwarn, ignorando a objeção de Wax — se você se daria bem com eles? Se vivesse naquela época, o que veria? Um bando de malandros? Criminosos? Você teria algemado a Guerreira Ascendente e a colocado atrás das grades? A lei não é algo sagrado, filho. É só um reflexo dos ideais daqueles com sorte o bastante para estar no comando.

— Não conheço nenhum policial que ache que a lei é perfeita ou que os tribunais são infalíveis — comentou Wax. — Mas são o melhor que temos agora, e não vou acalentar nem por um *segundo* a ideia de que você é algum tipo de justiceiro secreto. Você é podre até os ossos, tio.

— Que agradável — falou Edwarn. — E é isso que ganho por responder ao seu convite? Insultos e críticas ácidas? E as pessoas se perguntam por que nossa casa é considerada uma piada atualmente. Já me disseram que convidam você para as festas só para vê-lo se pavonear.

— Eu o convidei porque acho que podemos ter um inimigo em comum — respondeu Wax. — Sei que você quer governar esta cidade. Bem, preciso que você seja razoável. Falei com a criatura. Se não a impedirmos, pode não existir uma cidade *para* governar.

Edwarn não respondeu, segurando o cachimbo e olhando pela janela de vidro da carruagem para as brumas que se revolviam na escuridão lá fora.

— O que você sabe? — Wax quis saber, quase implorando. — Tenho certeza que o Grupo vem acompanhando os acontecimentos com interesse. Sua tentativa de me matar mais cedo... Diga-me que foi apenas um golpe de sorte. Diga-me que não está trabalhando com ela. Ela quer ver tudo pegar fogo, tio. Ajude-me a derrotá-la.

Edwarn pensou em silêncio por um tempo, desfrutando seu cachimbo.

— Você percebe o que sua campanha exagerada contra nós conseguiu, sobrinho? — perguntou ele, por fim. — Metade dos elementos dessa cidade está assustada demais para trabalhar com o Grupo, com medo de que você apareça na porta deles e atire em suas mães. O dinheiro que você apreendeu não nos arruinou, mas deixou alguns de nossos membros muito, muito irritados.

— Ótimo — disse Wax.

— Você diz isso porque é ignorante — replicou Edwarn. — Entre os membros do Grupo, eu sou conservador. Falo contra agir por impulso, contra a violência. Quanto mais você age, no entanto, mais fraca minha influência se torna, e mais fortes ficam as vozes clamando por mudanças. A qualquer custo.

— Ah, Harmonia — sussurrou Wax. — Você *está* trabalhando com ela.

— É mais como se estivéssemos guiando uma tempestade — comparou Edwarn. — Pessoalmente, eu adoraria ver você derrotar essa criatura. Isso poderia derrubar alguns dos meus rivais e me dar uma chance de propor algo audacioso de minha autoria para o Grupo. Mas não vou ajudá-lo, sobrinho. Talvez isso precise acontecer.

— Como pode fazer isso? Vai assistir a tudo pegar fogo?

— Cinzas são excelentes fertilizantes — falou Edwarn.

— A menos que a pilha seja alta o bastante para sufocar tudo.

Edwarn apertou os lábios.

— Você não enxerga longe e é seguro demais de seus valores. Sempre foi assim, desde jovem. Mas ainda amo você, sobrinho. Considero o fato de eu não o ter matado como um sinal desse amor. Continuo esperando que veja que não somos seus inimigos. Somos os ladrões e malandros dos dias de hoje, que algum dia serão saudados como heróis. Os homens e mulheres que farão mudanças no mundo porque... Como foi que você disse? Somos o que precisamos ser para sobreviver?

— E minha irmã? — perguntou Wax. — Mantê-la cativa é parte do que você precisa fazer para sobreviver?

— Na verdade, sim — respondeu Edwarn, encarando-o. — Porque não duvido que algum dia terei que usá-la contra você. Mate-me, e sua irmã estará morta.

Ele bateu com a bengala no teto do veículo. A carruagem parou.

— Agora vá correndo — disse Edwarn. — Vá ser o soldadinho de brinquedo e finja que não teria matado todo o bando do Sobrevivente se vivesse na época do Senhor Soberano. Tente fingir que foi para as Terras Brutas em busca de justiça, e não porque percebeu que a vida nesta cidade era *dura* demais para você.

Ficaram sentados em silêncio na carruagem imóvel. Wax manteve-se firme, embora Edwarn olhasse para o coldre do sobrinho, como se esperasse que desembainhasse a arma. Ele podia fazer isso. Podia atirar no homem na sua frente, naquele instante — já quebrara promessas antes, e feitas a homens muito melhores que seu tio.

Mate-me, e sua irmã estará morta.

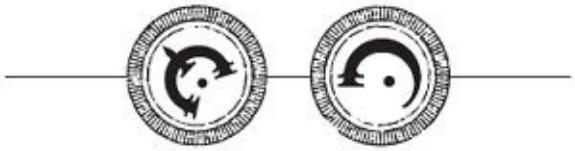
Wax abriu a porta com um chute.

— Vou cuidar daquela kandra, mas saiba que não me esqueci de você, tio. Um dia, vai me encontrar parado atrás de você, com uma arma na sua cabeça, e fará a súbita e horrível descoberta que não há nada para protegê-lo.

— Aguardo por isso! — disse Edwarn. — Se esse dia não chegar antes do próximo verão, você podia se juntar a mim no jantar de Ação de Mare. Faremos um leitão recheado em sua honra.

Wax rosnou baixinho, mas desceu da carruagem e bateu a porta.

18



Marasi tinha gastado grande parte da vida adulta para se preparar para ser advogada, e sua mãe desejava que um dia ela encontrasse seu caminho na política. Marasi abandonara as aspirações políticas na juventude, e recentemente abandonara a advocacia também. A questão era que essas profissões tinham uma falha importante: eram totalmente povoadas por advogados e políticos.

Apesar de seus esforços, ela agora se encontrava numa sala cheia deles. O governador Innate estava parado perto da lareira, em seu escritório particular, com um braço apoiado na cornija. Diante dele estavam os homens e mulheres de sua equipe executiva, um grupo caloroso que não parecia tão grogue quanto os policiais e guardas que haviam sido convocados no meio da noite.

De fato, o grupo mostrava bastante energia enquanto discutia a crise. Suas palavras tropeçavam umas nas outras na ansiedade de explicar suas opiniões, como crianças que disputam a aprovação dos pais. Marasi estava ao lado da janela — onde o governador a deixara, dizendo que falaria com ela mais tarde. Então, ela esperava, ouvia e fazia anotações circunspectas em seu bloco de notas. Se a kandra estivesse escondida entre eles, ela duvidava que um deslize verbal permitiria que a reconhecesse, mas parecia ser o melhor uso possível de seu tempo enquanto precisava ficar parada ali.

— Tudo vai voltar ao normal — repetia o diretor de Saneamento da cidade. Era um advogado que fizera o mesmo estágio que Marasi, embora muitos anos antes. Ela não tinha certeza do motivo de ser preciso ter um diploma de direito para administrar o sistema de saneamento da cidade. — Governador, você está levando isso muito a sério.

— Estou levando um atentado contra minha *vida* muito a sério? — perguntou Innate. — Um ataque que matou um dos meus amigos mais antigos?

Isso trouxe silêncio à sala, e o diretor de Saneamento se recostou em seu assento, com o rosto vermelho. Innate trocara a camisa manchada de sangue, mas Marasi sabia que todos o viram antes de fazer isso. Na verdade, ela suspeitava que ele tinha demorado para mudar a roupa de propósito.

— Eu não estava falando da tentativa de assassinato — disse o diretor de Saneamento. — Eu me referia ao tumulto lá fora. Isso vai passar.

— Já estão saqueando — observou a ministra do Comércio. Era uma mulher de óculos, com dois ajudantes que tomavam notas para ela. Ela não lhes oferecera assentos.

— *Sempre* vão acontecer saques — comentou o diretor de Saneamento. — Isso acontece. Nós aguardamos e deixamos queimar o que precisa ser queimado. Conter em vez de tentar frear.

— Tolice — disse a secretária de Educação, uma mulher corpulenta que se sentara com os pés perto do fogo crepitante. — É hora de mostrar força, milorde governador. Precisa mostrar aos seus rivais que não será acovardado facilmente. Sabe que os Lekal estão conseguindo partidários ultimamente, e o escândalo do seu irmão só aumentará as ambições deles. Guarde minhas palavras: eles vão apresentar um candidato forte para rivalizar com você na próxima eleição e vão apoiar os acontecimentos desta noite para desacreditá-lo.

— Sim — concordou o ministro de Assuntos Públicos. — Será que estão por trás da tentativa de assassinato?

O governador olhou para Marasi — era a primeira vez que reconhecia sua presença desde que a reunião começara. Agora ele sabia sobre MeLaan; a kandra lhe mostrara sua verdadeira natureza um pouco antes de os presentes chegarem. Ele acreditara nela e começara a reunião explicando para a equipe executiva sobre a Sangradora. Os outros obviamente consideraram aquilo uma tolice e, como em geral ocorria com os de sua espécie, simplesmente ignoraram o que ele dissera.

Marasi encontrou seu olhar calmamente. Em algum momento do passado, ela sonhara em participar de reuniões como essa. Encontros em que decisões importantes eram tomadas, em que leis eram rascunhadas e estratégias políticas, adotadas. Agora, encontrava-se frustrada com todo o falatório. Waxillium a estava contaminando, e talvez não de um jeito que ela devesse apreciar.

— Não, não — falou o diretor de Saneamento. — Os Lekal não estão por trás disso. Um assassino? Está louco, Donton? Eles nunca seriam pegos envolvidos em algo tão potencialmente danoso.

— Concordo — disse a secretária de Educação. — Isso é coisa de alguém que está muito além do desespero. Repito, milorde governador, que deve mostrar força. Liderança. Você nos perguntou sobre a lei marcial? Bem, é o *mínimo* que deve fazer, na minha opinião. Mandar os policiais agirem com força. Esmagar os saqueadores, dispersar os tumultuadores, ser visto protegendo a cidade.

Outros deram sua opinião sobre o tema, e o governador os calou.

— Vou pensar no assunto. Vou *pensar no assunto*. — Seu tom de voz era cortante, mais cortante do que Marasi já ouvira vindo dele. — Saiam todos. Preciso pensar.

Naquele momento, parecia abatido. Os conselheiros ficaram em silêncio e saíram da sala. Marasi os acompanhou, relutante.

— Srta. Colms — chamou o governador, seguindo até sua mesa —, um momento.

Marasi obedeceu, parando diante da mesa enquanto ele se acomodava. Ele estendeu a mão até o chão, levantou um tapete e expôs a parte de cima de um pequeno cofre, que destrancou, distraído, com uma chave que estava na mesa. Remexeu lá dentro, pegando o carimbo de seu escritório, e se recostou novamente no assento, começando a escrever.

— Diga ao comissário-geral Aradel que ele tem o decreto de lei marcial que pediu — disse o governador, cansado. — Foi o único comissário-geral a entrar em contato comigo até agora, o que eu acho perturbador. Estou designando a ele a autoridade executiva de lorde alto comissário, diretor de todos os departamentos encarregados do cumprimento da lei nesta cidade até que a crise passe. Os comissários-gerais dos outros oitantes devem se reportar a ele.

Marasi não respondeu. Os outros comissários-gerais não gostariam daquilo. A rivalidade entre as delegacias dos oitantes era oficialmente caracterizada como amistosa, mas, na realidade, era forte demais para o gosto dela.

— E suas instruções em relação às pessoas da cidade? — perguntou Marasi, baixinho, enquanto ele escrevia. — Os policiais devem fazer como sua secretária de Educação sugeriu?

Innate terminou de escrever. Ergueu os olhos para ela e pareceu analisá-la.

— Acredito que seja nova na polícia. É a... prima da noiva de Lorde Ladrian?

— Eu não sabia que tinha chamado sua atenção — comentou Marasi.

— Não chamou. *Ele*, sim. Maldito homem.

Marasi permaneceu em silêncio, sentindo-se desconfortável diante do olhar crítico dele.

— Essas multidões vão acabar aqui cedo ou tarde — falou o governador, batendo com a caneta na mesa. — Virão exigindo resposta. Preciso falar com eles, mudar a maré.

Falar com eles?, pensou Marasi. *Como fez antes?* Aquele discurso não mostrara nenhum sentimento de empatia.

Ferrugem! Aquilo tinha sido só naquela tarde? Ao olhar o ornamentado relógio de mesa do governador, ela descobriu que eram quase duas horas, então, tecnicamente, o discurso do governador fora no dia anterior. Provavelmente não deveria ter olhado para as horas; ver que era tarde só a fez se lembrar do próprio cansaço. Era como um credor zangado batendo na porta, e ela só poderia ignorá-lo até certo ponto.

— Diga a Aradel — devaneou o governador — para não impedir as pessoas de convergirem até a mansão, mas que deve prender qualquer saqueador em outras partes da cidade. Façam com que tenham medo das penalidades da lei. Precisarei de uma força policial aqui, é claro, para manter sob controle as massas que vierem me ver, mas quero falar com eles. Essa será uma noite na qual a *história* será feita.

— Senhor, sei uma ou outra coisa sobre a mentalidade das multidões, se desejar... — Marasi começou a dizer.

Alguém lá fora chamou Innate, e ele se levantou no meio da frase de Marasi. Empurrou o decreto na direção dela, selou-o com seu carimbo e saiu para cuidar de outros assuntos.

Marasi o viu sair com um suspiro. Com sorte, Wayne e a kandra poderiam garantir a segurança dele. Ela gostaria muito de ver Innate preso algum dia, mas não desejava que morresse. Seu assassinato seria, entre outras coisas, terrível para a moral da cidade.

Ela guardou o decreto na bolsa, ao lado da pistola, e saiu da sala. Passou pelo corredor, onde vários membros do gabinete davam ordens para ajudantes e

aceitavam xícaras de chá preto fumegante servidas pelos criados da casa. Wayne descansava num canto, os pés em cima de uma mesa, rodopiando uma caneta de ouro e mogno entre os dedos. Só Harmonia sabia de onde ele roubara *aquilo*.

Infelizmente, o automóvel dela precisava de combustível, então teria que usar métodos mais mundanos para levar o decreto para Aradel. Encontrou um criado e pediu uma carruagem, mas o criado, já exausto, balançou a cabeça.

— Vai demorar alguns minutos até que eu consiga uma carruagem, senhorita. A equipe executiva está usando metade dos táxis da cidade para levar mensagens de um lado para o outro, e numa noite como essa... — Ele olhou de maneira significativa para a porta aberta. Do lado de fora, as luzes da varanda mal penetravam nas brumas. Elas se curvavam e dançavam, quase tímidas. Pequenas ondas se esgueiravam pelo hall de entrada para desaparecerem imediatamente, como vapor sobre um fogão.

— Eu espero — falou Marasi. — Obrigada.

Ele pareceu satisfeito com a resposta dela; talvez outros tivessem sido menos compreensivos. Quando ele se afastou para atender outra pessoa, Marasi ficou parada na porta, olhando para as brumas. Aquele tom alaranjado sobre a cidade não era normal. Havia incêndios em algum lugar. Com sorte, as chamas estariam apenas em lanternas e tochas, não em edifícios.

Ficar parada ali a fez ter a forte sensação de uma lembrança que não conseguia identificar. Balançou a cabeça e voltou para dentro da mansão com a intenção de encontrar Wayne e ver o que ele achava dos acontecimentos recentes. Na grande sala de estar depois da entrada, ela passou por um criado cansado que limpava o chão de madeira. Aparentemente, as manchas de sangue teimavam em não sair. O homem já enrolara discretamente o tapete num canto da parede para jogá-lo fora.

Marasi passou por ele e mudou de ideia sobre encontrar Wayne; em vez disso, desceu a escada até a câmara oculta. *Uma cidade prestes a explodir*, pensou enquanto chegava no andar de baixo. *Isso já aconteceu antes.*

No espaço confinado, o ar ainda cheirava ao sabão que fora usado para limpar o sangue. A sala secreta vazia dava uma sensação tranquila e acadêmica, com todos aqueles livros nas paredes. Não havia luz no teto, só nos abajures, atenuada por um suave tom laranja-avermelhado. Ela caminhou pelo aposento, notando os vários volumes de uma edição completa das “Palavras de Fundação”. Os livros encadernados em couro pareciam impecáveis, e, por capricho, ela

pegou o primeiro volume e o analisou. As laterais das páginas ainda não haviam sido aparadas, como costumava acontecer em livros novos. Obviamente o volume nunca fora lido.

Há muito tempo, o Sobrevivente levara uma cidade à beira da destruição e, então, canalizara a fúria numa rebelião que derrubou uma ditadura que durava um milênio. Todo estudante aprendia isso, mas Marasi lera os contos detalhados, incluindo o relato da noite em que tudo veio à tona. Imaginava que teria sido uma noite muito parecida com a que estava vivendo agora.

Só que, em vez do Sobrevivente, tudo está sendo induzido por uma assassina psicótica.

Ela só pode estar fazendo isso de propósito, pensou Marasi, ainda analisando a sala. *Tentando copiar a noite em que o Senhor Soberano caiu. O povo à beira da insurreição. As casas nobres atacando umas* às *outras. E agora...*

Agora um discurso. O governador teria seu momento diante da multidão, e as pessoas perceberiam a ressonância, mesmo se não conseguissem identificar exatamente o que era. Todos aprenderam sobre aquela noite. Eles o ouviriam e esperariam que ele fosse como o Último Imperador, que discursara havia muito tempo, na noite da morte do Senhor Soberano. O Último Imperador ascendera ao poder por causa das palavras sinceras que proferiu naquela noite.

Mas o governador Innate *não* era Elend Venture. Longe disso.

Marasi parou, de repente, e retrocedeu alguns passos. Estava andando ao longo da estante embutida, prestando pouca atenção no mobiliário, mas tinha sido o suficiente para que notasse algo. Ali, naquela longa prateleira de livros impecáveis, havia três volumes em fila com as lombadas gastas na parte inferior. O que distinguia aqueles livros? Eram parte de uma coleção de sete volumes de áridos tratados políticos escritos há muito tempo pelo Conselheiro dos Deuses.

Ela pegou um e o folheou, sem encontrar nada interessante.

Talvez Innate estivesse estudando esses volumes ultimamente. Mas... por que só o terceiro, o quarto e o quinto volumes? Ela pegou outro e o abriu, e ali encontrou o motivo. Um buraco cortado no centro das páginas continha uma chave. Innate não estava lendo os antigos ensaios de Brisa. Simplesmente esquecia em que volume estava a chave.

Marasi pegou a chave e olhou para a solitária escrivaninha. Teria coragem?

É claro que tenho, pensou, cruzando a sala com um farfalhar de sua saia. Suas credenciais de policial, mais a preocupação de Aradel em relação ao

governador, lhe davam bases legais para fazer uma busca rápida. Ela conhecia a lei tão bem quanto qualquer um.

Também sabia que a lei era sujeita à interpretação dos juízes da cidade, a maioria dos quais tinha sangue nobre e não seria gentil com alguém espiando o governador. Era por isso que seus dedos tremiam enquanto experimentava a chave rapidamente na gaveta da escrivaninha. Não serviu. Fez uma pausa e, então, procurou no chão um cofre como aquele que vira no andar de cima, de onde o governador tirara o carimbo.

Como esperava, encontrou-o sob o tapete. Ela experimentou a chave e ouviu, satisfeita, um clique. Abriu o cofre e analisou rapidamente o conteúdo.

Uma pistola.

Charutos. Ela não reconheceu a marca.

Um maço de notas amarradas com um barbante. O bastante para comprar uma casa. Os olhos de Marasi se arregalaram um pouco, mas ela continuou procurando.

Uma pilha de cartas. Ela as colocou sobre a mesa, esperando encontrar detalhes de um romance ilícito ou algo do gênero. Primeiro, olhou-as por cima; depois, leu com mais atenção e, por fim, afundou na cadeira, levando o dedo aos lábios.

As cartas realmente detalhavam um relacionamento — ou, em vez disso, vários deles. Eram comunicações particulares com líderes de casas nobres por toda a cidade. Embora cheias de eufemismos e circunlóquios, elas claramente falavam de corrupção.

Marasi gelou enquanto folheava carta por carta. As expressões eram ambíguas. “Concordamos que certas cortesias serão estendidas” ou “Esses termos são aceitáveis segundo nossos acertos prévios”. As cartas eram datadas, e sua mente logo relacionou cada uma delas às anotações que tinha na delegacia. Eram as provas. Ela olhou mais algumas. Sim, combinavam com suas análises estatísticas. Eram promessas de Innate, oferecendo favores políticos em troca de suborno.

Com sua linguagem disfarçada, talvez não fossem uma arma carregada, mas eram pelo menos uma arma. Melhor ainda, Innate fizera anotações na maioria das cartas para lembrá-lo de pontos importantes. Havia uma que provavelmente trocava uma promessa de Innate de incentivar o aumento das tarifas do aço refinado vindo de fora da cidade em troca de um acordo favorável na compra de

uma terra por um membro de sua família. Outra, mais recente, era sobre um cargo de juiz, e Innate indicava um membro da família Hammondess para uma vaga recém-aberta.

Ela suspeitava de corrupção, mas era chocante ver tudo aquilo discutido de modo tão flagrante. Olhou o restante da pilha. Nenhuma carta para os Lekal, seus principais rivais. Nenhuma para Waxillium tampouco, Marasi notou com alívio — nem cartas mais antigas para Edwarn Ladrian, tio de Waxillium.

Sob as cartas havia um livro-caixa, que ela esperava que mostrasse o que Innate achava que ainda lhe era devido e que também registrasse sua contabilidade privada. Olhando-o rapidamente, não conseguiu ter certeza, mas parecia bem razoável.

Marasi ficou sentada, segurando tudo aquilo e sentindo-se abatida. *Ferrugem! O povo está certo em sua revolta*. Seria este o ponto crucial no plano da Sangradora? Jogar luzes sobre Innate e expor sua corrupção — na verdade, a natureza corrupta de praticamente todas as famílias nobres da cidade? Ao revelar aquelas cartas, Marasi podia estar jogando o jogo da criatura. Isso a deixava enjoada. Se Innate *era* tão corrupto, não precisava ser exposto e retirado do cargo?

Marasi enfiou as cartas na bolsa apressadamente. O capitão Aradel precisava ver aquilo. Fechou e trancou o cofre, devolveu a chave ao lugar e começou a subir a escada. Não queria estar ali quando o criado fosse procurar por ela para anunciar a carruagem.

Innate vai afirmar que foram plantadas pela Sangradora, pensou enquanto chegava ao térreo. É *uma saída fácil*. Além disso, se ele percebesse o sumiço das cartas, teria uma boa suspeita de quem as pegou. O mesmo criado ainda estava limpando a sala, e ele vira Marasi descer e voltar.

Mas… Ferrugem e Ruína, ela não ia simplesmente ignorar algo assim.

Voar pelo ar da noite permitia a Wax perceber a presença inconfundível da humanidade, como se delimitada por fronteiras estritas. Onde havia moradias, havia iluminação. Pontinhos na escuridão, homens e mulheres reclamando noite adentro. As luzes espalhavam-se como as raízes de uma árvore.

Seu tio o deixara muito longe de onde queria estar. Felizmente, para um Lançamoedas, até a vastidão de Elendel era administrável. Mas ele não seguiu imediatamente para a Terra Natal. As palavras do tio o assombravam, e, antes delas, o sarcasmo da Sangradora. Ambos o atacavam de duas direções diferentes,

como alfinetes enfiados em suas têmporas.

Precisava pensar, ficar sozinho. Talvez assim pudesse descobrir o significado dessa confusão. Aterrissou num telhado com vista para o vasto carpete de luzes diante dele. Um gato o observava numa floreira ali perto, com os olhos brilhantes. Lá embaixo, na rua, havia outra fila de pubs. Barulhentos, estridentes. Certamente já passava de duas horas da manhã, mas aqueles locais não mostravam sinais de que fechariam tão cedo.

Ferrugem! Como odiava o fato de ninguém nunca se sentir realmente sozinho na cidade. Mesmo na privacidade de sua mansão, o silêncio era estragado pela passagem incessante de carruagens na rua.

Ele saltou na noite, assustando o gato. Voou num grande arco, tentando ficar longe o bastante para não ouvir os homens bêbados que gritavam nos pubs. Sua busca o levou para leste, em direção ao extremo da cidade. Enquanto se aproximava, algo emergia das brumas como a coluna embranquecida de algum monstro antigo. Ponte do Leste, uma construção imensa que cruzava o rio do Portão de Ferro.

Por um lado, ele se admirava com o fato de a humanidade poder criar algo assim — uma enorme maravilha cheia de rebites, grande o bastante para permitir a passagem de automóveis e também para conter trilhos de trem. Por outro lado, as brumas engoliam completamente a estrutura, dando-lhe um aspecto ainda mais esquelético. A humanidade podia criar, orgulhar-se de suas criações, mas a presença de Harmonia ainda podia tornar tudo aquilo trivial

Será que Ele sabia? Wax parou no alto de uma das torres da ponte, batendo as botas no piso. *Ele poderia ter salvado Lessie?*

A resposta era simples. Era claro que Harmonia sabia. Acreditar em Deus era aceitar que Ele ou Ela não o livrariam de todos os problemas. Não era algo sobre o qual Wax parava para pensar. Ao viver nas Terras Brutas, ele aceitara que algumas vezes era necessário aguentar firme por conta própria. Nem sempre a ajuda vinha. A vida era assim. Era necessário lidar com isso.

Mas, agora, algo parecia diferente. Ele falara com Harmonia. Diabos, Wax estava ali, naquele momento, por causa de um pedido do próprio Deus. Isso tornava tudo mais pessoal. Deus não salvara Lessie, não avisara Wax. E agora Ele esperava que Wax simplesmente entrasse de cabeça e fizesse o que Ele mandava?

E o que você faria?, perguntou Wax para si mesmo, caminhando ao longo do

pináculo da ponte. *Deixaria a cidade queimar? Deixaria a Sangradora continuar matando pessoas?*

Claro que não. Harmonia também sabia que não. Tinha Wax prendido pela garganta.

Você está aí?, perguntou Wax em pensamento. *Harmonia?*

Tocou a orelha antes de lembrar que tinha retirado o brinco. Por necessidade, sim, mas naquele momento ficou feliz por isso, por não deixar Deus entrar em sua mente, pois os pensamentos que tinha não eram particularmente piedosos.

Wax caminhou pelas brumas enquanto, lá embaixo, um automóvel solitário atravessava a ponte. A Sangradora estava brincando com ele. Podia sentir os dedos dela se esgueirando, entrando em seu crânio, envolvendo sua mente. Podia ver exatamente o que ela estava fazendo, mas não conseguia evitar as questões que ela levantara.

Wax parou num extremo no alto da ponte. Dali podia ver o fim da cidade, onde as luzes davam lugar à escuridão do campo. Atrás dele, a cidade era uma luz ardente, milhares e milhares de luzes, mas as linhas elétricas não atravessavam a ponte. As luzes acabavam nos arredores de Elendel. A última ficava na ponte, como aqueles faróis que olham a vasta escuridão do mar.

Ele ansiava por aquela escuridão. Saltar nela, fugir de toda responsabilidade, não ter mais que se preocupar com centenas de milhares de pessoas que não conhecia e voltar a ajudar as poucas que podia.

Liberdade. Liberdade para Wax não era ausência de responsabilidade. Ele não duvidava de que, se partisse novamente, acabaria mais uma vez como um homem da lei. Não, liberdade não era ausência de responsabilidade, era ser capaz de fazer o que era certo, sem ter que se preocupar se isso também era errado.

Não pensava em partir, não de verdade, mas ficou sentado por muito tempo, olhando aquela escuridão. Tentando olhar além das pessoas, dos subúrbios sombreados, e ver a simplicidade novamente. O que não daria para trocar todos os políticos, os jogos e os segredos por um assassino honesto que o chamasse para resolverem seus problemas na rua?

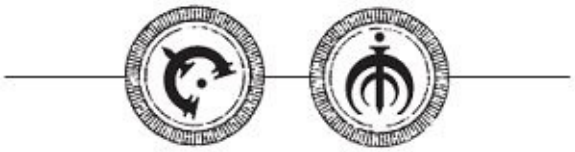
Covarde.

Eram seus próprios pensamentos. Não vinham de Harmonia nem da Sangradora. Esse soco no estômago doeu mais, pois ele sabia que era verdade. Wax inspirou profundamente e se levantou, carregando seus fardos. Deu as

costas para a escuridão e saltou da ponte, *empurrando-se* na noite mais uma vez. Fora até ali para ter um momento de solidão, para pensar.

Só que não gostava da direção para onde esses pensamentos o levavam.

19



Por mais que Wayne gostasse daqueles petiscos chiques que o governador providenciara, tinha que admitir que não era totalmente solidário à situação do homem. Afinal, o objetivo de ter alguém no comando, como o governador, era garantir que as pessoas soubessem qual era o camarada que precisavam matar.

Foi para isso que ele ganhara as eleições, não foi? Innate tinha o comando e dava ordens para todo mundo, mas, quando os assassinos ficavam entediados, não iam atrás do cara que vende peixe na esquina. Iam atrás do cara no comando. Tudo tinha um lado bom e um lado ruim. Por um lado, ele tinha aqueles doces chiques a qualquer momento do dia. Por outro, podia encontrar assassinos no banheiro. A vida era assim.

E esse tal de Innate parecia *querer* realmente encontrar Olhos de Ferro. Não fugir para o campo quando *sabia* que uma superalomântica metamorfa e psicopata estava atrás dele? Sim, ele entendia que era um alvo. Enquanto Wayne o seguia de um lado para outro, pegando a bandeja de uma criada quando ela tentava se retirar ainda com bolos por servir, o governador parou na porta de seu escritório.

— Preciso de alguns minutos para pensar, para preparar meus comentários — disse ele para Wayne e os outros guardas. — Obrigado.

— Mas, senhor! — exclamou MeLaan. — Não pode entrar sozinho. Precisamos protegê-lo!

— E o que qualquer um de vocês vai fazer contra alguém que pode se mover na velocidade de um trovão? — questionou Innate. — Só podemos torcer para que os policiais consigam lidar com esta... criatura.

— Não acho... — MeLaan começou a dizer, mas foi interrompida quando ele fechou a porta, deixando-a com Wayne e dois outros guardas no corredor.

Wayne revirou os olhos e se recostou na parede.

— Vocês dois — disse ele para os outros guardas. —Por que não vigiam a janela do outro lado? Vamos ficar aqui.

Os dois camaradas pareceram incomodados, como se fossem fazer objeções, mas saíram pelo corredor. *Eu me pergunto se estão repensando a escolha de carreira que fizeram*, pensou Wayne, sentando-se no chão ao lado da porta. *Já que quase todo mundo que protegia o governador morreu...*

— Vocês, mortais — comentou MeLaan, acenando em direção à porta —, podem ser surpreendentemente relapsos com suas vidas limitadas.

— Sim — concordou Wayne. — Ele provavelmente só quer me deixar encrencado.

— Como? — MeLaan pareceu se divertir. — Sendo morto?

— Claro — confirmou Wayne. — O idiota me proibiu de entrar naquela festa chique dele e depois escapou de mim. Está aprontando comigo. Vai se deixar ser morto para que eu tenha que me explicar com Wax: “Desculpe, meu chapa. Deixei que seu político de estimação fosse cortado ao meio.” E Wax vai me dar uma boa bronca, embora não seja minha culpa.

MeLaan sentou-se de frente para ele e sorriu.

— Foi o que aconteceu com o cavalo dele?

— Por que você tem que trazer esse assunto à tona mais uma vez? — perguntou Wayne, ajeitando-se para ficar mais confortável e puxando o chapéu por cima dos olhos. — Aquilo *não* foi minha culpa. Eu tinha um ferimento debilitante quando aconteceu.

— Debili...

— Sim. — Wayne a interrompeu. — Um ferimento que me fez xingar e beber como um condenado.

Ele se recostou, ouvindo, com os olhos fechados. Os criados iam de um lado para outro no edifício. Mensageiros levavam recados. Pessoas importantes discutiam suas opiniões no aposento ao lado.

Todos falavam. Todo mundo tinha que falar. As pessoas não podiam simplesmente pensar em algo, elas tinham que *explicar*. Wayne fazia o mesmo. Afinal, também era uma pessoa.

Essa assassina, essa kandra, também era uma pessoa. Também tinha que falar com Wax. *Tinha* que falar.

Wax provavelmente a pegaria. Ele fazia coisas assim, coisas impossíveis, que ninguém achava que ele conseguiria fazer. Mas, só por garantia, Wayne ouvia. Podia dizer muito sobre as pessoas só pelo jeito que falavam. Sabia o passado delas, sua educação, suas aspirações, tudo pelas palavras que usavam. E essa kandra... Cedo ou tarde, ela daria uma escorregada e usaria a palavra errada. Uma palavra que seria óbvia, como um camarada bebendo leite no meio de uma taverna barulhenta.

Não escutou nada a princípio, embora estranhamente *notasse* que MeLaan sussurrava para si mesma. Enquanto ele ouvia, ela modulava a voz, tornando-a mais profunda, embora ainda feminina. Ela repetia algumas palavras para si mesma.

— Ela devia ser uma segundina — observou Wayne, os olhos ainda fechados.

— Hum? — resmungou MeLaan.

— A mulher — explicou Wayne. — A dona dos ossos que você está usando agora. Segundina. Segundo Oitante. Criada na periferia.

— E como você sabe isso? — MeLaan quis saber.

— Eu a ouvi xingar enquanto a ajudava — falou Wayne, sentindo uma pontada de tristeza. Ela estava apenas fazendo seu trabalho, tentando impedir que alguém morresse.

Ela ainda está fazendo seu trabalho, pensou ele, abrindo um olho e olhando para MeLaan. *Seus ossos estão, pelo menos*. Se morresse enquanto tentava fazer algo importante, ele mesmo preferiria que seus ossos se levantassem e fizessem a coisa certa. Diabos, com uns amigos kandra, ele poderia irritar Steris até bem depois da morte.

— Desse jeito? — perguntou MeLaan, tentando imitar o sotaque da mulher. — Segundo Oitante, com um toque de fazendeira?

— Muito bom — disse Wayne. — Arraste o fim das frases, deixe-as mais lentas. Coloque um sotaque segundino nessa voz.

— Assim está melhor?

— Sim, está sim — garantiu Wayne, sentando-se mais ereto. — Está muito bom.

— TenSoon ficaria orgulhoso — comentou MeLaan. — Ainda consigo imitar um sotaque difícil quando preciso.

— Difícil? — perguntou Wayne. — O sotaque segundino?

— Com um toque de fazendeira.

— Mistura comum — falou Wayne. — Uma vez, tive que imitar um cara que cresceu na costa noroeste, foi criado por pais surdos e só falava de vez em quando... E depois foi viver com fundamentalistas terrisanos nas montanhas.

MeLaan franziu a testa enquanto uma criada passava por eles levando roupas de cama. Alguns membros da equipe executiva passariam a noite na mansão, ou o que restava da noite, e os quartos de hóspedes precisavam ser preparados.

— Não sei se consigo fazer isso — disse MeLaan, falando de um jeito conscientemente lento, com um toque de terrisano e várias palavras arrastadas. — Mas parece bem divertido.

— Rá! — exclamou Wayne, usando o sotaque, que era, na verdade, mais entrecortado do que MeLaan o fizera soar. — Está bom, mas você está se esforçando muito. Ser criado por pais que não podem ouvir não torna o sujeito um idiota. Ele só vê o mundo de um jeito diferente, entende?

— Não está ruim — respondeu MeLaan. Mais uma criada passou e lhes deu um olhar mal-humorado ao ter que desviar das pernas estendidas de ambos no corredor.

— É melhor quando estou de chapéu — disse Wayne.

— Um... chapéu.

— Claro — assegurou Wayne. — Chapéus são disfarces para seu *cérebro*. Ajudam você a pensar como a pessoa que o vestiu por último. Quer conhecer um cara? Coloque o chapéu dele.

— Alguém já lhe disse que você é surpreendentemente inteligente? — comentou MeLaan.

— Toda hora.

— São idiotas. Você não é inteligente, só está enganando eles. Você faz isso de propósito. — Ela sorriu. — Adorei.

Wayne empurrou o chapéu para a frente, sorrindo, e se recostou novamente.

— Mas não estou mentindo sobre os chapéus. Eles ajudam.

— Claro — concordou MeLaan. — Como os ossos.

Ele abriu um olho para ela.

— Isso alguma vez... incomodou você? Saber que pode viver para sempre?

— Me incomodar? Por quê? A imortalidade é bem conveniente.

— Não sei — disse Wayne. — Para mim, parece que é bom finalmente *acabar*, sabe? É como... É como correr uma corrida, e não saber bem onde está o fim, mas você tem uma ideia. E só precisa chegar até esse ponto. Imagino que eu possa fazer isso. Mas para você... não tem fim.

— Você fala como se *quisesse* morrer.

— Algum dia — confirmou Wayne. — Hã... talvez eu deva entrar na política.

MeLaan balançou a cabeça para ele, parecendo divertida.

— Pensar na eternidade da mesma forma que Harmonia deve ser aterrador — admitiu ela algum tempo depois. — Mas, sempre que fico entediada, só preciso começar a viver uma nova vida.

— Colocar um chapéu novo — falou Wayne. — Tornar-se outra pessoa.

— Mudar. Ser ousada, se antes eu era tímida. Ser grosseira, se antes eu era respeitosa. Tornar a vida interessante, dinâmica. — Ela fez uma pausa. — E tem outra coisa. Nós *podemos* morrer, se quisermos.

— O quê? Morrer e pronto?

— Mais ou menos — explicou MeLaan. — Não sei se já leu os relatos. De qualquer forma, são meio confusos sobre esse tópico, mas, perto do fim do Mundo das Cinzas, Ruína tentou dominar os kandra. Controlá-los diretamente. Bem, TenSoon e os que estavam no comando ficaram *realmente* assustados com isso. Então, fizeram um plano, e todos nós conversamos. E, cerca de um século depois do Catacendro, nós descobrimos um jeito de acabar com nossas próprias vidas. Exige um pouco de concentração, mas leva o corpo a uma espiral na qual simplesmente... acabamos.

— Legal — comentou Wayne, assentindo. — Isso faz muito sentido. Sempre precisamos ter uma rota de fuga planejada. Ah, e seus “a” ainda precisam melhorar; você não está colocando o novo sotaque neles. Não estão suficientemente anasalados. Arraste-os mais um pouco, se quiser parecer uma segundina de verdade.

Ela inclinou a cabeça.

— Você é um desperdício como humano.

— Que nada — replicou Wayne. — Só porque tomei uns goles hoje? — Ele enfiou a mão no bolso e pegou seu frasco de bebida. — Bem, talvez tenha tomado um pouco mais.

— Não, eu quis dizer...

Ele sorriu para ela, e ela parou de falar e sorriu de volta. Ele tocou a aba do chapéu, num gesto cúmplice, fechou os olhos e continuou a escutar. Algum tempo depois, ela se levantou e começou a caminhar de um lado para outro no corredor, e ele podia ouvi-la treinando a pronúncia de seus “a” para si enquanto andava.

Ele escutou por um bom tempo, sem notar nada anormal, embora tivesse quase certeza de que o diretor de Saneamento da cidade estava mentindo sobre sua formação. Aquele camarada nunca estivera na universidade — ou, se esteve, não ficara tempo suficiente para incluir as palavras apropriadas em seu vocabulário. Wayne estava refletindo sobre isso quando ouviu alguma coisa na entrada. Uma voz fraca, mas inconfundível.

Ele ficou em pé, dando um susto em MeLaan.

— Tenho que ir — disse ele. — Fica de olho no idiota.

— Mas...

— Volto correndo — respondeu Wayne, agarrando o chapéu e disparando pelo corredor, o sobretudo comprido, no estilo das Terras Brutas, esvoaçando. Dobrou uma esquina em disparada e seguiu para a entrada da mansão.

— Ele disse para entregar isso aqui — dizia a mulher para o mordomo. — Então eu trouxe. Era uma tarefa simples... Ele só precisava que eu fizesse algo. Dificilmente importante o bastante para me acordar...

Ela se virou para ele. Uma mulher radiante, gloriosa, com a constituição de uma boa cerca das Terras Brutas: alta o suficiente, esbelta mas forte. Wayne comparava o cabelo escuro dela ao de um pônei em várias situações, e era bem injusto que ela ficasse louca com isso, já que o mantinha preso num rabo de cavalo e tudo mais. Ela usava calça, porque saias eram idiotas, e botas, porque as coisas precisavam ser chutadas.

O mundo todo podia estar dando errado, mas vê-la fazia com que Wayne se esquecesse de tudo. Ele sorriu.

Em resposta, ela fez sua carranca especial, aquela que fazia só para ele. Era como ele sabia que ela se importava. Isso e o fato de que, quando atirava nele,

ela tendia a mirar em lugares que não machucavam muito.

— Ela está comigo — falou Wayne, correndo até ela.

— O *diabo* que estou! — exclamou Ranette, mas deixou que ele a levasse para longe do mordomo.

— E as pessoas se surpreendem — disse o mordomo, baixinho, pelas costas deles — que a vida de Sua Graça esteja ameaçada quando deixamos que todos os ratos sujos da cidade apareçam e...

Ele parou de falar quando Ranette se virou, já com a pistola na mão. Wayne a segurou pelo braço a tempo de impedi-la de atirar.

— Ratos sujos? — murmurou ela.

— Quando foi a última vez que você tomou banho? — perguntou Wayne. Então, corrigiu-se. — Só... só por curiosidade, sabe?

— As armas não se importam se estou fedendo, Wayne. Tenho mais o que fazer. E *não* gosto que me deem ordens. — Ela sacudiu uma pequena bolsa de tecido na mão esquerda. Atrás deles, o mordomo estava muito pálido.

Wayne a levou até a sala de estar. Ela não estava fedendo, apesar do que dissera. Cheirava a graxa e pólvoras. Cheiros bons. Cheiros de Ranette.

— O que é isso? — perguntou Wayne, pegando a bolsa assim que se afastaram dos demais.

— Algo que Wax me pediu para fazer — contou Ranette. — Quem foi morto por aqui? — Ela apontou para a porta da sala secreta, que ainda estava aberta. Assassinatos sempre chamavam sua atenção, ainda que fosse porque quisesse ver os corpos e analisar como as balas entraram na carne.

Wayne rolou um pequeno objeto de metal da bolsa para a palma da mão.

Uma bala.

Sua mão começou a tremer.

— Ah, pelo amor de Harmonia! — exclamou Ranette, pegando a bala antes que ele a derrubasse. — Isso não é uma arma, seu idiota.

— É parte de uma — disse Wayne, enfiando a mão no bolso e respirando profundamente. Podia segurar uma bala. Fazia isso o tempo todo para Wax. O tremor passou. Algo parecia estranho naquela bala, no entanto.

— Então, se eu lhe der uma lasca de madeira e lhe disser que era parte de um estojo de rifle, você vai se partir em pedaços também?

— Não sei — confessou Wayne. — Acha que entendo como meu cérebro funciona?

— Eu diria que há uma falácia lógica nesta declaração — falou Ranette. — Talvez duas. — Enfiou a bala na bolsa. — Wax está aqui?

— Não. Está fora, investigando.

— Então você vai ter que ficar com isso — disse ela, entregando-lhe a bolsa. — O bilhete dele insistia que era importante. Metade pólvora, como ele pediu. Uma bala perfurante, forjada para não se partir.

Ele *podia* segurar uma bala. Pegou a bolsa e a guardou imediatamente no sobretudo. Viu?

— Então, hum, quer sair para tomar uma bebida? — perguntou ele. — Sabe, quando a cidade estiver segura? Ou talvez antes de ficar segura? Não me importo se o pub estiver um pouco tumultuado enquanto bebemos.

— Você sabe que eu preferiria atirar em mim mesma, Wayne — respondeu ela, com um suspiro. — E Misra atiraria em mim se, por algum motivo, eu aceitasse.

Wayne franziu a testa. Aquilo não era *nem de perto* a acidez que ele em geral recebia dela.

— O que aconteceu? — perguntou.

Ela balançou a cabeça, olhando em direção à entrada.

— As coisas estão feias lá fora, Wayne. As pessoas ainda estão nas ruas, aglomerando-se, gritando. Vi multidões assim antes, nas Terras Brutas. Em geral, antes que enforcassem alguém, com ou sem lei. Mas aquelas eram cidades de quinhentos habitantes. O que acontece quando *cinco milhões* começam a agir como...

— Provavelmente o retorno do Mundo das Cinzas — comentou Wayne. — Que momento melhor para por fim professar seu há muito acalentado amor por certo camarada bonitão que não se importa se você cheira como a parte interna de um barril de enxofre?

Ela o fulminou com o olhar novamente. Ele sorriu. Mas ela não atirou nele. Nem mesmo o socou. Maldição. Isso não era *nada* bom.

— Estão começando a se reunir lá fora — comentou Ranette, distraída. — Gritando coisas sobre o governador.

— Preciso ver isso — decidiu Wayne. Se o governador não ia deixá-lo entrar

e vigiá-lo de perto, talvez conseguisse descobrir alguma coisa sobre os planos da Sangradora entre a multidão. — Volte para casa. Tranque as portas e mantenha as armas à mão.

Era revelador que ela não oferecesse a mínima objeção às ordens dele enquanto Wayne saía da mansão para as brumas.

O capitão Aradel olhava fixamente para o decreto do governador como se o papel trouxesse os últimos desejos e o testamento de um membro amado de sua família, fazendo-o ao mesmo tempo com reverência e óbvio desconforto.

— Ele me nomeou lorde alto comissário — falou Aradel. — Mas... Ferrugem!, não sou lorde. — Ele olhou para Reddi e seus outros tenentes.

— Talvez o título venha com a nomeação, senhor — sugeriu Reddi.

— O governador não pode nomear alguém como nobre — comentou Marasi. — Um novo título precisa ser ratificado por um conselho com um quórum das principais casas da cidade. — Ela mordeu o lábio assim que falou. Não pretendia ser do contra.

Aradel não pareceu se importar. Dobrou o decreto cuidadosamente e o guardou no bolso do casaco. Ela o encontrara reunindo uma força considerável na frente do quartel-general, preparando-se para calar os protestos e soando as sirenes da delegacia para que as pessoas que viviam ali perto soubessem que pelo menos alguém estava em patrulha. Sons espectrais atravessavam as brumas. Gritos distantes. Ruídos metálicos. Berros. Parecia que o próprio inferno os cercava, oculto num véu de escuridão e neblina.

— Senhor — chamou Marasi —, o governador disse que quer que o senhor faça duas coisas. Primeiro, mandar um destacamento para sufocar os tumultos na cidade. Segundo, enviar uma força menor para protegê-lo enquanto ele se prepara para discursar para as pessoas que se reunirem perto da mansão. Não devemos expulsar os manifestantes que estiverem ali, só nos outros locais da cidade... Senhor, ele o aconselhou a ter pulso firme. Muito firme.

— Aqueles idiotas ferrados merecem isso — disse a tenente Mereline, uma mulher com cabelo loiro curto.

— Não há necessidade de sede de sangue, tenente. — Aradel a repreendeu. — Lembro-me de vê-la xingando a casa Hasting com bastante regularidade.

— Não quer dizer que eu queira pôr fogo na cidade — respondeu Mereline. — As casas nobres serem cretinas não é desculpa para que o povo seja cretino, senhor.

— Bem, a mansão parece ser um bom centro de operações — disse Aradel. — Chip, você e os mensageiros devem ir até os outros comissários-gerais e pedir que me encontrem na mansão do governador com seus oficiais. Vamos coordenar o bloqueio da cidade a partir dali. Todos os demais, vamos dobrar o turno. Se Sua Graça quer falar para o povo, precisamos de uma barreira bem *grossa* de policiais entre ele e seus eleitores. Entendido?

O grupo começou a se espalhar. Os encarregados dos sinos seguiram para a frente da delegacia enquanto os mensageiros tomavam seus rumos, um deles pelos céus; Chip era um dos Lançamoedas. O restante dos policiais saiu em marcha. Uma marcha desigual, já que não eram soldados, mas não menos resoluta.

— Senhor — disse Marasi, caminhando rapidamente ao lado de Aradel. — Tem mais uma coisa que preciso lhe falar, se tiver um momento.

— É muito importante? — perguntou Aradel, parando ao lado do grupo.

— Muito.

Reddi limpou a garganta atrás deles.

— Talvez vocês devessem discutir isso no caminho até a mansão, senhor. Se o governador está realmente planejando se dirigir para a multidão...

— Sim — concordou Aradel. — Innate me nomeou lorde alto comissário de repente; isso é o bastante para me preocupar com as outras coisas impulsivas que ele é capaz de fazer esta noite. Vamos conversar no caminho, Colms. Reddi, reúna e traga os outros policiais o mais rápido que puder. Iremos na frente.

Marasi assentiu. As coisas que queria discutir seriam melhor ditas na privacidade de uma carruagem.

Só que...

Idiota, pensou quando Aradel seguiu até um grupo de cavalos com arreios, as rédeas presas por um cabo. A carruagem que ela imaginava que usariam já estava partindo, provavelmente carregada com equipamentos. Reddi sorriu para ela de um jeito presunçoso.

Marasi suspirou. Tinha esperanças de manter o decoro, mas tudo bem. Ela se aproximou e pegou as rédeas de um cavalo.

Aradel já estava em sua sela. Olhou para ela e levou a mão à cabeça.

— Ah, eu claro... Eu não pensei...

Marasi montou no cavalo, amontoando a saia desajeitadamente entre as

pernas e sentando-se em parte do volume de tecido, revelando uma porção generosa da perna.

— Ocorre-me, senhor, que os uniformes das policiais podiam ser muito mais práticos — observou Marasi.

— Nós... levaremos isso em consideração, tenente Colms. — Ele olhou para a carruagem que partia. — Se desejar...

— Senhor — disse Marasi —, a cidade está em *chamas*. Talvez possamos discutir a discrição feminina em outra ocasião?

— É claro. — Ele assentiu, e eles partiram em meio ao barulho de cascos, seguidos por dois cabos com rifles nas bainhas das selas. Os quatro cavalos ultrapassaram rapidamente o grupo maior de policiais e até mesmo a carruagem e seguiram cavalgando nas brumas.

Marasi estava feliz com a escuridão que escondia seu rubor. Em compensação, lembrava-se da expressão assombrada de Reddi, que ficara totalmente chocado com o que ela fizera.

Bem, *por que* não podia mostrar as pernas? Precedentes históricos e a simples praticidade exigiam que as mulheres tivessem espaço em todas as profissões. Que lorde recusaria um Brutamontes ou um Criassangue em sua guarda pessoal só porque tinha seios? Que delegacia de polícia perderia a chance de conseguir cada Olho de Estanho e Lançamoedas que pudesse? Que banco não empregaria uma terrisana com mentes de cobre?

A coisa era que *também* se esperava que as policiais agissem como damas. Uma herança do passado, reforçada pelos discursos de Lady Allrianne Ladrian logo depois do Catacendro. Havia uma forte expectativa de que as mulheres continuassem femininas ao mesmo tempo que faziam seus trabalhos. Um duplo padrão difícil. Em geral, Marasi não se importava. *Gostava* de vestidos, de um belo penteado e de resolver problemas com uma palavra cuidadosa em vez de com um soco na cara. Para ela, era perfeitamente razoável ser feminina e policial. Mas em algum momento os homens tinham que se preocupar em serem adequadamente masculinos enquanto faziam seus trabalhos?

Um problema social por vez, Marasi, censurou a si mesma, cavalgando ao lado de Aradel. Mas *ia* comprar algumas calças. Cavalgar assim a fazia sentir muito *frio*.

— Você cavalga bem — disse Aradel quando diminuíram um pouco a velocidade inicial. Ele liderava o caminho por uma ponte sobre o canal,

atravessando o meio do Terceiro Oitante, para chegar ao Segundo Oitante.

— Tenho muita prática — comentou Marasi.

— Isso é incomum na cidade ultimamente — observou Aradel. — Um passatempo?

— Pode-se dizer que sim — falou Marasi, corando ao se lembrar de sua fascinação juvenil com as histórias sobre as Terras Brutas, os homens da lei e o alomântico Jak. Quando seus amigos, bem, seus conhecidos, receberam casacos de aniversário, ela implorara por um sobretudo e um chapéu das Terras Brutas.

Pura tolice, claro. Já deixara isso completamente de lado.

— O que queria me dizer? — perguntou Aradel.

— Podemos ir mais devagar por um momento?

Ele assentiu e reduziu o passo até os cavalos passarem a seguir num trote ligeiro. Marasi abriu a bolsa que levava pendurada no ombro e entregou as cartas para Aradel. Não tinha realmente consciência de quão ansiosa estava para passar aquilo para outra pessoa, para que a responsabilidade que aquilo acarretava não ficasse apenas com ela.

Aradel pegou a pilha de papéis.

— O que é isso? — perguntou ele, baixinho.

— Lembra que o senhor me disse para xeretar a casa do governador, se tivesse a chance?

— Lembro de dizer, com grande prudência, que ficasse de olhos abertos, tenente.

— Foi o que fiz, senhor. Fiquei com as mãos abertas também. Caso *acontecesse* de alguma coisa cair nelas.

— Harmonia. O que encontrou?

— Cartas — contou Marasi. — De Innate para várias ladies e vários lordes da cidade, combinando a compra de favores políticos e a supressão de leis que não interessavam a eles. Senhor, as cartas têm anotações feitas à mão pelo próprio Innate e batem com as datas dos meus registros de acontecimentos suspeitos durante seu mandato como governador. No caminho até a delegacia, levando o decreto, li todas elas e estou convencida de que ele é tão corrupto quanto o irmão era.

Aradel não teve nenhuma reação extrema de surpresa ou indignação. Seguiu

cavalgando em silêncio, segurando as cartas, com os olhos fixos no caminho.

— Senhor? — perguntou Marasi, por fim.

— Você me coloca numa posição difícil, tenente.

— Senhor, eu diria que o governador o colocou nesta posição, não eu.

— Você obteve isso de maneira legal?

— Depende de como o tribunal interpretar sua autoridade para investigar quando há indícios razoáveis de descumprimento da lei e se você teria justificativa para me autorizar a agir — falou Marasi.

— Em outras palavras, você as roubou.

— Sim, senhor.

Aradel as guardou.

— Não quer dizer que não devemos protegê-lo, senhor — observou Marasi. — Até que sua culpa seja provada no tribunal, ele ainda é o líder desta cidade por direito. Não estamos nas Terras Brutas, onde poderíamos simplesmente entrar em algum lugar e atirar em alguém e depois dizer quais foram os motivos.

— O simples fato de você sentir que precisa dizer isso — comentou Aradel — indica que tem passado tempo demais com seu amigo Lançamoedas, Colms. Não estou pensando em fugir do meu dever. Só estou pensando em todas aquelas pessoas e na revolta delas. E elas estão *certas*. Elas *estão* sendo roubadas pelo sistema. Ruína... Nós devíamos ser melhores do que isso. O que Lorde Nascido da Bruma diria se nos visse agora?

— Suspeito que ele nos diria que precisamos fazer algo a respeito dessa situação — respondeu Marasi.

Aradel assentiu de leve. Ao perceber que ele não fez mais comentários, Marasi acelerou o passo do seu cavalo, e o lorde alto comissário a seguiu.

A tradição dizia que o Campo do Renascimento tinha a mesma aparência desde a época em que a humanidade se arrastou para fora do ventre de pedra que Harmonia criara. Embora a cidade tivesse reivindicado toda a área ao redor, o anel central de relva agradável e de colinas suaves fora protegido como um monumento de outra época.

As flores de Mare-me-Quer roçavam o casaco de bruma de Wax enquanto ele caminhava pelo campo cheio de nascentes. A tradição de que o lugar não mudara era pura estupidez. Certamente, quando Brisa e Hammond saíam sob a

luz do sol, não achavam a relva tão bem cuidada ou flores que cresciam em linhas cuidadosas. As pessoas que falavam daquela tradição simplesmente ignoravam os bancos e os caminhos? As construções? Certamente Harmonia não fizera *banheiros* para a conveniência dos visitantes.

No centro da colina mais alta havia algo que era metade museu, metade mausoléu, que abrigava os túmulos do Último Imperador e da Guerreira Ascendente. Estátuas gigantes de ambos se erguiam sobre os túmulos, dominando a área. Quando Wax se aproximou, ficou surpreso ao encontrar lamparinas na parte de baixo da estrutura, banhando a relva e as flores com luz. Dois policiais guardavam a porta.

— Dê meia-volta e não cause problemas — disse um deles quando Wax se aproximou.

Wax ignorou a ordem, caminhando pelas brumas até se aproximar dos homens.

— Presumo que os zeladores tenham pedido a ajuda de vocês.

Os dois policiais o analisaram e bateram continência com relutância. Sua reputação o precedia, embora esses homens usassem distintivos dos policiais do Primeiro Oitante. Era uma delegacia que Wax não visitava com frequência, mas quem mais caminharia pela noite usando um casaco de bruma e uma escopeta presa na perna?

— Estão preocupados com os saqueadores — falou um dos policiais, um camarada robusto, com um cavanhaque ao redor da boca. — Hã... senhor.

— Inteligentes — comentou Wax, passando por eles e entrando no mausoléu.

— Hum, senhor? — chamou um dos policiais. — Eles nos disseram para não deixar... Senhor?

Wax fechou a porta enquanto os dois policiais começavam a discutir se deviam detê-lo ou não. Examinou o vestíbulo aberto, com os murais dos Originadores. Hammond, Lorde Nascido da Bruma, Lady Verdade e o ancestral do próprio Wax, Edgard Ladrian. Roliço e metido, ele segurava uma taça de vinho no retrato. Sempre parecera o tipo de pessoa em quem Wax gostaria de dar um soco. O tipo que certamente era culpado de *alguma coisa*.

Wax ignorou os mostruários com várias relíquias do Mundo das Cinzas e não entrou na câmara que continha os restos mortais da Guerreira Ascendente e de seu marido, mas ergueu a arma e rodou o cilindro naquela direção em homenagem. Uma tradição de respeito aos mortos típica das Terras Brutas.

— O que é isso? — Uma mulher com cara de sono saiu de um aposento próximo, aparentemente um pequeno apartamento destinado ao zelador. — Ninguém pode entrar!

— Inspeção de rotina — respondeu Wax, passando por ela sem olhar.

— Rotina? No meio da noite?

— Você pediu a presença da polícia — falou Wax. — O regulamento exige que façamos uma inspeção para ter certeza de que não há contrabando.

— Contrabando? — perguntou a mulher. — Este é o *túmulo dos Originadores*!

— Só estou fazendo meu trabalho — disse Wax. — Você pode conversar com meus superiores lá fora, se quiser.

Ela saiu em disparada na direção da porta principal enquanto Wax seguia para uma sala pequena, sem relíquias ou placas. A única coisa que existia ali era um buraco no chão.

Era um fosso aberto, com uma cerca baixa para impedir crianças curiosas de caírem lá dentro. Havia uma escada, mas Wax derrubou um cartucho de bala e saltou, seguindo em queda livre por uma distância curta antes de diminuir a velocidade e atingir o chão de pedra escura e vítrea.

Algumas luzes pendiam do teto, como pingos de melaço. Ele *empurrou* um interruptor ali perto, fazendo com que as luzes tremeluzissem na gruta enorme. Estivera ali quando jovem; todos os tutores levavam seus alunos para visitar aquele lugar, e ele sabia que o mesmo acontecia nas escolas públicas. Era diferente, no entanto, ficar parado ali, sozinho, na grande câmara de teto baixo. Sem turistas tagarelas para quebrar o clima ou espantar visões do passado. Podia ouvir muito melhor a água correndo ao longe, onde o rio fluía. Supostamente, partes da caverna haviam sido inundadas com o tempo. Ele só se lembrava vagamente das explicações que ouvira durante suas visitas ali sobre por que as outras permaneceram secas.

Wax entrou na gruta, tentando imaginar como fora se abrigar numa daquelas cavernas enquanto o mundo morria lá fora, cada um se perguntando se passaria o resto da curta vida preso na escuridão. Passou os dedos nas paredes de pedra enquanto dobrava as esquinas. O lugar era grande e aberto, mas também continha uma série de câmaras menores nas laterais. A maioria era parte do museu e continha placas com citações dos Originadores, escritas em metal. Outras continham descrições da reconstrução do mundo ou outras relíquias,

como uma réplica dos braceletes de Harmonia e dos Braceletes da Perdição.

Uma câmara inteira era dedicada às “Palavras de Fundação”, aos livros de Harmonia, à sabedoria, ao conhecimento e ao relato sagrado do que acontecera no Mundo das Cinzas. Outra câmara continha os volumes dos outros Originadores, alguns dos quais eram considerados cânones sagrados por uma seita ou outra — enquanto alguns, como o *Docksithium*, eram, sem sombra de dúvida, apócrifos. Wax tentara ler essa coisa uma vez. Páginas de créditos eram mais interessantes.

Ele se demorou numa câmara dedicada ao Sobrevivente, que continha uma centena de representações diferentes dele feitas por vários artistas, algumas contemporâneas, outras antigas. Havia um fascínio fervoroso com suas “aparições” póstumas ao povo durante os dias finais, embora o próprio Harmonia atribuísse isso aos Imortais sem Rosto.

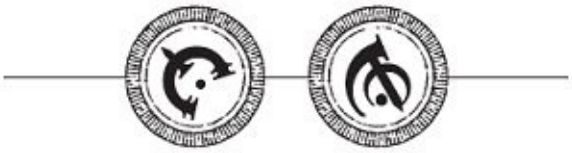
Ecos de vozes fizeram Wax seguir em frente. Wayne provavelmente lhe daria uma bronca por confundir aquela pobre gente em vez de simplesmente dizer o que estava fazendo ali. Claro que Wayne provavelmente os convenceria de que era o Senhor Soberano e faria com que preparassem seu jantar. Então Wax tentava não deixar que o compasso moral de Wayne o influenciasse muito.

Wax contou as câmaras dedicadas a cada um dos metais até chegar ao símbolo do atium. A pequena câmara continha documentos e rumores sobre o metal mitológico; Wax não tinha tempo para lê-los. Em vez disso, seguiu as linhas azuis que sua visão de metal lhe mostrava. Elas apontavam para uma parede lateral, onde conseguiu empurrar uma peça decorativa num painel de madeira e acionar uma alavanca. Uma porta se abriu e revelou uma caverna secreta.

Ele entrou, tirou uma velha lanterna a óleo que trazia presa à cintura e fechou a porta antes de se ajoelhar na escuridão absoluta, tentando encontrar fósforos no cinturão. Quando os encontrou, uma voz rouca soou na escuridão.

— Eu estava esperando por você.

20



Wax ficou imóvel na escuridão. Avivou seu aço, buscando orientação naquele fogo confortável dentro dele. As linhas azuis apontavam todas para trás, na direção da porta escondida e dos pregos na parede. Não havia mais nada.

Exceto... Era possível que estivesse vendo algo? Duas linhas fracas, finas como os fios de uma teia de aranha? Ele avivou seu metal, forçando, *empurrando*. As linhas tremiam na escuridão. Então, sumiram.

Wax sacou sua Sterrion, apontou-a para o corredor por onde as linhas seguiam e disparou três vezes em sucessão rápida. O fulgor da pólvora iluminou o ambiente como um relâmpago enquanto ele levantava a outra arma em direção às linhas azuis e à fonte de som.

Naqueles clarões, identificou alguma coisa encolhida ali perto, na escuridão. Era algo não humano, com olhos bestiais e fortes dentes brancos. *Ferrugem e Ruína.* Com os dedos suados em volta da arma, Wax afastou-se da coisa, pronto para atirar.

Mas não puxou o gatilho. Não se atira em alguém só por falar com você.

— Você certamente se assusta com facilidade — grunhiu a voz.

— Quem é você? *O que é você?*

— Acenda sua lanterna, humano — disse a voz. — E tranque aquela porta. Precisamos estar bem longe daqui antes que alguém venha investigar o tiroteio.

Wax parou um instante para recuperar o fôlego e acalmar os nervos, mas depois guardou as armas nos coldres. O que quer que fosse aquilo, poderia tê-lo atacado em vez de falar com ele. A coisa não queria matá-lo.

Ele acendeu a pequena lanterna, mas, quando a ergueu, a criatura recuou no corredor até se tornar apenas uma sombra. Ainda enervado, Wax fechou as travas que encontrou na parede, trancando a porta secreta por dentro.

— Venha — disse a voz.

— Você é um deles — sussurrou Wax, levantando a lanterna e seguindo a figura sombria que caminhava sobre quatro apoios. — Você é um kandra.

— Sim.

Wax se apressou para se aproximar, e, por fim, sua lanterna permitiu que desse uma boa olhada em sua companhia. Um cão de caça, de longe o maior que já vira, com pelo cinzento manchado. A pelagem o fazia se lembrar das brumas.

— Já li sobre você — comentou Wax.

— Que emocionante — grunhiu o kandra. — Estou tão feliz que Sazed tenha me incluído em seu livrinho para que pessoas bêbadas possam xingar usando meu nome.

— Elas... fazem isso?

— Sim. — O cão deu um rosnado baixinho que veio do fundo da garganta. — Também há... animais de pelúcia.

— Ah, sim — falou Wax. — Filhotes de Soonie. Já vi por aí.

O rosnado foi mais alto, e o nervosismo de Wax retornou. Era melhor não provocar o cão imortal. Ele não sabia quais das muitas lendas sobre a criatura eram verdadeiras, mas mesmo se uma pequena porcentagem fosse baseada em fatos...

— Então, Guardião, estava esperando por mim? — perguntou Wax.

— Foi decidido que permitir que um humano vagasse sozinho por essas cavernas era pouco sábio — disse o kandra. — Eu mesmo vim. Os outros estavam ocupados.

— Caçando a Sangradora?

— Contra-atacando — disse o kandra, levando-o a um cruzamento e virando à direita.

Caminharam em silêncio por um curto período antes de Wax pigarrear.

— Hum... você se importaria em explicar o que quis dizer com isso?

O cão suspirou, emitindo um som desconfortável. Um cão falante era estranho, mas o suspiro era tão *humano*.

— Não tenho falado muito ultimamente — contou o kandra. — Estou... sem prática, parece. Paalm está tentando iniciar uma revolução, usando as habilidades que aprendeu com o próprio Senhor Soberano. Mas é apenas uma dos kandra. Ela desdenha do restante de nós e, portanto, nos subestima. Podemos fazer o que ela faz, imitar pessoas, aparecer nas ruas. Para cada "sacerdote" que ela usa para cometer uma atrocidade, teremos dúzias lá fora esta noite, pregando temperança e paz, implorando que as pessoas não ouçam os rumores.

— Inteligente — comentou Wax. Não tinha pensado no que os outros kandra podiam fazer, além de presumir vagamente que estariam rastreando a Sangradora. Aquilo fazia sentido. Ele poderia usar isso, de algum modo, em sua investigação?

Quando avançaram mais pelas cavernas, Wax notou uma substância branca cobrindo as rochas como uma crosta, a fonte do resíduo de pó que encontrara nas roupas da Sangradora. Provavelmente, se apagasse a lanterna, poderia ver seu brilho. Poderia nem precisar da lanterna, mas, ao pensar em toda aquela rocha o circundando, separando-os das brumas lá em cima, não sentia vontade alguma de apagá-la.

A rede de túneis era muito mais extensa do que ele esperava. Pensava naquele lugar apenas como aquela única caverna sob o túmulo, mas não era assim. Harmonia criara muitos refúgios diferentes para as pessoas enquanto refazia o mundo, colocando-as todas na mesma área que agora era Elendel. Esses túneis se espalhavam por quanto da cidade? Passaram por vários que estavam inundados; qual era a diferença entre aqueles e os que continuavam secos?

Enquanto atravessavam os túneis, passaram por uma abertura para uma gruta grande e diferente. Wax ergueu a lanterna para dar uma olhada e ficou paralisado. Em vez de mais rochas naturais e ásperas, sua lanterna iluminou telhas e pilares empoeirados, com partes do chão destroçadas. Mais ao fundo, havia o que parecia ser uma pequena *cabana*.

— TenSoon? — chamou enquanto o kandra seguia em frente.

— Venha logo, humano.

— Isso é...?

— Sim. Muitas pessoas se esconderam nos porões de Kredik Shaw, o palácio do Senhor Soberano. Sazed mudou tudo para cá, como fez com todas as outras cavernas de refugiados.

Wax não conseguia se afastar, boquiaberto com a história — não, a *mitologia*

— que ganhava vida. O palácio do Senhor Soberano. Lugares por onde o Sobrevivente e seus seguidores andaram.

Ferrugem e Ruína... o *próprio Poço da Ascensão* devia estar ali.

— Humano — chamou o kandra, insistindo. — Há algo que desejo que veja. Venha.

Outra hora, pensou Wax, afastando-se da entrada do palácio perdido de Kredik Shaw e seguindo TenSoon.

— MeLaan disse que os kandra não vêm aqui embaixo com muita frequência. Por que não? Não é sua casa?

— É um lugar sagrado — respondeu o cão. — Sim, é nossa casa, mas também é uma prisão... e muito mais. Sob o governo do Senhor Soberano, precisávamos deste lugar para ter liberdade para sermos nós mesmos. Lá fora, éramos controlados, escravizados pelos homens.

Amargura, pensou Wax. Mesmo depois de centenas de anos, a criatura ainda sofria com a vida que levara. Culpava a humanidade? A Sangradora culpava?

— Costumamos vir aqui quando nosso humor está abatido — falou TenSoon. — Em geral, fazemos isso sozinhos e com pouca frequência. Agora há lugares lá em cima onde podemos socializar, sermos nós mesmos. Lares. Vidas. As gerações mais jovens quase nunca visitam este lugar. Preferem suas vidas como são agora e não desejam lembrar o passado. Suponho que eu também seja assim, mas por motivos diferentes.

Wax assentiu, caminhando com o kandra enquanto penetravam ainda mais fundo nos túneis retorcidos da Terra Natal. Passaram por várias câmaras vazias, mas algumas tinham esquisitices, como cestas velhas e alguns ossos descartados no chão.

Wax tinha tido sua cota de túneis nas Terras Brutas, mas a maioria daqueles eram algum tipo de mina feita pelo homem. Essas cavernas eram diferentes. Aquelas cheiravam a pó e terra enquanto essas pareciam *vivas*. Cheias de água e fungo. De paciência.

As paredes dos túneis tinham protuberâncias, mas eram macias como a cera que se acumula na base de uma vela que queima. Solo sagrado. Tudo mais no mundo, até onde ele sabia, fora completamente refeito durante o Catacendro, mas aquelas cavernas remontavam à eternidade, tão antigas quanto a memória humana. Mais antigas.

Depois de um tempo, chegaram a uma pequena câmara que não parecia tão orgânica quanto as demais. Fora moldada, de algum modo, por mãos kandra? TenSoon se sentou na entrada do aposento. A luz da lanterna de Wax refletia nas rochas nodosas e suaves do chão, que se abriam numa série de buracos com um metro de diâmetro. Pareciam os buracos escavados por garimpeiros que buscavam insensatamente metais nas Terras Brutas.

Wax olhou para TenSoon.

— Passei por aqui enquanto ia ao seu encontro — contou o kandra em sua voz meio humana, meio rosnada. — Notei um cheiro estranho.

Cheiro estranho? Wax não percebia nenhum odor estranho, mas todo o lugar cheirava estranho para ele. Ele entrou no aposento e, então, notou algo. Um dos pequenos buracos estava cheio. Eram folhas de papel?

Sim, eram. Quando se ajoelhou na beira do buraco, Wax ficou surpreso em encontrar centenas de folhas de papel lá dentro, rasgadas numa das bordas, como se tivessem sido arrancadas de um livro. Continham uma escrita apertada, com versículos numerados. As “Palavras de Fundação”.

Além da escrita, alguém rabiscara por cima com uma tinta marrom-avermelhada.

Sangue, pensou Wax. *É sangue.*

Wax deixou a lanterna ao seu lado e pegou uma página. Livro 80, versículos 27 até 50. Os versículos sobre a busca de Harmonia pela Verdade.

Alguém, provavelmente a Sangradora, escrevera por toda a página a palavra “mentiras”.

Wax folheou as outras páginas. A maioria tinha algo escrito, uma palavra ou frase, embora muitas estivessem apenas manchadas de sangue. Alguma coisa naquilo tudo incomodava Wax, atiçava sua intuição, mas ele não sabia dizer o que era.

“Eu estava lá”, dizia o rabisco numa página. “Ninguém”, dizia em outra. “Foi”, estava escrito numa terceira. Começou a espalhá-las. TenSoon, de quem ele quase se esquecera, farejou na porta.

Wax olhou por cima do ombro.

— Você viu isso?

— Vi — contou TenSoon.

— O que acha que são?

— Eu... eu não fiquei muito tempo — disse o kandra, desviando o olhar. — Não passo muito tempo nesta sala, humano. Não gosto dela.

Esta sala... Wax sentiu frio. Seria a prisão em que TenSoon ficara, trancado sem ossos, esperando a execução?

Ferrugem! Estava ajoelhado num lugar que tinha decidido o destino do mundo.

Wax se esticou para pegar mais folhas. Parecia que a Sangradora tinha arrancado todas as páginas de uma edição das "Palavras de Fundação", uma versão completa. Uma edição velha, a julgar pelo fato de ter sido escrita à mão, em vez de impressa.

— Você realmente a conheceu, não é? — perguntou Wax. — A Guerreira Ascendente?

— Eu a conheci — disse TenSoon, baixinho. — Perto do fim, passei quase uma hora sem minhas estacas, então minhas lembranças se degradaram. Mas grande parte do que perdi foi do período imediatamente anterior à minha queda, então boa parte das minhas lembranças sobre ela são nítidas.

Wax hesitou, com uma pilha de páginas nas mãos.

— Como ela era? Como pessoa, quero dizer.

— Ela era forte e vulnerável ao mesmo tempo — sussurrou TenSoon. — Foi minha última e maior mestra. Tinha um jeito de se entregar por completo a qualquer coisa que fizesse. Quando lutava, era a lâmina. Quando amava, era o beijo. Neste sentido, era muito mais... humana do que qualquer outro que já conheci.

Wax se pegou assentindo enquanto arrumava as páginas por perto, separando em pilhas as que tinham palavras e as que não tinham. Aquelas com digitais foram colocadas numa pilha específica. Talvez pudessem ser úteis. Provavelmente não. Afinal, a Sangradora *era* uma metamorfa.

Depois de um tempo, TenSoon se aproximou dele.

— É como se pudessem dizer alguma coisa se você as colocar na ordem certa — comentou TenSoon, inspecionando as folhas.

— Sim — respondeu Wax, insatisfeito.

— O que há de errado?

— É muita coisa — falou Wax, apontando para tudo aquilo. — Tudo é muito intrincado, muito extraordinário. Por que ela escreveria num monte de páginas e

depois as arrancaria e as deixaria por aí?

— Porque ela é louca.

— Não — discordou Wax. — Ela não é esse tipo de louca. O jeito como ela vem agindo é muito deliberado, muito focado. Os *motivos* dela podem ser insanos, mas seus *métodos* são cuidadosos. — Como ele poderia explicar aquilo? Seus instintos lutavam uns contra os outros neste caso. Ele tentou novamente. — Uma coisa como essa significa desleixo ou alguém que está se esforçando demais. Ela não é desleixada, mas não acho que esteja tentando bancar a interessante, deixando pistas e fazendo joguinhos. Quando falei com ela...

— Você *falou* com Paalm? — exigiu saber TenSoon, levantando as orelhas. — Quando?

— Hoje à noite — contou Wax. — Havia certo arrependimento nela. Ela afirmou não estar jogando, mas isso parece um jogo. Mil páginas descartadas, deixadas para serem colocadas em ordem e formar uma pista? — Ele negou com a cabeça. — Não me convence. Loucura ou não, ela tinha que saber que, em algum momento, outro kandra encontraria isso.

— Tudo bem — disse TenSoon, sentando-se. — Mas ela falou com você como *ela mesma*, não uma imitação?

— Sim. Isso é estranho? Você está fazendo isso agora mesmo, e MeLaan tampouco parece estar desempenhando um papel.

— Não somos Paalm — comentou TenSoon. — Desde que a conheço, sempre viveu um personagem. Eu também era assim, anos atrás. Eu não sabia quem eu era se não estivesse imitando alguém.

Wax olhou para as folhas. *Liberdade*, dizia uma delas num rabisco que cobria a página toda. *Daremos liberdade para você, quer queira*, dizia outra, só metade de um pensamento.

— Como ela era? — perguntou Wax. — Quem é ela, Guardião?

— Difícil dizer — replicou TenSoon. — Paalm era a kandra de estimação do Senhor Soberano, uma escrava da vontade dele e do Contrato que fizemos com ele. Ela ignorou os acontecimentos relativos ao fim do Mundo das Cinzas e desapareceu, não retornou à Terra Natal. Presumi que estava morta, até que ela apareceu entre os sobreviventes. Mesmo então ela se separava de nós, embora servisse Harmonia como todos nós. Até que... nada. Ausência.

— Liberdade — falou Wax, apontando para uma das páginas. — Ela falou

sobre isso comigo. O que significa?

— Não sei — confessou TenSoon, com a voz mais parecida com um rosnado do que antes. — Ela traiu tudo o que somos. Mas eu também fiz isso. Então talvez sejamos um par, ela e eu. Dois dos monstros mais antigos que restam neste planeta, agora que muitos dos Segundos optaram por escapar, acabando com as próprias vidas.

— Liberdade... — sussurrou Wax. — Alguém nos move... Ela deixou um bilhete para mim na mansão do governador. Ela removeu a língua de um político para acabar com as mentiras dele. Matou um sacerdote furando seus olhos para impedi-lo de olhar. De ver. Por quem? Pelo quê?

Ela fora a kandra do Senhor Soberano, movendo-se e dançando aos caprichos dele. E então... serva de Harmonia? Ela vivia com a voz dele em sua mente, sabendo que ele podia assumir o controle dela quando quisesse. Como seria viver uma situação dessas?

Isso a faria remover uma de suas estacas? Estaria tentando conseguir aquela liberdade para todo mundo? Extraviada, em sua insanidade, certa de que o mundo precisava ser salvo?

Wax se levantou lentamente.

— Isso tudo é sobre Harmonia.

— Como?

— Ela está tentando derrubar Deus.

— Isso é insano.

— Sim — concordou Wax, voltando-se para o kandra. — É insano. — Ele começou a andar de um lado para outro na pequena sala. — Fale com Harmonia e descubra algo para mim. A Sangradora partiu pela primeira vez porque Harmonia tentou assumir o controle sobre ela em algum momento? Foi isso que desencadeou tudo?

Um momento de silêncio.

— Sim — respondeu TenSoon. — Harmonia diz que Ele não tentou controlá-la diretamente, mas a pressionou muito a fazer algo que ela não queria fazer.

— Ela tem persistido na ideia de que todo o povo é controlado. — *Harmonia... ela era Bronze Sangrento? Estava usando o corpo dele já naquela época? Era ela lá quando atirei em Lessie?* — Ela vê todo mundo como

marionetes de Harmonia... Aos olhos dela, os políticos são a boca Dele. É por isso que ela quer derrubar o governador. Religião? Os olhos de Harmonia, para vigiar o povo. Ela quer minar isso criando uma rixa entre as seitas religiosas.

— Sim... — disse TenSoon. — De certo modo, isso pode ser visto como uma continuação do Primeiro Contrato. Servir o Senhor Soberano. Derrubar a força que ele lutou para derrotar. Harmonia é metade disso.

— Mas como eu estou envolvido nisso? — Wax continuou a falar, prestando pouca atenção em TenSoon. — Por que eu? Por que se concentrar em...

Não, era a pergunta errada.

O que ela pretendia fazer agora? Olhos, língua... ouvidos, talvez? *Finja que ela está um passo* à sua frente, disse Wax para si mesmo. *Prepare-se para o pior*.

Ele olhou mais uma vez para as folhas no chão. Ela queria Wax fora do caminho. Um quebra-cabeça elaborado? Era algo para perder tempo, uma distração. Ela arrancara aquelas folhas não para provocá-lo, mas para tirá-lo da investigação por tempo o bastante para conseguir completar a próxima fase de seu plano. Ela o *levara* até lá com aquele pó na túnica. Ela plantara a pista ali de propósito.

— Ela sabe — disse Wax, baixinho. — Ela sabe o que você vai fazer, TenSoon. O que você *fez*. — Ele sentiu frio e fitou os olhos não humanos do kandra. — Ela *sabia* que você enviaria seus kandra para tentar recuperar os corações e as mentes do povo. Isso expõe vocês. O próximo passo dela é derrotar os kandra.

Wayne vagava entre duas fogueiras. Dentro de uma, pernas de mesas e de cadeiras formavam pontas afiadas, como membros sombrios de cadáveres sendo queimados. As brumas não chegavam muito perto do fogo, embora a fumaça as imitassem bem na noite. Como um mendigo bem-vestido, só dava para reconhecê-la ao se aproximar o bastante para dar uma boa cheirada.

Wayne se inclinou junto a uma das fogueiras para acender seu charuto, embora isso exigisse que curasse a pele do braço enquanto ela queimava. Ficou cheirando tanto a seus próprios pelos queimados quanto ao odor da fogueira. Móveis polidos não queimavam direito. Mas ele gostava de sentir o calor mesmo assim. Fazia com que se sentisse vivo.

Tinha parado de encher suas mentes de metal, esperando ter saúde suficiente para o que estava por vir. Não podia se dar ao luxo de estar fraco ou adoentado

neste momento. Não com o que estava acontecendo.

Afastou-se das chamas e deixou o charuto preso entre os dentes. Era de uma marca chique, do estoque secreto do governador. Wayne deu uma longa baforada antes de lembrar que odiava aquelas coisas ferradas. Ah, bem. Não tinha trocado aquilo por nada muito bom. Só um dos garfos de Wax.

A multidão que se reunia na praça era a maior que vira em toda a noite. As pessoas se amontoavam perto da fogueira como um bando de corvos atraídos por um cadáver. Wayne se separou e entregou o charuto para uma mulher por quem passou. Ela ficou parada ali, surpresa, e ele voltou para o meio do povo.

Não dava para se mover *através* de uma multidão daquele tamanho, somente *com* ela. Era necessário vestir a multidão como um bom casaco, confortável e apertado, e deixar que o tecido indicasse alguma direção. Wayne se virava quando a multidão se virava e gritava nos momentos adequados, dando o tom embriagado necessário ao seu discurso. Devolveu uma cotovelada amistosa quando alguém o cutucou, e não demorou muito até se aproximar da frente. Ali, acima dos demais, um camarada sem camisa, com calça e suspensório, estava em pé sobre a estátua da fonte, segurando-se na lança do Sobrevivente para manter o equilíbrio, com o outro punho erguido em direção à multidão.

— Eles nos roubam tudo! — gritou o homem.

Sim, isso é verdade, pensou Wayne, juntando seu grito ao urro de aprovação da multidão.

— Esperam que trabalhemos longas horas todos os dias, mas, quando isso não é mais conveniente para eles, simplesmente nos mandam embora e não se importam se passamos fome.

Sim, eles fazem isso, pensou Wayne, juntando-se aos berros e xingamentos.

— Eles fazem favores uns para os outros — gritou o homem. — Eles nos sugam, e depois fazem festas suntuosas!

Estive numa dessas festas, pensou Wayne. *Bons sanduíches*.

— O Sobrevivente teria suportado isso?

Provavelmente não, admitiu Wayne. Enquanto a multidão o rodeava, Wayne cruzou os braços e pensou. Certo, derrotar uma metamorfa homicida era importante e tudo mais, mas parecia ser um péssimo momento para andar por aí com tiras e nobres. Ao ouvir aquele discurso, ele ficara meio inclinado a se *enforcar*, o que era realmente perturbador, já que, em geral, só tinha

pensamentos suicidas pela manhã.

Estava prestes a voltar para a mansão para conversar com MeLaan sobre tudo aquilo, quando alguma coisa mudou. Uma nova figura subiu na estátua: um homem careca e mais velho, um pouco mais largo na cintura, mas um tipo amistoso. Usava uma túnica ornamentada que terminava em franjas, como um casaco de bruma. Um sacerdote sobrevivencialista?

O homem mais velho ergueu uma das mãos, suplicante, e o camarada que estava gritando abaixou a cabeça em respeito e se afastou. Sob a imagem gigante do Sobrevivente, seu sacerdote seria ouvido. Wayne sentiu uma perturbação se agitar dentro de si mesmo, como se seu estômago descobrisse que tinha comido um punhado de maçãs podres. A religião o preocupava. Ela podia pedir para os homens fazerem coisas que, de outra maneira, jamais fariam.

— Venho até vocês com compreensão e simpatia — falou o sacerdote na noite. — Mas imploro que não invoquem o nome do Sobrevivente para justificar saques e destruição. Há um jeito de revidar, e eu me unirei a vocês nele, mas não estamos mais no tempo da tirania do Senhor Soberano. Vocês podem fazer com que suas vozes sejam ouvidas. Podem mandar representantes para falar com o governador.

A multidão silenciou. Alguns homens gritaram palavrões, explicando exatamente o que queriam fazer ao governador, mas a maioria permaneceu quieta.

— O Sobrevivente dizia que deveríamos sorrir — suplicou o sacerdote. — Ele ensinou que não devemos deixar que os pesares nos puxem para baixo, não importa quão ruim a vida se torne.

O humor da multidão estava mudando. Eles se mexiam em vez de gritar. Wayne relaxou. Bem, talvez a religião *fosse* boa para outra coisa além de roupas chiques e chapéus esquisitos. Se aquele sacerdote desarmasse o grupo, Wayne lhe pagaria uma bebida, pagaria sim. E pagar uma bebida para um sacerdote era ótimo, porque em geral eles não bebiam, então dava para ficar com as duas...

Espere. Por que aquele camarada com os suspensórios, o mesmo que falava antes, estava se esgueirando por trás do sacerdote? Levantando a mão como se...

— Não! — gritou Wayne, empurrando as pessoas para chegar até a fonte. Ele congelou o tempo, o que causou certa confusão nas pessoas ao seu redor, mas não ajudou muito. Só permitiu que ele ficasse parado ali, sentindo-se impotente, sabendo que o sacerdote estava longe demais para ser salvo. O camarada de

suspensórios estava parado atrás do velho gentil, com a mão levantada, uma faca brilhando à luz da fogueira.

Só que não era uma faca. Era uma *agulha*.

Wayne desfez sua bolha de velocidade. A agulha caiu, acertando o sacerdote nas costas. O homem de rosto redondo arqueou o corpo para a frente, e sua carne começou a *derreter*. Tornou-se translúcida, os olhos caindo das órbitas, os ossos de cristal brilhando sob a luz da fogueira.

— Olhem! — exclamou o homem de peito nu. — Veem o que os nobres tentam para aplacar vocês? Os Imortais sem Rosto servem à nobreza! Esse não era um sacerdote, era um criados dos nobres. Eles querem que vocês acreditem que são livres, que a democracia deles funciona para o povo, mas tudo o que cerca vocês são mentiras!

Wayne ficou boquiaberto enquanto o sacerdote — não, o kandra — lutava para permanecer em pé e falar, mas isso só tornava tudo pior. Os manifestantes gritaram, e a rudeza voltou com força renovada. Só as pessoas que estavam perto de Wayne ainda estavam confusas com o motivo pelo qual o tempo parara para elas.

Uma mulher usando uma saia suja olhou para ele.

— Ei, você não é aquele cara das Terras Brutas?

Wayne fez uma cara feia, recuando. Na fonte, o líder o localizou e interrompeu seu discurso. Apontou para Wayne.

— Um deles está aqui! — gritou. — Mandaram policiais para se misturar entre nós! Estão por toda parte, controlando vocês!

Basicamente a multidão inteira se virou para Wayne.

Ora, diabos.

RITO DA BACIA
s os oito sabores!
a. Você ficará feliz
o PECTIN-ADE!

Precisa-se de investidores. Investir em energia elétrica vai aumentar sua fortuna. Contate S. T., Stranat. 15.

mais conhecidas.

As apostas e trocas de boxes não demoraram a aparecer, e os jovens começaram a pagar em horários predeterminados.

O ponto mais crítico é o Terceiro Oitante, com suas longas retas e ruas paralelas, e, para automóveis no antigo recinto de feiras adjacente ao rio do Portão de Ferro.

(Continua no verso.)



Gilles na esquina da avenida Canton com o Caminho Tronchenu , alfaiates de camisas maravilhosamente elegantes para homens da alta sociedade. Eu não gostaria de estragá-la com meu sangue valioso.

"Então quem é você?", perguntou o Bigode, o tambor da arma se agitando ainda mais. O momento de perigo ainda não passara, mas minha respiração estava mais tranquila. Meus sentidos aumentados notaram que as batidas aceleradas do coração do Bigode também estavam diminuindo até um ritmo mais razoável.

"Sou o cavalheiro Jak", falei, com humildade. "Certamente já ouviu falar de mim."

"Então você não é o tal Waxillium Ladrian?"

"Pelo Sobrevivente, não!" Minha raiva veio à tona sem aviso. Muitos homens tinham conhecido a força dos nós dos meus dedos ao fazerem comentários assim, mas ali, nas fronteiras pouco civilizadas das Cidades Externas, eu sabia que não deveria castigar aquele estafermo mal informado por sua tolice.

"Meu bom homem, não", falei, mais calmo, soltando uma gargalhada generosa. Com as mãos trêmulas, ele guardou a arma no coldre. Um sorriso retorcido se formou entre os bigodes aliados do homem. Aproximei-me dele como faria diante de um leão da savana, mas segundos mais tarde já estava dando tapinhas em suas costas como um velho amigo (e evitando cuidadosamente que uma das pontas de seu bigode espetasse o lóbulo de minha orelha direita, um buraco que sem dúvida deixaria o honrado Handerwym com inveja das mentes de metal que eu poderia pendurar ali).

"Uma bebida", gritei. "Uma bebida para meu amigo! Porque eu também apontaria uma arma para Waxillium Ladrian se o encontrasse pessoalmente!"

Perigo evitado, Lady Lavont veio novamente até mim e se colocou ao meu lado, um sorriso assomando-se em seus lábios. Então notei na multidão dois braços erguidos e se agitando, que reconheci imediatamente como sendo de Handerwym. Na tentativa de chamar minha atenção no meio da multidão que lotava a festa, sacudia os braços com tanta ênfase que uma de suas mentes de metal voou de seu punho e aterrissou como um mergulhador de cataratas das Cidades Externas no ponche borbulhante, espalhando gotas do líquido vermelho que mancharam o vestido de noite, de cetim em tons pastéis, de Lady Lavont.

As convulsões de meu confiável criado só podiam ser interpretadas de um jeito. Durante minha distração com Bigode, os únicos bonões restantes de Lorde Nascido da Bruma tinham sido roubados, trocados por réplicas indistinguíveis, e nem Handerwym nem eu estávamos em posição para interceptar os perpetradores.

Eu precisava de meus sentidos aumentados para procurar os ladrões, mas tinha usado meu último resto de estanho para ajudar a neutralizar o desejo do Bigode de me fazer encontrar o velho Olhos de Ferro cara a cara.

Abri caminho entre a multidão em direção à única torre de estanho confiável naquela sala. O broche de Lorde Nascido da Bruma, que eu sabia ser falso...

Continua na próxima semana!!

O MELHOR DA BACIA!
O cavalheiro Jak recomenda um
Chamblis 328
com uma caixa de charutos Doxonar



Todas as aventuras do cavalheiro Jak publicadas em *O Jornal da Casa* compiladas pela primeira vez e com notas de seu fiel escriba terrisano agora disponíveis nas melhores livrarias de todos os oitantes!

ıião
stra!
ıtacante como
um terno listra-
isso não é tão
poderia ser. Em
vestido como eu
estranho como
com os kolossi,
eram, os homens
rnos tão chama-
com que alguém
dos artistas stra-
presentação no
o, serei mais es-
or também tinha
dos, esticados na
odo perfeito. As
lado afastaram-
s não só porque
uma arma, mas
emiam perder os
s pontas duras e
os facials.
uco de estanho
i vai se lembrar
na semana pas-
io "Um esporte
ue fui forçado a
r parte do meu
compensar os
alhado um cava-
io de degustação
ouco mais cedo

rma, senhor",
ndo-me por ter
no casaco que
m quando entrei
cado tão frouxo
as Terras Brutas
confortável sem
de mim? Num-
mente, eu sabia
a minha pistola
era páreo para

LA DURAR
DADE!



qualquer posses naquela sala. Eu não vencera as tribos nos Poços de Eltania? Não fui o primeiro a trazer histórias das encostas das Montanhas de Cinzas, agora verdes pela vegetação? E não fui eu quem domesticou os fabulosos cavalos de pescoço comprido das Planícies de Kaermarvon?

"Eu não abaixarei esta arma", disse o homem, "até que pague por seus crimes."

Meus sentidos aumentados notaram um pequeno tremor no discurso do homem. Percebi os movimentos quase imperceptíveis de seus olhos para a direita e para a esquerda. Não era um dos membros da gangue dos Pavimentadores, como eu pensara no início. Era um homem procurando vingança, e não tinha muita certeza se era de mim que devia cobrá-la.

"Vamos conversar sobre isso de modo pacífico", sugeri. Afastei gentilmente os dedos trêmulos de Lady Lavont que envolviam meu braço. "Tudo será resolvido, milady", falei, detectando um leve arfar em sua respiração quando meus dedos roçaram os dela por um breve instante.

"Você matou meu irmão há três anos, nas Terras Brutas, perto de Covingtar", disse Bigode Engomado.

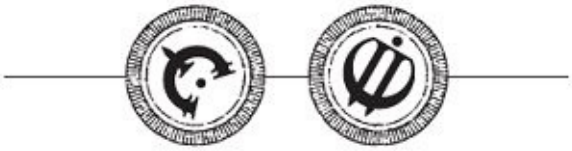
Eu precisava de tempo para pensar naquela acusação, então dei um passo adiante, levantei as mãos e disse: "Como pode ver, estou desarmado." Dei uma volta completa, mostrando para a multidão que eu não tinha nenhuma arma comigo. E, sim, corajosamente dei as costas para o Bigode, confiando na incerteza que ele tinha a respeito da minha identidade.

Quando me virei, pensei sobre o aparo em que me encontrava. Era verdade que eu tinha estado nas proximidades de Covingtar três anos antes. Mas tinha matado o irmão de alguém lá? Não duvidava que tivesse deixado muitos homens sem irmãos, mas nunca intencionalmente. A simples ideia de matar um homem com o propósito de deixar outro sem irmão é altamente repugnante para mim.

"Não sou o homem que procura", disse, levantando minha raça para outro gole, porque, pelos Sem Rosto, se eu ia morrer, morreria tomando um belo Chamblis Montreau 328.

O tambor da arma se agitou mais. Se minha tentativa falhasse, eu teria outra cicatriz de bala em meu abdome robusto. Pele e músculo podiam ser curados, mas a bela camisa de tecido fino que eu usava fora presente da filha do proprietário da Gilles &

21



— Pelas cinzas! — exclamou TenSoon enquanto corria ao lado de Wax pelos túneis da Terra Natal. — Eu pedi a Harmonia para espalhar a notícia entre meus companheiros. Vamos interromper nossos esforços imediatamente, mas Ele diz que pode ser tarde demais.

Wax assentiu, segurando sua lanterna e bufando por causa do esforço físico.

— Somos os ouvidos de Harmonia — rosnou TenSoon. — Isso combina com o tema da Sangradora, não é? Nós ouvimos, nos movemos entre vocês, reportamos tudo para Deus. Ela vai tentar ensurdecê-lo.

Wax assentiu novamente.

— Isso é inútil! — disse TenSoon. — Ela não pode deter Harmonia. Mesmo com tudo isso, ela é só uma criança jogando pedras numa *montanha* para tentar movê-la.

— Sim — respondeu Wax, tropeçando em alguns escombros. Pedaços da Terra Natal obviamente tinham sofrido com a movimentação de terra de um lado para outro durante o Catacendro. Paredes tinham desabado e ficado caídas ali, quebradas por centenas de anos. — Mas ela não está tentando *matar* Deus. Ela só quer libertar as pessoas Dele, com seu jeito distorcido.

— Libertá-las? — perguntou TenSoon. Ficou em silêncio por um tempo. — Emoção. É isso, não é? Vin libertou os koloss fazendo-os sentir emoções poderosas. Isso criou uma abertura para suas almas, deixou-a ultrapassar o controle e dominar as criaturas.

— É o que dizem as antigas histórias — replicou Wax. — É bom ter

confirmação.

— Humanos não são criações hemalúrgicas como os koloss. Emoções poderosas não vão “libertá-los” de Harmonia.

— Claro que vão — falou Wax. — Pelo menos aos olhos da Sangradora. Se você está irado, não está seguindo os planos cuidadosos de Harmonia. Está fora de controle. Ela vai levar a cidade à loucura numa tentativa insana de libertá-la.

— Ruína! — rosnou TenSoon. — Posso ter que deixá-lo para trás, homem da lei. Preciso encontrar meu povo rapidamente e falar com eles sobre o que está acontecendo.

— Tudo bem — concordou Wax. — Mas poderei acompanhá-lo melhor do que imagina, assim que eu...

Um uivo estridente ecoou pelo corredor, tão aterrorizante que Wax parou. Sacou Vindicação, segurando a lanterna bem alto com a outra mão. O uivo se juntou a outros, numa terrível cacofonia, cada um ressoando nos demais.

TenSoon soltou um rosnado baixo quando os uivos desapareceram.

— O que diabos foi isso? — perguntou Wax.

— Nunca ouvi nada assim, humano.

— Você não tem mais de mil anos de idade?

— Mais ou menos isso — confirmou TenSoon.

— Ah, *inferno* — disse Wax. — Esse lugar tem outra saída?

O kandra deu meia-volta, seguindo por onde vieram. Os uivos recomeçaram, mais altos. Os túneis apertados e as rochas irregulares de repente pareciam mais claustrofóbicos.

Wax correu e, apesar da bravata anterior, descobriu que tinha dificuldades reais em acompanhar TenSoon. A rocha ao redor deles não tinha metal algum, pelo menos não puro o bastante para que ele *empurrasse*. Além disso, os túneis eram muito cheios de curvas para possibilitar *empurrões* longos.

Então ele correu, segurando a lanterna com os dedos suados, ouvindo as coisas que vinham atrás deles ficarem mais revoltadas. Distraído como estava, quase colidiu com TenSoon quando o encontrou parado no túnel.

— O que foi? — perguntou Wax, ofegante por causa corrida.

— Há um cheiro estranho adiante — falou TenSoon. — Estão esperando por nós.

— Ótimo — comentou Wax. — O que são eles?

— Têm cheiro de homens — disse TenSoon.

Mais uivos vinham de trás.

— Isso são *homens*? — duvidou Wax.

— Venha — chamou TenSoon, virando-se e voltando a correr, arranhando as pedras com as unhas.

Wax o seguiu.

— Outra saída?

TenSoon não respondeu, limitando-se a guiá-lo numa corrida por pequenas grutas, dobrando esquinas, passando por túneis. Pararam num cruzamento. TenSoon pensou nas opções que tinham enquanto Wax segurava sua arma, nervoso. Jurava que tinha visto algo se movendo nos túneis que tinham acabado de deixar, aquele onde TenSoon afirmara ter localizado uma emboscada.

— TenSoon... — Wax o chamou, nervoso.

— Por aqui — disse o kandra, saindo em disparada.

Wax o seguiu, entrando num túnel mais comprido. Perfeito. Deixou-se ficar para trás, segurando a lanterna e tentando ter um vislumbre do que os seguia.

Sua luz se refletiu em alguns pares de olhos nas sombras. Figuras encurvadas, movendo-se sobre quatro patas, de um jeito marcadamente não humano. Suando, Wax derrubou um cartucho de bala e pressionou-o com o pé numa fenda na rocha. Então *empurrou*, lançando-se pelo corredor até alcançar TenSoon, aterrissando um pouco antes de virarem uma esquina a toda velocidade.

— *Não* são humanos — comentou Wax. — Não completamente.

— Hemalurgia — explicou TenSoon. — Isso é terrível. Paalm... Ela foi muito mais longe do que eu presumia. Ela não quer só matar. Ela quer Ruína.

— Estão quase nos alcançando — falou Wax, segurando a arma e a lanterna. — Como vamos sair daqui?

— Não vamos — disse TenSoon, correndo para o lado e entrando numa pequena câmara. — Vamos lutar.

Wax o seguiu, mas parou na entrada, com a arma em punho. Já tinham passado por aquela sala antes, ou por uma parecida. Estava cheia de pequenas cestas. Ao olhar para elas agora, pôde ver que estavam repletas de ossos.

As coisas que os perseguiam começaram a latir baixinho, mas ele podia ouvi-los raspando as unhas nas pedras, podia ouvi-los respirar de excitação conforme se aproximavam.

Dentro da sala, TenSoon se transformou.

Aconteceu de repente. A pele do kandra soltou-se dos ossos caninos e se esparramou no chão como um balde de água suja jogado no fundo de uma cozinha. Os músculos e a pele derretidos caíram sobre uma das cestas, derrubando-a e despejando os ossos.

MeLaan dissera que ele era rápido, mas essa palavra nem começava a descrever o movimento súbito de TenSoon para absorver os ossos. Os braços brotaram nas laterais de sua massa corpórea e se ergueram no ar conforme as pernas se formavam embaixo, grossas como as de um lutador. Um crânio emergiu como uma bolha no melaço, enchendo-se de músculos que se esticavam contra os ossos, uma mandíbula aparecendo no lugar certo.

Em segundos, uma figura baixa, mas robusta, estava em pé na câmara. O rosto, de pele e músculos esticados, lembrava um koloss, mas aqueles antebraços eram como martelos, e o peito era de uma potência sobre-humana. Estava nu, embora não tivesse genitais de tipo algum.

Wax olhou para o corredor lá fora e ergueu a pistola, suando. As coisas se aproximavam. Cabeças emergiram na escuridão, mostrando rostos com feições humanas retorcidas em algo mais canino. Contou cinco no total. Aquelas criaturas não eram mais bípedes, mas ainda tinham traços de humanidade — dedos compridos demais, mãos com polegares opositores. As juntas nos joelhos e cotovelos se dobravam para o lado errado, e os olhos... os olhos estavam mortos. Totalmente negros.

— O que ela fez com vocês? — sussurrou Wax para eles.

As criaturas não responderam. Não podiam pensar, não falavam ou não se importavam com nenhum dos dois. Wax deu um tiro para cima, com alguma esperança de que o som as assustasse, fazendo-as voltar correndo para a noite.

A maior parte dele, no entanto, esperava que aqueles bichos permanecessem ali, para que pudesse acabar com todos os pobres bastardos.

O tiro soou alto nos túneis, mas os animais não fugiram. Em vez disso, avançaram mais rápido, sua relutância dando lugar ao frenesi. Wax apontou Vindicação e a descarregou nas primeiras criaturas, mirando nos crânios. Clarões dos tiros iluminaram o túnel. Embora as balas arrancassem a pele e deixassem

faixas de músculos ensanguentados à mostra, nenhuma criatura caiu.

Wax voltou para dentro da câmara, guardando Vindicação e pendurando a lanterna numa saliência da rocha.

— Os crânios deles foram reforçados — gritou para TenSoon enquanto sacava sua Sterrion.

O kandra passou por ele, ao mesmo tempo leve e poderoso. Wax quase podia ouvir os músculos se contraindo e se esticando sob a pele a cada movimento. Quando as primeiras criaturas entraram, TenSoon esmagou as laterais de suas cabeças, imobilizando-as contra a parede com uma das mãos. Depois deu um passo para trás e levantou o pé para *estilhaçá-las* contra as rochas.

Os outros saltaram sobre TenSoon, derrubando-o e mordendo sua carne. Ele agarrou um, arrancando as patas traseiras e jogando-as longe. Wax atirou, mirando nos olhos.

— Eles foram criados para lutar contra você — rosnou TenSoon, no chão, onde lutava com uma das criaturas enquanto as outras rasgavam sua carne. — Fuja. Suas armas modernas são inúteis aqui, homem da lei!

Isso nós vamos ver, pensou Wax, soltando sua Sterrion e levando a mão ao coldre em sua coxa, onde pegou a escopeta de cano curto. Pegou um punhado de cartuchos e os jogou no chão com um som que parecia chuva. Então, entrou na briga, acertando a escopeta no rosto do primeiro monstro que foi até ele. A coisa se encolheu e uivou, mostrando fileiras de dentes desiguais.

Wax enfiou a arma em sua boca e atirou.

Pedaços da cabeça pintaram as paredes enquanto o resto do corpo tombava sobre as cestas, espalhando ossos no chão de rocha. A morte da criatura chamou a atenção das outras, que deixaram o ensanguentado TenSoon e atacaram Wax.

Em geral, Wax preferia pistolas. Esse tipo de arma era uma extensão da concentração de alguém, uma arma de precisão, como jogar uma moeda na época do Catacendro. A alma de um Lançamoedas, sua vontade manifestada.

A escopeta era diferente; não era uma extensão da concentração ou da vontade, mas se saía *muito bem* ao representar sua fúria.

Wax gritou, acertando a escopeta no rosto de um animal e *empurrando* o tambor, dando uma força incrível ao golpe. O impacto fez a criatura voar para o lado enquanto Wax girava, recarregava a arma e atirava na pata dianteira do monstro seguinte, arrancando-a da articulação e fazendo o animal bater de cara

na pedra.

Ele saltou por cima do próximo que o atacou, *empurrando-se* numa bala caída para se erguer no ar. Deu um tiro com a escopeta nas costas da besta, aturdindo-a, e então multiplicou seu peso e aterrissou sobre ela, esmagando-a.

A coisa se remexia e se retorcia debaixo dele quando outra saltou em sua garganta. Ele deu um tiro na cabeça da criatura e *empurrou* a munição. Com seu peso ainda aumentado, drenando sua mente de metal num ritmo furioso, aquela bala não foi detida pelo crânio como as demais, estilhaçando o osso e espalhando cérebro por todo canto.

Wax desviou do cadáver que caiu ao lado dele e ergueu a escopeta, acertando a cabeça da última besta que vinha até ele. A coisa deu um salto para trás, expondo a barriga.

Wax atirou três vezes, esvaziando a escopeta. A barriga era macia, como ele esperava. A coisa caiu no chão.

Wax se levantou, respirando com dificuldade, consumido pelo ritmo da luta. Ali perto, TenSoon virou de lado, os ferimentos nos braços e pernas começando a fechar. Ele matara outra das coisas, rasgando-a ao meio. Seus olhos estavam arregalados quando olhou para Wax. Seu rosto ensanguentado parecia tão pouco humano quanto o das criaturas com as quais tinha acabado de lutar.

TenSoon ficou em pé, observando o massacre. A lanterna ainda queimava calmamente, iluminando os ossos espalhados no chão e as massas que certa vez — horrivelmente — foram humanas, mas que agora eram restos retorcidos. Wax se sentia enjoado. Ele chamara aquilo de “coisas”, mas tinham sido pessoas. TenSoon estava certo. O que a Sangradora fizera ali era até pior, de algum modo, do que seus assassinatos.

— Terei que perguntar a Harmonia se falhei com Ele hoje ao matar — comentou TenSoon. Sua voz tinha o mesmo rosnado grave de antes, quando habitava o corpo do cão.

— Por que ele se importaria? — perguntou Wax, ainda enjoado. — Ele me usa para matar o tempo todo.

— Você é a Ruína Dele — explicou TenSoon. — Eu sou Sua Preservação.

Wax ficou parado em silêncio no meio dos mortos e moribundos e abaixou a escopeta, tentando suprimir a sensação imediata de *indignação*. Isso era tudo o que ele era para Harmonia? Um matador? Um destruidor?

— Mesmo assim — prosseguiu TenSoon, abrindo caminho pela câmara e falando como se não percebesse o insulto que acabara de cometer —, acho que Harmonia não vai se importar com o que fiz. Essas pobres almas... — Ele se ajoelhou e cutucou um dos corpos que Wax matara.

TenSoon se levantou, exibindo um pequeno pedaço de metal prateado, talvez com o comprimento de um dedo. Tinha um tom vermelho ou era apenas sangue? Wax usou sua visão de aço e descobriu que, embora pudesse ver a estaca, a linha azul era mais embaçada do que deveria ser. Hemalurgia.

— Uma estaca — falou TenSoon, virando-se para Wax. — Mais uma, e Harmonia seria capaz de controlar esses animais. Como uma mudança dessas pode ser feita com uma única estaca? Este é um nível de Hemalurgia que está além do meu entendimento, homem da lei.

Wax balançou a cabeça, verificando as criaturas. Não para ver se ainda eram uma ameaça, mas para ter certeza de que não deixaria nenhuma delas ali para ter uma morte prolongada. Encontrou uma mulher ainda viva, paralisada pelo tiro nas costas. Ela o olhava com aqueles olhos que tinham formato humano, mas eram estranhos e escuros. Independentemente do que a Sangradora tivesse feito com aquelas pessoas, deveriam ao menos ter conservado seus olhos.

Wax colocou a arma contra o olho da mulher e atirou direto no cérebro. Então fechou os olhos e ofereceu... o quê? Uma prece para Harmonia? Harmonia não ajudara aquelas pessoas.

Eu fiz algo para ajudar... As palavras vieram como um sussurro do passado. Uma lembrança da última vez que Harmonia falara com ele. *Eu enviei você.*

Wax não tinha certeza de que isso bastaria dessa vez.

— Diga-me que vai enterrar essas pessoas — pediu Wax.

— Eu vou — disse TenSoon enquanto um uivo soava ao longe. — Há mais a caminho. Lutamos aqui ou fugimos?

— Pode nos tirar daqui? — perguntou Wax, recarregando a escopeta.

— Talvez. Não da maneira convencional, mas pode haver um jeito.

— Então vamos — falou Wax. — Esta é outra distração, TenSoon. Aquelas criaturas só vieram atrás de nós depois que deixamos a outra câmara.

TenSoon assentiu, soltando seu corpo no chão e absorvendo os ossos do cão mais uma vez. Em questão de segundos, assumiu a antiga forma novamente, exceto os pelos, que começaram a brotar na pele enquanto TenSoon seguia para

a porta. Os pelos vinham em ondas, e o corpo do kandra os distribuía onde era necessário.

Wax pegou a lanterna, e eles saíram correndo, TenSoon indicando o caminho mais uma vez.

— Lá vai ele, rapazes! — gritou Wayne, apontando para a escuridão. — Eu vi aquele tira sujo escapar por ali. Vocês vão por lá, e eu vou pelo outro lado, e nós o cercamos, cercamos sim!

A pequena força de homens que o acompanhava, armada com ferramentas e vassouras, separou-se numa massa animada e barulhenta, cheia de raiva e desejo de vingança. Wayne os encorajou enquanto corria de costas na outra direção. Depois de um tempo, diminuiu o passo, por fim só, e balançou a cabeça. Não eram más pessoas, exceto pelo fato de que tinham a inteligência combinada de um tijolo.

Wayne girava o bastão de duelo entre os dedos enquanto seguia por uma viela que o deixou perto da mansão do governador. Não entraria pela frente — mais e mais pessoas zangadas se reuniam ali, e algumas podiam reconhecê-lo. Ele usava um gorro de jornaleiro, e seu outro chapéu fora escondido cuidadosamente num arbusto no caminho. Não tinha problema, já que gostava bastante do novo chapéu, mas sentia-se nu em outro aspecto: estava sem curvaliga. Completamente sem.

Isso não era bom. Nada mais de parar o tempo, a menos que Wax tivesse um frasco extra para ele. O camarada quase sempre levava um consigo.

Wayne deu a volta na mansão, com a intenção de alcançar a entrada dos fundos, por onde esperava que os guardas o deixassem entrar. Perdera tempo demais se livrando daquela multidão. A visão daquele pobre kandra derretendo na frente de todo mundo ainda o assombrava.

Ferrugem! Não sabia em que lado da briga estava, mas pelo menos não saía por aí derretendo pessoas para conseguir público. Além disso, imaginava que, por enquanto, era melhor escolher o lado que *não* tentava matá-lo.

Continuou caminhando e enfiou uma bola de chiclete na boca. Então, hesitou, as brumas rodopiando ao seu redor, a mansão assomando-se diante dele como se saísse dos planaltos das Terras Brutas, totalmente branca. E, por uma janela, ouviu uma voz que chegou até dele.

O sotaque estava errado. Um *pouco* errado, mas de um jeito profundo.

E, de repente, ele soube por quem a Sangradora estava se fazendo passar.

Os uivos estavam distantes de Wax, mas o assombravam ainda mais do que na primeira perseguição, pois agora sabia o que fazia aqueles sons. Se sobrevivesse a isso, teria que fazer algo por aquelas criaturas.

TenSoon o levou pelo âmago da Terra Natal até chegarem a uma parede cheia de rachaduras. Wax ergueu sua lanterna, inspecionando-as. O cão ao seu lado ainda tinha partes de pele em que faltavam pelos.

— E então? — perguntou Wax, analisando o beco sem saída.

— Temos observado este ponto — contou TenSoon. — Ele rachou há muito tempo, e as rachaduras parecem estar ficando mais largas ao longo dos anos. Se elas se abrirem, vão proporcionar outro caminho para a Terra Natal, e queremos estar cientes de cada um deles.

Wax passou os dedos pelas rachaduras na rocha. O ar passava por elas, trazendo um cheiro de algo mais... podre. Mais como a cidade que ele conhecia. Familiar e desagradável ao mesmo tempo.

Acessou sua mente de metal, aumentando seu peso, e jogou o ombro contra a parede. Era arriscado, pois sua força não aumentava, exceto na capacidade de mover os próprios membros e os músculos mais pesados. Isso lhe conferia certa habilidade, mas ele tinha que tentar forçar as coisas de modo que *caísse* contra elas tanto quanto as empurrava.

Por fim, conseguiu o equilíbrio correto, atravessando a rocha rachada e abrindo uma cratera. Conseguiu abrir caminho por uma fenda estreita, como um desfiladeiro muito estreito nas Terras Brutas. As paredes estavam escorregadias de água e eram irregulares, como grande parte daquele reino subterrâneo.

— E agora? — perguntou Wax.

— Agora escalamos, humano — respondeu TenSoon. Ele se derreteu mais uma vez, largando pelos e ossos no chão e tornando-se um grupo de músculos. Naquele estreito confinamento, isso era uma vantagem. TenSoon conseguiu empurrar as duas paredes e começar a deslizar pela fenda, enchendo buracos e passagens com sua massa e depois usando os músculos em si para se erguer. Uma bolsa parecida com um estômago se formara ao redor dos ossos do cão, e TenSoon a carregava consigo.

Era grotesco e, ao mesmo tempo, fascinante. Este era o estado natural de um kandra, uma coleção gosmenta de músculos que, de vez em quando, assumia

uma forma humana.

É claro, pensou Wax, começando a escalar. *O que eu sou além de uma pilha de sangue e carne que se levanta e anda por aí?*

A subida era difícil, particularmente carregando a lanterna, embora diminuir seu peso ajudasse bastante. Depois de um tempo curto, ele ouviu as criaturas uivando e raspando a rocha lá embaixo. O coração de Wax se acelerou, mas os monstros não conseguiam escalar a subida. Continuou a escalar centímetro por centímetro até que, na urgência de encontrar um apoio para a mão, atrapalhou-se e derrubou a lanterna.

Ela bateu e ressoou contra as pedras antes de quebrar no chão lá embaixo. A luz se apagou.

Nesse instante, Wax percebeu que estava enterrado, segurando-se em rochas na escuridão. As paredes pareciam pressioná-lo, e monstros deformados uivavam lá embaixo e ansiavam por seu sangue. Ele arfou, subitamente em pânico.

Então, seus olhos se ajustaram, e uma suave luz azul revelou o mundo para ele. Não estava preso. Havia uma saída acima. Podia ver pelas manchas de fungos azuis que cresciam nas paredes, dando um tom luminoso para tudo.

— Harmonia fez com que esses fungos se espalhassem por aqui — soou a voz de TenSoon lá em cima. — Ele queria ter certeza de que nenhuma pessoa ficaria presa na escuridão deste lugar novamente.

Wax se obrigou a continuar escalando. Sabia onde estava agora, por causa das histórias. Os buracos nas paredes que usava como apoios para as mãos tinha estado cheios de cristais, e, dentro deles, os geodos continham um pequeno pedaço do metal perdido. O lendário atium.

Ele estava escalando as Minas de Hathsin.

— Acalme-se, homem da lei — disse TenSoon. — Continue escalando.

Teria ele ouvido a respiração acelerada de Wax? Ele se acalmou e prosseguiu. Aquele lugar já não era uma prisão. Já não cortava e lacerava como fizera com os braços do Sobrevivente. Na verdade, a subida era fácil, com todos aqueles buracos. Os sons lá embaixo ficavam mais fracos.

Por fim, arrastou-se por uma fenda até um túnel feito por homens. Uma das vias de esgoto da cidade; a rachadura atrás dele era apenas uma abertura numa rocha e não dava pistas de sua origem antiga. Wax estremeceu, respirando os

odores horríveis do esgoto, mas feliz por estar livre. TenSoon era uma massa em convulsão ali perto, assumindo a forma do cão novamente.

— Entendo os motivos pelos quais Paalm quer me manter distraído e incapaz de impedir meu povo de cair em sua armadilha — comentou TenSoon. — Mas o que aconteceu lá embaixo não era para mim, humano, mas para você. Do que ela está tentando distraí-lo?

Wax não respondeu, mas só podia pensar em um motivo. Assim que desse um jeito nos kandra, estaria pronta para os passos finais do seu plano. Ela precisava levar o povo da cidade a um frenesi maior, libertando-os, como achava que fazia, e criando uma multidão cheia de ira e ódio que destruiria Elendel.

O governador planejava discursar para o povo. A Sangradora ainda não conseguira matá-lo, e Wax achava que sabia por quê.

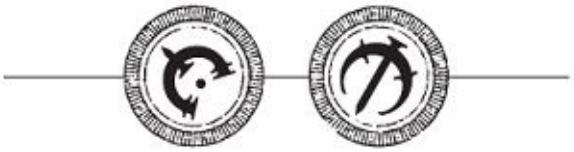
Porque, quando o matasse, ela queria espectadores.



TERCEIRA PARTE



22



As brumas pareciam arder na noite, como nuvens antes do alvorecer. Wax se deixou cair através delas, aterrissando com um baque na escadaria da mansão do governador, surpreendendo os guardas que estavam ali. Policiais, a julgar pelos uniformes, em vez da guarda particular do governador. Ótimo. Os guarda-costas estavam escasseando ultimamente.

Wax se levantou, virou-se e olhou a multidão que se reunia na frente da mansão. Policiais com rifles formavam uma barreira ansiosa entre o povo e o edifício. Ali perto, trabalhadores construíam um pequeno palco na escadaria. Aradel supervisionava, mas, pela expressão azeda que estampava seu rosto, estava bem desgostoso com o plano do governador.

Wax concordava. Discursar para a multidão seria cair bem nas mãos da Sangradora. Ele segurou o braço de um dos policiais.

— Presumo que não houve outra tentativa contra a vida do governador.

— Não, senhor — respondeu o policial. — Ele está em seu escritório, senhor.

Wax assentiu e entrou na mansão, seguido pelas brumas que se dissipavam atrás dele. Foi direto para os fundos da mansão, e, no corredor, Marasi o interceptou, segurando-o pelo braço.

— Sangue de koloss — disse ela, dando-lhe a senha para provar que não era a kandra.

— Verão da noite — respondeu Wax, autenticando-se também. — Precisam fazer algo a respeito dessa multidão, Marasi. Eles vão colocar a cidade abaixo.

— Estamos trabalhando nisso. Você viu Wayne?

— Não. Por quê?

— MeLaan disse que ele saiu para inspecionar os manifestantes. Faz mais de meia hora. Ninguém o viu desde então.

— Ele vai voltar — disse Wax. — Preciso conversar com o governador.

Marasi assentiu, mas o segurou pelo braço novamente quando ele tentou seguir em direção ao escritório.

— Wax — disse ela, baixinho —, ele é corrupto. Corrupto *de verdade*. Encontrei provas.

Wax suspirou profundamente.

— Vamos sobreviver a esta noite. Depois faremos algo a respeito.

— Penso o mesmo — comentou Marasi —, mas acho que a Sangradora quer nos colocar numa posição difícil... Talvez ela queira nos forçar a deixar o governador morrer.

— Isso não vai acontecer — garantiu Wax. — Nós o entregaremos à justiça, não à turba. Sabe algo de sua irmã?

— Não — respondeu Marasi. — Mas pretendo ver como ela está.

— Faça isso — pediu Wax. — Vou ver como está seu pai assim que falar com o governador. Não quero que nenhum dos dois apareça como um refém inesperado.

— Contanto que não seja eu dessa vez — disse Marasi, com uma careta. — MeLaan está usando o corpo da guarda. Está furiosa, pois o governador não deixa que ela e os outros entrem. Vou ver se consigo encontrar Wayne. Não me surpreenderei se ele estiver na primeira fila da multidão.

Ela soltou o braço dele e começou a se afastar.

— Marasi — chamou Wax.

— Hum?

— O uniforme — disse ele. — Fica bem em você. Não sei se já tive a oportunidade de mencionar isso.

Ela corou — *era* Marasi, afinal — antes de continuar.

Wax deu meia-volta e seguiu pelo corredor até a porta do escritório do governador. MeLaan estava ali com mais três guarda-costas.

— Ninguém pode entrar, homem da lei — falou um deles, com um tom de voz irritado. — Ele está escrevendo o discurso. Não vai querer...

Wax passou por eles e tentou abrir a porta, que estava trancada. Podia ouvir a voz de Innate lá dentro, ensaiando o discurso. Wax aumentou seu peso e abriu a porta com Alomancia, estilhaçando o batente. Innate estava no meio da sala, segurando um bloco de papel e andando de um lado para outro enquanto discursava. Ele ficou imóvel, no meio do caminho, e se virou na direção de Wax. Então, ficou visivelmente mais relaxado.

— Você podia ter batido — sugeriu o governador.

— Você teria ignorado — respondeu Wax, entrando e fechando a porta. Não ficou completamente fechada, é claro, depois do que Wax fizera. — O que acha que está fazendo, Innate? Poderia ter sido morto aqui, em silêncio, sozinho, sem ninguém para ajudar.

— E o que eles teriam feito? — Innate quis saber, jogando o bloco de notas na mesa. Caminhou até Wax e disse, baixinho: — Sussurro do vento.

— Riacho bêbado — respondeu Wax, trocando as últimas senhas. Innate era ele mesmo. — Deixar seus guarda-costas lá fora foi tolice. Eles teriam lutado por você, protegido você. Já espantamos a Sangradora uma vez.

— *Você* a espantou — disse Innate, voltando para a mesa e pegando o bloco de notas. — O resto foi inútil. Até o pobre Drim. — Ele voltou a andar de um lado para outro, falando as frases de seu discurso e praticando a ênfase.

Wax ficou furioso, sentindo-se dispensado. Aquele era o homem que lutavam para proteger? Wax foi até a janela. Para sua surpresa, estava aberta, deixando que as brumas entrassem. Elas não duravam muito ali. Ele ouvira lendas de brumas que enchiam aposentos, mas isso raramente acontecia.

Apoiou-se na janela, olhando para a escuridão, ouvindo o discurso de Innate sem prestar completa atenção. Era inflamado e desprezível. Ele afirmava entender os problemas que as pessoas tinham, mas as chamava de camponesas.

Isso só deixaria tudo pior. *Ela quer isso*, pensou Wax. *Ela quer libertar Elendel de Harmonia, deixando a população da cidade furiosa.*

Ela sabia o que Innate diria. *Claro* que sabia. Ela os levara até ali. Cada pista que Wax encontrara até agora fora cuidadosamente plantada para ele. Então, o que deveria fazer? Impedir o discurso de Innate? E se fosse *isso* que ela queria?

Ele tamborilou com o dedo no peitoril da janela. Toc. Toc.

Algo viscoso.

Ele olhou para baixo e pestanejou. Um pedaço de chiclete mastigado tinha sido colado ali. Wax levantou o dedo e, enquanto contemplava aquilo, alguma coisa começou a se encaixar. Algo que não tinha percebido. A Sangradora tinha preparado tudo desde o início.

As suspeitas de Wax começaram porque ela deliberadamente o alertara ao usar o rosto de Bronze Sangrento. Aquilo fora parte consciente de sua trama, uma maneira de iniciar as festividades. Tudo seguia de acordo com a programação dela.

A Sangradora tinha tudo no lugar quando a noite certa chegou. Planejava isso havia muito tempo. Muito mais do que ele presumia.

Então, onde era o melhor local para se esconder?

Ferrugem!

Wax levou a mão até sua arma e se virou.

Viu-se de frente para o governador Innate, que apontava uma arma para ele.

— Maldição, Wax — falou o governador. — Só mais alguns minutos e tudo daria certo. Você vê longe demais. Sempre consegue ver um *pouco* longe demais.

Wax ficou paralisado, a mão na arma. Olhou o governador nos olhos e assobiou baixinho.

— Você conhecia a senha — sussurrou Wax. — Mas é claro que sim. Eu a dei para você. Quando você o matou? Há quanto tempo a cidade vem sendo governada por um impostor?

— Há tempo suficiente.

— O governador não era seu alvo. Você pensa em algo maior do que isso... Eu deveria ter visto. Mas Drim... ele estava na sala secreta quando você desceu até lá. Foi por isso que o matou? Não. Ele saberia que você não era o governador.

— Ele sabia o tempo todo — contou a Sangradora. — Ele era meu. Mas tive que matá-lo esta noite por sua causa, Wax. Você atirou em mim e...

— Você estava usando a roupa do governador por baixo do manto — deduziu Wax. — Ferrugem! Você se sujou de sangue. Então precisava de um motivo para o governador estar coberto de sangue, uma desculpa para tirar a camisa e estancar o ferimento.

Ela apontava a arma para ele, imóvel. A arma não era percebida por sua Alomancia. Alumínio. Ela estava preparada, claro. Mas parecia atormentada. Não queria matá-lo. Por algum motivo, nunca quis matá-lo.

Então, Wax gritou por socorro.

Era arriscado, mas nada jamais terminava bem quando se obedecia à pessoa que tinha uma arma apontada para você. Como ele suspeitava, a kandra não atirou nele quando a porta se abriu. Wax sacou sua arma e atirou na Sangradora para distraí-la enquanto procurava no cinturão a última agulha que MeLaan lhe dera.

Os guardas apontaram as armas para Wax e começaram a atirar.

Idiota, pensou ele, jogando-se na direção da escrivaninha do governador para se proteger. Era claro que fariam aquilo.

— Esperem! — gritou ele. — O governador foi tomado. Não...

A Sangradora atirou nos guardas. Wax rolou para trás da escrivaninha, mas conseguiu ouvir quando gritaram em choque — seu próprio governador, pelo menos até onde sabiam, atirando neles. Wax se encolheu, praguejando. Aquelas mortes eram culpa dele.

— Acho que o restante dos policiais logo estará aqui — disse a Sangradora. — Eles ainda não estão livres. Nem você, apesar do tanto que tentei...

Wax espiou por sobre a mesa e se abaixou novamente quando ela apontou a arma em sua direção. O rosto do governador estava retorcido numa máscara de fúria e frustração.

— Por que não me deu um pouco mais de tempo? — quis saber ela. — Eu estava tão perto. Agora terei que matar você, afirmar que você era a kandra e culpá-lo por atirar nos meus guarda-costas. Ainda posso falar para a multidão, libertá-la...

Ainda assim, ela não o atacou. Ainda parecia irritada. Era melhor tirar vantagem disso.

— MeLaan, agora! — gritou Wax. Ele *empurrou* os pregos do chão, lançando-se no ar.

Um dos cadáveres aos pés da Sangradora a agarrou pelas pernas.

Wax *empurrou* a parede, saltando na direção da Sangradora. Ela grunhiu e bateu na mão dele quando ele aterrissou, fazendo-o soltar a agulha. Ferrugem e Ruína!, ela era *forte*. Ela chutou MeLaan para longe enquanto Wax mergulhava

atrás da agulha caída.

A Sangradora se tornou um borrão. Bem quando ele tentava pegar a agulha, ela a apanhou e a enfiou no ombro de MeLaan. Tudo aconteceu em um piscar de olhos.

Então, ela parou de repente. Parecia impactada pela mudança de velocidade. Seu estoque de mentes de metal, por fim, acabara.

Wax sacou a arma e atirou, deitado no chão. As balas arrancaram a pele da Sangradora, mas nada além disso. Ali perto, a forma de MeLaan ficava distorcida, com o rosto caído e a pele transparente.

Wax esvaziou a arma na direção da Sangradora, cuja pele se regenerava dos ferimentos. Eles se encararam por um bom tempo antes que o som de botas no corredor fizesse a Sangradora xingar e sair em disparada pela janela. Wax pegou a outra arma e foi até a janela, jogando-se no chão quando sons de tiros ecoaram lá fora.

Ele esperou por um instante antes de olhar para cima, mas não a viu nas brumas agitadas. Wax xingou, girando a articulação do ombro. O tiro que levara mais cedo estava sangrando novamente, e a dor voltara. Achava que tinha tomado analgésicos suficientes para impedir isso.

— Você está bem? — perguntou para MeLaan, que conseguira se sentar.

— Sim — respondeu ela, embora o som tenha sido distorcido pelo rosto derretido. — Eu os fiz colocarem isso em mim uma vez para testar. Ficarei bem em alguns minutos.

— Obrigado por me salvar — falou Wax, esquadrinhando o escritório ansiosamente em busca de compartimentos secretos, usando sua visão de aço. Linhas trêmulas saíam do armário. Seria tão sortudo assim? Ele correu até lá e abriu a porta.

Wayne, bem amarrado e amordaçado, tombou e atingiu o chão com um baque. Estava vivo, graças a Harmonia. Wax se ajoelhou, suspirando de alívio, e soltou a mordaça. Aparentemente, Wayne fora esfaqueado na perna e tinham tirado suas mentes de metal, para que não pudesse se curar, mas estava vivo.

— Wax! — exclamou Wayne. — É o governador! O maldito fala o mesmo “a” que MeLaan!

— Eu sei — respondeu Wax. — Você teve sorte. Ela provavelmente queria recolher suas habilidades de Nascido do Metal; caso contrário, teria matado você

na hora. Por que não avisou ninguém?

— Eu ia fazer isso, mas precisava checar antes. Cheguei bem perto da janela, e ela me pegou. Bateu no alto da minha cabeça, arrancou minhas mentes de metal e me jogou por cima do ombro num piscar de olhos. Depois me arrastou para cá, tudo em silêncio. Você a pegou?

— Não — falou Wax, soltando as amarras de Wayne. — Ela fugiu.

Tiros ecoaram lá fora.

— E você não foi atrás dela?

— Eu tinha que ver como você estava.

— Estou bem — garantiu Wayne. — Pare de me desamarrar e olhe no meu bolso.

Wax enfiou a mão no bolso de Wayne e pegou uma pequena bolsa de tecido.

— Ranette trouxe para você — disse Wayne.

Wax tirou um único cartucho de bala. Segurou-o diante dos olhos enquanto um grupo de policiais tensos, liderados por Marasi, enchia a sala.

Os recém-chegados pediram explicações. Wax deixou que interrogassem Wayne e saiu para as brumas mais uma vez.

23



Wax era uma bala na noite, saindo em disparada pelas brumas, perturbando-as com sua passagem. Ele se tornara o caçador em vez da caça, embora a transição tivesse levado tempo demais. Primeiro tinha se elevado para ter uma visão melhor da área. Uma multidão cada vez maior cercava a mansão do governador. Rugindo. Pedindo mudanças, ou talvez apenas sangue.

Será que derrotaria a Sangradora só para descobrir que ela vencera e que a cidade estava destruída?

Não podia se preocupar com isso naquele momento. Em vez disso, procurava sinais, pistas, uma história. Ninguém fugia, mesmo na noite, sem deixar um rastro. Talvez o rastro estivesse fraco demais para que Wax pudesse localizá-lo, mas existia mesmo assim.

Ali. Um grupo de pessoas se *afastava* da mansão em vez de se dirigir para ela. Wax aterrissou como uma tempestade, o casaco de bruma resplandecendo. Estavam no jardim da mansão, perto de um grande galpão de trabalhadores. Wax observou o padrão em que as pessoas se afastavam.

Os disparos que acabei de ouvir, pensou. *Não eram para atingir alguém, mas para abrir caminho na multidão*. A Sangradora estava sem sua velocidade feruquêmica e em fuga frenética, por isso disparara no ar para afastar as pessoas. Enquanto escutava, Wax distinguiu gritos confusos, algumas pessoas afirmando que a polícia abrira fogo contra a multidão. Outros afirmavam ter visto o próprio governador em fuga, tentando escapar da mansão.

Wax carregou Vindicação com a única bala que Ranette mandara, colocando-

a num compartimento especial que poderia rapidamente engatilhar quando desejasse. Então, abriu alguns centímetros da porta do galpão, agachando-se ao lado da entrada para não se tornar um alvo. As brumas resplandeciam à luz das tochas, mas ela não penetrava dentro do galpão escuro. Wax vasculhou as sombras até que viu alguma coisa.

Um osso? Sim, enrolado num tecido. Notou uma gravata Ascot caída, uma camisa branca com botões na frente... Eram as roupas do governador. A Sangradora escondera outro corpo ali e fugira com ele. Quão rápida era para se transformar? MeLaan dissera que a Sangradora podia mudar sua aparência mais rápido do que ela, mas que ninguém era mais rápido que TenSoon.

Isso não queria dizer muita coisa. MeLaan levara vários minutos, mas TenSoon só levara alguns segundos.

Wax segurou Vindicação ao lado da cabeça e entrou pela porta. Se pudesse encontrar a Sangradora no meio da transformação...

— Ainda posso libertar você — sussurrou uma voz na escuridão lá dentro. — Talvez eu tenha perdido a cidade, mas não vim até aqui por causa dela. Não no início. Vim por sua causa.

— Por que eu? — perguntou Wax, procurando furiosamente no breu, a mão suada segurando Vindicação. — Maldição, criatura, *por que eu?*

— Eu o deixei surdo — sussurrou a Sangradora. — Cortei a língua dele, furei os olhos dele, mas ele ainda pode agir. Você é a mão dele, Waxillium Ladrian. Ele pode estar surdo, cego e mudo, mas, com você, ainda pode mover seus peões.

— Estou por conta própria, Sangradora — falou Wax, por fim localizando o que achou ser a silhueta dela, agachada no fundo do galpão empoeirado, ao lado de uma prateleira com pás. — Talvez eu sirva Harmonia, mas só porque desejo.

— Ah... — sussurrou ela. — Sabe, Wax, por quanto tempo ele o cultivou? Por quanto tempo ele o provocou, o guiou por onde desejava? Como ele enviou você para as Terras Brutas, para endurecê-lo e trazê-lo de volta assim que tivesse a idade certa, como um couro curtido...

Wax ergueu Vindicação, mas a lateral do galpão explodiu em pedaços, lançando lascas de madeira pelo gramado. Wax tentou mirar nela, mas não disparou, e a Sangradora correu. Ele tinha que ser muito cuidadoso com esse tiro. Ranette lhe mandara uma única bala, e só ela faria diferença nesta luta.

A Sangradora saiu em disparada pela noite e se lançou no ar. A parede

quebrada era um indicativo, mas isso era uma confirmação. Sua mente de metal, já sem a velocidade que ela estocara, era inútil agora. Ela a deixara no chão, ao lado dos ossos do governador, e, em vez disso, tornara-se uma Lançamoedas.

Wax a seguiu, *empurrando-se* nos mesmos pregos e alçando voo. Podia ver por que ela escolhera se tornar uma Lançamoedas; empurrões de aço garantiam grande capacidade de manobra e velocidade, e logicamente lhe davam mais chances para fugir.

Havia um problema, porém.

O aço era a especialidade *dele*.

*

As pilhas de ossos no chão do pequeno galpão provavam que pelo menos uma pessoa tivera uma noite pior do que a de Wayne. Ele cutucou a pilha com o pé e fez uma careta de dor por causa do ferimento na perna. Era bem inconveniente, era sim. Teve que se apoiar na parede para não cair.

Ele olhou para Marasi.

— Não consigo decidir se o fato de o governador já estar morto significa que fizemos um péssimo trabalho ou um ótimo trabalho — comentou.

— Como pode ver isso como qualquer outra coisa *além* de terrível? — respondeu Marasi, ajoelhando-se ao lado do cadáver.

— Veja bem, não éramos encarregados de mantê-lo vivo quando ele morreu. — Wayne deu de ombros. — Acho que me sinto um pouco aliviado toda vez que encontro um cadáver e não é *minha* culpa que ele esteja morto.

MeLaan andou pelo galpão, ainda usando o corpo da guarda-costas, embora tivesse voltado a usar sua voz.

— Está ficando feio lá fora. Vamos ter que voltar para a mansão em breve.

Marasi continuou ajoelhada ao lado dos ossos, que eram iluminados pela lanterna de Wayne. Seus punhos ainda estavam esfolados pelo confinamento, e sua perna latejava com ferocidade. Kandra ferrada. Ela sabia exatamente como derrotá-lo: uma explosão rápida de velocidade, amarrar suas pernas, amordaçá-lo e roubar suas mentes de metal — embora não importasse quão rápido podia se curar se estivesse amarrado.

Claro que ela deveria ter checado se havia chiclete em sua mão antes de puxá-lo para dentro do escritório.

— O governador está morto — sussurrou Marasi.

— Sim — concordou Wayne. — Ter seu esqueleto removido tende a causar esse tipo de efeito num cara.

— O que isso quer dizer? — perguntou Marasi, olhando para o buraco na parede do galpão, na direção em que Wax partira.

— Bem, quer dizer que ele não vai conseguir ir à aula de sapateado esta...

— Wayne?

— Sim?

— Cale a boca.

— Sim, senhora.

Marasi fechou os olhos, e Wayne se recostou na parede, olhando para a multidão lá fora. Estavam zangados, esperando que o governador fizesse seu discurso. O discurso que supostamente pararia tudo aquilo.

— A Sangradora planejava ultrajá-los — comentou MeLaan. — Ouvi parte do discurso dela. Talvez possamos dispersá-los.

— Não — falou Marasi, ficando em pé. — Podemos fazer melhor do que isso. — Ela se virou para MeLaan e, então, cutucou o crânio do governador com o pé. — Quanto tempo até você conseguir imitá-lo?

— Não digeri o cadáver dele... E não faça essa cara: não é minha culpa se vocês são comestíveis. Se isso ajuda, vocês têm um gosto horrível, mesmo quando estão devidamente envelhecidos. De qualquer modo, será difícil. TenSoon é muito bom em recriar um rosto, mas eu tenho menos prática.

Wayne não falou nada. Podia calar a boca. Claro que podia calar a boca quando necessário. Mesmo que as piadas praticamente *implorassem* para serem feitas.

— Nós podemos ajudá-la — disse Marasi para MeLaan. — Além disso, está escuro. Não precisamos enganar a mãe de Innate, só uma multidão de cidadãos zangados, e a maioria nunca viu o governador de perto.

MeLaan cruzou os braços, inspecionando os restos mortais.

— Tudo bem. Se acha que pode conseguir falar alguma coisa para aplacar a multidão, eu finjo ser o governador.

Wayne ainda estava quieto, rangendo os dentes. *Nenhuma piada sobre... Bem, sobre coisas óbvias*. Além disso, ele descobrira algo muito pior. Algo que

não era motivo de risadas.

Marasi olhou para ele e franziu a testa.

— Wayne, qual é o problema?

Ele se sentou, balançando a cabeça.

— Wayne? — insistiu Marasi, levantando-se parecendo realmente preocupada. — Eu não quis brigar com você. É só que...

— Não me importo com o que você disse — respondeu Wayne.

— Então o que foi?

— Bem — disse ele, olhando para MeLaan —, sempre presumi... você sabe... que humanos tinham um gosto *maravilhoso*.

— Não — garantiu MeLaan.

— Você realmente abala minha autoestima — comentou Wayne. — Talvez eu seja diferente. Quer roer um pouco meu braço? Vai crescer de volta, ou pelo menos quando descobrirmos o que aquele monstro fez com minhas mentes de metal...

Marasi deu um suspiro alto.

— MeLaan, trabalhe com esses ossos. Preciso reescrever o discurso...

24



Era óbvio que a Sangradora praticara o uso alomântico do aço. Ela sabia como *empurrar* trincos e postes de iluminação para ajustar seu curso. Sabia como cair bem baixo antes de *empurrar* um automóvel estacionado para conseguir velocidade lateral em vez de simplesmente se *empurrar* mais alto. Era habilidosa.

Wax era mais do que habilidoso. Ele a seguia como uma sombra, nunca mais do que meio salto atrás dela. Notava um frenesi cada vez maior nos movimentos da kandra, queimando aço enquanto tentava se *empurrar* para além de seu alcance.

Primeiro, ele a deixou ir, tentando fazer com que ficasse sem aço. Percorreram a cidade como duas correntes de ar entre as brumas, saltando sobre ruas tomadas por pessoas revoltadas, passando por bairros de classe média cheios de portas e janelas fechadas e luzes apagadas e por sobre os jardins dos ricos — cujas forças de segurança estavam tensas nos portões, esperando que aquela noite infernal acabasse.

Wax confirmou para si mesmo, enquanto voavam, que o Atirador não fora um dos disfarces da Sangradora. Ela tinha usado uma das máscaras dele antes — e parecia fazer isso novamente, pelo olhar de relance que lhe deu quando passaram por um edifício em chamas na noite —, mas fizera isso para consterná-lo e confundi-lo. O Atirador procurava o interior dos prédios enquanto fugia, tentando armar uma emboscada. Ela preferia os espaços abertos, como se ficasse assustada dentro de um ambiente fechado. Nenhuma corrida até arranha-céus, nenhuma perseguição em cortiços apertados. Em vez disso, ela seguia para leste,

em direção à liberdade do extremo da cidade.

Não haveria tanto metal lá, tornando mais difícil sua fuga, mas também tirando parte da vantagem dele. Wax não deixaria que isso acontecesse.

Quando a perseguição os levou por sobre um trem noturno, Wax redobrou seus esforços. Adiantou-se a um movimento da kandra, que usou o trem para seguir na direção do bairro industrial, e fez a curva antes, ganhando alguns segundos. Quando ela saltou sobre um edifício quadrado em chamas, por cima de manifestantes que passavam pela rua e jogaram pedras nela, Wax passou rapidamente entre o edifício e a construção ao lado numa curva perfeita. Atravessou a fumaça ardente e emergiu, com a arma em punho, quando ela desceu num arco mais gracioso.

Um palavrão escapou dos lábios da Sangradora quando ela o viu. A kandra se jogou na rua, usando cada poste pelo qual passava para *empurrar-se*, aumentando sua velocidade. Fez isso com destreza, mas Wax tinha uma vantagem. Ele diminuiu seu peso, enchendo sua mente de metal. Como sempre, embora a mudança algumas vezes fosse sutil, isso aumentava sua velocidade. Se diminuísse o peso enquanto estava em movimento, conseguia ganhar uma pequena explosão de velocidade. Não sabia o motivo.

Numa perseguição assim, pequenas vantagens se somavam. Cada curva bem-feita, cada arco cuidadoso, cada uso do aumento de velocidade em voo depois de aterrissar por um momento o deixavam mais perto dela. Quando estavam prestes a alcançar a fronteira da cidade, ela olhou para trás e descobriu que ele estava quase em seus calcanhares.

Ela deu um grito, uma exclamação feminina de surpresa. Jogou-se de lado, passando por sobre o rio, e conseguiu aterrissar na estrada da Ponte do Leste, segurando um dos cabos de suporte da construção.

Wax aterrissou graciosamente diante dela, com a arma em punho.

— Não pode fugir de mim, Sangradora. Deixe-me remover sua estaca e levá-la como prisioneira. Talvez os demais possam encontrar um jeito de, algum dia, curar sua loucura.

— E me tornar uma escrava novamente? — sussurrou ela atrás da máscara vermelha e branca. — Você colocaria algemas nas próprias mãos?

— Se eu tivesse feito as coisas horríveis que você fez, sim. Eu exigiria ser levado.

— E quanto ao deus que você serve? Quando Harmonia aceitará a punição

dele? As pessoas que ele deixa morrer. As pessoas que ele *faz* morrer.

Wax levantou a arma, mas a Sangradora lançou-se para cima.

Ele a seguiu com sua arma, mas ela saltava para a frente e para trás entre os enormes cabos de suporte da ponte, subindo, e ele não atirou. Em vez disso, ergueu-se com um *empurrão*, agitando o casaco e elevando-se até chegar ao topo de uma das torres de suspensão da ponte. A Sangradora o aguardava ali, no alto do pináculo, vestida com uma camisa vermelha e calça, cercada por uma capa solta que se mexia ao seu redor.

Wax aterrissou e mirou a arma.

A Sangradora tirou a máscara.

Usava o rosto de Lessie.

*

Marasi não contara para os outros policiais, nem mesmo para Aradel, a verdade sobre Innate. O que poderia dizer? “Me desculpem, mas o homem que estávamos protegendo era, na verdade, a assassina”? “Ah, a cidade vem sendo *governada* por uma kandra insana ninguém sabe há quanto tempo”? Faria um relatório em breve, assim que soubesse como explicar, mas por enquanto não tinha tempo. Precisava salvar a cidade.

Sentiu uma pontada de culpa quando o capitão Aradel passou por ela, perto do frágil palco construído na frente da escadaria. O lorde alto comissário parecia visivelmente mal enquanto caminhava. A situação em que ela o colocara ao sugerir que o governador era corrupto perturbava-o profundamente.

Ali perto, MeLaan subiu no palco e se dirigiu à multidão. Embora a kandra criticasse seus próprios defeitos, Marasi achou que sua imitação do governador era excelente.

A multidão ficou em silêncio. Marasi franziu a testa. Os homens de Aradel induziram aquilo de alguma forma? Não... Os policiais estavam parados numa linha apertada entre a multidão e a mansão, mas não estavam fazendo nada para reprimir os manifestantes.

Que estranho. Embora algumas pessoas estivessem zombando, a maioria estava em silêncio —, observando através das brumas, que pareciam menos espessas do que antes, agora que as luzes tinham sido acesas na praça diante da mansão. A multidão até então amotinada realmente queria ouvir o que o

governador tinha para dizer. Bem, por que *não* ia querer?

Marasi sentia o ambiente de curiosidade hostil. Ela também se sentia calma. O discurso de MeLaan daria certo. Tudo estava bem. Por que estava tão preocupada antes? Era...

Ferrugem! Ela estava sendo *abrandada*.

Marasi ficou alerta, tensa de repente. Conhecia as multidões. Estudara a dinâmica das massas. Era sua especialidade, e podia dizer com facilidade que tinha algo errado ali. Mas quem era o Abrandador? Por quê? Como?

O Sr. Elegante, pensou ela. Waxillium lhe dissera que o Grupo estava envolvido. O tio dele tinha acesso a alomânticos, e uma inclinação para ver os planos da Sangradora darem frutos. Não importava o que Marasi escrevera para MeLaan dizer; quando os homens do Sr. Elegante descobrissem que "o governador" estava saindo do roteiro, levariam a multidão ao frenesi.

Agitada, Marasi não ouviu o início do discurso de MeLaan. Conseguiria chegar até Aradel? Não, ele estava parado no maldito palco, perto de MeLaan. Wayne, mantendo uma cara de coragem apesar do ferimento, estava próximo aos dois, pronto para ajudar se algo desse errado.

Marasi se moveu rápida e silenciosamente para não alertar o Grupo. Viu Reddi parado no último degrau, observando a multidão, de braços cruzados. Marasi se aproximou e segurou seu braço.

— Reddi — chamou. — Tem um Abrandador em algum lugar da multidão.

— O quê? — perguntou ele, sem prestar atenção, mas olhando para ela. — Hum?

— Um Abrandador — repetiu Marasi. — Amortecendo nossas emoções. Provavelmente há um Tumultuador por aí também, esperando para levar a multidão à loucura assim que ouvirem o discurso.

— Não seja boba — falou Reddi, com um bocejo. — Está tudo bem, tenente.

— Reddi — disse ela, apertando o braço dele. — Como se sente?

— Bem.

— Não está irritado comigo? — perguntou ela. — Não está zangado por eu ter conseguido o posto que você queria? Não está com nem um pouco de inveja?

Ele olhou para ela e inclinou a cabeça. Então, assobiou baixinho.

— Maldição, você está certa. Em geral, eu *odeio* você, mas tudo o que sinto

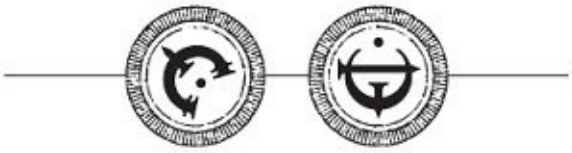
agora é um leve desgosto. Alguém está brincando com minhas emoções. — Ele hesitou. — Ah, sem ofensa.

— Não posso me ofender — respondeu Marasi. — No momento, tenho dificuldade em sentir qualquer emoção forte ou senso de urgência. Mas, Reddi, *temos* que impedi-los.

— Reunirei um esquadrão — disse ele. — Mas como vamos encontrá-los? Eles podem estar em qualquer lugar.

— Não — disse Marasi, esquadrinhando a multidão. Seus olhos encontraram uma carruagem estacionada discretamente numa viela do outro lado da praça do governador. — Não podem estar em qualquer lugar. Eles não vão querer se misturar às massas que estão planejando transformar numa turba assassina. É perigoso demais. Venha comigo.

25



Ao ver o rosto de Lessie, Wax soltou um grunhido gutural, primitivo. O som de um homem atingido no estômago por um soco bem dado. Ele ainda apontava a arma para a Sangradora, mas sua mão vacilava e sua vista se nublava.

Não é ela. Não é ela.

— Novamente com as armas — disse a Sangradora, com suavidade. Ferrugem! Era a voz de Lessie. — Você confia demais nelas, Wax. Você é um Lançamoedas. Quantas vezes tenho que dizer isso para você?

— Você desenterrou o cadáver dela? — perguntou Wax, num tom suplicante. Estava tendo dificuldade para enxergar com clareza. — Sua monstra. Você *desenterrou o cadáver dela*?

— Eu gostaria de não ter sido forçada a fazer isso — confessou Les... *Sangradora*. — Mas emoções fortes nos libertam dele, Wax. É o único jeito.

Ela olhava a arma com desprezo. Claro, era uma kandra. Ele tinha que se obrigar a se lembrar disso. Uma arma não significava nada para ela.

Lessie... Quantas vezes ele sonhara em ouvir aquela voz novamente? Havia chorado, desejando dizer uma última vez que a amava. Querendo explicar o buraco aberto, como o ferimento de um tiro de escopeta, que a morte dela deixara nele.

Pedir desculpas.

Harmonia. Não posso atirar nela de novo.

No fim, a Sangradora se adiantara a ele.

— Fiquei preocupada ao usar o corpo de Bronze — disse Lessie, avançando em sua direção. — Preocupada que você pudesse descobrir quem eu realmente era.

— Você *não* é Lessie.

Ela sorriu.

— Sim, suponho que seja verdade. Nunca fui Lessie. Sempre Paalm, a kandra. Mas eu *queria* ser Lessie. Isso conta para alguma coisa?

Ferrugem!... Ela tinha exatamente a mesma expressão corporal de Lessie. MeLaan tinha dito que ela era boa, mas isso era tão real, tão *crível*. Ele se pegou abaixando a arma, desejando. Desejando...

Harmonia?, implorou.

Mas não estava usando seu brinco.

Marasi e Reddi deram uma volta, avançando cerca de um quarteirão antes de voltarem por trás da carruagem suspeita. Não tinham conseguido reunir uma força tão grande quanto ela queria — não só se preocupavam que o Abrandador percebesse a movimentação como Reddi temia deixar poucas pessoas para vigiar a multidão.

O discurso de MeLaan saía pelos projetores de voz, audível até na parte mais distante da viela, onde Marasi e sua equipe de onze homens estavam reunidos. Quanto tempo tinham até que o Grupo percebesse o que acontecia? Provavelmente, não muito. Marasi tinha conservado a parte inicial do discurso, para não parecer *tão* diferente do que Innate diria, mas logo a fala tomaria outro rumo.

Reddi tirou o capacete de policial — o de Marasi pressionava seu cabelo, criando um peso incômodo — e assentiu para o restante dos policiais na escuridão. Sem o capacete forrado de alumínio, ele podia sentir o toque do Abrandador, mais poderoso ali do que enquanto estavam perto da multidão. A carruagem era realmente a fonte daquilo.

Ele colocou o capacete novamente. A delegacia tinha só uma dúzia desses, todos doados por Waxillium. Reddi tinha patente apenas alta o suficiente para requisitar a força-tarefa que os utilizava. Ele prendeu o capacete e levou a mão à lateral do corpo, pegando um bastão de duelo grosso como um porrete comprido com uma saliência na ponta. Os outros fizeram o mesmo. Não haveria tiroteio tão perto de uma multidão de civis.

— Vamos agir rápido e em silêncio — sussurrou Reddi para a equipe. — Espero, por Harmonia, que não tenham um Lançamoedas entre eles. Fiquem com os capacetes. Não quero que o Abrandador controle vocês.

Marasi ergueu uma sobrancelha. Abrandadores não controlavam pessoas, embora muitos fizessem essa confusão. Não ajudava que as "Palavras de Fundação" falassem vagamente de kandra e koloss sendo controlados pela Alomancia, mas Marasi sabia que isso só era possível para quem tivesse estacas hemalúrgicas.

— Colms — chamou Reddi, ainda falando baixo. — Fique na retaguarda. Você não é agente de campo. Não quero que se machuque ou, pior ainda, que estrague tudo.

— Como quiser — respondeu ela.

Reddi contou baixinho. Quando chegou a dez, o grupo todo entrou na viela cheia de brumas. Marasi ficou perto da entrada, caminhando com as mãos apertadas atrás das costas. Quase imediatamente depois que entraram na viela, os policiais pararam. Uma força de homens em roupas escuras apareceu na outra extremidade, bloqueando o acesso à pequena carruagem.

O coração de Marasi disparou enquanto os dois grupos se encaravam. Pelo menos, isso provava que estava certa sobre a carruagem. Alguns dos recém-chegados portavam armas, mas uma palavra dita por um dos homens de roupas escuras fez com que fossem guardadas.

Eles não querem desviar a atenção da multidão, pensou Marasi. *Ainda acham que a fala do governador se encaixa em seus planos*.

Manter a luta discreta seria bom para ambos os lados. Os dois grupos ficaram esperando, tensos, até que Reddi acenou com o bastão de duelo.

As duas forças se chocaram.

A Sangradora se aproximou de Wax nas brumas. No alto daquela torre sobre a ponte, nada mais parecia existir. Era como se estivessem numa pequena ilha de aço que se erguia do mar. Cinza por todos os lados, a escuridão estendendo-se na vastidão acima deles.

— Talvez eu devesse ter ido até você — disse a voz de Lessie. — E feito com que me ajudasse em meu plano. Mas ele estava observando. Ele está *sempre* observando. Estou feliz que tenha tirado o brinco. Pelo menos minhas últimas palavras significaram alguma coisa para você.

— Pare — sussurrou Wax. — Por favor.

— Parar o quê? — perguntou Lessie, a poucos centímetros dele. — Parar de andar? Parar de falar? Parar de amar você? Minha vida teria sido bem mais fácil se eu fosse capaz de fazer *isso*.

Wax a segurou com a mão aberta, agarrando-a pelo pescoço, o polegar em seu queixo. A kandra o encarou, e ele viu pena nos olhos dela.

— Talvez o motivo pelo qual não fui até você não tenha conexão alguma com Harmonia — comentou ela. — Eu sabia que isso machucaria você. Sinto muito.

Não, pensou Wax.

— Terei que fazer algo com você — disse ela. — Mantê-lo em segurança de algum modo, mas fora do caminho. Talvez eu tenha que machucar você, Wax. Para seu próprio bem.

Não, isso não é real.

— Ainda não sei o que fazer com Wayne — prosseguiu ela. — Não consegui matá-lo, pobre idiota. Ele o seguiu até aqui para ajudar você na cidade. Por isso, eu o amo. Mas ele ainda é de Harmonia, então provavelmente estará melhor morto do que do jeito como está agora.

NÃO!

Wax a empurrou para trás, levantando Vindicação novamente. A arma, no entanto, saltou de seus dedos, *empurrada* pela Sangradora, e despencou nas brumas.

Wax rosnou, jogando o peso de seu ombro na Sangradora e tentando jogá-la da torre. Ela o agarrou quando ele a acertou, desequilibrando os dois.

Enquanto caíam juntos, ela pegou a arma de alumínio e deu um tiro na perna dele.

O grito de Wax ressoou enquanto despencavam da torre através das brumas. Um *empurrão* frenético na ponte diminuiu a velocidade de Wax, mas, quando aterrissou, sua perna cedeu e ele soltou um berro, caindo sobre um joelho.

A arma. Encontre a arma.

Tinha caído por ali. Ferrugem! Ainda funcionaria depois de despencar de uma altura daquelas? Ele não a ouvira cair na ponte. Queria dizer que tinha afundado na água?

A Sangradora aterrissou ali perto. Virou-se para ele, iluminada agora pelas luzes elétricas resplandecentes que ladeavam toda a estrada sobre a ponte. Não havia carruagens ou automóveis ali, e, atrás dela, uma luz mais intensa pairava sobre a cidade. Uma luz vermelha e violenta, que parecia queimar as brumas.

Ao olhar para a cidade, ele viu escuridão e paz. Mas, por dentro, Elendel ardia.

Marasi se mantinha à margem do campo de batalha.

Era verdade que era um campo de batalha bem *pequeno*, mas a ferocidade do conflito a deixou aturdida. Sentia que podia, pela primeira vez, imaginar como teria sido viver durante a Guerra de Cinzas, tanto tempo atrás.

Mas certamente as guerras, naquela época, eram mais pensadas, mais deliberadas. Não aquela mistura confusa de figuras batendo umas nas outras, quebrando ossos, xingando, pisando em pessoas caídas. Ver aquilo a deixava enjoada, ansiosa. Aqueles homens eram seus colegas, lutando freneticamente para abrir caminho entre os capangas do Grupo. Durante toda a noite, tinham sido obrigados a ficar parados, vendo a cidade se decompor ao seu redor, a situação ficando pior e pior enquanto se sentiam impotentes.

Isso era algo pelo que podiam lutar, então eles lutavam, rachando cabeças, empurrando inimigos, grunhindo naquela viela suja e escura, num esforço para chegar até a carruagem. Felizmente, as tropas do Grupo que estavam ali não pareciam incluir Lançamoedas ou Braços de Peltre.

Mesmo assim, os homens dela estavam em desvantagem e, apesar de toda a determinação, não estavam fazendo muitos avanços. Fora da viela, a multidão ficava cada vez mais inquieta. O discurso da kandra já havia chegado à parte que Marasi escrevera, palavras que prometiam reforma social e leis para reduzir as jornadas de trabalho e melhorar as condições nas fábricas. Infelizmente, o que Marasi era capaz de ouvir da voz que ecoava trazia uma sensação de desespero. Soava falso, não autêntico.

Isso não era culpa de MeLaan. Ela dissera que não havia tempo para preparar sua imitação adequadamente, e, antes de mais nada, que aquilo não era sua especialidade. Ferrugem! A multidão começou a gritar e a amaldiçoar as mentiras do governador. A voz de MeLaan falhou. Seria o Tumultuador, levando a multidão ao frenesi? Ou as pessoas estavam tão zangadas que estavam vencendo o poder da Alomancia?

De qualquer forma, Marasi não podia deixar de se desesperar enquanto seus homens lutavam e caíam e a multidão estava à beira de um motim. Seguiu pela lateral da viela, esperando que pudesse fazer alguma coisa se alcançasse a carruagem. Infelizmente, a viela era estreita demais, e os combatentes tomavam todo o espaço. Metade de seus homens já estava caída. Os policiais que ainda lutavam pareciam espectros que se moviam e ondulavam nas brumas. Sombras tentando consumir sombras.

Ninguém pareceu prestar muita atenção nela. Isso era comum. Durante a maior parte de sua vida, seu pai desejara que ela desaparecesse. Os membros da alta sociedade eram muito bons em fingir que ela não existia. Até Waxillium parecia se esquecer de sua presença algumas vezes.

Bem, que assim fosse. Marasi inspirou profundamente e caminhou direto para a luta. Quando se aproximou de dois homens que lutavam, lançou-se na direção deles, como se tentasse fazer alguma coisa para ajudar, e então se jogou de lado, como se tivesse sido atingida. Uma boa intepretação, em sua opinião.

Ela ouviu Reddi gritar seu nome em algum lugar, mas ninguém veio resgatá-la. Todos continuavam tentando matar uns aos outros, então Marasi se arrastou pelo chão, engatinhando nas sombras até se aproximar da carruagem.

Dois guardas estavam parados ali. Droga. Precisava passar por eles. Como?

Ela olhou por cima do ombro para a luta, que tinha avançado pela viela quando os policiais foram obrigados a recuar diante dos números superiores. Era provável que já estivessem longe o bastante para que Marasi pudesse tentar algo realmente desesperado.

Usar sua Alomancia.

Por um breve instante, criou uma bolha de velocidade que envolveu apenas ela e os dois guardas. Depois, desfez a bolha. Só segundos tinham se passado do lado de fora.

Mesmo assim, era desconcertante. As brumas pareciam se aglomerar com súbita rapidez em volta deles, e os combatentes se moviam acelerados. Os dois guardas saltaram de susto, olhando ao redor. Marasi fez sua melhor intepretação de cadáver.

Então, ela usou sua Alomancia novamente.

— Ruína! — disse um dos guardas. — Você viu aquilo?

— Tem Nascidos do Metal entre eles — disse o outro. Ambos pareciam

muito nervosos.

Marasi lhes deu outro instante de tempo distorcido. Os dois guardas começaram uma discussão cochichada, frenética; depois, bateram na porta da carruagem e falaram com alguém pela janela. Marasi esperou, suando, os nervos à flor da pele. Seus homens não tinham muito tempo...

Os dois guardas saíram correndo pela viela, deixando a carruagem e levando ordens para os outros combatentes tomarem cuidado com Nascidos do Metal. Marasi ficou em pé, esgueirou-se pelo outro lado da carruagem, que não tinha motorista, abriu a porta e entrou, sentando-se.

Uma mulher gorducha estava sentada lá dentro, usando um vestido luxuoso com três camadas de seda. O homem ao lado dela estava sentado com uma das mãos no pulso dela, os olhos fechados, usando um terno muito elegante e moderno. A arma que Marasi apontou para eles, por outro lado, era bem tradicional. E bem funcional.

A mulher pestanejou, interrompendo sua concentração para olhar Marasi, horrorizada. Cutucou o homem, que abriu os olhos, sobressaltado. Uma Abrandadora e um Tumultuador, Marasi diria.

— Tenho uma teoria de que uma dama nunca deve recorrer a algo tão bárbaro como a violência para alcançar seus objetivos. Vocês concordam? — disse Marasi para eles.

Os dois assentiram rapidamente.

— Sim, de fato — prosseguiu Marasi. — Em vez disso, uma dama deve usar a *ameaça* de violência. É muito mais civilizado. — Ela inclinou a arma. — Façam com que aqueles cabeças de peltre parem de bater nos meus amigos. E então conversaremos sobre o que fazer com esta multidão...

— Pare, Wax! — gritou a Sangradora. — Pare de obedecê-lo!

Ali. Vindicação! Ele encontrou a arma perto da Sangradora, caída numa sarjeta na beira da estrada.

Wax saltou até ela, rolando dolorosamente sobre o braço ferido e usando um *empurrão* para se lançar para a frente. A Sangradora apontou a arma para ele, mas não atirou. Talvez, bem no fundo, uma parte da criatura adotasse os sentimentos da pessoa cujo corpo usava. Talvez não pudesse mais notar a diferença entre sua mente e seu rosto.

Wax apanhou Vindicação.

— Por favor — sussurrou a Sangradora. — Escute.

— Você está errada sobre mim — disse Wax, engatilhando a arma, sentindo o gatilho, esperando que a arma ainda funcionasse. Olhou para a Sangradora e mirou.

Ao olhá-la nos olhos, viu Lessie. Seu estômago se contraiu novamente.

— Como estou errada? — perguntou a kandra.

Ferrugem!, ela estava chorando.

— Não sou a mão de Harmonia — sussurrou Wax. — Sou Sua espada.

E atirou.

A Sangradora não se esquivou. Por que faria isso? Balas mal a incomodavam. O tiro a acertou bem na testa. Embora sua cabeça tivesse sido jogada para trás com o impacto, ela não caiu e pouco se moveu.

Ela o encarou enquanto uma gotinha de sangue corria pelo nariz até os lábios. Então, seus olhos se arregalaram.

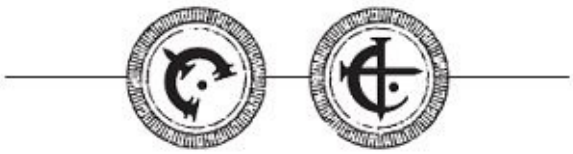
A arma dela caiu dos dedos trêmulos.

Somos mais fracos do que outras criaturas hemalúrgicas, MeLaan dissera. Wax lutou para ficar em pé, usando o parapeito da ponte como apoio. *Só duas estacas, e já nos submetemos.*

— Não! — gritou a Sangradora, caindo de joelhos. — *Não!*

Uma estaca permitia que ela fosse sapiente. E uma segunda, enfiada em seu crânio na forma de uma bala forjada a partir do brinco de Wax, permitia que Harmonia assumisse o controle sobre ela novamente.

26



Marasi arrastava a Abrandadora atrás de si, segurando a mulher pelo colarinho com uma das mãos, trazendo a arma na outra. Eram acompanhadas por um maltratado Reddi, que olhava a multidão crescente com desagrado. Tinham deixado os outros presos com o restante dos policiais, e ela rezava para Harmonia para que aquilo não fosse abusar da sorte.

— Detenha-os — silvou Marasi para a mulher quando chegaram perto da multidão que jogava coisas no palco. A pobre MeLaan continuava firme em seu discurso, ficando cada vez mais irritada porque ninguém a escutava.

— Estou tentando! — reclamou a Abrandadora. — Talvez fosse mais fácil se você não estivesse me *enforcando*!

— Apenas *abrande*! — falou Reddi, levantando seu bastão de duelo.

— Não posso controlar a mente deles, seu tolo! — respondeu ela. — E me espancar não vai adiantar de nada. Quando vou poder falar com meu advogado? Não quebrei nenhuma lei. Estava simplesmente assistindo aos acontecimentos com interesse.

Marasi ignorou a resposta raivosa de Reddi, concentrando-se na multidão. MeLaan estava diante do povo, iluminada por trás por luzes elétricas, mas também pelas fogueiras que as pessoas haviam feito. A raiva da multidão, um fogo antigo, contra a esterilidade fria do novo mundo.

— Vocês deveriam ser gratos! — gritou MeLaan para a multidão. — Eu vim falar com vocês pessoalmente!

Palavras erradas, pensou Marasi. A irritação a fazia se desviar do roteiro.

— Eu estou ouvindo! — berrou MeLaan em meio ao barulho do povo. — Mas vocês também precisam ouvir, seus bandidos!

Ela fala como Innate. Demais, talvez? MeLaan estava desempenhando um *papel*. Ela era o governador, papel que Marasi lhe dera. Parecia que a kandra estava deixando que a forma ditasse suas reações. Ferrugem!... Não que estivesse fazendo um mau trabalho. Estava fazendo um bom trabalho, sendo Innate. Infelizmente, Innate sempre tivera dificuldade em se conectar com as multidões.

— Tudo bem — falou MeLaan, acenando com a mão. — Queimem a cidade! Vamos ver como vão se sentir de manhã, quando não tiverem casas onde morar.

Marasi fechou os olhos e gemeu. Ferrugem!, estava cansada. Que horas seriam agora?

A multidão começava a ficar mais violenta. Estava na hora de pegar MeLaan e Wayne e partir. A tentativa deles fracassara. Era muito arriscada, desde o princípio, talvez impossível. A multidão viera atrás de sangue. E...

As pessoas gritaram mais insultos. Marasi franziu a testa e abriu os olhos. Estava parada no extremo sul da aglomeração de pessoas, perto de uma das fogueiras, perto o bastante para distinguir o comissário-geral Aradel, que deu alguns passos e parou do lado de MeLaan. Provavelmente, ele ia escoltar "o governador" em segurança.

Em vez disso, Aradel pegou sua pistola e a *apontou para o governador*.

Marasi ficou sem ar por um momento. Então, virou-se para a Abrandadora.

— *Abrande-os*! — ordenou. — Agora. Com tudo o que tem. Faça isso, e eu lhe darei imunidade pelo que fez esta noite.

A mulher olhou para Marasi, mostrando uma astúcia que contradizia seu choramingo até agora. Parecia pesar a oferta.

— Eu prometo — garantiu Marasi. — Pela lança do Sobrevivente.

A mulher assentiu, e uma onda atravessou a multidão, causando um súbito silêncio. Não calou o povo completamente, mas, quando Aradel falou, sua voz foi ouvida.

— Replar Innate, em nome do povo desta cidade, e com a autoridade do meu posto de lorde alto-comissário, prendo você por corrupção em grande escala, exploração dos recursos da cidade em benefício próprio e perjúrio de seus juramentos como funcionário civil.

A multidão se calou completamente.

— Que idiotice... — começou MeLaan.

— Homens, virem-se — comandou Aradel. Olhou para seus policiais. — *Virem-se*.

A fraca linha de soldados se virou, relutante, para encará-lo, dando as costas para a multidão.

— O que ele está *fazendo*? — perguntou Reddi.

— Algo brilhante — respondeu Marasi.

Aradel olhou para a multidão, ainda apontando a arma para o governador.

— Esta noite, o próprio governador declarou estado de lei marcial. Isso coloca os policiais no comando, com ele à frente. Infelizmente, parece que o governador é um desgraçado mentiroso.

Algumas das pessoas começaram a dar gritos hesitantes de concordância.

— Ele não está mais no comando — prosseguiu Aradel. — Até onde entendo, *vocês* estão no comando. Então, se desejarem, os policiais estarão ao lado de vocês esta noite. Agora, sei que vocês vieram aqui para começar um motim. Escutem! Parem de gritar! Não vou permitir tumultos ou saques. Se começarem a queimar a cidade, lutarei contra vocês até meu último sopro de vida. Estão me ouvindo? *Não somos uma turba*.

— Então o que somos? — gritou alguém, seguido por vários outros.

— Somos o povo de Elendel e estamos cansados de sermos liderados por um bando de ratos! — gritou Aradel. — Tenho provas de que pelo menos sete lordes de casas nobres são corruptos. Pretendo levá-los presos. Esta noite. — Aradel hesitou e, então, falou mais alto, sua voz sendo levada e amplificada pelos cones colocados na frente do palco. — Eu poderia levar um exército para me ajudar, se estiverem dispostos.

Entre os urros de apoio da multidão, Aradel empurrou MeLaan para as mãos de dois cabos que esperavam ali perto. Eles pareciam completamente aturdidos. Na verdade, o próprio Aradel parecia um pouco aturdido pelo que acabara de fazer.

— Pura Preservação — falou Reddi, baixinho, olhando para a multidão animada. — Eles vão se transformar num bando de linchamento.

— Não — falou Marasi. — Não vão.

— Como pode ter certeza?

— Porque é mais fácil canalizar um rio do que detê-lo, Reddi — explicou Marasi.

Aquilo podia dar certo. Não tinha muita esperança de que conseguiriam manter encarcerados os lordes e as ladies das casas nobres que Aradel pretendia prender, mas o governador... Com aquelas cartas e MeLaan desempenhando o papel... Sim, poderia *dar certo*.

Marasi soltou a Abrandadora.

— Está livre. Dê o fora daqui. E diga ao Sr. Elegante que pode ser bom para ele tirar longas férias durante os acontecimentos que estão por vir.

Wax cruzou a ponte mancando. A vida o ensinara a nunca subestimar um inimigo que acreditava ter derrotado. Com uma das mãos na perna ensanguentada, ele manteve a arma apontada para a figura que se retorcia até conseguir chutar a arma dela para longe. Então, apoiou-se no joelho bom e rolou-a de lado, para ter certeza de que não estava escondendo outra arma.

Ele encontrou lágrimas escorrendo dos olhos dela, misturadas com o fio de sangue que escorria do ferimento de bala.

— Ele está na minha cabeça de novo, Wax — sussurrou ela, tremendo. — Ah, *Ruína*, ele está na minha cabeça. Está me levando. Não quero voltar para ele.

— Quieta — disse Wax, puxando uma segunda arma que a kandra trazia na lateral do corpo e jogando-a longe. — Está tudo bem.

— Não — gemeu ela, agarrando o braço dele. — Não, não está. Não serei dele de novo! *Serei eu mesma* no fim!

Os tremores da Sangradora aumentaram e seu corpo se contraía enquanto segurava o braço dele. Ele franziu a testa, mantendo a cabeça dela inclinada para a frente, encarando seus olhos, que choravam e tremiam. Destroçada.

— O que está fazendo? — exigiu saber Wax.

— Morrendo. Nós decidimos! Não voltaremos a cair. Descobrimos um jeito de escapar. — Ela não podia mais olhá-lo e deixou a cabeça cair para trás, tendo espasmos. Os olhos se dilataram rapidamente e a pele tremia contra os ossos.

Wax assistia àquilo horrorizado. Segurou seu braço. Sem pulsação. Ela *estava* morrendo. Matando a si mesma.

Ele poderia impedir aquilo?

Por que se importar? Ela era uma assassina que deixara muitas vítimas. Era um final apropriado. Na verdade, ele a compreendia. Que seguisse seu caminho, em vez de sofrer sob o controle de Harmonia. Hesitante, mas sentindo que havia pouco o que fazer pela pobre criatura, ele a segurou entre seus braços. Que morresse abraçada por alguém. Revoltava-o fazer isso depois de tudo o que ela fizera, mas, maldição, era a coisa *certa*.

A Sangradora virou a cabeça para ele, e sua expressão se suavizou, apesar das contrações, os lábios ensanguentados se abrindo num sorriso.

— Você é... Você é tão surpreendente quanto um... macaco dançarino, Sr. Gravatinha.

Wax gelou.

— Onde ouviu isso? Como conhece essas palavras?

— Acho que comecei a amar você naquele mesmo dia — disse ela. — Homem da lei por contrato. Tão ridículo, mas tão... sério. Você não tentou me proteger, mas parecia tão ansioso em impressionar... Um lorde com um propósito.

— Quem lhe contou sobre aquele dia, Sangradora? — exigiu saber Wax. — Quem...

— Pergunte a Harmonia — disse ela, e os tremores se tornaram mais violentos. — Pergunte a ele, Wax! Pergunte por que ele mandou uma kandra para vigiar você tantos anos atrás. *Pergunte a ele* se ele sabia que eu me apaixonaria por você!

— Não...

— Ele nos movia, mesmo naquela época! — sussurrou ela. — Eu me recusei. Eu não manipularia você para voltar a Elendel! Você adorava aquela vida. Eu não o traria de volta para se tornar um peão dele...

— Lessie? — Harmonia, *era* ela.

Aquilo era *ela*.

— Pergunte a ele... Wax — disse ela. — Pergunte a ele... por que... se ele sabe tudo... deixou você me matar... — Ela ficou imóvel.

— Lessie? — chamou Wax. — Lessie!

Ela se fora. Ele encarou o corpo dela em seu colo. A kandra manteve a

forma. A forma de Lessie. Ele a agarrou e soltou um uivo baixo e grave, vindo do mais fundo do seu ser, um grito dolorido que ecoou na noite.

Isso pareceu afastar as brumas.

Ainda estava ajoelhado ali, segurando o corpo, quando, uma hora depois, uma figura saltou das brumas e se aproximou em quatro patas. TenSoon, o kandra, o Guardião da Guerreira Ascendente, aproximou-se dele com passos reverentes, a cabeça de cão abaixada.

Wax olhava para as brumas agitadas, segurando um cadáver, esperando irracionalmente que seu calor a mantivesse aquecida.

— Diga-me — falou Wax, com a voz rouca e áspera pelos gritos. — *Diga-me*, kandra.

— Ela foi mandada até você há muito tempo — contou TenSoon, sentando-se. — A mulher que você conheceu como Lessie sempre foi uma de nós.

Não...

— Harmonia estava preocupado com você nas Terras Brutas, homem da lei — falou TenSoon. — Queria que tivesse um guarda-costas. Paalm exibia a disposição para ir contra proibições que para o resto de nós eram sagradas. Ele esperava que vocês fizessem bem um para o outro.

— E você não me contou? — replicou Wax, entre os dentes. Ódio. Achava que nunca tinha sentido um ódio tão intenso quanto o que sentia naquele momento.

— Eu estava proibido — disse TenSoon. — MeLaan não sabia, e eu só fui informado há alguns dias. Harmonia previu um desastre se você soubesse quem estava caçando.

— E isso *não é* um desastre, kandra?

TenSoon se virou. Ficaram sentados ali, sob as luzes elétricas que abriam espaços entre as brumas, com uma mulher morta no colo de Wax.

— Eu a matei — sussurrou Wax, fechando os olhos com força. — Eu a matei *de novo*.

EPÍLOGO



Wax estava sentado sozinho numa sala cheia de gente. Tinham feito tudo para deixá-lo confortável. Um fogo aceso na lareira e uma pequena lamparina na mesa ao seu lado, pois Steris sabia que ele preferia a luminosidade das chamas à da eletricidade. Jornais estavam intocados ao lado de uma xícara de chá que há muito esfriara.

Todos conversavam e celebravam, comandados por Lorde Harms, que ria e se exibia de sua pequena participação em tudo o que tinha acontecido. Um desastre evitado. Um novo governador, o primeiro que não tinha sangue nobre. Até o Lorde Nascido da Bruma, muito tempo atrás, era em parte nobre. O Último Imperador era puro-sangue, e o Sobrevivente, parcialmente nobre. Todos grandes personagens que deviam ser louvados.

Mas Claude Aradel não tinha a mesma linhagem. Nem uma gota de sangue nobre. Os convivas congratulavam-se uns aos outros por serem tão progressistas a ponto de falar favoravelmente de alguém de nascimento tão comum.

Wax olhava fixamente para o fogo, passando um dedo na barba que nascia em seu queixo. Falava quando alguém lhe dirigia a palavra, mas a maioria o deixava em paz. Ele estava esgotado, Steris lhes dissera. Cansado depois das coisas terríveis que vira. Ela os afastava dele o máximo que podia, dizendo, quando inevitavelmente perguntavam, que tinham resolvido adiar o casamento para que Wax pudesse ter curtas férias para se recuperar.

No meio do evento, Wayne apareceu, usando muletas. Não podia se curar sem estocar mais saúde — e não podia fazer isso enquanto se curava do ferimento, o que não teria muito propósito. Por enquanto, tinha que lidar com a

fragilidade de seu corpo, como uma pessoa normal.

Somos tão frágeis quando pensamos a respeito, pensou Wax. *Uma coisinha dá errado, e nos arrebentamos*.

— Ei, meu chapa — cumprimentou Wayne, sentando-se no banquinho aos pés de Wax. — Quer ouvir o quanto sou um gênio ferrado?

— Diga — sussurrou Wax.

Wayne inclinou-se para a frente, abrindo as mãos diante de si num gesto dramático.

— Vou conseguir embebedar *todo mundo*.

As pessoas continuavam a conversar. A maior parte dos convidados eram policiais. Alguns políticos aliados de Wax. Ele escolhera fazer negócios com as pessoas de melhor reputação da cidade, então a limpeza que Aradel fizera entre os nobres não afetara sua casa. Isso foi considerado uma enorme vitória política.

— Veja só, elaborei um plano — falou Wayne, batendo com um dedo na cabeça. — As pessoas aqui na cidade têm problemas. O pessoal que trabalha nas fábricas acha que ter mais tempo livre vai resolver suas angústias, mas precisa fazer alguma coisa *com* esse tempo. Então, tive uma ideia. Vou consertar tudo isso.

— Por Harmonia, Wayne — falou Wax. — Você não vai envenenar a cidade, vai?

— Não — respondeu Wayne. — Pelo menos não seus corpos. — Abriu um sorriso largo. — Você vai ver. Vai dar certo. Vai ser *incrível*. — Levantou-se e tropeçou, quase caindo. Olhou para sua perna, surpreso, como se tivesse se esquecido do ferimento. Então, balançou a cabeça e pegou as muletas.

Uma vez em pé, ele hesitou e se inclinou de novo.

— Vai passar, meu chapa — falou Wayne. — Meu pai me disse uma vez: “Filho, não chore.” Então, se as coisas estão ruins, você bate o rosto contra a parede até que o lábio sangre, e você se sentirá melhor. Dá certo para mim. Pelo menos, acho que sim. Não consigo me lembrar, depois de ter batido tantas vezes com a cabeça.

Ele abriu um sorriso largo. Wax ficou olhando para as chamas. O sorriso de Wayne desapareceu.

— Ela iria querer que você a detivesse, sabe? — disse Wayne, baixinho. — Se tivesse sido capaz de falar com você, se pudesse pensar direito, ela teria

exigido que você a matasse. Assim como eu iria querer. Você iria querer o mesmo, se tivesse perdido seu cobre. Você fez o que tinha que ser feito, meu chapa. E fez bem.

Apertou o punho diante de Wax e assentiu antes de se afastar, mancando, aproximando-se de uma jovem com longo cabelo loiro. Uma adolescente? Wax não a reconheceu.

— Eu conheço você, não conheço? — perguntou Wayne. — A filha de Remmingtel Tarcsel? O cara que inventou a lâmpada incandescente?

A garota ficou boquiaberta.

— Você o conhece? — Ela segurou o braço de Wayne. — Você sabe sobre meu pai?

— Claro que sim! — respondeu Wayne. — Ele foi roubado, tenho que dizer. Um gênio. Dizem que você é inteligente como ele. Aquele dispositivo que inventou para os discursos é ótimo.

Ela ficou olhando para Wayne e, então, se inclinou em sua direção.

— Isso é só o começo. Eles a trouxeram para suas casas, não vê? Está por toda parte.

— O quê? — perguntou Wayne.

— Eletricidade — respondeu a garota. — E serei a primeira a usá-la.

— Hum — disse Wayne. — Precisa de dinheiro?

— Se preciso... — Ela levou Wayne para andar pela festa, radiante, falando tão rápido que Wax não pôde mais ouvir o que dizia.

Ele não se importava. Só continuou a olhar fixamente para o fogo.

Os convidados eram educados o bastante para não insinuar que a indiferença dele estava estragando a festa. Clotide foi até ele, trocando a xícara de chá frio por outra, quente. No que dizia respeito a Wax, aquela poltrona confortável podia ser um banco duro. Ele não sentia a maciez dela, nem o calor do fogo nem a alegria da vitória.

Como era possível ouvir o zumbido de uma abelha em meio a uma tempestade?

Depois de um tempo, os convidados deram desculpas para partir, concluída a diversão moderada. Alguns se despediram dele. Outros, não. Mais ou menos na metade da agonia prolongada da festa, Marasi sentou-se no banquinho aos pés de

Wax. Usava o uniforme da polícia. Uma coisa estranha para se usar numa festa, embora, pensando bem, os policiais fizessem isso o tempo todo.

Marasi pegou o chá dele e tomou um gole. Então, colocou alguma coisa na mesa onde a xícara estava. Wax olhou de relance. Uma estaca pequena, comprida como um dedo, feita de algum metal prateado com pontos vermelho-escuros, como partes enferrujadas.

— É uma das estacas que ela usou, Waxillium — disse Marasi, baixinho. — MeLaan queria que eu mostrasse para você.

Wax fechou os olhos. Achavam que ele queria *ver* uma coisa daquelas?

— Waxillium — continuou Marasi —, não conseguimos identificar o metal. Não é nada que vimos antes. Certamente não era uma das estacas que ela usava no início. Isso significa que ela removeu ambas e enfiou essa no lugar. Onde ela conseguiu isso? Quem deu isso para ela?

— Não me importa — sussurrou ele, abrindo os olhos.

Marasi ficou em silêncio.

— Wax...

— Ele a mandou até mim, Marasi. Ele mandou uma *kandra* para me *seduzir*.

— Não — replicou Marasi, com firmeza. — Ele mandou uma guarda-costas para proteger você nas Terras Brutas. Eu falei com TenSoon. A sedução foi ideia dela. E sua, presumo.

— Harmonia sabia. — A voz de Wax era rouca. — Ele sabia que isso aconteceria.

— Talvez não.

— Então que tipo de Deus Ele é? De que *serve* um Deus como Ele, Marasi? Explique-me isso.

Marasi se remexeu no assento. Então, suspirou e pegou a estranha estaca novamente. Deixou outra coisa na mesinha ao se levantar. Um pequeno brinco, apenas uma barrinha de metal com a extremidade dobrada.

— Mandaram isso para você.

Wax nem olhou. Deixou o brinco onde estava enquanto Marasi se despedia e deixava a festa. Outros vieram até ele, ofereceram algum encorajamento, do tipo que podia ser escrito num cartão.

Ele assentia, mas não escutava.

Depois que saiu da festa na Mansão Ladrian, Marasi parou na delegacia no caminho para casa. Pretendia pegar sua cópia do livro de Hemalurgia de Lorde Nascido da Bruma, que mantinha trancada na gaveta. Os escritórios estavam escuros e silenciosos, um grande contraste em relação ao caos de poucas noites atrás. Embora alguns policiais estivessem em patrulha nas ruas, a maioria estava de folga. Só os que cuidavam da cadeia estavam em serviço.

Por isso, ela ficou surpresa quando viu luzes acesas no fundo do salão principal. Foi até lá e recostou-se na porta, olhando para Aradel, que tinha uma pilha de papéis diante dele e trabalhava à luz de uma vela.

— Acho difícil acreditar que um governador não tenha nada melhor para fazer em seu primeiro dia no cargo do que analisar relatórios de depreciação de equipamentos. Não que eu me importe. Você os tem ignorado por... quanto tempo?

A expressão de Aradel era azeda.

— Não sou o governador — disse ele. — Não de verdade.

— O título “governador interino” tem a palavra “governador” nele, senhor.

— No mês que vem, vão eleger outra pessoa para o cargo, numa sessão apropriada para isso.

— Francamente, senhor, duvido que isso aconteça.

Ele pegou uma folha que estava na pilha, assinou-a, selou-a e continuou sentado, olhando para ela. Por fim, passou a mão pelo cabelo.

—Ah, Preservação. O que eu fiz? E por que diabos nenhum de vocês me impediu?

Marasi sorriu.

— Você não nos deu exatamente uma chance, senhor.

— Vou fugir — disse ele. — Vou recusar o cargo. Vou... — Ele olhou para ela e suspirou. — Não serei feliz neste cargo, Colms.

— Parece que aqueles que são felizes neste papel, senhor, já tiveram sua chance. Estou animada para ver para onde iremos a partir de agora. Você mudou o mundo.

— Eu não tinha essa intenção.

— Não importa — falou Marasi, olhando para o lado quando alguém se aproximou na sala escura. Outro policial que tinha vindo terminar o trabalho? —

Ah, não.

O governador Innate apareceu na porta, segurando um cinto.

— Algum de vocês sabe como amarrar uma coisa dessas? — perguntou o ex-governador com a voz de MeLaan.

— Você não amarra um cinto, kandra — comentou Aradel. — Você o afivela.

— Não, não — falou MeLaan, passando a ponta pela fivela e puxando-a em volta do pescoço. — Estou falando em fazer um laço. As pessoas sempre falam de caras que se enforcam nas celas, mas não consegui descobrir como se faz. Fiquei pendurada ali por uns dez minutos, e tenho quase certeza de que isso não teria matado nem o mais frágil mortal. Fiz alguma coisa errada.

Ela olhou para os dois e franziu a testa ao ver suas expressões assustadas.

— O que foi?

— *Enforcar-se?* — perguntou Marasi, atabalhoadamente, por fim encontrando sua voz. — Você é nossa testemunha-chave!

— Você realmente acha que Harmonia me deixará sentar num tribunal e dar um falso testemunho contra pessoas que nem sequer conheço? Seria zombar da justiça, crianças.

— Não — disse Marasi. — Temos as cartas. Sabemos a verdade.

— Sabem mesmo? — perguntou MeLaan, colocando o cinto no pescoço de novo. — Vocês têm certeza de que Paalm não forjou aquelas cartas ou de que o próprio Innate não fez isso antes que ela o pegasse? Têm certeza de que os lordes e ladies foram até o final com seus planos e não desistiram? Têm certeza de que não estavam falando apenas sobre possibilidades?

— Temos bons casos, sagrada imortal — explicou Aradel. — A tenente Colms pesquisou tudo. Estamos muito seguros de que as provas estão corretas.

— Então convençam o juiz e o júri — respondeu MeLaan, dando de ombros. — Não fazemos coisas assim. As pessoas devem ser capazes de confiar na lei. Sou muitas coisas, mas *não* serei eu quem vai abrir o precedente de que uma kandra pode mentir para incriminar alguém, mesmo que você esteja “muito seguro de que as provas estão corretas”.

Marasi cruzou os braços e trincou os dentes. Aradel olhou para ela, questionador.

— Sem ela, eles vão dar um jeito de escapar das acusações — comentou

Marasi. — Não conseguiremos mantê-los na cadeia. Agirão livremente pela cidade mais uma vez. — Ela suspirou. — Mas... Droga. Ela provavelmente está certa, senhor. Eu teria chegado a essa conclusão se tivesse pensado o suficiente. Não podemos falsificar evidências, por mais justa que seja a causa.

Ele assentiu.

— Não vamos conseguir mantê-los na prisão de qualquer forma, Colms. Eles têm muito poder, mesmo agora. Vão dar um jeito de escapar da sentença, colocando a culpa nos subordinados. — Ele se recostou na cadeira. — Tomarão o assento do governador mais uma vez, a menos que alguém faça algo a respeito. Maldição. Eu realmente vou ter que fazer isso, não vou?

— Sinto muito, senhor — disse Marasi.

— Bem, pelo menos posso limpar minha mesa dessa papelada antes — disse ele, inclinando-se sobre os relatórios, determinado. — Sugestões para minha substituição como comissário-geral?

— Reddi — respondeu Marasi.

— Ele odeia você.

— Isso não o torna um mau policial, senhor — respondeu Marasi. — Desde que alguém fique de olho nele, como você disse. Posso fazer isso. Acho que ele vai aceitar o desafio.

Aradel assentiu e estendeu a mão para MeLaan. Ela jogou o cinto, e ele o prendeu num laço.

— Essa parte vai ao redor do pescoço, sagrada — explicou ele. — Faça com que sua pele fique com hematomas em forma de V, para que a morte pareça verdadeira. Sabe como forjar a aparência de alguém que morreu de estrangulamento?

— Sei — confirmou MeLaan. — Infelizmente.

— Vou lá cortar o cinto em quinze minutos. — falou Aradel. — Você vai precisar enganar o legista.

— Sem problema — garantiu MeLaan. — Posso respirar por um sistema traqueal, sem utilizar os pulmões. Consiga que o corpo seja cremado e me dê algum tempo. Sairei e deixarei os ossos para você queimar. Rápido e limpo.

— Tudo bem — concordou Aradel, parecendo enjoado.

MeLaan despediu-se dele, voltando para a cela. Marasi se juntou a ela depois de bater uma continência que Aradel nem viu.

— Como conseguiu sair da cela? — perguntou Marasi, alcançando MeLaan.

— Enfiando o dedo na fechadura, derretendo parte da minha pele e jogando lá dentro — contou MeLann. — É incrível o que se pode fazer quando não se está restrito às formas normais do corpo.

As duas seguiram juntas até a entrada do cárcere. Marasi não ia perguntar como MeLaan evitara os guardas. Com sorte, os dois não tinham sido feridos.

— Harmonia sabe, certo? — perguntou Marasi quando MeLaan chegou perto da porta. — Se essas pessoas são culpadas ou não?

— Sabe.

— Então você poderia simplesmente perguntar para Ele se é justo aprisioná-las. Se Ele disser que sim, vamos em frente com isso. Eu aceitaria a palavra de Deus sobre o assunto para satisfazer minha consciência.

— Mesmo assim é contra as regras — explicou MeLaan. — E Harmonia provavelmente não diria.

— Por que não? — questionou Marasi. — Você percebe o que tudo isso causou a Waxillium, certo?

— Ele vai superar.

— Ele não deveria ter que superar nada.

— E o que você acha que Harmonia deveria fazer, *mulher*? Dar todas as respostas? Guiar-nos para onde deseja, como Paalm jurava que Ele fazia? Transformar-nos em peças num tabuleiro para Seu divertimento?

Marasi recuou. Nunca ouvira aquele tom de voz em MeLaan.

— Ou talvez prefira o oposto? — continuou MeLaan. — Que ele nos deixasse completamente a sós? Sem nenhuma interferência?

— Não, eu...

— Pode imaginar como deve ser? Saber que qualquer ação vai ajudar alguns, mas machucar outros? Salvar a vida de um homem agora e deixá-lo espalhar uma doença que vai matar uma criança mais tarde. Harmonia faz o melhor que pode... O melhor *possível*, pela própria definição. Sim, Ele machucou Wax. Machucou feio. Mas colocou a dor onde Ele sabia que seria suportada.

Marasi corou e, irritada consigo mesma, remexeu na bolsa e pegou a estranha estaca.

— E isso?

— Não é um metal que conhecemos.

— Foi o que TenSoon disse. Mas Harmonia...

— Não é um metal que *Harmonia* conheça — falou MeLaan.

Marasi sentiu um calafrio.

— Então... não é Dele? Não provém de Sua forma, como as antigas histórias sobre atium e lerasium?

— Não — confirmou MeLaan. — Vem de algum outro lugar. Paalm usou essas estacas estranhas para roubar atributos, em vez de usar as que conhecemos. Talvez seja por isso que conseguiu roubar poderes de Alomancia e Feruquemia, enquanto outros kandra não conseguem. De qualquer forma, você não se perguntou por que Harmonia não conseguia ver a Sangradora? Não conseguia rastreá-la, não conseguia prever suas ações? O que pode deter um deus, Marasi Colms? Algum palpite?

— Outro deus — sussurrou Marasi.

— Congratulações — falou MeLaan, abrindo a porta. — Você encontrou provas de algo que nos aterroriza. Pense nisso um pouco antes de sair por aí acusando Harmonia ou os kandra de qualquer coisa. Agora, se me dá licença, vou tentar me enforcar do jeito certo.

Ela entrou na cela, fechando a porta.

Outro deus, pensou Marasi, parada no escuro. Além de Harmonia, Ruína e Preservação.

Ela olhou para a pequena estaca em suas mãos e ouviu um nome que Miles Cem-vidas dissera havia um ano, quando morreu. O nome de um deus muito antigo. Marasi pesquisara o nome, mas sem muito entusiasmo, muito mais interessada em sua interação com o Olhos de Ferro.

Agora, no entanto, estava determinada a ir fundo nos registros e descobrir as respostas.

Quem ou o que era *Trell*?

A sala provavelmente ficara em silêncio muito antes de Wax perceber que estava sozinho. O fogo na lareira estava se apagando. Ele deveria fazer algo a respeito.

Não fez.

Steris se aproximou, colocou mais lenha e agitou as brasas. Então ele não estava sozinho. Ela colocou o atiçador ao lado da lareira e olhou para ele. Wax

esperava que ela dissesse alguma coisa.

Ela não falou nada. Em vez disso, empurrou o banquinho até deixá-lo ao lado da poltrona dele. Sentou-se com as pernas cruzadas com delicadeza e colocou as mãos no colo.

Os dois ficaram ali, sem dizer palavra alguma. Depois de um tempo, ela colocou a mão sobre a dele. O fogo parecia frio para ele, o ar, congelado, mas aquela mão era quente.

Por fim, ele se virou de lado, apoiou a cabeça no ombro dela e chorou.

ARS ARCANUM

SOBRE AS TRÊS ARTES METÁLICAS

Em Scadrial, existem três manifestações principais de investidura. Localmente, elas são chamadas de artes metálicas, embora haja outros nomes para elas.

A Alomancia é a mais comum das três. É uma arte de fim positivo, de acordo com minha terminologia, ou seja, o praticante retira poder de uma fonte externa. Então, o corpo usa esse poder de várias formas. O efeito do poder não é escolhido pelo praticante, mas, em vez disso, é gravado em sua Teia-Espiritual. A chave para extrair esse poder vêm na forma de diversos tipos de metais, exigindo composições específicas. Embora o metal seja consumido no processo, o poder em si não vem de fato do metal. O metal é um catalisador, pode-se dizer, que inicia uma investidura e a mantém em marcha.

Na verdade, não é muito diferente das investiduras baseadas em formas que se encontra em Sel, onde formatos específicos são as chaves — aqui, no entanto, as interações são mais limitadas. Ainda assim, não se pode negar o poder da Alomancia. Ela é instintiva e intuitiva para o praticante, sem exigir uma grande quantidade de estudo e exatidão, como se encontra nas investiduras de Sel baseadas em formas.

A Alomancia é brutal, crua e poderosa. É acessada por dezesseis metais-base, embora dois outros, chamados localmente de Metais Divinos, possam ser usados para formar outro conjunto de dezesseis ligas cada um. No entanto, como esses Metais Divinos não estão mais disponíveis, os outros metais não são amplamente usados.

A Feruquemia ainda é amplamente conhecida e usada nesse momento em Scadrial. De fato, talvez seja possível dizer que é mais presente hoje em dia do que foi em muitas eras no passado, quando estava confinada à distante Terris ou escondida pelos Guardadores.

A Feruquemia é uma arte de fim neutro, ou seja, não se ganha nem se perde nesse poder. Essa arte também exige metais como ponto focal, mas, em vez de ser consumido, o metal funciona como um meio de armazenar capacidades

dentro do praticante. Investe-se naquele metal num dia e retira-se poder dele em outro dia. É uma arte diversificada, com algumas sondagens no Físico, algumas no Cognitivo e até mesmo algumas no Espiritual. Esses últimos poderes estão sob extensa experimentação pela comunidade terrisana e não são divulgados a estrangeiros.

Deve-se observar que a reprodução entre feruquemistas e a população geral diluiu o poder em alguns aspectos. Atualmente, é comum as pessoas nascerem com acesso a apenas uma das dezesseis capacidades feruquêmicas. Levanta-se a hipótese de que, se alguém pudesse fazer mentes de metal a partir das ligas com os Metais Divinos, outras capacidades poderiam ser descobertas.

A Hemalurgia é bastante desconhecida no mundo moderno de Scadrial. Seus segredos foram mantidos por aqueles que sobreviveram ao renascimento do mundo, e os únicos praticantes conhecidos agora são os kandra, que, na maior parte das vezes, servem a Harmonia.

A Hemalurgia é uma arte de fim negativo, pois um tanto do poder se perde na sua prática. Embora muitos através da história a tenham demonizado como uma arte maligna, nenhuma das investiduras é realmente maligna. Em sua essência, a hemalurgia lida com capacidades — ou atributos — retiradas de uma pessoa e concedidas a outras. Seu foco principal são elementos do reino Espiritual, o que atrai muito do meu interesse. Se uma das três artes é de grande interesse para a Cosmere, é esta. Acredito que existem grandes possibilidades para seu uso.

COMBINAÇÕES

Em Scadrial, é possível nascer com habilidades de acessar tanto a Alomancia como a Feruquemia. Isso tem sido de grande interesse para mim ultimamente, já que as misturas dos diferentes tipos de investiduras têm efeitos curiosos. Basta olhar para o ocorrido em Roshar para percebê-lo — dois poderes combinados com frequência causam uma reação quase química. Em vez de ter exatamente o que foi colocado, consegue-se algo novo.

Em Scadrial, alguém com um poder alomântico e um poder feruquêmico é chamado “Duplonato”. Os efeitos aqui são mais sutis do que em Roshar, mas estou convencido de que cada combinação também cria algo distinto. Não só dois poderes, pode-se dizer, mas dois poderes... e um efeito. Isso exige mais estudos.

TABELA DE REFERÊNCIA RÁPIDA DE METAIS

METAL	PODER ALOMÂNTICO	PODER FERUQUÊMICO
Ferro	Puxa *fontes de metais próximas*	*Armazena peso físico*
Aço	Empurra *fontes de metais próximas*	*Armazena velocidade física*
Estanho	*Amplia sentidos*	*Armazena sentidos*
Peltre	*Amplia habilidades físicas*	*Armazena força física*
Zinco	*Tumultua (inflama) emoções*	*Armazena velocidade mental*
Latão	*Abranda (atenua) emoções*	*Armazena calor*
Cobre	*Esconde pulsos alomânticos*	*Armazena memórias*
Bronze	*Permite ouvir pulsos alomânticos*	*Armazena prontidão*
Cádmio	*Reduz a velocidade do tempo*	*Armazena fôlego*
Curvaliga	*Aumenta a velocidade do tempo*	*Armazena energia*
Ouro	*Revela o eu passado*	*Armazena saúde*
Electrum	*Revela o eu futuro*	*Armazena determinação*
Cromo	*Esvazia as reservas alomânticas do alvo*	*Armazena sorte*
Nicrosil	*Fortalece o consumo alomântico do alvo*	*Armazena investidura*
Alumínio	*Esvazia as reservas alomânticas internas*	*Armazena identidade espiritual*
Duralumínio	*Fortalece o próximo metal queimado*	*Armazena conexão espiritual*

LISTA DE METAIS

AÇO: *Brumosos Lançamoedas* queimam aço e podem empurrar fontes de metais próximas. Os empurrões precisam ser para longe do centro de gravidade do Lançamoedas. *Ferumosos Corredores de Aço* podem armazenar velocidade física numa mente de metal de aço, tornando-os mais lentos enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua velocidade.

ALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima alumínio instantaneamente metaboliza todos os seus metais sem nenhum efeito, esvaziando suas reservas alomânticas. Brumosos que queimam alumínio são chamados de *Mosquitos de Alumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Verdadeiros* podem armazenar sua noção espiritual de identidade numa mente de metal de alumínio. Essa é uma arte raramente comentada fora das comunidades terrisanas e, mesmo entre elas, ainda não é bem compreendida. O alumínio e algumas de suas ligas são inertes alomanticamente; não podem ser *empurrados* ou *puxados* e podem ser usados para proteger um indivíduo de Alomancia emocional.

BRONZE: *Brumosos Buscadores* queimam bronze para “ouvir” os pulsos emitidos por outros alomânticos que estejam queimando metais. Diferentes metais produzem diferentes pulsos. *Ferumosos Sentinelas* podem armazenar prontidão numa mente de metal de bronze, o que os deixa sonolentos enquanto armazenam. Podem drenar a mente de metal mais tarde para reduzir a sonolência ou aumentar sua percepção.

CÁDMIO: *Brumosos Pulsadores* queimam cádmio para alterar a passagem do tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais devagar dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha ocorram a uma velocidade estonteante do ponto de vista do Pulsador. *Ferumosos Ofegantes* podem armazenar fôlego dentro de uma mente de metal de cádmio; durante a armazenagem, precisam hiperventilar para seus corpos conseguirem ar suficiente. O fôlego pode ser recuperado mais tarde, eliminando ou reduzindo a necessidade de respirar pelos pulmões enquanto drenam suas mentes de metal. Também podem oxigenar muito seu sangue.

COBRE: *Brumosos Nuvens de Cobre*, também conhecidos como *Esfumaçadores*, queimam cobre para criar uma nuvem invisível ao redor de si, impedindo que os alomânticos próximos sejam detectados por um Buscador e

protegendo indivíduos próximos dos efeitos da Alomancia emocional. *Ferumosos Arquivistas* podem armazenar lembranças numa mente de metal (mente de cobre); a lembrança desaparece da cabeça enquanto estiver em armazenagem e pode ser recuperada com perfeição mais tarde.

CROMO: *Brumosos Sugadores* que queimam cromo enquanto tocam em outro alomântico limpam as reservas desse alomântico. *Ferumosos Fiandeiros* podem armazenar sorte numa mente de metal de cromo, deixando-os sem sorte durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para aumentá-la.

CURVALIGA: *Brumosos Deslizantes* queimam curvaliga para comprimir o tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais rápido dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha aconteçam lentamente do ponto de vista do Deslizante. *Ferumosos Absorvedores* podem armazenar nutrientes e calorias numa mente de metal de curvaliga; podem comer grandes quantidades de comida durante a armazenagem sem se sentirem cheios ou ganhar peso e não precisar comer ao drenar a mente de metal. Uma mente de metal de curvaliga pode ser usada para regular ingestão de fluidos da mesma maneira.

DURALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima duralumínio instantaneamente queima quaisquer outros metais que estejam sendo usados no momento, liberando uma enorme explosão de poder. Brumosos que queimam duralumínio são chamados de *Mosquitos de Duralumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Conectores* podem armazenar conexão espiritual numa mente de metal de duralumínio, reduzindo sua consciência do próximo e a capacidade de amizade durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para estabelecer relacionamentos de confiança rapidamente com outras pessoas.

ELECTRUM: *Brumosos Oráculos* queimam electrum para ter uma visão de possíveis futuros. Em geral, o efeito é limitado a apenas poucos segundos. *Ferumosos Pináculos* podem armazenar determinação numa mente de metal de electrum, entrando num estado depressivo durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para entrar numa fase maníaca.

ESTANHO: Brumosos Olhos de Estanho queimam estanho para aumentar a sensibilidade dos seus cinco sentidos. Todos são fortalecidos ao mesmo tempo. *Ferumosos Sussurradores de Vento* podem armazenar a sensibilidade de um dos cinco sentidos numa mente de metal de estanho; deve ser usada uma mente de metal de estanho diferente para cada sentido. Enquanto o ferumoso armazena, a sensibilidade daquele sentido fica reduzida, e, quando a mente de metal é

drenada, esse sentido se fortalece.

FERRO: *Brumosos Atraidores* que queimam ferro podem puxar fontes de metais próximas. Os puxões devem ser direcionados para o centro de gravidade do Atraidor. *Ferumosos Depuradores* podem armazenar peso físico numa mente de metal de ferro, reduzindo seu peso efetivo enquanto armazenam ativamente, e podem drená-la mais tarde para aumentar seu peso efetivo.

LATÃO: *Brumosos Abrandadores* queimam latão para abrandar (atenuar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Abrandador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Almaquente* podem armazenar calor numa mente de metal de latão, resfriando-se enquanto armazenam. Eles podem drenar a mente de metal mais tarde para se aquecer.

NICROSIL: *Brumosos Nicroestouro* que queimam nicrosil enquanto tocam em outro alomântico instantaneamente exaurem quaisquer metais que estejam sendo queimados por aquele alomântico, liberando uma explosão enorme (e talvez inesperada) do poder daqueles metais. *Ferumosos Portadores de Alma* podem armazenar investidura numa mente de metal de nicrosil. Esse é um poder que poucos conhecem; de fato, tenho certeza de que o povo terrisano não sabe realmente o que está fazendo quando usa esse poder.

OURO: *Brumosos Adivinhos* queimam ouro para ter uma visão do próprio passado ou de quem seriam se tivessem feito escolhas diferentes. *Ferumosos Criassangue* podem armazenar saúde numa mente de metal de ouro, reduzindo sua saúde enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para se curar rapidamente ou além das capacidades normais do corpo.

PELTRE: *Brumosos Braços de Peltre*, também conhecidos como *Brutamontes*, queimam peltre para aumentar força física, velocidade e resistência, também fortalecendo a capacidade de cura do corpo. *Ferumosos Brutos* podem armazenar força física numa mente de metal de peltre, reduzindo sua força enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua força.

ZINCO: *Brumosos Tumultuadores* queimam zinco para tumultuar (inflamar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Tumultuador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Faiscadores* podem armazenar velocidade mental numa mente de metal de zinco, embotando sua capacidade de pensar e raciocinar enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para pensar e raciocinar mais rápido.

1ª edição Novembro de 2017
papel de miolo Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa Cartão Supremo 250g/m^2
tipografia Minion Pro
gráfica

BRANDON SANDERSON

cresceu em Lincoln, Nebraska. Atualmente mora em Utah com a esposa e os filhos e dá aula de escrita criativa na Brigham Young University. Além de ter concluído a série "A Roda do Tempo", de Robert Jordan, ele inovou a literatura fantástica ao criar a Cosmere, a galáxia onde se passam muitos de seus livros – entre eles, a série "Mistborn", no planeta Scadrial. Em 2013, Sanderson ganhou o Hugo Awards por "The Emperor's Soul", um conto passado em Sel, o mesmo planeta de *Elantris*, seu aclamado primeiro livro – também publicado pela editora LeYa.

www.brandonsanderson.com

Wax e Wayne não medirão esforços para proteger a cidade de Elendel de um ataque misterioso

Trezentos anos se passaram e Scadrial se modernizou: ferrovias foram construídas, a eletricidade chegou e as brumas agora passeiam por uma nova paisagem, coberta por arranha-céus de aço.

Nesse novo cenário, Kelsier, Vin, Fantasma, Brisa e todos os outros personagens de "Mistborn – Nascidos da Bruma" se tornaram lendas, mitos e até mesmo objetos de veneração. Embora a ciência e a tecnologia tenham atingido novos patamares, a Alomancia e a Feruquemia ainda são ferramentas cruciais nesse mundo – sobretudo para aqueles que desejam estabelecer ordem e justiça.

Em *As sombras de si mesmo*, a movimentada cidade de Elendel enfrentará seu primeiro ataque terrorista, com crimes destinados a provocar conflitos trabalhistas e religiosos. Waxillium e seu excêntrico braço direito Wayne – agora também acompanhados pela brilhante Marasi – terão que desvendar a conspiração antes que o progresso de Scadrial seja severamente comprometido.

"Agilidade, diálogos inteligentes e uma boa dose de ação fazem o leitor querer ler este livro de uma vez só."
– *Library Journal*

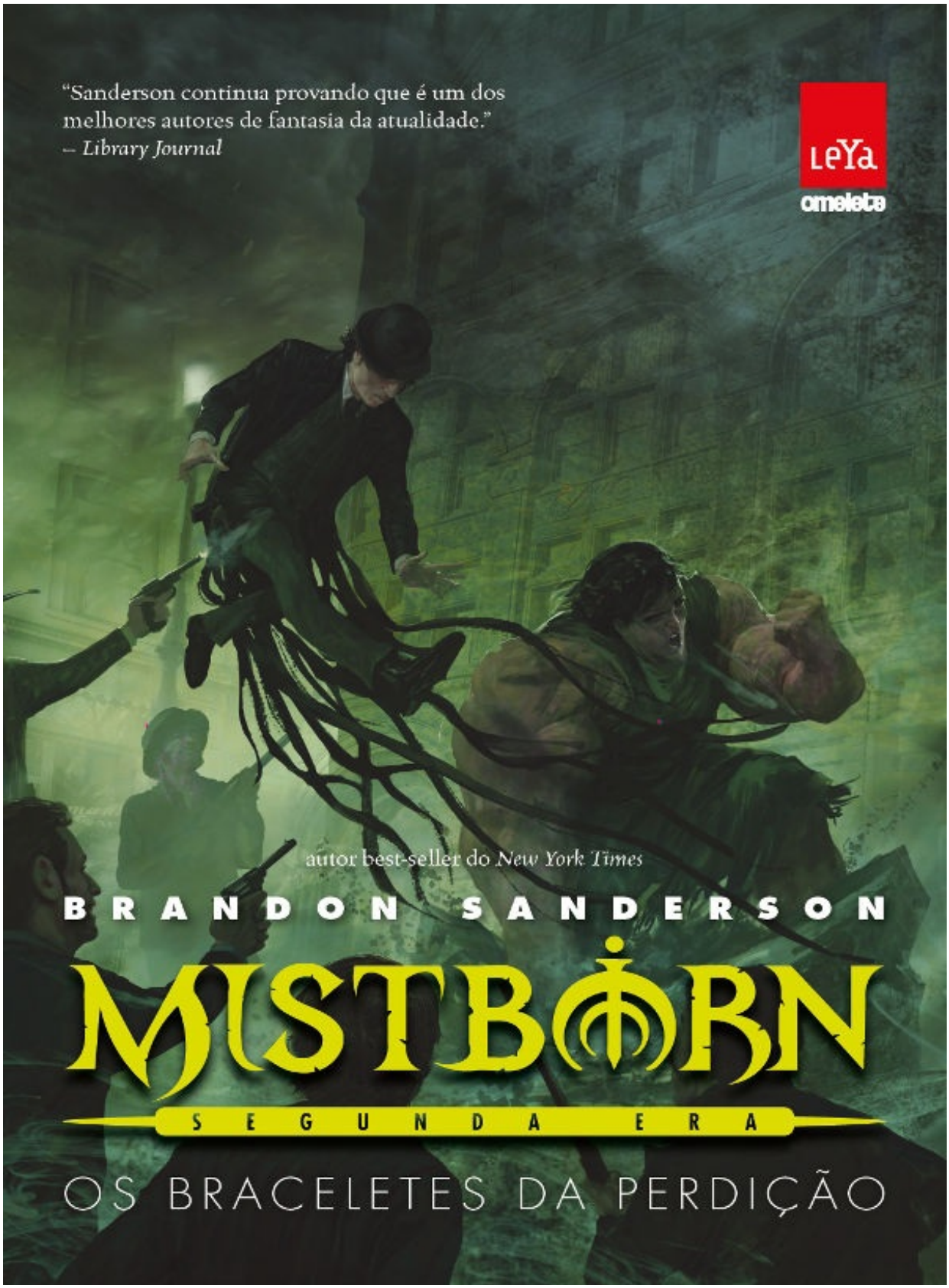
"O mundo de fantasia de Sanderson une elementos steampunk, do período pré-industrial e do faroeste. Ele incorpora a magia dos metais da Alomancia e da Feruquemia na história com muita inteligência. Fãs de fantasia vão saborear esta emocionante aventura."
– *Publishers Weekly*

LeYa
leya.com.br
9 788544 106471
ISBN 978-85-441-0547-1
omelete.com.br

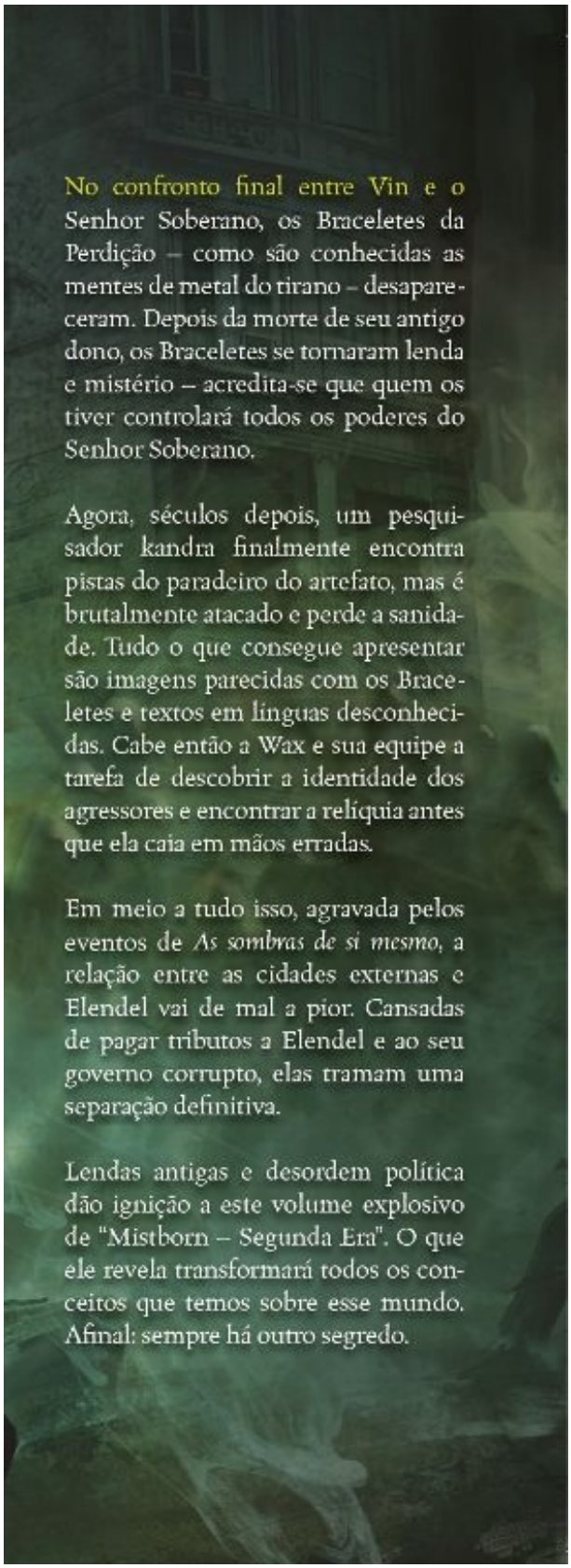


LEYA
leya.com.br
9 788544 106723
ISBN 978-85-441-0672-3
omelete.com.br




"Sanderson continua provando que é um dos melhores autores de fantasia da atualidade."
– Library Journal
LeYa
omelete
autor best-seller do New York Times
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
SEGUNDA ERA
OS BRACELETES DA PERDIÇÃO





No confronto final entre Vin e o Senhor Soberano, os Braceletes da Perdição – como são conhecidas as mentes de metal do tirano – desapareceram. Depois da morte de seu antigo dono, os Braceletes se tornaram lenda e mistério – acredita-se que quem os tiver controlará todos os poderes do Senhor Soberano.

Agora, séculos depois, um pesquisador kandra finalmente encontra pistas do paradeiro do artefato, mas é brutalmente atacado e perde a sanidade. Tudo o que consegue apresentar são imagens parecidas com os Braceletes e textos em línguas desconhecidas. Cabe então a Wax e sua equipe a tarefa de descobrir a identidade dos agressores e encontrar a relíquia antes que ela caia em mãos erradas.

Em meio a tudo isso, agravada pelos eventos de *As sombras de si mesmo*, a relação entre as cidades externas e Elendel vai de mal a pior. Cansadas de pagar tributos a Elendel e ao seu governo corrupto, elas tramam uma separação definitiva.

Lendas antigas e desordem política dão ignição a este volume explosivo de "Mistborn – Segunda Era". O que ele revela transformará todos os conceitos que temos sobre esse mundo. Afinal: sempre há outro segredo.



Mistborn:
Segunda Era
Os Braceletes da Perdição

Títulos passados na Cosmere

Elantris

Mistborn – Nascidos da Bruma
O Império Final
O Poço da Ascensão
O Herói das Eras

Mistborn – Segunda Era
A liga da lei
As sombras de si mesmo
Os Braceletes da Perdição

BRANDON SANDERSON

MISTBORN: SEGUNDA ERA

OS BRACELETES DA PERDIÇÃO

Tradução
Alexandre Martins

LeYa
omelete

Copyright © Dragonsteel Entertainment, LCC, 2016, conforme edição original.
Todos os direitos reservados.
© Brandon Sanderson
Os direitos morais do autor foram afirmados.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Alexandre Martins
Título original: *The Bands of Mourning: A Mistborn Novel*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Pedro Staite
Diagramação: Filigrana
Capa: Leandro Dittz
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Curadoria: Affonso Solano

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S198b

Sanderson, Brandon, 1975-
Os braceletes da perdição / Brandon Sanderson; tradução Alexandre Martins. – Rio de Janeiro : LeYa, 2017.
(Mistborn : segunda era)

Tradução de: The bands of mourning
Sequência de: As sombras de si mesmo
ISBN 978-85-441-0649-5

1. Ficção fantástica americana. I. Martins, Alexandre. II. Título. III. Série.

17-45785

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

Para Ben Olsen,
que continua aturando um bando de amigos escritores malucos e
ainda encontra tempo para tornar nossos livros melhores.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
PRÓLOGO

PRIMEIRA PARTE
1
2
3
4

SEGUNDA PARTE
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

TERCEIRA PARTE
17
18
19

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

EPÍLOGO
POST-SCRIPTUM
ARS ARCANUM

AGRADECIMENTOS

Este livro sai [nos Estados Unidos] no ano que marca o décimo aniversário da série Mistborn. Considerando todas as outras coisas que tenho feito, parece que seis livros em dez anos é uma realização grandiosa! Ainda me lembro dos primeiros meses, escrevendo furiosamente, tentando produzir algo que realmente demonstrasse o que posso fazer como escritor. Mistborn: Nascidos da bruma se tornou uma de minhas melhores séries, e espero que considerem que este volume merece ingressar no cânone.

Como sempre, este livro envolveu os esforços de um grande número de pessoas. Há a excelente arte de Ben McSweeney e Isaac Stewart — mapas e ícones de Isaac e toda a arte dos jornais feita por Ben. Ambos também ajudaram muito com o texto do jornal, e o próprio Isaac escreveu a matéria sobre Nicki Savage — já que a ideia era ter Jak vendendo seus serviços, queríamos dar a isso um novo tom. Acho que o resultado foi ótimo!

O trabalho editorial foi feito por Moshe Feder na Tor, com Simon Spanton controlando o projeto na Gollancz, no Reino Unido. Entre os agentes no projeto estão Eddie Schneider, Sam Morgan, Krystyna Lopez, Christa Atkinson e Tae Keller na Jabberwocky, nos Estados Unidos, tudo supervisionado pelo impressionante Joshua Bilmes. No Reino Unido, vocês podem agradecer a John Berlyne, da Zeno Agency, um cara incrível que trabalhou duro por muitos anos até finalmente colocar meus livros no Reino Unido.

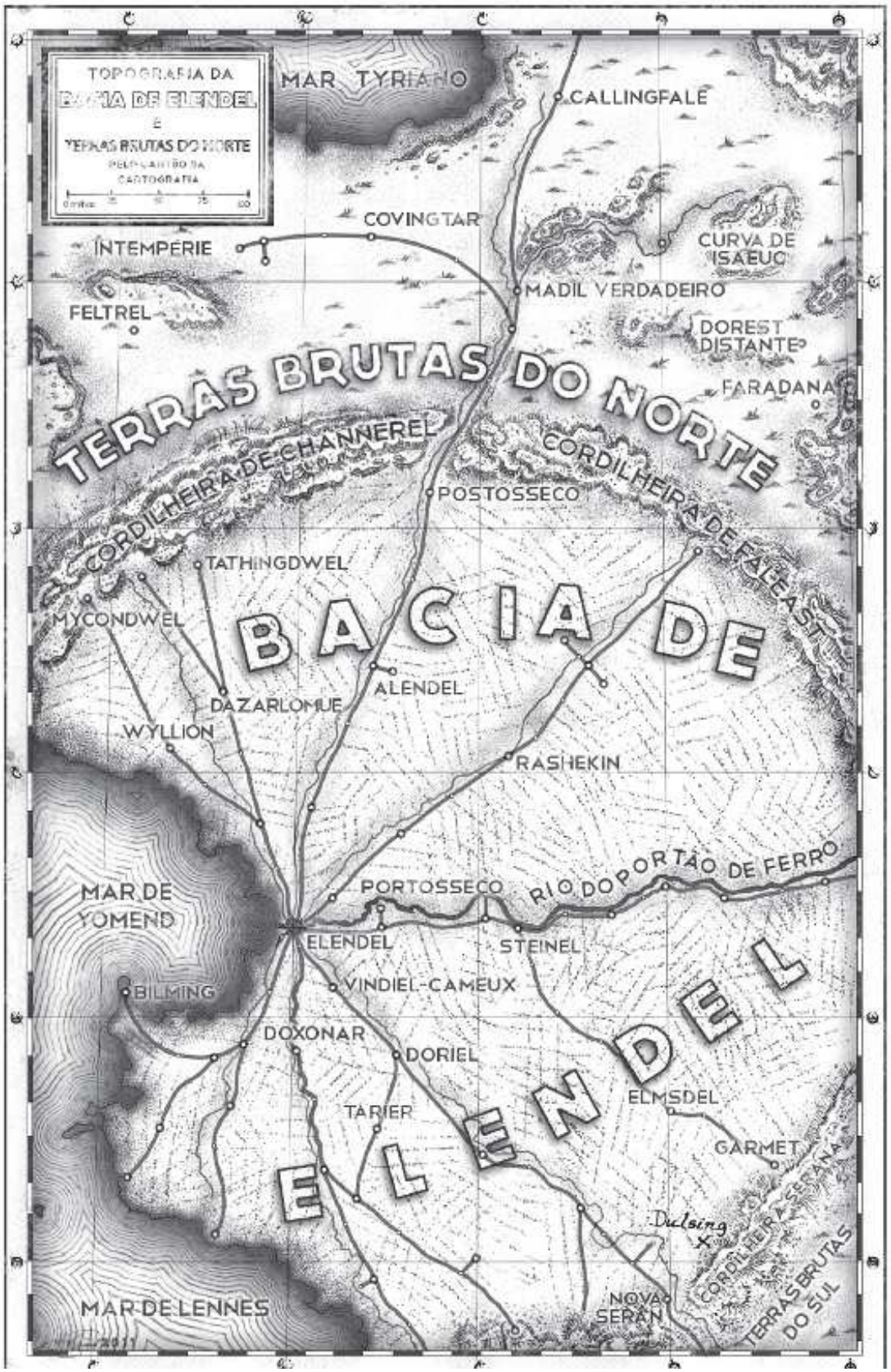
Na Tor Books, a editora americana que publicou este livro, eu também gostaria de agradecer a Tom Doherty, Linda Quinton, Marco Palmieri, Karl Gold, Diana Pho, Nathan Weaver e Rafal Gibek. A preparação do texto foi feita por Terry McGarry. O locutor do audiolivro é Michael Kramer, meu narrador predileto, e um que sei que provavelmente estou deixando enrubescido neste momento, já que ele terá que ler esta frase para todos vocês que escutam. Na Macmillan Audio, eu gostaria de agradecer a Robert Allen, Samantha Edelson e Mitali Dave.

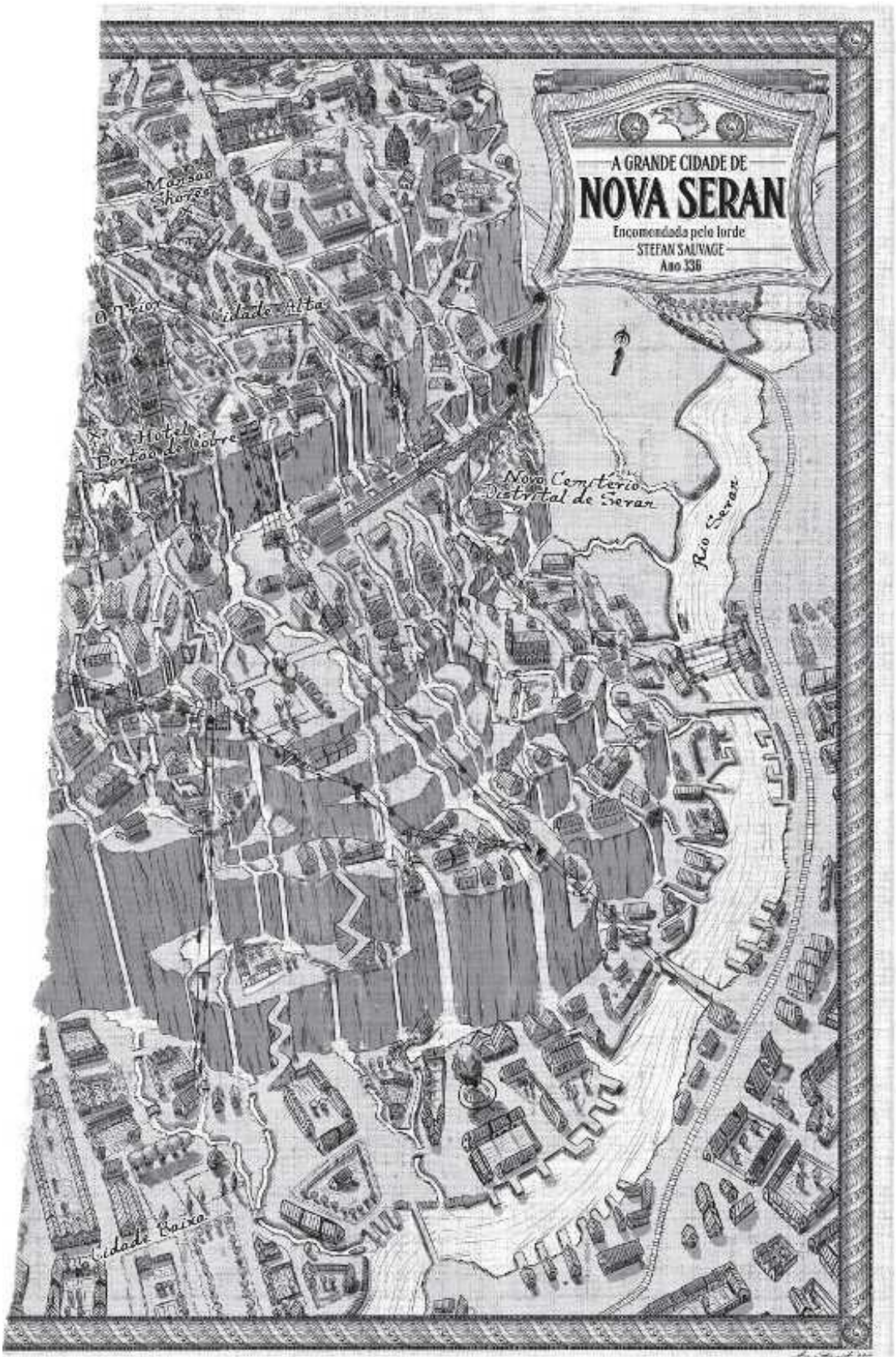
Continuidade, *feedbacks* sobre todos os assuntos e inúmeros outros trabalhos foram feitos pelo imaculado Peter Ahlstrom. Também trabalham na minha equipe Kara Stewart, Karen Ahlstrom e Adam Horne. E, claro, minha adorável esposa, Emily.

Nós nos apoiamos ainda mais em meus leitores beta para este volume, já que o livro não teve a oportunidade de passar pelo grupo de escrita. Essa equipe é composta por Peter Ahlstrom, Alice Arneson, Gary Singer, Eric James Stone, Brian T. Hill, Kristina Kugler, Kim Garrett, Bob Kluttz, Jakob Remick, Karen Ahlstrom, Kalyani Poluri, Ben “uau, este livro é dedicado a mim, vejam como sou importante” Olsen, Lyndsey Luther, Samuel Lund, Bao Pham, Aubree Pham, Megan Kanne, Jory Phillips, Trae Cooper, Christi Jacobsen, Eric Lake e Isaac Stewart. (Para quem estiver se perguntando, Ben foi um dos membros fundadores do meu grupo de escrita original, junto com Dan Wells e Peter Ahlstrom. Ele é um cara de computador e o único de nós que não pretendia trabalhar com a publicação de livros, além de um leitor valioso e um amigo de muitos anos. Ele me apresentou à série Fallout, então também tem isso.) A comunidade de revisores incluiu muito dos nomes citados acima, e mais Kerry Wilcox, David Behrens, Ian McNatt, Sarah Fletcher, Matt Wiens e Joe Dowswell.

Bem, já falei bastante! Esse pessoal é maravilhoso, e se você comparar meus primeiros livros com os seguintes, acho que descobrirá que a ajuda dessas pessoas tem sido inestimável não apenas acabando com erros de digitação, mas também me ajudando a amarrar as narrativas. Finalmente, eu gostaria de agradecer a vocês, leitores, por ficarem comigo por esses dez anos, dispostos a aceitar as ideias estranhas que apresento a vocês. A série Mistborn: Nascidos da bruma não chegou nem à metade da evolução que planejei para ela. Mal posso esperar que vocês vejam o que vem pela frente, e é neste livro que parte disso finalmente começará a ser revelado.

Aproveitem!


TOPOGRAFIA DA
BACIA DE ELENDEL
E
TERRAS BRUTAS DO NORTE
PELO CAPITÃO DA CARTOGRAFIA
MAR TYRIANO
CALLINGFALE
COVINGTAR
INTEMPERIE
CURVA DE ISAEUC
MADIL VERDADEIRO
FELTREL
DOREST DISTANTE
FARADANA
TERRAS BRUTAS DO NORTE
CORDILHEIRA DE CHANNEREL
CORDILHEIRA DE FALE EAST
POSTOSSECO
TATHINGDWEL
MYCONDWEL
BACIA DE
ALENDEL
DAZARLOMUE
WYLLION
RASHEKIN
MAR DE YOMEND
PORTOSSECO
RIO DO PORTÃO DE FERRO
ELENDEL
STEINEL
VINDIEL-CAMEUX
BILMING
DOXONAR
DORIEL
ELMSDEL
TARIER
GARMET
ELENDEL
Dulsing
CORDILHEIRA SERANA
TERRAS BRUTAS DO SUL
MAR DE LENNES
NOVA SERAN


A GRANDE CIDADE DE
NOVA SERAN
Encomendada pelo lorde
STEFAN SALVAGE
Ano 338
Cidade Alta
Hotel Portão de Cobre
Novo Cemitério Distrital de Seran
Rio Seran
Cidade Baixa

PRÓLOGO



— Telsin! — sussurrou Waxillium, esgueirando-se para fora da cabana de treinamento.

Olhando para trás, Telsin se encolheu e agachou mais. Com dezesseis anos, a irmã de Waxillium era um ano mais velha que ele. Seu cabelo escuro comprido emoldurava um nariz arrebitado e lábios apertados, e desenhos coloridos em V cobriam a frente de sua túnica terrisana tradicional. Elas sempre pareciam cair bem nela, de um modo que as dele nunca conseguiam. Em Telsin eram elegantes. Waxillium se sentia como se vestisse um saco.

— Vá embora, Asinthew — disse ela, contornando lentamente a lateral da cabana.

— Você vai perder a recitação noturna.

— Não vão notar que fui embora. Eles nunca conferem.

Dentro da cabana, mestre Tellingdwar tagarelava sobre as corretas atitudes terrisanas: submissão, humildade e o que chamavam de “dignidade respeitosa”. Falava para os alunos mais jovens; os mais velhos, como Waxillium e sua irmã, deveriam estar meditando.

Telsin afastou-se, movendo-se pela área arborizada de Elendel identificada apenas como a Vila. Waxillium se sentiu desconfortável, mas depois se apressou atrás da irmã.

— Você vai se colocar em apuros — disse ele ao alcançá-la. Seguiu-a enquanto contornava o tronco de um enorme carvalho. — Você vai *me* colocar em apuros.

— E? — retrucou ela. — Qual é o problema com você e regras?

— Nenhum — respondeu ele. — Eu só…

Ela entrou na floresta. Ele suspirou e foi atrás. Finalmente, encontraram três outros jovens terrisanos: duas garotas e um garoto alto. Kwashim, uma das garotas, examinou Waxillium de alto a baixo. Tinha pele escura e era esguia.

— Você trouxe *ele*?

— Ele me seguiu — retrucou Telsin.

Waxillium sorriu para Kwashim, esperançoso, e depois para Idashwy, a outra garota. Tinha olhos bem separados e a idade dele. E, por Harmonia… era deslumbrante. Ela notou a atenção dele, piscou algumas vezes e desviou os olhos, um sorriso tímido nos lábios.

— Ele vai nos delatar — disse Kwashim, desviando a atenção de Waxillium. — Você sabe que vai.

— Não vou — retrucou Waxillium.

Kwashim olhou feio para o garoto.

— Você pode acabar perdendo a aula noturna. Quem vai responder a todas as perguntas? Vai ficar um silêncio ferrado na sala sem ninguém para bajular o professor.

Forch, o garoto alto, estava de pé nas sombras. Waxillium não olhou para ele, não encarou seus olhos. *Ele não sabe, certo? Não tem como saber.* Forch era o mais velho deles, mas raramente dizia muito.

Ele era um Duplonato, como Waxillium. Não que qualquer um deles usasse muito sua Alomancia naqueles dias. Na Vila, era seu lado terrisano — sua Feruquemia — que era valorizado. O fato de que tanto ele como Forch eram Lançamoedas não importava para os terrisanos.

— Vamos indo — disse Telsin. — Chega de discutir. Provavelmente não temos muito tempo. Se meu irmão quiser ir junto, tudo bem.

Eles a seguiram sob as copas das árvores, os pés fazendo as folhas estalarem. Com tanta folhagem, era fácil esquecer que estavam no meio de uma cidade enorme. Os sons de homens gritando e de cascos com ferraduras batendo nos paralelepípedos estavam distantes, e não era possível ver ou cheirar a fumaça ali. Os terrisanos se esforçavam muito para manter sua parte da cidade tranquila, silenciosa e pacífica.

Waxillium deveria amar aquilo.

O grupo de cinco jovens logo se aproximou do Salão do Sínodo, onde os anciãos terrisanos mais importantes tinham seus escritórios. Telsin acenou para que o grupo esperasse enquanto ela corria até uma janela específica para escutar o que acontecia lá dentro. Waxillium se viu olhando ao redor, ansioso. A noite chegava, a floresta ficava escura, mas *qualquer um* podia passar por ali e flagrá-los.

Não se preocupe tanto, disse a si mesmo. Ele precisava participar das travessuras deles, como a irmã fazia. Então o veriam como um deles. Certo?

Suor escorria pelas laterais do seu rosto. Perto, Kwashim se apoiava numa árvore, totalmente despreocupada, um sorriso debochado brotando em seus lábios ao notar como ele estava nervoso. Forch permanecia nas sombras, sem se agachar, mas, *ferrugem!*, com toda a emoção que demonstrava, ele poderia muito bem ser uma das árvores. Waxillium encontrou os olhos grandes de Idashwy, que enrubesceu, desviando o olhar.

Telsin se esgueirou de volta até eles.

— Ela está lá dentro.

— Aquele é o escritório da nossa avó — disse Waxillium.

— Claro que é — concordou Telsin. — E ela foi chamada ao escritório por causa de uma emergência. Certo, Idashwy?

A garota calada anuiu.

— Eu vi a anciã Vwafendal passar correndo pela minha sala de meditação.

Kwashim sorriu.

— Então ela não estará vigiando.

— Vigiando o quê? — perguntou Waxillium.

— O Portão de Estanho — respondeu Kwashim. — Podemos sair para a cidade. Vai ser mais fácil dessa vez!

— Dessa vez? — reagiu Waxillium, olhando para Kwashim e depois para a irmã, horrorizado. — Vocês já fizeram isso *antes*?

— Claro — respondeu Telsin. — É difícil conseguir uma bebida boa na aldeia. Mas há ótimos pubs a duas ruas daqui.

— Você é *de fora* — disse Forch ao se aproximar dele. Falava lenta e deliberadamente, como se cada palavra exigisse consideração distinta. — Por que deveria se importar se saímos? Olhe, você está tremendo. Do que tem medo? Você passou a maior parte da vida lá fora.

Você é de fora, disse Forch. Por que sua irmã sempre conseguia se enturmar em qualquer grupo? Por que ele sempre tinha que ficar de fora?

— Não estou tremendo — retrucou Waxillium. — Só não quero me meter em apuros.

— Ele *vai* nos entregar — insistiu Kwashim.

— Não vou — devolveu Waxillium. *Pelo menos não por isso*, pensou.

— Vamos — disse Telsin, liderando o bando pela floresta até o Portão de Estanho, um nome elegante para algo que, na verdade, era apenas outra rua, embora tivesse um arco de pedra com gravações dos antigos símbolos terrisanos para os dezesseis metais.

Além dele havia um mundo diferente. Luminárias a gás brilhantes ao longo das ruas, meninos que vendiam jornais se arrastando para casa à noite com exemplares não vendidos debaixo dos braços, operários indo aos pubs agitados para beber algo. Na verdade, ele nunca conhecera aquele mundo; crescera numa mansão luxuosa, cheia de roupas finas, caviar e vinho.

Algo naquela vida simples o atraía. Talvez encontrasse *aquilo* ali. A coisa que ele nunca descobrira. A coisa que todos os outros pareciam ter, mas que ele não conseguia sequer identificar.

Os outros quatro jovens escaparam rapidamente, passando pela construção com janelas ensombrecidas onde Waxillium e a avó de Telsin normalmente estariam lendo àquela hora da noite. Os terrisanos não colocavam guardas nas entradas de seu domínio, mas *certamente* vigiavam.

Waxillium não foi, não ainda. Olhou para baixo, enrolando as mangas da túnica para expor os braceletes que usava como mentes de metal.

— Você vem? — chamou Telsin.

Ele não respondeu.

— Claro que não. Você nunca quer correr o risco de ter problemas.

Ela liderou Forch e Kwashim para fora, mas, surpreendentemente, Idashwy ficou para trás. A garota calada olhou para ele, inquisitiva.

Eu consigo fazer isso, pensou Waxillium. *Não é nada de mais*. Com a provocação da irmã soando em seus ouvidos, ele se obrigou a avançar e se juntou a Idashwy. Sentia-se mal, mas ficou ao lado dela, apreciando seu sorriso tímido.

— Então, qual foi a emergência? — perguntou a Idashwy.

— Ahn?

— A emergência que exigiu a presença da minha avó?

Idashwy deu de ombros, tirando a túnica terrisana, chocando-o brevemente até que visse que, por baixo, ela vestia saia e blusa convencionais. Ela jogou a túnica nos arbustos.

— Não sei bem. Vi sua avó correndo para o Salão do Sínodo e ouvi Tathed perguntando sobre o que tinha acontecido. Alguma espécie de crise. Estávamos

planejando escapulir esta noite, então imaginei, sabe, que este seria um bom momento.

— Mas a emergência… — insistiu Waxillium, olhando por cima do ombro.

— Alguma coisa sobre um capitão da polícia vindo interrogá-la — respondeu Idashwy.

Um *policial*?

— Vamos, Asinthew — disse ela, tomando sua mão. — Sua avó provavelmente se livrará logo daquele intruso. Já pode estar voltando para cá!

Ele ficou paralisado onde estava.

Idashwy o encarou. Aqueles olhos castanhos animados tornavam difícil pensar.

— Vamos — insistiu ela. — Escapulir não é nem mesmo uma infração. Você não *viveu* lá fora durante catorze anos?

Ferrugem!

— Eu tenho que ir — disse ele, virando-se para correr de volta para a floresta.

Idashwy ficou parada enquanto ele a deixava. Waxillium entrou no bosque, correndo na direção do Salão do Sínodo. *Você sabe que agora ela achará que você* é *um covarde*, pensou parte dele. *Todos acharão*.

Waxillium agachou-se do lado de fora da janela do escritório da avó, com o coração acelerado. Ele se colou na parede e, sim, *conseguia* ouvir algo pela janela aberta.

— Nós mesmos nos policiamos, capitão — disse a avó Vwafendal do lado de dentro. — Você sabe disso.

Waxillium ousou se erguer, espiando pela janela e vendo a avó sentada à sua escrivaninha, um retrato da retidão terrisana, cabelo trançado e túnica imaculada.

O homem em pé na frente dela mantinha o chapéu de policial sob o braço em sinal de respeito. Era um homem mais velho, com bigode comprido, e a insígnia no peito o identificava como capitão e detetive. Alta patente. Importante.

Isso!, pensou Waxillium, procurando suas anotações no bolso.

— Os terrisanos se policiam porque raramente precisam de policiamento — disse o capitão.

— E não precisam agora.

— Meu informante…

— Então agora o senhor tem um informante? — reagiu a avó. — Achei que

havia sido uma dica anônima.

— Anônima, sim — retrucou o policial, colocando uma folha de papel na mesa. — Mas considero isto mais que apenas uma “dica”.

A avó de Waxillium pegou a folha. Ele sabia o que dizia. Para começo de conversa, ele a enviara aos policiais, juntamente com uma carta.

Uma camisa cheirando a fumaça pendurada atrás da porta.

Botas enlameadas que correspondem ao tamanho das pegadas deixadas do lado de fora do prédio incendiado.

Frascos de óleo na arca sob a cama.

A lista continha uma dúzia de pistas apontando Forch como aquele que destruíra o salão de jantar num incêndio no começo do mês. Waxillium ficou empolgado ao ver que os policiais haviam levado a sério suas descobertas.

— Perturbador, mas não vejo nada nesta lista que lhe dê o direito de se imiscuir em nossos domínios, capitão — disse a avó.

O policial se inclinou para apoiar as mãos na beirada da escrivaninha, confrontando-a.

— Você não foi tão rápida em recusar nossa ajuda quando enviamos uma brigada de incêndio para apagar o fogo.

— Sempre aceitarei ajuda para salvar vidas — retrucou a avó. — Mas não preciso de ajuda para trancá-las. Obrigada.

— É porque esse Forch é um Duplonato? Tem medo dos seus poderes?

Ela o olhou com desprezo.

— Anciã — continuou ele, respirando fundo. — A senhora tem um criminoso entre vocês…

— *Se* tivermos, lidaremos nós mesmos com o indivíduo — disse ela. — Visitei as casas de sofrimento e destruição que vocês chamam de prisões, capitão. Não terei um dos meus confinado nelas com base em boataria e em fantasias anônimas enviadas pelo correio.

O policial suspirou e se empertigou novamente. Colocou algo novo em cima da escrivaninha, causando um estalo. Waxillium semicerrou os olhos para ver melhor, mas o policial cobria o objeto com a mão.

— O quanto sabe sobre incêndios criminosos, anciã? — perguntou o policial suavemente. — Com frequência, é o que chamamos de crime associado e descobre-se que o fogo foi usado para encobrir um roubo, para perpetrar uma

fraude ou como um ato inicial de agressão. Num caso como esse, o incêndio é comumente apenas um alerta. Na melhor das hipóteses, você tem um incendiário esperando para queimar novamente. Na pior… Bem, alguma coisa maior vai acontecer, anciã. Algo que todos vocês lamentarão.

Os lábios da avó formaram uma linha. O policial recolheu a mão, revelando o que colocara sobre a escrivaninha. Uma bala.

— O que é isto? — perguntou a avó.

— Um lembrete.

A avó a jogou para fora da mesa com um tapa, fazendo com que batesse na parede perto da janela. Waxillium deu um pulo para trás e se agachou mais, com o coração batendo forte.

— Não traga seus instrumentos de morte para este lugar — sibilou a avó.

Waxillium voltou à janela a tempo de ver o policial colocando o chapéu.

— Quando aquele garoto queimar alguma coisa novamente, mande me chamar — disse ele. — Com sorte, não será tarde demais. Boa noite.

Ele saiu sem dizer mais nada. Waxillium se encolheu contra a lateral do prédio, com medo de que o policial olhasse para trás e o visse. Isso não aconteceu. O homem saiu marchando pela calçada.

Mas a avó… Ela não acreditara. Será que não conseguia ver? Forch cometera um crime. Eles iriam deixá-lo em paz? Por que…

— Asinthew — disse a avó, usando o nome terrisano de Waxillium, como sempre fazia. — Poderia juntar-se a mim, por favor?

Ele imediatamente sentiu uma pontada de preocupação, seguida por vergonha. Levantou-se.

— Como soube? — perguntou, pela janela.

— O reflexo no meu espelho, criança — disse ela, segurando uma xícara de chá com as duas mãos, sem olhar para ele. — Obedeça. Por favor.

Ressentido, ele contornou o prédio e passou lentamente pelas portas da frente do salão de madeira. O lugar inteiro cheirava ao verniz que ele recentemente ajudara a aplicar. Ainda tinha partes da coisa sob as unhas.

Entrou na sala e fechou a porta.

— Por que a senhora…

— Por favor, sente-se, Asinthew — disse ela suavemente.

Ele caminhou até a escrivaninha, mas não ocupou a cadeira de visitas.

Permaneceu de pé onde o policial estivera.

— Sua caligrafia — disse a avó, tocando no papel que o policial deixara. — Eu não lhe disse que o assunto relativo a Forch estava sob controle?

— A senhora diz muitas coisas, avó. Acredito quando vejo provas.

Vwafendal se inclinou para a frente, o vapor subindo da xícara em suas mãos.

— Ah, Asinthew, pensei que você estava determinado a se encaixar aqui.

— Estou.

— Então por que estava escutando junto à minha janela em vez de fazer sua meditação noturna?

Ele desviou os olhos, enrubescendo.

— O modo de vida terrisano prioriza a *ordem*, criança — disse a avó. — Temos regras por uma razão.

— E queimar prédios não é contra as regras?

— *Claro* que é — respondeu a avó. — Mas Forch não é responsabilidade sua. Nós falamos com ele. Ele está em penitência. Seu crime foi o de um jovem desorientado que passa tempo demais sozinho. Pedi a alguns dos outros que fizessem amizade com ele. Ele *vai* se penitenciar por seu crime, mas do nosso modo. Você preferiria vê-lo apodrecer na prisão?

Waxillium hesitou e depois suspirou, deixando-se cair na cadeira diante da escrivaninha da avó.

— Quero descobrir o que é certo e fazer isso — sussurrou ele. — Por que é tão difícil?

A avó franziu a testa.

— É fácil descobrir o que é certo e o que é errado, criança. Admito que sempre *escolher* fazer o que você sabe que deveria fazer é…

— Não — disse Waxillium, mas depois se encolheu. Não era sábio interromper a avó V. Ela nunca berrava, mas sua desaprovação podia ser sentida tão claramente quanto uma tempestade iminente. Ele continuou mais delicadamente: — Não, avó. Descobrir o que é certo *não* é fácil.

— Está escrito em nosso modo de vida. É ensinado todos os dias em suas aulas.

— Essa é uma voz, uma filosofia — retrucou Waxillium. — Há tantas…

A avó esticou as mãos sobre a escrivaninha e tomou as dele. Sua pele estava quente por causa da xícara de chá.

— Ah, Asinthew… Entendo como deve ser difícil para você. Uma criança de dois mundos.

Dois mundos, pensou ele imediatamente, *mas nenhum lar*.

— Mas você precisa prestar atenção ao que lhe é ensinado — continuou a avó. — Você me prometeu que iria obedecer às nossas regras enquanto estivesse aqui.

— Tenho tentado.

— Eu sei. Ouço bons relatos de Tellingdwar e seus outros instrutores. Dizem que você aprende o material melhor que qualquer um, que é como se tivesse passado a vida inteira aqui! Sinto orgulho do seu esforço.

— Os outros garotos não me aceitam. Tentei fazer como a senhora disse, ser *mais* terrisano que qualquer um, *provar* meu sangue a eles. Mas os garotos… Nunca serei um deles, avó.

— "Nunca" é uma palavra que os jovens usam com frequência, mas raramente entendem — disse a avó, bebericando seu chá. — Deixe que as regras se tornem seu guia. Nelas você encontrará a paz. Se alguns se ressentem por causa de seu zelo, que seja. No fim, por intermédio da meditação, eles aplacarão essas emoções.

— A senhora poderia… talvez ordenar que alguns dos outros sejam meus amigos? — pediu ele, envergonhado de como soava fraco ao dizer essas palavras. — Como fez com Forch?

— Verei — disse a avó. — Agora, saia daqui. Não vou relatar essa indiscrição, Asinthew, mas, por favor, me prometa que vai colocar de lado essa obsessão com Forch e deixará a punição dos outros a cargo do Sínodo.

Waxillium se moveu para levantar, e seu pé escorregou em algo. Ele se abaixou. *A bala*.

— Asinthew? — chamou a avó.

Ele escondeu a bala no punho enquanto se empertigava e depois passou pela porta, apressado.

— O metal é sua vida — disse Tellingdwar na parte da frente da cabana, chegando ao fim da recitação noturna.

Waxillium meditava ajoelhado, prestando atenção às palavras. Ao redor dele, filas de terrisanos em paz estavam igualmente curvados em reverência, louvando Preservação, o antigo deus de sua fé.

— O metal é sua alma — disse Tellingdwar.

Tanta coisa era perfeita naquele mundo tranquilo. Por que Waxillium sentia que viver ali exigia um grande esforço? Que todos ali eram parte de uma grande tela em branco na qual ele era uma mancha?

— Você nos preserva, e por isso seremos seus — disse Tellingdwar.

Uma bala, pensou Waxillium, o pedaço de metal ainda preso na palma de sua mão. *Por que ele deixou uma bala como lembrete? O que isso significa?* Parecia um símbolo estranho.

Lição terminada, jovens, crianças e adultos se levantaram e se espreguiçaram. Houve alguma interação jovial, mas era quase hora do toque de recolher: o grupo mais jovem tinha que ir para casa — ou, no caso de Waxillium, para o dormitório. De qualquer modo, ele permaneceu ajoelhado.

Tellingdwar começou a recolher os tapetes que as pessoas tinham usado. Ele mantinha a cabeça raspada; sua túnica era de tons amarelos e laranja brilhantes. Com os braços carregados de tapetes, ele parou ao notar que Waxillium não partira com os outros.

— Asinthew? Você está bem?

Waxillium anuiu, cansado, colocando-se de pé, as pernas dormentes depois de tanto tempo ajoelhado. Arrastou-se até a saída, onde parou.

— Tellingdwar?

— Sim, Asinthew?

— Alguma vez houve um crime violento na Vila?

O mordomo baixo ficou paralisado, aumentando a força com que apertava os tapetes.

— O que o leva a perguntar isso?

— Curiosidade.

— Não precisa se preocupar. Isso foi há muito tempo.

— *O que* foi há muito tempo?

Tellingdwar recolheu os tapetes remanescentes, movendo-se mais rapidamente que antes. Talvez alguma outra pessoa tivesse evitado a pergunta, mas Tellingdwar era o mais sincero possível. Uma virtude terrisana clássica — aos seus olhos, evitar uma pergunta seria tão ruim quanto mentir.

— Não fico surpreso que ainda estejam cochichando sobre isso — comentou Tellingdwar. — Suponho que quinze anos não conseguem lavar aquele sangue. Contudo, os boatos estão errados. Apenas uma pessoa foi morta. Uma mulher,

pela mão do marido. Ambos terrisanos — disse ele. Depois, hesitou. — Eu os conhecia.

— Como ele a matou?

— Você precisa saber isso?

— Bem, os boatos…

Tellingdwar suspirou.

— Com uma arma de fogo. Uma arma que veio de fora. Não sabemos onde ele a conseguiu — contou Tellingdwar, balançando a cabeça e jogando os tapetes numa pilha num dos lados da sala. — Acho que não deveríamos ter ficado surpresos. Os homens são iguais em toda parte, Asinthew. Você precisa se lembrar disso. Não se ache melhor que outro porque veste a túnica.

Era de esperar que Tellingdwar transformasse qualquer conversa numa lição. Waxillium anuiu para ele e saiu para a noite. O céu rugia acima, anunciando chuva, mas ainda não havia bruma.

Os homens são iguais em toda parte, Asinthew… Então qual era o objetivo de tudo o que lhe ensinavam ali? Se não podia impedir os homens de agirem como monstros?

Ele chegou ao dormitório dos meninos, que estava silencioso. Passara pouco do toque de recolher, e Waxillium teve que baixar a cabeça num pedido de desculpas ao inspetor antes de percorrer o corredor rapidamente e chegar ao seu quarto no térreo. O pai de Waxillium insistira que recebesse um quarto individual em função de sua origem nobre. Isso servira apenas para afastá-lo dos outros.

Tirou a túnica e abriu seu armário. Suas antigas roupas estavam penduradas lá. A chuva começou a bater na janela enquanto vestia calças e uma camisa de botões, que achava mais confortáveis que a túnica horrenda. Ajustou a luminária e se sentou em seu catre, abrindo um livro para um pouco de leitura noturna.

Do lado de fora, o céu roncava como uma barriga vazia. Waxillium tentou ler durante alguns minutos, mas depois jogou o livro de lado, quase derrubando a luminária, e se levantou. Foi até a janela e observou a água escorrendo. Ela descia em bocados e colunas, por causa da densa cobertura de folhas. Esticou a mão e apagou a luminária.

Encarou a chuva enquanto pensamentos tomavam sua cabeça. Logo teria que tomar uma decisão. O acordo entre sua avó e seus pais determinava que Waxillium passasse um ano na Vila, e restava apenas um mês. Depois disso

caberia a ele escolher permanecer ou partir.

O que o aguardava do lado de fora? Toalhas de mesa brancas, pessoas pretensiosas com sotaques nasais e política.

O que o aguardava ali? Salas silenciosas, meditação e tédio.

Uma vida que ele detestava ou uma vida de repetições anestesiantes. Dia após dia após dia… E…

O que era aquilo se movendo entre as árvores?

Waxillium se empertigou, colando o rosto ao vidro frio. Aquilo *era* alguém se esgueirando pela floresta molhada, uma figura sombreada, de altura e postura familiares, curvada e carregando um saco nos ombros. Forch olhou na direção do dormitório e depois continuou noite adentro.

Então tinham voltado. Fora mais rápido do que ele esperara. Qual seria o plano de Telsin para entrar nos dormitórios? Passar pelas janelas e depois alegar que tinham entrado antes do toque de recolher e que simplesmente o mestre do dormitório não as vira entrar?

Waxillium esperou, imaginando se também veria as três garotas, mas não viu mais nada. Apenas Forch, desaparecendo nas sombras. Para onde estava indo?

Outro incêndio, pensou Waxillium imediatamente. Mas Forch não faria isso naquela chuva, faria?

Waxillium deu uma olhada no relógio que tiquetaqueava silenciosamente na parede. Uma hora desde o toque de recolher. Não se dera conta de que passara tanto tempo olhando para a chuva.

Forch não é problema meu, disse a si mesmo com firmeza. Voltou a deitar na cama, mas logo se viu andando de um lado para outro, escutando a chuva, ansioso, incapaz de impedir o corpo de se mexer.

Toque de recolher…

Deixe que as regras se tornem seu guia. Nelas você encontrará a paz.

Ele parou ao lado da janela. Depois a abriu e pulou para fora, afundando os pés descalços no terreno molhado e enlameado. Avançou rápido, rios de chuva batendo em sua cabeça, escorregando pelas costas da camisa. Para que lado Forch tinha ido?

Ele fez uma escolha, passando por árvores enormes que eram como monólitos cinzelados. A velocidade da chuva e a água correndo afogavam tudo. Uma pegada de bota na lama, perto de um tronco de árvore, indicou que ele estava no caminho certo, mas teve que se agachar para ver. Ferrugem! Estava ficando

escuro.

Para onde agora? Waxillium se virou. *Ali*, pensou. *Depósito*. Era um antigo dormitório, agora desocupado, onde os terrisanos guardavam móveis e tapetes. Seria um alvo perfeito para um incêndio criminoso, certo? Muitas coisas lá dentro para queimar, e ninguém esperaria isso naquela chuva.

Mas a avó tinha falado com ele, pensou Waxillium, avançando aos tropeços pela chuva, os pés frios levantando folhas caídas e musgo. *Saberão que foi ele*. Ele não ligava? Ele estava *tentando* se meter em apuros?

Waxillium chegou ao antigo dormitório, uma massa escura de três andares na noite já escura, com jorros de água escorrendo dos beirais. Waxillium testou a porta, que estava destrancada, claro, afinal, estavam na Vila. Ele se esgueirou para dentro.

Lá. Uma poça de água no piso. Alguém *tinha* entrado ali recentemente. Ele avançou, agachado, tocando uma pegada após outra até chegar à escada. Subiu um lance, depois outro. O que havia lá em cima? Chegou ao último andar e viu uma luz à frente. Avançou lentamente por um corredor coberto por um tapete no centro, aproximando-se do que se revelou uma vela tremeluzente colocada sobre uma mesa num pequeno quarto abarrotado de móveis e com pesadas cortinas escuras nas paredes.

Waxillium se adiantou até a vela. Ela se agitava, frágil e solitária. Por que Forch a deixara ali? O que estava…

Algo pesado atingiu as costas de Waxillium. Ele perdeu o ar, sendo lançado à frente pelo golpe e caindo em cima de duas cadeiras empilhadas. Botas bateram com força no chão atrás dele. Waxillium conseguiu se jogar para o lado, rolando no chão enquanto Forch batia com uma velha trave de madeira nas cadeiras, quebrando-as.

Waxillium se colocou de pé, os ombros latejando. Forch se virou para ele, com o rosto totalmente nas sombras.

Waxillium recuou.

— Forch! Está tudo bem. Só quero conversar. — Ele fez uma careta quando suas costas bateram na parede. — Você não precisa…

Forch foi até ele brandindo a trave. Waxillium berrou e se lançou na direção do corredor.

— Socorro! — gritou enquanto Forch o perseguia. — *Socorro!*

Waxillium planejava ir para a escada, mas estava correndo na direção

contrária. Jogou o ombro contra uma porta no fim do corredor. Isso o levaria à sala de reuniões do último andar, caso o dormitório tivesse o mesmo projeto do seu. E talvez a outra escada?

Waxillium passou pela porta e chegou a uma sala mais iluminada. Mesas velhas empilhadas umas sobre as outras cercavam um espaço aberto no centro, como uma plateia e um palco.

Lá, no centro e iluminado por uma dúzia de velas, um menino de talvez cinco anos estava amarrado a uma tábua de madeira colocada entre duas mesas. Sua camisa fora cortada e estava jogada no chão. Seus gritos eram abafados por uma mordaça, e ele lutava fracamente contra as amarras.

Waxillium parou de repente, observando o menino, uma fila de lâminas reluzentes colocadas numa mesa próxima, o sangue escorrendo de cortes no peito do garoto.

— Ah, que inferno — sussurrou Waxillium.

Forch entrou atrás dele e fechou a porta com um clique.

— Ah, que *inferno* — repetiu Waxillium, virando-se, com os olhos arregalados. — Forch, o que há de errado com você?

— Não sei — disse o jovem suavemente. — Só preciso ver o que tem do lado de dentro. Entende?

— Você escapou com as meninas para ter um álibi — disse Waxillium. — Se seu quarto for encontrado vazio, você dirá que escapou com elas. Uma infração menor para esconder seu verdadeiro crime. Ferrugem! Minha irmã e as outras não sabem que você voltou, sabem? Elas estão lá fora, bêbadas, e nem sequer lembram que você foi embora. Elas vão jurar que estava…

Waxillium parou de falar quando Forch olhou para cima, os olhos refletindo a luz das velas, o rosto sem expressão. Ergueu um punhado de pregos.

Isso mesmo. Forch é um…

Waxillium gritou, jogando-se na direção de uma pilha de móveis enquanto pregos disparavam da mão de Forch, *empurrados* pela sua Alomancia. Eles voaram com força, batendo em mesas de madeira, em pés de cadeiras e no piso. Uma dor repentina queimou no braço de Wax enquanto ele engatinhava para trás.

Ele gritou, agarrando o braço e buscando proteção. Um dos pregos arrancara um pedaço da carne perto do cotovelo.

Metal. Ele precisava de *metal*.

Meses tinham se passado desde que ele queimara metal. A avó queria que ele abraçasse seu lado terrisano. Ele ergueu os braços e os encontrou sem nada. Seus braceletes…

No seu quarto, idiota, pensou Waxillium. Ele procurou no bolso da calça. Ele sempre costumava ter…

Uma pequena bolsa com flocos de metal. Pegou-a enquanto se afastava desajeitadamente de Forch, que jogava de lado mesas e cadeiras para chegar a ele. Ao fundo, a criança presa choramingava.

Os dedos de Waxillium tremiam enquanto ele tentava abrir o embrulho de flocos de metal, que de repente saltou dos seus dedos e disparou pela sala. Ele se virou para Forch, desesperado, bem a tempo de vê-lo pegar uma barra de metal sobre uma mesa e arremessá-la.

Waxillium tentou se agachar. Lento demais. A barra, *empurrada* pelo aço, bateu em seu peito, jogando-o para trás. Forch grunhiu, cambaleando. Ele não era experiente com a Alomancia e não se preparara corretamente. Seu *empurrão* o jogou para trás tanto quanto arremessou Waxillium.

Ainda assim, Waxillium bateu na parede com um grunhido e sentiu algo *quebrar* dentro dele. Engasgou, a visão escurecendo enquanto caía de joelhos. A sala girava.

A bolsa. Pegue a bolsa!

Ele procurou no chão ao redor, frenético, mal conseguindo pensar. Precisava daquele metal! Seus dedos ensanguentados rasparam nela. Ansioso, agarrou-a e abriu a tampa de pano. Virou a cabeça para trás para jogar os flocos na boca.

Uma sombra surgiu sobre ele e o chutou na barriga. O osso quebrado dentro de Waxillium cedeu, e ele gritou, mal tendo jogado uma pitada de metal na boca. Forch arrancou a bolsa de sua mão, espalhando os flocos, e depois o ergueu.

O jovem parecia mais corpulento do que deveria. Estava drenando uma mente de metal. Uma parte frenética do cérebro de Waxillium tentou *empurrar* os braceletes de Forch, mas mentes de metal feruquêmicas eram reconhecidamente difíceis de afetar com Alomancia. Seu *empurrão* não foi forte o suficiente.

Forch passou Waxillium pela janela aberta, suspendendo-o pelo pescoço. A chuva caía sobre Waxillium, que lutava para respirar.

— Por favor… Forch…

Forch o soltou.

Waxillium caiu com a chuva, passando pelos galhos de um bordo e

espalhando folhas molhadas.

O aço queimou dentro dele, emitindo linhas azuis desde seu peito até fontes de metal próximas. Todas acima, nenhuma abaixo. Nada a *empurrar* para se salvar.

A não ser uma no bolso de sua calça.

Waxillium *empurrou*, desesperado, enquanto rodopiava no ar. O aço atravessou o bolso, desceu pela perna e raspou em seu pé antes de ser cravado no chão pelo seu peso. Waxillium deu um solavanco no ar, desacelerando assim que o pedaço de metal tocou o solo.

Ele bateu na calçada encharcada com os pés, a dor subindo pelas pernas. Caiu no chão e se viu confuso, mas vivo. Seu *empurrão* o salvara.

Caía chuva em seu rosto. Ele esperou, mas Forch não desceu para acabar com ele. O jovem fechara as venezianas, talvez temendo que alguém visse a luz de suas velas.

Todas as partes do corpo de Waxillium doíam. Os ombros pelo primeiro golpe, as pernas pela queda, o peito pela barra. Quantas costelas ele havia quebrado? Ficou caído ali na chuva, tossindo, antes de finalmente rolar o corpo para encontrar o pedaço de metal que salvara sua vida. Encontrou-o facilmente seguindo sua linha alomântica e cavou a lama, tirando algo e erguendo.

A bala do policial. A chuva lavou sua mão, limpando o metal. Ele nem sequer se lembrava de tê-la enfiado no bolso.

Num caso como esse, o incêndio é comumente apenas um alerta…

Ele precisava conseguir ajuda. Mas o garoto lá em cima já estava sangrando. As facas estavam expostas.

Alguma coisa maior vai acontecer, anciã. Algo que todos vocês lamentarão.

De repente, Waxillium odiou Forch. Aquele lugar era perfeito, sereno. Bonito. A escuridão não deveria existir ali. Se Waxillium era uma mancha na tela branca, aquele homem era um poço de pura escuridão.

Waxillium gritou, ficando de pé e se lançando pela porta de trás para dentro do prédio antigo. Subiu os dois lances cambaleando numa névoa de dor antes de escancarar a porta da sala de reuniões. Forch estava de pé em cima da criança que chorava, com uma faca ensanguentada na mão. Virou a cabeça lentamente, mostrando a Waxillium um olho, metade do rosto.

Waxillium lançou a bala solitária para cima entre eles, o cartucho reluzindo à luz das velas, e *empurrou* com toda a força. Forch se virou e *empurrou* de volta.

A reação foi imediata. A bala parou em pleno ar, a centímetros do rosto de

Forch. Os dois foram lançados para trás, mas Forch se segurou em algumas mesas, permanecendo firme. Waxillium foi jogado contra a parede ao lado do corredor.

Forch sorriu, e seus músculos incharam com a força extraída da mente de metal. Puxou a barra que estava na mesa de facas e arremessou-a contra Waxillium, que gritou, *empurrando-a* para impedi-la de esmagá-lo.

Ele não era forte o suficiente. Forch continuou a *empurrar*, e Waxillium tinha pouco aço. A barra deslizou para a frente no ar, pressionando o peito de Waxillium, apertando-o contra a parede.

O tempo parou. Uma bala parada à frente de Forch, a luta principal pela barra que, pouco a pouco, esmagava Waxillium. Seu peito ardeu de dor, e um grito escapou de seus lábios.

Ele ia morrer ali.

Só quero fazer o que é certo. Por que é tão difícil?

Forch se adiantou, sorrindo.

Os olhos de Waxillium estavam fixos naquela bala, com um brilho dourado. Ele não conseguia respirar. Mas aquela bala…

O metal é sua vida.

Uma bala. Três partes de metal. A ponta.

O metal é sua alma.

O cartucho.

Você nos preserva…

E a espoleta no fundo. O ponto que o percussor atingiria.

Nesse momento, aos olhos de Waxillium, a bala se dividiu em três linhas, três partes. Ele *empurrava* todas ao mesmo tempo. E então, enquanto a barra o esmagava, ele parou de *empurrar* duas linhas.

E *empurrou* com força a espoleta atrás.

A bala explodiu. O cartucho rodopiou para trás no ar, *empurrado* pela Alomancia de Forch, enquanto a bala em si disparava para a frente, intocada, antes de se cravar no crânio de Forch.

Waxillium caiu no chão, e a barra foi empurrada para longe. Caiu como uma trouxa, arfando, a água da chuva escorrendo de seu rosto para o piso de madeira.

Confuso, ouviu vozes abaixo. Pessoas finalmente respondendo aos gritos e, depois, ao som de um disparo. Ele se obrigou a ficar de pé e mancou pela sala,

ignorando as vozes de homens e mulheres terrisanos que subiam os degraus. Chegou à criança e soltou as tiras, libertando-a. Contudo, em vez de sair correndo com medo, o garotinho agarrou a perna de Waxillium e apertou com força, chorando.

Pessoas entraram na sala. Waxillium se agachou, pegando o cartucho da bala no chão molhado. Então, levantou-se e as encarou. Tellingdwar. Sua avó. Os anciões. Ele registrou seu horror, e naquele momento soube que o odiariam por ter levado violência à Vila.

Que o odiariam por ele ter estado certo.

Ele ficou de pé ao lado do cadáver de Forch e fechou a mão ao redor do cartucho da bala, apoiando a outra mão na cabeça da criança trêmula.

— Vou encontrar meu próprio caminho — sussurrou.

Vinte e oito anos depois

A porta do esconderijo bateu na parede oposta, produzindo uma explosão de poeira. Um muro de brumas cercou o homem que a abrira com um chute, marcando sua silhueta: um casaco de bruma, as tiras agitadas pelo movimento, uma escopeta de combate erguida ao lado.

— Fogo! — gritou Migs.

Os sujeitos dispararam. Oito homens, armados até os dentes, atiraram contra a figura nas sombras por trás da barricada armada dentro do velho pub. Balas enxamearam como insetos, mas se *desviaram* do homem de casaco comprido. Elas acertaram a parede, fazendo buracos na porta e lascando o batente. Elas abriram trilhas pela bruma invasora, mas o homem da lei, vestido de preto na penumbra, nem sequer se encolheu.

Migs disparou um tiro atrás do outro, desesperado. Esvaziou uma pistola, depois outra, e a seguir apoiou o rifle no ombro e disparou o mais rápido que conseguia engatilhar. Como eles tinham chegado ali? Ferrugem, como aquilo tinha *acontecido*? Não deveria ter sido assim.

— É inútil! — gritou um dos sujeitos. — Ele vai matar todos nós, Migs!

— Por que você está parado aí? — gritou Migs para o homem da lei. — Comece! — ordenou, disparando mais duas vezes. — O que há de errado com você?

— Talvez ele esteja nos distraindo para que o parceiro dele possa se esgueirar por trás de nós — disse um dos sujeitos.

— Ei, isso…

Migs hesitou, olhando para o homem que tinha falado. Rosto redondo. Chapéu redondo e simples de cocheiro, como um chapéu-coco, só que mais reto no alto. Quem era mesmo aquele homem? Ele contou seu pessoal.

Nove?

O sujeito ao lado de Migs sorriu, inclinou o chapéu e lhe deu um soco no rosto.

Foi perturbadoramente rápido. O camarada de chapéu de cocheiro derrubou Slink e Guillian em um piscar de olhos. Então, de repente, ele estava mais perto dos dois mais distantes, batendo neles com um par de bastões de duelo. Quando Migs se virou, procurando a arma que tinha largado, o homem da lei saltou a

barricada, com as tiras do casaco voando, e chutou o queixo de Drawers. Então girou, apontando a escopeta para os homens do outro lado.

Eles largaram as armas. Migs se ajoelhou, suando, ao lado de uma mesa virada. Esperou pelos disparos.

Eles não vieram.

— Tudo pronto para você, capitão! — gritou o homem da lei. Um grupo de policiais passou correndo pela entrada do pub, perturbando as brumas. De qualquer modo, a luz matinal já começava a dissipá-las. Ferrugem, eles realmente tinham passado a noite inteira ali?

O homem da lei baixou sua arma na direção de Migs.

— Talvez você queira largar essa arma, amigo — disse ele, em tom de conversa.

Migs hesitou.

— Simplesmente atire em mim, homem da lei. Estou envolvido demais.

— Você atirou em dois policiais — disse o homem, com o dedo no gatilho. — Mas eles vão sobreviver, filho. Você não vai ser enforcado, se eu puder evitar. Largue a arma.

Eles tinham dito essas mesmas palavras antes, quando estavam do lado de fora. Dessa vez, Migs se viu acreditando neles.

— Por quê? — perguntou ele. — Você poderia ter matado todos nós sem nem mesmo suar. *Por quê?*

— Porque, francamente, não vale a pena matá-lo — disse o homem da lei. Sorriu de um modo amistoso. — Já tenho o suficiente na minha consciência. Largue a arma. Vamos resolver isto.

Migs largou a arma e se levantou. Acenou para Drawers, que se erguia com a arma na mão. Relutante, o homem também largou sua arma.

O homem da lei se virou, subindo no topo da barricada com um salto alomântico, e enfiou a escopeta encurtada num coldre na perna. O homem mais jovem, de chapéu de cocheiro, juntou-se a ele, assoviando suavemente. Parecia ter apanhado a faca preferida de Guillian, cujo cabo de marfim se projetava do seu bolso.

— Eles são seus, capitão — disse o homem da lei.

— Não vai ficar para o fichamento, Wax? — perguntou o capitão de polícia, virando-se.

— Infelizmente, não. Tenho que ir a um casamento.

— Quem vai se casar?

— Receio que eu mesmo.

— Você veio a uma operação na manhã do seu *casamento*? — retrucou o capitão.

O homem da lei, Waxillium Ladrian, parou no umbral.

— Em minha defesa, não foi ideia minha.

Ele anuiu novamente para os policiais reunidos e os membros da gangue e saiu para as brumas.



PRIMEIRA PARTE



1



Waxillium Ladrian desceu depressa os degraus do lado de fora do pub transformado em esconderijo, passando por policiais com uniformes marrons que iam de um lado para outro. As brumas já estavam evaporando, a alvorada marcando o fim de sua vigília. Ele verificou o braço, onde uma bala abrira um buraco considerável no punho da camisa e saíra pela lateral do paletó. Ele sentira aquela passando rente à pele.

— Olá — disse Wayne, acelerando o passo até ele. — Foi um bom plano, hein?

— O mesmo plano que você sempre tem — disse Wax. — Aquele em que eu sou o alvo.

— Não é minha culpa que as pessoas gostem de atirar em você, meu chapa — disse Wayne enquanto chegavam à carruagem. — Você deveria estar feliz. Está usando seus talentos, como as minhas avós sempre disseram que um homem deve fazer.

— Eu preferiria que “atirabilidade” não fosse o meu talento.

— Bem, você precisa usar o que tem — retrucou Wayne, apoiando-se na lateral da carruagem, enquanto Cob, o cocheiro, abria a porta para Wax. — É por essa razão que sempre tenho pedaços de rato no meu ensopado.

Waxillium olhou para a carruagem, com suas almofadas elegantes e seu estofado suntuoso, mas não subiu.

— Você vai ficar bem? — perguntou Wayne.

— Claro que sim — respondeu Wax. — Este é o meu segundo casamento. Já tenho bastante prática.

Wayne sorriu.

— Ah, é assim que funciona? Porque, na minha experiência, casar é a única coisa em que as pessoas parecem ficar piores com a prática. Bem, isso e

permanecerem vivas.

— Wayne, isso foi quase profundo.

— Maldição. Eu queria ser perspicaz.

Wax permaneceu imóvel, olhando para o interior da carruagem. O cocheiro pigarreou, ainda de pé e mantendo a porta aberta para ele.

— Uma bela forca, isso sim — notou Wayne.

— Não seja melodramático — disse Wax, inclinando-se para subir.

— Lorde Ladrian! — chamou uma voz vinda de trás.

Wax espiou por cima do ombro, notando um homem alto, de terno marrom-escuro e gravata-borboleta passando por uma dupla de policiais.

— Lorde Ladrian, eu poderia ter um momento seu? — pediu o homem.

— Pode ter todos eles — disse Wax. — Mas sem mim.

— Mas…

— Encontro você lá — disse Wax, acenando para Wayne. Largou um cartucho de bala vazia e se *empurrou* para cima. Por que perder tempo numa carruagem?

Com aço queimando confortavelmente em seu estômago, ele *empurrou* uma luminária elétrica próxima, que ainda brilhava, embora a manhã tivesse chegado, e disparou mais alto no ar. Elendel se espalhava abaixo dele, uma maravilhosa cidade suja de fuligem, fumaça subindo de cem mil casas e fábricas. Wax se impulsou na estrutura de aço de um prédio próximo quase concluído e se lançou numa série de pulos pelo Quarto Oitante.

Passou acima de um estacionamento de carruagens de aluguel, com fileiras de veículos esperando silenciosamente em posição e trabalhadores matinais olhando para cima quando ele passava. Um apontou; talvez o casaco de bruma tivesse chamado sua atenção. Mensageiros Lançamoedas não eram uma coisa incomum em Elendel, por isso homens subindo pelo ar raramente despertavam interesse.

Mais alguns saltos o levaram sobre uma série de armazéns apertados em filas. Wax se empolgava a cada salto. Era impressionante como aquilo ainda lhe parecia tão maravilhoso. A brisa em seu rosto, o breve momento de ausência de peso quando estava no ponto máximo de um arco.

Mas muito rapidamente tanto a gravidade como o dever se reafirmaram. Ele deixou a área industrial e cruzou estradas melhores, pavimentadas com piche e cascalho para criar uma superfície mais lisa que os paralelepípedos para todos aqueles medonhos carros motorizados. Ele identificou facilmente a igreja sobrevivencialista, com sua grande cúpula de vidro e aço. Em Intempérie, uma

simples capela de madeira teria sido suficiente, mas isso não era de modo algum grandioso o bastante para Elendel.

O projeto pretendia dar aos fiéis uma visão ampla das brumas à noite. Wax acreditava que, se eles queriam ver as brumas, fariam melhor simplesmente saindo de dentro da igreja. Mas talvez estivesse sendo cínico. Afinal, a cúpula, que era composta de segmentos de vidro entre suportes de aço, fazendo com que parecesse gomos de uma laranja, podia ser aberta para dentro, permitindo que as brumas penetrassem em ocasiões especiais.

Ele pousou no topo de uma torre d'água perto da igreja. Talvez, ao ser construída, a cúpula da igreja fosse alta o bastante para apequenar as construções próximas. Isso teria garantido um belo perfil. Mas naquele momento os prédios ficavam cada vez mais altos, e a igreja era reduzida pelas construções vizinhas. Wayne veria uma metáfora nisso. Provavelmente uma metáfora grosseira.

Ele se acocorou na torre d'água, mais alta que a igreja. Então ali estava ele, finalmente. Sentiu o olho tremer, e uma dor cresceu dentro dele.

Acho que comecei a amar você naquele mesmo dia. Tão ridículo, mas tão sério…

Seis meses antes ele puxara o gatilho. Ainda podia ouvir o disparo.

Levantando, ele se compôs. Curara esse ferimento uma vez. Podia fazer isso novamente. E se isso deixasse seu coração marcado, então talvez fosse disso que ele precisava. Ele saltou da torre d'água e desacelerou jogando e *empurrando* um cartucho vazio.

Chegou à rua e caminhou a passos largos por uma comprida fila de carruagens. Os convidados já estavam chegando — os princípios dos sobrevivencialistas determinavam casamentos pela manhã, muito cedo, ou tarde da noite. Wax anuiu para várias pessoas pelas quais passou e não conseguiu evitar sacar a escopeta do coldre e apoiá-la no ombro enquanto subia os degraus aos pulos e abria a porta à sua frente com um empurrão de aço.

Steris andava de um lado para outro no saguão, usando um vestido branco fino, escolhido porque as revistas de moda diziam ser elegante. Com o cabelo trançado e a maquiagem feita por um profissional para a ocasião, de fato estava bastante bonita.

Ele sorriu ao vê-la. Seu estresse e seu nervosismo dissiparam-se um pouco.

Steris ergueu os olhos assim que ele entrou e correu até ele.

— E então?

— Não fui morto, basicamente isso — respondeu.

Ela conferiu o relógio.

— Você está atrasado, mas não muito atrasado.

— Eu… peço desculpas?

Ela insistira que ele participasse da ação policial no pub. Na verdade, planejara isso. Assim era a vida com Steris.

— Estou certa de que se esforçou — disse Steris, tomando seu braço. Ela estava quente, e até mesmo trêmula. Steris podia ser reservada, mas, diferentemente do que alguns supunham, não era desprovida de emoções. — Como foi?

— Foi bem. Sem baixas — respondeu, caminhando com ela até uma câmara lateral, onde Drewton, seu lacaio, esperava junto a uma mesa coberta pelo terno branco de casamento de Wax. — Você se dá conta de que participar de uma ação como essa na manhã do meu casamento só reforça a imagem que a sociedade tem de mim?

— Qual imagem?

— A de um rufião — disse ele, tirando seu casaco de bruma e dando-o a Drewton. — Um grosseirão das Terras Brutas que pragueja na igreja e vai a festas armado.

Ela deu uma olhada na escopeta, que ele jogara no sofá.

— Você gosta de brincar com as percepções que as pessoas têm de você, não? Busca deixá-las desconfortáveis para que não saibam o que pensar.

— É um dos prazeres simples que me restam, Steris — disse ele, sorrindo enquanto Drewton desabotoava seu colete. Depois o tirou, junto com a camisa, deixando o peito nu.

— Vejo que estou entre aqueles que você tenta deixar desconfortáveis — comentou Steris.

— Trabalho com o que tenho — retrucou Wax.

— É a mesma razão pela qual você sempre tem pedaços de rato em seu ensopado?

Wax hesitou enquanto dava as roupas a Drewton.

— Ele também lhe disse isso?

— Sim. Estou cada vez mais convencida de que ele testa essas frases comigo — respondeu, cruzando os braços. — O pequeno desgraçado.

— Não vai sair enquanto me troco? — perguntou Wax, divertido.

— Estaremos casados em menos de uma hora, Lorde Waxillium — respondeu. — Acho que consigo suportar vê-lo sem camisa. Ademais, é *você* o caminhante. O recato faz parte do seu sistema de crenças, não do meu. Li sobre Kelsier. Pelo que estudei, duvido que ele se importaria que…

Wax soltou os botões de madeira de suas calças. Steris enrubesceu antes de se virar e finalmente dar as costas a ele. Continuou a falar um momento depois, soando agitada.

— Bem, pelo menos você concordou com uma cerimônia adequada.

Wax sorriu, acomodando-se na roupa de baixo e permitindo que Drewton barbeasse seu rosto rapidamente. Steris permaneceu ali, escutando. Finalmente, enquanto Drewton limpava o creme que restara no rosto de Wax, Steris perguntou:

— Está com os pingentes?

— Eu os dei a Wayne.

— Você… *o quê*?

— Achei que você queria algumas perturbações no casamento — respondeu Wax, levantando-se e pegando as novas calças com Drewton. Vestiu-as. Ele não usara muitas roupas brancas desde sua volta das Terras Brutas. Era difícil se manter limpo lá, o que fazia valer a pena vesti-las. — Imaginei que isso seria bom.

— Eu queria perturbações *planejadas*, Lorde Waxillium — retrucou Steris. — Não é irritante se é uma perturbação compreendida, esperada e controlada. Wayne é exatamente o oposto dessas coisas, não acha?

Wax abotoou as calças, e Drewton pegou a camisa pendurada num cabide próximo. Steris se virou imediatamente ao ouvir o som, braços ainda cruzados, e não hesitou nem por um momento, recusando-se a reconhecer que ficara constrangida.

— Fico contente por ter feito cópias.

— Você fez *cópias* dos nossos pingentes de casamento?

— Sim — disse, mordendo o lábio por um momento. — Seis conjuntos.

— *Seis?*

— Os outros quatro não chegaram a tempo.

Wax sorriu, abotoando a camisa e deixando que o lacaio cuidasse dos punhos.

— Você é única, Steris.

— Tecnicamente, Wayne também, e, de fato, também Ruína. Se você pensar bem, não é exatamente um elogio.

Wax colocou os suspensórios e deixou que Drewton lidasse com o colarinho.

— Não entendo, Steris — disse ele, em pé e imóvel enquanto o lacaio trabalhava. — Você se prepara minuciosamente para que as coisas deem errado, como se soubesse e esperasse que a vida fosse imprevisível.

— Sim, e?

— E a vida é imprevisível. Então a única coisa que você faz se preparando para perturbações é garantir que alguma *outra* coisa dará errado.

— Esse é um ponto de vista bastante fatalista.

— Viver nas Terras Brutas faz isso com um sujeito.

Ele olhou para ela, resplandecente em seu vestido, braços cruzados, tamborilando o indicador direito sobre o braço esquerdo.

— Eu apenas… me sinto melhor quando tento — disse Steris finalmente. — Caso tudo der errado, pelo menos eu *tentei*. Isso faz algum sentido?

— Na verdade, acho que faz.

Drewton recuou, satisfeito. O terno era acompanhado por uma gravata Ascot preta muito bonita e um colete. Tradicional, como Wax preferia. Gravatas-borboleta eram para vendedores. Ele vestiu o paletó, sentindo as abas rasparem atrás das pernas. Então, após uma breve hesitação, colocou o cinturão e deslizou Vindicação para dentro do coldre. Ele usara uma arma em seu último casamento, então por que não naquele? Steris consentiu.

Os sapatos foram os últimos. Um par novo. Seriam terrivelmente desconfortáveis.

— Já estamos suficientemente atrasados? — perguntou ele a Steris.

Ela conferiu o relógio no canto.

— Planejei entrarmos daqui a dois minutos.

— Ah, ótimo — disse ele, tomando seu braço. — Isso significa que poderemos ser espontâneos chegando cedo. Bem, atrasados mas cedo.

Ela pegou o braço dele, deixando que a conduzisse pela câmara lateral na direção da cúpula e da igreja propriamente dita. Drewton os seguiu.

— Você está… certo de que deseja prosseguir? — perguntou Steris, detendo-o antes que entrassem na passagem para a cúpula.

— Está mudando de ideia?

— De maneira nenhuma — respondeu Steris imediatamente. — Esta união é bastante benéfica à minha casa e ao meu status — disse. Depois, tomou a mão esquerda de Wax, falando suavemente. — Mas, Lorde Waxillium, não quero que se sinta preso, particularmente depois do que lhe aconteceu este ano. Caso deseje voltar atrás, aceitarei sua vontade.

O modo como ela agarrava a mão dele enquanto dizia aquelas palavras enviava uma mensagem muito diferente. Mas ela não pareceu notar. Olhando para ela, Wax se viu pensando. Quando concordara com o casamento, o fizera porque era seu dever com sua casa.

Agora sentia suas emoções mudando. O modo como Steris estivera com ele naqueles últimos meses enquanto sofria… O modo como o olhava naquele instante…

Ferrugem e Ruína. Ele realmente sentia *carinho* por Steris. Não era amor, mas ele duvidava que fosse amar novamente. Aquilo teria que bastar.

— Não, Steris — respondeu. — Não quero voltar atrás. Isso… não seria justo com sua casa e com o dinheiro que gastaram.

— O dinheiro não…

— Está tudo bem — disse Wax, apertando levemente a mão dela. — Eu me recuperei o suficiente de minha provação. Estou forte o bastante para fazer isso.

Steris abriu a boca para retrucar, mas uma batida na porta precedeu a entrada de Marasi, enfiando a cabeça para conferir como estavam os dois. Com cabelo escuro e traços mais suaves e redondos que os de Steris, Marasi usava batom vermelho brilhante e um traje feminino progressista de saia plissada com paletó justo abotoado.

— Finalmente — disse ela. — Os convidados já estão ficando inquietos. Wax, há um homem aqui que quer vê-lo. Tentei mandá-lo embora, mas… Bem…

Ela entrou na sala e manteve a porta aberta, revelando o mesmo homem magro que chamara Wax antes, de terno marrom e gravata-borboleta, de pé com as garotas das cinzas na antecâmara que levava ao salão da cúpula.

— Você — disse Wax. — Como chegou aqui antes de Wayne?

— Não creio que seu amigo virá — disse o homem. Ele entrou, colocando-se ao lado de Marasi, anuiu para ela e fechou as portas, deixando de fora as garotas das cinzas. Virou-se e jogou para Wax uma bola de papel amassada.

Quando Wax a apanhou, ela retiniu. Abrindo-a, encontrou os dois pingentes

de casamento. O papel tinha algumas palavras rabiscadas: *Vou encher a cara até não conseguir mijar reto. Feliz casamento e tudo mais.*

— Que bela imagem — observou Steris, pegando o pingente de casamento de Wax com a mão em luva branca enquanto Marasi olhava por cima do ombro dele para ler o bilhete. — Pelo menos não se esqueceu deles.

— Obrigado — disse Wax ao homem de marrom —, mas, como pode ver, estou bastante ocupado *me casando*. O que quer precise de mim pode…

O rosto do homem ficou translúcido, revelando os ossos do crânio e da coluna.

Steris enrijeceu.

— Santificado — sussurrou.

— Santa dor — reagiu Wax. — Diga a Harmonia para escolher algum outro desta vez. Estou ocupado.

— Diga a… *Harmonia*… — murmurou Steris, de olhos arregalados.

— Infelizmente, isso é parte do problema — disse o homem de marrom, a pele voltando ao normal. — Harmonia tem andado distraído ultimamente.

— Como Deus pode ficar distraído? — perguntou Marasi.

— Não estamos certos, mas isso nos preocupa. Preciso de você, Waxillium Ladrian. Tenho um serviço que achará interessante. Compreendo que deve ir à cerimônia, mas depois, caso eu possa ter um momento do seu tempo…

— Não — cortou Wax.

— Mas…

— *Não*.

Wax puxou Steris pelo braço, escancarando as portas e passando depressa por Marasi e pelo kandra. Seis meses tinham se passado desde que aquelas criaturas o haviam manipulado, jogado com ele e mentido para ele. O resultado? Uma mulher morta em seus braços.

Desgraçados.

— Aquele realmente era um dos *Imortais sem Rosto*? — perguntou Steris, olhando por cima do ombro.

— Sim, e, por razões evidentes, não quero nada com eles.

— Acalme-se — disse ela, segurando seu braço. — Precisa de um momento?

— Não.

— Tem certeza?

Wax se deteve. Ela esperou enquanto ele inspirou e expirou, afastando de sua mente aquela cena medonha, *medonha*, em que ele se ajoelhara sozinho numa ponte, segurando Lessie. Uma mulher que ele se dera conta de nunca ter conhecido.

— Estou bem — disse a Steris por entre os dentes trincados. — Mas Deus não deveria me procurar. Particularmente não hoje.

— Sua vida é… sem dúvida estranha, Lorde Waxillium.

— Eu sei — disse ele, voltando a se mover, parando com ela diante da última porta antes de entrarem na cúpula. — Pronta?

— Sim, obrigada.

Ela estava… com lágrimas nos olhos? Era uma expressão de emoção que Waxillium nunca vira nela.

— *Você* está bem?

— Sim — respondeu. — Desculpe-me. É só… mais maravilhoso do que eu imaginava.

Eles abriram as portas, revelando a cúpula reluzente, a luz do sol passando por ela e banhando a multidão que esperava. Conhecidos. Parentes distantes. Costureiras e ferreiros que trabalhavam para sua casa. Wax procurou Wayne e ficou surpreso de não o encontrar, apesar do bilhete. Ele era sua verdadeira família.

As garotas das cinzas se espalharam, salpicando pequenos punhados de cinzas no caminho acarpetado que percorria o perímetro da cúpula. Wax e Steris avançaram numa caminhada majestosa, apresentando-se aos presentes. Não havia música numa cerimônia sobrevivencialista, mas alguns braseiros estalavam queimando folhas verdes no alto e lançando trilhas de fumaça para cima de modo a representar as brumas.

Fumaça sobe enquanto cinzas caem, pensou ele, lembrando as palavras do sacerdote de sua juventude, quando frequentara cerimônias sobrevivencialistas. Eles deram a volta completa ao redor dos convidados. Pelo menos a família de Steris comparecera em peso, incluindo o pai, um homem de rosto vermelho que ergueu um punho entusiasmado para Waxillium quando passaram.

Wax se viu sorrindo. Aquilo era o que Lessie tinha querido. Eles frequentemente brincavam sobre sua simples cerimônia caminhante, concluída no *lombo de um cavalo* para fugir de uma gangue. Ela dissera que um dia o obrigaria a fazer o casamento adequadamente.

Cristais cintilantes. Uma multidão silenciosa. Passos num carpete salpicado de cinzas. Seu sorriso aumentou, e ele olhou para o lado.

Mas, claro, ali estava a mulher errada.

Ele quase tropeçou. *Idiota*, pensou. *Concentre-se*. Aquele dia era importante para Steris; o mínimo que ele podia fazer era não arruinar tudo. Ou melhor, não o arruinar de um modo que ela não tivesse esperado. O que quer isso significasse.

Infelizmente, enquanto caminhavam a distância remanescente, seu desconforto aumentou. Ele se sentiu nauseado. Suado. Enojado, como nas poucas vezes que fora obrigado a fugir de um assassino e deixar inocentes em perigo.

Tudo isso o forçava a reconhecer um fato difícil. Ele não estava pronto. Não era Steris, não era o ambiente. Simplesmente não estava *pronto* para aquilo.

Aquele casamento significava deixar Lessie para trás.

Mas ele estava preso, e *tinha* que ser forte. Ele trincou os dentes e subiu com Steris ao púlpito, onde o sacerdote estava de pé entre dois aparadores encimados por vasos de cristal com flores Mare-me-quer. A cerimônia era baseada em antigas crenças larsta retiradas de *Crenças renascidas*, de Harmonia, um volume das “Palavras de Fundação”.

O padre dizia as palavras, mas Wax não conseguia prestar atenção. Tudo parecia embotado para ele, dentes trincados, olhos fixos à frente, músculos tensos. Eles tinham encontrado um sacerdote assassinado naquela mesma igreja. Morto por Lessie enquanto enlouquecia. Será que poderiam ter feito algo por ela em vez de colocá-lo na caçada? Não poderiam ter lhe *contado*?

Força. Ele *não* podia escapar. Ele *não* seria um covarde.

Ele segurava as mãos de Steris, mas não conseguia olhar para ela. Em vez disso, ergueu o rosto para olhar através da cúpula de vidro para o céu. A maior parte dele era encoberto pelos prédios. Arranha-céus dos dois lados, janelas reluzentes ao sol da manhã, e a torre d’água certamente bloqueava a visão, embora se movesse…

Movesse?

Wax observou horrorizado enquanto as pernas sob o enorme cilindro de metal se dobravam, como se fossem ajoelhar, inclinando desajeitadamente seu peso para o lado. O alto da coisa se soltou, derramando toneladas de água numa onda espumosa.

Ele puxou Steris para si, com o braço firme ao redor de sua cintura, arrancou o segundo botão de seu colete e o jogou. *Empurrou* contra aquele único botão de metal, lançando-se com Steris para longe do púlpito enquanto o sacerdote soltava um grito de surpresa.

A água bateu na cúpula, que resistiu por meros segundos antes que uma seção se abrisse, permitindo a entrada da água.

2



— Tem certeza de que está bem, milorde? — perguntou Wax, ajudando Lorde Drapen, comissário-geral do Sexto Oitante, a descer os degraus na direção de sua carruagem. A água escorria ao lado deles, formando um pequeno rio na sarjeta.

— Isso acabou com a minha melhor pistola — disse Drapen. — Terei que mandar a coisa para ser limpa e lubrificada!

— Mande-me a conta, milorde — disse Wax, preferindo ignorar o fato de que uma boa pistola dificilmente seria arruinada por um pouco, ou, bem, *muita* água. Wax entregou o cavalheiro envelhecido ao seu cocheiro, partilhando uma expressão resignada antes de se virar e subir os degraus de volta à igreja. O carpete fez barulho quando ele pisou. Ou talvez tenham sido seus sapatos.

Passou pelo sacerdote, que discutia com o assessor de seguros Erikell, que estava ali para fazer um relatório inicial para quando a igreja cobrasse a indenização da apólice, e entrou na cúpula principal. A seção aberta do vidro ainda pendia nas dobradiças no alto, e a torre d'água parcialmente tombada — as pernas do outro lado haviam impedido que desabasse por completo — continuava a bloquear muito do céu.

Passou por bancos virados, pétalas de Mare-me-quer descartadas e lixo em geral. Água pingava do teto; era o único som além do eco da voz do sacerdote. Wax abriu caminho até o púlpito entre esguichos. Steris estava sentada na beirada, o vestido molhado colado no corpo, cachos de cabelo soltos das tranças nupciais e grudados no rosto. Estava com os braços cruzados apoiados nos joelhos, fitando o chão.

Wax se sentou junto a ela.

— Da próxima vez que uma torre d'água cair na nossa cabeça, vou tentar me lembrar de que saltar para *cima* é uma ideia ruim.

Ele tirou o lenço do bolso e o torceu.

— Você também tentou nos levar para trás. Simplesmente não foi rápido o

bastante, Lorde Waxillium.

Ele grunhiu.

— Parece resultado de uma simples falha estrutural. Se, em vez disso, *tiver* sido alguma espécie de tentativa de assassinato, bem, foi uma incompetente. Não havia água suficiente lá dentro para ser verdadeiramente perigoso. O pior ferimento foi em Lorde Steming, que caiu e bateu a cabeça quando tentou sair às pressas de seu assento.

— Então não foi nada mais que um acidente — disse Steris. Ela se jogou de costas no púlpito, fazendo o carpete esguichar suavemente.

— Eu lamento.

— Não é culpa sua — disse ela, suspirando. — Você alguma vez se perguntou se a Cosmere está tentando esmagá-lo, Lorde Waxillium?

— Cosmere? Quer dizer Harmonia?

— Não, não Ele — negou Steris. — Apenas o acaso cósmico jogando os dados sempre que me vê, e sempre vencendo. Parece haver poesia nisso tudo — disse ela, fechando os olhos. — *Claro* que nosso casamento iria desmoronar. Várias toneladas de água despencando pelo teto? Por que não imaginei isso? É tão extravagante que *tinha* que acontecer. Pelo menos o sacerdote não foi assassinado desta vez.

— Steris — disse Wax, pousando a mão em seu ombro. — Vamos dar um jeito nisso. Vai ficar tudo bem.

Ela abriu os olhos e se pôs a observá-lo.

— Obrigada, Lorde Waxillium.

— Pelo que exatamente? — perguntou ele.

— Por ser gentil. Por estar disposto a se sujeitar a, bem, mim. Entendo que não seja uma ideia agradável.

— Steris…

— Não pense que estou me depreciando, Lorde Waxillium — disse ela, sentando-se e respirando fundo —, e, por favor, não suponha que estou sendo idiota. Sou o que sou e aceito isso, mas não tenho ilusões quanto à ideia que fazem da minha companhia. Obrigada. Por não fazer com que eu me sinta como outros fizeram.

Ele hesitou. Como se responde a algo *assim*?

— Não é como você diz, Steris. Eu a acho encantadora.

— E o fato de que você estava trincando os dentes enquanto a cerimônia começava, apertando as mãos com tanta força quanto um homem pendurado na lateral de uma ponte?

— Eu…

— Está triste porque nosso casamento foi postergado? Pode realmente dizer que sim e ser honesto como um homem da lei, Lorde Waxillium?

Maldição. Ele estava perdido. Sabia que algumas palavras simples poderiam resolver ou evitar a questão, mas não conseguia encontrá-las, embora procurasse por um tempo desconfortavelmente longo, até que dizer qualquer coisa teria soado paternalista.

— Talvez eu só precise tentar algo para relaxar na próxima vez.

— Duvido quer será produtivo comparecer bêbado à cerimônia.

— Não disse que iria beber. Talvez um pouco de meditação terrisana.

Ela o encarou.

— Ainda está disposto a seguir em frente?

— Claro — disse ele. Desde que não tivesse que ser naquele dia. — Imagino que você tenha um outro vestido.

— Dois — admitiu, permitindo que ele a ajudasse a se levantar. — E reservei outra data daqui a dois meses. Numa igreja diferente, caso essa viesse a explodir.

Ele grunhiu.

— Você soa como Wayne.

— Bem, as coisas *realmente* tendem a explodir perto de você, Lorde Waxillium — disse ela, olhando para a cúpula acima. — Considerando isso, ficar encharcado deve ser uma novidade.

Marasi andava do lado de fora da igreja inundada, as mãos juntas às costas, o caderno dando um peso familiar ao bolso do paletó. Alguns policiais, todos eles cabos, agiam como se estivessem no comando. Esse tipo de coisa era importante numa crise; as estatísticas mostravam que uma figura de autoridade uniformizada por perto diminuía a probabilidade de as pessoas entrarem em pânico.

Claro que também existia uma porcentagem menor de pessoas que entrava em pânico com *mais* facilidade quando havia uma figura de autoridade por perto. Por que pessoas eram pessoas, e se havia algo com que você podia contar era que algumas delas seriam esquisitas. Ou melhor, que *todas* elas seriam esquisitas quando, por acaso, as circunstâncias se alinhassem com seu tipo individual de

insanidade.

Isso dito, ela caçava um tipo muito especial de insano naquele momento. Primeiramente, tentou os pubs próximos, mas isso era óbvio demais. Depois conferiu os canais, um restaurante popular e, indo contra seu bom senso, um fornecedor de “novidades”. Sem sorte, embora seu traseiro tivesse recebido *três* elogios, vejam só.

Finalmente, ficando sem ideias, decidiu conferir se ele havia decidido roubar os garfos que seriam usados no café da manhã de núpcias. Lá, num salão de jantar em frente à igreja, ela encontrou Wayne, que estava na cozinha, de paletó branco e chapéu de chef. Estava criticando duramente vários assistentes de cozinha que decoravam tortas com uma cobertura de frutas.

Marasi se apoiou no umbral e observou, tamborilando no bloco com o lápis. Wayne não soava nada como ele mesmo, usando em vez disso uma voz aguda e anasalada com um sotaque que ela não conseguia identificar. Oriental, talvez? Algumas das cidades externas lá tinham sotaques fortes.

Os assistentes de cozinha não o questionavam. Faziam imediatamente o que dizia, suportando a condenação quando ele provava uma sopa fria e xingava sua incompetência. Se havia notado Marasi, não revelou, limpando as mãos num pano e exigindo ver as frutas e verduras que os rapazes entregavam.

Marasi finalmente entrou na cozinha, evitando uma assistente baixa com uma panela quase tão grande quanto ela mesma, e chegou até Wayne.

— Já vi alfaces mais frescas na lata de lixo! — dizia a um entregador que se encolhia. — E você chama isso de uvas? Estão tão maduras que quase fermentam! E… Ah, olá, Marasi — disse ele, usando sua voz normal nessa última frase.

O entregador saiu apressado.

— O que você está fazendo? — perguntou Marasi.

— Estou fazendo sopa — respondeu Wayne, sem o sotaque anterior, mostrando a ela uma colher de madeira. Perto dali, vários assistentes de cozinha pararam de repente, olhando para ele com expressões chocadas.

— Fora daqui vocês todos! — disse a eles em sua voz de chef. — Preciso de tempo para me preparar! Xô, xô, saiam!

Eles saíram em disparada, deixando-o com um sorriso.

— Você sabe que o café da manhã nupcial foi cancelado? — perguntou Marasi, apoiando-se numa mesa.

— Claro que sim.

— Então por que…

Ela parou de falar quando ele enfiou uma tortinha inteira na boca e sorriu.

— Eu tinha que garantir que eles não recuassem no combinado e simplesmente não fizessem nada para comer — disse, enquanto mastigava, com migalhas caindo dos lábios. — Nós pagamos por isso. Bem, Wax pagou. Ademais, o casamento ser cancelado não é motivo para não celebrar, certo?

— Depende do que você está celebrando — disse Marasi, abrindo o seu caderno. — Os parafusos que mantinham a torre d'água no lugar certamente foram afrouxados. A rua abaixo estava notavelmente vazia, pois alguns rufiões, todos de outros oitantes, eu poderia acrescentar, interromperam o trânsito ao iniciar uma briga no meio da rua ferrada.

Wayne resmungou, revirando os itens dentro de um armário.

— Às vezes, odeio esse seu caderninho.

Marasi grunhiu, fechando os olhos.

— Alguém poderia ter se ferido, Wayne.

— Ah, isso não está certo. Alguém *se feriu*. Aquele sujeito gordo que não tem cabelo.

Ela massageou as têmporas.

— Você se dá conta de que agora eu sou policial, Wayne? Não posso fazer vista grossa para danos *gratuitos* à propriedade.

— Ah, não foi tão ruim assim — retrucou Wayne, ainda revirando as coisas na cozinha. — Wax vai pagar.

— E se alguém tivesse ficado ferido? Quer dizer, gravemente?

Wayne continuou procurando.

— Os sujeitos se empolgaram um pouco. Eu disse a eles: "Garantam que a igreja seja alagada." Eu quis dizer que queria que o sacerdote abrisse o lugar de manhã e descobrisse que o encanamento enfrentava um pequeno problema de "estar todo detonado e vazando por todo o lugar". Mas os sujeitos se empolgaram um pouco.

— Os "sujeitos"?

— Só alguns amigos.

— Sabotadores.

— Não. Você acha que eles conseguem pronunciar essa palavra?

— Wayne…

— Já dei uma bronca neles, Marasi — disse Wayne. — Eu juro.

— Ele vai descobrir — avisou Marasi. — O que você fará, então?

— Não, você está errada — discordou Wayne, finalmente se afastando do armário com um grande jarro de vidro. — Wax não percebe coisas assim. No fundo, ele ficará aliviado por eu ter interrompido o casamento. Vai imaginar que fui eu, no subconsciente, e pagará pelos danos, não importando o que o assessor de seguros disser. E não dirá nada, nem mesmo investigará. Espere e verá.

— Não sei…

Wayne sentou no balcão da cozinha e deu um tapinha no lugar ao seu lado. Ela o olhou por um momento, mas depois suspirou e se instalou no balcão.

Ele lhe ofereceu o jarro.

— Isso é xerez para cozinhar, Wayne.

— Sim, pubs não servem nada além de cerveja a esta hora. É preciso ser criativo.

— Estou certa de que poderíamos encontrar algum vinho…

Ele deu um gole.

— Deixa para lá — disse Marasi.

Ele baixou o jarro e tirou o chapéu de chef, jogando-o no balcão.

— E, afinal, por que você está tão tensa hoje? Imaginei que estaria dando pulos de alegria e correndo pela rua colhendo flores e tudo mais. Ele não vai casar com ela. Pelo menos não hoje. Você ainda tem uma chance.

— Eu não *quero* uma chance, Wayne. Ele tomou a decisão dele.

— E que tipo de conversa é essa? — cobrou ele. — Você desistiu? A Guerreira Ascendente era assim?

— De fato, não — respondeu Marasi. — Ela foi até o homem que desejava, arrancou o livro da mão dele e o beijou.

— Está vendo, é assim que se faz!

— Embora a Guerreira Ascendente também tenha assassinado a mulher com quem Elend planejava se casar.

— O quê, sério?

— É.

— Horrendo — disse Wayne em tom de aprovação, tomando outro gole de xerez.

— Isso não é nem a metade — continuou Marasi, reclinando no balcão, as mãos para trás. — Quer coisas horrendas? Supostamente, ela também arrancou as entranhas do Senhor Soberano. Vi isso retratado em diversos manuscritos com iluminuras.

— Meio explícito para uma história de cunho religioso.

— Na verdade, todas elas são assim. Acho que precisam colocar muitas partes animadas para fazer com que as pessoas leiam o resto.

— Ahn — reagiu Wayne, parecendo incrédulo.

— Wayne, você nunca *leu* nenhum texto religioso?

— Claro que sim.

— Mesmo?

— Sim, muitas das coisas que leio têm textos religiosos. “Maldição”. “Inferno”. “Cretino flatulento baba-ovo”.

Ela lhe dirigiu um olhar rígido.

— Este último é do Testemunho de Hammond — insistiu ele. — Juro. Pelo menos todas as letras são.

Outro gole. Wayne conseguia beber mais que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Claro que fazia isso principalmente porque podia usar suas mentes de metal para se curar e queimar os efeitos do álcool em um piscar de olhos — e depois recomeçar.

— É isso que você tem que fazer — continuou ele. — Ser como Lady Nascida da Bruma. Cometa seu assassinato, entende? Não recue. Ele deve ser seu, e você tem que fazer com que as pessoas saibam.

— Cometer… meu assassinato?

— Claro.

— Da minha irmã.

— Você sempre pode ser educada — argumentou Wayne. — Tipo deixar que ela dê o primeiro golpe ou algo assim.

— Não, obrigada.

— Não precisa ser um assassinato *real*, Marasi — disse Wayne, saltando do balcão. — Pode ser, tipo, figurativo. Mas você deveria *lutar*. Não deixe que ele se case com ela.

Marasi inclinou a cabeça para trás, olhando para o conjunto de conchas balançando acima do balcão.

— Não sou a Guerreira Ascendente, Wayne. E não quero ser. Não quero alguém que eu precise convencer, alguém que eu tenha que subjugar. Esse tipo de coisa é para o tribunal, não para o quarto.

— Acho que algumas pessoas diriam…

— Cuidado.

— Que essa é uma forma iluminada de ver as coisas.

Ele tomou mais um gole de xerez.

— Não sou uma criatura torturada e abandonada, Wayne — disse Marasi, rindo de seu reflexo distorcido numa concha. — Não fico por aí suspirando e sonhando que alguém decida se eu posso ser feliz. Não há nada entre nós. Seja por real falta de afeto da parte dele ou mais por teimosia, não ligo. Deixei isso para trás.

Ela baixou os olhos, encontrando os de Wayne. Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Ahn, você está falando sério, não é mesmo?

— Pode apostar.

— Deixou para trás… Louca ferrada! Dá pra *fazer* isso?

— Certamente.

— Hã… Você acha… que eu deveria… você sabe… com Ranette…

— Wayne, se alguém deveria aceitar uma dica, é você nesse momento. Sim. Deixe para trás. Sério.

— Ah, aceitei a dica — disse, tomando um gole de xerez. — Só não consigo me lembrar em qual paletó a deixei. Tem certeza?

— Ela tem uma *namorada*, Wayne.

— É só uma fase — murmurou ele. — Que dura quinze anos…

Ele pousou o jarro, suspirou e enfiou a mão no mesmo armário, tirando uma garrafa de vinho.

— Ah, por *Preservação*! — disse Marasi. — Isso estava aí o tempo todo?

— O gosto fica melhor se primeiro você beber algo que tenha gosto de água suja — disse Wayne. Depois, arrancou a rolha com os dentes, o que *foi* meio que impressionante, ela teve que admitir. Serviu uma taça para ela e uma para si mesmo. — Vamos brindar ao desapego?

— Claro. Ao desapego — disse Marasi. Ela ergueu a taça e viu no vinho o reflexo de alguém de pé atrás dela.

Ela engasgou, virando-se e estendendo a mão para a bolsa. Wayne apenas ergueu a taça ao recém-chegado, que contornou o balcão com passos lentos. Era o homem de terno marrom e gravata-borboleta. Não, não o homem. O *kandra*.

— Se você está aqui para me persuadir a persuadi-lo — disse Wayne —, deveria saber que ele nunca me escuta a não ser que esteja bastante bêbado. — Ele virou o vinho. — Provavelmente é a razão pela qual ele viveu tanto.

— Na verdade, não estou aqui por sua causa — disse o kandra. Ele se virou para Marasi e inclinou a cabeça. — Minha primeira escolha para essa empreitada recusou meu pedido. Espero que você não se ofenda por ser a minha segunda opção.

Marasi descobriu que seu coração estava acelerado.

— O que você quer?

O kandra deu um largo sorriso.

— Diga-me, srta. Colms, o que sabe sobre a natureza de investidura e identidade?

3



Wax, pelo menos, tinha uma muda de roupas que não estava molhada: o terno que usara durante a invasão. Portanto, estava agradavelmente seco quando sua carruagem chegou à Mansão Ladrian. Steris voltara à casa do pai para se recuperar.

Wax colocou o jornal de lado e esperou que Cob, o novo cocheiro, saltasse e abrisse a porta da carruagem com um puxão. Os movimentos do homenzinho tinham uma ansiedade frenética, como se ele soubesse que Wax só usava uma carruagem por obrigação social. Saltar para casa usando *empurrões* de aço teria sido muito mais rápido, mas, assim como um lorde não podia andar por qualquer lugar, *empurrar* aço demais pela cidade à luz do dia quando não estava perseguindo criminosos deixava desconfortáveis os integrantes da sua casa. Simplesmente não era o que o lorde de uma casa fazia.

Wax anuiu para Cob e lhe deu o jornal. Cob sorriu; adorava aquelas coisas.

— Tire o resto do dia de folga — disse Wax. — Sei que você estava ansioso pelos festejos do casamento.

O sorriso de Cob aumentou. Depois, ele balançou a cabeça e subiu novamente na carruagem para cuidar dela e dos cavalos antes de partir. Provavelmente passaria o dia nas corridas.

Wax suspirou, subindo os degraus da entrada da mansão. Era uma das melhores da cidade: luxuosa, com cantaria esculpida, madeira de lei e detalhes de mármore de bom gosto. Isso não impedia que fosse uma prisão. Apenas era uma muito boa.

Wax não entrou. Em vez disso, ficou nos degraus por um tempo antes de se virar e sentar. Fechou os olhos e deixou que tudo assentasse.

Ele era bom em esconder suas cicatrizes. Já fora baleado mais de doze vezes, e alguns dos ferimentos tinham sido bem ruins. Nas Terras Brutas, ele aprendera a se recuperar e seguir em frente, não importando o que acontecesse.

Ao mesmo tempo, era como se as coisas naquela época tivessem sido simples. Nem sempre fáceis, mas simples. E algumas cicatrizes continuavam a doer. Pareciam piorar com o tempo.

Ele se levantou com um resmungo, as pernas rígidas, e continuou a subir. Ninguém abriu a porta para ele nem pegou seu casaco quando entrou. Mantinha uma equipe pequena na casa, apenas o que considerava necessário. Quando eram demais, os empregados ficavam circulando e se preocupavam quando ele fazia algo por conta própria. Era como se isso os fizesse se sentir incompletos…

Wax franziu a testa, sacou Vindicação do coldre no quadril e a ergueu ao lado da cabeça. Não sabia dizer o que exatamente o deixara alerta. Passos acima, quando ele dera folga aos empregados. Um copo numa mesa lateral com um resto de vinho no fundo.

Pegou um pequeno frasco no cinturão e engoliu o conteúdo: flocos de aço suspensos em uísque. O metal queimou causando com um calor familiar dentro dele, espalhando-se a partir do estômago, e linhas azuis nasceram do seu peito. Elas se moveram com ele enquanto se esgueirava para a frente, como se estivesse amarrado a mil pequenos fios.

Saltou e *empurrou* as incrustações no piso de mármore, subindo ao lado da escada até um balcão do segundo andar acima da grandiosa entrada. Deslizou com facilidade por cima da balaustrada, pousando com a arma apontada. A porta de seu escritório estremeceu e se abriu.

Wax avançou nas pontas dos pés.

— Só um momento, eu…

O homem de terno marrom-claro ficou paralisado ao sentir a arma de Wax pressionando sua têmpora.

— Você — disse Wax.

— Gosto muito deste crânio — comentou o kandra. — É anteverdejante, do século VI, e pertencia a um comerciante de metal de Urteau cujo túmulo foi deslocado e protegido como efeito colateral da reconstrução de Harmonia. Uma antiguidade, caso prefira. Se você fizer um buraco nele, ficarei *bastante* aborrecido.

— Eu lhe disse que não estou interessado — rosnou Wax.

— Sim. Levei isso a sério, Lorde Ladrian.

— Então por que está aqui?

— Porque fui convidado — respondeu o kandra. Ergueu a mão, pegou o cano

da arma de Wax com dois dedos e a empurrou para o lado suavemente. — Precisávamos de um lugar para conversar. Seu associado sugeriu a mansão, já que, como me foi dito, os empregados foram dispensados.

— Meu associado? — Ele então ouviu risos. — Wayne — falou, olhando o kandra. Depois, suspirou e deslizou a arma para o coldre. — Qual dos kandra é você? TenSoon?

— Eu? — reagiu o kandra, rindo. — TenSoon? O quê? Está me ouvindo ofegar? — Ele riu, com um gesto para que Wax entrasse em seu próprio escritório, como se lhe fizesse uma grande cortesia. — Sou VenDell, da Sexta. Um prazer conhecê-lo, Lorde Ladrian. Se precisar atirar em mim, faça isso na perna esquerda, já que não tenho simpatia especial por esses ossos.

— Não vou atirar em você — disse Wax, passando pelo kandra e entrando na sala. As venezianas e as cortinas pesadas tinham sido fechadas, deixando a sala numa escuridão quase total, a não ser por duas pequenas luminárias elétricas novas. Por que as cortinas fechadas? O kandra se preocupava em ser visto?

Wayne estava instalado na poltrona de Wax, com os pés na mesa de centro, servindo-se de uma tigela de nozes. Uma mulher se esticava em pose semelhante na poltrona ao lado, vestindo calças apertadas e blusa solta, com os olhos fechados enquanto reclinava na poltrona e mãos atrás da cabeça. Usava um corpo diferente daquele em que Wax a vira pela última vez, mas a postura e a altura lhe davam boas pistas de que era MeLaan.

Marasi estava inspecionando um equipamento estranho instalado num pedestal nos fundos da sala. Era uma caixa com pequenas lentes na frente. Ela se empertigou assim que o viu e, sendo Marasi, enrubesceu profundamente.

— Lamento por isso — disse ela. — Estávamos indo ao meu apartamento para conversar, mas Wayne insistiu…

— Eu precisava de nozes — interferiu Wayne com a boca cheia. — Quando você me convidou para ficar aqui, *disse* para me sentir à vontade, meu chapa.

— Ainda não está claro por que vocês *precisavam* de um lugar para conversar — disse Wax. — Já falei que não iria ajudar.

— Verdade — disse VenDell, junto à porta. — Como você não estava disponível, eu, por necessidade, apelei para outras opções. Lady Colms foi bastante gentil ao escutar minha proposta.

— Marasi? — reagiu Wax. — Você procurou Marasi?

— O quê? — retrucou VenDell. — Isso o surpreende? Ela *foi* determinante na

derrota de Miles Cem-vidas. Para não falar em sua ajuda durante os tumultos instigados por Paalm.

Wax encarou o kandra.

— Você está tentando chegar a mim por outro caminho, não está?

— Olhe quem está cheio de si — disse MeLaan de sua poltrona.

— Ele sempre está cheio de si — observou Wayne, quebrando uma noz. — Principalmente por roer as próprias unhas. Eu já o vi fazer isso.

— É tão ridículo assim que eles realmente possam querer a minha ajuda? — perguntou Marasi.

— Peço desculpas. Não quis dizer isso — falou Wax, virando-se para ela.

— Então o *que* você quis dizer?

Wax suspirou.

— Não sei, Marasi. Foi um longo dia. Atiraram em mim, uma torre d'água foi jogada na minha cabeça e minha cerimônia de casamento foi destruída. Agora Wayne está enchendo minha poltrona de cascas de noz. Sinceramente, acho que só preciso de um drinque.

Ele foi até o bar nos fundos da sala. Marasi o encarou e, quando ele passou, sussurrou:

— Consegue um para mim também? Porque isso tudo está me deixando meio maluca.

Ele sorriu, pegando um uísque puro malte e servindo para ele e para Marasi. VenDell desapareceu pela porta, mas voltou alguns minutos depois com um equipamento que prendeu no aparelho estranho. Estendeu um fio até uma das luminárias de parede, tirando a lâmpada e enroscando o fio no lugar.

Ir embora seria infantil, então Wax se apoiou na parede e bebericou seu uísque, sem dizer nada enquanto VenDell ligava a máquina. Uma imagem apareceu na parede.

Wax ficou paralisado. Era um *retrato*, similar a um evanotipo, só que na parede, e bem grande. Mostrava o Campo do Renascimento no centro de Elendel, onde ficavam os túmulos de Vin e Elend Venture. Ele nunca vira algo como aquela imagem. Parecia ter sido criada unicamente de luz.

Marasi engasgou.

Wayne jogou uma noz na imagem.

— O quê? — perguntou quando todos olharam feio para ele. — Eu queria

saber se era real.

Ele hesitou, mas depois jogou outra noz. Ela produziu uma sombra na imagem ao voar entre o equipamento e a parede. Então *era* luz.

— Projetor de imagem — contou VenDell. — Chamam isto de evanoscópio. Eles serão comuns no ano que vem, creio — disse. Depois, fez uma pausa. — Harmonia insinua que, se achamos isso assombroso, *realmente* queimará nossos metais quando as imagens começarem a se mover.

— Mover? — reagiu Wax, adiantando-se. — Como elas fariam isso?

— Não sabemos — disse MeLaan, fazendo uma careta. — Ele deixou escapar acidentalmente, mas não dirá mais nada.

— Como Deus deixa algo escapar *acidentalmente*? — perguntou Marasi, ainda olhando para a imagem.

— Como eu disse, Ele tem estado distraído ultimamente — respondeu VenDell. — Tentamos arrancar mais sobre essas imagens em movimento, mas até agora sem sorte. Ele com frequência faz isso; diz ser vital que descubramos as coisas sozinhos.

— Como um pinto saindo do ovo — complementou MeLaan. — Ele diz que se não lutarmos e aprendermos sozinhos não seremos suficientemente fortes para sobreviver ao que virá.

Ela deixou as palavras pairando no ar, e Wax trocou olhares com Marasi.

— Bem… *isso* é sinistro — comentou Marasi lentamente. — Ele disse mais alguma coisa sobre Trell?

Wax cruzou os braços. Trell. Era um deus dos antigos registros, muito antes do Catacendro — na verdade, muito antes do Senhor Soberano. Harmonia memorizara essa religião, juntamente com muitas outras, durante seus dias de mortal.

Marasi tinha uma obsessão com esse deus, e não injustificada. Wax não estava certo de que era verdadeira sua alegação de que a veneração a Trell estava envolvida no que acontecera a Lessie, mas as estacas que eles tinham encontrado… Não pareciam ter sido feitas de nenhum metal conhecido pelos homens.

Os kandra as tinham confiscado. Quando Wax começara a se recuperar, elas já haviam sido levadas.

— Não — respondeu VenDell. — E não tenho notícias sobre as estacas, se é o que está imaginando. Mas a tarefa que tenho para você, srta. Colms, poderá dar

respostas. Basta dizer que estamos preocupados com uma possível intrusão de outro deus neste domínio.

— Ei, o que uma garota precisa fazer para conseguir um pouco desse uísque? — perguntou MeLaan.

— Irmã, você é uma representante de Harmonia e do Seu conhecimento — disse VenDell, mexendo em algo em sua máquina e tornando a imagem mais brilhante.

— Sim, e uma representante tragicamente *sóbria* — retrucou MeLaan.

Wax deu um copo a ela, que sorriu em agradecimento.

— Cavalheirismo — disse ela, erguendo-o.

— Manipulação — retrucou VenDell. — Srta. Colms, eu lhe falei mais cedo sobre investidura e identidade. E lhe prometi uma explicação. Aqui está.

Ele virou algo na sua máquina, mudando a imagem na parede para uma relação de metais feruquêmicos, seus atributos e suas naturezas. Não era a bela representação artística que Wax costumava ver nas histórias populares, mas era muito mais detalhada.

— As capacidades físicas básicas da Feruquemia são bem compreendidas — disse VenDell, adiantando-se e usando uma vara comprida para indicar uma área da tabela projetada. — A tradição e a herança terrisana as exploram por pelo menos 1.500 anos. Harmonia deixou explicações detalhadas nas “Palavras de Fundação”. Da mesma forma, as capacidades que aparecem no chamado quadrante mental da tabela foram traçadas e debatidas, testadas e definidas. Nossa compreensão não é tão avançada aqui; não sabemos por que lembranças estocadas se desgastam quando mentes de metal são removidas nem por que acionar velocidade mental tende a deixar a pessoa com fome, mas ainda assim temos muita experiência nesta área.

Ele fez uma pausa e traçou com a vara um círculo ao redor de um grupo de metais e capacidades na base: sorte, investidura, identidade e conexão. Wax se inclinou para a frente. Eles tinham falado sobre aquilo durante o ano que ele passara na Vila, mas apenas como parte dos catecismos da Feruquemia e da crença terrisana, sem especificar o que os poderes realmente *faziam*. Eram considerados além da compreensão, como Deus ou o tempo.

— Cromo — disse VenDell. — Nicrosil, alumínio, duralumínio. São metais que a maioria dos antigos desconhecia. Apenas recentemente processos metalúrgicos modernos permitiram que se tornassem comuns.

— Comuns? — reagiu Wayne. — Com uma única bala de alumínio, meu chapa, eu poderia lhe comprar um traje que não parecesse tão idiota *e* ainda ter dinheiro para um ou dois belos chapéus.

— Seja como for, comparado com o volume de alumínio que existia no mundo antes do Catacendro, o metal agora é comum — insistiu VenDell. — O refino da bauxita, os processos químicos modernos, tudo isso nos deu acesso a metais num nível que nunca antes fora possível. A autobiografia do Último Obrigador explica que inicialmente o alumínio era extraído do interior das Montanhas de Cinzas!

Wax se adiantou, caminhando ao longo do cone de luz projetado pela máquina.

— Então, o que eles fazem?

— Estamos pesquisando — respondeu VenDell. — Ferumosos com essas capacidades são muito, muito raros, e apenas nas últimas décadas tivemos acesso a um volume suficiente desses metais para começar a fazer experiências. Reconstruir a sociedade tem sido um processo… cansativo.

— Você estava vivo antes — disse Marasi. — Nos dias da Guerreira Ascendente.

VenDell se virou, erguendo as sobrancelhas.

— De fato, mas nunca a conheci. Apenas TenSoon a conheceu.

— Como era a vida? — perguntou Marasi.

— Dura — respondeu VenDell. — Era… dura.

— Há lacunas em nossas lembranças — acrescentou MeLaan suavemente. — De quando nossas estacas foram removidas. Isso tirou um pedaço de nós. Há coisas que nunca iremos recuperar.

Wax pegou uma bebida. Havia um *peso* em conversar com os kandra, em se dar conta de que a maioria deles já estava viva quando o Mundo das Cinzas terminara havia centenas de anos. Aqueles seres eram *antigos*. Talvez Wax não devesse ficar surpreso com sua presunção. Para os kandra, ele e todos os outros seres vivos mal passavam de crianças.

— Identidade — disse VenDell, batendo a vara na parede e lançando uma sombra sobre a imagem. — Lorde Ladrian, outro feruquemista poderia usar suas mentes de metal?

— Claro que não — respondeu Wax. — Todos sabem isso.

— Por quê?

— Bem… porque não. Elas são minhas.

A Feruquemia é simples, elegante. Encha sua mente de metal com um atributo por uma hora — como o peso de Wax ou a saúde e o poder de cura de Wayne — e você poderá extrair uma hora desse atributo em outro momento. Ou poderá usar uma explosão de poder extremamente intensa, mas que durará apenas um momento.

— O poder puro tanto da Alomancia como da Feruquemia é algo que chamamos de investidura — explicou VenDell. — Isso é muito importante, já que, na Feruquemia, a investidura de um indivíduo é ligada especificamente a ele. Chamamos a isso de identidade.

— Você me deixou curioso — disse Wax, olhando para a parede enquanto VenDell caminhava lentamente de volta à sua máquina. — Como elas sabem? Minhas mentes de metal… Elas me *reconhecem*?

— De certa forma — respondeu VenDell, trocando a imagem para a de uma feruquemista usando reservas de força. Os músculos da mulher eram várias vezes maiores que o tamanho normal enquanto ela erguia um cavalo acima da cabeça. — Cada homem ou mulher tem um aspecto espiritual, uma parte dele que existe num reino inteiramente diferente. Você poderia chamar de alma. Sua investidura está ligada à sua alma; de fato, poderia ser uma *parte* da sua alma, assim como seu sangue é parte do seu corpo.

— Então, se uma pessoa pudesse estocar sua identidade, como Waxillium faz com seu peso… — começou Marasi.

— Ela ficaria sem essa identidade por um tempo — completou VenDell. — Uma tela em branco, por assim dizer.

— Então poderia usar a mente de metal de *qualquer um*? — perguntou Marasi.

— Possivelmente — respondeu VenDell.

Ele projetou imagens de muitos outros feruquemistas usando suas capacidades antes de parar numa imagem que trazia um conjunto de braceletes. Simples faixas metálicas, como argolas largas, feitas para serem usadas no alto dos braços sob as roupas. Sem as cores, era impossível dizer o tipo do metal, mas tinham antigas marcas terrisanas gravadas nelas.

— Alguns têm feito experiências nesse sentido, e os resultados iniciais são promissores — contou VenDell. — Contudo, um feruquemista que pode usar as mentes de metal de qualquer um é intrigante, mas não particularmente

revolucionário. Nossa sociedade está cheia de indivíduos com capacidades extraordinárias, e esta seria apenas uma delas. Não, o que me interessa é o *oposto*, srta. Colms. E se um feruquemista pudesse se livrar de toda a sua identidade e depois encher *outra* mente de metal com um atributo. Digamos, força. O que isso faria?

— Criaria uma mente de metal sem ligação com uma pessoa? — sugeriu Marasi. — Uma que outro feruquemista pudesse acessar?

— Possivelmente — disse VenDell. — Ou que tal outra possibilidade? A maioria das pessoas hoje tem pelo menos um pouco de sangue feruquêmico. E se uma mente de metal como a que descrevi, uma que não seja ligada a um indivíduo específico, puder ser usada por *qualquer um*?

A compreensão se formou em Wax como um metal queimando lentamente. Na poltrona ao lado do equipamento de imagem, Wayne assoviou lentamente.

— Qualquer um poderia ser feruquemista — disse Wax.

VenDell anuiu.

— A investidura, a capacidade inata de queimar metais ou usar mentes de metal, também é uma das coisas que a Feruquemia consegue estocar. Lorde Waxillium… são artes que estamos apenas começando a compreender, mas os segredos que elas contêm poderiam mudar o mundo. Nos antigos tempos, o Último Imperador descobriu um metal que o transformou num Nascido da Bruma. Um metal que qualquer um conseguia queimar, dizem. Isso insinua uma possibilidade oculta, algo menor, mas ainda assim inacreditável. E se alguém, de algum modo, conseguisse manipular identidade e investidura para criar um conjunto de braceletes que desse capacidade feruquêmica *ou* alomântica à pessoa que os usa? Isso poderia transformar qualquer pessoa num Nascido da Bruma, um feruquemista ou ambos *ao mesmo tempo*.

A sala ficou em silêncio.

Uma noz quicou na cabeça de VenDell.

Ele se virou imediatamente para olhar feio na direção de Wayne.

— Me desculpe — disse Wayne. — Eu só estava com dificuldade para acreditar que alguém podia ser tão melodramático, então imaginei que talvez você não fosse de verdade. Tive que conferir, entende?

VenDell esfregou a testa, respirando com força, irritado.

— Isso tudo é fascinante — admitiu Wax. — Mas, infelizmente, também é impossível.

— E por que seria? — perguntou VenDell.

— Você nem sequer sabe como, ou se, isso funcionaria — disse Wax, acenando para a tela. — E mesmo se conseguisse descobrir, precisaria de um feruquemista pleno. Alguém com pelo menos *dois* poderes feruquêmicos, já que ele precisaria ser capaz de estocar sua identidade numa mente de metal junto com outro atributo feruquêmico. Ferrugem! Para fazer o que você acabou de sugerir, e também criar alomânticos, você basicamente precisaria de alguém que já fosse ao mesmo tempo Nascido da Bruma e feruquemista pleno.

— Isso é verdade — concordou VenDell.

— E quanto tempo já se passou desde que nasceu um feruquemista pleno?

— Muito, muito tempo — admitiu VenDell. — Mas *nascer* feruquemista não é a única possibilidade.

Wax hesitou e, depois, trocou um olhar com Marasi. Ela anuiu, e ele cruzou a sala para remover o painel de madeira que escondia seu cofre. Colocou a combinação e retirou o livro que o Olhos de Ferro lhe enviara. Virou-se, erguendo-o.

— Hemalurgia? Harmonia odeia isso. Eu *li* o que o Lorde Nascido da Bruma tinha a dizer sobre o tema.

— Sim — concordou VenDell. — A Hemalurgia é… problemática.

— Em parte porque não existiríamos sem ela — argumentou MeLaan. — Não é particularmente divertido saber que pessoas precisaram ser assassinadas para que você ganhasse consciência.

— Criar novas estacas é uma prática horrenda — concordou VenDell. — Não temos intenção de produzir tal coisa para fazer experiências sobre identidade. Em vez disso, esperamos. Um feruquemista pleno acabará nascendo na humanidade; principalmente com a elite terrisana se esforçando tanto para preservar e condensar suas linhagens sanguíneas. Infelizmente, nossa… contenção não é partilhada por todos. Há aqueles que estão chegando muito perto de compreender como tudo isso funciona.

Meu tio, pensou Wax, baixando os olhos para o livro em seus dedos. Pelo que ele podia dizer, Edwarn, o homem conhecido como Sr. Elegante, estava tentando criar alomânticos. O que ele faria com a Hemalurgia se tomasse conhecimento dela?

— Precisamos nos manter à frente daqueles que talvez queiram usar isso com propósitos malévolos — disse VenDell. — Precisamos fazer experiências e

determinar como essas mentes de metal livres de identidade podem funcionar.

— Fazer isso será perigoso — disse Wax. — Misturar poderes é *inacreditavelmente* perigoso.

— Diz o Duplonato — falou MeLaan.

— Eu estou protegido — disse Wax, olhando para ela. — Meus poderes não são compostos. Vêm de metais diferentes.

— Podem não ser compostos, mas ainda são fascinantes, Lorde Waxillium — contrapôs VenDell. — *Qualquer* mistura de Alomancia e Feruquemia tem efeitos não imaginados.

— O que você tem que faz com que eu queira socá-lo mesmo quando está dizendo algo útil? — perguntou Wax.

— Nenhum de nós conseguiu descobrir — disse MeLaan, acenando para que Wayne lhe jogasse uma noz. — É um dos grandes mistérios da Cosmere.

— Vamos lá, Lorde Ladrian — disse VenDell, erguendo as mãos. — Isso é modo de falar com alguém que tem as mãos de seu ancestral?

— Suas… mãos? — reagiu Wax. — Você está falando metaforicamente?

— Não, não — respondeu VenDell. — Brisa *disse* que eu poderia ficar com elas depois de sua morte. Metacarpos excelentes. Eu as uso em ocasiões especiais.

Wax ficou parado por um momento, segurando o livro, tentando digerir o que o kandra acabara de dizer. Seu ancestral, o primeiro Lorde Ladrian, Conselheiro dos Deuses… dera suas mãos àquela criatura.

De certo modo, Wax apertara as mãos do cadáver de Brisa. Olhou para o copo, surpreso ao descobri-lo vazio, e serviu um pouco mais de uísque para si.

— Foi uma aula muito esclarecedora — interrompeu Marasi. — Mas, com seu perdão, Vossa Santidade, ainda não explicou para que precisa de mim.

VenDell mudou para uma ilustração. Um homem de cabelo escuro comprido e peito nu, vestindo uma capa que se estendia atrás dele para a eternidade. Seus braços, cruzados diante do corpo, eram tomados por braceletes estilizados em padrões intrincados. Wax reconheceu a iconografia, mesmo que não conhecesse aquela imagem. Rashek. O Primeiro Imperador.

O Senhor Soberano.

— O que sabe sobre os Braceletes da Perdição, srta. Colms? — perguntou VenDell.

— São as mentes de metal do Senhor Soberano — disse Marasi, dando de ombros. — Relíquias mitológicas, como as adagas da Lady Nascida da Bruma ou a Lança das Fontes.

— Pelo que sabemos — começou VenDell —, quatro indivíduos tiveram o poder da Ascensão: Rashek, o Sobrevivente, a Guerreira Ascendente e o próprio Lorde Harmonia. A ascensão de Harmonia deu a Ele um conhecimento preciso e profundo das artes metálicas. Faz sentido que o Senhor Soberano tenha recebido as mesmas informações. Ele entendia a identidade como uma habilidade feruquêmica e conhecia os metais ocultos. De fato, ele deu alumínio aos seus Inquisidores.

VenDell trocou a imagem, passando para uma ilustração mais detalhada daqueles braços envoltos em braceletes de metal.

— É curioso, mas ninguém sabe exatamente o que aconteceu com os Braceletes da Perdição. Quando o Senhor Soberano caiu, TenSoon ainda não se juntara à Guerreira Ascendente, e, embora ele jure que as ouviu sendo mencionadas, as lacunas em sua memória o impedem de dizer como ou quando. A mitologia que cerca os Braceletes é *muito* extensa. Você encontra mitos sobre eles remontando a antes do Catacendro, e você encontra novas histórias no pub da esquina, inventadas na hora para sua diversão. Mas algo é constante em todas elas: com os braceletes do Senhor Soberano, você supostamente ganha seus poderes.

— Isso não passa de fantasia — disse Wax. — É um desejo natural, um motivo para criar histórias. Não significa nada.

— Não? — perguntou VenDell. — A história não diz que os Braceletes têm *o mesmo poder* que só agora a ciência determinou que é possível reunir?

— Coincidência — disse Wax. — E *poder* ter criado algo não significa que ele o tenha feito, e você *achar* que a identidade funciona como você diz não significa que está certo. Ademais, os Braceletes teriam sido destruídos quando Harmonia refez o mundo. E isso sem sequer considerar que o Senhor Soberano teria sido tolo em criar armas que alguém pudesse usar contra ele.

VenDell clicou em sua máquina. Surgiu a imagem de outro evanotipo, este de um mural numa parede. Mostrava uma sala com uma plataforma central que parecia uma pirâmide truncada. Num pedestal na plataforma havia um par de braceletes feitos de um delicado metal curvo, na forma de espirais.

Apenas um mural, mas parecia retratar os Braceletes da Perdição.

— O que é isso? — perguntou Marasi.

— Um de nossos irmãos, um kandra chamado ReLuur, registrou essa imagem — disse MeLaan, sentando-se melhor na poltrona.

— Os Braceletes da Perdição o fascinavam — explicou VenDell. — ReLuur passou os dois últimos séculos em seu rastro. Retornou recentemente a Elendel, trazendo na mochila uma câmera de evanotipos e estas imagens.

VenDell passou para a imagem seguinte, de uma grande placa de metal montada numa parede e gravada com uma escrita estranha.

Wax semicerrou os olhos.

— Não conheço essa linguagem.

— Ninguém conhece — disse VenDell. — Ela nos é totalmente estranha, sem relação com qualquer raiz terrisana, imperial ou outra. Mesmo as antigas linguagens apontadas nos registros de Harmonia não lembram em nada essa escrita.

Wax sentiu um arrepio enquanto as imagens se sucediam. Outro registro daquela linguagem estranha. Uma estátua que lembrava o Senhor Soberano, portando uma lança comprida. Parecia coberta de gelo. Outra imagem do mural, mais detalhada, mostrando braceletes com muitos metais entrelaçados. Não os braceletes de um ferumoso como Wax, mas de um feruquemista pleno.

Apenas um mural, sim, mas era fascinante.

— ReLuur acreditava nos Braceletes — continuou VenDell. — Alega tê-los visto, embora não tenha registrado uma imagem das relíquias propriamente ditas. Tendo a confiar em suas palavras.

VenDell mostrou outra imagem, de um mural diferente. Mostrava um homem no alto de um pico, mãos erguidas acima do corpo e uma lança reluzente flutuando pouco além de seu alcance. Um cadáver caído aos seus pés. Wax se adiantou, colocando-se no foco de luz até estar de pé bem em frente à imagem, olhando para a parte que seu corpo não estava bloqueando. Os olhos do homem estavam voltados para cima e os lábios, entreabertos, como se assombrado com o que via.

Usava os braceletes.

Wax se virou, mas, de pé no facho de luz, não conseguiu ver nada na sala.

— Quer me dizer que seu irmão, esse ReLuur, realmente *encontrou* os Braceletes da Perdição?

— Ele encontrou algo — respondeu VenDell.

— Onde?

— Ele não sabe — disse VenDell suavemente.

Wax saiu da faixa de luz, franzindo a testa. Olhou de VenDell para MeLaan.

— O quê? — perguntou a eles.

— Ele está sem uma estaca — disse MeLaan. — Pelo que conseguimos determinar, foi atacado antes que conseguisse retornar para cá das montanhas perto das Terras Brutas do Sul.

— Não conseguimos que nos dê respostas diretas — explicou VenDell. — Um kandra sem uma estaca… Bem, não é mais são. Como você bem sabe.

Wax estremeceu, sentindo um vazio se mexer dentro de si.

— Sim.

— Então, srta. Colms — disse VenDell, afastando-se de sua máquina. — É aqui que você entra. ReLuur era… é… um dos melhores entre nós. É da Terceira Geração. Ele é um explorador, um especialista em corpos, um gênio. Perdê-lo seria um grande golpe para nós.

— Não conseguimos nos reproduzir — explicou MeLaan. — O número de kandras vivos é fixo. Os Terceiros como ReLuur… Eles são nossos pais, nossos exemplos. Nossos líderes. Ele é precioso.

— Gostaríamos que você recuperasse a estaca dele — disse VenDell. — De quem a tiver tomado. Isso vai restaurar a sanidade dele e, esperamos, suas lembranças.

— Quanto mais tempo ele passar sem ela, maiores serão as lacunas — acrescentou MeLaan.

— Então talvez você possa entender nossa urgência — retomou VenDell. — E por que achei prudente interromper Lorde Ladrian, mesmo num dia evidentemente importante. Quando voltou a nós, ReLuur não tinha um braço inteiro e metade do peito. Embora não queira, ou não possa, dizer onde conseguiu essas imagens, consegue se lembrar de ter sido atacado em Nova Seran. Acreditamos que alguém o emboscou lá, na volta, e roubou os artefatos que ele havia descoberto.

— Estão com a estaca dele — disse MeLaan, numa voz tensa. — Ainda está com eles. *Tem* que estar.

— Esperem, esperem… — cortou Marasi. — Por que não dar outra estaca a ele? Vocês estão cheios delas para fazer brincos, como o que deram a Waxillium.

Os dois kandra a olharam como se ela fosse louca, mas Wax não conseguiu entender essa reação. Achava a pergunta excelente.

— Você não entende a natureza dessas estacas — disse VenDell, quase gritando. — Para começar, não estamos "cheios de" Bênçãos kandra. Os brincos que você mencionou foram feitos de velhas estacas de Inquisidores e mal têm qualquer poder. Uma pode ter sido boa o suficiente para o pequeno feito de Lorde Waxillium há seis meses, mas *dificilmente* seria o bastante para restaurar um kandra.

— É claro — complementou MeLaan. — Se isso funcionasse, já teríamos usados todas aquelas estacas para produzir novas crianças. Não podemos; uma Benção kandra precisa ser criada muito especificamente.

— Nós *de fato* tentamos algo parecido com o que você sugere — admitiu VenDell. — TenSoon… abriu mão de uma de suas estacas para dar alguns minutos de lucidez ao nosso irmão caído. Foi muito doloroso para TenSoon e, infelizmente, não serviu para nada. ReLuur apenas gritou, suplicando por sua estaca, e se livrou da estaca de TenSoon um instante depois. Tentar usar as estacas de outro quando você não tem a sua pode provocar mudanças radicais de personalidade, memória e temperamento.

— Lessie — disse Wax, com a voz rouca. — Ela… ela mudava de estacas com frequência.

— Mas cada uma era criada especificamente para ela — esclareceu VenDell. — Nenhuma havia sido usada por outro kandra. Ademais, você a consideraria particularmente estável, Lorde Waxillium? Quanto a isso, precisa confiar em nós. Fizemos o possível. Aqui, pelo menos.

— MeLaan vai viajar a Nova Seran para investigar e recuperar a estaca faltante de ReLuur. Srta. Colms, gostaríamos que se juntasse a ela e ajudasse a recuperar a mente de nosso irmão. Podemos interceder junto a seus superiores na polícia e fazer com que seja colocada em missão de campo, trabalhando de modo clandestino para seu governo. Se conseguir recuperar a estaca de ReLuur, poderemos encontrar respostas.

VenDell olhou para Wax.

— Esta não será uma busca enlouquecida por um artefato impossível. Tudo o que queremos é nosso amigo de volta. Claro que quaisquer pistas que possam descobrir em relação a onde ele esteve, e onde fez essas imagens, serão apreciadas. Há algumas pessoas de Nova Seran pelas quais ReLuur tem fixação por razões que não conseguimos arrancar dele.

Wax estudou a última imagem por um longo tempo. Era tentador. Não ligava muito para artefatos místicos, mas alguém atacando — e quase matando — um

dos Imortais sem Rosto? *Isso*, sim, era interessante.

— Eu irei — disse Marasi atrás dele. — Farei isso. Mas… não me incomodaria de ter ajuda. Waxillium?

Uma parte dele ansiava em ir. Fugir das festas e das danças, dos encontros políticos e das reuniões de negócios. O kandra saberia disso; Harmonia saberia disso.

A raiva ferveu dentro dele. Ele caçara Lessie, e *não tinham lhe contado*.

— Esse me parece ser um desafio perfeito para suas habilidades, Marasi — disse ele. — Duvido de que precisará de mim. Você é totalmente capaz, e me sinto um idiota por ter insinuado o contrário, ainda que sem a intenção. Contudo, se quiser companhia, talvez Wayne esteja disposto a oferecer uma proteção extra. Mas temo que eu deva…

A imagem na parede se transformou em outra, de uma cidade com grandes cachoeiras. Nova Seran? Ele nunca estivera lá. As ruas eram muito arborizadas, e as pessoas circulavam em ternos marrons listrados e vestidos brancos macios.

— Ah, eu tinha esquecido — disse VenDell. — *Havia* outra imagem nos pertences de ReLuur. Nós a encontramos por último, quando as outras já tinham sido cuidadosamente embaladas para esperar a revelação. Desconfiamos que tenha sido feita em Nova Seran pouco antes do ataque.

— E por que eu deveria me importar? — perguntou Wax. — Ela…

Ele não terminou, sentindo um choque gelado ao reconhecer uma pessoa na imagem. Voltou ao foco de luz, pressionando a mão contra a parede branca, tentando, inutilmente, sentir a imagem.

— Impossível.

A pessoa estava entre dois homens que seguravam firmemente seus braços, como se a levando à frente contra a vontade. Mantendo-a prisioneira, mesmo à luz do dia. Ela olhara por cima do ombro na direção da câmera enquanto o evanotipo era tirado. Devia ser um dos novos modelos sobre os quais ele tinha ouvido falar, que não exigiam que o objeto ficasse imóvel para que a imagem fosse registrada.

A mulher estava na casa dos quarenta anos, magra, mas firme, com cabelo escuro comprido emoldurando um rosto que, a despeito dos anos de separação, Wax conhecia muito, muito bem.

Telsin. Sua irmã.

4



Duas horas depois da estranha reunião, Wayne zanzava pela mansão de Wax, olhando atrás de quadros e levantando vasos. Onde ele guardava as coisas *boas*?

— É ela, Steris — dizia Wax na sala de estar do térreo, perto dali. — E aquele homem com as costas viradas, segurando-a pelo braço, pode ser meu tio. Eles estão envolvidos nisso. Eu *tenho* que ir.

Wayne sempre achara engraçado que coubesse às pessoas ricas decidir o que era valioso. Ele inspecionou uma moldura que provavelmente era de ouro puro. Por que as pessoas gostavam daquelas coisas brilhantes? Ouro podia fazer algumas coisas divertidas num feruquêmico, mas não passava de lixo no que dizia respeito à Alomancia.

Bem, pessoas ricas gostavam de ouro. Então, pagavam muito por ele, o que o tornava valioso. Não havia nenhuma outra razão.

Como elas decidiam o que era valioso? Simplesmente se reuniam, sentavam-se, com seus ternos e vestidos, e diziam: “Ora, vamos começar a comer ovas de peixe e torná-las realmente caras. Isso vai ferrar os cérebros deles, vai sim.” Então, elas davam umas boas gargalhadas ricas e jogavam alguns criados do alto de um prédio para ver que tipo de barulho fariam ao bater no chão.

Wayne devolveu o quadro ao lugar. Ele se recusava a seguir as regras das pessoas ricas e decidia sozinho o que as coisas valiam. E aquela moldura era feia. Não ajudava nada que os primos de Steris, retratados no evanotipo que ela envolvia, parecessem peixes.

— Então você certamente deveria ir, Lorde Waxillium — disse Steris. — Por que a preocupação? Podemos adiar outras obrigações.

— É exasperador, Steris!

Mesmo no saguão, Wayne podia ouvir o tom de *estou andando de um lado para outro* na voz de Wax.

— Nenhum pedido de desculpas, deles ou de Harmonia, pelo que fizeram

comigo. VenDell fez comentários impertinentes, referindo-se a mim atirando em Lessie como um “feito”. Eles me *usaram*. Lessie estava apenas tentando, de um modo pervertido, libertar-me deles. Agora voltam, sem nenhuma menção ao que perdi, e esperam que eu simplesmente aceite fazer o que querem.

Pobre Wax. Aquilo tinha mesmo mexido com ele, tinha sim. E Wayne podia entender o motivo. Ainda assim, um pedido de desculpas? Pessoas que morriam numa inundação esperavam um pedido de desculpas de Deus? Deus fazia o que queria. Você simplesmente esperava não estar mal com Ele. Meio como um segurança de boate com uma irmã bonita.

De qualquer modo, Harmonia não era o único deus. E era isso que interessava a Wayne naquele dia.

Após algum silêncio, Wax continuou mais suavemente:

— Eu tenho que ir. Mesmo depois do que eles fizeram, se meu tio realmente estiver envolvido nisso… Se eu puder libertar Telsin… Tenho que ir. Amanhã à noite haverá uma reunião das elites políticas das cidades externas em Nova Seran. O governador Aradel está devidamente preocupado e, de qualquer modo, enviaria um representante. Isso me dá uma desculpa plausível para estar na cidade. Marasi pode procurar a estaca perdida, e eu posso caçar meu tio.

— Então está decidido — disse Steris. — Nós vamos partir imediatamente?

Wax ficou calado por um momento.

— Nós?

— Supus que… Quer dizer, se você vai levar minha irmã, pareceria muito estranho se eu não o acompanhasse — disse. Wayne quase conseguia ouvi-la enrubescendo. — Não pretendi ser presunçosa. Você, claro, pode fazer como quiser, mas…

— Não — disse ele. — Você está certa. Pareceria estranho irmos sozinhos. Afinal, o encontro incluirá uma recepção. Não quero insinuar… Quer dizer…

— Eu posso ir, mas ficar fora do seu caminho.

— Pode ser perigoso. Não posso lhe pedir isso.

— Se é o que você sente que tem que fazer, então ficarei feliz em correr o risco.

— Eu…

Ferrugem! Aqueles dois eram tão desajeitados quanto um homem que de repente solta gases dentro da igreja. Wayne balançou a cabeça, levantando um dos vasos na entrada. Boa cerâmica, com um belo padrão curvilíneo. Talvez

aquilo servisse como sua oferenda.

Alguém bateu na porta, e Wayne pousou o vaso. Não parecia certo. Mas pegou uma das flores e a trocou por uma meia tirada do bolso de trás. Percebeu, com surpresa, que tinha talheres de prata no outro bolso. Do café da manhã nupcial? Sim, isso mesmo. Eles tinham preparado um lugar para ele, com seu nome e tudo mais. Significava que a prataria era dele.

Ele recolocou no bolso garfo, faca e colher e enfiou a flor atrás da orelha. Depois, caminhou até a porta, alcançando-a pouco antes do mordomo. Olhou feio para o homem — afinal, era apenas uma questão de tempo até que ele surtasse e tentasse matar todos — e abriu a porta.

O tal kandra estava de pé do outro lado. O terno agora tinha um tom ainda mais *claro* de marrom.

— Você — disse Wayne, apontando. — Acabamos de nos livrar de você!

Fazia apenas… o quê, duas horas desde que ele tinha partido?

— Boa tarde, jovenzinho — disse o kandra. — Os adultos estão em casa?

Darriance muito delicadamente empurrou Wayne para o lado e fez um gesto para que VenDell entrasse.

— Estão esperando pelo senhor.

— Estão? — reagiu Wayne.

— Mestre Ladrian mandou deixá-lo entrar — disse o mordomo, apontando na direção da sala de estar.

— Obrigado — disse VenDell, indo para a sala.

Wayne o alcançou rapidamente.

— Bela flor — disse o kandra. — Posso ficar com seu esqueleto quando você estiver morto?

— Meu… — reagiu Wayne, tocando a cabeça.

— Você é um Criassangue, certo? Consegue se curar? Ossos de Criassangue costumam ser particularmente interessantes, já que o tempo que você passa fraco e doentio produz estranhezas em suas articulações e em seus ossos que podem ser bastante marcantes. Eu adoraria ter o seu esqueleto. Caso não se importe.

Surpreso com o pedido, Wayne ficou paralisado. Depois, passou correndo por ele, entrando na sala onde Wax e Steris estavam conversando.

— Wax — reclamou, apontando para o kandra —, o sujeito imortal está sendo assustador novamente.

— Saudações, Lorde Ladrian — disse VenDell, entrando e erguendo uma pasta. — Suas passagens, juntamente com transcrições de tudo que conseguimos arrancar de ReLuur. Eu o alerto que muito do que ele disse não é incrivelmente lúcido.

Wayne lançou um olhar para o armário de bebidas de Wax. Talvez algo ali servisse para sua oferenda.

— Eu não disse que iria — disse Wax ao imortal. — Você está me arrastando para isso, como uma ovelha é levada para o cercado.

— Sim — disse o imortal. Ergueu a pasta novamente. — Aqui há uma relação das pessoas que ReLuur menciona. Achará interessante que várias, incluindo a mulher que oferece a festa para a qual estou mandando você, tiveram encontros com seu tio.

Wax suspirou e aceitou a pasta. Fez um gesto na direção de Steris, que se levantara para fazer uma reverência.

— Minha noiva. Estávamos debatendo se ela deve me acompanhar ou não.

— Fizemos preparativos para qualquer coisa que decida — explicou VenDell. — Embora a visita *vá* parecer menos suspeita se também for, Lady Harms, não posso garantir sua segurança.

— Poderia ser útil que *você* nos acompanhasse, VenDell — disse Wax. — Poderíamos nos valer de outro Nascido do Metal.

Os olhos de VenDell se arregalaram, e ele ficou branco, como se tivesse sido informado de que seu bebê nascera com dois narizes.

— Sair em campo? *Eu?* Lorde Ladrian, eu lhe garanto que isso não é o que deseja.

— Por que não? — perguntou Wax, recostando na parede. — É praticamente impossível matá-lo, e você pode mudar sua forma ferrada para qualquer outra que quiser.

— Espere — disse Wayne, dando as costas ao armário de bebidas. — Você pode se transformar em qualquer coisa? Como um coelhinho?

— Animais muito pequenos são extremamente difíceis, já que precisamos de certa massa para conter nossas funções cognitivas e…

— Um coelhinho — disse Wayne. — Você pode ser um *coelhinho*?

— Caso seja absolutamente necessário.

— Então aquele maldito livro era sobre *isso*.

VenDell suspirou, olhando para Wax.

— MeLaan pode realizar quaisquer transformações de que você possa precisar. *Eu* honro o Primeiro Contrato, Lorde Ladrian. Ademais, o mundo exterior não combina comigo. Há demasiado… — Ele parou de falar, agitando as mãos à frente do corpo.

— Demasiado o quê? — perguntou Wax, franzindo a testa.

— *Tudo* — disse VenDell, embora Wayne não deixasse de notar que o coelhinho ferrado tinha dado uma olhada nele ao dizer isso.

Wayne balançou a cabeça, tentando abrir o armário de bebidas. Infelizmente estava trancado. Quanta confiança Wax tinha nele.

— Minha irmã os encontrará na estação — disse VenDell. — Plataforma dezessete, em quatro horas.

— *Quatro horas?* — reagiu Steris. — Preciso chamar as empregadas! E o lacaio! E… — falou, levando a mão à cabeça e parecendo fraca. — E preciso fazer uma *lista*.

— Estaremos lá, VenDell — disse Wax.

— Excelente — disse o kandra, enfiando a mão no bolso. Wayne ficou interessado, até ele tirar dali um velho brinco amassado, sem graça, simples e antiquado. — Trouxe um para você.

— Não, obrigado.

— Mas se precisar…

— *Não, obrigado* — repetiu Wax.

A troca de olhares entre eles se tornou realmente desconfortável, como se um estivesse acusando o outro de ter produzido algum tipo de fedor repulsivo.

— Bem, bem — falou Wayne, caminhando até a porta. — Encontro todos vocês na estação.

— Não vai fazer as malas? — perguntou Steris.

— A mochila está no meu quarto — respondeu Wayne. — Debaixo da cama. Tenho sempre tudo arrumado e pronto para partir, minha chapa. Nunca se sabe quando haverá um mal-entendido — disse, virando-se, pegando o chapéu no gancho, enfiando-o na cabeça e passando pela porta da frente.

Que eles fiquem debatendo e discutindo com seus assustadores coelhinhos imortais. Ele tinha coisas a fazer. Bem, pelo menos uma coisa.

Wayne tinha uma *missão*.

Ele assoviou enquanto descia os degraus dançando. Uma melodia simples, fácil e familiar, com uma batida que a acompanhava dentro da cabeça. Ba-bum, ba-bum, ba-bum. Rápida, vigorosa. Ele caminhou pela rua, mas se sentia cada vez menos satisfeito com sua flor. Não era a oferenda adequada à divindade com a qual tinha que se encontrar. Óbvia demais, fraca demais.

Ele a girou nos dedos, pensativo, assoviando suavemente sua canção. Não lhe ocorreu nenhuma ideia melhor. Aquele bairro era elegante demais, com mansões, jardins e homens aparando sebes. As ruas nem sequer fediam a estrume de cavalo. Era difícil pensar num lugar como aquele; todos sabiam que os *melhores* pensamentos se davam em becos e cortiços. Lugares onde o cérebro precisava estar alerta, até mesmo em pânico, onde um sujeito sabia que se não ficasse esperto e pensasse, provavelmente seria esfaqueado, e então o que fazer?

Manter o cérebro como refém contra sua própria estupidez: *essa* era a forma de fazer as coisas. Wayne seguiu até um canal próximo e procurou um barqueiro que parecesse entediado.

— Meu bom homem — disse Wayne a si mesmo. — Meu *bom* homem.

É, assim. Fale como se não conseguisse respirar direito, no sotaque elevado do Primeiro Oitante, com um toque terrisano. Um sotaque rico. Muito rico.

— Você, barqueiro! — Wayne chamou, acenando. — Ei! Apresse-se. Não temos tempo!

O barqueiro remou até ele.

— Rápido agora, rápido, meu bom homem! — gritou Wayne. — Diga-me. Quanto pelo dia?

— Pelo dia? — reagiu o barqueiro.

— Sim, sim — disse Wayne, entrando no barco. — Preciso de seus serviços pelo dia inteiro — falou, acomodando-se sem esperar resposta. — Vamos, avance. Suba o canal entre o quarto e o quinto, contorne o centro e depois rume para o leste até o Portão de Ferro. A primeira parada é no Terceiro Oitante. Ela está contando comigo, sabe?

— O dia inteiro — disse o barqueiro, ansioso. — Sim, senhor, ahn… milorde…

— Ladrian — disse Wayne. — Waxillium Ladrian. Não estamos nos movendo. Por que não estamos nos movendo?

O barqueiro começou a empurrar, tão contente com a perspectiva de tantas horas de trabalho que se esqueceu de pedir algum pagamento antecipado.

— Cinquenta — disse o homem finalmente.

— Ahn?

— Cinquenta. Pelo dia inteiro.

— Sim, sim, tudo bem — respondeu Wayne. *Ladrão sujo*, pensou. *Tentando enganar um cidadão honesto, ainda por cima o lorde de uma casa, simplesmente porque parece um pouco distraído?* O que o mundo estava virando? Quando seu avô Ladrian era o lorde da casa, os homens *sabiam* ter respeito. Ora, naqueles tempos, um barqueiro teria se jogado no canal antes de arrancar de alguém mais do que merecia!

— Se não se importa que eu pergunte, milorde — disse o barqueiro —, e sem querer ofender, mas suas roupas…

— Sim? — perguntou Wayne, esticando seu paletó das Terras Brutas.

— Há algo errado com elas?

— *Errado* com elas? — reagiu Wayne, dotando seu sotaque de tanta indignação nobre que ele praticamente sangrava. — Errado com elas? Homem, você não acompanha a moda?

— Eu…

— O próprio Thomton Delacour desenhou estas roupas! — contou Wayne. — Inspirado nas terras distantes do Norte. É o que existe de mais elevado, lhe digo. O mais elevado. Um *Lançamoedas* não conseguiria chegar tão alto!

— Desculpe. Desculpe, milorde. Eu disse que não queria ofender!

— Você não pode simplesmente *dizer* "não se ofenda" e depois dizer algo ofensivo, homem! Não é assim que funciona — disse Wayne, recostando-se, de braços cruzados.

Sabiamente, o barqueiro não disse mais nada. Após uns dez minutos de viagem, chegou a hora.

— Agora — disse Wayne, como se falasse para si mesmo — precisaremos parar no cais de Ponto Cintilante. E depois um deslize ao longo do Cinturão Stansel.

Ele deixou o sotaque mudar, acrescentando um pouco do modo de falar dos Knobs, um cortiço. Sotaque abafado, como uma boca cheia de algodão. Os caras lá usavam a palavra "deslize" para praticamente tudo. Uma palavra característica, essa. *Desliiiize*. Soava como algo sujo.

— Ahn, milorde?

— Ahn? — reagiu Wayne. — Ah, só estou relembrando minhas obrigações. Meu sobrinho vai se casar; você deve ter ouvido falar do casamento dele, é o assunto da cidade. Muitas obrigações. Realmente, o dia vai ser um deslize.

Era um sotaque de rufião, mas só um toque, como gotas de limão num bom uísque quente. Ele o colocou sob o sotaque de bem-nascido.

O barqueiro começou a ficar desconfortável.

— O senhor falou no Cinturão Stansel? Não é uma área boa.

— Preciso contratar alguns operários — disse Wayne, distraído.

O barqueiro continuou a remar, mas agora estava nervoso, batendo o pé, movendo o remo mais rapidamente, ignorando chamados de colegas que passavam. Havia alguma coisa *errada*. Como o cheiro de uma torta de carne deixada alguns dias embaixo do sofá. Trabalho para o dia inteiro? Uma quantia chocante? Na verdade, podia ser um golpe. Finja ser um lorde e leve-o para os cortiços para ser roubado…

— Milorde! — exclamou o homem. — Acabei de me dar conta de que tenho que voltar. Não posso pegar um trabalho para o dia inteiro. É a minha mãe. Ela precisa de mim.

— Que absurdo é esse? — reagiu Wayne. — Não tenho tempo para seus absurdos, homem! E pegar outro barco vai ser um desperdício do meu precioso tempo. Eu dobro o valor.

O homem então ficou *realmente* ansioso.

— Desculpe, milorde — disse, remando para a lateral do canal. — Muitas desculpas. Não posso fazer isso.

— Pelo menos me leve a Stansel…

— Não! — gritou o homem. — Não, não posso. Tenho que ir.

— Bem — bufou Wayne, desembarcando —, nunca fui tratado desse modo! E não estamos nem na metade do caminho!

— Lamento, milorde! — disse o homem, afastando-se o mais rápido que podia. — Lamento!

Wayne ajeitou o chapéu, sorriu e conferiu a placa pendurada no poste de luz. Estava exatamente aonde ele queria ter ido, e sem pagar nada. Começou a assoviar e caminhar ao longo do canal, ficando de olho para ver se encontrava uma oferenda melhor. O que a divindade iria querer?

Talvez aquilo?, pensou ao ver uma fila de pessoas esperando junto à carrocinha do Velho Dent para comprar suas batatas fritas. Parecia uma boa

aposta.

Wayne foi até lá.

— Precisa de ajuda, Dent?

O velho ergueu os olhos e enxugou a testa.

— Cinco clipes pelo saco pequeno, oito pelo grande, Wayne. E não coma nenhuma do estoque, ou fritarei seus dedos.

Wayne sorriu, indo para trás da carrocinha enquanto o homem voltava para o braseiro e mexia uma porção de batatas que estava sendo frita. Wayne recebeu o dinheiro dos fregueses — e não comeu muito do estoque — até atender o último da fila, um sujeito de aparência elegante usando paletó de porteiro. Provavelmente trabalhava num dos hotéis da rua. Recebiam boas gorjetas nesses empregos.

— Três grandes — pediu o homem.

Wayne deu as batatas ao homem, pegou seu dinheiro e hesitou.

— Na verdade — disse Wayne, erguendo uma nota —, você poderia trocar uma nota para mim? Estamos com muitas notas altas.

— Acho que sim — respondeu o homem, tirando sua bela carteira de pele de enguia.

— Ótimo, eis uma de vinte.

— Tenho duas de cinco e dez de um — falou o homem, pegando-as.

— Obrigado — disse Wayne, pegando-as. — Na verdade, tenho muitas notas de um. Posso ficar com aquela de dez que vi na sua carteira?

— Tudo bem.

Wayne deu a ele um punhado de moedas e pegou a nota de dez.

— Ei, só há sete aqui — reclamou o homem.

— Opa! — falou Wayne.

— O que você está fazendo, Wayne? — perguntou o Velho Dent. — Há mais troco na caixa ali embaixo.

— Mesmo? — reagiu Wayne, olhando. — Ferrugem! Certo, então que tal simplesmente me devolver a minha de vinte?

Ele contou treze para o homem e colocou as moedas e notas na mão dele.

O homem suspirou e deu a de vinte a Wayne.

— Consigo um pouco de molho para minhas batatas?

— Claro, claro — disse Wayne, colocando um pouco de molho nos sacos, ao lado das batatas. — É uma bela carteira. Quanto quer por ela?

O homem hesitou, olhando a carteira.

— Eu lhe dou isto — disse Wayne, tirando a flor da orelha e estendendo-a com uma nota de dez.

O homem deu de ombros e entregou a carteira vazia, pegando a nota e a enfiando no bolso. Jogou a flor fora.

— Idiota — disse o homem, partindo com as batatas.

Wayne jogou a carteira para cima e pegou-a de volta.

— Você deu troco a menos para o homem, Wayne? — perguntou o Velho Dent.

— Como é?

— Você fez com que ele lhe desse cinquenta e devolveu quarenta.

— O quê? — reagiu Wayne, enfiando a carteira no bolso de trás. — Você sabe que não consigo contar até tão alto, Dent. Além disso, dei dez a ele no fim.

— Pela carteira.

— Não — retrucou Wayne. — A flor foi pela carteira. A nota foi porque eu, de algum modo, acabei com uma nota de dez a mais por acaso. Foi totalmente inocente.

Ele sorriu, serviu-se de um saco de batatas e foi embora.

A carteira era legal. Sua divindade gostaria daquilo. Todos precisavam de carteiras, certo? Ele a pegou, abriu e fechou repetidamente até notar que um lado estava gasto.

Ferrugem! Ele tinha sido enganado! Aquilo certamente não serviria como oferenda. Balançou a cabeça, caminhando pelo passeio ao lado do canal. Havia uma dupla de meninos de rua de um lado, com as mãos estendidas, pedindo moedas. O som melancólico de um músico de rua vinha de algum lugar mais à frente. Wayne estava perto das Fugas, um belo cortiço, e farejou seu cheiro característico. Felizmente o aroma que vinha de uma padaria próxima superava a pior parte.

— A questão é a seguinte — disse a uma das crianças, uma menina com nem sete anos. Ele se acocorou. — Não me desdobrei o suficiente.

— Senhor? — reagiu a garota.

— Nas antigas histórias de missões, o sujeito tem que *se desdobrar*. É como

trabalhar, mas *em dobro*. Com direito a dores de cabeça ou coisa assim, talvez costas ruins também.

— Pode… Pode me dar uma moeda, senhor?

— Não tenho moedas — respondeu Wayne, pensando. — Maldição, nas histórias, eles sempre dão algo às crianças de rua, não é? Para você saber que são heróis e tudo mais. Espere aqui um segundo.

Ele se levantou e entrou correndo na padaria, fazendo-o de modo bem heroico. Uma mulher atrás do balcão estava tirando do forno uma assadeira com pães recheados de carne. Wayne bateu o garfo no balcão de madeira simples, deixando-o cravado ali como uma lendária espada ferrada.

— Quantos pães você me daria em troca disto? — perguntou.

A padeira franziu a testa, olhando para ele, e depois pegando o garfo. Ela o girou nos dedos.

— Senhor, isto é *prata* — disse.

— Então… quantos? — perguntou Wayne.

— Um monte.

— Um monte servirá, justa comerciante.

Um momento depois, ele saiu da padaria segurando três grandes sacos de papel com doze pães em cada. Jogou um punhado de moedas que a padeira insistira em dar a ele nas mãos das crianças e ergueu um dedo enquanto elas ficavam boquiabertas.

— Vocês precisam *merecer* isto — disse.

— Como, senhor?

— Peguem isto — disse, largando os sacos. — Distribuam as coisas que estão dentro.

— Para quem? — perguntou a garota.

— Qualquer um que precise — respondeu Wayne. — Mas prestem atenção: não comam mais de quatro, certo?

— *Quatro?* — perguntou a menina. — Só para mim?

— Bem, cinco, mas você é boa de negócios. Pequena trambiqueira.

Ele as deixou chocadas e saiu dançando pela beirada do canal, passando pelo músico, que tocava um velho violão.

— Algo animado, menestrel! — gritou Wayne, jogando a colher de prata no chapéu do homem, virado para receber gorjetas.

— Ora, veja — disse o homem. — O que é isto? Uma colher? — perguntou, semicerrando os olhos.

— Aparentemente, os comerciantes estão desesperados por essas coisas! — falou Wayne. — Eles lhe darão cinquenta pães de carne em troca de uma colher, com direito a troco. Agora, toque “O último suspiro”, menestrel!

O homem deu de ombros e começou a tocar a canção da cabeça de Wayne. Ba-bum, ba-bum, ba-bum. Rápido, vigoroso. Wayne se balançou para a frente e para trás, com os olhos fechados. *O fim de uma era*, pensou. *Uma divindade a aplacar*.

Ouviu as duas crianças rindo e abriu os olhos para vê-las jogando pães de carne nas pessoas que passavam. Wayne sorriu e avançou num deslize suave ao lado do canal, pela superfície escorregadia por causa de uma camada de lodo. Conseguiu avançar bons três metros antes de perder o equilíbrio e escorregar.

O que, claro, lançou-o no canal.

Ele subiu novamente ao passeio, tossindo. Bem, talvez isso pudesse contar como labuta. Caso contrário, provavelmente era uma licença poética, considerando o que fizera com Wax naquela manhã.

Ele pescou o chapéu e deu as costas ao canal. Era o que deveria fazer agora. Olhos para a frente, costas para o passado. Não fazia sentido meter o nariz em coisas que não importavam mais. Continuou seu caminho, pingando e girando a última peça de prata, a faca, entre os dedos. Aquela *não* era a oferenda certa para sua missão. Ele estava bem certo disso. Mas o que seria?

Parou na ponte seguinte sobre o canal e, depois, recuou. Um homem baixo, usando um uniforme que ele não reconheceu, caminhava por uma rua próxima com um livrinho na mão. Havia carros motorizados parados ali em diversas posições, a maioria parcialmente sobre as calçadas. O homem de uniforme parava junto a cada um, anotando algo em seu livro.

Wayne foi atrás dele.

— E então? — perguntou ao homem. — O que está fazendo?

O homenzinho de uniforme olhou para ele antes de voltar a olhar para seu caderno.

— Uma nova regra da cidade exige que carros motorizados sejam estacionados de modo organizado, não deixados sobre as calçadas como aqui.

— Então…

— Então estou anotando os números de registro de cada um — disse o

homem. — Vamos localizar os donos e aplicar uma multa.

Wayne assoviou suavemente.

— Isso é *maldoso*.

— Claro que não — reagiu o homem. — É a lei.

— Então você é um tira?

— Agente de multas — respondeu o homem. — Passei a maior parte do meu tempo inspecionando cozinhas até mês passado. Isto aqui é muito mais produtivo, vou lhe dizer. É…

— Isso é ótimo — disse Wayne. — O que quer pelo caderno?

O homem o encarou.

— Não posso trocá-lo.

— Tenho esta bela carteira aqui — disse Wayne, erguendo-a enquanto a água pingava pela lateral. — Recém-limpa.

— Circulando, senhor — disse o homem. — Não estou…

— E quanto a isto? — insistiu Wayne, sacando a faca. O homem pulou para trás, alarmado, soltando o caderno. Wayne o apanhou, largando a faca.

— Ótima troca. Obrigado. Até.

Ele saiu em disparada.

— Ei! — gritou o homem, correndo atrás dele. — Ei!

— Nada de voltar atrás! — gritou Wayne, com a mão no chapéu molhado, correndo com toda a força.

— Volte aqui!

Wayne disparou pela rua principal ao longo do canal, passando por dois homens idosos sentados nos degraus de um prédio de apartamentos perto da entrada dos cortiços.

— Aquele é o garoto de Edip — disse um deles. — Sempre se metendo em problemas.

Um segundo depois, o homem foi atingido no rosto por um pãozinho.

Wayne ignorou isso, apertando o chapéu na cabeça e correndo a toda. O tira era determinado. Seguiu Wayne por umas dez ruas antes de desacelerar e parar, com as mãos nos joelhos. Wayne sorriu e virou mais uma esquina antes de apoiar as costas nos tijolos de um prédio, ao lado de uma janela. Também estava sem fôlego.

Ele provavelmente vai fazer uma ocorrência, pensou Wayne. *Espero que a*

multa que farão Wax pagar não seja alta demais.

Ele deveria encontrar algo que pudesse levar como um pedido de desculpas. Talvez Wax precisasse de uma carteira.

Wayne ouviu algo ao seu lado e se virou, encontrando uma mulher de óculos, com a cabeça para fora da janela e olhando para ele, curiosa. Segurava uma caneta, e, do lado de dentro da janela, havia uma carta pela metade na escrivaninha à frente dela. Perfeito.

Wayne inclinou o chapéu, tomando a caneta das mãos dela.

— Obrigado — disse ele, abrindo o caderno e rabiscando algumas palavras. Enquanto ela gritava, ele jogou a caneta de volta e retomou seu caminho.

O destino final, a moradia da divindade, não estava longe. Entrou numa rua arborizada com charmosas casinhas geminadas. Ele as contou, virou para a direita e encarou uma casa. O novo templo da divindade. Ela se mudara para lá alguns meses antes.

Respirou fundo, afastando a música da cabeça. Aquilo tinha que ser *silencioso*. Subiu lenta e cautelosamente o único degrau até a porta da frente. Ali, silenciosamente, enfiou o caderno no ponto entre a maçaneta e a porta. Não ousou bater. Ranette era uma divindade ciumenta, conhecida por atirar nas pessoas. Para ela, isso era praticamente uma determinação governamental. Se os policiais não encontrassem alguns cadáveres junto à sua porta toda semana, começariam a imaginar se não estaria se sentindo bem.

Wayne se afastou. Sorriu, imaginando a reação de Ranette quando abrisse a porta, e estava tão distraído que quase se chocou contra *a própria Ranette* subindo na direção da casa.

Wayne cambaleou para trás. Cabelo castanho perfeito, preso atrás para expor um rosto deslumbrante, marcado pelo tempo passado nas Terras Brutas. Uma silhueta fantástica, com curvas em todos os lugares certos. Alta. Mais alta que Wayne. De modo que ele tinha algo a admirar.

— Wayne! O que está fazendo junto à minha porta?

— Eu…

— Idiota — disse ela, passando por ele. — É melhor que não tenha invadido. Diga a Wax que acabei de entregar as cordas para ele. Não precisava ter mandando alguém para conferir.

— Cordas? — perguntou Wayne. — Que cordas?

Ela ignorou a pergunta, murmurando.

— Eu juro que *vou* atirar em você, seu pequeno verme.

Ele a observou se afastar, sorrindo consigo mesmo, depois se virou para ir embora.

— O que é isto? — perguntou ela atrás dele.

Ele continuou andando.

— Wayne! — gritou ela. — Vou atirar em você agora mesmo. Juro que vou. Diga o que você fez.

Ele se virou.

— É só um presente, Ranette.

— Um caderno? — perguntou ela, folheando as páginas.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu de ombros.

— Caderno para escrever — respondeu. — Você está sempre escrevendo coisas, pensando em coisas. Imaginei que, se havia algo que podia ser útil para você, era um caderno de escrever. Todas as ideias que você tem devem ficar bem apertadas aí em cima na sua cabeça. Faz sentido que você precise de lugares para guardá-las.

— Por que está encharcado?

— Me desculpe. Esqueci e o enfiei no bolso por um momento. Mas tirei logo depois. Lutei com dez policiais para conseguir isso, se quiser saber.

Ela folheou, com os olhos apertados de desconfiança, até chegar à última página.

— O que é isto? — perguntou, aproximando-o e lendo as palavras que ele rabiscara no fim. — “Obrigado e adeus”? O que há de errado com você?

— Nada de errado — respondeu Wayne. — Só achei que era hora.

— Está indo embora?

— Por um tempo, mas não é isso que as palavras estão dizendo. Tenho certeza de que nos veremos novamente. Talvez com frequência e tudo mais. Eu verei você… mas não vou estar *vendo* você de novo. Entende?

Ela olhou para ele por um longo tempo e, então, pareceu relaxar.

— Está falando sério?

— Sim.

— Finalmente.

— É preciso crescer em algum momento, certo? Descobri que… Bem, que um homem querer uma coisa não a torna verdade, sabe?

Ranette sorriu. Parecia ter passado muito tempo desde que a vira fazer isso. Ela caminhou na sua direção, e ele nem sequer se encolheu quando ela estendeu a mão. Sentiu orgulho disso.

Ele tomou a mão dela e beijou-a.

— Obrigada, Wayne.

Ele sorriu, soltou-a e virou-se para partir, mas, depois de um passo, hesitou, deslocou o peso do corpo de um pé para o outro e se inclinou na direção dela novamente.

— Marasi disse que você está cortejando outra garota.

— Estou.

Wayne anuiu.

— Bem, não quero dizer algo errado, considerando que estou sendo tão cavalheiresco, adulto e tudo mais, mas não se pode culpar um homem por ter ideias ao ouvir algo assim. Então… acho que não haveria uma chance de nós *três*…

— Wayne.

— Não ligo nem um pouco se ela for gorda, Ranette. Gosto de uma garota com algo para segurar.

— *Wayne*.

Ele olhou novamente para ela, notando a tempestade em sua expressão.

— Certo — disse. — Certo. Tudo bem. É. Será que, quando nos lembrarmos com afeto dessa conversa e de nossa memorável despedida podemos esquecer que eu disse essa última parte?

— Vou me esforçar.

Ele sorriu, tirou o chapéu e fez uma grande mesura que aprendera com um porteiro de sexta geração no salão de baile de Lady ZoBell no Quarto Oitante. Depois se empertigou, recolocou o chapéu e deu as costas a ela. Ele se viu assoviando enquanto seguia em frente.

— Que música é essa? — perguntou ela. — Eu a conheço.

— “O último suspiro” — respondeu ele, sem se virar. — Estavam tocando no piano quando nos conhecemos.

Ele virou a esquina e não olhou para trás. Nem mesmo conferiu se ela o mirava com um rifle ou coisa assim. Sentindo-se animado, foi até o cruzamento movimentado mais próximo e jogou a carteira vazia na sarjeta. Pouco depois,

uma carruagem de aluguel parou, o cocheiro olhou de lado, viu a carteira e desceu apressadamente para pegá-la.

Saindo em disparada de um beco, Wayne chegou antes do homem, saltando sobre a carteira e rolando no chão.

— É minha! — disse. — Eu vi primeiro!

— Absurdo — disse o cocheiro, batendo em Wayne com sua vara de atiçar o cavalo. — Eu a deixei cair, rufião. Ela é minha!

— Ah, é assim? — retrucou Wayne. — Então quanto há nela?

— Não preciso lhe dizer.

Wayne sorriu, erguendo a carteira.

— Vamos fazer uma coisa: você pode ficar com ela e o que houver dentro, mas tem que me levar até a estação ferroviária oeste do Quarto Oitante.

O cocheiro o encarou. Após alguns instantes, estendeu a mão e aceitou.

Meia hora depois, o coche parou na estação ferroviária, uma construção de aparência deprimente com torres de picos e pequenas janelas, como se para provocar aqueles presos do lado de dentro, dando-lhes uma mínima visão do céu. Wayne estava sentado no banco destinado aos lacaios, com as pernas balançando no ar. Trens soltavam fumaça perto dali, chegando às plataformas para engolir uma nova rodada de passageiros.

Wayne saltou, inclinou o chapéu para o cocheiro ranzinza, que parecia bem consciente de que havia sido enganado, e entrou pelas portas abertas. Enfiou as mãos nos bolsos e olhou ao redor até encontrar Wax, Marasi e Steris em meio a uma pequena montanha de malas, com empregados a postos para carregá-las.

— Finalmente! — exclamou Wax. — Wayne, nosso trem está prestes a partir. Onde você estava?

— Fazendo uma oferenda a uma bela divindade — respondeu Wayne, olhando para o teto alto do prédio. — Por que você acha que eles fizeram um edifício tão alto? Não é como se os trens entrassem aqui, é?

— Wayne — chamou Steris, torcendo o nariz —, você está bêbado?

Ele respondeu com uma voz um pouco pastosa:

— Claro que não. Por que… por que eu estaria bêbado a esta hora? — perguntou, olhando preguiçosamente para ela.

— Você é insuportável — disse ela, fazendo um gesto para sua criada. — Não posso acreditar que você se arriscou a chegar atrasado por causa de um pouco de

bebida.

— Não foi um *pouco* — retrucou Wayne.

Quando o trem chegou, juntou-se aos outros que embarcavam. Steris e Wax tinham reservado um vagão *inteiro* para o grupo. Infelizmente, a reserva de última hora fizera com que precisassem viajar no fim do trem, e Wayne teria que dividir o quarto com Herve, o lacaio. Maldição. Ele sabia que o homem roncava. Teria que encontrar algum outro lugar para dormir ou ficar acordado. A viagem para Nova Seran não iria demorar *tanto* assim. Chegariam antes do nascer do sol.

Na verdade, assim que a coisa finalmente se colocou em movimento, ele saiu pela janela de seu compartimento, para a grande consternação de Herve, e subiu até o teto do veículo. Ficou sentado lá por um tempo, assoviando baixo, vendo Elendel passar, o vento agitando seu cabelo. Uma canção simples, fácil e familiar, e a batida do trem nos trilhos abaixo. Ba-bum, ba-bum, ba-bum. Rápida… vigorosa.

Depois se deitou, olhando para o céu, as nuvens, o sol.

Olhos para a frente, costas viradas para o passado.



SEGUNDA PARTE



5



Observando a paisagem, Wax ficou imediatamente impressionado com quão *povoada* era a terra ao sul de Elendel.

Era fácil esquecer quantas pessoas moravam em outras cidades que não a capital. A ferrovia acompanhava um rio largo o bastante para engolir cidades inteiras das Terras Brutas. Aldeias, cidades e mesmo metrópoles salpicavam o caminho, tão movimentado que o grupo passava por outros trens a cada cinco minutos. Entre as cidades, pomares se estendiam à distância. Campos de trigo se curvavam e dançavam ao vento. Tudo era verde e vibrante e refrescava à noite, quando as brumas chegavam.

Wax deixou a paisagem de lado e enfiou a mão no pacote que Ranette lhe enviara. Dentro, numa caixa feita sob medida, com revestimento de veludo, havia uma grande escopeta de cano duplo. Ao lado dela, em seus próprios encaixes, três esferas enroladas num cordão fino.

Pelas esferas e pelos cordões ele esperara. A escopeta era um brinde.

Fazendo experiências com cargas superpoderosas e projéteis enormes para deter Brutamontes ou koloss puros, dizia um bilhete. *Por favor, teste. Vai exigir peso aumentado de sua parte para disparar. O coice deve ser excepcional.*

Ferrugem e Ruína! As balas daquela coisa eram quase tão largas quanto o punho de um homem. Era como um canhão. Ele ergueu uma bala enquanto o trem desacelerava e entrava numa estação. Ainda não estava muito escuro, mas as janelas na cidade brilhavam.

Luzes elétricas. Ele baixou o projétil, estudando-as. As cidades externas tinham eletricidade?

Claro que sim, idiota, pensou imediatamente. Por que não teriam? Ele caíra na mesma armadilha que, um dia, o levara a debochar de outros. Começara a supor que tudo que era importante, novo ou empolgante acontecia dentro de Elendel. Esse tipo de atitude o incomodava quando morava nas Terras Brutas.

O trem deixou um punhado de passageiros e recebeu apenas alguns, o que surpreendeu Wax, considerando a plataforma lotada. Estariam esperando por outro trem? Ele se inclinou de lado para ter uma visão melhor pela janela. Não… As pessoas estavam reunidas, escutando uma delas gritar algo que Wax não conseguia entender. Enquanto se esforçava para ler um cartaz que uma das pessoas carregava, alguém lançou um ovo, que *explodiu* bem ao lado de sua janela.

Ele recuou. O trem avançou novamente, tendo esperado apenas uma fração do tempo que normalmente gastava numa parada. Enquanto saía da estação, outros ovos voaram na sua direção. Wax finalmente teve uma boa visão do cartaz, que dizia “CHEGA DA OPRESSÃO DE ELENDEL!”.

Opressão? Ele franziu a testa, recostando no assento enquanto o trem fazia uma curva, permitindo que visse o grupo de pessoas na plataforma. Algumas saltaram nos trilhos e agitaram punhos.

— Steris? — chamou ele, guardando a caixa de Ranette. — Você tem prestado atenção à situação das cidades externas?

Ele não teve resposta. Olhou para a noiva, ainda sentada em frente a ele, aninhada no assento com um cobertor sobre os ombros. Ela não parecia ter notado a parada ou os ovos, com o rosto tão enfiado num livro que fechá-lo teria prendido o seu nariz.

Landre, a criada, tinha saído para preparar a cama de Steris, e Wayne estava fazendo sabe-se lá o quê. Então, os dois estavam sozinhos.

— Steris?

Nenhuma resposta. Wax inclinou a cabeça de lado, tentando ler a lombada e descobrir o que a fascinava tanto, mas ela colocara uma capa de tecido no livro. Ele se deslocou um pouco para o lado e viu que os olhos dela estavam arregalados enquanto lia. Ela virou uma página rapidamente.

Wax franziu a testa, levantando-se e inclinando-se para ter uma visão das páginas. Steris o viu, deu um salto e fechou o livro com força.

— Ah! — exclamou. — Você disse alguma coisa?

— O que você está lendo?

— A história de Nova Seran — respondeu Steris, enfiando o livro debaixo do braço.

— Você parecia chocada enquanto lia.

— Bem, não sei se você sabe, mas o nome Seran tem uma história muito

perturbadora. O que você queria me perguntar?

Wax se acomodou.

— Vi uma multidão reunida na plataforma da estação. Pareciam irritados com Elendel.

— Ah, ahn, sim, vamos ver. Cidades externas… Situação política. — Ela pareceu precisar de um minuto para se recompor. O que *lera* naquela história que era tão desconcertante? — Bem, não me surpreende. Eles não estão felizes, por motivos óbvios.

— Você fala da questão dos impostos? Eles estão *tão* aborrecidos assim? — perguntou Waxillium, olhando pela janela, mas já estavam longe demais para que visse a multidão. — Nós cobramos poucos impostos, só para manter a infraestrutura e o governo.

— Bem, eles argumentariam que não precisam do nosso governo, já que têm sua própria administração municipal. Waxillium, muitas pessoas que vivem na Bacia sentem que Elendel está tentando agir como se nosso governador fosse um tipo de imperador, algo que deveria ter terminado quando o Lorde Nascido da Bruma renunciou após um século de governo.

— Mas nossos impostos não vão para o governador Aradel — argumentou Wax. — Eles pagam coisas como policiais para patrulhar as docas e funcionários para a manutenção das linhas férreas.

— Tecnicamente isso é correto — argumentou Steris. — Mas todos os bens *também* são tributados quando entram em Elendel usando exatamente as linhas férreas e os rios de que cuidamos. Você já notou que quase não há linhas férreas entre cidades fora de Elendel? A não ser pela interseção em Doriel, qualquer um que quiser ir de uma cidade externa a outra precisa ir *para* Elendel. Quer transportar algo de Elmsdel para Rashekin? Tem que passar por Elendel. Quer vender metais em Tathingdwel? Tem que passar por Elendel.

— Um sistema integrado que faz todo sentido — disse Wax.

— E também permite que cobremos impostos de praticamente todos os bens transportados por toda a Bacia — respondeu Steris. — Segundo os argumentos das cidades externas, isso significa que estamos cobrando impostos *duas vezes*. Primeiro, as taxas para manter as linhas ferroviárias, depois um segundo tributo quando os obrigamos a passar tudo que vendem por nós. Eles pressionaram durante anos pela construção de algumas linhas diretas dando a volta na Bacia, e isso sempre lhes foi negado.

— Ahn — disse Wax, recostando.

— A questão dos rios é igualmente feia — continuou Steris. — Nós não controlamos onde eles passam, claro, mas todos correm na direção de Elendel, então nós controlamos o tráfego fluvial. Há estradas entre as cidades, mas elas são terrivelmente ineficazes quando comparadas à viagem fluvial ou à ferroviária, de modo que as tarifas de Elendel basicamente definem os preços na Bacia. Podemos garantir que nenhum bem produzido na cidade seja vendido a preço baixo e dar incentivos para que as coisas que *não* produzimos sejam vendidas com desconto na cidade.

Wax anuiu lentamente. Ele tinha uma vaga ideia e ouvira falar das queixas das cidades externas, mas sempre lera sobre isso nos jornais de Elendel; ouvir aquilo ser dito tão diretamente por Steris o deixou impressionado com a sua miopia.

— Eu deveria ter prestado mais atenção. Talvez devesse falar com Aradel sobre isso.

— Bem, há motivos para Elendel agir assim — disse Steris, colocando o livro de lado e levantando-se para pegar uma bagagem. Wax olhou para o livro, notando que ela marcara a página. Esticou a mão na direção dele, mas uma sacudida repentina do trem derrubou Steris no assento e a mala em cima do livro. — Lorde Waxillium?

— Desculpe. Continue.

— Bem, o governador e o Senado estão tentando manter uma só nação unificada, em vez de permitir que a Bacia se fragmente num punhado de cidades-estados. Estão usando a economia para forçar as cidades externas a aceitarem o governo centralizado em troca de tarifas reduzidas. Mesmo Aradel, um liberal moderado, aceitou que isso é bom para a Bacia como um todo. Claro que as casas nobres não ligam tanto para manter a unidade quanto para colher os benefícios de um controle do comércio.

— E suponho que me beneficio dessas políticas…

— Beneficia? — reagiu Steris. — Você praticamente prospera com elas, Lorde Waxillium. Seus têxteis e sua metalurgia sofreriam cortes de preço dramáticos sem essas tarifas. Você votou pela manutenção delas duas vezes e por *elevá-las* uma vez.

— Eu… fiz isso?

— Bem, eu fiz — contou Steris. — Você me disse para cuidar dos interesses de sua casa ao votar em…

— Sim, eu sei — Wax, suspirando.

O trem sacudiu nos trilhos, entre solavancos ritmados vindo de baixo. Wax se virou novamente para a janela, mas eles não estavam passando por uma cidade, e tudo ficava escuro. Sem brumas naquela noite.

— Há algo errado, Lorde Waxillium? — perguntou Steris. — Sempre que falamos de política ou das finanças da casa, você fica distante.

— É porque às vezes eu sou uma criança, Steris — respondeu Wax. — Por favor, continue sua explicação. São coisas que preciso aprender. Não deixe que minha ignorância a desencoraje.

Steris se inclinou para a frente e pousou a mão em seu braço.

— Os últimos seis meses têm sido difíceis. Você tem motivos para não prestar atenção na política.

Ele continuou a olhar pela janela. Depois da primeira morte de Lessie, ele ficara perdido. Estava determinado a não reagir desse modo novamente e decidira voltar sua atenção para o trabalho com os policiais, para qualquer coisa que o mantivesse ocupado e o impedisse de mergulhar na mesma inatividade melancólica que tomara conta dele ao perdê-la pela primeira vez.

— Ainda assim, fui um tolo. E talvez haja mais por trás disso. Steris, nunca tive cabeça para a política, mesmo quando estava tentando cumprir minhas obrigações. Isso pode estar além de mim.

— Em nossos meses juntos, passei a vê-lo como uma pessoa extremamente inteligente. Os enigmas que o vi resolver, as respostas que o vi arrancar… não são nada menos que impressionantes. Você certamente é capaz de cuidar de sua casa. Com seu perdão, eu diria que a questão não é a sua capacidade, mas aquilo com o que você se importa.

Wax sorriu, olhando para ela.

— Steris, você é um encanto. Como alguém pode achá-la chata?

— Mas eu *sou* chata.

— Absurdo.

— E quando lhe pedi para me ajudar a revisar minha lista de preparativos para essa viagem?

A lista tinha *vinte e sete* páginas.

— Ainda não acredito que você conseguiu colocar todas aquelas coisas em nossas malas.

— Todas aquelas coisas? — reagiu Steris, piscando. — Lorde Waxillium, eu não *trouxe* todas aquelas coisas.

— Mas você fez uma lista.

— Para pensar em tudo que *poderíamos* precisar. Eu me sinto melhor quando algo dá errado se tiver imaginado essa possibilidade. Pelo menos, se nos depararmos com algo que esqueci, posso me sentir bem sabendo que imaginei que poderíamos precisar.

— Mas se você não trouxe todas aquelas coisas, o que há em tantas malas? Eu vi o esforço de Herve para colocar algumas delas no trem.

— Ah — disse Steris, abrindo a mala que baixara. — Bem, as finanças de nossa casa, claro.

De fato, havia uma grande pilha de livros-caixa dentro da bagagem.

— Essa viagem não foi programada, e tenho que preparar um relatório de contabilidade para os bancos até o mês que vem — explicou Steris. — A Casa Ladrian, em grande medida, recuperou-se dos gastos do seu tio, mas precisamos manter os livros impecáveis para convencer os credores de que estamos solventes, para que assim estejam dispostos a trabalhar conosco.

— Nós temos contadores, Steris — lembrou Wax.

— Sim, esse é o trabalho deles, mas preciso verificar. Você não pode simplesmente *entregar* ao banco o trabalho de alguém sem ter certeza de que foi feito corretamente. Ademais, há uma diferença de três clipes nas finanças deste trimestre.

— Três clipes? — perguntou Wax. — Em quanto dinheiro?

— Cinco milhões.

— Há uma diferença de três centésimos de um boxe em cinco *milhões* —disse Wax. — Eu diria que isso não é ruim.

— Bem, está dentro da margem permitida pelos bancos, mas ainda é um descuido! — afirmou Steris. — Estas finanças são como nos apresentamos ao mundo, Lorde Waxillium. Se você quer superar a impressão que as pessoas têm da Casa Ladrian e de seu mau comportamento, precisa concordar que temos a obrigação de nos apresentar como… Você está fazendo a mesma coisa de novo.

Wax se assustou, empertigando-se.

— Desculpe-me.

— Uma expressão distante nos olhos — notou Steris. — Não é você quem está sempre falando sobre a responsabilidade que os homens têm quanto a

cumprir a lei?

— Algo totalmente diferente.

— Mas sua responsabilidade com sua casa…

— É o motivo pelo qual estou aqui, Steris — disse Wax. — Pelo qual voltei das Terras Brutas. Eu a reconheço. Eu a aceito.

— Apenas não gosta dela.

— Um homem não precisa gostar do seu dever. Tem apenas que cumpri-lo.

Ela cruzou as mãos no colo, estudando-o.

— Aqui, permita-me que eu lhe mostre uma coisa — disse, levantando-se e pegando outra mala no compartimento acima do banco.

Wax aproveitou o momento de distração para espiar o livro que ela estava lendo. Avançou até a página que ela marcara, curioso para descobrir o que exatamente em Nova Seran a cativara tanto.

Então ficou totalmente chocado ao ver que a página não continha uma descrição histórica, mas desenhos *anatômicos*. Juntamente com longas descrições explicando… a reprodução humana?

O compartimento ficou completamente imóvel. Wax ergueu os olhos e descobriu que Steris o encarava com uma expressão de horror. Ficou vermelha como um tomate e caiu em seu assento, cobrindo o rosto com as mãos e gemendo alto.

— Ahn… — começou Wax. — Acho que… Ahn…

— Acho que vou vomitar — avisou Steris.

— Não quis xeretar, Steris. Você apenas estava agindo de modo tão *estranho* e tão fascinada com o que havia no livro…

Ela gemeu de novo.

Wax se sentiu desconfortável, procurando palavras.

— Então… você não tem qualquer… experiência nesses assuntos, imagino.

— Fico pedindo detalhes — disse Steris, recostando no assento e jogando a cabeça para trás, olhando para o teto. — Mas ninguém me conta nada. “Você vai descobrir”, elas dizem, com uma piscadela e um sorriso. “O corpo sabe o que fazer.” Mas e se o meu corpo *não* souber? E se eu fizer *errado*?

— Você poderia ter me perguntado.

— Porque *isso* não seria constrangedor — disse Steris, fechando os olhos. — Eu sei o básico; não sou idiota. Mas *preciso* gerar um herdeiro. É vital. Como se

espera que eu faça isso corretamente se não tenho nenhuma informação? Tentei entrevistar prostitutas sobre isso…

— Espere aí. Você perguntou a prostitutas?

— Sim. Um trio de jovens muito gentis; eu as encontrei para um chá, mas elas se fecharam no instante em que descobriram quem eu era. Chegaram a ficar estranhamente protetoras e não me deram nenhum detalhe. Fiquei com a impressão de que elas me acharam bonitinha. O que podem ter achado bonitinho numa solteirona? Você se dá conta de que tenho quase *trinta* anos?

— Está com um pé na cova, evidentemente — retrucou Wax.

— É fácil brincar quando se é homem — cortou ela. — Você não está quase perdendo seu prazo de validade.

— Você vale mais do que sua capacidade de gerar filhos, Steris.

— É verdade. Também há o meu dinheiro.

— E tudo o que *eu* estou colocando neste acordo é meu título — disse Wax. — A situação é a mesma para os dois lados.

Steris se acomodou, respirando por entre os dentes por algum tempo. Finalmente, abriu um olho.

— Você também sabe atirar em coisas.

— Algo de que toda dama precisa num homem.

— Assassinatos são muito tradicionais. Remontam há muito tempo.

Wax sorriu.

— Na verdade, se você quiser ser *rigidamente* tradicional e remontar ao Par Imperial, era a dama quem cuidava dos assassinatos.

— De qualquer modo, peço desculpas pela minha afronta. Foi desnecessária. Devo me esforçar para ser mais firme comigo mesma depois de nossa união.

— Não seja boba — disse Wax. — Gosto de ver momentos como esse em você.

— Você gosta de ver damas perturbadas?

— Gosto quando você me mostra algo novo em você. É bom lembrar que as pessoas têm diferentes lados.

— Bem — disse ela, pegando o livro. — Posso continuar minha pesquisa em outro momento. Afinal, nosso casamento foi adiado.

Deveria ter sido esta noite, pensou ele. *Nossa noite de núpcias*. Ele sabia, claro, mas pensar nisso fazia com que se sentisse… o quê? Aliviado? Triste?

Ambos?

— Se isso a deixar mais à vontade — disse Wax enquanto ela enfiava o livro na mala —, não precisaremos nos… envolver com grande frequência, particularmente depois que um filho for conseguido. Acho que sua pesquisa não será necessária para mais de uma dúzia de ocasiões.

Quando ele disse isso, ela murchou, ombros caindo, cabeça baixando. Ainda não olhava para ele, fuçando a mala, mas ele identificou o desânimo imediatamente.

Maldição. Foi uma coisa idiota a dizer, não foi? Se Lessie estivesse ali, teria pisado em seu dedão. Ele se sentiu mal e depois pigarreou.

— Isso foi deselegante da minha parte, Steris. Eu lamento.

— Nunca deveria ser errado dizer a verdade, Lorde Waxillium — disse ela, empertigando-se e olhando para ele, novamente composta. — É exatamente como nosso acordo deve ser, sei muito bem. Eu *escrevi* o contrato.

Wax cruzou o espaço que os separava e se sentou ao lado dela, colocando suas mãos nas da noiva.

— Não gosto dessa conversa vindo de você. Ou de mim. Tornou-se um hábito para nós fingir que esse relacionamento não passa de títulos e dinheiro. Mas, Steris, quando Lessie morreu… — disse ele, engasgando e respirando fundo antes de continuar. — Todos queriam conversar comigo. Falar comigo. *Tagarelar* sobre como sabiam o que eu estava sentindo. Mas você simplesmente me deixou chorar. Era do que eu mais precisava. Obrigado.

Ela o olhou nos olhos e apertou sua mão.

— O que temos juntos e o que fazemos com nosso futuro não precisa ser definido por um pedaço de papel — continuou ele. Ou, bem, por uma grande pilha de papéis. — O contrato não precisa estabelecer nossos limites.

— Perdão, mas pensei que era exatamente esse o objetivo de um contrato. Definir e estabelecer limites.

— E o objetivo da vida é ampliar nossos limites, acabar com eles, fugir deles — retrucou Wax.

— Uma opinião estranha para um homem da lei — disse Steris, inclinando a cabeça para o lado.

— De modo algum — retrucou Wax. Ele pensou por um momento. Depois, foi novamente até seu assento e procurou a caixa de Ranette, tirando uma das esferas de metal com um cordão comprido. — Você reconhece isto?

— Reparei que você estava olhando para isso mais cedo.

Wax anuiu.

— É a terceira versão do equipamento de gancho de Ranette, como aquele que usamos para escalar a Torre ZoBell. Veja.

Ele queimou aço e *empurrou* a esfera, que saltou de seus dedos e disparou na direção da barra no compartimento de bagagem, arrastando o cordão, que Wax segurou. Quando a esfera atingiu a altura do compartimento, Wax *empurrou* uma linha azul fina revelada por seus sentidos alomânticos. Ela apontava para um fecho escondido dentro da esfera, como aquele dentro de Vindicação que desligava a trava de segurança.

Um conjunto oculto de ganchos se projetou da esfera. Ele puxou o cordão e ficou satisfeito ao ver que a esfera travou no lugar, presa no compartimento de bagagem.

Muito melhor que os outros projetos, pensou Wax, impressionado. Ele *empurrou* o fecho uma segunda vez, e o mecanismo recolheu os ganchos com um estalo. A bola caiu na almofada ao lado de Steris, e Wax a puxou para sua mão usando o cordão.

— Esperto — disse Steris. — Mas como isso se relaciona com a conversa?

Wax *empurrou* a esfera novamente, mas dessa vez não usou o mecanismo. Em vez disso, segurou o cordão com força, dando à esfera pouco menos de um metro de linha. Ela parou com uma sacudida em pleno ar, flutuando. Ele continuou *empurrando* para cima e para longe dele, mas também segurando o cordão, e isso impediu que a esfera caísse.

— As pessoas são como cordões, Steris — disse Wax. — Nós saímos deslizando, para um lado e para outro, sempre procurando algo novo. Faz parte da natureza humana descobrir o que está escondido. Há tanto que podemos fazer, tantos lugares aonde podemos ir. — Ele se ajeitou no assento, mudando o centro de gravidade, o que fez a esfera girar para cima. — Mas se não há limites, ficamos enrolados — disse ele. — Imagine mil desses cordões disparando pela sala. A lei está aí para nos impedir de barrar a capacidade de explorar de todos os outros. Sem lei não há liberdade. Por isso sou o que sou.

— E a caçada? — perguntou Steris, verdadeiramente curiosa. — Isso não lhe interessa?

— Claro que sim — disse Wax, sorrindo. — Isso é parte da descoberta, parte da *procura*. Descobrir quem fez. Descobrir os segredos, as respostas.

Havia, claro, outra parte, a parte que Miles forçara Wax a admitir. Havia certa raiva perversa dirigida aos que violavam a lei, quase uma *inveja*. Como essas pessoas ousavam escapar? Como ousavam ir aos lugares aonde ninguém mais podia ir?

Ele deixou a esfera cair, e Steris a pegou, examinando-a com um olhar meticuloso.

— Você fala sobre respostas, segredos e procura. Por que odeia tanto a política?

— Bem, pode ser porque ficar sentado numa sala abafada escutando as pessoas reclamarem é o *oposto* de fazer descobertas.

— Não, não é — reagiu Steris. — Cada reunião é um mistério, Lorde Waxillium. Quais são as motivações de cada um? Quais mentiras discretas estão contando e quais verdades você pode descobrir?

Ela jogou a esfera de volta para ele, pegou sua maleta e a colocou na pequena mesa de centro entre os dois.

— Assim como as finanças da casa.

— Finanças da casa… — repetiu ele, secamente.

— Sim! — afirmou ela, tirando um livro-caixa da maleta. — Veja só.

Ela o abriu e apontou para uma conta.

Ele olhou para a página e para ela. *Tanta animação*, pensou. Mas… livros-caixa?

— Três clipes — disse ele. — As tabelas são diferentes por causa de três clipes. Desculpe, Steris, mas é uma quantia sem importância. Não vejo…

— *Não* é sem importância — disse ela, deslizando e sentando-se ao lado dele. — Você não vê? A resposta está em algum lugar. Não está nem ao menos curioso? O mistério de onde eles foram parar?

Ela meneou a cabeça para ele, animada.

— Bem, suponho que você poderia me mostrar como procurar por eles — disse. Wax temia a ideia, mas ela parecia tão feliz.

— Aqui — falou, dando-lhe um livro-caixa e pegando outro. — Olhe os bens recebidos. Compare as datas e os pagamentos no livro-caixa. Vou estudar a manutenção.

Ele deu uma espiada para a porta, meio que esperando que Wayne estivesse lá fora no corredor, rindo tolamente daquela pegadinha. Mas Wayne não estava lá.

Aquilo não era uma pegadinha. Steris agarrou seus próprios livros-caixa e os atacou com tanta fúria quanto um homem faminto dedicaria a um belo filé.

Wax suspirou, recostou-se e começou a estudar os números.

A

NOVA ASCE

Vol. 6, Nº 220 — NOVA SERAN, 8 de CLADENC

Alomântico Jak

apresenta

Nicki Savage, detetive paranormal

em...

As Criações da Antiguidade

Quando um ladrão rouba um grande mapa de Nova Seran, a sra. Savage entra no caso. Um compartimento secreto do mapa contém o presente de despedida do seu pai, a localização de uma tribo de seres metálicos, os kalàis, criações perdidas do Senhor Soberano. No momento, tudo o que impede nossa jovem ousada de descobrir os segredos das Criações Desconhecidas da Antiguidade é o ladrão mágico que ela chama de "homem assombrado"!

Parte dois

"A medonha cabine de teleférico!"

Cheguei no instante em que as portas da cabine se fecharam com força e o veículo se lançou à frente. Por trás das portas de vidro, o homem assombrado sorriu, ao brilho esverdeado de seus equipamentos, que o iluminavam por baixo.

Corri ao lado da cabine, mantendo o ritmo, enquanto pegava minha confiável garrafinha de cromo para tomar um gole rápido. O calor subiu de meu estômago para minha garganta, bem como minha confiança.

Quando a cabine se afastou da plataforma, eu me lancei no ar.

(Continua abaixo da dobra!)

OS MAIS NOVOS NAVIOS "DIVERTEM" FUNCIONÁRI



Há uma semana, o prefeito de Bilming, Lorde Bastien Severington, foi ao impressionante porto da cidade para receber e saudar funcionários importantes e nobres do Senado de Elendel. Assim como a Tartaruga Pacífica, símbolo da grande cidade de Bilming, o gentil convite à elite de Elendel foi visto como um gesto de amizade e aproximação.

Mais impressionante que o porto são as fileiras de navios atracados lá. A maioria é dos habituais cliperes e cargueiros, mas entre eles flutuam monstros de metal que são como tubarões entre tartarugas. Essas são as belonaves desenvolvidas por Lorde Severington e pelo falecido dr. Florin Malin, antecessor do atual ministro da Ciência e Tecnologia da Bacia.

"Cada navio carrega oito canhões duplos de trinta centímetros e cada abertura tem alcance de 26 quilômetros", disse Severington. "Entre outras melhorias estão cascos blindados reforçados, localizadores elétricos e velocidade máxima de 38 quilômetros por hora. Nós os chamamos de Peltrenautas."

Mas alguns integrantes da delegação de Elendel não ficaram impressionados.

"Que divertida mostra de brinquedos", disse o senador Inis Julien. "Por que precisamos de navios de guerra? A Bacia está sozinha em terra e nos mares. De quem precisamos nos proteger?"

(Continua na verso.)

Harm

O filósofo da P
labris Menthon fi
de maneira retóri
o Lorde Nascido
sou nasso quando
pergunta que se
"Tendo o tom Sa
De assembleias
tão ainda é debat
descobertas cient
ram mais perto de

(Continua

Cabine quebrada afeta passageiros

Um problema não identificado interrompeu a Linha Zinco ontem, ao pôr do sol, segundo a Agência de Transportes de Nova Seran. A ATNS levou os passageiros para casa ao estilo antigo, descendo as ladeiras sinuosas em burricos e riquixás. Consideramos isso uma prova da necessidade de um sistema de transporte alternativo para momentos de emergência.



(Continua no verso.)

Beba à saúde de Elendel!

O uísque Brand tem sido produzido
é melhor que qualquer coisa vinda do

EM CARTAZ!
No Teatro Trio da Cidade Alta
COVIL DO SOBREVIVENTE!
Uma equipe de combatentes pela liberdade
SE ERGUE CONTRA A OPRESSÃO
E DERRUBA UM GOVERNO CORRUPTO
Estrelando Javier DaLeuc e Penelope Portreau.

A medonha cabine de teleférico!

Os monges de Baz-Kor me treinaram bem. Seus movimentos habilidosos foram concebidos para permitir a um Sugador chegar perto o suficiente de outro alomântico para tocá-lo e drenar suas reservas, mas foram as aulas de balé que possibilitaram meu salto da plataforma para a cabine em movimento.

Pousei precisamente no pe-



| e destinado exclusivamente nas cidades | centro da nação, e, como é um produto | Veja essa história imortal no | quero estribo que contorna a | [redacted] |

6



Marasi parou para observar a imagem do monstro.

Era noite; as pessoas conversavam em voz baixa ao redor dela no vagão-restaurante, e o trem fazia uma curva que lhe dava uma vista bonita, mas, por um momento, ela ficou hipnotizada por aquela imagem. Um esboço de violentas linhas ásperas que, de algum modo, transmitiam um terrível pânico. A maioria das páginas que VenDell entregara continha transcrições de perguntas respondidas — ou, com maior frequência, não respondidas — pelo kandra ferido.

Aquilo era diferente. Um esboço alucinado usando duas cores de lápis para retratar um rosto terrível. Um rosto vermelho e ardente, com boca distorcida, chifres e estacas se projetando da borda. Os olhos eram negros, desenhados como lacunas na pele vermelha. Parecia um objeto de terror infantil extraído diretamente de um pesadelo.

Havia uma legenda na base da página. “Esboço de ReLuur para a criatura descrita em 8/7/342.” Ontem.

Na página seguinte, havia uma entrevista.

VenDell: Descreva novamente o que viu.

ReLuur: A besta.

VenDell: Sim, a besta. Ela protegia os braceletes?

ReLuur: Não. Não! Isso foi antes. Caído do céu.

VenDell: Do céu?

ReLuur: A escuridão acima. É do vazio. Não tem olhos. Ela olha para mim! Está olhando para mim agora!

O interrogatório foi interrompido por uma hora enquanto ReLuur choramingava num canto, inconsolável. Quando finalmente voltou a reagir, fez

este esboço sem precisar de estímulo, murmurando sobre a coisa *que tinha visto. Há algo errado com os olhos da criatura. Talvez estacas?*

Estacas. Marasi pegou sua bolsa embaixo da mesa e procurou algo dentro dela enquanto o casal sentado à mesa atrás ria alto, pedindo mais vinho. Marasi empurrou para o lado a pistola de dois tiros que colocara ali e tirou um livro fino, cópia daquele que o Olhos de Ferro dera a Waxillium.

Dentro, encontrou a descrição que queria, palavras escritas pelo Lorde Nascido da Bruma, Lestibournes: “Pelo que consegui descobrir, a Hemalurgia pode criar praticamente qualquer coisa reescrevendo seu aspecto espiritual. Mas, que inferno, até mesmo o Senhor Soberano teve dificuldade de acertar. Seus koloss eram grandes soldados — quer dizer, podiam comer terra e outras coisas para permanecer vivos —, mas basicamente passavam os dias matando uns aos outros por caprichos e se ressentiam de não ser mais humanos. Os kandra são melhores, mas se transformam em montes de gosma se não têm estacas e não conseguem se reproduzir sozinhos. Acho que estou dizendo que não se deveria fazer experiências demais com esse aspecto da Hemalurgia. É basicamente inútil: há um milhão de formas de errar para cada forma de conseguir um bom resultado. Limitem-se a transferir poderes e se sairão bem. Confiem em mim.”

Era muito *estranho* ler as palavras do Lorde Nascido da Bruma e perceber o quanto soavam casuais. Aquele era o Sobrevivente das Chamas, o governante que liderara a humanidade com benevolência por um século, guiando-a no difícil caminho da reconstrução da civilização. Ele soava tão *normal*. Até mesmo admitia, em dado momento, ter pedido a Brisa, Conselheiro dos Deuses, que escrevesse a maioria dos seus discursos. Então todas as famosas palavras, citações e inscrições atribuídas ao Lorde Nascido da Bruma eram invenções.

Não que ele fosse um tolo. Não, o livro era cheio de sabedoria. Sabedoria perturbadora. O Lorde Nascido da Bruma defendia reunir os Nascidos do Metal idosos ou com doenças terminais e pedir a eles que se sacrificassem para produzir essas… estacas, que poderiam então ser usadas para criar indivíduos de grande poder.

Ele argumentava bastante no livro. Não seria tão perturbador caso fosse fácil descartar suas ideias.

Ela estudou as descrições de experiências hemalúrgicas que apareciam no livro, tentando ignorar o casal ruidoso atrás. Será que aquele desenho poderia ser a representação de um novo tipo de monstro hemalúrgico, como aqueles que

Wax encontrara abaixo de Elendel? Projetado pelo Grupo ou talvez resultado de uma experiência fracassada? Ou, em vez disso, relacionado ao constantemente efêmero Trell, o deus com um metal desconhecido?

Ela acabou deixando essas suposições de lado e se concentrando em sua tarefa principal. Como encontrar a estaca de ReLuur? Ele fora ferido em algum tipo de explosão que arrancara parte de seu corpo e fora forçado a fugir, deixando para trás essa parte — e a estaca.

A carne de um kandra permanecia em seu estado humano quando separada do corpo, então aqueles que fizeram a limpeza depois da explosão teriam se livrado dela, certo? Ela precisava ver se tinham aberto alguma espécie de cova coletiva para as pessoas mortas naquela explosão. Claro que, se soubesse o que procurar no cadáver de um kandra, o Grupo já teria recuperado a estaca. As imagens, e a possibilidade de que estivessem fazendo experiências com Hemalurgia, tornavam isso mais plausível. Então essa era outra possível pista. E…

Aquela era a voz de Wayne? Marasi se virou para o casal rindo atrás dela. Wayne se juntara a eles e conversava amigavelmente com a dupla bêbada, que vestia finos trajes de noite. Wayne, como de hábito, usava calças e suspensórios das Terras Brutas, tendo pendurado o sobretudo no gancho ao lado da mesa.

Ele viu Marasi e sorriu, tomando uma taça do vinho do casal antes de se despedir. O trem deu um solavanco, fazendo os pratos chacoalharem nas mesas enquanto Wayne deslizava para o assento diante de Marasi, com o rosto tomado por um sorriso.

— Filando vinho? — perguntou Marasi.

— Não — respondeu. — Eles estão bebendo espumante. Mal consigo suportar essa coisa. Eu estou filando *sotaques*. Esses dois são de Nova Seran. Eu queria ter uma noção de como as pessoas falam lá.

— Ah. Você se dá conta de que é educado retirar o chapéu em ambientes fechados, certo?

— Certamente — disse ele, inclinando o chapéu na direção dela. Depois, recostou na cadeira e, de algum modo, colocou os pés com botas sobre a pequena mesa. — O que está *você* fazendo aqui?

— No vagão-restaurante? — perguntou Marasi. — Eu só queria um lugar para me esticar.

— Wax alugou um *vagão inteiro*, mulher — disse Wayne, apontando para um garçom que passava e depois para sua boca, fazendo um gesto de beber. —

Temos seis cômodos ou algo assim só para nós.

— Talvez eu simplesmente quisesse ter gente por perto.

— E nós não somos gente?

— Isso é algo questionável no seu caso.

Ele sorriu e piscou para ela enquanto o garçom finalmente se aproximava.

— O senhor gostaria… — começou o garçom.

— Bebida — respondeu Wayne.

— Poderia ser um pouco mais específico, senhor?

— *Muita* bebida.

O garçom suspirou e olhou para Marasi, que balançou a cabeça.

— Nada para mim.

Ele partiu para obedecer.

— Nada com bolhas! — gritou Wayne para ele, recebendo mais de um olhar feio dos outros ocupantes do vagão. Depois, virou-se para encarar Marasi. — E então? Vai responder à minha pergunta? Do que você está se escondendo, Marasi?

Ela ficou em silêncio por um momento, sentindo o movimento ritmado do trem.

— Em algum momento o incomoda estar à sombra dele, Wayne?

— De quem? Wax? Bem, ele tem ganhado peso, mas ainda não está assim *tão* gordo, está?

Ele sorriu, mas o sorriso murchou ao ver que ela não sorriu de volta. E, num atípico momento de solenidade, ele deslizou as botas para fora da mesa, apoiando nela um cotovelo e se inclinando na direção de Marasi.

— Não — respondeu depois de pensar um pouco. — Não, não me incomoda. Mas não ligo muito se as pessoas olham para mim ou não. Às vezes, minha vida fica mais fácil se *não* estão olhando para mim, sabe? Gosto de escutar. Você está magoada por ele ter achado que você não conseguiria fazer isto sozinha?

— Não. Mas… Não sei, Wayne. Comecei a estudar direito, estudar homens da lei famosos, porque queria me tornar algo que os outros achavam que eu não poderia ser. Consegui o emprego na delegacia e achei que tinha realizado algo, mas Aradel admitiu que se interessara por me contratar porque queria alguém que pudesse ficar de olho em Waxillium. Nós dois sabemos que o kandra queria tê-lo nesta missão e que me procurou para tentar fisgá-lo. Na delegacia, quando

consigo fazer algo, todos supõem que tive a ajuda de Waxillium. Às vezes, é como se eu não passasse de um *apêndice*.

— Você não é nada disso, Marasi — disse Wayne. — Você é importante. Você ajuda muito. Além disso, você cheira bem. Sem sangue e aquelas coisas.

— Ótimo. Não tenho ideia do que você acabou de dizer.

— Apêndices não cheiram bem. E eles são meio repulsivos. Eu uma vez tirei o apêndice de um cara.

— Você está falando do apêndice que temos dentro do corpo?

— Claro — disse ele, mas depois hesitou. — Então…

— Não é a mesma coisa.

— Certo. Achei que fosse uma metáfora, já que as pessoas não precisam de apêndice.

Marasi suspirou, recostando no assento e esfregando os olhos com a base das mãos. Por que ela estava discutindo aquilo com *Wayne* novamente?

— Entendo — disse ele. — Sei o que você está sentindo, Mara. Wax… Ele é meio sufocante, né?

— É difícil criticá-lo — disse Marasi. — Ele é eficiente, e acho que nem sequer sabe que está sendo dominador. Ele ajeita as coisas. Por que eu deveria ficar aborrecida com isso? Ferrugem, Wayne, eu *estudei* a vida dele, admirando o que ele fez. Deveria me sentir com sorte por ser parte dela agora. E sinto, na maior parte do tempo.

Wayne anuiu.

— Mas você quer ser você mesma.

— Exatamente!

— Ninguém a está obrigando a ficar conosco — lembrou Wayne. — Se bem me lembro, Wax inicialmente se esforçou muito para impedi-la de se envolver nos casos que investigamos.

— Eu sei, eu sei. Eu apenas… Bem, eu estava pensando que desta vez talvez eu pudesse ser capaz de fazer algo importante sozinha — disse. Ela respirou fundo e soltou o ar. — É idiota, eu sei, mas ainda assim é frustrante. Vamos ter todo esse trabalho, encontrar a estaca, devolvê-la ao kandra, e então eles agradecerão a Waxillium.

Wayne meneou a cabeça, pensativo.

— Conheci um sujeito uma vez — disse ele, recostando novamente, com os

pés na mesa — que achava que seria uma boa ideia levar pessoas para caçar. Gente da cidade, sabe? Gente que nunca tinha visto nenhum animal maior que um rato que comeu demais, sabe? Nas Terras Brutas, nós temos leões. São coisas ferozes, com muitos dentes, e uma…

— Eu sei o que é um leão, Wayne.

— Certo. Bem, Chip, esse é o nome do sujeito, mandou imprimir uns cartazes, mas pediu algumas notas emprestadas à namorada para fazer isso. Então, ela achou que deveria ficar com uma parte do dinheiro assim que as pessoas pagassem pela viagem. Bem, o primeiro dinheiro entrou, eles tiveram uma briga e ela acabou esfaqueando Chip bem no coldre, se você entende o que quero dizer. Então, ele saiu cambaleando para a rua, sangrando, e foi onde os policiais o encontraram e disseram que ele não podia matar leões. Há uma lei sobre isso, sabe? Parece que são uma espécie de tesouro natural nobre ou algo assim. Seja como for, eles levaram Chip, jogaram o sujeito na cadeia e bateram as grades, por acidente, nos dedos ferrados dele. Ele quebrou a mão e não consegue mais fechá-la.

A bebida de Wayne chegou: uma garrafa de uísque e um copo pequeno. Ele o pegou, dizendo ao garçom para cobrar de Waxillium, serviu-se e recostou-se.

— Termina assim? — perguntou Marasi.

— O quê? Você quer que *mais* coisas aconteçam com o pobre sujeito? Bastante sádico da sua parte, Marasi. Bastante sádico.

— Não quis dizer… — começou ela, mas depois respirou fundo. — Isso tem alguma relevância para a situação em que me encontro?

— Na verdade, não — respondeu Wayne, tomando um gole, tirando uma caixinha de madeira do bolso e pegando um chiclete. — Mas, vou lhe dizer, Chip está *realmente* mal. Sempre que fico pensando que a minha vida é ruim, eu me lembro dele e digo a mim mesmo: “Bem, Wayne, pelo menos você não é um sujeito pobre e sem pau que nem consegue limpar o próprio nariz direito.” E me sinto melhor.

Ele piscou para ela, jogou o chiclete na boca e saiu da mesa. Acenou para MeLaan, que usava uma túnica de renda fina e um chapéu exagerado. Uma mulher normal teria precisado de um *excelente* corpete para usar aquele traje, mas a kandra provavelmente esculpira o corpo para adequá-lo à roupa. O que era terrivelmente injusto.

Marasi olhou suas anotações. Wayne a deixara mais confusa, o que não era incomum, mas talvez houvesse sabedoria no que ele dissera. Ela mergulhou

novamente na pesquisa, mas pouco depois começou a sentir sono. Estava ficando tarde. O sol se pusera por completo, e ainda demorariam algumas horas para chegar. Então, colocou a pilha de folhas dentro da grande pasta.

Quando fez isso, algo escorregou da pasta. Marasi franziu a testa, segurando o objeto. Era um pequeno saco de pano. Ao ser aberto, revelou um pequeno brinco de caminhante e um bilhete.

“Só por garantia, Waxillium.”

Ela bocejou, guardou-o e saiu do vagão-restaurante. O vagão privativo que Waxillium alugara para eles ficava dois vagões depois, no fim do trem. Apertou as folhas enquanto passava pela plataforma aberta entre os vagões, sentindo o vento. Um ferroviário baixo estava de pé ali e a olhou enquanto passava para o carro seguinte. Não disse nada dessa vez, embora da última tivesse tentado convencê-la a não se deslocar entre os vagões, insistindo que lhe levaria comida caso desejasse.

O vagão seguinte era de primeira classe, com uma fila de cabines particulares de um lado. Marasi passou por luzes elétricas brilhando nas paredes enquanto atravessava o vagão. Da última vez que estivera num trem, elas eram a gás, com chamas brilhantes e firmes. Ela gostava do progresso, mas aquelas luzes elétricas pareciam muito menos confiáveis, oscilando quando o trem desacelerava, por exemplo.

Chegou até o último vagão, passou por sua própria cabine e andou até a cabine onde Waxillium e Steris haviam jantado, pensando em ver como estavam. Surpreendentemente, ambos ainda estavam lá. De Waxillium ela esperaria isso, mas estar acordada tarde da noite não era o estilo de Steris.

Marasi abriu a porta deslizante.

— Waxillium?

O homem estava ajoelhado no chão diante de seu assento coberto de livros-caixa e folhas de papel. Tinha os olhos fixos num deles e ergueu a mão na sua direção fazendo um gesto de silêncio quando ela começou a perguntar o que ele fazia.

Marasi franziu a testa. Por que…

— Arrá! — proclamou Waxillium, levantando-se. — Encontrei!

— O quê? — perguntou Steris. — Onde?

— Gorjetas.

— Eu olhei as gorjetas.

— Um dos operários das docas entregou um vale atrasado — disse Waxillium, pegando uma folha e virando-a para mostrar a Steris. — Ele deu a um garoto do cais quatro clipes para levar uma mensagem e pediu reembolso. O supervisor o reembolsou e preencheu um vale, mas escreveu o quatro parecido com um três, e os contadores registraram assim.

Steris estudou a folha com olhos arregalados.

— Seu desgraçado — disse ela, surpreendendo Marasi. Ela *nunca* ouvira Steris falar assim. — Como você descobriu isso?

Waxillium sorriu, cruzando os braços.

— Wayne diria que descobri porque sou brilhante.

— Wayne tem a capacidade mental de uma mosca — disse Steris. — Comparado a ele, qualquer um é brilhante. Eu… — Ela parou de falar, notando Marasi pela primeira vez. Piscou, e sua expressão se tornou mais reservada. — Marasi. Seja bem-vinda. Gostaria de se sentar?

— Onde? — perguntou Marasi. Todas as superfícies estavam cobertas de livros-caixa e páginas. — No compartimento de bagagem? Essas são as *finanças* da casa?

— Encontrei um clipe perdido — disse Waxillium. — O último, devo dizer, o que significa que encontrei dois, enquanto Steris só encontrou um.

Marasi encarou Steris, que começou a abrir um espaço para ela se sentar. Olhou para Waxillium, que estava de pé, radiante, com a folha na mão, examinando-a novamente como se fosse um metal perdido resgatado de um labirinto.

— Um clipe perdido — disse Marasi. — Ótimo. Talvez você possa encontrar alguma coisa aqui — disse, estendendo a ele as páginas que VenDell lhe dera. — Vou dormir por algumas horas.

— Ahn? — disse Waxillium. — Ah, sim, claro. Obrigado.

Ele se sentou com relutância, pegando a pasta.

— Não se esqueça de olhar os desenhos de monstros — disse Marasi, bocejando. — Ah, e isto estava aí dentro.

Ela jogou para ele a bolsinha com o brinco e voltou para o corredor.

Caminhou até seu quarto, sentindo o trem desacelerar mais uma vez. Outra parada? Ou eram ovelhas cruzando os trilhos novamente? Eles deveriam estar chegando à parte mais bonita do trajeto. Uma pena que estivesse tão escuro.

Ela voltou até a entrada do quarto, o primeiro naquele vagão, e olhou pela

janela da porta na direção do resto do trem, que, para sua surpresa, estava se afastando. Ficou surpresa por um momento e, então, a porta na outra extremidade do carro foi escancarada.

O homem de pé na plataforma ergueu uma arma na direção do corredor e atirou.

7



— Bem, acho que você demonstrou um verdadeiro talento para isso, Lorde Waxillium, como acredito que *eu* sugeri…

Wax parou de escutar Steris.

Trem desacelerando.

Ruídos de motor se afastando.

Porta se abrindo.

Wax queimou aço.

Steris continuou falando, e ele anuiu, distraído, fazendo gestos enquanto o resto do corpo ficava alerta. Ouviu um clique e *empurrou* para a esquerda e para a direita, contra a moldura da janela, para impedir qualquer movimento dele.

Quando a bala passou pelo corredor do lado de fora, seu *empurrão* a jogou contra a parede.

Vá. Seu *empurrão* escancarara a porta do compartimento. Ele soltou o brinco — maldito fosse aquele VenDell — e se *empurrou* na moldura de metal da janela. Isso o lançou para a esquerda, no corredor. Bateu na parede para onde *empurrara* a bala, com Vindicação na mão, e acertou bem na testa o homem surpreso que estava no fim do corredor.

Marasi conteve um grito. Steris colocou a cabeça no corredor, com os olhos arregalados. Não era a decisão mais inteligente, mas ela raramente estivera em tiroteios.

— Obrigada — disse Marasi.

Ele assentiu, cortês.

— Coloque sua irmã sob alguma proteção.

Passou por ela e pisou na pequena plataforma entre os vagões do trem, percebendo que o vagão havia sido desengatado e deixado à deriva. Um grupo de homens a cavalo, de aparência chocada, galopava ao lado do vagão que

desacelerava.

Cavalos?, pensou Wax. *Sério*?

À luz das estrelas, que estavam brilhando naquela noite sem nuvens, e da Fenda Vermelha baixa no horizonte, ele viu que usavam coletes sobre as camisas e calças grossas. Um grupo maior deles galopava junto com o trem à frente. Aquele não era um ataque específico ao seu vagão, mas um grande assalto à mão armada.

Ou seja, ele tinha que ser rápido.

Empurrou a plataforma abaixo dele e reduziu seu peso. Os três ladrões próximos começaram a atirar, mas o *empurrão* de Wax o lançou no ar acima dos disparos, e seu peso reduzido fez com que a resistência do vento o empurrasse para trás, passando sobre o vagão. Ele pousou, aumentou o peso e arrancou um homem do cavalo.

Os bandidos remanescentes dispararam para a frente, esporeando os cavalos e indo atrás dos outros, gritando:

— Alomântico! Alomântico!

Droga, pensou Wax, derrubando um dos homens enquanto o outro galopava até um grupo de árvores. Em um instante, ele estava fora do alcance da pistola, e logo alcançaria os companheiros.

Wax saltou para a plataforma e correu pelo corredor do vagão. O compartimento que ele dividira com Steris estava vazio, mas ele identificou linhas azuis trêmulas indo até a porta seguinte. Marasi sabiamente reunira todos na cabine dos criados.

— Assalto — disse Wax, abrindo a porta e assustando os criados, Marasi e Steris. A maioria se sentara no chão, embora Marasi estivesse à janela, olhando para fora. Steris ocupava o banco embutido, impressionantemente preparada.

— Assaltantes? — perguntou Steris. — Realmente, Lorde Waxillium, *precisa* levar seus passatempos consigo aonde quer que vá?

— Estão indo atrás do resto do trem — disse Wax, apontando. — Os primeiros ladrões devem ter notado que este vagão é particular, provavelmente cheio de riquezas a saquear, então o desengataram. Mas algo está errado.

— Além de pessoas tentando nos matar? — perguntou Marasi.

— Não, pela minha experiência, isso é bastante normal — disse Steris.

— O que está *errado* é que eles estão montados a cavalo — disse Wax.

Os outros o encararam.

— Assaltos a trens por bandidos a cavalo são algo saído de revistas de contos — disse Wax. — Ninguém *realmente* faz isso. Por que abordar um trem em movimento e arriscar sua vida quando você pode simplesmente fazer o veículo parar como os Desaparecidos faziam?

— Então nossos bandidos… — começou Marasi.

— São novos nisso — completou Wax. — Ou têm lido ficção barata. Seja como for, ainda serão perigosos. Não posso me arriscar a deixá-los aqui, já que podem voltar para pegá-los. Então mantenham a cabeça abaixada e *segurem-se*.

— Segurar? — começou Herve. — Por que…

Wax voltou para o corredor e correu até o fim do vagão. Após conferir a porta, saltou nos trilhos atrás do vagão, que finalmente estava parando. Então, drenou suas mentes de metal e aumentou seu peso.

Muito.

O cascalho afundou sob seus pés à medida que seu corpo ficava cada vez mais pesado. Ele trincou os dentes, queimou metal e *empurrou*.

O vagão sacudiu como se outro trem tivesse se chocado contra ele. Seu *empurrão* o mandou chacoalhando sobre os trilhos, e Wax soltou a respiração. Seus músculos não doíam, mas ele se sentia como se tivesse batido com força numa parede.

Ele parou de drenar a mente de metal, retornando ao seu peso normal, e se *empurrou* nos trilhos para se erguer do solo. Quase perdeu uma bota no processo.

Empurrou-se contra os trilhos mais uma vez, lançando-se na direção do vagão em movimento. *Nem de longe rápido o bastante*, pensou enquanto caía no chão e aumentava o peso novamente. O vagão sacudiu quando ele o *empurrou* outra vez. Depois, saltou para a frente, repetindo o processo mais três vezes para conseguir velocidade. Então, finalmente, *empurrou-se* até o vagão, colando um ombro na parede dos fundos e usando Alomancia para *empurrar* os trilhos e aumentar o impulso.

O solo passava como um borrão, filas e mais filas de dormentes de madeira, linhas contínuas saíam dos trilhos de aço e apontavam para o peito de Wax. Ele grunhiu e se moveu para pressionar as costas contra a parede. Ainda assim, o *empurrão* ameaçava esmagá-lo, já que ele não podia aumentar muito seu peso sem correr o risco de arrancar os trilhos.

Passaram em disparada por um grupo de cavalos guardados por alguns jovens

— as montarias extras dos bandidos. Wax ergueu Vindicação e disparou alguns tiros no ar, mas os cavalos eram treinados demais para se assustar com o barulho.

Ele dobrou seu *empurrão* quando ouviu tiros à frente. Um momento depois, seu vagão se chocou contra o trem. Wax parou de *empurrar*, caindo no chão na plataforma com dores nas costas. Mas os engates haviam travado, e o vagão permaneceu ligado ao resto do trem.

Deu uma espiada no vagão e se agachou, passando pela cabine onde os outros estavam escondidos. Em seu próprio compartimento, colocou Vindicação no coldre e puxou sua caixa de munição guardada na prateleira mais alta.

— Waxillium? — chamou Marasi, entrando no quarto.

— Você viu Wayne? — perguntou Wax.

— Estava no vagão-restaurante havia pouco tempo.

— Ele já deve estar lutando. Se o vir, avise que vou atacar a frente do trem e seguir para os fundos — disse Wax, fechando uma Sterrion carregada e pegando a segunda.

— Entendi — disse Marasi. Ela hesitou. — Você está preocupado.

— Não estão usando máscaras.

— Não estão…

— Ladrões usam máscaras — disse Wax. Fechou a segunda Sterrion e afivelou o cinturão. Vindicação, depois de recarregada, voltou ao seu coldre de ombro.

— E homens que não usam máscaras?

— Não ligam se são vistos — disse, encontrando os olhos dela. — Eles já são fora da lei e não têm nada a perder. Homens como esses matam facilmente. Pior ainda, é evidente para mim que nunca tentaram um assalto a trem antes. Ou estão muito, muito desesperados, ou alguém os levou a fazer isso.

Ela empalideceu.

— Você não acha que o ataque é uma coincidência.

— Se for, comerei o chapéu de Wayne — disse ele, olhando para a escopeta que Ranette lhe dera. Prendeu seu coldre de coxa e a deslizou para dentro. A seguir, pendurou duas das esferas com cordões em seu cinturão. Finalmente, esticou o braço e pegou uma bolsa com um rifle na prateleira e a jogou para Marasi.

— Proteja Steris — disse ele. — Veja se consegue encontrar Wayne. Verifique

nos vagões seguintes, mas não se preocupe em avançar caso encontre resistência. Simplesmente mantenha a posição e proteja estas pessoas.

— Certo.

Ele foi na direção do corredor, mas assim que pisou fora do compartimento uma saraivada de tiros o fez voltar. Ele xingou. Bastaria uma bala de alumínio, algo que ele não podia *empurrar*, e estaria morto.

Respirou fundo e olhou para fora rapidamente enquanto *empurrava*. Contou quatro bandidos na plataforma de trás do vagão seguinte.

Atiraram novamente. Ele se encolheu e observou as balas acompanhadas por linhas azuis, arrancando pedaços do revestimento de madeira da parede e lascando o batente da sua porta. Não parecia haver nenhuma bala de alumínio.

— Distração? — perguntou Marasi.

— Sim, por favor — respondeu Wax, aumentando seu peso e *empurrando* a moldura da janela, arremessando-a para fora do vagão contra uma árvore que passava. — Dispare algumas vezes enquanto saio, conte até vinte e me dê mais distração.

— Tudo bem.

Wax se lançou para fora da janela. Imediatamente, disparou Vindicação na direção do piso, cravando uma bala e lhe dando algo para *empurrar* de modo a se lançar para cima. Marasi disparou alguns tiros rápidos, e, com sorte, os assaltantes imaginariam que o disparo de Waxillium também havia sido do lado de dentro.

Subindo no ar, com o vento agitando seu cabelo e o paletó, ele disparou uma segunda bala no chão, porém num ponto mais distante, e a usou para se *empurrar* para a direita, colocando-o acima do trem.

Não se permitiu descer, usando um *empurrão* nos pregos do teto do trem para continuar avançando para a frente. Pairou sobre seu próprio vagão, depois sobre aquele no qual os ladrões estavam, finalmente pousando no vagão-restaurante, que era o terceiro a partir de trás.

Quando se virou para o último vagão, tinha contado mentalmente até vinte. Um segundo depois, ouviu uma saraivada de balas vinda de Marasi. Aquela era a sua deixa; Wax desceu entre o vagão-restaurante e o dos ladrões.

Caiu praticamente em cima de um deles, que estava recuando para o fim do segundo vagão, algo que ele não esperara. Wax ergueu sua arma, mas o homem surpreendido o socou na barriga.

Wax grunhiu, aumentando seu peso. A plataforma abaixo gemeu, mas um golpe no ladrão com o ombro mandou o homem tropeçando até os trilhos. O ladrão gentilmente deixara a porta aberta, dando a Waxillium uma boa mira nas costas dos companheiros dele na extremidade oposta, concentrados na troca de tiros com Marasi no último vagão do trem.

Wax não disparou; simplesmente *empurrou* o metal que carregavam. Os homens caíram da plataforma traseira, despencando no espaço entre os vagões. Um deles agarrou as grades. Wax atirou no braço dele antes de se virar, apontando a arma na direção do vagão-restaurante.

As pessoas estavam encolhidas lá dentro, escondidas embaixo de mesas, choramingando. Ferrugem… Sem bandanas ou marcas de identificação, ele teria dificuldade em localizar os bandidos. Criou sua bolha de aço com um *empurrão* fraco em todas as direções que excluía suas próprias armas. O método não era de modo algum perfeito — ele havia sido baleado várias vezes enquanto o usava —, mas ajudava.

Virou e entrou a passos largos no segundo vagão, aquele que os ladrões estiveram usando, procurando elementos hostis atrás de cada porta, chacoalhando maçanetas com sua bolha de aço. Passageiros da primeira classe se escondiam ali, e nenhum deles parecia ferido.

No vagão de Wax, Marasi saiu da cabine, mostrando um dos chapéus preferidos de Wax. Deu de ombros num pedido de desculpas pelos muitos buracos.

— Se encontrar Wayne, eu o mando até você — disse a ela, pegando um frasco de metais no cinturão. Voltou com os dedos molhados, e seu cinturão retinia contra o vidro quebrado.

Maldição. O ladrão que o golpeara quebrara os seus frascos. Ele saltou depressa sobre o espaço entre os vagões, entrando novamente em seu vagão particular.

— Preciso de metal — explicou sob o olhar inquisitivo de Marasi.

Começou a andar até seu compartimento, mas parou quando uma mão saiu da cabine seguinte segurando um pequeno frasco.

— Steris? — perguntou ele, indo até ela. Ela ainda estava sentada no banco estofado, embora seu rosto estivesse mais pálido que antes.

— Flocos de aço em suspensão — disse ela, agitando o frasco.

— Desde quando você carrega um desses? — perguntou Wax, tomando-o

dela.

— Desde uns seis meses atrás. Coloquei um em minha bolsa para o caso de você precisar — disse ela, erguendo a mão e exibindo mais dois. — Carrego os outros dois porque sou neurótica.

Ele sorriu, pegando todos os três. Virou o primeiro na boca e quase engasgou.

— Que porcaria você colocou aqui?

— Além de aço? — disse Steris. — Óleo de fígado de bacalhau.

Ele olhou para ela, boquiaberto.

— Uísque não faz bem, Lorde Waxillium. Uma esposa *precisa* cuidar da saúde do marido.

Ele suspirou e bebeu mais um. Depois, enfiou o último no cinturão.

— Fique em segurança. Vou revistar o trem.

Ele saiu e se jogou pela porta de trás, *empurrando* os trilhos e lançando-se no ar num arco alto para a frente.

A terra se estendia diante dele, banhada pela luz das estrelas. A extremidade sul da Bacia, ao se aproximar da Cordilheira Serana, tinha uma geografia muito mais variada do que o lado norte. Ali, colinas se espalhavam pela terra, que se elevava lentamente.

O rio Seran seguia uma linha impressionantemente reta pelas colinas, tendo escavado ravinas e cânions com frequência. A linha do trem permanecia mais alta, abraçando o alto das encostas, embora isso demandasse que atravessasse o rio duas ou três vezes em grandes pontes de treliça.

O trem era composto de oito vagões de passageiros, vários de carga e um vagão-restaurante. Ele se deixou cair, concentrando-se num vagão específico perto da frente, de onde vinham tiros. Enquanto pousava logo atrás desse carro, alguém saiu tropeçando para a plataforma, com uma das mãos no rosto.

Segurança de banco, pensou ele, reparando no uniforme do homem. O trem estava levando um carregamento de dinheiro num vagão de transporte disfarçado, como se contivesse uma carga mais mundana. O que era aquele cheiro no ar? Formaldeído? O segurança estava arfando, e logo outro saiu cambaleando atrás dele.

Ambos tombaram momentos depois com disparos vindos de dentro do vagão de transporte. Wax se jogou na plataforma ao lado dos homens caídos, examinando os dois. Um ainda se movia; Wax se ajoelhou e colocou a mão do homem sobre o buraco no ombro.

— Aperte com força — disse ele, em meio ao ruído das batidas das rodas nos trilhos. — Volto para ver você.

O homem anuiu com fraqueza. Wax respirou fundo e entrou no vagão, onde seus olhos começaram a arder imediatamente. Homens se moviam do lado de dentro, usando máscaras estranhas e trabalhando num grande cofre no centro. Meia dúzia de seguranças mortos estava espalhada sobre o piso do vagão.

Wax começou a atirar, derrubando vários ladrões. Depois, *empurrou-se* para fora novamente e em seguida para cima enquanto os outros se protegiam e começavam a atirar de volta. Pousou no vagão seguinte, colocou Vindicação no coldre, já que estava sem balas, e sacou uma Sterrion.

Ele se preparou para descer e tentar acertar mais ladrões, mas uma explosão dentro do vagão o interrompeu. Foi uma detonação pequena, mas ainda assim deixou os ouvidos de Wax zumbindo. Ele se jogou na plataforma, notando silhuetas se movendo em meio à fumaça, curvando-se ao lado do cofre e retirando seu conteúdo. Outros começaram a atirar nele.

Ele se agachou de lado e fechou a porta do vagão com um *empurrão*, bloqueando os tiros com a porta de metal reforçado. Pegou o segurança ferido pelos braços e o puxou para trás sobre o pequeno espaço entre as plataformas, colocando-o dentro do vagão de passageiros atrás. Era outro vagão com cabines particulares, embora da segunda classe, onde as cabines eram ocupadas por grupos maiores.

No momento, estava vazio; os passageiros, ouvindo tiros no vagão seguinte, tinham fugido para trás. Ainda assim, ele verificou cada cabine. Depois, apoiou o homem ferido numa parede dentro de uma delas e amarrou um lenço sobre o ferimento, apertando com força.

— O dinheiro… — começou o segurança.

— Eles pegaram o dinheiro — interrompeu Wax. — Detê-los não vale o risco a mais vidas.

— Mas…

— Dei uma boa olhada em vários deles, e, com sorte, você também. Vamos dar descrições, caçá-los, preparar uma armadilha nos *nossos* termos. Além disso, se partirem agora, poderá haver tempo para ajudar alguns dos seus amigos que ficaram lá dentro.

O guarda, sem forças, concordou.

— Não consegui impedi-los. Eles jogaram garrafas pelas janelas… E depois

as portas foram arrancadas. Portas de aço. Empurradas para dentro do vagão, arrancadas de suas dobradiças como se fossem de papel…

Wax sentiu um arrepio. Então, os bandidos também tinham Nascidos do Metal. Ele deu uma olhada na direção do vagão de transporte e viu que a porta que fechara estava aberta novamente. Um homem magro estava de pé na plataforma, vestindo um paletó comprido e apoiando-se numa bengala. Ele fez um gesto, falando com urgência e gesticulando para que outro bandido fosse ao vagão de Wax, um bruto enorme de mais de dois metros de altura.

Maravilha.

— Entre aqui — disse Wax ao segurança, abrindo o compartimento de bagagem no piso da cabine. — Não faça barulho.

O guarda engatinhou para dentro do compartimento, que era apertado e raso, mas grande o suficiente para esconder uma pessoa, mesmo com alguma bagagem ali dentro. Wax sacou as duas Sterrions, agachado junto à porta da cabine particular. O trem continuava a sacudir, fazendo uma curva. Não tinha parado. Será que o maquinista que o guiava não sabia do ataque ou esperava chegar à próxima cidade?

Ferrugem! O assalto ao vagão de transporte mudava toda a avaliação de Wax. Talvez aquilo *não* fosse por sua causa. Mas por que não simplesmente parar o trem num lugar ermo e o invadir? Perguntas demais e nenhum tempo para respondê-las. Ele tinha que matar um bandido. Teria que pular para fora e surpreender o bruto, derrubando-o rapidamente. Se ele fosse o Nascido do Metal, a surpresa seria…

Algo avançou pelo corredor, quicando, e parou no chão ao lado de Wax, em frente à porta junto à qual ele estava agachado. Um pequeno cubo de metal. Ele pulou para trás, temendo que fosse um explosivo, mas nada aconteceu. O que tinha sido aquilo?

E então ele se deu conta, com um terror de gelar os ossos, que não estava mais queimando metal. Não havia nada dentro dele *para* queimar.

Suas reservas de metal tinham, de algum modo, desaparecido.

*

Marasi disparou três tiros com o rifle, fazendo com que os bandidos no vagão

seguinte se escondessem novamente. *Impressionante*, pensou ela, dando a arma distraidamente a Steris para ser recarregada. Ela sempre usara um rifle de tiro ao alvo. Com esses, podia dar apenas um tiro por vez, engatilhando nos intervalos, mas o rifle de Waxillium tinha um tambor cheio de cartuchos que virava sozinho, como num revólver.

Steris devolveu a arma, e Marasi mirou novamente, esperando que partes de qualquer bandido se revelassem. Estava escondida dentro da cabine dos criados, e os bandidos não tinham feito qualquer tentativa séria de avançar suas posições.

Alguém disse algo ao seu lado. Marasi olhou para dentro da cabine, onde Drewton falava, e tirou um de seus tampões de ouvido de cera.

— O quê?

— São tampões de ouvido? — perguntou o lacaio.

— O que parecem ser? — retrucou ela. Depois, apontou o rifle e disparou um tiro.

Drewton tampou os ouvidos com as mãos. De fato, na pequena cabine, o som do tiro era alto o bastante para que ela ficasse aborrecida por ele a ter feito retirar o tampão.

— Você sempre carrega tampões? — perguntou Drewton.

— Steris carrega.

Aparentemente. Marasi tinha ficado um pouco surpresa quando Steris sacara um par para si e depois, com uma expressão despreocupada no rosto, dera um par a Marasi.

— Então vocês *esperavam* que isso acontecesse?

— Mais ou menos — respondeu Marasi, atenta aos movimentos dos bandidos.

Ele pareceu chocado.

— Esse tipo de coisa acontece *com frequência*?

— Você diria que isso acontece com frequência, Steris? — perguntou Marasi.

— Ahn? — reagiu Steris, retirando um tampão. — O que foi?

Marasi disparou um tiro e ergueu os olhos. *Acho que acertei esse*.

— O lacaio quer saber se esse tipo de coisa nos acontece com frequência.

— A você mais que a mim — disse Steris, num tom informal. — Mas, quando Lorde Waxillium está por perto, coisas *costumam* acontecer.

— Coisas? — reagiu Drewton. — Acontecer? Isso é um roubo a um trem ferrado!

Steris olhou o lacaio com uma expressão fria.

— Você não perguntou sobre seu futuro patrão antes de se colocar a serviço de Lorde Waxillium?

— Bem, quer dizer, eu *sabia* que ele tinha interesse pela força policial. Como alguns lordes têm interesse pela sinfonia ou por questões cívicas. Pareceu estranho, mas não inapropriado para um cavalheiro. Quer dizer, não é como se ele se envolvesse com *teatro*.

Eles ficaram quietos lá, pensou Marasi, tamborilando nervosamente um dedo sobre o cano do rifle. Será que tentariam passar para o teto de seu vagão novamente? Um dos buracos no teto ainda pingava sangue após a tentativa anterior.

Ao seu lado, Steris estalava a língua, desaprovando as palavras de Drewton. Ele não fizera seu dever de casa, o que era um pecado mortal aos olhos de Steris. Para ela, pouca coisa podia ser pior do que se colocar numa situação sem ter avaliado *tudo*.

— Ele… ele vai voltar? — perguntou Drewton.

— Assim que ele tiver terminado — respondeu Steris.

— Terminado o quê?

— De matar o resto dos bandidos, espero — respondeu ela.

Marasi se viu surpresa com a sede de sangue de Steris. Claro que a mulher não era *exatamente* a mesma desde seu sequestro dezoito meses antes. Não que Steris agisse como uma pessoa traumatizada, mas tinha mudado.

— Eles não estão mais atirando — disse Drewton. — Recuaram?

— Talvez — respondeu Marasi. — *Provavelmente não*.

— Será que nós deveríamos olhar? — perguntou Drewton.

— Nós?

— Bem, você — disse ele, puxando o colarinho. — Tiroteios. Eu não esperava tiroteios. Os criados não costumam ser deixados fora dessas extravagâncias?

— Na maior parte do tempo — disse Marasi.

— Exceto quando a casa explodiu — acrescentou Steris.

— Exceto, então.

— E… Você sabe… — disse Steris.

— Melhor não mencionar isso.

— Mencionar o quê? — perguntou Drewton.

— Não se preocupe — disse Marasi, olhando feio para Steris. Sinceramente. Se o homem não podia fazer uma breve pesquisa antes de aceitar um emprego…

— Espere — disse Drewton, franzindo a testa. — O que exatamente aconteceu com o *último* lacaio de Lorde Ladrian?

Houve um movimento no corredor novamente. Marasi levantou o rifle, pronta para disparar. Contudo, a pessoa que apareceu no corredor não era um dos bandidos, mas uma mulher mais velha com um vestido de viagem elegante. Um bandido andava atrás dela, com a arma apontada para sua cabeça.

Marasi o acertou na testa.

Ela ficou boquiaberta, chocada consigo mesma, e quase largou a arma. Felizmente, o bandido restante, vendo que a jogada não dera certo, saiu correndo do vagão, fugindo para a frente do trem.

Ferrugem! Marasi sentiu gotas de suor escorrerem pela têmpora. Ela disparara rápido, sem nem mesmo pensar. A pobre refém continuava de pé ali, coberta com o sangue do homem morto. Marasi sabia como era isso. Sim, ela sabia.

Ao seu lado, Drewton soltou alguns xingamentos que teriam feito Harmonia corar.

— O que estava pensando? — cobrou ele. — Poderia ter atingido a mulher.

— Estatísticas… As estatísticas dizem… — Marasi interrompeu a fala e respirou fundo. — Cale a boca.

— Ahn?

— *Cale a boca*.

Ela se levantou, segurando a arma com mãos nervosas, e foi até o vagão seguinte.

A mulher encontrara o marido — vivo, felizmente — e chorava nos seus braços. Marasi parou acima do cadáver do bandido e depois olhou para o teto do vagão, onde outro estava caído. Ela *odiava* essa parte. Um ano e meio trabalhando com Waxillium não tornara mais fácil matar. Era enervante, e um grande desperdício! Se você tinha que atirar num homem, a sociedade já fracassara.

Marasi se recompôs e conferiu rapidamente as cabines do vagão de primeira classe, confirmando que os bandidos de fato tinham se retirado. Um dos passageiros da primeira classe alegou ter experiência com armas, então ela lhe deu o rifle e o colocou de vigia para garantir que nenhum bandido voltasse.

De lá, ela foi ao vagão-restaurante, verificando os passageiros, acalmando-os. Tiros soaram mais à frente. Waxillium estava fazendo seu trabalho. Seu trabalho eficaz e *brutal*. O vagão à frente, o quarto a partir do fim, era de segunda classe, com cabines lotadas. Também conferiu as pessoas que se esconderam ali.

Nos dois vagões havia quatro pessoas baleadas. Uma estava morta e outra, gravemente ferida, então Marasi voltou para ver se, por acaso, Steris tinha trazido ataduras ou equipamento médico. As chances eram pequenas, mas aquela *era* Steris. Quem sabia para o que ela tinha se planejado?

Marasi passou por Drewton, emburrado num assento de uma das cabines de primeira classe, evidentemente pensando em como um especialista em gravatas Ascot acabara no meio do que era praticamente uma zona de guerra. Steris, contudo, não estava na cabine dos criados. Nem naquela que estava dividindo com Waxillium.

Cada vez mais frenética, Marasi procurou nas cabines de primeira classe. Nada de Steris. Finalmente, pensou em perguntar ao homem que deixara de guarda com o rifle.

— Ela? Sim, senhorita. Passou por aqui há alguns minutos, avançando pelo trem. Eu deveria tê-la impedido? Parecia muito determinada a fazer algo.

Marasi gemeu. Steris deve ter passado pelo vagão enquanto ela verificava as cabines da segunda classe. Frustrada, pegou o rifle de volta e foi atrás da irmã.

As reservas de metal de Wax tinham sumido.

Ele se ajoelhou, completamente chocado. Aquilo era impossível. Como tinham feito isso, em nome de Harmonia?

Ele se virou, descobrindo que o enorme bandido entrara em seu vagão. Portas chacoalhavam ao redor do homem, sacudindo como se alguém tentasse violentamente sair. Wax se agachou no corredor e ergueu a arma, mas ela foi arrancada de seus dedos por um *empurrão*. Imediatamente, o *próprio* Wax foi *empurrado* para trás por seu cinturão. Bateu na parede oposta do vagão, junto à porta fechada que levava ao fundo do trem.

Gemeu de dor. Como? Como eles tinham…

Ele balançou a cabeça e se levantou, apoiado na parede, usando as fivelas para se livrar do cinturão. Caiu no chão, deixando suas armas e o frasco de metal colados na parede enquanto o bruto corria na sua direção.

Wax abaixou, evitando o primeiro golpe do homem, e desferiu um soco na

lateral do corpo dele. Foi como socar uma parede de aço. Ele recuou, mas fazia anos desde que ele estivera numa briga sem armas — e ele era mais lento do que então. O gancho seguinte do gigante o acertou quando tentava atingir o rosto do outro.

Sua visão se ofuscou, e a bochecha explodiu de dor. O golpe o jogou na parede lateral. *Ferrugem!* Onde estava Wayne? O gigante avançou novamente, e Wax se esquivou para o lado, por pouco, conseguindo atingir o rosto do homem. Um, dois, três socos rápidos.

O bruto sorriu. Portas continuavam a chacoalhar ao redor dele — era um Lançamoedas, evidentemente, *empurrando* para fora como Wax fazia para formar sua bolha. Ela até mesmo pressionava um pouco as mentes de metal que Wax usava nos braços, que eram resistentes à Alomancia.

Aquele homem poderia ter terminado a luta a qualquer momento agarrando um pedaço de metal e lançando-o contra Waxillium. Ele *preferia* a luta corporal. De fato, o homem ergueu os punhos e acenou para Wax, ainda sorrindo, convidando-o para mais um assalto.

Ao inferno com aquilo.

Wax se virou e jogou o ombro contra uma porta, passando para uma cabine de segunda classe e indo na direção da janela.

— Ei! — disse o homem atrás dele. — *Ei!*

Wax pulou na janela e aumentou seu peso. Atingiu o vidro com o ombro, cobrindo o rosto com os braços, e passou por ele, agarrando a moldura inferior enquanto caía do lado de fora.

Com os dedos pingando sangue, ele se levantou, ficou de pé no parapeito da janela e escalou a parede externa do trem, finalmente chegando ao teto. O vento corria em volta dele, e Wax ficou chocado ao ver que não estava sozinho ali. Cerca de quatro vagões à frente, um grupo de homens armados avançava para a frente do trem, carregando algo grande e aparentemente pesado. O que, em nome do metal perdido, era aquilo?

— Ei! — chamou novamente o grandão, escalando a lateral do trem.

Wax suspirou e chutou o rosto do homem enquanto ele tentava subir para o teto. O homem grunhiu. Wax chutou novamente e pisou numa das mãos. O homem olhou feio para Wax, desceu novamente pela janela e entrou no trem.

Você pode derrotar qualquer um, Wayne sempre dizia, *desde que não deixe seu inimigo revidar devidamente.*

Wax foi para o centro do vagão. Achava que deveria perseguir aqueles homens à frente, mas estava desarmado, e o Lançamoedas abaixo estava determinado a atormentá-lo.

Vocês pegaram o que queriam, pensou. *Por que continuam lutando?*

A cabeça do bruto apareceu um momento depois, espiando pela beirada do teto do vagão perto na plataforma de trás, onde havia uma escada. Wax correu até ele, preparando-se para chutar novamente, mas o adversário subiu rápido demais. Estava segurando algo.

Um dos cinturões de Wax. Maldição.

O homem sorriu, sacando a enorme escopeta de Ranette e largando o cinturão. Abaixo deles, o trem saía em disparada de uma floresta e avançava na direção de uma ponte aberta centenas de metros acima do rio.

O Lançamoedas ergueu a escopeta até o quadril.

Excelente.

Wax se jogou no teto do vagão enquanto o outro apertava o gatilho, e o enorme coice da arma o pegou de surpresa. A escopeta foi arrancada de seus dedos, voando para trás e caindo entre os carros. O homem uivou, segurando a mão.

Wax o acertou no peito. O homem grunhiu, cambaleando para trás, mas se equilibrou antes de ser derrubado do trem. Wax não ligou.

Queria recuperar o cinturão, que caíra aos pés do homem. Ele o agarrou com dedos ainda sujos de sangue. Estavam ali os dois equipamentos de corda de Ranette, junto com um único e glorioso frasco de metal.

Wax o arrancou, prendendo o cinturão na calça. Contudo, o frasco sacudiu em seus dedos. Ele o agarrou, apertando com força, mas um *empurrão* do bruto o lançou para trás, deslizando sobre o teto do trem. Ele escorregou e caiu de joelhos, agarrando a lateral do trem.

O Lançamoedas continuou *empurrando*. Wax se agarrou ao teto com a mão esquerda, mas o braço direito, que segurara o frasco de metal, sofrera danos na articulação. O homem sorriu e começou a avançar. Cada passo fazia com que *empurrasse* com mais força.

Wax trincou os dentes. Os cortes nos dedos eram superficiais, embora ardessem de um modo infernal e o sangue deixasse a mão escorregadia. Ele lutou, tentando levar o frasco na direção da boca, mas fracassou.

Os equipamentos esféricos de Ranette. Eles pendiam do cinturão enfiado em

sua calça. Será que conseguiria usá-los? Como? Atrás dele, o trem entrava na ponte.

O gigante se aproximou ainda mais de Wax, movendo o ombro e tentando fechar a mão num punho apesar do polegar quebrado. Atrás do homem, algo se moveu na escada. Uma cabeça subindo? Wayne!

Não. Wax viu a ponta de uma arma enquanto a pessoa subia. Wayne não usaria uma arma. Marasi?

Steris apareceu na beirada do teto, onde o vento soprava seu cabelo violentamente. Ela olhou para o enorme ladrão e para Wax e pareceu engasgar, embora o vento fizesse barulho demais para que Wax ouvisse. Ela subiu e se acomodou no teto do vagão, apoiando-se sobre um joelho, segurando a escopeta de Ranette.

Ah, não.

— Steris! — gritou ele.

O bruto se virou, vendo-a quando apoiava a arma no ombro, de olhos arregalados, vestido agitado ao vento.

Ela puxou o gatilho. Previsivelmente, o disparo foi violento e sem mira, mas conseguiu atingir o braço do Lançamoedas, arrancando sangue. O homem grunhiu, liberando seu *empurrão* sobre Wax.

Infelizmente, o forte coice daquela arma, projetada para ser usada contra alomânticos, empurrou Steris para trás.

E pela lateral do trem.

8



Wax saltou da lateral do trem e levou o frasco à boca.

Steris girava, despencando na direção do rio. Ele arrancou a rolha com os dentes e se virou no ar, sugando o conteúdo do frasco. Óleo de fígado de bacalhau e flocos de metal caíram na sua boca. Engolir levou um momento precioso.

Nada.

Nada.

Nada.

Poder.

Wax gritou, queimando aço e *empurrando* os trilhos acima. Disparou para baixo num borrão, chocando-se contra Steris, mas agarrando-a, e *empurrou* a escopeta que rodopiava abaixo dela.

Ela bateu na água.

Eles desaceleraram imediatamente. Sendo como era a viscosidade da água, era possível *empurrar* algo que afundava. Um segundo depois, a escopeta atingiu o fundo do rio agitado, e isso deixou os dois pairando cerca de meio metro acima da superfície da água. Uma tênue linha azul ia de Wax até a escopeta.

Steris respirava em arfadas curtas e rápidas. Agarrada a ele, piscou e depois olhou para o rio abaixo.

— O que há de *errado* com aquela arma?! — perguntou.

— Ela foi feita para que eu dispare com meu peso aumentado para compensar o coice — explicou Waxillium.

Ele olhou para o trem que desaparecia nos trilhos acima. Tinha cruzado o rio, mas agora teria que desacelerar e se arrastar para baixo por alguns zigue-zagues numa colina do outro lado, saindo das terras altas na direção de Nova Seran.

— Segure isto — disse ele a Steris, dando a ela o cinturão e retirando as duas

esferas. — O que você estava pensando? Eu lhe disse para ficar no outro vagão.

— A bem da verdade, *não* disse — retrucou ela. — Você me disse para ficar em segurança.

— Então?

— Então, pela minha experiência, o lugar mais seguro num tiroteio é perto de você, Lorde Waxillium.

Ele grunhiu.

— Prenda a respiração.

— O quê? Por que eu deveria…

Ela deu um gritinho quando ele *empurrou* os suportes de aço da ponte, lançando-os no rio. A água gelada os envolveu enquanto Wax continuava a *empurrar*, afundando até chegar à sua arma, localizada facilmente por sua linha azul, cravada na lama. Com os ouvidos latejando por causa da pressão, agarrou a arma, substituindo-a por um dos equipamentos esféricos de Ranette, e depois *empurrou*.

Eles saíram do rio, deixando uma trilha de água, e Wax os *empurrou* o mais alto que sua âncora permitia, dando a escopeta para que Steris segurasse. A seguir, *empurrou* uma das vigas de apoio abaixo, lançando-os para cima e para o lado. Um *empurrão* em outra direção os lançou para cima no sentido oposto, e ele conseguiu levá-los até o alto da ponte.

Infelizmente, o ângulo dos *empurrões* os mandou para longe dos trilhos. Quando passaram pela ponte, ele precisou arremessar o outro equipamento esférico de Ranette, travando-o num pequeno espaço entre tirantes da ponte. Travou os ganchos, de modo que o *empurrão* de baixo, combinado com a corda esticada em sua mão, fizeram com que ele e Steris balançassem em arco.

Ele pousou nos trilhos, com Steris encharcada num dos braços, o cordão no outro. Podia imaginar o sorriso de Ranette quando lhe contasse como a coisa funcionara bem. Destravou os ganchos e puxou o equipamento de volta, embora tivesse que enrolar o cordão manualmente.

Dava para ouvir os dentes de Steris batendo, e ele lançou um olhar para ela enquanto terminava de enrolar o cordão, esperando vê-la assustada e infeliz. Em vez disso, apesar de estar molhada e pingando, tinha um sorriso idiota no rosto e olhos brilhando de empolgação.

Wax não conseguiu deixar de sorrir enquanto guardava a esfera de Ranette e prendia o cinturão antes de enfiar a escopeta no coldre.

— Lembre-se de que você não deveria achar coisas assim divertidas, Steris. Você *deveria* ser tediosa. Recebi essa informação confiável de uma mulher que conheço.

— Um homem desafinado ainda pode desfrutar de um bom coral, mesmo que nunca possa participar — retrucou Steris.

— Não está me convencendo, minha querida — disse Wax. — Não mais. Você acabou de subir no teto de um trem em movimento e atirar num bandido, resgatando seu noivo.

— É apropriado que uma mulher demonstre interesse pelos passatempos do marido. Embora eu suponha que deveria estar ultrajada, considerando que é a segunda vez que você me encharca num período de tempo muito curto, Lorde Waxillium.

— Achei que você tivesse dito que a primeira vez não foi culpa minha.

— Sim, mas esta foi duas vezes mais fria. Então é um empate.

Ele sorriu.

— Quer esperar aqui ou se juntar a mim?

— Hã… Juntar-me a você?

Ele se inclinou para a esquerda. Bem abaixo, o trem concluiu os zigue-zagues encosta abaixo, chegando a um trecho horizontal antes da última curva que o colocaria rumo ao sul. Os olhos dela arregalaram ainda mais, e ela o agarrou com força.

— Quando pousarmos, mantenha a cabeça abaixada e encontre um lugar para se esconder.

— Entendido.

Ele respirou fundo e os lançou para cima num arco grandioso pelo ar noturno. Deslizaram para o outro lado do rio, descendo como uma ave de rapina na direção da frente do trem.

Wax desacelerou com um *empurrão* cuidadoso no motor, pousando no alto do depósito de carvão. Dentro da cabine, bem diante deles, uma mulher mantinha uma arma apontada para a cabeça do maquinista que conduzia o trem. Wax soltou Steris, girou, engatilhou a escopeta, lançando no ar os cartuchos usados, e *empurrou-os*, lançando-os através dos fundos da cabine em direção à cabeça da mulher. Ela desabou, caindo sobre os controles do motor.

Wax quase foi derrubado quando o trem deu um solavanco, desacelerando. Girou, agarrando Steris pelo braço. À sua direita, o maquinista, assustado,

segurou a alavanca, suavizando a desaceleração. Puxando Steris para si, Wax saltou com um breve *empurrão* contra a traseira aberta do motor, pousando ao lado do maquinista e da mulher morta.

— O que eles estão fazendo? — perguntou, soltando Steris e ajoelhando para pegar a pistola da bandida morta.

— Eles têm algum aparelho — disse o maquinista, freneticamente, apontando. — Estão instalando entre o depósito de carvão e o primeiro vagão. Atiraram no meu foguista quando ele tentou me defender, os desgraçados!

— Onde é a próxima cidade?

— Posto Férreo! Estamos chegando perto. Mais alguns minutos.

— Leve-nos até lá o mais rápido possível e chame os médicos e os policiais locais assim que chegarmos.

O homem assentiu freneticamente. Wax fechou os olhos e respirou fundo para se orientar.

O empurrão *final. Lá vamos nós.*

Na metade do trem, Marasi teve motivos para xingar Waxillium Ladrian. Bem, *outra* razão. Ela a adicionou à lista.

Embora devesse encontrar Steris, passou a maior parte do tempo sendo assediada por passageiros preocupados que precisavam ser acalmados. Pelo visto, os bandidos tinham percorrido rapidamente os vagões de segunda e terceira classe, arrancando o pouco dinheiro que as pessoas tinham. Estavam aterrorizadas e aborrecidas, querendo que qualquer um com um vestígio de autoridade as confortasse.

Marasi fez o melhor que pôde, colocando-os em bancos e examinando-os para descobrir se havia mais pessoas gravemente feridas. Ajudou a colocar ataduras num jovem que enfrentara um bandido e, como resultado, tinha um ferimento a bala na lateral do corpo. Talvez resistisse.

Passageiros tinham visto Steris passar por ali. Marasi tentou controlar sua preocupação e espiou o vagão seguinte. Estava deserto, a não ser por um passageiro de pé e calmo na extremidade oposta, de bengala na mão, bloqueando a passagem.

Marasi verificou as diversas cabines enquanto entrava, com o rifle pronto, mas não encontrou bandidos. Aquele era o último vagão antes dos compartimentos de carga — que, estranhamente, ficavam na frente naquele trem. O interior daquele

vagão mostrava um bom número de buracos de bala na madeira trabalhada, sugerindo que Waxillium estivera lá.

— Senhor — chamou Marasi, indo apressada até o homem solitário. Era magro e mais jovem do que ela esperara ao vê-lo de costas e considerando sua postura curvada e como ele dependia da bengala para se manter de pé. — Senhor, não é seguro ficar aqui. O senhor deveria ir para os vagões de trás.

Ele se virou para ela com as sobrancelhas erguidas.

— Sempre me sinto inclinado a atender os desejos de uma mulher bonita — disse. Ela podia ver que ele mantinha uma das mãos rígida ao lado do corpo, os dedos fechados como se agarrando algo. — Mas e quanto a você, senhorita? Não há perigo para você?

— Eu posso cuidar de mim — respondeu Marasi, notando que o vagão seguinte estava tomado de cadáveres. Ficou nauseada.

— De fato! — retrucou o homem. — Você parece bastante capaz. De fato, bastante capaz — disse ele. Inclinou-se na direção dela. — Talvez seja mais do que aparenta? Uma Nascida do Metal?

Marasi franziu a testa com a pergunta estranha. Ela tomara uma dose de cádmio, claro, mesmo que talvez não servisse para nada. Em geral, sua Alomancia era algo risível; ela podia desacelerar o tempo numa bolha ao redor de si, o que significava acelerá-lo para todos os outros.

Um poder maravilhoso se estava entediada esperando que uma peça começasse. Mas não era muito útil num combate, onde ela ficaria congelada onde estava enquanto seus inimigos podiam escapar ou simplesmente se preparar para atirar nela quando a bolha fosse desfeita. Era verdade que ela podia criar uma bolha bastante grande, de modo a capturar outros dentro dela, mas isso ainda a deixava presa, e provavelmente com elementos hostis.

O homem sorriu para ela e levantou a mão de repente, aquela que parecia estar agarrando algo. Marasi começou a reagir, erguendo o rifle, mas, naquele momento, o trem deu um solavanco inesperado, desacelerando como se alguém tivesse acionado o freio. O homem xingou, cambaleando e batendo na parede antes de cair no chão. Marasi se segurou, mas deixou o rifle cair.

Olhou para o homem, que a encarou com olhos arregalados antes de se colocar de pé desajeitadamente, pois uma de suas pernas não funcionava direito, e sair apressado do vagão para a plataforma, batendo a porta.

Marasi o observou, confusa. Imaginara que ele sacaria uma arma contra ela,

mas não era isso. O objeto era pequeno demais. Ela abaixou para pegar sua arma e ficou surpresa ao encontrar no chão, ao lado do rifle, um cubo de metal com símbolos bizarros.

Tiros soaram à frente. Marasi guardou sua curiosidade e colocou o rifle nos ombros, determinada a encontrar Waxillium e, esperava, sua irmã idiota.

De olhos fechados, Wax sentiu o metal queimar. Aquele fogo, confortável e familiar. O metal era sua alma. Comparado a isso, o frio do rio não passava de uma gota de água numa fogueira.

Sentiu a arma nos dedos, a arma de um bandido, nova para ele, mas ele a conhecia — conhecia pelas linhas apontando para cano, gatilho, alavancas, balas. Cinco tiros restavam. Podia vê-los mesmo de olhos fechados.

Vá.

Abriu os olhos e saltou do motor, *empurrando-se* para a frente rapidamente. Passou por cima do depósito de carvão, invadiu o primeiro vagão de carga, lotado de correspondências em sacos empilhados, e passou por ele em disparada. Deslizou para a plataforma traseira e *empurrou* dos dois lados, lançando dois bandidos que estavam em guarda ali para cima e para fora, um em cada direção.

Naquele ponto, o trem corria junto ao rio. Árvores borradas passavam à esquerda, água à direita. Wax se lançou para cima, para o alto do segundo vagão de carga, notando os bandidos com seu equipamento ali. Outro grupo grande se reunira no topo da composição seguinte, aquela que haviam assaltado.

Wax disparou com fria precisão, matando os três bandidos. Chegou até o “equipamento” que o maquinista mencionara, que não passava de uma grande caixa de dinamite e um detonador ligado a um relógio. Wax arrancou o detonador, jogou-o de lado e *empurrou* a caixa inteira para longe, por garantia. Ela afundou no rio.

Algo *empurrou* a arma de sua mão. Ele girou e viu o grande bandido com quem lutara antes avançando na sua direção pelo teto. Deixara o grupo maior de bandidos para trás no teto do vagão seguinte.

Você novamente, pensou Wax, com um rosnado, largando seu cinturão, mas apoiando o pé nele para impedir que fosse levado pelo vento. O homem correu até Wax. Quando o bruto estava bem perto, Wax ajoelhou e pegou o equipamento esférico de Ranette.

O bandido *empurrou* aquilo, claro, fazendo a esfera saltar para trás e para o

lado. Wax segurou o cordão com firmeza, enrolando-o na perna do bandido com um puxão.

O bandido olhou para baixo, confuso.

Wax *empurrou*, lançando a esfera para uma porção de árvores e travando os ganchos.

— Acredito que essa é a sua parada.

O homem grande de repente saiu *voando* do trem, puxado pelo cordão, que estava enganchado numa árvore. Wax pegou seu cinturão e avançou até o grupo maior de bandidos, sentindo o vento açoitá-lo.

Estava diante de pelo menos uma dúzia deles — e não tinha armas. Felizmente, o grupo estava ocupado jogando um dos integrantes do grupo para fora do trem.

Wax piscou, surpreso. Mas, de fato, era o que estavam fazendo: jogando um dos bandidos pela lateral do trem. Era o homem com a bengala, que atingiu o rio, levantando água. Um grupo começou a segui-lo, saltando no rio. Um deles viu Wax e apontou. Seis bandidos remanescentes ergueram armas.

Depois, ficaram paralisados.

Wax hesitou, o vento às suas costas. Os homens não se mexeram. Não se encolheram. Nem sequer piscaram. Wax saltou na direção do vagão seguinte, tirou do bolso uma rolha de um dos frascos e a jogou na direção dos homens.

Ela atingiu uma barreira invisível e ficou paralisada, pairando no ar. Wax sorriu, desceu entre os vagões e entrou naquele sobre o qual os homens estavam. Lá, ele encontrou Marasi no alto de uma pilha de malas, com os ombros colados no teto do trem, logo abaixo dos homens, para conseguir produzir ali uma bolha de velocidade que congelasse todos no lugar.

9



Wax nunca havia atirado numa médica, mas *gostava* de experiências novas. Talvez aquele fosse o dia em que faria isso pela primeira vez.

— Estou bem — rosnou enquanto a mulher limpava, com um algodão, o ferimento em seu rosto onde o enorme bruto o socara. O lábio rachara.

— Eu decido isso — retrucou ela.

Perto dali, os policiais de Posto Férreo conduziam quatro bandidos confusos ao longo da plataforma do trem, que era banhada pela luz de algumas lâmpadas de postes. Wax estava sentado num banco perto de outros cirurgiões, que cuidavam dos feridos. Mais ao fundo, nas sombras da noite, uma lona cobria os corpos que haviam sido retirados do trem. Havia um número grande demais de cadáveres.

— Parece pior do que é — disse Wax.

— Você tinha sangue espalhado por todo o rosto, milorde.

— Enxuguei a testa com a mão ensanguentada.

Ela já enrolara aquela mão em gaze, mas concordou que os cortes eram superficiais. Finalmente, levantou-se e suspirou, anuindo. Wax se ergueu, agarrando o paletó encharcado e indo a passos largos até o trem. Viu Marasi no começo do veículo. Ela balançou a cabeça.

Nenhum sinal de Wayne ou MeLaan.

O frio na barriga de Wax duplicou. *Wayne ficará bem*, disse a si mesmo. *Ele consegue se curar de praticamente qualquer coisa*. Mas *havia* formas de matar um Criassangue. Um tiro atrás da cabeça. Sufocação prolongada. Basicamente qualquer coisa que obrigasse Wayne a continuar se curando até seu estoque de Feruquemia se esgotar.

E, claro, havia uma *outra* coisa. O estranho efeito que, de algum modo, roubara os poderes alomânticos de Wax. Se isso também funcionasse com a Feruquemia…

Wax caminhou até o trem, passando por Marasi sem dizer uma palavra, e começou sua própria busca. O trem estava escuro agora que tinha parado, e as únicas luzes vinham da plataforma do lado de fora. Não havia muito como ver.

— Lorde Waxillium? — chamou o policial Matieu, colocando a cabeça entre dois vagões. O homem comprido tinha um sorriso fácil, que sumiu quando Wax passou por ele com pressa.

— Ocupado — disse Wax, entrando no vagão seguinte.

Linhas azuis permitiam que ele visse fontes de metal na escuridão. Wayne deveria estar carregando frascos de metal e seus braceletes. *Procure fontes de metal fracas, escondidas atrás de algo*. Talvez… Talvez eles apenas o tivessem deixado inconsciente e enfiado em algum lugar.

— Ahn… — disse o policial atrás dele. — Eu estava me perguntando se algum dos seus outros criados precisará de, ahn, apoio emocional.

Wax franziu a testa, olhando pela janela para Drewton, que estava sentado e cercado por nada menos que três enfermeiras. Ele aceitou uma xícara de chá enquanto se queixava do seu suplício. Wax conseguia ouvi-lo mesmo dentro do vagão do trem.

— Não — disse Wax. — Obrigado.

Matieu o seguiu pelo trem. Era o capitão local, embora, pelo que Wax descobrira, aquela cidade era tão pequena que seus "grandes casos" normalmente eram da grandeza de descobrir quem estava roubando o leite da soleira da casa da sra. Hutchen. Ele ficara feliz por ter encontrado cirurgiões. A maioria deles provavelmente trabalhava com vacas na metade do tempo, mas isso era melhor que nada.

Vários policiais jovens tomavam a plataforma. Eles, felizmente, haviam guardado seus estúpidos livros de autógrafos, embora parecessem chateados por seu capitão não ter permitido que atormentassem Wax.

Onde?, pensou Wax, sentindo-se cada vez mais enjoado. Marasi chegou um momento depois com uma lamparina a óleo, iluminando o vagão enquanto ele revirava um depósito cheio de sacos do correio.

Ele não estaria aqui, pensou Wax. Aquele vagão ficava à frente do que carregara em segredo a carga de dinheiro. Wayne não teria conseguido passar por aquele, que teria sido bloqueado antes mesmo da chegada dos bandidos. Ainda assim, Wax queria ser cuidadoso. Vasculhou aquele vagão, depois acenou para Marasi e passou pela destruição deixada no carro que havia sido assaltado.

Matieu foi atrás.

— Tenho que dizer, Lorde Waxillium, que tivemos *muita* sorte de o senhor estar a bordo. A Gangue da Rua Noturna está ficando cada vez mais ousada, mas nunca pensei que pudessem tentar algo como isso!

— Então essa é uma gangue atuante? — perguntou Marasi.

— Ah, certamente — respondeu Matieu. — Todos na região sabem sobre a Rua Noturna, embora, em grande medida, eles ataquem cidades mais próximas das Terras Brutas. Imaginamos que não seja muito lucrativo assaltar além das montanhas e que por isso começaram a se aventurar mais para dentro. Mas isso? Um grande assalto a trem? E roubar o dinheiro de Erikell? Isso é ousado. Aqueles sujeitos fazem armas, entende?

— Havia pelo menos um alomântico entre eles — disse Wax, abrindo caminho pelo vagão do correio, que ainda cheirava levemente a formaldeído.

— Eu não sabia — disse Matieu. — Tivemos ainda mais sorte que estivesse aqui!

— Eu não os impedi de fugir ou de roubar o dinheiro.

— O senhor matou ou capturou *metade* deles, milorde. Aqueles que pegamos nos darão uma pista sobre os demais — disse. Depois hesitou. — Teremos que montar um grupo de busca, milorde. Eles devem estar indo para as Terras Brutas. Certamente apreciaríamos sua ajuda.

Wax esquadrinhou aquele espaço, concentrando-se nas linhas azuis.

— E o homem que manca?

— Milorde?

— Ele parecia estar no comando — disse Wax. — Um homem num belo terno, que caminhava usando uma bengala. Mais ou menos um metro e oitenta, rosto estreito e cabelo escuro. Quem é ele?

— Não conheço, milorde. Donny é o líder.

— Um sujeito grande? — quis saber Wax. — Pescoço como um tronco de árvore?

— Não, meu lorde. Donny é pequeno e agitado. É o kig ferrado mais cruel que você conhecerá.

Kig. Uma gíria para uma pessoa com sangue koloss. Wax não vira ninguém entre os bandidos com a cor de pele de um koloss.

— Obrigado, capitão — disse Wax.

O homem pareceu reconhecer isso como uma dispensa, mas hesitou.

— E podemos contar com sua ajuda, milorde? Quando perseguirmos Donny e sua gangue?

— Eu… o informarei.

Matieu bateu continência, o que foi totalmente inadequado, já que Wax não era da sua jurisdição, e se retirou. Wax continuou procurando, abrindo um compartimento de bagagens sob o primeiro vagão de passageiros. As linhas de metal que levavam a ele apontavam apenas algumas bagagens.

— Waxillium, você não pode ajudá-los nessa caçada. Já temos um trabalho — disse Marasi.

— Pode ter alguma relação.

— Pode não ter — retrucou ela. — Você o ouviu, Waxillium. Esses caras são criminosos conhecidos.

— Que por acaso roubaram exatamente o trem no qual estávamos.

— Mas que, ao mesmo tempo, pareceram totalmente chocados com a presença de um atirador alomântico no último vagão. Em vez de jogar dinamite sobre nós e encher o vagão de balas, eles mandaram dois homens para roubar o que imaginaram que seria dinheiro fácil.

Wax remoeu aquilo e verificou outro compartimento de bagagens, preparando-se antes de abri-lo. Nenhum corpo. Voltou a respirar.

— Não posso pensar nisso neste instante — falou.

Ela anuiu, compreendendo. Verificaram os outros compartimentos. Ele não viu linhas suspeitas, então seguiram em frente. Ao cruzar um espaço entre vagões, ele flagrou Steris o observando. Estava sentada sozinha num banco, com um cobertor sobre os ombros, segurando uma xícara de algo que fumegava. Parecia completamente calma.

Wax avançou. Perder amigos era parte da vida de um homem da lei; isso lhe acontecera mais vezes do que queria contar. Mas depois do que acontecera na cidade seis meses antes… Bem, não sabia bem o que aconteceria com ele se perdesse Wayne. Ele se preparou, passou para o vagão seguinte, abriu o primeiro compartimento de carga e ficou paralisado.

Linhas de aço fracas vinham de outra parte daquele vagão. Estavam se *movendo*.

Wax correu na direção delas, e Marasi o seguiu, de repente alerta, erguendo a lamparina. As linhas vinham do piso dentro de uma das cabines. Só que não

havia bagagens no compartimento de cima nem qualquer coisa no chão. Era uma cabine particular que não havia sido alugada naquela viagem.

Wax entrou e arrancou a tampa do compartimento de bagagens no chão. Wayne piscou para ele. Estava com o cabelo desgrenhado e a camisa desabotoada, mas não havia nada o prendendo. Não parecia absolutamente ferido. Na verdade…

Wax se agachou, e a luz da lamparina de Marasi revelou o que havia sido escondido pela beirada do compartimento de bagagem. MeLaan, sem camisa, também estava ali. Ela se sentou, nada envergonhada de sua nudez.

— Nós paramos! — disse ela. — Já chegamos?

— Bem, como eu poderia saber que estávamos sendo atacados? — perguntou Wayne, já totalmente vestido, embora o cabelo continuasse bagunçado.

Wax estava sentado, ouvindo apenas parcialmente. Os funcionários da ferrovia haviam aberto uma sala da estação para que usassem. Ele sabia que deveria sentir raiva, mas estava aliviado.

— Porque somos *nós* — disse Marasi, de braços cruzados. — Porque estamos a caminho de uma situação perigosa. Não sei. Você poderia *pelo menos* ter nos contado o que estava fazendo — acrescentou. Depois, hesitou. — E, por falar nisso, o que você *acha que estava fazendo*?

Wayne baixou a cabeça diante dela. MeLaan se apoiava na parede perto da porta. Olhava para o teto, como se tentando fingir inocência.

— Deixando para trás — disse Wayne, apontando para Marasi. — Como você me disse para fazer.

— Aquilo não era deixar para trás! Aquilo era “correr a toda velocidade”. Era “correr para a frente como uma bala”, Wayne.

— Não gosto de fazer as coisas pela metade — disse ele, solene, com a mão sobre o coração. — Fazia muito tempo que eu não tinha um bom carinho por conta de minha diligente idealização monógama de uma bem-apes-soada, mas indisponível…

— E *como* você *não* ouviu a luta? — interrompeu Marasi. — Houve tiros, Wayne. Praticamente *em cima de você*.

— Veja bem, eu estava *realmente* ocupado — disse, ficando vermelho. — E estávamos perto dos trilhos, que faziam muito barulho. Queríamos um lugar que fosse meio privado, sabe, e… — Ele parou de falar e deu de ombros.

— Ah! — reagiu Marasi. — Você *se dá conta* de como Waxillium ficou preocupado?

— Não me meta nisso — disse Wax, sentado com os pés em cima de um banco ao lado.

— Ah, e você *aprova* esse comportamento? — perguntou Marasi, voltando-se para ele.

— Pelos céus, não — disse Wax. — Se eu aprovasse metade das coisas que Wayne faz, Harmonia provavelmente me mataria no mesmo instante. Mas ele está vivo, nós estamos vivos e não podemos culpá-lo por se distrair durante o que imaginamos que seria uma simples viagem.

Marasi olhou para ele, suspirou e saiu para a plataforma, passando por MeLaan sem olhar para ela.

Wayne se levantou e foi até Wax, tirando a caixa de chicletes do bolso e batendo-a na palma da mão para assentar o pó.

— Esses ladrões… Por acaso algum deles atirou nela quando você não estava olhando? Porque ela certamente ficou irritada de repente.

— Ela só estava preocupada com você — disse Wax. — Vou falar com ela depois que se acalmar.

MeLaan deixou sua posição junto à porta.

— Houve algo estranho no ataque?

— Muitas coisas — respondeu Wax, levantando-se e alongando-se. Ferrugem! Ele realmente estava ficando velho demais para tudo aquilo, como Lessie sempre brincava? Ele normalmente se sentia radiante depois de uma luta.

São as mortes, pensou. Apenas um passageiro morrera, um idoso, mas eles perderam meia dúzia de seguranças, para não falar nos muitos feridos.

— Um dos bandidos fez algo que impediu minha Alomancia — disse a MeLaan.

— Um sugador? — perguntou ela.

Wax balançou a cabeça.

— Ele não me tocou.

Sugadores que queimavam cromo podiam esvaziar as reservas de metais de outro alomântico, mas isso exigia que o tocasse.

— A sensação foi a mesma. Em um momento, meu aço estava lá, depois não estava mais. Mas, MeLaan, havia algum tipo de aparelho envolvido. Um

pequeno cubo de metal.

— Espere — disse uma voz. Marasi apareceu no umbral. — Um *cubo*?

Todos os três olharam para ela, que enrubesceu sob a dura luz elétrica.

— O que foi?

— Você saiu pisando firme, indigenada — lembrou Wayne.

— E agora estou pisando firme de volta — disse Marasi, indo na direção de Wax e enfiando a mão no bolso. — Posso estar indige… indig*nada* aqui da mesma forma como estaria lá fora.

Ela tirou a mão, segurando um pequeno cubo de metal. O mesmo cubo que ele vira antes de seu aço ser drenado. Wax o pegou da palma da mão dela.

— Onde você conseguiu isto?

— O cara de bengala deixou cair — contou Marasi. — Ele se mexeu como se fosse sacar uma arma, mas ergueu isso.

Wax o virou na direção de MeLaan, que balançou a cabeça.

— É uma arma *realmente* estranha — observou Wayne.

— Há alguma coisa naquela história de VenDell que mencione um aparelho que impeça Alomancia? — perguntou Wax.

— Nada que eu tenha ouvido — respondeu MeLaan.

— Quer dizer, esse negócio não tem nem um cano — comentou Wayne.

— Mas você disse que não prestou atenção na pesquisa, MeLaan — lembrou Marasi, pegando o cubo de volta.

— Isso é verdade.

— E se fosse possível disparar essa coisa ferrada, a bala seria pequena como uma pulga — acrescentou Wayne.

Marasi suspirou.

— Wayne, você nunca deixa uma piada morrer?

— Querida, essa piada já *começou* morta — retrucou ele. — Só estou dando a ela um enterro digno.

— Precisamos de outro trem rumo ao sul — disse Marasi, virando-se para os outros.

— Esses bandidos podem ter informações — disse Wayne. — Persegui-los poderia ser útil. Aliás, não consegui acabar com nenhum deles, por causa de uns amassos fora de hora.

— Pelo menos foram *bons* amassos — comentou MeLaan. Depois, sob o olhar feio de Marasi, acrescentou: — O quê? Foram mesmo. O pobre sujeito não dava um bom amasso há anos. Tinha muita energia acumulada.

— Você nem sequer é humana — disse Marasi. — Deveria estar envergonhada. *Sem falar* que você tem seiscentos anos de idade.

— Sou jovem de coração. Sério. Copiei este coração de uma jovem de dezesseis anos que comi há alguns meses.

Todos ficaram em silêncio.

— Ah… isso foi inconveniente? — reagiu MeLaan, encolhendo-se. — Isso *foi* inconveniente, não é? O gosto nem foi muito bom, se isso importa em alguma coisa para vocês. Quase não estava podre. Ah… eu deveria parar de falar sobre isso. Nova Seran? Vamos para lá ou vamos ficar aqui caçando bandidos?

— Vamos para lá — disse Wax, o que lhe rendeu uma anuência de Marasi. — Se isto estiver relacionado ao que precisamos investigar, chegaremos a eles depois. Se não, verei o que posso fazer para ajudar assim que tivermos lidado com meu tio.

— E como chegaremos a Nova Seran? — perguntou Wayne.

— Não parece que nosso trem sairá tão cedo.

— Trem de carga — disse Wax, conferindo as listas na parede. — Passará aqui em uma hora. Eles vão colocar nosso trem nos trilhos de reparos, então poderemos pegar uma carona no próximo. Não será confortável, mas nos deixará lá pela manhã. Vão pegar a bagagem. Com sorte não haverá furos demais nela.

Wayne e MeLaan obedeceram, caminhando lado a lado. Talvez realmente houvesse algo entre eles. No mínimo, Wayne não pareceu nem um pouco incomodado ao ser lembrado de quão alienígena, e quão velha, MeLaan era.

Mas Wayne não era conhecido pelo seu bom gosto em relação a mulheres. Ou, bem, seu *gosto* em relação a tudo, na verdade. Wax deu uma espiada em Marasi, que ficara para trás. Ela ergueu o cubinho, virando-o nos dedos e inspecionando as gravações intrincadas em suas várias faces.

— Posso ver novamente as anotações de VenDell? — pediu ela. — Talvez haja alguma coisa nelas sobre este cubo.

— Mais convencida de que não foi um assalto aleatório?

— Talvez um pouco — respondeu Marasi. — Você deveria conversar com minha irmã.

— Ela pareceu calma quando dei uma olhada mais cedo.

— Claro que ela está calma — disse Marasi. — Ela é Steris. Mas *também* está fazendo um bordado.

— E isso é ruim?

— Steris só faz bordados quando sente um desejo esmagador de parecer normal — explicou Marasi. — Ela leu em algum lugar que é um passatempo adequado para uma mulher rica. Ela odeia bordados até a morte, mas não dirá a ninguém. Acredite em mim. Se há bordado envolvido, ela está aborrecida. Eu poderia conversar com ela, mas ela nunca me escutou. Nem sabia da minha existência até a adolescência. Além do mais, você terá que se acostumar com isso.

Ela saiu da sala a passos largos, e Wax, estranhamente, flagrou-se sorrindo. Independentemente do que mais pudesse ser dito, Marasi mudara muito desde que a conhecera.

Pegou o paletó no gancho de parede, vestiu-o e voltou para a noite. Marasi estava chamando o chefe da estação, provavelmente para acertar a partida deles no trem de carga. Wax caminhou ao longo dos trilhos, passando sob luzes elétricas frias, até chegar ao banco onde Steris trabalhava em seu bordado.

Ele se acomodou ao lado dela.

— Marasi me disse que você está tendo dificuldades.

Steris parou de bordar.

— Você é um homem muito direto, Lorde Waxillium.

— Posso ser.

— Mas, como ambos sabemos, é tudo fingimento. Você foi criado na elite de Elendel. Teve tutores e professores de dicção. Em sua juventude, passava seu tempo em festas e bailes.

— E depois passei vinte anos nas Terras Brutas — retrucou Wax. — Os ventos lá conseguem desgastar o granito mais duro. Fica surpresa que possam fazer o mesmo com um homem?

Ela se virou para ele, com a cabeça inclinada para o lado.

Wax suspirou e recostou, esticando as pernas, tornozelos cruzados.

— Já esteve em algum lugar no qual não se encaixava? Um lugar onde todos os outros pareciam estar à vontade? Eles sabem o que fazer. Sabem o que dizer. Mas, ferrugem, você tem que se *esforçar* para entender tudo?

— Isso descreve minha vida inteira — disse Steris suavemente.

Ele colocou um braço ao redor dela e deixou que pousasse a cabeça em seu ombro.

— Bem, aquelas festas eram assim para mim. Situações sociais eram um esforço. Todos rindo, e eu simplesmente de pé ali, estressado e tentando descobrir a coisa certa a fazer. Não sorria muito naquela época. Acho que ainda não sorrio. Fugia das festas quando conseguia e tentava chegar a uma varanda silenciosa.

— E fazia o quê? Lia?

Wax riu.

— Não. Gosto de um livro de tempos em tempos, mas o verdadeiro leitor é Wayne.

Steris ergueu a cabeça, parecendo surpresa.

— Estou falando sério. É verdade que, de vez em quando, ele prefere aqueles com imagens, mas *realmente* lê. Frequentemente em voz alta. Deveria ouvi-lo fazendo as vozes para si mesmo. Eu… eu simplesmente encontrava uma varanda debruçada sobre a cidade e olhava. Escutava — disse ele, sorrindo. — Quando menino, muita gente achava que eu era lento por ficar sentado olhando por uma janela.

— E então encontrou seu caminho para as Terras Brutas.

— Fiquei muito contente por estar longe de Elendel e sua falsidade. Você diz que sou seco. Bem, esse é o homem que quero ser. Esse é o homem que admiro. Talvez eu só esteja atuando como ele, mas é uma atuação sincera. Mande me enforcar, mas é assim.

Steris ficou sentada em silêncio por um tempo, com a cabeça no ombro dele enquanto Wax observava a noite. Uma bela noite, apesar de tudo.

— Você está errado — observou ela, soando sonolenta. — Você sorri. Com maior frequência quando está voando. É o único momento em que acho… em que acho que vejo… puro prazer em você…

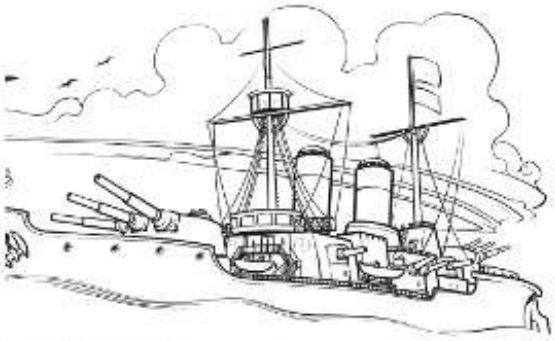
Ele baixou os olhos para ela, que aparentemente cochilara, a julgar pelo modo como respirava. Acomodou-se, pensando no que ela dissera, até que o trem de carga finalmente chegou à estação.

SCENDÊNCIA

AN, 8 de CLADENCE de 342 — 26

OS NAVIOS DE BILMING

NCIONÁRIOS DE ELENDEL



e velocidade
quilômetros
chamamos

egrantes da
ndel não fi-
ados.
mostra de
e o senador
que precisa-
e guerra? A
em terra e
iem precisa-
"

verso.)

Harmonia tem um metal?

O filósofo da Primeira Era Galabris Menthon fez essa pergunta de maneira retórica, mas mesmo o Lorde Nascido da Bruma pensou nisso quando formulou uma pergunta que se tornou famosa: "Tendo o tem Sized um metal?"

De assembleias a bares, a questão ainda é debatida. Mas, agora, descobertas científicas nos deixaram mais perto de uma resposta.

(Continua no verso.)



Mansão Farthing atacada

Um ato de selvageria e roubo deixou a elite da cidade nervosa. Tarde da noite passada, alguém invadiu a Mansão Farthing, roubou alguns objetos e vandalizou o muro com uma imagem do símbolo do ouro invertido.

Lady Farthing está oferecendo uma recompensa pela devolução de suas joias. Por favor, deem todas as informações à delegacia da Cidade Alta.

(Continua no verso.)



A marca do vândalo.

TRABALHADORES unidos!

ENORME

REUNIÃO DE MASSA esta noite, na 7ª hora

NO

cruzamento de Embel com a 5ª

LUTE CONTRA IMPOSTOS INJUSTOS E SALÁRIOS BAIXOS

ESCOLHA DO ABRANDADOR



CHICLETES

Prejudique Elendel e sorria: o produto local
Escolha do Abrandador é a ÚNICA escolha

nha
de
ico!

Baz-Kor me
us movimen-
n concebidos
Sugador che-
nte de outro
-lo e drenar
eram as aulas
ilitaram meu
para a cabine

ente no pe-



darei com prazer uma descrição mais detalhada.

— Na verdade, um pouco de polidez de sua parte teria evitado toda essa debacle — falei.

— E você não estaria pendurado quinze metros acima da morte pelos fiapos de um mapa malfeito. Subs. Vamos entrar num acordo.

Ele estendeu a mão como se fosse aceitar minha oferta, mas algo nela brilhou à luz das estrelas. Queimei metal instintivamente, soltando uma das mãos para tocar o equipamento.

Era uma faca de caça comum.

— Polidez — disse ele com um resmungo. — Não é assim que



10



Wax acordou com o som de explosões distantes.

Imediatamente se colocou de pé, procurando seus metais, com os olhos remelentos e desorientado. Onde ele estava? Cabine dos ferroviários do trem de carga. Era grande, com colchões duros nos fundos para os maquinistas cochilarem enquanto o trem esperava para ser descarregado. Steris estava adormecida num dos colchões, enrolada no paletó de Wax. Wayne cochilava num canto, com o chapéu sobre o rosto.

Eles tinham deixado os empregados para trás por ora; seguiriam no próximo trem de passageiros. MeLaan escolhera ir atrás com sua bagagem, querendo examinar seus fardos de ossos para escolher o corpo certo para aquela noite.

Wax engoliu metais, sacou Vindicação e cambaleou para a frente na direção dos sons, que, estando agora totalmente desperto, não tinha certeza se eram explosões. Um ronco contínuo, como um terremoto, à distância. Saiu para a cabine da locomotiva. Era uma máquina mais nova, movida a óleo, sem necessidade de um compartimento de carvão.

Marasi estava de pé perto da frente da cabine, com o maquinista, um sujeito alto com olhos brilhantes e antebraços como pistons.

Aquele ronco… Wax franziu a testa, baixando a arma enquanto Marasi o encarava. O céu era azul brilhante; a manhã chegara. Entrou na cabine e conseguiu ver que Nova Seran se erguia diante deles. A cidade se espalhava por uma série de enormes platôs de pedra. Havia pelo menos uma dúzia deles, e cada um era cortado por muitos cursos de água, que os cruzavam e caíam da beirada até o platô seguinte. O som não era de um terremoto ou de uma explosão, mas de *cachoeiras*.

Em certos pontos, a queda era apenas uma corredeira, uma precipitação de um metro e meio mais ou menos, mas, em outros, cachoeiras majestosas despencavam quinze metros ou mais antes de bater na plataforma de pedra

seguinte. Parecia um efeito criado pelo homem, pois os vários cursos e quedas-d'água acabavam retornando juntos ao rio, que corria rumo à distante Elendel.

Wax deslizou Vindicação para seu coldre, embora isso demandasse duas tentativas, pois ele estava hipnotizado pelas cachoeiras. De fato, pela cidade inteira. Prédios brotavam entre os rios, e trepadeiras verdes vibrantes cobriam os penhascos como tranças da própria natureza. Além deles se erguia a Cordilheira Serana, imponente e branca nos topos.

Marasi sorria, inclinando-se para fora da cabine para ter uma visão melhor do alto da cidade. O maquinista estava junto às suas alavancas, válvulas e manivelas, tentando parecer relaxado, embora evidentemente observando as reações de Wax e Marasi. Finalmente, falou.

— Costumo pensar que Harmonia estava se exibindo um pouco quando fez este lugar.

— Eu não tinha ideia de que Nova Seran era assim — disse Wax, colocando-se ao lado de Marasi. Atrás dele, Wayne bocejou e se levantou.

— É, bem, as pessoas de Elendel com frequência se esquecem de que há todo um país aqui — disse o maquinista. — Sem ofensa, milorde. Há muito a absorver em Elendel, então faz sentido ficar um pouco ofuscado por ela.

— Você é de Nova Seran? — perguntou Marasi.

— Nascido e criado, capitã Colms.

— Então talvez possa nos dizer como encontrar nosso hotel. — sugeriu Marasi. — Chama-se Portão de Cobre.

— Ah, esse é *bom* — disse o maquinista, apontando. — Platô de cima, no distrito do barqueiro. Procurem a grande estátua do Lorde Nascido da Bruma. Fica a menos de dois quarteirões de lá.

— Quão perto pode nos deixar? — perguntou Marasi.

— Nada perto, receio — respondeu o maquinista. — Não é trem para passageiros, e mesmo esses só podem ir até os níveis intermediários. Nós ficaremos bem embaixo. Precisarão gastar algumas horas subindo nas cabines teleféricas. Também há rampas, caso prefiram uma carruagem, mas demoram mais, e as cabines teleféricas oferecem uma vista melhor.

Cabines teleféricas teriam sido maravilhosas, pensou Wax, se a maioria deles tivesse tido mais do que apenas poucas horas de sono. Precisariam estar descansados e dispostos para a recepção naquela noite.

— Atalho? — perguntou a Marasi.

— Você se dá conta de que estou usando uma saia?

— Eu me dou. O que aconteceu com aquele novo uniforme elegante com calças?

— Guardado. Nem todos gostam de usar o uniforme quando não precisam, Waxillium.

— Bem, então você pode esperar e pegar o teleférico — disse Wax. — Enquanto isso pense em mim descansando serenamente numa cama macia de hotel enquanto você pisca olhos remelentos e tomba sobre…

— Tudo bem, tudo bem! — disse Marasi, colocando-se junto a ele. — Apenas fique longe das multidões.

Wax a segurou pela cintura.

— Voltarei para pegar o resto de vocês — disse a Wayne, que assentiu. — Maquinista, mande nossas coisas para o Portão de Cobre, por favor.

— Sim, milorde.

Wax deslizou para a lateral da cabine, tomou outra dose de flocos de metal, recuperada do estoque em sua bagagem, apertou Marasi contra si, queimou aço e saltou. Um *empurrão* intenso os mandou para longe do trem, que estava desacelerando ao aproximar-se dos prédios agrupados ao redor da base de Nova Seran.

Caíram a meio caminho dos edifícios, mas um disparo de Vindicação enquanto chegavam perto do solo lhe deu algo em que se impulsionar. Isso os mandou para cima, além dos níveis inferiores, e Waxillium usou fontes de metal que encontrou ali para mantê-los no ar.

As casas ali eram muito menores que em Elendel. Até mesmo antiquadas. Em Elendel, raramente se podia desperdiçar espaço com uma única moradia — mesmo nos cortiços, enormes prédios de apartamentos eram o padrão. Havia uma espécie de mudança eterna, na qual áreas da cidade ficavam decrépitas com o tempo e se enchiam de pobres enquanto aqueles que podiam se mudavam para outras áreas. Era fascinante para Waxillium que o que eram agora cortiços um dia haviam sido considerados imóveis de primeira categoria.

Ele viu poucos prédios de apartamentos e apenas três arranha-céus, restritos a um pequeno bairro comercial no platô superior. Embora os platôs limitassem a capacidade de expansão da cidade, pareciam grandes o suficiente para abrigar a população, muitos parques e pequenos riachos, nenhum destes fundo o suficiente para ser navegável como os canais de Elendel.

Ele permaneceu nos telhados, em vez de descer até as ruas, pelo bem de Marasi, embora ela não estivesse tendo muitos problemas com a saia. Ela a enrolara nas pernas antes de começarem, e o movimento basicamente para cima impedia que a saia se abrisse.

Wax levou os dois em grandes saltos em arco sobre áreas residenciais até chegarem ao penhasco seguinte, onde encontrou uma cabine de teleférico e a usou como âncora para dispará-los cerca de quinze metros na direção do último nível de platôs. Ele exultou com o impulso, a liberdade, a beleza daquilo. Havia algo majestoso em subir pelos ares junto a uma cachoeira rodopiante, com piscinas cintilantes e jardins verdejantes abaixo.

Chegaram ao alto do penhasco, onde Wax pousou suavemente ao lado das cataratas. Marasi soltou a respiração; pela tensão de seu aperto, ele notou que ela não desfrutara do voo tanto quanto ele. *Empurrar* metal não era algo natural para ela, nem a altura, fazendo-a recuar do penhasco assim que se viu livre.

— Vai pegar os outros? — perguntou ela.

— Vamos encontrar o hotel primeiro — disse Wax, apontando para uma estátua que localizara ao pousar. Ainda podia ver a pátina verde da cabeça da estátua acima dos telhados das casas próximas. Partiu naquela direção.

Marasi o seguiu, e entraram numa rua com um intenso tráfego de pedestres, além de meninas e meninos vendendo jornais e anunciando as manchetes em cada esquina. Havia menos cavalos e carruagens que em Elendel — quase nenhum, embora ele visse um bom número de triciclos para passageiros. Isso fazia sentido, considerando a organização da cidade. Achou interessante que o sistema de teleféricos não servisse apenas para se deslocar entre platôs, pois também havia linhas cruzando o céu acima deles e levando pessoas de uma área daquele platô para outra.

— Como um tubarão entre peixinhos — murmurou Marasi.

— O quê? — perguntou Waxillium.

— Olhe como as pessoas desviam de você — apontou Marasi. — Lorde Cimines fez um estudo comparando policiais a tubarões e mostrando como as pessoas numa calçada lotada reagiam exatamente como animais a um predador.

Ele não havia notado, mas ela estava certa. As pessoas lhe davam muito espaço, embora não porque achassem que ele era policial. Era o casaco de bruma, as armas e talvez a sua altura. Todos pareciam um pouco mais baixos ali, e ele estava vários centímetros acima da multidão.

Em Elendel, suas roupas eram anormais, mas todas eram. Aquela cidade era uma confusão, como um velho barril cheio de cartuchos usados. Todos os diferentes calibres representados.

Em Nova Seran, as pessoas usavam roupas mais leves que em Elendel. Vestidos em tons pastéis para as damas, ternos brancos listrados e chapéus de palha para os homens. Em comparação, ele era um buraco de bala num vitral.

— Nunca fui bom em me misturar — disse ele.

— Tudo bem — falou Marasi. — Eu estava querendo perguntar se você precisará de Wayne esta noite.

— Na festa? — reagiu Wax, entretido. — Tenho dificuldade em imaginar uma situação em que ele não acabe bêbado na tigela de ponche.

— Então vou pegá-lo emprestado — anunciou Marasi. — Quero ir investigar os cemitérios em busca da estaca de ReLuur.

Wax grunhiu.

— Vai ser um trabalho sujo.

— Esse é o motivo pelo qual pedi Wayne.

— Entendido. Quais são as chances, na sua opinião, de encontrar a coisa enterrada num túmulo?

Marasi deu de ombros.

— Pensei em começar com o método mais óbvio e fácil.

— Escavar túmulos é o método mais fácil?

— É, se forem feitos os devidos preparativos — respondeu Marasi. — Afinal, não pretendo cavar…

Wax parou de escutar.

A conversa das pessoas foi abafada enquanto ele parava, olhando para um jornal erguido por uma jornaleira numa esquina próxima. Aquele símbolo, o *mah* irregular e invertido… Ele conhecia aquele símbolo bem demais. Abandonou Marasi no meio de uma frase, abrindo caminho entre a multidão até a garota e arrancando o jornal dela.

Aquele símbolo. Impossível. “MANSÃO FARTHING ATACADA”, dizia a manchete. Ele deu alguns clipes para a garota.

— A Mansão Farthing? Onde fica?

— Subindo o Caminho da Flor — respondeu a garota, apontando com o queixo e fazendo desaparecer as moedas na palma de sua mão.

— Venha — disse ele, interrompendo Marasi, que começava a dizer algo.

As pessoas abriam caminho para ele, o que era conveniente. Poderia ter usado sua Alomancia, mas encontrou a mansão sem dificuldade, em parte porque as pessoas estavam reunidas do lado de fora e apontando. O símbolo estava pintado em vermelho, exatamente como aquele que ele conhecera nas Terras Brutas, mas dessa vez marcava o muro de uma bela mansão de pedra de três andares em vez de uma diligência.

— Waxillium, pelo amor à sanidade, o que deu em você? — perguntou Marasi, alcançando-o.

Ele apontou para o símbolo.

— Eu reconheço isso — falou Marasi. — Por que reconheço isso?

— Você leu os relatos sobre meu tempo nas Terras Brutas — disse Wax. — Está lá; esse é o símbolo de Ape Manton, um dos meus antigos inimigos.

— Ape Manton! — exclamou Marasi. — Ele não…

— Sim — respondeu Wax, lembrando-se das noites de tortura. — Ele caça alomânticos.

Mas por que estaria ali? Wax o tirara de circulação, e não numa pequena cidade qualquer. Fora trancado em Madil Verdadeiro, a maior cidade das Terras Brutas do Norte, numa cela da qual seria difícil escapar. Como, pelo Verdadeiro Nome de Harmonia, ele percorrera toda aquela distância até Nova Seran?

Um roubo não seria o fim das atividades de Manton ali. Ele sempre tinha um motivo por trás dos roubos, uma meta. *Preciso descobrir o que ele levou e por que ele…*

Não.

Não, não agora.

— Vamos para o hotel — disse Wax, afastando-se daquele símbolo vermelho.

— Ferrugem! — disse Marasi, apressando-se atrás dele. — Ele poderia estar envolvido de algum modo?

— Com o Grupo? Nenhuma chance. Ele odeia alomânticos.

— Inimigo do meu inimigo…

— Não Ape — insistiu Wax. — Ele não aceitaria a ajuda de um Nascido do Metal nem para salvá-lo da morte.

— Então…

— Então ele não é parte disso — disse Wax. — Vamos ignorá-lo. Estou aqui

por causa do meu tio.

Marasi assentiu, mas pareceu perturbada. Passaram por um Atraidor malabarista, que deixava as bolas caírem e jogava-as de volta no ar, juntamente com eventuais objetos do grupo de espectadores que se divertia. Um desperdício de habilidades alomânticas. Todas aquelas pessoas. Sufocante. Ele esperara que, ao deixar Elendel, escapasse de ruas lotadas. Quase sacou sua arma e deu um tiro para afastá-los.

— Wax… — disse Marasi, segurando seu braço.

— O quê?

— *O quê?* Ferrugem! Seu olhar podia pregar a cabeça de uma pessoa num muro agora mesmo!

— Estou bem — disse ele, soltando o braço.

— Essa vingança contra seu tio é…

— Não é uma vingança — disse Wax, acelerando o passo e caminhando em meio à multidão, fazendo as faixas do casaco de bruma se agitarem atrás. — Você sabe o que ele está fazendo.

— Não sei, e você também não — disse Marasi.

— Ele está criando alomânticos — disse Wax. — Talvez feruquemistas. Não preciso saber qual é seu plano para saber o quanto é ruim. E se ele estiver montando um exército de Brutamontes e Lançamoedas? Duplonatos. *Compostos*.

— Isso pode ser verdade — admitiu Marasi. — Mas você não o está caçando por causa disso, não é mesmo? Ele derrotou você. No caso do Cem-vidas, o Sr. Elegante *enrolou você*. Agora você vai vencer a guerra após ter perdido a batalha.

Ele parou de repente, virando-se para ela.

— Quão mesquinho você acha que sou?

— Considerando o que acabei de dizer, eu o considero mesquinho exatamente *nessa dose*. Não é errado sentir raiva de Elegante, Waxillium. Ele está mantendo sua irmã em cativeiro. Mas, ferrugem, por favor, não deixe que isso prejudique seu raciocínio.

Ele respirou fundo. Depois, apontou para a mansão na rua.

— Você quer que eu vá caçar o Ape?

— Não — disse Marasi, enrubescendo. — Concordo que precisamos nos concentrar em recuperar a estaca.

— Você está aqui por causa da estaca, Marasi — retrucou Wax. — Eu estou aqui para encontrar Elegante.

Ele acenou com o queixo para o fim da rua, na direção de uma discreta placa de hotel, difícil de ver na frente de um prédio.

— Vá para o hotel. Vou pegar os outros.

— Com esta suíte e as outras, vocês basicamente terão o último andar inteiro — disse, sorrindo, a dona do hotel, que insistira em ser chamada de tia Gin.

Wayne bocejou, esfregando os olhos enquanto examinava a farta oferta de bebidas no bar do quarto.

— Ótimo. Adorável. Posso ficar com seu chapéu?

— Meu… chapéu?

A mulher mais velha ergueu os olhos para seu chapéu exagerado. As laterais tombavam grandiosamente, e a coisa era *cheia* de flores. Tipo, tinha um monte delas. De seda, ele imaginou, mas eram réplicas realmente boas.

— Você tem uma amiga? — perguntou tia Gin. — Gostaria de dar a ela o chapéu?

— Não — respondeu Wayne. — Preciso para usá-lo da próxima vez em que eu for uma senhora.

— Da próxima vez em que você for *o quê*? — reagiu tia Gin, ficando pálida, mas provavelmente pelo fato de que Wax andava de um lado para outro, vestindo seu casaco de bruma ferrado. Aquele homem nunca sabia como se misturar num ambiente.

— Essas janelas abrem? — perguntou Wax, apontando para as enormes janelas salientes da suíte na cobertura. Subiu num dos sofás e empurrou a janela.

— Bem, elas costumavam abrir — contou tia Gin. — Mas chacoalhavam com a brisa, então as lacramos com tinta e travamos os trincos. Nunca consegui suportar a ideia de alguém…

Wax sacudiu e abriu uma delas, rompendo o trinco e fazendo um som agudo de rachadura quando a tinta exterior foi rasgada, talvez lascando um pouco da madeira.

— Lorde Ladrian! — exclamou tia Gin, engasgando.

— Pagarei o conserto — disse Wax, saltando do sofá. — Preciso que abram caso seja necessário saltar.

— Saltar…

— Arrá! — disse Wayne, abrindo o armário inferior do bar.

— Álcool? — perguntou Marasi, passando por ali.

— Amendoins — disse Wayne, cuspindo o chiclete e jogando um punhado de amendoins na boca. — Não comi nada desde que peguei aquela fruta na bagagem de Steris.

— Do que você está falando? — perguntou Steris no sofá, onde estava escrevendo num caderno.

— Eu lhe deixei um dos meus sapatos em troca — disse Wayne. Depois, enfiou a mão no bolso do sobretudo e tirou o outro sapato. — Por falar nisso, Gin, você trocaria seu chapéu por isso?

— Seu *sapato*? — perguntou tia Gin, virando-se para ele e dando um pulo quando Wax abriu outra janela à força.

— Claro — respondeu Wayne. — Ambos são vestuário, certo?

— O que eu faria com um sapato masculino?

— Usaria da próxima vez em que precisar ser um homem — respondeu Wayne. — Você tem o rosto perfeito para isso. Também tem bons ombros.

— Bem, eu…

— Por favor, ignore-o — disse Steris, levantando-se e indo até ela. — Aqui, eu lhe preparei uma relação de situações que talvez se configurem durante nossa estadia aqui.

— Steris… — disse Wax, forçando a terceira e última janela.

— O quê? — reagiu ela. — Não vou deixar a equipe do hotel desprevenida. A segurança deles cabe a nós.

— Incêndio? — perguntou tia Gin, lendo a lista. — Tiroteios. Assalto. Tomada de reféns? *Explosões?*

— Essa última é totalmente injusta — disse Wax. — Você tem dado ouvidos a Wayne.

— As coisas *explodem* perto de você, meu chapa — disse Wayne, mastigando amendoins. Tinham uma boa dose de sal.

— Ele está certo, infelizmente — concordou Steris. — Contei dezessete explosões envolvendo você. É uma enorme anomalia estatística, mesmo considerando a sua profissão.

— Você está brincando. Dezessete?

— Temo que sim.

— Ah.

Ele, pelo menos, teve a decência de parecer orgulhoso disso.

— Uma vez, uma confeitaria explodiu quando eu estava dentro dela. Dinamite num bolo. Foi uma bagunça — disse Wayne, inclinando-se para tia Gin. Estendeu alguns amendoins para ela. — E se eu incluir estes amendoins com o sapato?

— Esses amendoins são *meus*! Estavam neste mesmo quarto!

— Mas agora eles valem mais — retrucou Wayne. — Por eu estar *realmente* com fome.

— Eu lhe disse para ignorá-lo — cortou Steris, dando um tapinha no caderno que dera à tia Gin. — Veja, você só leu o sumário. O resto das páginas contém explicações sobre as possíveis situações que apresentei e sugestões de como reagir a elas. Organizei a lista segundo o potencial de danos à propriedade.

Wax saltou para o centro da sala e estendeu a mão para a frente. A porta tremeu.

— O que… o que ele está fazendo? — perguntou tia Gin.

— Verificando os melhores lugares na sala para bater a porta com a mente — disse Wayne. — Caso alguém invada.

— Apenas leia o caderno, certo? — pediu Steris, num tom agradável.

Tia Gin olhou para ela, parecendo perturbada.

— Essas coisas são… ameaças?

— Não, claro que não! — disse Steris. — Só quero que esteja preparada.

— Ela é minuciosa — comentou Wayne.

— Gosto de ser minuciosa.

— Normalmente isso significa que se você pedi-la para matar uma mosca ela queimará a casa apenas para ter mais certeza de que a mosca estará morta.

— Wayne, você está deixando a dama desnecessariamente preocupada.

— Inundação causada pelo desvio de uma cachoeira — disse tia Gin, ainda lendo do caderno. — Ataque de koloss. *Estouro de boiada no lobby*?

— Esse é altamente improvável, mas não faz mal estar preparada! — explicou Steris.

— Mas…

A porta da suíte adjacente foi escancarada.

— Olá, humanos — disse MeLaan, passando pelo umbral vestindo nada além de shorts justos e um pano enrolado no peito. — Preciso colocar algo adequado para hoje. O que acham? Seios grandes? Seios pequenos? Seios *extra*grandes?

Todos na sala pararam e se voltaram para ela.

— O quê? — reagiu MeLaan. — Escolher um busto adequado é vital para os preparativos de uma dama!

Silêncio.

— Essa… é uma pergunta meio imprópria, MeLaan — disse Steris.

— Você só está com inveja porque não pode tirar os seus para dar uma corrida — retrucou MeLaan. — Ei, onde está o carregador com as minhas coisas? Juro que se ele deixar cair minhas malas e rachar algum dos meus crânios a *fúria* brotará neste quarto! — disse ela antes de sair.

— Ela disse *crânios*? — perguntou tia Gin.

A porta bateu.

— Arrá! — disse Wax, baixando a mão. — Agora sim.

Marasi se aproximou e colocou um braço sobre os ombros da velha senhora, levando-a embora.

— Não se preocupe. Não será de modo algum tão ruim quanto eles fazem parecer. Provavelmente nada acontecerá a você ou ao seu hotel.

— Além de Wax arrancando suas janelas — observou Wayne.

— Além disso — disse Marasi, olhando feio para ele.

— Minha jovem, você precisa se afastar dessas pessoas — disse tia Gin, em voz baixa.

— Eles são bons — disse Marasi, chegando à porta. — Apenas tivemos uma longa noite.

Tia Gin anuiu, hesitante.

— Bom — disse Marasi —, quando chegar lá embaixo, poderia mandar alguém à prefeitura para mim? Preciso dos nomes de todas as pessoas que trabalham nos cemitérios locais.

— Cemitérios?

— Isso é vital — disse Marasi, antes de levar a mulher pra fora e fechar a porta.

— Cemitérios? — perguntou MeLaan, enfiando a cabeça no quarto. Ela agora estava totalmente careca. — Por falar nisso, vocês podem pedir algo que eu

possa comer? Um belo pedaço de carne envelhecida?

— Você quer dizer carne podre — corrigiu Wax.

— Nada como o odor de um belo lombo após um dia ao sol — comentou MeLaan, voltando para seu quarto quando houve uma batida na porta. — Ah, são as minhas malas. Excelente. O quê? Não, claro que não há cadáveres aqui. Por que eu precisaria de ossos ainda com carne? Obrigada. Tchau.

Wayne jogou o último amendoim na boca.

— Não sei quanto a vocês, mas *eu* vou encontrar um lugar para roncar durante algumas horas.

— Como dividiremos os quartos, Waxillium? — perguntou Marasi.

— Você e Steris na suíte do outro lado do corredor — respondeu Wax. — Wayne e eu aqui. MeLaan tem seu próprio quarto. Ela provavelmente quer… Ahn…

— Derreter? — sugeriu Marasi.

— Sozinha.

— Estou bem, na verdade — disse MeLaan no quarto ao lado. Um segundo depois, abriu a porta novamente. Usava os mesmos ossos e músculos, mas tinha o peito totalmente nu.

Não era um peito de mulher.

— Já resolvi o problema — disse MeLaan. — Vou como um cara. De qualquer modo, esse provavelmente será um disfarce melhor. Só tenho que escolher os ossos certos.

Wayne inclinou a cabeça para o lado. Ela também esculpira o rosto, dando-lhe traços masculinos. Os olhos de Steris estavam arregalados. Aquilo certamente merecia ser visto.

— Você… — começou Steris. — Você se transformou em…

— Um homem? — completou MeLaan. — É. Ficará melhor quando eu tiver decidido sobre o corpo certo. Também preciso escolher uma voz — disse ela. Então, olhou ao redor da sala. — Ahn, isso é um problema?

Por alguma razão, todos olharam para Wayne. Ele pensou por um momento e deu de ombros. Talvez ele devesse ter dado seus sapatos a *ela*.

— Você não *liga*? — cobrou Steris.

— Ainda é ela.

— Mas ela parece um homem!

— Assim como a mulher que comanda este hotel, mas ela tem filhos, então ainda assim alguém decidiu pegá-la e… — retrucou Wayne.

— Não é nenhum problema, MeLaan — disse Wax, interrompendo Wayne e pousando a mão no braço de Steris. — Supondo que você consiga entrar na festa.

— Não se preocupe com isso — disse ela, girando. — Entrarei e estarei pronta para lhe dar apoio. Mas o jogo é seu, Ladrian, não meu. Você é o detetive. Só estou por perto para o soca-soca, o fura-fura.

Ela fechou a porta. Wayne balançou a cabeça. *Essa, sim, é uma situação em que um homem não costuma se encontrar com frequência.*.. Bem, ele tinha a oportunidade de ser uma velha senhora de tempos em tempos, então fazia sentido para ele. Provavelmente era bom para uma mulher ser um cara de vez em quando, no mínimo para oferecer alguma perspectiva. Também é mais fácil mijar. Não podia descartar isso.

— Ela acha que nosso estilo de investigação *normalmente* não é do tipo soca-soca, fura-fura — comentou Wax.

— Para ser justo, normalmente é mais do tipo atira-atira, mata-mata — observou Wayne.

Marasi esfregou a testa.

— Por que estamos tendo esta conversa?

— Porque estamos cansados — respondeu Wax. — Durmam um pouco, todos vocês. Wayne, você vai cavar uns túmulos com Marasi à noite — disse. Depois, respirou fundo. — E eu, infelizmente, vou a uma festa.

11



Vestir uma gravata Ascot e um paletó formais lembrou a Wax sua volta para casa após viver na Vila. Foi um ano em que seu tio alegremente o embrulhou na embalagem de jovem nobre e o apresentou à elite da cidade, sentindo ter vencido alguma espécie de guerra quando Wax foi expulso da sociedade terrisana.

Wax voltara a morar com os pais, claro, mas fora o tio quem cuidara de sua educação, criando-o especificamente para ser o herdeiro da casa. Depois daquele período na Vila, a vida de Wax passara a dizer respeito cada vez menos à sua família mais próxima — ele mal vira os pais naquele ano, apesar de morar com eles.

Foi quando o controle do tio começou a sufocá-lo. Wax tamborilou os dedos no apoio de braço da carruagem, lembrando-se daquelas festas. Até que ponto suas lembranças eram marcadas pela presença do tio?

A carruagem finalmente parou diante de uma mansão resplandecente com vitrais e holofotes ardendo do lado de fora. Um estilo de iluminação clássico, embora o interior tivesse pouco em comum com as antigas fortalezas que pretendia evocar — como ele bem sabia após memorizar a planta baixa enquanto os outros dormiam.

Aquela mansão era mais ampla que imponente, com muitos picos, como uma cordilheira. Uma fila de carruagens esperava para passar pelo pórtico e desembarcar seus ocupantes.

— Você está nervoso — disse Steris, pousando a mão em seu braço. Ela usava luvas de renda brancas, e seu vestido, com o qual lutara por pelo menos uma hora, era um dos modelos leves e translúcidos que as damas mais elegantes de Elendel estavam usando naquele ano. A saia era mais cheia e nebulosa que os trajes mais tradicionais que Steris preferia.

Ele ficara surpreso quando ela o escolhera. A maioria do seu guarda-roupa, especialmente para aquela viagem, fora escolhido pela praticidade. Por que

vestir aquilo agora?

— Não estou nervoso — retrucou Wax. — Estou contemplativo.

— Quer repassar o plano?

— Qual plano? — devolveu Wax.

ReLuur, em seu delírio, mandara-os para aquela festa de Kelesina Shores, uma dama de algum prestígio em Nova Seran — e que ele insinuara estar ligada a tudo aquilo. Ela era a melhor pista que tinham, embora os escritos de ReLuur também relacionassem outras cinco famílias que ele considerava de interesse.

O problema era que nenhuma daquelas anotações mencionava *por que* eram de interesse ou o que ReLuur achava que sabiam. Por que um grupo de lordes e ladies das cidades externas teria alguma relação com uma antiga relíquia arqueológica? Era verdade que alguns nobres gostavam de se considerar "cavalheiros aventurosos", mas esses tipos, em sua maioria, ficavam sentados fumando charutos e conversando. Pelo menos aquele engomadinho do Jak realmente deixara sua casa ferrada.

O tempo passava. As carruagens avançavam pelo caminho com a velocidade de uma fila de vacas num dia quente. Finalmente, Wax abriu a porta.

— Vamos.

— Ah, querido — disse Steris, com um suspiro. — Novamente?

— Não me diga que você não se preparou para isso.

— Me preparei. Mas a fila não está tão longa, Lorde Waxillium. Não acha que desta vez poderíamos esperar?

— Consigo ver as portas da frente — disse Wax, apontando. — Podemos chegar lá em trinta segundos. Ou podemos ficar sentados aqui e esperar enquanto pessoas pomposas se atrapalham saindo de seus assentos e se enrolam com suas echarpes.

— Vejo que a noite vai começar com o pé direito — disse Steris. Wax saltou, ignorando a mão estendida do empregado. Dispensou o homem com um gesto e ajudou Steris a saltar do veículo.

— Vá em frente e estacione — disse ao cocheiro. — Chamaremos quando quisermos partir. — Ele hesitou. — Caso ouça tiros, volte para o hotel. Nós iremos sozinhos.

O cocheiro se assustou, mas anuiu. Wax estendeu o braço para Steris, e os dois caminharam, entrando no terreno da mansão e passando por carruagens cheias de gente que parecia estar tentando olhar feio para eles sem realmente olhar em sua

direção.

— Preparei uma lista para você — disse Steris.

— Isso não me surpreende.

— Sem reclamações, Waxillium. Isso vai ajudar. Coloquei a lista neste caderninho, para facilitar a consulta — disse Steris, sacando um caderno do tamanho da palma da mão. — Cada página contém uma forma de iniciar uma conversa, ligada às pessoas com as quais deverá funcionar melhor. Os números abaixo listam modos de conduzir a conversa para suas áreas de interesse e talvez descobrir o que nossos alvos pretendem e qual é sua ligação com os Braceletes da Perdição.

— Não sou socialmente incompetente — retrucou Wax. — Sei bater papo.

— Sim, mas eu preferiria evitar um incidente como o que ocorreu na festa de Cett… — disse Steris.

— Qual festa de Cett?

— Aquela na qual você deu uma cabeçada em alguém.

Ele inclinou a cabeça de lado.

— Ah, certo, aquele homenzinho bajulador com o bigode ridículo.

— Lorde Westweather Cett — esclareceu Steris. — Herdeiro da fortuna da casa.

— Certo, certo — disse Wax. — Os Cett são idiotas. Em minha defesa, ele me desafiou. Exigindo um duelo contra um Lançamoedas. Eu provavelmente salvei a vida dele.

— Quebrando o nariz dele — disse ela, mas depois levantou a mão. — Não estou pedindo justificativas ou explicações, Lorde Waxillium. Simplesmente quis fazer o que podia para ajudar.

Ele grunhiu, mas pegou o caderno, folheando-o à luz das lanternas enquanto cruzavam o terreno. No fim do caderno havia descrições das várias pessoas que provavelmente estariam na festa. Ele decorara algumas descrições dadas por VenDell, mas aquela lista era muito mais extensa.

Como de hábito, Steris fizera sua pesquisa. Ele sorriu, enfiando o caderno no bolso do paletó. Onde ela encontrara tempo? Continuaram a seguir pelo caminho, mas Wax parou ao ouvir ruídos num arbusto próximo. Queimou aço imediatamente, identificando pontos de metal em movimento, e levou a mão à pistola sob o paletó.

Um rosto sujo se revelou e sorriu. Os olhos eram de um branco leitoso.

— Clipes para um pobre, meu bom senhor — disse o mendigo, estendendo a mão e revelando compridas unhas malcuidadas e uma camisa esfarrapada.

Wax manteve a mão na arma, estudando o homem.

Steris inclinou a cabeça de lado.

— Está usando perfume, mendigo?

Wax anuiu, também sentindo um cheiro leve.

O mendigo se assustou, como se surpreso, e depois sorriu.

— Dá uma boa levantada, milady.

— Você *bebeu* perfume? — perguntou Steris. — Bem, isso não pode ser saudável.

— Você não deveria estar aqui — disse Wax, olhando o grupo de empregados e cocheiros mais perto da entrada do edifício. — Esta é uma propriedade particular.

— Ah, milorde, eu sei, sei mesmo — respondeu o mendigo, rindo. — Tecnicamente, eu sou dono do lugar. Agora, quanto às moedas para o velho Hoid, meu *bom* lorde…

Ele esticou a mão ainda mais, encarando Wax sem o ver.

Wax enfiou a mão no bolso.

— Aqui — disse, jogando uma nota para o homem. — Saia daqui e ache uma bebida decente.

— De fato, um lorde generoso! — disse o mendigo, jogando-se de joelhos e pegando a nota. — Mas é demais! Realmente demais!

Wax tomou o braço de Steris novamente, conduzindo-a na direção das imponentes portas de entrada.

— Milorde! — guinchou o mendigo. — Seu troco!

Ele viu a linha azul e reagiu imediatamente, girando e pegando a moeda, que havia sido arremessada com grande precisão na direção de sua cabeça. Então o mendigo não era cego. Wax bufou, embolsando a moeda enquanto um jardineiro, de passagem por ali, via o mendigo e gritava.

— Você de novo não!

O mendigo riu e desapareceu nos arbustos.

— O que foi *aquilo*? — perguntou Steris.

— Como se eu soubesse — respondeu Wax. — Vamos?

Eles seguiram pela fila de carruagens, e embora ela tivesse acelerado durante a

caminhada, ainda chegaram às portas de entrada antes do que teria sido possível. Wax inclinou a cabeça na direção de uma mulher grande que mal passava pela porta de sua carruagem e subiu os degraus, levando Steris pelo braço.

Ele apresentou seu cartão à porta, embora devessem estar esperando por ele. Aquela não era uma simples recepção; aquilo era política. Provavelmente haveria apenas um discurso oficial da anfitriã, mas todos sabiam por que estavam ali: para se encontrar, trocar ideias e provavelmente ser convidados a doar para uma das muitas causas defendendo os interesses das cidades externas.

Wax passou pelo porteiro, que pigarreou e apontou para uma alcova ao lado da entrada. Ali empregados estavam recebendo chapéus, casacos e xales.

— Não temos nada a guardar, obrigado — disse Wax.

O homem tocou o braço de Wax suavemente quando ele tentou avançar.

— A senhora da casa pediu que todos os presentes fossem aliviados de objetos de natureza vulgar, milorde. Para a segurança de todos os presentes.

Wax piscou, mas depois finalmente entendeu.

— Temos que deixar as armas? Você está brincando.

O homem alto não disse nada.

— Acho que ele não é do tipo que brinca — comentou Steris.

— Você se dá conta de que sou um Lançamoedas? — disse Wax. — Poderia matar uma dúzia de pessoas com as suas abotoaduras.

— Ficaríamos felizes se não fizesse isso — retrucou o porteiro. — Por favor, Lorde Ladrian, *não* há exceções. Precisaremos chamar o Atraidor da casa para garantir que está sendo honesto conosco?

— Não — disse Wax, soltando o braço. — Mas se algo der errado, você se arrependerá de ter tido esta conversa.

Ele caminhou com Steris até o balcão, onde empregados de luvas brancas recebiam chapéus em troca de tíquetes. Ele relutantemente sacou Vindicação do coldre sob seu braço e a colocou no balcão.

— Isso é tudo, milorde? — perguntou a mulher.

Ele hesitou. Depois, suspirou e ajoelhou, sacando sua segunda arma — um pequeno revólver de dois tiros — do coldre no tornozelo. Jogou-a no balcão.

— Poderíamos dar uma olhada na bolsa da dama? — perguntou a empregada. Steris permitiu.

— Você se dá conta de que sou um policial nomeado? — disse Wax. — Se

alguém aqui deveria estar armado, sou eu.

Os empregados não disseram nada, embora parecessem constrangidos enquanto devolviam a bolsa de Steris e davam a Wax um recibo pelas armas.

— Vamos — disse ele, embolsando os papéis e tentando, sem sucesso, esconder seu aborrecimento. Juntos, aproximaram-se do salão de baile.

Wayne gostava de bancos. Eles tinham *estilo*. Muitas pessoas mantinham seu dinheiro fora de vista, escondido embaixo de camas e coisas assim. Mas qual era a graça nisso? Já um banco… Um banco era um alvo. Construir um lugar e enchê-lo de dinheiro era como subir ao cume de uma montanha e desafiar quem se aproximava a tentar derrubá-lo.

Ele imaginou que esse devia ser o objetivo. A diversão. Por que mais reuniriam tantas coisas de valor num lugar só? Devia ser uma mensagem, uma prova para as pessoas comuns que alguns eram tão ricos que podiam construir uma casa para seu dinheiro e *ainda* ter dinheiro suficiente para *encher* essa casa.

Roubar um lugar assim era suicídio. Então, tudo o que os ladrões podiam fazer era ficar do lado de fora, babando, pensando nas coisas do lado de dentro. Um banco realmente era um cartaz gigantesco erguido para dizer “vão se ferrar” para todos que passavam.

O que era magnífico.

Ele e Marasi pararam no grande lance de degraus na frente do prédio, que tinha vitrais e estandartes no clássico estilo cantonesco. Marasi queria passar ali antes de ir aos cemitérios. Algo sobre os registros bancários os levarem até o lugar certo.

— Certo, veja bem — disse Wayne. — Eu resolvi. Vou ser um cara rico. Um cara que ganhou muito com o sangue e o suor de homens inferiores. Só que não direi nada assim, porque estarei no *personagem*, entende?

— É mesmo? — reagiu Marasi, subindo os degraus.

— É — disse Wayne, juntando-se a ela. — Até trouxe um chapéu elegante.

Ele ergueu uma cartola e a girou no dedo.

— Esse chapéu pertence a Waxillium.

— Não pertence, não — disse Wayne, colocando-o. — Eu dei a ele um rato em troca.

— Um… rato?

— Sem o rabo — esclareceu Wayne. — Por a cartola estar meio empoeirada quando a peguei. De qualquer modo, vou ser um cara rico. Você será a filha do meu irmão mais jovem.

— Não sou jovem o suficiente para ser sua sobrinha — reagiu Marasi. — Pelo menos não uma que… — Ela interrompeu a fala enquanto Wayne amassava o rosto, destacando rugas, e pegava seu bigode falso. — Certo. Eu tinha me esquecido disso.

— Agora, minha querida, enquanto distraio os empregados deste belo estabelecimento com um pedido de um cofre, você pode invadir suas salas de registros e adquirir a informação necessária. Não deve ser um grande teste para suas habilidades, enquanto eu os regalo com descrições de minha riqueza e meu prestígio, o que deve atrair a atenção da maioria que ainda estiver trabalhando a esta hora tardia.

— Ótimo — disse Marasi.

— Aliás, minha querida, não estou gostando nada de seu envolvimento com aquele trabalhador de nossa propriedade rural. Ele ocupa uma posição bem inferior à sua, e sua imprudência certamente maculará nosso bom nome.

— Ah, por favor.

— Além disso, ele tem verrugas — acrescentou Wayne enquanto chegavam ao alto da escadaria. — E é dado a graves surtos de flatulência. E…

— Você vai falar sobre isso o tempo todo?

— Claro! Os empregados do banco precisam saber como lido com a nova geração e sua capacidade lamentavelmente inadequada de tomar decisões que a *minha* geração considerava simples e óbvias.

— Ótimo — disse Marasi, passando pelas amplas portas de vidro do banco.

Um funcionário imediatamente foi até eles.

— Lamento. Estamos *muito* perto do horário de fechamento.

— Meu bom homem! — começou Wayne. — Estou certo de que poderá encontrar tempo para a oportunidade de investimento que você logo verá presente em…

— Somos da polícia de Elendel — interrompeu Marasi, sacando seu distintivo gravado e erguendo-o. — Capitã Marasi Colms. Gostaria de examinar alguns dos seus registros de depósitos. Não deve levar mais do que alguns minutos e logo partiremos.

Wayne murchou, olhando para ela boquiaberto enquanto o funcionário, um

homem atarracado e escuro com uma barriga que parecia uma bala de canhão e uma cabeça combinando, pegava o distintivo dela e o examinava. Aquilo… Aquilo era *trapacear*!

— De quais registros você precisa? — perguntou o funcionário, cauteloso.

— Alguma dessas pessoas tem contas com vocês? — perguntou Marasi, estendendo um papel.

— Imagino que posso verificar… — disse o funcionário. Ele suspirou e foi até os fundos do prédio, onde uma funcionária estava sentada com livros-caixa. Passou por uma porta atrás da escrivaninha, e Wayne pôde ouvi-lo murmurando sozinho na outra sala.

— Tenho que dizer que essa foi a *pior* atuação que já vi — disse Wayne, tirando a cartola. — Quem acreditaria que o tio rico tinha uma *policial* como sobrinha?

— Não há necessidade de mentira quando a verdade funciona tão bem quanto, Wayne.

— Não há necessidade… *Claro* que há necessidade! Veja, o que acontecerá quando tivermos que acertar alguém e sair correndo com os livros-caixa? Eles vão *saber* que fomos nós, e Wax terá que pagar uma pilha enorme de multas.

— Felizmente, não vamos acertar ninguém.

— Mas…

— Nada de acertar.

Wayne suspirou. Aquilo não ia ser nada divertido.

— Preciso que saibam que levamos a privacidade de nossos clientes muito a sério — explicou o funcionário, com a mão protetora sobre os livros-caixa que pegara na sala de registros. Estavam sentados no escritório dele, onde uma plaqueta na mesa o identificava como sr. Eriola. Ninguém entendeu por que Wayne conteve um riso ao ler isso.

— Entendo, mas tenho uma boa suspeita de que um desses homens é um criminoso — disse Marasi. — Certamente vocês não querem apoiar suas atividades.

— Também não quero violar a confiança que eles têm em mim — retrucou o funcionário. — O que a deixa tão certa de que esses homens são criminosos? Você tem alguma prova?

— A prova estará nos números — explicou Marasi, inclinando-se para a

frente. — Sabe quantos crimes podem se provados estudando as estatísticas?

— Considerando a pergunta, vou supor que não é um número banal — respondeu o funcionário, recostando na cadeira e cruzando as mãos sobre a grande barriga.

— Ahn, sim — disse Marasi. — A maioria dos crimes pode ser ligada a motivos de paixão ou riqueza. Quando há riqueza envolvida, os números entram em jogo, e quando os números entram em jogo, a contabilidade forense nos dá respostas.

O funcionário não pareceu convencido, mas, na avaliação de Wayne, ele também não parecia totalmente humano. Era, pelo menos em parte, golfinho. O homem continuou a cobrir Marasi de perguntas, evidentemente enrolando por alguma razão. Isso deixou Wayne desconfortável. Normalmente, quando as pessoas enrolavam assim, era para que seus parceiros conseguissem chegar e ajudá-las a dar uma bela surra.

Ele passou o tempo brincando com objetos na mesa do funcionário, tentando construir uma torre com eles, mas manteve os olhos na porta. Se alguém *de fato* chegasse para atacá-los, ele teria que jogar Marasi pela janela para escapar.

Um instante depois, a porta se abriu. Wayne agarrou Marasi, buscando um dos bastões duelo, mas era apenas a funcionária que viram do lado de fora. Foi de maneira diligente até o chefe — então Wayne não se sentiu nem um pouco culpado de admirar sua diligência, por assim dizer — e entregou-lhe meia folha de papel.

— O que é isso? — perguntou Marasi.

— Telegrama — adivinhou Wayne, relaxando. — Está nos investigando?

O funcionário hesitou. Depois, virou o papel. Tinha uma descrição de Wayne e Marasi, seguida das palavras: *Eles de fato são policiais sob o meu comando. Por favor, dê a eles toda a gentileza e a liberdade em seu estabelecimento, mas fique de olho no homem e verifique sua carteira depois que ele sair.*

— Ora, veja — reagiu Wayne. — Isso é muito injusto. Essas coisas custam um clipe a cada cinco palavras. O velho Reddi gastou um bom dinheiro me insultando.

— Tecnicamente é difamação — corrigiu Marasi.

— É mesmo uma armação.

— *Difa*mação, Wayne, não… Ah, deixe para lá — disse Marasi. Depois, encarou o funcionário. — Está satisfeito?

— Imagino que sim — disse, deslizando os livros-caixa na direção dela.

— Números — disse Marasi, procurando dentro da bolsa. Tirou um caderninho e bateu nele com um dedo. — Isto contém uma lista dos salários habituais dos funcionários de cemitérios — explicou ela, abrindo os livros-caixa. — Agora, examinando os depósitos de nossos homens, podemos descobrir padrões, quem está colocando no banco mais dinheiro do que seu salário poderia justificar.

— Isso certamente não é suficiente para condenar um homem — observou o funcionário.

— Não estamos querendo condenar — retrucou Marasi, estudando o primeiro livro-caixa. — Só preciso saber onde procurar.

Nos minutos seguintes, Wayne equilibrou sua torre com seis objetos diferentes, *incluindo* o grampeador, o que o deixou bastante orgulhoso. Finalmente, Marasi bateu num dos livros-caixa.

— E então — perguntou o funcionário. — Encontrou seu culpado?

— Sim — respondeu Marasi, soando perturbada. — Todos eles.

— Todos eles?

— Cada um dos vermes. Sem trocadilho — confirmou Marasi. Ela respirou fundo e fechou o livro com força. — Acho que eu poderia simplesmente ter escolhido qualquer um, sr. Eriola. Mas, ainda assim, é bom saber.

— Saber o quê?

— Que todos eles são pilantras — respondeu ela, mexendo na bolsa novamente. — Eu deveria ter imaginado. A maioria dos cadáveres é enterrada com *algo* valioso, no mínimo as roupas. Não faz sentido deixar tudo isso apodrecer.

O funcionário ficou pálido.

— Eles estão vendendo as *roupas* dos *mortos*.

— Isso, e provavelmente as joias ou outros bens pessoais enterrados com os corpos — disse Marasi, tirando uma garrafinha de conhaque de Syles e colocando-a na mesa.

— Ei — disse Wayne. — Estou com a garganta seca, estou sim. Isso certamente me faria bem, como uma mijada matinal depois de beber nove canecas na noite anterior.

— Isso é horrível! — disse o funcionário.

— Sim, mas quando você pensa a fundo, não é *tão* horrível — disse Marasi. — Os únicos crimes cometidos aqui são contra mortos, e seus direitos legais são questionáveis.

Wayne procurou algo no bolso por um momento e tirou um abridor de cartas feito de prata. Onde ele conseguira aquilo? Colocou-o na mesa e pegou a bebida, virando-a de uma só vez.

— Obrigada por seu tempo, sr. Eriola — continuou Marasi, pegando o abridor de cartas e deslizando-o na direção do funcionário. — Foi muito prestativo.

O funcionário olhou para o abridor de cartas, assustado, e conferiu a gaveta da escrivaninha.

— Ei, isso é *meu* — disse ele, enfiando a mão na gaveta e tirando algo que parecia um pedaço de cordão. — Isto é… um rabo de rato?

— O mais comprido que já vi — respondeu Wayne. — Um belo prêmio. Você é um homem de sorte.

— Como você… — começou, olhando de Wayne para Marasi, mas depois esfregou a cabeça. — Já terminamos aqui?

— Sim — respondeu Marasi, levantando-se. — Vamos embora, Wayne.

— Farão uma prisão? — perguntou o funcionário, jogando o rabo na cesta de lixo, o que era em si um crime. A coisa tinha quase dois palmos!

— Prisão? — reagiu Marasi. — Isso é absurdo, sr. Eriola. — Não estamos aqui para prender ninguém.

— Então qual é o sentido de tudo isto?

— Eu precisava saber quem contratar, claro — respondeu Marasi. — Vamos, Wayne.

12



Quase nada tinha mudado desde a juventude de Wax. Ah, as pessoas naquela festa vestiam roupas ligeiramente diferentes: os coletes tinham ficado mais grossos e as bainhas dos vestidos haviam subido até a metade das canelas enquanto os decotes haviam despencado, com um pouco de filó sobre o pescoço e descendo pelos ombros.

As pessoas, porém, eram iguais. Elas o avaliavam, calculando seu valor, escondendo punhais por trás de sorrisos rápidos. Ele recebeu suas anuências condescendentes e não sentiu tanta falta de suas armas quanto esperara. Não eram as armas certas para aquela luta.

— Eu costumava ficar tão nervoso com essas coisas — disse Wax suavemente a Steris. — Quando eu era criança. Acho que era quando eu ainda me importava com as opiniões deles. Antes de aprender quanto poder você ganha sobre uma situação quando decide que não ligará para o que as pessoas pensam de você.

Steris observou duas damas que passavam com seus vestidos de noite totalmente sem rendas.

— Não estou certa de que concordo. O modo como você é visto é importante. Por exemplo, estou lamentando minha escolha sobre o que vestir. Estava buscando algo na moda, mas a moda é diferente aqui. Não estou no estilo certo; sou de vanguarda.

— Gosto do seu vestido — disse Wax. — Ele se destaca.

— Assim como uma espinha — retrucou Steris. — Por que não consegue uns drinques para nós enquanto avalio o salão e descubro onde estão nossos alvos?

Wax assentiu. O grande salão de baile era acarpetado e decorado com lustres dourados, embora os castiçais brilhassem com luzes elétricas. O teto não era alto demais, mas as paredes eram exuberantemente decoradas com arcos falsos, tendo um mural em cada um. Composições clássicas, como a Guerreira Ascendente se elevando acima de uma revoada de corvos — a representação

típica dos espectros do Senhor Soberano, dos quais apenas a própria Morte restava.

Embora ninguém o abordasse, também não o evitavam. No máximo permaneciam determinados em seu caminho, recusando-se a se mover e agindo como se não o tivessem notado quando ele os contornava. Ele era de Elendel, o inimigo político, e, ao não se mover, eles mostravam seu posicionamento.

Ferrugem! Ele odiava aqueles jogos.

O bar ocupava quase todo o comprimento da parede mais distante e empregava pelo menos duas dúzias de bartenders, de modo a garantir que nenhum dos convidados muito importantes tivesse que esperar. Ele pediu vinho para Steris e um simples gim-tônica para si, o que lhe garantiu uma sobrancelha erguida. Aparentemente aquilo não era elegante o suficiente. Deveria ter pedido um uísque puro.

Ele se virou e estudou o salão enquanto o bartender preparava os drinques. Uma música suave tocada por um harpista ajudava a abafar as muitas conversas. Ele ficava desconfortável ao admitir que algumas conversas num salão como aquele poderiam afetar mais as vidas das pessoas na Bacia do que colocar qualquer criminoso, por pior que fosse, na prisão.

Marasi está sempre falando sobre coisas assim, pensou. *Como a manutenção da lei no futuro se baseará em estatísticas, não em escopetas*. Tentou imaginar um mundo em que assassinatos fossem impedidos por um cuidadoso planejamento civil e descobriu ser incapaz de fazê-lo. As pessoas sempre matariam.

Ainda assim, algumas vezes era difícil se sentir como o único lustre no salão que ainda precisava de velas.

— Seu pedido, milorde — disse o bartender, colocando os drinques sobre elegantes guardanapos de pano, bordados com a data da festa. Tinham sido feitos para que os convidados os levassem de lembrança.

Wax pegou uma moeda no bolso e deslizou a gorjeta para o bartender. Pegou os drinques para voltar até Steris, mas o bartender pigarreou. O homem ergueu a moeda, e não era uma de cinco como Wax pretendera dar. Na verdade, era diferente de qualquer moeda que Wax já tinha visto.

— Isso foi um equívoco, milorde? — perguntou o homem. — Não quero parecer ingrato, mas odiaria ficar com algo que parece um suvenir.

Os símbolos naquela moeda…, pensou Wax, voltando ao bar. *São iguais*

àqueles que aparecem *nas imagens que ReLuur fez*. Ele quase virou a taça de vinho em outro convidado em sua pressa de pegar a moeda de volta. Distraído, deu outra gorjeta ao bartender e ergueu a moeda.

Aqueles *eram* os mesmos símbolos, ou ao menos muito parecidos. E havia um rosto no verso, de um homem olhando diretamente à frente, com um olho perfurado por uma estaca. A grande moeda era feita de dois metais diferentes, um anel externo e um interno.

E certamente não parecia velha. Seria nova ou apenas bem preservada? Ferrugem e Ruína… Como aquilo fora parar em seu bolso?

O mendigo jogou em mim, pensou Wax. Mas onde *ele* a conseguira? Haveria mais em circulação?

Perturbado, saiu dali para procurar Steris. Enquanto andava, passou por Lady Kelesina, anfitriã da festa e seu alvo. A mulher mais velha resplandecia num vestido de noite preto e prata, entretendo um grupo de pessoas que perguntava sobre um de seus projetos cívicos.

Wax escutou por um momento, mas ainda não queria confrontar a mulher. Localizou Steris de pé diante de uma mesa alta e fina num canto. Não havia cadeiras no salão de baile. Nem dança, embora houvesse uma pista elevada três ou cinco centímetros no centro do aposento.

Wax colocou a moeda na mesa e a deslizou na direção de Steris.

— O que é isto? — perguntou ela.

— A moeda que aquele mendigo jogou em mim. Esses símbolos parecem similares aos que aparecem nas imagens que ReLuur fez.

Steris crispou os lábios. Depois, virou a moeda e olhou do outro lado.

— Um rosto com uma estaca em um olho. Isso significa alguma coisa?

— Não faço ideia — respondeu Wax. — Estou mais interessado em como aquele mendigo a conseguiu e em por que a jogou em mim. Tem que ser uma relíquia que ReLuur encontrou naquele templo. Será que ele pode tê-la perdido ou negociado com alguém na cidade?

Ele tamborilou com um dedo na mesa, agora certo de que aquele mendigo era algo mais do que fingia ser. Estava igualmente certo de que, se fosse caçá-lo agora, descobriria que o homem havia desaparecido.

Wax guardou a moeda.

— Temos que esperar que as respostas estejam em algum lugar neste salão. Supondo que Kelesina realmente esteja envolvida.

— Então é hora de trabalhar.

— Passei por ela lá atrás. Vamos lá?

— Ainda não. Está vendo aquele casal ali? O homem veste um colete castanho.

Wax olhou para onde ela indicava com a cabeça. O casal era jovem, bem-vestido e excessivamente confiante. Ótimo.

— Aquele é Lorde Gave Entrone — contou Steris. — Sua casa fez alguns pequenos negócios com a dele; ele lida com têxteis, o que pode lhe dar um pretexto para abordá-lo.

— Ouvi falar dele — disse Wax. — Uma vez, cortejei uma prima dele. Não deu certo.

— Bem, ele *também* está na lista que seu kandra louco fez, então pode saber alguma coisa. Ele é jovem, dinâmico e bem-visto, mas não incrivelmente importante, de modo que será uma boa opção para uma primeira tentativa.

— Certo — disse Wax, olhando Entrone, que reunira um grupo de várias jovens enquanto contava uma história que envolvia muita gesticulação. Respirou fundo. — Você fica no comando?

— Deveria ser você.

— Tem certeza? Não consigo deixar de achar que eu seria mais útil cavando túmulos com Marasi e Wayne, enquanto você parece estar à vontade aqui. Você é boa nessas coisas, Steris. Realmente é, e *não* me venha mais sua retórica sobre ser "tediosa".

A expressão dela se tornou distante.

— Neste caso, não é que eu seja tediosa, é que… fico perdida. Aprendi a agir como alguém normal, mas comentários e piadas preparadas com antecedência só me permitem ir até certo ponto. As pessoas conseguem sentir que não estou sendo autêntica, que não gosto das coisas de que elas gostam e que não penso como elas. Às vezes me impressiona que pessoas como Wayne, ou mesmo aqueles kandra, consigam ser tão impressionantemente humanos enquanto eu me sinto tão diferente.

Wax desejou descobrir como impedi-la de dizer coisas como aquela. Ele não sabia as palavras certas; sempre que tentava discutir o assunto, só conseguia fazer com que ela se distanciasse.

Steris estendeu o braço. Ele o tomou, e juntos cruzaram o salão na direção de Lorde Gave e o pequeno grupo. Wax se preocupara com o modo como

começaria a conversa, mas assim que chegou perto as pessoas que conversavam com Gave recuaram e abriram espaço para ele. Sua reputação e seu status aparentemente o precediam.

— Ora, Lorde Waxillium! — disse Gave, com um sorriso malicioso. — Fiquei *encantado* quando soube que você viria à nossa pequena reunião! Há anos queria conhecê-lo.

Wax anuiu para ele, para a acompanhante e para um casal com quem Lorde Gave estivera conversado. Esses dois não se retiraram.

— O que está achando de Nova Seran, milorde? — perguntou uma das damas.

— Parece muito inconveniente andar por ela — respondeu Wax. — Mas, afora isso, é agradável.

Eles riram, como se tivesse dito algo engraçado. Wax franziu a testar. O que tinha perdido?

— Temo que não encontrará muitas coisas que o interessem aqui — disse Gave. — Nova Seran é uma cidade calma.

— Ah, mas o que está dizendo, Lorde Gave? — disse o outro jovem. — Não passe uma imagem errada de nossa cidade. A vida noturna aqui é fantástica, Lorde Waxillium! E a sinfônica recebeu uma comenda de excelência de dois dos seus governadores anteriores.

— Sim, mas não há muitos tiroteios — acrescentou Gave.

Os outros o olharam sem entender.

— Fui um homem da lei — disse Wax. — Nas Terras Brutas.

— Um… — começou uma das damas. — Você supervisionava a delegacia de uma cidade?

— Não, ele era um *homem da lei de verdade* — esclareceu Gave. — Do tipo que monta a cavalo e atira em bandidos. Deveria ler os relatos. Fazem muito sucesso nos jornais de Elendel.

Os três outros o olharam com expressões perplexas.

— Que… diferente — disse uma das damas.

— Os relatos são exagerados — disse Steris rapidamente. — Lorde Waxillium só foi *diretamente* responsável pelas mortes de umas cem pessoas. A não ser que você inclua aquelas que morreram de infecção depois de baleadas por ele, mas ainda não estou certa de como contar essas.

— Era uma vida difícil — disse Wax, olhando para Gave, que sorria por trás

de sua taça de vinho, com olhos cintilantes. Para um homem como ele, Wax e Steris evidentemente eram uma boa diversão. — Mas deixei isso para trás. Lorde Gave, eu queria lhe agradecer por nossos anos de comércios mutuamente lucrativos.

— Ah, não vamos falar de negócios, Lorde Waxillium! — disse Gave, fazendo um gesto com a taça. — Isto é uma *festa*.

Os outros riram. Mais uma vez, Wax não tinha ideia do motivo.

Maldição, pensou, encarando-os. *Eu* estou *enferrujado*. Ele reclamara, relutara, mas não esperara estar assim *tão* desajeitado.

Concentre-se. Gave sabia alguma coisa sobre os Braceletes da Perdição, ou pelo menos ReLuur pensara que sim.

— Tem algum passatempo, Lorde Gave? — perguntou Wax, recebendo uma anuência ansiosa de Steris.

— Nada digno de nota — disse Gave.

— Ele *adora* arqueologia! — disse sua acompanhante ao mesmo tempo, recebendo um olhar seco dele.

— Arqueologia! — reagiu Wax. — Isso é definitivamente digno de nota, Lorde Gave.

— Ele adora relíquias! — acrescentou a dama. — Passa horas na casa de leilões, arrematando tudo que…

— Eu gosto de *história* — interrompeu Gave. — Obras de arte de tempos passados me inspiram. Mas você, querida, está fazendo que eu soe como um desses cavalheiros aventureiros — disse ele, desprezando essa expressão. — Tenho certeza de que viu esse tipo de gente nas Terras Brutas, Lorde Waxillium. Homens que passaram a vida em sociedade, mas, de repente, decidiram partir em busca de algum tipo de emoção num lugar ao qual não pertencem.

Steris enrijeceu. Wax olhou com firmeza nos olhos do outro. O insulto, embora velado, era semelhante aos que ele sofrera na sociedade de Elendel.

— Melhor tentar algo novo do que desperdiçar a vida nas mesmas velhas atividades — retrucou Wax.

— Meu Lorde Waxillium! — insistiu Gave. — Desapontar a família não é *nada* original! As pessoas fazem isso desde os dias do Último Imperador.

Wax cerrou um punho ao lado do corpo. Ele estava acostumado a insultos, mas aquele o irritou. Talvez fosse por estar no limite ou talvez por sua preocupação com a irmã.

Conteve a raiva, sentindo Steris apertar seu braço, e tentou outra tática.

— Sua prima vai bem?

— Valette? Certamente. Estamos todos felizes com o casamento dela. Lamento que não tenha dado certo entre vocês, mas o homem que a cortejou depois de você era *medonho*. Quando títulos estão em jogo é sempre desagradável ver o que se esgueira para fora das brumas em busca de um osso.

Ele não olhou para Steris ao dizer isso. Não precisava. Aquele sorriso malicioso, tão satisfeito consigo mesmo enquanto bebericava seu vinho.

— Seu rato — rosnou Wax. — Seu rato frouxo ferrado.

Ele levou a mão à arma, que felizmente não estava lá.

Os outros três jovens nobres olharam para ele em choque. Gave sorriu de um modo petulante antes de adotar uma expressão de ultraje.

— Com licença — disse, puxando a acompanhante pelo braço e partindo. Os outros se apressaram atrás.

Wax suspirou, baixando o braço, ainda com raiva.

— Ele fez aquilo *deliberadamente* — murmurou. — Não fez? Queria uma desculpa para interromper a conversa, então me insultou. Quando isso não funcionou, soltou uma ofensa a você, sabendo que eu teria uma reação exagerada.

— Hum… — começou Steris. — Sim, você está certo.

Steris anuiu. Outras pessoas conversavam perto dali, mas haviam deixado um espaço livre ao redor de Wax e Steris.

— Desculpe-me — disse Wax. — Deixei que ele me irritasse.

— Por isso começamos por ele — disse Steris. — Foi um bom treino. E nós *de fato* descobrimos algo. O comentário sobre arqueologia chegou perto demais de algo que ele não queria discutir. Apelou para insultos velados para nos distrair.

Wax respirou fundo, afastando seu aborrecimento com toda aquela situação.

— E agora? Tentamos outra vez?

— Não — respondeu Steris, pensativa. — Não queremos que nossos alvos saibam que estamos abordando cada um intencionalmente. Se você interagir com uma pessoa não relacionada à investigação nos intervalos, será mais difícil identificar nosso padrão.

— Certo — concordou Wax, olhando ao redor do salão lotado enquanto o

harpista se retirava e um conjunto completo, com metais, algo que nunca veria numa festa em Elendel, começava a preparar seus instrumentos no lugar.

Ele e Steris beberam seus drinques enquanto a música começava. Embora fosse lenta o bastante para encorajar uma dança com um parceiro, tinha um vigor que Wax não esperava. Descobriu que gostava bastante dela. Parecia ser capaz de eliminar sua frustração, transformá-la em algo mais animado.

— Por que não vai para lá agora? — sugeriu Steris, apontando com a cabeça para uma mulher mais velha e distinta, de cabelo grisalho preso em coque. — Aquela é Lady Felise Demoux, acompanhada do sobrinho. Você fez negócios com ela. É exatamente o tipo de pessoa que esperariam que você procurasse. Vou pegar novos drinques.

— Traga uma água com gás — disse Wax. — Vou precisar manter a mente clara para isto.

Steris anuiu, afastando-se em meio à multidão enquanto as pessoas iam para a pista de dança no centro do salão. Wax abordou Lady Demoux e apresentou-se com um cartão dado ao sobrinho. Depois pediu uma dança, que foi aceita.

Conversa fiada. Ele podia jogar conversa fora. *O que há de errado com você, Wax?*, pensou enquanto acompanhava Lady Demoux à pista de dança. *Você consegue interrogar um criminoso. Por que tem medo de uma simples conversa?*

Parte dele queria atribuir isso a uma simples preguiça. Mas essa era sua reação a tudo que não queria fazer, era uma desculpa. O que realmente sentia? Por que ele relutava tanto?

É porque são as regras deles. Se eu as seguir, estarei aceitando os jogos deles. Parecia que ele estava aceitando a coleira que colocavam nele.

Ele se virou para erguer a mão para que Lady Demoux a tomasse. Contudo, ao fazer isso, uma mulher *diferente* se colocou no lugar e agarrou sua mão, puxando-o para a dança e para longe do perímetro. Ele ficou tão surpreso que deixou acontecer.

— Perdão? — disse Wax.

— Não há necessidade de desculpas — disse a mulher. — Só vou tomar um momento do seu tempo.

Ela parecia terrisana, a julgar pela pele escura, embora fosse mais escura que a maioria que já tinha visto. O cabelo estava preso em tranças apertadas, com toques grisalhos, e os lábios eram grossos e lascivos. Ela guiou a dança, fazendo com que ele tropeçasse.

— Você sabe que é um espécime muito raro — disse ela. — Esmagador: um Lançamoedas e um Depurador.

— Nenhum dos dois poderes é tão raro em termos de Nascidos do Metal — retrucou Wax.

— Ah, mas qualquer combinação de Duplonato é bastante rara. Brumosos são um em mil; ferumosos são ainda mais incomuns. E suas linhagens são limitadas. Chegar a qualquer combinação dos dois é altamente improvável. Você é um dos três Esmagadores já nascidos, Lorde Waxillium.

— O quê, sério?

— Não posso, claro, estar cem por cento certa desse número. A mortalidade infantil em Scadrial não é tão comum quanto em algumas regiões, mas ainda é chocantemente alta. Diga-me, você já tentou aumentar seu peso em pleno ar?

— Quem é você? — reagiu Wax, entrando na dança e tomando o controle, virando-a para a sua direita.

— Ninguém importante — respondeu ela.

— Meu tio mandou você?

— Tenho pouco interesse por sua política local, Lorde Waxillium — retrucou ela. — Se pudesse fazer a gentileza de responder às minhas perguntas, eu o deixaria em paz.

Eles giraram de acordo com a música. Dançavam mais rápido do que ele estava acostumado, embora os passos fossem familiares. A intromissão constante daqueles metais impelia a música, fazendo seus passos parecerem saltar. Por que ele mencionara o tio? Desajeitado.

— Já aumentei meu peso enquanto me movia — contou ele lentamente. — Não aconteceu nada. Todas as coisas caem à mesma velocidade, independentemente do peso que têm.

— Sim, a uniformidade da gravitação. Não é sobre isso que estou curiosa. E se você estiver disparando pelo ar num empurrão de aço e, de repente, tornar-se mais pesado? O que acontece?

— Eu desacelero. Estou tão mais pesado que é mais difícil me *empurrar* para a frente.

— Ah… — disse a mulher suavemente. — Então é verdade.

— O quê?

— A conservação de *momentum* — respondeu ela. — Lorde Waxillium, quando você estoca peso, está guardando massa ou mudando a capacidade do

planeta de reconhecê-lo como algo a atrair? Há uma diferença? Sua resposta me dá uma pista. Se você *desacelera* quando se torna mais pesado no meio do voo, isso provavelmente não se deve a você ter dificuldade em *empurrar*, mas às leis da física.

Ela se afastou dele no meio da dança, soltando suas mãos e evitando outro casal, que olhou feio para eles por interferirem no fluxo da dança. Ela sacou um cartão e o deu a ele.

— Por favor, faça mais experiências nesse sentido e me avise. Obrigada. Agora, se eu puder descobrir por que não há desvio para o vermelho envolvido em bolhas de velocidade…

Com isso, ela saiu da pista, deixando-o atônito no meio da dança. De repente consciente de quantos olhares estava atraindo, ele ergueu o queixo e saiu lentamente da pista, encontrando Lady Demoux e desculpando-se demoradamente pela interrupção. Ela permitiu que ele tivesse a dança seguinte, que se passou sem incidentes, a não ser por Wax ter sido obrigado a ouvir uma longa descrição dos cães premiados de Lady Demoux.

Isso terminado, ele tentou encontrar a estranha mulher de tranças, chegando mesmo a abordar o porteiro e perguntar por ela. O cartão trazia um endereço em Elendel, mas sem nome.

O porteiro alegou não ter recebido ninguém com aquela descrição, o que deixou Wax ainda mais perturbado. Seu tio *estava* tentando criar alomânticos. Uma mulher perguntando especificidades sobre poderes alomânticos não podia ser coincidência, podia?

Ele passou por MeLaan. Com queixo quadrado, mais de um metro e oitenta de altura e músculos inchados sob o smoking, ela atraíra um grupo de jovens interessadas. Piscou para Wax quando passou, mas ele não respondeu.

Steris esperava por ele com um drinque na mesa, onde folheava páginas de seu caderno e murmurava. Enquanto se aproximava, Wax notou um jovem tentando iniciar uma conversa com ela, que o dispensou agitando os dedos e nem sequer erguendo os olhos. O homem, frustrado, foi embora.

Wax chegou à mesa.

— Não está interessada em dançar?

— Qual seria o objetivo? — devolveu ela.

— Bem, estou dançando, então talvez você também pudesse.

— Você é o lorde de sua casa — disse Steris, ausente, ainda lendo. — Tem

obrigações políticas e econômicas. Qualquer um que faça o mesmo comigo estará simplesmente tentando chegar a você, algo para o qual não tenho tempo.

— Ou isso ou ele a achou bonita — retrucou Wax.

Steris ergueu os olhos das anotações e inclinou a cabeça de lado, como se a ideia nem ao menos tivesse lhe ocorrido.

— Estou noiva.

— Somos novos aqui e, em grande medida, desconhecidos, a não ser por aqueles que prestam atenção nos jogos políticos de Elendel. O sujeito provavelmente não sabia quem você era.

Steris piscou marcadamente. Ela parecia *perturbada* com a ideia de que algum desconhecido pudesse achá-la atraente. Wax sorriu, estendendo a mão na direção da taça que ela pegara para ele.

— O que é isto?

— Soda — disse ela.

Ele a ergueu a luz.

— É *amarela*.

— É a grande moda aqui, aparentemente — explicou Steris. — Sabor limão.

Wax tomou um gole e quase engasgou.

— O quê? — perguntou Steris, alarmada. — Veneno?

— Açúcar — respondeu Wax. — Umas sete xícaras.

Steris tomou um gole e recuou.

— Que estranho. É como champanhe, só que… não.

Wax balançou a cabeça. O que havia de errado com as pessoas daquela cidade?

— Escolhi o nosso próximo alvo — disse Steris, apontando para um homem que estava do outro lado do salão, apoiado num arco perto de aquários com peixes exóticos. Na casa dos trinta anos, ele usava o paletó desabotoado, com uma espécie de desleixo intencional. Às vezes, alguém se aproximava e conversava com ele por pouco tempo, voltando para a multidão.

— Estão levando informações a ele? — perguntou Wax.

— Devlin Airs — disse Steris, anuindo. — Informante. Você encontrará esse tipo em qualquer festa. É uma das pessoas menos importantes no salão ou uma das mais importantes, dependendo dos segredos que você está interessado em descobrir. Também estava na lista de ReLuur.

Wax estudou o homem por algum tempo, e, quando voltou a olhar para Steris, metade de sua bebida gasosa tinha sumido. Ela olhava de modo inocente na outra direção.

— Provavelmente será melhor se você abordá-lo sozinho. Esse tipo não gosta de plateia.

— Certo — disse Wax, respirando fundo.

— Você consegue fazer isso, Lorde Waxillium. — Ele fez que sim com a cabeça. — Falo sério — disse Steris, pousando a mão na dele. — Lorde Waxillium, isto é exatamente o que fez nos últimos vinte anos nas Terras Brutas.

— Lá eu podia atirar nas pessoas, Steris.

— Podia mesmo? Era assim que você resolvia as coisas? Não conseguia respostas e simplesmente atirava nas pessoas?

— Bem, eu normalmente apenas as socava.

Ela ergueu uma sobrancelha para ele.

— Para ser sincero, não, eu não precisava atirar nem socar com tanta frequência. Mas as regras *eram* diferentes. Que inferno, eu podia *fazer* as regras caso precisasse.

— O mesmo acontece aqui — disse Steris. — Essas pessoas sabem coisas que você precisa descobrir. Você precisa enganá-las ou negociar com elas. Como você sempre fez.

— Talvez você esteja certa.

— Obrigada. Ademais, quem sabe? Talvez ele saque uma faca e você tenha uma desculpa para socá-lo.

— Não me dê esperanças — disse ele. Depois, anuiu e atravessou o salão.

Os portões do Novo Cemitério Distrital de Seran continham no topo uma estátua agachada do Sobrevivente, com os braços com cicatrizes bem abertos e agarrando o arco de metal trabalhado dos dois lados. Marasi se sentiu apequenada pela grandiosa intensidade da estátua: tiras da capa feita de bronze se estendiam atrás dele e o rosto metálico olhava para baixo, vendo todos que entravam. Uma lança cravada em suas costas perfurava a frente de seu peito, a ponta polida emergindo trinta centímetros abaixo do centro do arco.

Quando ela e Wayne passaram abaixo da estátua, Marasi sentiu como se pudesse pingar sobre ela. Estremeceu, mas não reduziu o passo. Recusava-se a ser intimidada pelo olhar raivoso do Sobrevivente. Ela fora criada como

sobrevivencialista, então as imagens horrendas associadas a essa religião lhe eram familiares.

Era apenas que a postura do Sobrevivente sempre parecia exigente demais. Era como se ele *quisesse* que as pessoas reconhecessem a contradição de sua religião. Ele determinava que sobrevivessem, mas as imagens de morte associadas a ele eram um lembrete cruel de que acabariam fracassando nessa missão. Portanto, o sobrevivencialismo não era sobre vencer, mas sobre durar o mais que pudesse antes de perder.

O próprio Sobrevivente, claro, quebrara as regras. Sempre. A doutrina explicava que ele não estava morto, mas sobrevivendo e planejando retornar no momento de maior necessidade. Mas se o fim do mundo em que viveu não fora suficiente para que ele retornasse em glória, então o que *poderia* ser?

Eles percorreram o cemitério, procurando a residência do coveiro. A noite caíra, e as brumas tinham decidido sair. Ela tentou não considerar isso algum tipo de sinal, mas *de fato* fazia o lugar parecer mais assustador. Lápides e estátuas eram lançadas nas sombras pelas brumas que rodopiavam. Certas noites, ela achava as brumas brincalhonas. Naquela noite, seus movimentos imprevisíveis pareciam mais uma multidão de espíritos se mexendo observando ela e Wayne, com raiva de sua invasão.

Wayne começou a assoviar. Isso fez outro arrepio subir pela coluna de Marasi. Felizmente, a casa do coveiro já estava a uma pequena distância, e ela podia ver suas luzes criando uma bolha amarela nas brumas.

Ficou perto de Wayne, *não* porque se sentisse mais confortável com ele ao seu lado.

— Nosso alvo é um homem chamado Dechamp — disse ela. — Deve ser o coveiro do turno da noite. Os registros no livro-caixa mostram que vem tendo um aumento de renda constante. Ele certamente é um ladrão de túmulos. De fato, este cemitério revelou a maior frequência de roubos, *e* os livros-caixa o apontam como o lugar pago pela prefeitura para cuidar de corpos não identificados. Estou razoavelmente certa de que os restos do kandra terminaram aqui. Só precisamos encontrar esse homem e fazer com que ele cave para nós.

Wayne assentiu.

— Não vai ser como foi com o funcionário do banco — avisou Marasi. — Que relutou, mas acabou ajudando.

— Mesmo? — reagiu Wayne. — Porque achei que ele foi meio que um…

— Concentre-se, Wayne. Teremos que usar toda a força da lei aqui para obrigar esse homem. Desconfio que teremos que oferecer clemência para fazer com que nos ajude.

— Espere, espere — disse Wayne, parando no caminho, entre tentáculos de bruma se enrolando ao redor de sua cabeça. — Você vai mostrar suas coisas para ele *também*?

— Eu realmente gostaria que você não formulasse a frase desse modo.

— Escute, você estava certa sobre o funcionário do banco — disse Wayne suavemente. — Fez um ótimo trabalho lá, Marasi, e não me orgulho muito de admitir isso. Mas a autoridade funciona de um jeito diferente aqui no mundo dos homens comuns. Se mostrar suas credenciais para esse sujeito, garanto que ele vai reagir como um coelho: encontrará o buraco mais próximo, se meterá nele e não dirá uma palavra.

— Boas técnicas de interrogatório podem…

— Elas não adiantam nada se você estiver com pressa, e nós estamos — retrucou Wayne. — Vou fincar pé quanto a isso — disse. Depois, hesitou. — Aliás, já roubei as suas credenciais.

— Você…

Ela vasculhou a bolsa e descobriu que a pequena lâmina gravada que continha suas credenciais de policial havia sumido, substituída pela garrafinha vazia do conhaque de Syles.

— Ah, por favor. Isto não vale *nem de longe* o mesmo que aquelas credenciais.

— Eu sei que lhe ofereci um bom negócio — insistiu Wayne. — Porque o seu é só um pedaço de metal inútil, que é quanto ele valeria neste cemitério.

— Você *vai* me devolver as credenciais quando tivermos terminado.

— Claro. Se você encher aquela garrafa em troca.

— Mas você disse…

— Taxa de conveniência — retrucou Wayne. Depois, encarou a trilha até a residência do coveiro. Tirou a cartola e pisou nela.

Marasi recuou, levando a mão ao peito enquanto Wayne esmagava o chapéu sob o calcanhar, erguia-o e virava-o pelo avesso. Finalmente, depois de examiná-lo criticamente, sacou uma faca de seu cinto e abriu um buraco na lateral do chapéu. Livrou-se do sobretudo e cortou uma faixa dos suspensórios.

Quando a cartola voltou para a cabeça, ele parecia um vagabundo. Claro que

ele sempre estava a um passo *disso*, mas ainda era surpreendente quanta diferença duas pequenas mudanças podiam produzir. Ele girou a faca na mão e estudou Marasi com um olhar crítico. O sol se pusera completamente, mas, com a luz da cidade, uma noite com brumas era mais clara que uma sem.

— O quê? — perguntou Marasi, desconfortável.

— Você parece elegante demais — respondeu Wayne.

Marasi olhou para si mesma. Usava um vestido simples azul-celeste que ia até a metade das canelas, com mangas e colarinho rendados.

— Isto é bastante comum, Wayne.

— Não para o que vamos fazer.

— Posso ser sua patroa ou algo assim.

— Homens como esse não contam nada se houver alguém respeitável por perto.

Ele girou a faca na mão e a esticou na direção do peito dela.

— Wayne! — disse ela.

— Não seja tão rígida. Você quer que isso seja bem-feito, certo?

Ela suspirou.

— Não se anime demais.

— Preferiria me animar com um leão, Mara. Isso, sim, eu gostaria.

Ele cortou a renda fosca do corpete, deixando-a com um decote fundo. As mangas foram as próximas, reduzidas em bons trinta centímetros até acima do cotovelo. Tirou a renda que havia ali e amarrou-a como uma fita ao redor do vestido, logo abaixo dos seios, apertando-a nas costas. Isso ergueu e projetou os seios pra fora de um modo decididamente escandaloso.

A seguir, fez alguns cortes na saia antes de esfregar terra na parte de baixo. Recuou, tamborilando na bochecha, pensativo, e depois meneou a cabeça.

Marasi baixou os olhos, inspecionando o trabalho dele, e ficou realmente impressionada. Além de ampliar o busto, ele cortara trechos ao longo das costuras, puxando fios, e o efeito não era de um vestido *destruído*, mas *usado*.

— Todos olham primeiramente para o peito — disse Wayne. — Mesmo as mulheres, o que é meio estranho, mas é assim que é. Deste modo, ninguém ligará se a sujeira parece recente demais e o resto do vestido não está devidamente envelhecido.

— Wayne, estou chocada — disse ela. — Você é uma *excelente* costureira.

— É divertido brincar com roupas. Não há motivo para que isso não possa ser masculino — disse enquanto seus olhos pousavam no peito dela.

— Wayne.

— Desculpe, desculpe. Só estou entrando no personagem, sabe?

Ele acenou para que ela o seguisse e avançaram pela trilha. Enquanto faziam isso, Marasi se deu conta de algo.

Não estava enrubescendo.

Bem, isso é uma novidade, pensou, sentindo-se estranhamente confiante.

— Tente não abrir muito a boca — aconselhou Wayne enquanto se aproximavam da cabana. — Porque você normalmente soa esperta demais.

— Verei o que posso fazer.

Ele arrancou um galho de árvore no caminho, girou-o nos dedos e depois o baixou à sua frente como uma bengala retorcida. Eles se aproximaram da construção iluminada: uma pequena estrutura com telhado de palha e com algumas estátuas gastas de espectros das brumas se erguendo do pátio coberto de musgo. As estátuas, na forma de esqueletos com a pele colada sobre os crânios, eram tradicionalmente conhecidas por afastar as coisas reais, já que espectros das brumas podiam ser muito territoriais. Marasi suspeitava que as criaturas conseguiam ver a diferença entre membros verdadeiros de sua espécie e aqueles feitos de pedra, mas, claro, os cientistas alegavam que, para começo de conversa, os espectros das brumas não haviam sequer sobrevivido ao Catacendro. Então a questão provavelmente não fazia sentido.

Um homenzinho ensebado, com rabo de cavalo louro, assoviava sozinho ao lado da cabana, amolando sua pá com uma pedra. *Quem amola uma pá?*, pensou Marasi enquanto Wayne se apresentava, de peito estufado, bengala improvisada à frente do corpo como se fosse algum convidado importante de um baile.

— E você é aquele que chamam de Dezchamp? — perguntou Wayne.

— Dechamp — disse o homem, erguendo os olhos preguiçosamente. — Ora, ora. Deixei o portão aberto de novo? Deveria fechar aquela coisa toda noite. Vou ter que pedir que deixe o cemitério, senhor.

— Então sairei — disse Wayne, apontando com sua bengala, mas não se movendo. — Mas antes de ir gostaria de torná-lo ciente de uma proposta especial de negócio entre você e eu.

Wayne tinha exagerado seu sotaque até um ponto em que Marasi tinha que prestar muita atenção para entender o que estava dizendo. Além disso, havia um

ritmo mais *staccato*. Sílabas mais reforçadas, frases mais fluidas. Ela se deu conta de que era muito parecido com o sotaque que o coveiro tinha.

— Sou um homem honesto, sou sim — disse Dechamp, deslizando a pedra de amolar ao longo da pá. — Não tenho negócios a discutir, especialmente não a essa hora da noite.

— Ah, ouvi falar de sua honestidade — disse Wayne, inclinando-se para trás sobre os calcanhares, mãos na bengala à frente. — Ouvi falar de uma rua à outra. Todos estão falando da sua honestidade, Dechamp. É um assunto de *marcado* interesse.

— Se todos estão falando tanto, então você deve saber que eu já tenho muita gente com quem partilhar minha honestidade — retrucou Dechamp. — Eu estou… lucrativamente contratado.

— Isso não tem qualquer importância para nosso negócio.

— Acho que pode ter.

— Veja, não tem, por eu precisar de apenas um pequeno item especial, que ninguém mais acharia de interesse.

Dechamp avaliou Wayne de cima a baixo. Depois, encarou Marasi, e seus olhos se detiveram, como Wayne dissera que se deteriam. Finalmente, Dechamp sorriu e se levantou, chamando na direção da cabana.

— Garoto? Garoto!

Uma criança saiu para as brumas, com os olhos remelentos, vestindo avental e calças sujos.

— Senhor?

— Seja gentil e faça uma ronda na área — disse Dechamp. — Garanta que não sejamos perturbados.

O garoto ficou de olhos arregalados, assentiu e saiu para as brumas. Dechamp pousou a pá no ombro, embolsando a pedra de amolar.

— Agora, como posso chamá-lo, meu bom senhor?

— Sr. Moedas servirá — disse Wayne. — E eu o chamarei de Sr. Esperto, pela decisão que acabou de tomar aqui e agora.

Ele estava mudando o sotaque. Era sutil, mas Marasi notara.

— Nada está acertado ainda — disse Dechamp. — Eu apenas gosto de dar algum exercício ao garoto de vez em quando. Mantém sua saúde.

— Claro — respondeu Wayne. — E entendo perfeitamente que nada foi

prometido. Mas lhe digo que esta coisa que eu quero… *Ninguém* mais lhe dará um clipe por ela.

— Se é assim, por que está tão interessado nela?

— Valor sentimental — respondeu Wayne. — Pertenceu a um amigo, e foi realmente duro para ele se separar dela.

Marasi bufou de surpresa com aquilo, chamando a atenção de Dechamp.

— Você é o tal "amigo"?

— *Não falo skaa* — disse ela na antiga linguagem terrisana. — *Poderia talvez falar em terrisano, por favor?*

Wayne piscou para ela.

— Não adianta, Dechamp. Não consigo fazer com que ela fale direito, não importa o quanto tente. Mas ela é boa de olhar, não é?

Ele fez que sim, lentamente.

— Se esse item estiver sob meus cuidados atentos, onde poderia ser encontrado?

— Houve um trágico acidente na cidade há algumas semanas — disse Wayne. — Explosivos. Pessoas mortas. Ouvi dizer que trouxeram os pedaços para você.

— Bilmy cuida do turno do dia — disse Dechamp. — Ele os trouxe. Aqueles que não foram reclamados foram colocados numa bela covinha. Eram principalmente mendigos e putas.

— E que não mereciam a morte — disse Wayne, tirando o chapéu e colocando-o sobre o peito. — Vamos vê-los.

— Você quer ir *agora*?

— Se isso não for dar trabalho demais.

— Não é muito trabalho, Sr. Moedas, mas é melhor que seu nome corresponda às suas intenções — disse Dechamp.

Wayne prontamente sacou algumas notas e acenou com elas. Dechamp as pegou, cheirou-as por alguma razão e as enfiou no bolso.

— Bem, não são moedas, mas servirão. Então vamos.

Ele pegou uma lamparina a óleo e os guiou pelas brumas.

— Você mudou seu sotaque — sussurrou Marasi para Wayne enquanto seguiam a uma pequena distância.

— Eu o envelheci ligeiramente — explicou Wayne. — Usei o sotaque de uma geração anterior.

— Há uma diferença?

Ele pareceu chocado.

— *Claro* que há, mulher. Isso fez com que eu soasse mais velho, como os pais dele. Mais autoridade — disse, balançando a cabeça, como se não conseguisse acreditar que ela pudesse ter perguntado aquilo.

A lamparina de Dechamp refletia nas brumas enquanto andavam, e isso, na verdade, tornava mais difícil enxergar na noite, mas ele provavelmente precisaria dela ao cavar. A luz pouco servia para dissipar o desconforto das lápides intercaladas por eventuais estátuas retorcidas de espectros das brumas. Logicamente, ela entendia por que a tradição teria surgido. Se havia um lugar de onde se queria manter carniceiros afastados era um cemitério. Só que aquele lugar tinha seu próprio grupo de carniceiros humanos, então as estátuas não estavam funcionando.

— Olhe, sei que você sabe que eu *sou* um homem honesto — disse Dechamp, e Wayne se aproximou para escutar.

— Claro — disse.

— Mas também sou um homem econômico.

— Não somos todos? — respondeu Wayne. — Nunca compro a cerveja cara, mesmo quando é a última chamada e o bartender cobra a metade do preço para esvaziar o barril.

— Então você é como eu — disse Dechamp. — Econômico. Que sentido faz deixar que as coisas apodreçam e se percam? O Sobrevivente não desperdiçava nada útil.

— A não ser nobres — disse Wayne. — Desperdiçou um bom número deles.

— Não foi desperdício — disse Dechamp, rindo. — Isso foi um *teste de armas*. É preciso garantir que suas facas funcionam.

— De fato — disse Wayne. — Às vezes, o lado afiado da minha faca precisa de *muitos* testes. Para ter certeza de que não vai falhar no meio de um bom assassinato.

Eles riram juntos, e Marasi balançou a cabeça. Wayne estava em seu hábitat: ele podia falar sobre esfaquear pessoas ricas o dia inteiro. Não importava que agora ele fosse mais rico que a maioria dos moradores de Elendel.

Ela não queria muito escutá-los enquanto continuavam a rir e brincar, mas infelizmente também não queria ficar longe demais naquela escuridão. Sim, as brumas deveriam pertencer ao Sobrevivente, mas, *ferrugem*, uma a cada duas

lápides parecia cambalear na sua direção.

O coveiro finalmente parou diante de uma cova recém-coberta escondida atrás de alguns mausoléus maiores. Não estava identificada, a não ser pelo sinal da lança, esculpido em pedra e cravado na terra. Perto, algumas outras covas novas, ainda abertas, esperavam cadáveres.

— É melhor sentar — disse Dechamp, erguendo a pá. — Isso será rápido, já que a cova é recente, mas não *tão* rápido. E você poderia dizer à dama para olhar para o outro lado. Não há como saber que pedaços posso jogar para cima.

— Sentar… — disse Wayne, olhando o campo de lápides ao redor. — Onde, meu bom homem?

— Qualquer lugar — respondeu Dechamp, começando a cavar. — Eles não ligam. Esse é o lema de um coveiro, sabe? Apenas se lembre de que eles não ligam…

E começou a cavar.

13



Tenho que aceitar as regras deles, pensou Wax, cruzando o salão até o informante. *Eles são diferentes, não importa o que Steris diga. Mas eu* de fato *os conheço.*

Ele decidira permanecer na Bacia e fazer o que pudesse ali. Vira os perigos que existiam nas ruas de Elendel e trabalhara para lutar contra eles. Mas esses ferimentos eram menores: era como fazer um curativo num corte enquanto a podridão subia pelo braço.

Caçar os comparsas menores do Grupo… Eles provavelmente *queriam* que Waxillium fizesse essas coisas. Se ele ia proteger as pessoas, teria que buscar alvos mais importantes. Isso significava não só manter a calma como dançar e ser gentil. Significava fazer todas as coisas que seus pais, e até mesmo seu tio, haviam tentado lhe ensinar.

Wax parou perto da alcova que Devlin ocupava. O informante observava um aquário próximo, que estava abaixo de uma representação de Tindwyl, Mãe de Terris, encarapitada nas muralhas em sua última luta contra as trevas. No aquário, pequenos polvos se moviam apoiados no vidro.

Após um momento de espera, o informante fez um gesto de cabeça na sua direção. Wax se aproximou e pousou o braço sobre o vidro do aquário ao lado de Devlin, um homem baixo e bonito, com vestígios de pelos acima dos lábios e no queixo.

— Eu esperava que você fosse arrogante — comentou Devlin.

— O que o leva a pensar que não sou?

— Você esperou — respondeu Devlin.

— Um homem arrogante ainda pode ser educado — retorquiu Wax.

Devlin sorriu.

— Suponho que sim, Lorde Waxillium.

Um dos pequenos polvos capturou com os tentáculos um peixe e se soltou da

lateral do aquário, segurando o peixe que se contorcia e puxando-o na direção do bico.

— Eles não os alimentam durante mais ou menos uma semana antes de uma festa — comentou Devlin. — Gostam do espetáculo que oferecem.

— Brutal — disse Wax.

— Lady Kelesina se vê como uma predadora, e todos nós somos seus peixes, convidados a nadar e talvez ser consumidos — disse Devlin, e sorriu. — Claro que ela não vê que também está numa gaiola.

— Você sabe algo sobre essa gaiola? — perguntou Wax.

— É a gaiola na qual todos nós estamos, Lorde Waxillium! Essa Bacia que Harmonia criou para nós. Tão perfeita, tão *exuberante*. Ninguém vai embora.

— Eu fui.

— Para as Terras Brutas — disse Devlin, com desdém. — O que há *além* delas, Waxillium? Além dos desertos? Além dos mares? Ninguém se importa.

— Já ouvi essa pergunta antes.

— E alguém ofereceu o dinheiro necessário para descobrir as respostas?

Wax balançou a cabeça.

— As pessoas podem fazer perguntas, mas se não há dinheiro, não há respostas — disse Devlin.

Wax se viu rindo, ao que Devlin respondeu com um gesto modesto de cabeça. Tinha sido um modo sutil de mostrar que precisava ser pago para dar informações. Estranhamente, a despeito da cobrança imediata, e um tanto grosseira, Wax se sentiu mais à vontade ali do que estivera com Lorde Gave.

Ele enfiou a mão no bolso e estendeu a moeda estranha.

— Dinheiro — disse ele. — Tenho interesse em dinheiro.

Devlin pegou a moeda e ergueu uma sobrancelha.

— Se alguém pudesse me dizer como gastar isso, eu ficaria rico — comentou Wax. — De fato, todos ficaríamos.

Devlin a virou nos dedos.

— Embora eu nunca tenha visto esta imagem, moedas como esta têm circulado com alguma regularidade em leilões de antiguidades do mercado negro. Não entendo por quê. Não há razão para que sejam mantidas em segredo e não seria ilegal vendê-las abertamente — disse ele, jogando a moeda de volta para Wax.

Ele a pegou, surpreso.

— Você não esperava que eu respondesse tão francamente — comentou Devlin. — Por que as pessoas fazem perguntas se não esperam respostas?

— Sabe algo mais? — perguntou Wax.

— Gave comprou algumas, mas depois parou, e as peças que comprou não estão mais expostas em sua casa.

Wax anuiu, pensativo. Depois, enfiou a mão no bolso em busca de algum dinheiro para o informante.

— Não aqui — disse Devlin, revirando os olhos. — Cem. Mande uma ordem de transferência para seu banco e faça com que depositem na minha conta.

— Você confiaria em mim? — perguntou Wax.

— Lorde Waxillium, é meu *trabalho* saber em quem confiar.

— Então será feito. Supondo que tenha um pouco mais para mim.

— O que quer que esteja sendo encoberto, um quarto da nobreza da cidade está envolvido — disse Devlin, olhando novamente para o aquário. — Primeiramente, fiquei curioso, mas agora estou aterrorizado. Envolve um enorme projeto de construção a nordeste daqui.

— Que tipo de construção? — perguntou Wax.

— Não há como saber — respondeu Devlin. — Alguns fazendeiros viram alguma coisa. Alegaram que alomânticos estavam envolvidos. A notícia morreu antes de chegar aqui. Esmagada. Sufocada. Tudo tem estado estranho em Nova Seran. Primeiro, um assassino das Terras Brutas atacando as casas de Nascidos do Metal ricos, depois *você* vem a uma festa.

— Esse projeto a nordeste daqui… Alomânticos? — insistiu Wax.

— Não tenho mais nada sobre isso — disse Devlin. Ele bateu no aquário, tentando assustar um dos pequenos polvos.

— E sobre a explosão há algumas semanas? — perguntou Wax. — Na cidade?

— Um ataque desse assassino das Terras Brutas, dizem.

— Você acredita?

— Não matou nenhum Nascido do Metal — disse Devlin.

Não que você saiba, pensou Wax. Como a Hemalurgia se encaixava nisso tudo?

Devlin se levantou e anuiu para Wax, estendendo a mão em despedida.

— Só isso? — perguntou Wax.

— Sim.

— Preço alto para tão pouco — disse Wax, tomando a mão dele.

Devlin se inclinou para a frente, falando com suavidade:

— Então vou lhe dar um pouco mais. Isso em que você está envolvido é perigoso, mais do que você imagina. Vá embora. É o que estou fazendo.

— Não posso — respondeu Wax enquanto Devlin recuava.

— Eu o conheço, homem da lei. E posso lhe dizer que não precisa se preocupar com o grupo que você persegue. Eles não serão um perigo por décadas, talvez séculos. Você está ignorando uma ameaça maior.

— Que seria?

— O resto das pessoas neste salão, aquelas não envolvidas em sua pequena conspiração, aquelas que se preocupam apenas com o modo como suas cidades são tratadas.

— Perdão, mas elas não me parecem nem de longe oferecer o mesmo grau de perigo.

— Então você não está prestando atenção — disse Devlin. — Pessoalmente, estou curioso para descobrir quantas vidas a primeira guerra civil da Bacia custará. Boa noite, Lorde Ladrian.

Ele foi embora, estalando o dedo enquanto passava por algumas pessoas. Uma delas se apressou em segui-lo.

Wax se viu rosnando de leve. Primeiro, a mulher durante a dança, agora aquele sujeito. Wax se sentiu como se estivesse sendo sacudido na ponta de uma corda. O que ele havia descoberto? A confirmação de que artefatos estavam sendo vendidos? Então alguém mais encontrara o lugar que ReLuur registrara num evanotipo?

Um projeto de construção, pensou Wax. *Alomânticos*.

Guerra civil.

Sentindo frio, Wax moveu-se em meio à multidão. Contornou um grupo de pessoas, notando que Steris não estava em sua mesa, embora tivesse terminado sua taça de soda. Virou-se, procurando por ela.

Isso o deixou inesperadamente cara a cara com uma mulher majestosa, de cabelo preso em coque e um anel em cada dedo.

— Ora, Lorde Waxillium — disse Kelesina, acenando para que seus acompanhantes se retirassem, deixando-a sozinha com Wax. — Eu esperava ter

uma chance de falar com você.

Ele imediatamente sentiu uma pontada de pânico, algo que ele baleou na cabeça e afundou num lago. *Não* seria intimidado por um dos lacaios do Grupo, não importava quão rico ou influente fosse.

— Lady Shores — disse, tomando sua mão e apertando-a em vez de beijá-la. Podia não estar nas Terras Brutas, mas não pretendia tirar os olhos do inimigo.

— Espero que esteja aproveitando a festa — disse ela. — Faremos o discurso principal daqui a mais ou menos meia hora; talvez o ache importante. Convidamos o prefeito de Bilming para falar. Vou conseguir uma transcrição para que possa levar ao seu governador plebeu, para que não precise se preocupar em memorizar os detalhes.

— Muito gentil de sua parte.

— Eu… — começou ela.

Ferrugem! Ele estava *cansado* de deixar que as outras pessoas conduzissem a conversa naquela noite.

— Viu Lorde Gave? — interrompeu Wax. — Eu o insultei acidentalmente mais cedo. Gostaria de me redimir.

— Gave? — reagiu Kelesina. — Não se preocupe com ele, Waxillium. Ele não vale o aborrecimento.

— Ainda assim, me sinto como se tivesse blocos de concreto nos pés e tentasse dançar! Cada passo que dou, esmago os dedos de *alguém*. Ferrugem! Eu esperava que as pessoas aqui não fossem tão sensíveis quanto são em Elendel.

Ela sorriu. As palavras pareceram relaxá-la, como se ouvisse dele exatamente o que esperava.

Use isso a seu favor, disse Wax a si mesmo. Mas como? Aquela mulher tinha décadas de experiência em círculos sociais. Steris podia opinar o quanto quisesse sobre suas virtudes, mas ele passara anos treinando sua mira, não indo a festas. Como poderia esperar estar à altura daquelas pessoas no jogo delas?

— Lamento que não tenha trazido o seu parceiro — comentou Kelesina.

— Wayne? — reagiu Wax, verdadeiramente incrédulo.

— Sim. Recebi cartas de amigos de Elendel que o mencionavam. Parece tão exuberante!

— É um modo de descrevê-lo — disse Wax. — Com seu perdão, Lady Kelesina, mas eu preferiria trazer meu *cavalo* a uma festa. Ele se comporta melhor.

Ela riu.

— Você é encantador, Lorde Waxillium.

Aquela mulher era tão culpada quanto podia ser, e ele sabia disso. Podia sentir. Seu movimento seguinte foi feito por instinto. Tirou a moeda do bolso e a ergueu.

— Talvez possa me responder algo — disse, dando-se conta de que deixara um sotaque das Terras Brutas penetrar em sua voz. *Obrigado por isso, Wayne.* Recebi isto do lado de fora, por engano, creio. Perguntei a algumas pessoas aqui sobre essa moeda, e alguns convidados ficaram tão pálidos que pensei que haviam sido baleados.

Kelesina ficou paralisada.

— Pessoalmente, acho que isto tem a ver com aqueles boatos de que há algo acontecendo no nordeste — disse Wax, virando-a. — Uma grande escavação no solo, eu diria? Bem, imagino que isto tenha vindo de lá. Uma relíquia dos velhos tempos. Muito interessante, não?

— Não acredite nesses boatos, Lorde Waxillium — respondeu ela. — Depois que as histórias começaram a circular, as pessoas passaram a cunhar coisas como essa na cidade para vender aos crédulos.

— É mesmo? — reagiu Wax, tentando soar desapontado. — É uma pena. Realmente me pareceu interessante — falou, embolsando a moeda quando a banda começou outra canção. — Gostaria de uma dança?

— Na verdade, já prometi a próxima. Posso encontrá-lo mais tarde, Lorde Waxillium?

— Claro, claro — disse, fazendo uma mesura de cabeça enquanto ela se retirava. Voltou à sua mesa, vendo-a deslocar-se objetivamente em meio à multidão com movimentos assustados.

— Aquela era Lady *Kelesina*? — perguntou Steris, juntando-se a ele e segurando outra taça da bebida amarela e doce.

— Era — respondeu Wax.

— Eu não planejava falar com ela até depois do discurso — disse Steris, bufando. — Você acabou com todo o meu cronograma.

— Lamento.

— Isso terá que servir. O que descobriu com ela?

— Nada — disse Wax, ainda observando Lady Kelesina, que se encontrou com alguns homens de terno ali perto. Mantinha uma expressão calma, mas o

modo seco como se movia… Sim, certamente estava agitada. — Contei a ela o que tinha descoberto.

— Você *o quê*?

— Dei uma dica de que estava atrás deles, embora tenha tentado parecer idiota. Não sei se ela caiu. Wayne é muito melhor do que eu nisso. Ele tem talento, sabe?

— Então você arruinou tudo?

— Talvez. Mas é o que eu teria feito nas Terras Brutas se estivesse confrontando um criminoso e não tivesse evidências. Deixaria escapar que desconfiava dele e veria para onde ele iria.

Lady Kelesina escapou do salão, deixando um dos homens ao seu redor para oferecer desculpas. Wax quase podia ouvi-los. *A senhora tem uma questão urgente para resolver. Voltará em breve.*

Steris acompanhou o olhar dele.

— Aposto dez notas que ela vai entrar em contato com Elegante e avisá-lo de que estou atrás deles — disse Wax.

— Ah — disse Steris.

Ele anuiu.

— Vi que não poderia superá-la na conversa, por mais que tentasse, mas ela não está acostumada a ser perseguida pela lei. Vai cometer erros simples, aqueles que mesmo um ladrão de diligências novato nunca cometeria.

— Teremos que segui-la de algum modo.

— Esse é o plano — disse Wax, tamborilando na mesa com os dedos. — Posso ter que começar uma briga e ser colocado para fora.

— Lorde Waxillium! — disse Steris. Ela começou a procurar algo na bolsa.

— Me desculpe. Estou com dificuldade de pensar em outras alternativas — falou. Era um plano ruim. Ser colocado para fora provavelmente alertaria Kelesina. — Precisamos de uma distração, uma desculpa para partir. Algo crível, mas não desconcertante *demais*… O que é isso?

Steris tirara da bolsa um pequeno frasco.

— Xarope de ipeca e raiz salgada — explicou. — Para induzir o vômito.

Ele piscou, chocado.

— Mas por que você…

— Achei que eles poderiam tentar nos envenenar — disse Steris. — Embora

fosse uma possibilidade pequena, era melhor estar preparada — concluiu, rindo, desconfortável.

Então, virou a coisa toda na boca.

Wax tentou segurar seu braço, mas era tarde demais. Observou horrorizado enquanto ela tampava o frasco e o enfiava na bolsa.

— Talvez você queira ficar fora do raio de alcance, por assim dizer.

— Mas… Steris! Você acabará se humilhando.

Ela fechou os olhos.

— Querido Lorde Waxillium, mais cedo você falou sobre o poder de não ligar para o que os outros pensam de você. Lembra?

— Sim.

— Bem, como vê — disse ela, abrindo os olhos e sorrindo. — Estou tentando praticar essa habilidade.

Então, começou a vomitar sobre a mesa.

A escavação continuava, e Marasi passava o tempo lendo as inscrições nas lápides. Wayne, por sua vez, acomodara-se num túmulo, apoiando as costas na pedra, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Enquanto ela passava para verificar o progresso, encontrou-o vasculhando o bolso. Um momento depois, sacou um *sanduíche* e começou a comer. Quando viu Marasi o encarando, estendeu-o, balançando para ver se ela queria uma mordida.

Nauseada, ela deu as costas a ele e buscou mais inscrições em túmulos. Aquela evidentemente era a área mais pobre do cemitério; as covas eram próximas e os marcos, pequenos e simples. As brumas passavam entre eles, enrolando-se nela quando se ajoelhou ao lado de uma lápide, limpou o musgo e leu a homenagem à criança enterrada lá. “Eliza Marin. 308–310. Ascenda e seja livre.”

O som constante da pá do coveiro a acompanhava enquanto se movia entre os túmulos. Logo estava longe demais da luz para identificar as inscrições. Suspirou, virou-se e descobriu alguém de pé nas brumas ali perto.

Levou um susto que praticamente a fez sair dos sapatos com um pulo, mas as brumas em movimento, e a postura firme demais da figura, revelaram que se tratava de uma estátua. Marasi se aproximou, franzindo a testa. Quem pagara para que uma estátua fosse colocada na área mais pobre do cemitério? Era antiga e já havia afundado mais de trinta centímetros com as constantes escavações na

terra, ficando um pouco inclinada. Também era magistral, uma figura extraordinária esculpida em um belo mármore negro e com quase dois metros e meio de altura, resplandecente numa ampla capa de bruma.

Marasi a rodeou, e não ficou surpresa ao encontrar o rosto de uma figura feminina de cabelo curto e um rosto pequeno em forma de coração. A Guerreira Ascendente estava lá, instalada entre os túmulos dos pobres e esquecidos. Diferentemente da estátua de Kelsier, que se erguia acima daqueles que passavam sob seu olhar, aquela parecia prestes a decolar, uma perna erguida, olhos voltados para o céu.

— Durante anos eu quis ser você — sussurrou Marasi. — Suponho que todas as garotas queiram. Quem não iria querer depois de ouvir as histórias?

Ela chegara ao ponto de ingressar no clube feminino de tiro ao alvo, imaginando que, se não podia *empurrar* pedaços de metal, uma arma era o mais perto que chegaria.

— Você já foi insegura? — perguntou Marasi. — Ou sempre soube o que fazer? Você sentia inveja? Medo? Raiva?

Se Vin tinha sido uma pessoa comum em algum momento, as histórias e as canções haviam esquecido. Elas a proclamavam a Guerreira Ascendente, a mulher que matara o Senhor Soberano. Uma Nascida da Bruma e uma lenda que carregara o mundo nos braços enquanto Harmonia se preparava para a divindade. Ela fora capaz de matar com um olhar, arrancar segredos que ninguém mais conhecia e combater sozinha exércitos de koloss enfurecidos.

Extraordinária em todos os sentidos. Provavelmente era algo bom, ou o mundo não teria sobrevivido à Guerra de Cinzas. Mas, ferrugem, ela deixara uma reputação infernal à altura da qual o resto das mulheres tentava estar.

Marasi deu as costas à estátua e atravessou o terreno molhado de volta até Wayne e Dechamp. Quando se aproximou, o coveiro saiu da sepultura e enfiou a pá na terra, tirando um frasco da mochila e tomando um longo gole.

Marasi olhou dentro da cova. Ele trabalhara bem. Já havia cavado mais de um metro de terra.

— Quer dividir isso com um colega? — perguntou Wayne a Dechamp, levantando-se.

Dechamp balançou a cabeça, atarraxando a tampa.

— Meus avós sempre disseram que eu nunca deveria dividir minha bebida com um homem que não tenha dividido a dele comigo.

— Mas desse modo ninguém dividirá sua bebida com ninguém!

— Não. Isso significa apenas que eu fico com o dobro — disse Dechamp. Apoiou a mão na pá, olhando para a cova. Sem o ritmo constante do seu trabalho, o cemitério estava silencioso.

Eles já deviam estar perto dos corpos. A parte seguinte seria desagradável: procurar entre os cadáveres um que estivesse em pedaços e verificar se continha uma estaca. Seu estômago revirou com a ideia. Wayne deu outra mordida no sanduíche, hesitou e inclinou a cabeça de lado.

Depois, agarrou Marasi sob o braço e levantou-a, jogando-a na cova. O impacto a deixou sem fôlego.

Um instante depois, tiros soaram.

14



Marasi engasgou quando Wayne deslizou para dentro da cova rasa, caindo bem em cima dela. Isso a deixou sem fôlego *novamente*.

Wayne grunhiu, e os tiros pararam pouco depois. Ainda tentando se recuperar, Marasi ergueu os olhos para o céu negro e as brumas que rodopiavam. Demorou um momento para se dar conta de que estavam congeladas.

— Bolha de velocidade? — perguntou.

— Sim — respondeu Wayne. Depois, grunhiu, virando-se de lado e colando as costas na parede de terra para não ficar deitado em cima dela. O ombro dele brilhava com algo molhado.

— Você foi atingido.

— Três vezes — contou ele, fazendo uma careta ao mexer a perna. — Não, quatro — falou, suspirando e dando uma mordida no sanduíche.

— Então…

— Preciso de um segundo — pediu.

Ela se virou na cova e espiou sobre a beirada de terra. Perto dali, Dechamp caía lentamente, como se mergulhado num xarope, no chão, sangue se espalhando de vários ferimentos a bala, gotas pairando no ar. O clarão de um disparo que morria na escuridão revelou a origem dos tiros: um grupo de silhuetas nas sombras e quase invisíveis. Balas zuniram pelas brumas, deixando trilhas.

— Como você soube? — perguntou ela.

— Os grilos se calaram — explicou Wayne. — Dechamp deve ter nos entregado. Aposto o chapéu de Wax que ele mandou o garoto chamar esses sujeitos.

— O Grupo esteve aqui primeiro — disse Marasi, com um peso no estômago.

— Sim.

Wayne examinou um dos buracos em sua camisa, enfiando o dedo para conferir que o ferimento havia fechado. Com a outra mão, enfiou o último pedaço do sanduíche na boca; a seguir, juntou-se a ela para espiar pela beirada da cova. Acima, uma bala se movendo lentamente atingiu o limite invisível da bolha de velocidade de Wayne. Em um piscar de olhos, disparou pelo ar menos de trinta centímetros acima da cabeça de Marasi antes de atingir o outro lado, onde desacelerou novamente.

Ela se encolheu com atraso. Qualquer coisa que entrasse numa bolha de velocidade sofria refração, mudando de trajetória. Embora fosse improvável que uma bala desviasse tão radicalmente a ponto de se dirigir para baixo e acertá-los, isso *era* possível. Além disso, a curvaliga de Wayne queimava extremamente rápido. Ele logo teria que desfazer a bolha.

— Plano? — perguntou Marasi.

— Não morrer.

— Algo mais detalhado que isso?

— Não morrer… hoje?

Ela olhou feio para ele. Duas outras balas zumbiram acima enquanto, fora da bolha de velocidade, o corpo de Dechamp tocava o chão.

— Temos que chegar mais perto deles — disse Wayne, tirando um de seus bastões de duelo dos passadores do cinto.

— Isso vai ser difícil — disse Marasi. — Acho que estão com medo de você.

— É? — perguntou Wayne, soando encorajado. — Você realmente acha?

— Eles estão descarregando munição suficiente para derrubar um pequeno exército — disse Marasi, encolhendo-se quando uma bala entrou na bolha de velocidade. — E abriram fogo embora Dechamp estivesse na mira da saraivada. Ainda que eu duvide que ele significasse muito para os outros, isso indica que estavam assustados o suficiente para não ousar desperdiçar um momento até que ele pulasse de volta na cova.

Wayne anuiu lentamente, sorrindo.

— Quem diria? Consegui uma *reputação*. Fico pensando…

Marasi olhou para trás. Aquela cova ficava perto de várias outras abertas mais cedo, esperando seus ocupantes.

— Consegue tornar sua bolha de velocidade grande o suficiente para incluir uma daquelas outras covas ali?

Ele acompanhou o olhar dela e coçou o queixo.

— Talvez a mais próxima, se desfizer esta e ir até o limite desta cova antes de criar outra.

Ele não podia mover uma bolha e não podia deixar seu interior sem que ela se dissipasse.

— Então temos que fazer com que eles venham conferir nossos cadáveres — disse Marasi. — O que pode ser difícil, caso eles estejam realmente com muito medo de você.

— Não, na verdade pode ser fácil — disse Wayne.

— Como…

— Ficando sem tempo — interrompeu Wayne. — Ainda tem aquela arma de brinquedo na sua bolsa?

Ela sacou a pequena pistola.

— Tem um alcance mínimo e apenas dois tiros — disse.

— Não importa — disse Wayne. — Assim que eu desfizer esta bolha, dispare nos sujeitos. Depois esteja pronta para se mover.

Ela assentiu.

— Lá vamos nós — anunciou Wayne.

A bolha desapareceu.

As brumas voltaram a se mover, rodopiando acima, e o repentino barulho de tiros tomou o cemitério. Dechamp se retorceu e arfou, com os olhos vidrados à luz da lamparina. Marasi esperou até que os atacantes parassem de atirar, ouvindo o estalo dos tiros ecoando na noite. Então apontou sua pequena arma e disparou os dois tiros na direção das sombras.

Ela se encolheu, sem saber o que aquilo deveria ter produzido.

— Você se dá conta de que agora estamos presos aqui *e* desarmados, Wayne?

— Sim. Mas se aqueles sujeitos estão realmente impressionados com a minha temível reputação…

— O quê? — perguntou Marasi, olhando para ele, que espiava pela beirada da cova. Alguns estampidos soaram quando as silhuetas escuras dispararam de volta, mas não foi tão frenético quanto antes. O que estava…

— Lá! — disse Wayne, saltando para os fundos da cova e produzindo uma bolha de velocidade. — Rá! Eles vieram preparados, vieram sim. Bons homens.

Marasi se arriscou a dar uma espiada. Ficou quase cara a cara com uma banana de dinamite praticamente parada no ar, soltando centelhas e uma fumaça

que se misturava às brumas. Deu um grito, afastando-se. Estava quase na bolha de velocidade.

— Lá vamos nós — disse Wayne, tirando sua cartola e jogando-a na cova seguinte. Foi atrás dela, e Marasi o seguiu, permanecendo abaixada e esperando que os atacantes não a notassem. A bolha de velocidade de Wayne os deixaria borrados aos olhos dos homens, mas estava escuro e as brumas ajudariam a escondê-los.

Ela deslizou para a outra cova, que era mais funda do que a primeira. Wayne acenou para ela e desfez a bolha.

Marasi colou as costas na lateral da cova, apertou os olhos, tampou os ouvidos e contou. Só tinha chegado a dois quando uma explosão sacudiu o chão e lançou uma onda de terra dentro da cova. Ferrugem! As pessoas teriam ouvido aquilo do outro lado da cidade.

Ela deu uma olhada em Wayne, que sacou seu outro bastão de duelo e girou um em cada mão. Ela ouviu passos arrastados e imaginou os atacantes saindo das sombras e avançando cautelosamente para conferir as pessoas que supostamente haviam matado.

— Você consegue acabar com eles sozinho? — sussurrou Marasi, meio que apenas movendo os lábios.

Ele sorriu e respondeu da mesma forma:

— Um cara sem mãos tem coceira no saco?

Ele colocou as mãos na beirada da cova e subiu. As brumas acima congelaram um instante depois enquanto Marasi era apanhada numa bolha de velocidade junto com Wayne e metade dos homens próximos.

Ela já estava acostumada ao som que um bastão de duelo fazia ao bater no crânio de um homem, mas isso ainda a fazia se encolher. A bolha de velocidade foi desfeita enquanto alguém conseguia disparar um tiro, porém, mais gemidos e xingamentos se seguiram.

Pouco tempo depois, Wayne apareceu no alto da cova, iluminado por trás pela lamparina tremeluzente nas brumas. Enfiou os bastões de duelo nos passadores do cinto, ajoelhou e estendeu a mão.

Marasi estendeu a sua para aceitar a ajuda para sair da cova.

— Na verdade, eu esperava que você me desse meu chapéu — disse Wayne, sem aceitar a mão dela.

— Mandarei buscar sua carruagem, Lorde Waxillium — disse a assistente de mordomo da casa. — Lamentamos terrivelmente o infeliz distúrbio de sua senhora. Tem certeza de que ela não comeu nada aqui que possa não ter caído bem?

— Ela tomou apenas drinques. Alguns deles — disse Wax.

A cozinheira ficou visivelmente mais relaxada. Ela puxou uma das empregadas pelo braço assim que viu que Wax a notara. Ele estava de pé à porta de um aposento de hóspedes, e, atrás dele, Steris permanecia deitada na cama, de olhos fechados.

A assistente de mordomo, uma terrisana idosa usando as túnicas de praxe, estalou a língua suavemente, olhando por sobre o ombro para a cozinheira e a empregada, que desapareceram. A despeito de seu desgosto, Wax via que também ela ficara aliviada ao ouvir que a comida da festa não tinha sido a culpada. Os outros convidados não precisavam se preocupar.

Uma voz penetrante ecoou pelo corredor. Alguém, um homem com um tom agudo, estava anunciando o orador da recepção. Wax conseguia ouvir facilmente; o apresentador era ajudado por amplificadores elétricos. Parecia que os aparelhos da garota Tarcsel tinham chegado até mesmo a Nova Seran. A assistente de mordomo inconscientemente recuou um passo na direção do salão.

— Sinta-se à vontade para ir — disse Wax a ela. — Vamos esperar aqui por meia hora, mais ou menos, até estarmos certos de que minha senhora está descansada, e então nossa carruagem certamente estará esperando por nós.

— Se tem certeza…

— Tenho. Apenas se assegure de que não sejamos incomodados. A srta. Harms fica muito incomodada com ruídos quando passa mal.

A assistente de mordomo se curvou e seguiu pelo corredor na direção do salão de baile. Wax fechou a porta e se aproximou da cama onde Steris estava. Ela abriu um olho e olhou para a porta de modo a confirmar que estava fechada.

— Como se sente? — perguntou Wax.

— Nauseada — respondeu Steris, erguendo-se sobre um cotovelo. — Aquilo foi um tanto apressado de minha parte, não foi?

— Sua pressa foi apreciada — disse Wax, conferindo o relógio de parede. — Vou esperar alguns minutos para garantir que o corredor esteja vazio e sairei. Não estou certo de quanto tempo Kelesina ficará longe, mas preciso agir rapidamente para descobrir alguma coisa.

Steris anuiu.

— Acha que ela pode estar aqui? Sua irmã?

— Improvável — respondeu Wax. — Mas tudo é possível. Gostaria de qualquer tipo de pista.

— Como ela é?

— Uma típica nobre cheia de si, certa de que…

— Não Lady Kelesina, Waxillium. Sua irmã.

— Eu… — começou Wax, engolindo em seco e conferindo o relógio. — Eu não a vejo há décadas, Steris.

— Mas você trabalha tão ansiosamente para resgatá-la.

Ele suspirou, sentando-se ao lado de Steris.

— Ela era a corajosa quando éramos crianças. Eu era cuidadoso, preocupado, sempre me esforçando muito para descobrir o que fazer. E Telsin… Ela parecia ter tudo sob controle. Até que deixei a Vila, e ela ficou.

— Mais terrisana que você, então.

— Talvez. Sempre achei que ela odiava aquele lugar, considerando a frequência com que encontrava desculpas para fugir. E então ela ficou — disse, e balançou a cabeça. — Nunca a conheci, Steris. Não como deveria ter conhecido. Estava concentrado demais em mim mesmo. Não consigo deixar de pensar que falhei com todo mundo: mãe, pai, a própria Telsin, por não ter permanecido perto dela quando estava nas Terras Brutas. E estou falhando com eles de novo por deixá-la sob o controle do meu tio.

Steris, ainda deitada na cama, apertou a mão dele.

— Vou encontrá-la — disse Wax. — Vou consertar isso. Fugi para as Terras Brutas achando que não precisava de nenhum deles, mas com o passar dos anos, Steris, descobri que cada vez menos queria estar sozinho. Acho que não consigo explicar. Ela é a minha *família*. Minha única família.

Do lado de fora, uma voz nova começou a falar. Terminada a apresentação, Lorde Severington começara seu discurso. Wax conferiu o relógio e levantou-se.

— Certo. Preciso ir e explorar o lugar enquanto todos os outros estão distraídos com o discurso.

Steris assentiu, passou os pés pelo lado da cama e respirou fundo.

— Você deve esperar aqui — disse Wax. — Isso pode ser perigoso.

— Você se esqueceu do que eu disse ontem à noite? — retrucou ela.

— O lugar mais seguro certamente *não* é perto de mim, Steris.

— Seja como for, você pode ter que escapar rapidamente. Não haverá tempo para voltar e me buscar. E, se você for visto, alguém estranhará estar sozinho, mas, se estivermos juntos, podemos dizer que estávamos partindo e procurando o caminho até nossa carruagem.

Eram bons argumentos. Ele relutantemente aceitou, fazendo um gesto para que o seguisse. Ela fez isso com rapidez, esperando ao lado da porta enquanto ele a abria e observava. Podia ouvir a voz de Lorde Severington ainda melhor.

— … tempo de mostrar àqueles em Elendel que sua tirania é não apenas injusta, mas vai contra a vontade do Sobrevivente, que morreu em nome da liberdade…

O corredor estava vazio. Wax saiu, com Steris ao seu lado.

— Tente não parecer que está se esgueirando — sugeriu ele suavemente.

Ela anuiu e, juntos, caminharam por um longo corredor dotado de luminárias de bronze a gás que tinham sido convertidas para eletricidade. De acordo com a planta da mansão, que ele memorizara, o salão de baile e aqueles pequenos aposentos para hóspedes ocupavam uma ala a leste. Se seguissem por aquele corredor e virassem naquela esquina…

Passaram sob um arco para o átrio central da mansão, onde um riacho corria pelo centro da casa, desviado de uma das cachoeiras, cascateando por um conjunto de pedras sob pequenos sinos dos ventos. Poucas luzes brilhavam nas paredes, dando ao átrio um clima crepuscular.

— Essa umidade deve ser terrível para as peças de madeira da mansão — observou Steris. — Qual é a praticidade de fazer um *rio* correr pelo meio da casa?

— Estou certo de que os motivos não são absolutamente práticos — disse Wax. Perto dali, uma empregada passou por outro umbral. Ela os viu e ficou paralisada.

Wax olhou feio para ela, empertigando-se, colocando em sua expressão o máximo de desprezo nobre que conseguiu reunir. A jovem não o questionou, baixando a cabeça e indo embora com sua pilha de lençóis.

Eles seguiram pelo átrio escuro. Acima, amplas janelas de vidro deveriam oferecer uma vista para o céu, mas em vez disso mostravam brumas que giravam e envolviam a si mesmas. Wax ergueu os dedos para saudar as brumas distantes, mas se deteve.

Harmonia observava por intermédio daquelas brumas. Harmonia, o impotente. Harmonia, o sem sentido. Ele trincou os dentes e deu as costas às janelas, levando Steris por um caminho no jardim interno, que tinha pequenas pedras e plantas. Segundo seus mapas, ele imaginava que Kelesina estaria em algum lugar do segundo andar. Enquanto seguiam para norte, caminhando ao longo do riacho, ele viu um balcão no segundo andar.

— Sinceramente, como eles sequer sabem se a água é *limpa*? — murmurou Steris. — Um rio correndo pelos jardins não era suficiente? Também tinha que correr pela própria casa?

Wax sorriu, estudando aquele balcão.

— Vou dar uma olhada lá em cima. Fale alto se alguém a confrontar. Isso me alertará e voltarei.

— Muito bem — respondeu ela.

Ele enfiou a mão no bolso, pegando moedas, sentindo-se antiquado enquanto queimava aço e se preparava para saltar.

— Você aceita algo mais substancial? — perguntou Steris.

Ele olhou para ela e depois para a bolsa.

— Eles revistaram sua bolsa.

— Sim, revistaram — disse ela, segurando a barra da saia, erguendo-a de lado e revelando uma pequena arma presa à coxa. — Temi que eles fizessem algo assim. Então fiz outros planos.

Wax sorriu.

— Posso me acostumar a ter você por perto, Steris.

Ela enrubesceu sob a luz fraca.

— Posso, ahn, precisar de sua ajuda para tirar essa coisa.

Ele se ajoelhou, dando-se conta de que ela usara aproximadamente sete rolos de fita para manter a arma no lugar. E, sendo Steris, vestira shorts sob o vestido, para o caso de precisar fazer o que estava fazendo. Dois shorts, a julgar pelo tecido que saía sob o de cima.

Wax começou a tentar soltar a arma.

— Vejo que você não queria que isso se soltasse acidentalmente.

— Eu ficava imaginando isso caindo e disparando no meio de uma dança — contou Steris.

Wax grunhiu, trabalhando na coxa sob o vestido.

— Você se dá conta de que, se isto fosse uma peça, este seria exatamente o momento em que alguém nos flagraria, não?

— Lorde Waxillium! — reagiu Steris. — Que tipo de teatro você tem frequentado?

— O tipo que se encontra nas Terras Brutas — respondeu Wax, soltando a arma. Era uma de suas Rebeldes, de seis tiros e calibre .22 que ele mantinha numa caixa e raramente usava. Serviria. Ele se levantou, deixando que Steris arrumasse a saia. — Belo trabalho.

— Tentei uma escopeta — disse ela, enrubescendo. — Deveria ter me visto tentando andar com uma dessas na perna!

— Fique fora de vista se puder — disse a ela. Depois, soltou uma moeda e se lançou na direção do balcão superior.

Marasi entrou na cabana do coveiro, fechando a porta. Wayne desviou os olhos da cadeira cujas pernas quebrava.

— Isso é necessário? — perguntou Marasi.

— Não sei — respondeu, quebrando outra. — Mas é divertido. Como vão nossos valentões?

Marasi espiou pela janela, vendo um grupo de policiais levar embora o último dos capangas. Explodir dinamite no meio da cidade tinha sido um belo jeito de chamar a atenção das autoridades.

— Eles não sabem de nada — disse. — Capangas contratados. Quem os contratou mencionou seu nome, o que acabou sendo um equívoco.

— Sou famoso — disse Wayne alegremente, arrancando outra perna da cadeira. A cabana havia sido totalmente vasculhada, gavetas arrancadas, almofadas cortadas, móveis em pedaços. Wayne examinou a perna de cadeira que quebrara, aparentemente verificando se era oca, e depois a jogou por cima do ombro.

— Podemos tentar ir atrás da origem dos pagamentos feitos aos homens, mas desconfio que Elegante tomou cuidados demais para que isso possa ser rastreado — disse Marasi. — E não há sinal do garoto que levou o recado.

Wayne grunhiu, pisando numa parte do piso, dando alguns passos e pisando novamente.

— A polícia trouxe um alomântico — prosseguiu Marasi. — E não há metal naquele túmulo, então, se a estaca já esteve aqui, não está mais — disse. Ela

suspirou e apoiou as costas na parede. — Ferrugem e Ruína… Espero que Waxillium tenha mais sorte do que nós.

Wayne abriu um buraco no chão com o calcanhar. Marasi se animou e foi até lá enquanto ele procurava no compartimento que tinha descoberto.

— Arrá! — exclamou.

— O que é? — perguntou Marasi.

Wayne tirou uma garrafa.

— O esconderijo de bebida de Dechamp.

— Só isso?

— Só? Isso é ótimo! Um sujeito como ele esconde bem a sua bebida. Há trabalhadores demais ao redor para passar a mão na coisa.

— Então estamos num beco sem saída.

— Bem, encontrei um livro de contabilidade sob um fundo falso na gaveta da escrivaninha — observou Wayne, dando um gole no líquido escuro que tinha encontrado. — Relaciona todo mundo que pagou às pessoas daqui para roubar túmulos nos últimos anos.

Marasi ficou chocada.

— Quando você encontrou isso?

— Foi a primeira coisa. Mal precisei procurar. Já o álcool… Isso eles esconderam bem. Esse pessoal tem boas prioridades.

Marasi passou sobre um pouco do estofamento de um dos sofás e pegou o livro-caixa. Não pertencia a Dechamp, mas ao cemitério. Relacionava lotes, o que havia sido encontrado neles e para quem tinha sido vendido.

Para que o chefe do lugar possa manter um registro do que venderam e do que não, pensou Marasi. E para ter um controle dos asseclas, garantir que não pensassem em iniciar seu próprio trabalho paralelo de roubo de túmulos.

Junto a uma entrada feita alguns dias antes havia uma anotação do gerente. *Se alguém vier investigar este lote, mande me chamar imediatamente.*

Marasi fechou o livro e pegou o papel que relacionava os funcionários do cemitério.

— Vamos — disse a Wayne. — Temos que fazer mais uma parada.

à frente. Por trás das portas de vidro, o homem assombrado sorriu, ao brilho esverdeado de seus equipamentos, que o iluminavam por baixo.

Corri ao lado da cabine, mantendo o ritmo. Quando ela se afastou da plataforma, eu me lancei no ar.

(Continua abaixo da dobra!)

rápido. O calor subiu de meu estômago para minha garganta, bem como minha confiança.

Cabine quebrada afeta passageiros

Um problema não identificado interrompeu a Linha Zinco ontem, ao pôr do sol, segundo a Agência de Transportes de Nova Seran. A ATNS leva os passageiros para casa ao estilo antigo, descendo as ladeiras sinuosas em burricos e riquixás. Consideramos isso uma prova da necessidade de um sistema de transporte alternativo para momentos de emergência.



(Continua no verso.)

canhões duplos de trinta centímetros e cada abertura tem alcance de 26 quilômetros", disse Severington. "Entre outras melhorias estão cascos blindados reforçados, localiInis Julien. "Por que precisamos de navios de guerra? A Bacia está sozinha em terra e nos mares. De quem precisamos nos proteger?"

(Continua no verso.)

"Tendo o tem
De assomb
tão ainda é d
descobertas c
ram mais per
(Conti

Beba à saúde de Elendel!

O cáspe Brand tem sido produzido e destilado exclusivamente nas cidades externas. Não é vendido em Elendel, então nunca passa pela Cova do Leão, e, portanto, não paga impostos. Seu sabor é melhor que qualquer coisa vinda do centro da Bacia, e, como é um produto local, você pode relaxar sabendo que sua moeda não encheu os bolsos de nenhum tirano. Vida longa à marca.

Procurando aventuras?

Basin da Bacia está procurando —VOCÊ!—



Centenas de cidades se perderam na Ascensão Final. Artefatos mágicos, riquezas e fama podem ser seus! Inscreva-se pessoalmente no Pub e Casa de Jogos Bill da Bacia.

Suas ferramentas de metal falam com você?



Seus vizinhos provavelmente não querem ouvir essas histórias. Mas NÓS queremos! Visite Balen, 27. Procure K. ou N. Leve o metal falante com você.

EM CARTAZ!

No Teatro Trio da Cidade Alta

O COVIL DO SOBREVIVENTE?

Uma equipe de combatentes pela liberdade

SE ERGUE CONTRA A OPRESSÃO

DERRUBA UM GOVERNO CORRUPTO

Estrelando Javier DaLeuc e Penelope Portreau.

Veja essa história imortal no palco até o fim do mês que vem!

Procuramos pássaros alomânticos para testar novas ligas metálicas: as mais recentes descobertas científicas criaram um método TOTALMENTE SEGURO para alcançar novas habilidades alomânticas. Liberte seu potencial latente! Candidate-se no Prédio 1447, Distrito das Caixas, virando a esquina da Casa de Sebo Meprisable.

Escreva fantasias científicas!— TL Sahlerflo, dramaturgo de *Uma bomba para todos os anos*, ensina como fazê-lo! Pergunte na Universidade de Nova Seran.



O LEÃO DEVASTADOR DE ELENDEL

A medonha cabine de teleférico!

Os monges de Baz-Kor me treinaram bem. Seus movimentos habilidosos foram concebidos para permitir a um Sugador chegar perto o suficiente de outro alomântico para tocá-lo e drenar suas reservas, mas foram as aulas de balé que possibilitaram meu salto da plataforma para a cabine em movimento.

Pousei precisamente no pequeno estribo que contorna a base da cabine e consegui me segurar com firmeza nas alças externas da porta. Ela estava em segurança por ora, mas o estribo no qual pousei tinha apenas alguns centímetros de largura. Se eu não descobrisse um modo de entrar na cabine, até mesmo meus dedos dos pés fortalecidos pelo balé fraquejariam, lançando-me quase trinta metros para baixo na direção da cidade, onde telhados brilhavam ao sol que se punha como botões em uma bolsa aberta.

Uma luz etérea emanava de dentro da cabine, lançando contra as janelas a silhueta do homem assombrado. Cada clarão o mostrava esforçando-se para preparar algum equipamento misterioso, presumivelmente para garantir sua fuga.

Peguei o equipamento que roubara dele em nosso último confronto e que ainda trazia em minha bolsa. Coberto de estranhos símbolos e bizarramente quente ao toque, o objeto era muito mais pesado do que parecia, e eu não tinha ideia de como operá-lo.

Mas a ignorância não é párea para a criatividade. Lancei a vara de metal contra o vidro da porta, partindo-o.

Uma explosão espantosa foi a resposta, e meus reflexos Baz-Kor lançaram-me abruptamente de lado enquanto algo passava velozmente. Não era uma flecha nem uma bala, mas uma descarga de puro energia na forma de um fantasma. Seu grito demasiadamente humano arrepiou os pelos da minha nuca, e a moldura da porta quebrada enferrujou e se quebrou com sua passagem. Que tipo de homem conseguia se valer do poder dos mortos? Se aquela energia tivesse me envolvido, eu também teria desintegrado em um instante? Respirei fundo e entrei rapida-



Estranhos
cânicos cobri
deles, erguia-
brado. Da ú
encontramos
de bruma, cu
o rosto, mas
claramente.

Raios brilh
frias e o vent
cabelo cor d
mãos, ele se
enrolada com
a outra, apon
pistola de aj
Sem dúvida,
ma que lança

As runas r
tinham um
Queimei cro
a frente numa
criado para
antes que ele
cos. No instan
esverdeadas
minha mão
equipamento

Quando d
sugando suas
sinto algo qu
como retirar
transferi-lo a
O metal pern
desaparece.

Imaginei
quando toqu
der do equip
a... algum fug

As runas
vermelho se
velas ao vent

Funcionou
assombrado
de outro mu

15



Templeton Fig alisou as penas de seu corvo branco morto. Tinha certeza de que aquele animal era um legítimo albino, não uma imitação produzida por um oportunista que ouvira falar de sua coleção. Àquela altura, ele vira um número suficiente de animais mortos branqueados para saber identificar uma falsificação.

Ele mesmo empalhara o bicho, a estrela de sua coleção, e o colocara olhando por cima do ombro, com uma pequena tira de pele de coelho no bico. Criatura magnífica. As pessoas sempre a achavam impressionante, já que sua cor era o oposto do que se esperava. Coisas como gatos e cachorros às vezes eram naturalmente brancos, de modo que seus espécimes albinos não eram tão espetaculares.

Ele recolocou a cúpula de vidro sobre o corvo, recuou e entrelaçou as mãos, olhando para os animais brancos enfileirados. Congelados na morte. A perfeição. Só que… O filhote de javali. Ele tinha sido movido para o lado? Era melhor que a arrumadeira não tivesse decidido espanar sua coleção novamente.

Ele se adiantou, girando o vidro que continha o javali. Atrás dele, o fogo estalava em seu braseiro, embora não estivesse particularmente frio. Até deixara a janela aberta. Gostava do contraste: o calor do fogo, uma brisa fria vindo de fora. Enquanto tentava arrumar o javali, a porta do seu escritório guinchou.

— Templeton? — chamou uma voz baixa, espiando. Destra tinha bolsas sob os olhos e cabelo maltratado. Sua camisola parecia engoli-la. A mulher perdera mais peso. Logo estaria totalmente esquelética. — Não vem para a cama?

— Mais tarde — disse ele, voltando a olhar para o javali. Agora sim.

— Mais tarde *quando*?

— Mais tarde.

Ela se encolheu com o tom dele e fechou a porta. A mulher devia saber que não podia perturbá-lo. Dormir. Como podia dormir até saber o que tinha

acontecido no cemitério? Não era boa ideia decepcionar os homens com os quais ele estava lidando. Eles pediam que algo fosse feito, e você garantia que fosse feito.

Ele logo saberia. Avançou, transferindo seu esquilo albino para o fim da fila. Ficava melhor assim? Ele ergueu a mão, limpou o suor na testa e moveu o esquilo de volta. Não, também não estava bom assim. Então como ele…

O fogo parou de estalar.

Templeton prendeu a respiração e deu meia-volta lentamente, pegando o lenço no bolso do colete. O fogo continuava lá, mas estava *imóvel*. Pela alma de Trell! O que poderia ter congelado as chamas?

Algo bateu em sua porta. Templeton recuou, arranhando a parte interna do bolso, ainda procurando aquele lenço. A porta soou novamente, e suas costas bateram na prateleira onde mantinha sua coleção. Tentou sussurrar uma pergunta, mas tinha dificuldade para respirar.

A porta foi escancarada, e o coveiro Dechamp, com olhos que não viam e sangue cobrindo sua camisa, caiu dentro do quarto.

Templeton então gritou, afastando-se da porta aos tropeções, e colou as costas na parede mais distante de seu pequeno refúgio. Seus dedos encontraram o peitoril da janela e o agarraram para reunir forças enquanto olhava para o cadáver caído no umbral.

Algo bateu na janela.

Templeton semicerrou os olhos, não querendo olhar. Fogo congelado. Um corpo no chão. Ele estava sonhando. Era um pesadelo. Não era possível…

Tap. Tap. Tap.

Ele finalmente encontrou o lenço e o agarrou, com os olhos semicerrados.

— Templeton.

A voz rouca entrou pela janela.

Templeton se virou lentamente para a janela. Abriu os olhos.

A Morte estava do lado de fora.

Envolta em preto, sua face se escondia sob o capuz, mas duas estacas de metal se projetavam dela, refletindo a luz do fogo.

— Eu estou morto — sussurrou Templeton.

— Não — sussurrou a morte. — Você pode morrer quando eu disser. Não antes.

— Ah, *Harmonia*.

— Você não é Dele — sussurrou a Morte, de pé na escuridão do lado de fora. — Você é meu.

— O que quer de mim? Por favor!

Templeton caiu de joelhos. Ele se obrigou a olhar na direção de Dechamp. Aquele corpo iria se levantar? Iria pegá-lo?

— Você tem algo meu, Templeton — sussurrou a Morte. — Uma estaca.

Ela ergueu os braços, deixando que a capa deslizasse para trás e expusesse a pele branca. Uma estaca estava cravada em um braço. O outro braço só tinha um buraco ensanguentado.

— Não foi culpa minha! — berrou Templeton. — Eles insistiram! Não está comigo!

— *Onde?*

— Mandei por mensageiro! — contou Templeton. — Para Dulsing! Não sei mais. Ah, por favor… Por favor! Eles exigiram que eu recuperasse a estaca. Eu não sabia que era sua! Era só um pedaço de metal ferrado. Eu sou inocente! Eu…

Ele interrompeu sua fala, percebendo que o fogo voltara a estalar. Piscou, concentrando-se novamente na janela. Estava vazia. Um… um sonho, afinal? Ele se virou e encontrou o cadáver de Dechamp ainda sangrando no piso.

Templeton choramingou e se encolheu. Ficou sinceramente aliviado quando os policiais invadiram o quarto pouco tempo depois.

Wayne arrancou a medonha capa pesada e ergueu o braço, curando seus ferimentos. Não restava muita capacidade de cura em sua mente de metal. Ele teria que economizar depois daquilo. Aqueles ferimentos de bala mais cedo haviam exigido muito dele.

— Você não precisava abrir buracos *de verdade* no seu braço, Wayne — disse Marasi, juntando-se a ele no jardim. Ele pisoteara algumas petúnias muito bonitas para chegar à janela.

— Claro que precisava — retrucou Wayne, limpando o sangue. — É preciso ser *autêntico*.

Ele coçou a cabeça e tirou o arame que mantinha as duas metades de estacas pairando diante de seus olhos.

— Tire essa coisa — disse Marasi. — Parece ridículo.

— Ele não achou ridículo — disse Wayne.

Os policiais arrastavam Templeton Fig para fora. As informações no livro-caixa que Wayne encontrara deviam ser suficientes para mantê-lo encarcerado. Pobre sujeito. Ele realmente não fizera nada *errado*. Você não pode roubar de uma pessoa que já está morta. Mas as pessoas eram estranhas em relação às suas coisas. Wayne desistira de tentar entender todas as pequenas regras delas.

Ele mandaria algumas frutas para o sujeito. Talvez o fizesse se sentir melhor.

— Como estava o sotaque? — perguntou.

— Funcionou bastante bem.

— Eu não estava certo de como a própria Morte soaria, sabe? Imaginei que pareceria cheia de importância, como Wax quando me manda tirar os pés dos móveis. Misturado com alguns tons realmente *antigos*, como um trisavô. E rascante, como um homem morrendo engasgado.

— Na verdade, a voz é bastante articulada, e de modo algum "rascante" — disse Marasi. — E o sotaque é estranho, diferente de qualquer coisa que já ouvi.

Wayne grunhiu, tirando as estacas da cabeça.

— Pode imitar para mim?

— O quê? O sotaque?

Wayne anuiu, ansioso.

— Não. Nenhuma chance.

— Bem, da próxima vez que se encontrarem, mande ela vir conversar comigo. Preciso ouvir como ela soa.

— Qual é a importância disso?

— Eu tenho que ouvir. Para a próxima vez.

— Próxima vez? Com que frequência você espera imitar a Morte?

Wayne deu de ombros.

— Esta é a quarta vez. Então nunca se sabe.

Ele bebeu o último gole do conhaque de Dechamp, jogou a capa sobre o ombro e avançou pelas brumas na direção da estrada.

— Dulsing — disse Marasi.

— Você conhece?

— É um pequeno assentamento agrícola. Talvez oitenta quilômetros a

nordeste de Nova Seran. Li sobre ele em meus livros; houve um caso importante de direito à água lá. Mas o lugar é isolado e pequeno, mal vale o tempo de alguém. O que o Grupo pode querer com ele?

— Talvez gostem de tomates realmente frescos — sugeriu Wayne. — Eu sei que gosto.

Marasi ficou calada, obviamente mergulhada em pensamentos, por alguma razão preocupada. Wayne a deixou em paz, sacando sua lata de chicletes, tamborilando nela e depois abrindo e escolhendo uma das bolas macias cobertas de açúcar para mastigar. No que lhe dizia respeito, aquela havia sido uma noite excelente. Dinamite, uma bela briga, conhaque grátis e deixar alguém morrendo de medo.

Eram as coisas simples que faziam a vida valer a pena.

Wax teve pouca sorte nas primeiras salas que examinou. Embora supostamente pertencessem a Kelesina, revelaram-se vazias. Ficou tentado a vasculhá-las em busca de informações, mas decidiu que isso demoraria e seria incriminador demais naquele momento. Ser flagrado perdido num corredor era desculpável; ser flagrado revirando as gavetas da escrivaninha de uma dama era algo totalmente diferente.

Voltou ao átrio, viu que Steris estava bem, acenou e seguiu por outro corredor, que acompanhava a parede externa e tinha janelas abertas para as brumas, que corriam para dentro em suas pequenas cascatas. Provavelmente algum empregado tinha o dever de fechar aquelas janelas numa noite com brumas, mas se distraíra por causa da festa.

Parou para escutar em diversas portas e não ouviu nada além de uma voz penetrando pela janela: a voz de Lorde Severington, ainda fazendo seu discurso no salão de baile. Com os equipamentos de amplificação, Wax conseguia compreender uma palavra aqui, outra ali.

— … sofrer o jugo… novo Senhor Soberano?… taxação indevida… uma era que precisa terminar…

Vou precisar prestar mais atenção a isso, pensou Wax, seguindo pelo corredor na direção do conjunto de salas seguinte. Severington era prefeito de Bilming, a cidade portuária a oeste de Elendel. Era a única grande cidade na Bacia além da própria Elendel, além de uma potência industrial. Se *houvesse* um conflito, eles estariam na linha de frente.

Eles estão na linha de frente agora, percebeu Wax à medida que mais palavras chegavam a ele.

Continuou pelo corredor, escutando junto a outras portas. Estava prestes a partir quando ouviu uma voz. Havia alguém dentro. Wax agachou, com a orelha colada na porta, desejando ter um Olho de Estanho com ele para ouvir. Aquela voz…

Aquele era seu tio.

Wax apertou a orelha contra a porta, sem se preocupar com o que alguém pensaria se entrasse no corredor. Ferrugem… Não conseguia ouvir muito. Meia palavra aqui e outra ali. Mas *era* Edwarn. Outra voz falou, e quase certamente era a de Kelesina.

A fresta sob a porta estava escura. Wax levou a mão ao bolso e à arma escondida ali, girou a maçaneta e abriu a porta. Lá dentro, havia uma espécie de escritório, totalmente escuro a não ser por uma fina linha de luz sob a porta na extremidade oposta. Wax se esgueirou para dentro, fechando a porta, e cruzou a sala, contendo um xingamento ao bater o braço numa mesa lateral. Com o coração acelerado, colou as costas na parede ao lado da outra porta.

— Não ligue para isso — dizia seu tio. A voz estava abafada, como se falasse atrás de um pano, uma máscara ou algo assim. — Por que me interrompeu? Você sabe a importância do meu trabalho.

— Waxillium sabe sobre o projeto — disse Kelesina. — E descobriu uma das moedas. Está se fingindo de idiota, mas ele *sabe*.

— Sobre as coisas para despistá-lo?

— Ele não está engolindo.

— Então você não está se esforçando o suficiente — disse Elegante. — Sequestre um dos amigos dele e deixe uma carta em nome de um de seus antigos inimigos. Desafie sua inteligência, atraia-o para uma investigação. Waxillium não consegue resistir a um rancor pessoal. Isso vai funcionar.

— O assalto ao trem não funcionou — disse Kelesina. — E quanto a isso, Elegante? Desperdiçamos recursos vitais naquele ataque, conexões importantes que cultivei por anos. Você garantiu que, se atacássemos enquanto estivesse a bordo, ele não conseguiria resistir a investigar. Mas ele ignorou o fato. Deixou Posto Férreo na mesma noite.

Wax sentiu um arrepio quando todo um conjunto de suposições mudou dentro dele. O assalto ao trem… Havia sido uma *distração*, com o objetivo de desviar

sua atenção da perseguição ao Grupo?

— Recuperar o aparelho valia o risco — disse Elegante.

— Está falando do aparelho que Irich imediatamente perdeu? — cobrou Kelesina. — Aquele homem não deveria receber missões importantes. É ansioso demais. Você deveria ter me deixado recuperar o objeto assim que Waxillium saiu do trem.

— Havia uma boa chance de que ele mordesse a isca — retrucou Edwarn. — Conheço meu sobrinho; provavelmente ainda está ansioso para caçar aqueles bandidos. Se, em vez disso, está em sua festa é porque você não está fazendo seu trabalho direito. Não tenho tempo para ajudá-la agora, Kelesina. Preciso partir para o segundo local.

Wax franziu a testa. Aparentemente o assalto ao trem não havia sido apenas uma distração. Mas aquelas palavras o deixaram com uma preocupação mais profunda. Ele seguira meia dúzia de pistas no ano anterior, achando que estava nos calcanhares do tio. Quantas dessas haviam sido plantadas? E quantos de seus outros casos haviam sido distrações intencionais? E Ape Manton? Será que realmente estava em Nova Seran? Provavelmente não.

Edwarn dissera uma verdade. Ele conhecia Wax bem. Bem demais para um homem que pouco vira nos vinte anos anteriores.

— Bem, agora você tem a oportunidade de recuperar o aparelho, como prometeu que faria — disse Elegante. — Como isso está indo?

— Não estava entre as coisas que ele deixou na chapelaria da festa — respondeu Kelesina. — Infiltramos uma espiã na equipe do hotel, e ela vai procurar nos quartos deles. Estou lhe dizendo que Irich…

— Irich foi punido — disse Elegante. Por que a voz dele soava tão mais baixa que a de Kelesina? — Isso é tudo que você precisa saber. Recupere o objeto para mim, e outros erros poderão ser esquecidos. É só uma questão de tempo até que acidentalmente usem Alomancia perto dele.

— E *então* veremos esse “milagre” que você continua a prometer, Elegante? — cobrou ela. — Com mais alguns discursos, Severington lançará toda a Bacia em um frenesi, ignorando completamente que Elendel nos supera em homens e armas.

— Paciência! — disse Elegante, soando entretido.

— Tente *você* ser paciente. Eles estão nos sangrando. Você prometeu esmagar aquela cidade, conseguir um exército e…

— Paciência — repetiu Elegante suavemente. — Detenha Waxillium. Essa é a sua parte do acordo. Mantenha-o na cidade, mantenha-o distraído.

— Isso *não* vai funcionar, Elegante — disse Kelesina. — Ele já sabe demais. Aquele maldito mutante deve ter contado a ele…

— Você o deixou escapar?

Kelesina ficou calada.

— Achei que você tinha cuidado da criatura — disse Elegante, com a voz fria. — Você me deu a estaca, alegando que a outra havia sido destruída.

— Nós… podemos ter suposto que sim rápido demais.

— Entendo — disse Elegante.

Os dois não falaram por um longo momento. Wax ergueu a arma ao lado da cabeça enquanto suor escorria pela testa na sala escura. Pensou em invadir o lugar naquele instante. Ele tinha evidências contra Kelesina na forma de um kandra ferido e seu próprio testemunho. Várias pessoas tinham morrido naquela explosão. Assassinato.

Mas será que tinha o suficiente contra Edwarn? Será que seu tio simplesmente escaparia novamente? Ferrugem! Um exército? Eles falaram sobre destruir Elendel? Será que devia ousar esperar? Se pegasse Elegante e ela agora mesmo, Kelesina poderia desmoronar, testemunhar contra ele…

Passos.

Vinham do corredor. À medida que se aproximavam da porta, ele tomou uma decisão rápida, jogando uma moeda — não a especial, que estava em outro bolso — e *empurrando*.

A luz de fora entrou na sala quando a porta foi aberta, revelando a assistente de mordomo com quem conversara antes. Cruzou a sala apressada, e abençoadamente não ligou as luzes, indo diretamente para a porta junto à qual Wax estivera escutando.

Não olhou para cima nem viu Wax colado no teto acima dela, empurrando uma moeda sobre a qual ela passou em sua pressa para bater na porta. Kelesina mandou que entrasse.

— Milady — disse a mulher, em tom urgente. — Burl estava vigiando a festa em busca de alomânticos e me mandou aqui. Ele sentiu alguém usando metais.

— Onde está Waxillium?

— A noiva dele passou mal — disse a mulher. — Nós a levamos a um quarto de hóspedes para que se recuperasse.

— Curioso — disse tio Edwarn. — E onde ele está agora?

Wax se jogou no chão com um baque, apontando sua arma para as pessoas dentro da sala.

— Ele está bem aqui.

A assistente de mordomo se virou, tomando um susto. Kelesina levantou-se, com os olhos arregalados. E tio Edwarn…

Tio Edwarn não estava na sala. A única coisa ali era um equipamento em forma de caixa colocado na mesa em frente a Kelesina.

16



— Ora, Waxillium! — disse a caixa, projetando a voz do tio. — Que bom ouvir seu tom melodioso. Suponho que sua entrada tenha sido devidamente dramática.

— É um telégrafo para vozes — disse Wax, adiantando-se. Manteve a arma apontada para Kelesina, que recuou até a parede da pequena sala. Ficara completamente pálida.

— Algo assim — disse Edwarn, em sua voz abafada. O mecanismo elétrico não a reproduzia perfeitamente. — Como está Lady Harms? Espero que seu mal-estar não seja perturbador demais.

— Ela está bem, não graças a você ter tentado matar a todos nós naquele trem — cortou Wax.

— Ora, ora — disse Edwarn. — Esse não era o objetivo. Matar você foi algo que me ocorreu depois. Diga-me, você apurou as baixas no trem? Um passageiro morto, acredito. Quem era ele?

— Você está tentando me distrair — disse Wax.

— Sim, estou. Mas isso não significa que eu esteja mentindo. Na verdade, descobri que lhe contar a verdade é, em geral, um método muito melhor. Você deveria investigar o homem morto. Ficará impressionado com o que descobrirá.

Não. Permaneça concentrado.

— Onde você está? — cobrou Wax.

— Longe, cuidando de assuntos de *grande* importância — respondeu Elegante. — Peço desculpas por não poder encontrá-lo pessoalmente. Ofereço Lady Kelesina como medida de minhas condolências.

— Kelesina pode ir para o inferno — disse Wax, agarrando a caixa e erguendo-a, quase arrancando os fios da parede. — Onde está minha irmã?!

— Tantas pessoas impacientes no mundo — disse a voz de Edwarn. — Você realmente deveria ter se concentrado em sua própria cidade, sobrinho, e mantido

sua atenção nos pequenos crimes com os quais eu o alimento. Tentei ser razoável. Temo que terei que fazer algo drástico. Algo que certamente desviará sua atenção.

Wax sentiu um frio.

— O que você vai fazer, Elegante?

— Não é o que vou fazer, sobrinho. É o que estou *fazendo*.

Wax olhou para Kelesina, que enfiava a mão no bolso do vestido. Ela ergueu as mãos, assustada, no instante em que algo enorme *esmagou* Wax. Ele cambaleou contra a mesa, derrubando-a.

Wax piscou, chocado. A assistente de mordomo! Ganhara uma força incrível. Os braços incharam sob a túnica e o pescoço estava grosso como a coxa de um homem. Wax xingou, erguendo a arma, que a mulher imediatamente arrancou de sua mão.

A dor correu pelo seu pulso, e ele fez uma careta, *empurrando* os pregos na parede para se lançar rolando pelo chão para longe da mulher. Procurou moedas no bolso, mas a assistente de mordomo não estava concentrada nele. Pegou a arma de Wax, caída no chão, e se virou para Kelesina, que gritou.

Ah, não…

O tiro fez os ouvidos de Waxillium zumbirem. Kelesina caiu flácida no chão, com sangue escorrendo do buraco na testa.

— Ele a matou! — berrou uma voz desde o umbral de fora. Wax se virou e descobriu a empregada que o vira mais cedo de pé ali, com as mãos no rosto. — Lorde Ladrian *matou* nossa senhora!

A mulher saiu correndo, gritando essas palavras repetidas vezes, embora claramente tivesse tido uma visão ampla da sala.

— Seu bastardo! — gritou Wax para a caixa.

— Ora, ora — respondeu a caixa. — Essa é uma acusação evidentemente falsa, Waxillium. Você tem um conhecimento muito claro de minha ascendência.

A assistente de mordomo foi até Kelesina, pegando algo no corpo dela. Depois, por alguma razão, atirou novamente na mulher morta.

Seja como for, isso deu a Wax uma chance de pegar a caixa, que caíra da mesa perto dele.

— Melhor tomar cuidado, sobrinho — disse a caixa. — Ordenei que matassem você se conseguissem. Neste caso, um bode expiatório morto funciona tão bem quanto um vivo.

Wax rugiu, arrancando a caixa da parede e *empurrando-a* pela passagem, na direção da sala seguinte. Ergueu a mão e *empurrou* a arma na mão da assistente de mordomo, que tentava apontar para ele.

Ela xingou em terrisano. Wax se virou e passou para a sala seguinte, onde se escondera. Fechou a porta com um chute para ter alguma proteção, *empurrou* a moeda que jogara no chão e saltou sobre um sofá, passando em disparada pela sala. Pegou a caixa de comunicação e deslizou para o corredor.

Meia dúzia de homens de paletós pretos e luvas brancas avançavam na sua direção. Pararam e ergueram as armas.

Ferrugem!

Wax *empurrou* as molduras das janelas e voltou para a sala enquanto os homens abriam fogo. A porta da sala que contivera o telégrafo foi aberta, mas Wax a *empurrou* de volta usando Alomancia, batendo-a no rosto da assistente de mordomo.

Outra saída. Corredores dos empregados? Linhas azuis apontavam ao redor dele, que procurou uma que estivesse fora de lugar… Ali! *Empurrou-a*, abrindo uma porta escondida na parede, que levava a uma pequena passagem, iluminada por lâmpadas penduradas, usada pelos empregados. Ainda carregando a caixa do telégrafo, saltou enquanto os homens entravam na sala de estar.

O labirinto sinuoso de passagens permitiu que ele ficasse à frente dos homens, embora tivesse sido obrigado a gastar uma moeda para derrubar um deles quando chegaram perto demais. Isso conteve os outros, mas Wax não conseguia sentir nenhum metal no corpo deles. Armas de alumínio. Era um dos esquadrões da morte de Elegante, provavelmente avisado e colocado em ação no momento em que Kelesina telegrafou para ele.

Wax saiu rapidamente da passagem para uma sala que, esperava, lhe permitisse voltar ao átrio. Se tivessem encontrado Steris…

Ele disparou por uma estufa iluminada por várias luzes elétricas fracas e decorada com mapas nas paredes e entrou num dos corredores que investigara antes. Excelente. Disparou na direção do átrio central, mas assim que chegou à escadaria que descia do balcão algo saltou das sombras e o pegou desprevenido.

A terrisana, com o rosto sangrando onde a porta batera e quebrara seu nariz, rosnou e o agarrou pelo pescoço. Ele *empurrou* uma moeda em cima dela, mas o objeto não teve tempo para ganhar impulso. Acertou-a no peito e permaneceu ali enquanto ele *empurrava*, tentando afastar a mulher. Ele se esforçou ao máximo, sentindo a visão escurecer, até que um punho acertou a terrisana no rosto.

Ela o soltou, cambaleando para trás e tremendo. Wax arfou, olhando para MeLaan acima dele.

— Ferrugem! — disse ela, com uma voz grave. — Você *realmente* começou sem mim.

A terrisana investiu novamente, e Wax rolou de lado, procurando moedas. Pegou as últimas três enquanto a assistente de mordomo socava o rosto de MeLaan. Algo estalou, com um som alto, e Wax hesitou enquanto a mulher cambaleava para trás, segurando a mão ferida, os nós dos dedos aparentemente partidos, o polegar quase arrancado.

MeLaan sorriu. O rosto se abrira onde fora atingido, revelando um reluzente crânio de metal.

— Você realmente deveria ter cuidado com o que soca.

A terrisana se levantou com esforço, e MeLaan relaxadamente segurou o antebraço esquerdo com a mão direita e o *arrancou*, revelando uma comprida e fina lâmina de metal presa ao coto do braço. Quando a terrisana avançou, MeLaan enfiou a arma no peito da mulher. A mulher engasgou e caiu de joelhos, murchando como um odre.

— Por Harmonia, adoro este corpo — disse MeLaan, olhando para Wax com um sorriso bobo. — Como pude pensar em usar outro?

— Essa coisa toda é de alumínio? — perguntou Wax.

— É!

— Deve valer uma fortuna — disse Wax, levantando-se e apoiando as costas na parede. O balcão estava à sua frente e o corredor pelo qual viera, à esquerda. O esquadrão da morte logo chegaria.

— Convenientemente, tive algumas centenas de anos para poupar dinheiro — contou MeLaan. — Ele…

Wax a puxou para escondê-la ao lado da parede com ele; na verdade, era mais leve do que imaginara, considerando que tinha ossos de metal.

— O quê? — perguntou ela suavemente.

Wax ergueu uma moeda, esperando passos. No balcão diante dele, a terrisana se contorcia. Quando ouviu os passos, ele aumentou ligeiramente seu peso, virou a esquina e agarrou a arma do primeiro homem com uma das mãos, virando-a para o chão. Ela disparou de modo ineficaz, e Wax pressionou a outra mão sobre o peito do homem e *empurrou* a moeda contra ele.

Homem e moeda voaram para trás pelo corredor na direção dos colegas, que

saltaram para o lado. Wax ficou com a arma de alumínio, que girou no ar e apanhou, disparando quatro tiros. O primeiro desviou um pouco para a esquerda, atingindo um inimigo no braço, mas ele conseguiu acertar os outros bem no peito.

Os três tombaram. O quarto gemeu no chão para onde Wax o *empurrara*.

— Maldição — disse MeLaan.

— Diz a mulher que acabou de arrancar metade do próprio braço.

— Ele volta para o lugar — disse MeLaan, pegando o antebraço, que deslizou sobre a lâmina. Um pouco de sangue escorreu de onde ela rompera a pele. — Está vendo? Bom como se fosse novo.

Wax bufou, enfiando na cintura a arma de alumínio roubada.

— Você consegue sair daqui sozinha?

Ela anuiu.

— Quer que eu recupere as armas que você guardou?

— Você consegue?

— Provavelmente.

— Isso seria maravilhoso.

Wax foi até a terrisana, confirmou que estava morta, e revistou os bolsos até encontrar a arma que usara para matar Kelesina. Havia mais alguma coisa no bolso. Um bracelete metálico de ouro puro.

A terrisana tirou isso de Kelesina, pensou Wax, virando-o nos dedos enquanto se lembrava de quando a assassina se ajoelhara ao lado do corpo de Kelesina.

Ele queimou aço, e seu palpite se revelou correto. Embora pudesse sentir o bracelete, a linha era muito mais fina do que deveria ser. Aquela era uma mente de metal, e uma fortemente dotada de poder de cura.

— Kelesina era terrisana?

— Como eu poderia saber? — retrucou MeLaan.

Ele embolsou o bracelete, agarrou a caixa do equipamento de telégrafo, que pretendia enviar a Elendel para inspeção, e a jogou para MeLaan.

— Leve isso, se não se importar, e encontre conosco no hotel. Prepare-se para deixar a cidade. Duvido que passaremos a noite.

— E você estava tão certo de que sairíamos daqui sem uma briga.

— Eu nunca disse isso. Disse que não seria tão ruim que precisássemos de Wayne. E não foi.

— Um detalhe semântico.

— Eu sou um nobre. É melhor aprender *alguma coisa* com meus pares. — Ele bateu continência para ela com a pequena arma, saltou do balcão e usou uma moeda para desacelerar.

— Steris?

Ela saiu engatinhando de um arbusto próximo.

— Como foi?

— Mal — respondeu Wax, olhando para o teto e retirando o paletó do smoking. — Posso ter acidentalmente permitido que nos impliquem no assassinato de Lady Kelesina.

— Droga — disse Steris.

— A evidência dependerá de associarem as balas a mim e recuperarem alguma digital minha na área. De qualquer forma, eles produzirão falsas testemunhas para fazer parecer que vim aqui *especificamente* para assassinar Kelesina. Segure-se.

Steris o agarrou com, ele notou, muita ansiedade. Ela realmente gostava daquela parte. Ele tirou as balas do seu revólver .22 e as segurou numa das mãos. Depois *empurrou* a moeda abaixo para que disparassem rumo ao teto. Arremessou as balas na direção das claraboias e *empurrou-as* em leque para trincar o vidro acima. Ergueu o braço, enrolado no paletó, atravessou a cúpula e saiu para as brumas que rodopiavam.

Eles pousaram no teto enquanto Wax se localizava. Nas brumas, ele se sentiu melhor quase imediatamente, e sua mão, que doía onde a terrisana arrancara sua arma, parou de latejar.

— Descobriu algo útil? — perguntou Steris.

— Não estou certo. A maior parte do que ouvi foi sobre uma rebelião contra Elendel. Sei que Edwarn está indo para algum lugar importante. Ele o chamou de segundo local. E disse algo sobre o que acho ser o pequeno cubo que Marasi encontrou.

Ele a apertou novamente e lançou-os em um *empurrão* para cima através das brumas na direção do hotel. Ela se aferrou, mas observou as luzes da cidade abaixo com assombro.

— Ele mandou assassinar Kelesina — disse Wax. — Eu deveria ter imaginado. Deveria ter antecipado esse movimento.

— Pelo menos há brumas — disse Steris, mais alto que o som do vento. —

Eles terão dificuldade em nos rastrear.

— Você se saiu bem esta noite, Steris. Muito bem. Obrigado.

— Foi emocionante — respondeu enquanto ele os pousava num telhado. Seu sorriso, que ela abriu imediatamente, aqueceu-o. Ela era prova de que, a despeito de seu desgosto pela política na Bacia, havia boas pessoas por lá. Pessoas de verdade. Era impressionante, mas ele fora forçado a se dar conta de algo muito parecido sobre as Terras Brutas após se mudar para lá.

Ela era deslumbrante. Como uma esmeralda bruta no meio de uma pilha de falsificações lapidadas para cintilar, mas que, na verdade, eram apenas vidro. Seu entusiasmo de algum modo contrabalançava a preocupação dele com o que acontecera. Perder Elegante. Ser implicado. Lessie diria…

Não. Ele não precisava pensar em Lessie naquele momento. Sorriu de volta para Steris, puxou-a mais para perto e *empurrou,* lançando-os em linha reta para cima. Mais alto, para longe daquele distrito. Os prédios mais altos da cidade só podiam ser vistos como linhas de luz na noite, apontando para cima em meio às brumas. Ele se lançou de um telhado e passou por uma cabine de teleférico, movida por eletricidade e carregando um grupo de passageiros boquiabertos. Ela sacudiu quando Wax os lançou de lado a partir dela na direção dos arranha-céus.

Dois arranha-céus eram suficientemente próximos um do outro, e com uma série rápida de *empurrões* furiosos ele conseguiu subir com Steris em meio ao rodopio das brumas numa sequência de arcos, primeiro numa direção, depois na outra. Chegou ao alto e *empurrou* um deles, mandando-os um pouco mais para cima. Esperava que com a elevação a partir do mais alto platô da cidade…

Sim. Eles saíram das brumas para um lugar visto por poucos. O Campo do Ascendente, como os Lançamoedas os chamavam, o alto das brumas à noite. A cor branca se estendia em todas as direções, movendo-se como a superfície de um oceano, banhada pela luz das estrelas.

Steris perdeu o ar, e Wax conseguiu mantê-los no lugar *empurrando* as pontas dos dois arranha-céus. Sem um terceiro, ele não sabia ao certo por quanto tempo conseguiria se manter ali, mas, por ora, eles permaneciam firmes.

— Tão bonito… — disse Steris, agarrando-se a ele.

— Obrigado novamente — disse Wax. — Ainda não consigo acreditar que você entrou na festa com uma arma.

— É apenas apropriado que você me transformasse numa contrabandista — retrucou ela.

— Assim como você tenta fazer de mim um cavalheiro.

— Você já é um cavalheiro.

Wax olhou para ela, e ela se agarrou, tentando olhar em todas as direções ao mesmo tempo. De repente, ele sentiu algo queimar dentro dele, como metal. Um desejo de proteger aquela mulher em seus braços, tão cheia de lógica e ao mesmo tempo tão cheia de uma capacidade de assombrá-lo. E um poderoso afeto.

Então se permitiu beijá-la. Ela ficou surpresa, mas se entregou ao abraço. Começaram a desviar para o lado e para baixo quando ele perdeu o equilíbrio em suas âncoras, mas sustentou o beijo, deixando que deslizassem de volta para as brumas que rodopiavam.

Wayne colocou os pés sobre a mesa na suíte do hotel, com um novo livro aberto à frente. Ele o pegara mais cedo enquanto passeava pela cidade.

— Você devia ler esta coisa, Mara — disse a Marasi, que andava de um lado para outro atrás do sofá. — É a coisa mais estranha que você já ouviu. Esses caras construíram um navio, sabe? Só que serve para ir para *cima*. Usa uma grande explosão ou algo assim para ser mandado para as estrelas. Esses outros caras o roubam, certo, e são sete deles, todos condenados. Eles saem em busca de um saque, mas acabam nessa estrela que não tem…

— Como você consegue ler? — perguntou Marasi, ainda andando.

— Veja, não estou bem certo — respondeu Wayne. — Todas as pistas indicam que eu devia ser mais burro que um saco de macarrão instantâneo.

— Quero saber se você não está nervoso — insistiu Marasi.

— Por que estaria?

— Algo pode dar errado.

— Não —retrucou Wayne. — Não estou junto. Wax não consegue se meter em tantos problemas sem mim para…

Algo bateu na janela, fazendo Marasi dar um pulo. Wayne se virou e viu Wax segurando o parapeito de uma janela, e Steris debaixo de um braço dele como um saco de batatas — bem, pelo menos um saco de batatas com peitos muito legais. Wax abriu a janela, colocou Steris dentro do quarto e entrou.

Wayne jogou um amendoim na boca.

— Como foi?

— É… — disse Wax. Tinha perdido o paletó do smoking em algum lugar, e sangue, com sorte não o dele, cobria um braço da camisa. A gravata pendia, meio atada.

— Descobrimos onde Elegante e seu pessoal provavelmente estão entocados — disse Wayne enquanto Marasi corria para examinar a irmã, que parecia agitada, mas viva e bem.

— Você está brincando — disse Wax.

— Não — respondeu Wayne, depois sorriu e jogou outro amendoim na boca. — O que você descobriu?

— Pistas sobre o cubo de Marasi — disse Wax, tirando a gravata. — E algo sobre o projeto de um prédio e um possível exército. O cronograma de Elegante parece estar mais adiantado do que pensei.

— Legal — disse Wayne. — Então…

Wax suspirou, tirou a carteira e jogou uma nota para Wayne.

— Você venceu.

— Vocês fizeram uma *aposta*? — cobrou Marasi.

— Um joguinho amigável — disse Wayne, fazendo a nota desaparecer. — Posso levar esses amendoins quando formos?

— Formos? — perguntou Marasi, levantando-se.

Wayne apontou com o polegar para Wax, que pegara sua bolsa de viagem.

— Estamos indo. Marasi, Steris, sugiro que levem pouca coisa. Vocês têm uns quinze minutos.

— Já fiz as malas — disse Steris, levantando-se.

— Eu… — começou Marasi, passando os olhos de Wax para Steris, parecendo confusa. — O que você *fez* naquela festa?

— Com sorte não comecei uma guerra — respondeu Wax. — Mas não tenho certeza.

Marasi gemeu.

— Você o deixou fazer isso — disse ela, acusando Steris.

Steris corou. Wayne sempre achava isso estranho, considerando que Steris tinha as emoções de uma pedra e tudo mais.

O que se seguiu foi uma grande movimentação, com Wax e Marasi correndo para colocar suas coisas nas malas. Wayne ficou com Steris e jogou um amendoim na boca.

— Você aprendeu comigo essa coisa de preparar as malas antes, não foi?

— Eu… Bem, na verdade sim.

— Então o que você vai me dar por isso? — perguntou Wayne. — Precisa ter algo bom para trocar quando você pega uma coisa.

— Vou pensar nisso — respondeu Steris.

Quinze minutos depois, os quatro se acomodaram numa carruagem dirigida por MeLaan em seu corpo masculino. Tia Gin, desarrumada, estava à porta do hotel, observando-os. Tinha um bolo de dinheiro na mão, um bolo que incluía o dinheiro que Wayne ganhara de Wax. Ele o deixara como gorjeta por ter colocado as botas em cima dos móveis.

Um conjunto de sinos soou terrivelmente alto à distância, aproximando-se.

— São os policiais? — perguntou tia Gin, parecendo horrorizada.

— Temo que sim — disse Wax, fechando a porta.

A carruagem se colocou em movimento, e Steris se inclinou para fora da janela, dando adeus à pobre hoteleira.

— Incriminados por um assassinato! — disse Steris a ela. — Está na página dezessete da lista que lhe dei! Tente não deixar que eles assediem muito nossos empregados quando chegarem!

Algumas horas depois, Wax subiu um despenhadeiro na escuridão e se deixou envolver pelas brumas.

Ele sentia falta da escuridão. Nunca ficava escuro na cidade, não como tinha sido nas Terras Brutas. As luzes elétricas só estavam exacerbando esse fato. Tudo brilhando, afastando a escuridão, e, com ela, a serenidade. Silêncio. Solidão.

Um homem se encontrava quando estava sozinho, quando só tinha uma pessoa com quem conversar, uma pessoa a quem culpar. Enfiou a mão no bolso do casaco de bruma e ficou surpreso ao encontrar um charuto. Achava que não tinha mais daqueles, bons e grossos Tingmar trazidos de Intempérie.

Cortou aquele com a faca que levava no cinturão e o acendeu com um fósforo. Saboreou, sugando a fumaça, prendendo e soprando para rodopiar nas brumas. Um pouco dele para se misturar a Harmonia. Que Ele engasgasse com aquilo.

Ao lado, girava nos dedos uma pequena estaca de metal. O brinco que VenDell lhe mandara.

Era quase idêntico ao que usara para matar Lessie.

Finalmente, passos em agulhas de pinheiro indicaram a chegada de alguém. Tragou o charuto, produzindo um brilho quente nas brumas e revelando o rosto de MeLaan. O feminino. Ela concluíra a transformação e estava abotoando a camisa enquanto se juntava a ele.

— Vai dormir um pouco? — perguntou ela suavemente.

— Talvez.

— Dá última vez que conferi, os humanos ainda precisavam dormir — disse ela. — De vez em quando.

Wax tragou o charuto e soprou novamente nas brumas.

— Elegante quer que você volte para Elendel, imagino — disse MeLaan. — Está tentando armar algo para que, do seu ponto de vista, você não tenha escolha.

— Estamos numa situação ruim, MeLaan — disse Wax. — O emissário que Aradel enviou a uma reunião política acaba assassinando a anfitriã? Se as cidades externas já não estavam tensas, estarão agora. Na melhor das hipóteses, será um enorme constrangimento político. Na pior, iniciei uma guerra.

O vento soprou, agitando galhos de pinheiro que ele não conseguia ver. Não conseguia sequer ver MeLaan; as nuvens deviam ter chegado, bloqueando a luz das estrelas. Doce escuridão envolvente.

— Se houver guerra, Elegante terá começado. Não você.

— Eu deveria ser capaz de impedir — retrucou Wax. — O governador Aradel precisa saber, MeLaan. Se as cidades externas vão alegar assassinato, se vão usar isso como brasa para acender uma fogueira, não posso simplesmente desaparecer. *Tenho* que chegar a Elendel. Desse modo, posso alegar que sabia que o sistema judiciário de Nova Seran é corrupto e, portanto, fugi para um lugar seguro. Posso apresentar minha versão nos jornais antes que a notícia se espalhe; posso convencer Aradel de que não matei a mulher. Se fizer qualquer outra coisa, vai parecer que estou me escondendo.

— Como eu disse — insistiu MeLaan. — Ele armou tudo de modo a que você não tenha escolha.

— Você vê de outro modo?

— Fui muitas pessoas, Ladrian. Vi através de muitos olhos. Sempre há outro ponto de vista, se você procurar o bastante.

Ele tragou o charuto e prendeu a fumaça por muito tempo antes de sol-tá-la

num fio lento. MeLaan se afastou. Será que a raça dela precisava de sono? Ela insinuara que não, mas ele não podia ter certeza.

Sozinho com seu charuto, ele tentou pensar no que queria fazer. Voltar a Elendel, como imposto a ele pelos capangas de Elegante, ou perseguir o mistério, como imposto a ele pelos capangas de Harmonia. Rolou o brinco nos dedos e encarou o ódio que queimava dentro dele.

Ele nunca odiara Deus. Depois da suposta morte de Lessie pela primeira vez, ele não culpara Harmonia. Ferrugem! Mesmo quando a Sangradora levantou a questão de por que Harmonia não o ajudara, Wax não reagira com ódio.

Mas agora… Sim, o ódio estava ali. Você podia sofrer golpes nas Terras Brutas. Você perdia amigos. Às vezes, era obrigado a matar um homem que não queria matar. Mas uma coisa você nunca fazia: trair um companheiro. Amigos eram um privilégio muito raro naquelas terras, onde tudo parecia querer matar você.

Ao esconder a verdade dele, Harmonia o apunhalara pelas costas. Wax podia perdoar muitas coisas. Ele não estava certo de que essa era uma delas.

Seu charuto finalmente acabou. Suas perguntas permaneceram. No momento em que retornou ao acampamento, as brumas estavam se recolhendo para a noite. Ele alimentou os cavalos — seis deles, comprados na estação de carga do platô mais baixo de Nova Seran, juntamente com uma diligência completa usada para fazer viagens às Terras Brutas do Sul.

Eles tinham escapado por pouco. Levando a carruagem a galope, eles conseguiram descer as rampas antes da polícia, mas apenas porque Wax derrubara um cabo de teleférico.

A polícia não os perseguira depois, como se percebendo que não tinha recursos para caçar alguém como Waxillium, o Tiro da Alvorada, pelo menos não sem muito apoio. Wax ainda queria estar viajando. Embora estivesse exausto até os ossos, não podia se permitir, nem a ninguém, descansar demais. Só por garantia.

Enquanto os outros entravam no veículo, grogues, MeLaan tomava as rédeas e subia no assento do condutor. Wayne ocupou o assento ao lado dela, que deu um sorriso para ele.

— Para onde, chefe? — perguntou ela, virando-se para Wax. — De volta para casa?

— Não — respondeu Wax. — Vamos para Dulsing, o lugar que Wayne e

Marasi localizaram.

Na direção do projeto de construção.

— Vejo que descobriu outro ponto de vista — disse MeLaan.

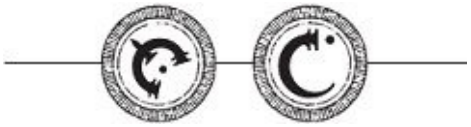
— Ainda não — disse Wax suavemente, subindo na diligência. — Mas vamos ver se Harmonia ousa tentar me dar um.



TERCEIRA PARTE



17



Quando jovem, Marasi tinha lido muito sobre a vida nas Terras Brutas e sabia o que esperar de uma viagem de diligência: tédio, poeira e desconforto.

Era maravilhoso.

Tinha que impedir a si mesma de ficar pendurada na janela como Wayne por vezes fazia, vendo a paisagem. Não estavam nas Terras Brutas, mas era suficientemente parecido. O cheiro dos cavalos, os calombos na estrada, o ranger da madeira e das molas… Ela tinha visto e feito algumas coisas impressionantes desde que conhecera Waxillium, mas *isso* realmente era como se estivesse vivendo uma aventura.

Waxillium estava reclinado à sua frente, com os pés ao lado dela no assento, um chapéu de aba larga sobre os olhos, o rosto com barba de um dia. Tirara as botas, que estavam no chão, ao lado da escopeta.

Parecia surreal lembrar que chegara a considerar ter uma relação com ele, agora que tanto tempo se passara trabalhando juntos. Não, ela não estava interessada, não mais. Mas *realmente* admirava a imagem perfeita dele ali: a arma, as botas e o chapéu.

Claro que aquela imagem era distorcida pela presença de Steris, encolhida no assento ao lado, roncando suavemente com a cabeça apoiada no ombro dele. Em que tipo de mundo bizarro a meia-irmã minuciosa de Marasi acabara naquela aventura? O lugar de Steris era numa sala de estar, com uma xícara de chá e um livro tedioso sobre horticultura, não cruzando o país numa diligência rumo a um possível exército de alomânticos. Mas ali estava ela, aninhada ao próprio Tiro da Alvorada.

Marasi balançou a cabeça. Ela não invejava Steris, o que era, francamente, impressionante, considerando sua criação. Era muito difícil odiar Steris. Você podia ficar entediada com ela, confusa ou frustrada, mas odiá-la? Impossível.

Marasi sacou seu caderno para continuar fazendo seu relatório para VenDell e

o comissário-geral Reddi, que esperava conseguir enviar antes de chegar a Dulsing.

Waxillium se ajeitou e empurrou o chapéu para trás, encarando-a.

— Você deveria dormir um pouco.

— Vou descansar quando pararmos.

— Pararmos?

Marasi hesitou. Eles já estavam viajando havia meio dia, evitando as estradas principais para fugir de possíveis perseguidores vindos de Nova Seran. Cruzaram diversos campos e gastaram uma hora inteira chacoalhando ao longo de um penhasco de pedra para evitar as fazendas abaixo, de modo a deixar menos sinais de sua passagem.

O caminho seguia quase diretamente para nordeste de Nova Seran, margeando as montanhas à direita e permanecendo nos sopés, o que significava algumas subidas e descidas, mas ainda em boa terra agrícola. Todas as terras da Bacia eram cultiváveis, mesmo ali no limite, onde o clima era mais seco que no centro.

— Achei que depois de termos parado ontem à noite… — começou Marasi. — Ora, você pretende ir direto para lá?

— “Direto” é um termo estranho, considerando o quanto MeLaan nos fez ziguezaguear para não sermos apanhados — disse Waxillium. — Mas sim. Não deve demorar mais de umas quatro horas.

Um trem poderia tê-los levado numa fração desse tempo e com conforto. Talvez as cidades externas tivessem razão ao reclamar de como as coisas funcionavam.

— Waxillium? — chamou Marasi quando ele se ajeitou novamente.

— Ahn?

— Você acha que eles são reais? Os Braceletes da Perdição?

Ele empurrou o chapéu totalmente para trás.

— Já lhe contei por que fui para as Terras Brutas?

— Quando jovem? Você foi porque você odiava a política, as expectativas. Uma sociedade educada que era tudo menos educada.

— Esse foi o motivo pelo qual deixei Elendel — corrigiu Waxillium. — Mas por que escolhi as Terras Brutas? Eu poderia ter ido para uma das cidades externas, poderia ter encontrado uma fazenda em algum lugar para ler livros e ter uma vida calma.

— Bem… — começou Marasi, franzindo a testa. — Acho que pensei que você sempre quis ser um homem da lei.

Waxillium sorriu.

— Gostaria de ter sabido isso com facilidade. Deveria ter sabido. Passei a infância denunciando as outras crianças por todas as pequenas coisas que faziam.

— E então?

Ele recostou, fechando os olhos.

— Eu estava caçando uma lenda, Marasi. Histórias sobre o ouro do Sobrevivente, riquezas a serem conquistadas, histórias a serem feitas.

— Você? — reagiu Marasi, chocada. — Você era um *cavalheiro aventureiro*?

Waxillium fez uma careta ao ouvir a expressão.

— Assim você faz com que eu pareça aquele idiota dos jornais. Vou lhe dizer, Marasi, os primeiros meses foram difíceis. Todas as cidades estavam cheias de desempregados com o fechamento das minas, e eu não podia entrar num *saloon* sem encontrar um jovem tolo como eu, vindo da Bacia, com a cabeça cheia de sonhos de glória e riqueza.

— Então você começou a caçar recompensas — disse ela. — Você me contou essa parte. Alguma coisa sobre botas.

— No final, sim — confirmou Waxillium, sorrindo. — Tive muitas dificuldades por lá antes de me voltar para as recompensas, mas inicialmente eu só tinha olhos para riquezas e ouro. Demorei um tempo para tirar isso da cabeça, mas, naquela época, mesmo virar um homem da lei foi motivado pelo dinheiro. Comecei a caçar homens por dinheiro. E, bem, sempre tive essa coisa em mim de não gostar de ver as pessoas sendo intimidadas. Acabei em Intempérie. Apenas mais uma cidade seca e esquecida nas Terras Brutas, com a qual ninguém se importava. Isso aconteceu seis anos antes de alguém me dar credenciais e oficializar meu trabalho.

A diligência sacudiu em suas travas. Marasi conseguia ouvir Wayne e MeLaan conversando. Desde que não estivessem se agarrando novamente enquanto tentavam conduzir…

— Quando VenDell nos contou sobre os Braceletes, desejei que não fossem reais — disse Waxillium, olhando pela janela. — Odiei a ideia de um sonho idiota me arrastando de novo, depois de finalmente ter encontrado estabilidade em Elendel. Não queria a tentação da excitação, a lembrança de um mundo que eu acabara amando lá na poeira.

— Então você acha que elas *são* reais.

— É o seguinte — disse ele, inclinando-se para a frente e fazendo Steris se mexer no sono. — Meu tio não teve tempo de gerar seus alomânticos, como suspeito que ele tem tentado fazer. Os planos que ele e o Grupo conceberam são um investimento a longo prazo. Mas ele prometeu *algo* a Kelesina e realmente soou como se achasse que podia entregar. Você está com o objeto?

Marasi tirou o pequeno cubo metálico da bolsa. Waxillium enfiou a mão no bolso e pegou a moeda, aquela que o pedinte aparentemente lhe dera. Colocou os dois juntos, sob a luz do sol que entrava pela janela e refletia no cubo, destacando os símbolos sobrenaturais em seus lados.

— Algo estranho *está* acontecendo, Marasi — disse Waxillium. — Algo importante o suficiente para chamar a atenção do meu tio. Não tenho as respostas. Preciso encontrá-las.

Ela se viu sorrindo com a intensidade nos olhos dele.

— Não foi o caçador de tesouros que o fez decidir ir para Dulsing. Foi o detetive.

Ele sorriu.

— Você estava escutando o que MeLaan me disse ontem à noite?

Marasi anuiu.

— Você deveria estar dormindo — disse Waxillium. Girou a moeda, pegou-a e jogou o cubo de volta para ela. — Procurar Aradel teria sido a decisão mais madura e prudente, mas tenho que encontrar as respostas. E quem sabe? Talvez os Braceletes sejam reais. Caso sejam, afastá-los de Elegante é *pelo menos* tão importante quanto informar o governador sobre o que aconteceu em Nova Seran.

— Você acha que seu tio está tentando criar alomânticos com tecnologia em vez de por reprodução.

— Um poder assustador nas mãos de um homem como o meu tio — disse Waxillium, recostando novamente no assento. — Vamos dormir. Provavelmente invadiremos esse projeto de construção durante a noite.

Ele se acomodou, colocando o chapéu sobre os olhos novamente. Marasi achou que deveria fazer o que ele disse, então tentou cochilar. Infelizmente, havia pensamentos demais em sua cabeça para que conseguisse dormir.

Depois de um tempo, ela desistiu e voltou ao relatório. Nele, explicou o que tinham feito e descoberto. Ela precisava mandar aquilo logo. Talvez conseguisse encontrar uma estação de telégrafo quando trocassem de cavalos e mandar o

relatório a tempo de fazer diferença.

Terminado o relatório, ela passou para suas anotações sobre a estaca desaparecida. Kelesina, agindo em prol do Grupo, tentara matar ReLuur e supusera ter tido sucesso. Quando o Grupo exigiu provas, ela ordenou que a estaca fosse desenterrada e enviou-a a Dulsing. Mas onde estaria guardada lá? Presumivelmente em algum lugar seguro. Como, afinal, ela poderia encontrá-la?

Ela ergueu o pequeno cubo. Elegante perguntara por ele. Será que ela poderia usá-lo de algum modo?

Marasi franziu a testa, virando o cubo. Os lados tinham pequenos sulcos entre si. Examinou mais atentamente e, à luz do sol, encontrou algo que não tinha visto antes. Uma pequena protuberância oculta num sulco. Parecia… bem, um interruptor. Alojado ali, onde não podia ser acionado acidentalmente.

Ela usou um grampo de cabelo para alcançar e acionar o interruptor. Ele se moveu como ela esperara.

Um interruptor. Parecia tão… mundano. Ou aquilo era uma relíquia mística ou envolvia alguma tecnologia secreta. Ninguém usava interruptores em relíquias; elas eram erguidas à luz das estrelas, entre frases de comando especiais ou uma dança no último dia do mês enquanto se comia um cunquate.

O interruptor parecia não ter feito nada. Então, Marasi engoliu e queimou uma pitada de cádmio.

O cubo começou a vibrar em seus dedos.

Depois, a diligência inteira deu um solavanco, sacudindo como se tivesse sido atingida por algo muito duro. Marasi bateu com a cabeça no teto e foi jogada de volta no assento.

Os cavalos relincharam, mas MeLaan, de algum modo, os controlou. Em momentos, a diligência foi detida.

— O que foi isso, inferno? — disse Waxillium, levantando-se do chão, onde havia caído embolado com Steris.

Marasi grunhiu, sentando-se e segurando a cabeça.

— Eu fiz algo idiota.

— Quão idiota? — perguntou Waxillium.

— Eu estava testando o aparelho e usei Alomancia — disse Marasi.

A cabeça de Wayne apareceu na janela da porta um instante depois, pendurado de cima da carruagem.

— Aquilo foi uma bolha de velocidade?

— Sim — respondeu Marasi.

— O maldito solavanco quase matou os cavalos — disse Wayne.

— Eu lamento, eu lamento.

Waxillium ajudou Steris a se sentar.

— O quê… O que deu errado? — perguntou ela, confusa.

— Marasi criou uma bolha de velocidade enquanto estávamos nos movendo — contou Waxillium. — Chegamos ao limite, estourando a coisa e passando de um momento para o seguinte.

— Mas ela criou uma bolha no trem — disse Steris.

— Bolhas de velocidade se movem com você caso esteja em algo suficientemente grande — explicou Waxillium. — Do contrário, o movimento do planeta a arrancaria de todas as bolhas que criasse. O trem era pesado e rápido. A diligência é pequena e lenta. Então…

— Então eu deveria saber que não podia fazer aquilo — disse Marasi, enrubescendo. — Não faço isso desde criança, mas, Waxillium, ele *zumbiu*.

— O quê?

— O cubo. Ele… — começou Marasi, dando-se conta de que, na confusão, largara o cubo. Procurou ao redor freneticamente até localizá-lo perto do seu pé. Ergueu-o, triunfante. — Ele tem um interruptor.

— Um interruptor?

Ela o virou de lado, mostrando o pequeno interruptor.

— É preciso enfiar algo pequeno para acioná-lo — explicou. — Mas agora ele funciona.

Ele olhou para aquilo, atônito, e depois o mostrou a Steris, que semicerrou os olhos.

— Que tipo de objeto esquisito tem um *botão de ligar*? — perguntou Steris.

— Acho que faz sentido — disse Waxillium. — Ninguém iria querer que um aparelho esquisito fosse ligado acidentalmente.

— Poderia acabar matando condutores de diligências — resmungou Wayne.

— Isso não interrompeu sua Alomancia? — perguntou Waxillium a Marasi, coçando o queixo.

Ela balançou a cabeça. Ainda podia sentir suas reservas de metal.

— Parece que não faz nada.

— Ahn — disse Waxillium, erguendo-o. — Pode ser perigoso.

— Então vamos testar? — perguntou Wayne, pendurado à janela.

— Claro que vamos — respondeu Waxillium. — Mas *longe* da carruagem.

Wax segurou o cubo. O objeto reagiu quando ele queimou metal, mas pareceu não fazer mais nada.

Tinham parado perto de um grupo de nogueiras enormes, e Wayne estava enchendo os bolsos enquanto Marasi observava Wax fazer experiências a uma distância segura. MeLaan dava água aos cavalos num riacho mais abaixo. Perto dali, um campo de cenouras mostrava seus brotos verdes, totalmente sem cuidados. O ar era fresco, de vida intocada.

Ele ergueu o cubo e parou de queimar seus metais. O cubo parou de vibrar. Queimou novamente, e o objeto reagiu, começando lentamente, mas acelerando após um ou dois segundos. Mas o que aquilo *fazia*? Por que não impedia sua Alomancia como tinha feito no trem?

Talvez não funcione na pessoa que o ativa, pensou. Isso faria algum sentido, embora ele não conseguisse imaginar como o cubo saberia.

— Ei, Wayne — chamou.

— Sim, meu chapa?

— Pegue.

Wax jogou o cubo para ele, e Wayne pegou, saltando quando seu cinturão, que continha os frascos de metais e moedas, foi arrancado de suas presilhas destacáveis e saiu voando. Ele se virou e o viu caindo no chão bons seis metros morro abaixo. Quando chegou perto, o cinturão fugiu.

Wax correu na direção de Wayne, e, ao fazer isso, a escopeta em seu coldre de perna resistiu, como se estivesse sendo *empurrada*. O efeito passou após alguns segundos, e quando ele chegou a Wayne, o cubo parara de zumbir.

Wayne ergueu o cubo.

— O que foi *isso*?

Wax tomou o objeto dos dedos dele enquanto Marasi corria para se juntar a eles.

— Ele não rouba Alomancia, Wayne. Nunca roubou.

— Mas…

— Ela usa o metal que alguém está queimando e… o estende — disse Wax.

— Você viu. Ele *empurrou* seu metal para longe, como se um Lançamoedas estivesse perto de você. O cubo usou Alomancia.

Os três ficaram atônitos, olhando para o pequeno aparelho.

— Precisamos tentar novamente — disse Wax. — Wayne, segure isso e queime sua curvaliga. Marasi, fique ali. Wayne, assim que estiver pronto, jogue o cubo para ela.

Eles fizeram isso. Wax recuou. Quando Wayne queimou seu metal, ficou borrado dentro de sua bolha de velocidade. O cubo zuniu em um piscar de olhos e depois voou pelo ar na direção de Marasi, um pouco desviado, mas ainda se movendo na direção certa.

Ativou-se pouco antes de chegar a ela, que se tornou um borrão, disparando para pegar o cubo e depois disparando de volta. Passou uma contagem até dez antes que o cubo parasse de funcionar, devolvendo-a ao tempo comum.

— Você viu isso? — perguntou Marasi, assombrada, segurando o cubo. — Ele criou uma bolha de velocidade para mim. Ele *consumiu* a Alomancia de Wayne e a replicou!

— Então é o que estávamos procurando? — perguntou Wayne, juntando-se a eles, tendo dissolvido sua própria bolha.

— Não exatamente — respondeu Wax, pegando o cubo e erguendo-o. — Mas certamente é encorajador. Aparentemente, é preciso ser alomântico para usar isto; ele não dá novos poderes, mas estende aqueles que a pessoa já tem. É como… como uma granada alomântica.

Marasi anuiu, ansiosa.

— O que significa que o homem no trem, aquele que usou isto em nós, é um Sugador. Ele pode retirar a Alomancia de outros e deu esse poder ao cubo, que depois jogou em você.

— Ele começa a funcionar um ou dois segundos depois que você joga — disse Wax, anuindo. — Útil.

— É prova de que Elegante está escondendo tecnologia — acrescentou Marasi.

— Nós já sabíamos pelo equipamento de comunicação, mas, sim, isto é ainda mais curioso — lembrou Wax. — Estou um pouco tentado a pensar que toda essa história sobre os Braceletes da Perdição é fruto de boatos sobre essa tecnologia que o Grupo está desenvolvendo.

— E os símbolos?

— Não faço ideia — respondeu Wax. — Algum tipo de código que eles desenvolveram?

Ele tamborilou no cubo e deu a coisa para Marasi.

— Por que eu? — perguntou ela.

— É seu. Você o encontrou; você descobriu como ligar. Além disso, tenho a sensação de que será mais eficaz nas suas mãos.

Ela o segurou por um momento e, então, seus olhos arregalaram. Ser um Pulsador não era muito útil quando você se prendia numa bolha onde o tempo se movia lentamente. Contudo, se você pudesse prender *alguém* nessa bolha…

Wayne assoviou suavemente.

— Vou tentar não o perder — disse Marasi, guardando o aparelho. — Vamos precisar estudá-lo depois, descobrir como funciona.

Eu me pergunto…, pensou Wax, lembrando-se de outra coisa. Brincou com a ideia, enfiando a mão no bolso e tirando o bracelete de ouro que Kelesina usava.

Ele o jogou para Wayne.

— O que é isto? — perguntou Wayne, erguendo-o para o céu. — Uma bela argola de ouro. Com quem você trocou? Eu poderia usar isto, meu chapa. Daria uma bela mente de metal.

— Acho que já é uma — disse Wax, murchando. Havia sido uma ideia boba.

Wayne engasgou.

— O quê? — perguntou Marasi.

— É uma mente de metal — contou Wayne. — Maldição, é mesmo. E eu posso *sentir*. Wax, sua faca está com você?

Wax anuiu, sacando a faca do cinturão. Quando Wayne estendeu a mão, ele abriu um pequeno corte. Cicatrizou imediatamente.

— Meu chaaaaapa… — sussurrou Wayne. — É a mente de metal de outra pessoa, mas eu posso *usar*.

— Como VenDell disse — falou Wax, tomando o bracelete dos dedos de Wayne. — Uma mente de metal sem identidade. Ferrugem! Tenho que queimar meu metal para conseguir notar uma linha *muito fraca* apontando para ela. Esta coisa deve estar cheia de poder.

Mais cheia do que qualquer mente de metal que ele já sentira, na verdade. Normalmente, conseguia *empurrá-las* sem grande dificuldade, mas mal conseguira virar aquela.

— Por que não notei imediatamente o que era? — perguntou Wayne. — Precisei que me dissessem. E, ah, Ferrugem! Isto é prova dos Braceletes da Perdição, não é?

— Não — disse Wax. — *Eu* não posso sentir uma reserva no bracelete. Não posso usar isto, já que não sou um Criassangue. Não é uma mente de metal que qualquer um possa usar, apenas alguém com os poderes certos.

— Ainda assim é impressionante — disse Marasi.

— E perturbador — acrescentou Wax, olhando para aquela argola de aparência inocente. A única forma de criar aquilo envolveria um feruquemista com dois poderes. Então, ou o Grupo tinha acesso a feruquemistas puro-sangue ou seus medos tornavam-se realidade. Eles haviam descoberto como usar Hemalurgia.

Ou é uma relíquia, pensou. *Há essa possibilidade*. Talvez aquilo e a caixa fossem artefatos de outra época.

Ele jogou o bracelete de volta para Wayne.

— Quanto poder de cura há nele?

— Um montão — respondeu Wayne. — Mas não é infinito. O reservatório diminuiu quando curei aquele corte.

— Então fique com isso — disse Wax, virando-se ao ouvir seu nome.

MeLaan estava no limite da clareira, acenando. Wax deixou Wayne e Marasi, indo a passos largos até a alta e magra kandra, ainda preocupado com o significado daquelas descobertas. O que o bracelete indicava? Haveria mais a ser descoberto? Mentes de metal que davam incríveis poderes a qualquer um que as tocasse? Pela primeira vez, ele realmente começou a imaginar isso. E se os Braceletes *fossem* reais? O que aconteceria à sociedade se os poderes dos Nascidos do Metal fossem simplesmente algo que se pudesse comprar?

Ele chegou a MeLaan.

— Acho que você vai querer ver isso — disse, acenando para que a seguisse até o alto de uma colina íngreme coberta de folhagem.

De lá, eles tinham uma vista da terra a nordeste. Uma parte era cultivada em fileiras e anéis, mas muito era como aquilo que já tinham visto: natureza selvagem brotando em grupos aleatórios de frutas ou legumes. Uma brisa fresca batia nele, mal suficiente para reduzir o calor do sol.

Ver a paisagem e sentir aquela brisa perfeita fez Wax se dar conta do que o incomodava tanto nos problemas entre Elendel e as cidades externas. Será que

aquelas pessoas compreendiam como era a vida nas Terras Brutas, onde a agricultura era cheia de incertezas e o risco de fome era real?

Eles acham que as pessoas são tolas por viverem nas Terras Brutas, pensou Wax, pegando a luneta antiquada que MeLaan lhe dava. *Eles não entendem como é passar gerações preso lá, sendo pobre demais, ou teimoso demais, para voltar à Bacia.*

A liberdade nas Terras Brutas tinha um custo. Fosse como fosse, a Bacia era literalmente um paraíso, criado para os homens por um Deus que quisera compensar o mundo por um milênio de cinzas e ruína. Parecia que, mesmo no paraíso, os homens encontravam motivos para discutir e lutar.

Wax ergueu a luneta.

— O que estou procurando?

— Confira a estrada um quilômetro e meio acima — explicou MeLaan. — Junto àquele riacho com uma ponte.

Ele identificou dois homens descansando num campo com seus machados. Pela aparência, tinham estado cortando o tronco de uma árvore morta. Outra árvore caída cruzava a estrada.

— O que você vê? — perguntou MeLaan.

— Um bloqueio de estrada que não quer parecer um — respondeu Wax. — Aquela árvore foi colocada para parecer ter caído ali, mas os sulcos no terreno indicam que foi arrastada para lá intencionalmente e movida uma ou duas vezes desde que colocada.

— Bons olhos — disse MeLaan.

— Eles têm dono — disse, virando a luneta e olhando na direção das fazendas. — Eu diria que há soldados instalados naquela casa de fazenda ali. Não há fumaça se erguendo das chaminés de nenhuma das outras casas. Provavelmente abandonadas. É difícil encontrar uma casa de fazenda sem comida no fogão a esta hora do dia.

— Estão esperando por nós?

— Não, isto é grande demais — discordou Wax. — Este é um perímetro. Eles estão tentando fazer com que não pareça um, para impedir que a notícia corra, mas isolaram a área inteira. O que pode estar acontecendo lá?

MeLaan balançou a cabeça, parecendo confusa.

— Bem, não podemos levar a carruagem adiante — disse Wax, devolvendo a luneta. — Você cavalga bem?

— Bem, não derrubei nenhum cavaleiro recentemente, mas não costumo ter a oportunidade de ser um cavalo, então não sei como me sentirei hoje.

Wax piscou.

— Ah, você quis dizer se cavalgo bem *em* um cavalo — disse MeLaan. — Sim, cavalgo bem. Duvido que serei aquela com quem você terá que se preocupar.

Ela apontou com a cabeça para Steris, que caminhava pela clareira, seguida por Wayne, que enchera o chapéu de nozes.

— Certo — disse Wax.

Com sorte, alguns dos seus cavalos seriam dóceis.

O crepúsculo tomou a terra de modo irregular, como um olho cansado lutando para permanecer aberto. Wax percebeu que isso era resultado da variedade da terra ali no sul. Em um momento, você podia estar cavalgando por um vale arborizado, nas sombras, e, no seguinte, subindo uma colina até um campo aberto e descobrindo que o sol ainda não havia mergulhado no horizonte.

Ainda assim, a escuridão acabou chegando, mas as brumas não vieram junto. Wax se deu conta de que estivera ansiando por ser novamente envolvido por elas.

MeLaan liderava o grupo, mantendo-se em áreas arborizadas quando possível. Ela ou Wayne faziam incursões à frente, procurando patrulhas, mas o Grupo estava tentando controlar uma área tão grande que evidentemente não conseguia vigiar toda a vegetação. Marasi, claro, era uma ótima amazona, e parecia contente de ter um motivo para vestir o paletó e as calças de policial.

Steris o surpreendera. Ela se saiu bem, mesmo cavalgando de saia. Tinha trazido uma grande o suficiente para enfiá-la sob o corpo e cavalgar sem se expor demais. Fez isso sem queixas, como tinha feito praticamente tudo mais naquela viagem.

As poucas fazendas ou campos de caça pelos quais passaram estavam vazios. Wax sentia uma inquietação crescente. Sim, aquela podia ser uma região pequena e em grande medida desabitada nos limites da Bacia, mas ainda era profundamente perturbador que o Grupo pudesse dominá-la tão amplamente.

Assim que chegaram ao último grupo de árvores perto da aldeia, MeLaan foi à frente, no papel de batedora, e depois voltou e acenou para que Wax a seguisse. Ele se arrastou para cima a fim de olhar para a aldeia desde a linha das árvores.

Holofotes elétricos potentes iluminavam o perímetro ao redor de uma estrutura enorme no que obviamente havia sido o centro da aldeia de Dulsing. Era feita de madeira, sem janelas, enorme, e ainda estava sendo construída, a julgar pelos andaimes nas laterais e o teto incompleto. Os prédios da cidade haviam sido derrubados, em sua maioria, deixando intactos apenas alguns no perímetro.

O prédio emitia uma luz quente pelo teto aberto. De onde conseguiam tanta eletricidade? MeLaan lhe deu a luneta, e ele a ergueu, estudando o perímetro. Os homens que viu ali eram soldados, sem dúvida, vestindo uniformes vermelhos com uma marca no peito que não era possível identificar àquela distância. Levavam rifles nos ombros, e os holofotes criavam um anel brilhante ao redor do lugar. Haviam sido voltados para fora, não na direção do prédio, o que deixava muitas áreas de sombras dentro do anel. Eles teriam proteção assim que tivessem atravessado o perímetro.

— O que acha? — perguntou ele. — É algum tipo de bunker?

— Não parece com nenhum forte que *eu* tenha visto — disse MeLaan. — Com aquelas paredes frágeis? Parece mais um grande armazém.

Um armazém tão grande quanto uma pequena cidade. Wax balançou a cabeça, assombrado. Depois, identificou algo na extremidade da aldeia. Uma cachoeira? Estava fora do alcance das luzes, mas ele achava que conseguia ver névoa se erguendo de onde ela caía e um pequeno riacho corria pela aldeia.

— Terreno alto naquela direção — disse ele.

— É — concordou ela. — Os mapas mencionam aquela queda-d’água. Pequena, mas supostamente bonita.

— Devem ter instalado uma turbina — disse ele. — É de lá que vem a energia. Vamos voltar até os outros.

Eles se arrastaram novamente pela vegetação rasteira até onde Wayne, Marasi e Steris aguardavam no bosque escuro.

— Eles realmente estão aqui — sussurrou Wax. — Temos que descobrir um modo de entrar. Toneladas de soldados. Perímetro bem guardado.

— Entre voando — sugeriu Steris.

— Não vai funcionar — disse Wayne. — Eles tinham um Buscador na festa; acha que não terão um aqui? No instante em que um de nós queimar metal, atrairemos cem dos capangas de Elegante para nos dar as boas-vindas com um aperto de mão e um pouco de assassinato amigável.

— Então o quê? — perguntou Marasi.

— Tenho que ver — disse Wayne.

— Achamos que teremos um ponto de vista melhor do outro lado — disse Wax. Ele apontou, e MeLaan abriu caminho na escuridão, levando seu cavalo entre as árvores enormes. Wax ficou com Steris, na retaguarda do grupo, e manteve certa distância para poder conversar com ela em particular.

— Steris — sussurrou. — Estive pensando em como proceder assim que tivermos decidido como infiltrar o lugar. Pensei em levar você conosco, mas simplesmente não acho que isso seja factível. Acho que seria melhor ficar e cuidar dos cavalos.

— Muito bem.

— Não, é sério. São *soldados armados*. Não consigo sequer imaginar como me sentiria se eu a levasse para lá e algo acontecesse. Você precisa ficar aqui.

— Muito bem.

— Isto não está sujeito… — começou Wax, mas depois hesitou. — Espere. Você se sente bem com isso?

— Por que não me sentiria? Mal tenho noção de para onde apontar uma arma e não exibo a capacidade de me esgueirar; esse é um talento bastante escandaloso quando se pensa nisso, Lorde Waxillium. Embora eu *realmente* acredite que as pessoas tendem a estar mais seguras perto de você, cavalgar para dentro de um complexo inimigo é forçar um pouco essa percepção. Ficarei aqui.

Wax sorriu no escuro.

— Steris, você é uma joia.

— O quê? Por eu ter uma noção de autopreservação moderadamente saudável?

— Digamos que, nas Terras Brutas, eu me acostumei a pessoas que sempre querem tentar coisas além de sua capacidade. E elas sempre pareciam determinadas a fazer isso quando era mais perigoso.

— Bem, vou tentar ficar escondida e não ser capturada — disse Steris.

— Duvido que você precise se preocupar com isso aqui.

— Ah, concordo — retrucou ela. — Mas esse é o tipo de anomalia estatística que atormenta a minha vida, então ainda assim vou me preparar para isso.

Com alguma dificuldade, eles chegaram ao limite leste da cidade, onde deixaram Steris e os cavalos. Wax pegou suprimentos no animal de carga.

Frascos de metais, balas, muitas armas, incluindo a de alumínio que roubara na casa de Kelesina. E o último dos mecanismos de bola e cordão de Ranette, que enfiou na bolsa de seu cinturão.

Depois de subir em ziguezague, eles conseguiram se instalar num pico escuro acima da cachoeira, que não era de modo algum tão impressionante quanto ele imaginara, e estudar a cidade. Bem, os restos dela.

— Gostaria de ver aquele prédio — disse Marasi, devolvendo a luneta.

Wax grunhiu, concordando. Eles estavam *quase* alto o suficiente para ver o que acontecia do lado de dentro. Certamente aquelas luzes revelavam uma grande atividade: pessoas se movendo abaixo, passando diante das fontes de luz na grande câmara. Mas o que estavam fazendo e por que ainda estavam trabalhando com a noite bem adiantada?

— Vai ser difícil penetrar lá — disse Wayne.

— Você poderia matar um dos guardas para mim — disse MeLaan, acomodando-se numa pedra. — Eu o comeria, assumiria sua forma e assim conseguiria colocá-los lá dentro.

Wax piscou e espiou Marasi, que parecia nauseada.

— Vocês realmente precisam parar de me olhar assim quando ofereço sugestões pragmáticas — reclamou MeLaan.

— Não é pragmatismo — discordou Marasi. — É canibalismo.

— Tecnicamente não, já que somos espécies diferentes. Sinceramente, se você estudar nossa fisiologia, eu tenho menos em comum com vocês do que vocês têm com uma vaca, e ninguém fica surpreso quando vocês comem uma vaca. Você não teve problema com isso quando assumi o corpo da guarda-costas de Innate.

— Ela já estava morta — disse Wax. — Obrigado por sua sugestão, MeLaan, mas conseguir o corpo de um guarda para você está fora de questão.

— Não gostamos de matar pessoas — disse Wayne. — Pelo menos não antes que elas comecem a atirar em nós. São apenas sujeitos fazendo seu trabalho.

Ele olhou para Marasi, como se pedindo apoio.

— Não olhe para mim — disse Marasi. — Estou perturbada por ver *você* tentando assumir uma postura moral.

— Concentre-se, Wayne — disse Wax. — Como vamos entrar? Podemos tentar um Cinto Gordo?

— Não, barulhento demais — respondeu Wayne. — Acho que devíamos

tentar o Tomate Estragado.

— Perigoso — devolveu Wax, balançando a cabeça. — Eu teria que conseguir o lançamento perfeito, entre o perímetro iluminado e a parte nas sombras perto das paredes.

— Você consegue. Você faz isso o tempo todo. Aliás, temos essa nova mente de metal reluzente e cheia de saúde esperando para ser sugada.

— Um erro poderia arruinar toda a infiltração, com ou sem poder de cura — argumentou Wax. — Acho que deveríamos fazer o Agachado entre Nuvens.

— Está brincando? — reagiu Wayne. — Você não levou um *tiro* na última vez que tentamos isso?

— Meio que levei — admitiu Wax.

MeLaan os encarou, espantada.

— Agachado entre Nuvens?

— Eles têm essa coisa — disse Marasi, dando um tapinha no ombro dela. — Melhor não prestar muita atenção.

— Corrida no Tubo — sugeriu Wayne.

— Sem cola.

— Lançador de Desgraça?

— Escuro demais.

— Pisada Dupla da Guarda Negra.

Wax hesitou.

— O que diabos é isso?

— Acabei de inventar — disse Wayne, sorrindo. — Mas é um belo codinome, não?

— Não é ruim — admitiu Wax. — E que tipo de plano é?

— Igual ao Tomate Estragado.

— Eu disse que é perigoso demais.

— Nada mais vai funcionar — disse Wayne, levantando-se. — Olhe, vamos ficar sentados aqui, discutindo, ou vamos fazer isso?

Wax refletiu por um momento, olhando a área. Será que ele conseguiria o lançamento perfeito?

Mas tinham um plano melhor? Aquele perímetro estava muito bem guardado, mas era uma noite escura. Se sua vida nas Terras Brutas lhe ensinara algo, era

confiar em seus instintos. Infelizmente, naquele momento, eles concordavam com Wayne.

Então, antes que pudesse mudar de ideia, sacou a escopeta do coldre e jogou-a para Wayne. O homem mais baixo a pegou com desgosto, já que armas e Wayne não combinavam. Seus braços imediatamente começaram a tremer.

— Tente segurar firme — disse Wax. — Abra uma brecha no lado norte, se puder.

Ele aumentou seu peso, queimou metal e *empurrou* a arma, usando-a como âncora para arremessar Wayne para fora da projeção rochosa e sobre o campo. O homem subiu com o *empurrão* antes de cair pela escuridão por cerca de quinze metros na direção do solo.

Marasi perdeu o ar.

— Tomate Estragado? — perguntou.

— É — respondeu Wax. — Aparentemente, há alguma sujeira quando ele cai.

À ferrugem com aquele Wax, pensou Wayne enquanto despencava rumo ao solo, sob o chapéu que voava da sua cabeça. *Jogar uma arma para alguém sem nem avisar. Ora, isso é simplesmente…*

Ele bateu no chão.

Bem, havia um truque ao cair para a morte. Corpos são *barulhentos* quando acertam o chão. Mais barulhentos do que qualquer um esperaria.

Ele reduziu isso batendo primeiro com os pés, e ambas as pernas quebraram imediatamente. Depois, girou de lado, quebrando o ombro, mas abafando um pouco o som ao rolar com o impacto. Ativou sua nova e bela mente de metal pouco antes de sua cabeça bater no chão, deixando-o tonto.

Ele acabou amassado e quebrado ao lado de um monte de pedras. *Claro* que Wax o mandaria para um monte de pedras. Quando sua visão clareou, ele tentou olhar para as pernas, mas não conseguiu se mover. Na verdade, não conseguia sentir nada, o que era bastante agradável. Era sempre bom quando partia a coluna; isso ajudava com a dor.

Não que a dor sumisse *completamente*, veja bem, mas ele e a dor eram velhos amigos que trocavam um aperto de mão e tomavam uma cerveja juntos de vez em quando. Não gostavam muito um do outro, mas tinham uma relação de trabalho. As sensações, junto com a agonia, retornaram quando a mente de metal curou sua coluna, concentrando-se primeiro nos piores ferimentos. Ele respirou

fundo. Uma coluna partida podia sufocar um homem. As pessoas não sabiam disso. Ou, melhor, aquelas que *sabiam* já tinham sufocado.

Assim que conseguiu se mexer, mesmo enquanto suas pernas curavam, ele se virou e usou o braço bom para colocar uma das pedras grandes na pilha. Parecia que aquelas pedras estavam ali para conter o riacho, talvez para criar um caminho por ele. Wayne deu-lhes um bom uso, estendendo a outra mão enquanto o ombro se curava. Wax o colocara bem, justo na área escura entre os postos de vigilância no perímetro e o prédio. Mas isso não significava que estava seguro.

Wayne ficou de pé com dificuldade, arrastando a arma de Wax, sacudindo a perna enquanto os ossos se religavam. Aquele bracelete de ouro era uma senhora mente de metal. Uma cura ampla como essa teria lhe custado semanas poupando saúde, mas aquela mente de metal ainda estava quase cheia.

Cambaleou o mais silenciosamente que pôde, deixando uma grande pedra equilibrada sobre as outras enquanto buscava um lugar mais fundo nas sombras. Depois, escondeu a arma perto do prédio para que sua maldita mão parasse de tremer.

Ele saiu dali bem a tempo. Uma dupla de soldados se aproximava, vinda do perímetro.

— Foi aqui — disse um deles. Quando chegaram mais perto, um dos holofotes se virou e iluminou a área, quase expondo Wayne. Ele ficou paralisado nas sombras, perto de uma pilha de equipamentos de trabalho, suando enquanto seus dedos do pé estalavam suavemente e os ossos raspavam uns nos outros enquanto voltavam a seus devidos lugares.

Os guardas não ouviram. Foram até onde ele tinha caído e olharam ao redor. Nada de molho de tomate dessa vez, felizmente. Um deles raspou acidentalmente na pedra, que caiu do pico onde Wayne a colocara, rolando pela pequena pilha e batendo nas outras pedras. Os homens olharam para aquilo e anuíram, dando uma olhada rápida no lugar, mas voltando a seus postos e virando a luz para uma área próxima. Concluíram que o barulho que tinham ouvido fora apenas das pedras. Nada significativo.

Wayne se levantou, no escuro, e parou de usar a mente de metal. Sentia-se bem. Renovado, como sempre ficava depois de uma grande cura. Sentia-se como se pudesse fazer algo impossível, subir uma montanha correndo ou comer sozinho uma travessa inteira de javali com batatas no Findley’s.

Esgueirou-se das sombras para cuidar de assuntos importantes. Felizmente, achou seu chapéu quase imediatamente, perto de outra pilha de pedras. Então,

voltou-se para questões menos importantes, como criar uma oportunidade de penetração para os outros.

Wax tinha pedido que abrisse uma brecha no lado norte. *Vamos ver…* Ele se manteve perto do prédio, resistindo à ânsia de penetrar sozinho e descobrir o que, em nome de Ruína, havia lá dentro.

Hora de pensar como um guarda. Era difícil, já que ele não tinha um chapéu de guarda. Ficou nas sombras e escutou enquanto uma dupla deles passava em patrulha, digerindo seu sotaque como se fosse *pretzels* com mostarda.

Após observar por quinze minutos, ele escolheu um candidato e o acompanhou enquanto o homem fazia a ronda, embora Wayne permanecesse nas sombras. O sujeito comprido tinha um rosto de coelho, mas era alto o suficiente para provavelmente ser capaz de pegar todas as nozes que quisesse sem precisar de uma escada.

Aqui estou eu, no meio do nada!, pensou Wayne. *Protegendo um armazém grande e velho. Não foi para isso que me alistei. Não vejo minha filha há oito meses. Oito meses! Ela provavelmente já está falando. Ferrugem! Que vida.*

O homem se virou para fazer a ronda no outro sentido, e alguém rosnou para ele numa das estações com holofotes, dizendo algo que Wayne não conseguiu ouvir. O tom, porém, era inconfundível.

E meus superiores, pensou Wayne, virando-se e esgueirando-se pelas sombras, ainda seguindo o ritmo do homem. *Ah, como eles me pressionam! Toda coisinha me vale uma bronca. Gritos. A vida não passa disso. Ouvir gritos todos os dias.*

Wayne sorriu e se adiantou ao homem, procurando algo em que pisara mais cedo. Um conjunto de fios pretos, grossos como seu dedo, ligados a uma grande caixa perto do prédio. Quando o guarda chegou, caminhando sem prestar muita atenção, Wayne cuidadosamente ergueu os cabos.

O pé do guarda se prendeu neles. Naquele momento, Wayne os arrancou da caixa. Os holofotes mais próximos se apagaram.

Homens começaram a gritar imediatamente. O guarda entrou em pânico na escuridão.

— Me desculpe! — gritou. — Não tinha intenção. Não estava olhando para o chão!

Wayne se afastou e encontrou um belo nicho entre duas pilhas de sacos de areia enquanto os guardas gritavam e discutiam, e o pobre homem tomava uma bronca. Algumas pessoas chegaram para arrumar os cabos, mas Wayne os tinha

jogado para os lados, de modo que demoraram algum tempo procurando até encontrar as pontas e ligar.

As luzes se acenderam novamente. Wayne estava tomando um grande gole de seu cantil de couro quando Wax, Marasi e MeLaan se juntaram a ele nas sombras.

— Muito bom — sussurrou Wax.

— Na verdade, não — respondeu Wayne, baixinho. — Foi bastante mau. Aquele pobre guarda não fez nada de errado, e todo mundo fica gritando com ele.

Wax assumiu a liderança, avançando pela lateral da grande construção que lembrava um armazém. O teto não era a única coisa ainda não terminada: as entradas eram abertas, sem portas. Eles pararam ao lado de uma, e Wayne apontou, sussurrando para Wax sobre onde escondera a escopeta.

Wax a pegou e se esgueirou pela entrada. Eles o seguiram, com Wayne por último. O interior cavernoso era iluminado por algumas lanternas elétricas aqui e ali, e passaram por uma comprida estrutura de iluminação que obviamente ia ser instalada no teto assim que o telhado fosse concluído. Era mais claro do que lá fora, mas não muito, e havia pilhas de caixas e suprimentos dispostos em filas, o que lhes permitia esgueirar e permanecer ocultos. Assim que chegaram à frente das filas de caixas, Wax hesitou, e as duas mulheres olharam dos lados dele. Eles não permitiam que Wayne tivesse uma boa visão do que acontecia à frente, e era sempre assim. Primeiro, gritavam com ele no trabalho, depois aquilo.

Ele se meteu entre eles, enfiando o cotovelo na cintura de Marasi, o que lhe rendeu um olhar de raiva, como se ela não conhecesse o devido protocolo de se mover numa multidão, que envolvia fazer amizade com as extremidades dos outros. Ele conseguiu espiar entre Wax e MeLaan, finalmente tendo um vislumbre do que os detivera. Era um barco.

Claro que a palavra “barco” não fazia justiça à coisa. Wayne olhou para a enorme construção, procurando uma descrição melhor. Uma que transmitisse a majestade, a escala inacreditável da coisa que estava vendo.

— Esse é um *senhor barco* — disse ele finalmente.

Muito melhor.

Por que eles estariam construindo um barco ali, a quilômetros do oceano? Não seria fácil deslocar aquilo. Ocupava quase o prédio inteiro, com um fundo curvo e uma proa, não terminada de um lado, mas que tinha facilmente três andares de

altura. A coisa tinha duas compridas extensões parecidas com braços nos lados. Pontões? Eram grandes, e um ainda não estava pronto, terminando numa linha irregular.

Irregular? Wayne franziu a testa. Aquilo não parecia o modo como se construía algo. Na verdade, agora que ele a estudava, aquela proa parecia mais *danificada* do que *não terminada*.

— Alguém o quebrou — disse Wayne, apontando. — Estavam tentando movê-lo e quebraram um dos pontões.

— Tem que ser um navio de guerra — disse Marasi. — Eles *estão* se preparando para uma guerra.

— Acho que Wayne está certo — concordou Wax. — Olhem os sulcos na terra, os danos no casco. Eles estavam transportando essa coisa, e ela se soltou e quebrou. Então, o Grupo construiu este prédio para esconder o barco enquanto o consertam.

— Engenheiros — disse Wayne, apontando para pessoas que *obviamente* eram tipos inteligentes e caminhavam do lado de fora do navio e apontavam, levando pranchetas e vestindo ternos ou saias marrom-escuros. Do tipo que professores usariam em escolas achando que estavam no auge da moda.

— Não é como nenhum navio que eu tenha visto — disse Marasi, colocando a bolsa no ombro e agarrando o rifle.

— Você trouxe sua bolsa numa infiltração arriscada? — perguntou Wayne.

— Por que não? — respondeu ela. — Bolsas são práticas. Seja como for, se o Grupo tem tecnologias como aquele telégrafo de voz, o que colocará num navio como este? E por que o construíram tão longe do mar, para começar?

— Elegante deve ter as respostas — disse Wax, apertando os olhos. — Marasi, suponho que ainda esteja atrás da estaca…

— Sim — respondeu ela, determinada.

— Vou procurar meu tio. Quem você quer? Wayne ou MeLaan?

— MeLaan desta vez — respondeu Marasi.

Wax anuiu.

— Permaneçam escondidas, mas, se Wayne e eu formos vistos, tentem ajudar. Faremos o mesmo por vocês. Se achar aquela estaca, volte para cá e fique abaixada. Se tudo der certo, sairemos juntos.

— E se tudo não der certo?

— E não dará — acrescentou Wayne.

— Nós nos encontramos onde deixamos Steris e os cavalos — respondeu Wax, sacando uma arma do coldre lateral. MeLaan fez o mesmo, só que seu coldre era sua *perna*. A pele se abriu, e ela enfiou a mão por uma fenda nas calças e sacou a arma, uma coisa lisa e brilhante de cano longo.

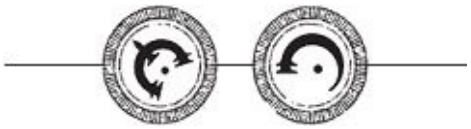
Wayne assoviou baixo. Ela sorriu e lhe deu um beijo.

— Tente não ser baleado demais.

— Você também — respondeu ele.

Eles se separaram.

18



Marasi se esgueirou pelo galpão, sentindo a correia do rifle pesando desconfortável em seu ombro. Ela estava contente pelas calças, que eram mais silenciosas que saias farfalhantes, mas continuava temendo que os cientistas e operários notassem o som de suas botas na terra batida.

Provavelmente não notariam. O galpão não era exatamente silencioso. Embora fosse noite, e houvesse menos atividade, algumas pessoas ainda trabalhavam. Ao longo de uma das laterais, alguns carpinteiros serravam tábuas, cada movimento ecoando nas paredes. O grupo de engenheiros soltava exclamações enquanto debatia aspectos da grande nave.

Parecem surpresos com ele, pensou Marasi. *Como se não fossem aqueles que o construíram*. Será que eram novos no projeto?

Guardas se espalhavam pelo galpão, mas não eram de modo algum tantos quanto os do lado de fora. Ela e MeLaan se mantiveram no limite sombreado do galpão, perto das pilhas de caixas e suprimentos, mas ainda tinham que passar desconfortavelmente perto de um grupo de soldados jogando cartas numa pequena mesa.

Os soldados não as notaram. Finalmente, MeLaan e Marasi conseguiram chegar à parede sul, que era um dos lados compridos do prédio retangular. Ali haviam sido construídas salas que estavam mais bem-acabadas que o resto, com portas e às vezes janelas.

— Alojamentos? — sussurrou Marasi, apontando.

— Talvez — respondeu MeLaan, agachada ao lado dela — Então, como vamos encontrar a estaca?

— Imagino que esteja em algum tipo de cofre.

— Talvez — falou MeLaan. — Ou pode estar na gaveta da escrivaninha de uma dessas salas ou guardada numa caixa… Ou, inferno, eles podem simplesmente tê-la jogado fora. Elegante só a queria como prova de que o pobre

ReLuur havia sido eliminado.

Marasi respirou fundo.

— Se esse for o caso, teremos que interrogar Elegante assim que Waxillium o encontrar, mas não acho que tenham jogado fora. Sabemos que o Grupo está pesquisando meios de criar alomânticos e que está interessado em Hemalurgia. Eles estudariam a estaca em vez de jogá-la fora.

MeLaan anuiu, pensativa.

— Mas ainda pode estar praticamente em qualquer lugar.

Perto dali, os cientistas, liderados por um homem que mancava, subiram uma rampa, olhando para dentro da lateral aberta do barco. *É ele*, pensou Marasi. O mesmo do assalto ao trem. Estava mostrando o projeto aos recém-chegados.

Eles entraram.

— Tive uma ideia — disse Marasi.

— Quão maluca ela é?

— Menos maluca que arremessar Wayne.

— Não é um bom parâmetro, mas tudo bem. Como começamos?

Marasi apontou para o buraco no casco pelo qual os cientistas tinham entrado.

— Nós entramos ali.

Wax avançou por trás dos paletes de suprimento na direção oposta de Marasi, sentindo-se como se estivesse passando pelas sombras do progresso. Ele refletia sobre as mudanças pelas quais Elendel passara durante a sua ausência: carros motorizados e luzes elétricas, arranha-céus e estradas de concreto. Era como se tivesse deixado um mundo e retornado a outro.

Aquilo parecia apenas o começo. Enormes navios de guerra. Tecnologia que aumentava poderes alomânticos. Braceletes que um feruquemista podia encher e outro podia usar. Não conseguia evitar se sentir intimidado, como se aquele barco gigantesco fosse um soldado de outro tempo que viera para esmagar todas as velhas relíquias empoeiradas como Wax.

Parou ao lado da última pilha de tábuas, com Wayne atrás dele. O homem pegou seu cantil, que era feito de um couro resistente e duro, com a forma de uma pequena garrafa. Tomou um gole e ofereceu a Wax, que aceitou e virou a bebida.

Tossiu de leve.

— Suco de maçã?

— Faz bem ao corpo — respondeu Wayne, guardando o cantil.

— Eu não esperava isso.

— É preciso deixar o estômago na dúvida, meu chapa — disse Wayne. — Ou ele ficará acomodado e tudo mais. Como vamos achar seu tio?

— Com um bom ponto de vista? — sugeriu Wax, apontando com a cabeça para o meio do galpão, onde uma rede complexa de passarelas construídas para uso temporário circundava o interior do prédio. Não estavam ocupadas à noite. — Teremos uma visão da área inteira e não chamaremos muita atenção.

— Parece bom — respondeu Wayne. — Mas você consegue? Vai ter que escalá-las como uma pessoa comum. Nada de *empurrar* aço.

Ele não tinha nenhum metal dentro do corpo, já que era fácil demais usar aço por reflexo. Os frascos estavam no cinturão, não utilizados.

— Vou ficar bem — respondeu Wax secamente. Esperou até que guardas e operários próximos tivessem passado e abriu caminho, correndo agachado pelas sombras do prédio. As luzes eram voltadas para o navio, não para as paredes. Ele tinha que torcer para que os poucos operários circulando não estivessem prestando atenção nos cantos escuros do grande galpão.

Duas passarelas grandes acompanhavam o comprimento da parede no alto, e o acesso a elas era feito por uma série de escadas, com passarelas menores servindo como patamares para suprimentos. Ele agarrou a escada e subiu um nível, depois outro. No terceiro, seus braços doíam. Ele diminuiu seu peso, o que ajudou, mas ainda teve que parar e recuperar o fôlego no quinto patamar. Assim como tornar seu corpo mais pesado lhe dava mais força para mover os músculos crescidos, tornar o corpo mais leve sempre parecia lhe custar alguma força.

— Ficando velho — disse Wayne, com um sorriso, passando por ele e começando a subir a escada seguinte.

— Não seja idiota — disse Wax, agarrando a escada e subindo. — Estou tentando dosar minhas forças. E se tivermos que lutar quando chegarmos ao alto?

— Você pode jogar sua dentadura neles — disse Wayne, de cima. — Também pode agitar a bengala. Estou certo de que está ranzinza assim por ter que ficar acordado até tão tarde.

Wax grunhiu de leve e subiu para o patamar seguinte, mas, na verdade, estava sem fôlego a um ponto em que discutir era cansativo. O homem mais jovem

parecia perceber, e tinha um largo sorriso no rosto enquanto escalavam os dois últimos níveis até a passarela de baixo.

— Eu deveria socar seu sorriso — grunhiu ele enquanto se juntava a Wayne na passarela. — Mas você simplesmente se curaria.

— Não, eu cairia e gemeria. Considerando sua idade, é mais importante fazer com que você sinta que conseguiu realizar alguma coisa no dia.

Wax balançou a cabeça, virando-se e dando um passo para o lado na passarela. A tábua sob seu pé quebrou imediatamente. A perna desceu, e, embora tenha se segurado e tirado o pé, sentiu, pela primeira vez em muito tempo, um pouco o que outros deviam sentir estando tão alto. O chão estava muito abaixo, e ele não tinha nenhum metal no momento.

Grunhiu e contornou o buraco.

— Isso *não* foi culpa minha. A tábua estava fraca.

— Claro, claro — disse Wayne. — Tudo bem, meu chapa. A maioria das pessoas ganha algum peso quando chega aos anos finais. É natural e tudo mais.

— Se eu atirasse em você agora, ninguém me culparia — retrucou Wax. — Provavelmente apenas diriam: “Uau, como você resistiu tanto? Eu teria atirado nele anos atrás.” Depois me pagariam uma cerveja.

— Ora, isso dói, dói sim — disse Wayne. — Eu…

— Quem são *vocês*?

Wax ficou paralisado. Ele e Wayne ergueram os olhos para a pessoa inclinada sobre o corrimão da passarela superior, encarando-os abaixo. Um engenheiro, pela aparência, usando jaleco branco sobre colete e gravata. Franziu a testa para eles. Depois, pareceu reconhecer Wax, arregalando os olhos.

— Ferrugem! — xingou Wax, erguendo as mãos enquanto Wayne se movia imediatamente, saltando. Wax o impulsionou, e ele agarrou o corrimão da passarela superior. O engenheiro começou a gritar, mas Wayne agarrou o tornozelo do homem, derrubando-o com um baque surdo.

Wayne subiu até a passarela num piscar de olhos, e outro baque soou. Wax esperou, nervoso. Momentos se passaram.

— Wayne? — sibilou ele. — Está aí em cima?

No instante seguinte, o rosto inconsciente do engenheiro surgiu pela lateral da passarela, com os olhos fechados.

— Claro que ele está aqui em cima — disse Wayne, imitando a voz do infeliz engenheiro e sacudindo sua cabeça como a de uma marionete. — Você acabou

de jogar o sujeito aqui em cima, meu chapa! Já se esqueceu? Perda de memória. Você deve estar ficando *realmente* velho.

Tecnicamente, todas as pessoas no mundo estavam morrendo, só que faziam isso muito lentamente. A maldição de Irich não era estar morrendo. Era poder *sentir* isso acontecendo.

Enquanto se arrastava pelos corredores do enorme navio de madeira, mantinha-se atento ao chão, porque a menor depressão ou fenda podia fazê-lo tropeçar. Quando gesticulou na direção da parede onde tinham encontrado os mapas queimados, explicando isso aos outros cientistas, seu braço parecia estar preso a um peso de cinco quilos.

A mão esquerda quase não funcionava mais; ele conseguia segurar a bengala, mas não conseguia impedir que a mão tremesse ao fazer isso e praticamente tinha que arrastar a perna esquerda a cada passo. A falta de fôlego começara. Seu médico dissera que, um dia, ele simplesmente não teria forças para respirar.

Nesse dia, Irich iria sufocar sozinho, incapaz de se mover. E ele conseguia sentir esse momento chegando. Um passo excruciante depois do outro.

— E o que é isto, professor Irich? — perguntou Stanoux, fazendo um gesto na direção do teto. — Que padrão fascinante!

— Não estamos certos — respondeu Irich, apoiando-se na bengala e olhando para cima, o que era uma tarefa surpreendentemente difícil. Ferrugem! Antes, ele não tinha dificuldade de inclinar a cabeça para trás, tinha?

Passo a passo.

— Parece um navio — disse Stansi, inclinando a cabeça.

De fato, o padrão dourado no teto do corredor parecia algo como um pequeno navio. Por que pintá-lo ali? Ele achava que levaria anos para descobrir os muitos segredos daquela nave. Um dia, Irich teria ficado contente com a perspectiva de passar a vida inteira estudando essas esquisitices, escrevendo sobre cada uma delas.

Hoje, porém, sua “vida inteira” parecia um período curto demais para ser gasto com essas empreitadas. Elegante e Sequência queriam suas armas, e poderiam ficar com elas, pois Irich só desejava uma coisa.

Um milagre.

— Por favor, venham comigo — disse Irich, descendo o corredor com seu novo passo.

Ele tinha que desenvolver novos passos a intervalos de poucos meses, à medida que mais músculos enfraqueciam ou se recusavam a funcionar. Passo, bengala, arrasto, inspiração. Passo, bengala, arrasto, inspiração.

— Que marcenaria maravilhosa! — disse Stanoux, ajustando os óculos. — Tia, reconhece que tipo de madeira é?

Stansi se colocou ao lado dele, chamando o guarda com a lanterna para poder admirar a estranha madeira de lei. Irich inicialmente demonstrara interesse similar nos detalhes do navio, mas sua paciência diminuía a cada dia.

— Por favor — pediu Irich. — Vocês terão todo o tempo que desejarem para estudar, examinar e teorizar, mas apenas *após* termos resolvido o problema principal.

— Que é? — perguntou Stansi.

Irich fez um gesto na direção de uma passagem em arco à frente, protegida por um soldado com outra lanterna. Ela bateu continência quando Irich passou. Tecnicamente, ele era um Arranjo, uma patente de alguma influência no Grupo. Elegante e seu pessoal tinham em grande conta o raciocínio científico. O poder e o prestígio, contudo, não tinham importância para Irich. Nenhum dos dois podia lhe dar sopros de vida adicionais.

Cruzando a passagem, acenou para que seu grupo de cinco cientistas olhasse o grande maquinário que enchia o porão daquela estranha embarcação. Não era como nada que ele já vira, sem engrenagens ou fios. Parecia mais um *braseiro*, só que construído com um metal leve e com linhas de outros metais afastando-se dele e seguindo pelas paredes. Como uma teia de aranha.

— Este navio está cheio de enigmas — disse Irich. — Vocês notaram os estranhos padrões nos tetos, mas perguntas como essa mal são o *começo*. Qual é o objetivo da sala onde estão pendurados dezenas de capuzes pretos como os usados por um carrasco? Descobrimos o que parecem ser instrumentos musicais, mas eles aparentemente são incapazes de produzir qualquer som. O navio tem um sistema de encanamento engenhoso, e identificamos instalações para homens e mulheres, mas há um *terceiro* conjunto de aposentos com uma marca indecifrável nas portas. Para quem eles foram construídos? Pessoas de classe inferior? Famílias? Um *terceiro* gênero? São muitas perguntas. De qualquer forma, uma pergunta supera todas, e sentimos que a resposta nós dará a estrutura para todas as outras. Por isso eu os chamei, as mentes mais brilhantes das cidades externas. Se vocês puderem responder isso, conquistaremos o poderio tecnológico que garantirá nossa libertação da opressão de Elendel de uma vez

por todas.

— E qual seria essa pergunta? — questionou o professor Javie.

Irich se virou novamente para eles.

— Bem, como esta coisa se *move*, claro.

— Vocês não sabem?

Irich balançou a cabeça.

— Isso desafia todo o conhecimento tecnológico à nossa disposição. Alguns mecanismos sem dúvida foram danificados na colisão, mas, como podem ver, o veículo está em grande medida intacto. *Deveríamos* ter sido capazes de compreender seu método de propulsão, mas até agora isso nos escapa.

— E quanto aos navegadores? — perguntou Stanoux. — A tripulação? Ninguém sobreviveu?

— Eles não têm cooperado — disse Irich. *E estão um tanto frágeis*, pensou. — Além disso, a barreira do idioma se revelou insuperável. Por isso o convidei, Lorde Stanoux, um dos mais destacados especialistas mundiais em antigas linguagens anteverdejante. Talvez possa decifrar os livros encontrados neste navio. Lady Stansi, você e o professor Javie comandarão nossos engenheiros. Imaginem o poder que teríamos com uma frota dessas naves. Dominaríamos a Bacia!

Os cientistas trocaram olhares.

— Não sei se quero que *qualquer* grupo tenha acesso a tal poder, professor — disse Lady Stansi.

Ah, certo. Eles não eram políticos. Ele não deveria usar ali a mesma retórica que usara quando Elegante o enviara para coletar recursos com os ricos.

— Sim, isso seria um fardo terrível — reconheceu ele. — Mas certamente entendem que este conhecimento estará melhor em nossas mãos que nas mãos daqueles em Elendel, não? E pensem no que iremos *aprender*, no que poderemos *saber*.

Eles receberam isso melhor, anuindo em sequência. Ele teria que falar com Elegante: aquelas pessoas não podiam se ver servindo a um exército totalitário, mas a um movimento libertário benigno, buscando conhecimento e paz. Isso seria difícil com todos aqueles soldados ferrados marchando de um lado para outro e batendo continência.

Ele se preparava para dar uma explicação do que sabiam, pretendendo distrair os cientistas com promessas de conhecimento, quando ouviu uma voz ecoar pelo

corredor.

— Professor Irich?

Ele suspirou. O que era agora?

— Com licença — disse ao grupo. — Lady Stansi, talvez queira inspecionar este equipamento, que parece fornecer algum tipo de força ao navio. Ele não usa eletricidade, pelo que conseguimos identificar. Eu apreciaria suas opiniões antes que seja influenciada com informações sobre o que concluímos. Tenho que cuidar de algo.

Eles pareceram simpáticos, até mesmo entusiasmados. Ele os deixou e mancou pelo corredor. *Lento demais, lento demais*, pensou, tanto seu caminhar quanto a possibilidade de progresso por intermédio dos cientistas. Ele não podia esperar por pesquisas, experiências. Precisava de respostas *agora*. Ele achara que no trem eles poderiam encontrar…

Mas não, claro que não. Uma esperança vã. Ele nunca deveria ter deixado este projeto. No corredor, não viu sinal da pessoa que o chamara. Frustrado, seguiu por todo o caminho até a passagem e se virou para procurar num dos corredores laterais. Eles não deviam saber que não podiam chamá-lo! Será que não viam a dificuldade que ele tinha de percorrer mesmo uma pequena distância?

Ele voltou a subir o corredor, mas hesitou ao notar um pequeno compartimento de estocagem que se abrira na parede do navio. Havia centenas deles espalhados pela nave, contendo cordas, armas e outros objetos, mas aquele derrubara algo no chão. Um pequeno cubo prateado.

Seu coração deu um pulo de entusiasmo. Outro dos aparelhos? Que sorte! Ele achara que todos os compartimentos já haviam sido vasculhados. Esforçou-se para pegá-lo, apoiando-se no joelho bom, apanhando-o e erguendo-se novamente.

Ele começou a bolar um plano. Diria a Elegante que o objeto tinha sido recuperado por um de seus espiões em Nova Seran. Sua punição seria suspensa, e talvez ele pudesse se mudar para o segundo local, talvez se juntar à expedição.

Empolgado, mandou um soldado vigiar os cientistas e mancou para fora da nave, contente por algo finalmente ter dado *certo* para ele.

Marasi entreabriu uma porta de armário dentro da estranha nave e olhou para o homem chamado Irich, que passou mancando pelo buraco aberto na lateral do navio. MeLaan deslizou para fora de um armário do outro lado do corredor e

ergueu uma das mãos em alerta para Marasi. Depois, foi à abertura a fim de ver para onde Irich ia.

Marasi esperou, ansiosa. Embora seus deveres como policial normalmente dissessem respeito a análise e investigação, ela participara de sua parcela de operações em Elendel. Ela se achava calejada, mas, por Harmonia, aquela missão estava começando a lhe dar nos nervos. Muito pouco sono e muitos movimentos furtivos e esconderijos, sabendo que a qualquer momento alguém podia virar uma esquina e encontrá-la ali, parecendo culpada como o pecado.

MeLaan finalmente a chamou. Ela saiu do armário e se ajoelhou ao lado da kandra na entrada.

— Ele entrou naquela sala — disse MeLaan, apontando para uma porta na parede. — E agora?

— Esperamos só um pouco mais — respondeu Marasi. — E vemos se ele sai de novo.

Wax avançou furtivamente pelas tábuas de madeira da plataforma interior. A luneta de MeLaan lhe permitia dar uma boa olhada no térreo, embora tivesse preferido muito mais uns binóculos. Examinou a área inteira, notando com interesse que Marasi e MeLaan entravam no barco.

Aquele barco… Algo nele o incomodava. Ele não estivera em muitas embarcações, mas os conveses no alto daquela coisa enorme lhe pareciam estranhos. Onde estavam os mastros? Ele imaginara que haviam sido arrancados, mas não conseguia ver cotos quebrados. Então aquele navio era impelido por um motor a vapor, talvez? Gasolina?

Após contornar o prédio inteiro pela passarela, não viu sinal do tio.

— Nada ainda? — perguntou Wayne quando ele baixou a luneta pela última vez.

Wax balançou a cabeça.

— Há alguns aposentos construídos no lado norte. Ele poderia estar lá. Também poderia estar dentro do navio.

— Então o que tentamos agora?

Wax bateu a extremidade da luneta na palma da mão. Ele se fazia a mesma pergunta. Como encontraria sua presa sem alertar os guardas acampados do lado de fora?

Wayne o cutucou. Abaixo, o homem que mancava saiu do barco. Wax

focalizou a luneta nele, observando enquanto ia até uma das salas próximas.

— Ele lhe parece ansioso por alguma razão? — perguntou Wayne.

— Sim — disse Wax, baixando a luneta. — O que aquelas mulheres *fizeram* lá dentro?

— Talvez elas…

— Não quero ouvir seu palpite — disse Wax. — Sério.

— Isso é bastante justo.

— Vamos — disse Wax, abrindo caminho pelas passarelas escurecidas na direção das escadas.

— Você tem alguma ideia? — perguntou Wayne.

— É mais uma impressão. Elegante não gosta de falar com capangas. Todos os que ouvimos dizem a mesma coisa… Ele escolhe subordinados com algum poder e reputação e deixa que lidem com as coisas. Miles e o Atirador. Meu tio odeia ser incomodado.

— Então…

— Aquele homem que manca provavelmente tem um papel semelhante aqui — disse Wax. — É alomântico, e ouvi referências a ele na mansão de Lady Kelesina. É um subordinado importante, embora talvez não esteja bem neste momento. Seja como for, provavelmente responde diretamente ao meu tio.

— Então se o seguirmos por tempo suficiente… — começou Wayne.

— Devemos encontrar Elegante — terminou Wax.

— Parece bom. A não ser que ele apareça todos os dias para tomar chá, o que nos deixará esperando *muito* tempo.

Wax parou junto à escada, notando, surpreso, que o homem que mancava já deixara a sala. Sua visão era em parte bloqueada pelo enorme navio, mas teve um vislumbre do homem perto da frente da embarcação, novamente andando com um ar determinado.

Wax ergueu uma das mãos para Wayne e se agachou com a luneta. O homem que mancava atravessou o galpão até uma sala isolada, como um posto de guarda, construída no canto sudoeste. Um soldado que estava ali se colocou de lado, deixando o homem entrar. Quando a porta se abriu, Wax teve um bom vislumbre da sala.

Sua irmã estava lá dentro.

Ele quase deixou a luneta cair. A porta se fechou, então não pôde olhar uma

segunda vez, mas *tinha* visto a irmã. Sentada a uma mesa pequena, na frente do grande Lançamoedas que Wax enfrentara no trem.

— Wax? — chamou Wayne.

— É Telsin — sussurrou Wax. — Está sendo mantida dentro daquela sala.

Ele se viu levantando e levando a mão a um de seus frascos de metal.

— Uou, *uou*, meu chapa! — disse Wayne, segurando seu braço. — Sou a favor de ir com tudo, mas você não acha que seria melhor conversar sobre isso? Sabe, antes de entrarmos no clima de "vamos explodir este lugar"?

— Ela está *aqui*, Wayne. Foi por isso que eu vim — disse ele, sentindo-se frio. — Ela saberá de coisas sobre nosso tio. Ela é a chave. Vou atrás dela.

— Certo, certo — concordou Wayne. — Mas, Wax, você não acha preocupante que *eu* esteja sendo a pessoa racional aqui?

Wax baixou os olhos para o amigo.

— Provavelmente eu deveria achar.

— É, eu diria que sim. Olhe, tive uma ideia.

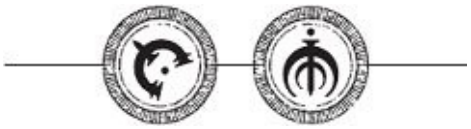
— Quão ruim é sua ideia?

— Em comparação a queimar metais, sair atirando e inevitavelmente atrair a atenção de todos aqueles guardas, para não falar nos esquadrões da morte de Elegante? Eu diria que, comparado a isso, é uma ideia *terrivelmente* boa.

— Diga.

— Bem, veja… — disse Wayne, grudando seu chiclete numa das vigas de sustentação da passarela. — Nós temos um *belo* traje de engenheiro bem ali no sujeito inconsciente, e desde aquela festa, há meio ano, tenho trabalhado em minha fala de pessoa inteligente…

19



Marasi esperou dentro do navio, obrigando-se, com grande esforço, a permanecer calma. Como Waxillium fazia aquilo? Ele e Wayne ficavam tão relaxados que parecia que poderiam tirar um cochilo no meio de um tiroteio.

Bem, ela fincou pé ali — ou melhor, ajoelhou ali — e foi recompensada. Através do buraco no casco do navio, ela viu a parede do galpão onde ficavam as salas. Irich logo saiu mancando de uma, arrastou-se e chamou alguns guardas.

— O que ele disse? — perguntou Marasi.

— Disse a eles para “chamar o Sr. Elegante” — respondeu MeLaan. — Acha que ele realmente guardou o aparelho no mesmo lugar onde eles mantêm a estaca?

— Essa é minha esperança — respondeu Marasi.

— Vamos?

Marasi anuiu e se preparou para outra experiência de abalar os nervos. MeLaan foi na frente, descendo as tábuas e saindo para o espaço aberto. Marasi a seguiu, mantendo a cabeça erguida como MeLaan instruíra. *Aja como se pertencesse ao lugar*, dissera a kandra. *A primeira regra ao se passar por alguém é* pertencer.

Ela se sentia completamente exposta, como se dançasse nua no meio do centro de Elendel. Chegaram à base da rampa, caminhando com lentidão excruciante, e atravessaram o galpão até a porta. Será que Marasi estava rígida demais? Não podia conferir por cima do ombro. MeLaan a alertara para isso. Mas certamente uma olhadela não faria nenhum mal…

Permaneça firme. MeLaan testou a porta, e, abençoadamente, não estava trancada. As duas entraram num corredor vazio, e Marasi fechou a porta. Não houve gritos de alerta. Ela estava certa de que um dos carpinteiros as vira, mas ninguém disse nada.

— Belo trabalho — disse MeLaan.

— Eu me sinto como se fosse vomitar.

— Deve ser de família — disse MeLaan, guiando-a pelo corredor. Tinha paredes de madeira nuas, cheirava a serragem, e uma lâmpada elétrica solitária pendia do teto. MeLaan parou junto a uma porta simples no fim e escutou com atenção. Depois, testou a maçaneta. Aquela estava trancada.

— Consegue abrir? — perguntou Marasi. — Como fez antes?

— Claro — respondeu MeLaan, ajoelhando-se junto à maçaneta. — Sem problema. Mas antes vou tentar algo mais mundano.

Ela inclinou a mão, fazendo um conjunto de gazuas *brotar* da pele do antebraço. Ela as soltou e começou a trabalhar na porta.

— Bem à mão — disse Marasi.

— O trocadilho foi intencional?

— Isso depende — disse ela, olhando para trás por cima do ombro. O corredor ainda estava vazio. *Garota tola*. — Quantas vezes você já ouviu essa piada?

MeLaan sorriu, concentrada no arrombamento.

— Estou viva há quase setecentos anos, garota. Vai ser difícil encontrar piadas que eu *não* tenha ouvido.

— Sabe, eu realmente deveria entrevistar você um dia.

MeLaan ergueu uma sobrancelha inquisitiva para ela.

— Vocês, kandra, têm uma perspectiva única da sociedade — explicou Marasi suavemente. — Vocês viram tendências e movimentos em grande escala.

— Imagino que sim — disse MeLaan, torcendo uma gazua. — E por que isso é bom?

— As estatísticas mostram que se fizermos mudanças sutis em nosso ambiente, no modo como abordamos nosso sistema jurídico, ou índices de emprego, talvez até mesmo o projeto da nossa cidade, podemos influenciar positivamente as pessoas. Sua cabeça pode ter a chave para quais deveriam ser essas mudanças! Vocês viram a sociedade evoluir, mover-se; você viu o deslocamento de povos como a maré numa praia.

— Minha coxa — disse MeLaan, torcendo a maçaneta com um estalo e entreabrindo a porta. Ela anuiu, levantando-se.

— Sua… O quê? — perguntou Marasi.

— Você disse que minha cabeça poderia ter a chave — disse MeLaan, entrando na câmara seguinte, um aposento pequeno e surpreendentemente bem

mobiliado. — Na verdade, neste momento, é a minha coxa. Um kandra guarda seu sistema cognitivo no corpo inteiro, mas minhas lembranças, neste momento, estão num compartimento de metal sólido na minha coxa. Assim é mais seguro. As pessoas apontam para a cabeça.

— Então o que há em sua cabeça?

— Olhos, aparatos sensoriais — respondeu MeLaan. — E um cantil de emergência.

— Você está brincando.

— Não — respondeu MeLaan, com as mãos nos quadris, estudando a sala. Outra porta à esquerda dava para mais além no conjunto de salas construídas ao longo da lateral do galpão, mas não havia janelas voltadas para a câmara principal, o que era bom.

Embora a sala cheirasse a serragem nova, como o resto do prédio, o cheiro ali estava misturado ao de polidor de madeira e a um odor fraco de fumaça de charuto. A luz de uma pequena luminária elétrica de mesa revelava um escritório organizado, com fileiras de livros numa estante, duas poltronas confortáveis com uma estampa castanha e amarela diante da escrivaninha e diversas plantas decorativas que provavelmente tinham que ser levadas para fora todos os dias para que não murchassem.

Marasi percorreu a sala, reparando em suas estranhezas. Toda sala as tinha: marcas de individualidade, pistas da vida do ocupante. As gavetas da escrivaninha tinham grandes puxadores exagerados. A luminária de pé num canto era chumbada no chão, assim como as poltronas, provavelmente para mantê-las no lugar caso Irich tropeçasse. Marasi não conhecia a doença do homem, mas ele aparentemente gostava que seus aposentos fossem adequados à sua condição.

MeLaan foi diretamente à estante e começou a tirar livros, jogando-os no chão.

— Sempre fica atrás dos livros — disse ela. — As pessoas não gostam de ler. Elas gostam de ser vistas como alguém que lê. Eu…

— MeLaan? — chamou Marasi, apontando para um grande cofre no canto.

— Ah — disse MeLaan em meio à busca. Derrubou os últimos livros da prateleira, talvez para fazer o trabalho completo, e foi até o cofre. — Hum… Isto vai ser um pouco mais difícil. Não posso abrir algo assim com um conjunto de gazuas.

— Você dá conta disso? — perguntou Marasi.

— Tenha paciência — respondeu MeLaan. — Traga aquela luminária.

Marasi pegou-a na escrivaninha, esticando o fio ao máximo e apontando a luz para MeLaan.

— Hum… — disse MeLaan. Depois, pressionou a mão contra o cofre, ignorando o disco. Seus dedos e sua palma ficaram translúcidos, e a carne começou a se *contorcer*, penetrando nas articulações, deixando para trás ossos cristalinos unidos por tendões mínimos.

Marasi engoliu em seco, sentindo, de repente, um gosto amargo. Ela sabia que MeLaan podia fazer aquilo, mas vê-la fazendo era outra coisa. Ela fez possível para ajudar, apoiando a luminária no braço da cadeira da escrivaninha para dar luz a MeLaan, embora a kandra estivesse ajoelhada e com os olhos fechados, então quem poderia saber se ainda precisava? Marasi começou a revirar as gavetas da escrivaninha, tentando encontrar algo importante.

Que Harmonia permita que Irich retorne aos cientistas em vez de voltar aqui para cuidar da papelada, pensou Marasi.

— O mundo não era assim tão diferente — disse MeLaan, de repente.

Marasi hesitou. MeLaan continuava ajoelhada, com os olhos fechados e os ossos estranhos expostos. A carne ficara translúcida até o cotovelo.

— Como assim? — perguntou Marasi.

— As pessoas falam sobre aquele tempo — explicou MeLaan. — O tempo do Lorde Nascido da Bruma, pouco depois do Catacendro. Falam aos sussurros como se fosse um tempo de lendas.

— E era — argumentou Marasi. — O Conselheiro dos Deuses, Hammond, Allrianne Ladrian. Eles forjaram um novo mundo.

— Sim, certo — disse MeLaan. — Mas também discutiam como crianças, e cada um tinha sua própria visão de o que esse “novo mundo” deveria ser. Metade dos motivos pelos quais vocês estão tendo problemas é que eles não ligavam para os assentamentos fora de Elendel. Os Originadores eram pessoas da cidade grande. Você quer tendências? Quer saber o que vi? Pessoas são pessoas. Inferno, mesmo os *kandra* agem da mesma forma, ao nosso modo. A vida então era como a vida agora, só que vocês têm comidas de rua melhor.

Marasi refletiu sobre aquilo e se virou novamente para a escrivaninha. Ela ainda queria entrevistar alguns kandra, mas talvez outros que fossem um pouco mais… reflexivos que MeLaan.

Ela encontrou um caderno com algumas das observações e dos esboços de Irich sobre o navio, escritos numa caligrafia trêmula, juntamente com um mapa da área. Quanto mais ela descobria, mais certa ficava de que o Grupo *não* tinha construído aquela embarcação. Eles ao mesmo tempo a estudavam e a consertavam.

Marasi enfiou o caderno na bolsa. *Está vendo? É prática*, pensou. Depois, levantou-se para conferir a outra porta da sala. Não iria querer que um carpinteiro qualquer entrasse. Entreabriu-a e olhou para uma sala totalmente escura, sendo imediatamente assaltada por um odor pungente como o dos cortiços. Corpos não lavados, terra e sujeira. Franzindo a testa, abriu mais a porta.

A iluminação da luminária, voltada para o outro lado de modo a fornecer luz direta, penetrou, hesitante, na sala. Sombras se estendiam de algumas mesas vazias e de uma pilha de caixas. E além delas… Eram *jaulas*? Sim. Tinham pouco mais de um metro de altura, com barras grossas, do tipo que se usaria para prender um animal grande.

Estavam vazias.

— MeLaan? — chamou Marasi, olhando para a kandra, que não respondeu. Parecia totalmente absorta em sua tarefa.

Marasi avançou um pouco para dentro da sala, desejando ter outra fonte de luz. O que guardavam ali? Cães de guarda? Ela não vira nenhum no perímetro. Parou perto de uma das três grandes jaulas, curvando-se para ver se conseguia determinar que tipo de animal havia sido mantido ali.

Algo se agitou na jaula seguinte. Marasi prendeu a respiração. Aquilo que ela tomara por uma pilha de cobertores ou almofadas estava se *movendo*. Olhou na direção da escrivaninha na outra sala, onde colocara seu rifle.

A coisa se lançou e bateu nas grades.

Marasi engasgou, saltando para longe, batendo as costas na pilha de caixas próxima. Dentro da jaula, a luz fraca refletia num rosto preto e vermelho achatado demais. Buracos escuros como olhos.

As imagens. Marasi havia se esquecido das imagens que ReLuur fizera. Rostos horríveis em vermelho e preto, com aqueles olhos escuros fundos. Imagens como as de um pesadelo, desenhadas com rabiscos frenéticos.

Os monstros eram reais. E havia um ali, na jaula, coberto de pelos grossos, de rosto vermelho lustroso. Olhava para ela, silencioso. Depois, esticou por entre as

barras uma das mãos chocantemente humana e sussurrou uma única coisa por entre lábios que, de algum modo, não se moviam:

— Por favor.

Wayne abandonou seus passos tranquilos, adicionando uma boa dose de pressa. Aquele engenheiro não gostava de estar ali entre todos aqueles soldados. Passara anos construindo casas e trabalhando em arranha-céus, e agora ali estava ele, basicamente no meio de um acampamento!

Aquele navio *era* maravilhoso, mas ele tinha uma preocupação clara. Era um segredo. E, em projetos secretos, homens comuns como ele desapareciam quando tudo estava terminado.

Não, alguma coisa está errada, pensou Wayne, na metade da travessia do galpão. Não parou de andar, mas deu passos num pequeno círculo, como se estivesse andando de um lado para outro. Algo estava errado, mas o que *era*?

— Wayne? — sibilou Wax, que estava nas sombras por perto, agachado ao lado de um barril de piche.

Wayne o ignorou, continuando a andar. Ele… Ele era um cientista. Não, não, um engenheiro. Ele era um trabalhador. Bastante culto, mas não um professor elegante pago para ficar de pé o dia inteiro e falar. Ele construía coisas e odiava estar naquele lugar com todas as suas armas. Ele encorajava a vida, e os soldados eram o oposto disso. Eles, eles…

Não, pensou novamente, levando as mãos aos lados da cabeça. Errado, errado, errado!

Tome as rédeas, Wayne. Este foi o seu *plano. Você tem que fazê-lo funcionar.*

O que estava errado? Ele… Ele era um…

Parou. Enfiou a mão no bolso do jaleco e tirou um lápis de carvão. Ergueu-o, estudando, e enfiou-o atrás da orelha. Soltou um grande suspiro.

Ele era um engenheiro. Um homem objetivo que garantia que as coisas fossem feitas. Ele gostava dali, já que havia um toque militar: diziam o que queriam que fosse feito e eram diretos com ele. Os homens eram recompensados pelo trabalho duro.

Ele não gostava de todas aquelas armas. E certamente não gostava dos homens no comando daquele lugar. Havia algo *estranho* neles. Mas ele ficava de boca fechada.

Relaxando, Wayne cruzou o resto do espaço até o guarda à porta. Nariz falso,

bigode, um pouco de ar a mais nas bochechas para engordar o rosto e o olho direito perpetuamente apertado. Fruto de passar dias inteiros estudando plantas, imaginou. Mas não precisava de um monóculo. Aquelas coisas pareciam completamente idiotas.

Chegou ao guarda.

— Os apoios de treliça da apricidade estão completamente limiares!

O homem piscou para ele.

— Não fique simplesmente parado aí! — disse Wayne, acenando na direção das paredes do galpão. — Não consegue ver que os malfeitores previstos estão começando a curvar? Podemos ter um *bannock* colossal em nossas mãos a qualquer momento!

— O que… — começou o guarda. — O que *eu* deveria…

— Por favor — disse Wayne, empurrando-o de lado, o que o homem permitiu, e abrindo a porta.

A cena que viu era como Wax tinha descrito. Ali estava Telsin, sem dúvida. Cabelo escuro, corpo forte. Quase como uma mulher das Terras Brutas. Ele vira seus evanotipos espalhados por toda a mansão. Parecia mais velha. Ficar prisioneira podia fazer isso com alguém.

O perna torta e o pescoço grosso estavam ao lado da mesa, e ambos se viraram na sua direção, aborrecidos.

Agora, o verdadeiro teste, pensou Wayne, concentrando-se no perna torta.

— Temos um problema sério — disse Wayne. — Eu estava checando a integridade da estrutura, e os caronais estão completamente nefelínicos! Estamos prestes a ter um grande caso de ximelolagnia, se alguém não fizer alguma coisa!

O homem de óculos olhou para Wayne, piscou uma vez e disse:

— Bem, claro que teremos, seu idiota. Mas o que vamos *fazer* quanto a isso?

Wayne conteve um sorriso, guardando-o no bolso para uso posterior. A ele parecia que quanto mais inteligente era um homem, mais provável seria que fingisse saber mais do que realmente sabia. Do mesmo modo como o sujeito mais bêbado no pub era sempre aquele mais certo de que podia tomar mais uma caneca. O perna torta preferiria vender a própria avó como um tamborete do que admitir que não sabia do que Wayne estava falando.

— Rápido — disse Wayne, com um gesto. — Temos que contê-lo enquanto engato os suportes sapróstomos! Você terá que supervisionar enquanto eu trabalho!

O perna torta suspirou mas saiu. Felizmente, seu companheiro de pescoço grosso o seguiu. Momentos depois, Wayne tinha esse sujeito empurrando os suportes dos pontões do navio enquanto o perna torta observava, com alguns guardas chegando para ajudar.

Uma batida suave, vinda de baixo, indicou que Wax dera um jeito no guarda à porta. Normalmente, Wayne se sentiria de fora, já que não tinha podido acertar ninguém, mas dessa vez tinha podido fazer um bando de idiotas empurrar uma madeira com as mãos achando que estavam impedindo o tombamento do navio.

Então estavam quites.

— Por favor.

A criatura falava com um sotaque estranho, mas a voz era inconfundivelmente humana. Marasi respirava de modo intenso, olhando aquela mão estendida para ela. Humana.

Lábios que não se moviam… Pele brilhante… Aquilo não era um rosto, mas uma *máscara*. Aquela não era uma criatura horrível, mas uma pessoa usando uma máscara de madeira, os buracos dos olhos tomados pelas sombras. O que Marasi confundira com pelos eram cobertores grossos envolvendo os ombros da pessoa.

— Marasi? — chamou MeLaan. A kandra apareceu no umbral. — Abri o cofre. O que você está fazendo? Que diabos é *isso*?

— É uma pessoa — disse Marasi. O mascarado se voltou para MeLaan, e o novo ângulo iluminou os buracos na máscara, mostrando olhos humanos com íris castanhas.

Marasi avançou.

— Quem é você?

A pessoa se voltou para ela e disse algo totalmente ininteligível. Depois, parou e repetiu:

— Por favor?

Aquela era uma voz masculina.

— Temos que ir — disse MeLaan. — O cofre está aberto.

— A estaca está lá dentro? — perguntou Marasi.

— Veja você mesma.

Marasi hesitou, mas depois se apressou para a outra sala, passando por

MeLaan.

— Por favor! — gritou o homem, apertado contra as grades, com a mão esticada.

O cofre estava escancarado. A prateleira de cima estava cheia de objetos, incluindo a pequena granada alomântica. Destacava-se, entre eles, um pedaço de metal prateado. Estacas kandra, como ficou provado no caso da Sangradora, eram menores do que Marasi havia imaginado. Não chegavam a oito centímetros e eram esguias, em nada parecidas com as estacas nos olhos da Morte.

Ela se ajoelhou ao lado do cofre, pegando-a.

— Estamos com ela — disse Marasi, virando-se para MeLaan. — Quer carregá-la?

MeLaan balançou a cabeça.

— Não tocamos nas estacas uns dos outros.

Marasi franziu a testa, lembrando-se das histórias.

— Mas o Guardião não…

— Sim.

O rosto de MeLaan permaneceu impassível, mas seu tom era duro. Marasi deu de ombros, enfiando a estaca na bolsa, e vasculhou o cofre. Deixou as cédulas — algo idiota, sabia, mas levar as notas a faria se sentir realmente roubando — e pegou o pequeno cubo que estocava cargas alomânticas.

Ao lado dele havia várias outras pequenas relíquias, cada uma como uma moeda, com tiras de pano presas ao lado. Também tinham as estranhas inscrições numa linguagem desconhecida. Marasi pegou uma. Depois, olhou por cima do ombro de MeLaan na direção da outra sala, onde o homem mascarado se apoiava nas grades.

Marasi colocou o disco em sua bolsa e enfiou a mão mais fundo no cofre, tirando algo que notara antes. Um pequeno molho de chaves. Levantou e cruzou a sala.

— Marasi? — chamou MeLaan, parecendo cética. — Isso pode ter algum tipo de doença.

— Ele não é *isso* — disse Marasi, indo até a jaula.

A figura se virou para vê-la.

Com a mão um pouco trêmula, ela destrancou a jaula, escolhendo a chave certa na segunda tentativa. Assim que a tranca estalou, a figura saltou na direção

da porta, escancarando-a. Do lado de fora, tropeçou. Evidentemente não tinha podido permanecer de pé por algum tempo.

Marasi recuou até estar ao lado de MeLaan. A alta kandra observou a cena com uma expressão cética, de braços cruzados, enquanto o mascarado cambaleava junto às caixas, segurando-se nelas. Ele arfou. Depois, afastou-se das caixas na direção dos fundos da sala. Havia ali uma porta que Marasi não notara, e o homem a escancarou, entrando na sala seguinte. Luzes foram acesas quando o homem encontrou o interruptor.

— Se ele alertar os guardas, vou pôr a culpa em você — disse MeLaan, juntando-se a Marasi e indo atrás do homem. — Eu odiaria ter em dizer a Wax que…

MeLaan ficou em silêncio quando chegaram à sala seguinte.

— Pelo Pai e o Primeiro Contrato — sussurrou MeLaan.

O chão estava sujo de vermelho. Mesas de operação feitas de metal lustroso tomavam uma das paredes, brilhando de maneira espalhafatosa em comparação com o chão macabro. Na parede estava pendurada uma dúzia de máscaras de madeira como a que o homem usava.

Ele caíra de joelhos diante delas, olhando para cima. Sangue seco sujava a parede nos pontos em que pingara de algumas das máscaras.

Marasi levou a mão à boca, observando a cena macabra. Não havia corpos, mas o sangue indicava um massacre. O homem que ela resgatara ergueu sua máscara com a mão trêmula, inclinando-a para que descansasse no alto da cabeça e revelando o rosto. Um rosto jovem, muito mais jovem do que ela imaginara. Um jovem com menos de vinte anos, diria, com barba curta irregular e bigode. Ergueu os olhos para as máscaras, sem piscar, com as mãos estendidas para os lados em descrença.

Marasi se adiantou, baixando as mãos para erguer a barra da saia para que não se sujasse no chão ensanguentado antes de lembrar que estava usando calças.

Quando chegou ao jovem, ele se virou para ela.

— Por favor — sussurrou, com lágrimas nos olhos.

Wax entrou na sala.

Telsin estava sentada, girando um lápis na mão. Havia uma caixa de voz diante dela, na mesa, mas não produzia som. Ela se virou preguiçosamente para ver quem entrara e ficou paralisada, boquiaberta.

Ele fechou a porta silenciosamente, com a arma de alumínio na outra mão. Começou a falar, mas Telsin pulou da cadeira e se jogou nos seus braços. Com a cabeça em seu peito, começou a chorar suavemente.

— Ferrugem! — disse ele, segurando-a, sentindo-se desajeitado. — O que fizeram com você, Telsin?

Ele não estava certo de o que esperara que acontecesse, mas não era aquilo. Não achava que um dia a vira chorar. Certamente não conseguia se lembrar disso.

Ela balançou a cabeça, recuando, fungando e trincando os dentes. Ela parecia… velha. Não que fosse idosa, mas ele se lembrava dela como uma jovem, não como uma mulher de meia-idade.

Por mais que soasse idiota, ele não esperava que a idade chegasse para Telsin. Ela sempre parecera invencível.

— Não há outros acessos a esta sala? — perguntou Wax, olhando ao redor.

— Não — respondeu ela. — Você tem outra arma?

Ele sacou uma de suas Sterrions e deu a ela.

— Sabe como usar?

— Aprendo rápido — respondeu Telsin, parecendo muito mais confortável agora que tinha uma arma na mão.

— Telsin — começou Wax. — Ele está aqui? Nosso tio?

— Não. Eu estava falando com ele por aquele aparelho. Ele gosta… Ele gosta de saber como estou. Tenho que dizer como acho maravilhosas as minhas acomodações. Finge que sou sua convidada, mesmo agora.

— Bem, você não é. Não mais. Vamos embora.

Com sorte, a distração fornecida por Wayne ainda estaria funcionando.

Telsin, porém, sentou-se novamente na cadeira. Agarrou a arma com as duas mãos, à sua frente, mas olhava sem ver.

— Há muito a perguntar. Por que você voltou? Ferrugem… Por que você *partiu*, Waxillium? Você não veio quando mandei chamá-lo, quando estava noiva de Maurin, quando nossos pais morreram…

— Não há tempo — disse Wax, segurando-a pelo ombro.

Ela o encarou, confusa.

— Você sempre foi o quieto. O pensativo. Como chegou aqui? Eu… Seu rosto, Waxillium. Você está velho.

De repente, a porta foi aberta com força. O homem alto e de braços grossos que Wax enfrentara no trem estava de pé ali, parecendo chocado. Ele olhou de Wax para Telsin e abriu a boca.

Telsin atirou nele.

*

— Precisamos ir — disse MeLaan.

— Vamos levá-lo — disse Marasi, apontando para o homem.

— Por quê?

— Você não entendeu, MeLaan? — perguntou Marasi. — Aquele navio *não* foi construído pelo Grupo. Ele vem de algum outro lugar, distante e estranho. Provavelmente encalhou perto do nosso litoral, e o Grupo o trouxe aqui para ser estudado.

MeLaan inclinou a cabeça de lado.

— Harmonia diz coisas estranhas de vez em quando, sobre outros povos, de fora da Bacia…

Ela piscou, concentrando-se no homem ajoelhado no chão cheio de sangue.

— Uau. *Uau*.

Marasi anuiu. Era prova de que havia vida depois das Terras Brutas e dos desertos além. Ela não podia deixá-lo ali, sobretudo não com o Grupo.

— Então o traga — disse MeLaan, saindo da sala. — E vamos voltar ao ponto de encontro.

Marasi apontou para a saída, tentando chamar o mascarado. Ele simplesmente ficou ajoelhado no chão ensanguentado, olhando para as máscaras vazias na parede.

Então, com um dedo trêmulo, ergueu a mão e baixou a máscara sobre o rosto. Levantou e apertou os cobertores, cambaleando atrás de Marasi, que passava pela sala das jaulas e entrava no escritório.

MeLaan já estava no corredor. Marasi pegou seu rifle e se juntou à kandra. Ferrugem! O que Waxillium diria quando descobrisse que ela tinha apanhado um estranho perdido? Ela quase podia ouvir sua voz. *Você o libertou, Marasi, mas, até onde ele sabe, você é um membro do mesmo grupo que aparentemente matou seus amigos. Tome cuidado.*

Parou junto à porta e olhou para trás, apertando o rifle com mais força. Waxillium podia ser ranzinza, mas costumava estar mais certo que errado. O mascarado podia ser perigoso.

Ele parara dentro do escritório, olhando ao redor e parecendo confuso. Quanto tempo passara naquela pequena jaula, trancado na escuridão? Escutando enquanto seus amigos eram levados, torturados e mortos?

Ferrugem e Ruína…

Os olhos dele encontraram o cofre e se fixaram nele. Então, ele cruzou a sala apressado. Enfiou a mão, e, por um momento, Marasi supôs que ele ia pegar as cédulas. Mas claro que não: ele tirou um dos pequenos discos com tiras.

Ele o ergueu, parecendo respeitoso, e depois arrancou os cobertores que estivera usando como uma capa. Ela esperara que ele vestisse uma tanga ou algo selvagem, mas em vez disso trajava calças que chegavam pouco abaixo dos joelhos, sob as quais calçava meias brancas apertadas. A camisa era larga e branca, sob um colete vermelho justo, combinando com a cor da máscara, com fileira dupla de botões.

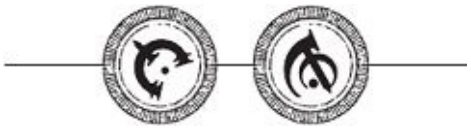
Ela nunca vira roupas como aquelas, mas decididamente não eram *selvagens*. O homem arregaçou uma das mangas e amarrou o disco no braço, usando as tiras de pano. Deu um suspiro aliviado.

Olhando novamente para ela, pareceu mais confiante. Era um homem baixo, alguns centímetros menor que Wayne, mas parecia ter crescido quase trinta centímetros ao se empertigar e se livrar daqueles cobertores grossos. Mas, ferrugem, como iriam tirá-lo dali? Ele decididamente não era discreto usando aquela máscara. Talvez Marasi e MeLaan conseguissem se deslocar distâncias curtas abertamente sem chamar atenção, mas aquele homem certamente não podia.

Uma série de tiros soou no galpão.

Talvez se esgueirar não fosse uma preocupação.

20



O cadáver caiu na sala, com uma das mãos ainda na maçaneta, e o rosto congelado numa expressão de choque. Telsin disparara quatro vezes e só acertara duas, mas tinha sido suficiente.

Wax xingou, agarrando a irmã pelo braço e puxando-a pela sala. Com a outra mão, pegou um frasco de flocos de metal no cinturão.

— Vou matar todos eles, Waxillium — sussurrou. — Cada um. Eles me mantiveram…

Ótimo. Por um lado, ele não podia culpá-la. Por outro, aquilo seria um inconveniente ferrado. Ele virou o frasco de metais, espiou do lado de fora da sala e viu engenheiros e carpinteiros buscando proteção enquanto guardas corriam na direção de Wax. Aqueles que Wayne levara embora estavam muito perto, e um apontou para ele e gritou.

As paredes finas da sala aparentemente seriam tão eficazes contra balas quanto palavras duras contra o bêbado mais famoso da cidade. Quando o primeiro soldado apontou, Wax o jogou para trás com um empurrão de aço e tomou uma decisão.

— Segure-se em mim — disse, puxando Telsin.

Deu um passo para fora da sala, disparou contra o chão e enviou-os pelo ar num *empurrão*. Soldados apontaram, erguendo as armas, mas, em um instante, ele estava no alto do grande navio. Como vira antes, era largo e plano, embora as tábuas fossem mais lisas que o convés de qualquer navio que já tinha visto, e as amuradas fossem como as ameias no alto de um forte ou uma antiga torre.

Ele soltou Telsin.

— Volto logo — prometeu, saltando pela lateral do navio. O homem que atirara nele não desistira e fez mais disparos. Lascas subiram das laterais do navio enquanto Wax disparava Vindicação e derrubava o homem. Wax pousou, ricocheteou num prego perdido e parou, deslizando ao lado de uma pilha de

caixas onde Wayne estava escondido.

— O que foi? — perguntou Wayne. — Perdeu a paciência?

— Minha irmã atirou em um deles.

— Que bom.

Wax balançou a cabeça. Os soldados tinham começado a entrar pelas duas extremidades da grande estrutura.

— Não é bom. Haverá esquadrões da morte entre os soldados, Wayne. Balas de alumínio. Precisamos pegar Marasi e MeLaan e ir embora. Rápido.

Wayne assentiu. Wax tomou outra dose de flocos de aço, para o caso de perder o cinturão.

— Agora nos leve correndo para o outro lado.

Wayne saiu correndo, e Wax o seguiu. Tiros soaram, mas Wayne criou uma bolha de velocidade. Ela só cobria uns três metros, mas era o bastante para prejudicar a mira. Wayne deixou que Wax passasse por ele e desfez a bolha quando passaram pelo limite lado a lado. Balas dispararam pelo ar onde eles tinham estado.

Eles correram. Quando os soldados miraram novamente, Wayne criou outra bolha. Isso os lançou para a frente de novo, e em pouco tempo conseguiram se jogar atrás da parte quebrada do pontão do navio e se proteger. Soldados gritaram, confusos com a Alomancia, mas, se houvesse esquadrões da morte entre eles, com assassinos matabrumas treinados, não seriam tão facilmente enganados.

Wax tomou a dianteira, disparando pela frente do navio, à sua sombra. Assim que alguém começou a disparar, Wayne criou outra bolha, e os dois mudaram de posição. Wayne começou a correr, mas Wax o deteve com a mão no ombro.

— Espere.

Em segurança dentro de sua bolha de velocidade, Wax olhou para o salão cavernoso. Eles estavam perto do lado leste, e soldados, movimentando-se lentamente, estabeleciam um perímetro, tomando a passagem e ajoelhando-se em fileiras. Capitães atrás gritaram, apontando, e balas voaram rumo ao último ponto em que Wayne e Wax tinham sido vistos.

De modo desconfortável, mais disparos cruzaram o ar onde, caso tivessem mantido seu padrão de movimentação anterior, eles teriam saído da bolha de velocidade.

— Maldição — disse Wayne, olhando para as balas. Jogou seu cantil. Wax

tomou um gole, avaliando distâncias e tendo a sensação surreal de estar calmamente de pé num redemoinho de tiros, tomando suco de maçã.

— Eles estão indo com tudo — comentou Wayne.

— Nossa reputação nos precede. Quanto tempo você ainda tem?

— Dois minutos, talvez. Tenho mais curvaliga no cavalo, caso precise. O kandra me abasteceu antes de partirmos.

Wax grunhiu. Dois minutos podiam se passar muito rapidamente. Ele apontou para o grande buraco na lateral do navio, onde uma rampa de tábuas levava ao interior da coisa.

— Vi as garotas entrando aqui.

— Engraçado — disse Wayne. — Porque *eu* estou vendo as duas espiando lá embaixo.

Wax seguiu a direção do gesto e viu o rosto de MeLaan atrás de uma porta entreaberta numa das salas na lateral do galpão. Wax respirou fundo.

— Certo. Esses exércitos vão nos fazer em pedaços, com Alomancia ou não, se não nos escondermos rapidamente. Aquelas salas servirão. Podemos seguir por elas até a parede externa do prédio. Posso passar por ela e então fugimos pela noite naquela direção.

— Certo — disse Wayne. — E sua irmã?

— Ela deve ficar em segurança por ora — disse Wax. — Assim que sairmos, eu me lançarei no teto, descerei pela parte aberta e a pegarei.

— Parece bom, a não ser por uma coisa — disse Wayne.

Wax devolveu o cantil.

— Tome.

— Ah! — exclamou Wayne, pegando-o. — Obrigado, mas eu estava falando *daquilo* — disse ele, apontando para o navio. Uma figura descia uma das escadas de corda penduradas na lateral do navio. Telsin *não* ficara parada.

— Ferrugem e Ruína! — soltou Wax.

— Menos de um minuto, meu chapa.

— Coloque-a numa bolha! — gritou Wax, apontando. — Eu vou até as outras duas. Vá!

Eles se separaram enquanto Wayne desfazia a bolha de velocidade. Uma repentina tempestade de tiros agrediu os ouvidos de Wax enquanto caía no chão, com os pés para a frente, e *empurrava* os suportes de metal no navio atrás.

Deslizou sobre a terra batida do chão, com balas voando acima, e chegou à porta, que MeLaan escancarou para ele. Seus calcanhares acertaram a soleira, já que o corredor tinha piso de madeira, e ele se colocou de pé, pousando dentro da sala com um baque empoeirado.

— Gostaria que soubesse que *nós* conseguimos fazer nosso trabalho sem alertar ninguém — disse Marasi.

— Vou mandar fazer uma placa — disse Wax, apontando para um estranho homem pequeno, de pé atrás dela. — O que diabos é isso?

O homem apontou de volta.

— O povo dele deve ter construído o navio — contou Marasi. — Eles o enjaularam ali, Waxillium.

— Maldição — disse MeLaan junto ao umbral. — Aquele exército não está brincando.

Era difícil ouvi-la em meio aos tiros.

— Encontrei minha irmã — disse Wax. — O pessoal de Elegante deve saber o quanto isso o deixará com raiva. Precisamos…

— Wax! — chamou MeLaan, apontando.

Ele parou perto dela. Wayne quase chegara à irmã de Wax, que estava colada à lateral do navio, com olhos frenéticos, mas havia sido atingido. Ele estremeceu, segurando o ombro, enquanto outra bala o atingia bem no pescoço. Caiu, soltando um jato de sangue.

Wayne podia se curar daquilo com sua nova mente de metal. Infelizmente, os soldados não pararam de atirar. Outra bala atingiu o lado do corpo de Wayne enquanto caía e fingia-se de morto, e depois mais uma. Em um piscar de olhos, ele estava curado e de pé, mas uma nova saraivada o derrubou.

Eles estavam preparados. Eles sabiam. Quer matar um Criassangue? Derrube-o e continue a atirar.

Ver seu amigo sangrando, enfrentando cerca de cinquenta homens sozinho, despertou algo primal em Wax. Ele não pensou nem gritou ordens. Ele se lançou do corredor num *empurrão* violento nos pregos da parede, voando para o espaço do galpão uns trinta centímetros acima do chão, levantando poeira atrás.

Os soldados estavam esperando por isso. Estavam posicionados dos dois lados do galpão, usando caixas como proteção, e dispararam ondas gêmeas de balas, ignorando totalmente do risco de atingirem uns aos outros no fogo cruzado. Matar um alomântico valia o risco.

Eles só podiam desejar ter essa sorte.

Aos olhos de Wax, o espaço se tornou uma furiosa rede de linhas azuis, um tear cheio de fios de um tecelão louco. Ele gritou, *empurrando* para os dois lados, levando as saraivadas de balas nas duas direções e criando um grande espaço aberto.

Várias balas continuaram a voar, embora ele só notasse porque uma o acertou no ombro. Wax girou e sacou Vindicação. Uma segunda saraivada veio. Relacionando instantaneamente linhas azuis a balas disparadas, Wax atirou uma vez, derrubando um dos homens nas fileiras que tinham disparado uma bala de alumínio.

Mais balas voaram numa tempestade, mas Wax as varreu como pratos de uma mesa. Ele estava à mercê de qualquer um disparando alumínio, então continuou em frente, atirando pelo piso e saltando, *empurrando* atrás e reduzindo em muito seu peso assim que acabava de *empurrar*. O resultado foi imediato: acelerou como uma flecha, voando pelo ar com o vento rugindo em seus ouvidos.

Pousou diante de Wayne, deslizando, e com um rugido *empurrou* as balas para longe do homem que se curava. Depois aumentou seu peso e *empurrou* o casco do navio. A madeira cedeu quando pregos se soltaram dos encaixes e tábuas se partiram diante de sua fúria, criando um segundo buraco.

— Para dentro! — gritou para a irmã, deitada de barriga no chão ali perto.

Ela assentiu, entrando rapidamente, e Wayne, ainda sangrando de doze diferentes ferimentos, juntou-se a ela se arrastando, jogando-se para dentro pela abertura.

Não posso deixá-los aqui, pensou Wax, *empurrando-se* para longe quando outra onda de balas atingiu a área. Uma não desviou quando ele *empurrou*, mas Wax não conseguiu identificar o atirador entre as dezenas de homens. Maldição.

O navio era uma armadilha mortal. Sim, daria alguma proteção, mas, se eles se refugiassem ali, as tropas os cercariam. Mas Wayne precisava de um momento para se curar. Isso significava manter os soldados…

Três homens com ternos pretos retintos se lançaram em sucessão por cima dos soldados agachados. As suas armas não tinham trilhas de metais alomânticos. Wax xingou, largando Vindicação e sacando a escopeta de seu coldre na coxa.

O primeiro alomântico a pousar *empurrou* Wax. Ele sentiu isso como uma sacudida na escopeta enquanto erguia a coisa, aumentando seu peso e apoiando-a no ombro para disparar.

O alomântico sorriu, *empurrando* a bala assim que deixou o cano. Mas a enorme carga de pólvora da arma, projetada para derrubar Brutamontes, jogou o homem para trás com seu próprio *empurrão*. Confuso, ele só conseguiu erguer os olhos quando a bala seguinte o atingia no rosto.

Obrigado, Ranette.

Os outros dois alomânticos se agacharam ao pousar, esperando mais fogo, mas a poderosa escopeta só permitia dois disparos. Wax a colocou no coldre ao agachar, agarrando Vindicação.

Atrás! Se um esquadrão da morte vinha de uma direção, eles provavelmente mandariam outro pelo lado oposto. Os soldados regulares eram basicamente uma distração.

Ele girou, *empurrando* ao redor e erguendo Vindicação para surpreender um homem e uma mulher de ternos esgueirando-se na sua direção. Derrubou a mulher.

O alomântico abriu fogo. Disparos demais. Sem linhas de metal. Wax…

As balas congelaram no ar.

Wax piscou, então notou algo que havia caído no chão perto do alomântico inimigo: um pequeno cubo metálico. Marasi se agachou atrás da porta da sala onde estava escondida, com MeLaan diante dela, atraindo o fogo e absorvendo balas com seu corpo como se não fosse nada demais.

Wax sorriu e deu um passo para o lado. A granada alomântica parou de funcionar um segundo depois, e o homem que estava preso na bolha disparou novamente, tentando matar Wax, que não estava mais ali.

Wax ergueu sua própria arma e matou o sujeito.

Marasi desejou saber onde estavam seus tampões de ouvido. Sinceramente, como Waxillium conseguia sobreviver sem eles? O homem já devia ser meio surdo.

Uma bala levantou poeira no chão perto dela. MeLaan se ajoelhou ao lado de Marasi, protegendo-a e recebendo outra série de tiros. Ela grunhiu.

— Isto não dói — disse. — Mas também não é particularmente *agradável*.

À frente, Waxillium evitou tiros de mais dois membros do esquadrão da morte e pegou o aparelho. Marasi apontou o rifle, tentando se concentrar. Todos se moviam tão rápido, e as *balas*… Elas zuniam no ar ao redor dela. Derrubou vários soldados, focada naqueles que atiravam na sua direção. Muitos haviam se

abrigado atrás de caixas dos dois lados, então não estavam mais disparando saraivadas coordenadas. Pareciam saber que seu trabalho era fazer muito barulho e tentar distrair Wax enquanto outros, mais bem equipados e treinados, realmente tentavam abatê-lo.

Ainda assim, era impressionante que ele não fosse atingido. Waxillium disparou enquanto as tiras de seu casaco de bruma se agitavam, e varreu balas do ar. Depois se lançou na direção da passarela acima.

Dois homens de terno o seguiram. Alomânticos. Marasi apontou para um e disparou, mais sua bala foi desviada.

Por falar nisso… Embora tiros ainda ecoassem no enorme galpão, balas não atingiam o chão perto de Marasi e nenhuma parecia acertar MeLaan.

Mas por quê?, perguntou-se. Então, localizou o cubo ali perto. Waxillium o jogara ali ao passar correndo. Marasi sorriu, pegando uma bala de alumínio na bolsa. Podia sentir o aparelho *empurrando* sua arma, mas estava tão longe que isso não importava.

Uma mão pousou em seu ombro. Ela deu um pulo e viu o mascarado baixinho atrás dela. Ferrugem! Quase se esquecera dele. A outra mão dele estava paralisada a meio caminho da máscara, e atrás dela seus olhos se arregalavam.

Ela seguiu seu olhar, fixo em Waxillium, que pousara a certa distâncias deles. Devia ter aumentado seu peso muitas vezes, pois conseguiu *empurrar* um conjunto de caixas usando os pregos, mandando-as voando para trás, juntamente com muitos soldados.

— Fotenstall — sussurrou ele, assombrado.

— Alomântico — disse Marasi, anuindo.

— Hanner konge?

— Não tenho ideia do que isso significa — respondeu Marasi. — Mas aquela coisa logo vai parar de zumbir, então precisamos nos mover. MeLaan? Devemos recuar?

— Por favor — disse o mascarado, apontando freneticamente para o navio. — Por favor!

Marasi o ignorou, arrastando-se pelo chão, entrando no galpão e agarrando o cubo. De fato, tinha parado de zumbir.

Waxillium pousou ali perto, desviando uma saraivada de balas dela, e Marasi carregou o cubo com sua Alomancia. Parecia como na última vez… Sim, queimando apenas um pouco do seu cádmio, ela conseguia mantê-lo zumbindo,

mas sem se desacelerar demais. De algum modo, colocou seu poder no aparelho e o jogou nas pessoas que pousaram perto, perseguindo Waxillium.

Aquilo as paralisou.

— Belo trabalho até agora — disse Waxillium. — Mas precisaremos nos dividir. Voltem para aqueles corredores. Eu logo os seguirei. Estão expostos demais aqui!

Os homens saíram da bolha de velocidade. Waxillium começou a atirar, mas eles se abaixaram, e um pegou o pequeno cubo. Marasi o derrubou com a bala de alumínio que tinha carregado.

Waxillium sorriu.

— Vão! — disse ele, atacando o outro homem, que deu um ganido e saltou no ar, *empurrando-se* para longe. Waxillium pegou o pequeno cubo e também saltou no ar.

— Vamos — disse MeLaan, pegando Marasi pelo ombro. Uma bala atingiu o rosto da kandra, arrancando um pedaço da bochecha e expondo um osso verde cristalino.

O homem mascarado gritou de medo, apontando e murmurando em sua língua.

— Você deveria me ver pela manhã — disse MeLaan. Fez um gesto na direção do corredor. Marasi se pôs a segui-la.

O mascarado puxou seu braço, apontando mais agitadamente para o navio.

— Por favor, por favor, *por favor*.

Marasi hesitou. Essa era uma ideia ruim no meio de um tiroteio. Felizmente, a maioria dos homens parecia se concentrar em Waxillium.

Algo a acertou no lado esquerdo. Baixou os olhos para ver o que era e ficou surpresa ao ver uma mancha vermelha brotando no casaco ao redor de um buraco.

Um buraco de bala.

— Fui baleada! — disse ela, mais surpresa que sentindo dor. Aquilo não deveria doer? Ela fora *baleada*!

Ela olhou para o sangue, *seu sangue*, até o mascarado agarrá-la pelos ombros e começar a arrastá-la na direção do navio. MeLaan xingou e o ajudou. Marasi se deu conta de ter deixado a arma cair e resistiu a eles, tentando pegá-la, de repente ansiosa por *não* deixá-la para trás.

Aquilo quase não fazia sentido, e parte dela reconheceu isso, mas ferrugem…

Choque, pensou. *Estou entrando em choque*.

Ah, inferno.

Wax elevou-se bem acima do chão do galpão, além das passarelas, onde vários atiradores com rifles haviam se instalado. Ele lançou a bola criada por Ranette para fora, prendendo-a na balaustrada da passarela, e segurou-se com força, fazendo uma curva fechada no ar. Os atiradores começaram, tentando acertar uma bala nele enquanto pousava atrás deles.

Ele recuou e *empurrou* um atirador para fora no momento exato, lançando-o no ar quando o último dos alomânticos do esquadrão da morte passava em disparada pela passarela, com uma expressão chocada diante da repentina mudança de direção de Wax. Ele colidiu com o atirador em pleno ar, e Wax se virou, *empurrando* outro atirador para longe. O pobre homem berrou ao cair.

Mais adiante na passarela, dois outros homens posicionaram-se com bestas e escudos de madeira. Que maravilha.

Wax aumentou seu peso. Toda a passarela se partiu enquanto ele despencava através da madeira, destruindo os suportes. Ele se *empurrou* numa barra que caía, subindo novamente e girando o equipamento de bola de Ranette em seu cordão. Acima dele, o homem de terno se livrou do atirador agitado, largando-o e *empurrando* para se lançar no ar.

Wax lançou a bola de Ranette para cima e soltou o cordão, ainda caindo para trás. O alomântico, confuso, pegou o aparelho pelo cordão quando passou por ele.

Wax atirou no peito dele.

Não deveria baixar seu escudo alomântico, pensou Wax, girando no ar enquanto caía. *Nem mesmo para pegar um belo brinquedo*.

Ao se aproximar do chão, Wax desacelerou usando uma bala disparada e pousou, com as tiras do casaco de bruma se abrindo em leque. O alomântico caiu morto no chão ao seu lado.

A bola caiu de seus dedos e rolou na direção de Wax.

— Obrigado — disse Wax, pegando-a. Onde estavam…

Marasi. Caída e sangrando, sendo arrastada para o navio. *Maldição!*, pensou Wax, grunhindo e lançando-se no ar novamente enquanto mais soldados atiravam. O lugar estava uma bagunça. Soldados demais, muitos dos quais

avançavam na direção do navio, protegendo um grupo de homens atrás com bestas modernas. Quando um deles chegou perto do navio, Wayne olhou para fora.

— Wayne! — gritou Wax, passando acima. Embolsou a bola de Ranette e sacou a granada alomântica, que zumbia furiosamente, jogando-a.

Wayne olhou para cima bem a tempo de pegar a coisa no ar e depois olhou para ela com surpresa. Quando a primeira bala desviou dele, Wayne então sorriu, deu um grito de alegria e a lançou na direção dos homens à sua frente. A coisa rolou entre eles, afastando armas com seu poder.

Wax suspirou, pousando no alto da nave. *Claro* que ele iria jogá-la.

Wayne continuou, saltando em meio aos soldados que se aproximavam, usando com disposição seus bastões de duelo. Uma bala passou assustadoramente perto de Wax. Mais alumínio? Enquanto Wayne acertava cabeças com entusiasmo, Wax saltou do navio e pousou entre os soldados que avançavam, aumentando seu peso e *empurrando* para fora num jorro de força. Isso jogou pessoas para longe dele com uma explosão.

Quando os corpos caíram, três homens restaram de pé, estupefatos, segurando armas que Wax não conseguia sentir.

Ele os derrubou com uma Sterrion, já que suas outras armas estavam descarregadas, e se virou ao ouvir algo distante. Trompetes. Uma ordem. Saltou de lado. Havia homens mortos ou caídos em número suficiente para que ele pudesse ter uma visão clara de uma das portas e da noite do lado de fora.

Homens saíam das casas da aldeia. Dúzias. Ele teve uma sensação fulminante de medo. Quanto tempo até que seus metais acabassem? Quanto mais ele poderia lutar até que alguém com uma besta ou uma bala de alumínio tivesse sorte e o atingisse? Ele rugiu, lançando-se para cima num salto sobre os homens caídos que tinha *empurrado*. Muitos estavam se levantando. Ele era um homem, não um exército. Precisava correr.

— Para trás! — gritou para Wayne, que já tinha uma seta de besta presa na coxa. O homem mais baixo se juntou a ele, correndo em busca de proteção dentro do navio quebrado.

Marasi fechou os olhos com força para suportar a dor, que finalmente chegara, como uma vingança. MeLaan lhe dera um analgésico para mastigar, mas ainda não fizera efeito algum.

— Dieten — disse o mascarado, levando a mão ao ferimento, que envolvera com uma tira de pano de sua camisa. Ela entreabriu um olho e o viu acenar, encorajando, embora, com a máscara sobre o rosto, só conseguisse ver seus olhos.

Bem, ela não estava morta. Mesmo que fosse uma dor *ferrada*. E achava que se lembrava de ter lido em algum lugar que ser baleada na barriga, mesmo que do lado, não era bom.

Não pense nisso. O que estava acontecendo? Trincou os dentes, escondeu o pânico por estar ferida e tentou avaliar a situação em que estavam. MeLaan observava o campo de batalha no buraco no navio. A irmã de Waxillium estava de pé ali perto, embalando uma arma, com olhos intensos. Do lado de fora, tiros, grunhidos e gritos acompanhavam Waxillium e Wayne fazendo o que faziam melhor: criar o caos.

Aparentemente, a cota de caos havia sido preenchida, pois Waxillium passou pelo buraco alguns momentos depois. Anuiu para MeLaan, com o rosto brilhando de suor e respirando pesado. Wayne entrou pouco depois. Tinha uma *seta de besta* se projetando da perna.

— Bem, isso foi divertido — disse Wayne, jogando-se no chão e respirando fundo. — Não tomo uma surra assim desde a última vez que joguei cartas com Ranette.

— Marasi — disse Waxillium, indo até ela. Empurrou o mascarado para o lado. — Graças a Harmonia você está viva. Está muito ruim?

— Eu… não tenho realmente muito com o que comparar — disse ela, com os dentes trincados.

Waxillium se ajoelhou ao lado dela, erguendo a bandagem e grunhindo.

— Você vai sobreviver, a não ser que tenha acertado o intestino. Isso poderia ser ruim.

— Ruim como?

— Dolorosamente ruim.

— Talvez eu possa fazer algo — disse MeLaan. — Vou verificar assim que estivermos a salvo. Por falar nisso, como exatamente *iremos* embora?

Waxillium não respondeu imediatamente. Parecia exausto. Olhou para a irmã, que ainda murmurava e segurava a pistola. Do lado de fora do navio, tudo ficara irritantemente silencioso.

— Nossa melhor chance ainda é sair por uma das paredes do galpão — disse

Waxillium. — Teremos que chegar até as salas em que Marasi e MeLaan estavam.

— Isso vai ser perigoso, Wax — disse Wayne, colocando-se de pé, *ainda* ignorando a seta na coxa. — Eles estarão em posição, sabendo que vamos tentar uma escapada.

— Podemos conseguir — disse Waxillium. — Comigo *empurrando*, nós chegamos às salas, encontramos uma parede externa e passamos por ela.

— E se estiverem esperando do outro lado? — perguntou MeLaan.

— Com sorte não estarão. É…

— Pessoal — interrompeu Wayne. — Acho que não temos tempo de planejar!

Tiros soaram do lado de fora novamente e balas começaram a cravar no casco. Wayne se afastou apressadamente da abertura. Marasi achou que podia ouvir Irich lá fora, gritando para que os soldados não danificassem o navio, mas os tiros continuaram. Aparentemente alguém anulara suas ordens.

— Por favor — disse o mascarado, pegando Marasi pelo braço e apontando.

Marasi conseguiu ficar de pé, embora a dor lhe trouxesse lágrimas aos olhos. O mascarado fez um gesto, segurando-a pelo braço.

Ela o seguiu. Era mais fácil do que tentar reclamar.

— Vamos ter que passar por isso — disse Waxillium.

— Eu quero *matá-los* — disse a irmã de Waxillium. — Preciso de mais balas.

— É, mas se concentre em correr, Telsin. Todos se aprontem. Wayne, você pegou aquela granada?

— Sim.

— Vamos usá-la para criar uma bolha de velocidade no meio do caminho — disse Waxillium.

— Não dá — avisou Wayne. — Completamente sem curvaliga.

— Maldição — reagiu Waxillium. — Então nós… — começou, mas interrompeu o raciocínio. — Marasi? Para onde está indo?

Ela continuou mancando com o mascarado.

— Ele quer nos mostrar algo — disse Marasi.

— Eles estão vindo! — gritou Wayne, olhando pelo canto. — Rápido!

Marasi se concentrou em descer o corredor, apertando o ferimento com uma das mãos. Ouviu Waxillium xingar antes que tiros soassem no corredor. Waxillium atirava em homens que tentavam passar pelo buraco para chegar a

eles. *Presos ali dentro*, pensou Marasi.

O mascarado a soltou de repente e avançou pelo corredor.

— Não… — disse Marasi, mas ele parou, abriu um painel na parede, enfiou a mão e tirou algo.

Um pedaço do teto, pintado num daqueles estranhos padrões dourados, abriu-se. Uma escada de corda caiu, parando a meio caminho do chão. O mascarado saltou e a segurou.

— Há uma sala escondida aqui! — gritou Marasi.

— Melhor que nada — respondeu Waxillium. — Todos para cima!

Wayne foi em seguida, saltando e pegando a escada, subindo por ela com um movimento gracioso. MeLaan conseguiu tocar na escada sem precisar saltar e subiu. A irmã de Waxillium mal conseguiu agarrar a coisa, mas subiu com uma mãozinha de MeLaan.

Marasi ficou olhando para a escada, desesperada, tentando imaginar como subir por ela sentindo dor, até Waxillium pegá-la pela cintura e *empurrar* para cima num salto giratório. Eles pousaram dentro da porta escondida, vendo-se numa sala estreita de teto baixo com algumas cadeiras chumbadas no chão. Uma única pequena janela à esquerda do casco deixava entrar uma fresta de luz. O lugar parecia um vagão de trem.

— Que ótimo — comentou Wayne. — Pelo menos agora podemos morrer em posições confortáveis.

O mascarado estava mexendo em algo perto da parede. Alguma espécie de arca? Abriu-a e pegou outro daqueles pequenos medalhões parecidos com moedas com tiras de tecido. Tirou aquele que estava usando e imediatamente estremeceu. Depois, colocou o novo.

— E agora? — perguntou ele, olhando para todos.

Marasi piscou, chocada. Ele falara no idioma dela, com um sotaque estranho, é verdade, mas compreensível.

— Não? — perguntou o homem. — Ainda está olhando para mim com uma expressão confusa. Essas coisas nunca funcionam direito. Ela jurou que…

— Não, funciona sim! — disse Marasi. — Pelo menos *eu* consigo entender você.

Ela olhou para os outros, que anuíram.

— Arrá! — reagiu o homem. — Ótimo, ótimo. Coloquem estes — disse ele, jogando um medalhão para cada. — Tocando na pele, por favor, bárbaros sem

máscaras. Exceto você, Metálico. Não vai precisar de um, né?

Marasi pegou o seu e se acomodou num dos assentos, sentindo-se tonta. O analgésico finalmente parecia estar fazendo efeito, mas ela ainda estava exausta.

Abaixo, gritos soaram no corredor.

— Melhor alguém fechar aquela porta — disse o mascarado, agachando-se e mexendo em algo no chão sob um balcão.

Wayne obedeceu, puxando a escada, que era presa ao alçapão. A porta se fechou com um estalo, deixando-os numa penumbra ainda maior. Um tiro soou abaixo, depois outro. Marasi tomou um susto quando as balas *martelaram* o piso da sala.

— Este lugar tem outras saídas? — perguntou Waxillium.

O mascarado puxou algo, e a sala sacudiu com um solavanco.

— Não — respondeu.

— Então por que nos trouxe aqui? — cobrou Waxillium, agarrando-o pelo braço.

O mascarado olhou para ele.

— Colocaram os medalhões, né?

Mais balas acertaram o piso, mas felizmente não penetraram na sala.

— O que eles fazem? — perguntou MeLaan.

— Deixam vocês mais leves — explicou o mascarado.

Assim que ele disse isso, assim que ela soube o que os medalhões faziam, algo dentro de Marasi entendeu. Ela estava segurando um metal que, de algum modo, conseguia *sentir*. Ele queria algo dela, e ela transferiu para ele, enchendo o metal… Uma *mente de metal*.

Ela ficou mais leve, levantando-se no assento, sentindo seu corpo fazer menos força para baixo. Telsin se assustou, obviamente experimentando sensação similar.

— Ora, veja, isso *sim* é estranho — disse Wayne.

— Grande Metálico — disse o mascarado, olhando para Waxillium. — Eu, claro, não *ousaria* dar ordens a um da sua estatura, mesmo que você mantenha seu rosto nu. Quem sou eu para julgar? Mesmo que pareça tão bruto quanto esses outros, mesmo a bonita, estou certo de que não é. Então, caso possa ousar dar uma sugestão…

— O que é? — cortou Waxillium.

— Um pequeno *empurrão* — disse o mascarado, apontando para baixo. — Ao meu comando.

— Se eu *empurrar* para baixo, simplesmente sairei voando e baterei no teto.

Ele hesitou quando o homem mascarado apontou para um par de tiras presas ao chão, com manetes de madeira na ponta. Waxillium olhou para eles e depois para o mascarado, que anuiu, ansioso.

Mesmo na escuridão, Marasi podia ver a curiosidade no rosto de Waxillium. A despeito dos homens gritando abaixo, do som abafado dos tiros, ele ainda era o homem da lei, o detetive. Perguntas o provocavam. Ele foi até as tiras, pegou-as e as segurou com firmeza, preparando-se com os pés no chão.

— Pronto — disse ele.

— Um momento — disse o mascarado, pegando uma alavanca. Ele a puxou com força, e a sala inteira sacudiu e *deslizou* para o lado, saindo do casco como uma gaveta sendo aberta numa cômoda. Marasi agora conseguia ver a extremidade dianteira do galpão, que tinha uma grande janela de vidro que antes estava bloqueada por madeira.

— Agora! — disse o homem.

Waxillium deve ter *empurrado*, pois a sala sacudiu e ergueu-se no ar. Eles não estavam absolutamente numa sala, mas num pequeno barco que podia se destacar da embarcação principal.

…or que precisa-
…s de guerra? A
…inha em terra e
… quem precisa-
…ger?"
…a no verso.)

"Tendo o tem Suzed um metal?"

De assembleias a bares, a questão ainda é debatida. Mas, agora, descobertas científicas nos deixam mais perto de uma resposta.

(Continua no verso.)



LUTE CONTRA
IMPOSTOS INJUSTOS E SALÁRIOS BAIXOS



Produtos Elmiró o compre o produto local!
Escolha do Alvorador é a ÚNICA escolha

…donha …ne de …érico!

…de Baz-Kor me … Seus movimen… foram concebidos … um Sugador che… ficiente de outro … a tocá-lo e drenar … as foram as aulas … ssibilitaram meu … ma para a cabine …

…aumente no pe… … que contenha a … e consegui me … rmeza nas alças … ma. Eu estava em … ora, mas o estri… … isei tinha apenas … etros de largura. … obrisse um modo … ibine, até mesmo … s pés fortalecidos … teariam, lançan… … inta metros para … o da cidade, onde … avam ao sol que … o boxes em uma …

…rea emanava de … bine, lançando … las a silhueta do … ado. Cada clarão … orçando-se para … m equipamento … resumivelmente … a fuga.

…uipamento que … m nosso último … e ainda trazia em … Coberto de estra… … e bizarramente … ue, o objeto era … ado do que pare… … ha ideia de como …

…ncia não é pareo … ade. Lancei a vara … o vidro da porta, …

…são espantosa … e meus reflexos … trum-me abrup… … lo enquanto algo … mente. Não era … a uma bala, mas … de pura energia … m fantasma. Seu … amente humano … os da minha nuca, … porta quebrada … quebrou com sua … tipo de homem … der do poder dos … ela energia tivesse … eu também teria … m um instante? … e entrei rapida…



Estranhos equipamentos mecânicos cobriam o piso, e, acima deles, erguia-se o homem assombrado. Da última vez que nos encontramos, ele usava uma capa de bruma, cujo capuz obscurecia o rosto, mas agora eu podia vê-lo claramente.

Raios brilhavam de seus olhos frios e o vento desarrumava seu cabelo cor de areia. Numa das mãos, ele segurava a tapeçaria enrolada como um porrete. Com a outra, apontava para mim uma pistola de aparência estranha. Sem dúvida, a origem do fantasma que lançara antes.

As runas na lateral da pistola tinham um brilho esmeralda. Queimei cromo e me lancei para a frente num movimento Baz-Kor criado para deter Lançamoodas antes que eles o encham de buracos. No instante em que as runas esverdeadas ficaram vermelhas, minha mão tocou o metal do equipamento.

Quando dreno um Brumoso, sugando suas reservas de metal, sinto algo que só posso descrever como retirar poder do metal e transferi-lo a uma fonte externa. O metal permanece, mas o poder desaparece.

Imaginei o mesmo objetivo quando toquei a pistola. Tirei poder do equipamento e o transferi a... algum lugar.

As runas que brilhavam em vermelho se apagaram como velas no vento.

Funcionou! O equipamento assombrado certamente era algo de outro mundo, nem feruquêmico nem alemântico, mas meu toque de cromo o afetou.

O homem assombrado lançou um olhar para a pistola e trincou os dentes.

— Que danação você fez?

Ele tocou algumas das runas na lateral do equipamento parecido com uma pistola, e os símbolos voltaram a brilhar. Apontou a arma para mim mais uma vez, agora a centímetros do meu rosto. Meu truque de cromo não quebrara a arma como eu esperara. Se eu não podia sugar seu poder permanentemente, teria que tirá-la do homem assombrado.

Meu treinamento Baz-Kor assumiu o controle e executei um movimento concebido para arrancar uma arma da mão de um agressor. Uma manobra suave me colocou atrás do meu oponente e fora do alcance da pistola. Agora, o homem assombrado estava entre mim e a abertura fechada da cabine. Meu movimento seguinte lançou a pistola estranha para fora da mão do homem, fazendo-a voar para o céu aberto.

O homem assombrado girou para me encarar, com surpresa nos olhos. Aproveitei o momento para tomar o mapa.

Infelizmente, só consegui agarrar uma extremidade, e o mapa se desenrolou entre mim e o homem assombrado. Cada um de nós agarrou uma ponta comprida do mapa. Eu só precisava encontrar o bolso com as instruções do meu pai costuradas do lado de dentro. Depois disso, eu não me importava se aquele ladrão levasse o resto da tapeçaria ou não.

— Que sombras, mulher! — exclamou o homem. — Me deixe em paz!

Ele agarrou sua ponta do mapa e puxou pelo buraco na lateral da cabine.

O puxão repentino na tapeçaria me jogou no chão e me arrastou até que minha cabeça e meus braços estivessem se projetando no vazio, embora eu ainda conseguisse segurar minha extremidade do mapa com as duas mãos, a única coisa que impedia o homem assombrado de cair para seu fim.

— Maldita danação! — gritou ele. — Simplesmente largue!

— Não vou largar! — respondi, agarrando o tecido com mais força.

— É só um mapa idiota — disse ele, estudando a tapeçaria.

Agarrando o um pouco mais para o lado, ele amassou o pano entre os dedos e começou a escalá-lo para voltar à cabine.

— É a minha herança! — gritei.

— Não ligo se é o roupão de banho do Sobrevivente. *Simplesmente dê para mim!*

— Você é completamente desagradável! — gritei.

— Então você está começando a me conhecer.

Acredito que vocês não vão me julgar com muita dureza por dizer que o timbre agradável e a voz cômica do estranho me deixaram inteiramente encantada. Seu cabelo era como ouro e os olhos, como gelo azul. Se vocês me conhecerem pessoalmente, …darei com prazer uma descrição mais detalhada.

— Na verdade, um pouco de polidez de sua parte teria evitado toda essa debacle — falei.

E você não estaria pendurado quinze metros acima da morte pelos flapos de um mapa malfeito. Suba. Vamos entrar num acordo.

Ele estendeu a mão como se fosse aceitar minha oferta, mas algo nela brilhou à luz das estrelas. Queimei metal instintivamente, soltando uma das mãos para tocar o equipamento.

Era uma faca de caça comum.

— Polidez — disse ele com um resmungo. — Não é assim que eu trabalho.

Ele agarrou seu lado da tapeçaria e cortou-a com a faca. Entre nós, um corte em V se formou pouco antes de o mapa se rasgar inteiramente ao meio.

Perdi o ar quando ele caiu de costas nas brumas, agarrando seu pedaço da tapeçaria.

Afastei-me da beirada, examinei freneticamente minha metade do mapa em busca do bolso escondido e o encontrei quase imediatamente. A falta de uma faca, porém, significava que teria que esperar para abri-lo quando voltasse à mansão. Ainda assim, estava aliviada por ter a informação de que precisava para prosseguir em minha busca, embora o homem assombrado tivesse partido e o mapa do meu pai estivesse arruinado. Admito, porém, que, se tiver sobrevivido, o homem assombrado estará com a melhor metade do mapa.

Depois de desembarcar do teleférico, caminhei até o local onde meu inimigo teria chegado ao chão. Não encontrei sinal dele, e, embora ninguém tivesse testemunhado sua queda, um homem jovem, de cabelo branco, estava lá e se ofereceu para me contar uma história. Recusei.

Ao voltar para casa, acendi a lâmpada elétrica e encontrei Pinha Alocaçadora Terceira dormindo com seus filhotes na minha cama. Tomando cuidado para não os perturbar, usei uma tesoura de costura para abrir rapidamente o bolso escondido na tapeçaria. Dentro dele havia um pedaço de pergaminho dobrado, escrito com a caligrafia fluida do meu pai.

Minha querida Nicolle,
Nesta carta, finalmente posso revelar a você os segredos das Criações Desconhecidas da Antiguidade...

— Continua na próxima semana!! —

21



Wax estava de pé no centro da pequena embarcação, *empurrando* alguma espécie de placa abaixo, evidentemente projetada com esse objetivo. Estava presa ao patamar no qual a embarcação se encontrava antes — não era algo que se erguia com ela, mas algum tipo de plataforma de lançamento que um alomântico podia usar como âncora.

A embarcação, embora pequena, deveria ser pesada demais para ser erguida. A força de seu *empurrão* deveria ter rompido as faixas às quais estava preso ou esmagado o próprio Waxillium, mas ele conseguira. Prendera-se às tiras, essencialmente unindo-se ao barco, e o erguera, com todas as pessoas, de um patamar que se projetara do navio.

São aqueles medalhões, compreendeu. *Eles permitem que todos façam como eu: fiquem leves, quase tão leves quanto o ar*. Isso significava que, na verdade, ele só erguia o barco com seu equipamento.

O veículo era pequeno, com menos de um metro e oitenta de largura, embora tivesse talvez o dobro no comprimento, e tinha amplas aberturas, como passagens, dos dois lados. Elas ficavam voltadas para paredes dentro do navio, mas agora estavam expostas ao ar.

No conjunto, a coisa parecia a cabine de um carro a motor com as portas arrancadas. À medida que o aparelho se erguia, pequenos pontões estendidos baixaram e se encaixaram no lugar com um estalo. Wax teve uma rápida visão de soldados surpresos na parte da passarela que ele não havia quebrado, e depois eles já estavam do lado de fora, subindo pela abertura no teto do galpão.

O estranho homem de máscara vermelha deslocou-se pelo veículo e se inclinou para fora de um dos buracos nas paredes para olhar para baixo. Pareceu solene enquanto batia continência para o navio. Depois, baixou a cabeça, sussurrando algo.

Finalmente, virou-se para Wax.

— Está indo muito bem, ó Divino!

— Não vou conseguir *empurrar* muito mais alto — disse Wax, grunhindo. — A âncora está longe demais.

— Não vai precisar — disse o homem, passando por Marasi, em quem deu um tapinha no ombro, e depois lidando com controles na frente da máquina. — Vou precisar do cubo primário — disse, estendendo a mão para Wayne.

— Ahn? — reagiu Wayne, desviando os olhos de onde estava pendurado na outra porta, olhando para baixo. Alguns tiros distantes soaram quando os soldados dispararam aleatoriamente na direção do veículo flutuante. — Ah, isto? — perguntou, pegando a granada alomântica.

— É — respondeu o homem, pegando-a. — Obrigado!

Ele se virou e apertou-a contra o braço de Wax, que ainda estava queimando aço para mantê-los flutuando, até que começou a zumbir.

O homenzinho se virou e encaixou o cubo num espaço sob a prateleira na frente da nave. A máquina sacudiu e algo começou a bater abaixo dela. Um ventilador? Sim, um muito grande, soprando para baixo, movido por um motor invisível.

— Pode parar, Grande Ser de Metais — disse o homem, olhando para Wax. — Caso seja seu desejo divino.

Wax relaxou o *empurrão*. Eles imediatamente começaram a baixar.

— Reduza seu peso! — gritou o homem. — Quer dizer, se for de sua magnífica vontade, ó Metabólico.

— Metabólico? — perguntou Wax, enchendo sua mente de metal e reduzindo seu peso. A nave se estabilizou no ar.

— Ahn… — reagiu o mascarado, sentando-se na frente do veículo. — Bem, devemos usar um título diferente a cada vez, né? Nunca fui muito bom nisso, Vossa Magnificência. Por favor, não arremesse uma moeda em meu crânio. Não sou insolente, apenas idiota.

Ele empurrou uma alavanca para a frente, e ventiladores menores começaram a girar nas extremidades dos pontões.

— Não são barcos — sussurrou MeLaan. — Nem este nem o grande abaixo. São naves voadoras.

— Pelos braceletes de Harmonia — disse Marasi. Estava muito pálida, segurando a barriga ferida.

Naves voadoras que usavam algum tipo de Alomancia. Ferrugem e Ruína.

Wax sentiu que o mundo parecia girar ao redor dele. Se a eletricidade tinha mudado a vida de forma tão dramática, o que *aquilo* faria? Obrigou-se a sair do estupor e olhou para o mascarado baixo.

— Qual é o seu nome? — perguntou Wax.

— Allik Nuncalonge, ó Alto — disse o homem.

— Então espere um momento aqui, Allik.

— Tudo o que desejar, ó…

Wax saltou do veículo antes que pudesse ser louvado — ou insultado, ele não sabia o que o homem queria dizer com aquelas palavras. Teve uma visão melhor da pequena aeronave ao pular. Sim, parecia mais uma cabine comprida de carro a motor do que um bote, com aquele fundo chato. O grande ventilador era separado da nave por um pequeno espaço, permitindo a entrada do ar por cima. As portas nas paredes não pareciam fechar, então era bom que os assentos tivessem faixas.

Wax desceu pelo céu, com medo de *empurrar* a pequena aeronave, mas conseguiu usar âncoras abaixo para desacelerar e impulsionar-se na direção das florestas a norte do galpão.

Ele queria ser rápido. Aquela nave não voava alto o suficiente para ficar em segurança caso eles tivessem acesso a canhões. Desceu na floresta e surpreendeu Steris, que estava sentada em seu cavalo, com os outros em fila, carregados e prontos para partir.

— Lorde Waxillium! — chamou. — Supus que estaria vindo e preparei…

— Ótimo — disse Wax, indo até seu cavalo. — Desça e pegue sua bolsa e a de Marasi.

Ela fez isso sem objeções ou perguntas, pegando seu pequeno fardo de coisas essenciais e o de Marasi. Wax fez o mesmo com as coisas de MeLaan e Wayne.

— Vamos deixar os cavalos? — perguntou Steris.

Ele soltou os cavalos e pegou Steris pela cintura.

— Acabou que encontramos algo ainda melhor.

Ele sacou uma de suas armas mais velhas e a jogou no chão; precisaria de um grande pedaço de metal para levá-los alto o bastante. *Empurrou-a*, lançando-os da floresta para o céu.

Ele se preocupava com as manobras, que não eram fáceis sem arranha-céus nos quais *empurrar*. Contudo, Allik virou a nave na sua direção, permitindo-lhe dar a Steris um dos braceletes e colocá-la na nave antes de entrar. O veículo

conseguiu aceitar o novo peso dos suprimentos, embora Allik tivesse que puxar uma alavanca para impedi-los de perder altura.

— Sete pessoas — disse o mascarado. — E suprimentos. Acima do peso que a *Wilg* deveria levar, mas ela dará conta. Até nosso metal se esgotar. A questão é: para onde você quer que ela nos leve?

— Elendel — disse Wax, indo na direção da frente da pequena nave.

— Ótimo — disse Allik. — E… onde é isso?

— Norte — respondeu Wax, apontando. A pequena prateleira na frente do veículo, parecida com o painel de um carro a motor, tinha uma bússola embutida. — Mas se você seguir primeiro para oeste e encontrar o rio, podemos…

— Não — disse Telsin, tomando Wax pelo braço. — Precisamos conversar.

Tiros soaram abaixo, seguidos por uma explosão que ecoou. Ótimo. Eles *de fato* tinham um canhão.

— Apenas nos tire daqui — disse Wax a Allik enquanto deixava que Telsin o puxasse para os fundos da pequena nave. Passou por Wayne, ainda pendurado pela metade para fora de uma das passagens e boquiaberto. Marasi estava no chão, e MeLaan verificava o ferimento enquanto Steris já começara a dispor as bolsas numa pilha eficiente entre dois dos assentos.

Os ventiladores zumbiram e a nave começou a se mover para longe do acampamento inimigo. Não tinha grande velocidade, mas avançava constantemente. Wax se acomodou num banco nos fundos da nave com a irmã. Ferrugem… Telsin. Finalmente. Um ano e meio se passara desde que ele prometera deter seu tio e libertá-la. Agora ali estava ela, sentada ao seu lado.

Parecia uma mulher moderna, com cabelo em cachos, usando um vestido elegante que estava na moda: material fino, bainha logo abaixo dos joelhos, um decote que destacava o pescoço comprido e correntes delicadas. Se você não olhasse para os olhos poderia supor que era uma bela dama a caminho de um baile.

Se a olhasse nos olhos só encontraria frieza.

— Waxillium — disse ela suavemente —, há algum tipo de arma ao sul, escondida entre as montanhas que separam a Bacia e as Terras Brutas. Tio Edwarn a encontrou. Ele está indo para lá.

— O que você sabe a respeito? — perguntou Wax, tomando sua mão. — Telsin, você sabe o que ele está planejando? É uma revolução?

— Ele não me conta muito — respondeu. Sua voz era muito calma, muito fria,

quando comparada ao que havia sido antes. Sempre apaixonada, sempre o estimulando a fazer coisas que ele não devia. Parecia que tinham sugado a vida dela durante seus meses de cativeiro. — Jantamos juntos na maioria das noites em que ele está aqui, mas fica com raiva se pergunto sobre seu trabalho. Ele me queria como um de seus… projetos, originalmente, mas minha idade torna isso impossível. Agora sou apenas um peão. Para usar contra você, acredito.

— Não mais — disse Wax, apertando sua mão. — Não mais, Telsin.

— E se ele achar essa arma? — perguntou ela. — Ele parece *convencido* de que está lá e dará ao seu grupo poder para dominar a Bacia. Waxillium, *não podemos* deixar que ele a consiga — disse. Alguma paixão retornou aos seus olhos, um pouco da Telsin de que ele se lembrava. — Se ele tomar a Bacia, então me pegará novamente. Ele vai matar você e *me pegar*.

— Vamos a Elendel, informaremos o governador e depois enviaremos uma expedição.

— E se isso demorar tempo demais? — insistiu Telsin. — Você sabe o que é a arma? A coisa que ele está procurando?

Wax baixou os olhos para o medalhão preso ao braço dela.

— Feruquemia e Alomancia que qualquer um possa usar.

— O poder do próprio Senhor Soberano, Waxillium — disse Telsin, apaixonadamente. — Os Braceletes da Perdição. Podemos encontrá-los e usá-los antes que ele o faça. É preciso viajar a pé por uma trilha de montanha traiçoeira. Eu os ouvi se preparando para isso. Nós, contudo… — disse, olhando pela passagem na direção da paisagem. Era uma visão que poucos tinham testemunhado. Uma visão um dia reservada apenas a Lançamoedas.

— Vou examinar Marasi — disse Wax. — Depois decidiremos.

Marasi pairava acima do mundo, olhando para uma terra banhada pela luz das estrelas. Árvores como arbustos. Rios como riachos. Colinas como calombos. A terra era o jardim de Harmonia. Seria assim que Ele a via, do ponto de vista de um Deus?

O Caminho ensinava que Ele estava ao redor, que seu corpo eram as brumas, que Ele via tudo e *era* tudo. As brumas eram disseminadas, visíveis apenas quando ele queria que fossem. Ela sempre gostara desse ensinamento, como se a fizesse sentir a Sua proximidade. Mas outros aspectos do Caminho a incomodavam. Ele não tinha uma estrutura, e, por isso, todos pareciam ter sua

própria ideia de como deveria ser seguido.

Sobrevivencialistas como a própria Marasi viam Harmonia de modo diferente. Sim, Ele era Deus, mas, para eles, era mais uma *força* do que uma divindade benevolente. Ele estava ali, porém ajudaria um besouro com a mesma facilidade com que ajudaria um homem, pois todos eram iguais para Ele. Se você *realmente* queria que algo fosse feito, rezava para o Sobrevivente, que, de algum modo, sobrevivera até mesmo à morte.

Marasi fez uma careta enquanto MeLaan continuava a trabalhar.

— Hum, sim — disse MeLaan. — Muito interessante.

Marasi estava deitada no piso do veículo, perto de uma passagem, com a cabeça sobre um paletó enrolado que servia como travesseiro. O vento não era forte demais, ao contrário do que Marasi teria esperado, já que não se moviam muito rápido, mas os ventiladores faziam bastante barulho.

MeLaan abrira o uniforme de Marasi de um modo muito impróprio, mal deixando coberta a maioria das partes importantes, mas ninguém parecia se importar, então Marasi não criou caso. Ademais, isso era menos desconcertante do que o que MeLaan fazia com ela. A kandra estava ajoelhada acima de Marasi, com a mão na lateral do corpo, tendo liquidificado e escorrido sua carne para *dentro* do ferimento.

Era tão perturbador quanto fora vê-la abrir a fechadura, como se Marasi fosse apenas outro enigma a ser manipulado. Ferrugem! Ela podia *sentir* MeLaan remexendo lá dentro com pedaços de carne que tinham se tornado tentáculos.

— Vou morrer, não vou? — perguntou Marasi suavemente.

— Vai — respondeu MeLaan. A luz de uma pequena lanterna que tinham na bagagem iluminava seu rosto. — Não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

Marasi apertou os olhos com força. Bem feito para ela por ter saído correndo por aí como um homem da lei das Terras Brutas, avançando em meio a tiroteios e supondo ser invencível.

— Como está a ferida? — perguntou Waxillium. Marasi abriu os olhos e o viu curvado, enrubescendo em seu estado de quase nudez. Claro. Sua emoção final seria constrangimento por causa do maldito *Waxillium Ladrian*.

— Ahn? — perguntou MeLaan, tirando o braço e deixando sua carne se formar novamente sobre os ossos cristalinos. — Ah, achei um buraco no intestino, como você imaginara. Costurei apertado, usando um pouco de tripa de gato que fiz com intestinos extras que venho preparando. Cobri com um pouco

da minha carne.

— Ela vai rejeitar a carne.

— Não. Dei uma mordida nela e repliquei a pele. O corpo achará que é dela.

— Você *comeu* uma parte de mim? — perguntou Marasi.

— Uau — reagiu Waxillium. — Isso é… Uau.

— Sim, bem, eu sou incrível. Com licença — disse MeLaan, colocando a mão para fora do veículo voador e livrando-se de um jorro de algo repulsivo. — Tive de sugar umas coisas lá dentro para limpar tudo. É o modo mais seguro — explicou. Ela encarou Marasi. — Você me *deve* uma.

— Aquela foi a parte de mim que você… ahn… comeu? — perguntou Marasi.

— Não, só o que estava vazando. O remendo transplantado sobre o ferimento deve resistir até que você se cure sozinha; eu o soldei a veias e capilares. Vai incomodar um pouco, mas não coce, e me avise se algo começar a necrosar.

Marasi hesitou antes de tocar no ferimento com dedos cautelosos. Encontrou apenas carne apertada, como uma cicatriz, remendando o buraco. Mal doía. Era algo leve, como um hematoma. Ela se sentou, espantada.

— Você disse que eu ia morrer!

— Claro que você vai morrer — disse MeLaan, inclinando a cabeça de lado. — Você é mortal. Não consigo transformá-la em kandra simplesmente… Ah, você estava falando de *hoje*. Que inferno, garota, aquele tiro mal arranhou você.

— Você é uma pessoa horrível — disse Marasi. — Você sabe disso?

MeLaan sorriu, acenando para Waxillium, que estendeu a mão para ajudar Marasi a se levantar. Ela arrumou o uniforme rapidamente, embora MeLaan o tivesse cortado de formas que tornavam difícil o pudor. Ela teria que procurar algo em sua bagagem, mas como poderia trocar de roupa no espaço apertado daquele veículo?

Ela suspirou, segurando a mão de Waxillium e deixando que ele a colocasse de pé. Por ora, ela manteve uma das mãos na cintura para impedir que as calças caíssem. Ele ofereceu seu casaco de bruma, e, após um momento de hesitação, ela o vestiu.

— Obrigada — disse, notando que ele tinha uma atadura no braço esquerdo, logo abaixo do ombro. Também havia sido baleado durante a luta? Não dissera nada, o que a fez se sentir ainda mais tola.

Waxillium apontou com a cabeça para a frente do veículo, onde Allik estava sentado com os pés sobre o painel, recostado no assento. Era impossível ler sua

expressão, mas ela sentiu que sua postura era reflexiva.

— Acha que pode conversar com ele? — perguntou Waxillium.

— Suponho que sim — respondeu Marasi. — Estou um pouco tonta e muito humilhada. Mas, afora isso, estou bem.

Waxillium sorriu e tomou seu braço.

— Pegou a estaca de ReLuur?

— Sim — disse Marasi, checando a bolsa para ter certeza e colocando os dedos nela só por garantia. Ela a ergueu.

— Elas deterioram quando estão fora de um corpo, não é mesmo? — disse Waxillium, olhando para MeLaan, que se instalara numa passagem, com as pernas balançando do lado de fora, ignorando os assentos.

— Como você sabe? — perguntou ela.

— O livro que o Olhos de Ferro me deu.

— Ah, certo — disse MeLaan, com uma expressão mais sombria. — Isso. Você sabe que o Lorde Nascido da Bruma estava errado em criá-lo, não?

— Li mesmo assim.

MeLaan suspirou, olhando para fora.

— Quanto mais tempo passa longe de ReLuur, mais sua Bênção enfraquece. Mas elas são poderosas e podem durar algum tempo; além disso, mesmo que a Bênção deteriore, a estaca ainda vai restaurar sua mente. Com alguma… perda de memória.

A voz falhou nessa parte, e ela desviou os olhos.

— Bem, temos a estaca graças a você — disse Waxillium, olhando para Marasi. — E estou com minha irmã. Então deveríamos voltar a Elendel e descobrir o que Allik sabe.

— Deveríamos — concordou Marasi. — Mas seu tio…

— Você ouviu minha conversa com Telsin?

— O suficiente.

Quando ela não estivera distraída com o medo de estar morrendo. *Kandra idiota*.

— E o que você acha? — perguntou Waxillium.

— Não sei, Waxillium — disse Marasi. — Nós realmente viemos até aqui por causa da estaca ou até mesmo por causa da sua irmã?

— Não — respondeu ele suavemente. — Viemos para deter Elegante.

Marasi anuiu. Depois, enfiou a mão mais fundo na bolsa, tirando o caderno que roubara do escritório de Irich. Folheou até a página com o mapa e o ergueu para que ela e Waxillium pudessem ver.

Tinha um ponto claramente indicado como “Segundo Local”, algum tipo de acampamento nas montanhas. E, além disso, algo em grande altitude, em meio a outros picos, indicado como perigosamente alto. As anotações de Irich diziam: *Localização relatada do templo*.

— A arma — disse Waxillium, raspando os dedos no mapa. — Os Braceletes da Perdição.

— É real.

— Meu tio acha que é — disse Waxillium, hesitando. — E eu também.

— Você consegue imaginá-lo com um Nascido da Bruma… e um feruquemista pleno? — perguntou Marasi. — Imortal. Como Miles, só que muito pior. Tendo a força de todos os metais. Como o Senhor Soberano renascido.

— Meu tio disse que estava indo para o segundo local — disse Waxillium, estudando o mapa. — Mas é possível que sua expedição ainda não tenha chegado ao templo. Eles sabem onde é, em função dos seus interrogatórios, mas ainda estão planejando a expedição. Com esta máquina, poderíamos chegar lá antes dele.

Waxillium respirou fundo e apontou com a cabeça para Allik.

— Você fala com ele? Descobre o que ele sabe?

— O homem passou por *muita* coisa, Waxillium — disse Marasi. — Acho que devem tê-lo torturado e assassinado seus amigos. Ele não merece um interrogatório neste instante.

— Nós não merecemos muitas das coisas que nos acontecem, Marasi. Fale com ele, por favor. Eu faria isso, mas o modo como ele me trata… Bem, acho que você conseguiria melhores respostas.

Ela suspirou, mas concordou e passou por Wayne, que estava, sem nenhuma surpresa, caído num assento e roncando. Steris estava sentada, com as mãos no colo, tranquila, como se passear numa máquina voadora fosse um acontecimento cotidiano. Telsin continuava sentada no fundo do veículo.

Marasi cambaleou. Ferrugem! Ela *estava* tonta. Felizmente, a frente do veículo tinha dois assentos, o que Allik usava e um banco menor junto a ele. Allik olhou para ela, que se deu conta de que estivera errada sobre sua postura.

Ele não estava pensativo, mas com *frio*, sentado ali com os braços ao redor do corpo e até mesmo tremendo.

Ficou surpresa. Estava mais frio ali do que abaixo, verdade, mas ela mesma não estava especialmente com frio. Mas, por outro lado, ela agora vestia o casaco de Waxillium.

Allik se virou novamente para o para-brisa enquanto ela se sentava no banco.

— Supus que todos aqui na terra do Supremo fossem bárbaros — disse ele. — Ninguém usa máscaras. E o que seu povo fez com meus tripulantes… — Ele estremeceu novamente. Dessa vez, não parecia ser pelo frio. — Mas então você me soltou — continuou ele. — E você tem um *deles*, um grande Nascido do Metal das artes preciosas. Então fiquei confuso.

— Não me sinto uma bárbara — disse Marasi. — Mas duvido que os povos mais bárbaros se *sintam* assim. Lamento pelo que aconteceu com seus amigos. Eles tiveram a infelicidade de encontrar um grupo de pessoas muito más.

— Havia quinze máscaras na parede — disse Allik. — Mas a tripulação da *Brunstell* era de quase cem, né? Sei que alguns morreram na queda, mas o resto… Sabe onde eles poderiam estar?

Ele olhou para ela, que conseguiu ver a dor em seus olhos atrás da máscara.

— Talvez — disse Marasi, surpresa por se dar conta de que poderia saber. Virou o caderno para ele, mostrando o mapa. — Sabe de alguma coisa sobre isto?

Allik olhou para ele.

— Como você conseguiu isto?

— Encontrei na escrivaninha dos um dos seus captores.

— Eles não conseguiam se comunicar conosco — disse Allik, pegando o caderno. — Como descobriram isso?

Marasi fez uma careta. Embora a tortura fosse um método de interrogatório terrivelmente ineficaz, pelo menos no que dizia respeito a casos legais, ela desconfiava de que *era* uma poderosa motivação para superar barreiras.

— Você acha que eles estão aqui — disse Allik, apontando para o mapa. — Acha que os homens que os capturaram, os homens maus, levaram meus tripulantes para encontrar o templo do Supremo.

— Isso soa como algo que Elegante faria — disse Marasi, lançando um olhar a Waxillium, que se acomodara num assento atrás dela e se inclinou para a frente de modo a escutar. — Levar guias, ou especialistas, só por garantia. Ele está a

caminho de lá, o líder daqueles que mataram seus amigos.

— Então é para lá que devo ir — disse Allik, sentando-se e mudando a direção da nave. — *Wilg* e eu os deixaremos em algum lugar caso exijam, pois *não* quero deixar aquele ali com raiva — disse, apontando com o polegar por cima do ombro para Waxillium. — Mas tenho que encontrar meus tripulantes.

— Quem é o Supremo? — perguntou Waxillium.

Allik se encolheu.

— Certamente ele não era tão grandioso quanto você, Impressionante.

Waxillium não disse nada.

— Ele está me encarando, não está? — perguntou Allik, baixinho, a Marasi. Ela fez que sim. — Olhos como punhais de gelo, cravando-se em mim por trás — disse, falando mais alto. — O Supremo foi nosso rei há três séculos. Ele nos contou que antes foi seu rei. E seu Deus.

— O Senhor Soberano? — retrucou Waxillium. — Ele morreu.

— Sim — falou Allik. — Ele também nos contou isso.

— Há trezentos anos — repetiu Waxillium. — Exatamente?

— Trezentos e trinta, ó Persistente.

Waxillium balançou a cabeça.

— Isso foi depois da Ascensão de Harmonia. Tem *certeza* dessas datas?

— Claro que tenho certeza — disse Allik. — Mas se desejar que eu revise minhas crenças de modo a…

— Não — disse Waxillium. — Apenas diga a verdade.

Allik suspirou, revirando os olhos, o que criava uma expressão estranha em alguém usando uma máscara.

— Deuses — sussurrou para ela. — Muito temperamentais. Seja como for, o Supremo surgiu cerca de dez anos após a Morte de Gelo, né? Nome bobo, mas você tem que dar um nome. A terra era bela e quente, e então congelou.

Marasi olhou para Waxillium, franzindo a testa. Ele deu de ombros.

— Congelou? — perguntou ela. — Não me lembro de ouvir falar num congelamento.

— Está congelada neste instante! — afirmou Allik, tremendo. — Vocês também tiveram isso aqui, precisam ter tido. Há três séculos veio a Morte de Gelo.

— O Catacendro? — perguntou Waxillium. — Harmonia refez o mundo.

Salvou o mundo.

— *Congelou* — retrucou Allik, balançando a cabeça. — A terra era macia e quente, e agora é dura, partida e congelada.

— Harmonia… — sussurrou Marasi. — Allik é do Sul, Waxillium. Você não leu os antigos livros? As pessoas do Império Final nunca foram naquela direção. Os oceanos supostamente ferviam quando se chegava perto demais do equador.

— As pessoas que viviam no sul se adaptaram — disse Waxillium. — Sem Montanhas de Cinzas para encher o céu de cinzas e resfriá-lo…

— Então o mundo quase acabou — continuou Allik. — E o Supremo chegou e nos salvou. Ele nos ensinou isto — disse, fazendo um gesto na direção da faixa que usava no braço, com o medalhão, e fez uma pausa. — Bem, não exatamente *este*. Mas este.

Ele enfiou a mão no painel e tirou o outro medalhão que tinha usado, aquele que ele tirara do cofre no galpão. Ele o colocou, trocando pelo da linguagem, e suspirou de satisfação.

Marasi o observou. Depois, ergueu a mão como se para tocar a mão dele, e ele permitiu. A pele dele ficou mais quente enquanto ela o tocava.

— Calor — disse ela, olhando para Waxillium. — Este medalhão estoca calor. É uma propriedade da Feruquemia, certo?

Waxillium anuiu.

— A mais arquetípica. Nos velhos dias, meus ancestrais terrisanos viviam nas terras altas, viajando com frequência por passagens nas montanhas cheias de neve. A capacidade de estocar calor e usá-lo depois permitiu que sobrevivessem onde mais ninguém conseguia.

Allik ficou sentado, aproveitando seu calor por algum tempo, antes de, com evidente relutância, tirar o medalhão e trocá-lo rapidamente pelo que, de algum modo, permitia que conversasse com eles.

— Sem eles estaríamos mortos — disse, erguendo o primeiro medalhão. — Acabados. Todos os cinco povos extintos, né?

Marasi anuiu.

— E ele lhes ensinou isso? O Supremo?

— Claro que sim. Ele nos salvou, abençoado seja. Ensinou que os Nascidos do Metal são pedaços de Deus, cada um deles, embora inicialmente não tivéssemos nenhum entre nós. Ele nos deu aparelhos e criou as Mães do Fogo e os Pais do Fogo, que vivem para encher estes medalhões, para que o resto de nós

possa deixar nossas casas e sobreviver neste mundo frio demais. Antes que ele partisse, usamos seus presentes para descobrir o resto, como os que nos fazem voar.

— O Senhor Soberano buscando redenção pelo que fez aqui em cima através da salvação das pessoas lá embaixo — disse Marasi.

— Ele estava *morto* — disse Waxillium. — Os registros…

— Já estiveram errados antes — cortou Marasi. — Tinha que ser ele, Waxillium. E isso significa que os Braceletes…

Waxillium se colocou junto a Allik, no lado oposto a Marasi. O mascarado o encarou, como se estivesse muito desconfortável com sua presença.

— Estes — começou Waxillium, pegando o medalhão de calor no painel. — Vocês podem criar quando quiserem?

— Se tivermos o Nascido do Metal e os Extratores, sim. Os Extratores são os presentes que o Supremo fez para nós.

— Então, com um desses aparelhos, um Nascido do Metal pode criar um medalhão como este com *qualquer* capacidade alomântica ou feruquêmica?

— Palavras sagradas — disse Allik. — Mas se alguém pode dizê-las é você, ó Blasfemo. Sim. Qualquer uma.

— E algum de vocês criou um medalhão que dê *todos* os poderes? — perguntou Waxillium.

Allik riu.

Marasi franziu a testa.

— Por que o riso? — perguntou Marasi.

— Acha que somos deuses? — respondeu Allik, balançando a cabeça. — Está vendo isso? O que você está segurando? É muito complicado. É abastecido com a capacidade de dar à uma pessoa uma fatia de santidade.

— Investidura — disse Waxillium. — Este anel interno é de nicrosil. Você o drena, e ele lhe concede investidura, transformando-o num feruquemista temporário com a capacidade de encher uma mente de metal com peso — explicou, erguendo o medalhão. — O ferro é por conveniência, certo? Você pode enchê-lo, mas, desde que esteja drenando a investidura, pode tocar qualquer fonte de ferro e transformá-la numa mente de metal.

— Você sabe muito sobre isto, ó Misterioso — disse Allik. — Você é sábio e…

— Aprendo rápido — disse Waxillium, olhando para Marasi. Ela assentiu para que ele continuasse. Aquilo era fascinante… As artes metálicas não eram uma de suas áreas de conhecimento, mas Waxillium tinha paixão por aquilo. — O que é este outro anel que forma o medalhão?

— Esse concede o calor — explicou Allik. — É uma combinação grandiosa; *dois* atributos, de anéis distintos. Demoramos muito para fazer isso funcionar, né? Este que uso agora também concede dois: peso e ligação. Eu *vi* medalhões com três. Apenas duas vezes na minha vida. Todas as tentativas de quatro fracassaram.

— Então usem vários medalhões — disse Waxillium. — Prenda trinta e dois em seu corpo e terá todas as habilidades.

— Lamento, ó Grande Sábio. Você evidentemente conhece muito sobre o assunto e sabe coisas que nenhum de nós *jamais* pensaria em tentar. Como pudemos ser tão tolos e não nos darmos conta de que podíamos simplesmente…

— Cale-se — rosnou Waxillium.

Allik se encolheu.

— Não funciona? — perguntou Waxillium.

Allik balançou a cabeça.

— Eles interferem um no o outro.

— Então, para criar um com múltiplos poderes…

— Você precisa ser muito habilidoso — disse Allik. — Mais habilidoso do que qualquer um que viveu entre nós. Ou… — começou ele, e riu. — Ou precisaria ter todos os poderes e colocá-los num medalhão, em vez de adicionar o seu poder e passar o medalhão para outra pessoa adicionar o dela, como fazemos agora! Se esse fosse o caso, você de fato seria um grande Deus. Tão poderoso quanto o Supremo.

— Ele *de fato* criou um desses — disse Waxillium, esfregando o medalhão com o polegar. — Um com todas as habilidades. Um bracelete, ou um conjunto deles, que concede todas as dezesseis habilidades alomânticas e todas as dezesseis habilidades feruquêmicas.

Allik murchou.

— É por isso que você está aqui, não é, Allik? — perguntou Waxillium, olhando nos olhos do homem.

Marasi se inclinou para a frente. Waxillium tinha dito que não era bom em ler as pessoas, mas estava errado. Ele era ótimo nisso, desde que lê-las envolvesse

atormentá-las.

— Sim — sussurrou Allik.

— Vocês saíram de suas terras para encontrar os Braceletes da Perdição — disse Waxillium. — Por que eles estão aqui em cima?

— Escondidos — contou Allik. — Quando o Supremo nos deixou, levou-os com ele, juntamente com seus sacerdotes, seus servos mais íntimos. Bem, alguns deles acabaram retornando, né? Com histórias para contar. Ele os levou numa grande jornada e os fez construir um templo para ele numa cadeia de montanhas escondida. Deixou os sacerdotes lá, com os Braceletes, e disse-lhes para protegê-los até que ele voltasse para buscá-las. E isso foi burro, né? Porque nós *realmente* poderíamos tê-los usado para combater os Negadores de Máscaras.

— Negadores de Máscaras? Como nós?

— Não, não — disse Allik, rindo. — Vocês são apenas bárbaros. Os Negadores são *realmente* perigosos.

— Ei! — chamou Wayne atrás deles, cabelo agitado ao vento, com o chapéu nas mãos. Quando ele tinha acordado? — Nós derrubamos sua grande nave do céu, não derrubamos?

— Vocês? — reagiu Allik, rindo. — Não, não. Vocês não conseguiriam ter feito mal à *Brunstell*. Ela caiu numa grande tempestade. É um risco para nossas naves; tão leves, tão facilmente perturbadas por tempestades. Teríamos pousado a *Brunstell*, mas estávamos nas montanhas, procurando. Estávamos muito perto do templo, mas então… É. Ela caiu das montanhas sobre suas terras. Caiu naquela pobre aldeia. Os bárbaros lá inicialmente foram gentis. Depois os outros chegaram.

Ele encolheu na cadeira.

Waxillium deu um tapinha em seu ombro.

— Obrigado, ó Maravilhoso — disse Allik. Deu um suspiro. — Bem, desde que a elite do Supremo nos contou as histórias, temos tentado encontrar os braceletes.

— Encontrá-los? — reagiu Waxillium. — Você nos contou que ele deixou os Braceletes lá para ele mesmo.

— Bem, é, mas todos interpretam isso como um desafio. Um teste criado pelo Supremo, certo? Ele gostava disso. Por que ele deixaria que os sacerdotes nos contassem sobre eles se não quisesse que fôssemos buscá-los? Só que, após anos de buscas, todos começaram a pensar que o templo era uma lenda sofisticada,

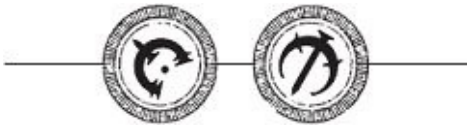
perdida no tempo. Todo mundo tinha um tio que tinha um mapa, né? Do tipo que vale menos que o papel em que é desenhado, né? Mas recentemente começaram a circular algumas histórias interessantes. Conversas sobre terras lá em cima, montanhas que ninguém tinha explorado. Mandamos várias naves de batedores, e elas retornaram com histórias sobre seu povo, nessa terra. Bem, há cinco ou seis anos, os caçadores enviaram uma grande nave com o objetivo de finalmente encontrar o templo. E eles tiveram sucesso, acreditamos. Um deslizador voltou com um mapa de onde haviam estado. O resto congelou até a morte; uma nevasca nas montanhas foi mais forte que seus medalhões.

O vento sacudiu a pequena nave enquanto Allik ficava em silêncio.

— Nós vamos atrás desse templo, certo? — perguntou Marasi, olhando para Waxillium.

— Pode ter certeza que sim.

22



Marasi teve muito tempo para pensar enquanto eles viajavam rumo ao sul na direção das montanhas. Allik acreditava que a viagem demoraria cerca de duas horas, o que a surpreendeu. Ela imaginara que uma aeronave fosse um veículo veloz, mas aquela provavelmente era mais lenta que um trem. Ainda assim, ser capaz de ir até lá em linha reta, em vez de precisar acompanhar a paisagem, era uma vantagem clara.

Mesmo com os ventiladores zumbindo em seus suportes, a aeronave parecia planar durante a maior parte do tempo. Allik aumentava ou baixava a altitude, tentando encontrar ventos favoráveis, e se queixava de não conhecer as correntes aéreas na região. Navegava usando equipamentos que ela não reconhecia, juntamente com mapas impressionantemente precisos da Bacia inferior. Com que frequência aquelas pessoas tinham percorrido os céus ali, ocultos na escuridão, observando e fazendo seus mapas?

A maioria dos outros dormia, usando confortavelmente o calor como Allik lhes ensinara. Quando Marasi pensou em dormir, não conseguiu afastar a ideia de cair por uma daquelas passagens e acordar ao bater no solo, mesmo com os cintos prendendo todos.

Wayne lhe deu alguma coisa para ajudar com a dor, embora não tivesse explicado o que era. Mas funcionara, e, em grande medida, ela conseguia ignorar a dor na lateral do corpo. Acomodou-se no assento ao lado de Allik e conversou com ele. Sentia-se culpada, já que isso exigia que ele usasse o medalhão de tradução, mas ele parecia tão ansioso para conversar quanto ela. Marasi não sabia se isso acontecia por ter fome de interação depois de seu encarceramento ou por querer distrair-se para não pensar nos amigos que havia perdido durante sua jornada.

Ao longo das duas horas seguintes, ele lhe contou mais sobre os medalhões que usavam e as lendas sobre os Braceletes da Perdição. Nas histórias de Allik, o Senhor Soberano as enchera com muito de todos os atributos, mas também as

criara de modo a dar a qualquer pessoa que as usasse a capacidade de drená-las. Uma espécie de desafio à humanidade a encontrá-las, juntamente com um alerta para não o fazer. Allik de modo algum considerava isso uma contradição.

Ele também passou algum tempo contando sobre a vida no lugar de onde ele vinha, que estava além das montanhas, depois de todas as Terras Brutas do Sul e os desertos. Um lugar distante e maravilhoso onde todos usavam máscaras, embora nem todos as usassem do mesmo modo.

O povo de Allik preferia usar máscaras segundo suas profissões ou estados emocionais. Não todos os dias, certamente, mas não era incomum trocarem as máscaras com a mesma frequência com que uma dama em Elendel poderia trocar de penteado. Mas havia outros grupos. Um deles dava uma máscara a cada criança, que só era trocada quando chegavam à idade adulta. Allik alegava que essas pessoas, chamadas de caçadores, até mesmo se *fundiam* às máscaras de algum modo, embora Marasi achasse difícil acreditar nisso. E ainda havia outros, aos quais ele se referia com desprezo, que usavam apenas máscaras simples, sem pintura, até que fizessem algo para merecer uma mais decorada.

— Esses são os caídos — explicou ele, agitando uma das mãos à frente num gesto que ela não entendeu. — Eles eram nossos reis, né? Antes de o mundo congelar. Eles ofenderam os Jaggenmire, motivo que fez tudo dar errado, e…

— Espere — disse Marasi, falando baixinho para que os outros pudessem dormir. — Os… Jag…

— Jaggenmire? — perguntou. — Isso não foi traduzido? Então vocês não têm um nome para eles em seu idioma. É como um deus, só que não.

— Muito esclarecedor.

Surpreendentemente, ele ergueu a máscara, algo que ela só o vira fazer uma vez, ao se ajoelhar diante das máscaras dos amigos. Não parecia considerar isso alguma espécie de infração, e continuou falando. Ela gostava de poder ver seu rosto; embora a barba e o bigode com falhas parecessem um tanto ridículos, também o faziam parecer mais jovem do que realmente era, a não ser que estivesse mentindo sobre ter 22 anos.

— É como… como uma coisa que comanda o mundo, né? — disse ele, fazendo uma careta. Quando alguma coisa cresce, ou morre, os Jaggenmire fazem isso acontecer. Há Herr, e sua irmã Frue, que também é sua esposa. Ela faz com que as coisas parem, e ele faz com que avancem, mas nenhum deles pode…

— Criar vida sozinho — concluiu Marasi.

— É! — disse ele.

— Ruína e Preservação — falou. — Os antigos deuses terrisanos. Eles agora são um, Harmonia.

— Não, eles *sempre* foram um — retrucou Allik. — E sempre separados. Muito estranho, muito complexo. Mas, seja como for, estávamos falando sobre os caídos, né? Eles fazem tudo o que podem para reduzir seu fardo do fracasso. Um cumprimento significa muito para eles, mas você precisa tomar cuidado, pois se lhes disser que agiram bem, eles podem levar seu cumprimento muito a sério e viajar de volta a seu povo para contar a todos. Então *você* pode ser chamada a testemunhar sobre como fizeram um bom trabalho, de modo a que eles possam trocar de máscara. E sua linguagem é *realmente* difícil. Eu a falo superficialmente; é sempre útil, de modo a não precisar usar o medalhão, mas faz minha cabeça girar como se tivesse voado alto demais por tempo demais.

Ela sorriu, escutando-o seguir em frente com sua explicação, gesticulando furiosamente enquanto falava, algo que ela percebeu ser muito natural quando os rostos viviam cobertos.

— Você fala muitos idiomas? — perguntou ela quando ele fez uma pausa, finalmente interrompendo sua narrativa.

— Eu nem sequer falo o meu próprio muito bem — disse ele, com um sorriso. — Mas estou tentando. Parece ser uma boa habilidade para um piloto de deslizador, já que com frequência é meu trabalho pilotar a *Wilg* e levar pessoas entre naves ou torres. E se vou passar metade do dia numa aula, acho que deva ser algo útil. Embora a matemática tenha…

— Aula? — perguntou Marasi, franzindo a testa.

— Claro. O que você acha que fazemos o dia inteiro na nave?

— Não sei — respondeu Marasi. — Limpar os conveses? Amarrar cordas? Ahn… arrumar… coisas. O tipo de atividade de marujos.

Ele olhou para ela com os olhos arregalados e depois baixou a máscara com força.

— Vou fingir que você *não* acabou de me comparar a um *marinheiro inferior*, srta. Marasi.

— Ahn…

— Você tem que ser mais especial que isso se quiser voar. Espera-se que sejamos cavalheiros e damas. Já jogamos pessoas pela *amurada* por não saber os passos corretos das danças.

— O quê? Sério?

— É, sério — disse ele, mas depois hesitou. — Certo, antes amarramos uma corda aos pés dele — disse, fazendo um gesto que ela começara a se dar conta de ser algo como um sorriso ou um riso. — Ele ficou pendurado abaixo da *Brunstell* por uns cinco minutos, lançando uma tempestade de insultos, mas nunca mais errou a cisterna três passos! E Svel sempre disse a ele…

Allik parou de falar, caindo em silêncio.

— O que ele sempre disse? — Marasi o estimulou.

— Desculpe. A máscara dele… De Svel, quero dizer. Na parede…

Ah. A conversa morreu, com Allik olhando para fora da nave e depois fazendo alguns ajustes de direção. Do lado de fora, a paisagem era escura a não ser por alguns pontinhos de cidades já longe à esquerda. Embora inicialmente tivessem evitado a Cordilheira Serana, Allik conduzira o deslizador para as montanhas havia cerca de meia hora. Agora voavam sobre os cumes, tendo subido mais do que ao voar sobre a Bacia.

— Allik — disse Marasi, apoiando a mão no braço dele. — Eu lamento.

Ele não reagiu. E assim, hesitante, consciente de que provavelmente estava violando um tabu, ela esticou a mão e ergueu a máscara. Ele não a deteve, e o movimento revelou olhos que olhavam sem ver, uma lágrima correndo em cada bochecha.

— Nunca os verei novamente — disse ele, baixinho. — A *Brunstell* está quebrada; nunca mais servirei nela. Nunca mais verei minha *casa* novamente, não é?

— Claro que verá — disse Marasi. — Você pode voar para lá.

— A *Wilg* não vai durar com a última pedra que tenho — disse ele, limpando as lágrimas.

— Pedra?

— Combustível — disse Allik, olhando para ela. — O quê? Você acha que a *Wilg* voa com nuvens e sonhos?

— Achei que voava com Alomancia.

— A Alomancia *empurra* as hélices — explicou Allik. — Mas é *ettmetal* que a sustenta.

— Acho que essa palavra também não foi traduzida — disse Marasi, franzindo a testa.

— Aqui, veja — disse Allik, ajoelhando e abrindo o compartimento onde colocara o pequeno cubo que Waxillium chamava de granada alomântica. Estava presa a uma prateleira metálica, que brilhava suavemente no centro. Allik apontou, e, ao lado, ela viu uma luz branca reluzindo com mais força. Uma pedra, queimando como luz oxídrica.

Ou como a própria Alomancia, pensou Marasi.

— Mas que tipo de metal é esse?

— *Ettmetal* — disse Allik, dando de ombros. — Também há um pouco no cubo primário, para fazê-lo funcionar. Muito mais para fazer uma nave como a *Wilg* avançar, e muito, *muito* mais para colocar a *Brunstell* no ar. Vocês não têm esse metal?

— Acho que não — respondeu Marasi.

— Bem, o que temos será suficiente para voar um dia ou dois. Depois, precisaremos de um alomântico *empurrando* o tempo todo. Então, a não ser que Vossa Grandeza, o Adormecido Lá Atrás, queira voar comigo até lá, estou preso, né?

— Você disse que tinha mais na *Brunstell*.

— É, mas está com *eles* — disse, sorrindo. — Inicialmente, os malvados não sabiam como lidar com o metal. Molharam alguns. *Esse* foi um bom dia.

— Molhar?

— *Ettmetal* explode se for molhado.

— Que tipo de metal *explode* se você o colocar na água?

— Este tipo. Seja como for, seus homens maus ficaram com a maior parte.

— E nós vamos detê-los — disse Marasi, com firmeza. — Vamos pegar seus tripulantes de volta, colocar você na sua nave, ou num desses deslizadores, se a grande não voar mais, e mandá-lo para casa.

Ele se acomodou novamente em seu assento, fechando a placa sob o painel.

— É isso o que vamos fazer — concordou ele, anuindo. Depois a encarou, com a máscara ainda levantada. — Claro que seu pessoal não tem o que nós temos. Nada de aeronaves. Então eles simplesmente permitirão que eu e os meus nos elevemos sem exigir informações sobre essa tecnologia?

Ferrugem! Ele era inteligente.

— Talvez possamos dar ao governador alguma parte dessa tecnologia, como alguns medalhões. Depois prometer a ele comércio entre nossos povos,

alimentado pela boa-vontade de ter ajudado você e os seus a irem para casa. Isso apagará parte da vergonha pelo que Elegante fez.

— Há alguns, na minha terra, que podem achar sua Bacia aqui em cima… tentadora, sem defesas contra ataques vindos do alto.

— O que torna ainda mais importante ter aliados entre seu povo.

— Talvez — disse ele, recolocando a máscara. — Aprecio sua verdadeira natureza. Você não tem uma máscara para esconder suas emoções. Muito estranho, porém bem-vindo neste caso. Ainda assim, tenho que pensar se isso não será mais complicado do que você diz. Se encontrarmos as relíquias, que vocês chamam de Braceletes da Perdição, quem ficará com elas? Eles são nossas, mas não vejo seu lorde Nascido do Metal permitindo que escapem de suas mãos.

Outra pergunta difícil.

— Eu… sinceramente não sei. Mas talvez tenhamos tanto direito a elas quanto vocês, já que foi *nosso* governante que as criou.

— Um governante que vocês mataram — lembrou ele. — Mas não vamos discutir sobre isso, né? Vamos encontrar o que encontrarmos e depois decidir o que fazer — disse. Em seguida, hesitou. — Tenho que lhe contar algo, srta. Marasi. É possível que não encontremos nada no templo a não ser destruição.

Ela franziu a testa, acomodando-se no assento, desejando que ele ainda estivesse sem a máscara para poder ler sua expressão.

— O que quer dizer?

— Já contei sobre aqueles que vieram em busca do templo — começou Allik.

— Os caçadores — disse Marasi.

Ele anuiu.

— Eles eram guerreiros nos tempos anteriores ao congelamento. Agora eles caçam respostas para o que nos aconteceu, e segredos para garantir que nunca aconteça novamente. Srta. Marasi, conheci muitos, e podem ser boas pessoas, mas muito, muito rígidos. Eles acreditam que os Braceletes da Perdição foram deixadas conosco como um teste, mas um teste oposto ao que todos supomos. Eles acham que o Supremo pretendia descobrir se assumiríamos o poder quando não deveríamos. E então…

— O quê? — perguntou Marasi.

— A nave deles veio para cá antes — disse Allik, olhando para ela. — Ela trazia bombas, grandes, feitas de *ettmetal*. Com o objetivo de *destruir* os

Braceletes. Dizem que não tiveram sucesso, mas tudo pode ter acontecido. Dizem que o lugar do templo está mais congelado que qualquer outra coisa no mundo. Um lugar perigoso para o meu povo.

Ele estremeceu visivelmente, olhando ansioso para o medalhão na mesa à sua frente.

— Vá em frente. Coloque-o — estimulou Marasi.

Ele assentiu. Eles tinham feito isso várias vezes até então, deixando Allik aquecer-se com o equipamento feruquêmico. A própria Marasi usava um, deixando-a confortavelmente quente, embora naquela altura o ar provavelmente estivesse congelante.

Allik se acomodou, e Marasi, curiosa, pegou o medalhão de conexão que ele tirara. Girou-o nos dedos, notando as linhas sinuosas no centro, dividindo-o em metais distintos. Ferro para peso, duralumínio para conexão e, mais importante, nicrosil, para lhe dar a habilidade de usar metais, para começar.

Ela conhecia a teoria metálica o suficiente para identificar os metais, mas a conexão… O que aquilo realmente fazia? E, acima de tudo, como aquilo o fazia falar um *idioma*?

Sentindo-se tola, ela sorriu e tirou seu medalhão. A nave imediatamente mergulhou por causa de sua retomada de peso. Ela soltou um guincho de susto e imediatamente colocou o medalhão de peso e conexão. Depois, corou, tornando-se leve novamente, enquanto Waxillium sacava a arma e levantava num pulo. Então ele não estivera dormindo, mas escutando. Ele olhou ao redor para ver o que causara o solavanco.

Nenhum dos outros se mexeu. Wayne continuou roncando.

Marasi ergueu o disco para Allik e depois drenou a conexão. Esperou por alguma reação dentro de si, mas não pareceu acontecer nada.

— Fomos tolos — disse ela. — Eu poderia ter usado isto e falado a *sua* língua. Então você poderia ter ficado aquecido.

Allik sorriu para ela e disse algo totalmente ininteligível.

— O que está acontecendo? — perguntou Waxillium.

— Nada — disse Marasi, corando novamente. Não estava funcionando. Por que não estava funcionando?

Allik fez um gesto para ela, que voltou para seu medalhão anterior; dessa vez, fez a troca com muito cuidado para não causar um solavanco, mas em grande medida fracassou. Como ele fazia a transição entre os dois tão suavemente?

Ele fez um gesto, deslizando a mão sobre o rosto, que ela achou que significava um sorriso.

— Esperto, mas não funcionará em você.

— Por quê?

— Porque estamos nas suas terras — explicou ele. — O visitante tem que usar o medalhão. Está cheio de conexão, né? Conexão vazia, com lugar nenhum. Mas a conexão não pode simplesmente ser conectada a *nada*, então, quando você a acessa, ela se projeta e se conecta com o lugar onde você está. Faz sua alma pensar que foi criada nesse lugar, então sua linguagem muda.

Marasi franziu a testa enquanto Waxillium se levantava, colocando-se entre os assentos da frente da nave.

— Curioso — disse. — Muito curioso.

— É como o mundo funciona — disse Allik, dando de ombros.

— Então por que você ainda fala com sotaque? — perguntou Marasi. — Se seu cérebro pensa que foi criado aqui?

— Ah — disse Allik, erguendo o dedo. — Minha alma pensa que fui criado aqui, em suas terras, mas sabe que sou de origem malwish, que meus pais são de Wiestlow, de modo que não posso evitar ter sotaque, né? Eu peguei deles. É como os medalhões sempre funcionam.

— Curioso — repetiu Marasi.

— É — concordou Allik. Mas Waxillium estava anuindo, como se fizesse completo sentido para ele.

— Aquelas montanhas à direita — disse Waxillium, apontando. — Aqueles picos são mais altos que os outros pelos quais passamos.

— É! — disse Allik. — Bons olhos, ó Observa…

— Pare com os títulos.

— É, ahn, ó Perturbador… Ahn… — começou Allik, respirando fundo. — Aqueles são os picos que estamos procurando. Estamos chegando perto. Teremos que levar a *Wilg* ainda mais alto. Temperaturas frias, altitudes perigosas.

Ele hesitou enquanto Waxillium apontava para algo à frente. Era difícil ver, mas distinto assim que Marasi notou. Luz, flutuando na escuridão. Só um clarão, mas chamativo contra o negror.

— A Cordilheira Serana é desabitada, a não ser por alguns poucos vales —

disse Waxillium. — Frio demais, tempestades demais.

— Então, se há uma luz… — disse Marasi.

— Elegante partiu em sua expedição — completou Waxillium, empertigando-se. — Hora de acordar os outros.

23



Wayne foi despertado muito rudemente, de um modo nada adequado ao seu sonho grandioso, no qual ele era o rei dos cães. Tinha uma coroa em forma de tigela e tudo mais. Piscou os olhos, sentindo-se bem e aquecido, e foi atingido por uma rajada de vento. Com sono, lembrou-se de que estava voando numa *aeronave* ferrada com um sujeito que não tinha rosto. E isso era quase tão bom quanto a coisa dos cães.

— Você pode nos levar mais baixo? — perguntou Telsin.

— Se eu fizer isso, eles nos ouvirão, mesmo com os ventiladores da *Wilg* em baixa velocidade — disse o mascarado. — Precisamos passar acima daquelas pessoas, mas vou nos manter bem alto.

Ferrugem! A irmã de Wax estava com metade do corpo para fora numa lateral aberta da máquina, olhando para baixo, embora Wayne mal conseguisse vê-la com tão pouca luz. Não imaginara que Telsin seria do tipo aventureiro, com Wax sendo calmo e cuidadoso na maior parte do tempo. Mas ali estava ela, fazendo sua melhor imitação de uma placa de pub sacudindo ao vento. Ele anuiu, apreciando. Depois, soltou-se das tiras que o prendiam ao assento e se levantou para ver para o que ela olhava.

Passou por cima da bagagem, que caíra da pilha que Steris tinha feito, e se inclinou para fora ao lado de Telsin. Isso permitiu que visse uma longa fila de pessoas, iluminadas por lanternas, avançando pelo que parecia ser neve até a cintura. Pobres sujeitos.

Wax foi até a outra abertura, olhando para baixo com a luneta. O próprio Wayne não conseguia ver muito. Segurou-se com uma das mãos e pegou a caixa de chicletes, sacudindo-a. Só havia mais um. Maldição. Bem, pelo menos tinha muito açúcar nela. Isso o ajudaria a se animar, ajudaria sim.

— Você o vê? — perguntou Telsin.

— Acho que sim — respondeu Wax. — Espere. Sim, é ele. Aposto que

começaram a expedição assim que receberam notícias do que aconteceu no galpão.

Ele levou a mão ao coldre e sacou uma das armas. Ele dava nomes àquelas coisas ferradas, mas Wayne nunca conseguia lembrar quais eram. Era uma daquelas com a coisa comprida na frente que cuspia pedaços de metal nos caras maus.

— Deixe que eu faço isso — disse Telsin, com paixão na voz.

Wayne hesitou, com o chiclete a meio caminho da boca. Era uma grande sede de sangue a daquela mulher.

— Você não conseguirá acertar um tiro desses — retrucou Wax. — Também não estou certo de que conseguirei.

— Deixe-me tentar — suplicou Telsin. — Não importa o que seja preciso fazer, quero que ele morra. Outro tomará seu lugar, mas *quero que ele morra*.

Wax suspirou por um longo momento, e todos na nave pareciam prender a respiração. Finalmente, ele baixou a arma.

— Não. Seu testemunho no tribunal fará muito mais contra o Grupo do que matar um homem sem nenhuma outra razão além de vingança. De qualquer modo, prefiro que ele seja interrogado.

Ele guardou a arma no coldre.

Wayne anuiu. Sujeito confiável aquele Wax. Estável. Igual num dia bom e num dia ruim. Wayne começou a recuar para dentro da nave, mas, quando passou sobre os assentos atrapalhou-se um pouco com Telsin e, no processo, chutou uma das bolsas para fora da abertura.

Wayne olhou para baixo, chocado, enquanto ela caía e *atingia* a cabeça de um dos homens.

— O que você fez? — cobrou Telsin.

Wayne se encolheu.

— O que ele fez agora? — perguntou Marasi, com um tom de resignação na voz.

— Chutou aquela bolsa para fora e caiu bem em cima deles — contou Telsin.

— Não foi culpa minha — reagiu ele. — Wax me acordou cedo demais. Isso me deixou desequilibrado.

Olhou para os outros ocupantes da nave. Wax suspirou, colocando-se ao lado do piloto. Steris e MeLaan estavam no banco dos fundos, fora do caminho.

MeLaan estava relaxada de um modo muito atraente e Steris, curvada sobre um grande caderno. Fazendo anotações? O que havia de *errado* com aquela mulher?

Abaixo, os homens na neve ergueram as lanternas e estudaram o céu, parecendo confusos.

— Leve-nos embora — disse Wax ao piloto mascarado, apontando. — Vá na direção que eles tomaram.

— Sim, ó Decisivo — disse o piloto. Os ventiladores nas laterais da coisa fizeram mais barulho. — Segurem-se todos.

A nave mudou de direção. Não rapidamente, mas voltou a se mover. Um belo truque aquele de ficar parado enquanto voava. Pássaros não conseguiam fazer isso, só Lançamoedas. Wayne foi para a frente, passando por Marasi para ter uma boa visão.

— O vento está aumentando — mencionou o piloto. — Pode ser uma tempestade, como se as coisas já não estivessem frias o suficiente.

— Ali — disse Wax, apontando. — O que foi aquilo?

— Vou dar a volta — disse o piloto, virando a nave, que sacudiu precariamente. Outra rajada de vento mandou flocos de neve pelas aberturas nas laterais.

— É isso — disse Wax, olhando pela cortina de neve. — Pelos Anéis de Harmonia… Realmente é aqui.

— Não vejo nada — disse Wayne, apertando os olhos.

— Segure-se em alguma coisa — disse o piloto. — Ou prenda as tiras. Vou pousar.

Wayne agarrou o braço do homem.

— Segure *outra* coisa.

Wayne agarrou o encosto da cadeira, e foi uma boa coisa, já que a nave virou de lado ao descer. O pouso não foi tão ruim, ao menos para quem gostava de ser sacudido e depois ter o rosto jogado contra a parede.

Wayne piscou e se viu na escuridão. Um momento depois, MeLaan conseguiu religar sua lanterna e a ergueu, mostrando que a nave assentara meio de lado, com uma das asas do ventilador, que dobrava para que a coisa se encaixasse na nave maior, tendo virado para cima nas dobradiças e uma grande pilha de neve empurrada para dentro pelo buraco na lateral da nave.

— É assim que costuma ser? — perguntou Wax, levantando-se, trêmulo, no piso inclinado.

— Pousar é difícil — admitiu o piloto.

— Tecnicamente não é — contestou Marasi, de trás. — É a coisa mais fácil de fazer com uma nave voadora, desde que você não seja meticuloso demais.

Wayne bufou, subindo pela nave até o lado virado para cima, e saltou. A neve rangeu quando pousou sobre ela. Ele não esperara aquilo. A única neve que vira havia sido eventuais flocos nas Terras Brutas, que nunca chegavam, *nem de longe*, àquela profundidade. Por que rangia? A coisa era feita de água, não de cereal.

Ele cambaleou para fora da alta pilha de neve até uma área rochosa varrida pelo vento baixo. Flocos de neve o atingiam como grãos de areia, mas não pareciam vir do céu, apenas soprados. Ele estremeceu e usou mais calor. As nuvens tinham saído do caminho, abrindo espaço para a luz das estrelas, como um segurança recuando e deixando as pessoas entrarem na boate mais exclusiva da cidade.

A luz cascateava, branca e serena, sobre um *castelo* ferrado no meio das montanhas. Uma fortaleza de pedra árida, a mesma pedra daquela região rochosa. Parecia ter apenas um andar, encolhido contra o vento, mas reluzia à luz das estrelas, como o espírito de alguma construção antiga dos dias anteverdejantes.

Wayne expirou lentamente, o que criou uma névoa branca à sua frente.

— Bom — disse ele, assentindo. — Bom.

Os sujeitos que haviam construído aquilo tinham *estilo*.

Marasi saltou da nave, por alguma razão vestindo o casaco de bruma de Wax, e quase caiu de cara na neve. Ficou de pé em cima da coisa branca e macia, mas uma rajada de vento quase a derrubou novamente até ela subitamente afundar mais com um rangido. Ela finalmente se lembrou de parar de encher a mente de metal com seu peso. Um erro fácil de cometer se você não estava acostumado a ser feruquemista.

Ela avançou pela neve e se juntou a Wayne, limpando flocos de neve derretida da testa. Parecia estar bem, considerando que havia sido baleada.

— Elegante e seu pessoal não estão longe — disse ela. — E agora sabem que estamos aqui.

— Então encontraremos os Braceletes antes — disse Wax, atrás deles. Foi muito injusto o modo como ele deslizou para fora da máquina e se ergueu num salto rápido, parando ao lado deles sem tropeçar na neve. Muito injusto. Por que

Harmonia tinha feito aquela coisa? Não parecia ter muita serventia. — Todos peguem suas coisas. Allik, retire a granada da nave, só por garantia.

Todos se apressaram para obedecer. Marasi entrou novamente na nave, juntando-se a Steris no descarregamento da bagagem. Allik saiu da nave, usando aquela máscara, e ficou ao lado do veículo, olhando para a fortaleza e balançando a cabeça. Depois, virou-se e deu um tapinha na nave, como se fosse um filhotinho, até Steris aparecer e afastá-lo por alguma razão. Alguns momentos depois, Marasi saiu, usando um vestido em vez do uniforme, mas com as calças por baixo. Jogou o casaco de bruma para Wax.

Vai entender… Uma mulher *teria* que trocar de roupa para aquilo. Não podia penetrar num templo antigo e distante sem colocar os devidos acessórios. Wayne passou as mãos pelo cabelo e teve um momento de pânico. Seu *chapéu*! Voltou rapidamente à nave, procurando ao redor, enlouquecido, e então o viu se projetando de um monte de neve ali perto, tendo se soltado quando eles pousaram. Pegou-o com um suspiro de alívio.

— Todo mundo para trás — disse Wax, firmando-se no chão, o vento soprando as tiras de seu casaco de bruma para trás e sacudindo-as. Os outros se afastaram da nave, e Wax grunhiu, *empurrando*. A nave deslizou para dentro da neve, formando uma onda nela. Wax empurrou até que a coisa estivesse totalmente enterrada.

— Bonito — disse Wayne.

— Vamos esperar que um dos Lançamoedas ou um Atraidor deles não a localize sob a neve — disse Wax, virando-se na direção do templo e pousando a escopeta no ombro. — Vamos sair deste vento.

Eles pegaram as bagagens e começaram a cruzar o campo de pedra rumo à fortaleza. Steris encontrara outra lanterna em algum lugar e a acendera. Wayne apressou o passo e se colocou ao lado daquele piloto de máscara.

— Sabe… também sou alomântico — disse Wayne.

O homem não falou nada.

— Achei que poderia querer saber, já que parece que essa é sua religião e tudo mais — insistiu Wayne. — Para o caso de você querer mais alguém para idolatrar.

Novamente, nenhuma resposta.

— Eu sou um Deslizante — continuou Wayne. — Bolhas de velocidade, sabe? Acho que aqueles títulos seriam ótimo para mim. O Belo. O Inteligente.

Ahn… O Cara do Ótimo Chapéu.

O único som era o dos seus passos e o do vento.

— Agora, veja bem, isso é injusto — disse Wayne. — Wax não quer que você o idolatre, certo? Mas você *precisa* ter alguém para idolatrar. É da natureza humana. Faz parte de nós. Então, estou disposto a concordar e deixar que você…

— Ele não consegue entender você, Wayne — disse Marasi, passando por ele. — Ele trocou a mente de metal para se manter aquecido.

Wayne ficou parado enquanto todos avançavam.

— Bem, quando ele pegar o cérebro de volta, alguém conte a ele que eu sou um deus, tudo bem?

— Pode deixar — respondeu Wax, na frente do grupo.

Wayne suspirou, avançou para alcançá-lo, mas então parou. O que era aquilo ao lado? Ele colocou a mochila no ombro e foi até lá, ignorando o chamado de Marasi para que voltasse. *Havia* alguma coisa ali, perto dos picos. Uma forma maior que uma casa, com as partes expostas cobertas de gelo.

Wax também foi até lá, apertando os olhos contra o vento, e grunhiu.

— Outra nave. Aquela que os caçadores mandaram.

— Os quem?

— Um grupo de pessoas da região de Allik — explicou Wax. — Vieram aqui para destruir o lugar. Felizmente, parece que não tiveram sucesso.

Ele se virou para seguir em frente, mas Wayne o cutucou, apontando com a cabeça para uma mão que se projetava de um dos montes de neve. Chegando mais perto, conseguiu ver doze cadáveres, talvez mais, caídos ali naquele lugar gelado, congelados para sempre.

Wax anuiu e caminharam de volta aos outros. Marasi e Steris tinham esperado, juntamente com o mascarado, que cruzara metade da distância até a nova nave e depois se detivera, olhando para ela. Telsin seguira em frente, com MeLaan atrás. Ele rapidamente se juntou ao resto do grupo, que ia atrás de Telsin e MeLaan.

— Sua irmã é meio que… — Wayne começou a dizer a Wax.

— Severa? — sugeriu Marasi.

— Eu ia dizer doida — admitiu Wayne. — Embora eu ainda não esteja certo se é doida boa ou doida má, já que não tive tempo de fazer a devida avaliação.

— Ela passou por muita coisa — disse Wax, com olhos à frente. — Vamos

chegar em casa e arrumar alguns médicos com os quais ela poderá conversar. Ela vai ficar bem.

Wayne anuiu.

— Claro que ela não combinará mais conosco se isso acontecer.

Eles continuaram. Aquela fortaleza, *ferrugem*, era impressionante. Feita de grandes blocos de pedra, do tipo que provavelmente partiu as costas de algum pobre sujeito, tinha degraus levando até uma enorme estátua. Inicialmente, ele ficou surpreso, já que aquele parecia um lugar estranho para uma estátua, mas aquelas em Elendel haviam sido cagadas por um milhão de pássaros, então talvez aquele fosse o *melhor* lugar para colocar sua estátua.

O grupo avançou para os degraus na entrada, lutando contra o vento. O medalhão fazia com que o vento não fosse frio o suficiente para gelar as regiões inferiores, mas ainda era incômodo. No alto dos degraus, eles tiveram que contornar a estátua, que tinha a forma de um sujeito de casaco comprido segurando uma lança ao lado, com a ponta apoiada nas pedras. Wayne coçou o rosto, recuando e inclinando a cabeça.

— O que há de errado com o olho dele? — perguntou, apontando.

Marasi se colocou ao lado dele, semicerrando os olhos na escuridão.

— Uma estaca — disse ela suavemente. — Como naquela moeda de Waxillium.

Sim, era isso. Uma estaca se projetando do olho direito. Wayne contornou a estátua, passando pela neve reunida na base.

— Um olho com estaca — disse Wax, pensativo. — Este lugar foi construído pelo Senhor Soberano. Por que ele mandaria fazer uma estátua sua com um olho perfurado por uma estaca?

— Ele leva uma lança — lembrou Marasi. — Em função daquela que usou para matar o Sobrevivente?

— Uma lança de metal — notou Wax. — Mas sem linhas alomânticas. Alumínio. Parece que também há um pouco em seu cinto. Caro.

Marasi anuiu.

— O Senhor Soberano foi atravessado por três lanças, segundo o testemunho do Lorde Nascido da Bruma. “Uma vez atingido por um mendigo, pela pobreza que trouxe. Uma vez atingido por um trabalhador, pela escravidão que implantou. Finalmente por um príncipe, pelos lordes que corrompeu.” As lanças não o feriram.

— Vamos — chamou Telsin, de dentro do prédio, onde estava acompanhada de Steris.

Wax e o sujeito mascarado se adiantaram, mas Wayne continuou olhando para a estátua.

— Então, estive pensando… — disse Wayne quando MeLaan passou por ele.

— É? — perguntou ela, encarando-o.

Ferrugem! Wax podia achar aquilo estranho, considerando que ela tinha tipo um bilhão de anos ou algo assim, mas parecia que se passara ainda *mais tempo* desde que uma mulher o olhara assim. Não era apenas um olhar lascivo, era… Qual era a palavra?

Carinhoso.

Sim, isso servia.

— Wayne? — chamou ela.

— Ah, certo. Ahn, bem, este lugar está abandonado, certo? Então nenhuma das coisas aqui pertence a alguém.

— Bem, estou certa de que muita gente iria *reivindicá-las* — disse MeLaan. — Mas seria difícil provar a propriedade.

— Então…

— Então eu diria para você não tocar em nada — disse MeLaan.

— Ah. Certo.

Ela sorriu para ele e avançou, seguindo pela passagem aberta atrás da estátua. Era grande, escancarada, como a boca de um sujeito depois que você o chuta bem ali no cantil.

Ele olhou de volta para a estátua e cutucou a ponta da lança com o dedão do pé. Depois a chutou com o calcanhar. A seguir, bateu nela com uma pedra. Finalmente, girou-a algumas vezes.

Ela caiu, batendo na pedra abaixo. Estivera praticamente *caindo*. E Wax estava errado: apenas a cabeça era de metal; a lança enorme era de madeira. *Alumínio, hein?*, pensou Wayne, sorrindo.

Bem, ele não ligava muito para o que os sujeitos ricos diziam que valia dinheiro. A não ser que valesse, em si, mais que uma casa. A pequena Sophi Tarcsel, a inventora, precisava de mais recursos.

Ele envolveu a ponta da lança, que era grande como a palma da sua mão, num lenço para não congelar seus dedos e começou a assoviar enquanto corria atrás

dos outros. Ao passar, notou que já *tinha* havido portões na passagem, grandes, mas restavam apenas os cacos congelados.

Os outros tinham se reunido do lado de dentro, numa espécie de entrada. Havia murais dos dois lados, como aqueles que o estranho kandra mostrara na mansão de Wax. Wayne foi até um, ao lado de Wax, que o examinava.

É. Era o mesmo mural. Um retratando um par de braceletes num pedestal; o outro, do lado oposto, retratando o Senhor Soberano usando-os.

— Então nós encontramos o lugar, sem dúvida — disse Wax. —A estátua era prova suficiente, mas isto confirma. ReLuur esteve aqui.

Eles deixaram a entrada juntos, passando pela única porta até um comprido corredor escuro. O que eram aqueles calombos à frente? MeLaan e Steris ergueram bem suas lanternas, embora ninguém parecesse inclinado a ser o primeiro a avançar.

O sujeito mascarado, porém, estava murmurando alguma coisa num tom engraçado. Parecia acompanhar algo com os olhos. Um padrão metálico na parede? Deu um passo para o lado e pegou a pequena granada, que trazia no bolso. Fez alguma coisa, abrindo um lado, e depois usou pinças para retirar o que parecia ser uma pequena pepita de metal. Ele a enfiou numa cavidade na parede e puxou uma alavanca para baixo.

Wayne ouviu algo parecido com um zumbido distante, seguido por uma série de pequenas luzes azuis começando a brilhar nas paredes. Como era adequado para combinar com a atmosfera daquele lugar ferrado, elas eram mais assustadoras que Steris pela manhã. Não havia lâmpadas ou algo racional assim, apenas partes das paredes que pareciam feitas de vidro translúcido e brilhavam de uma forma muito lúgubre.

Foi o suficiente para iluminar os calombos no chão. Corpos. Um número bastante perturbador de cadáveres, caídos em posições estranhas. E aquelas poças ao redor deles… Sangue congelado.

Wayne assoviou baixo.

— Eles *realmente* se esforçaram para dar uma aparência assustadora a este lugar.

— Esses corpos não estavam aqui originalmente — disse Wax, em tom seco. — Acho que eles devem ser… Wayne, o que diabos é isso?

— Caiu da lança — respondeu Wayne, agarrando a ponta da lança, que era fria ao toque, mesmo através do lenço. A ponta se projetava de um lado. — Eu

nem sequer olhei para ela, Wax. Deve ter sido afrouxada pelo vento. Veja, tem um buraco na base para desaparafusar e…

— Não toque em nada — disse Wax, apontando para ele. — Em mais nada.

MeLaan lançou um olhar para ele.

— Fique calada — disse Wayne.

— Não disse uma palavra, Wayne.

— Você *insinuou* uma. Isso é pior.

Wax suspirou, olhando para o piloto, que inspecionava algumas inscrições na parede.

— Allik? — chamou Wax. Depois, tocou o medalhão que amarrara ao pulso.

O mascarado suspirou, mas trocou um medalhão pelo outro. Imediatamente estremeceu.

— Agora posso dizer que estive no inferno — disse ele. — Essas montanhas certamente se erguem até lá.

— Você acha que o inferno fica no *céu*? — perguntou Steris, colocando-se perto de Wax e praticamente aferrando-se a ele.

— Claro que sim — disse Allik. — Cave bem fundo no chão e as coisas ficam mais quentes. O inferno tem que ser no sentido oposto. O que quer de mim, Grande Destruidor Metálico?

Wax suspirou.

— Corpos — disse ele, apontando com a cabeça para o corredor. — Armadilhas?

— Sim — respondeu Allik. — Aqueles que construíram este lugar foram encarregados de proteger a arma do Supremo. Eles sabiam que outros acabariam aparecendo, então tenderam a tornar o caminho difícil, sabendo que não poderiam permanecer em guarda pessoalmente. Não neste lugar de gelo e morte. Mas…

— O quê? — perguntou Wax.

— Aquelas máscaras — respondeu Allik.

— As máscaras dos caçadores?

Allik olhou para ele, chocado.

— Como as reconheceu?

— Não reconheci — respondeu Wax, adiantando-se cuidadosamente. Wayne se juntou a ele, bem como MeLaan. Wax acenou para que Marasi, Steris e Telsin

ficassem para trás, mas fez um gesto para que Allik se aproximasse.

Juntos, os quatro foram até o primeiro grupo de cadáveres. Wax ajoelhou ao lado da poça de sangue congelado. O sujeito mais perto morrera terrivelmente, com uma estaca atravessando o peito. Agora Wayne podia ver a armadilha, a ponta ainda se projetando da parede. Os colegas do pobre sujeito deviam ter tentado soltá-lo da estaca, mas então foram apanhados pelas armadilhas.

As máscaras eram certamente diferentes da de Allik. Feitas de madeira com pedaços de vidro cravados, cada uma com um padrão bizarro. E aquelas mostravam a boca, cobrindo a metade superior do rosto e descendo pelas laterais. A pele nas laterais das máscaras parecia ter se *fundido* à madeira, embora isso pudesse ser por tudo ali ser frio como o quarto de uma solteirona.

Wax cutucou a máscara.

— Você disse que os caçadores vieram para destruir este lugar.

— Sim — respondeu Allik.

— Bem, acho que ou eles mentiram para vocês ou mudaram de ideia — disse Wax, apontando com a cabeça para as portas explodidas e o corredor coberto de corpos. — A tentação dos Braceletes foi poderosa demais para esses sujeitos. Eu diria que os mortos que encontramos perto da nave eram aqueles determinados a seguir em frente com a ideia de explodir o lugar inteiro. Foram traídos, mas então os traidores caíram nas armadilhas. E os que voltaram para casa? O que aconteceu com eles? Desapareceram?

— Sim — respondeu Allik, inclinando a cabeça de lado. Ergueu a máscara, revelando o bigode e a barba maravilhosamente bobos, e depois encarou Wax com olhos assombrados. — Eles voltaram para os caçadores. Depois… sumiram. Disseram que voltaram para suas famílias.

— Executados — disse Wax, levantando-se. — Foi descoberto que eles ajudaram a assassinar o resto da tripulação com a intenção de roubar os Braceletes. Eles voltaram porque as armadilhas mataram um número grande demais dos parceiros. Pegaram um deslizador, por ser tudo o que podiam operar, e voltaram com uma história inventada de uma nevasca. Iam reunir outra tripulação e tentar novamente. Seus superiores os apanharam antes.

Allik parecia estupefato.

— Como… Como você concluiu que…

— Ele faz isso o tempo todo — disse Wayne. — Melhor não encorajar.

— É só uma teoria — respondeu Wax. — Mas sustentada pelas evidências.

Steris, Telsin, quero que fiquem para trás enquanto…

— Eu vou com você — cortou Telsin. Caminhou para a frente, fria como os sujeitos mortos no chão. — Não vou ser colocada de lado, Waxillium. Não vou ser deixada para trás para nosso tio nos pegar e me levar de novo.

Wax suspirou, olhando para Steris e Marasi.

— Eu fico — disse Steris. — Alguém precisa vigiar a entrada por causa de Elegante e seu pessoal.

Wax anuiu, olhando para Wayne.

— Fique de olho nela — disse. Depois, olhou para Marasi. — E você fique de olho *nele*. Viremos pegar vocês se encontrarmos algo.

Marasi anuiu. Wayne suspirou.

— Você pretende avançar? — reagiu Allik, levantando-se e arregalando os olhos. — Ó Grande Impetuoso, longe de mim, um simples piloto, questionar suas ridículas intenções, mas… está falando sério? Não viu os *cadáveres*?

— Vi — disse Wax. — MeLaan?

— Vamos lá — respondeu, adiantando-se.

— Ó Grande, não consigo deixar de pensar que eles têm armadilhas projetadas para matar aqueles como você — disse Allik. — Se pensaram em tudo isto, terão se preparado para alguém como você.

— Sim — confirmou Wax. — Aquela estaca era de madeira.

Allik ficou mais nervoso.

— Então por que você iria…

MeLaan pisou numa placa de pressão, fazendo com que uma lança fosse arremessada de um dos muitos pequenos buracos na parede. Moveu-se impressionantemente rápido, atravessando o tronco de MeLaan e saindo pelo outro lado.

Ela suspirou, olhando para baixo.

— Isso vai acabar com o meu guarda-roupa.

Allik ficou boquiaberto. Ergueu a mão para levantar a máscara, que já estava erguida. Tropeçou, sem conseguir desviar os olhos de MeLaan, que arrancou a lança com um gesto despreocupado.

— Armadilhas são um pouco menos ameaçadoras quando você tem um imortal.

— A não ser que eles tenham explosivos — lembrou MeLaan. — Se eu perder

uma estaca, melhor estar pronto para enfiá-la de volta. E eu estava falando sério… Isto vai *acabar* com minhas roupas,

— Você poderia fazer isso sem elas — disse Wayne, esperançoso.

Ela pensou por um momento, deu de ombros e levou as mãos à camisa.

— Eu lhe compro novas roupas, MeLaan — disse Wax, interrompendo-a. — Não queremos matar o pobre Allik.

— Na verdade, acho que não me importaria — discordou Allik.

— Bom homem — cumprimentou Wayne. — Eu sabia que gostava de você.

— Ignore-os — disse Wax. — Wayne, vigie a porta. Allik, preciso ter você comigo caso algo esteja escrito em sua língua.

O homem anuiu e recolocou a máscara. Agora a máscara fazia sentido. Wayne também não conseguia ter uma barba decente, mas pelo menos tinha o bom senso de se barbear.

MeLaan seguiu pelo corredor.

— Telsin, fique atrás de mim e pise exatamente onde eu pisar — disse Wax. — O mesmo vale para você, Allik.

Eles deixaram Wayne e as duas damas para trás. À frente, um grande tronco com cravos saiu de um compartimento escondido e *esmagou* MeLaan contra a parede. Ela o empurrou como uma vitoriosa, cambaleando pelo corredor enquanto sua perna era reconstruída.

— Sabe, ela poderia ser ainda melhor do que eu na Pisada Dupla da Guarda Negra — disse Wayne, olhando para Steris e Marasi.

24



Marasi se acomodou ao lado de Wayne e Steris, vigiando o caminho até o templo. Luzes de lanternas distantes indicavam a posição do grupo de Elegante. Mas eles estavam se aproximando.

O que fariam se o homem chegasse lá? Lutar? Por quanto tempo? Seus medalhões acabariam perdendo as reservas de calor, e eles não tinham quase nada em suprimentos.

Simplesmente tinham que esperar que Waxillium encontrasse os Braceletes logo; eles então poderiam escapar no deslizador e estar longe dali antes que Elegante pudesse fazer algo. A ideia daquele homem horrível preso ali na neve, tendo se arrastado por quilômetros para encontrar um templo vazio, era atraente.

No mínimo, imaginar a reação dele a distraía de seu próprio aborrecimento.

Fique aqui, Marasi. Fique longe de problemas. Seja a babá de Wayne. Ela sabia que não era o que ele quisera dizer, mas ainda assim era exasperante.

Em vez de sentar e fermentar sua irritação, Marasi enfiou a mão na bolsa, tirando a pequena estaca que pertencera a ReLuur. Uma coisa tão pequena e tão limpa, um pedaço reluzente de… estanho, era isso? Olhando para ele à luz da lanterna de Steris, ela desejou não conhecer sua história. Uma pessoa havia sido morta para fazer aquilo; sua alma havia sido feita em pedaços para que uma peça pudesse ser usada para criar um kandra.

Embora isso tivesse acontecido havia muito tempo, a alguém que àquela altura estava morto havia séculos, ela sentia como se devesse haver sangue sob seus dedos, deixando a estaca escorregadia. Não deveria ser tão limpa.

Mas onde estaria a humanidade sem os kandra atuando como as mãos de Harmonia, guiando-nos e protegendo-nos? Tanto bem vindo de algo tão medonho. De fato, de acordo com a *Histórica*, sem o trabalho que os kandra tinham feito ao longo das eras reunindo atium, a humanidade provavelmente teria sido destruída.

O Senhor Soberano também é assim, pensou Marasi. *Ele foi um monstro. Criou esta estaca matando alguém. Ainda assim, ele, de algum modo, conseguiu chegar ao povo de Allik e salvar sua civilização inteira.*

Waxillium buscava justiça. Ele tinha um bom coração — afinal, poupara a vida de Wayne tantos anos antes —, mas, no fim, buscava proteger a lei. Essa era uma visão limitada. Marasi queria criar um mundo no qual a manutenção da lei não fosse *necessária*. Por isso ela ultimamente estava tão aborrecida com ele?

— Você está tomando cuidado com isso? — perguntou Wayne, apontando com a cabeça para a estaca. — Você vai se furar e virar uma kandra.

— Estou bastante certa de que não é assim que funciona — disse Marasi, enfiando-a de volta na bolsa.

— Nunca se sabe — insistiu Wayne. — Acho que eu deveria levá-la. Só por garantia.

— Você a trocaria pela primeira quinquilharia pela qual passássemos, Wayne.

— Não trocaria, não — disse ele. Depois, fez uma pausa. — Por quê? Você viu alguma coisa boa lá atrás?

Marasi se levantou e foi até Steris, que se instalara decorosamente num bloco de pedra ao longo da parede do vestíbulo do templo. Estava sentada numa postura de dama, joelhos para a frente, costas esticadas, escrevendo cuidadosamente num caderno à luz da lanterna.

— Steris? — chamou Marasi.

A mulher ergueu os olhos e piscou.

— Ah, Marasi, talvez você possa me ajudar com uma questão. Quão inútil eu sou?

— Perdão?

— Inútil — repetiu Steris, segurando o caderno. Não o pequeno, de bolso, mas o maior, que levara na bagagem. Ela o usava para conceber listas. Naquele dia, estava escrevendo no verso do caderno. — Tenho tentado quantificar isso, apenas como referência. Não tenho ilusões quanto à minha posição neste grupo. Eu sou a bagagem, o acidente. A pessoa que precisa ser deixada com os cavalos ou mantida longe de armadilhas. Se Lorde Waxillium tivesse podido me esconder em algum lugar seguro no caminho, certamente teria feito isso.

Marasi suspirou, sentando-se abruptamente na pedra ao lado da irmã. Será que aquilo era algo que as duas podiam ter em *comum*?

— Sei como você se sente. Passei meu primeiro ano perto dele me sentindo

indesejada, como se Waxillium me considerasse um filhotinho mordiscando seus calcanhares. E agora, quando ele finalmente parece ter me aceitado, trata-me apenas como uma ferramenta a ser usada e recolocada na prateleira quando necessário.

Steris inclinou a cabeça na direção de Marasi.

— Acho que você me entendeu mal.

Claro que sim, pensou Marasi, resignada.

— Como?

— Não quis dizer que me *incomodo* de ser tratada assim — explicou Steris. — Estava meramente apresentando fatos. Sou bastante inútil nesta expedição, e acho justo que eu seja, considerando minha experiência de vida. Contudo, se quero melhorar, preciso saber até onde preciso chegar. Olhe.

Ela virou o caderno para mostrar o verso a Marasi, onde estava escrevendo. Por que usar o verso? Seja como for, ela desenhara um pequeno gráfico com pontos. O fator utilidade era relacionado num eixo, e havia nomes no outro. Ferrugem… Ela atribuíra um *número* ao grau de utilidade de todos na missão. Waxillium recebera o número cem, assim como MeLaan. Wayne recebera 75.

Marasi recebera 83. Ela não esperara isso.

— Eu diria que dez é o limite abaixo do qual a inutilidade de alguém supera o pouco que ela acrescenta ao projeto — continuou ela. Estou achando que eu talvez possa ser um sete, já que há situações em que é melhor me ter por perto, embora sejam poucas. O que você acha?

— Steris… — começou Marasi, empurrando o caderno de lado. — Para começar, por que você se importa em ser útil aqui?

— Bem, por que você se importa?

— Porque isto é o que sou — respondeu Marasi. — Quem eu quero ser. Mas não você; você é perfeitamente feliz revirando livros-caixa numa sala. Mas você está aqui, no alto de uma montanha, em meio a uma nevasca, esperando por um tiroteio.

Steris apertou os lábios.

— Supus que seria de ajuda a Lorde Waxillium na festa, e fui mesmo — disse ela. — Eu achava que esta seria basicamente uma empreitada política.

Claro. Tão analítica em tudo. Marasi recostou, dando uma espiada pela entrada e vendo as luzes que se aproximavam. Felizmente, Wayne estava observando atentamente. Ele às vezes se fazia de tolo, mas levava a sério seus

deveres.

— E então — continuou Steris suavemente — talvez eu tenha vindo junto porque parece…

Marasi voltou a olhar diretamente para a irmã.

— Que o mundo inteiro foi virado de cabeça para baixo — completou Steris, olhando para o teto. — Como se as leis da natureza e do homem não mais operassem. De repente, elas são flexíveis, como uma corda não esticada. Nós somos as esferas… Adoro a ideia de que posso me livrar de tudo, das expectativas, do modo como sou vista, do modo como me vejo, e *decolar*. Vi isso nos olhos dele primeiro. Aquela fome, aquele fogo. E então descobri isso em mim. Ele é uma chama, Waxillium, e o fogo pode ser partilhado. Quando estou aqui, quando estou com ele, eu *ardo*, Marasi. É maravilhoso.

Marasi ficou de queixo caído e olhou, boquiaberta, para a irmã. Aquelas palavras tinham saído da boca de *Steris*? Da cuidadosa, monótona e *ente-diante* Steris? Ela olhou para Marasi e enrubesceu.

— Você realmente o ama, não é mesmo? — perguntou Marasi.

— Bem, amor é uma emoção *forte*, uma que demanda uma reflexão cuidadosa para…

— Steris.

— Sim — respondeu, baixando os olhos para o caderno. — É uma tolice, não é mesmo?

— Claro que é — respondeu Marasi. — O amor é sempre uma emoção tola. É isso que faz com que funcione — disse. Ela se viu inclinando para a frente e puxando Steris para um abraço com um só braço. — Fico feliz por você, Steris.

— E você? — perguntou Steris. — Quando vai encontrar alguém que a faça feliz?

— Não é uma questão de encontrar alguém, Steris. Não para mim.

Mas era uma questão de quê? Ela abraçou Steris de novo e, distraída por seus próprios pensamentos desordenados, afastou-se para conferir Wayne.

— No que está pensando? — perguntou Wayne quando ela se juntou a ele ao lado da passagem.

— Minhas antigas e duradouras suposições sobre uma pessoa foram estraçalhadas num instante. Estou pensando se todas as pessoas pelas quais passo são tão profundas quanto e se há alguma forma de evitar o erro de julgá-las de forma tão rasa que eu fique abalada quando elas revelam a sua verdadeira

complexidade. Você?

— Eu estava olhando para vocês duas e pensando… — disse Wayne, contemplativo e observando a paisagem nevada do lado de fora. — Irmãs *realmente* fazem coisas sensuais uma com a outra para um sujeito ver ou isso só acontece em canções de bar?

Marasi expirou longamente.

— Obrigada por restaurar minha capacidade de confiar em meu julgamento, Wayne.

— Quando quiser.

— Aquelas luzes ainda estão distantes — observou Marasi. — Acha que eles ficaram presos na neve?

Wayne balançou a cabeça.

Marasi franziu a testa, notando a postura dele. Estava aparentemente relaxado, mas sacara um de seus bastões de duelo e o pousara sobre os joelhos.

— O quê? — perguntou.

— Se *eu* soubesse que havia sido visto, imaginaria que a melhor maneira de avançar sem ser notado seria deixar minhas luzes para trás e fazer *parecer* que estou avançando lentamente.

Marasi olhou novamente. Dessa vez, ignorou as luzes, estudando a escuridão mais próxima, cheia de neve em movimento. E ali, quase no patamar de pedra varrido pelo vento diante do templo, ela flagrou um movimento. Sombras nas sombras.

— Hora de chamar Waxillium? — perguntou Marasi.

— Eu acho… — disse ele, mas parou de falar. Marasi ergueu o rifle, nervosa.

— O quê? — perguntou.

Wayne apontou para uma sombra que se aproximava. Trazia uma pequena bandeira marcada com um X. O símbolo para pedir uma conferência.

Wax puxou a corda, ajudando MeLaan a sair do poço. Ela se arrastou por cima da beirada e se jogou no chão. Estava certa sobre as roupas: estavam mesmo esfarrapadas, furadas em dezenas de lugares, a perna esquerda da calça arrancada na coxa.

Ela, de algum modo, compactara seu corpo. A maioria de suas curvas havia se transformado em músculos tensos, e ela *arrancara* os cabelos, guardando-os na

mochila que Allik carregava e ficando careca.

Wax se ajoelhou ao lado dela, olhando para o corredor com suas estacas, poços, dardos envenenados e outros estranhos mecanismos. O templo inteiro parecia uma longa passagem, projetada para que o cruzar fosse o mais difícil possível.

Algo está errado, pensou Wax. Mas o quê?

MeLaan se agitou no chão.

— Descanse um momento — disse Wax, com a mão em seu ombro.

— Não sei se *temos* um momento, Ladrian — retrucou, sentando-se e aceitando um cantil de água do nervoso Allik. Telsin estava de pé ali perto, com os braços cruzados, obviamente incomodada com o tempo que aquilo estava levando. Continuava olhando por cima do ombro, como se esperasse encontrar Elegante ali a qualquer momento para tomá-la novamente.

— Como estão seus ossos? — perguntou Wax a MeLaan.

Ela ergueu o braço esquerdo, ou pelo menos tentou. Havia se partido no meio do úmero, e o resto do braço balançava.

Wax expirou.

— Tem certeza de que isso não dói?

— Eu desliguei os nervos que causam dor — respondeu ela. — Um truque que aprendemos ao longo dos últimos séculos. E como são de cristal, meus ossos não podem sentir.

Ela fez uma careta enquanto o braço se formava, parecendo curar-se. Mas não havia se curado, Wax sabia. Ela não podia fazer ossos ou curá-los.

— Outro remendo?

Ela anuiu. Havia esticado ligamentos ao longo das laterais da fratura para mantê-la firme. Já fizera isso com muitos dos seus ossos.

MeLaan começou a levantar.

— Podemos descobrir outro modo — disse Wax, levantando-se. — Passar por uma das paredes à frente ou talvez pelo teto.

— E quanto tempo isso levará?

— Depende do quanto nos importamos com o que há lá dentro.

— E não seria tolice vir até aqui e então *estragar* os Braceletes da Perdição por causa da nossa impaciência?

Wax olhou para o corredor. Eles haviam atravessado a maior parte, então ele

desistiu de insistir. Ele podia ver uma porta à frente.

— De qualquer forma, talvez você não precise aguentar muito mais — disse Wax. — Acho que descobri o padrão.

— Qual padrão? — perguntou MeLaan.

— Placa de pressão sob a segunda pedra à sua direita — disse Wax. — Dispara dardos.

Ela olhou para ele, avançou e tocou-a com a ponta do pé. Dardos dispararam da parede, passaram à sua frente e ricochetearam na parede oposta.

— A seguinte é duas pedras à frente — falou Wax. — Há um indício de uma linha de metal levando até ela. Até então, essas têm sido armadilhas de parede.

MeLaan apertou-a com a ponta do pé. Uma parte da parede se abriu, derrubando um enorme tronco cravejado.

— Muito bom — disse MeLaan.

— A última deve ser uma armadilha de poço — anunciou Wax, juntando-se a ela ao contornar o tronco caído. — Verifique sua corda. As pedras abaixo são levemente projetadas.

Ela a puxou, usando a mão direita, já que os dedos da mão esquerda haviam sido esmagados. O cristal se partira além da possibilidade de conserto, e ela agora andava com a mão permanentemente fechada, os cacos de ossos unidos por tendões.

— Odeio as armadilhas de poço — disse ela. — Eles não terminam nunca. Fico com medo do que pode haver no fundo.

Ela pisou no ponto do piso que ele indicara, e Wax segurou com força seu lado da corda, que estava amarrada à sua cintura, mas, em vez de uma armadilha de poço, o teto se abriu, largando um bloco de alguma coisa. MeLaan saltou para trás, e um bloco de gelo estranhamente colorido bateu nas pedras abaixo. Era molhado e sua superfície tinha uma aparência estranhamente oleosa.

— O que pelos Anéis de Harmonia… — começou MeLaan, agachando-se para examinar o gelo.

— Ácido, talvez? — sugeriu Wax. — Seja lá o que for que guardaram lá em cima, havia um líquido, que se separou com o tempo e congelou parcialmente.

MeLaan olhou para aquilo por um longo tempo.

— O quê? — perguntou Wax.

— Nada— disse ela, balançando a cabeça. — Então acabou?

— Pelo que posso dizer.

Juntos, eles avançaram até o fim do corredor, chegando a uma porta feita de pedra. Mas não havia maçaneta. O resto da parede também era de pedras grossas.

Havia algumas marcas gravadas na porta, se de fato eram marcas. Círculos com símbolos de prata incrustados. Wax olhou para Allik.

— Não reconheço nenhum deles — disse o piloto após trocar as mentes de metal. — Se for uma escrita, não é um idioma que eu compreenda.

— O que você quer fazer? — perguntou MeLaan.

— Vamos chamar os outros — respondeu Wax, pensativo. — Será útil ter mais cérebros para solucionar isso, e Marasi talvez reconheça algo das anotações de ReLuur.

Eles começaram a voltar, deixando MeLaan ir na frente novamente, embora Wax ficasse atento a indícios de armadilhas. Ainda era um avanço lento, já que ela queria confirmar que tinham descoberto todas.

Telsin seguiu ao lado de Wax, lançando um olhar por cima do ombro na direção da porta e envolvendo o corpo com os braços, embora não pudesse estar sentindo frio usando o medalhão. Allik seguiu atrás deles, usando seu medalhão de aquecimento.

— Você costuma pensar em como chegou onde está, Waxillium? — perguntou Telsin.

— Às vezes, suponho — respondeu ele. — Embora imagine que eu possa ligar uma coisa a outra. Nem sempre gosto, mas faz sentido quando paro e penso bem.

— Não consigo fazer o mesmo — disse ela. — Lembro-me de ser criança e imaginar que o mundo me pertencia. Que seria capaz de tomá-lo quando fosse mais velha, realizar meus sonhos, tornar-me algo grande. Mas, à medida que envelhecia, eu me sentia cada vez menos no controle. Não consigo deixar de pensar que não deveria ter sido assim. Como eu podia estar tão no controle quando jovem e me sentir tão desamparada quando adulta?

— Isso é culpa do nosso tio — disse Wax. — Por mantê-la cativa.

— Sim e não. Wax, sou adulta, com cabelo grisalho e metade da vida para trás. Eu não deveria ter uma pista de o que é a vida? — perguntou. Ela balançou a cabeça. — Isto não é culpa de Edwarn. O que nós fizemos, Waxillium? Somos sozinhos. Nossos pais estão mortos. *Nós* somos os adultos agora, mas onde estão

nossos filhos? Onde está o nosso legado? O que realizamos? Você nunca sente como se não tivesse realmente crescido? Como se todos os outros tivessem crescido, mas você estivesse secretamente fingindo?

Não, ele não se sentia assim, mas grunhiu em concordância. Era bom ouvi-la revelar um lado diferente daquele ódio febril a Elegante e seu pessoal.

— Por isso você estava tão entusiasmada para vir aqui? — perguntou Wax. — Acha que o que encontraremos lá dentro será alguma realização?

— Pelo menos ajudará a sociedade — respondeu Telsin.

— A não ser que destrua a sociedade.

— Impulsionar a sociedade à frente não é destruição. Mesmo que, ao fazer isso, ela nos deixe para trás.

Ela mergulhou em si mesma novamente. Ele não podia culpá-la, depois de todo o seu sofrimento. Desejou ter tido tempo de voltar a Elendel e colo-cá-la em algum lugar quente e seguro antes de voar para aquele lugar.

Eles voltaram sobre seus passos, passando pelas armadilhas que já tinham disparado. Blocos de pedra caídos do teto, dardos e lanças saídos das paredes, até mesmo uma parede de pedra que tombara para bloqueá-los, embora MeLaan a tivesse impedido de cair até o chão enfiando uma grande pedra embaixo. Wax conseguira se esgueirar para o espaço e *empurrar* algumas moedas para cima a fim de erguê-la mais. Depois a apoiaram com pedras nos trilhos laterais. Ainda tinham que se curvar para passar por baixo.

Eles encontraram mais duas armadilhas, que também dispararam. Wax se viu cada vez mais insatisfeito. *Tanto trabalho*, pensou, notando novamente a parte da parede que recuara para liberar foices que cortaram o ar. Aquela armadilha se prendera em si mesma, e não os colocara em perigo algum, mas a engenhosidade necessária para montar aquilo era maravilhosa.

— Allik — disse ele, fazendo o pequeno homem colocar novamente o medalhão de conexão. — Por que seu povo construiu um local de repouso tão óbvio para os Braceletes? Por que fazer este templo, que proclama a existência de algo precioso, e depois ter o trabalho de fazer todas essas armadilhas? Por que não simplesmente esconder os Braceletes em algum lutar discreto, como uma caverna?

— Como eu disse, é um desafio, ó Pensativo — respondeu Allik. — E não foi o *meu* povo que fez isso, não especificamente. Os sacerdotes originais que conceberam este lugar não pertenciam a nenhum povo que atualmente viva entre

nós.

— Sim, e você me disse que o Supremo deixou sua arma aqui dando-lhes a ordem de a protegerem porque retornaria para pegá-la. Certo?

— Essa é a lenda.

— Então estas armadilhas não fazem sentido — disse Wax, apontando para o corredor atrás. — Eles não ficariam preocupados com a segurança do seu rei?

— Armadilhas simples não podem afetá-lo, Mestre Distraído — disse Allik, com uma risada. Uma risada nervosa. Olhou novamente para MeLaan. — As armadilhas são uma declaração e um desafio.

Eles seguiram em frente, mas Wax continuou insatisfeito. As explicações de Allik faziam algum sentido, tanto sentido quanto construir o templo nas montanhas. Era tudo que Wax teria esperado de um lugar como aquele, nos mínimos detalhes.

Talvez esse fosse o problema.

— Wax! — gritou Wayne, enfiando a cabeça no primeiro corredor. Estavam quase de volta à entrada. — Wax, aí está você. Seu tio, meu chapa. Ele está aqui.

— Quão perto? — perguntou Wax, acelerando.

— Perto perto. Tipo, na nossa porta e exigindo o dinheiro do aluguel.

Ele esperara ter os Braceletes antes que isso acontecesse.

— Precisamos tentar derrubar a entrada — disse Wax enquanto chegava a Wayne. — Ou talvez este corredor. Lacrá-lo enquanto terminamos aqui dentro.

— Poderíamos fazer isso — disse Wayne. — Ou…

— Ou o quê? — perguntou Wax, detendo-se.

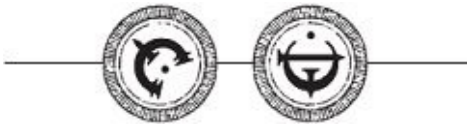
— Nós o capturamos — disse Wayne, apontando com o polegar por sobre o ombro. — Marasi tem uma arma apontada para a cabeça ferrada dele.

Capturado?

— Impossível.

— Tem, sim — disse Wayne, parecendo incomodado. — Ele veio andando até nós, carregando uma bandeira. Disse que quer conversar. Com você.

25



Wax passou do vestíbulo do templo para o patamar do lado de fora. Edwarn Ladrian, seu tio, estava de pé no alto dos degraus, logo abaixo da estátua do Senhor Soberano. Wax estava acostumado a ver aquele homem em ternos elegantes e cercado por luxo, então, de algum modo, foi ao mesmo tempo estranho e prazeroso encontrar Edwarn num casaco grosso, de capuz erguido, cujos pelos raspavam as bochechas vermelhas de frio. A barba estava coberta de neve, e ele sorriu para Wax, com as mãos enluvadas apoiadas numa bengala de marfim.

Marasi ajoelhara à entrada, mantendo o rifle apontado diretamente para ele. Edwarn estava de pé, sozinho, embora seu pessoal — pelo menos cem, talvez mais — montasse barracas e descarregasse suprimentos no pátio de pedra.

— Waxillium! — disse Edwarn. — Conversar aqui fora, no frio, seria desagradável. Eu poderia me juntar a você e os seus dentro do tempo?

Wax estudou o homem. Que golpe ele estava planejando? Edwarn nunca se colocaria à mercê de Wax, colocaria?

— Pode baixar a arma — disse Wax a Marasi. — Obrigado.

Ela se levantou, hesitante. Wax anuiu para Edwarn, que alegremente passou pela entrada. Era um homem corpulento, roliço e de rosto redondo. Enquanto Wax entrava atrás dele, Edwarn tirou as luvas e baixou o capuz, revelando um cabelo mais prateado do que negro. Tirou o casaco; por baixo vestia apenas calças grossas, suspensórios e uma camisa branca grossa. Contudo, enquanto dobrava o casaco sobre o braço, as bochechas recuperaram a cor normal e ele parou de tremer.

— Você *sabe* o que os medalhões fazem — disse Wax.

— Certamente — respondeu Edwarn. — Mas as reservas de calor não são infinitas, e não sabemos como reabastecer. Tivemos que reservar seu uso para aqueles que estavam sofrendo demais com o frio durante nossa viagem.

Ele olhou para Allik, que se colocara ao lado de Marasi, segurando seu braço com uma das mãos e direcionando um olhar mortal para Edwarn.

Telsin, pensou Wax, procurando a mulher. Se ela atirasse no tio como tinha feito com aquele homem no galpão…

Ela estava de pé do outro lado do vestíbulo, na entrada do corredor com as armadilhas. Wayne sabiamente fora para lá e ficara perto dela, de costas para a abertura. Anuiu preguiçosamente para Wax. Ele a estava vigiando.

— Vejo que roubou um dos meus selvagens — disse Edwarn, fazendo um gesto na direção de Allik. — Ele os ensinou a usar os medalhões? Tanto de calor como de redução de peso?

Wax crispou os lábios e não respondeu.

— Não precisa se fingir de idiota, sobrinho — disse Edwarn. — Fomos capazes de avaliar a natureza dos medalhões a partir do tipo de metal envolvido, claro. Uma pena que não tenhamos descoberto as máquinas voadoras menores escondidas na grande. Isso teria tornado minha viagem muito mais fácil.

— Por que veio aqui, tio? — cobrou Wax, afastando-se da abertura e dando as costas à parede casualmente, para o caso de haver um atirador do lado de fora. Ele notou, impressionado, que Marasi fizera o mesmo.

— Por que vim? Pela mesma razão que você, sobrinho. Para encontrar uma arma.

— Eu quis dizer por que entrou aqui para ficar sob meu poder. Está se entregando?

— Entregar-me… Sobrinho, eu vim *negociar*.

— Não preciso negociar — retrucou Wax. — Tenho você nas mãos. Está preso por traição, assassinato e sequestro. Allik vai testemunhar contra você.

— O selvagem? — Edwarn reagiu, num tom divertido.

— Também tenho…

Edwarn raspou a bengala nas pedras. Tinha metal. Tolice: Wax podia usar aquilo contra ele.

— Não há necessidade, não há necessidade — disse Edwarn. — Eu *não* estou sob sua custódia, sobrinho. Pare de acalentar essa ilusão fantástica de que pode conseguir alguma coisa colocando-me sob pressão. Mesmo que você *conseguisse* me arrastar de volta para Elendel e me jogar numa cadeia, eu seria libertado em poucos dias.

— Veremos — disse Wax. Ergueu Vindicação, apontando para a cabeça de

Edwarn. — Corra. Me dê uma desculpa, tio. Eu o desafio.

— Tão dramático — disse Edwarn. — Eles então lhe ensinaram isso nas Terras Brutas? — perguntou, balançando a cabeça. — Você olhou do lado de fora? Tenho *vinte* alomânticos e feruquemistas lá, filho. Todos bem treinados e prontos para matar. Você está sob *minha* custódia, na verdade.

Wax engatilhou Vindicação.

— Então é uma sorte que eu tenha você como refém.

— Não sou tão importante assim para o Grupo — retrucou Edwarn, com um sorriso. — Não pense que não atirariam em mim para acertar você. Mas não chegaremos a isso. Você não vai me usar como refém. O que teria a ganhar? Já desenterramos sua pequena nave voadora. Você não sairá daqui vivo. A não ser que eu ordene isso.

Wax trincou os dentes enquanto Edwarn andava até a lateral da entrada e se sentava num bloco de pedra ali. Enfiou a mão no bolso e tirou um cachimbo. Depois, acenou para cumprimentar Steris, que estivera sentada na pedra, mas se afastara imediatamente.

— Poderia me emprestar aquela lanterna? — pediu Edwarn.

Steris estendeu a lanterna. Ele enfiou uma vareta no fogo e a usou para acender o cachimbo. Deu algumas baforadas e recostou-se com um sorriso agradável.

— E então?

— O que você quer de mim? — perguntou Wax.

— Acompanhá-lo — respondeu Edwarn, apontando com a cabeça para o corredor além. — Nosso interrogatório com os selvagens, depois que conseguimos forçá-los a falar devidamente, indicou que há um corredor cheio de armadilhas além daqui. E… — começou Edwarn, mas depois hesitou. — Ah, então vocês já *passaram* pelas armadilhas, não é? Então sabem sobre a porta?

— Como *você* sabe disso? — perguntou Allik, adiantando-se, com os punhos cerrados. Marasi colocou uma das mãos em seu ombro, contendo-o. — O que fez com minha tripulação?

— Vejo que vocês também fizeram o seu selvagem falar — disse Edwarn. — Uma pena que o Senhor Soberano tenha dado esse conhecimento fantástico a eles, não acha? Mal homens são. Precisam esconder seus…

— Como você sabe? — continuou Allik, falando mais alto. — Sobre o corredor? Sobre a porta?

— Acredito que sua capitã sabia muitas coisas que vocês não sabiam — disse Elegante. — Ela lhes contou sobre o grupo de caçadores que guiou como subcapitã quando jovem? Como ela os fez beber e escutou seus segredos? Disse que eles planejavam voltar aqui para pegar o prêmio.

— Minha capitã — disse Allik, com a voz tensa. — Ela está viva?

Elegante sorriu, dando baforadas em seu cachimbo, e depois se voltou para Wax.

— Posso passar pela porta. Tenho a chave, passada dos lábios de um sacerdote moribundo para um caçador condenado, para uma capitã de aeronave e agora, finalmente, para mim — disse, abrindo as mãos, com o cachimbo numa delas.

— Você está tentando me enganar — reagiu Wax, semicerrando os olhos.

— Claro que estou — concordou Elegante. — A questão é: você consegue me superar? Sem um acordo, ficamos num impasse. Meus homens não podem entrar aqui. É uma posição fortificada demais e não podemos nos arriscar a usar explosivos e danificar o prêmio. Vocês, contudo, não podem *sair*. Não podem pegar os Braceletes sem minha ajuda, mas também não podem passar pelo meu exército de alomânticos. Morrerão de fome aqui.

Wax trincou os dentes. Ferrugem! Ele odiava aquele homem. Edwarn… Elegante… Ele era a infecção que se alimentava das feridas da sociedade nobre. Disseminando sua doença. Trazendo a febre. Ele era a própria definição dos jogos que Wax odiava.

— Waxillium — chamou Telsin desde a entrada. — Não confie nele. Ele vai enganar você. Vai vencer. Ele sempre vence.

— Vamos tentar do seu jeito, tio — disse Wax, relutante. — Vou deixar que abra a porta, mas depois terá que voltar para cá.

Edwarn bufou.

— Eu entro. Passo pela porta e vejo o que há lá. Do contrário, não terá minha ajuda.

— Você estará sob vigilância. Haverá uma arma apontada para sua cabeça.

— Não tenho objeção a isso.

Ele deu uma baforada no cachimbo, manteve a fumaça na boca e depois a soltou por entre os dentes do seu sorriso. Wax fez uma revista completa no tio. Ele não tinha metal que reagisse à Alomancia, a não ser na bengala, mas também não tinha nenhum alumínio. Pelo menos não numa concentração grande o bastante para ser perigoso.

— Você vai na frente — disse Wax, apontando a arma para a entrada. Ignorou o olhar raivoso de Telsin. Wayne se levantou e a segurou de lado enquanto Edwarn passava, relaxado, soltando fumaça de cachimbo. Marasi seguiu ao lado de Wax, agarrando o rifle com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos. Allik, Steris e MeLaan foram em seguida. Wayne e Telsin ocuparam a retaguarda, deixando a irmã de Wax o mais distante possível de Edwarn.

— Você está certo quanto a isto? — perguntou Marasi enquanto eles passavam pelos entulhos de lanças espalhadas e dardos.

Wax não respondeu. Pensava furiosamente em quais poderiam ser os planos do tio. O que Wax tinha deixado passar? Ele tinha várias teorias no momento em que chegaram à porta.

Edwarn ficou de pé diante dela, estudando os símbolos de cima a baixo.

— Pressione aquele — disse ele, apontando para um dos círculos gravados. — Com Alomancia.

Wax mandou que todos recuassem, menos Wayne. O homem mais baixo anuiu, usando o bracelete que o permitiria se curar e tendo uma bolha de velocidade a postos, caso Edwarn tivesse planejado a ativação da porta como uma armadilha.

Wax *empurrou*. Algo estalou.

— Agora aqui — disse Edwarn, apontando. — Aquele de forma triangular.

Houve um clique.

— E finalmente este — disse Edwarn, tocando num símbolo com as costas da mão.

— É isso? — perguntou Wax.

— A coisa congela se for dada a sequência errada, pelo que me disseram — contou Edwarn, relaxado. — Tem um temporizador. Não estará pronto para ser aberto novamente por dez anos. Você poderia tentar por uma vida e ainda teria uma pequena chance de abrir — falou, olhou para Wax e sorriu. — Aparentemente esses símbolos dizem algo que o Senhor Soberano teria entendido.

Wax olhou para trás, na direção de Allik, que balançou a cabeça, atônito.

— Eles realmente não fazem sentido para mim.

Wax se virou, prendeu a respiração e *empurrou* o símbolo final. Ele estalou. Então, com um ruído profundo de pedra em metal, a coisa inteira *deslizou* para o lado, abrindo o caminho. Edwarn avançou, mas Wax apontou a arma, fazendo o

homem hesitar.

— Passei muito tempo trabalhando para descobrir o que há neste lugar. Parece inadequado que outro passe por essa porta antes de mim.

— Que pena — disse Wax, agarrando o ombro de Telsin quando ela tentou passar por ele e entrar. — MeLaan?

— Certo — disse a kandra. Ferrugem! Ela mancava quando passou pela porta. Uma de suas pernas estava mais comprida que a outra por causa das fraturas. Dissera não sentir dor, mas ele nunca saberia se ela estava mentindo.

Ela entrou na outra sala, que emitia um suave brilho azul. Mais daquelas luzes de vidro nas paredes.

— Nada me atingiu na entrada — disse ela, de dentro. — Quer que dê uma volta?

— Apenas pela área da porta — respondeu Wax, com a arma ainda apontada para Edwarn. — Assegure-se de que é seguro para nós.

Eles esperaram alguns momentos tensos. Nenhuma armadilha foi ativada na outra sala, pelo menos que ele conseguisse ouvir.

— Como você consegue esperar? — perguntou Telsin. — Sabendo o que pode haver lá? Uma maravilha além da compreensão.

— Não vá a lugar nenhum.

— Você nunca quer saber o que há além da porta — sussurrou Telsin. — Você nunca perseguiu o horizonte. Onde está sua curiosidade?

— Está viva e bem. As coisas pelas quais sinto curiosidade são simplesmente diferentes daquelas que você considera empolgantes.

— Tudo limpo — disse MeLaan.

Wax anuiu para que os outros entrassem primeiro. Todos, menos ele e Edwarn.

— Fiquem perto da porta — disse.

Assim que estavam do lado de dentro, ele chegou mais perto do tio.

— Ameaçador — disse Edwarn, olhando-o de cima a baixo. — Você nos separou dos outros, Waxillium. Planejando um pouco de intimidação?

— Eu me importo com as pessoas que estão naquela sala — disse Wax suavemente. — Desconfio que me importo com elas mais do que um monstro como você pode vir a compreender.

— Acha que não tenho emoções? — retrucou Edwarn, com a voz dura. —

Tentei poupar a *sua* vida, Waxillium. Eu o defendi perante o Grupo. Houve um tempo em que o amei como a um filho.

Wax ergueu Vindicação novamente.

— Quando tivermos acabado com isso, você me dará nomes — disse Wax. — Os outros elementos do Grupo. Vou arrastar você de volta a Elendel, e lá você vai falar.

— E você vai me torturar para conseguir esses nomes, sem dúvida — disse Edwarn.

— Eu sigo a lei.

— Que pode ser mudada, ou dobrada, para atender às suas necessidades. Você me chama de monstro e me odeia porque busco comandar, mas serve aos que fazem as mesmas coisas que eu. Seu Senado? Ele destrói a vida de crianças com suas políticas econômicas — disse Edwarn, adiantando-se, um movimento que colou o cano da arma de Wax em sua têmpora. — Quanto mais você viver, Waxillium, mais entenderá como estou certo. A diferença entre homens *bons* e *maus* não está nos atos que estão dispostos a fazer, mas apenas em *nome* de que estão dispostos a praticá-los.

— Waxillium? — chamou Marasi, aparecendo na passagem de pedra. — Você vai querer ver isto.

Wax trincou os dentes e sentiu o olho tremer. Afastou a arma da cabeça do tio e acenou com ela na direção da porta.

Edward entrou, relaxado, deixando um rastro de fumaça com seu cachimbo. Wax o seguiu e entrou na sala solitária no centro do templo em forma de fortaleza. Havia uma plataforma ali, a mesma que era representada no mural na entrada do templo. Erguia-se do centro da sala, dourada e esguia, com degraus levando a ela. Havia um pequeno pedestal quadrado encimado por veludo vermelho e uma moldura adequada para a exibição de uma relíquia preciosa. Uma luz branca e suave, não azul como aquelas nas laterais da sala, brilhava sobre a plataforma e cobria a coisa toda.

A coisa toda vazia.

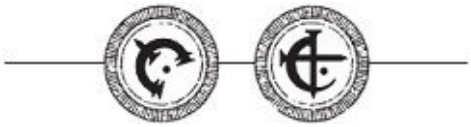
Havia cacos de vidro no piso da plataforma. Wax conseguia identificar os cantos; eram os restos da caixa de vidro que um dia esteve em cima do pedestal, envolvendo o que repousava ali.

A sala estava silenciosa e imóvel, com gelo em alguns pontos do piso, a poeira perturbada pela abertura da porta de pedra flutuando no ar. Não havia outras

portas ou aberturas nas paredes.

— Sumiu — sussurrou Wax. — Alguém chegou aqui antes de nós.

26



— Por que todo mundo está olhando para mim? — perguntou Wayne.

— Reação natural — respondeu Marasi. Apontava uma arma para Edwarn, assim como fazia MeLaan.

Wax abriu caminho cautelosamente. *Parece uma sala do trono*, pensou, distante. Os outros começaram a segui-lo, mas ele os manteve afastados erguendo a mão.

— Fiquem neste caminho central que leva à plataforma — ordenou, sem olhar. — Há poços escondidos em armadilhas dos dois lados. E estão vendo aquele quadrado levemente rebaixado ali? Faz cair uma lâmina afiada do teto.

— Como ele sabe? — perguntou Steris. Ela agarrou o caderno no qual fazia listas.

— Wax tem uma afinidade natural com coisas que matam pessoas — disse Wayne. — Vocês ainda estão olhando para mim. Ferrugem! Acham que de algum modo entrei aqui e peguei aquela coisa ferrada?

— Não — admitiu Marasi. — Mas alguém fez isso. ReLuur, o kandra?

— Não — disse Wax, agachando-se e examinando os pedaços de vidro nos degraus que levam ao pedestal. — Isso está aqui há muito tempo, a julgar pela poeira.

O kandra não conseguiria passar por aquele corredor do lado de fora. Tinham sobrado armadilhas demais, e todas as que haviam sido detonadas tinham corpos perto.

Era provável que o kandra tivesse feito as imagens e sabiamente voltado para casa a fim de reunir outros e organizar uma expedição de verdade. Kandra eram imortais; ele não teria pressa em tentar chegar ali. Teria planejado passar anos estudando o templo e arrancando seus segredos.

Quem, então?

Telsin passou por ele, subindo até a plataforma. Pedaços de vidro foram esmagados sob seus pés, e Wax ergueu os olhos e a viu encarando o pedestal vazio, chocada.

— Como? — murmurou ela.

MeLaan balançou a cabeça.

— O que *você* faria se tivesse roubado a coisa em segredo? Deixaria o lugar escancarado para que todos soubessem ou refaria as armadilhas e sairia discretamente?

Não, pensou Wax. Refazer as armadilhas? Improvável. Ele lançou um olhar na direção do tio, que estava de pé, com o cachimbo na mão, olhando furioso para a plataforma. Estava surpreso com aquilo.

Ou era encenação? Será que aquilo tudo era uma encenação, após ele ter pegado os Braceletes, para afastar Wax dali? Wax espanou a poeira de um pedaço de vidro, mas depois o largou e escolheu um pedaço maior, um dos cantos. Wax o estudou atentamente, pegou outro e o colocou junto.

— Isto é uma decepção — disse Edwarn. Parecia verdadeiramente perturbado.

Não foi ele, pensou Wax, esticando uma das tiras do seu casaco de bruma e usando-o para avaliar o caco de vidro. *Não, isto é muito mais antigo…*

Ele se levantou. As argumentações dos outros se tornaram um zumbido distante enquanto ele observava o suposto local de repouso dos Braceletes da Perdição. Um pequeno pedestal encimado em veludo, congelado no tempo.

— Acho que é isso — disse Edwarn. — Está na hora de tudo isso chegar ao fim.

Wax girou, esticando a arma. Apontou não para Edwarn, mas para sua irmã.

Ela o encarou, com a mão no bolso. Então, lentamente sacou uma arma. Onde ela conseguira aquilo? Ele não conseguia senti-la. Alumínio.

— Telsin — disse Wax, com a voz rouca.

Edwarn não teria entrado ali sem um infiltrado. Ela era quem fazia mais sentido. Mas… *ferrugem*!

— Lamento, Waxillium — disse ela.

— Não faça isso.

Ele hesitou. Tempo demais. Ela ergueu a arma.

Ele atirou. Ela fez o mesmo. Seu tiro desviou dela, *empurrado* por Alomancia. Mas o dela, de alumínio, acertou-o logo abaixo do pescoço.

Marasi se moveu antes que tivesse tempo de pensar. Com seu rifle já em posição, atirou em Elegante. O que quer que estivesse acontecendo, matá-lo não podia fazer mal.

Infelizmente, sua bala também foi desviada, errando Edwarn. Depois, ela voou para trás de suas mãos. Elegante sorriu para ela com uma despreocupação capaz de enfurecer.

No pedestal, Waxillium cambaleou para trás. Fora atingido exatamente onde a clavícula chegava ao pescoço. Tentou permanecer de pé, mas Telsin o baleou uma *segunda* vez, no abdome. Waxillium caiu, rolou pelos degraus até a base da plataforma e gemeu.

Edwarn era alomântico.

Telsin estava no Grupo.

Novamente, Marasi reagiu antes de saber o que estava fazendo. Wayne saltou na direção de Elegante, que recebeu um golpe dos bastões de duelo sem se encolher e usou sua própria bengala, que era envolta em metal, *empurrando-a* contra Wayne.

Wayne foi arremessado sobre Marasi, e os bastões retiniram no chão. Ele grunhiu, caindo enquanto Marasi tentava pular sobre Elegante. Talvez se o prendesse sozinho com ela numa bolha, Wayne poderia…

Suas reservas de metal desapareceram. Wayne se ergueu cambaleante atrás dela, parecendo igualmente confuso. Telsin jogara algo entre os dois.

Um pequeno cubo de metal. Outra granada alomântica. Ela também era alomântica. Jogou uma bolsa com algo para Elegante. Moedas.

Wayne se recuperou da surpresa, pulando novamente sobre Edwarn, mas o homem *empurrou* um punhado de moedas. Wayne xingou, encolhendo-se em pleno ar quando as moedas rasgaram seu corpo. Marasi observou, horrorizada, e, ali perto, alguém berrou.

Choque. Não. Ela não se permitiria ficar chocada. Avançou na direção de Elegante, mas ele a *empurrou* de lado sem esforço. Ela conseguiu segurar brevemente a camisa dele ao cair, mas então seus dedos escorregaram. Sua cabeça bateu nas pedras ao cair.

Tonta, ela conseguiu ver Waxillium se erguer, cambaleando e sangrando, e Telsin atirou novamente nele. Depois, ele investiu, mas não na direção da porta ou de Elegante. Foi na direção da lateral da sala, para longe de tudo o que acontecia. Naquela direção havia apenas um canto, que certamente o prenderia…

O piso desabou, jogando Waxillium no buraco.

Perto dali, Wayne se colocou de pé.

— Acabe com ele! — gritou Elegante, lançando moedas em Wayne.

Telsin, no alto da plataforma, atirou em Wayne. Sua pontaria não era muito boa, mas ela e Edwarn conseguiram atingi-lo diversas vezes.

Aquilo não o derrubou, não com a mente de metal de ouro. Ele fez um gesto grosseiro e passou correndo pela porta, curando-se dos ferimentos quase ao mesmo tempo que era atingido.

Elegante rosnou quando a arma de Telsin estalou, sem balas. Marasi tentou agarrar Elegante pelas pernas e talvez derrubá-lo, mas ele a chutou no peito. Ela grunhiu, sem fôlego, e Elegante colocou o pé na sua garganta.

— Wayne! — gritou Elegante. — Volte ou eu matarei os outros!

Sem resposta. Aparentemente, Wayne aproveitara a chance para escapar pelo corredor. Isso era bom. Ele não iria abandoná-los; compreendera corretamente que suas chances seriam maiores se escapasse.

— Vou fazer isso! — gritou Elegante. — Vou matá-la!

— Você acha que ele liga para isso? — perguntou Telsin.

— Sinceramente, com aquele eu não sei — disse Elegante. Esperou um momento para ver se Wayne respondia, mas depois suspirou, tirando o pé do pescoço de Marasi.

Tonta, ainda com dificuldade para respirar, ela avaliou a situação. MeLaan se contorcia no chão. Quando aquilo acontecera? Allik e Steris estavam paralisados, de olhos arregalados. Tudo aquilo acontecera em um instante. Alguns anos antes, Marasi teria ficado como aqueles dois, chocada e confusa. De certo modo, ela estava impressionada por ter sido capaz de reagir rápido.

Sua evolução não fora suficiente. Edwarn pegou seu rifle, apontando para ela.

— Vá para lá — disse, mostrando com a arma que Marasi deveria engatinhar até Steris e Allik, para que ele pudesse vigiar todos ao mesmo tempo. Ela pensou em tentar alguma coisa, mas o quê? Suas reservas de metal estavam esgotadas, e a importância do que acontecera começava a assentar nela.

Waxillium talvez estivesse sangrando até a morte no fundo daquele poço. Wayne escapara, mas não tinha curvaliga. MeLaan fora abatida.

Ela poderia ter que fazer algo sozinha para salvá-los.

— Por favor — disse Allik, agarrando Marasi pelo braço freneticamente

enquanto se juntava aos outros dois. — Por favor.

Ele estava em pânico, mas ela não podia culpá-lo. Ele vira Waxillium, um homem que venerava, tombar, e estava mais uma vez nas mãos de Elegante. Steris apertou os olhos para Telsin.

Waxillium descobrira a verdade. Contudo, demorou demais. Não a revistara e hesitara em disparar. Apesar de toda a sua inteligência, Waxillium tinha uma falha de julgamento em relação a Elegante e Telsin. Sempre tivera.

Não que você tenha se saído melhor, pensou Marasi.

Telsin desceu calmamente os degraus, segurando a arma à frente do corpo.

— Isso foi um fiasco.

— Fiasco? — reagiu Edwarn. — Acho que foi bom.

— Deixei Waxillium escapar.

— Você o acertou três vezes — argumentou Edwarn. — Certamente está morto.

— E você vai confiar nisso? — perguntou Telsin.

Edwarn suspirou.

— Não.

Telsin anuiu. Sua expressão era calma enquanto deslizava uma faca para fora do bolso, ajoelhava-se e cravava-a em MeLaan. Steris gritou, dando um passo na direção deles.

— O que vocês fizeram a ela? — perguntou Marasi.

Eles não responderam, mas Marasi desconfiou. Havia líquidos que, quando injetados num kandra, imobilizava-o e fazia-o começar a perder a forma. Era temporário, mas Marasi só podia imaginar que, enquanto ela se concentrara em Elegante, Telsin de algum modo usara um desses líquidos em MeLaan. Com braços retorcidos e pernas quebradas, o esqueleto da kandra não estava em forma para conseguir resistir.

Telsin trabalhou por um momento horrendo e tirou uma estaca. Enfiou-a no bolso e continuou a trabalhar. Elegante foi até Marasi, e, através da camisa rasgada dele, Marasi teve um vislumbre de um metal se projetando entre duas costelas. Não uma estaca grande como as que o Olhos de Ferro tinha. Algo mais sutil.

Eles não estavam apenas fazendo experiências com Hemalurgia, mas usando estacas para dar poder a si mesmos.

Telsin finalmente tirou a segunda estaca da pobre MeLaan e a embolsou. A kandra derreteu, um monte de carne e músculos verde-amarronzados sem nada a que se aferrar, vazando para fora de suas roupas, deixando seus ossos e seu crânio de cristal verde olhando vazios para o teto.

Telsin apontou para o poço em que Waxillium caíra.

— Cace-o lá.

— Eu? — reagiu Edwarn. — Certamente podemos esperar por…

— Nada de espera — cortou Telsin. — Você o conhece melhor. Você o caça. Ele ainda está vivo. Já encontrei pedras menos duráveis que meu irmão.

Elegante suspirou novamente, mas dessa vez anuiu, trocando sua arma com Telsin para ficar com a pistola de alumínio, que depois recarregou. Andou na direção do poço. Marasi olhou de relance para Telsin, que observava os restos de MeLaan, mas mantinha o rifle a postos.

Será que Marasi devia atacá-la? Elegante obedeceu a *ela*. Telsin não era simplesmente uma integrante do Grupo, mas alguém acima do tio de Waxillium. E obviamente era alomântica; o modo como usara a granada provava isso.

Elegante desceu usando uma corda. Pouco depois, Marasi ouviu passos do lado de fora, e logo um grupo de soldados uniformizados como aqueles que guardavam o galpão chegou na sala.

— O baixo — disse Telsin, num tom urgente. — Wayne. Vocês passaram por ele?

— Senhora? — perguntou um dos soldados. — Não, não o vimos.

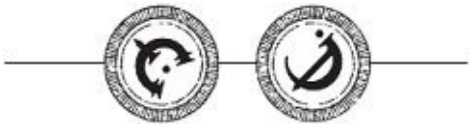
— Maldição — disse Telsin. — Para onde aquele rato foi? Preciso do maior número de homens vasculhando o corredor e o platô lá fora. Ele é *extremamente* perigoso, particularmente se tiver outro frasco de curvaliga.

Marasi se virou para Steris, que ainda estava atônita, com os olhos arregalados, ainda olhando para o buraco onde Waxillium caíra. Allik segurava o braço de Marasi. Apenas os olhos eram visíveis atrás da máscara.

— Vou nos tirar daqui — sussurrou para eles.

De algum modo.

27



“Ele vai nos delatar… Você sabe que sim.”

Wax rolou para apoiar as costas no chão, olhando para cima. Escuridão. O poço se torcia ao longo da queda — ele se lembrava de ter batido numa de suas curvas — e o jogara ali.

Ferrugem… Como sua visão podia girar quando ele não conseguia *ver* nada? Mexeu no cinturão e pegou um frasco, que conseguiu engolir, refazendo suas reservas de metal.

“Você vem? Claro que não. Você nunca quer correr o risco de ter problemas.”

Não. Ele *conseguia* ver algo. Uma vela solitária numa sala negra. Piscou os olhos, mas ela tinha sumido. Uma visão do passado. Uma lembrança…

Luz numa sala escura. Colocada ali para distrair…

Era o que a plataforma na sala acima tinha sido. Os Braceletes *nunca* estiveram lá. As pessoas que tinham construído aquele lugar deixaram o vidro quebrado, a prateleira vazia, a plataforma e o pedestal como um estratagema. Mas tinham cometido um erro.

A caixa de vidro que tinham quebrado era grande demais para caber no pedestal.

Luz numa sala escura…, pensou Wax. Isso significava que os Braceletes estavam em algum outro lugar. Ele piscou e, à medida que seus olhos de acostumavam, achou que realmente conseguia ver luz.

Não estava num poço apertado. Aquele buraco o jogara em algum outro lugar. Ele se ergueu, girando, ficou de joelhos e tocou a barriga. Sangue. Um tiro feio, que atravessou a carne, a julgar pela umidade que sentia escorrendo atrás da coxa. Também levara um tiro na perna, mas isso não importava. De qualquer modo, tinha quebrado aquela perna na queda.

O tiro perto do pescoço era o pior. Sabia mesmo sem tocar, sabia pelo modo

como seu corpo funcionava, pelo modo como alguns pedaços estavam ficando insensíveis, pelo modo como certos músculos não reagiam direito.

Aquela luz. Um azul suave. Não uma vela, mas uma das luzes embutidas espalhadas pela construção. Ele engatinhou na direção da luz, arrastando a perna quebrada, raspando na pedra, suor escorrendo pelas faces e misturando-se ao sangue que ele derramava no chão.

— Harmonia — sussurrou. — Harmonia.

Sem resposta. E agora ele rezava? E quanto ao seu ódio?

Durante um tempo, aquela luz foi tudo para ele. Uma hora podia ter passado enquanto engatinhava, ou talvez tivesse sido apenas um minuto. À medida que se aproximava, viu sentinelas na escuridão. Pessoas sentadas ordeiramente diante da luz, lançando longas sombras nas profundezas da sala. O teto era baixo, pouco mais alto do que um homem. Por isso que… que as pessoas tinham que se sentar.

Concentre-se, pensou, queimando metal. As sentinelas tinham metal com elas. E… Sim, havia outra linha fraca, apontando para um ponto no chão à frente. Outra armadilha.

O metal queimado pareceu lhe dar clareza, ajudando a afastar a sensação de confusão. Perda de sangue. Ele estava apagando rapidamente. Ainda assim, um pouco mais alerta, viu o que eram aquelas sentinelas. Cadáveres. Sentados, de algum modo, envoltos em roupas quentes. Passou pela primeira fila e olhou seus rostos congelados, enrugados com o passar do tempo, mas impressionantemente bem preservados. Cada um tinha uma máscara no colo. Estavam sentados em quatro círculos concêntricos, olhando para a luz à frente.

Aqueles que haviam construído aquele lugar tinham morrido ali. Então como… Como a informação sobre o segredo da porta foi passada…

Wax engatinhou entre os mortos agrupados, congelados apesar das roupas quentes. Conseguia imaginá-los sentados ali, esperando o fim, enquanto o calor em suas mentes de metal diminuía. O frio, avançando como a noite avança após o pôr do sol, uma escuridão final, devoradora.

E, à frente, outro pedestal. Menor, esculpido em pedra branca. Uma luz simples brilhando no topo revelava um conjunto de braceletes de metal. Não havia ornamentação elegante ali, apenas a reverência silenciosa dos mortos.

Algo soou atrás dele, botas raspando na pedra, e depois uma luz banhou a sala, vinda de lá.

— Waxillium? — chamou Edwarn.

Wax se encolheu.

— Sei que você está aqui, filho — disse Edwarn. — Está deixando uma forte trilha de sangue. É o fim, como deve compreender.

Ele agora é alomântico, pensou Wax, lembrando o que Edwarn fizera com a arma de Marasi. O homem carregava a pistola de alumínio que Telsin usara.

Telsin… Havia quanto tempo ela estava trabalhando com eles? Ele odiava ter descoberto, odiava que seu primeiro instinto, mesmo estando certo, tivesse sido sacar uma arma para sua única irmã. Simplesmente fazia muito sentido. Ela fizera Wayne derrubar a mochila pela abertura da nave. Matara o bruto no galpão quando ele estava prestes a falar, potencialmente se dirigindo a ela, revelando que Telsin era integrante do Grupo.

Elegante não teria… Não teria entrado no templo com eles a não ser que tivesse uma vantagem…

Ele precisava permanecer concentrado. Edwarn estava se aproximando. Wax se sentiu tentado a *empurrar* uma bala na direção do homem, mas se segurou. Edwarn ergueu a luz, iluminando o amplo vazio e olhando lentamente ao redor. Não parecia ter localizado Wax, e todos os corpos tinham algum metal, de modo que a visão de aço não revelaria Wax. Mas a trilha de sangue logo o trairia.

Ainda assim, Wax esperou. Curvou-se, colocando-se na fila de figuras, imitando suas posturas curvadas.

Tenho que pegar aqueles braceletes.…

Ele seria baleado antes de conseguir chegar a eles. Mesmo se conseguisse cobrir aquela distância sem desmaiar.

— Eu *tentei* proteger você — disse Elegante.

— O que você fez à minha irmã? — cobrou Wax, sua voz ecoando na escuridão.

Elegante sorriu, seguindo em frente e observando os corpos. Se ele conseguisse atrair o homem para mais perto…

— Não fiz nada a ela — disse Elegante. — Filho, *ela me* recrutou.

— Mentira — sibilou Wax.

— O velho mundo está morrendo, Waxillium! — disse Edwarn. — Eu lhe disse que um novo logo nascerá, um mundo onde homens como você não terão lugar.

— Posso encontrar meu lugar num mundo de aeronaves.

— Não é disso que estou falando — corrigiu Elegante. — Estou falando dos segredos, Waxillium. Um mundo em que policiais existem apenas para fazer com que as pessoas se sintam seguras. Será um mundo de sombras, de governo oculto. A mudança já está acontecendo. Aqueles que governam atualmente não são os homens que sorriem para multidões e fazem discursos.

Edwarn contornou um cadáver e seguiu com os olhos a trilha de sangue de Wax. Apenas mais alguns passos.

— O tempo dos reis acabou — disse Edwarn. — O tempo dos homens poderosos a serem idolatrados terminou, e, com ele, o direito dos alomânticos ao poder. Seus dons não dependerão mais dos caprichos do destino. Em vez disso, os poderes serão dados àqueles que os merecem. Que podem *usá-los*.

Ele ergueu o pé para dar o próximo passo, mas hesitou, olhando para baixo. Sorriu, recuando e acabando com as esperanças de Waxillium.

— Tentando me levar a pisar numa armadilha? Um plano tão imprudente, Waxillium. — Ele olhou para cima. — Parece que foi preparada para derrubar toda essa parte do teto. Você também seria pego.

Edwarn se virou e olhou diretamente para onde Wax estava sentado, tentando esconder-se em meio aos cadáveres.

Wax ergueu a cabeça.

— Teria valido a pena — disse. Ainda tinha sua escopeta, mas duvidava que tivesse força para usá-la. Em vez disso, ajoelhando-se, estendeu uma mão ensanguentada, agarrando uma bala. — Vamos ver quão bom você é, tio?

Um duelo. Talvez ele pudesse vencer um duelo.

Edwarn o encarou. Depois, balançou a cabeça.

— Acho que não.

Ele pisou na placa de pressão, disparando a armadilha.

Telsin levou Marasi e os outros para fora do templo. Assim que estavam do lado de fora, ela levou a mão ao braço de Marasi e arrancou o medalhão.

Marasi perdeu o ar, agarrando a bolsa quando o frio se lançou sobre ela como um enxame de insetos, mordendo cada área de pele exposta. Seu vestido de repente pareceu fino, inútil. Poderia muito bem estar nua. Telsin repetiu o processo com Steris e depois esticou a mão para o braço de Allik.

— Por favor — disse Marasi. — Ele…

Telsin agarrou o medalhão. Allik tentou se afastar, mas um dos guardas deu um tapa em seu rosto, rachando a máscara e jogando-o no chão coberto de neve. O guarda estendeu a mão, arrancando o medalhão.

Allik engasgou ruidosamente, encolhendo-se na pedra fria. Além dele, o campo estava agitado. Barracas adejavam ao vento e homens circulavam rapidamente ao redor da nave caída dos caçadores. Um grupo de pessoas mascaradas era levado pelo campo na direção de uma barraca particularmente grande. Então os tripulantes de Allik continuavam vivos.

Um homem usando uniforme vermelho sob o casaco grosso subiu os degraus.

— Lady Sequência — disse a Telsin ao chegar ao alto —, localizamos o que achamos ser a arma.

— Os Braceletes? — perguntou Marasi.

Telsin olhou para ela, divertida.

— Os Braceletes eram uma possibilidade. Fascinante, sim, e não nego estar decepcionado. Irich ficará particularmente insatisfeito. Mas não viemos aqui por causa deles.

A aeronave, entendeu Marasi, olhando para ela. *Levando uma bomba para destruir o templo*.

Uma bomba que não havia sido usada. Homens se moviam ao redor da grande aeronave, investigando. Era por *isso* que Elegante e os outros tinham vindo.

Marasi adiantou-se, mas um dos guardas a agarrou enquanto outro revistava sua bolsa em busca de algo perigoso. Outro arrancou o caderno de Steris e começou a revistá-la sem muita gentileza.

— A nave está em bom estado, a despeito do clima, Sequência — contou o soldado a Telsin enquanto Marasi olhava, desamparada. — Não caiu como a outra.

— Excelente — disse Telsin. — Vamos ver se aquela coisa ainda tem algum daqueles metais.

Ela começou a descer os degraus; seu medalhão de aquecimento permitia que ignorasse o frio congelante. Parecia um espírito em seu vestido fino e diáfano ao lado de homens em trajes de inverno completos. Hesitou, olhando para Marasi e os outros.

— Reviste-os atentamente — disse aos homens. — Senti um metal fraco na mulher mais velha, mas agora sumiu. Seu caderno deve ter presilhas de metal.

Não acredito que tenham armas de alumínio além daquela que Waxillium tinha. Seja como for, vigie-os. São uma proteção contra o baixinho, que ainda está por aí em algum lugar.

O teto desabou sobre eles.

Wax gritou, saltando na direção do pedestal e dos dois braceletes simples. Elegante usou uma tática diferente, *empurrando-se* para trás a partir dos braceletes, para fora do desabamento.

Pedras atingiram Wax como um punho o apertando contra o chão. Ossos quebraram dentro dele. Ele engasgou, e sua boca se encheu de pó.

Soube o quanto estava mal quando a dor diminuiu. Quando o pó assentou, notou que não conseguia mover nenhuma parte do corpo. Havia um peso nas costas, pressionando-o com a cabeça para o lado. Uma das mãos pendia diante dos seus olhos, com os dedos esmagados. Não conseguia senti-los. Nada. Apenas o rosto. Suficiente para sentir as lágrimas de dor e fracasso nas faces.

Aço. Tentou queimar o metal.

Havia algumas raspas dentro do corpo, gerando um calor que se tornou a única coisa que ele conseguia sentir.

Pedras e entulhos foram movidos ali perto. Um segundo depois, Elegante apareceu. Tinha um corte no braço, mas já cicatrizava. Ele se espanou e olhou para Wax.

— O problema da Hemalurgia está em suas limitações — disse ele. — Se você mata um homem e rouba suas habilidades metálicas, o dom resultante é enfraquecido. Você sabia disso? Mais ainda, se você enfia estacas demais em si, torna-se sujeito à… interferência de Harmonia. De fato, segundo as histórias, você pode ficar exposto à interferência de qualquer Abrandador ou Tumultuador idiota com suficiente talento — contou ele, balançando a cabeça. — Estou limitado a três bênçãos, mesmo que tenhamos descoberto como tornar outra pessoa fraca enquanto ganhamos o benefício.

Ele olhou para os braceletes.

— Mas se houvesse uma forma de ganhar mais poderes e não estar sujeito a Harmonia… Isso seria interessante. Entendo por que Telsin estava tão ansiosa.

Ele deixou Wax, passando pelos cadáveres congelados, cujos pedaços se projetavam sob rochas caídas. Esmagados. Alguns pareciam ter sido até estilhaçados.

Elegante subiu ao pedestal.

— Olhe para mim, Waxillium. Hoje me torno um deus.

Wax tentou gritar, mas seus pulmões não tinham ar suficiente. Tentou se livrar das pedras, mas seu corpo não funcionava mais. Ele estava morrendo. Embora continuasse a queimar aço, estava morrendo.

Não. Ele já estava morto. Seu corpo apenas não havia se dado conta.

Elegante ergueu os Braceletes. Wax virou a cabeça o máximo que pôde, preso como estava ao chão, para ver. O homem barbado deu um largo sorriso, esperando.

Nada aconteceu.

Elegante fez uma careta, com uma expressão fechada. Depois virou os braceletes, examinando-os. Colocou-os.

Mas nada aconteceu.

— Esgotadas — disse ele, desgostoso. — Depois de tudo isso, nós as encontramos *despidas* de atributos. Que desperdício — disse. Ele suspirou e foi até Wax, sacando a arma de alumínio que trazia no bolso. — Não tenho dúvida de que os cientistas de Irich serão capazes de descobrir como os Braceletes foram feitos. Leve esse pensamento consigo para a eternidade, Waxillium. Esteja certo de apertar a mão do Olhos de Ferro por mim. Pretendo nunca o encontrar.

Ele pressionou a arma contra a cabeça de Wax.

E então algo bateu em Elegante. O homem gritou, e uma luta se seguiu, juntamente com o disparo de uma arma. Elegante xingou. Passos sobre pedras.

Um segundo depois, Wayne apareceu. Ajoelhou ao lado de Wax e examinou-o, parecendo horrorizado.

— Wayne — grunhiu Wax. — Como…

— Não foi nada — disse seu parceiro. — Deslizei e caí por um daqueles buracos. Um que terminava em estacas, infelizmente. Mas consegui me curar e subir assim que os soldados passaram e depois deslizei por este poço. Você com certeza escolheu um buraco melhor para cair.

— Elegante…

— Correu — contou Wayne. — Não quis me encarar sozinho, não sabendo que posso me curar. Muito covarde aquele… — Ele se interrompeu, olhando para o corpo de Wax, perfurado pela pedra. — Eu…

— Encontre Steris e Marasi — guinchou Wax. — Ajude-as a escapar.

— Wax — disse ele, balançando a cabeça. — Não. *Não*. Não posso fazer isso sem você.

— Sim, você pode. Lute.

— Não essa parte — disse Wayne. — O resto. Viver. Nós… Nós vamos tirar você daqui — disse, esfregando os olhos com a base das mãos. Depois, olhou para a pedra em cima de Wax e para o sangue se acumulando abaixo.

Sentou-se, passando as mãos pelo cabelo, com os olhos arregalados, como se em choque. Wax tentou animá-lo, mas seus lábios não se moveram.

Não tinha força suficiente.

Marasi se encolheu no chão frio com Steris e Allik, cercados por homens armados que reviraram suas coisas. Ainda era noite, mas o nascer do sol tinha que estar perto.

Waxillium teria encontrado uma saída.

Pare de se comparar a ele, pensou ela. É alguma surpresa *que fique à sombra dele quando isso é tudo o que consegue se imaginar fazendo?*

Ela precisava resolver aquilo. Dezenas de planos passaram pela sua cabeça, todos idiotas. O guarda mais próximo ainda estava com sua bolsa.

A estaca de ReLuur ainda podia estar lá e, como era investida por Hemalurgia, podia não ter sido registrada pelos olhos de um alomântico procurando metais nela. O guarda jogou a bolsa fora, espalhando o conteúdo na pedra fria.

Nada da estaca. Em vez disso, uma cunha de metal do tamanho de um palmo rolou entre seus cadernos e lenços. A ponta de lança da estátua.

Wayne, eu vou… Ela trincou os dentes. Quando ele a tinha trocado pela estaca? Aquele homem!

— Já revistei aquela bolsa — informou outro guarda. — Nada de armas.

— Bem, então o que é isto? — perguntou o primeiro guarda, pegando o pedaço de alumínio em forma de cunha.

O segundo guarda bufou.

— Fique à vontade para tentar matar alguém com isso se quiser. Não é afiado.

Marasi murchou, sentindo-se idiota. Mesmo que ela tivesse a estaca, o que faria? Não conseguiria subjugar guardas armados.

Então o que ela *podia* fazer?

Alguém caiu do céu e pousou com um baque ali perto. Ela se animou,

imaginando que devia ser Waxillium. Em vez dele, era Elegante, com a roupa rasgada e empoeirada, carregando uma arma. Os guardas bateram continência, aquele com a bolsa largou-a, assim como a cunha de metal. Um de seus frascos de vidro de maquiagem rolou para longe.

O pobre Allik se aninhou a Steris. Parara de tremer e sua pele estava ficando azul. Steris olhou para ele e pareceu resignada.

Elegante passou por eles. Parecia mais intimidador ao cair do ar usando habilidades alomânticas do que parecera todo coberto por causa do frio e de pé nos degraus do templo.

— Meu irmão está morto? — cobrou Telsin, dando as costas ao seu grupo de engenheiros ali perto.

— Sim — disse Elegante. — E eu encontrei o baixinho.

— Você o matou?

— Eu lhe dei uma distração — respondeu Elegante. — Achei que você iria querer ver o que encontrei. — Ele ergueu algo que cintilou às luzes fortes que a equipe instalara. Dois braceletes prateados, cada um do tamanho de um antebraço. — Havia uma câmara escondida lá embaixo, Sequência. E que segredo ela continha!

Telsin passou pelos cientistas e foi rapidamente até Elegante.

Pegou os braceletes, assombrada.

— Eles não funcionam — comentou Elegante.

— O que quer dizer?

— Estão sem atributos, creio. Reservas esgotadas.

— Mas eles também deveriam dar Alomancia — disse Telsin, colocando-os e acenando para um dos guardas, que lhe jogou um frasco de metais. Ela o virou, ansiosa.

— Bem? — perguntou Elegante.

— Nada.

Um engodo, pensou Marasi. Como a caixa de vidro e o pedestal vazio… Sim, aquilo também fora uma farsa. Ela agora entendia por que Waxillium estava observando os cacos de vidro.

Waxillium. Ele não podia realmente estar…

Não. O que ela podia fazer? Não podia lutar. Mas podia pensar. Aqueles Braceletes eram um engodo. Uma segunda falsificação para confundir invasores.

Então onde estavam os verdadeiros?

*

Velas numa sala escura.

Eles são mais um engodo, pensou Wax, confuso. *Aqueles braceletes eram perfeitos demais, exatamente como apareciam nas histórias. Foram deixados para nos enganar.*

Como a marca de um antigo inimigo de Wax pintada na porta de uma mansão. Como o objetivo de distrair. Atrasar.

Este lugar foi feito para o Senhor Soberano, pensou Wax. *Aquelas armadilhas… Aquelas armadilhas são idiotas. E se uma* de fato *o pegasse? A coisa inteira tinha que ser uma farsa.*

E então? Havia outro templo lá fora? Talvez eles *tivessem* escondido os Braceletes numa caverna?

Ele mal conseguia ver. Wayne segurou sua mão enquanto lágrimas corriam pelas suas faces. Tudo estava apagando, o frio… chegando… como a escuridão.

Não, não estaria em algum outro lugar, pensou Wax. *Ele precisaria ser capaz de encontrá-las. Ele as reconheceria*.

Estava…

Estava ali!

Wax engasgou e tentou formar as palavras, com os olhos arregalados. Wayne agarrou sua mão com força.

Ele não conseguia sentir.

A escuridão chegou, e Wax morreu.

28



Wax ficou imóvel.

Wayne deixou sua mão cair, flácida. Só queria ficar sentado ali. Olhar para o nada como aqueles sujeitos mortos em filas ali perto, aqueles que não foram esmagados. Continuar sentado ali e tornar-se nada.

Por toda a sua vida, apenas um homem acreditara nele. Apenas um homem o perdoara, o encorajara. Para ele, o resto daquela maldita raça podia arder e se tornar cinzas. Ele odiava todos eles.

Mas… o que Wax diria?

Ele me deixou, o desgraçado, pensou Wayne, secando os olhos. Naquele momento, ele também odiou Wax. Mas Wayne o amava mais do que o ódio. Ele grunhiu e colocou-se de pé. Não tinha armas; havia deixado os bastões de duelo no alto.

Olhou para o corpo de Wax, ajoelhou-se e revistou as pernas do homem. Sentiu algo e puxou. A escopeta.

As mãos de Wayne começaram a tremer imediatamente.

— Parem com isso — sibilou para elas. — Já chega disso.

Engatilhou a escopeta e foi procurar uma saída daquela tumba.

O templo inteiro é um engodo, pensou Marasi, tremendo de frio. *Então onde estão os verdadeiros braceletes?*

O lugar foi construído para o Senhor Soberano, que supostamente voltaria para pegar sua arma. Onde você colocaria aquela arma?

Ele conheceria sua aparência, pensou Marasi. *Ele construíra os Braceletes. Achamos que tinham essa forma, mas não precisavam ter. Podiam ser qualquer coisa.*

Aquilo seria esperto caso você estivesse fazendo uma arma. Aquelas mentes

de metal, você precisava saber o que faziam antes que funcionassem. Você poderia se proteger, de modo que apenas alguém que soubesse o que procurar pudesse usar sua arma.

E, nesse caso, as pessoas que construíram o templo podiam ter deixado a arma onde o Senhor Soberano a visse, mas na forma de um objeto pelo qual todos os outros passassem direto, penetrando mais no templo para encontrar armadilhas, poços e engodos, todos concebidos para matá-los ou convencê-los de que haviam roubado os Braceletes com sucesso.

Onde você colocaria essa arma? No umbral, sob o próprio Supremo, em sua própria mão. Marasi se virou, agitada, procurando a ponta de lança exagerada.

Estava caída bem ao seu lado, onde o guarda a largara. Waxillium dissera que era feita de alumínio porque não conseguira senti-la, mas não olhara com atenção.

Se tivesse feito isso, veria que era feita de diferentes metais entrelaçados, ondulados, como as dobras forjadas na lâmina de uma espada. Ele não conseguira *empurrá-la*, mas não por ser alumínio.

Mas por ser uma mente de metal com mais poder estocado do que qualquer uma que já tivessem visto.

Ao redor de Wax, tudo ficou enevoado e indistinto. A caverna, as pedras, o próprio chão eram apenas brumas. Ele, de algum modo, conseguia ficar de pé sobre elas.

Harmonia se colocou ao seu lado na escuridão enevoada. Eles assumiram essa posição, caminhando lado a lado, como era natural para os homens. Deus se parecia muito com a ideia que Wax sempre fizera Dele. Alto, pacífico, mãos trançadas à frente do corpo. Rosto comprido e oval, sereno e humano, embora Ele arrastasse atrás de Si um manto de atemporalidade. Wax conseguia *ver* o manto, acompanhando Harmonia. Tempestades e ventos, nuvens e chuvas, desertos e florestas, tudo, de algum modo, estava refletido na esteira daquela criatura. Sua túnica seguia o padrão terrisano, mas cada V era não uma cor, mas uma era. Um *estrato* do tempo, como aqueles numa rocha profunda descoberta.

— Dizem que o Senhor aparece a todas as pessoas quando morrem — disse Wax suavemente.

— Considero um dos meus deveres mais sagrados — disse Harmonia. — Mesmo com os outros assuntos prementes, encontro tempo para dar esta

caminhada.

Ele tinha uma voz baixa, familiar a Wax, como a de um amigo esquecido.

— Então estou morto.

— Sim — confirmou Harmonia. — Seu corpo, sua mente e sua alma se separaram. Logo um voltará à terra, outra ao Cosmere, e a terceira… Nem mesmo eu sei.

Wax continuou a andar. A caverna ensombrecida desapareceu, e ele teve uma sensação de *borrão*. As brumas se tornaram escuridão, e tudo o que conseguia ver era uma luz distante, como o sol abaixo do horizonte.

— Se o Senhor pode encontrar tempo para caminhar conosco, por que não vir um pouco mais cedo? — perguntou Wax, com amargura. — Por que não *deter* a caminhada antes que ela precise começar?

— Devo impedir todo o sofrimento, Waxillium?

— Eu sei aonde isso vai chegar — disse Wax. — Sei o que o Senhor vai dizer. O Senhor valoriza a escolha. Todos teorizam sobre isso. Mas o Senhor *pode* ajudar. Já fez isso antes, colocando-me onde eu precisava estar. O Senhor interfere. Então, por que não interferir mais? Impedir que crianças sejam mortas. Garantir que policiais cheguem a tempo para impedir mortes. O Senhor não precisa eliminar o poder de escolha, mas *poderia* fazer mais. Eu sei que poderia.

Ele não disse a última parte.

O Senhor poderia tê-la salvado. Ou pelo menos me dito o que eu estava fazendo.

Harmonia anuiu. Parecia bizarro estar exigindo coisas Dele, mas, ferrugem… Se aquele era o fim, Wax queria algumas respostas.

— O que é ser Deus, Waxillium? — perguntou Harmonia.

— Não acho que seja uma pergunta a que eu possa responder.

— Também não é uma que achei que um dia teria de responder — disse Harmonia. — Mas, evidentemente, isso me foi imposto. Você gostaria que eu interferisse e impedisse o assassinato de inocentes. Eu poderia fazer isso. Avaliei isso. E se eu impedisse todos eles, então? Também impeço mutilações?

— Claro — respondeu Wax.

— E em que ponto eu paro, Waxillium? Devo impedir todos os ferimentos ou apenas aqueles causados por pessoas más? Devo impedir um homem de adormecer para que não derrube uma vela e incendeie sua casa? Devo impedir qualquer mal que possa ocorrer a uma pessoa?

— Talvez.

— E assim que ninguém mais se ferir, as pessoas ficarão satisfeitas? — prosseguiu Harmonia. — Não rezarão a mim pedindo mais? Algumas pessoas ainda vão xingar e cuspir ao som do meu nome porque são pobres enquanto outras são ricas? Devo mitigar isso, tornar todos iguais, Waxillium?

— Não vou cair nessa armadilha — disse Wax. — O Senhor é o Deus, não eu. O Senhor pode encontrar um limite para impedir o pior. *O Senhor* pode encontrar um limite razoável para impedir o pior, ainda nos permitindo viver nossas vidas.

A luz à frente de repente rolou para fora, e Wax descobriu que eles estavam contornando um *planeta*. Estavam bem acima dele e tinham passado da escuridão para a luz do sol, deixando que Wax visse o mundo abaixo, banhado numa serena luz suave.

Além daquilo pairava uma névoa vermelha, ao redor, pressionando o mundo. Ele podia sentir aquilo o sufocando, um miasma de medo e destruição.

— Talvez eu já tenha feito exatamente o que você sugere — disse Harmonia suavemente. — Vocês não veem porque o pior nunca chega a vocês.

— O que é isso? — perguntou Wax, tentando compreender aquela vasta vermelhidão. Pulsava para dentro, mas ele conseguia ver algo, uma fina tira de luz, como uma bolha ao redor do mundo, detendo-a.

— Uma representação — respondeu Harmonia. — Grosseira, talvez.

Ele olhou para Wax e sorriu, como um pai para uma criança de olhos arregalados.

— Não terminamos a nossa conversa — disse Wax. — O Senhor a deixou morrer. *Deixou que eu a matasse.*

— E durante quanto tempo você precisa se odiar por isso? — perguntou Harmonia.

Wax trincou os dentes, mas não conseguiu conter o tremor que tomou conta dele. Ele reviveu a cena novamente, segurando-a enquanto ela morria. Sabendo que a matara.

Aquele ódio *fervilhava* dentro dele. Ódio contra Harmonia. Ódio contra o mundo.

E, sim, ódio contra si mesmo.

— Por quê? — perguntou Wax.

— Porque você exigiu isso de mim.

— Eu não fiz isso!

— Sim. Uma parte de você fez. Uma eventualidade que consigo ver, um dos muitos Waxilliums possíveis, todos você, mas não fixos. Conheça a si mesmo, Waxillium. Você preferiria que outro a matasse? Alguém que ela não conhecia?

— Não — sussurrou ele.

— Você a teria deixado viver como uma escrava? Corrompida por aquela estaca *amaldiçoada* que a deixaria marcada para sempre, mesmo se substituída?

— Não — disse ele. Estava chorando.

— E se você tivesse sabido que nunca seria capaz de puxar aquele gatilho a não ser que seus olhos estivessem vendados? — perguntou Harmonia, sustentando o olhar dele. — E se você tivesse se dado conta de o que saber a verdade lhe faria, detendo sua mão e prendendo-a numa interminável prisão de loucura, o que teria me pedido?

— Não me diga — sussurrou Wax, apertando os olhos com força.

O silêncio pareceu se estender até a eternidade.

— Lamento por sua dor — disse Harmonia, com uma voz gentil. — Lamento pelo que você fez, pelo que tivemos que fazer, mas não lamento por levá-lo a fazer o que tinha que ser feito.

Wax abriu os olhos.

— E quando me contenho, impedindo minhas mãos de protegerem aqueles abaixo, devo fazer isso confiando no que as pessoas podem fazer sozinhas — continuou Harmonia. Ele olhou na direção da névoa vermelha. — E porque tenho outros problemas com os quais me ocupar.

— O Senhor não me disse o que era aquilo — lembrou Wax.

— É porque não sei.

— Isso… me assusta.

Harmonia o encarou.

— Deveria assustar.

Abaixo, uma pequena faísca cintilou numa das massas terrestres. Wax piscou. Ele tinha visto, a despeito da distância inacreditável.

— O que foi aquilo? — perguntou.

Harmonia sorriu.

— Confiança.

Marasi agarrou a ponta de lança com as duas mãos.

E drenou *tudo*.

O poder a inundou, acendendo-a como um inferno. A neve pairou imóvel no ar. Ela se levantou e levou a mão ao cinturão de um de seus captores, retirando um de seus frascos de metal. Pegou todos, vários de cada guarda, e bebeu-os. Estava usando uma mente de metal, permitindo-se mover-se a uma velocidade tão grande que, quando ergueu a mão, conseguiu ver rapidamente o bolsão de vácuo deixado para trás. Sorriu.

Então queimou seus metais. Todos.

Nesse momento transcendente, ela se sentiu mudar, expandir. Sentiu o poder do próprio Senhor Soberano estocado nos Braceletes da Perdição, a ponta de lança presa em seus dedos, fluir por ela e achou que ia explodir. Era como se um oceano de luz tivesse sido bombeado para suas artérias e veias.

Linhas azuis explodiram de seu corpo, primeiramente apontando para metais, mas depois se multiplicando, mudando, *transformando-se*. Ela viu através de tudo, tudo em azul. Não havia pessoas ou objetos, apenas energia concentrada. Os metais brilhavam com força, como se fossem buracos levando para algum lugar diferente. Essência concentrada, fornecendo uma trilha para o poder.

Ela estava usando as reservas com uma rapidez chocante. Reduziu a velocidade, e, por alguma razão, as pessoas ao seu lado saltaram, tampando os ouvidos. Ela inclinou a cabeça de lado e *EMPURROU*.

O *empurrão* lançou os soldados ao redor a bons quinze metros. Isso a deixou encarando Elegante e Telsin, que a olhavam com expressões horrorizadas. Eram focos de energia brilhante, mas ela os reconheceu. Tinham estacas dentro de si.

Conveniente. Aquelas estacas resistiam a *empurrões*, mas não o suficiente para incomodar Marasi agora. Ela ergueu a mão e lançou os dois para longe usando os próprios metais.

Ao redor, guardas agarraram armas e viraram-se para ela. Ela os varreu para trás e levantou-se do chão, *empurrando* os vestígios minerais na pedra abaixo.

Pairou ali, surpresa ao ver algo girando ao seu redor. Brumas? De onde elas vinham?

De mim, percebeu.

Ela pairou no céu, inundada de poder. Naquele momento, ela *era* a Guerreira Ascendente. Tinha a plenitude de algo que Waxillium mal provara durante sua vida inteira. Ela podia ser ele, eclipsá-lo. Podia levar a justiça a povos inteiros.

Mantendo tudo dentro de si, tendo aquele poder e avaliando-o, ela finalmente admitiu a verdade para si mesma.

Não é isso o que quero.

Ela não permitiria que seus sonhos de infância a controlassem mais. Sorriu, depois se lançou pelo ar num *empurrão* na direção do templo.

Steris viu sua irmã *voar*.

— Inesperado — disse ela. E imaginara que estava preparada para qualquer coisa. Marasi começara a brilhar, arremessando pessoas ao redor com Alomancia como se fossem bonecos e saindo em disparada, deixando uma trilha de brumas… Bem, isso não estava na lista. Não estava sequer no *apêndice*.

Ela baixou os olhos para o pobre Allik, tão frio que parara de tremer.

— Terei que ampliar minhas projeções do que é possível acontecer durante essas atividades, não acha?

Ele murmurou algo em seu idioma.

— Foralate men! — falou, gesticulando com a mão. — Forsalvin!

— Está me mandando fugir sem você? — perguntou Steris, andando um pouco e recuperando seu caderno. — Sim, sair correndo enquanto todos estão confusos seria sábio, mas ainda não pretendo partir — disse ela, abrindo o caderno, que escavara com a faca de Wax nos fundos do deslizador enquanto Marasi conversava com Allik e os outros dormiam. — Você sabia que quando avaliei a utilidade de cada um nesta expedição me dei nota sete em cem? Não é muito elevado, sim, mas eu sinceramente não consegui me dar a menor nota possível. Tenho minha utilidade.

Ela virou o grande caderno, mostrando um medalhão extra, tirado do estoque de emergência do deslizador, aninhado em segurança na área que ela escavara.

Ela sorriu para Allik, soltou-o e enfiou-o em sua mão. Ele deu um longo suspiro aliviado. A neve soprada pelo vento, que colara em seu rosto, derreteu.

Perto, soldados estavam levantando e gritando uns com os outros.

— Agora acho que sua sugestão anterior tem méritos — disse Steris.

— E agora? — perguntou Wax a Harmonia. — Desapareço no nada?

— Não acredito que seja nada — disse Deus. — Há algo além. Embora talvez minha crença seja meramente meu próprio desejo de que seja assim.

— O Senhor não está me encorajando. Não é onipotente?

— Dificilmente — disse Harmonia, sorrindo. — Mas acredito que partes de mim *poderiam* ser.

— Isso não tem nenhum sentido.

— Não terá até que eu faça com que tenha — disse Harmonia, estendendo as mãos para os dois lados. — Contudo, em resposta à sua pergunta, você não desaparece agora. Logo, porém. Neste instante, você faz uma escolha.

Wax olhou de uma das mãos da divindade para a outra.

— Todos têm essa escolha?

— As escolhas dos outros são diferentes — respondeu. Estendeu as mãos para Wax, como se oferecendo para que as tomasse.

— Não vejo a escolha.

— Minha mão direita é liberdade — disse Harmonia. — Você pode senti-la, creio.

E ele podia. Subindo pelo ar, libertado de todos os laços, cavalgando linhas de luz azul. Aventura rumo ao desconhecido, buscando apenas matar sua própria curiosidade. Era glorioso. Era o que sempre quisera, e esse apelo vibrava dentro dele.

Liberdade.

Wax perdeu o ar.

— O que… O que há na outra?

Harmonia ergueu a mão esquerda, e Wax ouviu algo. Uma voz?

— Wax? — dizia ela.

Sim, uma voz agitada. Feminina.

— Wax, você tem que saber o que isto faz. Isso vai curá-lo, Wax. Waxillium! Por favor…

— Aquela mão — disse Wax, olhando para ela. — Aquela mão é o dever, não é?

— Não, Waxillium — disse Harmonia gentilmente. — Embora seja como você sempre viu. Dever ou liberdade. Fardo ou aventura. Sempre foi você quem fez a escolha *certa* enquanto os outros brincavam. Por isso você se ressente.

— Não é verdade — disse Wax.

Harmonia sorriu. A compreensão em Seu rosto era ultrajante.

— Esta mão não é dever — disse Harmonia. — É apenas uma aventura

diferente.

— Wax… — disse a outra voz, engasgada de emoção. Pertencia a Marasi. — Você *tem que* usar a mente de metal.

Wax moveu-se na direção da mão esquerda, mas Harmonia, de modo chocante, afastou-a.

— Tem certeza?

— Eu preciso.

— Precisa mesmo?

— Eu *preciso*. É quem eu sou.

— Então talvez devesse parar de odiar isso, meu filho — disse Harmonia. Estendeu a mão.

Wax hesitou.

— Primeiro me diga uma coisa.

— Se estiver ao meu alcance.

— Ela veio aqui? Quando morreu?

Harmonia sorriu.

— Ela me pediu para cuidar de você.

Wax segurou a mão esquerda. Foi imediatamente puxado na direção de algo, como ar sendo sugado por um buraco. O calor o banhou; depois, tornou-se um *fogo*. Levando ar aos pulmões, ele berrou, arfando, arremessando uma enorme pedra. Ela caiu para o lado, e ele se viu na câmara de teto baixo sob o templo.

Quanta força! Ele não lançara aquela rocha com músculos, mas com *aço*. Seu corpo se curou ao mesmo tempo em que ele se lançava e ficava de pé, *empurrando* pequenos vestígios de metal no solo abaixo. Pousou e olhou para a mão esquerda. Aquela que estivera pendendo, quebrada, diante do seu rosto enquanto ele morria.

Ela segurava uma ponta de lança exagerada, feita de dezesseis metais fundidos. Ergueu o olhar para Marasi, que o observava com olhos cheios de lágrimas, mas também com um grande sorriso.

— Você encontrou — disse Wax.

Ela anuiu, ansiosa.

— Só foi preciso um pouco de trabalho investigativo antiquado.

— Você me salvou — disse Wax.

Ferrugem e Ruína… Quanto *poder*. Ele se sentia como se pudesse arrasar

cidades e reconstruí-las.

— Elegante e sua irmã ainda estão do lado de fora — disse Marasi. — Deixei os outros lá. Eu não… Bem, eu não estava pensando direito. Ou talvez eu estivesse pensando demais. Aqui — disse ela, dando a ele um frasco de metais.

Wax o tomou e ergueu os Braceletes.

— Você poderia ter feito isso sozinha.

— Não. Não poderia.

— Mas…

— Não poderia — insistiu Marasi. — Simplesmente… não sou assim — disse ela, dando de ombros. — Isso faz sentido?

— Surpreendentemente, sim — disse ele, flexionando a mão ao redor dos Braceletes.

— Vá — disse Marasi. — Faça o que você faz melhor, Waxillium Ladrian.

— O quê? Quebrar coisas?

— Quebrar coisas *com estilo* — acrescentou Marasi.

Ele sorriu e virou o frasco de metais.

29



— Os seguidores de Waxillium estão com os Braceletes! — sussurrou Elegante para si mesmo ao cruzar o escuro campo de pedra. Começara a nevar, uma neve cortante e gelada, nada como os flocos macios que ele ocasionalmente vira na Bacia oriental. — Isso é grave. Eles virão atrás de nós. Temos que acelerar nosso cronograma!

Ele refletiu sobre as palavras, remoendo-as enquanto fechava o casaco. Mesmo com o equipamento de aquecimento, aquele vento era *irritante*.

Será que eles acreditariam no seu argumento? Não, não era trágico e suficiente.

— Waxillium e seu pessoal estão com os Braceletes! — murmurou consigo mesmo. — Isso sem dúvida permitirá que os kandra concebam os meios para criar mentes de metal que qualquer um possa usar. Precisamos acelerar nosso cronograma e tomar Elendel agora ou nos veremos superados tecnologicamente!

Sim. Sim, essa era a ideia. Mesmo o mais cuidadoso dos Séries ficaria perturbado com a perspectiva de ser superado tecnologicamente. Isso os convenceria a lhe dar a margem de manobra que desejava.

Qualquer coisa podia ser uma vantagem. Ele quisera os Braceletes para si mesmo, mas, na falta deles, encontraria alguma outra coisa.

Elegante *sempre* encontrava uma vantagem.

Ele passou por soldados que corriam e descarregavam armas no platô de pedra congelado. Tinham feito preparativos para uma possível luta ali, já que ele temera que pudessem encontrar mais dos selvagens mascarados.

— Senhor! — chamou um dos homens. — Ordens?

Ele apontou para o céu.

— Se alguém, que não Sequência, descer do ar ou se aproximar de sua posição, *atire*. E continue atirando, mesmo depois de caído.

— Sim, senhor! — disse o soldado, acenando para um grupo de seus homens. Virou-se para um suporte vazio e parou. — Meu rifle? Quem pegou meu rifle?!

Elegante seguiu em frente, jogando os Braceletes da Perdição falsos na neve e deixando que as tropas, com sorte, atrasassem os comparsas de Waxillium. Entrou, ansioso, na nova aeronave. Aquele aparelho… *Aquilo*, sim, era uma vantagem. Os Braceletes podiam servir a um homem, fazer dele uma divindade. Uma frota de naves como aquela podia deificar todo um exército.

O corredor de madeira ali dentro tinha luminárias a gás com estruturas metálicas austeras. Tudo era claramente mais simples que na nave que caíra em Dulsing; a madeira ali não era decorada nem envernizada. A outra nave parecia decorada como um escritório. Aquela era um armazém.

Provavelmente é *mais barato construir assim*, pensou, anuindo em aprovação.

Passos soaram acima enquanto homens avançavam por um dos corredores de outro convés. Elegante espanou a neve dos braços enquanto um técnico corria até ele, usando o uniforme vermelho da Guarda Secreta do Grupo.

— Milorde — disse o homem, estendendo um dos medalhões. — Vai precisar disto.

Elegante o pegou e enrolou a manga para prendê-lo no braço.

— A nave funciona?

Os olhos do homem brilharam.

— Sim, senhor! O maquinário funciona, tendo ficado protegido do clima. Senhor… É *impressionante*. É possível *sentir* a energia pulsando daquele metal. Tivemos que mandar homens lá fora para destravar os ventiladores, e alguns dos Lançamoedas ajudaram, e as pás agora se movem. Fed está lá embaixo, carregando as máquinas de mudança de peso com sua Feruquemia para tornar a nave mais leve. Esse deve ser o último passo!

— Então nos levante — disse Elegante, caminhando até onde achava que estaria a ponte.

— Milorde Elegante? — chamou o homem. — Não vamos esperar por Sequência?

Ele hesitou brevemente. Para onde ela fora?

Outra vantagem?, pensou. Ele suportaria ser Sequência.

— Ela se juntará a nós no alto se puder — respondeu. — Nossa prioridade é levar esta nave, e seus segredos, até um local seguro.

Enquanto o técnico batia continência e corria para obedecer, Elegante enchia

seu medalhão, ficando mais leve. Tão mais fácil do que tinha sido conseguir suas estacas. Era duro não achar que suas experiências com Hemalurgia haviam sido um desperdício, um beco sem saída.

A nave deu um solavanco, e os ventiladores começaram a girar, fazendo um som muito mais alto do que ele esperara. Antes que chegasse à ponte, a coisa sacudiu, e ele ouviu sons de gelo partindo mais altos que o ruído dos ventiladores. Inclinou-se numa escotilha, olhando para fora enquanto o solo ficava mais distante.

Funcionava. Imediatamente as implicações tomaram sua mente. Viagem. Transporte. Guerra. Novas regiões poderiam ser ocupadas. Novos tipos de prédios e cais seriam necessários.

E tudo passaria por ele.

Ele conteve um sorriso, pensando que era melhor celebrar *depois* que estivesse em segurança, mas não conseguiu afastar a empolgação. O Grupo planejava acontecimentos para um século ou mais à frente, colocando em ação planos cuidadosos conforme suas sugestões. Ele se orgulhava disso, mas, verdade seja dita, preferiria que eles pudessem governar durante a *sua* vida.

E com aquela nave ele poderia fazer isso.

Jordis encolheu-se na barraca, vendo sua tripulação morrer.

Ela se aproximava havia muito tempo, essa morte. A última brasa do fogo, recusando-se a apagar. Durante a terrível marcha em meio à chuva, seu pessoal havia recebido pequenas porções de calor dadas por uma mente de metal. O suficiente para mantê-los vivos, como plantas trancadas num espaço escuro durante a maior parte do dia.

Mas agora, naquele lugar, o frio era penetrante demais e a dureza da marcha, devastadora demais. Ela engatinhava em meio aos tripulantes e sussurrava palavras de encorajamento, embora não conseguisse mais sentir os dedos das mãos e dos pés. A maioria dos homens e mulheres da nave não conseguia sequer anuir. Alguns poucos tinham começado a retirar as roupas, reclamando do calor. A febre do frio os acometera.

Não faltava muito. Os demônios sem máscaras pareciam saber disso; tinham colocado apenas um guarda na barraca. Seu pessoal poderia escapar pelos fundos, talvez, mas para onde escapariam? Para a morte no vento do lado de fora em vez da morte ali dentro?

Como os sem máscaras sobreviviam àquilo?, pensou. De fato, deviam ser demônios, nascidos do próprio frio, para serem tão capazes de suportá-lo.

Jordis ajoelhou-se ao lado de Petrine, a engenheira-mestre e a mais velha da tripulação. Como a mulher sobrevivera tanto? Não era de modo algum frágil, mas já passara da sexta década. Petrine ergueu a mão e agarrou o braço de Jordis. Embora seus olhos enrugados estivessem ensombrecidos pela máscara, Jordis não precisava de gestos ou expressões para perceber as emoções de Petrine.

— Nós atacamos? — perguntou Petrine.

— Com que objetivo?

— Poderíamos morrer pelas armas deles em vez de pelo frio.

Sábias palavras. Talvez eles pudessem…

Um baque alto veio de fora da barraca. Jordis se colocou de pé, surpreendentemente, embora a maioria dos outros permanecesse encolhida onde estava. A frente da barraca se abriu, e um homem usando uma máscara familiar, mas quebrada, apareceu ali.

Impossível. Será que a febre do frio a estava atacando também?

O homem ergueu a máscara e exibiu um rosto jovem e barbado.

— Lamento ter entrado sem me anunciar — disse Allik. — Mas trago presentes, como manda a tradição ao visitar a casa de alguém sem se anunciar, não é?

Ele ergueu um punho que segurava um bocado de medalhões pelos cordões.

Jordis olhou para os medalhões e para o jovem Allik, e de volta para os medalhões. Pela primeira vez, ela nem sequer se importou com a liberdade com a qual ele erguia a máscara. Cambaleou até ele, pegando um, sem conseguir acreditar.

O calor maravilhoso se espalhou por ela, como um sol nascendo dentro de seu corpo. Suspirou de alívio, sentindo a mente clarear. *Era* ele.

— Como? — sussurrou.

— Fiz amizade com alguns dos demônios — proclamou Allik. Fez um gesto, apontando para o lado, e uma mulher sem máscara quase caiu dentro da barraca, usando um dos vestidos compridos que eram populares ali e levando uma braçada de rifles.

Ela disse algo em sua linguagem, largando as armas no chão da barraca e limpando as mãos.

— Acho que ela quer que comecemos a atirar nos outros — disse Allik enquanto Jordis rapidamente agarrava os outros medalhões e começava a distribuí-los para os mais gravemente afetados entre seu pessoal. — Eu, pessoalmente, fico *mais* que feliz em concordar.

Petrine continuou a distribuição dos medalhões enquanto Jordis se armava com um dos rifles. Embora o calor fosse maravilhoso, ela ainda se sentia fraca e não queria olhar dentro das botas para descobrir se os dedos tinham congelado.

— Não sei se conseguiremos levar a cabo muita luta.

— Melhor que nenhuma luta, sim, capitã? — perguntou Allik.

— Isso é verdade — admitiu Jordis, e fez um sinal de respeito, tocando o ombro direito com a mão esquerda e baixando a mão para tocar o pulso. — Você se saiu bem. Quase o perdoo por dançar pessimamente — falou. Depois, virou-se para Petrine. — Dê estas armas a homens e mulheres. Vamos matar o maior número de demônios que pudermos.

Wax disparou para fora do templo em uma explosão de força e Alomancia. Girou acima do prédio, fazendo pedras arrancadas pela sua saída explosiva rodopiarem no ar ao redor dele, com rastros de brumas. Abaixo, uma tempestade de tiros teve início na encosta antes silenciosa, embora não estivessem atirando nele.

Acima, uma aeronave avançava pelo céu, ventiladores girando poderosamente em seus dois pontões. Era algo assombroso, mas a nave evidentemente não era ágil. Avançava com os movimentos lentos de algo muito grande e pesado, mesmo com a redução de peso oferecida pelos medalhões.

Wax sentiu-se tentado a esmagar a nave. *Empurrar* os pregos de seus furos, fazer a coisa em pedaços numa tempestade de destruição, lançando Elegante e sua irmã traidora no solo congelado abaixo. Ele quase fez isso. Mas… Ferrugem! Ele não era um carrasco. Era um homem da lei. Preferia morrer a trair sua natureza.

Bem, morrer *novamente*.

Ele desceu e usou os vestígios de metal na cantaria do templo como uma âncora para mandá-lo num voo sobre o terreno. Alguns dos soldados abaixo dispararam tiros desanimados na sua direção, mas a maioria parecia envolvida num tiroteio com um grupo de pessoas mascaradas que assumira posição atrás de uma barreira de pedra.

Steris e Allik, pensou Wax, identificando-os. *Bom*.

Pousou em meio aos soldados e lançou-os para o lado. Tomou uma pistola de alumínio de um dos suportes, carregou-a e acenou para os mascarados antes de se lançar no céu atrás da aeronave.

Ele estava forte. Inacreditavelmente forte. Os Braceletes, ainda presos em sua mão esquerda, lhe davam não apenas Alomancia, mas Alomancia *antiga*. O poder daqueles que viveram muito tempo antes, na época do Senhor Soberano. Talvez ainda mais. Seria possível?

O que você criou?, pensou. *E quanto tempo vai durar?*

Seus recursos estavam diminuindo. Não apenas os metais dentro dele, mas as reservas estocadas dentro dos Braceletes. Um estoque que mudara seu grau de investidura.

Ele sabia que deveria se conter e reservar aquilo para estudo ou para uso numa futura emergência, mas, *ferrugem*, a sensação era embriagante. Chegou facilmente à aeronave, embora tivesse apenas algumas cápsulas abaixo nas quais *empurrar*. Ele se ergueu e pousou na proa da nave. Depois, enfiou a mão por uma das janelas da ponte, quaisquer cortes cicatrizando imediatamente.

Dentro, Elegante estava sentado sozinho. Não havia sinal de pilotos, técnicos, empregados. Apenas um amplo convés quase oval, nem ao mesmo acarpetado, e Elegante sentado numa cadeira.

Wax entrou e ergueu a pistola de alumínio. Suas botas soaram na madeira. Ele fez uma rápida inspeção. *Pessoas no corredor*, pensou. *E um pouco de metal na boca de Elegante*. O velho truque da moeda na boca, uma forma de esconder metal de um alomântico. Era muito difícil sentir qualquer coisa dentro do corpo.

A não ser que você estivesse usando os próprios poderes da criação.

— E, então, nosso confronto finalmente tem início — disse Elegante, acendendo o cachimbo.

— Não exatamente um confronto — disse Wax, ainda ardendo de poder. — Eu poderia destruí-lo de cem modos diferentes neste instante, tio.

— Não duvido que possa — disse Elegante, sacudindo o fósforo e dando baforadas no cachimbo. Tentando esconder a moeda. Falar com um cachimbo na boca lhe daria uma razão para soar estranho. — E aqui eu só posso destruí-lo de *uma* forma.

Wax apontou a pistola.

Elegante olhou para ela e sorriu.

— Sabe por que sempre o derrotei, sobrinho?

— Você não me derrotou — retrucou Wax. — Você se recusou a lutar. É totalmente diferente.

— Às vezes, a única forma de vencer é se recusar a lutar.

Wax caminhou para a frente, atento a armadilhas. Ele pensava mais rápido, movia-se mais rápido que o normal. As linhas azuis se projetavam dele como uma teia brilhante, buscando fontes de metal menores e muito mais distantes do que ele normalmente conseguia sentir. Às vezes, as linhas pareciam tremeluzir, e, por um momento, ele via a *irradiação* dentro de cada pessoa e coisa. Era como se também pudesse mover isso.

Uma voz reverente no fundo de sua cabeça sussurrou: *São a mesma coisa. Metal, mentes, homens, tudo feito da mesma substância.*

— O que você fez, tio? — perguntou Wax suavemente.

— Terei que responder à minha própria pergunta — disse Edwarn, balançando a cabeça e levantando-se. — Eu o derroto, Waxillium, *não* por causa da preparação, embora seja extensa. Eu o derroto não por astúcia ou força física, mas por causa de uma característica única minha. Criatividade.

— Você vai me espancar com pinturas?

— Sempre rápido para fazer um comentário sarcástico! — disse Elegante. — Bravo.

— *O que você fez?*

— Armei a bomba — disse Elegante. — Está programada para explodir em instantes. A não ser que eu a detenha.

— Que exploda — disse Wax, erguendo os Braceletes, estrato metálico entremeado por um pedaço de metal triangular. — Estou bastante certo de que sobreviverei a isso.

— E aqueles lá embaixo? — perguntou Elegante. — Seus amigos? Meus prisioneiros? Pelos sons que escuto, eles estão lutando vigorosamente pela liberdade. Que triste será vê-los vaporizados por uma explosão que, segundo me disseram, deve ser suficiente para destruir uma grande cidade…

Wax aumentou a velocidade de seus pensamentos usando zinco. Repassou uma dúzia de cenários. Encontrar os explosivos e *empurrá-los* para fora? Quão longe conseguiria levá-los? E Elegante detonaria a bomba antes que ele conseguisse chegar aos explosivos?

Sua velocidade física quase se esgotara — Marasi devia tê-la usado para

chegar até ele —, então, sim, Elegante teria tempo, mas *de fato* faria isso? Ele se explodiria, juntamente com aquela nave, para derrotar Wax?

Se o tio fosse um criminoso comum, Wax teria apostado firmemente que não faria isso. Infelizmente, Elegante e o Grupo em geral já haviam demonstrado um grau de fanatismo que ele não esperara. Como o modo como Miles agira enquanto era executado. Aquelas pessoas não eram apenas capangas e ladrões; eram reformistas políticos, escravos de um ideal.

O que mais? O que mais ele podia fazer? Wax descartou um cenário depois do outro. Colocar Marasi e os outros em segurança: lento demais. Atirar em Elegante agora: o homem podia se curar, e Wax poderia não ter tempo de chegar até a bomba e retirá-la dali antes da explosão. Empurrar a nave para cima? Não conseguiria fazer isso suficientemente rápido, pois, a não ser que *empurrasse* lentamente, destruiria a nave.

— …sozinha — disse Elegante.

— O que você quer? — cobrou Wax. — Não vou deixar você escapar.

— Não precisa fazer isso — disse Elegante. — Tenho pouca dúvida de que você me perseguiria ao redor do mundo, Waxillium. Posso ser criativo, mas você… Você é *tenaz*.

— Então o quê?

— Você joga os Braceletes pela janela — disse Elegante. — Eu ordeno que a bomba seja desarmada. Então nós nos enfrentamos como homens, sem vantagens antinaturais.

— Acha que confio em você?

— Não precisa confiar — disse Elegante. — Apenas me dê sua palavra de que vai fazer.

— Feito — disse Wax.

— Desarmem o artefato! — gritou Elegante na direção da porta. Andou até a frente da nave e falou num tubo lá. — Desarmem e recuem.

Pés se afastaram da porta. Wax conseguia vê-los partir — não pelos metais, mas pelas assinaturas que suas almas deixavam. Em instantes, ele não via mais ninguém ali, nem escondido em nenhum ponto da ponte.

Uma voz ecoou pelo tubo. O estanho que Wax queimou o permitiu ouvir.

— Feito, milorde — disse a voz. Houve uma pausa. — Graças a Trell.

A voz pareceu aliviada.

Elegante se virou para Wax.

— Há uma tradição nas Terras Brutas, não é mesmo? Dois homens, uma estrada empoeirada, armas nos quadris. Homem contra homem. Um vive. O outro morre. Uma disputa resolvida — disse ele, dando um tapinha na arma que trazia no quadril. — Não posso lhe dar uma estrada empoeirada, mas talvez possamos apertar os olhos e fingir que o gelo é a nossa estrada.

Wax apertou os lábios, que formaram uma linha. Edwarn pareceu totalmente sincero.

— Não me obrigue a fazer isso, tio.

— Por quê? — perguntou Elegante. — Sei que você está *ansioso* por essa oportunidade! Vejo que você tem uma arma de alumínio. Assim como eu. Nenhum empurrão de aço para interferir. Apenas dois homens e suas armas.

— Tio…

— Você sonhou com isso, filho. Uma chance de atirar em mim, sem perguntas e sem violar a lei. Ademais, para a lei, eu já estou morto! Sua consciência pode ficar em paz. Não vou desistir, e estou armado. A única forma de me deter é atirar em mim. Vamos duelar.

Wax mexeu nos Braceletes da Perdição com os dedos e percebeu que sorria.

— Você não entende, não é mesmo?

— Ah, eu entendo. Vi isso em você! A fome oculta do homem da lei, desejando ser libertado para poder matar. É o que define você e seu tipo.

— Não — disse Wax.

Ele soltou o coldre de perna, aquele que costumava segurar sua escopeta, e deslizou os Braceletes para a bolsa de couro. As balas remanescentes e seus frascos de metal foram em seguida, deixando-o sem metais a não ser a arma de alumínio.

— Talvez eu tenha sentido uma fome oculta — disse Wax. — Mas não é isso o que me define.

— Ah, e o que o define?

Wax jogou a bolsa de couro contendo os Braceletes pela janela quebrada e enfiou a arma no coldre lateral.

— Vou lhe mostrar.

Telsin se apressou na neve, escalando-a, agitada.

Elegante era um idiota. Ela sempre soubera, mas aquele dia deixara isso evidente. Fugir na nave? Era o *primeiro* lugar onde o caçariam. Ele certamente estava morto.

O dia tinha sido um desastre. Um desastre sem paralelos. Waxillium descobriu seu subterfúgio. O Grupo foi exposto. Seus planos estavam desmoronando.

Algo tinha que ser salvo. Cambaleou até uma pequena clareira na neve, perto da entrada do templo, onde seu pessoal tinha colocado o deslizador no qual ela e Waxillium chegaram. Ainda funcionaria, com sorte. Ela sabia como funcionava, observara cuidadosamente durante a viagem. Só precisava…

Algo *bateu* atrás dela.

Ela piscou, vendo o repentino jato vermelho atingir a neve ao seu redor. Flocos vermelhos.

Seu sangue.

— Você matou um dos meus amigos hoje — disse uma voz rouca atrás dela. — Não vou deixar que leve outro.

Ela caiu de joelhos diante do deslizador e virou a cabeça. Wayne estava de pé na neve, com o rosto ainda arrasado, segurando uma escopeta.

— Você… — sussurrou Telsin. — Você não pode… Armas…

— É — disse Wayne, engatilhando a escopeta. — Falando nisso.

Apontou o cano para o rosto dela e disparou.

Marasi subiu os degraus antes ocultos que levavam à sala com o vidro quebrado e o pedestal decorado. Não sabia o que tinha aberto aquele caminho escondido, mas estava contente por isso. Sempre rude, Waxillium simplesmente abrira um buraco para sair das catacumbas, passando diretamente pela pedra e fazendo metade daquela câmara desabar, mas seguir o caminho dele teria exigido uma escalada árdua.

O poder terminara. Ela o dera a Waxillium, mas, em vez de se sentir desolada, ela se sentia… em paz. Tinha a serenidade de uma mulher que ficara deitada ao ar livre num dia perfeito de verão, sentindo o calor enquanto o sol se punha lentamente. Sim, a luz acabara agora, mas, *ah*, que prazer tinha sido.

A pobre MeLaan ainda estava lá, e sua forma começara a incorporar os ossos, montando-os lentamente em uma configuração estranha. Sem estacas, ela se tornara um espectro da bruma. Marasi se ajoelhou ao lado dela, mas não estava certa de qual consolo poderia oferecer. Ao menos, MeLaan ainda parecia estar

viva.

Marasi se levantou e seguiu pelo corredor com as armadilhas, chegando à entrada com os murais. Do lado de fora acontecia uma guerra, centenas de tiros ecoando na noite fria tomada de neve. Ela ficou surpresa ao ver que as pessoas mascaradas pareciam estar vencendo. Os soldados haviam sido empurrados até o limite do campo de pedra, de costas para uma série de abismos e penhascos. Não tinham para onde recuar mais, e muitos deles estavam caídos, mortos ou feridos.

Ela pensou ver a influência de Waxillium no modo como alguns daqueles corpos haviam tombado, como se jogados pelo ar e deformados pela queda. Marasi balançou a cabeça, satisfeita. Que ele fizesse o trabalho que tinha vindo fazer.

Ela ainda precisava concluir o seu. Saiu do templo e desceu os degraus, passando pela estátua do Senhor Soberano segurando algo que agora, com a ponta de lança removida, parecia ser apenas um cajado.

Onde ela iria encontrar…

Um tiro alto foi disparado bem perto. Ela virou a cabeça, procurando a fonte. Um segundo tiro soou.

Um momento depois, Wayne surgiu em meio à nevasca, de cabeça baixa e expressão soturna. Carregava uma escopeta no ombro e segurava não uma, mas *três* pequenas estacas de metal na outra mão.

Wax ficou em silêncio na ponte da nave, esperando algum movimento do tio.

Aquilo não funcionava como nas histórias. Ninguém vencia um homem no saque da arma; não podia acontecer, não sem velocidade feruquêmica. Se você esperasse até ele começar a se mover, seria lento demais. Ele tentara isso, usando tiros de festim, com o homem mais rápido que conhecia.

O homem que sacava primeiro dava o primeiro tiro. Simples assim.

Elegante sacou.

Wax *empurrou* a moldura metálica de uma janela atrás dele. Cruzou a distância entre eles num instante enquanto Elegante disparava. A bala atingiu Wax no ombro, mas ele se chocou contra o surpreso Elegante, jogando os dois no piso na ponte.

Elegante agarrou seu braço. As reservas de metal de Wax desapareceram.

— Arrá! — exclamou Elegante. — Eu me tornei um Sugador! Posso drenar metais de qualquer um que me toque, Waxillium. Você está morto. Sem

Braceletes. Sem Alomancia. Eu venço.

Wax grunhiu, aferrando-se a Elegante enquanto rolavam.

— Você se esquece de algo — disse ele. — Mas não me surpreendo. Você sempre odiou isso. Eu sou *terrisano*, tio.

Ele aumentou seu peso muitas vezes.

Drenou tudo que tinha em seu bracelete, centenas de horas passadas mais leve do que deveria ser. Usou tudo num momento de desespero.

A aeronave sacudiu. E então o piso partiu.

Wax agarrou Elegante enquanto caíam, segurando-o com força, embora uma das mãos estivesse enfraquecida por causa do tiro. Atravessaram dois níveis da nave. O corpo de Elegante, que usava cura, suportou o peso dos danos antes de ambos despencarem pelo fundo, surrados, sangrando e feridos por pedaços de madeira lascada.

Elegante parecia horrorizado.

— Seu idiota! Você…

Wax os girou no ar, apontando Elegante para baixo enquanto despencavam. O ar cheio de neve criava um vento que rugia ao redor, com flocos em disparada.

Elegante berrou.

E então *empurrou*.

Ele soltou a moeda que levava na boca e usou sua Alomancia para *empurrá-la* para baixo num disparo em linha reta. Ela atingiu o solo que se aproximava e desacelerou os dois com um solavanco.

Wax reduziu seu peso apenas o suficiente para que o *empurrão* de Elegante os mantivesse vivos. Bateram na neve, a alguma distância do platô com o templo.

Wax se recuperou primeiro. Ficou de pé e levantou Elegante com uma das mãos, os dois sozinhos num campo nevado. Elegante o encarou, tonto por causa da queda e do impacto.

— O que define um homem da lei, *tio*, é simples — disse Wax, sentindo o sangue de uma dúzia de cortes escorrer por seu rosto. Ergueu Elegante pelas roupas, trazendo-o para perto. — Ele é o homem que leva o tiro para que ninguém mais precise.

Com isso, Wax o acertou no rosto e jogou-o na neve, inconsciente.

MeLaan nadava num mar de terror. Terror dentro de sua própria mente, um

pedaço dela sabendo que aquilo não era certo. Ser movida pelo instinto, aquele conjunto covarde de impulsos.

Mas foi isso o que ela fez. Comida. Ela precisava de comida.

Não. Primeiramente, um lugar para se esconder. Dos sons que tremiam. Esconder-se, encontrar uma fenda. Continuou a construir um corpo que a permitisse andar. Fugir.

Muito frio. Ela não entendia o frio. Não deveria ser frio. E ela não conseguia sentir o gosto de terra, apenas de pedra. Pedra por toda parte.

Pedra congelada.

Ela sentiu vontade de gritar. Algo estava faltando. Não era comida. Não era um lugar para se esconder, mas… alguma coisa. Algo estava terrivelmente, terrivelmente, terrivelmente errado.

Um objeto caiu em cima dela. Era frio, mas não era pedra. Não era comida. Ela o envolveu e tentou expeli-lo, mas então algo aconteceu.

Algo maravilhoso. Ela engoliu um segundo objeto jogado e começou a ondular, agitada. *Tinha voltado*. Memória. Conhecimento. Racionalidade.

Identidade.

Ela exultou com aquilo, ignorando os pequenos buracos em sua memória. Lembrava-se da maior parte da viagem para lá, mas algo havia acontecido na sala com os Braceletes… Não, os Braceletes não estavam lá e…

Ela primeiro formou os olhos, sabendo o que veria quando os abrisse. Já o tinha sentido no ar e conhecia o sabor dele.

— Seja bem-vinda de volta — disse Wayne, sorrindo. — Acho que vencemos.

30



Marasi aceitou o cantil de Allik. A bebida quente soltava vapor, embora o cantil só estivesse morno ao toque. Estava sentada nos degraus do templo, envolta em cerca de quarenta cobertores. Dera seu medalhão a um indivíduo do povo malwish até que outros pudessem ser apanhados na aeronave.

E a recuperação da nave foi uma cena interessante, para dizer o mínimo: Waxillium de pé na área de pedra diante de platô, com as duas mãos erguidas, *puxando* algo que não era visível. Acima, a aeronave fugida descia lentamente pelo céu tomado de neve, arrastada na direção de Waxillium como se puxada por uma corda invisível.

— Ela vai se romper? — perguntou Allik.

Marasi olhou para ele, surpresa, e depois para seu medalhão de linguagem.

— *Choc* quente e um cobertor serão suficientes por um minuto — disse ele, sentando-se e ajeitando o cobertor ao redor do corpo. — Outros precisam mais, né? A nave. Ela vai quebrar?

Marasi olhou para cima. Podia imaginar o pessoal de Elegante a bordo, tentando desesperadamente fazer com que os motores funcionassem com mais força, os ventiladores soprassem com mais potência. Ainda assim, ela baixava. Waxillium Ladrian, usando os Braceletes da Perdição e absurdamente aborrecido, era como uma força da natureza.

Ela sorriu e tomou sua bebida.

— Ferrugem! — disse ela, olhando para o cantil. — O que é isto?

Era doce, denso, quente, achocolatado e *maravilhoso*.

— *Choc* — disse ele. — Às vezes, é o único alívio de um homem neste mundo congelado e solitário, né?

— Vocês *bebem chocolate*?

— Claro. Vocês não?

Ela nunca tinha bebido. Além disso, aquilo era muito mais doce do que o chocolate a que estava acostumada. Nada amargo. Tomou um longo e prazeroso gole.

— Allik, esta é a coisa mais maravilhosa que já experimentei. E acabei de deter em mim os próprios poderes da criação.

Ele sorriu.

— Acho que sua nave não corre perigo — disse Marasi. — Ele a está *puxando* lentamente e de forma equilibrada. Ele é um homem cuidadoso.

— Cuidadoso? A mim parece que ele é muito eficiente em quebrar coisas. Isso não soa como alguém especialmente cuidadoso, né?

— Bem, ele faz isso com impressionante precisão — disse Marasi, tomando sua bebida.

De fato, não demorou para que a aeronave pousasse nas pedras ainda inteira. Waxillium a manteve no lugar e depois ergueu os Braceletes da Perdição numa das mãos. Ventos, neve e mesmo traços de brumas giravam ao redor.

Os ventiladores pararam lentamente. Pouco tempo depois, soldados saíram com braços levantados. Wayne e MeLaan foram rapidamente até eles, reunindo suas armas enquanto o povo de Allik entrava na nave para tomá-la e buscar qualquer um ainda escondido ali.

Marasi esperou, bebendo seu chocolate derretido e pensando. A estaca de ReLuur estava seguramente envolta num lenço e enfiada em seu bolso. Com os olhos da mente, ela viu Wayne novamente arrastando-se pela neve, arma no ombro, um padrão de sangue congelado salpicando sua pele. Junto com essa imagem havia o encanto com que Waxillium se lançara no céu para caçar o tio.

Havia naqueles homens uma escuridão que as histórias não tinham transmitido. Marasi ficava contente por isso, mas tinha subido até aquele patamar e voltado. Embora estivesse orgulhosa de ter cumprido sua missão para o kandra, ela decidira que as coisas seriam diferentes no futuro. Estava bem com isso.

Era o que tinha escolhido.

— Gelo! — disse Allik após algum tempo. — Melhor irmos fazer alguma coisa, né?

Ela ergueu os olhos de seu cantil agora vazio e seguiu o gesto de Allik. A tripulação da aeronave malwish voltara da inspeção, e os soldados inimigos tinham sido levados embora — para serem trancados com segurança nas celas na

nave, Marasi acreditava.

Elegante ainda estava onde Waxillium o colocara: amarrado ao alto da lança do Senhor Soberano, os pés balançando no ar. Havia sido amordaçado e despido das mentes de mental, e Waxillium usara Alomancia para sugar seus metais. E isso *ainda* parecia não ser cautela suficiente. Ainda tinha suas estacas, já que não sabiam ao certo como removê-las sem matá-lo. Ele não poderia fazer nada sem metais, mas ela não conseguia deixar de se preocupar.

Steris se juntara a Waxillium no campo de pedra, e ele passara um braço sobre seus ombros. Marasi sorriu. *Aquela* era uma cena que ela nunca achara que a reconfortaria. Mas eles ficariam bem juntos.

Infelizmente, problemas se aproximaram de Waxillium e Steris na forma da capitã de Allik e alguns de seus aeronautas. Os dois grupos se encararam. MeLaan e Wayne se colocaram ao lado de Waxillium, Wayne carregando aquela escopeta de maneira relaxada e MeLaan uns bons cinco centímetros mais alta que qualquer outro, com os braços cruzados e postura inabalável.

Certo.

— Vamos lá — disse Marasi a Allik

A capitã de Allik, Jordis, usava um dos medalhões de linguagem e não se encolheu diante da rajada de vento que acompanhou a chegada de Marasi.

— Agradecemos por sua ajuda — dizia Jordis, com o mesmo sotaque de Allik. — Mas nosso agradecimento não nos permite ignorar roubo. Esperamos que nossa propriedade nos seja devolvida.

— Não vejo nenhuma propriedade sua aqui — retrucou Waxillium friamente. — Vejo apenas um artefato que *nós* recuperamos. Bem, isso e minha aeronave.

— Sua… — começou Jordis, mas parou de falar. Ela avançou. — Desde que caiu em suas terras, minha tripulação foi encarcerada, torturada e *assassinada*. Você parece estar ansioso por uma guerra, alomântico.

Droga. Marasi tinha esperado que ela partilhasse a reverência de Allik a Waxillium. De fato, grande parte da tripulação parecia nervosa quanto a ele, mas a capitã evidentemente não pretendia recuar.

— Se haverá uma guerra, dar-lhe uma arma poderosa não parece o método certo de salvar meu povo — disse Waxillium. — Não posso desfazer o que Elegante e seu pessoal fizeram a vocês. Eles são fora da lei, e o que fizeram foi deplorável. Eu os levarei à justiça.

— E ainda assim você nos rouba.

— Você nega que este templo estava *vazio* quando cheguei? — perguntou Waxillium. — Nega que esta aeronave era de outra nação que não a sua? Não posso roubar o que não tem dono, capitã. Pelo direito de salvatagem, reivindico esta relíquia e aquela nave. Você pode…

Marasi estava prestes a se colocar entre eles quando, curiosamente, Steris falou, interrompendo Wax.

— Lorde Waxillium, acho prudente deixar que eles fiquem com a nave.

— O quê? Não vou mesmo deixar que…

— Waxillium — disse Steris suavemente. — Eles estão cansados, infelizes e muito longe de casa. Como você sugere que eles retornem aos seus entes queridos? Isso é justiça?

Os lábios dele ficaram apertados.

— O Grupo tem uma dessas naves para estudar, Steris.

— Então — disse Steris, olhando para Jordis —, pediremos, em troca da generosidade deste presente, que o povo malwish comercie conosco. Desconfio que podemos comprar naves mais rapidamente do que o Grupo pode construir uma.

Marasi anuiu. *Nada mal, Steris*.

— Se eles aceitarem vender — alertou Waxillium.

— Acho que farão isso — disse Steris, olhando para Jordis. — Porque sua boa capitã vai persuadi-los de que ter acesso a nossos alomânticos compensa abrir mão de um monopólio tecnológico.

— Isso é verdade — disse Marasi, juntando-se aos outros e tendo Allik com ela. — Nós somos raros entre vocês, não somos?

— Nós? — perguntou Allik quando a capitã olhou para ela.

— Também sou alomântica — disse ela, divertindo-se. — Você não me viu dando carga ao cubo no galpão?

— Eu estava… um pouco distraído? — disse ele, soando confuso. — Ah, bem, hum, ó Grande.

Marasi suspirou, olhando para Jordis.

— Não posso lhe prometer nada — disse a capitã a Steris, parecendo relutante. — Os malwish são um povo entre muitos. Outra nação entre nós pode vê-los como fracos e decidir atacar.

— Então *pode* ser bom informar a eles que os Braceletes da Perdição estão

aqui, prontos para punir quem atacar — disse Steris.

Jordis sibilou. Marasi não podia ver seus traços atrás da máscara, mas o gesto de mão que ela fez não parecia demonstrar satisfação.

— Impossível. Vocês estão me dando o prêmio menor para me distrair do maior, né? Não lhe daremos a arma do Supremo.

— Você não está *nos* dando — disse Steris. Olhou para MeLaan, que observava, com os braços cruzados. — Allik, seu povo tem histórias sobre criaturas como ela, não tem?

— Conte aos outros — disse Marasi a Allik. — Por favor.

Ele retirou o medalhão e iniciou uma furiosa explicação em seu idioma, agitando as mãos e apontando para MeLaan. Ela ergueu uma sobrancelha e tornou sua pele translúcida, revelando um esqueleto que estava tão quebrado e arruinado que Marasi ficou momentaneamente chocada. Como MeLaan continuava de pé?

A capitã absorveu aquilo.

— Daremos os Braceletes à kandra imortal — disse Steris. — Os kandra são sábios e imparciais e têm o dever de servir a todos os povos. Eles prometerão que não nos deixarão usar os Braceletes a não ser que sejamos atacados pelos seus.

Não havia como saber o que a capitã Jordis estava pensando, tendo a expressão oculta atrás daquela máscara. Quando ela falou, fez alguns gestos secos. *Esses gestos podem ser simulados muito mais facilmente do que expressões faciais*, pensou Marasi. O que pensar de uma sociedade na qual todos escondiam seus verdadeiros sentimentos por trás de uma máscara, só revelando reações calculadas?

— É uma solução desagradável — disse Jordis. — Significa que me arrastarei de volta ao meu povo com metade da minha tripulação e minha nave trocada por outra ultrapassada em décadas.

— Verdade — continuou Steris, ao lado de Waxillium, que simplesmente ficava ali de pé, de braços cruzados, *grandioso*, como ele era tão bom em fazer. — Mas, capitã, você voltará com algo mais valioso que uma velha relíquia ou mesmo sua nave caída. Terá novos parceiros comerciais numa terra repleta de Nascidos do Metal. Já foi mencionado que milorde Waxillium tem uma posição importante em nosso governo? Que ele tem uma enorme influência sobre comércio, tarifas e impostos? Aqueles entre vocês que assegurarem tratados

favoráveis conosco podem ficar bastante ricos.

Jordis os observou e cruzou os braços, encarando Waxillium.

— Ainda é desagradável.

Jordis era muito menor, mas também conseguia se impor muito bem. De fato, Marasi teve a clara impressão de que aquela mulher queria gritar com eles, atacar em fúria, buscar vingança pelo que tinha sido feito a ela e aos seus. Qualquer coisa, menos simplesmente fazer comércio.

Talvez algumas emoções fossem fortes demais para ser ruim escondidas mesmo por uma máscara.

Jordis finalmente anuiu.

— Muito bem. Que seja feito. Mas não vou partir sem um esboço de um acordo; no mínimo, uma carta de intenções.

Marasi soltou um suspiro de alívio, lançando a Steris um gesto de apreço. Ainda assim, ela não deixou de notar a rigidez na postura de Jordis quando ela e Waxillium trocaram um aperto de mãos. A Bacia não tinha feito uma amizade naquele dia. Com sorte, um esforço de última hora os tinha impedido de fazer uma inimiga.

— Tenho mais um pedido — disse Waxillium a ela.

— O quê? — perguntou Jordis, desconfiada.

— Nada terrível ou custoso — disse Waxillium. — Sinceramente, eu só queria uma carona.

*

Os sulistas concordaram, felizmente. Eles não estavam particularmente interessados em carregar uma prisão cheia de soldados inimigos até o Sul. Wax tivera que deixar muito claro que eles não poderiam ficar com Elegante, e a capitã concordou quase sem reclamar. Parecia se dar conta de que sua melhor chance de ter justiça para todos aqueles que haviam agredido sua tripulação era deixar que Wax fizesse interrogatórios completos.

Ele manteve em segredo seus laços com o homem.

Enquanto a tripulação malwish preparava a nave para a viagem, Wax colocou-se diante da estátua do Senhor Soberano, com aquela única estaca no olho. Conferiu o cinto, que era feito de alumínio. Nenhum tipo de carga. Se houve dois braceletes, ele precisava supor que tinham sido transformados naquela ponta de

lança.

Marasi passou atrás dele.

— Vou examinar nosso deslizador para checar se deixamos suprimentos para trás.

Wax anuiu. *Tive o seu poder*, pensou, olhando para a estátua. *Mesmo que apenas uma parte mínima dele. Ferrugem… Acho que entendo.*

Ele tinha dado os Braceletes a MeLaan, que as fizera desaparecer em sua carne. Ele estava *feliz* em saber que estavam efetivamente fora do seu alcance. Poder demais.

Ergueu o dedo em despedida para o Senhor Soberano e correu atrás de Marasi.

— Aradel e o Senado não gostarão deste acordo — comentou ao chegar a ela. — Principalmente a parte sobre abrirmos mão dos Braceletes.

— Eu sei — disse Marasi.

— Desde que eu possa dizer que não foi minha ideia.

Ela lançou um olhar para ele.

— Você não parece muito arrasado por ter perdido os Braceletes.

— Não estou — reconheceu Wax. — Para ser sincero, eu estava preocupado. Os Braceletes estão em grande medida esgotados, mas provavelmente poderíamos recarregá-los por Composição. O poder que eles oferecem é algo…

— Sublime e devastador ao mesmo tempo? — sugeriu Marasi. — Perigoso por causa do que poderia fazer nas mãos erradas, mas, de algum modo, ainda *mais* perigoso nas nossas mãos?

— Sim.

Naquele momento, eles partilharam algo, açoitados pelo vento. Algo em que tinham tocado, algo que, com sorte, apenas eles conheceriam.

Eles se viraram juntos, sem dizer uma palavra, procurando o deslizador. Jordis ia querer levá-lo na nave, mas primeiramente havia um cadáver que Wax precisava ver. Ele não culpava Wayne pelo que tinha feito a Telsin. Sim, levá-la a Elendel para um julgamento — e um interrogatório — teria sido melhor. E, sim, ele descobrira que preferiria ter puxado o gatilho por si mesmo. Harmonia estava certo sobre isso.

Mas, de qualquer modo, Telsin estava morta. Isso significava…

Sangue na neve.

Nenhum deslizador.

Mais importante, nenhum corpo.

Marasi ficou paralisada, mas Wax se aproximou da área vazia. Ela escapulira novamente. Descobriu que não estava surpreso, embora estivesse impressionado. Ela decolara no deslizador e partira durante a luta, escapando em meio ao caos.

Wayne devia saber que ela poderia se curar, pensou Wax, ajoelhando-se ao lado do sinistro padrão de gotas de sangue que parecia delinear um corpo.

— Então não está encerrado — disse Marasi.

Wax limpou as gotas de sangue congeladas no chão. Ele passara os dezoito meses anteriores tentando salvar aquela mulher. E quando finalmente conseguira, ela o matara.

— Não está encerrado — disse ele. — Mas, em certos sentidos, isso é melhor.

— Porque sua irmã não está morta?

Ele se virou para Marasi. Parecia que, a despeito de ter passado horas naquele lugar congelado, o frio só agora chegara dentro dele.

— Não — respondeu. — Porque agora tenho alguém para caçar.

31



— Wax, você *tem* que ver isso!

Wax inclinou a cabeça para trás, com os olhos remelentos. Aqueles catres não eram exatamente agradáveis, mas pelo menos a aeronave voava de modo sereno e suave. Isso era bom, já que o deslizador sempre parecia estar a uma rajada de vento de se lançar numa encosta.

Wayne tinha metade do corpo pendurada para fora da grande janela do quarto.

— Essa janela abre? — perguntou Wax, surpreso.

— Qualquer janela abre se você a empurrar com força suficiente — disse Wayne. — Olhe, você *tem* que ver isso.

Wax suspirou, levantando-se e curvando-se para fora da janela ao lado de Wayne. Abaixo, Elendel se espalhava como um vasto mar de luzes.

— Como rios de fogo — murmurou Wayne. — Olhe como segue padrões. Áreas ricas mais iluminadas, estradas em linhas. Lindo.

Wax grunhiu.

— Isso é tudo que você pode dizer, meu chapa?

— Wayne, eu vejo isso basicamente toda noite.

— Agora, isso não é justo. Você deveria se sentir culpado.

— Por ser um Lançamoedas?

— Por usar truques na vida, Wax.

— Que tal eu me sentir grato?

— Acho que vai ter que servir.

Wax se acomodou em seu catre e colocou as botas, dando os laços. Ele sentia dor como um homem que tivesse levado uma surra. Gostaria de poder colocar a culpa no esforço dos últimos dias, mas ele tivera os Braceletes da Perdição e havia sido completamente curado.

Isso significava que as dores eram apenas resultado de dormir algumas horas

naquele catre. Ferrugem! Ele *estava* ficando velho. Contudo, descobriu que a mortalidade não o assustava mais como antes.

— Deveríamos ir à ponte — sugeriu ele, levantando-se.

Um dia inteiro se passara desde que tinham deixado as montanhas. Haviam parado numa cidade para telegrafar, por insistência de Wax, e depois esperaram até a noite para voar até Elendel. Ele não tinha nenhuma intenção de fazer uma enorme nave de guerra voadora sobrevoar perto da cidade sem ao menos dar um alerta antes.

Jordis havia passado a cooperar assim que ele lhe prometera suprimentos para sua viagem de volta como pagamento. Ele sabia que Marasi se preocupava com a capitã, mas olhara nos olhos da mulher por trás da máscara. Ela era um soldado, uma assassina, a despeito de alegar que sua nave era apenas comercial.

Ela sabia. Wax tivera os Braceletes. Poderia ter eliminado os malwish e roubado sua nave sem pensar duas vezes. Em vez disso, cedera ao acordo de Steris. A despeito das palavras duras, Jordis se deu conta de que conseguira mais naquele acordo do que tinha qualquer motivo para esperar.

Wayne se juntou a ele fora do quarto e os dois se colocaram de lado quando alguns aeronautas cansados passaram. Ele não podia ver seus rostos, mas podia ler um mundo de emoções nas suas costas curvadas e fala contida.

— Eles estão arrasados — suspirou Wayne, olhando por cima do ombro enquanto os aeronautas avançavam. — Não foi justo o que aconteceu a esse pessoal, Wax.

— E a vida é justa?

— Ela foi comigo — retrucou Wayne. — Mais que justa, creio. Considerando o que eu mereço.

— Quer falar sobre o que aconteceu? — perguntou Wax.

— O quê?

— Você usou uma arma, Wayne.

— Ah, era uma escopeta. Isso quase não conta.

Wax apoiou a mão no ombro do amigo.

Wayne deu de ombros.

— Acho que meu corpo se perguntou “por que não?”.

— Achei que significava que você tinha se perdoado.

— Não — negou Wayne. — Eu apenas estava mesmo furioso com a sua irmã.

— Você sabia, não é? — perguntou Wax, franzindo a testa. — Que ela iria se curar?

— Bem, eu não queria matar alguém a sangue frio…

— Imagino que isso seja bom.

— Mas não havia fogo por perto para esquentar o sangue dela antes.

— Wayne…

O homem mais baixo suspirou.

— Vi as mentes de metal saindo debaixo das mangas. Imaginei que qualquer um que pudesse ter um poder de um feruquemista escolheria o poder de cura. Eu não ia matar a sua irmã, meu chapa. Mas não me importei de dar um susto nela, e eu precisava das estacas de MeLaan.

O olhar de Wayne ficou distante.

— Deveria ter ficado ali, suponho. Para impedi-la de fugir, sabe? Mas não estava com a cabeça boa, por assim dizer. Achei que você estava *morto,* meu chapa. Realmente achei. E não parava de pensar: "Será que Wax realmente mataria Telsin? Ou lhe daria outra chance, como me deu?" Então deixei ela sozinha para se curar. Eu me segurei, porque era a última coisa que podia fazer por você. Isso faz sentido?

Wax apertou o ombro de Wayne.

— Obrigado. Fico contente que esteja aprendendo.

Parecia falsidade dizer isso quando, no fundo, ele queria que Wayne tivesse tirado as mentes de metal e deixado Telsin como um cadáver congelado.

Wayne sorriu. Wax apontou com o queixo na direção em que os aeronautas tinham ido.

— Encontro você lá em cima.

— Vai pegar sua mulher? — perguntou Wayne. — Ela vai ter dificuldade em se adaptar à vida aqui, longe de seu hábitat natural dos desertos de neve congelados e desolados lá em cima…

— Wayne — interrompeu Wax, suave, mas com firmeza.

— Sim?

— Chega.

— Eu só estava…

— *Chega*.

Wayne parou, com a boca aberta. Depois, lambeu os lábios e anuiu.

— Certo, então, vejo você lá em cima daqui a pouco, meu chapa?

— Estaremos lá.

Wayne afastou-se na direção da ponte. Wax seguiu pelo corredor, passando por várias portas até o quarto que Steris e Marasi dividiam. Ergueu a mão para bater, mas a porta estava entreaberta, então espiou. Steris estava deitada num catre, enrolada num cobertor, dormindo serenamente. Não havia sinal de Marasi; ela mencionara que queria ver a aproximação da cidade a partir da ponte.

Ele hesitou à porta, observando Steris dormir. Quase foi embora; ela tinha passado por muita coisa nos últimos dias. Devia estar exausta. Assim que chegassem a Elendel, ainda teriam que desembarcar os prisioneiros e colocar suprimentos a bordo — talvez levassem horas até a nave partir. Ela poderia dormir um pouco mais, não podia?

A porta rangeu quando ele se apoiou, e Steris acordou assustada. Seus olhos o viram imediatamente. Então, sorriu, relaxando, e recostou-se no travesseiro. Ela usava um vestido de viagem sob o cobertor.

Wax entrou no quarto e se acomodou no catre em frente a Steris; havia tão pouco espaço no aposento que seus joelhos tocaram o outro catre ao se sentar. E aqueles eram os quartos que os aeronautas consideravam grandes. Inclinou-se para a frente, tomando a mão de Steris.

Ela as apertou, com os olhos fechados novamente, e os dois ficaram sentados ali. Imóveis. Todos os outros podiam esperar alguns minutos.

— Obrigado — disse Wax suavemente.

— Pelo quê? — perguntou ela.

— Por vir comigo.

— Não fiz muito.

— Você foi extremamente útil na festa — disse Wax. — E suas negociações com os malwish… Steris, aquilo foi incrível.

— Talvez — disse ela. — Mas ainda sinto que fui basicamente um peso na maior parte da viagem.

Ele deu de ombros.

— Steris, acho que somos todos assim. Levados de um lugar ao outro pelo dever, ou pela sociedade, ou pelo próprio Deus. Parece que estamos apenas seguindo em frente, mesmo em nossas próprias vidas, mas de vez em quando nós *realmente* enfrentamos uma escolha. Uma escolha de verdade. Podemos não ser capazes de escolher o que nos acontece, ou onde iremos parar, mas

escolhemos ir numa direção — disse, apertando a mão dela. — Você escolheu ir na minha direção.

— Bem, o lugar mais seguro geralmente é perto de você… — disse ela, sorrindo.

Ele embalou o rosto dela com a mão áspera e calosa. *Outra aventura*.

Finalmente, um aeronauta foi procurar por eles, e Wax relutantemente se levantou, ajudando Steris. Então caminharam de braços dados pelos corredores da nave até a ponte, onde os outros aguardavam.

Ali, Wax pôde apreciar o que Wayne tinha visto. Com a vista panorâmica da ponte, a cidade realmente era grandiosa à noite. *Será que essa visão se tornará comum?*, perguntou-se Wax enquanto Steris apertava seu braço, sorrindo com a vista. A tecnologia aeronáutica era nova, mas não tinham se passado muitos anos desde que ele vira o primeiro carro motorizado na rua.

Marasi estava orientando a capitã Jordis pela cidade. Wax não conseguia ler nada na postura da capitã ou de sua tripulação. Estariam impressionados com o tamanho da cidade e a altura dos arranha-céus? Ou essas coisas eram comuns no Sul?

Eles se aproximaram da Torre Ahlstrom, e Wax só podia imaginar as histórias que apareceriam nos jornais na manhã seguinte. Ótimo. Ele odiava subterfúgios; que todas as pessoas em Elendel soubessem que o mundo acabara de se tornar um lugar muito maior.

A Torre Ahlstrom, da qual Wax era em parte proprietário, tinha um teto reto. A capitã lhe assegurara que podia pousar sua nave “num prego, desde que a cabeça seja lisa o suficiente”. Cumprindo a palavra, eles baixaram a aeronave.

— Tem certeza de que não quer ficar? — perguntou Marasi a Jordis. — Visitar nossa cidade, descobrir como *realmente* somos?

— Não. Obrigada — respondeu ela. As palavras soaram forçadas a Wax. Mas como saber com o sotaque dificultando as coisas? — Aceitaremos sua oferta de suprimentos e partiremos esta noite.

Hora de desembarcar. Juntos, seguidos pelos outros, Wax e Steris passaram novamente pelos corredores.

— Quase parece que toda essa experiência foi um sonho — disse Steris suavemente. — Preciso escrever tudo rápido, antes que desapareça.

Wax se viu concordando enquanto pensava em seu encontro com Harmonia. O corredor levava a um ponto em que a parede se abrira e uma comprida ponte de

atracação fora colocada, levando ao teto da torre. Lá, Wax identificou diversas pessoas curvando o pescoço para olhar para a nave. O governador Aradel estava ali.

Allik ficou junto à porta e ergueu a máscara quando Wax se aproximou. Não fez mesura ou gesto de cabeça, mas manteve a máscara erguida. Talvez fosse a mesma coisa entre seu povo, já que os outros aeronautas fizeram o mesmo.

— Poderoso — disse Allik a Wax. — Que seu próximo fogo lhe seja conhecido.

— A você também, Allik.

— Ah, ele é — respondeu, com um sorriso. — Pois o *meu* próximo fogo é minha casa, né?

Ele olhou para Marasi e, então, ergueu a mão e retirou a máscara quebrada, que tinha colado. Estendeu-a com as duas mãos, o que causou alguns sustos atrás dele.

— *Por favor* — disse, com mais sotaque do que quando estivera falando antes.

A capitã, que não tinha erguido sua máscara para Wax, ficou rígida com o gesto. Marasi hesitou, mas depois aceitou a máscara.

— Obrigada.

— Obrigado, srta. Marasi. Por toda a vida — disse Allik. Ele pegou uma máscara simples e sem adornos que trazia na cintura e a prendeu com a tira de couro. Não era realmente nada mais que um pedaço de madeira curvo com buracos para os olhos. — Anseio por voltar para casa, mas meu fogo seguinte pode ser aqui novamente. Planejo aceitar sua oferta de visitar esta cidade.

— Desde que você traga mais *choc*, pode vir sempre que desejar — respondeu Marasi.

Wax sorriu, e então os cinco devolveram os medalhões de peso à capitã, uma formalidade que haviam lhes dito ser costumeira. Jordis já presenteara Wax com um de cada, linguagem e acumulação de calor. Wayne provavelmente roubara outro conjunto, embora Wax pretendesse deixar para perguntar isso a ele depois que estivessem fora da nave.

Wax os guiou rampa abaixo, de braços dados com Steris.

— Falando sério, Waxillium — disse Marasi, andando ao lado deles —, você precisa importar aquele chocolate. Não sei o que eles colocam, mas é impressionante. Você acha que as aeronaves serão algo grandioso? Espere até

provar aquela coisa.

— Ei — disse Wayne, colocando-se do outro lado, mas torcendo o pescoço para olhar para as pessoas na nave atrás deles. — Marasi, acho que aquele tal piloto *gosta* de você.

— Obrigada por partilhar conosco seus brilhantes poderes de observação, Wayne — respondeu ela.

— Isso poderia ser politicamente útil — comentou Steris.

— Por favor — reclamou Marasi. — Ele é praticamente uma *criança* quando comparado comigo. E não ria.

— Eu não ousaria — disse Wax, olhando para a frente. Contudo, não deixou de notar a reverência com que Marasi carregava a máscara.

À frente, um grupo de assistentes e guardas do governador se apertava numa bolha de proteção, como se pudessem repelir a bizarrice diante deles — e o que aquilo representava — com calor corporal coletivo. O próprio Aradel estava afastado, como se tivesse sido expulso do grupo.

Wax caminhou até ele, acompanhado de Steris, e esperou.

— Maldição — disse Aradel finalmente.

— Eu o *alertei* — retrucou Wax.

Aradel balançou a cabeça, assombrado, com os olhos arregalados.

— Bem, talvez isso distraia as pessoas do desastre que vocês iniciaram em Nova Seran.

— Muito ruim? — perguntou Steris.

Aradel grunhiu.

— O Senado tem grelhado minhas bolas no fogo há dois dias, gritando sobre guerra e uma liderança irresponsável. Como se *um dia* eu tivesse tido alguma influência sobre vocês — começou ele, finalmente desviando os olhos da aeronave. Então, tossiu, como se percebendo o que acabara de dizer e a quem dissera.

Wax sorriu. Aradel era direto, mas normalmente tinha mais tato do que aquilo. Não se ia longe como policial sem *alguma* compreensão de como lidar com o ego das pessoas.

— Minhas desculpas, Lady Harms — disse ele. — Ladrian, preciso ouvir o que aconteceu em Nova Seran. A pura verdade, de sua própria boca.

— Você a terá — prometeu Wax. — Amanhã.

— Mas…

— Governador — interrompeu Wax. — Compreendo sua situação, mas você não tem *ideia* do que nós passamos nos últimos dias. Meu pessoal precisa descansar. Amanhã. Por favor…

Aradel grunhiu.

— Certo.

— Preparou aquilo que lhe pedi? — perguntou Wax.

— Está lá embaixo — respondeu Aradel, voltando a olhar para a aeronave. — Na cobertura.

O governador respirou fundo. O comissário-geral Reddi tinha liderado um grupo de policiais para aceitar a transferência de prisioneiros.

Wax agora podia ver que a nave pousara no prédio apenas *parcialmente*. Um ventilador girava preguiçosamente, mantendo a nave no lugar. É provável que tenha sido *feito de propósito como uma mensagem*, pensou sobre o pouso. *A tripulação quer nos lembrar de que embora possamos ter essa tecnologia em breve, ainda estaremos muitos anos atrasados em sua utilização.*

— Acho que ficaremos bem — disse Wax a Aradel. — Se as cidades externas estavam pensando em nos atacar, desconfio que isso as deterá. Espalhe a notícia de que uma *aeronave* voou pelo centro de Elendel e me desembarcou, partindo em paz em seguida.

— Estabelecemos tratados iniciais, senhor governador — acrescentou Steris. — Favoráveis a nós no comércio. Isso deverá deter os falcões e nos dar tempo para ajustar as coisas.

— Sim, talvez — disse Aradel. — Mas vai ser um metal duro de engolir para o Senado, Ladrian. Não a aeronave em si, mas o fato de que eu, aparentemente, estou deixando que ela parta — começou. Depois, hesitou. — Não contei a eles o que você disse sobre o outro item.

— Os Braceletes da Perdição? — perguntou Wax.

Aradel anuiu, político demais para dizer o que Wax tinha certeza que estava pensando. *O que você fez comigo desta vez, Ladrian?*

— MeLaan — chamou Wax. — Você se incomoda de cuidar disso?

— Certamente — disse ela, andando até eles. Usava um traje emprestado pelos sulistas, composto por calças masculinas e botas que iam até a metade das canelas. Apoiou um braço no ombro do governador.

— Santificada — disse Aradel, com a voz tensa, mas reverente. Olhou para

Wax. — Você percebe o quanto exatamente é injusto lidar com você quando pode apelar para mensageiros celestiais para tirá-lo de apuros?

— Isso não é nada — disse Wax, guiando Steris para descerem a escada. — Um dia me pergunte sobre a conversa que tive com Deus na última vez que morri.

— Isso foi maldoso — disse Steris enquanto chegavam aos degraus.

— Absurdo — disse Wax. — Ele agora é um político. Precisa praticar ter conversas que o abalarão. Isso o ajuda a se preparar para debates e tudo mais.

Ela o encarou.

— Vou me comportar melhor — prometeu ele, segurando a porta aberta para ela. Marasi caminhou para se juntar a eles, mas Wayne a segurou pelo braço e balançou a cabeça.

— Melhor? — perguntou Steris. — Então isso significa não reclamar mais de festas?

— Claro que vou resmungar — disse Wax, seguindo-a para a escadaria e deixando os outros para trás. — É um traço de caráter definidor. Mas vou tentar limitar o pior a você e Wayne.

— E eu prometo ficar devidamente impressionada com seus feitos ao salvar todos de tudo — disse Steris, sorrindo para ele. — E sempre levar alguns frascos de metal, por garantia. Por falar nisso, para onde estamos indo? Ele sorriu, guiando-a até o último andar do arranha-céu, uma cobertura magnífica que, no momento, estava desocupada, já que os moradores tinham se mudado para Elmsdel, onde passariam longas férias. Sentado em uma cadeira no salão do lado de fora do apartamento estava um homem de aparência cansada, usando os trajes de um sacerdote sobrevivencialista, incluindo a capa de bruma formal — na verdade, era mais um xale — sobre túnicas adornadas com costuras nas mangas para representar as cicatrizes.

Steris olhou para Wax, curiosa.

— Steris, eu estava me perguntando se estaria disposta a ser minha esposa — disse Wax.

— Eu já concordei…

— Sim, mas, na última vez, perguntei na expectativa de obter um contrato — disse Wax. — Eu era o lorde de uma casa pedindo em união uma mulher de recursos. Bem, esse pedido permanece, e agradeço, mas estou pedindo novamente. É importante para mim. Quer se casar comigo? Quero me casar com

você. Neste instante, diante do Sobrevivente e desse sacerdote. Não porque palavras num papel dizem que temos que fazer isso, mas porque queremos — disse ele, pegando-a pela mão e falando mais suavemente. — Estou dolorosamente cansado de ficar sozinho, Steris. É hora de admitir isso. E você… Bem, você é incrível. Realmente é.

Steris começou a fungar. Soltou a mão e limpou os olhos.

— Esse é… um choro bom ou ruim? — perguntou Wax. Tantos anos lidando com mulheres e às vezes ele ainda não sabia a diferença.

— Bem, isso não estava em nenhuma das minhas listas, entende?

— Ah — reagiu, sentindo o coração pesado.

— Não acho que já tenha deixado algo fora das minhas listas que fosse tão maravilhoso. — Ela concordou, com o nariz vermelho e fungando. — E isso *é* maravilhoso. Obrigada, Lorde Waxillium. Mas esta noite? Tão cedo? Os outros não merecem ir ao casamento?

— Eles *foram* a um — disse Wax. — Não temos culpa se não houve um casamento. Então… O que me diz? Quer dizer, se você estiver cansada da viagem, não deixe que eu a pressione. Só pensei que…

Em resposta, ela o beijou.

EPÍLOGO



Marasi achava revigorante trabalhar à luz de velas. Talvez fosse o perigo primordial que havia nisso. Luzes elétricas pareciam seguras, contidas, refreadas, mas uma chama aberta, bem, isso era algo cru. Vivo. Uma pequena centelha de fúria que, se livre, podia destruí-la e tudo em que trabalhava.

Ela trabalhava com muitas dessas centelhas naquela época.

Sua escrivaninha no quartel-general da polícia do oitante estava coberta de anotações, arquivos, entrevistas. Estivera presente na maioria dos interrogatórios feitos nas duas últimas semanas, aconselhando o comissário-geral Reddi. Os dois agora trabalhavam tão próximos que às vezes era difícil lembrar o quanto ele fora difícil nos primeiros meses de Marasi na delegacia.

Embora o próprio Elegante não tivesse dado qualquer informação, muitos de seus homens falaram. Sabiam apenas o bastante para ser irritante. Tinham sido recrutados entre os jovens dissidentes das cidades externas e seus ouvidos foram enchidos de histórias sobre o Sobrevivente e sua luta contra o governo imperial. Tinham sido treinados em cidades como Rashekin e Bilming, longe do governo central, em complexos fechados que eram muito maiores do que qualquer um sabia.

Aradel e os outros tinham se concentrado nesses detalhes. Tropas, cronogramas, tecnologia, como o aparelho de fala à distância que Waxillium roubara da mansão de Lady Kelesina. Eles se preparavam para a guerra enquanto falavam de paz.

Estavam assustados, e com todo o direito. Décadas de negligência não tão benigna tinham criado aquela situação grave. Com sorte, as coisas ainda podiam ser solucionadas pacificamente. Marasi deixava isso a cargo dos políticos. Ignorou o nacionalismo radical, a retórica, e voltou sua atenção para outra coisa. Histórias entre os homens sobre algo incomum, algo além dos boatos de aeronaves e novos metais alomânticos.

Ergueu uma folha coberta de anotações. Referências parciais, admissões feitas com olhares de soslaio, sempre aos sussurros. Relatos de homens de olhos vermelhos que apareciam à noite. Ela acrescentou as histórias aos seus arquivos de pesquisa sobre Trell, o antigo deus que as pessoas, de algum modo, tinham voltado a venerar. Um deus que tinha criado estacas para corromper a kandra Paalm e cujo nome estava nos lábios de muitos dos prisioneiros.

Ela passara meses pesquisando e ainda não sabia nada. Mas *iria* encontrar respostas, de um modo ou de outro.

Os captores de Elegante tinham pensado em chocá-lo com a austeridade de seus aposentos. Uma cela comum no subsolo da prisão, com um balde para necessidades e um único cobertor na cama. Uma tática velha e sem sentido. Como se ele só tivesse conhecido pétalas de rosas e camas de plumas em sua vida, como se nunca tivesse dormido num bloco de pedra.

Bem, eles iriam ver. Qualquer coisa podia ser uma vantagem. Naquele caso, era uma chance de provar sua força. Não diria nada, e eles veriam.

Então, não ficou nada surpreso quando, após duas semanas de cativeiro, a porta do corredor estalou durante certa noite e um estranho entrou. Dessa vez, um homem, com barba malcuidada e cabelo desgrenhado. Um pedinte tirado das ruas, imaginou Elegante.

Dava para dizer pelo modo como eles andavam. Nunca uma caminhada, nunca relaxados. Sempre rápidos, determinados. Objetivos.

Claro que os olhos vermelhos brilhando suavemente eram outro indício. Pelo que Elegante conseguira determinar, Waxillium e seus idiotas ainda não tinham conhecimento daquelas criaturas. Eles não entendiam, não podiam entender.

O Grupo tinha seus próprios Imortais sem Rosto.

Elegante levantou-se, baixando as mangas de seu macacão de prisioneiro e alisando as dobras nos ombros.

— Duas semanas é mais tempo do que eu esperava.

— Nosso cronograma não é o seu.

— Eu não estava me queixando — comentou Elegante. — Apenas fazendo uma observação. Estou totalmente disposto a esperar à disposição de Trell.

— Está? — perguntou o imortal. — Nosso entendimento é que você pressiona por uma aceleração.

— Eu estava simplesmente apresentando meu ponto de vista — esclareceu

Elegante. — Para que o devido diálogo possa ser iniciado.

A criatura o estudou por entre as grades.

— Você não falou nem contou segredos?

— Não.

— Estamos impressionados.

— Obrigado.

Vantagem. Mesmo duas semanas na prisão podiam ser usadas para provar algo.

— O cronograma será acelerado, como você pediu — disse o imortal.

— Excelente!

A criatura enfiou a mão no bolso e retirou um aparelho que parecia um pequeno pacote envolto em fios. Uma das primeiras tentativas de Irich de criar um equipamento explosivo a partir do metal que fazia as aeronaves funcionarem. Ele se mostrara ineficaz, pouco mais explosivo que dinamite, quando eles precisavam de algo que pudesse eliminar cidades.

— O que é isso? — perguntou Elegante, ficando nervoso.

— Nosso ritmo acelerado não exige mais que o Grupo tenha toda a sua hierarquia.

— Mas você precisa de nós! — disse Elegante. — Para governar, para administrar a civilização em…

— Não mais. Avanços recentes tornaram a civilização aqui perigosa demais. Permitir que ela continue é arriscar outros avanços que não podemos controlar, então decidimos, em vez disso, remover a vida desta esfera. Obrigado por seus serviços. Eles foram aceitos. Você será autorizado a servir em outro reino.

— Mas…

A criatura acionou o equipamento explosivo, fazendo a si mesmo, e a Elegante, em pedaços.

Wax acordou assustado. Aquilo tinha sido uma explosão?

Olhou ao redor, dentro da suíte silenciosa da cobertura na torre. Steris estava encolhida na cama, dormindo ao seu lado, totalmente imóvel, embora segurasse seu braço fracamente. Costumava fazer isso. Como se tivesse medo de soltar e colocar em risco aquele final.

Olhando para ela à luz das estrelas, ele ficou chocado com o profundo afeto

que sentia por ela. Sua surpresa não o preocupou. Conseguia se lembrar de muitas manhãs em que sentira essa mesma surpresa ao acordar junto a Lessie. Assombro com sua sorte, espanto com a profundidade de sua própria emoção.

Ele afastou a mão dela delicadamente e arrumou o lençol sobre ela antes de sair da cama e caminhar sem camisa pelo quarto na direção da varanda.

Eles tinham passado a lua de mel ali, na cobertura, em vez de retornar à mansão. Parecia um bom modo de ter um novo começo, e Wax estava começando a pensar em se mudar para lá de modo permanente. Ele se sentia uma nova pessoa pelo que parecia ser a centésima vez em sua vida, e aquela era uma nova era. Não mais uma era de mansões silenciosas e conversas na sala de fumar, mas uma era de ousados arranha-céus e política vibrante no centro da cidade.

Havia brumas contorcendo-se do lado de fora, embora o arranha-céu fosse alto o suficiente para ele achar que podia ver estrelas e a Fenda Vermelha através das brumas. Pensou em abrir as portas e sair para a varanda, mas se deteve, notando sua penteadeira, onde Drewton colocara uma série de objetos. O lacaio tinha arrumado as coisas de Wax, tiradas de seus bolsos e recuperadas no hotel de Nova Seran. Drewton provavelmente queria saber o que deveria ser guardado e o que deveria ser jogado fora.

Wax sorriu, passando os dedos sobre a gravata amassada que usara na festa com Steris. Lembrou-se de tê-la jogado no chão ao vestir calças e o casaco de bruma em seu quarto antes da fuga apressada. Drewton a colocara junto com um guardanapo da festa, com monograma, e até mesmo uma tampa de garrafa que ele guardara para o caso de precisar de algo para *empurrar*. Mas Drewton a colocara sobre um paninho, como se pudesse ser a coisa mais importante do mundo.

Wax balançou cabeça, pousando a mão na porta da varanda. Então, ficou paralisado e olhou novamente para a penteadeira.

Estava bem ali. A moeda que lhe fora dada pelo mendigo, reluzindo à luz fraca das estrelas. Drewton devia tê-la encontrado em seu bolso. Wax esticou a mão, hesitou um momento e então a pegou antes de sair para as brumas.

Será que podia ser?, pensou ele, erguendo a moeda. Dois metais diferentes. Um era prateado. Poderia ser nicrosil? O outro era cobre. Um metal feruquêmico. Embora o padrão gravado não fosse o mesmo, e a própria moeda fosse menor, não parecia assim tão diferente dos medalhões dos sulistas.

Assim que pensou nessa possibilidade, assim que soube o que aquilo poderia

fazer, a mente de metal começou a funcionar, e ele encontrou um estoque dentro, uma reserva que podia acessar. Wax perdeu o ar.

Eles as chamavam de mentes de cobre. Um tipo muito especial de acumulação feruquêmica. Um que estocava lembranças.

Ele acessou.

Imediatamente, Wax estava num lugar diferente. Uma terra nua, sem ninguém à vista, apenas poeira soprando ao redor. Era difícil experimentar aquela perspectiva, pois apenas metade da visão do usuário daquela mente de cobre era normal.

A outra era toda em azul, com linhas por toda parte. A visão de um homem com uma estaca no olho.

A figura cruzou aquela terra desolada, passando por plantações malcuidadas e abandonadas para morrer e agitar-se ao vento. À frente havia uma cidade, ou os restos de uma.

Ele ouviu suas próprias botas na pedra suja, o sopro do vento, e sentiu frio. Continuou a entrar na cidade, passando por fundações marcadas por velhas fogueiras esgotadas. De algum modo, ele soube que os habitantes dali — assim como os de outras aldeias e cidades pelas quais passara — tinham derrubado as próprias paredes em busca de lenha, desesperados para sobreviver.

Havia corpos nas ruas, nus. Suas roupas haviam sido usadas para fazer fogueiras depois que eles congelaram no que a maioria dos homens consideraria apenas um clima levemente frio.

À frente erguia-se uma habitação de pedra semelhante a um bunker. Comprida e estreita, ela lembrava a ele alguma coisa — não algo que Wax conhecia, mas uma lembrança na mente do homem que estocara aquela experiência. Uma lembrança de algo muito anterior, que passou por sua consciência e sumiu em um instante.

O viajante prosseguiu, chegando à passagem, que estava aberta. Tinham queimado a porta.

Dentro, uma massa de pessoas encolhidas juntas para se esquentarem, inutilmente envoltas em cobertores. Não restavam fogueiras.

Elas tinham queimado até mesmo suas máscaras.

O viajante se moveu entre elas, despertando alguma preocupação, embora a maioria das pessoas o observasse com olhos vazios. Esperando a morte. Encontrou os líderes perto do centro, os anciões, envelhecidos e usando

máscaras de pano no rosto, as únicas coisas que lhes restavam. Uma mulher idosa ergueu os olhos para ele e levantou a máscara.

Ele a viu normalmente num mundo, e perfilada em azul em outro. O viajante estendeu a mão, segurou a mulher pelo ombro, ajoelhou-se e sussurrou uma única palavra.

Wax despertou daquela lembrança com um choque, derrubando a moeda e recuando.

A moeda bateu na varanda e parou perto do seu pé.

Aquele braço… Aquele *braço*. Marcado por uma rede de cicatrizes acumuladas umas sobre as outras, como se feitas por raspar a pele repetidamente. A palavra assombrosa que ele dissera ecoava na mente de Wax.

— *Sobreviva*.

POST-SCRIPTUM

Marasi, Wax e Wayne retornarão em *The Lost Metal*, o final épico da série Mistborn: Segunda Era. Planejo lançá-lo depois de *Oathbringer*, o terceiro volume de “Stormlight Archive”, que estou dando duro para escrever neste momento.

Para sustentá-los até *Oathbringer*, acabei de lançar uma novela, publicada exclusivamente em meio digital, que deve ser lida depois de *Os Braceletes da Perdição*, embora aconteça durante os acontecimentos da trilogia original. Com dez anos de desenvolvimento, *Mistborn: Secret History* talvez responda a algumas de suas perguntas.

Sempre há um novo segredo.

BRANDON SANDERSON
Janeiro de 2016

ARS ARCANUM

SOBRE AS TRÊS ARTES METÁLICAS

Em Scadrial, existem três manifestações principais de investidura. Localmente, elas são chamadas de artes metálicas, embora haja outros nomes para elas.

A Alomancia é a mais comum das três. É uma arte de fim positivo, de acordo com minha terminologia, ou seja, o praticante retira poder de uma fonte externa. Então, o corpo usa esse poder de várias formas. O efeito do poder não é escolhido pelo praticante, mas, em vez disso, é gravado em sua Teia-Espiritual. A chave para extrair esse poder vêm na forma de diversos tipos de metais, exigindo composições específicas. Embora o metal seja consumido no processo, o poder em si não vem de fato do metal. O metal é um catalisador, pode-se dizer, que inicia uma investidura e a mantém em marcha.

Na verdade, não é muito diferente das investiduras baseadas em formas que se encontra , onde formatos específicos são as chaves — aqui, no entanto, as interações são mais limitadas. Ainda assim, não se pode negar o poder da Alomancia. Ela é instintiva e intuitiva para o praticante, sem exigir uma grande quantidade de estudo e exatidão, como se encontra nas investiduras de Sel baseadas em formas.

A Alomancia é brutal, crua e poderosa. É acessada por dezesseis metais-base, embora dois outros, chamados localmente de Metais Divinos, possam ser usados para formar outro conjunto de dezesseis ligas cada um. No entanto, como esses Metais de Deus não estão mais disponíveis, os outros metais não são amplamente usados.

A Feruquemia ainda é amplamente conhecida e usada nesse momento em Scadrial. De fato, talvez seja possível dizer que é mais presente hoje em dia do que foi em muitas eras no passado, quando estava confinada à distante Terris ou escondida pelos Guardadores.

A Feruquemia é uma arte de fim neutro, ou seja, não se ganha nem se perde nesse poder. Essa arte também exige metais como ponto focal, mas, em vez de ser consumido, o metal funciona como um meio de armazenar capacidades

dentro do praticante. Investe-se naquele metal num dia e retira-se poder dele em outro dia. É uma arte diversificada, com algumas sondagens no Físico, algumas no Cognitivo e até mesmo algumas no Espiritual. Esses últimos poderes estão sob extensa experimentação pela comunidade terrisana e não são divulgados a estrangeiros.

Deve-se observar que a reprodução entre feruquemistas e a população geral diluiu o poder em alguns aspectos. Atualmente, é comum as pessoas nascerem com acesso a apenas uma das dezesseis capacidades feruquêmicas. Levanta-se a hipótese de que, se alguém pudesse fazer mentes de metal a partir das ligas com os Metais Divinos, outras capacidades poderiam ser descobertas.

A Hemalurgia é bastante desconhecida no mundo moderno de Scadrial. Seus segredos foram mantidos por aqueles que sobreviveram ao renascimento do mundo, e os únicos praticantes conhecidos agora são os kandra, que, na maior parte das vezes, servem a Harmonia.

A hemalurgia é uma arte de fim negativo, pois um tanto do poder se perde na sua prática. Embora muitos através da história a tenham demonizado como uma arte maligna, nenhuma das investiduras é realmente maligna. Em sua essência, a hemalurgia lida com capacidades — ou atributos — retiradas de uma pessoa e concedidas a outras. Seu foco principal são elementos do reino Espiritual, o que atrai muito do meu interesse. Se uma das três artes é de grande interesse para a Cosmere, é esta. Acredito que existem grandes possibilidades para seu uso.

COMBINAÇÕES

Em Scadrial, é possível nascer com habilidades de acessar tanto a Alomancia como a Feruquemia. Isso tem sido de grande interesse para mim ultimamente, já que as misturas dos diferentes tipos de investiduras têm efeitos curiosos. Basta olhar para o ocorrido em Roshar para percebê-lo — dois poderes combinados com frequência causam uma reação quase química. Em vez de ter exatamente o que foi colocado, consegue-se algo novo.

Em Scadrial, alguém com um poder alomântico e um poder feruquêmico é chamado “Duplonato”. Os efeitos aqui são mais sutis do que em Roshar, mas estou convencido de que cada combinação também cria algo distinto. Não só dois poderes, pode-se dizer, mas dois poderes… e um efeito. Isso exige mais

estudos.

TABELA DE REFERÊNCIA RÁPIDA DE METAIS

METAL	PODER ALOMÂNTICO	PODER ~~FERUQUÊ~~MICO
Ferro	Puxa *fontes de metais próximas*	*Armazena peso físico*
Aço	Empurra *fontes de metais próximas*	*Armazena velocidade física*
Estanho	*Amplia sentidos*	*Armazena sentidos*
Peltre	*Amplia habilidades físicas*	*Armazena força física*
Zinco	*Tumultua (inflama) emoções*	*Armazena velocidade mental*
Latão	*Abranda (atenua) emoções*	*Armazena calor*
Cobre	*Esconde pulsos alomânticos*	*Armazena memórias*
Bronze	*Permite ouvir pulsos alomânticos*	*Armazena prontidão*
Cádmio	*Reduz a velocidade do tempo*	*Armazena fôlego*
Curvaliga	*Aumenta a velocidade do tempo*	*Armazena energia*
Ouro	*Revela o eu passado*	*Armazena saúde*
Electrum	*Revela o eu futuro*	*Armazena determinação*
Cromo	*Esvazia as reservas alomânticas do alvo*	*Armazena sorte*
Nicrosil	*Fortalece o consumo alomântico do alvo*	*Armazena investidura*
Alumínio	*Esvazia as reservas alomânticas internas*	*Armazena identidade espiritual*
	Fortalece o próximo metal	*Armazena conexão*

Duralumínio queimado *espiritual*

LISTA DE METAIS

AÇO: *Brumosos Lançamoedas* queimam aço e podem empurrar fontes de metais próximas. Os empurrões precisam ser para longe do centro de gravidade do Lançamoedas. *Ferumosos Corredores de Aço* podem armazenar velocidade física numa mente de metal de aço, tornando-os mais lentos enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua velocidade.

ALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima alumínio instantaneamente metaboliza todos os seus metais sem nenhum efeito, esvaziando suas reservas alomânticas. Brumosos que queimam alumínio são chamados de *Mosquitos de Alumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Verdadeiros* podem armazenar sua noção espiritual de identidade numa mente de metal de alumínio. Essa é uma arte raramente comentada fora das comunidades terrisanas e, mesmo entre elas, ainda não é bem compreendida. O alumínio e algumas de suas ligas são inertes alomanticamente; não podem ser empurrados ou puxados e podem ser usados para proteger um indivíduo de Alomancia emocional.

BRONZE: *Brumosos Buscadores* queimam bronze para “ouvir” os pulsos emitidos por outros alomânticos que estejam queimando metais. Diferentes metais produzem diferentes pulsos. *Ferumosos Sentinelas* podem armazenar prontidão numa mente de metal de bronze, o que os deixa sonolentos enquanto armazenam. Podem drenar a mente de metal mais tarde para reduzir a sonolência ou aumentar sua percepção.

CÁDMIO: *Brumosos Pulsadores* queimam cádmio para alterar a passagem do tempo em uma bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais devagar dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha ocorram a uma velocidade estonteante do ponto de vista do Pulsador. *Ferumosos Ofegantes* podem armazenar fôlego dentro de uma mente de metal de cádmio; durante a armazenagem, precisam hiperventilar para seus corpos conseguirem ar suficiente. O fôlego pode ser recuperado mais tarde, eliminando ou reduzindo a necessidade de respirar pelos pulmões enquanto drenam suas mentes de metal. Também podem oxigenar muito seu sangue.

COBRE: *Brumosos Nuvens de Cobre*, também conhecidos como *Esfumaçadores*, queimam cobre para criar uma nuvem invisível ao redor de si, impedindo que os alomânticos próximos sejam detectados por um Buscador e protegendo indivíduos próximos dos efeitos da Alomancia emocional. *Ferumosos Arquivistas* podem armazenar lembranças numa mente de metal (mente de cobre); a lembrança desaparece da cabeça enquanto estiver em armazenagem e pode ser recuperada com perfeição mais tarde.

CROMO: *Brumosos Sugadores* que queimam cromo enquanto tocam em outro alomântico limpam as reservas desse alomântico. *Ferumosos Fiandeiros* podem armazenar sorte numa mente de metal de cromo, deixando-os sem sorte durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para aumentá-la.

CURVALIGA: *Brumosos Deslizantes* queimam curvaliga para comprimir o tempo em uma bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais rapidamente dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha aconteçam lentamente do ponto de vista do Deslizante. *Ferumosos Absorvedores* podem armazenar nutrientes e calorias numa mente de metal de curvaliga; podem comer grandes quantidades de comida durante a armazenagem sem se sentirem cheios ou ganhar peso e não precisar comer ao drenar a mente de metal. Uma mente de metal de curvaliga pode ser usada para regular ingestão de fluidos da mesma maneira.

DURALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima duralumínio instantaneamente queima quaisquer outros metais que estejam sendo usados no momento, liberando uma enorme explosão de poder. Brumosos que queimam duralumínio são chamados de *Mosquitos de Duralumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Conectores* podem armazenar conexão espiritual numa mente de metal de duralumínio, reduzindo sua consciência do próximo e capacidade de amizade durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para estabelecer relacionamentos de confiança rapidamente com outras pessoas.

ELECTRUM: *Brumosos Oráculos* queimam electrum para ter uma visão de possíveis futuros. Em geral, o efeito é limitado a apenas poucos segundos. *Ferumosos Pináculos* podem armazenar determinação numa mente de metal de electrum, entrando num estado depressivo durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para entrar em uma fase maníaca.

ESTANHO: *Brumosos Olhos de Estanho* queimam estanho para aumentar a sensibilidade dos seus cinco sentidos. Todos são fortalecidos ao mesmo tempo. *Ferumosos Sussurradores de Vento* podem armazenar a sensibilidade de um dos

cinco sentidos numa mente de metal de estanho; deve ser usada uma mente de metal de estanho diferente para cada sentido. Enquanto o ferumoso armazena, a sensibilidade daquele sentido fica reduzida, e, quando a mente de metal é drenada, esse sentido se fortalece.

FERRO: *Brumosos Atraidores* que queimam ferro podem puxar fontes de metais próximas. Os puxões devem ser direcionados para o centro de gravidade do Atraidor. *Ferumosos Depuradores* podem armazenar peso físico em uma mente de metal de ferro, reduzindo seu peso efetivo enquanto armazenam ativamente, e podem drená-la mais tarde para aumentar seu peso efetivo.

LATÃO: *Brumosos Abrandadores* queimam latão para abrandar (atenuar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Abrandador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Almaquente* podem armazenar calor numa mente de metal de latão, resfriando-se enquanto armazenam. Eles podem drenar a mente de metal mais tarde para se aquecer.

NICROSIL: *Brumosos Nicroestouro* que queimam nicrosil enquanto tocam em outro alomântico instantaneamente exaurem quaisquer metais que estejam sendo queimados por aquele alomântico, liberando uma explosão enorme (e talvez inesperada) do poder daqueles metais. *Ferumosos Portadores de Alma* podem armazenar investidura numa mente de metal de nicrosil. Esse é um poder que poucos conhecem; de fato, tenho certeza de que o povo terrisano não sabe realmente o que está fazendo quando usa esse poder.

OURO: *Brumosos Adivinhos* queimam ouro para ter uma visão do próprio passado ou de quem seriam se tivessem feito escolhas diferentes. *Ferumosos Criassangue* podem armazenar saúde numa mente de metal de ouro, reduzindo sua saúde enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para se curar rapidamente ou além das capacidades normais do corpo.

PELTRE: *Brumosos Braços de Peltre*, também conhecidos como *Brutamontes*, queimam peltre para aumentar força física, velocidade e resistência, também fortalecendo a capacidade de cura do corpo. *Ferumosos Brutos* podem armazenar força física numa mente de metal de peltre, reduzindo sua força enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua força.

ZINCO: *Brumosos Tumultuadores* queimam zinco para tumultuar (inflamar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Tumultuador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Faiscadores* podem armazenar velocidade mental numa

mente de metal de zinco, embotando sua capacidade de pensar e raciocinar enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para pensar e raciocinar mais rapidamente.

1ª edição	Novembro de 2017
papel de miolo	Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa	Cartão Supremo 250g/m^2
tipografia	Minion Pro
gráfica	

BRANDON SANDERSON

cresceu em Lincoln, Nebraska. Atualmente mora em Utah com a esposa e os filhos e dá aula de escrita criativa na Brigham Young University. Além de ter concluído a série "A Roda do Tempo", de Robert Jordan, ele inovou a literatura fantástica ao criar a Cosmere, a galáxia onde se passam muitos de seus livros – entre eles, a série "Mistborn", no planeta Scadrial. Em 2013, Sanderson ganhou o Hugo Awards por "The Emperor's Soul", um conto passado em Sel, o mesmo planeta de *Elantris*, seu aclamado primeiro livro – também publicado pela editora LeYa.

www.brandonsanderson.com





Buscar mitos não é trabalho para um homem da lei, mas Wax terá de enfrentá-los se quiser manter Scadrial em harmonia

Trezentos anos se passaram e Scadrial se modernizou: ferrovias foram construídas, a eletricidade chegou e as brumas agora passeiam por uma nova paisagem, coberta por arranha-céus de aço.

Nesse novo cenário, Kelsier, Vin, Fantasma, Brisa e todos os outros personagens de "Mistborn – Nascidos da Bruma" se tornaram lendas, mitos e até mesmo objetos de veneração. Embora a ciência e a tecnologia tenham atingido novos patamares, a Alomancia e a Feruquemia ainda são ferramentas cruciais nesse mundo – sobretudo para aqueles que desejam estabelecer ordem e justiça.

Em *Os Braceletes da Perdição*, uma onda de protestos das cidades externas contra a corrupção e a opressão de Elendel promete descambar para a guerra civil, e Wax se vê obrigado a encontrar as míticas mentes de metal do Senhor Soberano para impedir que esse poder caia em mãos erradas e Scadrial seja governado novamente por um tirano imortal.

"Sanderson está criando uma saga muito bem pensada com 'Mistborn'. Seu sistema de magia é muito detalhado, e o mundo, embora ainda não tenha sido completamente revelado, tem uma lógica real. Os personagens são um reflexo de ambos."
– *SFF World*

"Altamente recomendável para qualquer pessoa ávida por uma boa leitura."
– Robin Hobb

LeYa
leya.com.br
9 788544 106495
ISBN 978-85-441-0649-5

omelete.com.br



Índice

CAPA PÁGINA
MISTBORN: SEGUNDA ERA: A LIGA DA LEI
- PÁGINA DE TÍTULO
- PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
- SUMÁRIO
- PRÓLOGO
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

19
20
EPÍLOGO
ARS ARCANUM
MISTBORN: SEGUNDA ERA: OS BRACELETES DA PERDIÇÃO
PÁGINA DE TÍTULO
PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
SUMÁRIO
PRÓLOGO
PRIMEIRA PARTE
1
2
3
4
1
2
3
4
SEGUNDA PARTE
5
6
7
8
9
10
11

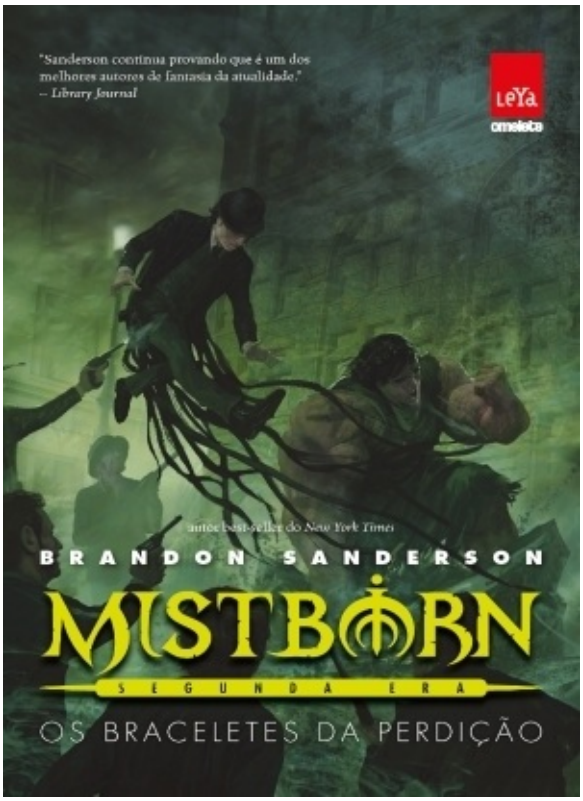
12
13
14
15
16
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
TERCEIRA PARTE
17
18
19
20
21
22
23
24
25

26
27
28
29
30
31
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
EPÍLOGO
POST-SCRIPTUM
ARS ARCANUM
MISTBORN: SEGUNDA ERA: AS SOMBRAS DE SI MESMO
PÁGINA DE TÍTULO

PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
SUMÁRIO
PRÓLOGO
PRIMEIRA PARTE
1
2
3
4
1
2
3
4
SEGUNDA PARTE
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

19
20
21
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
TERCEIRA PARTE
22
23
24
25
26
22

23
24
25
26
EPÍLOGO
ARS ARCANUM


"Sanderson continua provando que é um dos melhores autores de fantasia da atualidade."
-- Library Journal
LeYa
OMELETE
autor best-seller do New York Times
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
SEGUNDA ERA
OS BRACELETES DA PERDIÇÃO

Mistborn: segunda era

Sanderson, Brandon 9788544106501
403 páginas

Compre agora e leia

"Sanderson continua provando que é um dos melhores autores de fantasia da atualidade" - Library JorunalA grande aposta da fantasia mundial está de volta com a esperada Segunda Era de MistbornBrandon Sanderson, um dos mais aclamados autores de fantasia da atualidade, está de volta com a aguardada Segunda Era de "Mistborn". Muito pedida pelos fãs, esta série mostra o progresso de Scadrial, 300 anos após os acontecimentos da primeira saga, que apresentou ao público as aventuras protagonizadas por Vin, Elend, Kelsier e cia. Mas, a evolução do planeta está em risco, e caberá a Wax Ladrian lutar para garantir a harmonia conquistada a duras penas. Em

Os braceletes da perdição, ele é recrutado para viajar ao sul para investigar a existência de metais que teriam pertencido ao Senhor Soberano, e conservariam seu poder. Mas, ele descobrirá pistas que apontam para o verdadeiro objetivo de seu tio Edwarn e da obscura organização da qual ele faz parte. Admirado por nomes do quilate de George R. R. Martin, esta série confirma o talento de Sanderson para a criação de universos e sistemas de magia consistentes, além da construção de histórias de tirar o fôlego, que nenhum fã do gênero pode pensar em perder.

Compre agora e leia


LeYa
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
NASCIDOS DA BRUMA
LIVRO 2
O HERÓI DAS ERAS

Mistborn: primeira era

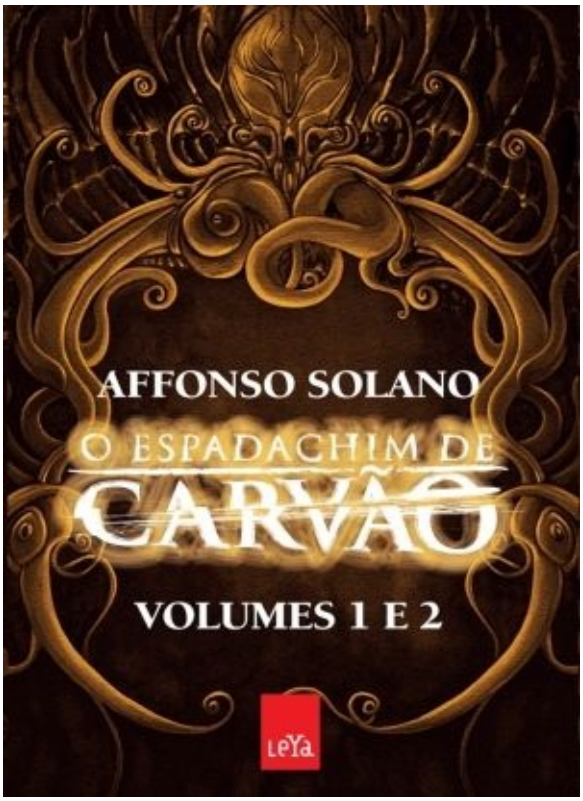
Sanderson, Brandon 9788544104156
737 páginas

Compre agora e leia

O capítulo final da trilogia Mistborn, de Brandon Sanderson Após subverter a lógica dos livros de fantasia tradicional e arrebatar uma quantidade incrível de admiradores, entre eles George R. R. Martin em pessoa, Brandon Sanderson encerra a trilogia fantástica Mistborn de forma no mínimo surpreendente. Para acabar com o Império Final e restaurar a liberdade, Vin matou Lord Ruler. Mas, em consequência, poderosos terremotos causaram o retorno das trevas, e a humanidade parece estar definitivamente condenada. Resta saber como Vin poderá se livrar da culpa e reverter este cenário. A conclusão da série promete não decepcionar os leitores dos dois primeiros volumes, já que está

repleta de revelações e reviravoltas, dignas dos leitores mais exigentes.

Compre agora e leia


AFFONSO SOLANO
O ESPADACHIM DE
CARVÃO
VOLUMES 1 E 2
LeYa

Box Espadachim de carvão

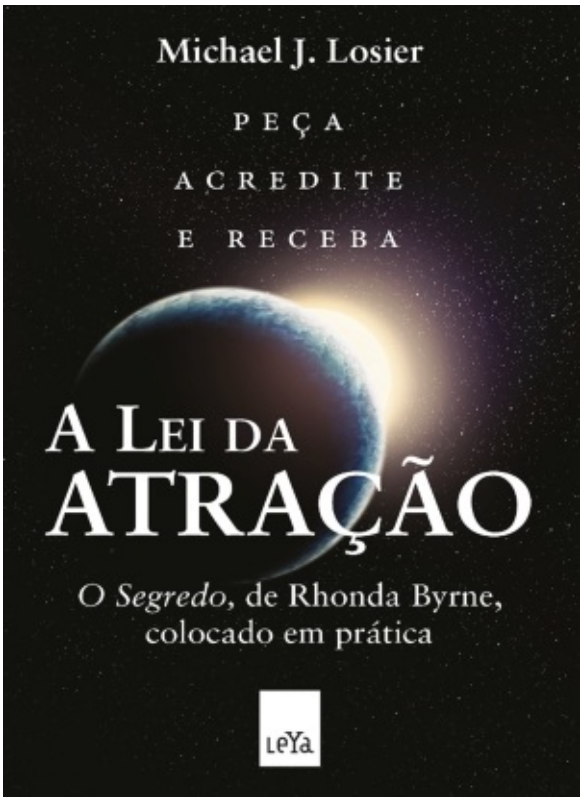
Solano, Affonso 9788544105184
404 páginas

Compre agora e leia

Espadachim de Carvão: "Kurgala é um mundo abandonado por Quatro Deuses. Adapak é filho de um deles. E hoje ele está sendo caçado. Perseguido por um misterioso grupo de assassinos, o jovem de pele cor de carvão se vê obrigado a deixar a ilha sagrada onde cresceu e a desbravar um mundo hostil e repleto de criaturas exóticas. Munido de uma sabedoria ímpar, mas dotado de uma inocência rara, ele agora precisará colocar em prática todo o conhecimento que adquiriu em seu isolamento para descobrir quem são seus inimigos. Mesmo que isso possa comprometer alguns dos segredos mais antigos de Kurgala." Espadachim de Carvão e as pontes de Puzur: Ninguém viaja mais

rápido que Puzur. Lutando para se adaptar ao mundo dos mortais, Adapak se refugia no navio de Sirara, farto de lidar com os segredos do passado. Mas quando um antigo diário cai em suas mãos, o Espadachim de Carvão acaba por mergulhar nos registros de alguém responsável por influenciar não somente sua vida, mas a história de Kurgala - uma menina forçada a acompanhar a jornada de um ladrão desesperado, disposto a violar as regras mais antigas que os Quatro Que São Um deixaram para trás. Quem foi Puzur? O que procurava? Enquanto viaja pelas páginas do tempo, Adapak desconhece que sua curiosidade está prestes a colocá-lo sob a ameaça de algo que ele mesmo possa ter desencadeado.

Compre agora e leia


Michael J. Losier
PEÇA
ACREDITE
E RECEBA
A LEI DA
ATRAÇÃO
O Segredo, de Rhonda Byrne,
colocado em prática
LEYA

A lei da atração

Losier, Michael J.

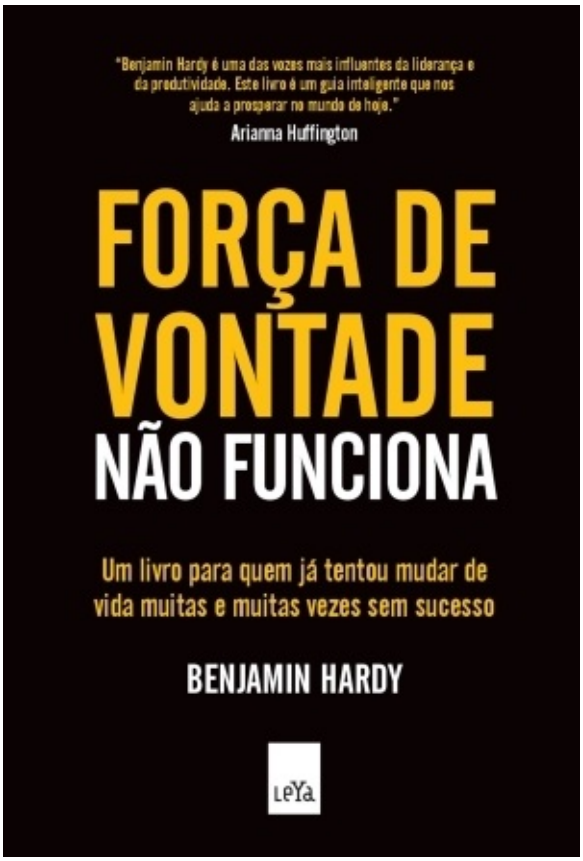
9788544106365
146 páginas

Compre agora e leia

Best-seller em mais de 20 países, A Lei da Atração, que já vendeu milhões exemplares no mundo todo, nos ensina como atrair mais daquilo que desejamosEm alguns momentos, algo que desejamos muito parece acontecer subitamente, como que por coincidência. Noutros momentos, algo que tememos muito também parece se manifestar como que por coincidência. Experiências como essas evidenciam a existência de uma força muito poderosa chamada de "Lei da Atração", que é a capacidade que temos de, com nossos pensamentos e emoções, criar a realidade em que vivemos. A Lei da Atração: O segredo, de Rhonda

Byrne, colocado em prática explica como podemos utilizar essa "lei" sempre a nosso favor e traz exercícios simples e dicas úteis que nos ajudam a integrar seus princípios à nossa vida cotidiana para atrair mais do que queremos e afastar o que não nos serve. A partir de três passos muito fáceis de seguir, este livro nos ajudará a alcançar objetivos como: encontrar o parceiro ideal para relacionamentos duradouros, aumentar o nosso ganho financeiro, crescer na carreira profissional, empreender novos negócios e construir a vida com que sempre sonhamos.

Compre agora e leia


"Benjamin Hardy é uma das vozes mais influentes da liderança e da produtividade. Este livro é um guia inteligente que nos ajuda a prosperar no mundo de hoje."
Arianna Huffington
FORÇA DE VONTADE NÃO FUNCIONA
Um livro para quem já tentou mudar de vida muitas e muitas vezes sem sucesso
BENJAMIN HARDY
LEYA

Força de vontade não funciona

Hardy, Benjamin 9788544107553
256 páginas

Compre agora e leia

Em Força de vontade não funciona, Benjamin Hardy, psicólogo organizacional e um dos articulistas mais lidos da plataforma Medium.com na área de autodesenvolvimento e autoaprimoramento, explica como as pessoas podem melhorar suas vidas, em todos os níveis, sem contar com a força de vontade, fazendo mudanças pequenas, mas significativas, em seu dia a dia. Ele ensina, acima de tudo, que precisamos investir em nós mesmos e aprimorar nosso ambiente e mentalidade, deixando claro que existem atitudes simples capazes de nos levar na direção da felicidade e do sucesso. É por isso que não se trata de força de vontade: se trata, sim, de

entendermos que essa é uma ideia totalmente errada e que devemos mudar a nós mesmos e o nosso entorno para, enfim, termos apoio para conquistar nossos objetivos.Benjamin Hardy e sua mulher, Lauren, são pais – como eles gostam de destacar – de três crianças adotadas, que vivem agora num ambiente amoroso, acolhedor e propício ao seu desenvolvimento e felicidade. Em 2016, ele foi o primeiro autor mais lido, em todas as categorias, no Medium.com. Seus trabalhos já foram publicados na Forbes, Psychology Today, Fortune e outras revistas especializadas.

Compre agora e leia